

TH-CE  
DIN \* PRE  
vol. 2

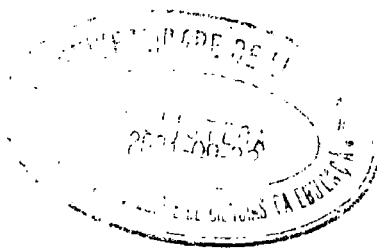
**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

**PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO  
O PROFISSIONAL COMO ADMINISTRADOR  
ESCOLAS DO 2º/3º CICLO DO ENSINO BÁSICO  
DOIS ESTUDOS DE CASO**

**VOLUME II (Anexos)**

**LUÍS LEANDRO VASQUES DINIS**

Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa  
para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, Área de Administração Educacional,  
sob a orientação do PROF. DOUTOR JOÃO BARROSO



Lisboa 1997

# ÍNDICE

## VOLUME II (ANEXOS)

ÍNDICE .....	3
TÁBUA DE ABREVIATURAS .....	9

### I PARTE

### PROTOCOLOS DE ENTREVISTAS E REGISTOS DE OBSERVAÇÃO

#### GUIÕES E PROTOCOLOS DAS ENTREVISTAS

ANEXO	I	código	GUIÕES DAS ENTREVISTAS.....	15
	A)		GUIÃO DA ENTREVISTA AO PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO.....	17
	B)		GUIÃO DA ENTREVISTA AOS PROFESSORES.....	19
ANEXO	II		PROTOCOLOS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS NA ESCOLA A.....	21
	A)	e1pcd0	PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO.....	23
	B)	e1vpc	VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO.....	43
	C)	e1cdt23	COORDENADORAS DOS DIRECTORES DE TURMA.....	54
	D)	e1prof1	PROFESSOR 1.....	68
ANEXO	III		PROTOCOLOS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS NA ESCOLA B.....	79
	A)	e2pcd0	PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO.....	81
	B)	e2vpc	VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO.....	98
	C)	e2cdt	COORDENADORA DOS DIRECTORES DE TURMA.....	106
	D)	e2prof1	PROFESSORA 1.....	113
	E)	e2prof2	PROFESSORA 2.....	119
	F)	e2prof3	PROFESSORA 3.....	128

#### REGISTOS DE OBSERVAÇÃO DAS ACTIVIDADES DOS PRESIDENTES DOS C. DIRECTIVOS

ANEXO	IV		GRELHA DE REGISTO.....	139
ANEXO	V		REGISTOS DE OBSERVAÇÃO DA ACTIVIDADE DIÁRIA DA PCD - ESCOLA A...	143
	A)	pcd101b	1º DIA - SEGUNDA-FEIRA - 02 DEZ 1996.....	145
	B)	pcd102b	2º DIA - TERÇA FEIRA - 03 DEZ 1996.....	150
	C)	pcd103b	3º DIA - QUARTA FEIRA - 04 DEZ 1996.....	161
	D)	pcd104b	4º DIA - QUINTA FEIRA - 05 DEZ 1996.....	177
ANEXO	VI		REGISTOS DE OBSERVAÇÃO DA ACTIVIDADE DIÁRIA DO PCD - ESCOLA B...	183
	A)	pcd201b	1º DIA - SEGUNDA-FEIRA - 25 NOV 1996.....	185
	B)	pcd202b	2º DIA - TERÇA FEIRA - 26 NOV 1996.....	202
	C)	pcd203b	3º DIA - QUARTA FEIRA - 27 NOV 1996.....	217
	D)	pcd204b	4º DIA - QUINTA FEIRA - 28 NOV 1996.....	226

## REGISTOS DE OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES DOS C. PEDAGÓGICOS

ANEXO	VII	REGISTOS DE OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES DO C. PEDAGÓGICO ESCOLA A.....	243
	A)	cp101 01º REUNIÃO - 22 MAI 1996.....	245
	B)	cp102 02º REUNIÃO - 19 JUN 1996.....	253
	C)	cp103 03º REUNIÃO - 10 JUL 1996.....	261
	D)	cp104 04º REUNIÃO - 10 SET 1996.....	267
	E)	cp105 05º REUNIÃO - 19 SET 1996.....	275
	F)	cp106 06º REUNIÃO - 23 OUT 1996.....	280
	G)	cp107 07º REUNIÃO - 27 NOV 1996.....	290
	H)	cp108 08º REUNIÃO - 11 DEZ 1996.....	300
	I)	cp109 09º REUNIÃO - 22 JAN 1996.....	311
ANEXO	VIII	REGISTOS DE OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES DO C. PEDAGÓGICO ESCOLA B.....	325
	A)	cp201 01º REUNIÃO - 13 JUL 1995.....	327
	B)	cp202 02º REUNIÃO - 12 SET 1995.....	332
	C)	cp203 03º REUNIÃO - 25 OUT 1995.....	336
	D)	cp204 04º REUNIÃO - 29 NOV 1995.....	342
	E)	cp205 05º REUNIÃO - 31 JAN 1996.....	347
	F)	cp206 06º REUNIÃO - 13 MAR 1996.....	352
	G)	cp207 07º REUNIÃO - 24 ABR 1996.....	357
	H)	cp208 08º REUNIÃO - 29 MAI 1996.....	363
	I)	cp209 09º REUNIÃO - 26 JUN 1996.....	370
	J)	cp210 10º REUNIÃO - 17 SET 1996.....	375

## REGISTOS DE OBSERVAÇÃO DE OUTRAS REUNIÕES

ANEXO	IX	REGISTOS DE OBSERVAÇÃO DE OUTRAS REUNIÕES - ESCOLA A.....	387
	A)	rdt101 REUNIÃO DO CONSELHO DE DIRECTORES DE TURMA - 16 SET 1996.....	389
ANEXO	X	REGISTOS DE OBSERVAÇÃO DE OUTRAS REUNIÕES - ESCOLA B.....	391
	A)	rgp201 REUNIÃO GERAL DE PROFESSORES - 13 SET 1995.....	395
	B)	rgp202 REUNIÃO GERAL DE PROFESSORES - 18 SET 1996.....	397
	C)	rdt201 REUNIÃO DO CONSELHO DE DIRECTORES DE TURMA - 19 SET 1996.....	403

## REGISTOS DE OBSERVAÇÃO DAS VISITAS

ANEXO	XI	REGISTOS DE OBSERVAÇÃO DE VISITAS À ESCOLA A.....	411
	A)	vs101a DIA 15 MAI 1996.....	413
	B)	vs102a DIA 13 JUN 1996.....	415
	C)	vs103a DIA 15 SET 1996.....	423
	D)	vs104a DIA 08 OUT 1996.....	425
	E)	vs105a DIA 06 NOV 1996.....	430
ANEXO	XII	REGISTOS DE OBSERVAÇÃO DE VISITAS À ESCOLA B.....	433
	A)	vs201a DIA 14 JUN 1996.....	435
	B)	vs202a DIA 23 JUN 1996.....	437
	C)	vs203a DIA 28 JUN 1996.....	444
	D)	vs204a DIA 16 SET 1996.....	445
	E)	vs205a DIA 24 OUT 1996.....	447
	F)	vs206a DIA 28 OUT 1996.....	448
	G)	vs207a DIA 16 NOV 1996.....	449

## II PARTE

### RESULTADOS DO TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS

#### QUADROS DE FREQUÊNCIAS DAS ACTIVIDADES DOS PRESIDENTES DOS C. DIRECTIVOS

ANEXO	XIII	PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO DA ESCOLA A.....	455
	A)	ACTIVIDADES POR TEMAS X DURAÇÃO (NÚMERO DE ACTIVIDADES).....	457
	B)	ACTIVIDADES POR TEMAS X DURAÇÃO (TEMPO GASTO).....	459
	C)	ACTIVIDADES POR TEMAS X INTERLOCUTORES.....	461
	D)	ACTIVIDADES POR TEMAS X LOCAL.....	465
	E)	ACTIVIDADES POR LOCAL X INTERLOCUTORES.....	467
	F)	ACTIVIDADES POR LOCAL X DURAÇÃO (NÚMERO DE ACTIVIDADES).....	471
	G)	ACTIVIDADES POR LOCAL X DURAÇÃO (TEMPO GASTO).....	473
	H)	ACTIVIDADES POR INTERLOCUTORES X DURAÇÃO (NÚMERO DE ACTIVIDADES).....	475
	I)	ACTIVIDADES POR INTERLOCUTORES X DURAÇÃO (TEMPO GASTO).....	479
ANEXO	XIV	PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO DA ESCOLA B.....	483
	A)	ACTIVIDADES POR TEMAS X DURAÇÃO (NÚMERO DE ACTIVIDADES).....	485
	B)	ACTIVIDADES POR TEMAS X DURAÇÃO (TEMPO GASTO).....	487
	C)	ACTIVIDADES POR TEMAS X INTERLOCUTORES.....	489
	D)	ACTIVIDADES POR TEMAS X LOCAL.....	493
	E)	ACTIVIDADES POR LOCAL X INTERLOCUTORES.....	495
	F)	ACTIVIDADES POR LOCAL X DURAÇÃO (NÚMERO DE ACTIVIDADES).....	499
	G)	ACTIVIDADES POR LOCAL X DURAÇÃO (TEMPO GASTO).....	501
	H)	ACTIVIDADES POR INTERLOCUTORES X DURAÇÃO (NÚMERO DE ACTIVIDADES).....	503
	I)	ACTIVIDADES POR INTERLOCUTORES X DURAÇÃO (TEMPO GASTO).....	507

#### QUADROS DE FREQUÊNCIAS DAS COMUNICAÇÕES DAS REUNIÕES DOS C. PEDAGÓGICOS

ANEXO	XV	REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO DA ESCOLA A.....	513
	A)	COMUNICAÇÕES POR PARTICIPANTES X TEMAS.....	515
	B)	COMUNICAÇÕES POR PARTICIPANTES X DOMÍNIOS.....	517
	C)	COMUNICAÇÕES POR PARTICIPANTES X TIPOS DE COMUNICAÇÃO.....	519
ANEXO	XVI	REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO DA ESCOLA B.....	521
	A)	COMUNICAÇÕES POR PARTICIPANTES X TEMAS.....	523
	B)	COMUNICAÇÕES POR PARTICIPANTES X DOMÍNIOS.....	525
	C)	COMUNICAÇÕES POR PARTICIPANTES X TIPOS DE COMUNICAÇÃO.....	527

#### QUADROS DE FREQUÊNCIAS DAS COMUNICAÇÕES DOS PRESIDENTES DOS C. DIRECTIVOS

ANEXO	XVII	REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO DA ESCOLA A.....	531
	A)	COMUNICAÇÕES POR DOMÍNIOS X TIPOS DE COMUNICAÇÃO.....	533
	B)	COMUNICAÇÕES POR DOMÍNIOS X TEMAS.....	535
	C)	COMUNICAÇÕES POR TEMAS X TIPOS DE COMUNICAÇÃO.....	537
ANEXO	XVIII	REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO DA ESCOLA B.....	539
	A)	COMUNICAÇÕES POR DOMÍNIOS X TIPOS DE COMUNICAÇÃO.....	541
	B)	COMUNICAÇÕES POR DOMÍNIOS X TEMAS.....	543
	C)	COMUNICAÇÕES POR TEMAS X TIPOS DE COMUNICAÇÃO.....	545



## TÁBUA DE ABREVIATURAS

2ºC	2º Ciclo
3ºC	3º Ciclo
aae	Auxiliar de Acção Educativa
AE	Administração Escolar
APA	Apoio Pedagógico Acrescido
APEE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
CD	Conselho Directivo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
CDT2	Coordenador dos Directores de Turma (do 2º ciclo)
CDT3	Coordenador dos Directores de Turma (do 3º ciclo)
C.Físico-Químicas	Ciências Físico-Químicas
CM	Câmara Municipal
CMLx	Câmara Municipal de Lisboa
C.Natureza	Ciências da Natureza
CP	Conselho Pedagógico
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
CSASE	Coordenador do SASE
CT	Conselho de Turma
CPAE	Chefe do Pessoal Auxiliar de Acção Educativa
del.	Delegado(a)
DGPE	Direcção Geral do Património do Estado
DRELx	Direcção Regional de Lisboa
DT	Director(a) de Turma
e.educação	Encarregado de Educação
EBI	Escola Básica Integrada
E.Física	Educação Física
EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
E.Musical	Educação Musical
E.Tecnológica	Educação Tecnológica
E.Visual	Educação Visual
E.V.Tecnológica	Educação Visual e Tecnológica
fme	Funcionário(a) do Ministério da Educação
FPCE - UL	Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
fsa	Funcionário(a) dos Serviços Administrativos
GCD	Gabinete do Conselho Directivo.
INE	Instituto Nacional de Estatística
ME	Ministério da Educação
OT	Ordem de Trabalhos
PAA	Plano Anual de Actividades
PAE	Plano de Actividades da Escola
PCD	Presidente do Conselho Directivo
PCP	Presidente do Conselho Pedagógico
PEE	Projecto Educativo de Escola
prof.	Professor
profª	Professora
RAPEE	Representante da Associação de Pais
SA	Serviços Administrativos
SASE	Serviço de Apoio Sócio-educativo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
SIQE	Sistema de Incentivos à Qualidade do Ensino
SP	Sala de Professores
SPB	Sala de Professores - Bufete
SPF	Sala de Professores - Sala de Fumo
subdel.	Subdelegado(a)
VPCD	Vice-presidente do Conselho Directivo

**I PARTE**  
**PROTOCOLOS DE ENTREVISTAS**  
**E REGISTOS DE OBSERVAÇÃO**

## **GUIÕES E PROTOCOLOS DAS ENTREVISTAS**

**ANEXO I**

**GUIÕES DAS ENTREVISTAS**

## **A) GUIÃO DA ENTREVISTA AO PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO**

### **GUIÃO DA ENTREVISTA À PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO**

#### **OBJECTIVOS:**

- Recolher informações sobre situação profissional da entrevistado (biografia)
- Identificar a percepção que a entrevistada tem sobre a Escola (instalações, alunos, famílias, etc.) e sua evolução ao longo dos últimos dez anos.
- Conhecer a sua opinião sobre o funcionamento e a organização pedagógica da escola, nomeadamente no quadro da Reforma Educativa.
- Conhecer o modo de como a entrevistada desempenha e percebe o seu cargo/funções.

#### **BLOCO 1 - A Pessoa e o Profissional**

(Biografia Pessoal e Profissional da Entrevistada)

##### **Objectivos:**

- Recolher informação sobre o percurso pessoal e profissional da entrevistada (biografia).
- Conhecer a auto-representação da entrevistada como pessoa, professora e administradora.
- Perceber as relações entre as dimensões pessoal e docente e as organizacional e gestionárias.

##### **Questões:**

##### **a) Genéricas**

- Fazer uma breve história da sua vida pessoal e profissional.
- Razões que o levaram a assumir as funções de gestão escolar.
- Que balanço faz da sua vida profissional, nomeadamente enquanto administradora escolar.

##### **b) Específicas (a integrar no decurso da entrevista, se necessário)**

- Idade, situação profissional.
- Formação académica e experiência profissional anterior à entrada na docência.
- Ano em que iniciou funções docentes e as funções no Conselho Directivo.
- Ano e circunstâncias em que começou a trabalhar nesta escola.
- Experiência profissional na docência (anos de serviço total e nesta escola).
- Experiência na gestão (nesta e noutras escolas: anos de desempenho; CD, CP, outros).
- Que balanço faz da sua vida profissional?

#### **BLOCO 2 - O Profissional e a Escola**

(Opinião da Entrevistada sobre a Escola)

##### **Objectivos:**

- Recolher informações sobre o passado recente da escola (história da escola).
- Conhecer a percepção que a entrevistada tem da escola como organização educativa.
- Perceber as relações entre a percepção da escola e o seu funcionamento pedagógico e administrativo.

##### **Questões:**

##### **a) Genéricas**

- Fazer uma breve história da escola desde que nela começou a trabalhar (nomeadamente como PCD).
- Que opinião tem sobre a escola (em termos genéricos: alunos, professores, famílias, meio social envolvente, instalações...).

##### **b) Específicas (a integrar no decurso da entrevista, se necessário)**

- História das instalações.
- Evolução em termos de Anos de Escolaridade, Turnos e Número de Alunos (em termos gerais)
- História da composição dos CD (eleitos, nomeados, disputas, impugnações, etc.).
- Incidentes relacionados com as instalações (greves, manifestações, televisão, petições, visitas de políticos...).
- Que acha dos resultados escolares obtidos pelos alunos?
- A escola responde convenientemente às necessidades educativas do meio social envolvente?
- Em termos genéricos que opinião tem sobre a organização geral da escola? Alguns assuntos:

- \* Horários de Professores e Alunos
- \* Secretaria
- \* Marcação de Faltas (professores e alunos)
- \* Controle da Disciplina dos Alunos
- \* Limpeza das Salas,
- \* Organização de Visitas de Estudo
- \* Organização das Actividades de Apoio Educativo
- \* Publicação de Pautas
- \* Segurança (roubos, violência, etc.)
- Que opinião tem sobre os alunos e as famílias desta escola?
- Como vê as relações entre a escola e os encarregados de educação?
- Que opinião tem sobre os professores e demais pessoal que trabalha na escola?
- Comparar a situação actual da escola com a de há dez anos, relativamente, às instalações, professores, alunos, funcionários, etc.?
- Que balanço faz dos dez últimos anos de actividade da escola?
- Indicar aspectos positivos (negativos) da escola.

- \* Funcionamento da Reprografia
- \* Livros de Ponto
- \* Convocação de Reuniões
- \* Controle de Entrada na Escola
- \* Serviço dos Auxiliares
- \* Funcionamento do Bar e Bufete
- \* Calendário de Reuniões de Avaliação
- \* Processos Disciplinares
- \* Regulamento Interno da Escola

### BLOCO 3 - A Escola e a Reforma

(Opinião do Entrevistado sobre a aplicação da Reforma na Escola)

#### Objectivos:

- Recolher informações sobre a aplicação da Reforma Educativa na Escola.
- Conhecer a representação que o entrevistado faz da aplicação da Reforma na Escola.
- Perceber as mudanças na escola no quadro dos 10 anos de Reforma Educativa.

#### Questões:

##### a) Genéricas

- O que é que mudou nesta escola com a Reforma Educativa.
- Que balanço faz destes 10 anos de Reforma Educativa nesta escola.

##### b) Específicas (a integrar no decurso da entrevista, se necessário)

###### \* Área-Escola

- Que apreciação sobre a Área-Escola nesta escola? (Que balanço? Exemplos)?
- Que juízos faz sobre a sua utilidade? (é importante? É uma perda de tempo? Porquê).
- Que pensa dos processos de organização e realização da Área-Escola? (escolha do tema e sub-temas, e empenhamento de professores e alunos)?

###### \* Apoio Pedagógico Acrescido

- Com vê o Apoio Pedagógico Acrescido nesta escola? (Que resultados? Dificuldades de aplicação?).
- Que circunstâncias dificultam a sua execução? (instalações, professores, alunos, famílias, etc.)

###### \* Projecto Educativo

- Existe Projecto Educativo (Acha importante? Porquê)?
- Que circunstâncias dificultam a sua construção?: Não é sentida a sua necessidade - Falta de condições materiais - Falta de motivação dos professores - Desconhecimento, ausência de formação

###### \* Reforma Curricular

- Que opinião tem sobre a Reforma Curricular?
- Que apreciação sobre as condições (apoios) dadas à escola para aplicação da Reforma Educativa?
- Que aspectos da Reforma Educativa pensa foram melhor (pior) cumpridos pela escola (Razões)?
- Indique aspectos positivos e negativos da Reforma Educativa para esta escola.

### BLOCO 4 - A Pessoa, o Profissional, a Escola, a Reforma e a Gestão

(Opinião sobre o funcionamento do CD e o seu (dela) papel na gestão da escola)

#### Objectivos:

- Recolher informações sobre o(s) modo(s) de desempenho, do CD e do cargo de PCD.
- Conhecer a percepção que a entrevistada faz do (funções de PCD) desempenho do CD.
- Perceber as relações entre as dimensões pessoal, profissional, da escola, da Reforma e o(s) modo(s) de gestão.

#### Questões:

##### a) Genéricas

- Como é que o Conselho Directivo funciona e qual o papel do PCD.
- Opinião sobre o funcionamento do Conselho Pedagógico.

- Que balanço faz destes 10 últimos anos da acção do CD e da sua acção como PCD.

**b) Específicas** (a integrar no decurso da entrevista, se necessário)

- Como é que se encontram repartidas as tarefas do CD pelos seus membros (e porquê).
- Qual é o horário de trabalho dos membros do CD?
- Como é o trabalho de equipa (há reuniões formais incluindo o representante do pessoal não docente, ou apenas encontros informais. Com que periodicidade)?
- Nas reuniões (ou encontros informais) entre os membros do CD quais são os assuntos mais frequentemente tratados?
- Que motivação têm as pessoas para integraram o CD nesta escola (que projecto têm para a escola? O que esperam conseguir realizar no contexto desta escola?)
- As reuniões do Conselho Pedagógico são preparadas em conjunto ou apenas pelo PCD?
- Quem preside às reuniões do Directores de Turma (é sempre o PCD ou é rotativo?)
- Que papel tem tido CD e o PCD na organização e funcionamento da escola?
- Que balanço faz sobre o funcionamento do CP?
- Qual a importância que lhe atribui em termos de contributo para a gestão da escola?
- Como vê as relações entre o CD e os professores (funcionários, alunos)?
- Que tipos de conflitos são mais comuns na vida escolar? (Como é que o CD e o PCD procura resolvê-los?)
- Como são resolvidos os problemas disciplinares dos alunos? Indicar um ou dois casos.
- Existe uma escola da "manhã" e uma escola da "tarde"? Se existe como encara esse facto?
- Que entraves maiores sente existirem à sua acção como PCD?
- Julga que é um trabalho inglório (tem valido a pena estar no CD, nomeadamente como PCD, nestes últimos dez anos? Porquê?)
- Que balanço faz de todos estes anos à frente do CD e da Escola (valeu a pena?)

## **B) GUIÃO DA ENTREVISTA AOS PROFESSORES**

### **GUIÃO DAS ENTREVISTAS AOS PROFESSORES**

#### **OBJECTIVOS:**

- Recolher informações sobre a "situação profissional" do entrevistado;
- Identificar a percepção que tem sobre escola e sua evolução;
- Conhecer a sua opinião sobre aspectos da organização pedagógica e da gestão da escola relacionados com a "Reforma".

#### **BLOCO 1:**

**Tema:** *O entrevistado e a Escola*

**Objectivos:** Situar profissionalmente o entrevistado e fazer um balanço global do modo como ele vê o seu trabalho nesta escola

#### **Questões:**

- Ano em que iniciou funções como prof.? - Ano em que começou a trabalhar nesta escola?
- Escola em que ficou efectivo (entrou no quadro de nomeação definitiva)?
- Cargos directivos que já exerceu em outras escolas. Cargos directivos que já exerceu nesta escola.
- Razões que o levaram a concorrer para esta escola. Razões que o levaram a manter-se nesta escola.
- Sensação que teve quando pela primeira vez veio para esta escola. Como evoluiu essa primeira sensação.
- A escola hoje está melhor ou pior do que quando nela começou a trabalhar? (Exemplos sobre a última questão)

#### **BLOCO 2:**

**Tema:** *Opinião do entrevistado sobre as instalações e equipamentos da escola.*

**Objectivos:** Saber qual o juízo que o entrevistado faz sobre as instalações da escola e os seus efeitos no ensino.

#### **Questões:**

- Juízo que formula sobre as instalações. - Influência no seu trabalho docente (dar exemplos).
- Influência no trabalho dos alunos e seus resultados (dar exemplos).
- Medidas que foram tomadas para alterar a situação (por quem?).

- Opinião que tem sobre elas. Que solução vê para esta escola?

### **BLOCO 3:**

**Tema:** *Opinião sobre os alunos e meio social envolvente.*

**Objectivos:** Saber qual a opinião do entrevistado faz sobre as características dos alunos da escola (individuais e sociais) e em que medida elas condicionam o seu trabalho e os resultados escolares.

#### **Questões:**

- Como caracteriza os alunos desta escola (em geral).
- Principais dificuldades que sente em trabalhar com estes alunos (dar exemplos).
- Como aprecia em geral os resultados escolares nesta escola.
- De que modo esses resultados podem ser melhorados.
- Como caracteriza os contactos que estabelece com os encarregados de educação dos alunos

### **BLOCO 4:**

**Tema:** *Opinião sobre a organização pedagógica e a gestão.*

**Objectivos:** Conhecer o modo como se desenvolveram na escola alguns aspectos da Reforma e balanço que faz da sua aplicação.

#### **Questões:**

- Apreciação que faz sobre o “Apoio Pedagógico Acrescido”, nesta escola (processos e resultados).
- Porque razão a escola não tem, ainda, um “Projecto Educativo” (Acha importante que ele exista).
- Se tem participado regularmente nas actividades da “Área Escola” e que juízo faz sobre os processos de organização, o empenhamento dos professores e alunos e os resultados alcançados.
- Qual o balanço que faz do modo como a reforma curricular tem sido aplicada na sua disciplina (vantagens e desvantagens).
- Opinião sobre as reuniões do Conselho Pedagógico.
- Opinião sobre o Conselho Directivo.

### **BLOCO 5:**

**Tema:** *Narrativa de episódios significativos.*

**Objectivos:** Conhecer o modo como o entrevistado percebe a escola, através da análise de narrativas de episódios.

Contar um episódio ou um facto que seja elucidativo da opinião que tem sobre a escola.



## **ANEXO II**

### **PROTOCOLOS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS NA ESCOLA A**

## A) PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

e2pcd0

22/10/96 - 17h 00m - 19h 10m - Escola A

ENTREVISTA À PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

### ANTES DA ENTREVISTA

Receando chegar atrasado à escola, fui mais cedo e acabei por chegar meia hora antes da hora marcada para a entrevista.

A PCD encontrava-se sozinha no gabinete, a arrumar papéis e julgo que a procurar outros para preparar a reunião do CP do dia seguinte.

Comentei com ela a questão do trânsito à entrada de [nome de povoação - 1], e perguntei-lhe, até, como é que os professores conseguiam chegar a horas para suas aulas, com a enorme confusão que existe no trânsito naquela zona. Ela, por ela, explicou-me que tomava um caminho diferente, que passava junto da Universidade Internacional e que dessa forma evitava passar pela 2ª circular.

Entretanto disse-lhe que ia precisar de saber os horários das coordenadoras dos directores de turma e do del. de E.Visual/3°C, porque eram alguns dos professores que estava interessado em entrevistar. Também estava interessado numa entrevista à VPCD. Disse-me que isso era fácil. Eu lembrei-me entretanto que havendo pedagógico no dia seguinte e disse-lhe que combinaria as entrevistas nessa altura, porque estariam todos naquele momento na escola.

Como era ainda cedo, eu disse-lhe que ia até à sala de fumadores, fumar um cigarro, e como trazia um livro para ler, prevendo a chegada mais cedo, aproveitava e ia ler um pouco, até às 17.30. Ela concordou dizendo que sim, que era melhor ser mesmo às 17.30 porque estaríamos mais à vontade, sem sermos incomodados.

Já quase em cima das 17.25 apareceu na sala o del. de E.Visual/3°C e aproveitei a oportunidade para lhe dizer que uma das pessoas que gostaria de entrevistar era ele. Ele acedeu desde logo. Disse-me que o melhor dia seria a quarta-feira. Esta não porque havia CP, mas podia ser outra qualquer. Eu expliquei-lhe que era uma coisa rápida entre 30 a 45 minutos. Talvez por isso, entretanto disse que também podia ser à quinta-feira. Ficou, por isso logo combinado que seria na próxima quinta (24-10-96). Ele foi dar aulas e eu dirigi-me para o GCD.

### A ENTREVISTA

e -... como eu já tinha dito a entrevista tem 4 blocos... e é para tu falares à vontade...

E - Sim senhora.

e - O primeiro bloco tem a ver contigo própria, com a tua pessoa, e a primeira coisa que te pedia era um breve resumo, digamos assim, da tua vida profissional, alguns dados que eu já tenho, idade, por aí adiante, alguns dados que eu já tenho. Como é que tu entraste para o ensino?

E - Olha eu vim para o ensino, já, portanto com 33 anos, já no fim de ter dois filhos, porque vim para o ensino por necessidades económicas, porque aquilo...

e -...já me tinhas dito que és de...

E - Sou de história, sou do primeiro grupo. Aquilo que aconteceu, é que quando eu me casei fiquei no 4º ano da faculdade, e o meu pai que era altura até era uma pessoa que se podia considerar uma pessoa rica, chamou o meu marido para trabalhar na firma, e o que aconteceu, o meu marido que estava na Gulbenkian a ganhar naquela altura (fazemos hoje 30 anos de casados), que estava a ganhar na altura cinco contos e quinhentos quando foi para a firma, o meu marido, portanto o meu pai, agora trabalhamos todos para o monte, o meu pai, o meu marido e mais dois irmãos que eu tenho, e portanto ficamos a ganhar, toda a gente por igual, e eu fiquei a ganhar com três contos e quinhentos, o meu marido, quase metade daquilo que ele estava a ganhar, e o que aconteceu é que aumentos nunca mais vinham e os meus irmãos tinham um estatuto completamente diferentes e então eu no fim de ter duas filhas senti que tinha de ir acabar o meu curso e tinha que me empregar, porque o ordenado que o meu marido trazia para casa era insuficiente para custear e para levar uma vida digna e uma vida que nos proporcionasse...

e - Tu começaste aonde, em que escola?

E - Eu comecei na [nome de escola - 1], estive na [nome de escola - 1] dez anos como provisória, depois daí fui um ano para a [nome de escola - 2] onde fiz o estágio, a seguir vim para a [nome de escola - 3] como profissionalizada efectivei-me em [nome de povoação - 2] onde estive dois anos depois fui três anos para [nome de povoação - 3], onde fui del. à profissionalização, onde fui pela primeira vez para um CD como PCD, há treze anos pertenço ao quadro desta escola, mas há doze anos estou a trabalhar nesta escola, sempre como PCD...

e -... mas a comissão instaladora não foi...

E -... a comissão instaladora, portanto, os professores da escola pediram-me e fizeram um baixo assinado para o Ministério para que a comissão instaladora continuasse à frente da escola como CD, mas o Ministério não autorizou, e daí fazerem-se...

e -... eleições...

E -... eleições, foram feitas eleições e pronto eu encabeci uma lista, não fui muito bem vista na altura, porque eu tenho... tinha fama de "mázona" e tinha fama de muito intransigente, e muito dessa lista...

e -... vinha donde, essa fama vinha donde?

E -... da escola de [nome de povoação - 3].

e - Onde tinhas estado no CD?

E -...onde tinha estado no CD..

e -... como presidente?

E -... como PCD. Porque as pessoas diziam que eu gostava muito de trabalhar e obrigava os outros a trabalhar, e portanto não queriam que a gente, que obrigasse a trabalhar e daí, pronto, de qualquer maneira foi a votação, fizemos uma lista, eu e mais dois colegas. Não foi uma lista feliz, porque foi uma lista...

e - Os dois colegas, homens?

E -... dois colegas, dois homens. Olha, um foi arquitecto em [nome de povoação - 4], que era o [nome de prof. - 96], hã... não foi porque houve entre mim e um elemento muitos conflitos, e pronto, o que acontece é que...

e -... mas esse CD aguentou os dois anos?

E - Semp... onde eu estiver aguenta até ao fim. A pessoa sofre o que tem a sofrer, mas sofre até ao fim, porque a pessoa não deve de maneira nenhuma deixar afundar o barco.

e -... a... e... e a tua opção... como é que hei-de dizer, sim a tua opção, tu já dás aulas, estás no ensino há muito tempo...

E -... estou no ensino há 23 anos...

e -... estás em conselhos directivos... a tua experiência é de trez... ?

E - Portanto, eu vou no sétimo... portanto...

e -... sétimo em CD... ou sétimo como presidente...?

E - portanto, sétimo em CD e presidente, sempre fui presidente.

e -... aí sempre foste presidente?

E - Portanto, nunca...

e -...o que é que te levou a ir para presidente... a candidatares-te a órgãos de gestão, há alguma razão especial?

E... não, eu não, eu candidatei-me...

e -... há alguma razão especial?

E - Não, não. Naquela altura, naquele ano em [nome de povoação - 3], havia um CD, e o CD cessava funções, e então a PCD achou que eu pela minha maneira de ser, achava que eu era uma pessoa que tinha perfil para ser PCD, a pessoa, eu não queria, mas de qualquer maneira...

e -... mas qual a razão...?

E - Eu não queria por uma razão muito simples, porque para mim sempre que há uma mudança, há um receio, há um medo de não corresponder aquela mudança e eu estava com medo de que, na verdade, não correspondesse. Aquela escola era uma escola com muitos problemas, uma escola muito difícil, numa altura em que não havia segurança nas escolas e nós estávamos ali rodeadas por bairros da torres...

e -... isso foi em...?

E -...isto foi em 83. Portanto isto foi em 83, os problemas de segurança eram muitos, e eu estava com medo de não conseguir, mas de qualquer maneira, eu acho que desempenhei bem...podia não ser muito bem, muito bem... mas de qualquer maneira...

e -... mas antes tinhas experiência em órgãos... como coordenadora...

E - Não tinha, não tinha, não, não.

e -... como coordenadora de directores de turma, como del...?

E - Não, não, tinha sido, portanto nos primeiros anos como provisória, tinha... sempre fui DT, porque como quando entrei para o ensino já era mãe de família, já era uma mulher com trinta e poucos anos, portanto sempre fui direcção de turma...acharam que eu podia desempenhar bem o papel. De forma que eu depois, também fui del... subdel. de Português, tinha a meu cargo fazer as fichas do 5º ano de escolaridade... isto foi em [nome de povoação - 2], e fui... quando cheguei a [nome de povoação - 3], havia a profissionalização em exercício... ninguém queria ser del: à profissionalização, mais uma vez eu fui empurrada para a profissionalização...

e -... isso é na altura, na altura em que havia o regime de profissionalização... era aquela...

E -...Era, era... dois anos e do PIT's, e tal... tal... Foi muito trabalhoso, mas de qualquer maneira eu tentei-me inserir, portanto, no processo...

e -... nessa altura estavas no pedagógico...?

E -... estava no pedagógico, tentei inserir-me no processo, acho que foi positivo, teve outras coisas que hoje acho que foram negativas, foi o facto de para me dedicar àquilo ter que desprezar, entre aspas, um pouco os meus filhos, não lhes dar tanta importância e isso até trouxe depois algumas consequência, mas de qualquer maneira, a nível profissional eu gostei, só achei, só não gostei foi quando tinha que avaliar os formandos isso é que era muito difícil, é muito difícil porque quem está a fazer a profissionalização, todas as pessoas acham que dão o melhor de si, que fazem o melhor que podem e a pessoa a avaliar-se, avalia-se sempre por uma tabela, por uma fasquia às vezes um tanto alta que não corresponde, portanto, àquilo que as pessoas vêm no seu trabalho, porque empola determinadas actividades e na verdade foi essa a parte mais difícil, mas de qualquer maneira...

e - Foi essa a parte mais difícil... Olhando um bocado para trás...

E - Sim...

e -... hã... enquanto prof... mas também enquanto, PCD fazes algum... que balanço é que fazes?

E - eu...

e -... tu já, por várias vezes disseste...

E -... sempre positivo...

e -... que só ser prof., neste momento, não...

E -... não é neste, é sempre...

e -... sempre?

E -... é sempre, é sempre...

e -... e apercebeste-te disso quando foste para o CD?

E -... apercebi-me disso quando comecei a ser del... ser prof., no meu grupo, para mim não me chega. Não me chega, por uma razão muito simples, porque como eu sou de história, a disciplina de história tem três horas semanais e aquilo que se... a pessoa for de história, e eu a primeira vez que leccionei, leccionei só... de história, então tive sete turmas de história, ora ter sete turmas de história é extremamente cansativo, na medida em que, às tantas a pessoa não sabe onde é que, portanto, onde é que vai...

e -... não conhece os alunos inclusive...

E -... não conhece os alunos e não sabe concretamente... é preciso registar tudo se não perde-se, na turma, no 6ºA vai ali, no 6º B vai ali, no 6º... e depois de forma que exige muito mais trabalho. Quando eu comecei a leccionar Português gostei muito mais, eu, por exemplo sou daquelas pessoas que gosta muito de leccionar Português. Hoje não lecciono por uma razão muito simples, é porque se u puder ter só ter três e não ter cinco, já que o CD exige tanto de nós, não vou dar cinco horas porque me sobrecarrega mais, e além disso a disciplina de Português exige mais de nós, mais preparação, se for bem dada do que a disciplina de história.

e - Bom... alguns destes pontos...penso... Esta escola tem doze anos...?

E - Esta escola tem...ficou... foi em 83, portanto esta escola tem treze anos.

e -... tu vie... vieste...

E - Eu vim, portanto...

e -... no ano seguinte...

E - Vim no ano seguinte, quando abriu o quadro eu fui, portanto... eu fui... pertenço ao primeiro quadro...

e -... [nome de povoação - 3] é mais longe... é mais longe da tua residência?

E -... a diferença de [nome de povoação - 3]... da minha casa aqui são cerca de 4 km e meio, da minha casa a [nome de povoação - 3] eram cerca de 6 km e meio.

e - Em termos de acessibilidade? Qual é mais... Esta é mais acessível?

E - Esta é mais acessível. [nome de povoação - 3] também era muito acessível. Continua exactamente na mesma linha só que é mais 2 km.

e - Então as razões para mudares para esta escola...

E - A proximidade.

e -... a proximidade.

E - A proximidade, e não só. A proximidade e não só. Esta escola atraiu-me, porque eu passava aqui todos os dias...

e -... a de [nome de povoação - 3] como era... em termos de instalações...?

E - Em termos de instalações, era uma escola maior, era uma escola com mil e tal alunos, era uma escola com um espaço muito maior, portanto muito mais disperso e era uma escola muito árida, e eu quando passava aqui, aquilo que gostava era de ver estes declives todos com os chorões que depois foram depois pisados, e que não existem, mas era um atractivo, uma escola mais pequena, porque aquela tinha-me dado muito, muito, muito trabalho, porque eu tinha-me envolvido muito nela e queria descansar um pouco mais, e nesta aprendi mais...

e -... vieste para, estiveste a descansar um ano...?

E - Não, não estive a descansar...

e -... não, não, aí logo que vieste...

E -... quando vim, vim logo para o CD. Logo para o CD. logo, logo, logo...

e - Dos que estão actualmente no CD contigo, a [nome da VPCD] e a [nome da SCD], já estão contigo há...

E - Olhá, a [nome da SCD] está comigo há seis anos... penso que há seis anos, ou há seis ou há oito, e a [nome da VPCD] está comigo há dez anos. A [nome da VPCD] está comigo há dez anos...

e -... mas conheceram-se aqui?

E - Conhecemo-nos aqui...

e -... não se conheciam...

E - Não, não conhecia nem uma nem outra, não conhecia de lado nenhum. O engraçado...

e - Como é que explicas esta... longevidade da...

E - Não sei... Sinceramente, portanto a longevidade do quê? Do CD ou a longevidade de trabalhar com elas?

e -... de estarem em conjunto, tanto tempo... tanto tempo, bom não sei se é tanto tempo...

E - Sim... é...com a [nome da VPCD] há 10 anos e com a [nome da SCD] há 8 anos. Eu sou uma pessoa que...

e -... fora da escola têm relações de convivência?

E - Não, não. Ter relações de convivência, não...

e -... entre famílias...

E - Não, não... não temos não senhor. Mas o que acontece é assim... as colegas... hã, hã... nós fizemos, primeiro foi com a [nome da VPCD] e com o [nome de prof. - 14], a segunda equipa aqui na escola...

e -... o [nome de prof. - 14] é o de Religião e Moral...?

E - Não, não, o [nome de prof. - 14] é de E.V.Tecnológica.

e - Sim, sim, tá bem, o [nome de prof. - 8] é que...

E - Sim, a segunda equipa, portanto a segunda lista que eu fiz nesta escola foi com a [nome da VPCD] e o [nome de prof. - 14], que foi há dez anos. A partir daí, portanto, eu gosto... gostei de trabalhar com a [nome da VPCD], depois, portanto, a [nome da SCD] como era coordenadora dos directores de turma... hã, parece que se trabalha... não é parece, trabalha-se mais intensamente com o coordenador dos directores de turma, para preparar as reuniões, etc., etc... eu gostei, eu gostei de trabalhar com a [nome da SCD], gostei da sua delicadeza, gostei da maneira como trabalhava, era uma mulher organizada, continua a ser organizada, não tem tanto tempo mas continua a ser organizada, e de modo que, pronto, formámos a lista. A partir do momento que... que eu queria prosseguir no CD, acontece o seguinte, eu sou incapaz se estou a trabalhar com alguém de... era incapaz de formar uma lista e de convidar outras pessoas, eu não consigo, e então como eu não consigo fazer uma coisa dessas, e como eu queria continuara no CD...

e -... também não consegues por que se estás bem, a equipa que funciona bem não se muda, não é?

E - Às vezes as coisas podem não funcionar tão bem quanto isso, repara, mas de qualquer maneira há outras coisas que para mim são mais fortes, e aquilo que se chama a fidelidade, é muito importante...

e -... a fidelidade, a lealdade...

E - É, é, para mim é um valor que eu prezo, e daí, se as minha me dissessem assim: "Olha..."

e -... mas se chegasses à conclusão que havia dificuldades em funcionar, preferias não constituir CD...?

E - Prefiro não constituir CD.

e -... do que ir chamar outras pessoas?

E - Prefiro. Se as minhas colegas chegarem ao pé de mim e disserem: "Olha [nome da PCD], eu não quero porque tenho um problema com a minha mãe, tenho um problema com a minha filha, e portanto... eu preciso descansar, para dedicar mais tempo", eu sou capaz de chegar ao pé de outras colegas e convidá-las para o CD. Agora, se as minha colegas não me disserem nada, eu não sou capaz...

e - Eu percebo, eu percebo perfeitamente. Eu também sou... um bocado assim.

E - É...

e -... aliás em termos de conselhos directivos há fenómenos engraçados, que é... parece que se cria uma relação tão forte que por vezes é difícil constituir equipa com outras pessoas, porque há fidelidades, há coisas que se passaram...

E -... cumplicidades...

e -... cumplicidades, que são difíceis...

E - Eu vejo outras pessoas com quem eu tenho a certeza que... onde trabalharia bem, porque, eu por exemplo em trabalho de equipa, trabalho de grupo, todos os grupos com quem eu tenho trabalhado, por norma não se dão mal, porque como diz a [nome da SCD] eu tenho o vício do trabalho, pronto ela pode dizer isto "... és viciada no trabalho", pronto e as pessoas dizem isto "... contigo tudo bem".

e -...

E - Pronto, "... contigo tudo bem", porque eu considero-me, que sou uma pessoa...

e -...aliás se quisesse havia muitas outras pessoas que quereriam constituir equipa contigo...

E - Há, há. E as pessoas, portanto...

e -... mas achas, porquê, por uma questão de segurança... que as pessoas têm a trabalhar contigo porque...

E - Têm...

e -... que em último caso salvam sempre a situação? É isso?

E - Têm segurança, porque as pessoas vêm que eu encaro sempre as coisas de frente, e quando há um problema que é preciso encarar e que é preciso ser resolvido, eu não fujo e se é preciso estar o tempo que for preciso na escola, eu estou, pronto, e é por isso que as pessoas em relação a isso...

e -... muito bem! E em relação à escola, a escola sempre teve estas condições... são melhores do que em muitos outros sítios, não é... em termos de instalações...?

E - Olha...

e - Há alguma história... há história... pedia-te se tu fazias uma breve história destes dez anos...

E - Olha, eu vou-te dizer, portanto as instalações, sempre teve estas instalações, mas a escola não tinha o aspecto que hoje tem. Por exemplo, a escola quando... eu vim para a escola, quando a escola foi criada não tinha estes espaços ajardinados, o que tinha era chorões, ali nos declives que depois desapareceram, calcados pelos alunos, que eram alunos do 5º e 6º anos, como eu costumo dizer parecem uma cabras a pular por tudo quanto é lado e então o que aconteceu é que eles destruíram isso, mas houve nesta escola um grupo de... de... estágio do ramo integrado, do ramo educacional, e... eles tinham entre as várias áreas, eles tem também se debruçavam na área-escola, e uma das coisas, um projecto que eles fizeram foi o projecto... os espaços ajardinados, esses espaços ajardinados. o projecto existia, simplesmente, eu consegui, o CD conseguiu que os espaços fossem ajardinados quando foi criada uma APEE que era extremamente interventiva, e aqui de [nome de povoação - 1] conheciam os elementos da Junta, etc., etc., e então meteram... meteram-se ao barulho e... e... conseguiram, porque foi a APEE, a escola não conseguiu, agora, portanto, temos este espaço, o senhor que trata aí as coisas, se nós formos a ver, a coisa, portanto... eu

posso dizer que é para ti... legalmente, nós fazemos assim uma coisinha que não é muito legal, com ele, mas porque...

e -...

E -... em termos de pagamento, em termos de pagamento, mas...

e -... resolvem o problema...

E -... resolvemos o problema, pronto. De qualquer maneira, está tudo identificado, as contas estão todas, todas, todas... existem ali, não falha nem um tostão. Depois, relativamente, vamos lá ver, instalações... há... criou-se mais tarde quando foi o Minerva, a sala Minerva, que é a sala onde fazemos presentemente...

e -... computadores...

E - Não, não é onde fazemos o pedagógico, mas quando acabou o Minerva... porque as pessoas enquanto estiveram no Minerva, sim senhor, mas para mim o Minerva, as consequências que teve para a escola, para mim, foram praticamente nulas, para mim foram praticamente nulas...

e -... ficaram com alguns computadores...

E - Ficámos com alguns computadores, que são da idade da pedra, que são mais do que obsoletos, que hoje não servem para, rigorosamente, para nada e quando foi na altura, quando se verificou que os professores não estavam, já não tinham redução, e não daí não se dedicarem e não trabalharem com os alunos, achou-se por bem libertar a sala, porque a sala era necessária e criou-se aquele gabinete de informática que tem 25 m<sup>2</sup>, é mais que suficiente para pôr aqueles computadores...

e -... aquela sala...?

E -... aquela salinha contígua, aquele gabinete contíguo. Portanto ficou ali a sala de informática. Ao mesmo tempo criou-se, portanto ali, uma sala de audiovisuais, onde nós fazemos o CP, não havia, portanto, a mediateca, só havia biblioteca, só havia, portanto também... se criou a mediateca, e têm-se comprado muito...

e - A mediateca tem quê? Três anos?

E - Tem dois anos. Dois anos, tem. Vai no 3º ano. Têm-se comprado montes de material, a escola tem mil e não sei quantos diapositivos, as pessoas...

e -... e utilizam...?

E - Não os utilizam, não os utilizam... mas que eles existem, existem. Existem retroprojectores, têm montes, têm muito, muito material. De qualquer maneira tem outras falhas, têm outras deficiências, por exemplo não temos laboratórios de Físico-Químicas, porque esta escola, não foi uma escola vocacionada para...

e -... é uma escola para o 2º ciclo..

E - É uma escola do 2º ciclo. E como escola...

e -... mas tu disseste-me numa altura qualquer que... herdaram algum material de uma outra escola...

E - Sim, sim, sim... aquilo que nós fizemos foi transportámos água para uma sala do 1º andar, que é a sala 17, montámos lá uma bancada e, também, num gabinete contíguo, há... há... temos todo o mater... praticamente todo o material de Físico-Química que nós herdámos da escola que foi desactivada, que foi a [nome de escola - 4] e então o material de Física e de Química veio para esta escola. Pretendemos fazer determinados arranjos... que é abrir uma porta directamente da sala 17 para... mas ainda não houve possibilidades, e é uma das prioridades...

e - Mas, e a DRELx, os serviços competentes da Direcção Regional para fazerem essas alterações...

E -... dizem para fazer à vontade, e eu até disse, mas eu tenho...

e -... por causa da instalação do gás...?

E -... mas eu, a instalação do gás na nossa escola é muito, muito rudimentar, a única instalação do gás que existe é do depósito do gás para o refeitório, não há mais gás nesta escola. Nas salas de C. Natureza as pessoas não se servem com gás, podem servir-se com lamparina, ou coisa no género, mas gás não existe.

e - O refeitório funciona desde o principio?

E - Não, o refeitório também...

e -... quando é que começou a funcionar?

E - O refeitório é outra, portanto, das nossas... pronto... que conseguimos implementar. Começou por funcionar, por pressões diversas, primeiro que nada o refeitório não funcionava, porque quando houve o desastre no Cartaxo, houve uma série de normas, por causa do gás, e então não era autorizado o funcionamento, visto que o termoacumulador estava dentro do refeitório...

e -... mas já antes nunca tinha funcionado?

E - Nunca tinha funcionado, nunca tinha funcionado, e entretanto, depois disso começou-se a fazer... o CD começou a fazer... eu às vezes quando falo "eu", digo "eu" porque, repara, normalmente eu é que faço a pressão, e então começou-se a fazer a pressão, mais os pais na DRELx...

e -... já havia a associação...

E -... já havia a associação, sim a primitiva, e então começou, portanto, a funcionar o refeitório. E começou a funcionar, primeiro, portanto, eram 120 refeições, tínhamos cozinha daqui e duas ajudantes de cozinha. Já há 4 anos depois, portanto, veio a empresa e nós achamos bem...

e -... portanto têm uma empresa...!

E -... a empresa, na altura achámos... foi uma maravilha vir a empresa porque a nossa cozinha estava-nos a causar muitos problemas, porque ela metia muita coisa ao bolso, e nós não queríamos de maneira nenhuma acusá-la, mas, pronto...

e - Portanto, o refeitório está a funcionar há 6 anos, 5 anos...?

E - ... cerca de 6 anos.

e - ... então desde a construção da escola até ao início do funcionamento vão dois anos, ou quê, vão mais?

E - ... vão mais! A escola... o refeitório esteve praticamente a func... sem funcionar, esteve aí à vontade 5 anos, ou coisa no género, não quero...

e - E a questão das instalações desportivas?

E - A questão das instalações desportivas é das coisas piores desta escola, e é para mim...

e - ... de raiz não tinha, na planta também não tinha?!

E - De raiz não tinha, no plano não tinha, as pessoas já vieram cá várias vezes do Ministério e acham que a escola não tem espaço para se fazer um pavilhão gimnodesportivo, mas nós ateimamos no, portanto, nos balneários, porque são essenciais, são imprescindíveis, porque há aqui muitos miúdos em situações bastante carenciadas, economicamente carenciados e que não temos a certeza que não tomam banho em casa, e... era muito, são muito precisos os balneários, porque, já que eles não tomavam em casa, pelos menos tomavam enquanto...

e - ... é como com as refeições, se calhar. Há alguns que se calhar não comem em casa...

E - É, é, é, é a mesma coisa, e sim senhor. Olha e nesta altura já estão 300 a servir-se nas refeições, 300...

e - Ai é, 300?

E - Ainda na semana passada foram 300 refeições. Por... esta firma está a servir muito bem.

e - Tem quantos alunos? 800? 900?

E - Nós temos 799 alunos.

e - Na [nome de escola - 5], onde eu estou, serve... o máximo que serviu penso que foi 300 refeições, mas tem mil e tal alunos...

E - Pois, mas esta serviu a semana passada ainda, 300, por que a firma, esta firma está a servir muito bem.

e - Muito bem... Em relação ao funcionamento da escola. Tu és a pessoa mais... que melhor visão tens do funcionamento da escola...

E - ... o funcionamento da escola...

e - Em relação... por exemplo, eu dou-te aqui alguns exemplos: a história das instalações já vimos... eh... ah! Nunca tiveram aulas à noite, ou tiveram?

E - Nunca tivemos, não. Queriam que nós tivéssemos ensino recorrente à noite; mas nós batemos o pé, porque queriam que nós tivéssemos, mas não nos davam nem mais um pessoal. Ora é extremamente difícil gerir as escolas com, portanto, esta tipologia...

e - ... portanto pessoal auxiliar...

E - ... pessoal auxiliar, é muito difícil escolas com esta tipologia... hã... com pouco pessoal, e de modo que...

e - ... e tinha de deslocar pessoal para a noite e...

E - ... pronto e não foi possível, e depois também sofremos aquela alteração do horário, passou de 45 horas para 48 horas, e ao fazerem isso o número de elementos que estacam foi o número de elementos que ficar... pelo contrário, inicialmente, a escola tinha 18 elementos quando era a 45 horas e depois foram embora, embora, embora e não nos substituíram. Presentemente a escola tem 15 elementos auxiliares de acção educativa, de forma que em relação a isso não quisemos de maneira nenhuma.

e - Hãã... se os CD's foram sempre eleitos...

E - Sempre, sempre!

e - ... e nunca houve problemas especiais relativamente aos processos eleitorais... impugnações...

E - Não, nunca... o ano passado, portanto quando foi, portanto...

e - ... mas tu disseste-me uma vez que "...eles falam sempre. não sei quantos, mas depois nunca aparece alguém..."

E - Pois, o que acontece é o seguinte... o que acontece é que existe uma facção que dizem, eles próprios dizem que não concordam com certos elementos do CD, porque não têm uma actuação dinâmica... mas nem toda a gente pode ser dinâmica, pronto, as pessoas são diferentes, e as pessoas não podem ser dinâmicas, todas. Por vezes com tanto dinamismo não sei onde é que a coisa ia ter, e então o que acontece é que aparece. como nas outras organizações sempre, hã, hã... um grupo, um grupo que vai... quer disputar o poder, só que acontece uma coisa, essas pessoas conseguem sempre, sempre, sempre formar meia lista, porque conseguem sempre um secretário e conseguem sempre o vice-presidente, mas quando se trata de conseguir uma pessoa que dê a cara, que dê, portanto... que ponha a assinatura e que se responsabilize. aí o processo fica completamente entravado, porque não conseguem encontrar ninguém...

e - ... essas tentativas...

E - ... essas tentativas. já houve, mas ficam... são goradas, todas, todas, todas, todas goradas.

e - ...mas são feitas à luz do dia... não... não...

E - Todas à luz do dia, não, não, sem problemas nenhuns, portanto... Este ano nós estávamos a... pensámos até não apresentar lista...estávamos...

e - Para ver o que é que é... para obrigar as pessoas...

E - ... para ver o que é que... para obrigar as pessoas. mas naquela altura eu estava com uma pneumonia e eu disse às colegas "... olhem sinceramente, também se aparecer uma lista encantada, mas se não aparecer uma lista, tenham paciência, vamos ter a nossa de reserva e se não aparecer, apresentamos a nossa". E foi o que aconteceu...

e - Não apareceu ninguém?

E - Não apareceu ninguém, ninguém. Tentaram formar várias listas, mas presidente do CD não conseguem ninguém, e então...

e - E nesta escola, há alguma razão especial, é assim tão difícil esta escola, alguma dificuldade...?

E - Eu não sei, não sei... será, mas eu penso...

e - Pela tua experiência, pronto... a outra escola era uma escola maior..

E - ... era, era..

e - ... mas pelo conhecimento que tu tens, pela experiência que tens de estar à frente de uma escola secundária, mil e tal alunos... mas pelo conhecimento que tens achas que...

E - ... sim, sim... mas a outra era mil e tal alunos... eu tinha uma escola, a de [nome de povoação - 3] com mil e tal alunos...

e - ... mil e tal alunos, mas era também do 2º ciclo...

E - Era, mas teve até ao 8º ano.

e - Teve?

E - Teve sim senhor!

e - Mas tu consideras que é difícil gerir esta escola, quer dizer que isso é uma das razões porque não aparece a liderança?

E - Penso que não é por isso. Eu penso... é... as pessoas não terem que responder se houver, portanto, algum aborrecimento. alguma coisa que não esteja, que não seja tão legal, etc., etc., e eu penso que é, e além disso outra coisa, nesta escola as pessoas já têm, nós vimos uma percentagem bastante elevada de pessoas desta escola já têm cerca de 40 e tal a 50 anos, nós temos, portanto, entre 46, entre 36 a 45 anos, nós temos 17 pessoas, entre 46 e 55, nós temos 33 pessoas, e mais de 55... estamos na fase em que as pessoas estão acomodadas, entraram naquela fase de acomodação...

e - ... mas também são esses grupos etários que podem ter já alguma experiência, alguma segurança para dirigir a escola...

E - Têm a experiência, mas não estão para perder aquilo que se chama... férias, portanto, as férias, prescindir das suas férias e prescindir, praticamente quase dois meses, portanto, de descanso, para ficar num CD, que eu este ano, por exemplo gozei 14 dias, e as pessoas não estão para isso, não estão... quando chega a altura do Natal para ficarem na escola quando podem... não estão na altura da Páscoa, quando podem ir...

e - E não achas que também é o reconhecimento que a escola está a ser bem gerida?

E - Não sei! Portanto...

e - ...se estivesse a ser mal gerida... alguém...

E - Eu penso que também será um reconhecimento, porque quando chega a altura da verdade... a pessoa pode não ser com oitentas ou não sei quanto, mas os 60% a pessoa tem sempre. Repara 60% são cerca de...

e - A participação das pessoas é muito grande?

E - É muito grande, é muito grande, é praticamente 90% do total. E 60% de 90% é muita coisa, é mais, por exemplo do que se fosse, por exemplo 50% de pessoas a votar a 60%, e a pessoa tal, tal... tem uma conotação diferente, tem uma força diferente...

E - Uma apreciação geral sobre o funcionamento da escola. Sei lá... eu vou-te dar um exemplo... uma opinião sobre alunos, professores, famílias, por exemplo a importância do meio social envolvente, quer dizer... isso constitui alguma dificuldade adicional na gestão da escola, no funcionamento da escola?

E - Não, não constitui dificuldade nenhuma, por exemplo, hoje vão se reunir-se hoje e amanhã... hã... estão a realizar-se conselhos... hã... reuniões dos directores de turma com os pais. é o primeiro. portanto. todos os anos existem estas reuniões para que os pais conheçam os directores de turma, falem como vai ser o processo de avaliação, etc., etc., etc... pronto, o primeiro... portanto...

e - ... encontro...

E - ... o primeiro encontro, a finalidade é o primeiro...

e - Costumam aparecer...

E - Costumam, costumam e eu, portanto... costumam aparecer, temos turmas que aparecem 80, 90% e não temos muitas turmas, muitas turmas em que os pais apareçam 50%, não temos...

e - Sempre acima de 50%?

E - Por norma, pode haver uma ou outra turma, mas é uma percentagem muito pequena, portanto, daquelas turmas em que os encarregados de educação não aparecem assim em...

e - A maior parte dos alunos são de quê? Daqui mesmo de [nome de povoação - 1]?

E - A maior parte dos alunos são de [nome de povoação - 1], e são também do [nome de povoação - 5].

e - Portanto são daqui perto?

E - É, é aqui perto, não dista 3 km daqui. Dois quilómetros ou coisa assim.

e - Em geral eles então não têm... não utilizam os transportes de...

E - Não, eles este ano estão a utilizar o transporte, porque devido às obras, etc., etc., tem de dar uma volta mais longa, e daí ser considerado uma zona de risco, etc., etc., etc., e estarem abrangidos, serem abrangidos...

e - ... essas... essa relação que... implicada com a Câmara... que é a Câmara que dá os passes?

E - Sim, sim, sim...

e - Estávamos nós a falar de... ah, da relação com a Câmara...

E - A relação com a Câmara, eu penso que a relação com a Câmara é uma relação cordial, não... por vezes...



e - Eles dão muita coisa?

E - Olha, vamos ver, portanto a Câmara. têm...

e - A Câmara de...

E - ... Câmara de [nome de povoação - 6]. A Câmara de [nome de povoação - 6] faz... ahm, ahm, dá aqueles dois dias para a escola, devido à população escolar, ao número de alunos que nós temos dá-nos dois dias, as camionetas, para realizarmos as visitas de estudo. Normalmente, faz um teatro e vem buscar os alunos à escola e leva-os ao teatro... hã, os professores da escola são envolvidos no torneio, no torneio inter-escolas da Câmara de [nome de povoação - 6]. A Câmara também tem uma actividade que é o xadrez e todos os anos faz deslocar à escola um mestre, eu chamo-lhe um mestre, é um senhor que vem e faz os campeonatos de xadrez, primeiro os alunos são ensinados a jogar o xadrez, depois existe um torneio, existem várias eliminatórias até chegar, portanto, aos distritais, pronto... e... e é isso. A Câmara também, portanto, frequentemente manda várias solicitações para a escola, por exemplo, a Escola em Palco para se desenvolver o teatro na escola, nós não temos aqui ninguém que esteja interessado, mas temos até... que eu levo amanhã para o CP para, portanto, para... distribuir às colegas... sobre projecto de E.Física, projecto na área das bibliotecas, projecto na área da E.Física e por exemplo, portanto, tem dado sempre...

e - Consideras positiva a relação entre...

E - Considero, considero... bastante positiva...

e - E as relações entre as escolas... que escolas é que há aqui...?

E - A relação...olha, a relação entre as escolas...

e - Esta é a... AP... é a AP5?

E - Esta é a AP5. Eu para mim as escolas que estão aqui mais perto de nós, é a Secundária de [nome de povoação - 1], é a, portanto, são as duas da [nome de povoação - 7]. As relações não são as mais amistosas, isto é, portanto, as relações são de coexistência pacífica.

e - Ai é!?

E - É... de coexistência pacífica, porque o que é que acontece, cada um defende o seu terreno e esta escola...

e - ... por causa da distribuição dos alunos...?!

E - ... por causa dos negros, por causa dos alunos negros. Esta escola tem 17% dos alunos, da massa dos alunos, são negros. São negros que vivem na [nome de povoação - 8], miúdos sem condições, etc., etc., O que é que acontece? Quando nós vamos para a [nome de escola - 6], não os quer...

e - A [nome de escola - 6] é aonde... é na [nome de povoação - 7]?

E - A [nome de escola - 6] é na [nome de povoação - 7]. Tem nesta altura 800 alunos e que tem 40 turmas, quando nós temos 799 e temos 34 turmas. A [nome de escola - 7] não os quer, diz que não tem vagas, quando tem turmas a 15 alunos, porque tem professores, mas alunos não tem...

e - Quer dizer as reuniões da rede são sempre...

E - Não são, por uma razão muito simples, não são...

e - Não são conflituosas?

E - Não são, porque não estou para, portanto, para fazer conflitos. A única coisa...

e - Não... Eu digo isto, em relação à... quem é que... preside à...?... É a [nome do funcionário do ME]?

E - É, é a [nome do funcionário do ME]...

e - E ela não chama à atenção...?

E - Eu, já, portanto já me insurg... Não, porque a [nome do funcionário do ME] dá cobertura. A [nome do funcionário do ME] dá cobertura àquelas escolas...

e - Não se quer aborrecer, se calhar...

E - Não, não se quer aborrecer, e o que acontece, é que, por exemplo, o ano passado tinha as minhas turmas do 7º ano aqui na escola, a turma do ensino especial que estava a 23 alunos e as turmas normais estavam a 30 e a 31, e eu sabia, portanto, havia alunos que queriam ficar na escola, e eu disse "por favor vão àquelas escolas, aquelas escolas têm vaga" e, portanto, mandaram-me o, o... mandarem sempre a dizer não há vaga, não há vaga, não há vaga... os processos, não há vaga, não há vaga, não há vaga... quando chegou no início do ano eu tive o cuidado de mandar pessoas, até pessoas ver qual era o número de alunos por turma. Eu fui à Secundária de [nome de povoação - 1], o número de alunos por turma era 25, eu fui, portanto, na [nome de escola - 6] a [nome da VPCD] tinha lá a filha, ela própria viu, o número de alunos por turma era de 21...

e - Nas pautas, não é...?

E - Pelas pautas, pois, por que está afixado. E fomos à [nome de escola - 7], o número de alunos por turma era entre 18. 18 e o máximo, havia duas turmas a 21. E quando me escrevem para cá, eu entrei em contacto com a [nome do funcionário do ME] e disse "Oh [nome do funcionário do ME], desculpe, mas eu tenho mais alunos para o 7º ano, eu tenho as turmas a 30 alunos, diga-me se uma turma a 30 alunos, quando eu tenho aqui nas redondezas as turmas assim, assim, assim..."

e - E as instalações deles...

E - Ah, pois, e numa escola muito maior...Então ela diz-me "Ai, mas... entre em contacto com eles". Aquilo que eu fiz... não... telefonei, porque se eu telefonasse, eu já sabia que havia uma palavra que era dita num tom mais alto e que, portanto, havia coisas que eu iria dizer, e que eu não gostaria depois de dizer e que estava arrependida...

e - ... e, ouve lá, os professores não te chateiam por causa disso...?

E - eu dei a conhecer aos professores...

e - ... o CP...

E - Eu dei a conhecer... dei a conhecer aos colegas todas, portanto todas as *demarches*, e depois aquilo que eu fiz quando me rejeitaram os alunos, informei para lá, entrei em contacto com a direcção regional, e disseram-se que tal, tal, tal... porque esta escola está com x alunos do 7º ano, a vossa escola o máximo que tem é x alunos... por isso... portanto... E a partir daí ninguém me disse, ninguém mandou os alunos para trás...

e - A AP5 tem quantas escolas?

E - a AP5 tem, tenho impressão que tem 23 escolas ou coisa no género, mas a AP5 é muito grande, porque a AP5 vai desde [nome de povoação - 9] até [nome de povoação - 10], [nome de povoação - 11], [nome de povoação - 12], etc., etc...

e - E durante estes anos todos que estiveste... que estás no CD nunca houve uma reunião de todos os representantes de todas as escolas da AP5?

E - Não, não...

e - ... uma reunião entre todos os presidentes dos CD's...

E - Não, não, não, não nunca.

e - Nem há registo, de nenhuma exper... de nenhuma tentativa de...

E - Houve uma vez, houve... houve uma vez uma tentativa e, portanto, não sei quem é que tomou a iniciativa, se foi a Secundária de [nome de povoação - 1], se que é que foi, e nós, na verdade, fomos, mas aquilo foram poucos elementos e foi uma coisa que abortou, não deu mais nada.

e - Mas o centro de formação... teve de haver uma reunião?

E - O centro de formação teve de haver uma reunião... mas às reuniões vai muito pouca gente, há... há... reuniões do centro de formação.

e - O centro de formação da associação de escolas...

E - ... mas é diferente...

e - A associação de escolas é todas as escolas da AP5?

E - Não, não... porque repara na AP5 existem dois...tenho a impressão que são três centros de formação, porque existe um outro que está na [nome de escola - 8] e eu penso que existe o do [nome de centro de formação - 1], ou se não, portanto, existe um da zona oriental e existe outro da outra zona, [nome de povoação - 9], [nome de povoação - 13], etc., etc., etc.,

e - Portanto, professores, nós já sabemos, a maior parte são daqui de perto, não é? A maior parte são profissionalizados, são já efectivos...

E - A maior parte são profissionalizados, são efectivos. Eu tenho os dados concretos, portanto, sobre isso, os professores...

e - Segurança...?

E - Relativamente à segurança, nós este ano estivemos a atravessar um período, muito... olha, muito grave...

e - ... pior que anteriormente?

E - ... pior do que no ano passado, porque vimos aí, a escola viu-se infiltrada de alunos que... de... há, há... que eram estranhos à escola, além, além de outros alunos que... devido ao seu comportamento, quando chegaram à escolaridade obrigatória, pura e simplesmente não foi aceite a matrícula, porque já estavam fora da escolaridade obrigatória e esses elementos o que é que acontece, acontece que de há três ou quatro anos para cá eles... há... saem da escola depois vão lá para fora e são autênticos marginais, porque... e continuam a assediar porque é uma maneira deles terem dinheiro, é roubarem os mais pequenitos. e então intimidam-nos... há... vivemos no princípio deste ano lectivo... uma situação bastante grave... há... eu estava completamente desvairada, porque as queixas eram mais que muitas, eram queixas dos alunos, eram queixas dos funcionários, eram queixas de todo o lado, o segurança que nos tínhamos cá, parecia... não actuava como lhe competia, de modo que tive de pedir... tive de comunicar para o gabinete de segurança do ME, e tive de pedir o apoio aos pais... e os pais, portanto, mais uma vez, portanto sempre que eu lhes peço, eles colaboram comigo, e eu mais uma vez pedi aos pais, e disse "... por favor Dona Deolinda...", telefonei a uma sexta-feira, telefonei da minha casa à noite, ela escutou-me e disse "Oh s'tora esteja descansada porque eu vou fazer o possível e o impossível, embora esteja muito desanimada, porque estive aí na escola na terça-feira e não me apareceu ninguém, não me apareceu nem um pai, da associação..."...

e - ... a direcção continua a mesma, já houve eleições?

E - ... ainda não houve, ainda não houve... De qualquer maneira eu pedi-lhes e elas na semana seguinte, a uma terça-feira foram entregar à GNR... aquilo, portanto, estava mesmo feio... e eu agarrei, portanto, "... e não se importam, vêm cá que eu vou mandar um fax para o gabinete de segurança". No dia a seguir eu tinha aqui o Chefe [nome de fine - 4] para falar comigo, porque tinha tido muito peso...

e - ... aquele com quem falaste no outro dia?

E - Sim, sim, porque tinha tido muito peso, portanto, não foi pela escola, o que tinha tido muito peso foi os pais, portanto o outro, o outro senhor foi embora e está aqui o senhor [nome do guarda]...

e - Ai já foi embora?!

E - Foi embora, foi embora. Está aqui o senhor [nome do guarda], e o senhor [nome do guarda] tem sido uma pessoa excepcional, ele corre a escola, portanto aí, aqueles miúdos que se infiltravam na escola, houve aí um dia que houve um campeonato ou coisa no género, ele negociou com eles, deixou-os entrar e disse "... mas tu não saís daí, e eles não saíram dali, não roubaram ninguém, etc. etc... Portanto, relativamente a isso a escola não parece

a mesma, está muito mais calma, está muito mais segura, embora nós não consigamos lutar com, portanto, a falta de segurança que é originada pelos próprios alunos que ameaçam os outros e...

e - ... esse é um dos aspectos...

E - ... esse é um dos aspectos... e os alunos negros que vêm com, portanto, a "naífa, portanto, escondida e alguns... que eu tive a reunião com os del. do 5º e do 6º ano para os ouvir para o projecto educativo, eu tive portanto...

e - Ai já fizeste a reunião...

E - Já fiz a reunião e foi muito boa, muito boa...

e - Del. do...?

E - ... del. do 5º e 6º anos. Quis ouvir só o 5º e 6º anos, porque depois era muita gente, a seguir vou reunir com o 7º, 8º e 9º, e então eles próprios...

e - ... ainda não tens data marcada para isso? É que eu gostava de estar numa reunião dessas.

E - Está bem, eu depois digo-te, vou fazer mais a Anabela, e então, e então eles próprios queixam-se que eles com o X-ato; que os ameaçam, portanto já lhes puseram aqui [aponta para o pescoço], para lhes extorquir dinheiro, mas o que acontece relativamente a isso é que os miúdos não conseguem e não fazem queixas, porque têm medo de represálias, de retaliações, de forma que, mas de qualquer maneira comparado com aquilo que aconteceu tem sido uma maravilha, porque o senhor [nome do guardá] quando viu esses alunos que foram nossos ali fora, ali permanecerem sentados, foi ao pé deles, foi falar com eles assim "... oh rapazes, desculpem mas eu não vos quero aqui, façam favor mas vocês circulam"...

e - Pois eles se virem a firmeza...

E - ... e houve outra coisa que também contribuiu, houve outra coisa que também contribuiu, foi eu própria na carta que fiz para a GNR com conhecimento ao comando geral da GNR e com o conhecimento ao Gabinete de Segurança do Ministério de Educação eu disse que a GNR não dava apoio, e no dia seguinte eu tenha aqui a GNR a perguntar "A senhora diz que eu não dou apoio" e "... é verdade, os senhores não nos dão apoio..."

e - Eles vieram cá?

E - Vieram, "os senhores não nos dão ap...". Vieram cá, depois de terem lá da APEE. "Os senhores não nos deram apoio, por isto, isto, isto...". "Mas oh s'tora...". "Desculpe lá, tenha santa paciência, eu tenho aqui elementos estranhos", lá pediram a identificação desses elementos, que era para actuar. Já foi muitíssimo bom. A outra coisa que surtiu efeito foi essa, portanto, a brigada da GNR que anda aí agora que é "A Escola Segura", porque houve um dia... há... depois dos acontecimentos e depois da bomba, porque este ano já tivemos 4 ameaças de bomba, então, portanto...

e - ... este ano?

E - ... este ano, este ano, desde o dia 23 de Setembro. O que aconteceu é que a "Escola Segura" esteve ali... o carro... meio dia frente à escola, e foi portanto uma ajuda muito grande. Foi a conjugação de todos estes esforços, tem sido extremamente positiva e mais uma vez tenho que realçar a colaboração da APEE, porque se não fosse ela, eu não... portanto... a escola, não só eu, mas eu sofro muito quando não vejo as coisas a funcionarem bem, eu penso que toda a gente sofre com isso... e foi muito bom, a sua actuação...

e - Em relação à seg... em relação à disciplina, os processos disciplinares...?

E - Olha, os processos disciplinares, eu penso que os processos disciplinares são uma minoria, porque uma escola que tem, como o ano passado tínhamos...

e - Como é que resolvem... como é que é o processo? Quer dizer desde que há conhecimento da infracção pelo funcionário ou pelo prof.? Como é que vocês fazem?

E - Desde que há conhecimento da infracção, é feito, portanto tem que ser o registo da queixa, depois do registo da queixa, tem que, portanto, os alunos são ouvidos e se tiverem testemunhas, também são ouvidos...

e - ... pelo DT?

E - ... pelo DT. Depois também não se faz conselho disciplinar em nenhum, nenhum, nenhum... sem que os pais tenham recebido uma, portanto, uma carta com aviso de recepção. Agora se eles se recusarem e não comparecer, nós fazemos...

e - ... os pais? A APEE?!

E - Não, não... não, não. Os pais, os pais dos alunos têm que... quer dizer... tem que

e - ...ah, os pais tomam conhecimento do processo!!

E - ... ouvir... tomam conhecimento do processo e ali perante o DT são informados daquilo que o aluno fez, etc., etc... e o aluno também está ao pé, e portanto, lá concordam ou discordam...

e - APEE costuma estar presente?

E - A APEE está sempre presente, mas o ano passado verificou-se o seguinte: nos primeiros CT disciplinares, a APEE votou também dias de suspensão para determinados alunos, simplesmente havia um aluno que era terrível, que era o [nome - 1] e o que aconteceu quando havia conselhos disciplinares, não só ele como também outros alunos, havia alunos que já não punham... os del. e os subdel. já não iam aos CT com medo de sofrer, portanto, retaliações e os pais quando chegavam à altura da votação abstinham-se de votar, precisamente para... numa posição neutra, porque achavam que... às tantas já não sabiam bem se seria o melhor, seria suspender o aluno ou não, e nós às tantas também nos interrogámos, no caso do [nome de aluno - 1] e de outros, porque a seguir a isso havia destruição da escola, então achámos que era melhor...

e - ... esse é miúdo para que idade?

E - Quinze anos, mas tinha feito os quinze anos, no decurso do ano escolar, e então não o deixámos... que era melhor ir pactuando com determinadas coisas do que... porque senão chegávamos ao fim e tínhamos tudo destruído. E a partir de uma certa altura, pura e simplesmente, fomos tentando falar com eles, fomos, portanto, chegar, tentar chegar ao coração se se pode assim dizer. Não conseguimos muito, mas olha, paciência.

e - ... foi-se aguentando, a situação!?

E - ... olha foi-se aguentando a situação.

e - Relativamente ao pessoal não docente...?

E - Bem, o pessoal não docente. Olha, relativamente ao pessoal não docente, nós temos... podemos dizer que temos dois tipos de pessoal... agora falo do pessoal auxiliar de acção educativa... temos gente nova, com 12º ano, portanto, já com o secundário e que tem uma formação, tem uma abertura...

e - ... para os alunos...

E - ... para os alunos é diferente, a maneira como tratam os alunos, parece que está mais próximo deles, portanto, é completamente diferente. Temos outras pessoas que foram aquelas auxiliares de acção educativa que, portanto, há muitos anos, pessoas com a 4ª classe, etc., etc., e algumas que são assim um bocadinho rudes e não sabem, portanto, como tratar dos alunos. As senhoras não gostam, não são empregadas de limpeza é verdade, mas a nível... falta-lhes uma formação para... de carácter psicológico, de relação pedagógica com os alunos...

e - ... e com os professores?

E - E com os professores às vezes também... pronto... às vezes também surgem pequenos conflitos, sobretudo, sobretudo quando os directores de turma, no caso dos directores de turma, quando os directores de turma tomam o lado do seu aluno e, portanto, e são contra o funcionário, e o funcionário acha... por vezes está coberto de razão, e quando o DT lhe tira a autoridade... portanto, e isto surge, e o ano passado surgiu aí um conflito bastante grave.

e - Reforma Educativa? Eu digo-te já o que é que... a questão da área-escola...

E - ... olha em quest... em rela... relativamente à área-escola...

e - ... a questão do APA...

E - ... Vamos ver, eu relativamente...

e - ... que balanço é que fazes disso...

E - Eu vou dizer. Portanto, relativamente à área-escola, eu acho que a área-escola nos moldes que está a ser, portanto... cumprida não é, para mim não é uma verdade...

e - ... mas estás-te a referir aqui à escola ou...

E - Aqui, aqui, aqui à escola, e eu falo por mim que já entrei em dois projectos da área-escola e aqui... e o que me aconteceu, às tantas eu não se estou a trabalhar na área-escola se... onde é que eu estou a trabalhar, e eu acho que relativamente à área-escola embora a avaliação que no fim as pessoas fazem, fazem... é uma avaliação positiva, acabam por considerar no todo, portanto a área-escola como um processo positivo, no entanto vai fazer com que os programas que nós temos e que o Ministério diz que tem que se dar os programas, dá ideia que nós, portanto, que nós não os cumpramos integralmente. Primeiro que nada, muitas vezes sem a área-escola também não os cumprimos, porque, eu falo concretamente do programa de história, já der si é tão extenso, então com a área-escola, se a pessoa gastar, despende dez sessões das suas aulas na área-escola, às vezes, portanto a coisa complica-se...

e - As opiniões que as pessoas têm em geral? A ideia que tu tens da opinião geral?

E - A ideia de que os professores...

e - Cumprem por que é obrigatório? Ou vêm alguma vantagem nisso?

E - Cumprem por que é obrigatório. Porque é obrigatório. Porque já o ano passado até não queriam fazer a área-escola, diziam que, por exemplo, na [nome de escola - 6] só fazem num ciclo de estudos. Se fizeram no 5º já não fazem no 6º, se fizeram no 7º já não fazem no 8º e já não fazem no 9º. De qualquer maneira, levei a legislação e lutei até ao fim, portanto, para que... pela área-escola, e na verdade...

e - ... mas essa oposição surgiu aonde? No conselho de directores de turma? No CP?...

E - ... no CP. São primeiro coisas faladas, que surgem na sala de professores em que as pessoas se juntam e pedem para levar a CP e surgiu, mas conseguiu que se fizesse, portanto, a área-escola. Nós aqui na escola... eu faço... tal como acusada de ser muito legalista... eu continua a ser legalista e o... os... temos o prazo para apresentar os projectos de área-escola... os projectos de área-escola são analisados em CP, são anotadas as pequenas falhas que possam ter. Há professores, há grupos que fazem projectos de área-escola que são uma maravilha, há outros que são mais simples, e tem acontecido...

e - O coordenador geralmente é o DT?

E - Sim, sim, sim. E, é. Mas acontece que...

e - Mas há algum tema geral, ou...?

E - Há... por norma há. Por norma há um tema e depois escolhem-se vários subtemas afins.

e - Essa tem sido a prática nesta escola?

E - Tem sido a prática, portanto, desde o início que tem sido a prática na escola. Há turmas, tenho que salientar isto, há turmas que devido ao seu comportamento, devido, portanto, aos alunos que tem, os professores recusam-se a fazer a área-escola, e o que acontece é que aparece um prof., o DT a querer fazer a área-escola. A área-escola é, portanto... não pode ser, é interdisciplinar, e se é interdisciplinar não é um prof. que faz a área-escola, e daí...

e - Mas não seriam essas turmas, se calhar até aqueles que teriam a necessidade de haver área-escola?

E - Tem, mas os professores não fazem... Os professores, os professores afirmam, afirmam que já estão envolvidos nout... nos projectos das outras turmas e nós... e é compreensível que uma pessoa goste mais de trabalhar com quem... com alunos que facilitam o trabalho do que alunos que à partida estão sempre a bloquear tudo, não é? E as pessoas, às tantas, já dizem assim: "Não trabalhamos!"

e - Quer dizer a área-escola surge para os alunos como uma recompensa?

E - hãaaa... Não é propriamente como uma recompensa...

e - Aqueles... as turmas que funcionam bem têm a recompensa de ter...?

E - ... das 34 turmas, por exemplo do ano passado, duas não tiveram área-escola...

e - ... por causa do comportamento...?

E - ... por causa do comportamento. Houve outra que...

e - ... o pedagógico como é que reage a isso ou...

E - ... não reage pura e simplesmente. Portanto, houve uma, portanto, não teve porque era entrevistar os GNR's de [nome de povoação - 1] sobre a segurança e sobre a violência, houve aquele caso... portanto a área-escola...

e - ... bem, aí justifica-se...

E - ... aí justificou-se, aí justificou-se... Agora, em relação aos APA. Aquilo que eu penso dos APA: para mim os APA...

e - ... em termos gerais, vale a pena? É tempo e esforços bem utilizados?

E - O quê a área-escola?

e - Não, os APA.

E - Os APA? Depende, eu para mim depende de uma coisa. Primeiro depende da honestidade do prof. que dá os APA. (...)

e - Geralmente é o mesmo que...

E - Pode ser e pode não ser. Nós aqui lutamos para que o prof. que... da disciplina seja o prof. que dê o APA, mas isso dá, portanto... faz muitas vezes surgir alguns conflitos por... obriga os professores a virem em turno contrário e acontece que a grande parte deles é mesmo prof., portanto, que lecciona a disciplina, noutros são outros professores porque por vezes há... tem que se fazer um acerto nos horários e não se pode, também, estar a sobrecarregar... suponhamos, há um prof. que tem duas turmas, hã... de alunos com necessidades educativas especiais, suponhamos que o prof. era prof. de Inglês e era prof. de Português, suponhamos que tinha duas horas para Português, duas horas para Inglês, duas horas para Inglês. Ora, este prof. ficava logo à partida com seis horas de APA, é uma carga muito grande de redução muito grande, quando pode ser dada, esta APA pode ser dada por outro professor. Aquilo que eu tenho verificado é... e eu continuo mais uma vez...

e - ... a organização... os problemas organizacionais são resolvidos por quem, pelo CP, pelo CD...?

E - São pelo CD. São pelo CD. Portanto aquilo que nós definimos em CP é... é aquilo que eu tento sempre, sempre fazer é sacar, entre aspas, as horas para a mediateca, dos 3% para que não se gaste tudo em APA's, porque eu acho que "mais do mesmo não resulta..." e é muito bom que os alunos frequentem, lá em cima, a mediateca, e...

e - ... achas que, se calhar é mais...

E - ... produtivo... Acho que é, acho que é extremamente produtivo. Eu o ano passado fiz um estudo, e todos os anos tenho feito um estudo, mais uma vez, o ano passado fiz o estudo...

e - ... Salas de estudo...?

E - Já tivemos uma vez...

e - ... a mediateca funciona um pouco, também, como sala de estudo, então, também?

E - Também funciona como sala de estudo. Tem os seus cantinhos, o gabinete da produção, o gabin... portanto o cantinho do vídeo... o do áudio, o... portanto, o dos computadores... que, portanto, a colega só tem 4 horas para estar com eles... com os computadores, o gabinete... o cantinho dos jogos e portanto a biblioteca. Agora vamos comprar, portanto, um CD-Rom, porque achamos, pronto, portanto, acho que é bastante interessante. Até porque o Ministério está-nos a mandar já, portanto, os compactos...

e - ... compactos CD-Rom...

E - ... Já, já está a mandar CD-Rom, sim. Já nos mandou dois, um de História e o outro... não sei o que é, mas portanto já nos mandou. Agora... como eu digo, se as APA's são dadas por um prof. que eu... não tenta furar o esquema, e não tenta ludibriar e... hã... quando nas horas de apoio não dar as horas de apoio, isso...

e - (...)

E - ... repara, repara, e se as aulas são dadas, portanto, as aulas funcionam. Se o prof. está interessada em que os alunos tenham APA, isto concretamente, se o prof. está interessado que os alunos tenham APA, o prof. consegue que os alunos tenham APA. Se o prof. está interessado em ter no seu horário as horas de APA, mas não está interessado em que os alunos cá venham, ele falta uma vez, falta duas, falta três, falta quatro, falta cinco, e só quando nós no final do ano... do... do período, vamos ver o que é que se passou, as faltas que foram dadas, só aí é que tomamos conhecimento, por isso é que eu digo, portanto, no caso do prof. ser honesto...

e - Há casos desses..?

E - Há, há sim senhor. Nós tivemos o ano passado uma colega, aquela que tu ainda agora disseste: [nome de prof<sup>a</sup> - 3] que veio substituir a [nome de prof<sup>a</sup> - 6] que tinha quatro horas de APA. Não deu uma hora de APA, por que os alunos não apareciam, mas ela também não se ralava, portanto...

e -... pois...

E -... portanto, ela também não se ralava...

e -... não os motivava...

E - Não os motivava e portanto deixava. Perguntaste-me das salas de estudo. Tivemos duas experiência de sala de estudo. Tivemos um ano uma experiência em que as aulas de estudo, surgiam depois de se fazer aquela avaliação sumativa extraordinária, e aquilo, portanto, no 2º período. E houve professores que se ofereceram, professores efectivos, em determinadas horas, e deu um resultado, mas acontece que no ano seguinte, fizemos, portanto, salas de estudo, os professores aí estavam com uma visão completamente diferentes, e quando chegámos ao final do período vimos que... é que soubemos que os alunos não tinham sala de estudo, porque ninguém nos tinha vindo dizer coisa nenhuma. A [nome da SCD] é que disse: "Olha lá, a sala de estudo, eu também tenho uma hora... hã... mas o que acontece é que não me aparece aluno nenhum!". Depois disto foi a ver-se toda a gente tinha sala de estudo e ninguém... aparecia aluno nenhum, a partir daí aquilo... porquê...

e - Os alunos não tinham sido informados...?

E - Os alunos eram informados! Mas o que acontece é que os professores marcavam as salas de estudo nos horários que lhes davam jeito, e os horários que davam jeito é...

e -... pois e não davam jeito aos alunos...

E - E não eram os horários... que davam jeito, porque repara uma coisa, do meio dia e meia à uma e um quarto, os alunos que não têm aulas estão desejosos de ir comer e já estão fartos de um período... cansados, e os alunos que... também, da uma e meia às duas e meia, também não é hora de sala de estudo, primeiro que nada, ou está a fazer a digestão ou está a brincar um bocadinho depois do almoço, ou vai iniciar e a pessoa entre iniciar, demora sempre um bocadinho... é ou não é? porque, portanto, e só, só... nos meios dos períodos é que eu vejo, é que eu vejo que será frutuoso, que terá alguma utilidade.

e - Tens neste momento professores sem horas nenhuma? Horário zero?

E - Não, não tenho nem um prof. sem horário... zero. Todos os professores têm horário completo. Todos, todos, todos...

e -... mesmo os de...?

E - Todos os professores tem horário completo... Porque eu faço assim, o que eu faço é, ou os professores...

e -... eu estou a perguntar isto porque... para saber...

E - Sim, sim, sim... para, para...

e -... pessoas que façam horas na sala de estudo...

E - Sim, sim, mas não tenho, não tenho por uma razão muito simples. É como nós temos uma escola de 2º e 3º ciclo... hã... o que acontece é o seguinte... é, os professores... vou concretamente ao 4º grupo, eu tenho dois horários excedentários... ou... deficitários, por exemplo, eu tenho a [nome de profª - 1], coitadinha cada vez está pior, a [nome de profª - 1] que não tem horário, já não tem horário no... hmmm... segundo ciclo; temos outra colega que já não tem horário no segundo ciclo, mas repara, mas nós temos que declarar, cada horário são 22 horas, e o que acontece é que nós temos colegas com 14, com 14, com 16, mas temos de contar tudo a 22, não é?

e - Sim!

E - Ora o que acontece, pura e simplesmente, é que já não há carga lectiva para os professores e o que diz a legislação, é que diz que quando não há carga lectiva se tiver habilitação vai dar, portanto do outro... do outro... portanto...

e -... ciclo!?

E -... do outro ciclo. E é isso que as colegas estão a fazer. Eu estou a dizer isso, e estou por exemplo... relativamente ao 2º grupo acontece a mesma coisa, relativamente ao meu grupo...

e - Pois, eu reparo que, por exemplo, alguns del. representam...

E - Sim, sim, sim...

e -... ciclos, ou disciplinas de ciclos que não são...

E -... é por exemplo a [nome de profª - 2]. A [nome de profª - 2] pertence... é profª. efectiva do 1º grupo do 1º ciclo, no entanto está como del. do 3º ciclo. Porquê, a [nome de profª - 2]... eu não digo a [nome de profª - 2] mas digo por exemplo, os últimos professores... hãaaa... do 1º grupo já não têm horário lectivo no 1º grupo e então, o que é que acontece, em vez...

e - Já são sete horas...?

E - Já... e então o que acontece...

e - A que horas é que...

E - Não, não, não há problemas porque hoje há reuniões...

e - Ai há reuniões de...

E - Saem daqui mais... De modo que o que acontece...

e -... não, não, eu também... não podemos demorar muito porque transcrever isto tudo...

E -... mas o que acontece...

e -... quando a cassete acabar, olha...

E - o que acontece é que as pessoas vão dar no ciclo seguinte e gostam mais...

e -... gostam mais?

E -... gostam mais, porque os alunos...

e -... é mudança também...

E - ... é uma mudança...

e - ... quer em termos de matéria, quer em termos de alunos...

E - ... e não só, em termos de alunos são mais adultos, são mais... portanto... pode-se fazer com eles... e além disso a matéria é mais... é menos... infantil, pronto, é dado de outra maneira, e as pessoas gostam, pronto, gostam.

e - Sobre o projecto educativo, não vamos falar nada disso...

E - Sobre o projecto educativo estamos, estamos a começar...

e - Não vamos falar, porque sobre já tenho muita coisa...

E - ... pronto...

e - ... e noutra altura podemos falar...

E - Sim senhora.

e - Reforma Curricular? É só muito breve, qual é... tens alguma opinião sobre a reforma curricular, quer em termos de História, quer em termos de outras disciplinas? Houve alterações? Foram para melhor, foram para pior? O que é que tu achas?

E - Olha, eu sinceramente, a reforma...

e - A escola teve apoio?...

E - ... nã... nã...

e - ... do Ministério...

E - ... nã, não, não... a escola... a única coisa que teve tal como as outras escolas do país... a escola recebeu os programas... eu recebi umas orientações, e a única coisa que eu fiz, embora, o Ministério dissesse para comprarem os programas eu achei que ninguém tinha que comprar coisa nenhuma. Portanto na nossa Reprografia...

e - ... tiraste as...

E - ... tirei as fotocópias, porque ninguém ficava sem... enfim... sem, portanto, o conhecimento daquilo que era a reforma, etc., etc... por falta de elementos. Tudo quanto veio do Ministério, tudo, eu tentei multiplicar tudo e dar a todos os colegas. Foi isso que eu fiz. Agora, se a reforma... hãã... foi positiva? Sinceramente, aquilo que eu vejo mais na reforma...

e - Estamos a falar da reforma curricular...

E - Então vamos lá ver, aquilo que eu vejo mais na reforma...

e - ... podemos também na reforma em termos gerais... na questão da avaliação, por exemplo, depois há esse aspecto, não é?..

E - O que eu vejo na reforma a nível curricular... eu sinceramente, por exemplo, a nível da minha disciplina, eu aquilo que achei foi que... houve uma mudança... passou-se para o 5º ano de escolaridade com aquilo que... com os conteúdos programáticos com que se iniciava o 6º ano de escolaridade, e aquilo que dantes era o meio físico e social passou para o final de... para o final do 6º ano de escolaridade. Não acho que houve uma mudança... só, como digo, só houve mudança para mim de conteúdos programáticos, não houve, não vejo...

e - Em termos de adequação à idade... na proposta de novas metodologias...

E - ... eu, as novas metodologias...

e - ... a apreciação geral, foi positivo, não foi...?

E - Não sei, sinceramente, c... como é que eu hei-de dizer... se foi positivo ou não. As metodologia que eu utilizava era as metodologias que eu continuo a utilizar, o mais diversificadas, possíveis. Portanto, relativamente a isso, não, não... acho que houve uma grande mudança, onde eu na verdade, acho que houve mais mudança foi aquilo que se pretendia com a avaliação que, para mim, conduziu... a maneira como ela... como ela... portanto, foi apresentada, eu acho que conduziu... para mim foi, nnn... eg... para mim foi negativa... acho que não teve... não. não foi positiva, porque fez com que os professores dissessem "O Ministério quer que nós passemos os alunos, pois, vamos passar" e aquilo que aconteceu... aquilo que se foi verificando...

e - ... mesmo da parte dos alunos...!

E - Sim, sim, sim, mesmo da parte dos alunos...

e - ... foi um facilitismo...?

E - ... foi um facilitismo muito grande que criou enormes expectativas nos pais e que depois se veio a verificar... aquilo que... veio complicar a vida das escolas. Porque nos anos seguintes os professores defrontavam-se com o facto dos alunos não estarem preparados naquelas disciplinas em espiral, não terem as bases para, portanto, continuar... e... continuar a desenvolver, e eu, para mim, este aspecto não teve nada de... de... de positivo. E depois... hã... veio com o facto de fazerem-se avaliarmos a parte cognitiva, avaliarmos a... portanto a parte afectiva...

e - ... os valores...

E - ... portanto os valores, as atitudes... e deparou-se com o obstáculo da parte dos professores dizendo "nós não sabemos avaliar valores, nós não sabemos avaliar atitudes, nós não sabemos avaliar comportamentos...", e isto gerou na escola... muitas, muitas... portanto... hã... discussões.

e - Aliás viu-se isso no pedagógico...

E - ... pois isso viu-se no pedagógico. Viu-se, e... portanto, muitos... muitas reuniões de disciplina foi discutido e as pessoas, portanto, disseram "nós não sabemos, nós não sabemos...". Outra coisa que... esta, esta reforma preconiza é, portanto, o ensino diferenciado, uma pedagogia diferenciada, e também ninguém nos preparou para uma pedagogia diferenciada... tu dir-me-ás...

e - ... e se calhar não há condições para isso

E - ... poder-me-ás dizer assim "Ai nós somos professores, sabemos ler, nós fomos habituados a pesquisar, mas por vezes não basta só isso". É preciso mais, não basta só isso, e para fazer uma pedagogia diferenciada, não são... não se faz pedagogia diferenciada com turmas com número de alunos como tens, para se fazer uma pedagogia diferenciada é preciso muito dinheiro, muito disponibilidade de tempo, muito envolvimento e... hã... por vezes... isso... hã... não existe nas escolas...

e - ... e tem a ver até com o tipo de alunos...

E - ... não existe nas escolas. E com o tipo de alunos que se tem...

e - ... e aqui vocês, não é muito fácil...

E - Não é, não é, não, muito fácil, não é muito fácil, apesar de não ser muito fácil, eu acho que a grande parte dos nossos professores se envolve a sério no seu trabalho e... ainda há coisa de dois meses comparando uma... portanto... os níveis, a nível nacional... ahmmm... com os níveis conseguidos, com as percentagens de sucesso e insucesso conseguidos por esta escola, e eu tenho as... os dados todos deste que entrei nesta escola, tenho trabalhos que faço... portanto, é um trabalho de final do ano, é o trabalho do sucesso e insucesso relativamente... dos alunos... eu posso só mostrar um, por exemplo... este é 93/94, este é 94/95... eu tenho isto desde que, portanto... desde que, portanto, que eu estou no CD, e daí, eu cheguei à conclusão que a nossa escola era uma escola de qualidade, porque quando eu leio, o livro da Carmo Clímaco, e quando no glossário ele define o que são escolas de qualidade, em que me diz que as escolas são aquelas onde as médias conseguidas são superiores...

e - ... média nacional...

E - ... à média nacional, eu considero que esta escola é uma escola, nesse aspecto, uma escola de qualidade...

e - ... hás-de, depois... eu depois queria dar uma vista de olhos... um dia depois eu venho cá...

E - ... considero que seja uma escola de qualidade, na medida em que nós... e eu penso que até pedagogicamente, nós... eu acho que estamos a trabalhar de uma forma correcta, por que ainda me dizia a VPCD: "Olha na escola da minha filha não há caderneta para ninguém, olha na escola da minha filha, portanto, os... ainda não sabem as horas em que os directores recebem os encarregados de educação, na escola da minha filha os directores de turma não vão reunir com pais nenhuns...", repara e em muitas escolas, isto também não se faz, no entanto eu faço ponto de honra, aqui... e quando o CP às vezes tal, tal, tal... eu furo por uma legislação, pronto eu sou legalista, mas eu furo por uma legislação, porque eu acho que é extremamente importante os pais na escola...

e - Falando no pedagógico... e agora, o último bloco tem a ver com o CD e com o CP...

E - Sim, sim...

e - Ehh... Em termos muito genéricos, como é que vocês funcionam no CD? Tem reuniões formais? Não... isso não têm?

E - Olha vamos ver... aquelas reuniões formais, isso era no princípio quando nós éramos CD. Nós formamos uma equipa, em que não nos conhecíamos, etc., etc., Presentemente só tivemos...

e - (...)... no vosso caso já não sentem necessidade de...

E - Nós não temos necessidade de fazer reuniões formais, porque aquilo que nós...

e - ... mas fazem sempre as act...

E - ... fazemos sempre as actas. As actas estão sempre todas feitinhas...

e - ... há um dia marcado...?

E - Sim, há um dia marcado.

e - ... fazem as actas?

E - Sim, sim fazemos, e no outro dia fizemos uma reunião formal...

e - ... e encontram-se aqui... conversam... discutem...

E - Encontramos, e no outro dia fizemos uma formal, que eu senti necessidade de haver uma formal quando... por causa da segurança... daquel...

e - ... daquela questão...

E - ... daquela questão. Mas o que é que acontece? Acontece que, por exemplo, nós estamos e a VPCD diz "Oh [nome da PCD], oh isto ou aquilo ou aqueloutro...", portanto a [nome da SCD] diz "Olha, acontece este problema, tal, tal..." e nós tentamos... conversamos e diz assim "Olha, e se nós fizéssemos assim e se fizéssemos assado...", estás a ver?

e - Sim, sim...

E - Portanto e vamos tentar resolver as questões sem ter...

e - Vocês, no vosso horário há... agora não me recordo, mas há pelo menos uma manhã e uma tarde... dois meios dias em que estão as três?

E - Não, não, nosso horário... [levanta-se e vai buscar o horário afixado na porta do gabinete]

e - ... acho que até há mais, não?

E - Portanto no nosso horário, nós temos... repara, portanto, olha aqui estamos as três, aqui, portanto estamos as três, aqui só eu e a [nome da VPCD], aqui sozinha a [nome da VPCD], tal, tal, tal. Estamos mais da parte da manhã, porque da parte da tarde... eu por exemplo estou aqui sozinha... olha, hoje estou sozinha, estou muito bem, repara, estou sozinha, estou muito bem. Aqui na quarta-feira, eu também estou aqui, mas quando eu posso venho sempre à tard... venho sempre aqui...

e - ... pois, mas de qualquer maneira, a... a... [nome da VPCD] está contigo no pedagógico, não é?

E - Está, está...

e - ... e a [nome da SCD]...



E - Sim, sim, sim...

e - ... está contigo, ou está com ela... não é?

E - ... e de forma que, à medida que surgem os problemas, nós... ou então também... eh... se é preciso telefonamos para casa umas das outras. Se temos, assim, um problema que queremos resolver ou estamos preocupadas, hã...

e - Têm as tarefas divididas?

E - Temos. Temos as tarefas... Eu, por exemplo, tenho a meu cargo...

e - Mas estão divididas em... estanquemente... isto é, se aparecer algum... alguém aqui a tratar de um assunto...

E - Não, não... se aparecer alguém para tratar de um assunto, só se for uma coisa muito, muito, muito específica... relativamente ao SASE, por exemplo, captações ou coisa no género é que, portanto, eu canalizo para. Agora se for uma coisa de alunos, embora a [nome da VPCD] tenha o pelouro dos alunos, eu, pronto, hã... hã...

e - ...sim, dás...

E - ... eu dou a volta...

e - ... tentas...

E - ... tento resolver, tento resolver.

e - ... tentas resolver o problema na altura...

E - ... tento resolver o problema na altura, se for, portanto outro...

e - Quer dizer nunca adoptam este estilo de funcionamento: "Vem cá mais logo, porque esse assunto é da não sei quê...?"

E - Não, por norma não, por norma não. Só se...repara, só se, por exemplo, quer a [nome da VPCD], quer a [nome da SCD] não tiverem dados concretos para responder às pessoas, e sabem que eu estou na posse de, elas próprias dizem: "Não está cá...", ou, por exemplo, caso, suponhamos, caso de um horário de uma prof.<sup>a</sup> que é colocada, que o horário está incompleto, está incompleto, e que ela, portanto "... não se pode arranjar um horário completo, tal, tal, tal," e elas dizem "isso só com a [nome da PCD]".

e - Então há alguns assuntos que têm de ser mesmo tratados contigo?

E - Têm, têm...

e - ... a questão dos horários, por exemplo...hã..

E - Têm, têm...

e - ... a questão da gestão das horas...

E - ... a questão das horas, a questão dos dinheiros, a questão, portanto... é pura e exclusivamente, portanto...

e - ... tu és presidente do conselho...

E - ... administrativo. Sim, sim...

e - ... já tínhamos conversado sobre isso...

E - Já, sim, sim, sim...

e - E em relação ao CP? Que opinião é que tens?

E - Sim, bem, vamos lá ver. O CP são... para mim reuniões, bastante desgastantes. Se as reuniões, se ali vai tratar de coisas que são do conteúdo dos professores, como paragem de dia x, não sei quanto, corre tudo sobre rodas...

e - ... resolve-se tudo...

E - ... resolve-se tudo bem. Mas se... o CP vai tratar de determinados assuntos que não bem do agrado dos professores, e que lhes vai exigir ou trabalho ou sei lá...

e - ... ou tomadas de posição relativamente a outros professores...

E - ... ou tomadas de posição relativamente a outros professores, aí aí é extremamente difícil, e quando nós, o CP, quando queremos que haja uma inovação, e... e... queremos que a coisa ande, e tentamos por tudo, encontramos da parte do grupo de professores um bloqueio sistemático...

e - ... os del. são, regra geral mesmo eleitos...

E - São, são...

e - ... ou é por rotatividade...

E - Eh... ah... pois eles são eleitos, mas por rotatividade...

e - ... quer dizer, se as pessoas que vão, são aquelas que querem ir, se dispõem a ir, ou é mais por rotação?

E - Olha, isto são as duas coisas. Há uns que dizem "Eu não me importo de ir". E a pessoa diz "não me importo de ir" fazem eleições e votam nele, há outros que dizem "Ah, eu não quero...", este ano foi um conflito danado para a eleição do professor... do del. de Português. Porque, a del. de Português... o Português tem o 1º, o 2º e o 3º grupos. Do primeiro grupo, ninguém queria ser, a deleg... a colega que estava a ser... a... a... em vistas de ser chorava baba e ranho de todo o tamanho, porque ela dizia "Eu sou... del. de História, sou sim senhora, e agora del. de Português, acho que não tenho competência para ser del. de Português". Depois, os do 2º grupo, diziam, "Acho que não devemos ser nós, por que nós já fomos as quatro, portanto, acho que... se os outros grupos..."

e - ... portanto, Português, História, Português/Francês...

E - ... Português/Inglês. Eles não é Português/Francês porque eles não têm Francês, porque aqui não há alunos de Francês. E depois, portanto, é o Inglês/Português, e então elas diziam "acho que deve ser do Inglês, porque entretanto tinha havido uma reunião antes e a colega que era... que podia ser, não é, e era a colega, portanto, a Natália foi eleita del. de História. Pronto, à partida, estava excluída... (risos)

(...)

Depois resolvemos, mas a colega não gostou. A colega que foi eleita apresentou os seus problemas que estava a ser (...).

e -... mas mesmo assim elegeram-na...?

E -... mas mesmo assim, portanto... elegeram-na, e ela disse que tinha ficado muito triste e que ia apresentar atestado e que não ia ser del... Mas entretanto, a pessoa ponderada...

e -... pois, é que assim isso tinha implicações para a progressão na carreira...

E -... começou a pensar e veio. Por isso é que eu digo, é uma reunião onde a pessoa está ali, muitas vezes, debaixo de uma tensão nervosa muito grande, muito grande, muito grande...

e - No ano passado funcionavam em quatro secçõ.

E -... em quatro secções. É, é, e...

e -... e este ano continuam...

E - Não sei, não sei... portanto vamos também definir consoante o trabalho que nós tivermos. E o que aconteceu, pronto... aquilo que acontece é o que estava a dizer... E, depois outra coisa, e é muito difícil quando se tomam decisões. Eu vou explicar a razão porquê. Porque, quando depois de tomar as decisões, as pessoas dizem "Ela decidiu... Ela", era eu...

e -... mesmo no pedagógico, depois de haver votações...?

E -... mesmo depois do pedagógico, elas diziam "Ela decidiu", e eu então... hã... já há dois anos consecutivos, depois de ter sabido isso disse "oh colegas, desculpem, vamos aqui decidir, porque não quero que se diga lá, portanto, junto dos outros professores, que "Foi ela que decidiu. Porque eu aqui não decido, quem decide aqui é o CP, oh colegas!". Porque elas dizem assim "Tu és muito esperta, quando queres alguma coisa, lá dás a volta, dás a volta, e consegues!". Eu sou muito perseverante. E se não consigo uma vez... a gente vai... água mole em pedra dura, tanto dá até que fura... A mediateca, levei dois anos... O projecto educativo vai levar o seu tempo, mas vai aparecer...

e -... mas levas as pessoas a ceder...

E -... é que às tantas, mas é que, às tantas, elas já encontram-se tão chateadas que dizem "... pronto, eu já não posso fugir a isto, olha vamos lá pelo melhor caminho..." (risos). De forma que... mas eu, também já tenho experiência como elemento de APEE que já fui de uma escola...

e - APEE? Como é que... eu já sei que tu não consideras elemento estranho no CP...

E -... Não.

e -... mas da parte dos outros...

E -... Consideram. Consideram como elemento estranho, consideram um elemento estranho, e já houve conflitos graves. Quando a primeira associação... a segunda APEE. Quando foi na altura, quando os professores organizaram... foi a [nome de prof<sup>a</sup> - 3] e a [nome de prof<sup>a</sup> - 4] que pertenciam ao Clube Europeu, organizaram uma visita à EXPO... hã... depois a APEE da altura tentou também obter, portanto, lá, determinados, portanto... hã... sei lá subsídios, apoios, até da Câmara, e a Câmara prometeu-lhes não sei... não sei o que... e o que acontece que as pessoas ficaram muito ofendidas e houve aí um problema muito grande, e eu sinceramente, senti muita pena do elemento... Dona [nome]... que era o elemento da APEE, estava no CP, se tivesse um buraco tinha enterado, porque ali, disseram tudo e mais alguma coisa, e só houve uma pessoa... e tive que lhe agradecer depois, foi a [nome de prof<sup>a</sup> - 5]...

e -... [nome de prof<sup>a</sup> - 5]...?

E - [nome de prof<sup>a</sup> - 5]. Não está este ano, mas estava o ano passado. A [nome de prof<sup>a</sup> - 5] é que com o seu feitio, que ela tem um feitio de mediadora, com o seu feitio de pôr paninhos quentes, tal, tal. A [nome de prof<sup>a</sup> - 5] fez isso. Porque as pessoas estiveram contra a APEE, porque as pessoas acham que a APEE não tem nada que, portanto, fazer na escola e que é um intruso. E mais, as pessoas quando os pais vêm queixar-se de determinados professores, de professores e de determinadas... pronto... os professores... hã... como que formam um bloco e, portanto, são contra... pronto, contra a assoc...

e -... contra a intervenção da...

E - Sim, é sim senhor... Mas de qualquer maneira em relação a este, já o ano passado... portanto, mas estas não têm... porque só o primeiro, a primeira é que tivemos um senhor, esse falou mais foi quando foi na definição dos objectivos, e ele então como é formador, lá... achava que aqueles objectivos que nós estávamos a definir, não era bem assim. Depois as pessoas não reagiram bem, achavam que ele não estava a ver bem a coisa, e depois...

e -... mas também sabiam que ele era formador...?

E - Não, não sabiam. Só depois... ele é que disse... E então...

e -... hã... porque estou a ver um pai meter-se na definição de objectivos...

E - Foi, foi. Mas depois então, portanto... dele depois até trouxe, portanto, uma planificação. etc., etc., Simplesmente ele define as coisas de modo diferente de como nós definimos, pronto.

e -... formador se calhar a nível profissional!

E - Sim, a nível profissional, é a nível profissional. É, é, a nível do Instituto de Formação Profissional. É na Carris, ele é na Carris. De forma que... pronto... Mas em relação às outras pessoas, aquilo que acontece é que, pura e simplesmente, elas ficam caladinhas, e quando é que é preciso, eu, portanto, peço "Então, qual é a sua opinião? Diga lá? Como elemento da APEE?", também, quando é preciso pedir a opinião, pronto "Qual é a sua opinião?" e as pessoas dão a sua opinião. E quando é na altura de votar, se não põem o braço no ar, eu digo "Vota também. a

APEE também tem direito a voto, tal e qual com outro elemento que está aqui". Pronto. E, eu sinceramente, eu, eu como PCD...

e - ... Nas questões de avaliação, eles costumam estar presentes?

E - ... quando se trata só, só de questões de avaliação não estão presentes. Portanto, nem sequer os convoco...

e - ... por exemplo, a aprovação de critérios? Critérios de Avaliação, no pedagógico?

E - ... mas isso estiveram. Estão, estão presentes, estiveram...

e - Eu aliás, eu nas reuniões todas que assisti, acho que só nesta última é que estive... eu nem cheguei a perceber quem era... era uma senhora?... ou era um homem?

E - ... era, era uma senhora, e estava no grupo onde estava... a [nome de prof.<sup>a</sup> - 7]...

e - ... ela estava, no grupo ao lado de mim...?

E - ... onde estava a [nome de prof.<sup>a</sup> - 7] que disse as pessoas que não são da escola, não são muito bem vistas na escola...(risos)

e - (...)... Sim, sim.

E - ... mas é assim. Mas vai-se trabalhando, portanto... e há uma coisa, eu sou um bocadinho "rata", e então quando eu sei que no CP me vão pôr... isto é assim: o [nome de prof. - 8] é muito amigo da [nome da VPCD], o [nome de prof. - 8] está ali muito sentadinho, de forma que como eles estão muita vez juntos, o [nome de prof. - 8] diz à [nome da VPCD], e a [nome da VPCD] diz assim "[nome da PCD], olha que há este problema assim, assim...". E então o que a gente faz...

e - ...prepara-se...

E - ... e vamos preparados, preparados, e normalmente preparamo-nos de tal maneira que até preparamos a contento da maioria. De forma que não, portanto... olha e se...

e - ... não há sim grandes...

E - ... olha e também se não fosse assim... te garanto que também não era... também não estávamos... o décimo segundo ano, mesmo com as coisas todas que estávamos aqui... não, eu penso que não...

e - ... pois... era difícil aguentar...

E - E, é difícil. Mas consigo... Mas eu não me consigo... olha sinceramente... "Para o ano não faço lista..." Também não sei o que é que aí vem, mas digo-te...

e - ... depois não há... há três nomes, e mandam o teu nome para lá... não é por lista, é por nomeação...

E - ... não sei, mas se não ficar no CD, tenho muita pena de não ficar no CD..

e - ... pois, de qualquer maneira, o que está, já é um bocado há vossa... imagem, não é?

E - Pois, pois é.

e - ... e a pior coisa que pode acontecer é vir para cá alguém que estrague tudo o que foi feito...

E - ... mas não saio, se vier... não saio...

e - ... não saís da escola...?!!

E - ... não saio. Eu vou-te explicar porque é. Não saio por uma razão muito simples, é que quando eu estive em [nome de povoação - 3]... hã...hã... portanto, a presidente do CD que se me seguiu foi fazer queixa de mim ao Ministério e eu tive um processo disciplinar, portanto, que ficou arquivado, porque não se provou nada daquilo que ela disse, por causa de uma fotocopiadora que não tínhamos e que alugámos à Beltrão Coelho, e quando foi para denunciar o contrato no prazo devido, não denunciámos

o contrato e ela viu-se ali a braços com o dinheiro para pagar, portanto, aquilo, e ela foi... foi, foi horrível, horrível, de forma que andei seis meses ali...

e - ... ser chateada...

E - ... a ser chateada... O inspector a meu favor, aquele pessoal a meu favor, quase todos a meu favor. Olha foi... ao mesmo tempo foi bom, foi bom. Ainda hoje dizem, no outro veio cá uma "Oh, s'tora, nunca houve lá nenhuma como a s'tora". Dizem elas. Repara, porque aquilo, a pessoa... eu quando me entrego, gosto de me entregar...

e - ... as relações humanas é essencial, porque é isso que as pessoas acabam por recordar, não é... não...

E - ... (...) e repara, e... e... eu sou muito próxima, talvez, pelos meus antecedentes familiares. a minha gente, portanto... o meu avô era um trabalhador rural, portanto, o avô, o avô [do lado] do meu pai nem o conheci, que era um homem que, morreu... eles eram tão, tão novos, mas era gente humilde. Sempre fomos habituados a tratar com as pessoas humildes, e... pronto... e gosto de tratar e... e devido à minha formação também moral e religiosa acho que o meu semelhante é sempre o meu semelhante, deve ser tratado com respeito, e deve ser...

e - ... quem é que tu achas que tem melhor opinião... eh... do CD e de ti? Os professores ou o pessoal não docente?

E - Eu não sei, sinceramente... sinceramente.

e - Não fazes ideia?

E - Não, não faço ideia, olha sinceramente, não faço ideia, não faço... eles acham que eu...

e - ... eu ia dizer que se calhar era o pessoal não docente...

E - Olha, eu acho, eu acho que... Sabes o que é que eles dizem, eles dizem que é assim... dizem que eu sou assim, portanto, na altura sou capaz tretetrrtr... pronto, mas depois se eu verificar que as pessoas têm razão, dou a mão sempre à palmatória, e sempre que é preciso, portanto, ser-se humana... podem contar comigo...

e - ... mas eu não acho que fervas em pouca água...

E - ... eu também acho, eu às vezes que até sou paciente demais...

e -... quando é terminavas o tempo...mesmo para entregar...

E - Meu? Portanto em Dezembro deste ano.

e - Dezembro? Deste ano?

E -... porque eu sou daquelas que apanham...

e -... pois... ainda apanhavas os três ano...

E - Ainda apanhava os três anos...

e -... e nós... eu no meu caso, acabámos por apanhar os três anos também..

E -... três anos, repara, agora conta... portanto, eu acabava o meu tempo, agora, em Dezembro deste ano... comecei em 93, comecei em 93...

e -... eu comecei um ano depois, então, e ela começou, no mesmo ano, depois. O tempo dela acaba, portanto, também em Setembro, só que se calhar ela não entregou nada ainda...

E - Não, não... não entregou nada... não entregou nada, estás a ver?

e -... isso vai ser... está em muito maus lençóis...

E -... pois está...Estás a ver estas estatísticas... todas... sabes quando é que fazia isto, eu vou-te dizer quando é fazia isto...

e -... eu depois venho cá um dia e...

E -... foi quando eu estava em [nome de povoação - 3]... depois era presidente do CP, já no CD era também presidente do CP e tínhamos, não sei quantos núcleos de... portanto, tínhamos de Inglês, de Educação Visual, tínhamos de não sei quantos de... portanto, de profissionalização em exercício, sem del., e então eu é que tinha de marchar, tínhamos a secção, mas está claro eu é que... tinha de ser encabeçada por mim, e então havia um colega que até pertence ao movimento "A Escola Moderna" que era o [nome de prof. - 11], tenho a impressão que é assim, e...e, e ele disse assim "oh, [nome da PCD], gostava de fazer sobre isto assim, assim.."; "oh [nome de prof. - 11], então porque é que não fazes, este lado assim, assim, assim..." Entretanto, mostrei ao inspector e ele disse-me "Olhe, ficava bem se incluísse isto, isto, isto e isto, e a partir daí aquilo que eu fiz, foi o trabalho do [nome de prof. - 11], mais as orientações do inspector, mais outras coisas que nós temos achado que fiquem bem, e fizemos, de forma que...

e -... mas todos os anos, têm...

E - Todos os anos...

e -... com os horários dos alunos...

E -... com os horários dos alunos não...

e -... com os horários das turmas... estes são os horários das turmas, não é?...

E -... sim, sim, sim, com os horários das turmas, com os professores... tudo...

e -... pois isso é um registo fundamental...

E -... eu acho que é extremamente importante, estás a ver? Qualquer pessoa chega aqui... vê... Este que está mais bonito... foi a colega que fez., este é 94/95, se for 95/96, é o deste ano...

e -... mas já tens feito o deste ano?

E -...já... então... oh, olha, isto é trabalho de férias... então, 95/96. Há uma equipa que... pronto... aqui estão as coisas, os horários, portanto, com... e depois ali com... (...) Isto é bom até para nós sabermos quem foi... o que leccionou, tal, tal, tal...

e -...Sim, sim, isto até dá para fazer uma história da escola...

E - Sim senhor, sim.

e -... está aqui tudo...

E -... está tudo... o 9º ano... portanto as matemáticas...

e -... mas quem é que fez estes quadros? Foste tu?

E - Foi a [nome de profª - 12] é que fez, portanto, os quadros...

e -... a [nome de profª - 12]...??

E - Foi a [nome de profª - 12]...

e -... ?? Ela foi-se embora...??

E - Foi, foi-se embora... Foi o ano pass... não, já foi...

e - Então, ela foi-se embora, e agora quem é que vai fazer isto...?

E - Fazem outros...O ano passado foi ela, agora passa para os outros. Fazem... primeiro que nada eu tenho que saber... quem é que sabe mexer no computador, trabalhar no computador, a partir do momento que saibam trabalhar no computador, já sabes... isto é uma rentabilização da formação de cada um... de modo que uns fazem de uma maneira, outros fazem doutra, e...

e -... seguem este padrão...

E -... seguem o padrão, seguem, seguem...

e -... aliás, isto existe em registo é só meterem os valores...

E -... está... 93/94, aqui está olha...pronto aqui está, uns colegas fazem...

e -... tens aqui 94/95...

E -... pois está... e este é 93/94...

e -... qual é que tu me arranjaste?

E -... eu arranjei-te esses todos...

- e -... eu acho que não... que não ferve em pouca água...
- E -... eu acho... às vezes eu acho que até sou paciente demais...
- e -... conheço pessoas que passaram por conselhos directivos e que... ferve em água... em muito pouca água... e isso geralmente constituiu um problema muito grande, porque, por vezes têm situações que são completamente irremediáveis... quer dizer, nem pedido de desculpas, nem nada disso conseguem resolver... há situações são tremendas.
- E - Pois, pois...
- e - Bom [nome da PCD], já estivemos aqui, muito tempo na conversa, isto ainda não é a conversa toda, portanto...
- E - Pois não, ainda falta mais, ainda não falámos em conflito, nem em nada...(risos)
- e - Isso é depois...
- E - Isso é depois, mais para a frente.
- e - Agora em termos mais gerais... eh... não... algumas coisas eu passei por cima, porque são coisas que... já tenho alguns dados, de qualquer maneira eu penso que se calhar, quando eu voltar cá, assim em conversa, assim com o gravador sempre vai apanhando alguma coisa...
- E - Tá bem... (risos)
- e - Porque tenho uma grande dificuldades, em fazer depois os registos...
- E - Acredito, acredito...
- e - Apesar que isto vai-me levar um di...mais de um dia.
- E - Leva, leva... leva-te aí umas dez horas, que era o que me levava a mim...eu, pronto...
- e - É quase uma hora e meia...
- E - É? Ah, então demora-te muito mais... demora-te muito mais, mas paciência, portanto, olha é o trabalho.
- e - Eu ainda vou ver se faço isto mesmo *ipsis verbis* ou se... ou se...
- E -... ainda hoje...
- e -... em principio, não devo omitir nada, não devo cortar...
- E -... ainda hoje estava aí uma colega, que está a fazer também o mestrado, ela é de matemática, e estava até com uma colega, com a [nome de prof<sup>a</sup> - 10], estava-lhe lá, portanto...
- e -... é a [nome de prof<sup>a</sup> - 10] que está a fazer... ela não desistiu, pois não...?
- E - Não, não! É a [nome de prof<sup>a</sup> - 9] que está a fazer...
- e - Ah, sim, é a [nome de prof<sup>a</sup> - 9]...
- E - É a [nome de prof<sup>a</sup> - 9] que está a fazer, e já está a faltar desde o início do ano, estás a ver. Os pais já estão aí em pulgas, em pulgas, já estão em pulgas...
- e -... ela tem, se começar ao mesmo que o meu...ela tem de acabar...ela tem de entregar até 30 de Setembro... já saiu a decisão...
- E - Não, não... eu acho que tinha... tem de apresentar até não sei quantos de Abril, ou não sei quantos.
- e -... mas ela é da Faculdade de Psicologia também...
- E - Pois é, mas ela... vamos lá ver, ela começou...
- e - O que ela se calhar ainda entregou ainda sequer, foi o projecto...
- E - Pois não, pois não...não entregou...
- e - Ah! O projecto!...
- E - Pois não, pois não...
- e -... mas eu, o projecto já entreguei há um ano...
- E - Ah, mas ela não entregou... ela não entregou... A [nome de prof<sup>a</sup> - 9] é assim...
- e - Mas então está em muito maus lençóis...
- E -... a [nome de prof<sup>a</sup> - 9] é assim...repara uma coisa, a [nome de prof<sup>a</sup> - 9] fala muito, fala muito bem, escreve muito bem, simplesmente quando se trata de pôr as coisas no papel...
- e -... sentar e...
- E -... sentar, não é, portanto com a mesma fluidez e a mesma facilidade com que...
- e -... porque o projecto eu entreguei-o no final do primeiro ano, do primeiro ano do... do... curricular...
- E -... até o meu projecto, o meu projecto...
- e -... no primeiro curricular eu entreguei o projecto... já entreguei à... quase um ano..
- E -... até o meu projecto... por exemplo o meu projecto da... da... minha tese, se eu a tivesse feito, já há mais de um ano que eu, portanto... com o aval do orientador...
- e - Tu, também, começaste quando? Começaste quando... à mesma que eu...
- E -... eu comecei em 93, em 92/93...
- e -... nós estamos em... 9...
- E -... não sei se comecei em 92/93... ou comecei...
- e - Eu sei que em Setembro deste ano...comecei há dois anos
- E -... 92/93, 93/... não, já comecei depois...pois
- e - Eu comecei há dois anos, comecei há dois anos... eu entreguei em Junho do ano passado... entreguei o projecto.
- E -... e eu já... tinha entregue... e eu tinha entregue, portanto... em 94, em 94 tinha entregue o projecto. Re-para uma coisa, para eu, para o meu tempo... para eu terminar o tempo...

e - Tu arranjaste-me 95/96 e 94/95...as pautas.

E - Ah sim, mas está tudo aí... está... está tudo aí... Este, olha... deixa cá ver, aqui está este, este já morreu, foi para a (...), fez... Este foi o Carlos que fez, é 91/92... E estão aqui os outros... só houve uma vez um, houve uma safada, que não tem outro nome, que eu estava de férias, e disse-lhe a ela, era uma provisória, "Oh colegas, faça isto assim, assim..." e ela apanhou-se sem mim e não fez nada, não fez... é a única... Estás a ver, aqui está... 90/91...

#### DEPOIS DA ENTREVISTA

Após a entrevista ter terminado, continuamos a conversa, agora sem gravação. A propósito do papel do PCD, das suas competências e dos seus dilemas, a PCD referiu-se a um caso que se tinha verificado com uma colega que tinha faltado durante bastante tempo, e que se tinha descurado na justificação das faltas. O número de faltas injustificadas era tal que implicava o levantamento de um processo disciplinar por falta de assiduidade. Segundo ela, por vezes, naquelas funções, as pessoas têm de ter uma certa flexibilidade, porque, por vezes ser inflexível e rígido em excesso, não leva a lado nenhum e eventualmente só piora as coisas. No caso em concreto, disse a PCD que a solução tinha sido a de procurar, utilizando todos os tipos de justificações, nomeadamente o desconto de férias, para conseguir que do ponto de vista administrativo, a situação ficasse resolvida, evitando assim a acção disciplinar, a que de outra forma ela própria era obrigada por lei a instaurar.

"De que é servia o processo disciplinar? Não resolvia nada, e além do mais só traria 'chatices' para mim e para a prof.<sup>a</sup> em causa" acrescenta a PCD.

"Além do mais...", disse, "... a prof.<sup>a</sup> até era uma pessoa que não tinha problemas de assiduidade anteriormente, e era uma pessoa competente."

## **B) VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO**

el vpc

28/10/96 - 15h 00m - 15h 45m - Escola A

ENTREVISTA À VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

#### ANTES DA ENTREVISTA

Cheguei à escola cerca das 15.00.

À entrada, na portaria, a funcionária disse-me que a PCD se encontrava na escola, mas que não tinha a certeza se a VPCD já estaria, porque a tinha visto sair, mas parecia-lhe que ainda não tinha voltado.

A porta do GCD não se encontrava fechada à chave. Espreitei lá para dentro, mas não estava ninguém.

Dirigi-me para a sala de fumadores. Estavam lá algumas professoras. Falavam sobre questões relacionadas com a formação de professores. Contavam episódios passados nas faculdades do Porto e de Lisboa nos respectivos cursos.

Entretanto chegou o del. de E. Visual/3°C. Passados alguns momentos (3/4 minutos) assomou à porta da sala a PCD. Cumprimentou os presentes. Dirigi-me a ela e perguntei-lhe se tinha visto a VPCD. Ela foi ver no horário do CD, na porta do gabinete, e disse-me que estaria a chegar.

Entrámos no gabinete. Lembrei-lhe dos documentos que lhe havia pedido, o Regulamento da Escola, o projecto educativo, o plano de trabalho da mediateca, etc... Ela disse que ainda não os tinha posto a fotocopiar, mas que isso podia ser feito já. Pegou nos originais e foi para a Reprografia tirar cópias. Eu fiquei no gabinete, mas de seguida lembrei-me dos documentos sobre Procedimento Disciplinar que trazia comigo para levar depois ao [nome do PCD], e fui para junto dela, na intenção de lhe perguntar se estava interessada numa cópia daqueles documentos. Ela disse-me que sim.

Enquanto tirava as fotocópias falámos sobre questões de disciplina..

A certa altura perguntei-lhe se o esquema de senhas [tratado na última reunião do CP] ia ou não para a frente. Respondeu--e que não. "... olha, isso é muito bonito, mas ao fim e ao cabo, apenas iria dar mais trabalho ao CD, e iria ficar tudo na mesma. O que as pessoas tem de perceber é que têm de esperar a sua vez, e pagar com dinheiro é que deve ser. Não há nada melhor do que o 'dinheirinho' nessas coisas". Referia que estava à espera de um pessoa que vinha ver da instalação de uma máquina de cafés. "... daquelas que se mete a moeda".

Depois de já ter tirado todas as cópias dos documentos que eu pedira, apareceu a funcionária da Reprografia [que tinha estado noutra posto de trabalho]. A PCD pediu-lhe para tirar as restantes cópias (do guia do procedimento disciplinar).

Já no gabinete, de novo, a VPCD ainda não tinha chegado, verifiquei que faltava nos documentos o Regulamento Interno da Escola. A PCD disse que dele não precisava de tirar fotocópia porque tinha exemplares já tirados, procurou numa pasta e deu-me um exemplar.

Após isso voltei à sala de professores.

Entretanto chegou a VPCD. Esteve ainda a arrumar uns papéis. Enquanto isso as duas iam conversando sobre assuntos correntes da gestão da escola, qualquer coisa sobre comportamento dos alunos e atendimento de pais.

Eu avisei a VPCD que ia até à sala de professores fumar um cigarro e que quando ela estivesse pronta que passasse por lá.

Não esperei mais de 5 minutos. Entretanto tinha passado já o intervalo das 14.30.

Ela apareceu à sala de professores dizendo que quando eu quisesse ela estava pronta. Acompanhei-a e procurámos uma sala. Fomos para uma sala de grupo. Disse-me que naquele momento estavam as salas todas ocupadas. A sala estava fechada. A VPCD pediu a uma funcionária que abrisse a sala.

#### ENTREVISTA

e -... se te recordares de um episódio... que tivesse acontecido, no tempo que estiveste aqui na escola e que te tenha marcado... em termos de funcionamento da escola, sem... um episódio qualquer... Portanto... entrevista à Presid... à VPCD. A primeira, a primeira coisa que te pedia, era que te situasses, em termos profissionais e em termos pessoas... há... na escola, portanto...

E -... nesta escola?

e - Sim, quando é que começaste, há quanto tempo és prof., em que escola é que fizeste a profissionalização...

E - Sabes que... eu sou de... do curso de Ciências e Biologia, em que... nós na licenciatura já era com o estágio, ou seja, no último ano da licenciatura, era... nós tínhamos as opções, ou íamos para a via científica ou íamos para a via do ensino, depois do bacharelato...

e -... aqui em Lisboa?

E - Aqui em Lisboa, na Faculdade de Ciências, por isso fazíamos o bacharelato e depois era-nos dado duas vias: via de ensino ou via de investigação. Eu segui imediat... imediatamente a via de ensino, e por isso, no quarto ano fiz as pedagógicas... ligadas a... ao ensino e depois o quinto ano já era o estágio propriamente dito...

e -... e fizeste o estágio aonde?

E - Fiz na [nome de escola - 3].

e - A [nome de escola - 3], ainda com as instalações antigas...?

E - É sempre a mesma. Não é a [nome de escola - 9], é a [nome de escola - 3]. A [nome de escola - 3] esteve sempre no mesmo sítio. Ao pé da casa da [nome da PCD], não sei se estás a ver aquelas (...). Sabes onde é que a [nome da PCD] mora...

e -... a C+S de [nome de povoação - 13]...

E - Não, não tem nada a ver com isso...

e -... não tem nada a ver com...

E - A [nome de escola - 3] é ao pé da piscina, pronto, por detrás da piscina, e por isso eu fiz o estágio integrada ainda na licenciatura, ou seja, só me deram a licenciatura quando acabei o estágio.

e - Isso foi há...?

E - Isso foi em 80/81.

e - Portanto há...?? 80/81... há 15 anos...

E - Há quinze anos... Por isso eu nunca fui provisória. Estás a perceber?! Passei imediatamente a profissionalizada...

e - Depois efectivaste a onde?

E - Tive... depois efectivei-me em [nome de povoação - 14]. Tive um ano em [nome de povoação - 14], depois passei um ano para [nome de povoação - 2], e de [nome de povoação - 2] vim para [nome de povoação - 1]. Estou na escola, aqui de [nome de povoação - 1] desde que ela... iniciou...

e - Na secundária...

E - Não, na preparatória, naquela altura só era preparatória. Havia a preparatória... a secundária em frente, mas não havia o unificado ainda na preparatória... Depois estive em [nome de povoação - 2], e depois vim para... para aqui, e estou aqui desde que a escola, praticamente abriu... Ela abriu em Janeiro e eu vim no ano lectivo... em Setembro. Estou aqui há treze anos...

e - Há treze anos...

E - Sou praticamente da fundação da escola.

e - Vieste para aqui... moras aqui perto.

E - Moro na [nome de povoação - 7]...

e -... e porque esta e não... na [nome de povoação - 7] há outra escola..

E - Porque eu... há... há... porque... exactamente, eu não gostava de trabalhar... no mesmo sítio onde moro... porque... a experiência, quando estava na [nome de escola - 3], na altura, os alunos de [nome de povoação - 15], porque na altura morava em [nome de povoação - 15]... quando (...) estava em [nome de povoação - 15], e portanto, na altura os alunos de [nome de povoação - 15] vinham para a [nome de escola - 3], e eu não gostei da experiência de ter alunos do sítio onde se mora, porque depois encontrávamos as mães, e encontrávamos os encarregados de educação, e todos no supermercado, todos aqui. todos ali, e a conversa era sempre a mesma. Depois concorri... nunca concorri para as escolas da [nome de povoação - 7]...

e -... e estás no conselho dir... estás... qual é a tua experiência de gestão? Foste del.? Coordenadora dos Direct...

E -... Fui del., CDT... há...

e -... DT, também...

E - ... isso, DT, fui sempre desd... até no CD fui DT., porque quando entrei para o CD estava (...) com uma turma... com uma direcção de turma anterior e pedi uma autorização para o Ministério, porque gostava de levar até ao final do ciclo. E é um dos trabalhos que mais gosto de fazer... é DT... gosto bastante mais do trabalho de director de turma do que do CD...

e - Tu no CD, uma das coisas é... é... tratas dos alunos...?

E - É, é dos alunos... os alunos e o pessoal auxiliar de acção educativa.

e - ... os alunos em termos de quê? Da relação com as famílias? Disciplinares?

E - Sempre... Problemas de comportamento, problemas pedagógicos, relação com as famílias, por isso... contactos com instituições...

e - ... sim..

E - ... embora... nós no CD estej... vá está sublinhado (?), mas sabe que... qualquer uma de nós, normalmente...

e - ... existe alguma fluidez...

E - ... é, pegamos no caso quando ele aparece, não estamos à espera que chegue uma ou outra, para fazer isto ou aquilo, e tenta-se encaminhar as situações...

e - ... a tua opção... foi uma opção ou foi por acaso que foste para... para... o CD? Como é que isso surgiu? Achas que tens... gostas de estar no CD? Tens...

E - ... É assim., deixa cá ver como é que surgiu. Surgiu porque a [nome da PCD] me convidou, não me perguntar porquê? No ano em que ela trabalhava com outra equipa, depois o [nome de prof. - 13] foi-se embora, e depois... tudo bem isso já não sei, sei que a [nome da PCD] me convidou, já não me perguntar porquê, e eu achei que podia ser interessante...

e - ... já foi há sete an...

E - ... há dez. Já vamos no décimo ano com a mesma equipa.

e - Ah! tu estás há dez anos. A [nome da SCD] é que não!??

E - A [nome da SCD] está há menos, porque estive 2 anos com o [nome de prof. - 14]. O [nome de prof. - 14] era o secretário do CD.

e - Tu a... a [nome da PCD] e o [nome de prof. - 14], fizeram então...

E - ... o primeiro mandato que nós estivemos no CD era eu a [nome da PCD] e o [nome de prof. - 14]. E...

e - Vocês não se conheciam de lado nenhum? Tu e a [nome da PCD]?

E - Não, não... não nos conhecíamos rigorosamente de lado nenhum. Pronto, conheciamo-nos daqui. A [nome da PCD] tinha feito o mandato anterior com o [nome de prof. - 13] e o [nome de prof. - 15] (?), pronto, depois entrámos, eu o [nome de prof. - 14] e ela. Não me perguntar porquê porque não me lembra. Depois na altura eu achei que... tenho uma experiência engraçada, já tinha sido... del., já tinha sido CDT, disse assim "deixa cá ver... qual é a experiência", andei completamente às aranhas... foi qualquer coisa de... porque não sabia nada. Eu acho que quem cai no CD, ou tem muita sorte...

e - ... mas já tinhas sido CDT...

e - ... mas não tem nada a ver... Sabes que... pronto, o trabalho de direcção de turma, depois com o trabalho do CD, terá alguns pontos em comum relativamente aos alunos... vá... e ao contacto... mas toda a globalidade da escola, uma pessoa tem uma visão completamente diferente do que quando está no CD, não tem nada a ver com a pessoa que entra...

e - ... tem uma visão de conjunto...

E - É, é exactamente. é a visão conjunta, não é a visão individual das coisas.

e - E neste momento olhando um pouco para trás, neste momento sentes-te mais como prof.<sup>a</sup> ou como membro do... de um órgão de direcção?

E - Gosto muito, ainda mais de (...)

e - Portanto... quer dizer, tu quando actuas em termos de CD nunca perdes, então, a perspectiva de... prof.<sup>a</sup>?

E - Não. Às vezes perco um bocadinho...

e - ... mesmo em relação aos colegas...

E - É isso. Às vezes perco um bocadinho, relativamente aos colegas e ao pessoal auxiliar de acção educativa... em relação aos miúdos, eu penso que não perco tanto... porque, na realidade, gosto muito de dar aulas.

(...)

e - Muito bem...

E - ... e mais ainda te digo, acho que era uma experiência... não concordo que toda a gente deva ser elemento do CD... mas que acho que é uma experiência que toda a gente devia passar... por ter, embora que há pessoas que não têm maneira de ser e nem carácter para lá estar... pronto...

e - ... mas se calhar também era preciso... quando fizeste a profissionalização, em estágio, portanto... no ramo educacional mesmo, não têm nenhuma preparação, nem sequer, se calhar, para a direcção de turma...

E - Tive, tive, tive...

e - ... em termos teóricos?

E - Em termos teóricos e em termos práticos...

e - ... em termos práticos?

E - ... tudo... sim, porque eu tive, na realidade, tive uma formação no terreno, porque tive, ao contrário das outras pessoas, eu no estágio aprendi tudo, Luís. Até a como bater um livro de ponto (?).



e -... mas isso é uma vantagem, ou uma desvantagem?

E - Eu para mim foi uma vantagem.

e - É uma vantagem!?? Em termos de organização? Da...

E - Eu aprendi, por eu era DT também, nós no ano de estágio éramos directoras de turma. Éramos orientadas a fazer o trabalho de direcção de turma...

e -... mas em relação à direcção da escola no seu conjunto...

E - Ah, isso não.

e -... não!??

E -... rigorosamente nada, tanto que nós estamos lá num cantinho à parte, num mundo à parte, o contacto com a direcção da escola era praticamente nulo. Sabes que os grupos de estágio... naquele tempo... os grupos de estágio naquele tempo eram muito fechados...

e -... pois actualmente também... fazem aqui... mas não há...

E - Pois, na... éramos capazes de estar desde as oito e meia da manhã até às oito e meia da noite na escola... mas assim... entre quatro paredes, o contacto era pouco.

e - Primeir... sobre... instalações, não há muito a dizer, não é? Foram sempre...

E - Nesta escola?

e - Sim, sempre foram assim...??

E -... sempre foram assim. Tem-se vindo a melhorar, pontualmente, aquilo que se pode melhorar.

e - Em termos de equipamentos? Há algo que foi feito, portanto... quando começaram aqui com o ciclo... com o 3º ciclo... por causa de...

E -... o 3º ciclo...

e - Houve adaptações?

E - Não. A única coisa que se adaptou foi uma sala... por causa da Físico-Química, quer dizer a Físico-Química tinha de... ter um laboratório, que a escola não tinha, e por isso foi a única adaptação que se fez, por causa da Físico-Química...

e -... e em termos de... de material?

E - O material... adquiriu-se bastante material para a Físico-Química, penso que elas dizem que não é o suficiente, mas adquirimos bastante material, nós também tivemos a vantagem de que entretanto a escola... foi desactivada e nós recebemos muito material da escola... principalmente de Físico-Química, exactamente porque aquela era já secundária e unificado, e então com tinham laboratório e tal, tal... portanto vieram para aqui... mas, propriamente eu acho que não...(...) aos longo dos anos... tem havido uma grande... e algumas coisas têm-se comprado...

e - Tu como VPCD, podias ser a presidente do CA, mas não houve essa delegação...

E -... nem eu aceito...

e -... o que é que achas...?

E - Nunca! Se tiver que ficar com...

e -... porquê..?

E -... porque eu não gosto de trabalhar com dinheiros. Faz-me muita confusão, e...

e -...estás mais vocacionada para a questão com os alun...

E -... e... tenho sempre muito medo... Também é uma coisa que... tenho sempre muito medo que falta ali alguns tostões e... que haja algum...

e -... quer dizer, então a [nome da PCD] contigo foi sempre a presidente do CA?

E - Sempre, sempre!

e - Mas ela contou-me também que teve uma experiência não muito agradável, já não sei há quanto tempo, deve ter sido um dos casos então... desagradável no sentido que ela não, não... não gostou, não gostou muito da experiência...

E -... provavelmente foi com... o anterior...

e -... que a partir daí nunca mais... porque tinha sempre que pedir... quer dizer ela é que era a responsável última das coisas mas tinha que pedir a opinião...

E -... ela tinha de pedir autorização para...

e -... ao conselho admin... sei lá...

E -... Eu (...)... E também não quero (...)

e -... porque isto vinha a propósito da questão da responsabilidade... da responsabilidade... do problema das instalações, da segurança das instalações, da manutenção, isso é de quem? É dela também? É da Piedade também, ou...?

E - Não, não... essencialmente é um trabalho conjunto. A [nome da PCD] gere o dinheiro, mas ela geralmente gere o dinheiro consultando sempre os grupos sobre as necessidades mais urgentes...

e -... mas quando tem a ver com as instalações que não tenham a ver propriamente com os grupos... isso é uma coisa que vocês falam...

E - Isso geralmente é uma coisa que é gerida... por que nós geralmente fazemos sempre a opção sobre aquilo que é mais urgente para a escola, ou que será melhor para a escola naquele momento, mas geralmente isso é uma coisa que é gerida entre as três, a [nome da PCD] não toma essas decisões sozinha e mesmo que tomasse, como ela

tem, geralmente tem um sentido muito prático, tomava muito bem, não havia qualquer problema em ela tomar, mas geralmente não toma...

e - Portanto, não achas que em termos de instalações haja qualquer influência negativa na... das instalações, faltas de instalações... carências... no trabalho dos colegas... dos professores...

E - É o caso particular da E.Física, não é??... é um caso muito particular, muito grave... mas que tem sido uma luta contra a maré... o caso dos balneários... eu já não falo no pavilhão... eu acho que é irracional... que nós não temos um espaço para (...)...

e -... mas... os balneários é uma coisa difícil de resolver...

E - (...)

e -... e não conseguem nada por parte do Ministério?

E -... já fizemos tudo possível e imaginário...já se escreveu para a Câmara, já se fizeram exposições à Câmara, perguntas ao Ministério, a APEE, todos têm trabalhado e com...(.)

e -... mas nunca aparece...

E - Não. Bom, em relação ao resto, eu penso que neste momento nós temos um problema grave na escola que eu...ainda nem disse à [nome da PCD]... até porque foi discutido, esta semana, fora de portas da escolas, que é uma sala que nós temos a funcionar (...)... Eu nunca estive lá, em termos de aulas... mas também acho que se toda a gente se queixa em bloco, alguma razão há-de ter...

e -... sala..?? Não tem condições porque?

E -... porque é aquela sala que está pegada com o refeitório, que é a sala 26, em que nós...

e -... é uma sala adaptada...

E -... foi exactamente, tirámos... roubámos um bocado ao refeitório, fez-se uma parede falsa e se adaptou, e... e... pronto... todas as pessoas se queixam muito... é impraticável dar aulas...

e -... por causa do barulho, se calhar...

E -... por causa do barulho, porque os miúdos... é uma zona onde eles brincam muito, porque eles também não têm espaço para brincar, praticamente, na escola, não é...é uma zona onde eles brincam muito, onde se ouve muito... por exemplo, quem dá aulas do meio dia e meia à uma e meia, quando o refeitório já está a funcionar, é muito mau, quem dá aulas da uma e meia às duas e meia, idem, idem...e que... aquela zona é... muito má...

e - Neste momento, vocês não têm... não têm margem de manobra em termos de gestão dos espaços para aulas...

E -... não, não...

e -... está tudo...

E -... está tudo completamente ocupado...neste momento em termos de gestão de aulas, só não temos a sala 27 ocupada, porque isso... pronto, foi uma questão de principio...nós queremos avançar com um projecto que... e agora que se vai ter uma reunião com os alunos do unificado...queremos uma sala só para eles...para eles fazerem, para eles decorarem, para eles... para ser a sala deles propriamente... com alguém... que alguém tem de ser responsabilizado pelo seu cuidado, mas ser deles...se quiserem pôr papel de cenário nas paredes...porem, pintarem, des-pintarem, voltarem a pôr... mas terem o espaço deles... que não têm... não têm...

e - Em relação ao alunos, qual é a opinião, em termos genéricos...

E -... da escola...?

e -... isto é, eu sei que a maior parte deles, uma grande parte pelo menos, são daqui mesmo de [nome de povoação - 1] e daqui... do... [nome de povoação - 5]...

E -... parte do [nome de povoação - 5]... Desde que eu estou na escola...

e -... têm características especiais...??

E -... tem, tem... tem características... são miúdos, não direi a sua grande maioria, não vou dizer... temos bons alunos na escola, em termos de... bons alunos em termos de... humanos, eu já não estou a falar em aproveitamento, não é... pronto... estou a falar em termos humanos... nós temos alunos na escola... mas temos um grosso, são miúdos muito desprotegidos... e tudo mais... famil

e -... desprotegidos em termos...famil...

E -... familiares...

e -...económicos...

E - As vezes, não é tanto em termos económicos... pronto, tirando talvez... assim um grosso de alunos de cor que vivem aqui na quinta (...) e que são muito desfavorecidos, penso que nos outros miúdos de raça branca não há tanto... não é tanto a desprotecção económica. é mais a desprotecção...

e -... familiar...

E -... familiar, pai, mãe...

e -... o pai, a mãe vai para o trabalho, não sei quantos...

E -... exactamente. Completamente abandonados a eles próprios... e está-nos a surgir uma coisa, este ano nunca até agora nos tinha surgido que é a violência...

e -... racial...?

E -... não, não... tirando essa, essa também se está a notar, é a violência de pais para os miúdos. Este ano já tive dois contactos com aquela linha... S.O.S. infantil... Dois contactos que eles fizeram cá para a escola para identificar dois alunos que... foram feitas queixas para essas linhas...

e - Os próprios que... Foram os alunos que fizeram...

E -... por acaso não foram...

e -... vizinhos, se calhar...

E -... foram vizinhos...exacto. Até por acaso, soubemos hoje de um caso em que foi... o miúdo queixou-se... de tal modo que os colegas ficaram impressionadas, que os colegas que foram para casa... uma colega que contou aos pais, e foi a mãe que telefonou para essa linha... a mãe da miúda que... participaram o que se estava a passar... e eles têm contactado a escola. Foi uma coisa que... eu nunca tinha visto... só este ano é que... a... a nível de... a nível racial... eu acho que neste momento está a começar a haver um...

e -... mas é mais este ano, porque o ano passado não, não...

E -... já o ano passado se começou a despoletar, aqui, um bocadinho a... Este ano tivemos um caso... também não posso dizer que são, assim... casos muito graves... tivemos um caso pontual que eu achei grave, porque se... se se não se separam os miúdos, a coisa fica... tinha sido muito grave para o miúdo que estava a ser agredido... de um grupo que se juntou e que fez uma espera a um miúdo do 9º ano ali no pavilhão B e que (...)

e -... portanto, cá... mesmo cá...

E -... cá dentro, mesmo do pavilhão... portanto, e se não vêm, imediatamente separá-los, isso tudo... tinha sido bastante grave... Agora, eu acho que aquilo... olha... é uma coisa que me custa muito... a saber como dar a volta à questão.

e -... em relação a... a... à caracterização dos... à população escolar que esta escola serve... achas que os professores têm dificuldade por causa disso... em termos do seu trabalho, quer dizer... isso constitui uma dificuldade muito grande...?

E - Muito grande, muito grande. Por que os miúdos chegam-nos aqui sem prep... muito mal preparados a nível do 1º ciclo... talvez os professores... eu acho que... o 2º ciclo... os professores do 2º ciclo tem mais dificuldades do que os do 3º ciclo, porque...(...)

e -... mas isso é imputável a quê?... Aos ciclos anteriores ou a miúdos que vêm...

E -... a tudo...

e -... sei lá... aqui há uma série de alunos que vêm dos PALOP's...

E -... nós temos... exactamente... nós temos alunos que chegam a... hã... para aí há quinze dias tivemos alunos que são integrados na escola, e que não sabem falar português...

e -... chegaram de... ?

E -... porque chegam de países de origem africana e não sabem falar Português...ora as pessoas também têm a dificuldade de contacto com eles...

e -... e achas que tem havido da parte dos professores uma procura de soluções, de... propostas para resolver esses assuntos... em termos...

E -... oh Luís, eu acho que...

e -... do pedagógico, dos grupos indiv... sem ser... sem até... sem passar pelo pedagógico?

E -... eu acho que é assim: na teoria faz-se tudo...

e -... mas na prática...

E -... mas, depois na pratica não se faz nada, estás a perceber... porque penso que toda a gente sente esta dificuldade, toda a gente acha que tem que se fazer qualquer coisa, mas depois, acaba por ninguém fazer rigorosamente nada, e... e... no caso, foi para aí há oito dias... até em relação ao 3º ciclo me vieram... "... bem por que nesta escola tem-se de criar urgentemente os currículos alternativos, porque fazem muita falta...", e eu disse: "... sim senhor, estão no pedagógico e apresentem isso...!". Agora... chegas ao pedagógico e ninguém apresenta nada... estás a perceber?... pronto... que é uma das coisas que eu acho que o CP... mas quando a gente chegar ao CP... eu...

e - Exacto, exacto... já lá vamos... já lá vamos. Hã... resultados... os resultados da escola, dos alunos... e estatístico... tem havido algum insucesso, não...

E - Tem havido algum insucesso, mas penso que de qualquer modo, que este ano está um bocadinho melhor, porque houve... aqui... no noutro ano lectivo... ora o ano 95...

e -... 94/95...

E -... 94/95, em que foi um autentico descalabro... a...

e -... que depois veio a reflectir-se no ano seguinte...

E -... que depois veio a reflectir-se no ano passado...

e -... que até veio a ser tratado naquele pedagógico...

E -... exactamente... de maneira que não podíamos continuar com este descalabro, de os miúdos estarem a transitar sem qualquer preparação, sem qualquer responsabilidade... penso que as coisas neste momento estão um bocadinho melhores porque... eu penso que é melhor ter mais insucesso que depois leva a mais sucesso do que estar a camuflar o insucesso, e não adiantarmos muito...

e -... uma coisa que eu percebi, pelas conversas que já tive aqui na escola, é que... não sei se é surpreendentemente... mas para mim é uma surpresa de certo modo... é o nível de participação dos encarregados de educação nas reuniões... parece que eles participam mesmo muito, pelo menos no principio do ano...

E -... Sim. Mas geralmente participam...

e -... vêm às primeiras reuniões...

E -... vêm às primeiras reuniões, depois... hã... depois continuam a vir, geralmente os pais dos alunos com... bonzinhos... mesmo... hã... com dificuldades de aprendizagem... mas com acompanhamento familiar... porque aqueles com maiores necessidades... não vêm...

e - As relações entre a escola e as famílias... os encarregados de educação... como tu class... como tu... classificas, ou como tu avalias...?

E - Acho que são muito poucas... ou seja, os pais continuam a vir à escola unicamente... na grande maioria...quando são chamados... Não vêm por iniciativa própria. Eu estou a falar... há casos pontuais, não é... mas, assim o grosso dos pais vêm quando são solicitados a vir... quando vêm... não vêm por iniciativa própria. Não são eles próprios que podem... propõem nada, ou...continuam a achar que a escola é aquele sítio onde os miúdos vêm e tem o seu entretenimento e... pronto...

e - E da parte de... não propriamente dos membros do CD... mas da parte da direcção da escola em geral... CP, coordenadores de directores de turma, directores de turma... estruturas intermédias de gestão e também dos professores será que aceitariam de bom grado... eles virem...

E - Não, não..

e -... por iniciativa... proporem coisas...?

E - Não. Eu penso que não. Eu penso que não, porque... Eu acho que os professores ainda têm um bocado...de dificuldade em aceitar os pais na escola.

e - Pelo que eu percebi da parte do CD...este é um ponto onde... que não levantaria grandes problemas...

E -... Não, nós não... a nós não levantaria...

e - Mas em relação a...

E - Não, eu penso que não. E sabes porque é que eu acho que, por exemplo... que às profess... que os professores ao princípio quando os pais começaram a estar... a ter assento no CP encararam sempre muito mal.

e - E no entanto, se calhar não eram muito interventivos...

E - Não são muito interventivos... quer dizer... porque os pais que sempre aqui vieram não tiv... tivemos aqui há uns anos uma APEE... essa é que foi extraordinária, porque trabalhou nesta escola intensamente... (...)

e -... aliás, na última reunião, foi interessante... que a [nome da PCD] fez um grande elogio à APEE, por causa de sua acção e...não houve assim, não houve

E -... e não ninguém que se entusiasmasse muito com...Eu penso que ainda é difícil as pessoas aceitarem... e não... geralmente os pais... pelo menos a nível de APEE, nunca houve pai nenhum que eu tenha... tivesse tecido qualquer tipo de críticas ao CP ou... pronto... compreendem a situação, tentam ajudar, mas penso que os professores também não aceitam muito bem isso.

e - Relativamente à organização e ao funcionamento pedagógico e gestão da escola... tenho aqui dois ou três temas que... gostaria de saber a tua opinião... O primeiro é a questão do Projecto Educativo: É necessário? Não é? Neste momento as pessoas sentem realmente necessidade disso? As pessoas em geral... as pessoas do corpo docente. Um outro tem a ver com o APA. Tem funcionado? Não tem? Qual é a avaliação, opinião sobre. E o outro é a Área-Escola: projecto, actividades?...

E - Olha em relação... relativamente ao Projecto Educativo eu ainda tenho muita dificuldade em falar... porque eu própria ainda não o consegui interiorizar muito bem... Tenho lido umas coisas, acho aquilo... hã... ainda não consegui encontrar o fio da meada... condutora, ou seja... eu gostava de ver um projecto educativo feito... de umas escola que já estivesse a funcionar... porque não percebi bem... bem, bem, bem como é que aquilo se consegue fazer. Ainda baralho muito projecto educativo com PAA. Eu próprio tenho essa dificuldade... dificuldade em fazer a distinção. Hã...

e - Neste momento, se calhar...hã... a sensação que tens é que as pessoas não, não, não... o projecto educativo não corresponde a uma necessidade... que leve as pessoas a...

E - Eu acho que há uma necessidade grande necessidade disso... estás a perceber... a minha dificuldade é conseguir... eu, se calhar, se fosse... ou se tentasse fazer um projecto... se tentasse... começava por por... se calhar, começava por... pelo contrário, ou seja, saber as necessidades que cada sente e depois pegar nessas necessidades e tentá-las encaixar num fio condutor... vejo... para mim é mais fácil partirmos dessas necessidade e depois tentar elaborar alguma que suprisse essas necessidades, do que pegar num tema de tentar desmembrá-lo para essas necessidades... e por isso eu tenho uma certa dificuldade... foi uma coisa que ainda não consegui interiorizar muito bem. Isto relativamente ao projecto educativo... mas acho que toda a gente na escola sente falta de qualquer coisa...ninguém sabe bem o que é... mas...

e -... ninguém sabe o que...

E -... ninguém sabe exprimir o que é, nem sabe o que há-de fazer, mas que sente necessidade de...

e -... por isso é que, algumas coisas vão sendo feitas...

E - Exacto. Sente-se necessidade de mais alguma coisa. Em relação aos Apoios Pedagógicos Acrescidos é assim: eu acho que os APA têm funcionado mal nalguns casos... primeira condição básica, eu acho que eles só funcionam bem, quando é o professor... o próprio prof. do aluno a leccionar. aí é que eu acho que tem algum sucesso. Aqueles em que... não é o prof. a leccionar o apoio, eu penso que o sucesso tem sido praticamente nulo, e acho... tem que ser mesmo com um grupo pequeno, mesmo pequeno, com aqueles grupinhos...

e -... dois, três...

E -... de três, quatro, no máximo é que tem algum benefício. Quando a coisa vai a doze, treze, perde-se... No entanto, acho que há uma sobrecarga anacrónica...

e -... para os alunos...

E -... que têm uma carga lectiva já... são miúdos que já têm necessidade educativas especiais, nalguns casos... e outros precisam de apoio...

e -... mas a organização dos apoios... há... os critérios de organização dos apoios é... o CP...?

E - Não. Geralmente é assim...

e -... quando é... eles são indicados por quem...? São indicados pelos CT, não ?

E - Tirando os casos dos alunos com necessidades educativas, que são indicados por aquela... equipa de apoio pedagógico, que neste momento são os únicos que nós temos a funcionar...

e -... aí é...?!

E -... agora no primeiro período, nós ainda não...

e -... sim, está bem...

E - Porque nós temos muitas turmas especiais. Como temos muitas turmas especiais, imediatamente...

e - Turmas especiais são aquelas que tem alunos com apoio...

E -... com apoio de... recebem apoio da equipa de educação... do ensino especial... repara tem...

e -... portanto, são turmas que têm vinte alunos ou têm menos alunos...

E -... exactamente... porque estão dois ou três...

e -... tem alunos deficientes visuais, ou auditivos ou...até com graves problemas de...

E -... a grande... a nossa grande maioria é graves problemas de aprendizagem... temos um caso... dois casos de visuais e o resto é graves problemas de aprendizagem, pronto... e imediatamente gasta um grande leque de horas de apoio pedagógico... quando... eles têm, basicamente, a Português, a língua e a matemática... Por isso, neste momento, nós ainda estamos com algum crédito horário... porque geralmente agora nestes primeiros... neste primeiro período se esgota completamente... Por isso... em princípio, logo, os primeiros beneficiados são estes, depois há os que são indicados pelos CT...

e - E quais são os critérios para essa indicação...? A possibilidade de ainda... de recuperação...??

E -... a possibilidade de recuperação... aqueles que trabalham...

e -... os melhores comportados...?

E -... são aqueles que... miúdos que geralmente trabalham, mostram interesses... e não conseguem... tem dificuldade em chegar lá...geralmente são os primeiros a serem indicados...

e -... e... e... eles, os indicados, costumam aparecer... ou há desist...

E -... nalguns casos há desistências, mas eu penso que já há dois anos sensivelmente... o ano passado uma turma muita específica que era o oitavo B que nós (...) de alunos especiais que os próprios alunos do apoio eram de todo desinteressados que eles tinham... tem direito ao apoio porque (...) e eles não vinham, mas na maioria dos casos os miúdos vêm...na maioria dos casos os miúdos vêm, e depois nós também, geralmente a meio do ano como... quando é dado pelo próprio prof. ele próprio vai gerindo, se o miúdo está melhor... substituir por outro que precisa mais...há... se ele já alcançou...

e - Nos casos em que não é o professor... o mesmo professor... quer dizer não têm dificuldades em arranjar professor por causa dos horários...

E -... há...

e -... seja, isso é metido em horas extraordinárias ou...?

E - Não, inicialmente quase todos... a grande totalidade foi em complemento de horário...é complemento de horário, foram logo... quando os horários foram distribuídos...

e -... portanto nalguns casos não eram os próprios professores...

E -... há... Este ano são muitos poucos, esses casos... houve anos em que a maior... houve aqui anos em que a grande maioria não eram os próprios professores. Como nós depois vimos que aquilo não estava a resultar...

e -... levantava problemas por causa de...

E -... dos turnos contrários, estás a perceber? Porque o que é que acontece...? Acontece que se é o próprio prof. a leccionar as aulas de apoio, geralmente tem que vir em turno contrário, para dar as aulas aos miúdos... e houve uma altura em que as pessoas não queriam...

e - Isso é um problema que se coloca a... já, ainda hoje com a questão... aquela questão da proposta de [nome da PCD] sobre as direcções de turma...

E - Exacto, exacto, mas por exemplo, já o ano passado, e este ano não senti que as pessoas refilassem tanto, a maioria das pessoas já interiorizou que aquilo não funciona mesmo se não for assim, e já se dispõe a vir no turno contrário... (...) e eu acho que tem havido resultados bons neste caso. Claro que isto depende também do professor.

e - Mas são mais aulas da mesma coisa ou são coisas diferentes que fazem com os alunos?

E - Na realidade são mais aulas da mesma coisa. Na maioria das disciplinas, são. Há um caso pontual ou outro em que... os alunos precisam muito de ler ou de escrever ou de relatar, aprenderem a relatar e a falar, mas na maioria dos casos é mais aulas da mesma coisa.. pronto. O que eu acho é que para os miúdos (...) nós temos (...) tem aquela carga lectiva e imagina que têm mais duas horas de Português, mais duas horas de Matemática, mais duas horas de Línguas, e não temos qualquer tipo de espaço para...

e -... não achas que mesmo assim a... a... vocês no CD podiam, sei lá, fazer um pouco mais de força para adequar mais às necessidades dos alunos, ou não terem... ou não ter tanto em linha de conta os interesses dos professores relativamente à distribuição do... à gestão do tempo... há esse problema sempre...?

E - É muito difícil...

e - A [nome da PCD] no outro dia contou-me que... há... tinha vindo um pai queixar-se porque o aluno tinha oito horas...

E -... mais duas...

e -... mais duas...

E -... eram dez horas lectivas...

e -... e dizia ela "isto é por causa dos interesses dos professores... não atendem a mais nada..."

E -... sabes que é muito difícil...

e -... mas vocês ali têm alguma dificuldade em lidar com estes problemas...

E - Exactamente porque também muito difícil a pessoa ir exigir a um professor que venha cá no dia x à hora x. Nós podemos fazê-lo, mas nunca ninguém quer criar esse conflito, e então geralmente tenta-se coordenar os interesses...

e -... mas estes problemas quando vão ao pedagógico qual é... qual é a posição do CP...?

E -... exactamente por isso é que eu acho que no pedagógico se devia debater mais problemas pedagógicos que não se debatem... essa é a minha ideia...

e -... quer dizer... esses problemas são postos um pouco de lado, porque as pessoas não querem entrar em...

E -... claro, exactamente... não querem entrar em conflitos. E depois isto vai mexer com a escola toda e... pronto... e há sempre... se é mais fácil, eu acho relativamente a esta... é mais fácil trabalhar com os professores novos, que entram de novo...

e -... aceitam...

E -... aceitam isto de uma maneira diferente... os efectivos...

e -... se calhar já tem outro espirito...

E -... sim, se calhar já têm outro espirito... com os efectivos da casa, aqui da casa há muitos anos... e depois criaram-se vícios que são... que não são fáceis de alterar, embora... pronto se tenha tentado fazer... que eu acho que (...)... mas entram sempre ali muitos interesses em jogo... e pronto, e há professores que eles próprios vêm ter conosco e... "olha eu acho que este miúdo precisa mesmo de apoio, eu estou disposta a dá-lo seja na hora que for", e há casos desses. Há outros que vêm aqui "Pronto tem que ser, é chato, é preciso".

e - Muito bem. Em relação ao pedagógico?

E - Em relação ao pedagógico...

e -... como é que é em rela...

E - Eh pá, eu digo-te é a coisa mais horrível, eu detesto pedagógicos, detesto ir aos pedagógicos, para mim é... é...

e - Já agora diz-me só uma coisa... Eu notei... eu notei... uma das coisa que mais... Notei logo de imediato a... a primeira impressão que tive, não sei se foi no segundo ou no terceiro pedagógico que assisti... foi que... parece-me mais...

E -... pontual...

e -... não, não... não é mais inflexível... mais... directa, mais... muitas vezes... mais caustica até relativamente às intervenções no pedagógico do que a [nome da PCD]...

E -... pronto, é assim...

e -... qual é a tua...

E -... Deus me livre de dirigir uma pedagógico, porque eu não tenho muita paciência para os floreados, e para aquela conversa de encher chouriços, que anda ali... aquela gente toda... porque eu às vezes dá-me a sensaç... por isso é que eu acho que este último pedagógico correu muito bem. Acho que as pessoas debateram os assuntos, foram incisivas e não andaram ali...

e -... não andaram às voltas...

E -... às voltas, às voltas. E o que me faz impressão... eu detesto os pedagógicos como te digo... não é por uma coisa ou por outra... que eu acho que as pessoas acabam por não se debruçar... por coisas muito... se são coisas... hã... hã... legais, ou se for marcações de datas, ou... tudo bem. Se vamos a coisas pedagógicas... propriamente... acho que as pessoas acabam por andar ali... falar-se durante horas e horas e aquilo espremido não deita sumo... e eu não tenho tanta paciência para isso... eu... sou de Matemática sou mais para as... (...) acho que isto é assim, é direito tem que ser...

e - Mas então... mas aí não... vocês as duas que estão no pedagógico, não podiam... hã...hã... se calhar tem a ver com o mesmo problema... é difícil ir... mudar as pessoas...

E -... eu acho...

e -... não podiam conduzir aquilo de outra maneira? Isto é...

E -... se calhar podiamos, estás a perceber... por exemplo eu acho que a [nome da PCD] se perde um bocado... na minha maneira de ver... mas é a maneira dela...

e -... ela também é de letras... é de história...

E - Exacto, estás a perceber. Ela fala muito e explica as coisas minuciosamente. Às vezes dá-me vontade de rir, porque às vezes estou a olhar...ela tem... ela está a explicar como aos miúdos do 5º ano... e isso... acho que as pessoas são adultas, são formadas, tem uma preparação não precisamos de ir de tal modo aos pormenores...

e -... mas também... nós também...

E -... acho que... perde um bocado de tempo e notei que as pessoas muitas vezes sentem isso... agora também digo, não era capaz de fazer melhor...

e -... mas as pessoas também não dizem nada...

E - Não! Ninguém diz nada. Mas eu também digo não era capaz de fazer melhor...

e -... e acho que é curioso porque (...) na maior parte são... são professores mais novos...

E -... são. Mas que intervêm pouco...

e -... intervêm pouco esses mais novos..

E -... São. há muita gente nova, principalmente a nível do terceiro ciclo. Os del. do terceiro ciclo na realidade são muito mais novos... que eu acho que têm ainda, portanto... coitados se eu estivesse também... estão del. pela primeira vez, não é... e tem uma experiência muito reduzida na escola... e também se tivessem mais, mais...(.)

e -... é um espaço que eles tem de começar a conquistar...

E -... a conquistar, também eles...

e -... sobre o cons...

E -... mas isto para dizer... com isto para diz... que toda a gente se queixa do pedagógico, se tu falares portas fora da escola, nos fins de semana, e na horta do café...

e -... mas isso não é só nesta escola...

E -... eu acredito, mas toda a gente se queixa, mas também ninguém faz nada para mudar aquele sistema de falar, falar, falar...

e - Isso é curioso que acontece em todas as escolas...

E -... ainda bem que... felizmente que não é só aqui...

e -... acontece em todas. Os pedagógicos demoram horas e horas...

E -... horas e horas. E mesmo aqui... nós aqui...

e -... mesmo assim não demoram muito tempo...

E - Exactamente, até muitas coisa são mais racionais...

e -... eu tenho conhecimento de pedagógicos que chegam a demorar 5, 6, 7 horas...

E - Eu tenho escol... conheço escolas aqui na zona... uma escola que tem feito pedagógicos todas as semanas...

e - Sobre o CD? Eu tinha aqui sobre a Reforma Educativa mas é capaz de não ter... tu tens alguma ideia sobre a... uma apreciação sobre a Reforma Curricular e a... Reforma Educativa. Reforma Curricular, portanto relativamente...

E -... relativamente à minh...

e -... relativamente à tua disciplina...

E -... exactamente só sei relativamente à minha disciplina. Eu acho que a Reforma não... não está... não sei bem explicar... (..) os miúdos do 6º ano e os miúdos do 8º ano, neste momento, dão exactamente os mesmos assuntos... exactamente a mesma coisa, com um nível de profundidade maior, mas de resto repete-se...

e -... aí põe-se a questão é da inadequação aos grupos etários e ao desenvolvimento mental do alunos...

E -... mas eu penso que não haveria necessidade tão grande de ser exactamente a mesma matéria, porque as unidades são exactamente as mesmas... hã... tudo se dá (..) (..) nós daríamos o 8º ano com base que eles saberiam a matéria do 6º... só que isso não acontece... e então é... e acho muito mal, por exemplo, por causa da disciplina de C.Natureza não, não... ser leccionada... acho que não se compreende...

e -... não ser leccionada no... no... 9º...

E -... no 9º ano... que eu acho que não se compreende, porque há... são miúdos que seguem ou que querem seguir a parte de biologia... acho que há aqui uma interrupção grave, que ainda os faz... esquecer mais (..) miúdos que depois têm ciências no décimo...

e - Outros aspectos da Reforma Educativa, sei lá... a questão, por exemplo, da avaliação que, aliás, é uma das mais... que levantou maior polémica... qual é a tua... tens alguma opinião?

E - Eu acho que melhorou bastante... se a reforma a... a... o novo sistema de avaliação melhorou bastante, pelo menos eu penso que faz as pessoas pensarem um bocado mais sobre cada miúdo, que a...

e -... deixou de ser mais... deixou de ser um, portanto, um acto administrativo, passou a ser mais um acto pedagógico...

E -... sim, eu acho... mais pedagógico. Eu acho que hoje os professores... penso que quando vai atribuir uma avaliação ao aluno, acho que tem muitos factores em conta... deixou de ser aquela coisa que... são quatro e agora a dividir por três, não... penso que as pessoas estão... maduramente a pensar sobre a avaliação dos alunos, porque eu continuo a achar... uma falta gravíssima que existe na (..) e que não concordo com esta avaliação de zero a cinco, de maneira nenhuma...

e -... preferias uma de...

E -... de zero a vinte... uma escala de zero a vinte... acho que um miúdo que está no nível três... há dois tipos de miúdos completamente diferentes, e que não...

e -... aquele que passa por baixo e aquela que passa à vontade...

E -... exactamente... e acho que os miúdos, eles próprios sentem isso... porque acabam por não ver tão bem a diferença entre aquele trabalha, efectivamente... trabalha para conseguir fazer... e aqueles que vão andando... no *bon vivant*... Também tem o seu direito...

e - Como é que tu avalias... qual é a apreciação que fazes... já estás no conselho há set... há...

E -... oito anos.

e -... que dificuldades maiores é que tu achas que tiveram ao longo deste tempo todo... a... a... questão de não terem formação específica... não terem... a experiência chega... e...

E -... não acho que chegue... eu digo-te uma coisa... eu acho que nós... eu falo por mim... (..) nós tivemos muita vantagem em trabalhar com uma pessoa coma a [nome da PCD], e por isso eu te digo, os primeiros anos do

conselho, o primeiro, o segundo... senti muito... e não é que a [nome da PCD] não fizesse todo o possível para ensinar, pronto... só que...

e -... não se pode aprender tudo de uma...

E -... ora exactamente, não se aprendia... vai aprendendo com a experiência e com os erros que se... e depois, também, porque a [nome da PCD] tem uma capacidade de trabalho que é uma coisa... inigualável... tem uma pedalada que a gente é difícil da gente...

e -... vai a todo o lado...

E -... de acompanhar, pronto... e mesmo uma capacidade de trabalho, até uma capacidade de memória... uma capacidade extraordinária... e eu acho que... no meu caso, se calhar a [nome da SCD] diz o mesmo... nos tivemos uma grande vantagem em encontrar uma pessoa como a [nome da PCD] que sabe em absoluto aquilo que faz e quando não sabe procura saber... e então, penso que, pela experiência, nós fomos ganhando a... conhecimento, pela vivência do dia-a-dia com ela e da maneira como ela trabalho, como nos ensinou a trabalhar e a acompanhar o trabalho dela. Penso que, por exemplo, deve ser (...)... imagina três pessoas no CD que nunca tiveram e que não têm... porque nós, eu e a [nome da SCD] entramos quando saiu o [nome de prof. - 14], nós não tínhamos nenhuma experiência mas a [nome da PCD] tinha, ela já sabia como que... já tinha estado vários anos no CD, já sabia mais ou menos como eram as coisas... agora eu acho que as pessoas devem ter uma preparação para estar num sítio daqueles...

e -... uma preparação de que género? Tipo de gestão...

E -... tudo, de tudo um pouco. Acho que é orientado para a gestão, orientado para as Relações Humanas, porque não é (...)... principalmente a nível dos professores, cria-se muito... pode-se criar muitos conflitos...

e -... achas que no conjunto dos três elementos ou... especificamente à... quer dizer essa dificuldade que tu acabaste de referir tem a ver... quem é que a sente mais... qualquer um dos elementos ou a presid...

E -... eu acho que primeiro que tudo a PCD sente mais, porque seja como for embora... se houver alguma coisa que corra mal, se o CD em si que é chamado, acaba sempre por quem dar a cara, que está à frente, ser a PCD, pronto... eu acho que isso serve um pouco mais que a outra pessoa...

e -... há uma questão que eu queria saber a tua opinião, que é, há de facto a... pensas que há de facto alguma liderança... em termos... há, de projecto educ... se há uma liderança... se há uma preocupação, nomeadamente da presidente do conselho de em conduzir as coisas na escola com um determinado objectivo, com um determinado projecto, nomeadamente um projecto pedagógico, quer dizer...

E - Ah... eu acho que há muito... muita... pronto a nível... da PCD... e depois a...

e -... ao longo deste tempo, ao longo deste tempo... nota-se alguma... esse tal fio condutor, essa linha condutora na acção da...

E - Sim, sim, eu penso que sim. Eu tenho essa sensação. A todo o nível. Acho que... nesse aspecto, como digo, ou por iniciativa da [nome da PCD]... não te posso, muitas as vezes, dizer... que as três em conjunto... às vezes... ela... e depois nós entramos no projecto... eu penso que a [nome da PCD] tem construído, nesta escola, um projecto... sem projecto... mas que tem construído um projecto... pronto... sem nome... mas que ele tem tentado melhorar a escola a todos os níveis... quer a nível material, quer a nível físico, quer a nível pedagógico, dos miúdos... há... pronto... tem tentado criar todas as condições...

e -... dar uma coerência à acção da escola no...

E - Exacto. Penso que em todo... em todo...

e - Chegámos à última parte que é... se te lembrares, tudo bem, se não te lembrares, enfim... passamos à frente. Há algum episódio que... um episódio que... tu daqui a uns anos, quando te perguntarem, ou te falarem na escola... tu te recordes...

E -... mas quanto a alunos... pessoas...

e - Qualquer, alunos, professores, CD, CP, funcionários...

E - Olha, tenho um episódio que, pronto, que eu acho que me fez bastante (...), pronto, pode não ter importância nenhuma, mas que me fez muito... pronto... eu quando entrei para o conselho direct... eu tenho um defeito, tenho muitos... tenho muitos e tenho um grande que... quer dizer... que a escola é muito grande... e que o facto de ter filhos nesta idade que... de facto... nos vai criticando...

e -... tens quê... com que anos...?

E -... tenho uma com 8, 9 anos... e eu penso que o facto de acompanhar o percurso escolar delas, e principalmente a nível da primária eu não senti isso... eu acho que estou muito mais (...) com os miúdos... enquanto a minha filha não transitou para o ciclo, do que a partir d'agora... do que a partir dessa altura... eu comecei a ver os miúdos de uma maneira completamente diferente, e comecei a ver os miúdos de uma maneira diferente pelas experiências que ela me trazia da escola... e ao que ela me dizia dos professores... mas... e acho que nesse aspecto tenho-me modificado muito ao longo dos anos... e cada vez com mais... tenho uma actuação diferente com os miúdos... há... embora de firmeza, mas mais maleável, pronto... uma coisa diferente... e sinto isso, digo-te sinceramente, nem tanto... se calhar foi uma coisa contra... se calhar foi o facto, exactamente, de estar no CD, ter uma visão global da escola e também foi a experiência dela... provavelmente foram as duas coisas intercaladas,, mas, entretanto, nunca me esquece... foi um episódio que me marcou muito... foi um episódio... foi uma vez que nós... há... me trouxeram dois miúdos ao CD, estavam a brigar por um farnel... e eles... pronto, tinham-se insultado, batiam-se... não sei o quê... no conselho direct... e eu então resolvi... e já estava a gritar com eles... e a ralar com os miúdos, e entretanto, lá acalmaram e acalmei eu... e... vamos ver o que é que se tinha passado... Toda aquela briga era



pelo seguinte: eles comiam na cantina e tinham... uns pãezinhos... eles não comiam o pãozinho e abriam o pão e comiam... metiam os restos da comida dentro, para levar para casa, ou para comerem noutra ocasião...Entretanto, um tinha roubado o pão ao outro... e aquela briga era...

e -... era por causa disso...

E -...era, era por causa disso. Foi assim uma das coisas que mais me impressionou. Quando eles saíram, eu chorei desalmadamente no CD, porque achava que tinha sido profundamente injusta...

e -... ao gritar com eles...

E - --- ao gritar com eles. Inicialmente... podia tê-los ouvido primeiro. Foi assim um dos episódios que me marcou bastante, relativamente aos miúdos... e... mas sabes que eu acho que (...) há casos e casos e casos...

e -... é mais... é mais um episódio...

E - É. Estás a perceber... pronto, e relativamente aos professores...

e -... estás bem...

E -... tenho assim uma visão muito diferente das pessoas... desde que estou no CD.

e - Muito obrigado..

E - Nada, sempre às ordens.

#### DEPOIS DA ENTREVISTA

Depois da entrevista, saímos da sala conversando sobre as vantagens de nas escolas, as pessoas poderem ser confrontadas com outras maneiras de ver a escola e a sua organização. Na opinião da entrevistada, deveria haver mais oportunidades de troca de experiências entre pessoas da escola e outras pessoas, mesmo que pessoas não ligadas à escola, de forma a que pudesse haver alguma possibilidade de aferição de métodos de trabalho e de organização.

### C) COORDENADORAS DOS DIRECTORES DE TURMA

e1cdt23

06/11/96 - 10h 00m - 12h 15m - Escola A

ENTREVISTA ÀS COORDENADORAS DOS DIRECTORES DE TURMA

#### ANTES DA ENTREVISTA

[10.00]

Cheguei à escola cerca das 10.00. À entrada na Portaria encontrava-se uma funcionária que na altura conversava com alguns alunos.

Dirigi-me para o GCD. Encontrava-se lá dentro a VPCD. Disse-me que a PCD ainda não tinha chegado. Disse-lhe que vinha entrevistar as Coordenadoras dos Directores de Turma. Pedi-lhe se me mostrava os horários das coordenadoras, para eu ver qual q disponibilidade delas para a realização das entrevistas. A CDT/3°C tinha apenas uma hora livre, das 10.30 e 11.30 e a CDT/2°C estava livre a partir das 10.30. Como ainda era muito cedo resolvi ir esperar para a sala de professores. Na sala, o movimento era muito reduzido, apenas se encontravam duas professoras, junto ao balcão do bar. Fui para a sala de fumadores, onde se encontrava apenas uma profª, que pelo que me apercebi, estava a tirar faltas dos alunos (seria uma DT) do livro de ponto para um registo próprio.

Entretive-me a rever o guião da entrevista que ira fazer nesse dia, até que ouvi a voz da PCD na sala de professores. Com outras duas colegas, saldavam contas, entre si, de uma despesa comum que não consegui perceber qual teria sido.

Passado um bocado, fui até ao GCD. Trocámos cumprimentos e conversámos sobre generalidades, durante alguns momentos. Ela já tinha percebido que a minha presença se destinava a realizar entrevistas, e perguntou-me: "Então quem é hoje o entrevistado?". Disse-lhe que pensava entrevistar as duas coordenadoras dos directores de turma, e questionei sobre a possibilidade de arranjar um local onde pudéssemos estar sem ser perturbados. Respondeu que não haveria dificuldade e que elas próprias, as coordenadoras tinham possibilidade de resolver esse assunto comigo.

Como elas tivessem começado a tratar de outros assuntos e como já tinha tocado para a saída das aulas, informei-as que ia ver das coordenadoras, na sala de professores.

Dirigia-me para a sala de professores quando encontrei a CDT/3°C. Ela disse que ainda tinha uma coisa a tratar mas que depois viria ter comigo. Disse-lhe que então esperaria por ela na sala de fumadores. Surgiu daí a pouco a CDT/2°C que me propôs que a entrevista fosse realizada em conjunto. Disse que dado ser a mesma coisa, se não poderíamos fazer as duas entrevistas ao mesmo tempo. De forma evitava-se que ela tivesse de estar à espera. Concordei com esta proposta. Enquanto esperava, procurei ver se encontrava a Lourdes Baginha para combinar uma data e hora para a entrevista, mas não a vi.

Entrou entretanto na sala de fumadores a [nome de profª - 4] (membro do CP no ano anterior). Começamos a conversar sobre o meu trabalho ali na escola, sobre a antiguidade dos professores naquelas escola. Aproveitei a oportunidade para lhe perguntar se estava disponível para termos uma conversa sobre a escola. Ela acedeu, e desde

logo ficou combinado que nesse mesmo dia, por volta das 12.30 poderíamos então ter essa conversa, porque ela teria de esperar pela PCD, enquanto esta tinha uma reunião com os alunos.

Esperei mais alguns minutos, entretanto, já tinha dado o toque para as aulas. Apareceram as duas coordenadoras. Procurámos ver no chaveiro que salas e gabinetes estavam disponíveis, mas apenas a sala utilizada pelos Directores de Turma estava disponível (trata-se da sala titulada Gabinete Médico Escolar, logo à entrada do bloco, lado direito de quem entra).

Começamos a entrevista cerca das 10.45.

#### ENTREVISTA

e -... portanto eu vou fazer uma breve explicação...

E3 -... eu acho que sim...

e -...em primeiro lugar, eu depois de fazer a transcrição, entrego-vos uma... o texto, para vocês levarem... lerem. Se acharem que há alguma coisa que deve ser alterada, ou... não corresponde bem aquilo que disseram, para eu depois alterar... Por outro lado... quer dizer, isto são um conjunto de entrevistas que... faço aqui, na escola, e estou a fazer noutra escola também, e... e...

E3 -... qual é a outra?

e -... é de [nome de povoação - 13].

E3 -... ah, julguei que era aqui a de...

e -... é de [nome de povoação - 13]... de forma que a questão da confidencialidade e da... isto é só para ser utilizado para este trabalho... e é evidente que eu terei todo o cuidado... vou utilizar, portanto, este material... aliás, ele é utilizado em conjunto, portanto, a questão de... da autoria das afirmações... e das ideias ficam... esbatidas, portanto, no conjunto. A entrevista tem 4 blocos, quatro grandes blocos. O primeiro tem a ver com o entrevistado... enfim, os vossos percursos, os cargos, quando é que começaram a trabalhar...no ensino e nesta escola. O segundo tem a ver com as opiniões... as vossas opiniões sobre a escola, sobre os equipamentos, as instalações... sobre a história da escola, portanto... em geral. A terceira tem a ver com os alunos, a vossa opinião sobre o meio envolvente, os alunos, e a relação entre as famílias e a escola. O quarto tem a ver com a organização e... da escola, a organização pedagógica e a gestão da escola, CP, CD, as estrutura intermédias de gestão da escola, e finalmente no quinto é... se se lembrarem de algum episódio interessante e... sei lá, uma história, um facto, uma coisa curiosa que vos tenha marcado, em termos de funcionamento da escola... depois pedia-vos para vocês fazerem um pequeno relato... uma coisa muito breve...

E2 -... aquela história da faca...

E3 -... não sei de nada...

e -... portanto, em... em relação ao primeiro bloco, eu vou... vamos falar... eh... eh... não sei como é que isto poderá ser feito, mas eu faço uma pergunta e depois vocês respondem... desenvolvem...

E3 -... o primeiro bloco é...é... em relação a nós...

e -... é sobre vocês... A [nome da CDT/3°C], não é? E [nome da CDT/2°C]...eu vou seguir esta ordem que é, para depois, na própria transcrição, depois, ter mais facilidade. A [nome da CDT/3°C] é coordenadora dos...

E3 -... directores de turma do 3º ciclo...

(interrupção)

e - Portanto, a [nome da CDT/3°C] é a coordenadora dos DT do 3º ciclo e está... há quanto tempo é que entrou para...

E3 -... o ano passado... eleita... não havia mais ninguém. Isto é, todas já tinham cargos, a única que estava mais disponível era eu e, portanto, fiquei eu...

e -... há quanto tempo é que... é que trabalha...é que é prof.?

E3 - Ah! Prof.? Há 23, com um intervalo de 6 anos na Direcção Geral do Ensino Básico, na Divisão de Orientação Educativa, na DOE...

e -... e aqui na escola...?

E3 -... há dez, nove ou dez... já não sei be... eu penso que há dez...

e -... e a [nome da CDT/2°C] está cá... há quanto tempo...?

E2 - Há seis. Estive na [nome de escola - 6], e depois fiquei efectiva efectiva...

e - Há seis anos

e -... e é CDT do...

E2 -... do ciclo...

e -... do ciclo, do 2º ciclo... e há quanto tempo?

E2 -... desde a mesma altura, começamos as duas ao mesmo tempo

e -... e é a primeira vez que são...

E3 - Ela foi eleita em Julho...

E2 -... eu fui em Julho... porque nessa altura não se sabia se havia... se era possível... se havia necessidade de coordenadora do... 3º ciclo... e depois foi assim...

E3 -... portanto, o meu caso foi só resolvido, digamos, em... em Setembro.

e - Mas, portanto não tiveram antes experiência de Directora de... de direcção de turm... coordenação, coordenação...?

- E3 -... de coordenação, não...
- E2 -... é a primeira vez...
- e - E é a primeira vez que estão no pedagógico? Este ano? Não?
- E3 -... não, isso não...
- E3 -... já como del...
- E2 - Como del... pois... eu era del. de história, eu fui del. de história há... 4 anos
- e - E a [nome da CDT/3°C]?
- E3 - Fui del. no ciclo... de Português, e fui del...
- e -... no 2º ciclo...
- E3 -... del. no 3º ciclo de Português, também.
- e - Vêm para esta escola, por alguma razão especial, moram aqui perto... a... [nome da CDT/3°C]?
- E3 - Eu morava perto e agora já estou um bocadinho mais afastada, de qualquer das formas, a mudar daqui só para uma escola ao lado da minha casa...
- e -... que é em...
- E3 -... [nome de escola - 12]
- (...)
- E2 - Eu moro mesmo aqui na [nome de povoação - 7]...
- e -... mas na [nome de povoação - 7] há duas escolas, não é...
- E2 - Sim, mas não havia vagas. Eu estive na [nome de povoação - 7] ao abrigo da preferência conjugal...
- e -... mas se houvesse vagas...
- E2 -... se houvesse vagas... acho que...
- e -... mudava? Ou não?
- E2 - Mudava.
- e - Uma questão de proximidade apenas...?
- E2 - Não, não... não só, não só por uma questão de proximidade. É uma questão de... daquilo que eu sei... de... do tipo de alunos... uma pessoa tem sempre tendência a (...) a sua vida, e nesta escola é uma vida difícil e dura para um professor...
- e -... sim, sim...
- E2 -... isto é considerado... é uma escola de zona de risco social, não é?
- e - E da [nome de povoação - 7], não?
- E3 -... por enquanto não é...
- E2 - A da [nome de povoação - 7]... por enquanto não. Embora haja também turmas... também alunos difíceis... com alguns problemas, mas não se compara. O que eu sei da [nome de escola - 6]... não se compara com esta escola...
- E3 -... (...) soube que uma colega nossa do Secundário... a escola (...) passou para a [nome de escola - 6]...
- E2 -... a dar o 9º ano...
- E3 -... portanto, sinal de que a [nome de escola - 6] ainda está no *top*, digamos...
- e -... nós ainda voltaremos depois a isso, mas... entretanto, quando é que vocês... tiveram o início da carreira... tiveram algum período de tempo como provisórias... qual era a formação profissional que têm?
- E3 - Eu, portanto, sou licenciada em Filologia Românica, mas comecei como bacharel...
- e -... mas tu... com o estágio a...
- E3 -... estágio como bacharel e depois... depois actualizei a... minha situação, pronto. Porque quando eu concorri a estágio... podíamos concorrer com o bacharelato e... não havia grandes diferenças, e pronto... entretanto actualizei tud... a... a minha situação. Mas comecei a dar na [nome de escola - 10]... na escola secundária [nome de escola - 10]... foi assim uma perfeita maravilha. Foram três anos em que eu aprendi muito em pouco tempo...
- e -... com a prática...
- E3 -... com a prática, e...e... até porque coincidiu com o 25 de Abril, portanto, eu aprendi em todos os aspectos. Foi assim... a escola... mãe, para mim, a nível de del., a minha del. foi espectacular, a del., pronto... e a nível de del. sindicais, espectaculares... a... a... nível de conselho directivo era president... era... não era presidente, era... ahmmm...
- e -... comiss...
- E3 -... não, era directora de escola que... eu vou... tenho... eu tenho que dar este exemplo... que talvez me tenha marcado nesta vida "nunca justifique uma falta com uma mentira, diga sempre a verdade, nem que vá passear para a baixa", isto há vinte e três anos, pronto... entretanto, depois fui... sai para fazer o estágio, fiz na [nome de povoação - 8] e fui para a [nome de escola - 6] a seguir, dois anos. Gostei, mas eu não estive na... eu estive nos Ralis, que era um anexo da [nome de escola - 6], depois estive na [nome de povoação - 12] que adorei, também, um ano e entretanto fui então para...
- e - Portanto o estágio foi feito em serviço, ou... não, não...
- E3 - Foi. Não, não... foi estágio clássico. O meu estágio foi estágio clássico. Um ano...
- e -... Ah, está bom... começou a dar aulas antes de...
- E3 -... sim, sim...
- e -... e a Ana Maria?

E2 - Eu comecei a dar aulas como bacharel, embora me tenha licenciado depois. Eu comecei na Josefa de Óbidos, horário nocturno... eh... recebi assim um telefonema assim a dizer "Queres vir dar aulas?". Foi logo (...) assim por sorte, mas era aquelas... nós entregamos as cartas, mandávamos as cartas... não, foi ainda por concurso, de qualquer maneira, comecei logo assim... eu "... eh... eu dar aulas, sim, vou, pronto vou dar aulas". Cheguei lá e a subdirectora, que era a que estava, portanto... ligada à parte nocturna, disse-me "Olhe, tem aqui as cadernetas!", e eu fiquei assim, "Cadernetas!, ainda por cima eram alunas trabalhadoras... algumas muito mais velhas que eu, eu era miudinha, não é? E então... ninguém me ajudou... não tinha del., nem subdelegada, nem a própria subdirectora me deu... me disse nada. Só me disse "... vá arranje coragem... vai que elas são muito boazinhas", e assim foi, comecei, deixei aulas (...) achei a experiência muito boa... e no outro ano a seguir, voltei a conc... continuei também à noite, só que em Fevereiro fui com o meu marido para a tropa (risos). Ele foi para o Ultramar, foi destacado, não é...

e -... para onde?

E2 -... para Nampula...

e -... em Moçambique...

E2 -... Moçambique, e eu depois fui lá ter com ele, em Fevereiro. Ele foi em Novembro...

e -... e lá também... lá continuou a leccionar...?

E2 -... lá não leccionei logo naquele ano. No ano a seguir, sim. Mas, entretanto, porquê? Porque a minha filha adocei gravemente, como (...) marcação... tosse convulsa, embora ela estivesse vacinada, e então não se dava bem lá, naquele clima, que era um clima muito instável, por que... muito vezes calor, outras vezes muito frio, e então ela... e os médicos acho que não deviam estar... não devia ter... conseguido interpretar aquele problema... a miúda estava... e então o que é que tentámos... eu ia para Cabinda... em Angola, onde estavam os meus pais, e de facto se ela lá continuasse assim eu vinha-me embora... Então estivemos separados, eu vim para Cabinda... e... ficou curada em 15 dias. O del. de saúde era amigo dos meus pais, a miúda tinha (...) tão simples... era... tinha sido um (...) qualquer, e... então aí dei aulas no Liceu.

e - E quando é que se profission... fez a profissionalização?

E2 - Ah, pronto... depois... (...) viemos embora, depois conc... fui para Portalegre. Seis anos. Porque o meu marido arranhou trabalho... era engenheiro, mas foi uma fase difícil de emprego e abriu o Hospital Distrital de Portalegre e ele concorreu para a Manutenção. Ele é engenheiro hospitalar, pronto... e eu fui lá ter com ele. Estive lá seis anos.

e -... foi aí que... fez a profissionalização?

E2 - Não, não. Gostei imenso de trabalhar lá. Adorei... os alunos, bem... foi... o tempo mais... mais positivo, mais brilhante, posso mesmo dizer, da minha... da minha vida profissional, do qual tenho imensas saudades. Nunca mais consegui, aquilo que consegui lá, inclusive em... realização pessoal e como prof., embora eu... sempre quis ser prof., e então aí acabei por me licenciar, achei que era importante a licenciatura... licenciiei-me em Coimbra, fiz o bacharelato em Lisboa e a licenciatura em Coimbra...ia todas as terças feiras... tinha um dia livre, pronto... fazia as frequências, as aulas individuais... nunca... foi uma fase, também, bastante complicada... quando entrei em Coimbra, (...) os trabalhos em grupo, não sei quê... trabalho bastante difícil, sempre a dar aulas, com dois filhos pequeninos...

e -... isso foi mais ou menos em que altura...?

E2 -... em que altura...

e -... em que ano, em que anos...

E2 -... portanto, 79, 80, 81, e depois em 81 vim-me embora para Lisboa. Concorri a estágio, na... Eugénio dos Santos. Fiz a profissionalização em exercício durante dois anos.

e -... a profissionalização... hã... dos PIT's...?

E2 - Exacto... Entrei naquele segundo ano. Portanto não entrei logo naquele primeiro da... foi no segundo ano da profissionalização...

E3 -... depois acabou... logo dois ou três anos depois...

E2 -... no segundo ano... Ah! depois, eu acabar, depois, fiz e vim... concorri para... a [nome de escola - 6], onde estive 6 anos (...) e concorri para ali ao abrigo da preferência conjugal, entretanto...concorri para aqui... aqui abriu uma vaga, concorri para aqui e fiquei...

(...)

e -... e há quantos anos é que está cá? Aqui nesta escola?

E2 - Há seis, seis...

E3 -... sete..

E2 -... estive cá um ano e fui-me embora...

E3 -... e foste-te embora, pois era isso que eu estava a... tu estavas cá quando eu entrei, mais ou menos..

E2 -... estive cá um ano e depois fui-me embora e depois voltei quando... mas não foi como efectiva... não sei até o que aconteceu... não sei se não havia vagas... concorri para aqui para a preferência conjugal. foi assim uma coisa qualquer, e depois é que, então me efectivei, cá. E nunca mais saí.

e - Muito bem. Então... em relação aos alu... quer dizer vocês já têm... já têm alguns anos de serviço aqui na escola, conhecem... são aqui de perto, conhecem bem o meio... em relação aos... aos alunos... o que é que... qual é a opinião que têm, quer dizer... os alunos... a maior parte são aqui de [nome de povoação - 1] e de...

E3 -... [nome de povoação - 5]...

e -... [nome de povoação - 5] e...

E3 -... dos bairros aqui...

E2 -... Catujal, também...

E3 -... muitos ali do [nome de povoação - 5]...

e -... são coordenadoras dos directores de turma e já foram directoras de turma...

E2 -... sempre...

E3 -... sempre...

e -...portanto têm... pelo menos têm um bom conhecimento de...

E2 -... e quase sempre com duas direcções de turma por ano...

e -... de contactos com os alunos...

E3 -... eu não tenho duas, mas... conheço, também, realmente...

e - o... a... as características dos alunos e das famílias aqui da zona... constitui um problema especial para o trabalho docente...em termos de...

E3 -... é assim... posso? Depende da sorte. Da nossa. Agora estou a falar por mim, porque eu tenho tido a... alunos cujos pais têm colaborado muito comigo e... com uma certa humildade... mas que não têm grandes necessidades... perfeitamente normal. E também já tive alguns pais, não muitos, penso que depois a Ana falará, tem tido menos sorte que eu, por isso é que eu digo, agora, que é uma questão de sorte, entre comas, evidentemente... entre comas...hã...

e -... a diversidade não deve ser assim tão grande como isso, não é...?

E3 -... pois, mas... é que eu este ano... eu falo nisto, e até numa questão de sorte, mas eu friso bem, esta sorte está entre aspas, entre comas... porque eu sou prof.<sup>a</sup> de um quinto ano este ano em que escapam poucos alunos, cinco ou seis, com uma situação normal... de família, que todos os outros... eu nunca esperei vir encontrar um quinto ano... tanta falta, tanta necessidade, tanta carência de tudo... de tudo... só para ver assim à partida, há um miúdo que em Novembro, 6 de Novembro, ainda não tem o manual de Português, da língua portuguesa...

E2 -... não é do quinto A...

E3 -... É... Quinto H.

e -... por dificuldades económicas?

E2 -... por dificuldades económicas!

E3 - Eu não sei. Eu sinceramente, neste momento, não sei se é só dificuldades económicas. Mas é... Eu fico espantada, portanto... há aqui...eu julgo que no ano passado, por exemplo, apercebi-me... há dois anos apercebi-me que havia... fome entre... em determinados alunos... há alunos que têm uma refeição por dia aqui na escola, não comem mais nada... levam o pão para casa, para comer à noite... isto é (...)... não sei como é que nós havemos de dar a volta a isto. Mas que existe na nossa escola. (...) Pode ser um, dois, três, quatro, cinco alunos... mas são. Nem que seja só um, já é um caso...

e -... e esses se calhar são os conhecidos, não é...

E3 -... e os outros que encobrem...

e -... os outros não se apercebem...

E3 -... e que encobrem...até, não é?

E2 - Posso? Pois posso resumir a três factores fundamentais. A situação sócio-económica das famílias... muito débil... ahmmm... que gera graves problemas sociais e conflitos... Ahmm... em segundo lugar o facto de termos muitos alunos especiais, que não são necessariamente de famílias pobres e... pronto, que são alunos com dificuldades específicas, não é? Visuais, auditivas e até de... mentais, não é?... de aprendizagem, com grandes dificuldades de aprendizagem...

e -... neste ano têm quantos alunos?

E2 -... quantos? Tenho duas turm... trê... tenho três turmas especiais.

E3 -... quantos alunos, mas quantos alunos?

E2 - Ah! turmas?

E3 -... tenho uma turma especial que é um aluno!

e -... é um aluno ou dois...?

e3 - Basta haver um para a turma ser especial.

E2 -... por exemplo, eu no quinto A, são dois ou três, no sexto A são três e no quinto E são, também, uns três. Ehmm...

E3 - Nos oitavos anos?

E2 - São alunos especiais. Têm que haver a instrução... como é que se diz, foram... descobertos...

E3 -... e têm atestado. São despistados...

E2 -... despiste...

E3 -... mas há muitos que não têm...

E2 -... é isso, mas há outros em que não houve essa despistagem... e são alunos que são especiais...

e -... essa despistagem é feita por quem?

E2 - É feita por psicólogos e assistentes sociais, ao nível da primária... a equipa do ensino espe...

e - Portanto não é despistagem iniciada...

E3 - Aqui não, não

E2 -... não, não...

E3 -... aqui não, não... aqui já não...

E2 -... aqui também se descobre alguma coisa, mas já não é tão fácil... esses alunos serem indigitados para essa... essa situação...

E3 -... mas têm uma pessoa a quem se dirigir..

E2 -... exacto... só temos (...) uma equipa de apoio...

e -... do ensino especial?

E3 -... que pode dar esses dados...

E2 -... especial que... costumam telefonar para as escolas, aqui de [nome de povoação - 1] e da [nome de povoação - 7]... É uma equipa que... penso que trabalha bastante bem... têm poucos elementos, precisa muito mais, elas próprios disseram que... nós... rapidamente reunião com elas...

E3 -... pois...

E2 -... e... só que não há hipótese de (...), não há verbas, enfim... é o costume. Entretanto, nós temos uma prof.<sup>a</sup> de apoio, que é a Dra...

E3 -... [nome de prof.<sup>a</sup> - 23]...

E2 -... [nome de prof.<sup>a</sup> - 23], que é uma colega igual a nós, formada em (...), penso eu, mas que enfim, pronto... decidiu ir para essa, para esse (...)

e -... mas não tem formação espec...

E2 -... mas não tem formação muito... que ela possa... (...) mas por vezes a ajuda dela, não é assim, uma coisa com a qual nós possamos contar muito. E o terceiro aspecto é, realmente a desvalorização da escola, que talvez seja consequência daquele primeiro factor que eu disse, de... os problemas sócio-económicos dos pais, e não se valoriza muito a escola, não se valoriza muito o papel da escola, portanto, os pais depois... muitas vezes despejam aqui os filhos...ou porque não podem, ou por que... principalmente... eu penso que muitos é porque não estão... não estão motivados, também, para.

e - Não estão conscientes...

E2 -... não estão conscientes que a escola é importante, e por isso, penso que o apoio que poderiam, mínimo que fosse, não o dão...

e -... e... e...esses problemas... são problemas reais, e é aquilo que sentem, não é?, e... acham que a escola, neste momento... o que é que a escola faz? Quer dizer perante este problemas...?

E2 -... e ainda vou dizer outra coisa, Anabela, e que tu também sentes, concerteza, como prof.<sup>a</sup> de Português...

E3 - Diz.

E2 -... é... é...

e -... a questão da língua?...

E2 -... cada vez a preparação dos nossos alunos é mais fraca. não achas?

E3 -... sim, mas...

E2 -... ultimamente, não notas isso? Nos últimos cinco anos, digamos.

E3 - Olha, eu nest... eu este ano parei um bocadin... fiz uma paragem... um ponto e vírgula. Não é um ponto final, é um ponto e vírgula. Tive... eu apanho umas turmas, duas turmas do 9º ano como eu nunca tive anteriormente. Não significa que sejam ótimas, mas onde eu tenho... ahmmmm, mais de 4 alunos bons... ahmm... isto para mim é ótimo. Eu ontem tive... ao primeiro toq... mas eu sei que são bons porque é a informação que eu tenho...

E2 -... pois, mas isso já uma situação que resultou de (...) atrás...

E3 -... isto é muito bom...

E2 -... pronto, mas já resultou de quê? alunos que desistiram e...

E3 - Exactamente, e repara estes miúdos têm uma base, porque eu penso que a primária deles também foi boa, o ciclo foi bom... hã... e já me chegam às mãos...

E2 - E a nível do quinto ano?..

E3 - Claro. Foi bom. O 2º ciclo!

E2 - Mas o teu quinto ano agora, o teu quinto H?

E3 - Bem, mas o quinto H é especial...

E2 -... mas é que parecendo que... mas essas... as outras que são especiais acabam por ser muito semelhantes... acabam por ser semelhantes...

E3 -... os quintos anos penso que são...

(...)

E2 -... construir uma frase, em ler uma pequena frase, como é que um miúdo...

E3 -... em ler uma pequena frase. Ler! Em História...

E2 -... ou perceber... eu já nem digo...

E3 -... não. O que tu escreves no quadro... ainda hoje escrevi vogais (...), ditongos tudo escritinho, a letra estava... de... de... primária, e há um miúdo que me diz assim..."aqui ali o que é?", "... é uma (...)", "Ahhhh... ". (...). Não sabem ler uma palavra com três sílabas.

e - Mas estes alunos vêm donde? Qual é a base de recrutamento daqui... da... quer dizer, qual é a...

E3 -... este por acaso já... este vem, eu penso que vem dali do...

E2 -... [nome de povoação - 5]...

E3 -... mas não é... É a miséria, em geral.

E2 - Não sei ser também a própria escola, os métodos novos, a maneira como o aluno é ensinado na primária, se não tem de ser revista.

E3 - Eu ponho muita coisa em causa.

E2 - Eu ponho isso em causa também, que eu não acredito que seja só também, realmente o conhec... das crianças que está a diminuir. Ou se é isso vamos ver porquê, mas penso que não é. Penso... porque é que na prim... nas pré-primárias, agora os alunos não fazem... vêm de lá sem saber ler, sem saber escrever, não sabem rios, não sabem o que é uma corrente de um rio, o que um leito de um rio, não sabem nada de geografia, não sabem nada de história, quer dizer...

E3 -... e de matemática---

E2 -... não sabem nada de matemática... O que é que sabem...?

E3 -... a tabuada não a sabem... não sabem...

E2 -... O que é que sabem? Sabem (...) uma imagem e dizer que está uma coisinha muito pequenita, que se calhar... pronto não... estão habituados a olhar para a imagem como eles. Mas eu acho que isso não é o importante, ou então temos que modificar completamente a escola, os currículos da escola...

E3 -... eles têm que ser cativados...é... eles têm que ser motiv... cativados, motivados e cativados, porque... não há entusiasmo...

e - Bom, vamos fazer um ponto da situação.

E3 - Estamos a fugir!??

e - Não, não... não estão nada a fugir.

E2 - Tem muita coisa para modificar esta situação...

e -... hã... hã... mas perante isto... e nós podemos passar já um pouco, também para a organização da própria escola, isto não tem que seguir obrigatoriamente este esquema...

E2 - Eu queria ainda acrescentar mais uma coisinha em relação a este (...). Eu, só há dois anos é que sou prof.<sup>a</sup> de manhã, no turno da manhã, pronto, sou a última do grupo, sou a última a escolher horário, tirando, realmente, os provisórios, a última efectiva do grupo...eh... hã... (...) e então... portanto, fiquei sempre com as turmas da tarde, este ano eu (...) queria de manhã, e é uma grande diferença... há uma grande diferença, mesmo em relação às turmas especiais, e mesmo em relação às turmas com dificuldades de aprendizagem, são turmas... eh... dos mesmos meios [?]. Há uma diferença entre dar aulas de manhã e dar aulas à tarde...

E3 -... eu nunca dei à tarde aqui...

e -... mas o dar aulas, ou, ou...

E3 -... os alunos que chegam...

E2 -... o dar aulas, por culpa dos alunos...

e -...há duas escolas, ao fim e ao cabo...

E2 -... uma grande efervescência, grande desatenção, uma grande desmotivação, até falta... um grande cansaço da nossa parte, porque não conseguimos: duas ou três aulas, a quarta e a quinta... perante alunos já tão insubordinados, já estão tão desmotivados, que nós... nós também não somos heroínas... ou heróis. Nós temos também as nossas limitações como pessoas...

E3 -... por outro lado há uma coisa de que... pronto...aquele...

e -... não, podem falar à vontade... depois...

E3 - É assim, os novos professores vêm apanhar os últimos horários... e os últimos horários são os da tarde. Não significa que os novos professores não saibam ensinar, mas é evidente que não têm... preparação...

e -... experiência, o calo...

E3 -...não têm experiência, não é? Porque nós também já passámos por isso...

E2 -... claro...

E3 -... temos essa consciência, não é? E portanto os miúdos... talvez tenham menos experiência em tê-los na mão... em dominá-los, digamos, e... os miúdos, depois também...

e -... pois se calhar, também passa por aí...

E3 -... passa, de certeza.

e - E...e... pronto... aliás, isso chama à ideia outras questões. São assim... vocês já colocaram aqui uma série de problemas que têm a ver com as características da... dos alunos que a escola serve, não é?, e com outro problema que o da organização da escola em termos de manhã e...

E2 -... tarde...

e -... agora eu pergunto-vos... e... peço-vos uma opinião. E a escola o que é que tem feito para isso... para resolver esses problemas?

E2 - Pois...

E3 -... fizemos (...) uma alteração de...

e - Estes são temas que são discutidos regularmente nos grupos, no pedagógico...?

E2 - Não... esta é uma posição mais que assumida. Os professores mais velhos, portanto... tend... sentem-se no direito de... e têm o direito de escolher o horário. Agora... eu não sei até que ponto é que vai essa... porque é que têm sempre esse mesmo direito... de escolher sempre os mesmos horários da manhã e há sempre os mesmos que ficam sempre de tarde... pronto, quer dizer, eu entendo... e eu até falo um bocadinho... puxo também a brasa à minha sardinha, quando eu puder também... porque... vou pedindo, não é?... eu lá, aqui... na minha situação... (risos)... porque nessa altura eu também...

e -... não sei se... a questão que estou...

E3 -... eu aqui só acrescento uma coisa

e - Não sei se estão a ver a questão que eu estou a colocar?

E3 - Eu sei... Isto é, o que é que nós fizemos para. Fez-se uma coisa...

E2 -... Tentámos uma vez no pedagógico.

E3 -... fez-se a... a história dos turnos...de...

E2 - Ah! Pois...

E3 -... quinto... aí...

E2 -... umas turmas ficarem... por exemplo... num ano de manhã...

E3 -... exactamente... um quinto ano fica de manhã, este ano... para o ano, no sexto ano, fica...

e -... no ano seguinte fica à tarde...

E2 -... os alunos ficam de tarde, mas os professores...

E3 -... eles mudam...

E2 -... os professores é que ficam... sempre há tarde. Os alunos é que...

e -... mas depois eles mudam e não acompanham os professores... os professores é que não acompanham os alunos. Acaba depois por haver, também, alguma... alguma descoordenação...não é?

E2 -... os que têm direcções de turma...

E3 -... haverá que haver opções...

E2 - Para não serem sempre prejudicados os mesmos. Tal que, um ano ficava de manhã, um ano ficava no quinto ano (...) se o sexto também era de manhã, acabavam por ser sempre de manhã, e os outros sempre... à tarde...

e -... mas... mas...

E3 -... espera, mas isto não bate certo, porque os professores acompanham por ciclo, isto é, este ano o quinto ano está de manhã, para o ano é o sexto ano de manhã, portanto os professores podem ficar com as suas turmas para o ano.

e -... mas ficam de tarde também?

E3 - Não, não. Portanto o quinto ano está de manhã este ano, os alunos que este ano estão de manhã, no quinto ano, no ano seguinte não estão de tarde, porque o sexto ano esteve este ano de tarde... eu não sei se estou a dizer uma disparate...

E2 -... o meu quinto está de manhã outra vez...

E3 -...é que eu não sei se estou a dizer um disparate, porque isto... Olhe é bom que se informe junto da [nome da PCD]...

E2 - Mas há várias turmas...

E3 -... porque eu tenho ideia de que a... nós podemos no... no... 2º ciclo, podemos levar o quinto e o sexto...

E2 - Oh [nome da CDT/3ºC], mas não turmas de quinto ano de manhã e de tarde, e turmas de sexto ano de manhã e à tarde...

E3 -... filha, este ano o sexto ano é à tarde e há turmas de manhã...

e - Pronto, mas em vossa opinião o ideal seria... o ideal seria... a distribuição do serviço docente... não... ser feita... não ser feita...

E3 -... eu não concordo com a [nome da CDT/2ºC]. Eu vou já dizer porquê. É que nós temos tanta coisa contra nós, tanta coisa...

E2 -... temos! Eu também não... no fundo acabo por ficar na...

E3 -... que, ao menos isto... eu sei que vou... eu também já fui nova... também já passei pelos horários da tarde...

E2 -... e da noite...

E3 -... e da... pois, da noite, por acaso nunca passei, mas da tarde, e... portanto, agora não queria perder este direito...

e -... uhhh... uhhmm...

E3 -... e vou-lhe dizer porquê. Ainda ontem tive com uma senhora...

e -... encarregado de educação?

E3 -... sim... mãe, mãe de uma... de uma... aluna (...)... quem... com quem eu me dou (...)... Eu estou... isto é uma confissão, mas evidentemente que não digo mal (...). E nós somos considerados, assim abaixo de qualquer coisa, quando ela se referiu a uma colega nossa, foi tu cá, tu lá... "a tal, o tal"... e eu também não tive coragem para lhe dizer: "Olhe, a Dra. tal ou Dona tal", não tive essa coragem. Eu aí talvez tenha sido um bocadinho...

E2 -... Ai aí eu dizia "Ai a Dra... está a falar da Dra. Clara, ou..."...

E3 - Não fui capaz... pronto... eu estou muito cansada e, então ontem estava pior que hoje...

e -... pois, isso também corresponde um pouco àquela desvalorização que a...

E3 -... a nossa classe está desvalorizada. está... portanto se nós vamos deixar perder um mínimo que temos (...)

E2 -... e a escola tem a culpa de tudo... a escola tem a culpa de tudo!

E3 - Tudo, tudo

E2 -... quando há... quando instituições, e os políticos querem um pouco sacudir a água do capote, é a escola que tem a culpa, ou...



E3 -... é, é...

e -... Pois, mas... vamos lá a ver. Sem entrar nessa... nessa discussão... não sentem que... de qualquer maneira os prejudicados são sempre os alunos e os professores, não é?

E2 - Eu acho que sim.

e - Independentemente de todo esse discurso, de quem tem culpa e de quem não tem...

E3 - Sim, sim...

E2 - Sem dúvida.

E3 -... eu acho.

e - Porque... quer dizer, uma coisa é certa. As pessoas estão na escola e têm de organizá-la de forma a que tenham o maior rendimento e menor custos para todos, nomeadamente para os professores e para e para os alunos, que são aqueles que intervêm mais directamente no acto... no acto educativo. Portanto, a minha preocupação em saber as vossas opiniões, não tem a ver necessariamente com... há... se está a funcionar bem, se está a funcionar mal...

E3 - Pois... é saber se...

e -... é ter a percepção de como as coisas estão a funcionar, independentemente de juízos de valor que não... que não me compete a mim estar a fazê-los... portanto...

E2 -... as há tanto coisa que devia ser alterada...

e -... na vossa perspectiva, interessa-me é a vossa perspectiva. O que é que acham que...

E2 - Eu acho que... na minha perspectiva, sinceramente...

e -... devia ser alterado...

E2 -... com a evolução das coisas... acho que a escola tem que mudar, mudar em termos do que está a oferecer aos alunos. Os alunos... eu penso... muitas vezes eu estou a ensinar História... e aplico estratégias... e visitas de estudo... e faço isto, e faço aquilo... e tal, mas no fundo penso... às vezes penso, começo a reflectir "porque é que estou a ensinar isto, o que é que isto lhes interessa". Eu falo da minha disciplina, provavelmente, nas outras disciplinas os professores pensam o mesmo...

e - Há aí um trabalho de reflexão...!

E2 - É, é um trabalho de reflexão. Eles vão tentar mudar... modificar os currículos. Eu acho que sim, eu acho que tem que haver... os alunos têm que vir para a escola, e não pensar que a escola é só um sítio onde eles são despejados, mas...

E3 -... e há mais uma coisa...

E2 -... mas têm que ser cativados. Tem que se lhes oferecer algo que seja de acordo com a realidade.

E3 -... os valores básicos que nós aprendemos...

E2 -... que lhes queremos transmitir...

E3 -... e que queremos transmitir-lhes... e que eles não...

E2 -... não os entendem...

E3 -... e que eles não os entendem... eles têm de ser dados, ou na Língua Portuguesa, ou nas Ciências, ou na Matemática, mas eles têm que ser dados...

e -... mas acham que isso... essas dificuldades estão directamente ligadas a natureza dos alunos... à sua condição sócio-económica...?

E2 - Não, não, não... à própria sociedade..

E3 - Não, não... às próprias pessoas... repara...

E2 -... as mutações sociais que têm sido muito, muito rápidas, nos últimos tempos. porque nós... eu... nunca...

e -... a escola não tem conseguido acompanhar...

E3 - Não, de maneira nenhuma..

E2 -... eu nunca me atrevera... há cinco anos atrás, ou sete, nunca imaginaria que as coisas sofressem... as alterações que tem sofrido... eh... a nível social, económico, a nível ideológico... há... e nesse aspecto (...) eu estava a pensar em termos de valores...

E3 -... os miúdos não sabem, e já não é no quinto ano que se pode... que tem que se ensinar... eles não sabem o que é que significa a palavra respeito mútuo...

E2 -... solidariedade...

E3 -... solidariedade... a...

E2 -... até a própria palav...

E3 -... dever cívico... ahmm... não sabem...

E2 -... até a própria, palavra amizade...

E3 -... a amizade... quer dizer...

E2 -... eles falam do amigo, mas eles não têm bem a noção do que é que é o verdadeiro amigo...

E3 -... e estes valores têm que ser dados aos miúdos. Se eles não têm uma família que lhes possa dar, porque não têm o contexto social onde estão inseridos, antes pelo contrário...

e - Pois era aí que eu...

E3 -... antes pelo contrário, não é?, o que há de amizade (...), o que há de solidariedade...

E2 - Eu vou dar um exemplo. Hoje quando cheguei à aula, entra-me uma miúda, assim... a Catarina... com um ar de bebezinho... a chorar, lavada em lágrimas, porque houve um colega... Sérgio... que lhe tinha torcido o

dedo, e eu disse-lhe: “Vai lá então lavar o dedo...vai lá... descansar um bocadinho”. Passado um bocado ela entrou eu disse: “Então, mas como é que é isto?... andam-se a agredir uns aos outros, logo de manhã”. “Ah, porque ela também me chamou não sei quê!” (...) “Vocês não podem partir para esse tipo de atitudes, porque já... ouviram... olhem para a televisão, já viram o que acontece com a guerra. Vocês são os futuros homens e mulheres de amanhã? Não façam aquilo que a gente... nós estamos a fazer” Isto é um exemplo, eu... tentem ter no dia-a-dia esse tipo de formação dos miúdos... mas depois... depois ao mesmo tempo... penso assim, mas a violência na família...

E3 - ... é mais forte do que tudo...

E2 - ... é mais forte... violência na sociedade, a violência no mundo... vamos partindo assim... não é?

e - ... de baixo até acima...

E3 - Exacto.

E2 - ... o que é que nós podemos... realmente, dizer a estes alunos (...) que não seja...

E3 - Temos que reflectir sobre isso...

E2 - ... e não pode durar muito tempo...

E3 - ... isto vai abrindo um fosso terrível, penso eu...

e - Mas, é... é... isso... para vocês... hã... reflecte-se nas relações que há entre, e vocês são directoras... coordenadoras dos directores de turma...

E2 - ... entre professores e alunos'

e - ... não... com as famílias, a relação entre... quer dizer, como é que se relacionam com a escola, os pais com a escola, os pais com os professores...

E2 - Eu por acaso, embora... há pouco a Anabela disse que eu tenho tido... tenho tido azar, realmente eu tenho tido algumas turmas, muito, muito complicadas... havia um miúdo que há três anos, (...) miúdos que a mãe queimava os miúdos quando chegava a casa, (...) um pai que se tinha suicidado, e não sei quê... era uma turma, verdadeiramente catastrófica. Mas em relação aos pais, os que podiam, eu... acabava por ter uma boa relação com eles...

e - ... mas aparecem? Com regularidade, com frequência?

E3 - Pouco, pouco. Alguns vêm...

E2 - Digamos que, sei lá, trinta por cento vêm. Trinta por cento. Os outros não vêm...

E3 - ... mas os dos alunos mais complicados, esses não vêm...

e - Vamos distinguir, 30% a reuniões com o DT ou regularmente sem serem chamados, por iniciativa deles...

E2 - Com os directores de turma... com... comigo, sei lá, 50%. E depois... no cômputo geral, sei lá 30%... que peço para vir e não vêm...

E3 - ... mas algum só vêm naqueles casos em que são solicitados...

E2 - ... São muito poucos...

e - Por iniciativa deles... não, não vêm...

E3 - nãoooooooo... muito poucos...

E2 - São muito poucos. Isso para aí dez por cento.

E3 - ... que vêm por auto-recriação... São muito poucos...

E2 - Para aí dez por cento...

E3 - ... mas repare, também numa coisa. Eles tamb... nós também não nos podemos queixar muito, porque o DT tem duas horas de desconto... não é... não é pensarmos que se tivéssemos 4 fariamos muito mais, até às tantas não fazíamos, mas é isto: temos uma hora para atendermos os encarregados de educação que tem que estar dentro do nosso horário. Milagres também não vamos fazer, não é? E então os pais podem ou não podem vir...

e - ... isso por causa do trabalho...

E3 - ... mas se lhes roubarem alguma coisa, ou se agredirem o filho, o pai imediatamente está aqui...

e - ... portanto, aí já... já tem tempo...

E3 - ... aí temos a certeza que eles aparecem. Hã... de resto é aquilo que tu dizes, depois vêm só quando são solicitados... eu...

E2 - Chamei neste momento a mãe do meu... de um Hugo e do Rui. Do Rui nem resposta. Do Hugo, que não podia vir, soube por ele verbalmente, que está a trabalhar o dia todo e, não escrevem, não telefonam, nada, não dizem nada... e os miúdos sofrem. Entretanto (...) para o Rui... “Oh, a minha mãe está com uma trombose...”... o pai não quer saber dele. São estas respostas que...

E3 - Mandara cartas para casa com aviso de recepção... !??

E2 - É assim.

e - Isso reflecte-se naturalmente nos resultados. Como é que acham que são os resultados... académicos, puramente académicos?

E2 - Não são tão maus como deviam ser... porque nós..

E3 - Não... Houve... tivemos aqui um ano em que foi de facto, assim um (...). Foi geral, não foi só aqui na nossa escola. Penso que agora...

E2 - Não, nós estamos mais preocupadas com essa situação, porque os alunos passavam sem saber nada. A escola caiu em si. O ano passado nós fizemos uma reflexão... estava no pedagógico..

e - Sim, sim. Estava lá.

E2 - Fez-se um esforço e acho que sim.

E3 - E eles também se assustaram. Porque eles viram que... no 9º ano, no 8º ano e atrás... mas mais os mais velhos... já não podem brincar como brincaram anteriormente...

E2 - ... que há mais exigência...

E3 - E portanto se o aluno trabalhar o ano inteiro, tudo bem, mas se não trabalha, não é muito fácil que o prof. o consiga passar.

e - Muito bem. Portanto relativamente ao... aos... anos anteriores, os resultados, prevê-se que este ano sejam melhores...

E2 - Melhores?

e - Melhores quer dizer...

E3 - Não!

e - ... correspondam mais à... à... (...)

(...)

E2 - Pelo menos no quinto A, eu estou a imaginar. Eu vou passar metade da turma. Eu na minha disciplina. Houve oito positivas. Um teste que era... um teste de localização, umas perguntinhas sobre coisas elementares... vamos lá ver, pode ser que vão... progredindo, também...

E3 - ... eu vou fazer o primeiro teste

E2 - ... mas tenho muito medo... tenho muito medo... Já fiz os testes e fiquei muito desiludida...

(...)

E3 - ... viu fazer agora... o sexto ano. Mas ainda ontem estava com a [nome de profª - 4], ela até se ria... porque estávamos a escrev... a preparar as aulas, depois escrevíamos, sei lá, a definição de ditongo. Dizia eu "Não, [nome de profª - 4], espera aí. [nome de profª - 4] não pode ser assim. (...) de uma só vez, assim pode ser que eles percebam". Não pode ser uma definição. Tem de ser uma coisa muito simples, e tem que dizer (...).

e - Uma apreciação, necessariamente breve sobre três aspectos. Uma coisa muito reduzida. Em relação ao Projecto Educativo, o que é que acham, se é necessário, se não é. Se a escola sente necessidade. Se vocês sentem necessidade, individualmente...

E2 - Eu acho que sim.

e - ... o APA e a Área-Escola...

E2 - ... eu, eu... em relaç...

e - ... que opinião têm sobre estes três...

E2 - ... em relação ao Projecto Educativo, eu penso que... talvez favoreça a organização da escola porque se se caracterizar bem a escola, os professores da escola, os alunos, os funcionários, a ambiência, talvez seja possível actuar de uma maneira mais conforme, nessa perspectiva...

e - ... melhorar o auto-conhecimento...

E2 - Exacto. Portanto, as actividades desenvolvidas serão para favorecer determinadas situações, para melhorar, para conseguir determinadas coisas, que nós não conseguimos de outra forma. Agora não sei é se... pronto, isto também não é uma coisa para já, isto é uma coisa que se vai fazendo, o Projecto Educativo não demora um ano, vai-se fazendo... e penso que sim, se toda a gente colaborar, não é portanto um bicho de sete cabeças como as pessoas à partida pensam. E acho que muitas vezes, actividades completamente desintegradas, só porque "olha agora vamos todos falar de poluição, olha agora é todos da violência", penso que, por vezes, essas actividades que se desenvolvem acabam por ser... cair em saco roto ou não terem a função que devem desempenhar. E eu acho que as pessoas tem que saber organizar, mais do que nunca... as pessoas querem organizar tudo, querem pensar em tudo, então também acho que a escola... as escolas devem ser pensadas. Não se pode fazer nesta escola o mesmo que se faz numa [nome de escola - 6], e ao que se faz na...

E3 - Na [nome de escola - 3]... Em relação ao Projecto Educativo estou de acordo com ela.

e - Em relação ao Apoio Pedagógico? Sabem como é que isso se organiza?

E3 - O Apoio Pedagógico, eu tenho uma ideia muito pessoal sobre isso. Eu entendo que deve ser sempre dado pela profª. que... dá a aula curricular, desde que tenha uma boa relaç... uma relação normal com os alunos. Mesmo assim acho que deve ser dado pela profª, e por isto, porque a profª. conhece bem as dificuldades dos miúdos. Mesmo que a relação não seja muito boa, eu acho que o Apoio Pedagógico, se a profª. estiver metida de... de cabeça, aproveita para pensar melhorar a relação...

e - ... isso é o que é feita cá na escola?

E3 - Sim. Não digo por toda a gente. Não, nem toda a gente pode ter os seus...

e - Sim, mas como... em geral. Em geral o princípio é esse.

E3 - ... sim, o CD...

E2 - O ano passado dava aulas de apoio de Português aos alunos da [nome de profª - 25], mas estávamos sempre em...

e - ... sintonia...

E2 - ... em sintonia e...

E3 - Quando não é, é este caso. Acho que ser... deve haver isto que a Ana está a dizer, quando não é a mesma profª... Tirando as professoras das turmas especiais que coitadinhas que, normalmente as pessoas têm mais horas...

e - ... mas aqui na escola o APA, é mais da mesma coisa ou há... alterações em termos de... é aula de apoio mesmo ou é mais uma aula...

E3 - Não, não, não. É uma aula de apoio. É uma aula de apoio... é uma aula de apoio.

E2 - Apoias 4 alunos...

E3 - ... com menos... menos alunos, com um trabalhos diversificados...

e - ... métodos diferentes...?

E3 - ... ou, ou para... para que o prof. insista naquilo que está a dar nas aulas... ou até para para...

e - ... e os resultados? Achrom que compensa?

E3 - Eu acho que os resultados são razoáveis.

E2 - Sim. Não são bons, mas são razoáveis.

e - Tem surtido?

E2 - O que eu penso é que há poucas horas. O ano passado tinha um aluno, dava-lhe apoio de Português, mas era um aluno que não sabia ler, nem escrever. Era um aluno que tinha vindo de Cabo Verde e então o que eu consegui foi que ele ficasse um bocadinho mais aberto, conseguir comunicar um bocadinho melhor, mas...

e - Pois vocês aqui também têm esse problema, não é?

E3 - Eu ia falar nisso, nós...

e - ... tem muitos alunos...

E3 - ... não falámos nisso que é um caso muito espec...

e - ... têm esse problema de alunos que vêm sem qualquer...

E3 - ... é que nós temos de começar a pensar muito bem no que fazer com os miúdos que estão cá...

E2 - ... temos 80% de alunos de... é no quinto ano...

E3 - Ah! Quinto ano. Está bem. Portanto, já é um número razoável. E nós temos que ver como é que vamos fazer com estes miúdos e que... que temos de aproveitá-los, também.

E2 - Pois, não é... é multicultural...

E3 - Exactamente.

e - E são miúdos que vêm sem qualquer preparação, de Cabo Verde, S.Tomé...

E3 - S.Tomé, Cabo Verde, Angola...

e - E agora, também têm recebido alguns de Timor?

E2 - Não, Timor não.

(...)

E3 - Mas eu queria dizer uma coisa em relação à Área-Escola...

E2 - Ah, pois falta a Área-Escola.

E3 - ... que é assim. O espírito a meu ver... o espírito da Área-Escola que está na legislação é muito bonito. Não é cumprido. Para mim a Área-Escola tem de ser feita pelos alunos e para os alunos. E a Área-Escola é feita pelos professores e para mostrar trabalho bonito. Isto é a opinião que eu tenho, portanto...

e - ... e porque é que isso acontece assim?

E3 - (...) Isto é o que eu tenho visto. São dados de tudo o que tenho visto, em vários sítios. Não só na nossa escola, repara isto não... não é uma crítica à nossa escola. É também, é também... E os alunos não...

e - ... eu propunha-vos uma coisa...

E3 - ... diz. diz. É que (...) temos aula.

e - Ai, pois tu tens aula?

E2 - Eu não tenho.

E3 - Não, eu tenho. São que horas? Eu tenho, eu tenho.

e - Com este barulho também, não... não...

E3 - Agora... estamos no intervalo

(...)

E2 - Para mim a Área-Escola tem ainda outro aspecto, que é, imaginemos, eu tenho duas direcções de turma, ela tem também duas direcções...

E3 - (...) me diz o que é importante...

E2 - ... o DT é que é o coordenador do projecto. Ora eu direcções de turma do ano passado...

E3 - ... nada de [em] projectos

E2 - ... eu não vou entregar. Nem Área-Escola nem...

e - ... pois...

E2 - ... para fazer as coisas mal feitas, mais vale não fazer. E depois o que é que acontece? Há um projecto com... dois professores, há outro tem três. Isto não é Área-Escola...

e - Mas vocês estão a falar...

E3 - Agora não estamos a gravar, não é...?!

e - Não, estamos a gravar na mesma, não há... Eu não sei depois, se fica bem com este barulho. Mas vocês estão a focar um aspecto que me é partic... que me interessa particularmente que é. como é que se organiza?

E2 - Ahmm... é fácil. Falamos a dois ou três professores...

e - Não, não, não...

E3 - Como é que se devia organizar?

e - ... como é que se devia organizar?

E3 - Olha, eu devia acab... eu acho que se devia acabar com isto...

e - Porquê?...

E3 - Nisso eu sou muito radical...

e -...a Área-Escola não tem qualquer interesse, então?

E2 - Teria interesse se as coisas pudessem ser feitas de outra maneira... sei lá... nem sei bem, nem sei...

E3 - Se os miúdos... se escolhessem o seu tema...

E2 -... tema...

E3 -... se estivessem verdadeiramente motivados... tivessem motivados, se os pais colaborassem... hã... se os professores fossem moderadores, e não fossem... e se houvesse dinheiro...

E2 -... verbas... os miúdos "Vamos a um sítio (...)". "Não temos dinheiro...". Não tem dinheiro... (...)

E3 - Acabemos com ela.

E2 - Não têm dinheiro para comprar material.

#### (CONTINUAÇÃO DA ENTREVISTA APENAS COM A CDT/2º)

e - (...)... uma opinião, o que é que achas do pedagógico? Funcionamento?

E2 - Que às vezes as pessoas no pedagógico se dispersam um pouco. E que... pronto... e que não chegam muito facilmente a conclusões. Não sei se será porque são muitas pessoas como diz a [nome da PCD] e que gostaria até que funcionasse...

e -... reduzir o número...

E2 -... reduzir o número. Mas ao mesmo tempo, também acho que havendo muitas ideias é melhor do que haver menos...

e - E se funcionasse por secções? Tu tens alguma experiência de...

E2 - Não, não tenho...

e -... em pedagógicos de outras escolas?

E2 -... mas talvez. Quer dizer, já fui... já participei também em pedagógicos noutras escolas, Já estive em pedagógicos... mas nunca...

e - Mas nenh... não tens a experiência de funcionar assim...

E2 - Não, e sempre achei que os pedagógicos tinham... pronto, que acabavam muitas vezes por não chegar a um bom trabalho, porque as pessoas se dispersavam e que... não se... não se discutia realmente os verdadeiras...

e -... questões...

E2 -... o fundo das questões.

e - Estas questões, por exemplo, que estivemos a abordar até agora na entrevista... hã... poucas vezes são abordadas desta maneira no...

E2 -... pedagógico...

e -... e era assim que deviam ser abordadas...não?

E2 - Eu acho que sim. Acho que sim para se... tentar-se resolver frontalmente os problemas, ou concretamente os problemas que existem...Perde-se tempo noutras coisas...Acho que...

e - A organização da escola e o tratamento... e o tratamento das questões no pedagógico ressentem-se... têm alguma influência em termos do funcionamento geral da escola?

E2 - Eh... portanto, dizes se se tomassem decisões... eh... !??

e - Se o pedagógico funcionasse de outra maneira...

E2 - Não sei...

e -... isso iria influir nalgum...?

E2 - Eu acho que devia reflectir mais sobre esse assunto. Ainda... nunca pensei bem como... como é que o pedagógico devia funcionar e o que é que de facto falha ali. Mas sei que falha qualquer coisa... sei que falha que nós às vezes saímos de lá com a sensação de frustração que não fez o que se devia ter feito. Por exemplo, no último pedagógico, a [nome da PCD] teve uma frase no final que foi assim "Ai gostei muito deste... pedagógico. Acho que trabalhamos bem". Eu também acho. Acho que por acaso no último pedagógico se fez qualquer coisa, se trataram alguns assuntos... que se devia tratar pelo menos. Agora talvez... fosse necessário levarem-se estes... estas questões... que nós focámos na entrevista.

e - Em termos de... não tens experiência nenhuma em conselhos directivos, nunca tiveste?

E2 - Não.

e - Nem contas vir a estar?

E2 - Não, não uma... Aliás eu quando fui eleita para CDT tive uma atitude que eu acho que não foi muito bonita. Bonita... porque... tentei repudiar um bocado, não queria aceitar, fiquei muito irritada. Mas fiquei, porque as pessoas não me disseram nada. Tu (...), tu tens jeito para isso, és uma pessoa organizada e tal. Pronto... eu depois gostei muito...

e - Foi em eleição?

E2 - Foi em eleição... que as pessoas tivessem confiado em mim e... e... quando acabar as minhas funções vou agradecer isso e vou pedir desculpa por... por (riso) aquela atitude, que foi um bocadinho...ahmmm... claro que não desisti, nem apresentei atestado médico nenhum, nunca me passou isso pela cabeça porque acho que as pessoas devem passar pelos cargos e eu nunca tive medo de nada e acho que até tenho melhor... sei lá... tenho... acho que tenho dado o meu contributo positivo à escola, neste caso, pronto, gosto de fazer outras coisas, porque as pessoas. têm... são diferentes umas das outras, se calhar há outras pessoas que podia... que vem a seguir é capaz de ter outras

ideias e outras coisas. Mas eu tenho dado o meu máximo e tenho trabalhado e até estou contente em ter sido... em ter tido este cargo. Hã... e em relação ao CD... mas isso do CD já é um bocadinho diferente. Não é coisa (...)

(LADO B DA CASSETTE)

e -... que ocupa esse cargo. O que é que achas que tem de se ter...?

E2 - Tem de ser uma pessoa directiva, firme... ahmm... muito dedicada à escola. Eu... penso que também sou dedicada à escola, mas tem que se ser muito dedicada, muito dedicada...

e -... em termos de tempo...

E2 -... tempo, disponibilidade. Uma pessoa tem que estar... preocupar-se mesmo com a escola. Tem... a escola tem que ser, assim uma espécie de... de um filho que a pessoa quer alindar, tratar, melhorar...

e -... achas que tem de ser directivo... uma pessoa tem que ser directiva no CD?

E2 - Pelo menos tem que ter uma certa firmeza, não é? Não pode estar no CD uma pessoa que faz o que esta pessoa diz, depois faz o que a outra diz, e depois não quer fazer isto porque não sei quê... vai incomodar este ou vai incomodar aquele. Tem que ser uma pessoa que tem a noção do seu trabalho, mas que ao mesmo tempo... hã... põe as amizades, e isso, um pouco de lado, não é? Tem que ser conciliadora, não é? Tem que ser mesmo conciliadora, mas não pode ser... ehmmm... a sua conciliação não pode ir ao ponto de se deixar... levar, andar... andar de um lado para o outro... é isso que eu acho.

e - Tu disseste que tinhas um episódio...

E2 - Mas é em relação a quê, o episódio?

e - Um episódio qualquer... ahmmm... se te pedirem... uma história, não é que seja um exemplo ou um paradigma da escola, quer dizer, que te recorde... vamos lá ver, daqui a uns anos... sei lá... quando já estiveres já aposentada e falam-te nesta escola, passaste por cá alguns anos, bastantes anos... ahmm... se te pedirem para contares um... qual história achas que te ficará, daqui a uns anos...

E2 - Eu tenho assim lembrança de histórias de alunos, coisas que acontecem com alunos... assim...

e -... alunos, professores, funcionários...

E2 - Sim, mas não tenho assim nenhuma história especial...

e -... falaste naquela história da faca...

E2 -...

e - Bom, se calhar eu já conheço a história...se calhar já foi referida nalguma conversa...

E2 -... também não me lembro muito bem...

e - Pronto, então terminámos por aqui...

E2 - Ah, mas não querias que eu desse a minha opinião sobre o CD...?

e - Qual é a opinião?

E2 - Eu acho que este CD faz um bom trabalho...

e - Tu estás cá há...

E2 -... seis anos, sete...

e -... ela está... o actual CD... com a composição actual já há cinco ou seis...

E2 -... e acho que a [nome da PCD] tem estas características que eu disse. É uma pessoa directiva e ao mesmo tempo conciliadora... hã... acho que ultimamente mais... tem-se, tem-se...

e -...mais conciliadora...

E2 -... sim, mais conciliadora...

e -... também é a experiência...

E2 -... também é a experiência e... e... acho que é uma pessoa muito dedicada à escola. Muito disponível para a escola, e muito dedicada à escola. Agora o que eu acho é que... já está há onze anos... e por muito bom que seja um CD, acho que tem que haver também mudança, mesmo que depois esse CD depois voltasse, pronto, por uma questão de ver... sei lá, podem trazer-se coisas novas, ideias novas... que este CD, sei lá, por maneira de ser, ou de ver as coisas, não faz...

e - Mas isso pelos vistos tem sido difícil...

E2 - Tem sido porque...

e -... a renovação...

E2 -... não quero com isto dizer que esteja contra este, não é nada disto que eu estou a dizer. Estou a dizer que a mudança é importante...Repara, reparemos lá na Madeira... lá o João Jardim também está de pedra e cal e se calhar... e faz um bom trabalho, as pessoas gostam muito dele, mas se calhar se houvesse lá outra pessoa, era capaz de fazer outro...e é assim... ehmmm...Não, não havido realmente listas, não tem havido quem, pronto... quem queira...

e - Mas tem-se tentado de alguma maneira...?

E2 - Não, acho que não se tem tentado mesmo. Não... acho que as pessoas estão adaptadas...

e - Não é uma questão de aparecer alguém que lidere uma lista?

E2 -...e pensam que se está a fazer um bom trabalho e... não quer dizer que toda a gente vote, em bloco, não é?, quando há eleições, mas... mas, uma grande percentagem. A maior parte.

e - Falaste na... na [nome da PCD]. Mas no conjunto...

E2 - A [nome da PCD] e... falei na [nome da PCD] por ser a primeira, não é? Mas no todo... o bloco, acho que sim, funcionam bem as três... os três elementos, uns com os outros.

e - Muito bem. Então nós terminamos aqui. Eu depois alguns pontos específicos pode ser que tenha necessidade de aprofundar um pouco mais, mas nessa altura...

E2 - Se eu me lembrar de algum episódio, eu depois...

e - ... mas nessa altura será mais uma... uma conversa mais estruturada, com perguntas mais directas...

E2 - Sim, está bem.

e - Esta foi assim uma...

E2 - Agora vais escrever isso tudo, organizar, ainda por cima tens assim umas coisas lá... lá para trás... para o fim que deviam estar no princípio...

e - Ah, não, mas isso não é problema. Aliás, a ideia é mesmo esta. Deixar as pessoas falarem à vontade... para depois conseguir detectar alguns pontos que tenham interesse directamente para... para... para o tema, e depois numa outra altura, eu converso com mais pormenor, de forma mais focalizada. Muito bem.

E2 - Já sabes que a esta hora...

#### DEPOIS DA ENTREVISTA

[A entrevista teve de ser interrompida cerca das 11.25. Por um lado a CDT/3°C, como tinha aula a seguir, não poderia acabar a entrevista. Por outro lado, a sala onde nos encontrávamos não tinha bom isolamento sonoro, e durante o intervalo, o barulho dos alunos no recreio, poderia afectar a qualidade da gravação. Por isso combinei com a CDT/2°C para continuarmos a entrevista, logo após o intervalo, mesmo sem a presença da CDT/3°C. Noutra altura eu acabaria a entrevista com a CDT/3°C. Com a sala dos directores de turma estivesse a ser utilizada, fomos para a sala de fumadores, onde na altura não estava ninguém, finalizar a entrevista. Esta parte da entrevista, só com a CDT/2°C, demorou cerca de 10 minutos]

Depois da entrevista, continuámos a conversar, sobre alguns aspectos da organização da escola, e nomeadamente sobre o funcionamento do CP. Ela quis saber qual a minha opinião sobre esse aspecto particular da organização da escola. Trocámos mais algumas ideias, em tom informal. A essa conversa juntou-se uma colega de E.Física, que entretanto entrara na sala.

### D) PROFESSOR 1

e1profl

24/10/96 - 13h 30m - 14h 15m - Escola A

ENTREVISTA AO PROFESSOR 1

#### ANTES DA ENTREVISTA

Cheguei à escola por volta das 13.15.

Na sala de professores havia muito pouco movimento. Apenas duas professoras se encontravam na sala. Cada uma ocupada com os seus afazeres próprios. Na sala de fumadores encontrava-se três professoras, conversando animadamente sobre questões de segurança, e o tema era precisamente o das ameaças de bomba.

Passados alguns minutos deu o toque de saída das aulas e as duas salas encheram-se de professores que tinham acabado de dar aula.

O del. de E.Visual/3°C foi um dos que entrou na altura na sala de fumadores. Sentou-se ao pé de mim. Trocámos algumas ideias sobre o formato da entrevista e eu comentei sobre a dificuldade de transcrição das entrevistas, que levava a que não devessem ultrapassar os 45 minutos, até porque tinha de fazer várias.

A conversa sobre a segurança, animou ainda mais com a chegada dos professores após o toque da campainha.

Por nosso lado, estávamos um pouco alheios àquela conversa. Perguntei ao del. de E.Visual/3°C se se seguiria àquela hora arranjar um local sossegado onde pudéssemos estar à vontade ser correr o risco de sermos interrompidos. Ele respondeu que "alguma coisa se iria arranjar... talvez uma sala de grupo". Entretanto disse que antes precisava de ir ao café comer qualquer coisa, pois logo a seguir, às 14.30 tinha uma aula.

Esperámos que tocasse para a entrada. Entretanto o del. de E.Visual/3°C tinha-se integrado na conversa com os outros presentes. Depois do toque, as salas foram-se esvaziando e nós saímos. Eu disse-lhe que já iria ter com ele, porque antes queria cumprimentar a PCD. Ele avisou-me que o café aonde ia era o da esquina, junto ao parque de estacionamento, e não ao que se encontrava junto ao semáforo.

Dirigi-me à sala do CD, mas não estava ninguém e acabei por sair com ele para o ir ao café. Enquanto lá estivemos o assunto da conversa andou à volta da questão das ameaças de bomba que se verificaram nos últimos dias, em várias escolas da zona de Lisboa e arredores. A pediu algo para comer e eu bebi um café. A despesa foi paga por ele.

De regresso à escola, ele encaminhava-se para a sala de fumadores. Eu manifestei o desejo de fazer a entrevista num outro local, por causa das interrupções.

Acabámos por ir para o GCD. Como a porta estivesse fechada, o del. de E.Visual/3°C pediu a uma funcionária que a abrisse, o que ela fez de imediato sem quaisquer objecções.

## ENTREVISTA

e -... tem a ver contigo próprio... o entrevistado e a escola. O outro é a opinião do entrevistado sobre as instalações da escola, os alunos e o meio social envolvente, opinião sobre a organização pedagógica e a gestão e depois um quinto bloco... podemos saltar se não houver tempo para isso... é... é... eu peço-te que... lembres de uma história, uma situação ou uma ocorrência que se tivesse verificado aqui q que para ti tenha algum significado especial relativamente à ideia que faz da escola... à percepção que tens da escola. Hã... portanto, há aqui alguns dados que eu passo à frente, porque... são dados que... situação profissional... posso arranjar isso de outra maneira, de qualquer maneira...

E -... muito bem, estou aberto...

e -... mas de qualquer maneira... tu és... portanto estás no CP... já estiveste no CP noutras escolas...??

E -... já...

e -... órgãos de gestão, já pertenceste...?

E - Não.

e -... CD nomeadamente...?

E - Conselho directivo, nunca... Tudo menos o CD, já fui coordenador dos directores de turma, DT... subcoordenador, essas coisas todas...

e -... tu tens... quantos anos de serviço é que tens já..?

E -... hã... portanto, desde... completos desde 79/80, que foi quando fiz estágio. Fiz estágio logo no primeiro ano que dei aulas, completo...

e -... onde é que fizeste?

E - Fiz em Beja.

e - Tu és do Alentejo?

E - Não. A minha mulher é que é. Nós concorremos para Évora. Podíamos ficar os dois a fazer estágio, no mesmo sítio e no mesmo ano, estás a ver? e para não arriscarmos eu ficar a... (...) não sei quê, fiámos em Beja.

e -... tu és de Educação Visual?

E -... E. Visual! Era do 2º ciclo e agora passei para o 3º...

e -... de... de Arquitectura?... a tua formação...

E -... Designa e Equipamento, mas também fiz Arquitectura... só que não acabei. Deixei umas cadeiras penduradas...

e - Ora bem. Portanto em 79 iniciaste funções. E aqui começaste a trabalhar quando?

E - Aqui comecei a trabalhar, pelas minhas contas há dez anos e fiquei efectivo há sete. Há sete... há sete ou há seis...

e -... há dez anos... portanto...

E -... há dez... ou...

e -... portanto, no terceiro ou quarto ano da escola...

E -... pois, eu entrei... digamos, aí uns três anos, para aí desta escola estar a funcionar...

e -... pela a experiência que tens aqui na escola... na gestão... foi sempre a [nome da PCD]?

E - Sempre foi a [nome da PCD].

e -... foi sempre a [nome da PCD]...

E -... a [nome da PCD] trabalhou, primeiro com o [nome de prof. - 13] e com o [nome de prof. - 15], quando entrei para a escola. e depois...

e -... o [nome de prof. - 13]... hã... está cá ainda?... e o [nome de prof. - 15]?

E -... o [nome de prof. - 13] não. Era um fulano... arquitecto do meu grupo. O [nome de prof. - 15] é... um fulano, careca que está aí...

e -... Portanto ainda és do tempo... que ela fez CD com... com esses dois colegas?

E -... exactamente... depois é que entrou o [nome de prof. - 14] e a [nome da VPCD], se não me engano...

e -... a [nome da VPCD], desde essa altura ficou sempre...

E -... pois ficou sempre ela, e depois veio a... seguir ao [nome de prof. - 14] veio a... [nome da SCD]. Parece-me que era a Coordenadora dos...

e - Portanto, cargos directivos... nunca tiveste... Vieste para aqui... que razões é que te trouxeram para cá, aqui para esta zona?... moras aqui perto?

E - Portanto, eu concorri... Moro. eu morava. antes eu morava na rua [nome de rua - 1], que é ao pé do [nome de povoação - 16], e... Conheces?

e - Conheço. Quer dizer conheço... não conheço, mas é uma rua que... que... conheço por causa de um estudo que estivemos a fazer na outra escola. e uma boa parte dos alunos é... mora nessa rua...

E -... pois ali é a única rua que há ali com prédios... ali na zona com prédios grandes...

e -... pois, e a maior parte são GNR's... Aquilo será...?

E -... ah, isso eu não sei.

e -... não, é porque a maior parte dos miúdos dizia que...

E -... a [nome de rua - 2], a [nome de rua - 2] é donde está a GNR e mora aí muita gente da GNR... essa é a de baixo, do lado de cima da linha...

e -... é a de cima...



E -... até dá para a [nome de rua - 3]... essa... a rua do Infante... essa é que é a [nome de rua - 1].

e -... Portanto moras lá e...

E -... eu concorri aqui para a zona, só me interessava aqui escolas da zona, e fiquei, quando vim do Alentejo... e fiquei colocado aqui nesta escola, como provisório. Depois pedi destacamento... a lei dos cônjuges, aliás, até ficar aqui efectivo.

e - A escola era nova, não é? Instalações novas...

E - Praticamente, o que estava e o que está, tem havido melhorias em... no exterior, em termos de exterior... tem havido francas melhorias...

e -... tens... eh... na altura era só 2º ciclo... era 5º e 6º...? Depois é que começou a entrar... o... Básico...

E -... já entrou à cinco anos...

e -... há cinco anos? Tu dás aulas só ao ciclo, ou dás também ao básico...?

E -... não... eu dava ao ciclo, depois, pronto, foi a altura da junção e eu fiquei a dar só ao secundário. Mas depois disseram que tinha que dar, que tinha que ser para todos, e tal, e não sei quê... Foi na altura das grandes convulsões entre os dois grupos, e eu houve um ano... o único ano em que trabalhei em conjunto foi uma turma do... (...) com uma colega que já não está, e depois houve a hipótese de concorrer, porque eu tenho habilitação própria para dar ao 3º ciclo... houve a hipótese de concorrer, eu concorri, só aqui para a escola, e fiquei...

e -... Tu tens que... trinta e...

E -... vou fazer quarenta e dois...

e -... és casado?

E -... exacto.

e -... filhos?

E -... dois, na... [nome de escola - 6]. Um está no 7º e outro no 9º.

e - Desde a altura em que entraste e... agora, em relação, por exemplo, às instalações, o espaço físico, houve grandes alterações?... ou tudo está basicamente na mesma?

E - Em relação às instalações, ao princípio notava-se que havia... as portas... em termos de portas... de janelas... hã... as coisas não funcionavam bem, partiam-se muitos vidros, as entradas e as saídas, havia muitas portas estragadas. Hoje em dia há menos. Há menos portas estragadas.

e -... os vidros...

E - Os vidros... os vidros também, praticamente é uma coisa que... raramente as portas eram de vidro, antigamente os miúdos empurravam-se contra as portas e iam parar ao hospital...

e -... nas entradas...

E - Pois.

e -... E isso terá alguma coisa a ver com...

E -... com a população mais velha... mas velha aqui...

e -... sim, será que tem alguma a ver com os mais velhos que vêm equilibrar... mais ou menos...

E -... é capaz...

e -... o comportamento... antes só tinham alunos do... entre os 10 e os 12 anos...

E -... havia... eu tive alunos com quinze e dezasseis, no ensino recorr... fizemos uma turma de recorrentes... que... foi a única experiência que se fez aqui na escola...

e -... de dia? Recorrente de dia..?

E -... de dia, e foi uma turma especial dos repetentes crónicos...

e -... isso foi há quanto tempo?

E - Eh pá, isto foi há uns... cinco, quatro, por aí... quaaaaatro anos, quatro, cinco, e a DT fez um trabalho excelente, excelente...

e - Bom... sobre as instalações não há grandes influências... quer dizer... relativamente ao teu trabalho... porque... em Educação Visual vocês têm, têm... estão mais ou menos bem servidos, não é? Em termos de instalações. Salas específicas... têm?

E - Temos uma sala específica, com água e, pronto, os armários... os armários não são... não são muito bons, quer dizer não temos os sólidos... há uma série de coisas que a gente não tem, mas, quer dizer, consegue-se o mínimo dos mínimos.

e -... mas não... não...

E - Não é uma escola bem equipada, como outras escolas que há para aí que têm muito mais equipamento...

e - mas, isso... deve-se... a quê? Não... essas coisas... vocês pedem esses materiais...?

E - Portanto, os sólidos não é fácil de arranjar, já não há quem faça, quer dizer ainda houve escolas que tiveram, aqui o CD...

e -... nem mesmo aqueles de baquelite ou de plástico?..

E -... não, nunca conseguiu arranjar.

e - Eu, aí... era para saber a influência no trabalho docente e no trabalho dos alunos... se... o aspecto das instalações e dos equipamentos se tem alguma influência... Não há assim grandes problemas...? Relativamente a isso, não é???!

E - Não. A sala tem... agora até temos estiradores... eu já sei que vão levar para lá estiradores, e...

e -... o estiradores são... daqueles em madeira... crua?

E - Não! Têm uma película. Sim... têm uma (...) para meter os lápis. (...)... pode-se levantar e descer. Foram uns estiradores que andaram aí a fazer... até ontem a [nome da PCD] falou no CP... aquele estudo...

e -... sim, sim...

E -... fizeram sobre os estiradores...meteram-nos aí numa sala para... andaram a medir os miúdos durante um ano ou dois, a ver deformações, e... a ver como é que era... que aquilo tem a ver com o sentarem-se... no estirador ou... na secretária. E tem umas posições de pôr os pés, quando é...

e -... aquele estudo ergonómico... que foi public...

E -... e eu como isso acabou, eu disse "Eh pá esses estiradores são bons para levar para educação visual, nomeadamente os mais velhos que eles já não cabiam debaixo das mesas. Ficavam com as pernas abertas, ou tinham de pôr duas cadeiras, porque as cadeiras eram pequeninas, e etc.

e - Vocês em Educação Visual...

E - Neste momento eu tenho...

e -... são dois, são só dois

E -... somos só dois...temos cadeiras e estiradores em condições para toda a gente se sentar bem. Que era sempre uma guerra, porque os bancos tinham... estavam partidos, depois as cadeiras não prestavam... já era gente muito grande...

e - Muito bem. Sobre os alunos... hã... é a parte, se calhar, que nos vai ocupar um pouco mais de tempo. Eh... se tivesses de resumir... vá lá... dar uma ideia de como são os alunos, em geral... hã... a uma pessoa estranha... como tu caracteri... como que...

E -... olha eu diria que os alunos daqui, de uma forma geral, de uma forma geral, são miúdos barulhentos, com a tendência natural para falar alto, não são malcriados, digamos assim, não são aqueles miúdos maus... são miúdos assim... normais... e que têm... eh... não gostam de se esforçar, não gostam de pensar, estão à espera que a escola e, nomeadamente o prof. que lhe dê tudo...

e -... e isso constituiu...hã, eh... tu vives aqui perto, não é... pelo contacto que tens, tens uma ideia do... da família-tipo, da família típica daqui... do...

E - A família típica daqui é o pai e a mãe a trabalhar... é o pai e a mãe a trabalhar, eles terem onde ficar quando vão para casa, não têm ninguém em casa, pelo que eu me apercebo, assim, da maioria dos casos. Acho que na generalidade não têm ninguém em casa, portanto... quer dizer, é pai e mãe a trabalhar, é pai e mãe no trabalho, de uma forma geral acho que é assim. Acho eu, a ideia que eu tenho, e o miúdo... pronto, sai daqui, ou vai para casa e fica sozinho, ou está em casa de amigos...

e -... eu sei que q maior parte... é... aqui de [nome de povoação - 1], ou do [nome de povoação - 5]...

E - É. [nome de povoação - 1] e [nome de povoação - 5].

e -... Mas vocês aqui têm uma grande percentagem de miúdos...

E -... de cor...

e -... que vieram dos PALOP's. No teu dia a dia notas alguma animosidade, ou alguma...

E -... eu notei, numa certa altura...

e -... entre eles...

E -... antes do secundário estar aqui houve aí uma fase que havia uma espécie... isto também depende às vezes dos miúdos que estão cá... e nessa altura, havia aí uma série de miúdos de cor que fizeram, assim, uma espécie de gang... pronto... que havia uma certa... havia um certo racismo nessa coisa... Depois a coisa diminui e agora acentuou-se um bocado, nomeadamente este ano... então, no início, foi assim... um bocado... mas era uma coisa que já não estava...

e -... já estava latente...?

E -... digamos que estava latente... porque aqui sempre houve mitos miúdos de cor, mas havia muito... por exemplo, as guerras entre os que vinham de angola contra os da guiné... isso então esses não se podiam ver... às vezes... havia ali, assim... umas questões um bocado complicadas...

e -... relativamente aos pais... hã... já foste DT cá...?

E - Aqui?...há muito tempo, há muito tempo...

e -... pois... mas...

E -... como estou no turno trocado... deixei de... de me darem direcção de turma. E eu também não sou a pessoa ideal... de perfil de DT, não sou...

e -... mas, porquê?

E - Eh pá, primeiro porque... há muitas coisas, muitas questões que os pais colocam que (...) sobre a aquela questão dos miúdos para a rua, e tal que... que não... enquanto que nas crianças eu admito determinadas coisas, acho que nos pais já não tenho que admitir... quer dizer, são questões que não se podem...

e -... quer dizer, terias dificuldade no tratamento dessas questões...

E -... com alguns pais... porque há pais que vem para aqui para se exhibir... com grandes falácias e às vezes, até são aqueles que os filhos às vezes criam mais problemas aqui dentro... o que não quer dizer que seja a norma...

e -... pois, sim...

E -... mas já há muito tempo que não sou DT, isto é só mais um bocado pelos comentários que eu ouço dos colegas...

e -... e por aquilo que tu ouves... tens... aparecem muitos pais?

E - Há, muitos, então nestas primeiras reuniões, isto é maciço. Vêm mesmo. Depois durante o ano, normalmente o que ouço é que os... aqueles que interessam mais virem, não vêm. Vêm sempre...o que... ou então no fim do ano aparecem aqui “Ai como é que está o meu filho, e tal...” quando já têm um monte de negativas, mas não põem cá os pés durante o ano. Mas o que eu ouço falar dos directores de turma, aí... duma maneira geral, é, normalmente os pais que têm problemas a pôr à escola, é... 70, 80% dos casos a culpa é do professor, a culpa é sempre do professor...

e -... no teu trabalho do dia-a-dia, quer dizer, no trabalho docente, propriamente dito, na sala de aula... eh... sentes que tens algumas dificuldades especiais...por este... pelas características destes alunos... ou...

E -... Estes... estes... as dificuldades que eu tenho, nomeadamente quando tenho turmas novas, embora eles já me conheçam mais ou menos... eles transmitem sempre... “ai aquele prof. é assim, aquele é assado...”... e então, eles, às vezes fazem ideia porque é... “ah, o professor... o prof. de Educação Visual é porreiro...”... e então entram para lá a fazer assim um bocado de barulho... assim do género... como é porreiro, pode-se estar à vontade, e depois... no início tenho, assim... “Eh pá, vamos lá, já são crescidinhos... ah, vocês têm que ser responsáveis por vocês... mas não vamos agora... isto tem que haver aqui...”

e -... eles trazem os material... não tens dificuldade com isso?

E - Há muita dificuldade na questão do material, especialmente nos alunos de cor...

e -... questões económicas, é?

E - Eh pá, é um bocado de tudo... isso e muitas vezes, eu também acho que eles aproveitam-se disso para não trazer o material, estás a perceber? Porque às vezes andam para aí a comer gelados e coisas caríssimas... e não sei, mas o material, ou o papel vegetal... a folha é cara, e não sei quê...

e -... e os resultados? Não só em relação à tua própria disciplina, mas em termos gerais... eh... achas quer os resultados são bons, são razoáveis, são...

E - Depende! Da minha experiência pessoal é que cada vez são menos (...). Eu, quando comecei a dar aulas aqui tinha um grau de exigência que se calhar era o dobro do que tenho hoje em dia. Mas também noutras coisas fui apurando a minha maneira... a parte pedagógica, e consigo obter melhores resultados noutros aspectos, que conseguia obter anteriormente. Eu, antigamente, havia um miúdo... “... vais mudar para ali!”, “Porque é que tenho que mudar para ali?”, “Porque tu um dia mais tarde vais trabalhar, vai ter que ter colegas de várias maneiras, não podes estar a trabalhar só com os amigos...”. Portanto, eu mudava-os... por exemplo... “Ai eu não quero e não sei que...” “Não, desculpa lá, vais te sentar ali porque eu quero e acabou...”, Quer dizer, havia algumas coisas que eu impunha mesmo. Era mais exigente na disciplina, mais exigente em determinadas coisas. Hoje em dia, eu já contorneio mais as coisas...

e -... dás a volta por outro...

E -... é asneira por tudo quanto é sítio, e às vezes ouve-se assim um palavrão... assim, coisa... e eu noutra altura era logo uma bronca danada... e hoje em dia até finjo que não ouço e tal, para manter uma... tem que ser assim, quer dizer...

e -... sim, porque também... está relacionado com todo o comportamento de...

E -... mesmo o grau de exigência quanto... da parte dos conhecimentos, muito menos...ai sou exigente...

e -... mas isso também acontece nas outras disciplinas...

E -... sim, sim...

e -... mesmo assim os resultados que são obtidos... a [nome da PCD] no último pedagógico disse... que se calhar a escola estava... tinha resultados... bons, estavam acima da média nacional... é essa a sensibilidade que tens?

E - Eh pá, eu a sensação que eu tenho é um bocado de que... neste momento... houve aquela fase em que todo o sistema de ensino tinha que facilitar ao máximo para ficarmos com os índices de pessoas alfabetizadas como no estrangeiro, e então, o que era preciso é que eles saíssem daqui com o canudinho. Mal ou bem, mas era (...) toda a gente tinha que passar. Este ano na escola, no final do período passado... houve uma certa tendência para se exigir um bocadinho mais, mas de certeza que as pessoas depois tiveram que, mesmo assim, ajudar muito em certas coisas, porque só... com um grau de exigência... para já não podia ser só no último período, não é?...

e -... claro, claro..

E -... tem que ser, no fim de um ciclo... eh...mas... está aqui um bocado difícil, tem que ser o sistema em conjunto porque não pode ser só uma escola...

e -... pois...

E -... vamos lá ver... o que eu acho é que, de uma forma geral, os miúdos tem que... há tendência para eles passarem, embora todas as pessoas se queixem que os miúdos cada vez sabem menos, mas todas elas. Cada vez podem exigir menos...

e -... mas isso é um problema... como é que isso se pode resolver? Se é que isso tem solução.

E - Eu para mim... isto, nós aqui a falarmos...

e -... pois...

E -... uma pessoa não pode mudar uma coisa a partir do meio ou a partir de uma ponta. Tem que começar no início. O que está, está. Não se mexe, é preciso melhorar, vai-se melhorar, mas há que começar na raiz: o pré-escolar e nomeadamente, para mim é o ensino básico... um, porque, para mim, aí é que se criam hábitos de trab... aí é que... o miúdo vem da escola e começa a formar... eh pá, uma presença como deve ser... o que é uma escola? o que é...

e -... e a gostar...

E - ... e... e... o gosto por ir para um sítio onde dão coisas a conhecer...

e - ...e... achas que não há essa... não... não se percebe isso nos miúdos?

E - ... não, porque tu... tu entras... e quando... quando eu estava a dar quinto ano, conversava isso com os colegas e dizíamos, "Eh pá, esta turma vem de um sítio onde a profª... e não sei quê..." Eh pá eles vinham todos com determinados hábitos. Tu entravas noutra turma em que aquilo, quer dizer, eh pá, nós éramos como se estivessem em casa, nós éramos o pai, a mãe, o irmão, não sei quê... aquilo levantavam-se, brincavam, riam-se, quer dizer, sem um mínimo de ideia do que é estar numa sala de aula, do que é um recreio, do que é...

e - ... pois...as... as escolas não estão isoladas... têm umas antes, têm outras depois...

E - ...E o... mas o que penso acima de tudo é que... a... responsabilidade que eles devem ter... eles... nomeadamente as crianças começaram a ter muitos direitos de estar nas escolas... é uma... é lógico... mas a responsabilidade que eles têm para determinadas coisas foi praticamente diluída... quer dizer, eles pedem tudo, não têm... não têm que pensar... que não são responsáveis... "Na próxima aula vamos fazer qualquer coisa...", eles automaticamente têm uma ideia... estão já no 8º, no 9º... uma coisa qualquer... e têm que saber que... então eu preciso disto, daquilo e daquilo outro... não sou eu que digo "Não se esqueçam de trazer a coisas, não se..." É desenho geométrico... qual material de desenho geométrico...

e - ... pois, eles já sabem... já deviam saber isso à partida...

E - ... não... têm que se lembrar...

e - Bom! Sobre a... a... organização pedagógica. Tu estás no pedagógico, portanto... este ano... estiveste o ano passado também... e no ano anterior igualmente... Vocês são d... Es tu e é o... é o [nome de prof. - 14], não é?

E - O [nome de prof. - 14] é de E.V.Tecnológica.

e - Ai, é de E.V.Tecnológica... Há aqui dois ou três aspectos... que, aliás, deves ter conhecimento enquanto membro do CP, quer dizer, são assuntos lá referidos... mas gostava de saber a tua opinião. Um é a questão do...do Projecto Educativo... que aliás nós já conversámos sobre isso, uma vez, mais ou menos, o APA... Área Escola. Quer dizer o que é que tens a dizer sobre isto...sobre estes três temas... Para já a tua opinião...

E - Na minha opinião, para já são, assim à partida são... os chamados temas que me cansam. Vou-te dizer porquê. Eh pá não há... um... um... uma linha que diga assim: as escolas têm que fazer isto assim, que deve ser assim, e depois passa-se para aquilo... o que eu acho é nos conselhos pedagógicos de todas as escolas, que a minha mulher também está num CP da [nome de povoação - 12], e então toda a gente discute muito, mas isto nunca vai a lado nenhum, estás a perceber...

e - ... não sai sumo...

E - ... nunca sai... é assim, por exemplo, o PAE... a Área-Escola, 80% dos professores não gostam da Área-Escola, 90% dos casos a Área-Escola é imposta aos alunos, de uma forma mais escondida ou menos escondida, mas... eh pá vamos escolher isto e não sei quê...e portanto, não é nada disso que se quer, ou que se pretendia, não é? Portanto, porque é que as coisas têm de continuar assim? Uma pessoa diz "Eh pá isto, a Área-Escola não funciona, isto não é nada. Ou bem que se faz uma coisa assim, assim, assim... e é isto, ou então... será que vale a pena? Ou faz só metade da escola, ou fazem só dois professores..." "Eh pá, vocês gostam da Área-Escola, e estes dois professores vão trabalhar na Área-Escola a sério..."

e - ... portanto na tua opinião devia-se... devia-se pôr de lado...

E - ... não, eu... repara...

e - ...os normativos e... criar uma coisa que dissesse alguma coisa à escola?

E - ... Se me disserem a mim "Eh pá, como... como é que deve funcionar a sério a Área-Escola? Eu digo: "Ah, não sei!" Pronto, à partida não sei, não sei! O que eu sei é que ela nunca tem funcionado bem. Nunca.

e - Mas porque é que dizes que não tem funcionado bem?

E - Eh pá não tem funcionado bem porque...

e - ... é de... elas vivem a reclamar...

E - ... pois... quer dizer das pessoas que...

e - ... é do que tu ouves...

E - ... do que eu ouço... do que eu sinto, quer dizer as pessoas... a Área-Escola "Eh pá, que chatice!"

e - ... já... já estiveste envolvido alguma vez...

E - ... já, várias vezes, eh pá... Houve uma vez...

e - ... e gostaste?

E - Gostei. Um ano, em que os alunos chegaram ao pé de mim e me obrigaram a fazer a Área-Escola. Eh pá... ouve... eles chegaram ao pé de mim e disseram assim "professor.. nós temos isto, queremos fazer isto, queremos fazer aquilo, queremos fazer aquilo". Uma maravilha... organizavam-se... então o que é que precisam... ah isto, agora ajude-nos aqui... Eh pá, isso é Área-Escola...Estás a ver?

e - Nessa altura, não é perda de tempo...?

E - Nenhuma. Agora, eu chegar lá e dizer "Há um tema assim... então o que é que eles vão ter... investigar, vão ter que não sei quê..." Quando se fala em investigação aqui nesta escola... eu desisti e muitos colegas desistiram, porque é uma chatice...

e - ... pesquisa...

E - Eh pá, não, pronto... nem à mediateca vêm... é um... há muita coisa que está mal...

e - Sobre o Projecto? Sobre... hã... sobre o Apoio Pedagógico?

E - O APA?

e -... geralmente na tua disciplina não há, não é? Mas por aquilo que...ouves... sabes..

E - Eu acho que ainda vão funcionando e que é útil.

e -... é... organizado... pelo CP? Há as propostas... como que é que feito esse processo?

E - Olha, há os alunos... isso é nas reuniões... CT. que... eh pá, ou quando passa para o ano seguinte, há alunos que passam com... dificuldades... deficiências... e então diz-se... "olha pá... e este, este e este, atenção que devem ter e tal...". Eh pá, há sempre uma luta por causa do número de horas... há muitos professores que não querem dar...

e -... pois, propõem mas...

E -... pois propõem, sim senhor, eu pá... eu acho que... atenção, para já... primeiro propõem... agora, depois há pessoas que não querem dar, há outras que... pronto... Há sempre... é sempre um bocado difícil, mas vai funcionando, vai funcionando...

e -... pelo que ouves, dos colegas que trabalham nisso, tem funcionado...? Tem havido resultados?

E - Tem havido alguns casos resultados... acontece também e isso tentou-se corrigir isso, que era que havia muitos miúdos que não punham lá os pés... que estavam a ocupar o lugar de outros, daqueles mesmo que... os miúdos que têm 6, 7, 8 negativas... quer dizer, eles vão fazer o quê?... eles não querem! Havia aí miúdos com dificuldades que... eles não queriam...

e -... isso aqui... há uma comunicação aos pais... é comunicado aos pais...

E -... é comunicado aos pais, a dizer...

e -... e eles geralmente eles concordam?

E - Pois concordam. Há alguns... mas não, eles geralmente concordam.

e - O projecto Educativo... pronto...

E -... isto é uma coisa que isto pode ser resolvida pela escola, esta parte do Apoio Pedagógico. É uma coisa que pode ser resolvido pela escola... hã... talvez com um bocadinho de ajuda do Ministério... hã... em termos de horas, em termos de...

e -... a organização interna...

E -... a organização interna...

e -... quer dizer, horários, distribuição de serviço, escolha dos professores ou...achas que a escola tem capacidade para resolver isso?...

E - Acho que é a parte mais complicada, essa é a parte mais complicada. Tem e não tem, porque em questão de horários, por exemplo, os horários são feitos no fim do ano, depois pode haver... quer dizer, completa-se o quê, aqui estes dois tempo?... Há um prof. que tem... olha vai este...será que esse era o que tinha... pode não ser...será que é o próprio prof. de... de... que está a leccionar que deve dar o apoio? Será que não?..

e -... mas essas questões... não... não... foram... são discutidas no CP...

E -... são, são discutidas, mas há coisas que... pronto... que é assim que se faz...

e -... a Área-Escola, os alunos gostam da área-escola? Na tua opinião?

E - Na minha opinião... eh... eh... eh...

e -... ou gostam apenas quando são eles a tomar a iniciativa.

E - Na minha opinião, quando eles têm... o interesse... quando são... ou quando acham, gostam do tema, por qualquer motivo, ou... mas de uma forma geral não vejo interesse nenhum na Área-Escola. Os professores também não...

e -... mesmo... todos os anos?

E -... não, atenção que eu já não contacto como os do ciclo... Quando eles chegam à minha parte... hei. pá...hei...

e - Sobre... ainda sobre esta questão da organização... hã... sobre o pedagógico... Ah e sobre o Projecto Educativo.

E - Para mim o Projecto Educativo...nos term...

e -... é necessário? não é necessário?...

E - O projecto educativo... eu penso que... isso agora é uma coisa que me está assim... está agora a começar. Eu ao principio ainda não... não me consegui situar bem porque... PAA. agora projecto educativo... mas é o que eu digo, eu para mim o projecto educativo desta escola... hã... enquanto não se tratar a parte de cor, que é uma parte importante nesta escola...

e -... questão de...

E -... isto falha, isto falha, porque...

e -... domínio da língua...

E -... fala-se muito na violência e é verdade. e há... parece que não... uma coisa era tu teres tido crianças em África, a convivência era completamente diferente desta aqui, porque eu estive lá em África e eu nunca tive problemas de andar na escola, tinha colegas pretos, azuis, amarelos...

e -... estiveste aonde?

E -... estive em Lourenço Marques. Fiz lá, desde o 2º ano até entrar para a Faculdade, depois vim para cá para entrar para a Faculdade. Portanto, eu andei lá... eh pá e a convivência era diferente, a nível de miudagem...

e -... pois a própria realidade...

E -... davam-se bem... agora se me dissesse assim "será que depois vão namorar e vão casar?", aí havia diferenciação de raças, estás a ver? Mas a nível de... na parte mais prática, primária, a rapaziada dava-se bem. Agora

aqui não é bem assim. Esta gente vive mal, com dificuldades. Vêm para cá clandestinos, contam em casa o que se passa aí nas obras, e coisas parecidas e a miudagem é revoltada, e actua... e vinga-se nos outros, e normalmente, eles são mais velhos, são maiores e os mais pequenos é que sofrem e isto está a gerar uma onda de violência... esta gente quando tiver lugares de chefia... não são os outros, vão ser este pequeninos, estás a ver, e depois não vão tolerar coisas destas...

e -... e a questão da integração é... era...

E -... e a parte étnica... então na altura da guerra em Angola, apareçam aí miúdos que não sabiam falar português, nem escrever... como é que esta gente pode integrar-se... não pode... depois não podem ter português normal... não podem...

e -... o projecto educativo, achas que teria de partir de...

E -... é fundamental... esta gente tem...

e -... tentar resolver esse problema...

E -... tentar resolver... porque parecendo que não é um terço da escola... e se tu... dentro de uma turma...

e -... isso não teve grande acolhimento dentro do pedagógico...

E - Eh pá, isto já se falou, assim, várias vezes... é que isto às vezes depende da onda do pedagógico, estás a perceber? Há alturas certa para a gente falar nas altura certas. Isto é como em todo o lado, tu às vezes tens que guardar a coisinha para o fim, ou quando o pessoal está cansado, ou não sei quê... "Então pá, e isto aqui e..." e aquilo de repente calha, é... preciso meter-se... dominar um bocado também isso.

e - Está bem. A... a... Reforma? Na vossa disciplina teve alguma... alguma... numero de horas, por exemplo... teve um impacto muito grande... positivo?

E - Eh pá, se queres que te diga, em relação aos miúdos... em relação aos miúdos eu acho que não é positivo. Eu acho que, quanto a mim, eh pá, não sei mas eles precisam muito de lidar com ferramentas, eles precisam muito de experimentar coisas, nesta fase é importantíssimo eles... e... num ano de E.V.Tecnológica não lidam...

e -... portanto eles têm... Educação Visual...

E -... eu não falo desta escola, eu falo pelos meus filhos... Eu vejo os trabalhos que eles fizeram em E.V.Tecnológica e aquilo é uma desgraça. Andam lá a brincar...

e - Eles têm E.V.Tecnológica no 5º e 6º...

E -... 5º e 6º ano...

e -... e depois têm Educação Visual no... no...

E -... 7º, 8º e 9º ano.

e - E têm E.Tecnológica no... mas já é...

E - E.Tecnológica é opção.

e -... e em termos gerais, não especificamente relacionado com a tua disciplina... em termos genéricos...

E - A Reforma?

e - A Reforma? Nomeadamente a Reforma Curricular e a reforma do regime de avaliação. Qual é a apreciação... assim em termos muito genéricos...

E - Olha, eu... acho... de uma forma geral... de uma forma geral... eh pá, é com a evolução da sociedade, quer dizer, o... sabes muito mais das coisas, mas sabes pouco de cada... não... hoje em dia és capaz de ter um miúdo à frente de uma câmara... dá-te... de televisão... dá-te uma entrevista na maior das calmas a discutir qualq... quase todos os assuntos, mas no entanto se faz uma conta de (...) a dividir por dois ele não sabe fazer, pronto é assim... basicamente é isto...

e -... e muitas vezes uma pessoa ouve... e é uma critica que é feita ao regime de avaliação, aliás, até pelos próprios pais, neste momento, é a questão... da... do laxismo e do facilitismo, e não sei quantos...isso é um probl...

E -... havia... havia pá... havia que cumprir com normas internacionais... nós éramos um cambada de alfabetos pá... a maior parte da população não tinha... não tinha escolaridade... e havia que acelerar...

e -... achas que isso tem efeitos negativos...?

E - Tem. Tem porque isso nivelou por baixo. E a indisciplina... a indisciplina e a insegurança...

e -... Tem a ver com isso?

E - Também causou muito isso, porque tu antigamente tinhas uma turma... hã... trinta alunos, como eu cheguei a ter, turmas de trinta alunos e até havia mais, havia uma altura... em [nome de povoação - 6], por exemplo... e tu por exemplo... se essa turma... se a disciplina fosse normal, metade daqueles miúdos que eram mais fraquinhos estavam numa turma acompanhada, hoje em dia tu tens 4, 5, 6 miúdos mal (...) e têm tendência de metade dos outros irem atrás daquelas situações...

e -... é o tal nivelamento por baixo...

E -... vai nivelar por baixo...

e - Sobre o CP e o CD... e em geral... sobre as direcções de turma, mas especificamente em relação ao CP o... o... o que é que tu achas? O funcionamento... cumpre o que se espera dele... tem funç... está bem organizado... isto é se funciona... em plenário ou se funciona em secções... o ano passado havia uma secções...

E -... havia umas secções, mas nunca... nunca...

e -... nunca funcionaram assim... mas tu tens experiência de conselhos pedagógicos as funcionar em secções?

E -... Eu já pertenci a alguns grupos desses... de vez em quando a gente juntava-se para fazer alguns trabalhos...

e -... da experiência que tens aqui no pedagógico aqui da escola o que é que tu achas?

E - Da experiência que tenho do pedagógico aqui da escola...é que... ehh...

e -... Podes falar à vontade...

E -... pois, pois... não, por vezes, eu acho que já há uma certa rotina, estás a perceber... e... os assuntos... de ano para ano, vão sempre... repetem-se...

e -... é sempre a mesma coisa...

E -... é... é repetitivo. É a questão dos temas... (...) As coisas vão-se repetindo e... é aquilo que a gente conversou no outro dia, quer dizer, quando são administrativas ou isso, decide-se rapidamente, quando são outro tipo de coisas...

e -... achas que há um défice de criatividade na... na procura de soluções...

E - Não, acho que há uma inércia geral na escola, porque as pessoas estão... isto desmotiva... eu vejo que há pessoas, aí colegas meus... têm uma energia danada para as aulas, estás a perceber, mas o resto...

e -... a nível da escola, no conjunto não dão muito...

E - Não, porque eu também não tenho... estás a perceber? Eu também não... hã... há um... as pessoas estão cansadas... as coisas mudam muito, há muita coisa... e depois há muita coisa que só... para se fingir que se trabalha...

e -... que esta escola tem um corpo docente bastante estável, não é?

E - É. muitíssimo, o que não quer dizer que seja um... que seja positivo...

e -... pois...

E - Há um certo acomodamento das pessoas, há um certo...

e -...não há...

E - Agora com a parte nova... abriram os quadros do 3º ciclo... há muita gente nova... isto vai... porque eu... eu agora começo a notar que... às vezes ouço aqui críticas... que se fala "Ah, mas este cons...ah, mas isto faz-se... mas isto não é possível, e tal..."...

e -... pois são pessoas que vêm com experiências de outros sítios...

E -... pois, e eu fico assim... "Eh pá...", de repente sinto aquilo, assim como uma crítica a mim que estou cá... como se fosse eu. E digo assim "... então, mas eu até já estava habituado a isto... espera lá...s calhar isto já... assim... eh pá"...

e -... se calhar... temos que começar a pensar de forma diferente...

E - É.

e -... mas de qualquer maneira, em termos genéricos... quer dizer... o CP vai funcionando...?

E - Vai, vai, parecendo que não, o CP... demite-se, não vejo demitir-se das coisas, não vejo, não vejo demitir-se. Não quer dizer... há...

e -... há muita gente nova, no CP há muita gente nova, à volta dos 25, 24, 25, há um sector bastante jovem. Devem ser representantes do... do... do 3º ciclo. Mas estão muito calados, não?

E - Repara também... são pessoas com pouca experiência, penso eu, e depois começam a dar aulas, no dia a seguir ou três dias depois ou uma semana depois vão para o CP, não...

e - Relativamente ao CD. Isto para terminar, a... que opinião é que tens? O que é que sentes?

E - A única coisa que eu acho, pronto, ser-se do CD é como se mandar em qualquer empresa, não é? É muito fácil criticar, mas mandar é muito difícil (risos). Mas, o que não quer dizer que não... nomeadamente neste CD, nomeadamente a pessoa que manda, estás a perceber? é uma pessoa muito sobrecarregada, o que nem sempre a deixa...

e -... tratar das...

E -... tratar das coisas mais uniformemente. Depende muito dos humores. Há dias que está bem disposta e as coisas...

e -... correm bem...

E -... há dias que está mal disposta e as coisas correm de outra maneira.

e -... está bem... Mas achas que há uma liderança... pedagógica? Quer dizer em termos da PCD pode... uma pessoa pode dedicar-se pura e simplesmente às questões administrativas, resolver problemas e deixar que a escola funcione... ou pode haver uma preocupação de conduzir, em termos pedagógicos, em termos educativos, a organização para um determinado caminho... não é... em consonância com o pedagógico ou não... essa é uma questão que...

E -... pois, quer dizer, eu a nível... eu acho que ela não...não sei...

e -... não há preocupação em relação a essa questão pedagógica, educativa...

E - Acho que sim, e eu noto isso no CD às vezes. Haver... haver da parte da presidente, haver uma determinada ideia... e gostar que isso caminhasse nessa ideia, ou porque não tentar que as pessoas vão por essa ideia... Na parte do CD a lacuna mais grave que eu noto, nisto, é a incapacidade que tem... de às vezes não ter capacidade para isso... resolver problemas disciplinares, ou para resolver determinados problemas que o Ministério não deixa que as escolas resolvam...

e -... a questão da falta de autonomia...?

E - É a falta de autonomia, que às vezes em certas coisas... como... o caso daquele aluno que andava aqui o ano passado, que era um aluno, que era um marginal que andava aqui, e não se poder expulsar esse aluno da escola, porque ele ainda estava dentro da escolaridade obrigatória. Havia de haver outros mecanismos, outros organis-

mos que recebem esses miúdos, por lei, obrigatoriamente... porque ele o que fazia aí era... miséria... por entre a miudagem pequena, aterrorizava, pura e simplesmente... agora o das bombas... é esse... telefonou para cá...(...). Era um miúdo extremamente perigoso, não dormia em casa... que a mãe... um miúdo com 15 anos... mandou para cá uma carta a dizer que não se responsabiliza pelo que o miúdo faz... quer dizer, e o CD não pode tomar medidas perante um caso destes, porque o Ministério... a GNR disse-nos "porque é não o mandam embora..."

e -... as... as relações entre os membros do CD e o pessoal docente...e o pessoal não docente... são... como é que as classificarias... são... cordiais, são... afáveis...são...?

E - uhmmm...

e -... tensas...

E -... olha, isso que estás a dizer, mas em geral... depende, há aqui... a chamada oposição... visível mais ou menos... há um tipo de pessoas... por norma que não gostam de determinadas coisas que o conselho directivo faz...

e -... não gostam por... sistematicamente, isto é, por...

E -... por antiguidade há muito tempo, por discordâncias que vêm já de há muito tempo, por questões políticas até... aqui há um aspecto, não foi... parecia que era o cavaquismo e... estás a perceber? Compara assim um bocado... é uma ideia...

e -... mas não há... não chega a haver uma oposição formal para tomar conta do... CD... do poder?

E -... já se tentou fazer aí uma lista ou isso, mas depois nunca... nunca...

e -... por que é que não...?

E - Eu penso, repara... a [nome da PCD] é uma pessoa que sabe muito disto... de leis, de trás para a frente, como gerir os dinheiros, aqueles truques... que isto não é fácil, estás a perceber, e uma pessoa que venha para cá, ao princípio, ou sabe muito bem o que vem fazer ou então, quer dizer, depois...

e -... está tramada... ou aprende... não é...

E -...Já se tentou aqui fazer isso (...) uma pessoa para a cabeça do touro, quer dizer...A oposição o que quer é meter lá alguém que... ah, mas...(risos)

e - Está bem... Vamos acabar. Se tiveres algum episódio interessante ou curioso... que seja uma marca... eu sei lá... um incidente com alunos ou professores ou... uma coisa qualquer... quer dizer, a primeira coisa que tem à memória quando se fala na escola... há... é alguma coisa em espacial... se não tens assim nada...

E - não estou a ver... assim um episódio...

e - Estás a ver o que é que eu estou a pedir, quer dizer...

E -... que caracterize a escola, como... eh pá, aquela escola há... sei lá...

e -... sim, uma história qualquer... um episódio... que caracterize a escola não... quer dizer que tu te recordes, digamos que daqui a vinte ou trinta anos, quando pensas na escola, recordes assim uma coisa qualquer, um facto mais... marcante que tivesse ficado... registado...

E - Eh pá, normalmente é... discussões, não é, há coisas que aconteceram aqui rocambolescas... o roubo aí das carteiras, houve aí os roubos aí das carteiras, inclusivamente aqui no CD. Houve uma colega que acusou outro que ia a sair da sala dos professores e depois o outro meteu-a em tribunal, houve aí um ambiente... e depois o outro era meio indiano, e houve aí um ambiente de... uma situação um bocado, as pessoas andavam um bocado incomodadas, estás a perceber, há sempre aqueles episódios a nível de... das empregadas, uma ou duas que fazem uma guerra danada por que não querem trabalhar aqui e ali. Há sempre aqueles episódios assim... A nível de professores há sempre algumas situações de confronto que... discussões um bocado fortes... na altura (...) ainda não estava cá. Que ela (...) quando abriu acho que houve aí mesmo propaganda fria, mas eu na altura não estava.

e - Está bem... olha quero agradecer-te...

E - Okay. Nada.

e -... a tua disponibilidade. Eu de qualquer maneira, eu vou... eu vou transcrever isto e depois...

#### DEPOIS DA ENTREVISTA

Depois da entrevista o del. de E. Visual/3°C ainda me disse que se recordasse de algum episódio interessante me diria depois. Isto porque, no final da entrevista, ele não tinha conseguido recordar-se de nenhum episódio, em resposta ao último bloco da entrevista.

Alguns momentos depois, já quando ia a sair para dar aulas, ele ainda me disse que se tinha esquecido de uma coisa: na sua opinião o que acontecia no caso da PCD era que algumas vezes ela era um pouco impulsiva e reagia "a quente" às coisas. Depois tudo passava, mas no momento era por vezes, um pouco desagradável. Achava ele que "nós não podemos reagir assim, temos de ver que as outras pessoas não tem nada a ver com os nossos problemas".



**ANEXO III**

**PROTOCOLOS DAS ENTREVISTAS**

**REALIZADAS NA ESCOLA B**

## **A) PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO**

e2pcd0

17/06/96 - 11h 30m - 12h 45m - Escola B

ENTREVISTA AO PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

ENTREVISTA

... isto vai estar pronto, em princípio, para meados de Agosto e depois em Setembro...

E - Portanto, esta entrevista, conforme, suponho que o Luís já lhe disse, pronto, era uma entrevista um bocado final e era um bocado, fazer uma entrevista na base, por um lado, acompanhar pessoas que desempenham funções num CD e também, portanto, conhece-lo um bocado melhor. Não é. Penso que é uma pessoa, um bocado, estrategicamente muito bem colocada aqui dentro, e também, saber qual é a sua opinião sobre esta escola. Portanto, no fundo, trazemos isto dividido em três blocos: - Um, era um bocado, conhece-lo melhor do ponto de vista pessoal e profissional; - Outro é saber a sua opinião sobre um conjunto de questões da escola que, nós analisámos; - O terceiro bloco, é muito centrado na questão da reforma educativa; - E, por último, o quarto, relativamente à gestão desta escola. São as várias interpretações que nós temos aqui para organizar, um pouco, a entrevista. Mas vamos fazer isto de uma forma de conversa solta...

e - Sim...

E - Como se fosse uma coisa banal. Vamos fazer isto sem grandes complicações e problemas...

e - Sim...

E - E da forma mais informal possível.

e - (Risos)

E - Vamos fazer isto da forma mais informal possível. Isto intimida um pouco (...), marcação Homem a Homem, é...

e - Pois, mas é isso que...

E - Pois, é que em relação a isso, a ideia de gravar... Nós transcrevemos sempre as entrevistas, para depois analisar o seu conteúdo. O conteúdo da entrevista é utilizado única e exclusivamente com estes fins. Não tem outro tipo de utilidade. Resta saber que nós no relatório preservamos o anonimato da escola, o anonimato da pessoa é difícil, porque quando se fala num CD... Não se fala do nome da pessoa, mas é evidente... De qualquer maneira, preservamos o anonimato da escola do ponto de vista público. A identificação não é conhecida. De qualquer modo, e além disso, os fins são única e exclusivamente para este estudo e não tem qualquer tipo de outra utilidade. Portanto, a ideia era, um bocado, conversarmos o mais informalmente possível sobre estes temas.

e - Está bem...

E - A primeira questão, era um bocado, conhecer a sua história de vida relativamente aos aspectos pessoais e profissionais. Isto é, contrariamente àquilo que eu imaginava, não é por nada, mas parecia mais novo. Sei que está quase a atingir a reforma. Não é?

e - Sim. Mas mesmo assim, eu só tenho, eu estou a fazer vinte e um anos de ensino. Portanto, também, tenho a...

E - O serviço militar...

e - Pois, a tropa...

E - Ah!

e - Mas tenho trinta e seis anos. Há que tempos!

E - Ah! Porque conta...

e - Na reforma conta o tempo...

E - Pois, porque na reforma conta, nomeadamente, os anos que estive no Ultramar...

e - Não, não, não. Nunca lá estive. Estive aqui sempre. Quinze anos.

E - Mas era militar de carreira?...

e - Não. Era miliciano...

E - Miliciano?

e - Exacto. Quando dei conta já tinha ultrapassado... Aquilo era, aquilo era...

E - Quando é que foi incorporado a primeira vez?

e - Em cinquenta e (...), cinquenta e oito. Salvo erro.

E - Ora bem, cinquenta e oito...

e - E estive quinze anos.

E - Estive quinze anos na tropa... E em que força é que estava?

e - Estava na Força Aérea.

E - Ah! Então estava na Força Aérea.

e - Estava nos quadros técnicos, mas como eu gostava daquilo, deixei-me estar. Ainda tentei entrar para o quadro, mas não consegui...

E - Mas quando tentou ir para a tropa, ainda, não tinha terminado o curso.

e - Não, não. Isso, pá. Isso é uma outra história.

E - Portanto, foi para a tropa...

e - Foi para a tropa quando comecei a chumbar. Pensei: - "Vou mas é para a tropa antes que..."

E - Mas já estava inscrito na, na, na, na...

e - Estava. Salvo erro, inscrevi-me em cinquenta e seis - cinquenta e sete. No curso geológico, na Faculdade do Porto.

E - Hã, hã.

e - O primeiro ano correu muito bem...

E - Mas é do Porto?

e - Não, (...) fiz o liceu em Aveiro e depois, fui para o Porto, como tinha família no Porto, fui para lá.

E - Portanto, foi para a tropa em cinquenta e oito...

e - Fui em cinquenta e oito, porque o primeiro ano da universidade correu muito bem, o segundo correu ligeiramente mal, e no terceiro, pensei: - " Eu vou mas é para a tropa, porque ando aqui a gastar dinheiro..."

E - Ah! Pois.

e - E continuei a estudar. Portanto, fui para a tropa. Gostei de lá estar, na Força Aérea, nos quadros técnicos. E depois, como era, como era, como era uma área com muito menos gente do que na Marinha...

E - Pois...

e - O pessoal do Exército e da Marinha... Como tínhamos ali, no Aeroporto... Não era, assim, um serviço muito pequenino, deixei-me andar. Andei a contratos, contratos, contratos...

E - Até que acabou por vir cá para fora?...

e - Não, nunca...

E - Portanto, entrou no início

e - Entrei. Precisamente. Exacto, exacto. E depois nunca fui... E aliás, se tivesse continuado, pronto, eu, inicialmente fui para o exército, e depois é que eu fui para a Força Aérea. Estive em Vendas Novas e depois é que pedi, aliás, troquei com um colega Pronto, houve um sorteio para as pessoas que queriam ir para a Força Aérea.

E - E continuou a estudar?

e - Pronto, nós. Pronto, depois matriculei-me nas Universidades todas que haviam no país. Havia três e, eu, corri-as todas.

E - Enquanto estava na tropa?

e - Sim. Portanto, já sabe como é que é.

E - E foi fazendo os exames?

e - E fui fazer os importantes, mas mais aqui em Lisboa. O Porto deixei. Depois estive matriculado um ano, salvo erro acho que foi só um ano, estive matriculado em Coimbra...

E - E quando é que acabou o curso?

e - Em mil novecentos e setenta e quatro.

E - Setenta e quatro...

e - Sim.

E - Quando saiu da tropa?

e - Sim, sim. Foi um mês ou dois...

E - Saiu da tropa em setenta e três?...

e - Exacto. Sai da tropa depois do vinte cinco de Outubro.

E - Em setenta e quatro?...

e - Sim, salvo erro, em Outubro de setenta e quatro.

E - E nessa altura...

e - Nessa altura ia fazendo umas cadeira, acabei. E concorri logo, fiquei colocado, precisamente, fiquei logo colocado em mil novecentos e setenta... Em Dezembro de setenta e quatro fui colocado aqui.

E - Ai, sim!

e - Concorri ao mini concurso e fui logo colocado aqui.

E - Aqui, nesta escola.

e - Exacto, exacto.

E - E depois?

e - (...)

E - Foi ficando aqui...

e - Fui ficando sempre aqui, como fui reconduzido, não sei se é este o termo mais correcto...

E - Humm, humm.

e - (...) Depois fiz o estágio em setenta e sete setenta e oito.

E - Humm, humm. Aqui, também.

e - Aqui também.

E - Pois e...

e - Que era na altura...

E - A Escola [nome de escola - 3].

e - Não, não.

E - Já não era?

e - Não, não. Era a [nome de escola - 9], [nome de escola - 9]. Eu vim para aqui quando a escola era a [nome de escola - 9]. Nessa altura era a escola [nome de escola - 9].

E - Ah! Pois, nessa altura, era em setenta e quatro, pois, era a Escola [nome de escola - 9]...

e - Pois, em setenta e quatro, em setenta e cinco era a [nome de escola - 9]... Portanto depois fiz o estágio, depois fui colocado (...), fui colocado, concorri para ser colocado em [nome de povoação - 17], mas como tinha preferência conjugal, naturalmente, que nunca lá fui. Depois, passei para [nome de povoação - 3], também, tive um ano em [nome de povoação - 3]. Estive um ano em [nome de povoação - 3], colocado também.

E - Certo.

e - E utilizando a preferência conjugal, sai, e estive um ano aqui na Escola [nome de escola - 3], foi no ano de oitenta, oitenta e um. De resto foi sempre na [nome de escola - 9]...

E - Portanto, esteve em oitenta e um na [nome de escola - 3].

e - Oitenta e oitenta e um. Agora, para o ano... Pronto, estive um ano, aqui, fora da [nome de escola - 9].

E - E depois, voltou em oitenta e um oitenta e dois...

e - Pois e depois fiquei efectivo na [nome de escola - 9]...

E - E depois, quando passou...

e - E depois, quando passou para [nome de povoação - 9], fui para lá, também. Aliás, fazia parte, também, do CD. Fui para lá. Estive lá, salvo erro, três anos. Depois, concorri para a Escola preparatória dos [nome de povoação - 13]. Que é esta aqui...

E - Pois, era esta aqui na altura...

e - C+S, e depois...

E - Portanto, quando este lá, este três anos em [nome de povoação - 9]...

e - Estive três anos em [nome de povoação - 9], exacto.

E - E isto funcionava por secção?

e - No primeiro ano... (...) No primeiro ano funcionou como secção, quando era a [nome de escola - 9]...

E - Depois, é que ficou...

e - Depois, é que ficou a preparatória dos [nome de povoação - 13].

E - Exactamente. E quando é que começou, quando é que começou a desempenhar funções num CD?

e - Foi em setenta e seis.

E - Setenta e seis...

e - Em mil novecentos e setenta e seis setenta e sete.

E - Aqui?

e - Na (...)...

E - Na [nome de escola - 9].

e - Sim. Na [nome de escola - 9], mas aqui nestas instalações.

E - E quando foi para [nome de povoação - 9], também...

e - Integrava o CD, quando o CD foi para [nome de povoação - 9], e ficou aqui uma (...), uma secção, na qual foi a prof<sup>a</sup>. [nome - 16]...

E - E foi sempre Presidente desde o princípio?

e - Não. Nessa altura era SCD.

E - Quem era a Presidente nessa altura?

e - Era a [nome de prof<sup>a</sup> - 17]. Era a [nome de prof<sup>a</sup> - 17], com a prof<sup>a</sup>. [nome - 16], eu nunca estive. Depois, fui Vice-Presidente, já com outra colega (...), depois, ainda fui Vice-Presidente quando cá estava a [nome de prof<sup>a</sup> - 18]. No ano em que, eu, fui colocado aqui, a [nome de prof<sup>a</sup> - 18], portanto, não houve lista, portanto, foi quando acabou o mandato da [nome de prof<sup>a</sup> - 16], não houve lista, na maneira que tentaram aquela reunião geral de professores, para indicar os três nomes, portanto, foi a [nome de prof<sup>a</sup> - 18] a mais votada, portanto, ficou ela a PCD, eu fiquei VPCD. Foi... Era mais ou menos a equipa que estava agora.

E - E isso foi em que ano?

e - (...) Foi (...)... Eu confesso que estive, agora, a ver essas coisa um pouco à pressa, mas...

E - (Risos) Não, deixe estar, deixe estar.

e - Mas, depois, eu dou-lhe essa data.

E - E portanto foi nessa altura em que não houve lista?

e - Exacto.

E - E era a primeira vez que isso acontecia?

e - Exacto. Até então tinha havido sempre lista.

E - Procedeu-se a um processo de nomeação do mais votado em assembleia geral de professores...

e - Exacto, exacto.

E - E depois, como é que foi no mandato a seguir?

e - Depois, já houve sempre lista. Depois passamos a ser a Comissão Instaladora, e passei, eu, a ser o Presidente da Comissão Instaladora.

E - E quando acabou a Comissão Instaladora?

e - (...)

E - Houve eleições?

e - Sim, tem havido sempre eleições.

E - Portanto, tem havido sempre eleições...

e - Sempre, nós temos concorrido...

E - E tem sido sempre pessoal da lista ou tem havido outro pessoal?

e - Este ano houve só uma. Em mil novecentos e noventa e quatro, apareceram duas listas. De resto tem sido sempre uma única lista.

E - Tem sido sempre três? Só!

e - Houve para aí uma altura em que éramos cinco, no primeiro, no primeiro mandato éramos cinco, mesmo como comissão instaladora éramos cinco, e depois no meu primeiro mandato à frente do CD, também éramos cinco. Mas como o número de alunos baixou, passámos a...

E - Os nocturnos deixaram de haver há quanto tempo?

e - Eu penso que foi (...) salvo erro, salvo erro, (...) em setenta e oito... Bem, foi mais ou menos até ao ano de oitenta. Mas essa é uma data que com rigor, eu não posso precisar sobre ela.

E - Só para fechar, um pouco, este bloco, este tema sobre...

e - Quando estive na tropa...

E - Exacto! Era isso que eu ia falar!

e - Para mim deu-me, portanto, dava-me gozo estar lá. Tinha, tinha (...), haviam ali alguns tipos que eu já aponteí. Portanto, eram, eram, éramos muito pouca gente e portanto, tínhamos um bom relacionamento, penso que, para mim... Também, se não gostasse não tinha lá ficado tanto tempo e portanto, deu-me, assim, uma certa experiência a lidar com as pessoas...

E - Mas é isso que... Mas neste momento tem o seu... É quase meio por meio...

e - É quase, é quase.

E - Metade do tempo da tropa e metade do tempo no ensino.

e - Mas depois, ainda estive num outro sítio. Eu, também era um bocado acumulador. Mas...

E - Ao mesmo tempo que estava na tropa?

e - Estava na tropa e depois estive, era redactor da ex-Emissora Nacional, portanto, estive uma série de anos lá.

E - Era redactor

e - Era redactor, fazia de jornalista, fazia, estava na redacção, portanto, trabalhava na redacção. Na parte de redacção de noticiários.

E - Mas gostava da ocupação?

e - Gostava, gostava. Por acaso, gostava, e acho que deu-me, assim, uma certa experiência, também.

E - E como é que se tornou prof.?

e - E depois...

E - Na altura em que teve de sair da tropa...

e - Nessa altura, ainda estava, estava na, estava na, como é que se chama aquilo?... (...) Na altura era a Emissora, Emissora Nacional. Como ia fazendo umas cadeira, portanto, estava com o curso quase acabado (...), decidi que o melhor era acabar. Eu gostava de dar aulas, costumava dar umas explicações, coisa e tal, e tomando contacto com isso, naquela altura, quando acabei o curso, tinha trinta e sete ou trinta e oito anos. Logicamente que não ia para aí trabalhar para fora e concorri para leccionar, concorri para o mini-concurso e tive a sorte de ficar logo aqui.

E - Na tropa, a sua patente era Tenente...

e - Era Capitão, Capitão.

E - Portanto, comandava uma secção?

e - O nosso serviço, era, era, era, como eu já lhe disse, de controlo. Controlo de tráfego aéreo. Havia o Major, que era o chefe, e depois estava eu. Logo eu a seguir. Havia mais oficiais... Tínhamos comunicações, tínhamos uma parte de comunicações, e tínhamos uma parte de (...) chamado o controlo de tráfego aéreo. Era só militar. Mas trabalhávamos ao lado do controlo civil. Isso era aqui, era aqui, pronto, isso agora já está lá para baixo para o Figo Maduro ou lá o que isso é, mas era mesmo aqui na zona do aeroporto. Pronto, nós trabalhávamos lado a lado com eles, (...) ainda tínhamos ali cinquenta ou sessenta homens... Bem era muito mais do que uma secção.

E - E quando diz, e quando diz, e quando valoriza a experiência que teve na, na, na Força Aérea, agora pensando na actividade que teve cá no CD. O que é que...

e - Eu acho que isso...

E - O que é que valoriza, o que é que valoriza mais essa experiência?

e - No tratamento, a relação com as pessoas...

E - Acha que, portanto, a parte de relações humanas, é naquilo que constitui a grande parte da sua aprendizagem?

e - Penso que sim.

E - E o comando...

e - Penso que não

E - Não?!

e - Não, penso que isso não. Nós trabalhávamos ali todos juntos, normalmente, as pessoas que trabalhavam tinham também, eram, eram, eram os especialistas, os cabos-especialistas e tinham assim uma determinada...

E - Uma certa formação...

e - Exacto. Também isso não quer dizer nada, não é. Mas, portanto, era assim...

E - Uma elite dentro da tropa?

e - Exacto. Havia pessoas com um determinado nível, portanto, não havia grandes distinções. Aquelas distinções que há, normalmente, entre o oficial e o sargento. Não, era assim... Nós, normalmente, trabalhávamos todos juntos. Tínhamos de conviver...

E - E acha que esse tipo de relações era, de certo modo, idênticos ao que iria encontrar aqui na escola?

e - Portanto, eu vinha já habituado a um certo tipo de relacionamento com as pessoas. Chego aqui, portanto, em setenta e quatro... Pronto, isso foi sempre assim desde aquela altura e acho que sempre assim será. Os bons relacionamentos não é de agora já é desde o início.

E - E além disso, que acha, o que é que acha, que outro tipo de preparação lhe deu a tropa, para esta actividade?

e - Fundamentalmente, fundamentalmente...

E - Acha que foi isso...

e - Fundamentalmente, eu acho que foi isso, fundamentalmente foi isso. Pronto, o contacto com muita gente, pronto, sempre são quinze anos. Conhecemos muitas pessoas e portanto, acho que relativamente à parte humana foi isso.

E - E acha que foi essa a razão porque o escolheram para vir a primeira vez para o CD?

e - Não, não, isso não. Integrei... entreguei, integrei-me aqui na escola perfeitamente. Não conhecia ninguém...

E - Já morava aqui?

e - Sim, já morava aqui, já morava aqui... Aliás, não...

E - Foi passando de secretário...

e - Para vice-presidente e depois para presidente. Acho que me adaptei perfeitamente e portanto, houve ainda durante um ano que me puseram como director de instalações, depois formaram, começaram para aí a formar uma lista e convidaram-me para ir. Eu conhecia até relativamente mal as pessoas, mas dava-me muito bem com elas. Não foi por mais nada, não tinha as qualidades... não era diferente dos outros, então.

E - Sim senhor. Então, vamos agora passar para um outro bloco que é, essencialmente, sobre a escola. Não sei se a colega quer fazer alguma questão ou se tem alguma coisa para salientar?

E2- Eu estava a querer perguntar porque é que morava aqui e o porquê desta escola, mas...

e - Olhe, andaram aqui os meus filhos, todos. Morava aqui...

E2- Ah! Era porque morava aqui!

e - Morava aqui, logicamente

E2- Portanto, já concorreu para aqui propositadamente?

e - Pois. Mas inicialmente concorri para a [nome de escola - 11]. Já me esquecia de dizer isso. E quando, eu, estava lá, precisamente, a tomar posse do horário, telefonam-me aqui de casa e dizem-me: "- Olha que há aqui lugar na [nome de escola - 9]". Portanto, eu vim logo, porque já estava a tomar conta dos horários da [nome de escola - 11]

E2- Portanto, desististe a tempo.

e - Pois, estive naquele e depois vim logo para aqui. Na altura, o que eu queria, na altura era mas é ficar colocado, por [nome de povoação - 2] ou por [nome de povoação - 4]. Andamos a correr...

E2- Ah! Era naquela altura que andávamos

e - Andávamos a ver as escolas como eram...

E2- Pois, a gente diz que era o mini-concurso...

e - Exacto.

E2 - Dizemos que é o mini-concurso, mas na altura aquilo era como uma proposta...

e - Exacto, exacto. Era, tínhamos de andar de porta em porta...

E - (Risos) De porta em porta...

E2- Era, era, era.

e - Por acaso tive sorte, porque estava para ir, para ir...

E2- Sim, sim...

e - Para a [nome de escola - 11]...

E2 - Claro, mas...

e - O que eu queria era começar a trabalhar.

E - Os seus filhos andaram aqui...

e - Andaram aqui na [nome de escola - 3]...

E - Na [nome de escola - 3] e...

e - E na [nome de escola - 9].

E - Na [nome de escola - 9].

e - Portanto, eu tenho três filhos. andaram aqui todos.

E - E a sua opinião como encarregado de educação, nessa altura, como é que era?

e - Foi boa. Se não, não os tinha posto cá, iam para a [nome de escola - 3]. Iam para a [nome de escola - 3] ou para a outra... Com a outra, também não tenho nada a dizer...

E - Claro!

e - Mas eles continuaram sempre aqui. O mais velhinho iniciou na [nome de escola - 3] e depois ficou por aqui.

E3- E antes de cá ter tido os seus filhos, já conhecia a forma, em termos de... Pronto como é que esta escola funcionava? Já sabia o que é que ia encontrar?

e - (...) Conheci um pouco, pronto o meu filho na escola, eu acompanhava, pronto, logicamente que ia vindo como é que a escola funcionava. Estava atento ao percurso escolar dos meus filhos e sabia à partida aquilo que iria encontrar. Pronto as instalações, nessa altura, pronto, isto estava precisamente no princípio. Isto foi em setenta e como deve calcular, este tipo de instalações estava naturalmente bem conservadas, não é verdade. E portanto a parte, a parte que me motivou mais foi o ambiente entre os professores.

E - E o ambiente dos alunos, na altura, era melhor do que é agora? Ou tem vindo a piorar?

e - (...) Eu penso que, se calhar, era um pouco melhor. Eu estou-me a referir, obviamente, ao tempo em que andaram aqui os meus filhos.

E - Em setenta?...

e - Exactamente.

E - Na década de setenta.

e - Eles ficaram, eles ainda se lembram, ainda se lembram das pessoas que eram da turma, este, aquele e o outro, eles ainda se lembram e ficaram com boas recordações e fizeram muitas amizades. Ficaram com grandes relações de amizade com a maior parte dos alunos que integraram as turmas nessa altura.

E3 - Aquela, aquela primeira impressão, que é sempre aquela que nós temos quando entramos em algum lugar onde pensamos permanecer Pronto, daí até agora qual foi, digamos, o percurso de evolução que esta escola teve?

e - (...) Eu sou suspeito, aliás isto foi há vinte seis anos, repito. Pronto, a minha mulher era prof.<sup>a</sup> do ensino primário e trabalhou aqui nesta escola em frente, mas como eu já estava habituado a este ambiente, a este tipo de coisas, pronto, para mim já não me chocou nada entrar aqui. Repito, e tomem atenção que isto foi há vinte e um anos. Pronto, as instalações começaram novas e não tem nada a ver com a degradação que tem agora. A mim não me chocou nada isso e como ando aqui, praticamente, todos os dias durante estes anos todo, claro que entendi, logicamente, da degradação, mas não me choca muito. Não me choca muito, quer dizer, este é um termo...

E - É um termo perigoso...

e - Pronto, aquilo que eu quero dizer é que isto se torna numa rotina, ao passo que quem entra aqui...

E3- Ah! Pois.

e - Acaba por ter uma opinião totalmente diferente e absolutamente justificável.

E3- Mas voltando à questão inicial. Essa primeira sensação que teve, foi-se, em termos de continuidade, esbatido essa noção da degradação que residuiu, mas certamente que essa situação evoluiu de uma forma positiva ou negativa.

e - Eu quando entrei aqui, quis ficar logo aqui.

E3- Exacto.

e - E mantive, só tive que ir para a [nome de escola - 9] na altura mas, como disse, tive lá três anos, mas sempre quis vir para aqui, sempre aqui. Mas, como sabe, a [nome de escola - 9] nada tem a ver com isto em termos de instalações, a ligação aqui é muito mais... Nem é o facto de morar ali atrás. Porque isso também tem, tem, tem, tem outra, pronto, tem o seu lado positivo e o seu lado negativo, não. Nem era isso. Pronto, tinha com isto aqui uma ligação muito forte...

E3- Mas nessa altura não era suposto que esta escola iria desaparecer?

e - Não, nunca, nunca...

E3- Nunca foi considerada essa hipótese?

e - Não, nunca ouvi falar disso.

E3- Quando abriu aquela lá de [nome de povoação - 9] não era para acabar com isto aqui?

e - Não, não, nunca ouvi semelhante coisa.

E3 - Nunca foi...

e - Não, porque nós víamos que a população escolar tendia para aumentar nessa altura...

E2- Pois, era natural que iria aumentar...

e - Pois, a tendência era para aumentar, agora isto estabilizou um bocado. Mas nunca houve... Havia pessoas que diziam que isto ia acabar e que iríamos para aqui ou para além, mas de uma forma concreta, aliás, esse mesmo problema ainda-se coloca hoje...

E - Pronto, então as pessoas que ficara aqui na secção e depois quando isto ficou a ser o preparatório dos [nome de povoação - 13], era um conjunto de pessoas que tinham a ideia de vir a ficar cá.

e - Era, era.

E - Alguns que tinham ficado aqui na secção outros que tinham ido lá para cima...

e - Lá para cima, não. Os que foram lá para cima poucos regressaram para aqui. Acabaram por ficar aqui os professores mais antigos.

E - Como é que, como é que, pronto, havia aqui, pronto...

e - Havia um corpo docente...

E - Exacto. Como é que, quando abriu a escola nova de [nome de povoação - 9]...

e - Fizemos, pusemos ali um papelinho...

E - Foi dada a opção?

e - Exacto, foi dada a opção às pessoas...

E - Ah! Foi dada a opção às pessoas. Então as pessoas não foram obrigadas. Todos os efectivos tinham o direito...

e - Não, não, acabaram por ficar aqui. Bastantes professores acabaram por ficar aqui. Mesmo dando a escolher, houve muitos professores que tiveram preferência por esta escola. Não, não, nada disso. (...) Ficaram uma data deles: [nome de prof<sup>a</sup> - 19], [nome de prof<sup>a</sup> - 16], [nome de prof<sup>a</sup> - 20]...

E - Sim, sim.

e - Foi dada...

E - Então foi dada a opção às pessoas, entre as que queriam ficar aqui...

e - Ou ir para [nome de povoação - 9].

E - Isso, portanto, dentro das vagas, no seu caso teve de ir para [nome de povoação - 9]...

e - Tive de ir para [nome de povoação - 9]...

E - Porquê?

e - Tive de ir para [nome de povoação - 9] porque era do CD.

E - Ah! Porque era do CD.

e - Exacto.

E - Só porque era do CD?

e - Exacto. Pronto, mas se calhar até tinha, pronto, como era dos mais novos do meu grupo, se calhar até tinha de ir para cima, não é. Foi nos dada uma escolha...

E - Por antiguidade?...

e - Pronto, não foi necessário entrar nesse campo. Pronto, mas para os que ficam aqui, a formalização teria de ser feita através de concurso.

E - Claro, claro.

e - Só que não houve necessidade de obrigar ninguém a ir.

E - Então todos os que foram, foram voluntariamente.

e - Exacto. Foram voluntariamente.

E - Excepto o CD.

e - Exacto, excepto o CD, porque era o CD. Pronto, mas depois alguns lá ficaram, a maioria...

E - A maioria não voltou?

e - Exacto. A maioria dos professores não voltou, exactamente, por causa das instalações.

E3- Mas as instalações, do início até hoje, digamos, que houve alterações no seu espaço. Ou seja, inicialmente isto estava sem qualquer protecção, não é. Pronto, e era pressuposto que qualquer pessoa passava por aqui e, pronto, sem pedir autorização a ninguém, não é...

e - Eu, eu, eu...

E - Isso, portanto, isso de algum modo, perturbava ou não, o normal funcionamento das aulas?

e - E de que maneira. E mesmo já com rede, porque eu sinceramente já não me lembro muito bem, pronto, eu sei que inicialmente foram estes, estes pavilhões verdes, no primeiro ano, voltando ainda à [nome de escola - 3], eram estes pavilhões verdes. Depois, no ano a seguir, ficou esta ala da dezassete e da dezoito. Depois, houve ainda um ano, onde ficamos a funcionar numa secção aqui na escola primária. Eu penso que já havia rede, a ideia que eu tenho é que já havia rede, mas a rede foi sempre um problema, foi sempre um problema que se arrastou até construirmos o muro, inicialmente nem era este tipo de muro que estava previsto, era este tipo de vedação, não sei como é que isto se chama, malha sol ou uma coisa assim parecida. Mas isto era um descabro, e foi...

E - Faça-me um bocadinho essa história. Isto é, houve aquele problema da rede que acho que foi uma grande contestação...

e - Foi, foi...

E - Mas, para...

e - Bem, eu não tive oportunidade de ver em que ano é que isso aconteceu...

E - Mas, isso foi mais ou menos...

e - Isso agravou-se quando tu estavas na, na...

E - Na DREL.

e - Exacto. Agravou-se um bocado...

E - Houve algum levantamento, inclusive, não houve? As pessoas...

e - Houve, houve, houve. Então, não houve. Os alunos fizeram uma greve de dois dias nesse ano lectivo. Mas eu agora não tenho presente a data (...), não sei se foi noventa e três ou noventa / noventa e um, sinceramente não sei em que data foi.

E - E da parte do encarregados de educação, houve alguma contestação?

e - Oh. Da parte dos encarregados de educação, a parte dos encarregados de educação. Esses permitiram que os alunos fizessem a greve. Mais nada. De resto, os encarregados de educação, para além de se lamentarem, como nós, nós lamentarmos, não fizeram absolutamente mais nada.

E - Foi nessa altura que veio a televisão, veio, veio...

e - A televisão... A imprensa veio aí, de resto, televisão...

E - Eu ouvi falar...

E2 - Só se foi noutra altura.

e - Não sei. Sinceramente, isso passou-se lá fora...



E - E a luta, entre aspas, nessa altura, era pela rede?

e - Era pela rede...

E - Não era pela (...).

e - Directamente, o ponto principal era a rede, era protegermo-nos da invasão de elementos estranhos. Porque as instalações foi sempre, isto é uma coisa que vem já, pronto, isto vem praticamente desde o início.

E - Recorda-se quando é que começou essa insistência pela mudança das instalações?

e - Houve-as, houve-as, bem, tanto quanto eu me lembro, houve aqui duas grande intervenções, uma eu estava lá para cima para a [nome de escola - 9], e a outra deve ter sido antes de mil novecentos e oitenta. Depois, houve o problema da rede o problema da rede alastrou para a questão das instalações. Foi na altura em que estavas lá na DREL, foi-nos atribuída uma verba de quinze mil... Foi atribuída, não. Havia uma verba de quinze mil contos, lembro-me perfeitamente, havia uma verba de quinze mil contos para obras de urgência aqui na escola. Para essas obras foram lançados concursos, mas depois houve problemas, pelo menos foi a indicação que me deram, que houve problemas com o tribunal de contas, e desses quinze mil contos que havia para obras de urgência aqui na escola, pronto era para a reparação dos pavilhões, apenas deu para (...), para, para, para construir o muro. E isto porquê? Porque entretanto ele começou a construir aquilo, mas o concurso tinha de ser revisto pelo tribunal de contas, mas ele avançou com isto...

E - Mas ele, quem?

e - O empreiteiro que adjudicou a obra. Pronto, ele como começou a construir teve de acabar. As outras, não sei qual foi a verba que gastaram aqui, repito, havia uma verba destinada de quinze mil contos...

E - E só gastaram o quê?

e - Gastaram só, sei lá, três mil ou quatro mil contos. E gastaram, porque entretanto o senhor já tinha mandado a rede a baixo, gastaram, pronto, o senhor já estava a construir o muro, e portanto tiveram de ir até ao final da obra...

E - E depois disso houve ainda uma outra intervenção.

e - Depois, andávamos sempre à espera que fizessem obras, ou que (...), ou que chegassem a esta conclusão o ano passado, substituir as instalações.

E - Quando veio cá o secretário de estado, suponho eu que o secretário de estado...

e - Foi, foi, foi.

E - Há dois anos...

e - Foi o ano passado.

E - Ele veio cá (...) numa visita de rotina ou...?

e - Ele foi visitar uma data de escolas (...), penso que a mais degradada foi esta, e depois foi outra ali para a zona, não sei se é de Oeiras ou se é de Cascais...

E2 - Pois, essa escola já acabou.

e - Era uma coisa qualquer por causa da CRIL ou da CREL e tinha a indicação de que ele...

E - E ele disse, nessa altura, qual é que seria a decisão?

e - Ele disse que havia...Não. Ele disse: "- Primeiro, temos de construir uma escola aqui nos [nome de povoação - 13], temos dinheiro para isso, desde que haja terreno.". Depois, ele deu aqui uma voltinha e disse: "- Porque é que não haveria de ser aqui.". Depois dele ter dito aquilo, até ficamos mais satisfeitos, para nós até era melhor. De maneira que ficou assente que se a câmara cedesse o terreno, o ministério tinha verba para construir aqui uma nova escola.

E - A sua opinião pessoal é que a melhor solução é construir aqui uma escola?

e - Eu acho que aqui ficaria bem, porque eu não vejo aqui nos [nome de povoação - 13], muitos terrenos para fazer uma escola.

E - E a população estudantil não justifica uma escola aqui?

e - Eu penso que sim, não tenho os dados que terá o ministério ou qualquer câmara, em termos da população, mas este bairro já é um bairro velho...

E - Mas está a vir muita gente de fora...

e - Exacto. Agora, estamos aí com cinquenta por cento, aliás, não é só de agora, mas há dois anos a esta parte, ou mais ainda, a população desta escola era cinquenta por cento de [nome de povoação - 9] e cinquenta por cento dos [nome de povoação - 13]. Agora, andam aqui e estão a regressar a casa dos pais, os filhos com os netos, já andam aqui netos. Esta zona estabilizou em termos de construção. Aqui assim, estes apartamentos que vão fazer, provavelmente, não vêm para nós.

E - Pois.

e - Certamente, são pessoas de um determinados estrato social, como querem os miúdos ocupados o dia inteiro, provavelmente, não virão para aqui. O que nós temos estado a apanhar um bocadinho, entre aspas, por tabela, porque ali junto à Datsun, não sei se conhecem.

E - Sim.

e - Ali junto à Datsun, foi construído, está lá um bairro para desalojados que é o [nome de povoação - 18], portanto, esses alunos ou vão para a [nome de escola - 3]...

E2 - Mas a [nome de escola - 3] também apanha desses?

e - Apanha. Mas ou se comporta a [nome de escola - 3] ou não se comporta, porque também apanha a [nome de povoação - 19]...

E2 - Que é a seguir?

e - (...)

E2 - Mais para baixo.

e - Exacto. Depois, a pressão é grande e acabam por vir para aqui. Depois apanhamos com os de [nome de povoação - 9].

E2- Quer a [nome de escola - 3], quer esta escola, em termos de alunos aqui e mesmo dos [nome de povoação - 13], vai diminuindo?

e - Vai diminuindo. Exactamente.

E3- Nota-se, nota-se, à pouco falou, há um conjunto de estratos que vão certamente pôr os seus filhos no ensino privado. Nota-se de alguma maneira, esse, esse, comportamento relativamente aos últimos anos, nota-se esse comportamento relativamente ao número de pessoas que têm procurado esta escola? Esse comportamento de fuga.

e - A fuga, a fuga, bem eu sou um pouco suspeito para falar disso, mas eu acho que não há fuga. Agora, estou a falar, eu dei este exemplo mas já havia outras pessoas que moram aqui relativamente perto, e que só não vêm aqui os miúdos porque...

E - Não acha que há pessoas que...

e - Fogem um bocadinho pela má fama.

E - Pois é isso. Acha que as pessoas que moram aqui e têm filhos preferem a [nome de escola - 3]?

e - A [nome de escola - 3]. Claro. Exactamente, não tenho dados muito concretos, mas vê-se perfeitamente que é pela escola [nome de escola - 3]. Nada tem a ver contra... Não se trata de ser uma escola melhor ou pior que as outras em termos de ensino, mas a questão das instalações é...

E - E para além das instalações, acha que esta escola não tem má fama, entre aspas, do ponto de vista dos alunos?

e - Também tem um bocadinho, também tem um bocadinho. Mas não é só esta.

E - Sim, sim. Mas nesta aqui. Não acha que esta escola transmite um pouco a ideia de problemas de violência, a ideia de alunos que batem em alunos...

e - Eu tenho que admitir isso.

E - Mas para além de admitir, pelas conversas que tem com os encarregados de educação, com as pessoas lá de fora. Tem essa ideia?

e - (...) Há um caso ou outro onde as pessoas falam disso, mas também há pessoas que dizem exactamente o contrário.

E - O contrário?

e - Eu tenho exemplos de pessoas que dizem que vêm cá pôr os filhos porque gostam muito desta escola. É claro que quando eu falo em escola não falo nas instalações...

E - Sim, pronto, mas tirando a questão das instalações...

e - Em termos de ambiente existente na escola, eu tenho a impressão que as pessoas até gostaram. O bater e a violência, naturalmente que isso acontece e não adianta nós estarmos a dizer que isso não acontece. Mas acho que nesses termos isso tem vindo a melhorar um pouco e este ano até se nota a diferença.

E - E porquê?

e - Porque temos menos cinco turmas do ano anterior. Portanto, com este espaço muito pequeno, nota-se muito bem a falta de menos cem ou cento e vinte alunos, e é natural que os casos de...

E - Mas diga-me uma coisa...

E2- Só uma coisa desculpa...

E - Faça favor colega.

E2- Mas desses esse decréscimo de alunos... (...) A proveniência deles seria mais de [nome de povoação - 9]?

e - (...) Talvez, talvez, porque [nome de povoação - 9] é que...

E - Mas esse aspecto é o seguinte. Da parte do ministério sabia-se que isto tinha algumas carências relativamente às instalações. Mas houve alguma estratégia de tentar compensar a escola destas dificuldades?

e - Não.

E - Nunca houve nada?

e - Não, não.

E - Isso era tratado...

e - Era, em pé de igualdade.

E - Mas nomeadamente na questão das turmas, nunca houve esse esforço?...

e - Não. Nunca...

E - Mas nem sequer...

e - Aliás, eu quero dizer-lhe uma coisa...

E - Diga, diga, diga.

e - Nós aqui temos usado uma estratégia de distribuir vinte e quatro alunos por turma, nesse momento. Já tivemos trinta. Mas agora temos vinte e quatro, que dizer, eu tenho turmas que têm vinte e quatro, outras que têm vinte ou vinte um, naturalmente quando se faz a programação...

E - Não, eu estava a dizer...

e - Não, agora desculpe lá. E nomeadamente, relativamente aos alunos deficientes, eu nunca pedi, pronto os alunos deficientes é a única coisa que permita reduzir o número de alunos, eu nunca pedi isso.

E - Mas nunca colocou o problema de que, pronto, que se encontra com problemas, e que a escola para funcionar necessitava de menos alunos...

e - Não, nunca coloquei o problema assim.

E3 - Mas eles também nunca lhe deram a oportunidade de...

e - Não. Penso que não, e agora que ultimamente, pronto, houve uma altura em que não havia metade dos alunos. Lembras-te?

? - Sim, sim.

e - E eles nunca me deram menos de vinte e quatro. Nunca pensaram nos alunos que eu tinha, em conformidade com a capacidade das salas. A mim nunca me passaram dos vinte e quatro.

E - Isso já era atendendo à situação especial da escola?

e - Exactamente. A [nome de fme - 5] é a nossa... É com quem nós fazemos as reuniões da rede, conhece perfeitamente a realidade e como disse, ainda não há trinta anos que eu tinha trinta alunos. Portanto, esta, esta redução para vinte e quatro foi uma coisa já benéfica. Nunca insistimos muito em pôr vinte. Claro! Eu tenho aí turmas com vinte alunos. Mas chega à prática, por exemplo, se há turmas com vinte e quatro, eu chego ao nono ano e tenho todas as turmas com vinte e quatro alunos, no oitavo, eu tenho duas turmas de Francês que têm quinze alunos cada uma. É claro que eu pedi autorização... Mas eu não ia formar uma turma com trinta alunos. Tenho turmas com vinte alunos, agora até já tenho algumas com dezoito. Mas isso... Também nunca houve aquela preocupação para fazer tudo a vinte. Isso nunca fiz.

E - Em relação, portanto, e só porque começamos a ficar apertados relativamente ao tempo, ainda só esta questão da escola. Independentemente da escola e quanto à organização da escola, como é que acha: Acha que a escola está bem organizada? Funciona...

e - Eu sou suspeito.

E - Está bem. Mas acho que deve ser...

(Risos)

e - Funcionam, eu acho que as coisas funcionam. Procuro que as coisas funcionem da melhor maneira possível, claro que isso é utópico, mas vamos tentando fazer o melhor.

E - Mas quando diz que as coisas funcionam o que é que quer dizer?

e - Quer dizer que isto está montado. Que dizer que isto já está de uma tal maneira montado desde há vinte e tal anos e não tem problemas alguns. Vamos lá, problemas alguns, isto é um exagero. Funciona, pronto.

E - Portanto, há aulas, há o controlo de professores que deve de haver, há as reuniões que deve de haver, portanto não tem... Quer dizer, quando isto funciona não há perturbações àquilo que é esperado da escola pelas instalações que tem. Por exemplo, questões de disciplina. Acha que à problemas com a disciplina dos alunos?

e - Sim, sim, sim.

E - Como é que são resolvidas?

e - São resolvidas...

E - Há conselhos disciplinares?

e - Sim, há conselhos disciplinares, outras vezes é a aplicação directa de pena.

E - Decide por si?

e - Exactamente. Decido por mim.

E - A maior parte é por conselho disciplinar ou é por si?

e - Eu penso que a maior parte deve ser por mim.

E - Como é que são...

e - Como são pequenas coisas...

E - Como é que actua?

e - Chamo o aluno, chamo o DT, normalmente, vêm ter comigo e eu digo que não vale a pena fazer um conselho disciplinar, uma vez que o DT conhece bem o aluno, propõe, pronto, alguns alunos eu já conheço, já são casos famosos. Agora, outros alunos eu não conheço. Cada um da a sua opinião e...

E - E portanto é decidido nessa, nessa...

e - E depois é decidido. há aqueles casos crónicos, se assim lhes podemos chamar, por exemplo: no Carnaval, os balões de água, isso é logo, sai imediatamente uma ordem de serviço a dizer que não há brincadeiras de Carnaval, e quem brincar já sabe que apanha aquela tabelazinha e claro que não há conselho disciplinar.

E - Portanto, trabalha mais com a intervenção directa do que com o recurso.

e - É, é, é, eu penso que sim, penso que sim. em termos estatísticos penso que sim.

E - E em relação aos outros professores, em relação às faltas dos professores. Os professores faltam muito?

e - Não tenho esses números para me poder pronunciar.

E - Acha que faltam o normal?

e - Sim.

E - E acha que há diferença entre os professores do segundo ciclo e os do terceiro ciclo?

e - Penso que neste momento... Houve mais diferenças. Houve uma altura em que o quadro do segundo ciclo tinha uma ou outra alteração e o terceiro ciclo era completamente remodelado... Hoje ache que vivemos uma estabilização e uma aproximação entre os vários docentes existentes aqui na escola.

E - Recorda-se da sua situação, enquanto estava no CD, e quando vinha para cá um prof. novo. Qual era a reacção que ele tinha?

e - A reacção?! Bolas! Eles ficam apavorados, querem logo ir-se embora.

E - Como é que os convence?

e - Muito simples:"- Olhem! Isto é uma autentica barraca, mas tem aqui uma coisa que é muito boa, são as relações humanas, portanto, damo-nos aqui todos muito bem. Os alunos, temos alunos bons e alunos maus. Portanto, já sabes, vais trabalhar de manhã ou de tarde vais apanhar umas turmas um pouco complicadas, mas o que é preciso é rédea curta.". Quando chegas ao final do ano, já tens uma opinião totalmente diferente daquilo que é esta escola, e até és capaz de cá querer ficar.

E - E acha que muitos professores ficavam cá?

e - Ficavam, isso aí não tenho dúvidas. Ficavam... Não ficavam todos, isso seria um exagero...

E - Mas talvez a maioria...

e - Sim, a maioria dos professores ficava cá.

E - Portanto, de facto, as pessoas deixavam-se atrair pelo ambiente...

e - Pois. Nós, aqui, mesmo que não queiramos, somos obrigados a estar ali a conviver.

E - Naquele espaço ali?

e - Naquele espaço. Vou dar o exemplo da escola [nome de escola - 3]. Estive lá um ano, e uma pessoa lá não tinha possibilidades para conviver para conviver. E isso é muito importante.

E - É que um gajo passa aqui muito tempo.

e - Pois é, mas repare, estamos ali todos.

E - Oitenta pessoas naqueles espaço?!

e - Mas estamos ali todos, o que é uma maravilha.

E - Mas aquilo são duas salas.

e - É evidente. Mas agora veja o que é que [nome de escola - 3]...

E - As pessoas estão lá...

e - Nós apanhamos esta calorosa todos os anos. Pronto, eu acho que as pessoas acabam por se sentir bem. Naturalmente porque gostávamos de ter uma salinha melhor, gostávamos de ter um gabinetezinho - como tem qualquer escola, para o grupo... Não temos, é evidente. Mas penso que uma escola... Pronto tem de haver o contacto epidémico.

E - É verdade.

e - É pá, tem de ser.

E - E em relação aos resultados escolares. Qual é a opinião que tem?

e - São maus.

E - E acha que isso se deve a...

e - Isso deve-se fundamentalmente (...), para já às condições de trabalho. Depois, também matéria prima, agora é uma desculpa mas acaba por não ser uma desculpa. Pronto, está a ver, os alunos vêm para aqui para o quinto ano, os três, quatro ou cinco anos as esta parte, em termos de comportamento é uma coisa que tem vindo a piorar. Não sei se... Mas verifica-se. Havia a mania de antigamente de se dizer que os meninos da manhã é que eram bons, são os meninos mais bonitos. Penso que isso é um mito que está a acabar. Eles entram cá com uma série de vícios, se assim lhes podemos chamar. Nós até tínhamos pena deles, quando vinham para aqui com doze anitos, mas agora já vêm todos com uma certa escola. Agora, em termos de base...

E - Também acha que sim?

e - Acho que vêm muito mal preparados.

E - E acha que o facto de... de serem uma quantidade de alunos que vêm de uma classe não muito favorecida, acha que isso também não agrava?

e - A maior parte deles sim.

E - Os pais acompanham?

e - Os pais? Não.

E - Não vêm à escola?

e - Vêm à escola mas não são muitos.

E - E nas reuniões...

e - Normalmente, nas reuniões dos directores de turma com os pais, há sempre uma turma onde vêm os pais todos, mas depois há uma ou duas em a que os pais não vêm.

E - Acha que há diferença das turmas entre a manhã e a tarde?

e - Eu penso que isso, penso que (...), penso que essa tendência tem vindo a...

E - Como é que...

e - Oh, Elizabete. Eu, neste momento, dá-me a impressão que já estamos quase equilibrados...

E - Pronto, a aproximação da manhã à tarde, mas aquilo que ele está a subentender é porque é que a tarde é assim?

e - Repare, a tarde... Por exemplo, vêm alunos do quinto ano, ou de outro ano qualquer. Pronto, se eles são mais velhos, têm mais idade que os outros, a tendência é pô-los na tarde.

E - Eles podem escolher os horários?

e - Não... Quer dizer, dentro dos possíveis. Pronto, nas matrículas pergunta-se se querem ser de manhã ou de tarde, mas a uma certa altura nós vemos que temos de ter alunos de manhã e de tarde e que não podemos satisfazer todos os pedidos. O que é que procuramos, muitas vezes, no quinto ano? Certamente que pôr os mais novinhos de manhã. Mas também já temos muitos miúdos pequeninos, de nove e de dez anos, à tarde. Mas aqueles que são um pouco mais velhos vão para a tarde, e daí que venha essa história que os da tarde têm um outro tipo de comportamento que os da manhã não têm. Embora, repito, hoje em dia isso está a acabar, já temos aí queixas de...

E - E em relação aos professores...

E2- Os professores da manhã e de tarde...

e - Há diferenças?

E - (...) Eu penso que não há, porque a tendência é...

E2 - Tem horários mistos?

e - Não, não tenho.

E - Porquê?

e - Horários mistos são só aqueles que têm de ficar mistos, mas de um modo geral são muito poucos. Normalmente... Pronto, hoje em dia há mais efectivos à tarde. Antigamente, tu sabes como é que era, os efectivos queriam estar todos de manhã...

E - Pois, era exactamente isso que eu...

e - Mas como os quadros, actualmente, penso que já há quase uma divisão educativa.

E - E em relação ao pessoal auxiliar. Como é que os compara?

e - Temos bom e mau. Temos uns que são realmente...

E - A maior parte do pessoal que não é administrativo, mas sim do outro, é feito na maior parte aqui no recreio?

e - Não entendi, desculpe.

E - Quantas pessoas é que são necessárias, neste momento, na vigilância?

e - Se calhar não está lá nenhuma.

E - Era suposto estar?

e - Era suposto estar a esta hora, pelo menos uns três ou quatro, pelo menos. Embora, claro, estejamos em hora de almoço.

E2- Entraram este ano?

e - Hã!

E2 - Os vigilantes entraram este ano?

e - Sim.

E2- Mas uma pessoa é do quadro...

e - Exactamente, uma das pessoas é mesmo do quadro da escola.

E - Neste momento tem que chegue?

e - Sim, sim, sim. Aliás, neste momento não temos qualquer problema. Em pessoal... Há o problema das limpezas que é um pouco...

E - E problemas administrativos?...

e - Problemas administrativos não tenho absolutamente alguns. Problemas administrativos não há. Considero que agora tenho pessoal a mais, houve alturas em que tive a menos, agora considero que tenho a mais.

E - Diga-me só para acabar e para passar às questões da reforma, ainda relativamente às instalações. Desde que ano é que as persianas estão corridas desde lá de baixo?

e - Desde, desde sempre.

E - É desde sempre. Isso foi uma decisão sua?

e - Não é minha, isso já vinha do anterior.

E - Já vinha do anterior?

e - Sim, sim, sim.

E - Desde que está no CD. Foi sempre assim?

e - Sim.

E - E a...

e - E sabe porquê?... Porque se eu tiver as persianas abertas, os miúdos não têm espaço para brincar e logicamente que se prega ali ao pé das janelas a brincar.

E - Mas isso é um mal menor.

e - Eu acho que sim. Se não for assim, as pessoas não dão aulas ali.

E - Do ponto de vista do quadro?...

e - Isso é que claro que é prejudicial e que é extremamente gravoso... É claro que este ano prejudicar menos, porque temos aí uns projectores para auxiliar...

E - Mas isso foi decisão sua ou...?

e - Foi minha, foi minha.

E - A antiga... Antes não conseguiu fazer isso...

e - Antigamente tinha, antigamente tinha. Inicialmente tinha, inclusivamente estas campânulas...

E - Mas tinha...

e - Foram desaparecendo com o tempo. Quando tínhamos aulas à noite, haviam aqueles meninos de quatorze, quinze anos que deram cabo disto tudo, arreventaram com estas campânulas. Os quadros já estão muito gastos, não é.

E - E nunca foi possível exigir à direcção regional, quando era a direcção regional, nunca foi possível exigir uma intervenção?

e - Eu pedir pedia. Mas...

E - Nunca houve condições para isso?

e - Eu, ainda houve aqui uma série de quadros, destes pavilhões, que comprei.

E - Houve uma altura em que as escola tinha... Depois isso desapareceu. Tinham uma verba para, para, para reparações. Até havia um conselho para as reparações.

e - Não... Isso já, isso já... Pronto, houve uma altura em que não havia APEE e eu parei com isso.

E - E essas verbas são insuficientes para esta...?

e - Veja bem, para esta escola nada é suficiente. Por exemplo, eu, este ano, tenho novecentos contos, vá lá, vamos chamar-lhes receitas próprias que realmente não são, mas vamos chamar-lhe assim. Tenho novecentos contos para reparações... (...) (Final do lado da cassette)... Ainda, ainda vai consignando. Às vezes, em reunião há pessoas que estão em escolas novas e aquilo está numa desgraça, eu, aqui acho que isto acaba por não estar. Digamos que temos de ter em conta o tempo, os vinte e tal anos desta construção. As pessoas têm um bocado de medo, houve aquela altura, houve aquele problemas das chuvas mas depois isso não resolvia nada. Pronto, havia um curto-circuito. Quem é que se responsabiliza? - Responsabilizo-me eu. - Disse o electricista que aqui vem tratar das coisas. Logicamente que ninguém nos poderia garantir que neste estado as coisas fiquem a cem por cento. Mas há sempre o...

E - O risco eminente?

e - Exactamente.

E - Sim senhor. Vamos falar um pouco da questão da reforma educativa. Aqui, nesta escola, havia aqui três grandes temas: a questão da área escola, o APA, e a reforma curricular. E em relação, portanto, à área escola, que é uma das partes da reforma. Qual é a apreciação que faz da área escola? E da maneira de como ela tem corrido aqui na escola?

e - Eu penso que de uma maneira geral a coisa não tem corrido mal. As próprias pessoas têm aderido, os alunos, há sempre uma ou outra turma, pronto, há sempre uma ou outra turma mais complicada, e pronto não aderem ou colocam uma dada de problemas iniciais. Mas de uma maneira geral as coisas têm corrido bem.

E - Acha que os professores têm uma boa impressão da área escola?

e - Eu penso que não.

E - Porquê?

e - Porque para já coloca-se o problema do tempo: aulas e a área escola. (...) Os professores não têm tempo para, para, para...

E - Para os programas...

e - Para os programas e depois fogem um pouco à área escola. Há uma tendência para... Pronto, embora algumas actividades se possam enquadrar na área escola... Mas as pessoas têm tendência para fugir.

E - E acha bem a ideia da área escola?

e - Se calhar acho bem mas com um outro tipo de programa. Ou os programas mais reduzidos ou... Mas eu nessa parte não me sinto muito à vontade. Não me sinto muito à vontade para falar da área escola.

E - Mas porquê? Qual é a dificuldade que acha?

e - (...) Não sei. Não me sinto muito habilitado para falar disso. Essas partes assim de área escola e programas, e tal. Eu não me sinto assim... (...)

E - Não se sente à vontade?...

e - Não me sinto à vontade.

E - E acha que os programas, isto é, acha que os professores deveriam ter tido formação nessa área?

e - Acho que sim. Eu, acho que sim. Sobretudo os maiores problemas... Eu, na minha disciplina não tenho problemas alguns é matemática, nós damos o programa e não temos problemas. Mas a maior parte das disciplinas tem algumas dificuldades, e como os miúdos têm muitos problemas, há sempre um choque entre a área escola e os problemas da disciplina. Mas eu acho que apesar disso está a correr muito bem. (...) Por exemplo, o ano passado fizemos umas coisas engraçadas.

E - Tu achas que... Quem é que aderiu mais?... Houve mais adesão da parte dos alunos ou da parte dos professores? Quem é que aderiu mais?

e - (...) Eu acho que apesar daquilo dos programas, eu acho que são os professores. Eu penso que, se calhar, mais um ano e a área escola começa a resultar melhor.

E - E sobre o APA. Acha que isso tem resultado bem?

e - Isso aí é um desastre. É um desastre incrível.

E - São os alunos que não aproveitam?

e - Exactamente, os alunos não aproveitam. Pura e simplesmente eles não vêm. Isto é um luxo. Pronto, é claro que eu não posso estar a generalizar, mas a grande parte dos alunos não vem. E toda a gente se queixa disso, todos dizem que a maior parte dos alunos não vem às aulas. Pronto, estamos aqui a gastar dinheiro em balde.

E - O desinteresse é...

- e - Eu penso que aí também parte da família, que em alguns casos não quer. Temos tido uns casos assim.
- E - E os directores de turma conseguem falar isso com os pais?
- e - Quando aparecem. Normalmente, essa comunicação é feita num papelinho para ao encarregado de educação. Mas mesmo assim eles não aparecem. À tantas andamos à procura de salas para o apoio e depois os pais não querem.
- E2- (Não se entende/má gravação)
- e - Incluía. Oh! Há vinte e tal estratégias estipuladas...
- E - Sim.
- e - Mas a nossa tendência, pronto estamos a pregar no deserto nas aulas de apoio.
- E2- E nesse... Portanto, esses testes de recuperação... Pronto, o encarregado de educação tem de tomar conhecimento?
- e - Claro! O encarregado de Educação tem de tomar conhecimento.
- E2 - E como é que eles reagem? Eles vêm?
- e - Eles vêm. Assim eles vêm. Eu, também não tenho uma estatística... A maior parte deles também é capaz de vir, mas também acontece o seguinte, existem uma data de encarregados de educação que não vêm tomar conhecimento de nada. (...) (Não se entende/má gravação)... as pessoas trabalham todo o dia, mas acho que apesar disso há muita... Há um certo desinteresse pela parte da família.
- E - A sua ideia é... O que é que as pessoas devem fazer?
- e - Se calhar nós fazemos tudo...
- E - Não. A percepção que eu tenho é que os professores é que...
- e - Desenvolvem... Acho que sim, acho que sim... (Não se entende/má gravação)... Mas se há pessoas que não aparecem a escola tem sempre maneira de contactar com elas.
- E - E em relação ao PEE. Qual é o ponto da situação? O plano geral de actividades. Não há?
- e - Temos! Temos!...
- E - Pois, eu sei. Há plano mas não há projecto. Porque é que...
- e - Não me pergunte porquê, porque eu também não lhe sei explicar. Mas tivemos sempre atenção. Só houve um ano em que o projecto não ficou escrito. De resto, desde noventa que temos tido sempre o PAA. Este ano é que vamos arrancar com o projecto educativo.
- E - Bom. Vamos rapidamente para a última parte.
- e - Eu não gosto nada dessas partes.
- E - Não gosta?! Já é a terceira vez que diz. Porque é que não gosta?
- e - Não gosto. Não me sinto à vontade nesse campo. Na parte, na parte...
- E - Mas quem é que assegura esta parte? É o CP?
- e - Ora bolas, se não me sinto à vontade porque é que me terei de estar para aqui a armar?
- E - Está bem. Mas quem é que assegura essa parte dentro do CD? Quem é o responsável?
- e - Sim. Mas eu também acabo por assegurar. Não me sinto é à vontade para falar disso.
- E - Mas quem é que tem vocação para isso? É a [nome da SCD]?
- e - Ah. Normalmente sou sempre eu que trato disso.
- E - Acha que essa parte de orientação pedagógica é o CP o competente?
- e - Exactamente. Como já reparou, esta não é uma área em que eu me sinto à vontade. Trabalho melhor noutras coisas.
- E - E essas outras coisas são?...
- e - É a questão da gestão de massas...
- E - No seu entendimento, é aí que desempenha melhor as suas funções?
- e - Sim, eu tenho que assumir.
- E - E portanto, a parte mais de orientação pedagógica acabe por ser o CP.
- e - É o CP, embora, embora eu também tem de espicaçar, também tem de participar...
- E - (Risos)
- e - Não estou a fazer uma crítica de ninguém.
- E - Acha que o CP dá conta do recado?
- e - Penso que sim. (...)
- (Risos)
- E - Minimiza muito as suas...
- e - Não! Não! Não me dá vontade disso.
- E - Estivemos noutras escolas em que os professores se queixam que o CD não deixa...
- E2 - Eu acho que isso aqui é totalmente ao contrário.
- E - Não há conflitos entre o CP e o CD?
- e - (...) Só houve uma vez.
- E - Quer falar disso?
- e - Foi na altura da história da rede. Houve um determinado convite, mas foi resolvido logo ali.
- E - Foi relativamente ao número de alunos...
- e - Não, não, não. Foi aquela história da rede e do vamos fechar a escola e tal. Eu não alinho nesse tipo de coisas.

E - Isso não é uma questão propriamente pedagógica.

e - Certo, mas eu não me estou a referir ao conflito. Pronto, houve um prof. que disse para fecharmos a escola e eu disse que não fecho e pronto. Mas depois acabamos por conciliar (Não se entende/má gravação)

E - Oh! [nome do PCD]. Essa tua aversão, de te fechares a esse tipo de atitudes mais fortes resulta do quê?

e - Eu há coisas que não gosto...

E - Ou é por falta de apoio, depois de...?

e - Por falta de apoio, não. Eu acho que quando se fecha uma escola não é por falta de apoio. E se fossemos a pensar dessa maneira a escola estava sempre fechada. O pessoal dá o apoio e tu sabes muito bem, mas quando se toma uma atitude, quem é que é o primeiro responsável?

E - Pois, era exactamente isso que eu estava a falar...

e - Atenção. Oh! Luís. Não é fugir a nada. Quando for preciso fechar, fechamos. Mas por determinado tipo de coisas que, por acaso, foi aquela que foi ultrapassada... Pronto, houve aí uma altura, em que houve aí um fim de semana, em que eu não tinha um único vidro na escola. (...) Os miúdos ouviram dizer que se a escola não tivesse vidros fechava.

E - Isso era uma alegria.

e - Pois, isto era uma alegria, só que eu, hã. Eu amolei-os: de uma sexta para uma segunda coloquei todos os vidros. Isso é como a história da rede: "- Nós não abrimos sem ter rede!". Isso também eu, só que isto não pode ser assim. Porque as redes vieram, eu tinha aquilo tudo preparadinho e num fim de semana ficamos com rede. Vamos lá ver, eu não sou... Pronto, só em último recurso, e não é por ter medo, que eu todo certo e determinado tipo de atitudes. Mas se as pessoas entendem que é medo isso já é um problema delas, porque se fossemos a pensar assim, repito, dadas as condições esta escola nunca mais abria. É pá, não sei se me estás a entender, eu não sou do tipo de exigir nada, quando tem a ver com exigências eu já não alinho. Eu acho que as coisas têm de ser tratadas com um determinado diálogo e respeito pelos outros, porque eu também quero que me respeitem a mim. Mas não pensem que estou a criticar ninguém.

(...)

E - E em relação à distribuição de tarefas dentro do CD. Há algum pelouro distribuído?

e - Então, há um secretário que está inerente, a vice presidente substitui o presidente...

E2 - E os independentes...

e - (Risos)

E - Sim, está bem. Mas isso é o que está no diário da república...

e - Então...

E - Mas sem ser isso.

e - Nós tratamos dos professores, tratamos os dois do pessoal auxiliar, eu e a profª. [nome da VPCD], (...) pronto, eu também passo aqui o dia...

E - Quando diz que passa o dia... Qual é o seu horário habitual?

e - Das oito aí até à uma ou uma e meia. depois à tarde é das duas ou duas e meia até às cinco, seis ou sete horas. Gosto de estar cá. Tanto faz de manhã ou de tarde.

E - Quer dizer, isto é a tua vida.

e - É. Gosto muito disto. (...) Pronto, e também, como eu disse há pouco, já tenho trinta e sete anos de serviço. A minha mulher costuma dizer para eu não ir para a reforma porque depois não me quer em casa, então, desta forma, vou ficando no CD.

E - Como é que foi a votação? Já agora.

e - Foi boa.

E - Foi boa?

e - Sim.

E - Então já houve eleições?

e - Já, já, já.

E - Só votaram meia dúzia de professores?

e - Não. Houve dois que não vieram votar. depois houve dois votos brancos e dois nulos, porque puseram um quadradinho... Puseram "Lista A" no quadradinho.

E - E a percentagem de votantes?...

e - Foi boa...

E - Votos contra não houve nada?

e - Nada. Só houve dois brancos e dois nulos.

E - Ah! Pois, só houve uma lista.

e - Sim, há dois anos é que houve outra.

E - Então, e para o pessoal não docente... Como é que foram as eleições?

e - Nunca houve...

E - O quê?! Nunca houve eleição!

e - Já uma série de anos que não há eleições. sei lá, há alguns seis anos.

E - Mas depois é designado?

e - Nunca aparece lista alguma.

E - Mas é designado?



e - É designado. Pronto, depois eu proponho para lá um nome.

E - Mas tem sido sempre a mesma?

e - É. É a Dona [nome de aae - 1]. (...) Aquela senhora ali do, do...

E - Ah, do coiso...

(...)

E - Para acabar, pronto, já estamos mesmo no fim estamos aqui a queimar umas etapas. Qual é o balanço que faz te todos estes anos que está no CD?

e - Positivo. Se não, não estava cá.

E - Duas coisas boas e duas coisas más.

e - Uma coisa má são, certamente, as instalações. (...)

E - Mas, só essa?

e - É pá, há muitas só que eu não me estou a lembrar. As amizades que se criam aqui, para mim é o melhor que esta escola tem.

E - E acha que as pessoas reconhecem o seu trabalho?

e - É pá, isso não sei. Sei que, penso, penso que são minhas amigas, mas há que reconhecer que o mérito não é só meu. O mérito nunca pode ser só de uma parte.

E - Há um aspecto onde me parece que poderíamos ainda vir a falar. Dentro da escola, qual é entre professores e os encarregados de educação, o tipo de relação que se estabelece?

e - Quando se estabelece.

E - Exacto. Quando se estabelece.

e - É uma relação formal, e digamos que normal. Mas isto é só quando eles vêm. Se eles vierem com frequência, digamos que essa relação poderá ir um pouco mais além.

E - Digamos que quando os CT são convocados, os pais, eles aparecem com alguma frequência?

e - Os CT?! Como?

E - (...) Disciplinares...

e - Nos conselhos disciplinares temos um representante da APEE.

E - E ele aparece.

e - Vem sempre. Vem sempre um representante da direcção ou... Normalmente vem sempre alguém.

E - E nas reuniões com o DT, é vulgar aparecerem?

e - (...)

E - Aquelas reuniões que os directores de turma convocam aos pais.

e - Olha, há turmas em que vêm quase todos os encarregados de educação. Mas são muito poucas. A maioria vem meia dúzia de pessoas, não há assim muita... E já são horas... Pronto, as reuniões só se marcam fora do período laboral, por volta das seis, sete horas. Penso que as horas são mais próprias do que se fossem durante a tarde ou a manhã.

E - A participação dos pais, nos termos da sua estrutura institucional que é a APEE, nota-se que funciona em relacionamento com os outros órgãos de escola?

e - Ora bem, tu sabes que a APEE desta escola tem um ano.

E - Só um ano?

e - Exacto.

E - E nos outros anos?

e - Aaaa...

E - Nunca existiu?!

e - Existiu uma pró-associação...

E - Uma comissão instaladora?

e - Foi nos tempos em que nós fomos lá para [nome de povoação - 9] e que não havia pessoal, a escola nessas circunstâncias. Pronto, juntaram-se pais. Mas de resto todos os anos pedíamos às pessoas que indicassem nomes...

E - Um representante?

e - Pois um representante e outras pessoas que eventualmente estivessem interessadas em participar, pessoas que estivessem interessadas em constituir a APEE. Mas nunca... Pronto, há dois anos é que conseguimos fazer uma reunião, de onde saiu esta, a actual APEE.

E - E o relacionamento...

e - Conheço todas as pessoas, uma delas até foi minha aluna, o senhor [nome do RAPEE] já o conheço há uma série de anos quando fui professor da [nome de aluna - 2], portanto tenho já uma determinada relação de amizade com ele, apesar de tudo, (Risos) daquelas coisas, daqueles incómodos, ponto, mas passa tudo. Portanto, eu penso que em termos de... Não sei se por isso, mas acho que, acho que as minhas e as relações do CD com a APEE é boa. Na medida dos possíveis, claro.

E - Relativamente ao funcionamento do CP... Não sei se estou a ir para além...

e - Diz lá, pá.

E - Havia uma opinião que eu gostava de ouvir. Como é que vê o funcionamento do CP?

e - Para já...

E - Agora, numa perspectiva

(...)

E - Qual a tua sensibilidade relativamente ao CP? Gostas ou não gostas?

e - Eu gosto, pá. Eu gosto, é evidente.

E - Como é que consegues pôr aquele órgão a funcionar?

e - Naturalmente que não será assim, naturalmente que não será assim. é porque começa logo por não ter uma coisa que deveria ter...

E - Que era?...

e - Que é um regulamento. Isto para evitar... É pá, isto até, assim mesmo já... Pronto, é necessário pôr um pouco de ordem naquilo. Pronto, em algumas intervenções e noutras coisas. Se calhar, eu também... Lá está aquela parte em que me falhar um pouco de... Pronto, olha, para mim, tirando essas pequenas coisas até acho que vai funcionando. Pronto, é claro que quem está habituado a outros conselhos pedagógicos, eu também já participei noutros, nota... Mas não sei.

E - E em termos da sua constituição. Acha que o CP deveria funcionar só com os professores ou... Pronto, os pais ou alunos a participares. O que é que pensa disso?

e - Pronto, os pais estão representados, os alunos só no terceiro ciclo, acho eu.

E - Mas os nomes poderão ser indicados?

e - Até uma ou outra pessoa era capaz de resultar.

E - Mas vê que isso traria para o seio do pedagógico algo de positivo?

e - Bem...

E - Ou vê isso com uma outra...?

e - Eu sou um pouco... Eu tenho um pouco de medo, entre aspas, dessas coisas. Mas não tenho razão nenhuma para ter medo, também só o ano passado é que começamos a ter um RAPEE no CP. Não tenho nada contra, mas de qualquer maneira, aquelas coisinha e tal, se calar com outra pessoa, pronto, poderia ver as coisas de uma maneira diferente. Porque este ano não, mas o ano passado houve aí umas celeumas, eu já lhe disse a ele que se tivesse tido um pouco de calma, se tivessem lido as coisas, se tivessem conhecimento da legislação, evitavam um certo e determinado número de coisas que aconteceram. Foram algumas situações desagradáveis. Portanto, um elemento estranho pode criar problemas. Ao passo que nós estamos habituados a um determinado tipo de reuniões, às vezes, sai assim uma ou outra frase mais... Pronto, às vezes, para nós está tudo bem mas para outras pessoas, para os elementos estranhos, é capaz de poder criar alguns problemas. Neste aspecto, a participação de um elemento estranho pode pôr em causa algumas coisas dentro do pedagógico.

(Não se entende)

e - Outra coisa é o médico escolar que, não temos.

E - Não têm?!

e - Já há dois anos.

E - Há dois anos!

e - Pois, acabou.

E - Porquê?

e - Acabou a medicina pedagógica.

E - Mas quando tinha, vinha cá?

e - Vinha cá uma médica e uma assistente social.

E - E orientação escolar...

e - Acho que deveria ter aqui um psicólogo. Mas acabaram com essas coisas.

E - Não, não. O que está em casa é que face às condições especiais desta escola, nunca houve uma preocupação especial da parte do ministério, em tentar minimizar os problemas. Pronto, compensar de uma outra forma.

e - Eu não queria... Eu não sei... Eu não gosto... Eu penso que... Sei lá. São, são capazes, de a determinado nível, enfim, a direcção regional tem conhecimento disto, não é verdade? Quando falo do ministério tenho que me reportar à direcção regional.

E - Pois eu sei que não está a acusar ninguém...

e - Note-se que não quero acusar ninguém.

E - Mas a ideia é a seguinte: perante o funcionamento desta escola, perante o funcionamento desta escola, nunca houve uma atitude de, de... Pronto, pensarem que de facto não se pode dar a todos mas pelo menos...

e - Não, mas se calhar a culpa não é só do outro lado. Pronto, quando acabou, quando acabaram com a medicina pedagógica, eu falei com a... Naquelas reuniões... Perguntei como é que eu poderia arranjar um psicólogo para a escola. Disseram-me logo que não valia a pena pedir, porque não havia. Mas em termos das instalações e do resto, a DRELx desde que existe que sabe muito bem o que é que está nesta escola.

E - Sim, sim, sim. Mas esta ideia não é só relativamente às instalações. Reporta-se, também, ao tipo de população escolar, enfim, os problemas de funcionamento que tem, e perante isto, notamos que não houve nenhum tratamento especial.

e - Não, não houve. Mas...

E - E porque é que diz que não houve? Isto é, porque é que não existiu esse tipo de tratamento?

e - (...)

E - Talvez, porque pensavam que isto se resolvia à mesma.

e - Exacto, é com a tal história que me falou à pouco sobre as turma, eu, também nunca fiz pressão para ter vinte alunos por turma, nunca fiz.

E - E para acabar. Desculpe lá, já passamos imenso tempo e como vai buscar a sua filha é capaz de não ter tempo...

e - Ela espera.

E - Mas só para acabar. Acha que os professores que acabaram por ficar aqui, como acabaram por cá ficar dado a relação e o ambiente de trabalho com os outros professores, acha que esses professores acabaram por se acomodar aos problemas da escola?

e - (...)

E - De uma forma geral.

e - Acho que não.

E - Têm tentado...

e - Eu penso que...

E - Acha que eles têm tentado arranjar soluções para poderem ensinar melhor?

e - Eu penso que sim.

E - Mas na generalidade, não tem ideia de que as pessoas se tenham acomodado a esta situação?

e - Penso que não.

E - E acha que é possível dizer que o facto das instalações estarem neste estado, pode funcionar como um alibi para os professores?

e - (...) Por exemplo...

E - Por exemplo: "- Não posso fazer mais porque nestas condições não dá."

e - (...)

E - Estamos a falar no geral.

E2 - Acha que funciona como desafio?

e - Em alguns casos até é capaz de ser. Mas se calhar, não ia nem para um campo nem para o outro.

E - Então, acha que não é nem para melhor nem para pior.

e - Acho. As pessoas aqui fazem o melhor que podem...

E - Acha que as pessoas procuram combater as dificuldades?

e - Sim.

E - Tem a certeza?

e - Absoluta.

E - Acha que a reforma educativa nesta escola tem resultados diferentes de outra escola de que tenha conhecimento?

e - (...)

E - Quando fala com os seus colegas de outras escolas fica com essa sensação?

e - (...)

E - Ou acha que apesar de tudo o que se faz aqui é o que se faz noutro sítio qualquer?

e - Se calhar aí já funciona o factor das condições de trabalho.

E - E acha que isso é a única condicionante?

e - Eu penso que sim. Tirando aquela história de termos de passar os alunos ao colo...

E - Pronto, mas na situação dos programas...

e - Os programas, na sua generalidade, são muito extensos.

E - Então acha que as dificuldades que as pessoas têm aqui nesta escola não são diferentes das dificuldades das outras escola?

e - Exacto. Tirando a questão das instalações, eu penso que sim.

E - Sim senhora. Falou uma hora e um quarto, mas para quem não queria falar...

## **B) VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO**

e2vpc

28/02/96 - 15h 00m - 15h 30m - Escola B

ENTREVISTA À VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

ENTREVISTA

E - Mas não tenha problema, porque é código. (Risos) A entrevista tem mais ou menos três partes: uma sobre o seu percurso profissional, outra sobre os aspectos da escola, e finalmente os aspectos da reforma. E então, como é que surge como prof.?

e - Foi em 1959.

E - Onde?

e - Num colégio particular.

E - Portanto, dá aula há já...

e - Há muito tempo.

E - Trinta e oitos...

e - Pois, mas comecei pelo ensino particular, estive lá cinco anos. Depois, inscrevi-me neste... (Interrupção)

E - Pois, houve um interregno

e - Pois, houve um interregno, mas depois isso vai-se ligar com a reforma. Eu achei que tinha condições para ficar com os filhos e fiz essa opção. Fiquei com os filhos, depois, quando eles tiveram idade de poder andar sozinhos, voltei a leccionar.

E - Já na escola oficial?

e - Depois fui para a [nome de escola - 3], já no ensino oficial. Depois, tornei a sair e tornei a voltar ao ensino oficial

E - E voltou em que ano?

e - Acho que foi perto de mil novecentos e... Primeiro, foi em setenta e dois, e depois, foi em mil novecentos e oitenta e qualquer coisa.

E - Portanto esse interregno entre setenta e dois e a década de oitenta...

e - Eu, fiz dois interregnos.

E - Mas não estava no ensino?

e - Não, estava a trabalhar numa biblioteca.

E - E a escola onde ficou efectiva, foi aqui? Foi aqui enquanto Escola [nome de escola - 3]?

e - Foi... Não, quando fiquei efectiva já esta escola, era uma C+S. Fui fazer o estágio em [nome de povoação - 4], na [nome de escola - 5]. Pronto, depois, acabei o estágio e concorri para aqui. Concorri por gostar muito da escola e por estar perto de casa.

E - Aqui, é VPCD. Mas antes disto, já tinha exercido algum cargo directivo?

e - (...) Comecei nesta escola...(.)

E - Enquanto C+S.

e - Exacto. Depois, a vice-presidente adoeceu, teve problemas. Então, convidaram-me para vir para aqui.

E - E o facto de já em 72 ter vindo para aqui, e de ter iniciado a carreira profissional em [nome de povoação - 20], não é?

e - Sim.

E - O que é que a fez vir para esta escola? Morava aqui perto?

e - Eu morava... Quer dizer, eu, comecei a carreira em [nome de povoação - 20]...

E - Sim.

e - Depois, por causa dos miúdos fui morar para [nome de povoação - 20]. Entretanto, vim para Lisboa. E agora estou aqui.

E - (...) E quando veio, em 1972, a escola era novinha. Não era?

e - Sim. Mas o ano de setenta e dois era o ultimo ano desta escola, esta escola era provisória, até que fosse construída a actual escola [nome de escola - 3]. Entretanto, todo o corpo docente foi para a escola [nome de escola - 3], e esta foi aproveitada, novamente, para uma outra escola que aqui ficou que, na altura, era a [nome de escola - 9].

E - Mas, portanto...

e - Sim, mas a escola não estava novinha, estava velhíssima. Esta escola era para demolir.

E - Já era velha?

e - Então, era para demolir... (risos) Já era velha, porque aqui começou por ser a fundação da [nome de escola - 3].

E - Pois, eu quando disse que era nova, admiti que já fosse noutro tempo.

e - Não.

E - Então, ainda, foi muito tempo de [nome de escola - 3] até aqui.

e - Pois foi.

E - (...) E como é que foi a sua primeira sensação?

e - (...) Bem...

E - E como é que evoluiu essa sensação?

e - Olhe, eu não sei... (Risos) Só posso explicar que é um fenómeno humano. Eu, com a [nome de escola - 3], e com o corpo docente da [nome de escola - 3], gostei muito de trabalhar. Nessa altura, tinha uma direcção que, pronto, eu gostava muito. Acabei por ficar muito agarrada à escola. De qualquer forma, fica perto de minha casa, mas não foi só isso que fez com que eu, continuasse nesta escola.

E - E depois, quando volto a concorrer?

e - Concorri para aqui. Mas já era...

E - Já estava como escola C+S...

e - Não sei, parece-me que era preparatória. Mas concorri para aqui por gosto. Pronto, depois, cheguei à escola e reparei que o ambiente continuava o mesmo. (...) ( Não se entende) Sei que poderia ter concorrido para outro lado, mas o ambiente aqui era muito bom.

E - De qualquer maneira. Consegue abstrair-se das condições físicas da escola?

e - (...) Isso é...

E - Ou acha que isso pode influenciar no trabalho dos alunos ou no seu trabalho?

e - (...)

E - Acha que as condições físicas influenciam no seu trabalho? Ou não?

e - (...) O meu trabalho, propriamente, não. Quer dizer, eu acho que as condições são críticas, especialmente para os miúdos que vêm de bairros muito degradados, e que não têm, pronto, a escola não tem condições para lhes poder oferecer alguma coisa. Como vê são só buracos, isto não é educação para ninguém. Esse problema, eu, ponho-o relativamente às crianças, acho que é muito mau para elas. E em relação ao meu trabalho não ponho essa questão, porque nós, professores, vimos de uma casa boa e quando acabamos de dar aulas, voltamos para uma casa boa. No meu caso até tem sido um estímulo (...). Recuperar esta escola, eu, acho que poderá ser um bom aspecto educativo. Pronto, para a minha disciplina, as condições da escola não pesam muito, agora, entendo que para outras disciplinas...

E2 - Por exemplo, essa intervenção que estava a dizer, essa intervenção de se pintar paredes, isso já se fez?

e - Sim, havia aí umas paredes que foram queimadas, depois, foram pintadas de branco, novamente, com eles todos...

E - Mas isso acabou...

e - O ano passado pintamos aquelas de branco.

E - Isso é utilizado, também, como estratégia...

e - Sim, sim. Até há miúdos que gostam. Para eles, isso é um estímulo.

E - Portanto, digamos que as condições físicas da escola, no caso específico da disciplina de Educação Visual, até são, até tem uma influência positiva...

e - Pois.

E - E com, e com...

e - Eu acho que sim, eles ficavam entusiasmadíssimos. Deixaram de ver isto tudo esfolado. Os miúdos até queriam fazer mais coisas. Agora, é evidente que tenho de ter em consideração, o facto das mesas estarem molhadas, porque chove dentro da sala.

E - E com o quadro, consegue trabalhar?

e - Com o quadro consigo, agora, as mesas é que, nos dias de chuva, ficam todas molhadas.

E - E a luz é suficiente?

e - A luz, às vezes, é um pouco fraca. Mas eu não me queixo tanto disso, como me queixo das mesas estarem molhadas. E o frio que eles apanham é uma realidade.

E - E que solução é que a escola pode vir a ter?

e - (...) Não sei, eu estou muito esperançada, porque nos foi prometido uma reformulação (...).

E - Restaurar a escola?

e - Não, uma escola nova.

E - Neste espaço?

e - Em princípio, as negociações, serão feitas entre a Câmara e o Ministério, mas nós não sabemos.

E - Mas a proposta que estava no...

e - A proposta, a proposta seria um aproveitamento deste espaço e deste aqui do lado, (...) (Não se ouve)... porque a escola está mesmo em cima dos prédios. Agora, como CD, eu, às vezes, vejo aqui muita trapalhada, vidros partidos nos prédios, as pessoas fazem queixa etc.

E - E o que é que a escola faz?

e - Geralmente, quando se encontram os miúdos, eles é que pagam os vidros. Falamos com o encarregado de educação e pronto. Mas se não encontramos os miúdo, a escola é que paga.

E - Ai! A escola é que paga!

e - Pois. (...) E agora, com o muro isto mudou bastante, porque a pedrada não tem tanto alcance. Eu moro num destes prédios e no meu prédio, os miúdo, têm partido vidros desde o sétimo andar.

E - Os vidros... Daqui?!

e - Sim. (...) Eu, há vinte anos que moro aqui, e tenho as janelas todas fechadas. Todas fechadinhas...

E - E acha que a maior parte dos vizinhos, tem essa má vontade contra a escola?

e - Eu, como prof.<sup>a</sup> não posso... Mas como moradora, é o que eu digo, às vezes, tenho um certo medo de entrar em casa, porque toda a gente me vem pedir satisfações...

E - Fazem queixas...

E2 - Portanto, estes moradores não seriam muito abertos a uma solução de se construir aqui uma escola definitivamente, pois não?

e - (...) Só alargando um pouco...

E2 - Não tem espaço para alargar.

e - Para ali...

E2 - Para ali já vai...

e - Pois, só que a distancia, daqui para ali é um correndo de dois metros até aos vidros das casa. Não sei se já deram uma voltinha?

E2 - Já, já, já...

e - E como podem ver está tudo partido. Para além dos vidros há um outro problema, e esse a rede não consegue evitar.

E - Diga.

e - As pessoas querem estar em casa, sossegadas. E estão a mergulhar em... (Não se entende)

E - Mergulhadas em...

e - As pessoas estão mergulhadas em palavras.

E - Sim, mas isso acontece.

e - Repare, eu estou a cozinhar, e estou constantemente a ouvir esta cantilena. (Risos) A minha cozinha dá mesmo em cima da escola. Quando eles se queixam, às vezes, eu sei muito bem do que é que eles se estão a queixar. Agora, eu acho que, e a proposta seria, alargar um pouco para cima, portanto, criava-se mais espaço.

E - Portanto, a escola nasceu depois dos prédios. Não é?

e - (...) Não sei, não sei bem, mas penso que sim. (...) Porque a escola, eu só soube Os meus filhos andaram em [nome de povoação - 20], e depois vieram para aqui.

E - Fizeram aqui o segundo ciclo, portanto.

e - Pois, fizeram aqui o quinto e o sexto ano.

E - Pois.

e - E nessa altura já tinha uma rede, mas no ano antes deles entrarem, começou com os pavilhões e à volta era um espaço todo aberto. Antes disto, não sei, porque eu não morava aqui. Eu vim para aqui morar, posteriormente a isso.

E - E quanto aos alunos desta escola: Como é que os caracteriza? Como é que fala deles aos outros colegas de outras escolas? Já falou das verbalizações... (Risos) O que é que pensa dos alunos da escola?

e - (...) Eu, sinceramente não lhe posso...

E - É só uma impressão geral.

e - Quer dizer, nós temos aqui muita gente aqui destes bairros periféricos, depois temos muita gente daqueles bairros de [nome de povoação - 15], pessoas que também vivem naquelas condições. Há aqui alunos que têm problemas muito grande, têm muitas carências. (...) Carências... (...) Muitos, deles, falam mal. A aprendizagem é muito precária. (...) Ainda há pouco tempo, num Conselho Disciplinar, houve um prof. que disse que escolheria parar as aulas e educar certas atitudes. Eu dei-lhe razão, porque a maior parte dos alunos, não sabe as regras mínimas.

E - Por exemplo...

e - Regras básicas, nas aulas, algum professores fazem um código de regras de bom comportamento. Eu dei razão aquele prof. do Conselho Disciplinar, mas fiquei triste por assim ter de ser. Uma das regras básicas, era não arrombar a carteira da prof<sup>a</sup>, ou não espancar os alunos (Ri). A primeira, a mais votada como código de conduta, era não arrombar a carteira do prof..

E - São miúdos muito carenciados.

e - Sim, económica e socialmente.

E - E porque é que acha que eles estão concentrados nesta escola?

e - (...) Eles não estão concentrados. Esta escola é que apanha estas duas grandes zonas que, eu lhe falei há pouco. Pronto, as pessoas aqui dos [nome de povoação - 13], foi um bairro que se formou há já algum tempo, e as pessoas foram crescendo. A quantidade de crianças que nos vem, são de [nome de povoação - 9] e desse bairros de [nome de povoação - 15].

E - E não há gente destes bairros que ficam perto da escola, que tentam pôr os miúdos noutras escolas.

e - Não, também há aqui gente do [nome de povoação - 13]... Ah! e ainda há aqui uma camada mais estável que são do bairro da GNR e que vieram aqui para [nome de povoação - 9]. Portanto, essas crianças têm outro acompanhamento em casa. Mas em relação aos alunos das zonas altas de [nome de povoação - 9], esses são apanhados pela [nome de escola - 1] e pela [nome de escola - 9]. Pronto, às vezes, há aqueles casos e marcham-nos para aqui.

E - Então, há casos de alunos que vêm da [nome de escola - 1] para aqui.

e - Pois, e suponho que a [nome de escola - 3]...

E - Pois, eu, também estava a pensar se em relação ao [nome de povoação - 19], em relação ao [nome de povoação - 19], estava a pensar se a [nome de escola - 3] não recebe gente desses bairros...

e - Recebe, recebe.

E - Mas não tem o mesmo tipo de...

e - Se tem o mesmo tipo de problemas, isso, eu já não sei.

E - E não...

e - Mas sei que também têm alunos com problemas, às vezes, nós mandamos alunos para lá, e eles mandam alunos para cá e anda tudo pela mesma coisa.

E - Mas não acha que há aqui uma concentração artificial de alunos com mais problemas?

e - Não, eu penso que isto é geral.

E - Então, tentam roda-los por estas escolas da zona?

e - Sim...

E - E quando eles começam a dar muitos problemas...

e - Quando eles começam a dar esses problemas, nós, negociamos essas trocas.

E - Pois, e...

e - Eu penso que sim. Aquela escola que abriu este ano...

E - Sim, a de [nome de povoação - 21].

e - Pois, em [nome de povoação - 21]. Eu estive a falar com uma profª. de lá e parece que são os mesmos problemas. É uma escola nova, mas os alunos estragam e fazem trinta por uma linha.

E - E o contacto com as famílias desses alunos?

e - (...) Não entendo.

E - Há contacto com as famílias desses alunos? É fácil?...

e - Às vezes, às vezes, são os encarregados de educação que não vêm às reuniões, os directores de turma queixam-se muito por causa disso. Eles vêm só na altura da matrícula, mas depois não aparecem, ou...

E - E se...

e - Normalmente, os pais dos alunos que vêm às reuniões, são os pais dos alunos que não dão problemas, e estão mais acompanhados em casa. Mas, eu, penso que isso é geral.

E - Costuma ir aos Conselhos Disciplinares?

e - Sim, sim, sim.

E - E fica com a noção do tipo de relação que o Director de Turma...

e - Também lhe digo, em todos os Conselhos Disciplinares há uma média de dois ou três alunos que foram para suspensão. Depois, os professores da turma dizem: - " - Estes dois alunos foram para suspensão, e o resto da turma este normal...". Pois, mas isso não é assim. (...) E vejo que no quinto ano há vários casos de desmotivação, e os professores não sabem como é que podem interessar os alunos.

E - No quinto ano?

e - Sim, no quinto ano.

E - E essa situação é recente?

e - Eu penso que de ano para ano, isto, está a piorar. (...) Eu penso que vão vindo alunos muito desinteressados.

E - E em relação ao comportamento há uma relação muito directa com...

e - Sim, sim, eu vejo muito os professores queixarem-se... Vocês assistiram a um pedagógico...

E - Sim, sim...

e - Já vimos que é muito difícil. Até o prof. de moral, ele questionou-se sobre qual seria a opção a tomar: se era salvar os possíveis ou perder todos. É essa a sensação que eu tenho nos Conselhos Disciplinares, é uma sensação de não querer penalizar, e depois sabemos que eles vão continuar a prejudicar os outros, é uma situação aflitiva. (...)

E - Mas não acha que esses serão os alunos que têm mais problemas nas famílias?

e - Sim, problemas económicos, culturais e afectivos.

E - Que tipo de resposta é que a escola dá a esse tipo de alunos? O que é que esta escola consegue fazer por eles? (...) Que iniciativas é que há na escola, pensada para esse tipo de alunos?

e - Por exemplo, para o melhorar no aspecto dos rendimento, criou-se, agora, a sala de estudos...

E - A sala de estudos que é a biblioteca?...

e - Não. A sala de estudo.

E - Uma outra sala?

e - Sim.

E - Mas este ano?...

e - Sim, este ano. (...) Depois, há o APA, que também tem ajudado os alunos, mas esses alunos são alunos que estão interessados para aprender. Digo isto, porque há muitos alunos que são propostos para esse apoio e, de pois não querem ir, há muitos alunos que recusam o apoio. Há uma coisa que eu vejo, é que eles gostam muito da convivência. Gostam muito da convivência entre eles. Nas aulas, muitas vezes, eles estão ou a conversar, ou a brincar, e não... Pronto, não se ralam com a negativa, não é como antigamente que se vivia preocupado com passar de ano, agora não.

E - E acha que isso é difícil explicar?

e - Nós, passamos a vida a...

E - Claro.

e - Quer dizer, que para além do apoio há uma psicóloga que lhes dá apoio e orienta-os, pronto, o director de turma dá todo o apoio possível. Agora, casos especiais, não sei o que é que quer, que eu lhe diga...

E - Não, era para apontar se havia, se havia...

e - Ah! Alguns...

E - ... Por exemplo, a sala de estudo...

e - Por exemplo, a APEE, quando há alunos que têm mais problemas, o senhor da APEE chama-os... (...)

E - Já falou do APA. Acha que esse apoio tem resultado?

e - No início, nós colocávamos mais alunos, mas como o sistema não deu resultado, reduzimos o numero de alunos.

E - E eles estão interessados?

e - O apoio só resulta se eles estiverem interessados, ou se eles forem às aulas. Quando o aluno não tem interesse e não assiste às aulas é, imediatamente, substituído por outro.

E - Portanto, isso foi desde este ano?

e - Não, foi desde o ano passado.

E - E consegue-se verificar resultados?

e - Sim, consegue-se verificar mais rendimento, porque são mesmo aqueles alunos que têm interesse que assistem às aulas.

E - E essas crianças...

e - Bom, mas se eles melhoram muito, também são substituídos.

E - O apoio é só as disciplinas de: Português, Matemática...

e - Francês e Inglês.

E - A escola não tem, ainda, um projecto educativo, mas, como sabe, a reforma fala nisso. De qualquer forma, qual é a sua opinião? Acha que é importante?

e - (...) Relativamente, as actividades...

E - Sim.

e - Pronto, das actividades deveria surgir um projecto mais alargado. (...)

E - E porque é que a escola ainda não tem?

e - Não sei.

E - E acha que era ou não era importante a existência deste tipo de projecto?

e - (...) Não sei, porque eu acho que uma escola que este tipo de problemas, acho que é mais importante o factor humano, o empenhamento do prof. no relacionamento com o aluno, do que aquilo que ele faz..

E - E acha que o ambiente entre professores é bom?

e - Eu acho que sim. (...) Eu acho que há aqui um grupo de professores muito interessados, pessoas que não andam cá só pelo ordenado no final do mês. (...) Agora, eles andam muito entusiasmados com esse projecto do ECOS.

E - Mas o projecto ECOS, parte de um grupo de professores muito reduzido. Não é?

e - Sim.

E - Porque é que acha que esse projecto não conseguiu congrega mais professores?

e - (...) Não, não é por isso. O projecto ECOS, partiu de um grupo de trabalho que se formou...

E - Digamos que todos os professores apoiaram?

e - Sim, toda a gente apoiou. Mas era aquele grupo que estava empenhado.

E - Então, os outros não quiseram intrometer-se. Foi isso?

e - (...) Eu penso que o projecto pertencia ao entusiasmo daquele grupo, e não sei se sabe, às vezes, o facto de haver mais gente, faz com que hajam mais roturas. Eu acho que uma coisa que é muito boa e mais importante que tudo, acho que um grupo pequeno, mas mais coeso, e mais empenhado, resulta muito melhor. (...) Mas há aqui pessoas muito empenhadas, como pode ver surgiu a Ludoteca.

E - Em relação ao segundo e terceiro ciclo: - Acha que se nota um relação de entusiasmo?

e - (...) A minha opinião é que tudo depende das diferentes personalidades dos alunos.

E - Sim.

e - Enquanto, uma no quinto ano, pronto, esses miúdos vêm às iniciativas, no terceiro ciclo é mais complicado, porque eles já vêm com outras bases e com outras ideias. Em relação aos professores, eu, acho que os professores são um todo e há um ambiente muito bom. Mas esta é a minha opinião muito pessoal. Pronto, o segundo ciclo tem pessoas mais velhas, porque o terceiro ciclo é mais recente, o segundo ciclo vem desde há muitos anos.

E - Já dos tempos da preparatória [nome de escola - 3]. Não é?

e - Sim, sim, sim. Portanto, as pessoas com muito calo profissional apanham com o segundo ciclo. No terceiro ciclo, pronto, a C+S é mais recente, pronto os quadros são muito mais recentes. Pronto, eu costumo dizer que as duas coisas aliadas pode dar uma mistura muito boa: uns com a experiência, os outros com dinâmica.

E - E acha que há esse bom relacionamento?

e - Eu acho que, pronto esta é a minha visão. Mas eu vejo esse projecto do Ecos, dentro desse contexto.

E - Há quanto tempo é que está no CD?

e - (...) Seis anos...

E - Seis!

e - (...) Sim, este é o meu sexto ano.

E - Terceiro mandato?...

e - (...) Sim.

E - Esteve sempre com o mesmo cargo?

e - Não, como disse anteriormente, eu era vogal. Depois, como adoeceu a vice-presidente e tirou a reforma, eu tive de passar.

E - Portanto, esteve sempre com o prof. [nome do PCD]...

e - Sim, estive com o prof. [nome do PCD], depois, havia uma vogal que era a profª. [nome - 18]... (...)

E - Relativamente à Área Escola: - Qual é a sua impressão? Acha que resulta? Qual é a avaliação que faz?

e - Sabe que...

E - Acha que está a ser bem aplicada?...

e - Sabe, eu acho que...

E - É um ponto muito critico da reforma...

e - Pois, eu não me vou meter nisso da Área Escola (Ri). (...) Eu acho que ou há muitas condições económicas... (...) Eu não sei... Olhe, para ser sincera eu vejo que a Área Escola, faz-se com o mesmo entusiasmo que se fazia as exposições, as visitas de estudo, etc. Está bem que a Área Escola pode dar mais um reforço. Também



acredito nisso... (...) Mas, por exemplo, eu vejo-os a fazerem trabalhos que os meu filhos, faziam na infantil. (...) Quer dizer, às vezes, repugna-me um pouco, o tipo de trabalhos que saem da Área Escola. Mas isto são casos pontuais, porque tem havido, realmente, trabalhos muito bons, mas estou convencida que mesmo sem a Área Escola se consegue fazer esse tipo de trabalhos. (...)

E - Em termos de resultados não vê grande diferença? Parece-me que não tem uma opinião muito positiva...

e - Não, simplesmente, acho que essas coisas, poderiam acontecer na mesma, mesmo sem a Área Escola. (...)

E - E em relação à reforma curricular: - Na sua disciplina, pronto, na disciplina que lecciona, sentiu grandes alterações?

e - Na minha disciplina houve uma mudança fundamental, foi beneficiada com mais uma hora.

E - Ah, pois.

e - Nós, só tínhamos duas horas e agora temos mais tempo para fazer o trabalho, acho que isso foi uma boa maneira de mostrar que a educação estética tem muita importância. Eu acho que esta medida deu consideração à disciplina, e beneficiou na maneira de se poder dar a disciplina. (...)

E - Tem assim algum facto...

e - Agora... O quê? Da reforma como amargo de boca?

E - (Risos) Sim...

e - Eu acho, olhe, isto é mais este ano por causa da minha experiência nos Conselhos Disciplinares. Um dia destes, estávamos a discutir sobre o que é que se pode fazer com as crianças. E reparei que as crianças não têm noção do que é as responsabilidades de estar numa escola. Isto, passa pelas faltas, passa pelo facto de se perder um ano, passa pelas consequências de qualquer ordem. Eles não têm noção das consequências, inclusivamente, até com a policia. Noutro dia estive com um policia que me disse para, eu, falar com as famílias e dizer que a policia já não sabe o que é que há-de fazer. E eu falei com algumas famílias. Mas eles não têm medo da policia. (...) Eu penso que a reforma vai alimentar essa ilusão. Já viu que não há falta, não há nada. Este ano, por exemplo, tive um caso grave de um aluno, que ficou chocadíssimo por ter perdido o ano por faltas, ele, pura e simplesmente, tinha quinze anos, depois, há se sabe, chegam ao dezasseis e têm a policia. Mas até lá, é criada uma ilusão de que nada tem consequências. Isto é geral, mas eu acho que a reforma está a aderir a isso, acho que a reforma está a fazer com que essas coisas se agravem.

E - Portanto, entende que a reforma desresponsabiliza os alunos...

e - Exacto. Simplesmente, eles, não se sentem responsabilizados para nada. Por exemplo, noutro dia, bem, eu ainda não engoli isto, ainda aqui está atravessado. Houve um miúdo que foi ali para o bairro e roubou um capacete das obras, eu, apanhei o capacete e chamei o miúdo. Falei com eles e fui lá, com eles, levar o capacete. Fiz isto para eles terem a noção do que tinham feito. Eles foram lá, mas como eu não encontrei o senhor [nome do guarda], acabei por não lhe perguntar nada. No dia a seguir, encontrei um dos miúdos, chamei-o, e tive uma conversa com ele: "Ouve lá, ficaste com vergonha? Quando foste entregar o capacete o que é que os senhores te disseram?" e ele responde "- Ai, não! O senhor das obras disse que nós não tivemos culpa! Quem teve a culpa foram os empregados que deixaram o capacete fora do armazém.". Isto, exemplifica a desresponsabilização, porque perante a criança, a criança é o rei, porque para o adulto ele não teve culpa. Eu, isto diz-me muito.

E - Pois, claro.

e - E a partir daqui o miúdo ficou descansadíssimo e eu fiquei de boca aberta. Quer dizer, roubou, e como é criança não teve a culpa. (...)

E - Em que situações é que cá vem a policia?

e - Às vezes, vem a policia, porque apanha-os lá fora e vem aqui trazê-los.

E - Apanha-os?...

e - Apanha-os a fazer qualquer coisa. Outro dia veio aí com um aluno que tinha roubado. Lá está...

E - Roubou aqui dentro da escola?

e - Não, na escola, não.

E - Onde...

e - Um aluno lá de fora roubou um prof., e depois dois daqui roubaram o miúdo. (Risos) Ladrão que rouba ladrão... (Risos) Os dois roubaram o miúdo, depois vem aqui parar tudo, os nossos dois miúdos e mais o outro de fora.

E - Portanto, o que foi apanhado foi o miúdo de fora?...

e - O que foi apanhado foi o miúdo de fora, e denunciou que estes o tinham roubado. (...) Pronto, a policia vem aqui nestes casos. Depois, se houver uma briga também cá vem.

E - Aqui dentro?

e - Sim.

E - De grupos?...

e - Ou lutam entre eles ou uma coisa assim do género.

E - Além de luta, que outro tipo de problema é que...

e - Pronto, às vezes, eu peço à policia, olhe ainda a semana passada houve um confronto, tenho a impressão que foi por causa de uma namorada, pronto, houve um confronto entre o bairro de [nome de povoação - 9] e a escola.

E - Portanto, vinha um grupo do bairro de [nome de povoação - 9]...

e - Haviam ameaças, vieram aqui muitos encarregados de educação, dizer que os filhos se sentiam ameaçados, porque eles vinham aqui para bater nos que saíam. Isto era um problema sentimental e tinha uma miúda pelo meio. Pronto, nestes casos eu telefono para a policia e peço a sua colaboração, pronto é assim este tipo de coisa.

E - E que outro tipo de incidentes que possam estar na origem de ter de chamar a policia?

e - Mais por confrontos. Houve um caso de uma briga muito grande e tivemos de chamar a policia, mas chamava-se mais vezes no ano passado, porque tinha a rede estragada e eles entravam e saíam quando criam.

E - Nesse caso era por causa da entrada de elementos estranhos...

e - Sim.

E - Este senhor Filipe, que é o guarda...

e - Senhor [nome do guarda].

E - Pois, desculpe, o senhor [nome do guarda] que é o guarda, ele é...

e - É da segurança...

E - Ah! É mesmo da segurança, não é um auxiliar...

e - Não, não, é mesmo da segurança.

E - Do Ministério da Educação...

e - Não, não, é contratado aqui.

E - Ah, é contratado.

e - Exactamente.

E - Não é daquelas seguranças do Ministério da Educação...

e - Não, não, não, não. Nesse ano e no ano passado até vieram seguranças do Ministério...

E - Portanto, este senhor [nome do guarda] é um segurança que é mesmo contratado pela escola...

e - É, é mesmo contratado pela escola.

E - É à noite ou também trabalha de dia.

e - Também trabalha de dia. O alunos têm-lhe muito respeito. (...) Mas, às vezes, ainda fazem asneira, ainda a semana passada tirei uma navalha a um. (...) Nesse aspecto isto é raro, mas eles têm muita vizinhança com navilhas, eu tenho ali um caixote cheio de material desse. (...)

E - Esta rede, grossa que cá está foi só posta o ano passado?

e - Sim.

E - E o muro...

e - O muro também...

E - No princípio do ano...

e - Sim, sim. O ano passado no inicio do ano, a escola já tinha rede. A partir daí isto mudou consideravelmente.

(...)

E - ... que houve no ano passado... Tem estado em todos?...

e - (...) Eu não sei... (...)

E - E este ano?

e - Tive perto de cinco... Não, dez ou doze.

E - Dez ou doze no primeiro periodo, portanto.

e - Enquanto há dois anos, havia problemas com uma maior frequência. Este ano vejo que há alunos muito perturbadores e professores muito aflitos para poderem dar as aulas. Acabam por não dar as aulas, porque os garotos falam de uma ponta para a outra da sala.

E - Este ano a gravidade dos problemas não é tão grande?...

e - Não, não são casos pontuais de gravidade, é o chamado burburinho generalizado das aulas, depois há turmas onde dois ou três se destacam.

E - E adoptam alguma estratégia para evitar o burburinho?

e - Sim. trocamos-los de lugar e pouco mais. Mas dos anos que estou nesta escola, este foi o ano onde eu senti que os professores de queixam mais do rendimento das aulas.

E - Há pouco quando falou dos problemas de indisciplina do quinto ano: - Será que isso se generalizou este ano?

e - Esses problemas de desinteresse são do quinto ano.

E - E tem havido problemas disciplinares...

e - De vez em quando. Mas muitos não... (...) Há alguns do quinto, outros do sexto e por aí a fora. (...)

E - (...) Tem alguma história, algum acontecimento, algum facto que ache que seja característico desta escola?

e - Já passei por tantas coisas...

E - Assim, um episódio, uma anedota, uma situação... Quando está a falar com outros colegas não costuma contar coisa que sejam típicas desta escola?

e - (...) Não sei...

E - Não?!

e - Sei lá. Por exemplo, eu estou no grupo da manhã, como sabe... (...) Sei lá, estou-me a tentar lembrar de uma história que conte lá fora. Da parte da tarde, como sabe, os alunos são uma miséria, por vezes, contam-se histórias... (...) Pronto, os professores têm grandes problemas com eles, mas, eu não acho, não tenho essa ideia. Por

vezes, eles, os professores, inventam brincadeiras que eu até acho graça, por exemplo: o ano passado pediam aos alunos para aparecerem todos vestidos da mesma cor para alegrar a escola, por vezes, ficava a sala toda amarela, cor de rosa ou azul; Este ano trazem um bolo para a escola... Pronto, eu valorizo muito isso, acho que é muito bom que eles façam estas coisas para poderem descontraír um pouco. (...) Para mais os da tarde, que apanham com turmas difíceis

E - Acha que as turmas da tarde são mais difíceis?

E2 - E a profª. [nome da VPCD] tem os de contra - horário...

e - Pois, tenho os da manhã.

E - Mas porque é que as turmas da tarde são piores do que as turmas da manhã? A que é que se deve esse facto?

e - Não sei se os miúdos terão mais cansados, os professores queixam-se muito da ultima aula. Mas, pronto, há miúdos, que são os mais certos, que têm mais interesse pela escola e acabam por fazer a matrícula a horas, pronto, mas há miúdos que só se vêm inscrever em Setembro...

E - E vão para a tarde?...

e - Claro, que quando de matriculam preferem a manhã...

E - E os da tarde...

e - Eu não sei, sei é que os da tarde são piores do que os da manhã. (Ri) Mas uma das razões, e agora estou a pensar, que deve ser isto das matrículas, eles não ligam, eles não vêm...

E - E não há o caso de miúdos que vêm de dentro da escola e ficam na manhã, e outros que vêm de fora vão para a tarde?

e - Normalmente, com os da escola as turmas ficam feitas, com os que vêm de fora, acabam por ir para a tarde.

E - Acabam por ficar os mais novos de manhã e os mais velhos à tarde?...

e - Pois. Quando há repetências podem ficar no mesmo turno, mas quando vêm transferidos de outras escola, acabam por vir parar à tarde.

E - E é isso que leva a que hajam as diferenças entre os alunos da manhã e os de tarde?

e - Pois.

E - São eles que pedem a frequência do estudo?

e - Sim.

E - E como é que...

e - Olhe, muitas vezes, no início dos anos, acabamos por ter alunos à porta do CD, a pedir para que os troquem para a manhã. Mas isso depende do gosto de cada pessoa. Mas eu penso que são os próprios pais que têm essa preferência. (...)

E - É lógico que os pais mais interessados, e mais esclarecidos pela escola...

e - Mexem para eles ficarem de manhã...

E - E por isso são contemplados?

e - Pois, tudo isto é um conjunto de factores.

E - Sim senhor. Muito obrigado.

### **C) COORDENADORA DOS DIRECTORES DE TURMA**

e2cdt

13/02/96 - 10h 00m - 10h 30m - Escola B

ENTREVISTA À COORDENADORA DOS DIRECTORES DE TURMA

ENTREVISTA

E - Portanto, o primeiro conjunto de questões tem a ver por um lado... Quando é que iniciou funções como profª? Há quanto tempo é que é profª., se não é indiscrição (risos)?

e - Vinte e cinco anos.

E - Vinte e cinco anos. E começou aonde?

e - Em que cidade?

E - Sim, escola, cidade.

e - Comecei no [nome de povoação - 22].

E - Começou no [nome de povoação - 22]. E há quantos anos é que está como profª. aqui nesta escola?

e - Desde 81.

E - Desde 81. E efectivou-se antes ou depois disso?

e - Efectivei-me nesse ano.

E - Então, efectivou-se aqui, nesta escola?

e - Não, efectivei-me um ano antes.

E - E em que escola?

e - Na [nome de povoação - 23].

E - E depois no ano a seguir é que mudou aqui para...

e - Sim, só que eu não... Nesses dois anos de efectivação eu não estive nem aqui, nem na [nome de povoação - 23].

E - Ah, estava na...

e - Estive no [nome de povoação - 22]. Comecei por aí, por opção.

E - E depois então veio em 81 para esta escola?

e - Sim.

E - E quando veio para esta...

e - 81 não. Só vim em 83 como... 82, salvo erro porque o primeiro ano de efectiva aqui, não estive cá, estive deslocada.

E - Então de 82 em diante tem estado sempre nesta escola?

e - Sim. Estive um ano fora. Tive depois um desdobramento, com certeza já sabe disso, em que o quadro da-  
qui se desdobrou pela [nome de escola - 9], estive lá um ano mas depois regresssei.

E - Mas depois regressou.

e - Por opção também.

E - Por opção também. Então e em relação, em relação portanto... Quando veio, quando foi colocada pela primeira vez aqui, quando acabou por depois vir tomar posse no ano a seguir, qual foi a sua sensação em relação a vir para uma escola destas? Há gente que...

e - Não foi uma transição muito feliz, apesar de que eu já vinha da província, a experiência... Não, nessa altura não, vinha da província, tinha feito estágio, tinha estado numa escola em [nome de povoação - 24]... Portanto o ambiente era bastante diverso, quer o ambiente físico, quer humano e portanto aí estranhei bastante.

E - Quais eram as principais diferenças que notava?

e - Além das instalações, não é? Eu via um maior empenho de carácter pedagógico nos outros lados que aqui ainda não sentia.

E - Portanto da parte dos alunos.

e - E dos professores. Isto andava tudo abandalhado.

E - E acha que essa situação evoluiu desde 82 para cá?

e - Eu agora já não tenho imparcialidade para dizer se esse ponto terá evoluído ou terá agravado.

E - Não interessa. Do seu ponto de vista pessoal, quando olha agora para trás, quando olha para este tempo que passou...

e - Eu acho que em termos de actividades fora da sala de aulas, esporadicamente têm havido uns pontos assim de mobilização da escola inteira. De um modo geral, acho que as condições físicas não funcionam de facto para outro tipo de actividades que se desenvolvem noutras escolas. A nível pessoal e nas minhas salas de aula não tenho encontrado quaisquer obstáculos, tudo aquilo que eu me proponho fazer, faço.

E - Acha que se adaptou às situações?

e - Sim, sim.

E - Enquanto prof.<sup>a</sup> e dentro da sua actividade, acha que se adaptou?

e - Sim.

E - Acha que se adaptou. Já exerceu aqui algum cargo ao nível do CD, ao longo deste tempo que esteve aqui?

e - Não, nunca quis.

E - Nunca quis porquê?

e - Porque acho que a minha personalidade não me leva a ter esses cargos.

E - Acha que sim? E no CP está há quanto tempo?

e - Há seis, este é o sexto ano.

E - Sexto ano.

e - Sim, agora sem interrupção. Já tinha estado antes.

E - Já tinha estado antes mas agora de seguida está...

e - Com este cargo há seis anos. Este é o sexto ano.

E - E o que é que acha que mudou na escola, neste tempo todo, para melhor ou para pior?

e - Bem, para pior as instalações, é óbvio, têm vindo a degradar-se. Também em relação... vamos lá a ver, ao material humano, aos alunos, quando eles chegam aqui nós queixamo-nos, e eu também sou dos que se queixam, quando eles chegam aqui ao 5º ano, neste momento não é a nível, ao longo deste processo todos os professores culpabilizaram o ciclo anterior, por falta de conhecimentos, mas eu não me estou a referir à falta de conhecimentos, é falta de saber estar na sala de aula. E é isso que de facto neste momento eu, e muitas outras pessoas, nos lamentamos mais.

E - Os comportamentos sociais de...

e - Exacto, o saber estar, o saber ouvir. Isso de facto é problemático hoje em dia.

E - E acha que isso tem vindo a piorar?

e - Tem, sobretudo nos últimos dois ou três anos.

E - E acha que isso se deve a uma questão geral da sociedade, ou acha que é específico da alteração...

e - Eu acho que há determinadas estratégias, tanto quanto eu me tenho vindo a informar, a nível do 1º ciclo que de facto vão fazer com que os alunos tenham determinadas atitudes. E possivelmente também a sociedade em

geral mas eu tenho, eu procuro saber, e tenho falado e tenho tomado contacto com pessoas que estão agora a acabar o curso de professores do 1º ciclo e então, de facto eu acho que passa por isso: uma definição de estratégias que elas tentam, e depois também acho que ao nível da...

E - E aqui na escola é feito algum esforço equilibrado, concertado?

e - Concertado não.

E - É individual.

e - É individual. Eu sei por exemplo das colegas do 3º ciclo que dizem que não têm tantos problemas como nós temos no 2º ciclo, porque nós entretanto já limamos as arestas.

E - Portanto acha que a passagem deles pelo 5º e 6º ano melhora essa...

e - Pelo menos as colegas do 3º ciclo dizem isso. Há casos pontuais que não correspondem mas de um modo geral elas dizem que têm esse trabalho já um pouco...

E - Tínhamos falado há bocado das instalações, que é de facto um dos aspectos em que é notório que a situação piorou, pela própria degradação dos pavilhões. Em que medida é que essas condições condicionam o seu trabalho? Quer dizer, disse-me pronto que uma pessoa adapta-se, já me disse há bocado que na parte de fora da sala de aula, que aí há inibições grandes, porque não há possibilidade de fazer grandes coisas, na sala de aula... Como é que acha que o seu trabalho é influenciado por estas condições?

e - Sobretudo na utilização das novas tecnologias. Portanto só muito tardiamente é que nós começamos aqui a utilizar o vídeo. Isto aplicado ao ensino da língua estrangeira é fundamental. Por outro lado eu retraio-me um pouco em dias de chuva em utilizar por exemplo o retroprojector, o leitor de cassetes, porque isso implica a funcionária andar aí à chuva e danificar o material. Tenho que ponderar duas vezes se é isso que quero e retraio-me um pouco nessas coisas. Não só nesse aspecto como noutros, mesmo a nível de ruídos exteriores acho que estou adaptada já. Não vejo que haja grande...

E - Não a incomoda o barulho?

e - Não, já o ignoro.

E - E em relação por exemplo à luz, aos estores...

e - À luz também já estou perfeitamente adaptada. Em relação ao quadro, às vezes tenho o quadro meio molhado e por vezes o que é que acontece, também há ali uma adaptação, tem que se fazer uma letra maior. (Risos)

E - Concorda que a solução dos estores fechados, atendendo às circunstâncias, é a mais premente?

e - Eu não trabalho em salas com estores fechados.

E - Ai não?

e - E por isso passam-se as minhas aulas nas salas do 3º ciclo.

E - As que estão nos pavilhões laterais, nunca têm os estores fechados?

e - Não têm estores fechados. Não! Onde eu trabalho não têm.

E - Nunca teve?

e - Não têm. Portanto têm os vidros foscos, têm as bandeiras e neste momento algumas das salas têm persianas mas quando é preciso nós trabalhamos com luz artificial, não é?

E - Mas portanto ligam a luz?

e - Sim, sim, sempre.

E - Quase sempre. Portanto trabalham sempre com luz deficiente?

e - Até porque eu tenho aulas nos primeiros tempos da manhã e agora é noite.

E - Sim mas depois durante o dia não...

e - Eu durante o dia não tenho aulas, o meu horário vai geralmente até às dez da manhã.

E - Ai é?

e - É.

E - Ah, e só apanha esse primeiro... Tem horário só de manhã e apanha praticamente a noite durante o Inverno.

e - Sim.

E - Sim senhor. Em relação ainda à questão dos equipamentos, como é que acha que... Em relação ao trabalho dos alunos, acha que a parte dos equipamentos também influencia muito o trabalho dos alunos. Acha que os alunos nesta escola trabalham pior porque a escola está degradada, ou acha que o facto da escola estar degradada é indiferente para o trabalho escolar dos alunos?

e - Não, não é assim tão indiferente, eu não sei muito bem é avaliar o peso que estas condições aqui terão. O que eu vejo, por exemplo comparando aqui o bairro com outras escolas, onde eu tenho outras amigas, no fundo as queixas que nós temos, elas também as vão sentindo noutro lado e a escola não é degradada. Portanto aí assim, eu não sei propriamente considerar qual é o peso. Será algum a nível... Pois se eu tenho uma sala com condições óptimas, penso que terei uma motivação maior, penso eu.

E - E os alunos?

e - Eu, quer dizer, eu aluno. Estava a perspectivar do ponto de vista do aluno. Portanto poderá alguma vez ter alguma influência, por exemplo a nível de temperaturas, sente-se muito mais o frio, sente-se muito mais o calor e isso é impeditivo de um bom trabalho, de um bom rendimento. Agora o quantificar isso não sei.

E - Não, mas portanto até ao nível da própria sensação que tem, vendo num aspecto meramente intuitivo... Isto é, quando chega ao final do ano, pronto os alunos passam uns, outros reprovam, se quisesse atirar assim para o ar, qual a responsabilidade dos equipamentos, das condições de trabalho nestes maus resultados que eu tive...

e - Ah, terão algum. (Interrupção)

E - Em relação por exemplo às escolas vizinhas, às colegas com quem às vezes fala, acha que do ponto de vista económico, cultural, social, a origem, é pior do que nas outras escolas?

e - Eu diria é que aqui há menos pessoas, ou há menos alunos, filhos de pais com profissões liberais. Esses pais talvez um pouco mais conscientes e olhando sobretudo para o exterior da escola, preocupam-se com essas condições físicas e colocam os filhos noutros lados.

E - Portanto acha que há estratégias...

e - Agora a nível depois de condições sócio-económicas baixas, isso existe em todo o lado.

E - A ideia era se aqui havia alguma concentração?

e - Não, neste momento raramente passa por aqui um aluno filho de alguém com uma profissão liberal.

E - Acha que aí vão colocar...

e - Nos últimos tempos não tenho tido. Predominantemente, neste momento, os alunos que vêm para aqui são filhos, por exemplo de GNR's. Há um grande grupo de alunos filhos de GNR's.

E - Porquê?

e - Há aqui um bairro nas proximidades.

E - E porque é que eles vêm para aqui e não vão para outras escolas?

e - Possivelmente porque é a área pedagógica deles. Não sei! Eles vêm aqui ter.

E - Portanto não acha... Não sabe... Quer dizer, é só por causa da residência que eles vêm ter aqui?

e - É.

E - E acha que em relação ainda à questão dos alunos, como é que é, há contactos... Recebeu agora dois pais, nesta hora, quem eram esses pais? Foram chamados? Vieram cá por sua iniciativa?

e - Ai vieram... Vieram por iniciativa mas motivados por uma grelha que é fornecida aos encarregados de educação, no final de cada mês com as faltas injustificadas. Portanto eles preocuparam-se em saber porque é que os respectivos educandos tinham tido faltas injustificadas.

E - É habitual em relação aos...

e - Não, não é habitual eu é que passo de facto as horas de atendimento sem fazer nada a nível daquilo que deveria estar a fazer.

E - Não vêm cá à escola?

e - Não.

E - E acha que isso se deve às questões gerais?

e - Pois, prende-se efectivamente com a ocupação das pessoas que estão de facto arrastadas de casa e da escola o dia inteiro e também talvez, eu penso, penso e tenho quase a certeza, que há uma falta de consciencialização das suas funções enquanto encarregados de educação.

E - E acha que isso no tipo de família destes alunos ainda é mais agravado? Tem influência?

e - Tem porque as pessoas geralmente o que elas me vêm dizer é que trabalham o dia inteiro e não têm disponibilidade para vir à escola. Eu tento modificar a situação tanto quanto me é possível, mas o peso económico, implicaria faltar ao serviço, o que leva a que as pessoas não apareçam.

E - Por exemplo neste período passado quantos encarregados de educação é que lhe apareceram aqui?

e - Assim por estimativa um, dois.

E - Um, dois. Assim por período é capaz de ser assim uma média...

e - Sim, sim. E não aparecem mesmo quando solicitados várias vezes.

E - Acha que os resultados escolares, nesta escola, que os resultados escolares dos alunos são piores ou idênticos? Acha que são piores do que o habitual que seria de desejar? Como é que fala dos alunos desta escola? São bons, são maus, são assim, assim?

e - Eu como falo? Acho que são normais. São normais. Dependendo das circunstâncias actuais acho que são normais. O que eu acho é que por exemplo a nível da minha disciplina neste momento... Aliás, foi no ano passado e este ano está a acontecer a mesma coisa há maior percentagem de níveis inferiores a dois. E isso é notório.

E - Ao que é que atribui isso?

e - Assim empiricamente falando eu penso que uma das situações é de facto a tal falta de saber estar dos alunos e também a nível talvez do Português que implica com todas as outras disciplinas, os professores de Português queixam-se imenso que eles desconhecem o que é básico. Isso vai ter implicação nas outras disciplinas. Estes dois factores talvez estejam a contribuir grandemente para que haja um acréscimo de níveis inferiores a dois. Habitualmente na minha disciplina, quer no 5º, quer no 6º ano, eu tinha aí três, quatro alunos que não conseguiam obter, atingir os objectivos mínimos no final do ano e agora tenho uns sete, oito.

E - E acha portanto que as principais causas são essas.

e - Já no ano passado aconteceu a mesma coisa.

E - E acha que em relação portanto, por exemplo, ao programa da reforma curricular que influenciou, uma vez que me está a dizer há um, dois anos, acha portanto que a alteração do programa na sua disciplina...

e - O novo programa só vai ser implementado este ano.

E - E então no que está a ser implementado este ano, acha que há alguma modificação? Qual é o balanço que faz, se é possível fazer algum balanço.

e - Neste momento eu não... Acho que ao nível da minha disciplina, que está a ser implementado este ano, eu não posso, neste momento, ter qualquer perspectiva ainda de... de um juízo de avaliação sobre ele, porque os

itens são os mesmos, neste momento são os mesmos. O programa apenas foi aumentado, poderá ter implicações futuramente, nós já não conseguimos cumprir tudo e possivelmente então ficará mais matéria por abordar, mas neste momento ainda estamos dentro dos itens habituais.

E - Portanto não tem ainda juízo formado sobre isso?

e - Não. Em relação às estratégias e métodos de abordagem não houve qualquer alteração.

E - Em relação portanto... Falou nas dificuldades do Português, que são dificuldades gerais, têm notado algumas vantagens com a prática do APA, nomeadamente no Português, que é uma disciplina que suponho eu que é beneficiada com esse apoio?

e - Enquanto DT aquilo que me é dado, eu não sou prof. de Português, aquilo que me é dado saber é que os alunos faltam, não aparecem às aulas, e por vezes, como elas só acontecem uma vez por semana, então não há assim grande peso no sentido de haver uma melhoria notória no aluno a nível do Português.

E - Como é que os alunos são indicados para o apoio pedagógico?

e - São propostos pelo prof. de Português, depois a selecção final é feita por um dos elementos do CD.

E - E portanto há casos em que alunos que são propostos não são contemplados?

e - Sim, porque há um número limite de alunos para essas aulas.

E - E quem é que decide em última estância?

e - É o perfil do aluno à partida porque o prof. de Português quando está a fazer a selecção dos alunos evidentemente que vai considerar aqueles alunos que efectivamente não atingiram os objectivos mínimos, mas que cujo esforço, cujo empenho se tem manifestado e que possivelmente mediante essas aulas poderão atingi-los. Há outros cuja ausência de esforço é notória e que então se algum ficará para trás, ficará um desses.

E - Portanto têm critérios de motivação no fundo.

e - Exacto e de empenhamento.

E - Em relação portanto a outras questões que têm a ver com a reforma em curso, a questão, por exemplo, do projecto educativo, nesta escola ainda não há, acha que é importante haver ou acha que isso é irrelevante. Se não há porque é que acha que ainda não se conseguiu fazer um projecto?

e - Talvez por falta de motivação nossa, dos professores aqui presentes na escola. Agora as razões da falta de motivação acho que serão específicas de cada um mas umas serão inerentes ao edifício e outras à profissão. E há as motivações ou as desmotivações que nos vêm do Ministério...

E - A sua opinião pessoal, no seu caso pessoal.

e - A minha opinião pessoal? Eu neste momento acho que a minha opinião pessoal... Quer dizer, em relação a mim os projectos educativos de escola passam-se numa fase da minha profissão em que eu tenho de me dividir por muitos lados e então...

E - Não tem tanta disponibilidade.

e - Não tenho tanta disponibilidade. Portanto vou fazendo o que posso a nível da disciplina mas tenho outras motivações exteriores fora da sala de aula e neste momento não me posso comprometer.

E - Mas se tivesse essa disponibilidade ou se não tivesse tão solicitada por outras coisas, acha que era uma coisa importante?

e - É, desde que organicamente bem construído, em que haja, eu acho que para que haja profissionalismo tem que haver duas condições: uma é recursos económicos e outra são recursos humanos, a nível de equipamento e instalações. Porque...

E - E acha que isso falta?

e - Isso neste momento eu acho... Aqui falta! Aqui falta!

E - E em relação à área escola, o que é que pensa da área escola, da maneira como... Qual é o balanço que faz?

e - Eu faço um balanço um pouco negativo, não só daqui mas porque tenho uma perspectiva de vários sítios. Eu penso que as ideias iniciais que levaram a uma certa motivação, porque pessoas que inicialmente estavam bastante motivadas têm vindo a progressivamente ficarem desiludidos. Quais as razões dessa desilusão? Passaram também por aquilo que eu acabei de dizer há pouco, pressupõe-se que o prof. para cumprir essa área escola vá ocupar, entrar no tempo da aula, ou então que o faça extra horário. É muito difícil para os professores e sobretudo também para os alunos porque os alunos paralelamente ao seu tempo de escola terão outras actividades e eu nunca poderei requerer, exigir dos alunos que eles se encontrem comigo, por exemplo para essa actividade em tempo extra aula, porque isso não se consegue.

E - Portanto acha que o funcionamento das aulas, tal e qual como está, não é muito compatível com a existência de um trabalho...

e - Nós vemo-nos perante um dilema: fazemos a área escola e não cumprimos os programas ou cumprimos os programas, tanto quanto nos é possível e não fazemos a área escola.

E - E como é que por exemplo foi sugerido o tema da área escola? Como é que ele surgiu?

e - Não foi este ano, foi no ano passado.

E - Portanto este ano é a continuação.

e - Sim. é a continuação. Surgiu em CP. Não surgiu por negociação com os alunos, nem entre nós, acho eu. Alguém, pelo menos das pessoas que estão mais empenhadas, que é da área da E.V.Tecnológica possivelmente já teria algum tema, algumas ideias sobre o tema e ele surgiu.

E - Depois foi ratificado e foi mais ou menos gratificante e depois foi...

e - (Risos) Chamemo-lhe assim.

E - Acha que não foi ratificado. Por exemplo no seu caso acha que, pensando no ano passado e neste ano, acha que teve algum interesse no caso da vossa disciplina?

e - No caso da nossa disciplina eu comecei logo por dizer que não tinha qualquer viabilidade de abordagem a nível da língua estrangeira porque é muito difícil ir tratar o rio Tejo em Inglês. Nem sequer... Só agora nos novos programas que vão começar para o ano, a nível do 6º ano, é que poderia eventualmente fazer uma comparação entre qualquer outro rio inglês.

E - O Tamisa.

e - O Tamisa. Porque só agora é que os graus dos adjectivos, só neste novo programa é que são contemplados e no 6º ano. Portanto a minha participação será muito de fora.

E - Portanto a colaboração é reduzida.

e - Eu com a minha imaginação não cheguei lá.

E - Tinha traçado algum tema?

e - Tinha. Mais genérico. Tinha!

E - Por exemplo?

e - Os Mass Media e a modificação da cidade. Poderia começar por ir com eles ali aos...

E - E aí era...

e - Aí era muito mais globalizante.

E - E não encontrou o espaço para...

e - Não. Não.

E - Não chegou a fazer a proposta?

e - Fiz.

E - Ah fez, mas não teve...

e - Não, as pessoas já estavam canalizadas para o rio Tejo.

E - E porque é que este ano se voltou ao Tejo?

e - Porque as pessoas deixaram projectos em marcha que não tinham sido completados e necessitavam de tempo, deste ano para completar.

E - Em relação à questão ainda deste funcionamento pedagógico, nomeadamente em relação, por exemplo à questão do CP. Acha que o CP é um órgão eficaz, em geral?

e - Se não é tanto, a culpa é nossa, eu também lá estou. (Risos)

E - Não é estar a culpar ninguém. Qual é a apreciação que faz do funcionamento do CP?

e - Eu acho que funciona de acordo com as possibilidades que temos. Não é?

E - Mas independentemente disso, acha que seria importante o CP funcionar em secções? Acha que isso teria alguma vantagem? Acha que seria importante encontrar outro espaço?

e - Eu não tenho experiência enquanto membro do CP desse funcionamento por secções. Portanto eu não...

E - Mas tem ouvido falar, dos colegas...

e - Mas estive presente, a título também de participante noutro CP que efectivamente funciona por secções. Agora, eu não consigo avaliar os resultados desse funcionamento. Portanto...

E - Mas por exemplo, independentemente porque não está aqui em causa que é assim porque tem que ser, mas sente-se satisfeita, enquanto membro do CP, sente-se satisfeita com o seu trabalho? Acha que o tempo que é gasto repercute-se depois no funcionamento da escola? É um bocado este tipo de juízo que me parecia importante saber a sua opinião.

e - Mas é um juízo muito pouco porque eu não tenho de facto...

E - Claro, não tem elementos que lhe possam e por isso é que era uma questão de opinião. Por exemplo, acha que no CP há espaço ao debate sobre as questões da escola ou se por exemplo a informação acaba por ser...

e - Há, isso há. Há espaço de debate. Acho que sim.

E - Portanto não tem sugestões digamos assim em relação à alteração do funcionamento do CP?

e - Não.

E - Acha que sim? E em relação ao CD, que é outro órgão da escola, como é que acha... Como é que considera o CD? Acha que ele responde em geral às questões da escola?

e - Àquelas que são apresentadas pela minha pessoa, só por essas é que eu posso responder, dentro dos limites, dentro dos limites, volto a repetir, responde.

E - Acha... O clima desta escola como é que o caracteriza?

e - Ao nível do quê? Disciplinar?

E - Em geral. Ao nível dos professores, da relação dos professores? Já não ao nível dos alunos, agora centrando-nos nos professores.

e - Eu acho que a relação humana daqui dos professores nesta escola é muito melhor do que nas outras escolas. Daquilo que eu tenho ouvido dizer. Daí eu estar aqui, nestas condições há muitos anos.

E - Portanto acha que a sua...

e - A relação humana é bastante boa.

E - E acha que isso é... Isso é que permite equilibrar as más condições físicas?

e - Eu acho que sim. Acho que sim.



E - Estamos mesmo a acabar e portanto... (Interrupção) Recordar-se... Estamos mesmo a chegar à meia hora e não queríamos de facto ultrapassar mais tempo. Eu tinha aqui só uma questão que era assim, recorda-se de algum episódio, de alguma anedota, de alguma história passada nesta escola e que considere significativa. A nós interessava-nos muito, pronto para além destas opiniões sobre tudo, principalmente às pessoas que já cá estão há muito tempo, algum episódio, algum acontecimento que considere marcante, significativo destes dez, onze anos que está cá? Não lhe vem assim à memória alguma história que às vezes a pessoa conta com os colegas e tal. Qualquer tipo que seja característica desta escola. Se quisesse dar assim...

e - Características desses primeiros tempos e que agora já não se repetem.

E - Por exemplo.

e - Ou pelo menos eu penso que não se repetirão assim, nestes moldes. Houve uma vez, foi uma turma que eu tive em Inglês e que efectivamente possuía um número de alunos bastante apreciável com princípios de delinquência e um deles uma vez agrediu, ou tentou agredir um prof., homem. Gerou-se uma grande problemática à volta dele. Ele chamou outros elementos que conhecia, tocaram no CD e teve que ser chamada a polícia de choque. Portanto...

E - De dia?

e - De dia. Passou-se de dia, à tarde.

E - Isso quando?

e - No princípio dos anos oitenta.

E - E essa situação mudou entretanto? Esse tipo de...

e - Eu penso que sim. Situações dessas nunca mais se repetiram. Há situações de facto às vezes de grande indisciplina... Mas assim tanto nunca mais tive conhecimento.

E - Mas acha que isso foi porquê?

e - Depois o prof. teve que mudar de escola.

E - E acha que isso...

e - Inclusive eu posso dizer que comigo. Eu nessa mesma turma, nesse mesmo ano, com outro aluno, não com este, o aluno estragava-me sistematicamente as aulas, não tinha, aliás nessa altura tinha dez anos de ensino, não podia dizer que estava totalmente inexperiente, mas não tive qualquer estratégia que lhe modificasse o comportamento e um dia tentei pô-lo fora da aula, agarrei-o por um braço e ele tentou agredir-me. Ai assim foi a minha vez de lhe dar uma bofetada e o que é que aconteceu? Depois fui ameaçada, nunca mais pude trazer o carro para as proximidades da escola e portanto acabou assim. Depois no ano seguinte ele não se inscreveu nesta escola, não sei porquê.

E - Isso mudou? Isso mudou?

e - Isso mudou.

E - Porquê? Porque entretanto também mudaram os alunos?

e - Não. Eu acho que sobretudo mudaram as estratégias até a nível do CD. Eu acho que passa muito por isso porque numa escola deste tipo, acho que uma série de estratégias que podem não funcionar noutros lados, até a nível de encarar... Por exemplo eu lembro-me que nesse ano essa turma tomou, certos alunos da turma tomaram as proporções que tomaram porque nunca houve nenhum Conselho Disciplinar. Apenas os alunos, aliás por indicação do psicólogo que acompanhava esses alunos, nós tínhamos um cartaz onde afixávamos o número de vezes que chamávamos a atenção do aluno prevaricante. E de facto isso poderá ser muito bonito, mas acompanhado de outras estratégias com carácter mais disciplinar, que foram inexistentes nesse ano e vários alunos dessa turma, causaram grandes problemas, como digo.

E - Nessa altura já estava cá este CD?

e - Não. Não.

E - Era outro CD?

e - Neste momento, este CD, tem a sua actuação junto dos directores de turma para evitar tanto quanto possível situações dessas. Evidentemente que há um apoio tanto quanto possível humano a alunos nestas circunstâncias, mas também isso passa por uma actuação simultânea a nível de discipliná-los.

E - Disse-me há bocado que os alunos da tarde são piores, porquê?

e - Para já, às vezes é uma queixa dos colegas da tarde, é que os alunos, as turmas que são formadas para a tarde, e eu estou na formação de turmas portanto às vezes também me culpabilizam a mim, são sempre piores do que os da manhã. Para já, eu reforço que as turmas do 5º ano eu não as conheço de lado nenhum, apenas sigo as indicações que o Ministério dá, neste caso.

E - São portanto...

e - São não incluir mais do que três níveis etários, depois aceitar as sugestões que os encarregados de educação nos dão porque às vezes eles têm outras actividades, e então eles solicitam que o aluno seja integrado na parte da manhã e então nós vamos acatar essas solicitações, ou então quando eles já vêm integrados com três ou quatro alunos do 1º ciclo, não separá-los. Portanto nós formamos turmas nestes moldes. Agora todos nós sabemos, mesmo os professores da manhã, é que o aluno nos primeiros tempos da manhã é capaz de estar, de ter um comportamento diferente do que terá no último tempo da manhã, porque já está mais acordado, porque já se excitou mais na cadeira ou o que quer que seja. Portanto é lógico que esses problemas se arrastem para a tarde. Quanto mais tempo decorreu...

E - E eles começam o turno à tarde?

e - Como?

E - E os que começam o turno à tarde?

e - Os que começam o turno à tarde já passaram uma manhã muitas vezes em brincadeiras de rua, etc.

E - Portanto acha que pedagogicamente é inevitável que os alunos à tarde tenham piores condições...

e - É inevitável porque os professores da manhã também se queixam que a aula do meio dia à uma é muito menos rentável e portanto poderia dizer que os mesmos alunos que têm aula do meio dia à uma têm aulas das oito e um quarto às nove e cinco.

E - Mas portanto não há diferenças do ponto de vista da selecção dos alunos para a tarde e para de manhã?

e - A única situação que se passa é que às vezes com todos os condicionalismos que se põem evidentemente que as últimas turmas têm os níveis etários já mais elevados. São os alunos de doze, treze, catorze anos. Poderá eventualmente reflectir mais peso.

E - E esses alunos vão para a tarde?

e - Ah, pois!

E - Começam as primeiras turmas de manhã e as últimas vão para a tarde.

e - Exacto. Mas há turmas à tarde também com níveis etários baixos, mas de facto as últimas turmas geralmente estão de tarde.

## **D) PROFESSORA 1**

e2prof1

28/02/96 - 10h 20m - 11h 15m - Escola B

ENTREVISTA À PROFESSORA 1

ENTREVISTA

E - ...por lhe pedir que nos desse uma ideia geral de qual tem sido o seu percurso.

e - O meu percurso...

E - Há quantos anos trabalha?

e - Comecei em oitenta e um...

E - Quinze anos.

e - Eu, na altura tinha dezoito anos de idade e foi o meu primeiro ano de serviço. Venho da escola [nome de escola - 18]...

E - Onde leccionou pela primeira vez...

e - Não, não, o meu curso, pronto, eu tenho o curso...

E - Ah! Sim, sim, sim. Continue.

e - O meu curso escolar. O primeiro ano em que leccionei foi no [nome de povoação - 25], na Escola Secundária do [nome de povoação - 25], estive lá dois meses. Depois, no ano seguinte comecei em pleno na secundária de [nome de povoação - 26].

E - Portanto esteve dois meses a fazer uma substituição...

e - Sim. Entretanto estive dez anos à espera de estágio, passei por várias escola, por exemplo estive cinco anos em [nome de povoação - 6], onde gostei muito de trabalhar. (...) Efectivei-me em 1990.

E - Onde?

e - Na Escola Secundária de [nome de povoação - 6]

E - Quer dizer. No seu percurso, já passou por mais de cinco escolas?

e - Sim. Foi em [nome de povoação - 26], [nome de povoação - 6], [nome de escola - 13], [nome de escola - 12], [nome de povoação - 25], [nome de povoação - 2], e julgo que não foram mais. Portanto seis escolas.

E - E fora de Lisboa?

e - Tirando [nome de povoação - 2] que fica na zona de Abrantes, estive sempre em Lisboa.

E - E como é que surge nesta escola?

e - Como é que eu surjo?...

E - Sim. Como é que aparece aqui?

e - Ah, eu moro quase à porta da escola. Não sei se foi essa a razão, mas eu efectivei-me em 1990, em [nome de escola - 12], no ano seguinte tive de concorrer e concorri aqui para o bairro, concorri para as várias escolas aqui do bairro e fiquei logo nesta. Não sei qual é a razão mas na altura não havia nenhum efectivo nesta escola. Nós éramos oito professores de trabalhos oficinas

E - Mas isso...

e - E fui a primeira profª. efectiva nesta escola.

E - Em noventa...

e - Exacto, em noventa.

E - E desde essa altura que tem estado...

e - Nesta escola.

E - E porque?

e - Olhe, tenho estado por vários motivos: primeiro é porque tenho três miúdos pequenitos, um anda cá na escola, as outras duas andam aqui na primária, e dá-me um certo jeito estar próxima de casa; Depois há outra condicionante, com a reforma (...).

E - E este novo horário que tem. Qual é o horário que tem?

e - Em termos lectivos só tenho três horas. Mas tenho tido horários com outras actividades, por exemplo com os clubes...

E - Mais à frente já vamos falar disso. Mas, portanto antes de ter entrado aqui... Pronto, o primeiro contacto físico e visual não foi a primeira vez que cá leccionou...

e - Não, não, não, não.

E - Já conhecia a escola?

e - Eu fui aluna da escola.

E - Em que ano?

e - No primeiro ano que ela abriu.

E - Qual foi o ano?

e - Foi no ano lectivo de 1970/72. Fiz o meu ciclo preparatório aqui...

E - Portanto tinha cá estado dois anos...

e - Dois anos. Depois, passei para o segundo ciclo, mas esta deixou-me muitas recordações: lembro-me dos professores, lembro-me do currículo, lembro-me da forma de como trabalhávamos

E - Ainda cá estão professores que estavam nessa altura?

e - Alguns ainda cá estão. Passado uns anos nós não nos recordamos, mas a profª. de Ciências foi minha profª... Pronto, a escola é me muito familiar.

E - Eu perguntar que se quando veio para cá leccionar, se a imagem que tinha (...) enquanto criança, (...) se...

e - Se é muito diferente?

E - Exactamente. Pronto, nuca perdeu o contacto visual com a escola?

e - Desde a minha infância?

E - Sim, desde setenta e dois.

e - Pronto, o que acontece é que nós somos quatro irmãos, todos frequentamos esta escola, os meus sobrinhos frequentaram esta escola, e neste caso os meus filhos. Pronto, mas isso em termos de?...

E - Em termos de ter algum impacto...

e - Não, é evidente que quando em noventa, eu, regresssei à escola, chocou-me bastante a parte interior da escola.

E - E o aspecto exterior. Pronto, estes remendos que a escola tem...

e - Este remendos já existiam.

E - Já existia!

e - Ela ao fim de um ano ficou sem telhados.

E - Ah! Sim!

e - (Risos) Pronto, a parte dos remendos e as instalações precárias das casas de banho, isso sempre esteve. Eu acho que esta escola foi feita com materiais muito precários e teve sempre esses problemas. Quando entrei na minha sala de aulas, isso, realmente, pronto, fiquei desoladíssima. Éramos dois professores dentro de uma sala de aula, e com duas turmas. Pronto, a disciplina de trabalhos oficinas funcionava numa sala normal, tinha apenas um quadro, não tinha equipamentos...

E - Mesas normais. Não?

e - Exacto, e depois tenha um armários para dividir a sala ao meio. Agora está a ver o que é ter uma sala destas com um armário ao meio, e depois com duas turmas, e dois professores.

E - Em termos de cargos directivos, no CD, já esteve alguma vez?

e - Não, não, não.

E - E no pedagógico. Qual é a sua experiência no pedagógico?

e - Sou del. há dois anos...

E - E em escolas anteriores?

e - Em escolas anteriores não. Efectivei-me só em noventa. Agora, pronto, fui DT, directora de instalações, e aqui na escola como del. de grupo.

E - (...) Bom esta primeira parte, dado a circunstância de ter sido alunos, esta primeira parte já está arrumada.

E2 - Mas eu gostava de introduzir aqui um aspecto muito importante...

e - Diga, diga.

E2 - Dado as condições que a escola tem, e parece não ter modificado muito desde esse tempo para os dias de hoje. (...) Mas toda a sua família frequenta ou frequentou esta escola...

e - Sim.

E2 - Houve algum motivo especial para que isso ocorresse ou não tinham outro sítio para onde ir?

e - (...) Nos primeiros anos não havia mais nenhum lugar, depois abriu a [nome de escola - 3]... Não sei, não faço ideia de qual terá sido a preferência dos meus pais... Talvez por ser perto de casa, na altura que a [nome de escola - 3] abriu, havia grandes vandalismos externos...

E - Mas naquela ou nesta?

e - Na outra. Como esta estava num espaço isolado, levou com que os meus pais optassem por nos meter aqui.

E - Quer dizer. A outra tinha pior...

e - Tinha, tinha, tinha em termos de ambiente exterior à escola. Os miúdos eram frequentemente assaltados. Já na época da minha sobrinha, tem dezanove anos, portanto esteve cá há dez anos e nessa altura ainda acontecia isso.

E - Pode inferir-se que os outros dois filhos que tem e que agora estão na primária, se calhar, vêm para esta escola...

e - Isso ainda é uma dúvida. Em princípio é para vir para aqui, só que acho que a turma...

E - A escola primária vai mandá-los todos juntos. Não?

e - Não. Eles é que querem ficar juntos, já pediram aos pais que queriam ficar todos juntos e andam os pais a ver como é que é e como é que não é. Isto, porque vários miúdos são do outro lado, da [nome de escola - 3]...

E - Quer dizer. Não levantava objecções nenhuma, se elas viessem (...).

e - Aqui para a escola?

E - Sim.

e - Não levantava qualquer objecção. Pronto, mas, por exemplo, o meu filho está sempre a queixar-se. Pronto, eles estão no oitavo ano e as queixas dele, são sempre a nível de espaço, ou porque o material não presta, ou porque nunca há nada que fazer. Portanto nunca ouve queixas relativamente aos currículos ou em relação ao que faz nas aulas, é mais numa questão de espaço que ele se queixa.

E - Acha que a questão das instalações, o espaço físico. Pronto, julga que as instalações têm grande influência no trabalho dos alunos ou dos professores?

e - Grandes resultados. Não diria que tem grandes resultados, mas acaba por influenciar. O nosso trabalho acaba por ser mais precário. Quando um prof. falta, há imenso barulho no exterior, isso é significativo na questão do perturbar uma aula, provoca algumas situações de indisciplina... Uma coisa que acontecia era que na existência de uma ou duas meias cadeiras...

E - Meias cadeiras?

e - Sim, cadeiras partidas. Isto era o suficiente para que no início de uma aula se gera-se uma grande confusão.

E - E a luminosidade?

e - Falta de luminosidade. Na minha área há trabalhos que deixei de fazer.

E - Por causa da falta de luz?

e - Sim.

E - E os estores?

e - Nós, lá, como sabe, os estores não abrem. Pronto, os trabalhos com cores, estudos de cores é uma coisa que eu não faço nas minhas aulas. Na altura dei tapeçaria e reparei que era limitativo.

E - E tinha equipamentos para isso?

e - Não.

E - Nem para tapeçaria... Têxteis

e - Não. Todo o nosso trabalho era em madeiras para poder esconder as falhas.

E - Se lhe colocassem uma questão sobre o emitir de uma opinião sobre a importância que tem a questão das instalações, a origem sócio-cultural dos alunos, pronto, a caracterização da própria população escolar, os professores, a caracterização dos próprios professores e o seu perfil. Considerando estes aspectos, qual destes influência mais nos resultados?

e - (...) Eu acho que é, pronto, as condições da escola têm muita influência. Pronto, a maior parte dos alunos, não sei se posso generalizar, mas a maior parte dos alunos vêm de um meio sócio-cultural mais baixo, o que também não lhe alarga muito os horizontes, porque como sabe, há crianças que tirando a escola e tirando o espaço onde vivem pouco mais conhecem. Em relação aos professores, eu acho que nós tentamos trazer para a escola e dar aos miúdos o máximo de conhecimentos teóricos e práticos. Agora as condições físicas acho que são do pior. Por exemplo, quando eles dizem assim: "- Oh, profª... Isto é pior que a minha barraca!". Quer dizer. Eu, fico sem resposta.

E - Fica-se com a ideia que eles têm poucas expectativas em relação às instalações, porque a maior parte vive em condições idênticas

e - Sim, acho que sim. Mas alguns sonham com uma escola diferente.

E - Mas depois acomodam-se?

e - Eu não sei. Sabe que, às vezes, vou encontrar os meus alunos na [nome de escola - 14]. E quando conversava com eles, eles dizem: "- Oh, profª... Nós passávamos a vida a refilar com a escola, mas agora temos saudades dela.". Pronto.

E - A [nome de escola - 14] tem melhores instalações?

e - Tem. Só que em termos de graus de exigência os professores são mais exigentes. Eu acho que nós, em termos de aulas, definimos objectivos mínimos. E de ano para ano vamos abdicando de uma qualidade de ensino, porque os alunos são cada vez mais fracos, a escola, pronto, as condições continuam a ser as mesmas, e nós vamos baixando o grau de exigência. Na minha disciplina, eu chego a abdicar de certos saberes que eu acho que eram necessários.

E - Nesse aspecto há algum sentimento de frustração?

e - (...) Se há...

E - Ou é uma questão meramente pessoal?

e - Não, eu acho que há alguma frustração.

E - Portanto essas estratégias e as maneiras de ultrapassar essas questões, costumam ser debatidas nos grupos? Também são debatidas no CP? Há alguém com preocupação de levar estes assuntos para os debater profundamente? Há este tipo de tomada de posições?

e - Eu acho que tem havido, mas são tomadas de posição em termos de grupo individual, em termos de CP já não sinto o mesmo. Em relação ao CP, o nosso CP funciona por plenário. E nem sempre, isso traz os melhores resultados. Esta é a minha opinião, porque...

E - Já vamos ver isso...

E2 - Mas pode já dizer o que é que na sua opinião era melhor. Acha que era melhor funcionar em secções?

e - Não se porque eu nunca funcionei em secções. De qualquer forma, sinto necessidade de alguns grupos dentro do pedagógico. Porque já viu que, por vezes, estamos a debater um assunto e somos cinco ou seis, às vezes, até mais, somos trinta e (...)...

E - Trinta e cinco.

e - Depois cada um quer dar a sua opinião, depois há grupos que acabam por não dar a sua opinião sobre as coisas. Muitas vezes, os assuntos arrastam-se e não se chegam a tratar porque naquelas horas não há tempo, depois ninguém fica destinado para tratar do assunto. Pronto, acho que deveria de haver necessidade em reformar o CP.

E - E em relação ao CP, mas ligando à questão das instalações. Nós assistimos a alguns Conselhos Pedagógicos, e já vimos que há esse problema, nomeadamente, relativamente às questões das instalações. Esteve no Conselho pedagógico o ano passado e há dois anos...

e - Sim.

E - De qualquer forma, é cá prof. desde há...

e - Não. Desculpe, eu estou no CP desde noventa.

E - Ah, desde noventa. Pronto...

e - Fiquei efectiva na escola...

E - Então, é uma pessoa que nos pode dar uma ideia sobre... No pedagógico nestes últimos seis anos...

e - Cinco.

E - Tentou-se fazer alguma coisa, pressionar o CD ou a DRELx, para que se fizesse alguma coisa relativamente às instalações? Medidas fortes, foram tomadas?

e - Não sei o que é que considera de medidas fortes?

E - Quer dizer. Tomadas de posição.

e - Não, tomadas de posição houve. Vamos lá ver, nós, hoje temos este muro de cimento que antigamente não tínhamos, tomamos posição em relação à rede envolvente, em relação aos pavilhões em si. Mandamos cartas para o Ministério, chegamos a fechar a escola...

E - Chegaram a fechar a escola?!

e - Sim. Parece-me que foi um dia ou dois...

E - Mas isso foi iniciativa dos professores, do pedagógico, ou dos alunos?

e - Houve movimentação de alunos, nesse ano...

E - E de pais?

e - Também, mas os pais é sempre mais complicado. Houve aí duas turmas que fizeram uma manifestação na rua.

E - Foi daquela vez que a televisão veio cá?

e - Ai, não. Isso já foi depois. Nestes últimos anos, até conseguirmos movimentações

E - Já era o actual CD?

e - Já. Quando eu entrei na escola já cá estava este CD. Entretanto, conseguimos promessas. Eles levaram um ano para conseguir construir um muro, na fase seguinte, ficou-nos prometido o concerto dos pavilhões, e como pode ver foi até hoje.

E - Em termos de equipamento da sala. Tem havido renovação?

e - Não, houve apenas de umas salas do segundo ciclo. Entretanto, houve de umas salas de Educação Visual.

E - Foi só em algumas salas?

e - Sim.

E - Quer dizer. Para além da visita do Secretário de Estado, que foi...

e - O ano passado.

E - E para além do Secretário de Estado...

e - Não, eles. De vez em quando passam por aí.

E - Já cá vieram...

e - Quando nós reclamamos eles vêm cá. Vêm cá, fazem estudos, medem terrenos, isso têm feito sempre...

E - Vê alguma solução para esta escola?

e - Deitar a baixo.

E - Deitar a baixo e fazer outra?

e - Pois.

E - Neste mesmo local?

e - (...) Não sei, acho que não posso estar a dar uma ideia.

E - Depende da dimensão da escola. Não é?

e - Não sei. Pronto, eu tenho uma opinião pessoal, acho que uma escola nunca deve de ir a baixo, pronto, deixando escolas pequenas...

E - Sim.

e - Porque acho que é mais rentável o uso. As pessoas pensam que nós podemos fechar, porque a [nome de escola - 3] aguenta com o pessoal todo que está aqui. Se calhar até aguenta, só que fica super lotada.

E - Há algum, algum conflito... Não é conflito...

e - Rivalidade.

E - Exacto. Há alguma rivalidade entre as escolas?

e - Eu não sei. Mas eu conheço, noutros locais, professores da [nome de escola - 3], e choca-me que eles estão sempre a falar mal de nós.

E - Dos professores ou das instalações?

e - Não. Dos professores.

E2 - Mas isso é por causa da mudança de alunos daqui para lá e do reflexo em termo de aproveitamento?

e - Não, porque os alunos não mudam daqui para lá.

E - Não?

e - Não.

E - O que é que poderá levar a essa critica?

e - Não sei, sinceramente eu não sei. Não sei se é pelas condições que nós temos, esta escola tem...

E - Tem trinta anos, não é?

e - Pois.

E - Relativamente aos alunos. Quando fala deles a outras pessoas que não os conhecem, como é que os caracteriza? Como é que fala deles?

e - Eu não acho estes alunos diferentes das escolas por onde eu passei. Há alunos com fraco rendimento, mas isso há em todo o lado, os desmotivados também. Eu acho que quando falo destes alunos, falo da mesma maneira que falaria noutra escola. Eu, às vezes, tenho falado com outros colegas e é assim.

E - Portanto não diz que os alunos são difíceis ou...

e - Eu não acho que eles sejam difíceis. Pelo menos, nas escolas onde eu estive aqui de Lisboa, eu não vejo grandes diferenças, vejo é os meus alunos mais limitados em termos de horizontes, por exemplo, quando falo de arte é muito complicado. Pronto, há um universo que eles não correspondem. Normalmente nas área de tecnologia, quando converso com ele das áreas de tecnologia, eles pouco mais falam do que o pedreiro, e do carpinteiro, mecânico, etc. Pronto, é o universo que eles conhecem.

E - Quer dizer que aí se notam algumas dificuldades?

e - Para mim é a principal dificuldade.

E - É a principal dificuldade da disciplina?

e - Para mim é, porque, entretanto, não tenho nada para lhes oferecer em termos manuais. Nesta nova disciplina, o nosso objectivo é despertar, é despertar os miúdos para as áreas, mas aqui é muito complicado. Com outros miúdos de outras escolas, isto não acontecia.

E - E quais são os resultados gerais da escola? Há alguma diferença entre os resultados gerais desta escola e os de outra por onde já tenha passado? Ao longo destes seis anos que está na escola, os resultados são cada vez piores?

e - Eu não senti isso. Por exemplo, entre noventa e noventa e três, senti que no pedagógico havia muito mais queixas sobre o comportamento do que os resultados. Agora, noto que está mais calmo, nesse aspecto a miudagem está mais calma, mas não sei se tem melhores resultados.

E - E em relação ao pais. Pronto, já ficamos com a ideia que os pais não aparecem...

e - Pois, aparecem só meia dúzia de pais por turma.

E - É DT?

e - Não, nunca fui DT.

E. Nunca foi DT?

e - Não, aqui na escola não. Pronto, mas aqui na escola as reuniões de pais são pouquíssimas, os pais que procuram a escola também são muito poucos. Eu acho que o que resultava mais, é manter uma relação com os pais via telefone. E este é o nosso custo, porque normalmente é em casa que telefonamos e que tentamos falar com algum pais.

E - (...) Eu sei que...

e - Por exemplo, nós fomos a única escola que sai em termos de desporto escolar, e depois não tem os pais a acompanhar as crianças. Quando saímos para torneios, quase todas as escolas têm três ou quatro pais, algumas escola até têm claque de pais, e na nossa escola nunca houve um pai que acompanhasse o trabalho dos miúdos, ainda por cima isto é ao Sábado.

E - Mas colocam algum problemas em relação à participação dos filhos?

e - Não, isso não. Os miúdos inscrevem-se e pronto. Agora, os pais, nunca tentam saber como é que vai, e como é que o aluno se está a comportar.

E - O grupo de E.V.Tecnológica, e o grupo de E.Física, estão ambos empenhados num projecto...

e - É no ECOS.

E - Há outros grupos a trabalhar nesse projecto?

e - Não, vamos lá ver, isto surgiu o anos passado, mas com actividades só surgiu este ano.

E - Como é que surgiu essa ideia?

e - Surgiu de uma discussão que tivemos no bar, e que começamos a pensar que nunca se faz nada na escola, que ninguém liga nada aos miúdos. Começou a surgir algum descontentamento da parte de alguns professores, na altura falamos com eles e verificamos que haviam algumas coisas, haviam algumas actividades na escola, só que a grande parte dos professores não tinha conhecimento delas. A partir daí criamos um projecto informal de trabalho.

E - Mas essa discussão no bar... Porque razão é que essas discussões não aparecem no CP?

e - Porque eu acho que essas discussões surgem de professores que vão passando pelas coisas.

E - E são membros do pedagógico?

e - Não, não são membros do pedagógico. Foram alguns professores que estavam habituados a um determinado ritmo de trabalho e, depois chegam aqui e sentem uma certa inércia. Isto porque, por vezes, têm vontade de fazer alguma coisa e não fazem porque não têm condições para isso. Essa discussão surgiu no bar, porque é onde nos encontramos.

E - Já vi que está no CP há uma data de anos. Como é que vê o funcionamento do pedagógico? Quando sai do CP, sente que o tempo foi bem empregue?

e - Depende das reuniões.

E - Não. De uma forma genérica?...

e - Às vezes, às vezes. Agora as coisas estão um pouco diferentes, mas houve alturas em que eu senti isso.

E - Isso tem a ver com a tal situação das secções? Tem a ver pelo facto de ser muita gente?

e - Pois.

E - De qualquer forma estão a trabalhar num projecto que acaba por ser de um grupo mais reduzido.

e - Pois.

E - Quantos professores são?

e - Somos seis.

E - E apresentaram o projecto, formalmente ao CP?

e - Foi, foi apresentado o ano passado...

E - Tiveram apoio dos outros professores?

e - Vamos lá a ver...

E - Entusiasmo?

e - O nosso CP nunca chumba nada, mas também não se compromete. Eu acho que só agora é que o projecto está a dar alguns frutos.

E - E o CD?... O apoio foi entusiástico?

e - Isso tem sido sempre, isso tem sido sempre. Pronto, é cauteloso e cuidadoso, mas nesse aspecto tem sido bom. em todos os tipos de projecto têm nos dado apoio, embora com poucas rédeas

E - Por causa do apoio financeiro?

e - Não, não me refiro a isso, é mais relativamente a recursos humanos. Relativamente aos financeiros, claro, que, às vezes, nós não temos as coisas e criamos uma certa utopia.

E - Apesar, de na sua disciplina, não haver APA, tem uma noção de como isso tem corrido?

e - Sobre as aulas de apoio?

E - Pois, se vale a pena?...

e - Em relação às aulas de apoio...

E - As medidas de apoio em relação às necessidades sentidas pelos alunos...

e - Na nossa escola tem sido só em relação às aulas de apoio.

E - Só aulas de apoio...

e - Sim.

E - E para organizar...

e - Eu acho que é um insucesso, porque em relação às aulas de apoio a frequência do aluno é muito reduzida, eles não vão, desistem, os pais são os primeiros a assinar os papéis para não irem, depois só procuram as aulas de apoio no terceiro período e acho que isso não resulta.

E - Mas é por causa da desmotivação dos alunos?

e - (...) Vamos lá ver, primeiro eu acho que um dos grandes problemas é que o apoio funciona em contra horário, acho que isso causa alguma limitação porque o miúdo já está em casa, não lhe apetece ir para a aula de apoio e, depois acaba por não ir. Essa é a primeira causa. A desmotivação, também pode ser, porque a aula de apoio não funciona com o próprio prof., eu acho que teria resultados diferentes se funciona-se com o prof. da turma. Agora há uma coisa, eu sinto, e isso também tem sido discutido no CP, é que há um certo desfasamento entre a aula de apoio e a aula da disciplina.

E - Sentem-se dificuldades relativamente à Área Escola?

e - Em relação à Área Escola, eu tenho uma opinião muito pessoal, eu acho que aí a desmotivação é nossa, é de nós professores. Relativamente à reforma educativa, acho que o primeiro travão que os professores puseram foi relativamente à Área Escola. Quando se fala em Área Escola, para a maioria é uma chatice.

E - Ao fim ao cabo o projecto ECOS, pode estar dentro do espírito da Área Escola, não é?

e - É.

E - E formalmente, com o projecto educativo que a escola não tem. Sente a necessidade de um projecto educativo?

e - Eu acho que era importante um projecto educativo, para se poder fazer uma ligação em todas estas questões. Esta é uma discussão que nunca se fez no pedagógico, por desconhecimento.

E - Por desconhecimento?

e - Por exemplo, quando saiu a reforma, a Área Escola foi uma coisa muito discutida por nós e muitos professores desconheciam ou não entenderam o que era a Área Escola. A aplicação da reforma foi em oitenta e nove, e entre oitenta e nove até à altura em que ela entra na nossa escola, nunca houve uma discussão sobre o assunto. E é como o projecto educativo, ninguém sabe o que é.

E - Não acha que o CD tem responsabilidades nessa matéria?

e - Eu acho que sim. Por exemplo, eu sou coordenadora da Área Escola, e o facto de se criar uma coordenadora... Pronto, em relação ao projecto educativo, ficou de ser organizado, e de se criar um grupo de trabalho.

E - O que é que acha que está mal no CD?

e - São estes aspectos, pronto, a profª. [nome da VPCD] está de tarde mas está mais ligada à legislação, mas em termos de dinamizar a escola, está mais ligado ao prof. [nome do PCD], e falha porque está-se sempre a adiar as soluções.

E - Mas face à situação das instalações e ao aproveitamento e comportamento dos alunos, qual é o balanço que faz do trabalho dos alunos?

e - Eu acho que é positivo. Apesar destas falhas, eu não sei se esta escola conseguia funcionar com outro CD.

E - Para terminar. Tem alguma história, alguma anedota, algum facto curioso...

e - Em relação à escola?

E - Sim, em relação à escola, em relação aos alunos, em relação ao seu trabalho. Lembra-se de alguma história que dê uma ideia e que caracterize a escola? Um facto engraçado que tenha ocorrido.

e - Eu não sei. (...) mas alguma coisa que possa caracterizar a escola?

E - Sim, de uma maneira geral...

e - Não estou a ver.

E - Por exemplo, a representação que esta escola tem para si, quando fala dela a outros professores.

e - Não, não estou a ver...

E - Como é que a caracteriza em termos exteriores?

e - Em termos exteriores...

E - Quer dizer. Para o exterior.

e - Para o exterior é, evidente, que se fala da falta das condições que a escola tem.

E - É o reflexo que tem desta escola?

e - A minha primeira queixa é essa, é sobre a falta de condições da escola.

E - E de positivo...

e - E de positivo?

E - Sim.

e - De positivo, é o grupo de trabalho que funciona dentro da escola. Tirando [nome de povoação - 6], tirando [nome de povoação - 6] que foi uma escola onde eu gostei muito de trabalhar, esta é a segunda escola onde eu apanho um grupo de professores tão bom. Gostei mais da outras, mas a outra era igual a esta em termos de edifícios. Entretanto, mudamos para umas instalações novas e esse espírito de trabalho foi perdido.

E - Muito bem.

e - Está tudo?

E - Sim, muito obrigada.

## **D) PROFESSORA 2**

e2prof2

27/02/96 - 14h 35m - 15h 10m - Escola B

ENTREVISTA À PROFESSORA 2

ENTREVISTA

e - ... Ali para os lados de... Já nem sei, olhe, também, foi uma experiência tão...

E - Portanto é um lapso *Freudiano*. (Risos)

e - Um sitio, olhe, que as pessoas até relativamente perto mas de transportes, olhe, eu saía de casa às cinco da manhã para ir apanhar uma camioneta (...) ali ao Socorro, também era uma coisa difícil. Depois, lá, tinha de estar duas horas à espera de acabar as aulas e depois vir para casa, chegava a casa para aí às oito da noite, também não foi...

E - Nesse local teve quanto tempo?

e - Só um ano.

E - Só um ano também. E isso em que ano era?

e - Foi no ano a seguir, portanto ano de setenta e oito... Ai! É uma terra conhecidíssima, aqui às portas de... Pronto não é muito longe!... Com quintas e com muitas casas, as pessoas estão quase...



E - Não é na [nome de povoação - 28]?

e - É!... Não, não é [nome de povoação - 28] que as pessoas gostam muito de ter lá uma casinha de campo mas, olhe, eu fiquei com uma aversão àquilo, àquela terra que ainda não sei o nome mas daqui a bocadinho eu lembro-me, não consigo. A partir daí as coisas entram nos eixos porque...

E - Veio-se aproximando, então...

e - Fui colocada na [nome de povoação - 29], não era perto, mas a escola era agradável e...

E - E secundário ou ciclo?

e - Ciclo.

E - Ciclo?

e - Sim, sempre ciclo. (...) Gostei da escola, era agradável, os alunos eram alunos tipo provinciano, pronto, com mente...

E - Já eram instalações novas?

e - Sim. Eles tinham um comportamento razoável, a maior parte dos colegas eram de Lisboa, apanhei daí um bom ambiente - aquilo era uma excursão, todos os dias de lá para cá. A idade era outra, nos dias de hoje ir e vir todos os dias da [nome de povoação - 29], já me custava. Na altura, fazia-se bem, gostei de lá estar e estive lá cinco anos, porque, havia aquele sistema: era provisória, e se a pessoa pedisse recondução tinha o lugar garantido e pronto. Para não estar... No fim até me apercebi que se tivesse tentado vir para aqui tinha conseguido mas, pronto, andei ali mais ou menos.

E - Em que ano é que deu... Como é que início.

e - Aqui?

E - Sim, aqui.

e - Eu acho que é o quinto ano que cá estou.

E - Portanto, entrou em noventa e um.

e - Noventa ou noventa e um, não sei muito bem.

E - Só pode ter sido em noventa ou em noventa e um?...

e - Deve ter sido em noventa e um ou noventa e dois.

E - E onde é que fez estágio?

e - Fiz na [nome de escola - 15].

E - Já cá andou a...

e - Sim.

E - Quando veio da [nome de povoação - 29]?

e - Pois. O primeiro ano em que decidi, talvez concorrer para o estágio, fiquei imediatamente colocada na [nome de escola - 15]...

E - E fez o estágio de dois anos?

e - Dois anos, exactamente!

E - Muito bem, então quer dizer que esteve desde oitenta e oito/oitenta e nove e de oitenta e nove a noventa...

e - Não. Fiz o estágio de oitenta e três a oitenta e cinco.

E - Humm! De oitenta e três a oitenta e cinco. Então, onde é que foi efectuada?

e - (...) Depois fui-me efectivar em Manique do Intendente mas, nunca lá fui. Porque, fiquei na preferência conjugal cinco anos ali na [nome de escola - 6].

E - Humm! Muito bem. Portanto, dá entrada aqui... Qual foi a sua primeira impressão? Já conhecia a escola?

e - Nunca, aliás, olhe... (interrompe)

E - É capaz de descrever aí qual era a sensação que teve quando aqui chegou?

e - Aliás, eu concorria e por exemplo, uma escola que eu nunca metia no concurso era a [nome de escola - 9] porque tinha más informações, e desta não tive, aliás, não tinha informação nenhuma, pronto. Quando cá cheguei, não foi tão mau porque fui a PCD que, pronto, é uma pessoa super popular aqui na zona toda, e que eu conhecia por intermédio de colegas

E - Que já eram daqui?

e - Sim, que já eram daqui. É uma pessoa que, realmente, é muito, pronto, é (...) indescritível como pessoa: dá muito apoio a muita gente, e consegue superar, ao fim ao cabo, os problemas da escola. Uma coisa também lhe garanto, já que é confidencial, o prof. [nome do PCD] vai-se embora desta escola e eu acho que muita gente vai-se embora, também.

E - Portanto, ele é o elo, digamos assim, de ligação...

e - É, sim.

E - Reúne à sua volta...

e - Sim, porque na escola há um grupo, pronto, é natural haver em todas as escolas, há aquele grupo das antiguidades e que criam um ambiente um bocado fechado. (...)

E - É o grupo deu mais velhos, portanto?

e - E tudo o que vem de fora, há um ambiente um bocado hostil (...) eu, note isso durante estes anos todos, aliás, sempre me dei bem, aliás, nunca me dei mal em escola nenhuma, sempre tive bom ambiente com toda a gente, mas, pronto, a pessoa sente que dentro do grupo há os catedráticos e os que vêm de novo são tratados, um bocado a baixo de cão. Até, pronto, fazerem um bocado, parte da casa e passarem a ter um estatutozinho mais, mais avançado.

E - Mas, desculpe estar a interromper mas é capaz de me descrever a sua sensação, quando chegou?...

e - Em relação à escola?

E - Sim.

e - Bem, quando cheguei à escola, só havia escola e ainda não haviam alunos, estávamos nas férias, e uma pessoa fica assim um bocado, mas... Não foi aquele choque assim tão grande após, apesar de tudo. O pior foi o resto bem, foi um ano insuportável, era um ano em que a escola...

E - O que é que a chocou mais?

e - Tudo (...) Olhe, eu digo-lhe, e ainda hoje eu digo que ao vir para esta escola eu venho para um mundo à parte, porque, nem eu nem os nossos colegas estamos habituados a lidar com a violência quer a verbal, que a física, propriamente dita (...). Nós, no nosso dia-a-dia não temos a noção, sabemos que há, mas não temos a noção de que há bairros complicados e pessoas com vidas complicadas mas, não, não temos a noção da realidade. Chegamos aqui e encontramos com uma realidade que não é a nossa, que nós queremos dar a volta, portanto, para tornar os alunos na nossa realidade, o que é muito complicado, e eu acho que isto acaba por ser mais escola, quase para os professores que cá aparecem do que propriamente para os alunos. (...) Eu acho que um prof. colocado nesta escola, eu estou a falar em relação ao turno da noite, um prof. que aparece nesta escola no primeiro ano sofre muito, e eu veja aí toda a gente, e já ouve colegas a ficarem mesmo esgotadas e passadas da cabeça, completamente. Quem aguentar um segundo ano, começa a ter uma atitude completamente diferente em relação à escola, porque se habituou, começou a perceber a mentalidade dos alunos e a maneira de lidar com eles. Porque são alunos com quem se liga de uma maneira, completamente, diferente, do que com todos os alunos que eu, propriamente já tive. (...) É diferente.

E - E o que é que diz dos alunos? Já agora, que está a falar disso.

e - Numa grande p...(tosse). Sei lá, em cinquenta por cento de cada turma temos alunos com graves problemas familiares, muito violentos, que não reagem como crianças que nós estamos obrigados a tratar, percebe, sei lá, aqueles alunos que eu estava habituada, assim, mais regulares ou que se portavam mal, a pessoa agora dá-lhe um ralhetezinho depois no final da aula, já lhe dá qualquer coisinha, para ele ir mais satisfeito, portanto com grande parte dos nossos alunos isto não funciona. Eles só funcionam à violência e sobre ameaça, o que era uma coisa a que eu não estava habituada, a dar uma no cravo e outra na ferradura e a coisinha ia-se aguentando. Há aqui alunos, com quem não se consegue tratar a bem.

E - Digamos que uma das principais prioridades é disciplinar o aluno?

e - Sobretudo. Depois, há graves problemas de aprendizagem mas uma turma com problemas de aprendizagem, que não tenha alunos, ou uma grande quantidade de alunos com problemas de disciplina, a pessoa consegue dar a volta, tenta arranjar estratégia diferenciadas e etc. Eu tenho aqui turmas, eu e os meus outros colegas, em que não me posso dar ao luxo de chegar a uma mesa, para ajudar uma criança que, à partida, sabemos que precisa de ajuda. Porque se, se debruça da mesa e deixa de ver o resto da turma já começa a guerra: desde murro, a oferecer "- Eu parto-te os dentes", e "- A minha mãe não é p'ra aqui chamada", "- E o teu pai é não sei quantos...", sei lá, um verdadeiro arraial...

E - Esse é o, o, o, o pão nosso de cada dia ou...

e - O pão nosso de cada dia. Eu digo, estar aqui é um desgaste e as pessoas, às vezes, não fazem mais, não é por não quererem, porque às vezes há ilusões e tenta-se fazer qualquer coisa para tentar melhorar, só que uma pessoa tem um desgaste psíquico todos os dias, que sai com o desgaste físico. Mesmo com três ou quatro aulas, a gente, sai daqui de gatas, à tarde.

E - E depois do reflexo que isso possa ter em termos dos resultados escolares?

e - (...) Os resultados às vezes... No final do ano os resultados nem são assim tão maus porque às vezes conseguiu-se dar uma voltinha e melhorar um bocado a situação, só que na realidade os resultados que nós temos aqui, não correspondem sequer, aos objectivos mínimos que nos propusemos. Para mim, um aluno que sai daqui no sexto ano, na grande maioria, não quer dizer que não haja meia dúzia de casos diferentes, mas sai daqui com uma preparação ao nível do primeiro ciclo, porque eles entram aqui, e parece que nos vêm da infantil. Antigamente, queixávamo-nos de que os alunos não sabiam, falo da matemática, não sabiam, por exemplo, fazer uma conta de dividir. Eles, hoje entram para cá e não sabem fazer uma adição ou uma subtracção, não sabem colocar os números debaixo uns dos outros para fazerem as operações.

E - Quer dizer, a apreciação que faz, no caso da sua disciplina, nos resultados em geral, é porque o nível que se atingiu...

e - É muito baixo e os alunos, depois, a grande maioria vão passando pela idade, e não é propriamente por saber: Chumbam dois anos no primeiro, passam para o segundo pronto, lá...

E - E que estratégias é que está a ver à partida, que poderiam resultar, numa melhoria desses resultados?

e - Olhe, eu acho que, aquilo que nós podemos fazer, são coisinhas particulares que resolvem problemas momentâneos. Porque isto está um problema social gravíssimo, nesta zona precisavam de um grande acompanhamento de assistentes sociais, de psicólogos, os professores não têm mão para resolverem esta situação, nós tentamos, como pessoas, dentro das salas de aula: vemos, sabemos, entendemos os problemas que os miúdos têm. São gravíssimos, chegamos a comentar que até é para admirar como é que determinados alunos, ainda, apesar de tudo, ainda, são assim. Só que se houver, um ou dois numa turma, a pessoa, dá-lhes atenção e consegue controlar a situação, agora, numa turma temos seis, sete, ou oito, cada um deles com um problema maior que o outro, com problemas disciplinares desgraçados, todos... É que não há uma dia, ou uma aula que corra, minimamente aceitavelmente.

E - E quando existem, portanto esses problemas disciplinares? Como é que normalmente são resolvidos internamente?

e - Olhe...

E - É com processos disciplinares? Ou quais são as atitudes que se tomam?

e - Não muitas vezes, antigamente, nunca houve um processo disciplinar nesta escola, só que as situações, também, se agravaram... À partida tenta-se, e eu acho que os professores até tentam levar os alunos a bem, tentar não pô-los na rua, temos feito inclusivamente, agora, também, tive dependente do CT, e nesta escola à uma situação que, ajuda um bocado que isto não corra tão bem, sobretudo, da parte da tarde, o corpo docente muda completamente de um ano para o outro, ficamos dois ou três professores do ano anterior e vem tudo de novo, outra vez, no ano a seguir. E como ele disse ainda há pouco, o primeiro ano nesta escola é um estágio, a que uma pessoa se vai habituando ao que tem pela frente, no segundo ano, consegue lidar com eles de uma maneira completamente diferente do que lidou no primeiro. Só que no outro ano vem, outra vez, uma data de gente nova que, se custa a adaptar, eu digo que realmente, as aulas para certas pessoas são um inferno, porque não conseguem tem mão neles, porque não conseguem meter-se no espírito deles, nem na própria maneira de pensar. Porque eles vêm de uma violência, pronto, habituados a tudo, e pronto... É um assunto complicado.

E - Esse reflexo que está a dar a entender de violência, digamos que quando existem problemas, os pais tentam aparecer? São chamados? Como é que...

e - Olhe! Os pais são constantemente chamados, eu não tenho sido DT porque não quero, não gosto do cargo sinceramente...

E - E eles aparecem às reuniões?

e - Raramente, eu tenho alunos que conheço nesta escola desde o primeiro anos que eu cá entrei... (interrompe)

E - Já foi DT?

e - Aqui não. Que eu cá entrei, que até hoje nunca veio ninguém dessa criança à escola e eles estão cá há cinco anos, que não é assim tão pouco quanto isso.

E - Digamos que os pais se alheiam da situação...

e - Completamente! E os poucos que, às vezes aparecem, pronto, em cada reunião digamos que temos ali, às vezes, quê... Se formos a reparar na afluência das reuniões de encarregados de educação da parte da tarde, tenho quatro ou cinco pessoas por reunião que são, normalmente, os pais daquelas criancinhas que estão mais ou menos bem. Os outros por mais que sejam chamados aparecem, e de vez em quando aparecem para fazer uma escandaleira aí no pátio, com cenas de facas e navalhas, um tira o cinto a mãe tira-lhe o sapato, e é uma...

E - Mas com os filhos?

e - Ou com outro que bateu, ou com outra... É só para isso que aparecem.

E - Muito bem! Relativamente a este aspecto que, diz tê-la chocado quando aqui chegou? Pronto, as instalações, tiveram ou têm, alguma parte de culpa? Foram importante nessa sua primeira sensação e se houve outras, as instalações...

e - As instalações...

E - No momento estavam como estão hoje? Ou estavam melhores?

e - Deviam estar mais ou menos.

E - Sim.

e - Só que esse primeiro ano foi infernal, estavam piores, não havia rede na escola...

E - O que a levou, o que a levou, depois de dar com essa situação, o que a levou a manter-se?...

e - Bem, nesse ano concorri, imediatamente, para sair. Só que também, não estava interessada, moro aqui na, na Encarnação e não estava interessada a ir para lá...

E - E acha que isso foi o motivo pelo qual concorreu para aqui?

e - Sim, concorri para aqui, para a [nome de escola - 3] e não tive vaga e, entretanto, ao fim de um ano de cá estar, é a tal história, a pessoa já se consegue habituar e depois apesar de ser mau, não é aquele mal (...) olhe não sei explicar! Não é masoquismo mas a pessoa habituou-se, tenta fazer qualquer coisa e acaba por não ser tão mau quanto isso. As instalações digo-lhe, sinceramente, que já são um pormenor

E - Não lhe fazem confusão?...

e - Ah! Já estou tão habituada que em relação ao resto dos problemas todos, as instalações até quase que ficam esquecidas e tornam-se secundárias. A situação do resto é tão problemática, que o resto nem, nem...

E - Mas acha que não tem influência no desenvolvimento do ser humano?

e - Eu acho que têm, acho que sim, tem influência e sobret... Até mesmo a nível dos alunos, a grande maioria dos alunos já vêm habituados a esse tipo de situações...

E - É capaz de confrontar-me com alguns exemplos?

e - Olhe! Eu acho, que por exemplo, sei lá, destruir já parte da situação que lhes é oferecida: Se já está tudo escrito porque é que eles não podem escrever, se já há um buraco, porque é que eles não podem fazer o buraco maior. (...). Mais ou menos isto.

E - De qualquer forma, eu penso que como tem só os segundos ciclos, é natural que não dê aulas naqueles pavilhões lá em baixo...

e - Não, não. Só aqui nestas zonas.

E - Qual é a sensação que, que, que, que teria, digamos, se tivesse de trabalhar, num pavilhão ou numa sala, com aquelas características? Em termos de luminosidade? Em termos das próprias condições de trabalho? (...)

e - Eu não sei se aquelas são piores ou melhores que estas, porque as nossas também são...

E - Nunca lá deu aulas?

e - Não. São, olhe, uma coisa têm em relação a estas, são mais amplas, ligeiramente melhores, estas são muito apertadas. Nós com vinte alunos, vinte e dois, temos a sala completamente cheia. Não temos, não conseguimos arranjar um lugar para por um aluno sozinho, daqueles que onde quer que esteja gera conflito. E as salas em questão de luz, também, não são assim tão melhores quanto isso. E depois é buracos por todo o lado.

E - Consegue-se trabalhar no quadro de maneira a que o alunos consigam ver o que é que lá está escrito?

e - Às vezes, nem sempre.

E - Que estratégias é que costuma optar para ultrapassar esses problemas?

e - Olhe, é por exemplo, só escrever, na tirinha do meio, ou... Aquilo depende da hora do dia, há dias em que, por exemplo, eles só vêm se escrevermos do lado esquerdo, outros que só vêm se escrevermos do lado direito e lá se vai tentando. Os coitados, aqueles que às vezes vêm mal, levantam-se um bocadinho para espreitar, eu acho que é...

E - Mudam de lugar com frequência para poderem ver para o quadro?

e - Não mudam de lugar porque, nem sequer à maneira deles mudarem de lugar, é mais o levantarem-se... Mas eu, mas em relação a isso já melhorou, quando tínhamos aqueles quadros verdes isso aí era insuportável, agora com estes pretos melhorou.

E - Para além da medida de trocarem os quadros outras medidas foram tomadas para que essa situação fosse ultrapassada?

e - (...) Não, sempre pedimos luz e mais quadros...

E - Claro, que na sua opinião pensa que isso influenciou no trabalho dos alunos?

e - Influenciou, claro que influenciou. Até as próprias condições da sala, às vezes, estamos cá dentro com mais frio do que lá fora, é com cada corrente de ar que, às vezes, o vento até levanta as folhas do miúdo.

E - E digamos que perante esta situação, qual era a solução que havia para esta escola?

e - Eu acho que isto a... A única solução que isto poderia ter era um edifício novo, não era, não há hipótese, isto já não pode ter, ou de vir a ter, qualquer hipótese de concreto.

E - E diria, digamos, como edifício de tijolo e cimento neste espaço? Ou achas que também o espaço tem alguma influência?

e - Eu gosto do espaço e ficava satisfeita com o espaço.

E - Digamos que é suficiente para uma dimensão que deve ter uma escola, que espaço livre, quer espaços verdes, quer...

e - Não. Teria de haver mais qualquer coisa. Os miúdos só agora é que têm, por exemplo, uma sala de, a Ludoteca. Antigamente, nem uma sala de convívio tinham, o único espaço que eles têm para brincar e que seja coberto, é este espaço entre as salas de aulas, o que é horrível, porque perturba as aulas, e para eles também é mau porque não têm um único espaçozinho para estar. Já há muito tempo que eu ouve falar que, havia um espaço ali em frente e passava a ser para a escola, para fazer recreio mas, nunca se conseguiu nada. (...)

E - Um outro aspecto que gostaríamos de abordar era... Refere-se à reforma e à forma de como a reforma veio...

E2 - Olha, posso só perguntar aqui duas coisas que me ficaram de trás que me parecia importante que, talvez a colega, desenvolvesse um pouco sobre isto. Tem frisado com insistência de que a escola da tarde é diferente do que a escola da manhã, em que sentido?

e - Na realidades das crianças.

E - Mas só das crianças...

E2 - Dos professores também?

e - Não! Dos professores, também. É evidente é um grupo completamente diferente, em relação às crianças, não ha duvida de quem faz as turmas e, não sei se não terão razão, ao fim ao cabo, já não sei. Havia alturas em que eu achava que não e agora já não sei. São escolhidos, normalmente, para as turmas da manhã, os alunos mais novinhos. Vêm em grupinhos das escolas primárias que, em princípio, serão alunos mais calmos, metem um ou dois repetentes da tarde, daqueles que não deram problemas, e esta é a realidade da escola. Um aluno que chumbe de manhã ou que foi mal comportado, imediatamente que no outro ano passa para o turno da tarde e não tem mais hipótese. Portanto isto mostra...

E - Digamos que classificaria o turno da tarde, como o turno dos...

e - Sim, tudo quanto venha de alunos transferidos de outra escola é para o turno da tarde.

E - Os mais mal comportados...

e - Sim, Os mais mal comportados, os repetentes e os maiores era tudo para o turno da tarde.

E - Dai a evidência que se estabelece, depois...

e - Sim, sim, é evidente

E - Entre a manhã e a tarde...

e - É evidente, os problemas, surgem, também, não quer dizer que de manhã não haja um ou outro problema, mas não tem comparação possível.

E - Nunca deu aulas de manhã?

e - Não. Mas conheço, pronto, e estou a ouvir as pessoas a falar e mesmo as colegas da manhã, têm consciência. Aliás, se entrar, eu já me aconteceu, entrar na escola de manhã e até penso: "- Hoje não há aulas! A escola fechou.". Porque realmente os pátios estão calmos, mesmo que haja uma ou outra turma aí fora, estão entretidos a fazer alguma coisa. Entro à tarde, isto é barulho... E agora está ligeiramente melhor! Começou a haver menos vigilância no pátio, porque a cantina não existia...

E - Havia a falta de empregados ou era a orientação...

e - Não só, ainda continua a ser um pouco o género: ha falta de funcionários ou não ha falta, eles em vez de estarem a fazer o seu serviço estão no bar, ou vão às compras, ou outra coisa do género. Nós estávamos nas salas de aulas, constantemente, com eles a darem com os pés nas portas e a ouvir asneirada do mais ordinário que havia, as portas levam pontapé abrem as portas e entram eles por ali a dentro, era este o sistema de aulas, o ano passado e há dois anos à tarde... Além, dos problemas dentro de aulas, eram os problemas cá de fora que eram uma constante: Eles queimam papéis às portas, depois toda a gente diz que cheira a queimado e depois tem de se ir ver o que é que se está a passar depois, pelos buracos das portas atiram porcarias lá para dentro, deitam bombas de mau cheiro.

E - Digamos que no período em que estes alunos não têm aulas, não ha quem os deva avisar para irem para um espaço onde não perturbem?

e - Pouco. Há dias em que está melhor, mas este ano, penso, que a situação melhorou muito...

E - Com a estratégia da Ludoteca?

e - Sim (Alguma indecisão), e não só isso, haver funcionários nos pátios, porque eles apesar de tudo podem-se entreter em fazer alguma coisa em vez de disparates, agora se estão a trepar pelas janelas, a fazer macaquices lá para dentro, e ninguém os chama à atenção, está claro que continuam, basta, às vezes, um funcionário não estar a fazer nada, mas só a passear pelos pátios e o ambiente acalma-se.

E2 - Acha que a população do segundo ciclo é diferente da do terceiro ciclo?

e - A grade maioria já os conheço desde o segundo ciclo mas, eu acho que eles vão acalmando conforme vão passando pela escola, aliás, os nossos problemas maiores, são com as turmas do quinto ano.

E2 - Falo-nos, também, de problemas disciplinares?...

e - De problemas disciplinares, sobretudo. Eles aparecem aqui, e dá a ideia de que nunca estiveram numa sala de aulas. Não têm a noção de nada, nem como é que devem de estar, (...) olhe, é aquilo que se chama de domesticação inicial...

E - Mas essa situação, desculpe lá interromper, mas essa situação (...) de, de então para cá, tem melhorado ou tem piorado? Em termos de aspectos disciplinares. já agora...

e - (...) Olhe, não deve haver uma diferença assim muito grande...

E - Então, acha que se mantém? Acha que se mantém essa situação?

e - Só que antigamente as turmas do quinto ano eram calmas mas, estragavam-se na escola, e agora as turmas do quinto ano são exactamente ao contrário. As turmas que estão na escola já acalmaram, não quer dizer que não haja problemas, mas podemos dizer que já acalmaram do que com as turmas que ingressam no segundo ano: (...) o primeiro período com as turmas do quinto ano é um inferno e depois via acalmando ligeiramente, mas as... Não sei! É muito complicado.

E - Então, não tem uma percepção que consiga, digamos...

e - Não sei se a maneira de viver deles também se tenha alterado...

E - Viver familiar? Portanto...

e - Sim, talvez antigamente tivessem umas vidas mais serenas, mais estáveis e que agora os problemas também estejam mais complicados... A nível das nossas turmas há montes de problemas, quase todas as turmas, perdão, quase todas as famílias têm drogados em casa, depois vêm contar: "- Hoje o meu tio foi preso." ou, "- Hoje, a minha avó foi para o hospital." ou, "- Hoje a minha mãe atirou-se da janela" ou... Sei lá, são dúzias de casos deste género. (...)

E - Bom, Agora não sei se...

E2 - Há... Era só em relação aos professores. Falou-me, também, que os professores da tarde rodavam, rodavam muito...

e - Rodam muito...

E2 - Porque se aguentavam cá pouco tempo...

e - Não quer dizer que as pessoas não tentem mas, é como eu lhe digo, um primeiro período é uma, é um desgaste muito grande e as pessoas sofrem. No segundo período já estão a tentar aclimatar à situação...

E2 - E há alguma integração, alguma ajuda a esses professores novos que vêm?...

e - Olhe, eu acho que a integração, nesta escola, ainda não entendi bem porquê (...) a, a, a, é ótima. Há sempre um ambiente ótimo da parte da tarde que, aliás, é o que dá, sei lá, para as pessoas cá continuarem... A pesar de toda a gente mudar, todos os anos ha um ambiente à tarde, ótimo, ou talvez seja porque as pessoas precisam de um tubo de escape: toga a gente se dá lindamente, fazem-se gracinhas, sei lá, por exemplo, este ano, estamos agora no início do segundo período, mas todas as quartas e quintas feira ha alguém que faz o lanche e traz o lanche para os colegas, cria-se uma solidariedade muito grande, as pessoas sentem-se acompanhadas e o intervalo é o tubo de escape do que se passou.

E2 - Para além disso, o relacionamento, que disse ser ótimo, há alguma ajuda em termos de esclarecer a relação que vão ter pela frente?

e - Em alguns casos sim...

E - Portanto, no seu caso como del.?...

e - Sim...

E - Esclarece e avisa...

e - Sim, sim...

E - "- Olha, a turma é assim...", há um apoio...

e - Sim... E normalmente, quem dá esse apoio são os outros professores da turma: a nível de del., não me parece, que tenha sido dado muito desse apoio, dá, sobretudo, o resto da população da escola que tem a mesma espécie de problemas nas suas turmas, e vai avisando como é que as turmas estão: " - Tem cuidado que a turma, às vezes, não, não, não" e avisam àqueles que vêm com o espírito que vão dar aulas a uns anjinhos, ou que já deram aulas um ano e tiveram um tipo de pessoas diferentes e realmente não dá.

E2 - Portanto, fazem esse tipo de aconselhamento...

e - Sim! Para as pessoas estarem alertadas e tomarem uma posição um bocado dura que depois com o conhecimento vão modificando. Os primeiros dias a coisa tem de ser muito rigorosa, não dá hipótese de dar uma abertazinha que, porque eles estão a tomar terreno a toda a hora (...).

E2 - Então, vamos agora analisar alguns aspectos da reforma e o balanço que faz da sua aplicação, aqui nesta escola. Um dos aspectos é o Apoio Pedagógico acrescido. Acha que a forma que tem vindo a ser desenvolvido não sei se tem...

e - Tem, tenho tido sempre...

E - O processo, os resultados, têm sido bem...

e - Olhe, não sei se o resultado em si, (...) o ano passado, por exemplo, as turmas tinham duas horas de apoio este ano só têm uma.

E - Mas as turmas em geral, ou um conjunto de alunos de cada turma?

e - Um conjunto de alunos.

E - E como é que é feita essa selecção?

e - A selecção é feita pelo prof. da disciplina que indica aqueles casos que estão mais carentes e se tiverem um acompanhamentozinho talvez consigam recuperar qualquer coisa. Nalguns casos resulta mas é claro que não resulta na totalidade, porque não vai ser uma hora por semana a cobrir todas as necessidades que eles têm (...).

E - Costumam haver estratégias para elevar o nível desses alunos? As estratégias são adoptadas são as mesmas que são nas aulas ou são... No seu caso concreto.

e - (...) Não há um grande relacionamento, e eu acho que deveria de haver mais, entre um prof. da aula de apoio e o prof. dentro da própria disciplina. Mas, como tentamos andar todos a par da matéria o que tentamos, e o que foi até dito às pessoas, era que a aula de apoio fosse como uma espécie de explicação, para que as pessoas pudessem esclarecer as dúvidas que os alunos, eventualmente, tivessem nas aulas. Naqueles casos, daqueles alunos que até são bonzinhos mas, coitados têm dificuldades de aprendizagem resulta, porque eles vão para a aula de apoio com vontade, e enquanto na aula eles não conseguem estar com atenção e acompanhar, porque até, às vezes, os colegas têm um nível de acompanhamento diferente do deles mas, na aula de apoio até percebem que a coisa é mais lenta é quase individualizado. Resulta mas resulta pouco, porque, realmente o tempo também é pouco.

E - E acha que eles vêm frequentemente a essa aula? São motivados, e estão motivados para estarem nessa aula?

e - Há vários casos, por exemplo, nas turmas da manhã que têm os alunos no apoio, a grande maioria vem e trabalha, nos alunos da tarde que são indicados para o apoio, a grande maioria não aparece, ou os próprios pais dizem que não querem, porque depois, o menino que é coitadinho tem de vir para a escola de manhã. A maior parte é logo recusado pelo aluno e depois pelos pais. Há sempre seis, este ano indicaram seis alunos para o apoio mas se for lá ver, repara que aquilo é uma desgraça, ou porque é rejeitado pelo aluno ou porque é rejeitado pelos próprios pais.

E - E é feita uma explicação sobre esse tipo de aulas, ao encarregado de educação...

e - É feita, é feita é mas é preciso os encarregados de educação aparecerem. Vai uma informação por escrito e há uma informação dada pelo próprio DT nas reuniões, mas o problema é que eles não aparecem cá!

E - Quer dizer que eles não reconhecem vantagem na sua existência?

e - Eu, para mim, a única imagem que eles têm na escola, é a de depositarem cá os filhos e de estarem cá, não sei quantas horas por dia e eles estarem descansados durante esse tempo. Esta é a realidade da maioria das crianças desta escola. (...)

E - Outro aspecto que tem a ver com a reforma, prende-se com o PEE, nesta escola, tanto quanto me deram a entender, esses projecto ainda não existe.

e - Não.

E - Porque razão é que acha que, ainda, não foi posto em prática esse projecto educativo?

e - (...) Ah...

E - Embora hajam projectos a serem desenvolvidos, segundo eu ouvi dizer...

e - Sim, (...) sim, este ano até temos um conjunto de actividades muito interessante e... Olhe, como ele dizia havia um grupo muito fechado, o CP este ano mudou muito, antigamente a escola era dominada pelos donos da escola: qualquer coisa que se propusesse fazer era, imediatamente, rejeitado. Talvez fosse porque as pessoas já se sentiam muito cansadas, com uma certa idade...

E - E como é que indicaria os aspectos daqueles que, há pouco, denominou como os donos da escola? São os do segundo ciclo?

e - Todos. Não, os professores mais velhos da escola, ao fim ao cabo, que (...) de segundo ciclo, talvez mais, porque, são os mais antigos. O terceiro ciclo muda muito, o corpo docente do terceiro ciclo muda muito. As pessoas do terceiro ciclo, são pessoas, as pessoas concorrem muita vez e não param tanto porque, aliás, pessoas do terceiro ciclo que estejam cá há muitos anos, são para ai meia dúzia. E como eu dizia, pelo que me apercebi ao longo destes

anos, pelo que chegava às reuniões de grupo, qualquer coisa que alguém quisesse fazer era imediatamente cortada à partida no CP.

E - Entende que o projecto educativo não foi feito devido a esse grupo que disse que existia?

e - Eu acho que sim. Porque as mais pequenas coisas que se propusessem eram imediatamente cortadas, imediatamente as pessoas diziam que não. E aliás, este ano, o CP mudou bastante começou a ter pessoas activas e a ter ideias, e a primeira coisa que se diz no início das reuniões de grupo é: " - Ai! Não! Não vamos fazer nada e tal...". Então, temos de colocar as coisas de uma forma diplomática e dizer que foi aprovado e temos de cumprir. E se quiserem colaboram, se não quiserem não colaboram, isso já depende de cada pessoa.

E - Na sua opinião, acha que seria importante a existência de um projecto educativo nesta escola?

e - (...) Não sei se não será só o nome pomposo, e que não se conseguirão fazer coisas sem ter o nome de projecto educativo. Eu acho que estamos a evoluir bastante nesta escola. (...) Aquilo que se está a conseguir este ano e já se conseguiu o ano passado, já altera um pouco a situação.

E - É capaz de estabelecer alguma diferença?

e - Maior...(...) Neste momento nota-se uma maior participação, tanto de alunos como de professores, nas actividades da escola. Deixou de ser aquela pequena exposição, sem piada alguma, para se fazerem coisas engraçadas, por exemplo, este ano passamos a ter os trabalhos da Área Escola que não...

E - Acha que foi importante o aparecimento da Área Escola?

e - Não, não acho. Acho que para certos casos e para certas pessoas, a Área Escola é ainda uma contradição. Havia muita gente a fazer muita coisa por livre vontade, e agora sente-se um pouco obrigada e ninguém gosta de fazer nada obrigado. De qualquer maneira, fazem-se coisas, os alunos trabalham, vão trabalhando, porque nesta escola não há grandes projectos. Os trabalhos de Área Escola, nesta escola, não são aqueles trabalhos propostos quando se pensa na Área Escola.

E - Como é que surgiu o tema da Área Escola? Que é o Tejo.

e - Sim.

E - E já o ano passado foi...

e - Sim

E - Como é que surgiu esse tema?

e - (...) Para dizer bem, não sei como é que surgiu.

E - Surgiu do pedagógico? Foi alguém que indicou?

e - A ideia que foi... No pedagógico... Foi alguém que se lembrou, e depois foi apresentado aos grupos e as pessoas comprovaram. Até porque estávamos a pensar na Expo.

E - Tem participado em algum projecto nas suas turmas?

e - Tenho sempre tido projectos para as minhas turmas...

E - Como é que surge o sub-tema na, na...

e - Olhe, o sub-tema começa por surgir nas turmas, consoante o tipo de alunos que o prof. tem. (...) Mas de qualquer forma, tenta-se de alguma maneira influenciá-los. Porque se o prof. for pôr uma sugestão, eles não têm opinião e não sugerem nada, aliás, a grade maioria diz que isto tudo é uma chatice, isto, para eles, é tudo uma chatice.

E - Mas, para eles quem? Os alunos? Ou os professores?

e - Os alunos, alunos.

E - Acha que há uma maior percentagem de alunos a participarem? Ou há um desinteresse dos professores face às actividades extracurriculares?

e - (...) Eu acho que neste momento os alunos participam. No início da apresentação, qualquer coisa nova que se queira pôr é imediatamente mal recebido pela parte dos alunos. Se é uma visita de estudo, é uma chatice porque tem que se sair da escola, se é um vídeo, é uma chatice e dizem que não vêm para a escola para ver televisão. Têm sempre este espírito de contradição. Mas eles até têm colaborado dentro das suas limitações, eles até têm feito trabalhos engraçados. Tem de haver um grande esforço da parte do prof. e também da parte deles porque, eles não têm onde ir buscar nada. Se nós pedimos para trazerem alguma coisa de casa, já sabemos que eles não trazem porque eles não têm nada.

E - Na sua disciplina, na sua disciplina, concretamente, neste espírito da reforma considera que os aspectos foram vantajoso ou a reforma que se gerou na sua disciplina não trouxe vantagem, absolutamente, nenhuma?

e - Eu acho que a reforma, a nível da matemática, até trazia umas coisas interessantes: os currículos estão bem elaborados, (...) as dimensões estavam adequadas mas, para o nosso tipo de alunos não está adaptada. Eu acho que o que está impecável no programa são as indicações que vêm para o desenvolver mas, não está preparado para o tipo de alunos que vêm com a preparação que não se esperava de um primeiro ciclo.

E - Acha que seria necessário adaptar o programa a este tipo de população?

e - E acaba por ser adaptado, porque, nós não conseguimos dar o programa da maneira que ele vem delineado. Estes alunos não têm a mínima noção de números ou de contas, eles não lidam no dia-a-dia com nada... Olhe, eu vou-lhe dizer que há dias de uma aula de sexto ano, havia alunos que me diziam que nunca tinham visto um pacote de margarina. Isto porque eu tento que eles saibam no, dia-a-dia: quanto é que leva um pacote de leite, saber que um frigorífico... Pronto, relacionar a Matemática com as coisas do dia-a-dia.

E - Esse nível de necessidades e incapacidades, em termos de pedagógico tem sido realizado e tem saído daí algumas diversões que possam conduzir a que eles encarem as coisas de uma coisa diferente? Acha que o pedagógico no seu trabalho tem desenvolvido, convenientemente, a sua actuação?

e - Pouco, a este nível, muito pouco.

E - Digamos que deveria desenvolver-se um pouco mais?

e - Eu acho que as pessoas se habituaram ao que têm, e que muitos ficaram convencidos de que não conseguem alterar a situação e que, portanto, têm de remediar a sua situação no dia-a-dia, e não se consegue arranjar uma situação extra para a própria pessoa.

E - Acha que o pedagógico funciona bem, na maneira em que se forma em plenário?...

e - Olhe, eu já estive num pedagógico que funcionava por secções e devo dizer-lhe que era mil vezes melhor, havia melhor empenhamento, as pessoas assumiam as suas responsabilidades perante o trabalho, além disso não se perdia tanto tempo a discutir assuntos que estamos ali, às vezes, a mastigar e não se avança para a frente. Por secções, as secções dinamizavam o seu trabalho e depois, comunicavam ao global do pedagógico.

E - E no pedagógico tem mudado essa sua perante a organização?

e - Olhe, também ainda não estranhei porque, é a primeira vez que lá estou. E pelo que sei, posso lhe dizer que este ano as coisas já estão muito melhores do que eram e estamos a tentar fazer mais qualquer coisa do que aquilo que se fazia.

E - E sente-se à vontade para apresentar sugestões?

e - Têm sido apresentadas algumas. Mas, a nível de projectos, tirando a exposição no final do ano, a escola não tem nada. Pronto, este ano, está instalada outra dinâmica: haverá uma semana da ciência, uma semana de matemática, há um acampamento organizado pelos professores de E.Física Estamos a tentar mudar as coisas, só que isto é um processo muito lento. Não podemos alterar as coisas de um dia para o outro. E porque, não é o CP que decide as coisas e está decidido, tem de haver um empenhamento pela parte dos professores para que isto mude.

E - E o CD, qual é a sua opinião quanto ao funcionamento do CD?

e - Eu gosto. As pessoas são óptimas, enquanto pessoas, só que é a tal coisa, já estão acomodadas à situação e pouco fazem para a alterar. Acho que existe muita coisa que um CD poderia alterar numa escola, até mesmo a nível de disciplina, se conseguia muita coisa com a atitude do CD. Nesta escola o CD demite-se, quanto a mim, da parte disciplinar.

E - Digamos que poderá haver uma medida tomada por esse órgão, no sentido de alterar essa conduta?

e - Ou pelo menos não aumentar...

E - Acha que no caso do Sr. [nome do PCD] que é uma pessoa óptima, a nível das relações humanas, poderia tomar uma atitude em termos de...

e - Eu acho que (...) ele, com a pessoa que é, se viesse directamente em certos casos, talvez alguns alunos pudessem mudar as suas atitudes.

E - Nota que ele se demite um pouco...

e - Nesse aspecto, eu nem sei se isso não será função, propriamente, de um PCD. Mas, eu tenho muita estima por ele mas penso que se a esse nível ele, tomasse outra atitude, talvez, as coisas melhorassem.

E - Independentemente da leitura que faz das condições desta escola, tem alguma história que possa contar? Uma história que identifique, somente, com esta escola? Algo que só poderia acontecer aqui e em mais sítio algum?

e - (...)

E2 - Uma história ou uma ocorrência que considere significativa nesta escola?

e - (...) Todos os dias temos histórias. houve uma altura que chegamos a escrever os casos do dia-a-dia, porque, são tantos e tão anedóticos... Mas, vão passando todos os dias que eu nem sei o que escolher... (Risos) (...) Olhe, foi um caso passado comigo e até dá para rir, um dia dava aulas ali na sala 3, e por baixo a porta da sala tinha assim... Uma altura a menos. Estava na sala, assim, debruçada sobre uma carteira a ajudar uma miúda em qualquer coisa. Mas, entretanto há um miúdo que põe as mãos debaixo da porta, puxa-me os dois tornozelos ao mesmo tempo e eu vou de nariz ao chão (Risos)... Isto é só uma amostra de uma das situações possíveis!... (Risos)

E - Acho que foi bastante elucidativo...

( Interrupção na gravação)

e - ... que a aula funcione minimamente, porque se há um aluno que insulta outro a coisa alastra e depois não são só dois, são dez ou doze. Portanto, a pessoa para ter umas aulas minimamente aceitáveis, porque isto para mim é tudo menos aulas, tem de começar a resolver os problemas disciplinares. O pouco sobra da aula é para fazer aquela aula idealizada, uma pessoa sai daqui frustrada.

E - Mas, porque é que se concentram tantos alunos desses aqui?

e - Eu, eu, não sei... Alguns sei que vêm corridos de outras escolas.

E2 - Mas, há muitos alunos que pertencem a esta zona de influência e vão para outra escola?

e - Alunos de [nome de povoação - 9], a grande maioria dos problemas são com os alunos desse sítio.

E2 - E esses estão à tarde?

e - Mas, são problemas graves, desde trazerem navalhas, o ano passado, havia imensos assaltos, os miúdos eram assaltados constantemente...



**E) PROFESSORA 3**

e2prof3

13/02/96 - 11h 00m - 11h 40m - Escola B

ENTREVISTA À PROFESSORA 3

ENTREVISTA

E - Portanto em relação ao princípio queríamos saber quando é que começou a ser prof.<sup>a</sup>? Em que ano é que iniciou as funções como prof.<sup>a</sup>?

e - Em... Em 1970.

E - Mil novecentos e setenta a onde, se não é indiscrição?

e - Na Escola Comercial [nome de escola - 16].

E - E depois efectivou quando?

e - Estive dois anos nas Técnicas, depois saí. Efectivei em 78 ou 79, não sei exactamente. Aqui, aqui quando isto era [nome de escola - 9].

E - Quando era [nome de escola - 9].

e - Mentira, a primeira efectivação foi na Escola Preparatória de [nome de povoação - 14], onde eu nunca pus os pés, senão para tomar posse porque estava aqui no CD. No ano a seguir...

E - Estava aqui...

e - Estava aqui no CD já nessa altura. E depois, no ano a seguir, voltei a concorrer e passei de [nome de povoação - 14] aqui, para a [nome de escola - 9].

E - Portanto já estava nesta escola antes de ser efectiva.

e - Já estava. Eu quando saí da [nome de escola - 16] vim logo para aqui.

E - Há quanto tempo?

e - Portanto em 72. Em 72. Eu estive dois anos na [nome de escola - 16] e em 72 vim para aqui, para esta escola, e nunca mais de cá saí. A escola é que foi mudando de nome mas eu fiquei sempre com a escola antiga. Portanto fiquei sempre aqui.

E - Entretanto efectivou fora mas como estava no CD não se agrupou...

e - Pois, eu só concorri mesmo para efectivação porque estava no CD e portanto nessa altura tinha a certeza que ficava porque foi no ano em que houve aquela grande explosão de vagas. Portanto eu sabia que conseguia efectivar e só concorri porque estava presa ao CD porque se não, não tinha concorrido.

E - E portanto iniciou aqui funções no CD em que ano?

e - Em 77. Portanto em 76 acabei o estágio. Em 77 ou 78 entrei para o CD.

E - Onde é que fez estágio?

e - Aqui.

E - Aqui também.

e - Abri os grupos de estágio aqui na escola. Foi o primeiro ano que houve estágios aqui na escola.

E - Então foi para o CD em 76/77...

e - Não. Em 77/78. Deve ter sido nesse ano.

E - E esteve no CD até quando?

e - Durante oito anos.

E - Portanto...

e - Oitenta e qualquer coisa. Se precisar de datas fixas eu vou buscar...

E - Não, não. É só para ter uma ideia.

e - Oitenta e cinco, oitenta e seis. Qualquer coisa desse género.

E - E depois não voltou a estar no CD?

e - Não. Depois quando saí eu disse que saía de vez.

E - Saiu de vez mesmo.

e - Foi mesmo de vez.

E - Portanto 85/86.

e - 85/86 ou 86/87 não sei precisar bem.

E - Quem é que era... Lembra-se de quem é que fazia parte do CD?

e - Eu apanhei diversos. Eu comecei por ser secretária do CD, nos primeiros dois anos que estive foi como secretária, estava a prof.<sup>a</sup> [nome - 17] como presidente e estavam mais três colegas, que já cá não estão, nos restantes cargos. Depois no outro mandato fiquei, portanto a prof.<sup>a</sup> [nome - 17] saiu, ficou um outro colega como presidente e eu fiquei como secretária. Depois quando voltei a estar, estive como presidente de uma Comissão Instaladora, foi quando esta escola...

E - Quando a [nome de escola - 9]...

e - Quando a [nome de escola - 9] saiu e esta escola ficou numa situação esquisitíssima porque ficou como uma espécie de secção mas com representação no CD lá de cima. E ficamos aqui três elementos, eu nessa altura já nem era para ficar, eu já tinha dito que não ficava, só que houve um jogo assim muito esquisito. Nós estávamos todos de férias e telefonaram-me, aliás isso foi obra do prof. [nome do PCD], que estava no CD da [nome de escola

- 9], telefona e diz assim: " - Olha, ficas na Comissão Instaladora da outra escola. " E eu respondi-lhe: " - Não, não fico!" E ele: " - Mas a [nome de prof<sup>a</sup> - 20] e a [nome de prof<sup>a</sup> - 21] já aceitaram e aceitam se tu ficares." Pronto, quer dizer eu aí senti-me assim um bocado encostada à parede e disse: " - Pronto, está bem, eu fico!". Depois vim a saber que fizeram exactamente o mesmo tipo de telefonema para nos preparar o ninho às três, porque sabiam que nós não nos importávamos de trabalhar as três. Portanto fiquei um ano como presidente da Comissão Instaladora com elas as duas. Depois fiquei como presidente do CD, com mais dois elementos que também já cá não estão e depois ainda voltei a estar como presidente do CD, já só as três. Depois saí.

E - E depois disso é que entrou o prof. [nome do PCD]?

e - Depois entrou o prof. [nome do PCD]. Por acaso não sei se entrou logo o prof. [nome do PCD]. Por acaso tenho a impressão que ainda houve um interregno em que esteve outra pessoa e depois é que entrou o prof. [nome do PCD] e nós agora não o deixamos sair.

E - Sim senhor.

e - Ele está lá muito bem.

E - Sim senhor. Quando concorreu para esta escola, já conhecia a escola? Fez cá estágio, estranhou na altura o facto de ser de pavilhões...

e - Eu já estava a trabalhar aqui na escola quando fiz estágio.

E - Claro.

e - Quando nós... Eu nem queria fazer estágio porque sempre achei que estava na carreira docente por mero acaso, por passagem, porque quando acabei a licenciatura... Aliás, no ano em que estive a preparar a defesa de tese, estive seis meses em Londres e depois quando regressiei a Lisboa, estava a preparar a tese, estava a tirar um curso de Secretariado no Instituto Italiano, na Aliance Française e no Instituto Britânico. Portanto eu estava perfeitamente em sintonia para nunca pôr os pés neste sítio. Por questões de ordem pessoal, que tiveram a ver com a posição do meu pai, que é uma pessoa com ideias muito antiquadas. Eu fui responder a um anúncio para uma companhia de... mas ele era director comercial duma da concorrência e soube. Quando eu cheguei a casa a notícia já lá estava nas mãos dele e ele já tinha dito ao senhor que me tinha entrevistado que não me queria lá de maneira nenhuma. Então aí, num acto de vingança minha, pessoal, eu atirei com os papéis para o ensino, porque estava para casar. Vim para o ensino mas vim perfeitamente disposta a não fazer carreira do ensino. Realmente aquilo que eu mais adorava era ter ido...

E - E o que é que a levou a modificar? Foram...

e - Não, foram razões de ordem muito pessoal. A minha filha mais velha nasceu com problemas e portanto...

E - Eu perguntei isso não foi por... Não foi porque tivesse...

e - Não, não. Não foi porque tivesse passado a gostar, não foi porque tivesse passado a achar que o ensino... Foram razões de ordem pessoal porque achei que era o único sítio onde eu conseguia ter um horário flexível que me permitia acompanhar a gaiata. E então fiquei por isso e entrei para o CD. Foi por isso.

E - E qual é a sensação de trabalhar numa escola destas?

e - Eu quando vim... Portanto na [nome de escola - 16] ainda estive dois anos, estive a trabalhar numa escola de pedra e cal, mas nós já tínhamos aulas nos pavilhões porque a escola tinha uma população muito grande e tinham construído uns pavilhões. De maneira que havia aulas que efectivamente eram dadas nos pavilhões. Quando vim para aqui, pavilhão a mais, pavilhão a menos, eu de qualquer maneira achei sempre que isto era uma situação transitória e que eu estava aqui ao pé de casa (o que me dava muito jeito) e portanto não me incomodou nada. Mas também tínhamos... nós tínhamos bastantes alunos. só que uma parte funcionava aqui, nos pavilhões verdes. E a outra parte funcionava naquela escola primária que há aqui do outro lado da avenida. Portanto havia professores que tinham aulas aqui e que iam dar as outras aulas ali, no intervalo voltavam para aqui.

E - Isso era em oitenta e...

e - Setenta e dois.

E - Ah, setenta e dois?

e - Foi logo no início. Isto era na [nome de escola - 3]. Portanto a [nome de escola - 3] trabalhava aqui e naqueles pavilhões e estava-se a construir a parte amarela da escola. Portanto deixou aqui de funcionar a secção, mas eu nesse aspecto fui uma privilegiada porque cheguei cá e tive um horário... Pronto, era a única licenciada que naquela altura... Portanto a maior parte dos colegas não tinham feito a licenciatura e eu fiz, porque achei que tinha que fazer a licenciatura. E depois então... Mas estava à frente de muitos dos colegas que cá estavam.

E - E acha que a situação... O que é que mudou, nestes anos todos, na escola?

e - Nessa altura, quer se queira, quer não tínhamos uma disciplina muito rígida, a escola funcionava muitíssimo bem. Fizeram-se esmaltes, as peças de esmaltes que se faziam em Trabalhos Manuais eram um espectáculo. fizemos... Fizeram-se as exposições e as pessoas realmente, embora houvesse às vezes assim um certo atrito, principalmente com a directora, com todos os defeitos que ela pudesse ter tido, a escola efectivamente notava-se que havia uma disciplina muito rígida e as pessoas funcionavam realmente. Pronto, depois a seguir ao 25 de Abril isto foi um caos. Foi o caos da destruição, foi o caos da liberdade, encarada na sua perspectiva mais errada. A escola foi praticamente destruída, de tal maneira, que deixamos de ter rede, as pessoas passavam para ir ao mercado e ao supermercado, passavam aqui pelo meio da escola, atravessavam a escola com as compras, com os sacos das compras. Era uma situação um bocado engraçada porque tínhamos a escola aberta ao meio em todos os sentidos.

E - Mas porque é que houve essa pressão assim tão forte com a escola, porque a escola já não tinha grandes...

e - Não. A escola tinha aulas à noite. Portanto... mas já tinha anteriormente, mas realmente todo aquele período de desestabilização, que eu penso que desestabilizou toda a gente...

E - À noite fez-se sentir mais forte?

e - Isto à noite era um caos. Era um... Pronto, era indescritível. Depois, por outro lado eram reuniões gerais a toda a hora... Pronto, acho que nós vivemos intensamente toda essa época, com todos os males e todos os bens, mas vivemo-la intensamente para o lado certo e para o lado errado.

E - E isso nesta escola fez-se sentir mais...

e - E isso nesta escola fez-se sentir muito porque se criou um clima de desautorização, um clima de liberdade anárquica. Foram uns anos de problemas disciplinares realmente... Uma coisa nunca vista.

Houve uma escola que uma sala foi deitada a baixo. Pura e simplesmente destruída. O ginásio foi incendiado. Pronto, entrou-se num clima realmente francamente mau.

E - Mas acha que também esta situação especial, desta escola, construída no meio de edifícios e tal era um bocado mais propícia a isso?

e - Não sei porque eu nunca estive noutra escola e por isso não posso avaliar se realmente essa foi a grande causa. O desatino... Se a grande causa do desatino foram outras causas. Aquilo foi uma situação exterior à escola.

E - Passado esse período vamos lá até aos anos oitenta, digamos assim, qual é a evolução a seguir que acha que a escola teve?

e - A seguir eu penso que... Para já houve uma mudança do CD que era muito permissivo. Eram umas pessoas amorosas mas eram extremamente permissivas. A seguir entrou a profª. [nome - 17] para o CD e aí passou toda a gente a dar... Porque ela agora está muito mais doce, mas naquela altura aquilo era a doer. Houve faltas injustificadas, houve tudo e mais alguma coisa. Eu acho que houve e com muita razão e as coisas endireitaram bastante. Portanto eu depois fui trabalhar com ela... Aliás no meu ano de estágio já não havia assim indisciplina. As coisas já tinham acalmado bastante. Já se fez aqui estágios, e abriram três grupos de estágio ao mesmo tempo, três ou quatro, foi 1º, 2º, 3º e 4º grupos. Portanto funcionaram quatro grupos de estágio. Nós funcionamos e trabalhamos com tudo o que era material da escola: trabalhamos com retroprojectores, com projector de slides, com gravadores... Pronto, com o material disponível na altura.

E - E depois agora a seguir a essa fase, acha que estamos na mesma ou estamos outra vez numa fase descendente, do ponto de vista de condições?

e - Houve uma altura assim mais ou menos estável em que as coisas foram funcionando, depois há uns anos... Quando a [nome de escola - 9] foi embora nós ficamos com muito poucos alunos e então isto aqui... Pronto, só foi mais trágico porque eles acharam, na Direcção Geral, que nós não tínhamos direito a ter funcionários e nessa altura realmente...

E - Não tinham direito a ter funcionários porque tinham poucos alunos?

e - Porque tínhamos poucos alunos e então queriam levar funcionários da escola. Ficava uma funcionária na secretaria e muito poucos cá fora.

E - Portanto isso quando veio para o CD?

e - Não, já estava no CD. Nessa altura penso que isto era Comissão Instaladora. Não, aliás já não seria Comissão Instaladora, penso que foi o primeiro ano da escola como Escola Preparatória dos [nome de povoação - 13]. Preparatória só. Na altura era só preparatória e realmente foi um ano muito difícil neste sentido, porque as respostas que obtínhamos da Direcção Geral eram nulas, até que fechamos a escola em Janeiro. Pronto, e não há dúvida nenhuma que para grandes males, grandes remédios. Quando a escola continuou fechada em Janeiro aí toda a gente acordou. Depois tivemos um processo disciplinar que viria a ser arquivado e puseram-nos aí os funcionários na secretaria, os funcionários pessoal auxiliar e nós abrimos.

E - E depois disso?

e - Depois disso a escola até funcionou razoavelmente bem, não quer dizer que pontualmente não tenha havido problemas, houve. Houve com alunos, houve com professores, tivemos aí um perfeitamente louco, que nos dava conta do juízo, tivemos com alunos também, pois esporadicamente aparecem sempre assim uns... Mas penso que sobrevivemos perfeitamente bem e deu os resultados esperados.

E - Mas acha que não tem havido uma situação pior?

e - Os alunos pioraram, mas eu penso que não pioraram a nível de comportamento. Pioraram numa base muito mais grave, que foi a nível de aproveitamento, porque aqui há uns anos atrás tínhamos problemas de disciplina mas eles eram ultrapassados, eles estavam diluídos. Hoje há problemas de disciplina que estão normalmente ligados a problemas de aproveitamento, que têm diminuído. Realmente o nível dos alunos a nível de aproveitamento tem diminuído assustadoramente e isso tem levado a que a indisciplina também acabe por aumentar. Por outro lado, o facto de nós começarmos a ficar com um grande número de alunos dentro ali da zona de [nome de povoação - 9], portanto de um bairro, quer se queira, quer não, de um bairro degradado, é um bairro de pessoas que não estão minimamente integradas. Pronto também veio estragar muito o ambiente daqui.

E - E porque é que estão a ficar com esses alunos?

e - Porque a [nome de escola - 9] também não comporta todos e portanto eles têm que vir para aqui, é a escola mais próxima.

E - E acha que em contrapartida as pessoas aqui, as de mais perto, mas com outros meios sociais e económicos que adoptam uma estratégia de colocar os filhos noutras escolas? Qual é a sua impressão?

e - Pronto, alguns escolheram realmente outras escolas. A [nome de escola - 3] tem outras instalações indiscutivelmente. Outros talvez não, não sei exactamente... Nós também temos tido aqui alunos enfim de um extrac-to sócio-económico razoável.

E - Mas em termos de proporção, a ideia que uma pessoa pode ter é dizer assim, com estas condições e tal...

e - As pessoas assustam-se.

E - Assustam-se e vão pôr...

e - Das duas uma: ou já tiveram uma experiência que pode ter sido positiva com filhos, ou com eles próprios, porque nós já estamos quase que assim numa terceira geração, ou eles já estiveram aqui na escola e por uma razão ou por outra gostaram muito, ou porque já cá tiveram filhos mais velhos e gostaram muito, esses, essas crianças vêm para aqui. Na generalidade dos pais pois é natural que escolham a [nome de escola - 3].

E - E acha que as condições físicas, falando agora um pouco das instalações, as condições físicas da escola prejudicam o rendimento escolar dos alunos? É possível portanto...

e - Eu penso que sim, mas sim talvez por razões que não seriam aquelas mais evidentes. Eu penso que sim porque é muito desagradável ter que recomendar aos alunos: " - Olhem que vocês têm que estar aqui ao pé da porta, porque olhem que a porta não fecha. Olhem que a porta assim. Olhem que vocês sujeitam-se a que alguém venha e vos leve as coisas. Portanto vocês têm que estar aqui!" Segundo: estas crianças não têm um espaço para brincar. Portanto brincam no espaço onde trabalham, incomodando depois alguém que eventualmente esteja a trabalhar. Sim, porque às oito e um quarto da manhã, nos dias de Inverno é muito duro ter aulas, porque as salas estão muito frias e não têm condições. Sim porque a luminosidade que entra nas salas não nos permite por vezes que os alunos vejam o quadro, portanto há sempre um sector da turma que não vê.

E - Como é que faz?

e - Ai muito simplesmente é lei assente: cada um que precise copiar do quadro, levanta-se e vai para um lugar onde tenha melhor visão do quadro, copia e volta a sentar-se. Não pede autorização, não pede nada porque isto para mim está tudo certo, eu sei que eles que não vêem e eu não posso transportar o quadro. Os quadros tinham projectores mas houve um engenheiro da DRELx que veio cá fazer obras na escola e achou que eles estavam a mais e mandou-os tirar.

E - Tirou foi?

e - Mandou-os tirar. Pronto eu ainda disse ao senhor que ele não estava a ver bem as coisas mas realmente ele tratou-nos tão mal que não valia a pena continuarmos a conversa porque terminávamos eventualmente a discutir sempre...

E - Foi ainda na altura em que estava no CD?

e - Estava no CD. Tive pegas enormes com esse senhor.

E - Eles estavam colocados e foram retirados?

e - Eles estavam colocados e foram tirados. Quando fizeram a reestruturação da instalação eléctrica acharam que os aquecedores e os projectores estavam a mais. Eu disse ao senhor que era pena ele não estar a dar aulas aqui na escola que era para ver como é que os alunos viam o quadro.

E - E em relação... Portanto citou aí várias situações que podiam influenciar o funcionamento da aula e eventualmente o rendimento dos alunos. Por exemplo a questão dos estores fechados, trabalha em... Não trabalha...

e - Eu só trabalho nestas salas verdes. Pronto, aquelas, o facto dos estores estarem fechados... Eu já trabalhei naquelas salas com os estores abertos. Penso que também tem um contra o estore aberto é que o alunos distrai-se muito facilmente com o que se passa cá fora, mas o estore fechado é um ambiente muito triste dentro da sala. Aquelas salas ali, nesse aspecto, são mais tristes do que as nossas. As nossas não têm os estores fechados, têm vidro fosco, também não são melhores.

E - Trabalham sempre com luz eléctrica?

e - Ah... Não, há horas do dia em que não há necessidade de acender a luz. A partir das onze, das dez não há necessidade de a ligar.

E - Quando estava no CD os estores já eram prática...

e - Já. Já. Já estavam em baixo há muitos anos porque não havia dinheiro que suportasse os vidros partidos. Eles não foram propriamente fechados até baixo por causa dos alunos não se distraírem, foi por uma questão económica.

E - Para não partirem os vidros.

e - Partiam-se imenso. Fundamentalmente foi isso.

E - Em relação portanto às famílias dos alunos... Já vimos que os alunos têm as características que se disse, em relação portanto às famílias dos alunos, acha que... Elas vêm habitualmente à escola? Isso é genericamente uma situação igual à que se passa noutras escolas ou aqui tem alguns aspectos mais particulares?

e - Bom, eu não sei se isso se passa igualmente noutras escolas, porque não quero dizer que outros colegas manifestem exactamente a mesma opinião, mas aqui os pais só vêm à escola quando é para fazer barulho por qualquer razão que lhes desagradou. De contrário, aqueles que efectivamente vêm quando convocados ou por modo próprio para falar com o DT são raríssimos...

E - Por exemplo no período passados quantos... Tem direcção de turma?

e - Tenho direcção de turma. Pronto eu sou muito...

E - Quantos apareceram?

e - Eu sou uma felizarda. Os meus encarregados de educação são umas pessoas certíssimas, que vêm às reuniões, mas pronto não posso generalizar.

E - mas vêm às reuniões?

e - Vêm. Eu tenho sempre quase todos os encarregados de educação nas reuniões e se mandar uma informação para casa e pedir ao pai para vir à escola, eles vêm.

E - Porquê? Uma vez que o panorama geral não é esse.

e - Porquê? Talvez seja um caso de excepção.

E - Parece que sim.

e - Não sei.

E - Mas isso é habitual de um ano para o outro, ou foi este ano?

e - Não, portanto eu tive... Esta turma que tenho este ano no 6º ano eu tive-a o ano passado no 5º e já era DT e realmente não tenho razão de queixa. Nos outros dois anos anteriores também tive uma turma com sequência no 5º e no 6º e também a ideia foi a mesma. Quer dizer, eu nunca... Nestes últimos anos em que sou DT não me posso queixar que os pais não viessem à escola, porque quando nós fazemos aquelas reuniões de início de período sempre tive os pais na escola.

E - Quantos? Cinquenta por cento?

e - Mais. Tive quase todos. Nesta última reunião penso que me faltaram três pais e no entanto mandaram-me dizer posteriormente que não tinham podido vir à reunião, mas se houvesse alguma coisa de importante viriam na hora em que eu recebo os encarregados de educação.

E - E esses pais são grosso modo... Como é que é? Há de tudo?

e - De diversos extractos? Não. São bastante humildes até, nem tenho assim ninguém de um extracto sócio-económico elevado.

E - Às vezes nem é só isso. As pessoas que se calhar vêm ali do bairro da guarda, se calhar até são pessoas que o pai ou a mãe se interessam...

e - Mas eu tenho desses e não só. Também tenho tido desses da guarda que são brutos como as portas.

E - Não se interessam?

e - Não, efectivamente pronto... As pessoas vêm, conversam...

E - Ou é a sua estratégia pessoal?

e - Não é estratégia nenhuma pessoal porque eu não adoptei estratégia nenhuma, limito-me a convocá-los para a reunião e aí também lhe digo: Se vêm, se não vêm não vêm porque não vale a pena a pessoa estar a incomodar-se com isso. Não, não é estratégia nenhuma. Nós conseguimos estar a conversar sobre... Pronto sobre generalidades e as pessoas dão opiniões e... Mas efectivamente não tenho razão de queixa.

E - Deve haver uma explicação qualquer, não é?

e - Não sei, não faço a mínima ideia, mas efectivamente de há quatro anos a esta parte eu tenho sido DT...

E - Sim senhora. Em relação aos resultados escolares, já me estava a dizer que tem notado que eles têm piorado nestes últimos anos...

e - Muito. Fundamentalmente no 5º ano.

E - Que acha que têm piorado por razões que também já disse, que vêm do 1º ciclo. Já vimos também que havia algumas influências nesses resultados escolares que podiam ser apontados às próprias instalações. Em relação aos alunos, acha que os alunos também têm piorado, o tipo de alunos que tem tido, acha que é pior do que tinha há dez anos atrás? (Interrupção)

E - Insiste de facto que a grande diferença é no 5º ano?

e - É no 5º ano. E talvez porque nós levamos o 5º ano a domesticar meninos. E no 6º efectivamente eles já vêm diferentes (às vezes também para pior, noutros aspectos). Mas realmente a nível de aprendizagem, a nível de assunção de conhecimentos nota-se que há uma diferença entre o 5º e o 6º ano. E eu estou dando testes que já foram feitos a outras turmas de 5º ano - de 5º ano por acaso este ano não porque o programa mudou - mas de 6º ano, e os resultados no 6º ano são sensivelmente idênticos, a não ser uma ou outra turma excepcional, mas a nível do 5º ano houve uma altura em que nós demos assim sequencialmente três anos, utilizando os mesmos testes de avaliação, e notou-se um decréscimo no rendimento.

E - E em relação portanto à situação da escola, qual é a solução que prevê para esta escola? Agora que já está cá há tanto tempo, que acompanhou isto, que está a par das dificuldades que têm havido, qual é a solução para isso?

e - Seria muito interessante que a escola em vez de ser nestes pavilhões em que ao longo dos anos se tem gasto aqui rios de dinheiro para não chegar a lado nenhum, seria muito interessante transformá-la numa escola de pedra e cal. Mas, se a transformarem pura e simplesmente numa escola de pedra e cal, mas não lhe fornecerem espaços (que nós chegámos a pedir quando estava no CD, que nos cedessem esta zona aqui ajardinada em frente da escola) se não forem encontrados espaços em que os alunos possam efectivamente brincar, jogar, também penso que não serve de nada. Não vale a pena. Se só vão transformar barracão em construção um pouco melhor, não vamos a lado nenhum porque o aluno continua a não ter um espaço para estar. Continua a estar à chuva e ao sol.

E - E as soluções alternativas de escolas que têm sido construídas aqui à volta, acha que não vai acabar por absorver esse alunos.

e - Imediatamente não. Essas escolas vão ficar de tal maneira cheias, que os problemas que nós temos vão ser passados para elas.

E - Portanto acha que ainda há uma capacidade de absorção?

e - Ainda há uma capacidade de absorção. Não é muito grande, mas penso que neste momento não é possível fazer isso. Talvez fosse possível fazer uma outra coisa, que era disponibilizar uma das escolas secundárias daqui, secundárias enfim, 7º, 8º e 9º, aquela de lá de baixo das piscinas - que eu penso que também não tem muitos alunos - e que esses alunos poderiam ser absorvidos (é certo que as escolas também não querem, é evidente), mas que poderiam ser absorvidos e divididos, portanto agora as escolas são C+S mas não tinha importância nenhuma e nós eventualmente passar-mos a funcionar lá. E então nessa altura seria a [nome de escola - 3] que ia aguentar com os alunos de [nome de povoação - 9], o que eu acho que era um bom princípio, que era passar a batata quente para os outros. (Risos)

E - Sim senhor. Vamos falar então agora só, e um pouco para terminar, das questões mais ligadas com a reforma e com a aplicação da reforma. Uma delas, por exemplo, que não tem muito para dizer, que é a questão do APA. Qual é a sua opinião como DT, que balanço faz dessa actividade do APA?

e - Portanto eu posso falar como DT e posso falar como profª. porque também o dou e tenho dado ultimamente. Eu acho que nós já tentámos todas as estratégias de apoio acrescido, desde dar só uma hora, desde dar duas horas, limitar o número de alunos nessas aulas a seis, mas os pais, a grande maioria dos pais não estão preparados para as aulas de apoio...

E - Explique porque é que diz isso. Quando diz que não estão preparados, quer dizer o quê?

e - Não, não estão preparados porque vêem isto como uma hora que o aluno vem gastar aqui à escola. "Ah, é mais uma hora que ele lá está, em vez de estar noutro lado. Ele se calhar até me faz falta em casa para fazer outra coisa", não sei, não será a generalidade mas muitos talvez seja. E portanto há um desinteresse dos pais muito grande. E como há um desinteresse dos pais, os miúdos começam por vir - os que vêm, muitos à partida já nem vêm - e muitos vêm armados em turistas, não trazem um caderno, não trazem material nenhum para trabalhar, tem que se dar caneta, tem que se dar papel, mas se leva hoje uma ficha porque na próxima semana ela vai ser continuada para acabar já não a trazem, já lhe deram caminho, e portanto são poucos os alunos que conseguem efectivamente tirar partido das aulas de apoio.

E - E mesmo apesar do esforço de diversificar estratégias. Acha que portanto a questão é mais a maneira como os alunos e a família encaram...

e - Quando eles vêm, vêm porque são obrigados. Vêm porque às vezes telefonou-se para casa, e o pai assinou a dizer que sim, eles sabem que se faltarem muito estão arrumados, mas mesmo assim um dia não vêm porque não lhes apeteceu, noutro dia... E então quando aparecem é assim "temos teste amanhã". Eu cheguei a ter um grupo de alunos que só me apareciam na aula anterior ao teste. Depois desapareciam durante não sei quantas semanas. Quando voltavam a aparecer era porque tinham teste, e então aí queriam tudo.

E - E tem assim algumas histórias de sucesso? De miúdos que efectivamente foram para as aulas e que dissesse: "a estes deu resultado!".

e - Tenho. Uma miúda que tinha imensas dificuldades. Dificuldades comprovadas, ela tinha acompanhamento psicológico e mais não sei quê, portanto uma miúda que não estava predestinada sequer a continuar a estudar. Portanto era um trabalho, era uma dor de alma, porque a garota coitadinha não tinha realmente possibilidades, não tinha capacidades. No entanto foi uma miúda com quem um trabalho muito apurado, muito insistente, mas tinha tão boa vontade... ela enfiava aquilo na cabeça, e depois lá ia aos testes, e se aquilo não saía lá muito nas normas... chegávamos a fazer os testes que ela ia fazer, pronto isto não seria muito certo. mas era uma maneira de a miúda se sentir um pouco mais à vontade (e ela não dava a maior parte das vezes de que o teste era igual) mas de qualquer maneira alguma coisa lá tinha ficado, e então ela conseguia desbobinar, para ver se a conseguíamos fazer sair daqui com o 6º ano. Foi realmente uma experiência muito positiva.

E - E aí conseguiu-se portanto... e aí o que foi decisivo foi o interesse...

e - Foi o interesse dela, foi o interesse da mãe, coitada que realmente vive só do trabalho e pronto, as pessoas empenharam-se muito em que ela sáisse daqui. Este ano tive uma garotinha que tinha sido minha aluna o ano passado e ela tinha sido proposta no final do ano lectivo anterior, por mim própria, para ir para uma aula de apoio e este ano apanhei-a no apoio. A garota pronto com muito esforço lá conseguiu chegar ao nível positivo, agora foi tirada do apoio e diz-me assim: " - Ah, tiraram-me... A profª. tirou-me do apoio, se calhar não vou tirar positiva no próximo teste." Pronto...

E - E porque é que a tirou do apoio? Porque é que a profª. a tirou do apoio?

e - Porque penso que encarou à letra aquela teoria de que a partir do momento em que o aluno foi recuperado já não precisa.

E - Ai é?

e - Mas talvez agora... A [nome de aluna - 3] conheço-a muito bem. A garota realmente tem muitas dificuldades que são...

E - Como é que os alunos são indicados para apoio? É pelo prof.?

e - São os próprios professores nas reuniões de CT e não só, porque às vezes a meio do caminho há uma razão qualquer, qualquer aspecto que pronto nos leva a propor o aluno para apoio.

E - Quem é que depois decide em última estância, uma vez que pode haver mais pedidos do que as disponibilidades?

e - Pronto, nós quando fazemos as propostas temos já em conta que não vamos exceder os seis, sete alunos, e se queremos mandar para lá algum já fora do número previsto falamos com o colega que dá o apoio e dizemos "se não te importas, ele até é boa pessoa, é sossegadinho, coitadinho", e o colega até aceita.

E - Quer dizer os professores já mandam mais ou menos o número de alunos...

e - Sim, sim, nós temos muito cuidado quando seleccionamos os alunos para apoio, quem é que vai. Porque há alguns que não vale a pena mandar para apoio, porque aqueles que não querem trabalhar porque não querem mesmo, que já não é só uma questão de dificuldades de aprendizagem, é uma questão de não quererem fazer nada, não vale a pena irem.

E - E há coordenação entre o prof. que dá o apoio e o prof. da disciplina?

e - Seria bom que houvesse, mas efectivamente há situações diferentes, e isso tem criado =f= aí uns atritos tais, que há professores que já não querem dar apoio.

E - E esses atritos são porquê? Porque há divergências quanto à importância...

e - Porque há normas. Há normas que nós estabelecemos. Número um: não se fazem trabalhos de casa nas aulas de apoio. Número dois: não se fazem os exercícios do livro na aula de apoio. Número três: não se classifica o aluno na aula de apoio. Efectivamente depois há colegas que por uma razão ou por outra transgridem estas regras, e a partir daí há atritos.

E - A ideia é que de certo modo estão-se a substituir ao prof. da disciplina?

e - Não, não é por isso. É porque é muito desagradável, enfim se eles até transmitissem alguma coisa ao aluno, mas não. O aluno chega às aulas com o exercício feito no livro. Que vantagem tem para o prof. curricular estar a encontrar ali um papagaiozito que está a dizer tudo, mas que está a dizer tudo porque já disse na aula de apoio? E por norma o prof. de apoio nunca ultrapassa o prof. curricular. Tem que dar um reforço daquilo que foi dado e não pode antecipar aquilo que o outro prof. vai dar.

E - E como é que o CP gere uma situação desse género? Que tipo de intervenção?

e - Nos atritos?

E - Sim.

e - Ai o melhor é as pessoas desenharem-se sozinhas, não vale a pena a pessoa meter-se. Os dois que se entendam. São todos crescidinhos, que falem, que se entendam, e que cheguem a uma conclusão.

E - Normalmente o CP dedica a maior parte do tempo é à parte de informações, não é? Qual é a sua opinião sobre isso?

e - Ai eu acho que o CP não tem muita utilidade.

E - Acha que o tempo que...

e - Não, não vale a pena. A maior parte das vezes não vale a pena. Ou debatem-se problemas que já estão gastos e que nós já vimos, porque ninguém leva soluções. Se ninguém leva soluções, não vale a pena continuar a gastar tempo.

E - E isso sempre foi assim? No seu tempo... já chegou a estar como presidente do CP, quando era PCD? E então nessa altura como é que isso era?

e - Ah, era sensivelmente a mesma coisa.

E - Adoptavam estratégias diferentes?

e - Procurava que ele durasse o mínimo de tempo possível. Que era para não estarem lá muito tempo enfiados.

E - Economizando em quê?

e - Economizando em informações... eu funciono muito numa apresentação esquemática, porque tudo aquilo que esteja a mais, para mim são palavras gastas que não fazem sentido. Quanto mais sintética for a exposição e quanta mais sintética for a conclusão - e aliás as minhas actas são um reflexo disso mesmo - portanto ali só está o fundamental.

E - E acha portanto que o CP demora muito tempo e o tempo se gasta...

e - Porque a gente se perde com discussões sistemáticas de coisas que não vale a pena discutir.

E - Quanto à organização do CP, acha que valia a pena que ele estivesse dividido em secções?

e - Não sei, eu nunca trabalhei com ele em secções. Porque mesmo quando tínhamos estágio trabalhávamos em conjunto portanto não sei. É certo que há muita gente no CP.

E - E então torna-se difícil...

e - Torna-se muito difícil.

E - Em relação a outros aspectos da reforma, a questão da área escola. Qual é a sua opinião sobre a área escola?

e - Eu penso que a área escola foi criação dum espírito - nem sei o que é que lhe hei-de chamar - porque foram dar um nome pomposo para a área escola e foram transformá-la numa quase obrigatoriedade, a uma coisa que nós fazíamos porque ela surgia naturalmente. Portanto o trabalho inter-disciplinas para se chegar a um determinado trabalho final, sempre se foi fazendo. Agora, fazia-se com determinadas turmas, fazia-se com determinados professores, fazia-se com determinados grupos a trabalhar. Resultava. A partir do momento em que foi transformado, portanto as pessoas têm que se encaixar naquilo, eu acho que deixou de resultar. Eu falo por experiência própria, porque aqui há uns anos atrás como prof. de Inglês - eu e a prof. [nome - 48] trabalhamos em conjunto há muitos anos - tínhamos clube de Inglês a funcionar na altura, e como encerramento das actividades resolvemos fazer uma pesquisa, até porque isto já vinha também um pouco da avaliação que estava a ser feita. Portanto nós

tínhamos abandonado o livro quando chegámos à unidade do *Simple Past*, e tínhamos entrado em material extra-livro. E por graça eu pessoalmente tinha entrado... um dos textos do livro era sobre o Rei Artur. E eu tenho a colecção toda dos filmes, das músicas daquela época, portanto aqueles musicais todos. E tinha trazido para os miúdos um extracto com uma canção, e a turma tinha reagido espectacularmente bem a uma canção que não lhes dizia muito em termos de ritmo, etc. Aí continuámos com *Mayfair Lady* e o *West Side Story* (não sei se ainda chegámos a fazer um outro sobre a *Funny Girl*), bom e então arrastadas um pouco por isto, resolvemos que no clube se havia de fazer uma repescagem de canções famosas dos anos sessenta. Os miúdos trabalharam imenso, porque foram recolher dados e gravuras sobre a vida dos artistas, tiraram-se letras de canções, chateou-se meio fundo para fazer gravações para nós ouvirmos, para tirarmos letras, os miúdos aprenderam algumas canções, e isto tudo terminou com um livro - livro que está para aí na escola - e com um baile. Foi um baile dos anos sessenta. Os miúdos decoraram o ginásio, vieram vestidos à moda...

E - Em que ano?

e - Ah, já não posso precisar. Não foi há muito tempo, foi há relativamente pouco tempo. Depois tiraram-nos o clube. Acharam que eram horas a mais.

E - Quem é que decidiu sobre o fim do clube?

e - A DRELx. Não renovou a autorização.

E - Mas as horas, o crédito horário eram específicas para aquele clube?

e - Eram específicas para aquele clube. No clube tínhamos uma duas horas, a coordenadora que era ela tinha duas horas e os outros professores de Inglês tanto do preparatório como do secundário tinham uma hora. Portanto eles acharam por bem que aquilo eram horas que não estavam a dar, e resolveram acabar com as horas. E eu pessoalmente afirmo, e afirmo publicamente onde quer que seja, eu se não me derem crédito horário para determinado tipo de actividades, eu de borla não faço.

E - Portanto a questão da actividade do clube de Inglês tinha que ver com as horas que eram atribuídas e depois...

e - Deixaram de ser atribuídas, e no entanto aquilo funcionava extraordinariamente bem.

E - Esse baile que se realizou foi de dia?

e - Foi de dia, foram duas ou três horas com as turmas que estavam envolvidas no projecto, e os miúdos divertiram-se imenso, dançando as danças da época - enfim um esforço um bocado violento - eles dançaram o *twist*, dançaram o *rock*, quer dizer aquilo resultou. Mas resultou porque foi uma experiência que nasceu naturalmente, não foi imposta. Ela não estava enfiada em nenhum plano global de actividades, ela não estava enfiada em nenhum tema, mas enfim, nasceu. E como esta nasceram outras.

E - E acha que agora a formalização da área escola impediu essas... mas em contrapartida não terá dado a oportunidade a outras que de livre iniciativa nunca surgiriam?

e - Eu não sei se deu alguma oportunidade se quer que lhe diga. Porque o que é que resulta da área escola? Resulta uma exposiçãozinha, com trabalhos. Resulta que por exemplo nós de língua estrangeira no 5º ano dificilmente nos conseguimos enquadrar, e no 6º conseguimos duma maneira que não vai além de um cartãozinho, duma pinturinha, duns desenhinhos, mas não vai além disso.

E - E em relação portanto a essa dificuldade em integrarem-se no tema. Fizeram saber isso no CP?

e - Sim, sim. Mas pronto, também não havia grande imaginação, porque o Tejo...

E - Como é que foi escolhido o tema?

e - Pronto isto foi quase assim por inspiração, porque outras escolas também tinham trabalhado com o Tejo, porque no fundo nós estamos numa zona de influência do Tejo quer queiramos quer não, e o Tejo saiu assim como uma hipótese. Mas acho que já está toda a gente a ficar afogada.

E - Com tanta chuva...

e - Pois, com tanta chuva e com tanta água já se sabe.

E - Já falámos do CP, e em relação ao CD. Qual é a sua opinião global sobre o CD, atendendo às dificuldades?

e - Eu acho que o CD é um corpo de heróis nesta escola. Não tenho nada a dizer em relação ao prof. [nome do PCD], conhecemo-nos há muitos anos. É que aqui na escola nós acabamos por nos conhecer quase todos há muitos anos.

E - Acha que o clima entre os professores é bom? Acha que há boas relações entre as pessoas?

e - É isso. Há muito boas relações entre as pessoas.

E - E isso é tanto verdade em relação às pessoas do 5º e 6º ano, como às do...

e - É menos em relação aos colegas que estão no 7º, 8º e 9º, porque são pessoas que não estiveram connosco sempre. Os outros estão connosco há muitos mais anos.

E - É aquele grupo de pessoas que vem...

e - Que vem, não é desde o início porque não estamos cá todos desde o início, mas que estamos há largos anos, há mais de dez anos.

E - E as relações são boas entre as pessoas?

e - São relações que ultrapassam já a própria escola e isso tem as suas vantagens. Em relação ao CD a situação é a mesma. Portanto nós por uma questão de comodismo não queremos ir para lá. Os que já lá estiveram não querem porque já experimentaram e os que nunca estiveram também não querem porque estão muito bem assim. O prof. [nome do PCD] é uma pessoa com um feitio extraordinário para estar à frente duma escola, porque é uma



pessoa com um feitio muito maleável, que não cria atritos, que procura que eles se desfaçam até. E as coisas lá vão funcionando. Poderiam funcionar eventualmente melhor, se fosse uma pessoa mais enérgica porque as grandes divergências que eu pessoalmente tive com ele foi porque em determinados momentos da vida da escola, eu achava que a escola devia fechar pura e simplesmente.

E - Só para acabar. Lembra-se de alguma história, de algum facto, de algum acontecimento que se tenha passado nesta escola, que considere significativo? Uma história que diga assim: "aqui está uma boa história exemplar do que é esta escola"?

e - Eu acho que houve uma que me fez passar aqui... Foi às seis e tal da tarde, as aulas já tinham acabado, nós estávamos para sair mas tínhamos ficado na conversa ali no CD. De repente aparece um garoto a gritar assim: "setôra, está a sair fogo de lá de baixo!". Mas como há sempre fumo a sair dali e à primeira vista nós instintivamente fomos e quando chegamos a meio ela diz: " - A escola está a arder! Ai, chamem os bombeiros. Está a arder o ginásio. De repente já não sei quem foi disse assim: " - Ai no laboratório estão lá coisas que explodem." Foi toda a gente a correr para o laboratório e " - Ai, então tem que se tirar o material todo!" Foi toda a gente a correr, tirar as coisas do laboratório com medo que as chamas voltassem e entrassem no laboratório. Os bombeiros vieram, apagaram o fogo, nós ficámos assim todos um bocado... E entretanto entra no gabinete um gaiato e diz: " - Setôra, eu sei quem é que incendiou a escola." E eu: " - Tu não sabes coisíssima nenhuma, desaparece da minha vista. Amanhã a gente conversa mas hoje não falas coisíssima nenhuma." Só que os bombeiros vêm e: " - Então senhora profª. como é que acha que aconteceu o fogo no ginásio?" Isso passou, entretanto tínhamos que dar conhecimento à Direcção Geral. Ligamos para a Direcção Geral e o engenheiro da Direcção Geral: " - Então, o que é que provocou o incêndio?" E nós: " - Então não vê que os fios da instalação eléctrica estão muito maus. Estão num estado degradante até mais não poder ser." Bom, essa foi a versão oficial dos acontecimentos mas entretanto os miúdos queriam dizer quem era: " - Porque foi, porque entrou pela janela." Então eu digo assim, vamos lá ver. " - Mas desaparece daqui, não foi nada assim, tu estás a inventar." Os miúdos devem ter achado que nós estávamos todos loucos. Depois chamamos realmente os alunos, mas eles não tinham atado fogo à escola, tinham ido brincar para ao pé do ginásio e com um isqueiro tinham sim pegado fogo ao colchão. Portanto o colchão estava encostado à parede e a matéria é altamente inflamável e quando viram que as coisas estavam sob controlo perderam completamente a cabeça. Bom, nós metemo-lhe medo e dissemos-lhe que tinham que pagar as despesas, etc., etc. Mas nunca pensamos que isso viria a acontecer. Entretanto e esta foi depois a parte mais engraçada (...) O pai punha o carro atrás dele e o garoto corria, corria para não ser atropelado, porque o pai era suficientemente maluco para isso. Acho que o atirou da janela, e o garoto caiu cá em baixo. Portanto no final deste drama todo foi aquela imagem daquele garoto que me ficou muito marcada.

E - A escola não tem nenhum apoio a esse nível?

e - A escola tinha uma médica e tinha uma assistente social, que foram retirados entretanto, como foram em todas as escolas.

E - Relativamente às condições especiais das escolas nunca houve...

e - Isso não é nada, porque inclusivamente a Junta de Freguesia diz que tem uma assistente social para tratar, enfim para nós encaminharmos para lá estes problemas etc., e até à data a única assistente social que eu vi interessar-se por um problema e tentar resolvê-lo foi o ano passado a assistente social da Junta de Freguesia de [nome de povoação - 21]. Eu tinha um garoto que faltava muito, e liguei para lá. Enfim, para saber o que se passava com o miúdo, porque a família não aparecia, etc. e ela disse que a família estava a ser ajudada pela Santa Casa da Misericórdia mas disse vamos conversar porque isto é um caso muito dramático. Ela veio à escola, conversámos, tentou-se encaminhar o miúdo, mas a mãe e o padrasto estragavam tudo por trás, até que...

E - Mas diz que foi uma situação muito pontual.

e - Foi uma situação absolutamente pontual, porque foi a única vez que eu vi alguém da Junta de Freguesia interessar-se pelo caso de um aluno, e levá-lo a bom termo, porque depois a família com quem ela depois... Aquilo era uma miséria tão grande que a mais novinha já não engordava nada desde os seis meses, tinha nove. A mãe saía de manhã e ninguém vinha a casa dar de comer a estas crianças. Portanto este muitas vezes ficava em casa por causa dos irmãos. Entretanto a acção foi para tribunal, e os dois mais novos foram entregues e este foi o único que ficou em casa mas os pais garantiram que vinha à escola.

E - Sim, senhora. Obrigadíssima. Já falámos imenso tempo, foi uma conversa muito interessante.

**REGISTOS DE OBSERVAÇÃO**  
**DAS ACTIVIDADES**  
**DOS PRESIDENTES DOS CONSELHOS DIRECTIVOS**

**ANEXO IV**  
**GRELHA DE REGISTO**

<b>GRELHA DE OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO</b>
--

ESCOLA \_\_\_\_\_ - DIA \_\_\_\_\_ PERÍODO DE OBSERVAÇÃO \_\_\_\_\_

FRENTE

t	LOCAL	PESSOAS	ACTIVIDADES - TAREFAS	OBSERVAÇÕES
0				
5				
10				
15				
20				

VERSO

25				
30				
35				
40				
45				
50				
55				

## **ANEXO V**

### **REGISTOS DE OBSERVAÇÃO DA ACTIVIDADE DIÁRIA DA PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO - ESCOLA A**

## **A) 1º DIA - SEGUNDA FEIRA - 02 DEZ 1996**

pcd101b

2/12/96 (SEGUNDA FEIRA) - 14h 25m - 19h 00m - ESCOLA A

OBSERVAÇÃO DA ACTIVIDADE DIÁRIA DA PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

-----  
14.25 (5) - Portão - [nome de aae - 2]

A PCD entra ao portão da escola. Conversa com a funcionária que lhe diz que está um senhor à sua espera. Entrou há momentos. A PCD dirige-se directamente para o gabinete. Aproveita e leva o correio do dia.

-----  
14.30 (11) - GCD - e.educação - [nome de profª - 22] (DT)

A PCD atende um e.educação que vem pedir que mude o seu educando para outra turma. Está presente no gabinete uma profª. que tem essa turma. A PCD procura explicar que não pode fazer isso. Entretanto solicita à profª. [nome - 22] informações sobre a situação do aluno em causa.

-----  
14.41 (2) - GCD - [nome de aae - 5] - Alunos

A campanha de espera do gabinete toca segundos antes de terminar a conversa com o e.educação. Quando este vai a sair aparece a funcionária [nome de aae - 5] acompanhada de dois alunos. Conversam na ombreira da porta. Os alunos como só têm aulas às cinco e meia querem ir a casa. A PCD esclarece-os que não podem sair da escola, porque se se acontecer alguma coisa a responsável é ela. De resto só podem sair quando é ao último tempo.

-----  
14.43 (2) - Gabinete - Eu

A PCD entra e senta-se na sua secretária. Enquanto trata de uns papéis de se encontram em cima da mesa de trabalho, conversa comigo.

-----  
14.45 (1) - GCD - [nome de aae - 3]

A PCD faz uma ligação telefónica para o PBX, para a funcionária [nome de fsa - 1], a dizer que ela já podia ir ao gabinete. Quem a atende é a D. [nome de aae - 3], outra funcionária, a quem a PCD deixa o recado que a D. [nome de fsa - 1] já pode vir ao gabinete.

-----  
14.46 (1) - GCD - Eu

Sentada à secretária, trata do correio. Abre a correspondência, lê e separa alguns documentos.

-----  
14.47 (2) - GCD - [nome de fsa - 2]

Batem à porta. A PCD manda entrar. Entra no gabinete a funcionária [nome de fsa - 2]. É a funcionária administrativa que trata do Pessoal. Vem procurar umas minutas e saber se já estão assinados. Trata-se de uma minuta de uma declaração do CD que não vê inconveniente na aposentação de uma profª..

-----  
14.49 (5) - GCD - Eu

A PCD continua sentada à secretária a tratar do correio. Conversamos.

-----  
14.54 (1) - GCD - [nome de aae - 4]

Toca o telefone. É da Portaria. A funcionária pergunta se os alunos podem sair. Os alunos que antes tinham ido ao gabinete por quererem sair mais cedo estavam na portaria. A PCD diz-lhe que não.

-----  
14.54 (2) - GCD - Eu

Depois do telefonema. A PCD retoma o que estava a fazer. Continua a ver o correio. Entretanto vai comentando a situação da turma não ter aulas. Depois conversamos sobre os procedimentos no tratamento do correio. Ela esclarece que o correio é enviado para a Secretaria e que depois de ser separado e aberto é que é enviado para o GCD.

-----  
14.56 (1) - GCD - CSA - [nome de aae - 5]

Toca o telefone no mesmo momento em que entra no gabinete a CSA. A PCD cumprimenta a funcionária e atende o telefone. É uma chamada do exterior. A PCD não chega a atender a pessoa. Diz à funcionária que naquele momento não tem tempo para atender.

-----  
14.57 (3) - GCD - CSA

Depois de ter poisado do telefone a PCD dá atenção à CSA. A CSA pergunta se ela já recebeu uma informação sobre as faltas de um professor a PCD diz que sim. A PCD aproveita a oportunidade para debater com a CSA questões relacionadas com o Inventário e orçamento. Discutem sobre quem tem a atribuição de proceder ao inventário da escola. A PCD começa a procurar a legislação que regulamente esse assunto. A PCD aproxima-se dos ar-

mários que se encontram atrás de mim e procura numa pasta o Decreto-Lei que define as competência e tarefas das áreas dos serviços administrativos.

-----  
15.00 (5) - GCD - CSA

A PCD continua a falar com a CSA sobre a questão do Inventário. Conversam sobre que funcionárias administrativas ficarão encarregues do trabalho de inventário. Finalmente encontra a legislação de que andava à procura.

-----  
15.05 (1) - GCD - Eu

Voltamos a estar apenas os dois no gabinete. Ela arruma os papéis que teve de consultar para a conversa anterior. Conversa comigo e explica-me o que está a fazer sobre o inventário. Diz que soube recentemente que tem de fazer o inventário e mandar em diskete para a Direcção Geral do Património do Estado (DGPE). Diz-me que tinham comprado um programa informático para o efeito.

-----  
15.06 (2) - GCD - Sr. [nome] (CGD)

A PCD atende o telefone (-). É da Caixa Geral de Depósitos. O Sr. [nome], marido da CSA. O Sr. [nome] pretende saber quando é que ela o pode receber. Fica combinado para o dia seguinte às 15 horas.

-----  
15.08 (7) - GCD - Eu

A PCD regressa para ao pé de mim. Entretanto senta-se na mesinha do computador e procura arrancar com programa de computador. Tem algumas dificuldades, porque é a primeira vez que está a mexer no programa.

-----  
15.15 (-1) - GCD - [nome de fsa - 2]

Uma funcionária entra no gabinete vai pôr um papel em cima da mesa da SCD. Não diz nada entra e sai em silêncio.

-----  
15.16 (1) - GCD - CSA

Entra no gabinete a CSA. Traz na mão um documento para a PCD assinar. É um documento que deve seguir no correio do dia. Ao mesmo tempo entrega-lhe uns documentos que tinham vindo no correio. É uma Circular da DGEB.

-----  
15.17 (4) - GCD - CSA

A PCD dá algumas opiniões sobre a questão do inventário e da utilização do programa informático a utilizar para o efeito. Diz para a CSA que é preciso fazer um arrolamento dos bens da cozinha/refeitório. A CSA pergunta qualquer coisa sobre o arranjo das portas e a PCD esclarece que o homem que tinha sido contactado já as estava a arranjar. Seguidamente a PCD e a CSA dão uma vista de olhos ao correio que se encontra em cima da mesa da PCD. Separando o que é para levar para a Secretaria do que é para ficar no gabinete. A PCD dá indicações sobre o tratamento a dar a algum daquele correio.

-----  
15.21 (3) - GCD - Eu

Eu estou sentado ao computador a ver como funciona o programa. A PCD fala para mim. Está junto da sua secretária a acabar de arrumar alguns papéis. Depois aproxima-se e eu dou-lhe o lugar sentado à mesa do computador. Ela volta à sua pesquisa de como funciona o programa.

-----  
15.24 (1) - GCD - [nome de prof<sup>a</sup> - 23]

Toca o telefone. É uma chamada de uma colega da Equipa de Ensino Especial ([nome - 23]) para a VPCD. A PCD informa a [nome de prof<sup>a</sup> - 23] que a VPCD não está.

-----  
15.25 (2) - GCD - Eu

Depois do telefonema a PCD volta para o computador. Volta ao programa informático para a feitura do inventário. Passados alguns momentos a PCD levanta-se da mesa do computador e dirige-se para a sua secretária. Arruma os materiais que vai levar para a aula. Veste a bata branca. Enquanto isso vai conversando comigo.

-----  
15.27 (1) - GCD - [nome de fsa - 3]

No gabinete entra a funcionária [nome de fsa - 3] que lhe pergunta se não pode assinar uma coisa. A PCD diz-lhe que agora não pode, que vai dar aulas, mas que leva os documentos para a sala de aula e como vai dar um teste entretém-se a assiná-los.

-----  
15.28 (2) - GCD - Eu

A PCD regressa ao gabinete onde eu ainda estava. Afinal ainda não era o toque de entrada. Aquele tinha sido o toque de saída. Conversa comigo sobre a situação actual da escola relativamente ao inventário e comentando a questão da responsabilidade da elaboração do inventário que a opunha à CSA. Diz-me que ela estava renitente em aceitar que eram os SA a fazer essa tarefa.

15.30 (1) - GCD - [nome de fsa - 4]

Batem à porta. A funcionária [nome de fsa - 4] da parte da CSA perguntar para onde deve ser enviado um ofício. A PCD informa que deve ser enviado para o Centro da Área Educativa (CAE).

15.31 (-1) - GCD - Eu

A PCD comenta comigo esta última situação. Comenta o facto de a CSA não saber para onde se devia enviar uma resposta a um ofício recebido da CAE.

15.31 (1) - GCD - Eu

Conversamos sobre a saúde dela. Ela diz-me que não tinha chegado a saber o que tinha sido, mas que achava que em grande parte era stress.

15.32 (3) - SPB - Professores

Saimos do gabinete e dirigimo-nos para a sala de professores. Quando entramos está vários professores junto ao placard a consultar o calendário das reuniões de avaliação. Ela faz um comentário sobre estarem todos a ver o que lhes tinha calhado na rifa. Seguidamente junta-se a um grupo de 3/4 professoras que conversam no centro da sala, sentadas a uma mesa. Brinca com um criança (filha de uma profª.). Estão três professoras encontram-se à volta da criança metendo-se com ela e fazendo-lhe festas.

15.35 (-1) - SPB - Professores

Toca para a entrada. A PCD procura pela chave da sala onde vai dar aula. À direita da porta encontra-se um chaveiro, em que estão as chaves das salas. Os professores tiram dali as chaves quando vão dar aulas. Uma profª. chama a atenção da PCD para o facto da sala 11 ter a porta estragada. A PCD sai da sala, dirigindo-se para o pavilhão onde vai ter a aula. A sala de professores começa a esvaziar.

15.35 (50) - Sala de Aula - Turma

Aula de História. Realização de Teste Escrito

16.25 (3) - Pátio - Alunos

No caminho entre a sala de aula e a sala de professores a PCD fala com uma funcionária. Esta fala-lhe do problema das entradas nos pavilhões; dos atropelos entre os alunos, quando toca para a entrada e mesmo quando é das saídas. Durante alguns momentos as duas conversam. A PCD diz-se sensibilizada para o assunto mas que esse é um problema que só com muita paciência e educação dos alunos pode ser minorado.

16.28 (1) - SPB - ---

A PCD entra na sala de professores. Coloca a chave e o livro de ponto nos locais respectivos e segue de imediato para o GCD.

16.29 (1) - GCD - Eu

A PCD vê-me com um livro na mão. É um livro de Sociologia. Conversa comigo. Pergunta-me o que é que estou a ler. Pergunto-lhe se durante a aula houve alguma coisa digna de nota. Ela diz-me que não, que foi apenas a aula. E não adianta conversa nenhuma sobre a aula. Depois deixa as suas coisas junto à secretária e sai do gabinete, dizendo que vai aos SA.

16.30 (1) - GCD - ---

A PCD sai do gabinete e vai à sala dos SA. A sala dos SA, no mesmo bloco, está separada do conjunto Sala de Professores+GCD por um corredor de cerca de três metros. É um corredor que ladeia as escadas centrais para o primeiro piso.

16.31 (1) - SA - CSA

A PCD nos serviços foi perguntar onde se assinavam uns novos impressos. Eram impressos para enviar às Finanças. Conversa sobre esse assunto com a CSA.

16.32 (4) - SA - SCD

Atendeu lá uma chamada da SCD. Esta telefonou por que estava preocupada com um assunto relativo ao movimentos dos dinheiros da papelaria, dado que a funcionária que se encontrava na papelaria, estava a substituir uma outra que tinha faltado para ir a um casamento.

16.36 (8) - SA - CSA

Por outro lado a PCD voltou a abordar com a CSA a questão do inventário. Diz--lhe que uma parte substancial do trabalho se encontrava feito, porque a escola possuía um registo do mobiliário da escola. Agora trata-se de passar esses dados para o programa informático. Depois a PCD regressa ao GCD.



16.34\* (-1) - GCD - [nome de profª - 5]

Entra uma profª. que vem perguntar pela PCD. Eu dou-lhe a informação que ela se encontra nos serviços administrativos.

16.34\* (1) - GCD - [nome de fsa - 4]

Entra no gabinete a funcionária [nome de fsa - 4] que coloca um documento na secretária da PCD, saindo de seguida.

16.44 (2) - GCD - Marido

Quando a PCD vai a entrar de novo no gabinete está o telefone a tocar. A PCD atende. Trata-se do marido.

16.46 (2) - GCD - Eu

Depois do telefonema a PCD faz uma descrição do que esteve a fazer no período de tempo que esteve fora do gabinete. Senta-se na mesa onde eu estou e explica-me o que estivera a tratar nos SA.

16.48 (7) - GCD - Eu

A PCD e eu conversamos. Depois de me ter informado sobre o que estivera a fazer, a PCD começa a falar sobre a questão do inventário. Vai buscar uma pasta ao armário. Nessa pasta estão umas folhas de registo do mobiliário da escola. Trocamos impressões sobre a melhor forma de proceder à inventariação e marcação dos bens.

16.55 (2) - GCD - [nome de profª - 4].

Toca o telefone (-). A PCD atende. Trata-se de uma profª. a informar que se encontra doente e que vai faltar. Combinam o processo de justificação das faltas, porque a profª. tem ainda um dia para faltar. pareceu-me que era um dos dias de férias não gozadas.

16.57 (14) - GCD - Eu

Depois do telefonema a PCD regressa para ao pé de mim. Pega novamente no livrinho sobre o inventário. Lê mais alguns excertos. Mostra-me umas folhas de inventário dos grupos disciplinares, dizendo que essa parte do inventário está actualizada. Voltamos a debater questões sobre numeração, sistemas de registo (antigo e novo, este de acordo com o programa informático), a melhor maneira de fazer a transição de sistemas. Ela refere que o que está mal é não haver formação do pessoal para essas questões. A PCD volta a ligar o programa informático e pesquisa o seu funcionamento.

17.11 (-1) - GCD - [nome de profª - 24]

À porta do gabinete aparece uma profª... Dirige-se à PCD. Vem apenas cumprimentá-la e saber como é que ela está de saúde. Entretanto a profª. comenta que não vai dar o intervalo aos miúdos que é para eles saírem mais cedo, para não irem de noite.

17.11 (9) - GCD - Eu

Depois da profª. [nome - 24] ter ido embora, nós retomamos conversa sobre o inventário. Ela comenta que não obstante ter os dados todos, o facto de o sistema de identificação dos bens ter sido alterado vai tornar o trabalho de elaboração do inventário mais complicado.

17.20 (1) - GCD - [nome de fsa - 4]

A funcionária [nome de fsa - 4] aparece à porta do gabinete. Traz alguns documentos que entrega à PCD e vem, também, saber se um determinado documento já está assinado. A PCD diz-lhe que pensa que sim. Diz-lhe para ir ver em cima da sua secretária. A funcionária vai ver em cima da secretária da PCD. Esta continua sentada na minha mesa.

17.20 (1) - GCD - [nome de aae - 6]

Na mesma altura surge também a funcionária [nome de aae - 6] (do bar da sala de professores). Trocam algumas palavras sobre o exame que a funcionária foi fazer para um concurso.

17.21 (-1) - GCD - [nome de fsa - 4]

A funcionária [nome de fsa - 4] está junto à secretária da PCD. Mexe nos papéis que se encontram na mesa. A PCD pergunta-lhe se o documento já está assinado ou não. Aquela diz-lhe que sim. Encontrou-o e regressa para ao pé de nós. Está de pé. A PCD continua a tratar dos papéis que aquela lhe trouxe. Está sentada na mesa do computador.

17.21 (1) - GCD - [nome de aae - 6] - [nome de fsa - 4]

A funcionária [nome de aae - 6] dirige-se à PCD. Vem informar que no dia seguinte não vem trabalhar porque tem uns exames para concurso, outra vez. A funcionária [nome de fsa - 4] continua dentro do gabinete à espera, no meio do gabinete.

-----  
 17.22 (1) - GCD - Eu - [nome de fsa - 4]

A PCD, enquanto vai assinando documentos, fala para mim dizendo que era a funcionária que tinha saído do gabinete, referindo à funcionária [nome de aae - 6].

-----  
 17.23 (1) - GCD - [nome de fsa - 4]

Entretanto a PCD está com a D. [nome de fsa - 4]. Assina alguns documentos que esta lhe tinha trazida. Ofícios para enviar no correio do dia. A funcionária diz-lhe que a CSA pediu que ela levasse a pasta vermelha do despacho. Procura mas não encontra. A PCD diz-lhe que se calhar já alguém a levou. A PCD dá algumas indicações à funcionária sobre os procedimentos a realizar a propósito de um ofício.

-----  
 17.24 (6) - GCD - Eu

Depois da saída da funcionária [nome de fsa - 4] continuamos a nossa conversa sobre o inventário. Explica-me como teve conhecimento da obrigação de enviar o inventário. Foi através dos indivíduos que vendem o programa informático. Depois como acabam o mandato no corrente ano, decidiram que a questão do inventário deveria ficar resolvida.

-----  
 17.30 (4) - Lav. - ---

A PCD sai do gabinete e vai aos lavabos. Enquanto isso eu vou para a SPF fumar um cigarro.

-----  
 17.34 (1) - SPB - Professores

Na sala de professores a PCD, sentada numa mesa, conversa com duas colegas que nesse momento estão a tomar chá. Conversam sobre vendas por catálogo. Em cima da mesa encontram-se alguns catálogos.

-----  
 17.35 (2) - Porta do GCD - Eu

Depois do toque de entrada, a sala esvazia-se e eu aproximo-me da PCD quando esta se dirige para o gabinete. Conversamos sobre o horário dela e sobre como organizar as coisas para o dia seguinte. Estamos à porta do gabinete e consultamos o horário dos membros do CD que se encontra afixado na porta. Ela diz-me que no dia seguinte a VPCD também não vem. Como é quarta feira pergunto-lhe se têm reunião do CD. Ela diz-me que são reuniões informais. Não têm convocatória. É mais uma troca de opiniões.

-----  
 17.37 (8) - GCD - Eu

A PCD e eu continuamos a nossa conversa agora no gabinete. Ela aparentemente não tem tarefas a realizar. Estamos apenas na conversa. Como eu referisse esse aspecto, ela diz-me que é conversa e não é conversa. É também trabalho porque é uma coisa que a está a preocupar e assim aproveita a minha presença para trocar opiniões sobre as questões do inventário. Conversamos ainda sobre a questão do terminus do mandato e da sua disposição de não apresentar lista. Diz que não se importa que o seu nome seja designado, mas que lista não está muito disposta a fazer. Relata depois algumas situações que a têm desagradado resultantes da pouca disponibilidade da SCD para o CD e que resultam da situação de saúde da mãe. Também em relação à CSA a PCD relata algumas deficiências.

-----  
 17.45 (1) - GCD - CSA

Aparece no gabinete a CSA. Vem saber se os documentos que eram para assinar e enviar pelo correio já estavam prontos. Como ainda não estavam ficam para ser enviados no dia seguinte.

-----  
 17.46 (39) - GCD - Eu

Continuamos com a conversa. Continuamos a nossa conversa. A PCD não está ocupada com trabalho nenhum. Apenas na conversa comigo. Na linha da conversa que estávamos a ter a PCD explicou-me que não se sentia muito à vontade para formar uma lista e não convidar de novo a SCD. Se for designada já não é a mesma coisa. A certa altura diz que até não se importava de não ser presidente e ocupar outro cargo no CD. A PCD refere mais alguns aspectos que a desagradaram, nomeadamente a questão da marcação das férias. Seguidamente conversamos sobre a questão da elaboração dos horários.

-----  
 18.25 (2) - GCD - [nome de aae - 7]

A funcionária [nome de aae - 7] vem ao gabinete falar com a PCD sobre a questão das senhas da papelaria. Vem informar a PCD da forma como procedeu ao registo das vendas de senhas.

-----  
 18.27 (3) - GCD - Eu

A funcionária saiu do gabinete. A PCD conversa comigo enquanto vai arrumando as coisas para deixar o gabinete.

-----  
 18.30 (11) - GCD - [nome de profª - 26]

Aparece no gabinete uma DT. a profª. [nome - 26]. Pede licença para entrar e conversa depois com a PCD. A profª. vem colocar uma questão relativa a uma aluna da sua direcção de turma. Trata-se de uma aluna que está matriculada pela terceira vez no 7º ano e que ela achava de devia ter apoio. As duas conversam sobre o assunto. A PCD

procura os documentos de avaliação do ano anterior e analisam as suas a situação da aluna. Verificam que do ponto de vista processual-legal a situação está conforme. Entretanto a PCD ficou de apresentar o problema à prof. [nome - 23] do Ensino Especial.

-----  
18.41 (6) - GCD - Eu

Depois da prof. [nome - 26] ter saído a PCD continua a arrumar as suas coisa. Entretanto conversamos sobre o ritmo de trabalho daquela tarde. A PCD diz-me que por vezes é mais intenso, quando tem assuntos sobre o pessoal a tratar. Prefere trabalhar no gabinete, que é mais calmo, do que nos SA. De vez em quando vai também dar "uma volta ao redondo". Quanto às questões de comportamento dos alunos, raramente vai lá fora. Eles são trazidos ao gabinete pelas funcionárias.

-----  
18.47 (2) - SPB - [nome de prof. - 2]

A PCD quando vai a passar junto do placard onde se encontra o calendário das reuniões de avaliação fala com uma colega que no momento se encontrava a tirar as datas das suas reuniões. Pergunta-lhe se não há coincidências na marcação das reuniões.

-----  
18.49 (5) - SPB - Eu

A PCD passeia pela sala de professores, vai à sala de fumo. Faz uma inspecção visual sobre a arrumação, as janelas das duas salas. Enquanto isso vamos conversando, ainda sobre o inventário. O que deve ou não ser inventariado daquilo que se encontra na sala de professores. Falamos também sobre o almoço de natal. A PCD diz-me que os que aparecem no almoço são aqueles professores que têm reuniões nesse dia. Os outros geralmente não aparecem.

-----  
18.54 (2) - GCD - Eu

A PCD entra no gabinete e vai mostrar-me como funciona o sistema de aviso, para o acesso ao GCD. Falamos a propósito do prof. [nome - 15]. Ao procurar um documento para me indicar a idade do prof. depara com documentos relativos a estatísticas pedidas pelo Ministério. Trocamos algumas opiniões sobre essas estatísticas. Ela faz um comentário desfavorável sobre os pontos dos alunos da sua turma. Combinamos a entrada na escola no dia seguinte.

-----  
18.56 (-1) - Átrio - [nome de aae - 2] - Eu

Saímos do gabinete. A PCD vai fechando as portas das diversas salas. Vamos andando pelo corredor.

-----  
18.56 (1) - Pátio - Eu

Saímos do pavilhão. Vamos a atravessar o pátio em direcção à saída da escola.

-----  
18.57 (3) - Fora da Escola - Eu

Estamos fora da escola, continuamos a conversar. A PCD refere a sua condição de mulher e as dificuldades de ter dois trabalhos, um em casa e outro na escola. Depois refere a situação profissional do marido.

## **B) 2º DIA - TERÇA FEIRA - 03 DEZ 1996**

pcd102b

3/12/96 (TERÇA FEIRA) - 09h 01m - 20h 18m - ESCOLA A

OBSERVAÇÃO DA ACTIVIDADE DIÁRIA DA PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

-----  
09.01 (1) - Portaria - --

A PCD entra na escola. Na Portaria não se encontra ninguém.

-----  
09.02 (9) - SPB - Professores

A PCD dirige-se directamente para a sala de professores. Na sala de professores conversa com colegas que lá se encontram a tomar o café da manhã.

-----  
09.11 (9) - SPB - [nome de prof. - 27]

A PCD troca impressões com a del. de História do 2º ciclo sobre o ponto escrito que fez no dia anterior à turma. Trocam ideias sobre as dificuldades que os alunos têm tido na disciplina de História.

-----  
09.20 (50) - Aula - Turma 5ºG

Dá o toque de entrada. A sala de professores começa a esvaziar-se. A PCD vai dar uma aula. Aula de História à turma 5ºG

-----  
 10.10 (5) - Pátio - Alunos

No caminho para a sala de professores a PCD detém-se à entrada do pavilhão central para conversar com a funcionária. Esta faz-lhe algumas queixas de alguns alunos que se encontram ali mesmo à entrada. Diz que eles se empurraram uns aos outros e que ainda magoam os mais novos. A PCD conversa com eles procurando convencê-los que aqueles não são comportamentos que devam ter.

-----  
 10.15 (5) - SPB - Professores

A PCD dirige-se depois directamente para a sala de professores. Coloca a chave da sala e o livro de ponto nos lugares respectivos, e integra-se na grande confusão de conversas que existe na sala. A sala está completamente cheia.

-----  
 10.20 (6) - Bar (Fora) - [nome de prof. - 14] - [nome de prof. - 28] - [nome de profª - 29] - [nome de profª - 30]

A PCD e os professores [nome - 14], CDT/2°C, [nome de prof. - 28], [nome de profª - 30] e [nome - 29] saem e vão tomar café fora da escola. Ao bar da esquina, junto ao pequeno parque de estacionamento junto à escola.

-----  
 10.26 (1) - SPB - VPCD

A PCD de regresso à escola dirige-se, com alguns colegas para a sala de professores. Alguns deles já não tinham mais aulas. Encontra a VPCD e conversa com ela durante alguns momentos.

-----  
 10.27 (4) - SPB - Professores

Seguidamente ainda na sala de professores a PCD interpela alguns professores, membros do CP perguntando-lhes e pedindo-lhes as suas propostas de actividades para o PAA da Escola.

-----  
 10.31 (2) - SPB - [nome de profª - 31] - [nome de profª - 7]

A PCD conversa com as profª. [nome - 31] e [nome - 7] sobre a participação da escola no encontro Educação e Desenvolvimento promovido pela Câmara Municipal de [nome de povoação - 6]. Aquelas professores estiveram a dar-lhe conta de como tinha corrido da sua intervenção naquele encontro a propósito da mediateca Escolar.

-----  
 10.33 (1) - SPB - [nome de profª - 32] - VPCD

Entretanto a profª. [nome - 32] aproxima-se para falar com a PCD. Está presente também a VPCD que entretanto tinha entrado na sala de professores. A profª. [nome - 32] queixa-se pelo facto de ter sido indicada para secretariar uma reunião de notas, quando ela própria era Directora de Turma de duas turmas. Vinha apresentar o seu protesto. A VPCD disse-lhe que era por ela saber fazer muito bem actas.

-----  
 10.34 (6) - GCD - Eu

A PCD encontra-se no gabinete. Conversamos e ela indica-me que fez até à minha chegada. Encontra-se a arrumar as coisas em cima da secretária para começar o trabalho de escritório.

-----  
 10.40 (3) - GCD - [nome de profª - 33]

Toca a campainha do gabinete. Entra no gabinete a profª. [nome - 33], Directora de Turma do 5ºG. Vem entregar a acta da reunião com os encarregados de educação. A PCD fala-lhe na turma e nas dificuldades que os alunos têm à disciplina de História. Conversam durante alguns momentos sobre a situação da turma. A profª. [nome - 33] diz que falou com uma e. educação pelo telefone por causa de uma miúda que vem mal preparada da primária.

-----  
 10.43 (2) - GCD - [nome de fsa - 3]

Entra no gabinete a funcionária [nome de fsa - 3] (Teseoureira). Traz um documento para a PCD assinar, porque reparou que tinha falhado quando da PCD tinha assinado outros. A PCD assina o documento e a funcionária sai do gabinete.

-----  
 10.45 (5) - GCD - Eu

Novamente os dois sozinhos, retomamos a nossa conversa. Ela põe-me a par das actividades desenvolvidas.

-----  
 10.50 (1) - GCD - Eu - [nome de profª - 7]

Seguidamente a PCD levanta-se da mesa onde nós os dois estávamos e dirige-se para a sua secretária. Entretanto entra na sala a profª. [nome - 7]. Vinha pedir autorização para retirar uns cartazes dos placardes para ela colocar os delas, que tinham sido previamente aprovados no CP, e para não criar conflitos com a del. de Matemática ela veio pedir autorização. A PCD diz-lhe que não há problemas e que fala depois coma a colega.

-----  
 10.51 (4) - GCD - [nome de aae - 9]

Entra no gabinete o funcionário [nome de aae - 9]. Vem saber se a PCD sabe alguma coisa sobre o carpinteiro, por causa das portas. Diz que agora não há dobradiças, para o arranjo das portas. Conversam sobre o arranjo de umas portas das salas de aula.

-----

10.55 (-1) - GCD - Eu

Logo que o funcionário [nome de aae - 9] deixa o gabinete a PCD fala para mim. Diz-me que aquele é o Sr. [nome de aae - 9] Eu perguntei-lhe se já tinha recebido telefonemas hoje. disse-me que não.

10.55 (2) - GCD - [nome de aae - 7]

Batem à porta. Trata-se da funcionária [nome de aae - 7] que vem dizer que fez um apanhado do movimento da papelaria para entregar à SCD. A PCD conversa com ela sobre o movimento verificado na papelaria. A PCD vê o registo que ela fez e diz-lhe que pode entregar já à D. [nome de fsa - 5] dos SA, porque a SCD só vem na semana seguinte.

10.57 (3) - GCD - Eu

A PCD presta-me algumas informações sobre os últimos contactos... e Depois senta-se à secretária a elaborar alguns memorandos para os SA. Trata-se de questões relacionadas com os pagamentos.

11.00 (-1) - GCD - ---

Toca o telefone. A PCD levanta-se do seu lugar e atende. Ninguém responde do outro lado, ela desliga.

11.00 (3) - GCD - Eu

Senta-se novamente e continua a escrever os memorandos sobre pagamentos de vencimentos para os SA.

11.03 (-1) - GCD - [nome de aae - 8]

A PCD faz uma ligação telefónica (+), para uma funcionária, para lhe dar os parabéns. É o dia de aniversário da funcionária.

11.03 (7) - GCD - ---

Depois do telefonema a dar os Parabéns à funcionária, a PCD continua sentada à sua secretária a escrever os memorandos.

11.10 (-1) - GCD - [nome de fsa - 5]

A PCD comunica, pelo, intercomunicador, com os SA para que lhe tragam o processo individual da profª. [nome - 25]. Para a D. [nome de fsa - 1] lhe trazer esse processo.

11.10 (5) - GCD - ---

A PCD retoma o trabalho que estava a fazer. Depois do pedido continua sentada à sua secretária a tratar dos memorandos.

11.15 (7) - GCD - [nome de fsa - 1]

Entra no gabinete a funcionária [nome de fsa - 1] que traz o processo individual pedido pela PCD. Processo da profª. [nome - 25]. A PCD e a funcionária analisam a situação daquela profª. e de outras no respeitante à mudança de escalões. A certa altura a D. [nome de fsa - 1] diz à PCD que no dia seguinte necessita de falta para ir fazer um exame num concurso. A PCD começa depois a falar sobre o preenchimento de uns impressos de estatísticas no âmbito do projecto Transculturais. Mostra o rascunho que já tem feito e apresenta-lhe algumas dúvidas sobre como preencher outros espaços... As duas continuam a analisar um documento de foi enviado pelo Ministério, em termos do seu preenchimento. Trata-se de impressos estatísticos sobre o domínio de línguas por parte dos docentes (Transculturais). Vêm a partir do rascunho de preenchimento feito pela PCD, os professores um a um. Discutem entre si sobre a melhor forma de passar o documento a limpo. Se à mão, se à máquina.

11.22 (-1) - GCD - CDT/2°C

Entra no gabinete a CDT/2°C. Fica um bocado na entrada à espera. Nesse momento a PCD continua a tratar de assuntos de vencimentos com a funcionária [nome de fsa - 1]. Vai-se embora sem ter falado com a PCD.

11.22 (3) - GCD - [nome de fsa - 1]

A PCD continua a falar com a funcionária [nome de fsa - 1]. Depois de terem acordado sobre a maneira de passar a limpo o documento, a PCD muda de assunto. A PCD lê um ofício que pede o preenchimento de outra estatística, esta relativa aos alunos, no âmbito do projecto "Interculturais". Vai enumerando os quadros que não são para a escola preencher. No final indica apenas alguns quadros que a escola tem de preencher relativamente à origem cultural dos alunos. Seguidamente conversam ainda sobre alguns outros trabalhos em curso nos serviços administrativo.

11.25 (-1) - GCD - [nome de profª - 34]

Batem à porta. Entra no gabinete a profª. [nome - 34]. Vem entregar a proposta de actividades do grupo para o PAE. Entrega apenas o documento e vai-se logo embora.

11.25 (5) - GCD - VPCD

Entra no gabinete a VPCD. A PCD e a VPCD conversam sobre vários assuntos. A PCD refere que vai pedir pessoalmente às pessoas que entreguem as propostas de actividades para o PAA. A PCD expõe à VPCD toda a situação da aluna que tinha sido colocada pela DT, profª. [nome - 26], no dia anterior.

-----  
11.30\* (-1)- GCD - VPCD

*A VPCD sai do gabinete voltando a entrar logo de seguida. Nesse momento dá o toque de campainha para a entrada.*

-----  
11.30 (2) - GCD - ---

A PCD encontra-se no momento sentada na sua secretária a ler uns documentos (correio). Depois levanta-se e dirige-se para a secretária da VPCD.

-----  
11.32 (-1) - GCD - [nome de prof. - 35]

O prof. [nome - 35] entra no gabinete. Diz que vem buscar um documento. Trata-se do original da proposta de actividades dos grupos de E.Física, para o PAA. Diz que o documento está incompleto. Falta incluir algumas actividades. Acrescenta que depois vem entregar a versão definitiva. Fala com a PCD, e sai de seguida do gabinete.

-----  
11.32 (1) - GCD - VPCD

A PCD mostra e entrega um documento à VPCD. Trata-se de um modelo de registo para as Aulas de Apoio Pedagógico. Pergunta-lhe a sua opinião. Falam durante alguns momentos sobre o desenho do impresso. (trata-se de uma proposta de impresso feito pela PCD, em casa).

-----  
11.33\* (2) - GCD - VPCD

*A VPCD senta-se na mesa do computador e começa a reproduzir num documento do Word o impresso que a PCD lhe deu.*

-----  
11.33 (2) - GCD - (...)

A PCD regressa para a sua secretária e continua a ler o correio. Isto durante o período de tempo em que a VPCD está ao computador.

-----  
11.35 (-1) - GCD - ---

A PCD sai da sua secretária e vem para a mesa do computador. A VPCD levanta-se e a PCD senta-se a escrever. Continua a fazer o que a VPCD estava na altura a fazer, isto é, a grelha que anteriormente tinha mostrado à VPCD e que esta estava a visualizar no computador.

-----  
11.35\* (-1) - GCD - VPCD

*A VPCD sai do gabinete durante alguns momentos. Volta a entrar e senta-se junto da PCD, ao pé do computador.*

-----  
11.35 (1) - GCD - VPCD - Eu

No gabinete encontram-se a PCD e a VPCD. A primeira está sentada ao computador. A VPCD encontra-se na sua mesa de trabalho. A PCD está a trabalhar a grelha que a VPCD tinha começado a fazer a partir do documento trazido pela PCD. Regista-se um certo barulho no piso de cima. Cadeiras e mesas a arrastarem-se.

-----  
11.36 (1) - GCD - Eu

Eu: Bom, vou ter de ir tomar um café... daqui a bocado estou a dormir...

PCD: Vai... tomar um cafezinho...

-----  
11.37 (13) - GCD - PCD - VPCD

A PCD e a VPCD encontram-se em volta do computador. A PCD está a trabalhar na grelha - ficha de registo para as Aulas de Apoio Pedagógico. Elas trocam informações e opiniões sobre como deve ser a ficha, à medida que a vão construindo. Pelo meio vão conversando também sobre programas de informática (processadores de texto). Continuam as duas concentradas na ficha que estão elaborando. Estudam o número de linha e colunas que devem constar na ficha, bem com os títulos a dar às colunas.

-----  
11.46\* (1) - GCD - CSA

*A CSA entra no gabinete, traz um molho de papéis que deixa em cima da mesa da PCD. Trata-se do correio desse dia. Depois sai de imediato.*

-----  
11.47 (-1) - GCD - VPCD

A PCD põe a impressora a funcionar a tirar um exemplar da ficha que estiveram a elaborar. A VPCD continua ao seu lado.

-----  
11.50\* (1) - GCD - VPCD

*A VPCD faz um telefonema para a [nome da SCD] a saber como é que ela está. Pergunta-lhe como a mãe dela passou a noite. Falam durante alguns momentos.*

-----  
11.50\* (1) - GCD - [nome de aae - 10]

*Entra a funcionária [nome de aae - 10] que vem trazer alguns documentos que coloca em cima da mesa da VPCD. A VPCD que nesse momento se encontra a discar um número de telefone, agradece-lhe.*

-----  
11.50 (2) - GCD - VPCD

*Depois do telefonema a VPCD dirige-se à PCD informando-a do que a SCD tinha dito, a propósito da situação da mãe. A Mãe da SCD está internada para ser operada. A PCD está no meio da sala, de pé, esperando que o documento seja impresso.*

-----  
11.52 (3) - GCD - VPCD

*O documento acabou de ser impresso e as duas, a PCD e a VPCD conversam entre si sobre o resultado do trabalho que tiveram a fazer. Seguidamente, e tendo comprovado que tudo estava bem, a PCD pôs a tirar 34 cópias.*

-----  
11.55 (2) - GCD - VPCD

*Conversam sobre a situação de saúde da mãe da [nome da SCD] e das dificuldades que tem sido para esta o acompanhamento da mãe. Enquanto isso a VPCD está sentada na sua secretária agraphando documentos. A PCD está de pé, no meio da sala.*

-----  
11.55 (3) - GCD - ---

*Entretanto a PCD dirige-se para a sua secretária, senta-se e começa a ver novamente o correio, enquanto a impressora vai debitando as cópias do documento que tinham feito. A PCD lê o correio e outros documentos que a CSA lhe tinha posto na secretária, momentos antes.*

-----  
11.58 (1) - GCD - VPCD

*Cada uma está sentada na sua secretária (as secretárias encontram-se frente a frente, viradas uma para a outra). A PCD lê o correio e a VPCD continua a agraphar documentos. A conversa passa a ter por assunto a questão do APA. A VPCD recomenda que na reunião dos DT a PCD diga aos DT que vejam bem a indicação dos alunos para o APA. Que indiquem apenas os que têm algumas possibilidades, não ponham aqueles que nem às aulas vão.*

-----  
11.59 (1) - GCD - [nome de prof<sup>a</sup> - 34] - VPCD

*Batem à porta. É a prof<sup>a</sup>. [nome - 34], del. de E.Física/2°C. Traz uns documentos para a PCD assinar. Mostra o seu descontentamento pela exiguidade da verba com que o grupo foi contemplado., e que ainda ia ver bem como é que ia ser a questão da equipa (do desporto escolar). A VPCD pergunta, entretanto, à PCD se ainda não tinha vindo a informação sobre o material que o Ministério tinha para os grupos poderem fazer os seus pedidos. A PCD responde-lhe que já tinham vindo. Levanta-se do seu lugar e entrega umas listas de material à VPCD.*

-----  
12.00 (3) - GCD - VPCD

*A VPCD consulta um documento sobre a distribuição dos créditos horários para as actividades de clubes e núcleos. As duas conversam sobre esse problema. A VPCD informa a PCD da distribuição que tinha feito das horas de crédito horário. A PCD concorda com a distribuição.*

-----  
12.03 (1) - GCD - VPCD

*A PCD que se encontrava na sua secretária a tratar de papéis diz que vai ao bar ver se come qualquer coisa. Passado alguns momentos a PCD saiu do gabinete e foi para a sala de professores (Bar).*

-----  
12.04 (4) - SPB - [nome de prof<sup>a</sup> - 34] - VPCD - Professores

*Na sala de professores encontram-se duas ou três professoras. A PCD conversa com a prof<sup>a</sup>. [nome - 34]. A VPCD aparece depois também na sala de professores. Vários professores conversam com a PCD sobre a questão das fichas de inscrição para acções de formação.*

-----  
12.08 (3) - SPB - [nome de prof<sup>a</sup> - 2]

*Chega entretanto a prof<sup>a</sup>. [nome - 2]. Começa a conversar com a PCD sobre questões relacionadas com a progressão nos escalões da carreira. Conversam também sobre a ausência de formação das saídas profissionais para os alunos.*

-----  
12.11 (3) - SPB - ---

*Alguns minutos depois a sala fica vazia. Apenas dois ou três professores continuam na sala. A PCD enquanto espera pelas torradas que pediu, senta-se numa poltrona e lê o jornal.*

-----  
12.15 (3) - SPB - [nome de prof<sup>a</sup> - 2] - VPCD - Eu

Outras professoras vêm sentar-se nas poltronas e sofás, perto da PCD. Começa-se a falar do estado de saúde de uma colega, prof<sup>a</sup>. [nome - 1], que se encontra internada. Falam também da situação de saúde de uma outra colega.

12.18 (1) - SPB - [nome de aae - 6]

Toca o telefone que a funcionária [nome de aae - 6] atende. Depois diz que está um senhor da rodoviária que quer falar com alguém do CD. A PCD continua na conversa com os colegas. É a VPCD que responde à funcionária [nome de aae - 6] dizendo-lhe que o senhor entre que ela vai atendê-lo.

12.19 (5) - SPB - [nome de prof<sup>a</sup> - 2] - VPCD - Eu

A conversa entretanto tinha mudado de rumo. A prof<sup>a</sup>. [nome - 2] fala sobre o desaparecimento de alguns slides. Ela fala em ir conferir o material do grupo. A PCD refere a questão do inventário, dizendo para a VPCD que tinham ali muito trabalho para fazer. Disse ainda que ia telefonar para a DGPE para eles enviarem o manual de prático de inventário cuja edição se encontrava prevista na própria Portaria. Depois a conversa muda para a situação do trânsito em Lisboa por causa da conferência internacional sobre a segurança.

12.24\* (-1) - SPB - VPCD - [nome de aae - 6]

*Uma funcionária aparece acompanhada por um senhor (da rodoviária). A VPCD levanta-se e vai atender o Sr.*

12.24 (1) - SPB - [nome de prof<sup>a</sup> - 2] - Eu

Depois da VPCD ir para o gabinete, continua a conversa entre a PCD, a prof<sup>a</sup>. [nome - 2] e uma outra prof<sup>a</sup>... Estão todas sentadas nos sofás à entrada da sala. A PCD folheia um jornal e vai participando na conversa de forma esporádica. Divide a sua atenção pelo jornal e pela conversa. A prof<sup>a</sup>. [nome - 2] continua a falar sobre o desaparecimento dos slides e da questão das listas do material do grupo de História.

12.25 (-1) - SPB - Professores

Toca para a saída. A sala de professores começa a encher. Mais de dezena e meia de professores entram na sala durante os primeiros minutos do intervalo. Os grupos de conversa generalizam-se. O grupo que já estava na sala continua na zona dos sofás.

12.25 (6) - SPB - [nome de prof<sup>a</sup> - 2] - Eu

A conversa do grupo que já se encontrava na sala continua. A PCD refere-se às dificuldades dos alunos da sua turma. A prof<sup>a</sup>. [nome - 2] emite as suas opiniões sobre as dificuldades dos alunos. A conversa evolui para questões relativas à situação da juventude na actualidade, à falta de motivação, à falta de expectativas dos pais, etc.

12.25\* (5) - SPB - Professores

*Dois ou três grupos de professoras, repartidas pelas mesas da sala ou mesmo de pé, conversavam animadamente sobre outros tantos assuntos.*

12.31 (2) - GCD - Eu - VPCD

A PCD entra no GCD. Lá dentro começa a arrumar as suas coisas para deixar a escola. Entretanto conversa comigo. Combinamos a hora de entrada da parte da tarde. No gabinete está também a VPCD.

12.33 (48) - Fora - ---

Almoço em casa

14.21 (2) - Portaria - [nome de aae - 2]

A PCD entra na escola. A funcionária que se encontra de serviço na portaria entrega-lhe uma carta-convite da Junta de Freguesia.

14.22 (8) - GCD - Eu

A PCD dirige-se directamente para o gabinete sem passar pela sala de professores. Em cima da secretária tem uma pasta com documentos sobre o pedido de aposentação de uma colega, que a funcionária dos serviços administrativos da área de pessoal lhe tinha ido lá deixar. Além disso havia ainda algum correio bem como os exemplares dos Diários da República recebidos no dia. Começa por ver primeiro o que é a carta que a Junta de Freguesia enviou. Depois trata de assinar os documentos do pedido de aposentação. Finalmente ocupa o resto do tempo a abrir e ler o Diário da República.

14.30 (-1) - GCD - Eu

A PCD pega numa pasta com documentos e sai do gabinete dirigindo-se para a secretária.

14.30 (2) - SA - [nome de fsa - 2] - CSA



A PCD entrega os documentos do pedido de aposentação da profª. [nome - 24] à funcionária que trata dos assuntos do pessoal. Depois dirige-se à CSA e pede-lhe para ela arranjar os saldos das contas para se poder ver que dinheiro se pode gastar até ao fim do ano.

-----  
14.32 (10) - GCD - Eu

Depois senta-se à sua secretária. Está ocupada em abrir e ler o Diário da República.

-----  
14.42 (4) - GCD - Eu

A PCD levanta-se do seu lugar e vem até aos armários que se encontram ao pé de mim buscar umas pastas de arquivo. Isso para recolher dados necessários ao preenchimento das estatísticas Transculturais.

-----  
14.46 (11) - GCD - Entreculturas

A PCD faz, pelo telefone directo, faz uma chamada telefónica (+) para o Secretariado de Entreculturas, para colocar algumas dúvidas sobre o preenchimento dos impressos. Enquanto espera que a pessoa indicada apreça ao telefone a PCD vai preenchendo os impressos estatísticos. Espera cerca de 5 minutos até que do outro lado tenha resposta.

-----  
14.57 (3) - GCD - Eu

Após o telefonema a PCD explica-me o telefonema. Ao mesmo tempo vai preenchendo os impressos estatísticos naquilo que lhe possível.

-----  
15.00 (2) - GCD - Eu

A PCD continua, agora em silêncio a preencher as estatísticas. Está à sua secretária. Finalmente quebra o silêncio para dizer que a sua parte se encontra feita.

-----  
15.02 (1) - Reprografia - ---

A PCD saiu do gabinete e foi para à Reprografia tirar fotocopia de documentos para poder trabalhar. Eram os documentos sobre a proposta de Equivalente Financeiro.

-----  
15.03 (6) - Lavabos - ---

Seguidamente dirige-se para os Lavabos.

-----  
15.09 (2) - GCD (entrada) - [nome de fsa - 3]

A PCD vem a entrar no gabinete quando é interpelada pela funcionária [nome de fsa - 3]. Aparentemente é um assunto de natureza pessoal. Já que a PCD depois de ouvir as primeiras palavras levou para local mais recatado e longe de mim. Dessa forma não consegui perceber o assunto de que falavam.

-----  
15.11 (1) - GCD - ---

Entretanto depois da funcionária se ir embora, a PCD entrou no gabinete e dirigiu-se para perto da secretária, onde ficou, de pé, a ler um documento que trazia na mão. Tratava-se do ofício do Equivalente Financeiro.

-----  
15.12 (1) - GCD - ---

Seguidamente sai do gabinete e dirige-se mesmo para fora do pavilhão... Apercebeu-se um barulho inusitado na zona de entrada do pavilhão e dirigiu-se para lá. Não interveio no que se estava a passar, ficou a meio do corredor a observar. No local um funcionário já tinha tomado conta da ocorrência. Depois a PCD regressa devagar pelo corredor que conduz ao gabinete. A sala de professores ao lado estava vazia. Entretanto quando está próxima da porta da sala de professores, para e fica à espera que chega ao pé dela um funcionário.

-----  
15.13 (1) - Entrada CD - [nome do guarda]

O funcionário chega ao pé da PCD. A PCD pergunta-lhe o que é que se tinha passado. Este explicou que tinha sido uma briga entre dois alunos. Que já tinha os nomes deles para dar à respectiva DT. A PCD disse-lhe que tinha feito muito bem e depois entrou no gabinete.

-----  
15.14 (1) - GCD - Eu

A PCD entra no gabinete e faz um comentário sobre o que o funcionário lhe tinha estado a dizer. Esclareceu-me que antes tinha ido à Reprografia tirar fotocópias dos impressos sobre o pedido de Equivalente Financeiro, porque gostava de trabalhar com cópias, porque podia enganar-se e assim tinha sempre o original.

-----  
15.15 (3) - GCD - Eu

A propósito deste assunto do Equivalente Financeiro a PCD pega nos documentos e vem para a mesa onde eu estou e passamos a trocar impressões e a analisar em conjunto o assunto.

-----  
15.18 (-1) - Entrada CD - [nome de aae - 11]

Batem à porta. A funcionária [nome de aae - 11] entra no gabinete para fazer uma chamada telefônica a fazer umas encomendas. A funcionária dirige-se ao telefone directo para o exterior e marca a chamada.

-----  
15.18 (5) - GCD - Eu

Depois de funcionária entrar continuamos com a nossa conversa sobre a questão do equivalente financeiro.

-----  
15.23 (-1) - GCD - [nome de aae - 11]

A funcionária [nome de aae - 11] acabou de fazer a chamada que pedira para fazer. Vai a sair, agradece à PCD tê-la deixado fazer as chamadas. Entretanto conversam sobre um problema no termoacumulador. A funcionária infirma a PCD que o termoacumulador se encontra avariado.

-----  
15.23 (-1) - GCD - Funcionária

A funcionária que está de serviço à entrada do pavilhão aparece à entrada do gabinete e pede para falar. Vem avisar que estão uns senhores da Caixa que desejam falar com ela.

-----  
15.23 (2) - GCD - [nome de aae - 11]

A conversa entre a PCD e a funcionária [nome de aae - 11] continua. A funcionária diz para a PCD se ir preparando. Este comentário tem a ver com a próxima aposentação de uma funcionária da cozinha, que por sinal é uma pessoa do agrado dos alunos. Algumas referências menos favoráveis a outra funcionária são feitas pela funcionária [nome de aae - 11]. Depois a funcionária deixa o gabinete. À entrada estão dois senhores da Caixa Geral de Depósitos para serem atendidos pela PCD.

-----  
15.25 (5) - GCD - CGD

A PCD convida os senhores a entrar. Entram no gabinete os dois senhores. Um é por sinal o marido da CSA. Depois dos cumprimentos iniciais a PCD vai à Secretaria chamar a CSA, para estar presente à reunião. Esta reunião tinha sido combinada no dia anterior. Os dois representantes da Caixa Geral de Depósitos vem propor um relacionamento mais próximo entre a Escola e a CGD de [nome de povoação - 1]. Nomeadamente, para o processamento dos vencimentos ser feito pela delegação da CGD de [nome de povoação - 1].

-----  
15.30 (2) - SPB - [nome de prof.<sup>a</sup> - 9]

A PCD conversa com a prof.<sup>a</sup> [nome - 9]. Na sala de professores encontram-se cerca de uma dezena de professores.

-----  
15.32 (3) - SPB - [nome de prof. - 15]

A PCD conversa com o prof. [nome - 15]. Essa conversa decorre a uma das mesas da sala.

-----  
15.35 (10) - Entrada CD/CD - [nome de aae - 12] - Aluno

Quando a PCD se dirige para o gabinete é interpelada por uma funcionária que vinha acompanhada de um aluno. O aluno queixa-se de outros dois alunos que o agrediram. A PCD ouve as queixas. Depois pergunta de que turma são os outros alunos. A PCD procura os horários das turmas. Procura saber onde se encontra a turma indicada pelo aluno. A PCD telefona a pedir para lhe mandarem os alunos indicados pelo aluno queixoso. Como ninguém atende a funcionária presente na sala ofereceu-se para ir ela buscar os dois alunos indicados.

-----  
15.45 (1) - GCD - [nome de aluna - 4] - [nome de aae - 12]

Batem à porta. Trata-se duma aluna que se vem queixar de um colega que lhe anda a bater. A PCD ouve a aluna e depois chama a funcionária [nome de aae - 12] para ela ir buscar o aluno em causa. A Aluna e a funcionária saem do gabinete e dirigem-se para fora do edifício. A PCD mantém-se no gabinete. Senta-se à sua secretária e mexe nalguma papelada enquanto espera.

-----  
15.46 (5) - GCD - [nome de aluno - 6] - [nome de aluno - 7] - [nome de aluno - 8]

Batem à porta. São os dois alunos que a PCD mandou chamar e são objecto da queixa do aluno. A PCD pede a cada um deles que expliquem o que se tinha passado. Os alunos acusam-se mutuamente e discutem razões. Pelas palavras deles a questão tinha começado dentro da sala de aula e depois tinha continuado no recreio.

-----  
15.51 (1) - GCD - [nome de aluno - 5] - [nome de aae - 12]

Batem à porta. A PCD deixa os alunos e dirige-se para a porta. Trata-se do aluno [nome - 5] que foi trazido pela funcionária [nome de aae - 12]. A PCD diz para a funcionária que esperam um bocado que está a tratar de outro caso.

-----  
15.52 (2) - GCD - [nome de aluno - 6] - [nome de aluno - 7] - [nome de aluno - 8]

A PCD fecha a porta e regressa para ao pé dos três alunos. Finalmente a PCD depois de lhes passar um raspanete, conseguiu que eles apertassem as mãos. Os alunos saem do gabinete.

-----  
15.54 (-1) - GCD - CSA

A CSA abre a porta e olha para dentro. Como vê que a PCD está ocupada com os alunos, vai-se embora. Não diz nada.

-----  
15.54 (3) - GCD - [nome de aluno - 5]

A PCD manda entrar o aluno que se encontrava à espera no corredor. Diz-lhe que uma colega se tinha vindo queixar que ele lhe andava a bater. O aluno diz que não, que não bateu. A PCD diz-lhe para ele não se meter com ela e que quando ela o provocar ele não fazer nada, para a compreender. Seguidamente disse que depois ia falar com a aluna. O aluno sai do gabinete.

-----  
15.57 (2) - GCD - ---

Depois do aluno ter saído a PCD senta-se à sua secretária, arruma a papelada que se encontra em cima da secretária. Entretanto faz alguns comentários sobre as duas situações verificadas antes.

-----  
15.59 (1) - GCD - CSA

A CSA entrou momentos antes no gabinete. Vem trata das contas: ver com a PCD qual a situação dos saldos, tal como tinha sido pedido pela PCD. As duas embrenham-se na discussão de aspectos relacionados com as finanças da escola.

-----  
16.00 (6) - GCD - CSA

A PCD e a CSA discutem a questão do horário e da pontualidade da funcionária [nome de fsa - 4]. Discutem estratégias a adoptar para resolver o problema.

-----  
16.06 (13) - GCD - Eu

Depois da CSA ter abandonado o gabinete, a PCD senta-se na sua secretária e enquanto está ocupada a fazer ras-cunho de ofícios, comenta para mim a conversa anterior. Diz que aquele assunto era um assunto que devia ser resolvido pela CSA, mas que como ela já facilitado já não tinha maneira de ter mão na questão. Até ao toque da campainha, a PCD trabalhou em silêncio. Sentada na sua secretária esteve a escrever documentos.

-----  
16.19 (5) - GCD - [nome de fsa - 6]

Toca a campainha. A PCD deve ter carregado no botão verde porque logo de seguida uma funcionária administrativa entrou no gabinete. Era a funcionária [nome de fsa - 6]. Vinha colocar umas dúvidas à PCD sobre a questão da atribuição de dias de férias suplementares em função da idade.

-----  
16.24 (4) - GCD - [nome de fsa - 6] - Eu

A PCD continua a tratar da questão da marcação de férias. Pergunta a minha opinião sobre o assunto. Levanta-se da sua secretária e vem colocar-se no centro da sala. Permanece de pé enquanto fala comigo. A certa altura pede à funcionária que vá aos SA buscar uma circular. A funcionária [nome de fsa - 6] sai do gabinete e vai buscar a circular pedida pela PCD.

-----  
16.28 (1) - GCD - Eu

Depois da funcionária [nome de fsa - 6] ter saído, a PCD que se encontrava sentada à sua secretária continua a falar sobre a questão da marcação das férias.

-----  
16.29 (8) - GCD - [nome de fsa - 6]

Entretanto a funcionária [nome de fsa - 6] regressa ao gabinete com a circular que tinha sido pedida pela PCD. Entrega-lhe o documento e ela começa a ler a circular. A PCD explica à funcionária o que deve fazer e dizer aos professores que lhe colocarem o problema dos dias suplementares de férias devido à idade. Depois disso a funcionária [nome de fsa - 6] abandona o gabinete.

-----  
16.37 (5) - GCD - Eu

A PCD depois da funcionária [nome de fsa - 6] ter saído comenta a situação que esteve a tratar. Novamente refere que esta era um assunto para a CSA resolver, explicando à funcionária o que ela própria tinha dito. Entretanto vai tratando de preencher um inquérito sobre os alunos. É o inquérito de Entreculturas.

-----  
16.42 (1) - GCD - [nome de profª - 36]

Batem à porta. Trata-se da profª. de E.Física que vem perguntar se pode marcar uma saída com uma equipa do Desporto Escolar para o dia seguinte, para o Sacavenense. Explica a situação. a PCD diz que sim. A profª. informa-a de que já está tudo tratado, em termos de procedimentos legais. A profª. [nome - 36] sai do gabinete.

-----  
16.43 (-1) - GCD - Eu

Após a saída da profª. [nome - 36] a PCD diz que está na hora de ir comer qualquer coisa.

-----  
16.43 (8) - SPB - Professores

Saimos do gabinete e vamos para a Sala de Professores (Bar). Tinha tocado para a entrada há cerca de três minutos. Ainda havia alguns professores na sala de professores que nesta altura começam a abandonar a sala dirigindo-se para as salas de aula. A PCD dirige-se para o balcão do bar. Faz o pedido à funcionária [nome de aae - 6]. Depois entretém-se a fazer a limpeza dos papéis afixados nos placardes. Tira alguns, que já estão desactualizados. Arruma os restantes. Na sala encontram-se 4/5 professores conversando, sentados a uma das mesas redondas. Na sala de fumo estão três professores que se encontram ocupados com actividades diversas. Um, aparentemente preparada materiais para uma aula. Uma prof.<sup>a</sup>, talvez DT, consulta um dossier de turma. A outra prof.<sup>a</sup> lê um livro.

-----  
16.51 (8) - SPB - Professoras

A PCD encontra-se agora junto ao balcão. Come uma torrada e bebe um chávena de chá. Conversa com duas colegas. Conversam sobre o Ensino Superior. A PCD relata a sua experiência enquanto aluna de mestrado da Universidade Católica. Mostra-se muito critica sobre a forma de tratamento dado por aquela Universidade aos alunos em termos de propinas de prazos. As três ocupam uma mesa redonda, aliás a única que se encontra ocupada, e conversam sobre o Ensino Superior Privado. Passados alguns minutos ela levanta-se da mesa e dirige-se para a saída da sala de professores.

-----  
16.59 (1) - SPB - Eu

Quando ela vai a passar junto ao Placard onde se encontra afixado ainda a informação sobre o inquérito aos alunos do 2º ciclo. Eu pergunto-lhe se já tem a relativa ao 3º ciclo. Diz que não.

-----  
17.00 (4) - GCD - Eu

Entramos no gabinete. A PCD retoma o seu trabalho de preenchimento dos impressos estatísticos da Entreculturas. Enquanto isso vai falando sobre a Universidade Católica e da sua experiência enquanto aluna de mestrado. Critica fortemente a questão das propinas e o sistema de cobrança.

-----  
17.04 (1) - GCD - [nome de fsa - 3]

Batem à porta. É a funcionária [nome de fsa - 3] que vem pedir para enviar um fax. A PCD continua sentada à sua secretária a preencher os impressos estatísticos da Entreculturas. A funcionária [nome de fsa - 3] trata do envio do Fax. De pois sai do gabinete. Durante este tempo a PCD continua sentada, ocupada com a sua tarefa.

-----  
17.05 (2) - GCD - Eu

Depois de a funcionária ter saído e sem interromper o que estava fazendo a PCD comenta o facto de apenas a CSA não saber trabalhar com o Fax.

-----  
17.07 (3) - Corredor - CPAE

A PCD levanta-se do seu lugar e vai até à porta. Do corredor chama pela CPAE. Chama duas vezes. Depois sai mesmo e vai ter com a CPAE para ver se se arranja algum funcionário para ficar até mais tarde na escola, porque a reunião dos directores de turma irá para além da hora de fecho normal da escola que é às sete. Depois volta para o gabinete.

-----  
17.10 (27) - GCD - Eu

A PCD está sentada à sua secretária ocupada a preencher os impressos da estatística dos alunos da Entreculturas. Pelo meio vamos conversando, esporadicamente, ora sobre a origem dos alunos, étnica e sócio-económica, ora sobre a recolha de estatísticas e os departamentos do Ministério. Ela esclarece-me que o preenchimento de impressos de estatística era sempre feito por ela. Ao menos assim não corria o risco de as coisas serem devolvidas, por ficarem mal preenchidas.

-----  
17.27 (-1) - GCD - CPAE

A CPAE assoma à porta do gabinete. Vem dizer à PCD que já conseguiu arranjar alguém para ficar até mais tarde na escola, por causa da reunião do conselho de directores de turma.

-----  
17.27 (8) - GCD - Eu

A PCD continua com as suas contas sobre os dados estatísticos relativos às origens culturais dos alunos e à medida que vai fazendo isso vai dizendo em voz alta os resultados. A certa altura a PCD levanta-se do seu lugar e vai buscar uma pasta ao armário atrás da mesa onde eu estou sentado. Depois volta a sentar-se à sua secretária. Continua a preencher os impressos. Fazendo contas para apurar os resultados globais.

-----  
17.35 (-1) - GCD - Eu

Tocou a campanha para a saída. A PCD continua ocupada com o trabalho de estatística da Entreculturas.

-----  
17.35 (1) - GCD - Eu

A PCD anuncia que terminou o trabalho de preenchimento das estatísticas Entreculturas. Levanta-se mostra-me o que tinha feito. Depois a PCD volta para perto da sua secretária. Aparentemente não tem mais tarefas para fazer. Mexe nalguns papéis que se encontram nas secretárias.

-----  
17.40 (9) - GCD - Eu

A PCD encontra o documento que foi elaborado pela CDT/2°C, a partir dos inquéritos feitos aos alunos do 5º e 6º anos. Analisa o documento e vai falando em voz alta sobre as conclusões a que vai chegando. A PCD está sentada à secretária analisando os restantes resultados do documento.

-----  
17.45\* (-1) - GCD - ---

*Dá o 2º toque de entrada.*

-----  
17.45 (3) - GCD - Eu

A PCD continua sentada na sua secretária. Põe o documento de lado e conversa comigo. Conversamos sobre o meu trabalho.

-----  
17.48 (-1) - GCD - ---

Toca o telefone. A PCD atende. Volta a poisar porque entretanto não obteve resposta do outro lado da linha.

-----  
17.48 (5) - GCD - Eu

Continuamos a conversa interrompida pelo telefone. Agora o tema da conversa é o sistema de comunicações usado na escola.

-----  
17.53 (3) - GCD - Eu

Seguidamente a PCD senta-se à secretária. Dá uma olhada pelos papéis. À medida que vai separando os documentos que se encontram na secretária vai dizendo o que já está feito e o que fica para o dia seguinte. Vai mexendo na papelada. A maior parte trata-se de prospectos publicitários de supermercados e editoras. Separa, dá uma vista de olhos e depois vai atirando para o caixote do lixo todos os que acha que não têm utilidade. Pega num deles e coloca em cima da secretária da SCD. Depois a PCD senta-se novamente à secretária e continua a ver em silêncio o resto do correio com que ficou.

-----  
17.56 (4) - GCD - Eu

A certa altura a PCD, aparentemente por causa de algum documento que se encontra em cima da mesa, começa a falar, de forma crítica, sobre o incumprimento de prazos de entrega de documentos por parte dos del. de grupo e de disciplina.

-----  
18.00 (5) - GCD - Eu

A PCD neste momento, e enquanto conversa comigo, analisa uns documentos sobre tipologias e bens recebidas do Ministério. Introduce a questão na nossa conversa. Entretanto continua a ver o correio, separando-os por assuntos e por membros do CD.

-----  
18.05 (5) - GCD - Eu

A PCD continua na sua tarefa de arrumar o correio. Enquanto isso vai comentando a situação do APA, que os resultados são muito fracos, que os colegas não aceitam dar essas horas logo que não lhes convenha nos horários, etc. A PCD acaba finalmente de arrumar o correio e os restante documentos. Deixa a sua secretária e vem sentar-se na mesa do computador, mais perto da mesa onde eu estou.

-----  
18.10 (16) - GCD - Eu

Enquanto procura no computador um documento sobre a caracterização da escola, dados sobre os alunos e os professores da escola, vai conversando comigo. Fala sobre os objectivos mínimos, sobre o PAA. Encontra o documento que procura e começa a fazer algumas alterações de acordo com os dados que entretanto tinha recolhido do trabalho das estatísticas Entreculturas.

-----  
18.26 (4) - GCD - CDT/3°C

Batem à porta do gabinete. Trata-se da CDT/3°C. Pergunta se pode levar o livro de actas do conselho dos directores de turma. Entra no gabinete, também a CDT/2°C. Conversa comigo. A PCD começa a arrumar as coisas que estão na mesa do computador e na sua secretária e anuncia que já não faz mais nada. A CDT/3°C e a CDT/2°C saem do gabinete.

-----  
18.30 (1) - SPB - Professores

A PCD dirige-se para a sala de professores. Na Sala encontram-se vários directores de turma à espera para irem à reunião do conselho de directores de turma. A PCD entra mas sai logo dirigindo-se para a sala onde vai realizar-se a reunião.

-----  
18.31 (95) - Sala - Directores de Turma

A PCD preside à reunião do conselho de directores de turma.

-----  
20.06 (9) - GCD - [nome de profª - 32] - Eu

Terminada a reunião dos directores de turma a PCD dirige-se para o GCD. Vem acompanhada pela profª. [nome - 32]. A PCD sai muito bem disposta da reunião. Vem as duas conversando muito alto.

-----  
20.15 (-1) - GCD - ---

Enquanto ela arruma as suas coisas para sair da escola, eu faço a chamada para casa. Entretanto a PCD tinha saído do gabinete. Foi aos lavabos e regressou de imediato.

-----  
20.15 (1) - GCD - Eu

De novo no gabinete, a PCD corre os estores do gabinete.

Saimos do gabinete. A PCD vai ver se as várias portas do corredor se encontram fechadas.

-----  
20.16 (1) - Corredor/SPB - Eu

Depois a PCD vai ainda à SPB ver se está tudo conforme. Os estores fechados, as mesas arrumadas. Vai à sala de fumo ver como está a sala. Depois saímos. Vamos saindo pelo corredor. Despedimo-nos do funcionário que se encontra no átrio de entrada do pavilhão.

-----  
20.17 (1) - Pátio - Eu

Já no pátio continuamos a conversar. Ela tem o carro no pátio, junto ao pavilhão.

Despedimo-nos. Ela entra no carro e eu continuo a pé e dirijo-me para a saída.

### **C) 3º DIA - QUARTA FEIRA - 04 DEZ 1996**

pcd103b

4/12/96 (QUARTA FEIRA) - 09h 00m - 17h 09m - ESCOLA A

OBSERVAÇÃO DA ACTIVIDADE DIÁRIA DA PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

-----  
9.00 (4) - Portaria - [nome de aae - 2]

A PCD entra na escola - conversa com a funcionária durante alguns minutos.

-----  
9.04 (1) - Pátio - ---

A PCD demora-se algum tempo a apreciar os trabalhos sobre o Natal que se encontram expostos na sala ao lado da entrada do pavilhão central.

-----  
9.05 (4) - SPB - [nome de profª - 25] - [nome de profª - 7]

A PCD segue para a Sala de Professores. Encontra as professoras [nome - 25] e [nome - 7]. Conversa com elas e dá-lhes os parabéns pelo seus trabalhos sobre o Natal e que ela estivera a apreciar quando entrara na escola.

-----  
9.09 (4) - SPB - Eu

A PCD encontra-se na sala de professores fazendo a recolha de avisos e outros documentos dos placardes. Trata-se de documentos já desactualizados.

-----  
9.13 (1) - SPB - [nome de profª - 37]

A PCD interrompe de repente a conversa e interpela uma colega que tinha acabado de entrar na sala de professores. Pergunta-lhe pela proposta de actividades para o PAA.

-----  
9.14 (1) - SPF - [nome de profª - 38]

Dirige-se para a Sala de Fumo onde se encontra a profª. [nome - 38], também membro do CP. Pergunta-lhe igualmente pela proposta do grupo para o PAA.

-----  
9.15 (2) - SPB - Eu - [nome de prof. - 35]

Toca para a saída das aulas. A PCD dispõe-se a ficar na sala de professores. Quando começou a tocar a campainha ela dirigia-se para o GCD. Resolveu voltar para trás e entra de novo na sala de professores.

-----  
9.17 (8) - SPB - [nome de profª - 39] - [nome de profª - 40] - Professores

A sala de professores encontra-se relativamente vazia. Apenas 4 ou cinco professores se encontram na sala até este momento. A certa altura começa a encher-se com professores que vêm de dar aulas. A PCD ciranda pela sala procurando encontrar mais del. para lhes pedir as propostas para o PAA. Fala sempre em voz muito alta, entremeando os pedidos e a conversa com risos bem dispostos. Encontra a profª. [nome - 39]. Pergunta-lhe pelo Plano. Aquela dá uma desculpa qualquer e diz que vai entregar o mais rápido possível. Continua a procura de outros del... Entretanto vai conversando com este ou aquele prof. ou grupos de professores que se encontram, uns de pé, outros sentados a comer e a beber qualquer coisa. Vai até à sala de fumo e pergunta à profª. [nome - 40] pelo plano. A del. dá uma desculpa qualquer. Entretanto alguns dos presentes riem-se bem dispostos da insistência da PCD em andar à cata dos del. para lhes pedir as propostas para o Plano. Depois volta para a sala de professores grande e junta-se a conversar com um grupo de professoras que se encontra junto ao balcão. Toca para a entra das aulas. Os professores começam a abandonar a sala de professores. A PCD dirige-se para o gabinete.

9.25 (2) - GCD - [nome de profª - 32]

A profª. [nome - 32] entra no gabinete para trata da marcação de uma visita de estudo. Conversa com a PCD. A Visita fica marcada para dia 23. A profª. [nome - 32] sai do gabinete.

9.27 (-1) - GCD - Eu

Entramos os dois no gabinete. Ela de imediato comenta para mim a questão da recolha das propostas de actividades para o PAA. Não recebeu nenhum documento proposta para o PAA.

9.27 (4) - GCD - VPCD

Entra no gabinete a VPCD. Cumprimenta e pergunta à PCD sobre a Reunião dos Directores de Turma. Conversam as duas. A PCD diz que uma colega disse que tinha entregue uma acta da reunião com os encarregados de educação, mas que ela não conseguia encontrar. Procuram na pasta não está lá a referida acta. A VPCD comenta que as fotografias este ano vieram muito cedo. A PCD refere a questão dos arranjos das portas. Trocam opiniões sobre o arranjo das portas na quinta, sexta e sábado. A PCD refere por fim que só três del. é que entregaram os relatórios sobre os exames do 9º ano. Por isso ela acabou por não mandar nada para o Ministério.

9.31 (-1) - GCD - VPCD

A PCD procura um número de telefone do Sr. [nome de sr. - 1] para fazer uma chamada por causa do Termoacumulador da cozinha.

9.31 (1) - GCD - [nome de aae - 8]

A VPCD faz uma chamada telefónica para chamar o Sr. [nome de aae - 9]. Fala com a funcionária [nome de aae - 8].

9.32 (-1) - GCD - [nome de sr. - 1]

A PCD consegue entretanto a ligação que queria, com o Sr. [nome de sr. - 1]. Solicita-lhe que venha arranjar o termoacumulador.

9.32 (1) - GCD - Eu

Depois do telefonema, a PCD mostra-me um papel que é a proposta de actividades do grupo de E.Física. Comenta que é a única proposta que tem.

9.33 (1) - GCD - Eu

Aproveitando um momento em que a PCD se encontra desocupada eu procuro saber alguns pormenores sobre a hora de entrada e o que ela fez entretanto. Ela começa a falar sobre o problema da informação interna da escola. De uma forma crítica refere que os colegas pouco se interessam pela informação afixada nos placardes.

9.34 (1) - GCD - [nome de aae - 9]

O telefone toca. A PCD sai de pé de mim e dirige-se para o telefone. Atende o telefone. é o Sr. [nome de aae - 9] que se encontra do outro lado. A PCD diz-lhe que era a VPCD que queria falar com ele. Como ela não está no gabinete a PCD vai à porta e grita pelo nome dela. Como um eco as funcionárias que se encontram à entrada do pavilhão do CD e um noutro pavilhão passam a chamada em voz alta. Depois a PCD regressa para ao pé de mim.

9.35 (1) - GCD - Eu

Senta-se na mesa redonda ao pé de mim e dispõe-se a contar-me o que fez até à minha entrada na escola. Diz-me o que tinha feito.

9.36 (-1) - GCD - VPCD

A VPCD que neste momento tinha acabado de falar com o Sr. [nome de aae - 9] ao telefone, enquanto nós conversávamos sobre o que ela tinha feito desde que entrara na escola, interrompe-nos para informar a PCD de que já tinha falado com a profª. [nome - 41] por causa do Projecto VIVA. A VPCD sai do gabinete.

-----  
 9.36 (5) - GCD - Eu

A PCD continua, então a conversa comigo. Refere novamente, e com algum pormenor, a questão do sistema de informação existente na escola, tecendo críticas aos colegas por não “ligarem” nada aquilo que era afixado nos placardes.

-----  
 9.41 (1) - CD/Corredor - Senhores - VPCD

Batem à porta. São os senhores que vêm arranjar as portas e querem saber de um local onde pudessem trocar de roupa. A PCD atende-os e indica-lhes os lavabos dos homens. Entretanto chega a VPCD que toma conta da situação. As duas conversam, no corredor com os senhores, acertando pormenores sobre a vinda dos senhores nos dias seguintes.

-----  
 9.42 (3) - GCD - Eu

A PCD regressa para o gabinete. A VPCD continua a falar com os senhores no corredor. Fica ao pé de mim e conversamos sobre temas relacionados com a gestão escolar, comparando nomeadamente a gestão das escolas e a gestão das empresas. A Motivação e as recompensas é o tema em discussão.

-----  
 9.45 (1) - GCD - Eu

A PCD senta-se à mesa do computador e mostra-me como funciona o programa informático do inventário. Explica-me o que o filho lhe esteve a mostrar.

-----  
 9.46 (-1) - GCD - [nome de aae - 9]

O funcionário [nome de aae - 9] abre a porta do gabinete. Pergunta se a PCD o tinha chamado. Ela diz-lhe que não e ele vai-se embora.

-----  
 9.46 (4) - GCD - Eu

A PCD continua então a explicar o funcionamento do programa de inventário. Corre os vários menus do programa, e vai explicando os passos necessários para realizar a inserção dos dados de inventário no programa.

-----  
 9.50 (1) - GCD - [nome de aae - 6] - Eu

À porta do gabinete aparece a funcionária [nome de aae - 6]. Quer saber se a PCD deitou fora os catálogos de uma profª., juntamente com os papéis que ela deitou para o lixo. Esta diz-lhe que não. A funcionária fecha a porta. A PCD continua então a ver o funcionamento do programa.

-----  
 9.51 (4) - GCD - Eu

Depois da interrupção da funcionária [nome de aae - 6] a PCD retoma a sua explicação sobre o programa de inventário. Quando acaba de ver, desliga o computador.

-----  
 9.55\* (-1) - GCD - VPCD

*Entra no gabinete a VPCD que vem acompanhada de uma outra colega. Conversam durante alguns momentos. Depois a colega sai do gabinete e a VPCD senta-se na sua secretária.*

-----  
 9.55 (3) - GCD - DGPE

A PCD depois de ter deixado o computador dirige-se para a sua secretária. Faz uma ligação telefónica para a Direcção Geral do Património. Pretende saber o manual sobre inventários. Fica à espera que lhe liguem à pessoa indicada.

-----  
 9.58 (2) - GCD - VPCD

Enquanto está ao telefone esperando ser atendida a pergunta à VPCD como é que se vai fazer com as fotografias que estão ali para ser entregues aos alunos. A VPCD pergunta-lhe se pode entregar as listas de material aos del. de grupo e de disciplina. A PCD diz-lhe que sim.

-----  
 10.00 (1) - GCD - DGPE

A PCD volta a ter alguém em linha. Depois volta a ter de esperar.

-----  
 10.01 (1) - GCD - VPCD

A PCD está agarrada ao telefone. A VPCD encontra-se à sua secretária. As duas vão conversando. Um dos temas é a questão da assiduidade dos professores. A PCD refere que na reunião dos DT no dia anterior chamou exactamente a atenção das pessoas para esse problema.

-----  
 10.02 (-1) - GCD - DGPE

Novo contacto da DGPE. A PCD continua agarrada ao telefone. Alguém do outro lado lhe diz para esperar mais um bocado.



-----  
 10.02 (1) - GCD - VPCD

Continua a conversa com a VPCD sobre a assiduidade dos professores. Trocam opiniões sobre as queixas dos pais sobre a assiduidade dos professores. A PCD não deixa de dar razão a algumas dessas queixas.

-----  
 10.03 (-1) - GCD - DGPE

A PCD decide não esperar mais pela ligação telefónica. Desliga o telefone.

-----  
 10.03 (3) - GCD - VPCD

Depois de largar o telefone a PCD e VPCD continuam a conversar sobre a questão da assiduidade dos professores da escola. Referem alguns professores que em relação à assiduidade deixam muito a desejar.

-----  
 10.06 (-1) - GCD - ---

A PCD sai do gabinete. Vai para a Secretaria.

-----  
 10.06 (2) - GCD - [nome de profª - 10]

Entra no gabinete a profª. [nome - 10]. Vem marcar uma visita de estudo. Conversa com a PCD sobre datas e turmas a irem na visita.

-----  
 10.08 (2) - GCD - [nome de profª - 10]

Depois de tratada a marcação da visita de estudo a PCD e a profª. [nome - 10] conversam sobre a situação de um aluno chamado [nome - 9].

-----  
 10.10 (-1) - GCD - [nome de profª - 29]

A profª. [nome - 29] abre a porta. mete a cabeça para dentro e pergunta à PCD se quer ir tomar café. A PCD agradece mais diz que já tomou o café da manhã. Depois a profª. vai-se embora e fecha a porta.

-----  
 10.10 (2) - GCD - [nome de profª - 10]

A PCD e a profª. [nome - 10] continuam a conversar sobre o comportamento dos alunos e a inexperiência de alguns professores novos. A profª. [nome - 10] pergunta pelas fotografias dos alunos da direcção de turma dela. Ainda não estão na escola, diz a PCD. A profª. [nome - 10] sai do gabinete

-----  
 10.12 (1) - GCD - Eu

A PCD fica ainda a mexer nos envelopes. Vê quais são os directores de turma. Separa alguns, de directores de turma que já viu na escola, para depois lhes entregar. Depois de ter arrumado alguns envelopes com fotografias diz que vai pedir a colaboração dos Directores de Turma para fazer a entrega. Nesse momento batem à porta do gabinete.

-----  
 10.13 (2) - GCD - [nome de prof. - 14] - VPCD

Batem à porta. Trata-se do prof. [nome - 14] que vem entregar as propostas do seu grupo para o PAA. A PCD pega na folha que o ele trazia e analisa-a. Nesse momento entra no gabinete a VPCD. A PCD pede à VPCD que pegue nalguns envelopes com fotografias para distribuir pelos directores de turma que estiverem na sala de professores. Saem todos do gabinete e vão para a Sala de professores.

-----  
 10.15 (10) - SPB - Professores

A sala de professores encontrava-se completamente cheia. Tratando-se do intervalo maior, da parte da manhã, a maioria dos professores concentravam-se junto ao balcão do bar. Alguns já se encontravam servidos e comiam e bebiam sentados nas mesas redondas. A quase totalidade estavam já ocupadas. A PCD e a VPCD tinham colocado os envelopes das fotografias na única mesa não ocupada. Com o olhar iam identificando os professores directores de turma. Chamavam-nos e explicavam-lhe o que tinham de fazer para a entrega das fotografias aos alunos. Eles entregavam as fotografias e recebiam o dinheiro correspondente que se encontrava indicado lá dentro do envelope. Alguns directores de turma receberam os envelopes sem fazerem comentários. Entretanto outros começaram a reclamar, primeiro entre si e depois fazendo-o directamente junto da PCD, e da VPCD. As duas continuaram a circular pelas duas salas, tentando apanhar o maior número de directores de turma. Estiveram com esta tarefa todo o intervalo. Na sala de fumo duas profª. conversam sobre a convocação de uma reunião de grupo. Uma delas insurge-se contra o facto da reunião estar convocada para a segunda feira. Tratando-se do seu dia livre, ela acha que se devia arranjar outro dia da semana para as reuniões. Uma profª. reclama da incumbência de entregar as fotografias aos alunos. Aqui e acolá vai surgindo outros protestos por parte dos directores de turma relativamente à entrega das fotografias aos alunos. A mais critica de todos eles é a profª. [nome - 33] de E.Física. Duas professores trocam opiniões sobre a área-escola. Uma delas faz críticas à forma como se está a realizar a Área-Escola. A outra comenta a impossibilidade de realização da área-escola em termos de participação dos professores. Acha que é possível que se seja obrigatória para os alunos, mas que é de todo impossível essa obrigatoriedade para os professores, porque há professores que têm oito e mais turmas, sendo completamente impossível eles participarem na Área-Escola

de todos as turmas... Toca para a entrada, a sala de professores começa a esvaziar-se, mas ainda se encontram bastantes professores.

-----  
10.25 (16) - GCD - VPCD - Eu

A PCD e a VPCD abandonam a sala de professores e dirigem-se para o gabinete. Uma boa parte dos envelopes com as fotografias não foram distribuídos. A PCD comenta que os directores de turma estão renitentes em colaborar na entrega das fotografias aos alunos. Diz que assim sendo o melhor é telefonar ao fotógrafo e ele que arranje maneira de resolver o assunto. As duas depois analisam e trocam opiniões sobre alguns dos documentos com propostas para o PAA. Seguidamente a PCD procura nuns papéis o cartão com o número de telefone do fotógrafo. Enquanto vai falando a PCD está a marcar um número de telefone.

-----  
10.41 (2) - GCD - DGPE - VPCD

Acaba a marcação do número de telefone e obtém ligação. É um telefonema para a DGPE, por causa do manual pratico do inventário. Espera alguns momentos. Enquanto espera a PCD conversa com a VPCD. Diz-lhe que o melhor é falar na segunda com o fotógrafo. O contacto telefónico é retomado. Pedem-lhe para esperar. Novo contacto, novamente dizem-lhe para esperar. A ligação é novamente retomada.

-----  
10.43 (-1) - GCD - [nome de profª - 7] - Eu - VPCD

Entra no gabinete a profª. [nome - 7]. Entra pela sala dentro e entrega uma folha à VPCD. A PCD está ao telefone. O documento que ela entregou é a proposta para o PAA do grupo de Português. Depois sai do gabinete. Não disse nada, apenas entregou o documento.

-----  
10.43 (2) - GCD - DGPE

A PCD continua ao telefone com a Direcção Geral de Património do Estado. Obtém o número de fax da DGPE.

-----  
10.45 (5) - GCD - Eu - VPCD

Depois de terminado o telefonema a PCD comenta o que esteve a conversar com a DGPE. Conversamos os três sobre os grupos e os professores e sobre as listas de professores que ela me tinha fornecido.

-----  
10.50 (2) - GCD - Eu - VPCD

A PCD vai sentar-se de novo à sua secretária. Redige no momento o ofício destinado à DGPE e no qual solicita o envio do manual práctico de inventário. Enquanto isso vai falando sobre o teor da conversa tida com a DGPE.

-----  
10.52 (3) - GCD - VPCD - Eu

A PCD encontra-se a elaborar os ofícios para a DGPE. Comenta que vai também pedir a prorrogação do prazo para enviar o inventário. A VPCD que está também sentada na sua secretária a mexer nuns papéis, começa a falar do caso de uma aluna de 12 anos cujo pai obriga a ter relações sexuais.

-----  
10.55 (2) - GCD - CSA

A CSA entrega no gabinete para entregar um documento a PCD. Esta encontra-se à sua secretária a elaborar os ofícios para a DGPE. A VPCD aproveita para pergunta à CSA como é que no ano anterior foi organizada a entrega das fotografias aos alunos. A CSA diz-lhe que o dinheiro foi pedido pelo DT e depois foi entregue nos SA. Depois trocam ideias sobre a melhor forma de levar a cabo a entrega das fotografias e a recepção dos dinheiros. Coloca-se a hipótese de ser a secretária a fazer a entrega das fotografias e a recolha do dinheiro, mas todas concordam que seria complicado a todo o momento os alunos irem à secretaria tratar disso. A solução do problema ficou em aberto.

-----  
10.57 (2) - GCD - CSA

A PCD acaba entretanto de fazer os rascunhos dos ofícios e entrega-os à CSA dando as indicações para o seu envio.

-----  
10.59 (1) - GCD - CSA

A PCD pergunta à CSA o que é que lhe pode dizer sobre a situação dos saldos, que dinheiro há para gastar até 31 de Dezembro. A CSA vai referindo as diversas despesas que já estão assumidas. Ao mesmo tempo vão contabilizando, por alto, o somatório dessas despesas. A PCD acrescenta à lista enunciada pela CSA um arranjo das portas dos lavabos das raparigas.

-----  
11.00 (2) - GCD - [nome de aae - 9] - CSA

Quando estão as duas, A PCD e a CSA às voltas com as contas tentando apurar o saldo previsível em 31 de Dezembro, entra no gabinete o funcionário [nome de aae - 9]. Vem pedir uma informação sobre o horário do Guarda. A PCD aproveita a oportunidade para lhe falar no arranjo das portas. O funcionário sai do gabinete com o exemplar da escala de serviço do guarda e vai à reprografia tirar uma fotocópia.

## 11.02 (1) - GCD - CSA

Enquanto a PCD falava com o funcionário [nome de aae - 9] a CSA esteve a organizar os dados para o cálculo do saldos previsível. Quando o funcionário sai a PCD voltou de novo a sua atenção para a CSA.

## 11.03 (5) - GCD - CSA - [nome de aae - 9]

Surge no gabinete de novo o funcionário [nome de aae - 9]. Integra-se na conversa e nos cálculos que a PCD e a CSA estão realizando.

## 11.08 (1) - GCD - Eu

A PCD convida-me a ir à Cozinha. Diz-me que vai dar uma volta. Saímos do gabinete.

## 11.09 (2) - Pátio - Eu

Já estamos no pátio junto à entrada do pavilhão. A PCD pára junto dos vidros da janela do lado direito da porta e aprecia e tece elogios à mostra alusiva ao Natal.

## 11.11 (2) - Pátio - Eu

Avançamos em direcção ao pavilhão da cozinha. A PCD comenta a situação dos saldos financeiros. Diz que já está farta de pedir os saldos à CSA, e agora chega-se à situação de haver 1000 contos para gastar.

## 11.13 (3) - Bufete alunos - Eu - [nome de aae - 10]

Entramos no pavilhão da cozinha. Vamos primeiro ao refeitório. A PCD conversa com a funcionária que está ao balcão do bufete.

## 11.16 (2) - Bufete alunos - Eu

Deixamos o balcão do bufete e damos uma volta pela sala de convívio dos alunos. Ela inspeciona as paredes que segundo ela estão a precisar de ser pintadas. Mostra uma porta que precisa de ser substituída. Trata-se de uma porta grande que dá para o exterior do pavilhão. encontra-se toda riscada e remendada.

## 11.18 (7) - Refeitório - Func. coz. - Eu

Saímos da zona do bufete sala de convívio dos alunos e entramos no refeitório. A PCD dirige-se para dentro para a área da cozinha propriamente dita. Cumprimenta as funcionárias. Olha para dentro das panelas a ver o que é o almoço. Conversa com as funcionárias. Estão no local cinco funcionárias. A PCD diz para uma delas que estava a pensar almoçar na escola, mas que não tinha tirado senha. Ela responde-lhe que não há problemas, que a comida chega. A PCD depois dá-me algumas explicações sobre as obras que pretende fazer naquele espaço. A seguir a PCD conversa com as funcionárias sobre a comida. Sobre a sopa e sobre os rissóis.

## 11.25 (1) - Átrio - Eu

Dirigimo-nos para a saída do refeitório. Estamos no átrio do pavilhão e caminhamos para a saída. A PCD fala-me sobre uns azulejos e outros trabalhos manuais que foram feitos pelos alunos nas aulas da profª. [nome - 29].

## 11.26 (1) - Pátio - Eu - Aluno

Saímos já do pavilhão e encontramos-nos no pátio. A PCD mete conversa com um aluno.

## 11.27 (1) - Pátio - Eu - Alunos

Agora já estamos perto da vedação, por detrás do pavilhão da Cozinha. Uns miúdos estão sentados nos encostos dos bancos de madeira que se encontram no pátio. A PCD dirige-se aos alunos que se encontram sentados nos encostos e com os pés no assento. Os alunos sorriem para ela...

## 11.28 (2) - Pátio - Eu

Subimos ao longo da vedação. Do lado de fora da vedação existe uma grande depressão de terreno. mandada escavar e onde se encontram estacionados alguns carros. Trata-se de uma zona com uma área equivalente à área total do complexo escolar. A PCD refere-se de forma crítica à falta de vontade da Autarquia para dotar a escola com um pavilhão desportivo, havendo ali espaço de sobra. Mostra-me depois aonde pensa colocar umas redes para os alunos não subirem aos telhados do pavilhão da cozinha.

## 11.30 (1) - Pátio - Eu

Vamos agora a passar junto às instalações do gás.

## 11.31 (1) - Pátio - Eu

Estamos perto da entrada da escola.

## 11.32 (-1) - Pátio - Eu

Estamos agora perto da entrada do pavilhão principal. A PCD comenta o facto de haver já alunos com fotografias. Comenta também que a colega que se mostrou mais contrariada com a entrega das fotografias aos alunos foi sempre, para tudo, uma pessoa de má vontade. Entramos no pavilhão. Vamos para a sala de professoras

-----  
11.32 (2) - SPB - Eu - [nome de profª - 2]

Entramos no pavilhão e dirigimo-nos para a sala de professores. A profª. [nome - 2] "mete-se" comigo perguntando se a PCD anda com um "polícia" atrás. A PCD indica-me a profª. [nome - 25]. A Sala de professores está cheia. As pessoas conversam ruidosamente. As mesas estão completamente ocupadas. Também na sala de fumo estão muitos professores, perto de uma dezena de professores conversam num ambiente descontraído. Entretanto as pessoas começam rapidamente a abandonar a sala de professores. O toque de entrada já tinha dado há alguns minutos. A PCD encontra uma colega/amiga e estão as duas a conversar numa das mesas da sala de professores. Como se tratava de uma conversa particular sem relação com a escola, afastei-me e dirigi-me para a sala de fumo.

-----  
11.34 (20) - SPB - Amiga

A PCD conversa com uma colega/amiga

-----  
11.54 (3) - GCD - Amiga

A PCD entra no gabinete acompanhada da colega/amiga. A PCD pega num livros de actas do CP e as duas durante alguns momentos estão a ver as actas desse livro. Aparentemente encontraram aquilo que procuravam, porque pouco depois saem as duas do gabinete e dirigem-se pelo corredor para a Reprografia. Saem as duas do gabinete.

-----  
11.57 (3) - Reprografia - Amiga

Quando as duas e dirigem-se para a reprografia onde vão tirar fotocópias de várias actas.

-----  
12.00 (4) - Reprografia - Amiga

A PCD está na reprografia a tirar fotocópias das actas do CP para dar à amiga/colega

-----  
12.04 (1) - GCD - CSA - Amiga

A PCD regressa da Reprografia. Vem acompanhada pela amiga. Ai mesmo tempo entra também no gabinete a CSA. Esta vem esclarecer algumas dúvidas sobre contactos por causa do arranjo das portas. As duas conversam sobre o assunto

-----  
12.05 (-1) - GCD - VPCD - Amiga

No gabinete estão agora apenas a PCD, a VPCD e a Amiga. Trocam alguns cumprimentos de despedida. A amiga da PCD sai do gabinete.

-----  
12.05 (3) - GCD - VPCD - Eu

Depois da saída da amiga/colega, conversamos sobre ela. A PCD, aparentemente se outras coisas para fazer senta-se na mesa onde eu estou. A VPCD por seu lado encontra-se sentada na sua secretária. Conversamos sobre a situação da amiga/colega de mestrado da PCD.

-----  
12.08 (-1) - GCD - CSA

Entra no gabinete a CSA que vem entregar os documentos que haviam sido pedidos pela PCD. A PCD levanta-se e vai com ela até à sua secretária.

-----  
12.08 (1) - GCD - VPCD - Eu

Enquanto a CSA esteve no gabinete a conversa sobre a situação da colega de mestrado da PCD, continua. Depois de atender a CSA a PCD volta a sentar-se à minha mesa. PCD e VPCD questionam-se se vale pena as pessoas meterem-se em trabalhos para mestrados e cursos, para depois acontecer o que está a acontecer com a amiga/colega da PCD, que corre o risco de ter de repor os vencimentos de um ano de licença sabática.

-----  
12.09 (-1) - GCD - [nome de fsa - 4]

Batem à porta. Entra a funcionária [nome de fsa - 4] com alguns documentos que vem entregar à PCD. A funcionária entrega os documentos que trazia. Trata-se dos elementos pedidos pela PCD à CSA momentos antes. Sobre a questão dos arranjos das portas. Depois a funcionária sai do gabinete.

-----  
12.09 (3) - GCD - VPCD - Eu

A PCD com os papéis na mão senta-se à sua secretária. Analisa-os. Escolhe um para enviar por Fax. Trata-se do ofício a pedir o manual prático de inventário. É um dos que a funcionária [nome de fsa - 4] acabou de trazer. Tem igualmente faxes a enviar a pedido da profª. [nome - 37], solicitando o apoio de uma empresa, para oferta de chocolates (para oferecer aos alunos durante uma actividade). A conversa sobre a situação da ex-colega de mestrado da PCD, continua. A PCD que tem estado até ao momento à volta do fax tentando enviar o fax da profª. [nome - 37] a pedir os chocolates, desiste de o enviar.

-----  
 12.12 (1) - GCD - VPCD - Eu

Tendo desistido, para já, de enviar os faxes da profª. [nome - 37], a PCD vira-se para o envio do fax a pedir o manual prático de inventário. Continua de pé junto à sua secretária. Entretanto continua a falar sobre a situação da ex-colega e sobre o seu próprio trabalho no âmbito do mestrado. Faz o envio do fax.

-----  
 12.13 (-1) - GCD - [nome de profª - 42].

Entra no gabinete a profª. [nome - 42], del. de Francês do 3º ciclo. Vem entregar a proposta de actividades do seu grupo, para o PAA. Entrega o papel e sai de imediato do gabinete. Não diz palavra alguma. A PCD agradece-lhe.

-----  
 12.13 (1) - GCD - VPCD - Eu

A PCD dá uma vista de olhos ao documento trazido pela profª. [nome - 42], del. de Francês. Depois mostra-nos. Faz um comentário crítico à qualidade do documento.

-----  
 12.14 (3) - GCD - [nome de profª - 43]

Toca a campainha de entrada do gabinete. Abrem a porta. É a profª. [nome - 43]... A PCD entrega-lhe um fax que tinha chegado no dia anterior, sobre uma acção de formação. A profª. [nome - 43] coloca algumas dúvidas sobre a sua participação porque tem aulas. A PCD diz-lhe que tem de estabelecer prioridades. A PCD acompanha a profª. [nome - 43], quando esta vai a abandonar o gabinete. Ficam ainda a conversar alguns momentos no corredor à entrada da sala.

-----  
 12.17\* (1) - GCD - [nome de profª - 32]

*No momento em que estão à conversa na entrada a PCD e a profª. [nome - 43], entra no gabinete a profª. [nome - 32]. Esta vem informar que ainda não fez as actas. Diz que está com um problema, porque não sabe qual era a ordem de trabalhos dessas reuniões. Vem ver se lhe arranjam isso. Depois a profª. [nome - 32] e a VPCD conversam sobre umas participações disciplinares que esta está a analisar.*

-----  
 12.17 (1) - Lavabos - ---

Depois a PCD dirige-se para os lavabos das senhoras

-----  
 12.18 (3) - GCD - VPCD - [nome de profª - 32]

A PCD entra no gabinete vinda dos Lavabos das senhoras. Fica no meio do gabinete, de pé, e integra-se na conversa que estava a haver entre a profª. [nome - 32] e a PCD. Entretanto a profª. [nome - 32] fala novamente na questão da ordem de trabalhos e a PCD põe-se à procura da pasta com as convocatórias de reuniões. A VPCD levanta-se também e vai ajudar a PCD a procurar a pasta. A PCD regressa ao seu lugar. Finalmente a VPCD encontra a pasta e começa a procurar nas várias actas uma donde conste a ordem de Trabalhos... A VPCD e a profª. [nome - 32] lêem as actas. Esta última copia uma para uma folha a Ordem de Trabalhos. Seguidamente abandona o gabinete.

-----  
 12.21 (4) - GCD - VPCD - Eu

A PCD encontra-se sentada na sua secretária. Está a analisar as propostas de actividades já entregues pelos del. tentando fazer um primeiro esboço do PAA. Ao mesmo tempo, vai tentando fazer o envio de vários faxes para as casas de arranjos das portas. Enquanto isso vai falando. Mostra-me os documentos que lhe entregaram e vai tecendo críticas a forma e conteúdo dos mesmos. Diz-se disposta a informar o CP que não fez o plano por causa da insuficiência daquilo que lhe foi entregue.

-----  
 12.25 (-1) - GCD - ---

Toca o telefone (-). A PCD dirige-se para perto da sua secretária e atende o telefone. Logo de seguida poisa o telefone.

-----  
 12.25 (1) - GCD - Eu

A PCD começa a marcar um número no fax. Entretanto continua a comentar a qualidade das propostas para o PAA.

-----  
 12.26 (1) - GCD - [nome de prof. - 44]

A PCD começa a marcar um número de fax, quando batem à porta. Trata-se do prof. [nome - 44] (DT) que vem informar a PCD que alguns alunos que tiraram fotografias, não as receberam. A PCD pede-lhe os nomes para depois avisar o fotógrafo. O prof. [nome - 44] sai do gabinete.

-----  
 12.27 (2) - GCD - Eu

A PCD continua a tentar enviar os faxes. Entretanto vai falando ainda sobre a questão das propostas para o PAA.

-----  
 12.29 (2) - GCD - [nome de profª - 32]

Batem à porta e entra logo a profª. [nome - 32]. Vem perguntar se pode marcar mais uma camioneta para uma visita de estudo. A PCD deixa por momentos o fax e vai atender a profª... A profª. [nome - 32] deixa o gabinete.

-----  
12.31 (1) - GCD - ---

A PCD encontra-se sentada à sua secretária. voltou a pegar nos documentos sobre PAA. Retoma o trabalho de análise dos documentos que tem em mãos.

-----  
12.32 (2) - GCD - [nome de profª - 37]

Toca a campainha de entrada do gabinete. É a profª. [nome - 37] que vem entregar a proposta de actividades para o PAA. Depois sai. A profª. [nome - 37] volta de imediato a entra no gabinete para dar um recado à PCD. Diz-lhe que o Sr. da Panrico disse que quanto mais depressa melhor

-----  
12.34 (5) - GCD - Eu

A PCD continua sentada à sua secretária. Continua a mexer nas propostas de actividades para o plano. A PCD levanta-se da secretária e vem até ao pé de mim mostrar o plano que a profª. [nome - 37] lhe acabou de entregar.

-----  
12.39 (-1) - GCD - Filha da VPCD

Toca o telefone. A PCD atende. Do outro lado é a filha da VPCD. A PCD diz-lhe a mãe está a dar aulas e que não pode atender. Depois poisa o telefone.

-----  
12.39 (9) - GCD - Eu

A PCD está sentada à sua secretária e retoma o que estava a fazer antes do telefonema. Passados alguns momentos põe de lado os documentos sobre o PAA e pega num molho de pedidos de recuperação do tempo de serviço. Faltas por atestado médico. Está a ler os pedidos e vai dando deferimento, assinando os pedidos. Enquanto isso vai falando sobre a situação a colega de mestrado. A PCD continua sentada à secretária a despachar os requerimentos a pedir a recuperação do vencimento por faltas de doença.

-----  
12.48 (2) - GCD - Eu

Acaba o trabalho de secretária. A PCD levanta-se tenta novamente enviar o fax a pedir o manual prático de inventário Entretanto recorda-se da conversa tida ao telefone por causa do inventário e ri-se sozinha, enquanto vai falando sobre a forma com foi atendida.

-----  
12.50 (-1) - GCD - Eu

A PCD encontra-se num momento de espera na recepção do fax. Está de pé e lê um prospecto informativo sobre uma conferência dos direitos da criança.

-----  
12.50 (1) - SPB - ---

A PCD sai do gabinete e vai à sala de professores afixar o aviso sobre a Convenção dos direitos da criança no placard. Regressa logo ao gabinete

-----  
12.51 (4) - GCD - Eu

De novo no gabinete a PCD diz que vai sair. Entretanto eu peço algumas informações sobre professores que estão na lista de professores que estou a consultar.

-----  
12.55 (4) - GCD - [nome de profª - 5] - [nome de profª - 37]

Entra no gabinete a profª. [nome - 5], directora de instalações de C.Natureza. Vem saber de listagens de material para solicita ao ME. Logo de seguida entra a profª. [nome - 37] que vem também saber de listas de material de matemática. Enquanto a PCD atende a primeira, a segunda toca algumas palavras comigo.

-----  
12.59 (-1) - GCD - Eu

Depois das duas saírem a PCD regressa ao que estava a fazer. Eu pergunto-lho o nome da primeira colega.

-----  
12.59 (1) - GCD - [nome de aae - 13]

Entra na gabinete funcionária [nome de aae - 13]. Vem entregar um documento para a PCD assinar uma confirmação do arranjo do termoacumulador.

-----  
13.00 (4) - GCD - [nome de profª - 5] - [nome de profª - 10]

A profª. [nome - 5] volta para o gabinete. Vem acompanha da profª. [nome - 10]. Vêm dizer qual a editora que tem esqueletos no seus mostruários. Depois disso a PCD mostra a fotografia do neto às colegas. As professoras [nome - 5] e a [nome - 10] abandonam o gabinete.

-----  
13.04 (3) - GCD - Eu

A PCD continua a tentar enviar o fax. Sem sucesso. Comenta a dificuldade de enviar o fax, pois já há cerca de duas horas e não consegue que ele seja transmitido.

-----  
13.07 (33) - Refeitório - Alunos - Professores

A PCD sai do gabinete e dirige-se para o Refeitório onde vai almoçar. Almoço no Refeitório da escola.

-----  
13.40 (15) - SPB - Professores

Depois do almoço a PCD vai para a Sala de professores. Na sala de professores a PCD senta no sofá lê o jornal. A sala está praticamente vazia. Alguns minutos depois entra o prof. [nome - 15] que mete conversa com a PCD.

-----  
13.55 (5) - SPB - [nome de prof. - 15]

A PCD encontra-se na conversa com o prof. [nome - 15]. Este queixa-se que os alunos perturbam as aulas que estão em funcionamento. Quando não têm aulas, aproximam-se das janelas das salas térreas e incomodam e desviam a atenção dos alunos que se encontram dentro da sala de aula. O prof. [nome - 15] opina que uma forma possível de evitar isso seria fazer uma marcação no chão em redor dos edifícios com tinta amarela ou vermelha que limitaria a zona de proximidade dos alunos às paredes dos pavilhões. Os alunos que passassem para além dessa linha seriam penalizados. A PCD tenta mostrar que isso não seria solução, apenas constituiria uma fonte adicional de problemas, pela impossibilidade não só de controlar o cumprimento dessa interdição como ela, mas porque seria mais uma interdição que não iria resolver nada. Durante alguns momentos discutem o assunto. Depois a PCD decide de continuar a discussão.

-----  
14.00 (5) - SPB - [nome de prof. - 15]

A PCD encontra-se na sala de professores em conversa com o prof. [nome - 15].

Os dois conversam a propósito de uma ideia que ocorreu ao [nome de prof. - 15]. Consistia em marcar à volta do pavilhão uma linha vermelha interditando uma zona junto à parede de forma que os alunos fossem proibidos de se abeirarem junto das janelas das salas de aula.

-----  
14.05 (2) - SPB - Professores

A PCD está na sala de professores sentada num dos sofás, reclinada e de perna traçada e presta toda a sua atenção ao jornal que está a ler. Na sala encontram-se apenas dois ou três professoras. Estes encontram-se também em silêncio, sentados em mesas separadas. Na sala de fumo encontram-se uma prof.<sup>a</sup> e um prof. que não conheço.

-----  
14.07 (2) - SPB - Professoras - Eu

A PCD está sentada a uma mesa da sala de professoras com mais duas colegas. Lê uma notícia do jornal sobre a o sono das mulheres... Todas riem-se bem dispostas. A PCD diz que vai tomar café lá fora. Eu digo-lhe que a acompanho. Dirigimo-nos para o gabinete

-----  
14.09 (1) - GCD - Eu

Entramos no GCD. Está vazio. A PCD nota que o fax ainda está à espera de ligação para mandar o ofício.

-----  
14.10 (2) - GCD - [nome de prof.<sup>a</sup> - 23]

Entra no gabinete a prof.<sup>a</sup> [nome - 23] da equipa do Ensino Especial. A PCD diz-lhe que há uma questão que depois quer ver com ela. Inicialmente diz que naquele momento não porque vai sair, mas depois acaba por explicar que se trata de uma aluna que já está no 7º ano pela terceira vez. Saem as duas do gabinete. A PCD dirigiu-se para os Lavabos das senhoras.

-----  
14.12 (-1) - Lavabos - ---

A PCD encontra-se nos Lavabos das senhoras

-----  
14.12 (1) - Corredor - Eu

A PCD sai dos Lavabos e convida-me a ir lá fora tomar um café. Vamos pelo corredor em direcção à saída do edifício, a PCD troca alguns cumprimentos com colegas que vêm a entrar na sala de professores.

-----  
14.13 (3) - Pátio/Fora da Escola - Eu

Agora estamos a atravessar o pátio. A PCD fala-me no assunto que estive a falar com o prof. [nome - 15] na sala de professores, logo após o almoço.

-----  
14.16 (7) - Fora (Café) - Eu

Estamos no café. Pedimos já os cafés. Durante a nossa estada no café a PCD fala-me do prof. [nome - 15] e da composição dos primeiros CD da escola. Depois saímos do café e estamos de novo na rua a caminho da escola

-----  
14.23 (1) - Fora da Escola - Eu

Caminhamos pelo passeio em direcção à Escola. conversamos sobre os resultados do documento sobre os alunos feito pela CDT/2°C.

-----  
14.24 (3) - Pátio - Eu - [nome do guarda]

Entremos na escola e estamos no pátio a caminho do pavilhão central. Fala com o Sr. [nome do guarda] e faz-lhe algumas recomendações para estar de olho nos alunos que se aproximam das janelas das salas de aula.

-----  
14.27 (-1) - Corredor - Eu

Entrámos no pavilhão central, no meio da confusão dos alunos que se concentram à entrada do lado de fora. Estamos a atravessar o corredor em direcção ao GCD. A PCD comenta a sujidade das paredes por causa dos sapatos.

-----  
14.27 (1) - GCD - Eu

Entramos no GCD. A PCD aproxima-se do fax para ver qual a situação. Se o documento já foi transmitido ou não. Ainda não foi. Depois a PCD diz que vai chamar a D. [nome de fsa - 9].

-----  
14.28 (-1) - GCD - [nome de aae - 3]

A PCD marca um número de telefone. Atende a funcionária [nome de aae - 3] do outro lado. Ela diz-lhe para avisar a D. [nome de fsa - 9] que já pode vir ao gabinete.

-----  
14.28 (3) - GCD - [nome de fsa - 9]

Entra no gabinete a funcionária [nome de fsa - 9]. As duas começam então a ver ponto por ponto respostas aos diversos itens relativos aos grupos culturais conferindo os dados que a PCD tinha preenchido previamente sobre as estatísticas das Entreculturas. No final a PCD dá algumas orientações à funcionária sobre a elaboração do documento final a enviar. Depois a PCD pede-lhe para levar para os SA uns documentos. Entrega-lhe igualmente os rascunhos dos impressos estatísticos da Transculturas. A funcionária vai já a sair quando a PCD a chama de novo. A PCD entrega-lhe uns registos biográficos de alguns professores, para ela levar para os SA.

-----  
14.31 (-1) - GCD - ---

Depois da funcionária [nome de fsa - 9] ter saído, a PCD senta-se à secretária. Presta a sua atenção a um conjunto de impressos sobre o pedido de equivalente financeiro.

-----  
14.31 (1) - GCD - [nome de prof. - 44]

Batem à porta. O prof. [nome - 44] vem entregar a acta da reunião com os encarregados de educação. A PCD pega na acta e está a dar uma vista de olhos. O prof. [nome - 44] sai em seguida do gabinete.

-----  
14.32 (4) - GCD - Eu

Depois do prof. [nome - 44] ter saído a PCD continua a ver, agora com mais atenção a acta que ele tinha trazido. Agora a PCD está as voltas com contas, (aparentemente para saber a taxa de presença dos pais). Enquanto faz isso eu procuro saber pormenores sobre o período em que eu estive fora da escola a almoçar. Depois ela começa a trabalhar no impresso do pedido do Equivalente Financeiro. Ela dirige-se para perto de mim, vai a um armário e tira uma pasta onde estão os horários da turmas. Senta-se na mesa onde eu estou. Depois muda de ideias e em vez de procurar nas turmas vai procurar no horário da profª. de Moral, com o fim de saber qual a carga horária das turmas. Levanta-se da mesa onde eu estou e vai sentar-se na sua secretária.

-----  
14.36 (2) - GCD - VPCD - [nome de prof. - 15]

Entram no gabinete a VPCD e o prof. [nome - 15]. a PCD está sentada na sua mesa fazendo cálculos com uma calculadora de bolso. Trata de calcular a carga horária total da escola, para a determinação de dados necessários ao preenchimento do pedido de equivalente financeiro. A VPCD conversa com o prof. [nome - 15] sobre a listagem de material. A VPCD e o prof. [nome - 15] ainda trocam informações sobre a forma os catálogos que estão disponíveis. O prof. [nome - 15] folheia os catálogos que vieram do Ministério, pede-lhes que lhe arranjem uma fotocópia para ver com mais calma. Pouco depois o prof. [nome - 15] sai do gabinete. Saiu momentos depois da profª. [nome - 23] ter entrado no gabinete.

-----  
14.38 (4) - GCD - [nome de profª - 23] - VPCD

A PCD continua sentada à sua secretária, ocupada com os impressos sobre o equivalente financeiro. Entra a profª. [nome - 23]. Vem falar com a VPCD sobre o caso da miúda que já se encontra matriculada pela terceira vez no 7º ano. Enquanto a PCD está entretida com as contas do equivalente financeiro, as duas conversam sobre a situação daquela aluna e de outros alunos que estão a ser apoiados pela profª. [nome - 23]. Passados alguns minutos saem ambas do gabinete, sem que tenha havido interferência da PCD no assunto que elas estiveram a discutir.

-----  
14.42 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]



Entra uma funcionária que vem entregar uns documentos à PCD. Esta encontra-se na sua secretária com tratando da questão do equivalente financeiro.

-----  
14.42 (3) - GCD - ---

A PCD continua o seu trabalho sobre a questão do equivalente financeiro.

-----  
14.45 (-1) - GCD - [nome de aae - 9]

Entra no gabinete o funcionário [nome de aae - 9]. Pergunta pela VPCD. Vendo que ela não está no gabinete sai do gabinete. A PCD não dá conta de nada, embrenhada como está nas contas para o equivalente financeiro.

-----  
14.45 (2) - GCD - VPCD - [nome de profª - 23]

A VPCD e a profª. [nome - 23] regressam ao gabinete. A PCD continua sentada na sua secretária ocupada com o que está a fazer. A VPCD e a profª. [nome - 23], estão ainda a falar dos apoios educativo e dos alunos que têm o apoio do Ensino Especial. Referem a situação de um aluno que não transitou de ano mas que os professores entenderam que no ano seguinte deveria ter horas de APA. A propósito dessa questão pedem a opinião da PCD. As duas dispõem-se a sair do gabinete para ir tratar desse pormenor quando a PCD interpela a VPCD a propósito do número de horas a utilizar em termos de APA. A VPCD diz-lhe que são 52. A profª. [nome - 23] vai a sair do gabinete. Ainda diz para dentro que vai falar com a [nome de profª - 45] e que espera que ela aceite a atribuição de horas de apoio. A profª. [nome - 23] deixa o gabinete. A VPCD continua na sala

-----  
14.47 (2) - GCD - VPCD

A PCD enquanto faz as contas para a determinação dos valores que deve preencher nos quadro do impresso do pedido do equivalente financeiro, vai dizendo em voz alta os passos e as formas de cálculo que está a usar. Aparentemente algo não bate certo. Porque de seguida ela dirige-se para a mesa onde eu estou solicitando a minha opinião sobre os cálculos que está a fazer.

-----  
14.49 (1) - GCD - Eu

A PCD senta-se à mesa onde eu estou e mostra-me o impresso onde se encontram já, a lápis, os valores que ela esteve a calcular. Continuamos a tentar perceber qual é a lógica do preenchimento dos quadros. Aparentemente o preenchimento dos quadros apresenta sempre o valor zero para o equivalente financeiro

-----  
15.00 (3) - GCD - Eu

A PCD e eu continuamos a tentar decifrar o modo de preenchimento dos quadros. O resultado apresenta-se como aparentemente tautológico.

-----  
15.03 (-1) - GCD - VPCD

A PCD interrompe o nosso diálogo para pedir à VPCD que telefone à mulher do homem que está encarregue de vir à escola arranjar as portas.

-----  
15.03 (6) - GCD - Eu

Depois continuamos a nossa conversa e análise do preenchimento dos quadros.

-----  
15.09 (1) - GCD - Eu

A PCD levanta-se da mesa onde eu estou e dirige-se para a sua secretária para chamar a CSA pelo telefone. Entretanto a VPCD pergunta-lhe qualquer coisa, mas ela diz para esperar que no momento vai chamar a CSA. Enquanto o intercomunicador está a chamar a PCD comenta em voz alta as suas apetências para as contas e para o trabalho administrativo.

-----  
15.10 (-1) - GCD - VPCD

Enquanto a ligação não é feita a PCD que se encontra de pé, dirige-se para a secretária da VPCD e pergunta-lhe o que é que ela queria. Entretanto é feita a ligação.

-----  
15.10 (1) - GCD - [nome de fsa - 6]

A ligação é feita. Do outro lado está a funcionária [nome de fsa - 6]. A PCD deixa recado para a CSA ir ao GCD.

-----  
15.11 (-1) - GCD - VPCD

Depois deste recado a PCD dirige-se para a VPCD e pergunta-lhe o que ela queria. Esta pergunta se não há coincidências nas reuniões de notas. A PCD diz que não. A PCD ajuda a VPCD a procurar uma pasta onde arquivar uns documentos relativos a um aluno.

-----  
15.11 (2) - GCD - CSA - VPCD

Entra a CSA. A PCD mostra-lhe o impresso do pedido de Equivalente Financeiro e dá-lhe algumas orientações para a elaboração da versão final do documento a ser enviado ao Ministério. A CSA sai do gabinete.

-----  
 15.12\* (2) - GCD - [nome de profª - 10]

*Entra no gabinete a profª. [nome - 10] que é atendida pela VPCD. Vem tratar de assuntos relativos a alunos da sua Direção de Turma.*

-----  
 15.13 (1) - GCD - DGPE

Depois da CSA ter saído do gabinete a PCD dirige-se para junto do telefone e marca o número para a DGPE. Consegue logo a ligação. A PCD quer confirmar o número de fax porque à cerca de 4 horas que tenta mandar um fax e não consegue. Confirma o número. Do outro lado dizem-lhe que o fax tem estado sempre ocupado.

-----  
 15.14 (-1) - GCD - VPCD - Eu

Depois do telefonema a PCD fala para nós. Encontra-se de pé junto do fax. Refere que o número do fax está certo.

-----  
 15.14 (1) - GCD - VPCD

Depois as duas conversam sobre a entrega do material e da legislação sobre as provas globais aos del. de disciplina. A PCD refere que há professores que no entanto não têm conhecimento; que a informação não chegou até eles.

-----  
 15.15\* (-1) - GCD - ---

*A VPCD sai do gabinete. Regressa logo de seguida.*

-----  
 15.15 (2) - GCD - VPCD

A VPCD regressa ao gabinete. A PCD continua de um lado para o outro à procura de uma pasta. A PCD e a PCD conversam sobre o pedido de materiais da profª. [nome - 10]. Cada uma na sua secretária.

-----  
 15.17 (5) - GCD - VPCD

A PCD finalmente encontra a pasta que procurava. Senta-se na sua secretária e está a consultar os documentos que lá se encontram. Encontra o despacho sobre avaliação e está a analisá-lo. A certa altura a PCD tira o lenço que trazia ao pescoço, porque diz que está com calor.

-----  
 15.22 (1) - GCD - VPCD

A PCD está sentada à sua secretária continua a analisar o despacho sobre avaliação. A VPCD está também na sua secretária. Estão as duas em silêncio durante algum tempo. A certa altura a PCD começa a ler excertos do despacho, para a VPCD a acompanhar na procura da resposta à questão por esta colocada momentos antes.

-----  
 15.23 (1) - GCD - VPCD

Depois de ter feito a leitura daquele ponto do despacho sobre a avaliação a PCD pega no impresso que tem sobre a mesa, relativo à estatística de Transculturais e pergunta à VPCD se ela fala ou escreve outras línguas. Depois larga esse assunto e dispõe-se a fazer uma chamada telefónica.

-----  
 15.24 (1) - GCD - Empresa

A PCD disca um número de telefone. A ligação é feita de imediato. O assunto é o pedido de orçamentos que a Escola fez há tempos e que ainda não houve resposta.

-----  
 15.25\* (1) - GCD - VPCD

*A VPCD no outro telefone fala com a D... esposa do senhor que arranja as portas. Do outro lado respondem-lhe que virão fazer o arranjo no sábado às 8.30.*

-----  
 15.25 (-1) - GCD - ---

Depois de ter acabado o telefonema para a empresa de estores a PCD faz outra ligação para outra empresa de estores. O assunto é o mesmo. Não consegue, está interrompido.

-----  
 15.25 (1) - GCD - Eu

A PCD continua sentada à sua secretária. Enquanto espera alguns momentos para voltar a ligar, vai falando.

-----  
 15.26 (1) - GCD - VPCD

Enquanto a PCD está de novo a marcar o número de fax para enviar o ofício de pedido do manual do inventário a VPCD entrega-lhe uma lista de material com as indicações da profª. [nome - 10].

-----  
 15.27 (2) - GCD - Eu

A PCD encontra-se de pé. Ciranda pela sala, aparentemente sem trabalho de secretária para fazer. Numa das passagens perto do fax repara que o ofício sobre o manual pratico de inventário já foi enviado.

-----  
 15.29 (3) - GCD - Firma

A PCD faz de novo a ligação para a empresa. Desta vez consegue a ligação. o assunto é um pedido de orçamento que a escola tinha solicitado para dois estores.

-----  
15.32 (-1) - GCD - ---

A PCD depois de ter feito o telefonema manda um fax com o nº de fax da escola para a empresa com a qual tinha acabado de falar por telefone.

-----  
15.32 (2) - GCD - VPCD - Eu

Entra no gabinete a VPCD. Dirige-se à PCD dizendo que o prof. [nome - 15] quer tudo o que se encontra na lista-gem que entrega à PCD.

-----  
15.34 (-1) - GCD - ---

Toca o telefone. A PCD atende o telefone. Desliga logo. Aparentemente foi um engano.

-----  
15.34 (1) - GCD - Eu

Continua de pé de um lado para o outro. Vai até à secretária e pega na lista que a VPCD tinha trazido há momentos com os pedidos de material do prof. [nome - 15].

-----  
15.35 (-1) - GCD - [nome de profª - 45] - VPCD

Toca a campainha de entrada do gabinete. Trata-se da profª. [nome - 45]. É atendida pela VPCD. A profª. [nome - 45] e a VPCD começam a conversar. O assunto é a atribuição de aulas de apoio.

-----  
15.35 (1) - GCD - [nome de profª - 45] - VPCD

A PCD volta a prestar atenção à lista do prof. [nome - 15]. Faz um comentário de passagem relativamente à lista e depois abandona-a em cima da secretária. Mete-se entretanto na conversa da profª. [nome - 45] e da VPCD.

-----  
15.36 (1) - Corredor - Alunos

A PCD que ciranda de um lado para o outro, vai até à porta e fala com um aluno que se encontra no corredor junto à entrada do gabinete. Trata-se do aluno que no dia anterior tinha estado no gabinete a queixar-se dos outros dois colegas. A PCD sai mesmo do gabinete. Volta cerca de um minuto depois.

-----  
15.37 (1) - GCD - Eu

A PCD regressa ao gabinete e põe-me ao par do que se tinha passado com o aluno. Depois desta conversa a PCD senta-se na sua secretária e mexe nos papéis que lá se encontram e comenta o que ainda vai fazer e o que já está feito.

-----  
15.38 (3) - GCD - VPCD - [nome de profª - 23]

Entra no gabinete a VPCD e a profª. [nome - 23]. Tratam de assuntos relativos aos apoios. A PCD que se encontra de pé no meio da sala, atenta, a ouvir a conversa e intervém. Diz que queria seis horas para abrir uma sala de estudo. Debatem a questão da utilidade e eficácia entre a sala de estudo e as aulas de apoio. Falam de alunos para um e outro dos casos. A PCD recorda a situação da aluna que já está pela 3ª vez no 7º ano.

-----  
15.41 (1) - GCD - [nome de profª - 43]

Entra a profª. [nome - 43] para falar com a PCD. A PCD deixa por momentos a conversa com a VPCD e a profª. [nome - 2] para falar com a profª. [nome - 43]. Esta vem falar-lhe na visita de estudo. Vem informá-la que estão já todos os pormenores tratados, em termos de alojamentos e locais a visitar. Seguidamente sai do gabinete

-----  
15.42 (10) - GCD - VPCD - [nome de profª - 23]

A conversa sobre os apoios e planos educativos continua entre a PCD, a VPCD e a profª. [nome - 23]. São referidos alunos que necessitam de planos de apoio educativo e do papel dos directores de turma. A profª. [nome - 23] sai do gabinete.

-----  
15.52 (-1) - GCD - Eu

Depois da saída da profª. [nome - 23] a PCD volta a dar atenção ao aparelho de fax. Trata agora de enviar o fax a com o pedido de apoio para as actividades de Natal promovidas pela profª. [nome - 37]. É o pedido de chocolates e doces para a festa de natal. O ofício fica metido na máquina que indica "linha ocupada"

-----  
15.52 (1) - GCD - VPCD

Entra no gabinete a VPCD. Comenta que está muito frio.

-----  
15.53 (1) - GCD - ---

A PCD está novamente de volta do fax a tentar enviar um fax a pedir bolos. é um fax da profª. [nome - 37].

-----  
 15.53\* (-1) - Corredor - VPCD

A VPCD saiu do gabinete e no corredor fala com o Sr. [nome de aae - 9] avisando para ele vir no sábado.

-----  
 15.54 (1) - GCD - VPCD

A VPCD regressa ao gabinete. A PCD trocam opiniões com a VPCD sobre o que pretende fazer para recolher as propostas de compras de material dos diversos grupos disciplinares. A PCD pensa que se calhar vai ter de se telefonar a cada um para casa., ou então através de uma comunicação por escrito.

-----  
 15.55 (-1) - GCD - VPCD

Toca o telefone. Atende a PCD. Do outro lado ninguém fala. A PCD desliga o telefone.

-----  
 15.55 (1) - GCD - VPCD

A PCD continua a tentar enviar os faxes da profª. [nome - 37], sem sucesso. A PCD continua às voltas com o fax. A VPCD comenta que se tinha esquecido que a uma determinada sala estava ocupada com actividades da profª. [nome - 37] e que tinha colocado lá reuniões de notas.

-----  
 15.56 (1) - GCD - SCD

Toca o telefone. Atende a PCD. É a SCD a dar notícias sobre a mãe. A PCD passa o telefone à VPCD.

-----  
 15.57 (3) - Corredor - Srs. das portas

Aparecem no gabinete os senhores que vem fazer o orçamento para o gradeamento no exterior. A PCD fala com eles e depois acompanha-os.

-----  
 15.57\* (3) - GCD - VPCD

A VPCD continua falar com a SCD.

-----  
 16.00 (2) - GCD - [nome de profª - 46] - VPCD

A PCD regressa ao gabinete acompanhada da profª. [nome - 46], del. de Geografia. O assunto de que falam é a listagem de material de que o grupo de Geografia tem falta. A PCD diz-lhe que quer essa listagem no dia seguinte. A profª. [nome - 46] diz que vai fazer isso.

-----  
 16.02 (-1) - GCD - --

A PCD volta a trabalhar com o fax tentando mandar um dos faxes da profª. [nome - 37]. A PCD digita um número no fax.

-----  
 16.02 (3) - GCD - [nome de fsa - 6]

Batem à porta. É a funcionária [nome de fsa - 6] que vem dar notícias da profª. [nome - 1] que se encontra internada. Traz um fax para enviar para a ADSE a informar que a profª. [nome - 1] se encontra internada.

-----  
 16.05 (1) - GCD - VPCD

A PCD volta ao aparelho de fax e nota que o que tinha posto já foi enviado.

-----  
 16.06 (6) - GCD - VPCD - Eu

Depois de ter colocado o documento a enviar via fax, a PCD fica de pé junto à máquina. Pega nuns papéis que estão em cima da secretária e começa a dizer do que é se trata. Fala na oferta de uma empresa de restauração de um bolo para a festa de natal da escola. Ouve-se a voz do Sr. [nome de aae - 9] que se encontra no corredor. A PCD pergunta à VPCD se já falou com ele. Esta diz que sim. Depois conversam sobre o que vão fazer para o jantar em casa. A PCD novamente às voltas com o fax tenta enviar o ofício a pedir apoios para as actividades de Natal da profª. [nome - 37]. Volta a marcar o número do fax. a conversa depois muda para a rapidez com que as camionetas oferecidas pela Câmara já estavam todas ocupadas com visitas de estudo.

-----  
 16.12 (1) - GCD - Senhores

Batem à porta. Trata-se dos senhores que vêm entregar o orçamento das obras para o gradeamento. Os senhores saem do gabinete.

-----  
 16.13 (1) - GCD - VPCD - Eu

Depois dos senhores saírem a PCD, faz alguns comentários sobre o orçamento que acabou de receber.

-----  
 16.14 (2) - GCD - VPCD

Depois a PCD conversa com a VPCD. Fazem o ponto da situação relativamente aos del. que já foram contactados para entregarem ao CD o material que precisam, com vista à afectação do saldo do fim do ano.

16.16 (-1) - GCD - ---

A PCD sai do gabinete e vai aos SA.

16.16 (6) - SA - CSA - [nome de fsa - 1]

A PCD está na sala dos SA. Conversa com a CSA. Esta traz-lhe os impressos e ofício sobre o pedido de equivalente financeiro que aquela assina. Depois a PCD e a funcionária [nome de fsa - 1] trocam opiniões e procuram na legislação esclarecer a situação de uma profª. do Quadro de Zona Pedagógica que foi colocada na escola no presente ano lectivo.

16.22 (4) - GCD - Eu

A PCD entra de novo no gabinete. Pergunta-me que actas é que eu quero. Procura o livro de actas e resolve ir tirar nesse momento as fotocópias das actas do CP.

16.26 (5) - Reprografia - Eu

Seguimos os dois par a Reprografia. Enquanto ela tira as fotocópias vamos conversando sem assunto especial.

16.31 (-1) - Reprografia - Funcionária

Entra na Reprografia a funcionária. Pergunta à PCD se ela precisa alguma coisa. A PCD diz-lhe que não que já está o assunto arrumado. Saímos os dois da Reprografia e voltamos para o GCD

16.31 (2) - GCD - VPCD

Entramos no gabinete. Lá dentro está a VPCD sentada à sua secretária. A PCD, aparentemente sem tarefas para realizar fica no meio da sala. Depois volta a tratar do fax para o envio do pedido da profª. [nome - 37]. Enquanto isso as duas conversam sobre a aquisição de coisas para a cozinha. A PCD dirige-se para a máquina de fax.

16.33 (1) - GCD - Eu

De novo no gabinete a PCD anda de novo às voltas com o fax tentando enviar o fax da profª. [nome - 37]. Marca o número de fax e fica à espera.

16.34 (3) - SPB - professores

A PCD vai para a sala de professores. A sala encontra-se razoavelmente cheia. A PCD dirige-se para o balcão onde se encontram algumas colegas a serem servidas pela funcionária [nome de aae - 6]. em duas mesas outros tantos grupos de profª. conversam, comem e bebem chá. De pois se servida a PCD dirige-se para um dos sofás e senta-se. Está sozinha a comer, utilizando a mesinha à frente do sofá. Entretanto toca para a entrada e a sala começa a esvaziar-se. A sala está muita calma e a PCD pega no jornal que se encontrava na mesinha e começa a folheá-lo. Na sala estão apenas, agora, 4/5 professoras.

16.37 (13) - SPB - [nome de profª - 43]

A profª. [nome - 43] e a PCD conversam.

16.50 (1) - GCD - VPCD

A PCD regressa ao GCD. As duas relatam respostas de alunos em testes e nas aulas. A troca do termo "salmoura" por "sal mouro" numa resposta a uma pergunta sobre técnicas de conservação do peixe. A PCD referiu por seu lado o desconhecimento do significado do termo "miúdo" na expressão "povo miúdo".

16.51 (1) - GCD - [nome de aae - 9]

Entra o Sr. [nome de aae - 9] no gabinete. Conversa com a PCD sobre a questão da compra das dobradiças para as portas. A PCD diz que não se justifica que esse material pedido já há quinze dias ainda não tenha sido fornecido. Em última análise vai-se à loja do lado e compra-se as dobradiças. O Sr. [nome de aae - 9] sai do gabinete.

16.52 (2) - GCD - ---

A PCD está sentada à secretária. Lê o jornal que tinha trazido da sala de professores. A VPCD na sua secretária vai corrigindo testes dos seus alunos.

16.54 (2) - GCD - VPCD

A certa altura a VPCD mete conversa. Pergunta à PCD se os directores de turma aprovaram os critérios de avaliação. A PCD diz que sim, que apenas foram feitas umas alterações. Mostra as alterações à VPCD. Esta entretanto toma nota na proposta original da alteração que a PCD lhe acaba de comunicar.

16.56 (4) - GCD - VPCD - Eu

A PCD retoma a leitura do jornal. Depois pega num papel e começa a elaborar uma lista de compras. A VPCD comenta que não sabe o que há-de fazer para o almoço no dia seguinte.

17.00 (3) - GCD - VPCD - Eu

A PCD comenta que para ela o dia de trabalho acabou. Diz que só vai ver os pontos no fim de semana. De seguida conversamos sobre o dia seguinte: a que horas ela entra, o que é que tem para fazer, etc. Saímos dos dois do gabinete. A VPCD ainda fica na escola.

17.03 (1) - Corredor - [nome de aae - 5] - Aluna - Eu

Vamos os dois pelo corredor em direcção à saída do pavilhão. No corredor ainda está uma aluna a ser atendida por um funcionária. Esta diz para a PCD que a miúda está mal disposta. Saímos para o pátio.

17.04 (-1) - Pátio - [nome do guarda] - Eu

O pátio encontra-se completamente vazio. A PCD comenta para o Sr. [nome do guarda] que assim é que é bom. Continuamos e passamos junto à exposição de Natal.

17.04 (-1) - Pátio - Eu

Quando passamos pela saída, novamente ela elogia o trabalho de exposição relativa ao Natal. Depois já no pátio conversamos sobre o dia de trabalho.

17.04 (3) - Pátio - Eu

Depois já no pátio conversamos sobre o dia de trabalho.

17.07 (2) - Fora da Escola - Eu

Saímos o portão da escola e vamos pelo passeio conversando em direcção ao parque de estacionamento ao lado da escola.

17.09 (-1) - Fora (Parque) - Eu

Despedimo-nos junto aos carros no pequeno parque existente ao lado da escola.

#### **D) 4º DIA - QUINTA FEIRA - 05 DEZ 1996**

pcd104b

5/12/96 (QUINTA FEIRA) - 08h 50m - 13h 25m - ESCOLA A

OBSERVAÇÃO DA ACTIVIDADE DIÁRIA DA PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

08.50 (3) - Portaria - [nome de aae - 2]

A PCD entra na escola. Na portaria cumprimenta e conversa com a funcionária [nome de aae - 2]. Pergunta à funcionária como estão a correr as coisas ali no portão, com a entrada dos miúdos. Ela responde-lhe que bem, que não tem havido problemas. A PCD elogia a forma como ela trata os miúdos e acrescenta que são eles próprios que dizem que admiram a maneira como ela se lhes dirige e exige o cartão, e que gostam da maneira de ela actuar.

08.53 (-1) - GCD - ---

Entra no gabinete. Depois sai e vai para a sala dos SA.

08.53 (7) - SA - [nome de fsa - 1]

Na sala dos SA a PCD trata com a funcionária [nome de fsa - 1]. Estiveram a analisar a situação de uma auxiliara de acção educativa que se encontrava de baixa por doença há já bastante tempo. Na eventualidade da senhora ter uma doença cancerosa estivera a ver se lhe era aplicável a legislação idêntica à dos docentes de forma a que lhe fosse contado, para efeitos de progressão na carreira, como tempo de serviço o período da doença.

09.00 (8) - SA - [nome de fsa - 1]

A PCD continua na sala dos SA a tratar de assuntos relativos ao pessoal.

09.08 (7) - GCD - ---

A PCD sai dos SA e dirige-se para o GCD. Organiza as coisas para começar a trabalhar. Começa a trabalhar na grelha para entregar aos del. de forma a eles apresentarem as propostas de actividades para o PAA de forma uniforme, com apresentação de objectivos, calendários, etc. Senta-se ao computador. Está a ainda ocupada com essa actividade quando entra a profª. [nome - 37].

09.15 (3) - GCD - [nome de profª - 37]

A PCD encontra-se sentada na mesinha do computador a elaborar uma grelha. Entra no gabinete a profª. [nome - 37]. Vem entregar a lista de material para a disciplina de Matemática. A PCD diz-lhe que é preciso indicar as pri-

oridades na lista. A profª. [nome - 37] está a fazer alterações e a acrescentar as prioridades na lista de material. Servindo-se da secretária da PCD. Está de pé. Passado um momento vem até à PCD e entrega-lhe a lista. A profª. [nome - 37] sai do gabinete.

-----  
09.18 (4) - GCD - Eu

A PCD que continua sentada ao computador a fazer a grelha para os del. utilizaram para a elaboração das propostas de actividades do PAA. A PCD explica-me o que está a fazer.

-----  
09.22 (-1) - GCD - VPCD

Entra no gabinete a VPCD. Cumprimenta-nos. De seguida senta-se na sua secretária.

-----  
09.22 (3) - GCD - VPCD - Eu

A PCD continua ao computador. A nossa conversa continua com a PCD a dizer que pensou no assunto e que resolvera então arranjar uma maneira de os del. entregarem propostas com alguma uniformidade de critérios. Diz que também começara a pensar no caso do Equivalente Financeiro e que havia lá umas coisas que tinham de ser alteradas.

-----  
09.25 (1) - GCD - VPCD

A PCD que se mantém atarefada no computador, conta à VPCD pormenores do pedido da profª. [nome - 37].

-----  
09.26 (9) - GCD - ---

A PCD continua embrenhada na feitura da grelha. Enquanto vai fazendo colunas e escrevendo títulos, alargando ou encurtando colunas, etc. vai murmurando e falando para si própria sobre os passos que vai dando na construção do impresso. A VPCD está sentada à sua secretária. As duas trabalham depois em silêncio. A PCD continua a trabalhar no computador.

-----  
09.35 (1) - GCD - [nome de fsa - 3]

Batem à porta. Trata-se da funcionária [nome de fsa - 3] que vem perguntar à PCD se sabe qual é o número do seu cartão de funcionária. A PCD diz que não sabe e que no dia seguinte lhe traz.

-----  
09.36 (9) - GCD - VPCD - Eu

A PCD continua sentada no computador. À medida que vai avançando na feitura da grelha vão conversando e dizendo o que está a fazer. Conversam as duas sobre as funcionárias que fazem serviço na Portaria. A VPCD refere que elas desejavam que fosse feito um telheiro, junto da portaria, porque quando chove é um problema. Analisam os prós e os contras enquanto vão trabalhando cada uma no seu lugar.

-----  
09.45 (5) - GCD - [nome de aae - 5] - [nome de sr. - 2]

Batem à porta. Uma funcionária vem acompanhada de um jovem. Este vem propor os seus serviços para a dinamização de um grupo de teatro com os alunos. Conversam durante alguns minutos. O Jovem apresenta as suas ideias. A PCD propõe-lhe que faça uma divulgação do projecto e depois se houver interessados, então avança-se com a actividade. Fica assim combinado. O Jovem sai do gabinete.

-----  
09.50 (1) - GCD - VPCD - Eu

Depois do jovem ter saído do gabinete a PCD volta a dar a sua atenção ao computador e ao documento em que estava a trabalhar. Pretende tirar as cópias para os del..

-----  
09.50\* (5) - GCD - VPCD - [nome de aae - 9] - Eu

Entra no gabinete o funcionário [nome de aae - 9]. A VPCD aproveita a oportunidade para lhe falar na questão da construção de um telheiro na portaria. A VPCD e o Sr. [nome de aae - 9] conversam sobre a questão do telheiro.

-----  
09.51 (4) - GCD - Eu

Enquanto a impressora esta a imprimir, e a PCD fica à espera eu faço-lhe mais perguntas sobre as suas tarefas antes de eu chegar à escola. A impressora continua a trabalhar. A PCD vai estando com atenção aos exemplares que vão saindo da impressora, verificando se está tudo a sair bem. Entretanto faz alguns comentários ao volume de material que consta das listas do grupo de Matemática. A Impressão acabou finalmente.

-----  
09.55 (-1) - SPB - ---

A PCD sai do gabinete mas regressa logo de seguida. Foi à sala de professores. Ia com os impressos e encontrou um del. a quem entregou logo um impresso.

-----  
09.55 (-1) - GCD - VPCD

Entrou no gabinete e esclareceu que já tinha entregue um impresso ao prof. [nome - 44].

09.55 (5) - GCD - VPCD - Eu

A PCD pega o telefone e faz uma ligação (telefone directo) para uma Associação Recreativa. para comunicar que a escola empresta cadeiras e mesas para uma festa. Depois senta-se ao computador.

10.00 (2) - GCD - Funcionária - TVcabo - VPCD

Aparece à porta do gabinete uma funcionária com uma senhora para falar com o conselho directivo. Trata-se de uma senhora da TVcabo. Vem saber onde é que poderá ser instalado o dispositivo que entretenimento dos alunos.

10.02 (5) - GCD - VPCD - Eu

A PCD senta-se de novo no computador e recomeça a fazer a ficha formativa que estava a fazer quando foi interrompida pela entrada da senhora da TVcabo. Enquanto trabalho no computador a PCD vai conversando, falando para mim e para a VPCD. Refere as vantagens e facilidades que o computador dá.

10.07\* (2) - GCD - TVcabo - VPCD

Batem à porta. A PCD diz para entrar. Entretanto continua a elaborar a ficha formativa que estava a fazer. Quem atende e trata do assunto da TVcabo é a VPCD. Depois de ligarem a extensão à ficha, os senhores saem do gabinete.

10.07 (4) - GCD - [nome de profª - 29] - Eu

À porta do gabinete aparece uma colega que convida a PCD a ir tomar café. A PCD continua o que está a fazer enquanto conversa. Agradece o convite mas diz que já bebeu café. A [nome de profª - 29] sai e vai para a Sala de Professores.

10.11 (2) - SA - CSA

Interrompeu o trabalho que estava a fazer ao computador e foi para a sala dos SA. Foi falar com a CSA para proceder à reformulação do preenchimento dos mapas do "equivalente financeiro". explicou à CSA que o cálculo dos nº de horas a considerar para o equivalente não estava bem feito. Depois da explicação e de ter feito as correcções necessárias, saiu dos SA e foi para a sala de professores.

10.13 (17) - SPB - Professores - Eu

Na sala de professores a PCD procura encontrar o maior numero possível de del. de grupo. À medida que os vai encontrando vai dando-lhes as grelhas para o preenchimento das propostas de actividades para o PAA. A sala está completamente cheia. A PCD anda de um lado para o outro. Quase não conversa, apenas troca algumas palavras explicando a função da grelha quando a entrega. Já entregou aos del. de EMRC, E.Musical, E.V.Tecnológica, História do 2º e do 3º e Geografia A certa altura aproximo-me dela e conversamos. Depois ela afasta-se à procura de mais del... Reparo que no almoço de natal, se encontram inscritas doze pessoas. A PCD encontra-se na conversa com a profª. [nome - 43]. Por cima do barulho e confusão das conversas, de vez em quando ouve-se o riso gargalhado da PCD. A sala de fumo dos professores encontra-se completamente vazia. Alguns minutos mais tarde a sala de fumadores começa a ter alguns professores. Já tomaram o seu café e vêm fumar um cigarro. Duas ou três professoras, já antigas na casa, fumam mesmo dentro da zona de não fumadores. É o caso da profª. [nome - 27] e da [nome - 9]. Dá o toque de entrada e a sala ainda permanece muito cheia. Poucas professoras abandonaram a sala para irem para as aulas. Quando dá o 2º toque ainda há 4/5 professores a procurar os livros de ponto para se dirigirem para as respectivas salas de aula.

10.30 (8) - GCD - Eu

Eu e a VPCD voltamos para o gabinete. A PCD comenta que tem muito calor. Depois comenta também a listagem de material entregue pela profª. [nome - 43]. A PCD analisa as listagens de material já entregues pelos del... À medida que as vai lendo, faz alguns comentários esporádicos.

10.38 (1) - GCD - Eu

A PCD senta-se ao computador para fazer um apanhado das listagens de necessidades de material dos grupos que já entregaram. As relativas às disponibilidades comunicadas pelo Ministério..

10.39 (8) - GCD - ---

A PCD ao computador faz um apanhado das listagens de necessidades de material dos grupos que já entregaram. relativas à informação prestada pelo Ministério.

10.47 (1) - GCD - [nome de fsa - 6]

Batem à porta. E a funcionária [nome de fsa - 6] que vem perguntar à PCD como é que ela quer justificar as faltas que deu durante a semana em que esteve doente. Saem as duas do gabinete.

10.48 (-1) - SA - ---

A PCD na secretaria vai buscar impressos para fazer a justificação de falas. Regressa de imediato.



-----  
 10.48 (5) - GCD - [nome de fsa - 6]

A PCD acompanhada pela funcionária [nome de fsa - 6], regressa ao gabinete e está sentada à secretária a fazer contas para apurar os dias em que tem de meter o pedido de justificação de faltas. A PCD está a preencher os papéis de pedido de justificação. A funcionária [nome de fsa - 6] encontra-se no meio do gabinete à espera que a PCD preencha os papéis. Finalmente entrega os papéis à funcionária. Esta sai do gabinete

-----

10.53 (14) - GCD - Eu

A PCD senta-se novamente ao computador e retoma a tarefa que estava a fazer. Durante alguns minutos trabalha em silêncio. Passado algum tempo eu pergunto-lhe se ela me arranja os horários dos professores. Ela levanta-se da mesa do computador, vai à sua secretária e procura nas gavetas. Encontra um conjunto e dá-me. Depois senta-se novamente ao computador e retoma o que estava a fazer. Em silêncio durante mais alguns minutos. A PCD continua a trabalhar na listagem de necessidades apresentadas pelos grupos a partir das listas de material comunicadas pelo Ministério. Estamos durante algum tempo em silêncio.

-----

11.07 (-1) - GCD - [nome de fsa - 6]

Batem à porta. Trata-se da funcionária [nome de fsa - 6] que vem colocar uns papéis em cima da secretária a SCD. Sai logo de seguida.

-----

11.07 (11) - GCD - Eu

A PCD continua a trabalhar no computador, fazendo a listagem. A certa altura diz que o trabalho está feito. Termina a feitura das listagens.

-----

11.18 (1) - GCD - Telefone

Toca o telefone. A PCD levanta-se do computador e vai atender o telefone. É alguém para falar com a VPCD. A PCD diz que ela está em aulas. Daí a 15 minutos já poderá atender.

-----

11.19 (1) - GCD - Eu

A PCD volta para perto de mim. Apenas conversa. A PCD diz que vai comer qualquer coisa. Sai do gabinete.

-----

11.20 (10) - SPB - Professores

A PCD encontra-se ao balcão do bar da sala de professores. A sala de professores encontra-se cheia de professores. O ambiente é bastante barulhento, toda a gente fala com toda a gente, numa grande confusão. Alguns à volta do balcão. Outras estão sentadas às mesas. Na sala de fumo encontra-se alguns docentes. A PCD conversa com a profª. [nome - 47]. Está sentada a uma mesa com a colega e enquanto come a sua torrada vai ouvindo as queixas da colega sobre a assiduidade dos alunos às aulas do APA. Toca para a entrada e a sala começa a esvaziar-se. Na sala ficam ainda alguns retardatários, que apenas abandonam a sala já muito perto do momento do toque de tolerância. Entretanto a PCD regressa ao gabinete.

-----

11.30 (7) - GCD - Eu

A PCD trabalha novamente no computador mas agora nas listas de material pedido pelos grupos para a utilização do saldo do ano que termina. Enquanto faz isso, dá-me uma informação sobre o que fez na sala de professores.

-----

11.37 (2) - GCD - [nome de profª - 37]

Toca a campainha de entrada do gabinete. É a profª. [nome - 37] que vem tratar do envio de um fax a pedir apoios para as actividades de natal: pedido de bolos e chocolates para a festa de natal.

-----

11.39 (4) - GCD - [nome de sra. - 3]

Toca o telefone. A PCD atende. É da Associação Recreativa que tinha pedido as mesas e as cadeiras. A PCD diz que já tinha um fax para mandar a informar que podiam ir buscar as mesas e as cadeiras, ainda bem que tinha telefonado.

-----

11.40\* (-1) - GCD - [nome de profª - 37]

A profª. [nome - 37] sai do gabinete. A PCD está ocupada ao telefone.

-----

11.43 (-1) - GCD - Eu

Depois de terminado o telefonema, a PCD retoma o que estava a fazer e informa-me o seu conteúdo e quem estava a falar do outro lado.

-----

11.43 (1) - GCD - Eu

A PCD senta-se outra vez à mesa do computador. E retoma o que estava a fazer.

-----

11.44 (1) - GCD - Senhor

Batem à porta. Trata-se de um promotor de vendas de produtos de limpeza. A PCD diz que a escola não está interessada. O senhor despediu-se e saiu. A PCD que o havia acompanhado até ao corredor volta para dentro do gabinete.

-----  
11.45 (4) - GCD - Eu

Regressa de novo ao seu lugar de trabalho e retoma mais uma vez o que estava a fazer.

-----  
11.49 (4) - GCD - [nome de profª - 37]

Batem à porta. Entra no gabinete a profª. [nome - 37]. Traz as cópias dos projectos, um documento para juntar a uma carta e a proposta de actividades para o PAA. Entretanto a PCD faz um comentário sobre a recepção de disquetes para o recenseamento da função pública. Como o número de documentos que a profª. [nome - 37] traz é grande durante alguns minutos estão as duas ocupadas em organizar as folhas. Finalmente conseguem organizar a papelada toda. Depois a profª. [nome - 37] sai do gabinete.

-----  
11.53 (1) - GCD - ---

A PCD volta para o computador e retoma a feitura do documento que estava a escrever. À medida que vai escrevendo vai murmurando o texto que está a escrever.

-----  
11.54 (1) - GCD - Telefone

Toca o telefone. A PCD levanta-se e vai atender. É alguém para falar com a profª. [nome - 23] do Ensino Especial. A PCD informa que a profª. não está na escola à quinta feira de manhã.

-----  
11.55 (1) - GCD - ---

A PCD volta para o seu lugar e de novo retoma o seu trabalho no computador.

-----  
11.56 (-1) - GCD - [nome de profª - 37]

A profª. [nome - 37] volta a entrar no gabinete. Vem trazer uma cópia de um documento que estava em falta quando momentos antes ela entregou as propostas de actividades para o PAA. A PCD continuou sentada a trabalhar. Recebeu o documento e colocou-o na mesa sem interromper a escrita. A profª. [nome - 37] deixa o gabinete.

-----  
11.56 (1) - GCD - Telefone

Toca novamente o telefone. A PCD levanta-se novamente e vai atender. É um encarregado de direcção para falar com a VPCD. A PCD informa que ela está a dar aulas até à uma e meia. Como a sexta feira é o dia de folga, só na segunda feira. A PCD poisa telefone.

-----  
11.57 (3) - GCD - [nome de profª - 37]

Entra de novo no gabinete alguns segundos antes da PCD ter acabado o telefonema. Ela vem tratar do envio de um fax. A profª. [nome - 37] acaba por optar por usar o telefone. A PCD volta a sentar-se ao computador e retoma o seu trabalho.

-----  
12.00 (2) - GCD - Eu

A PCD está ao computador. Dá por terminado o seu trabalho no computador. Conversa comigo. Depois volta a ver o trabalho de esteve a fazer. Confere tudo de novo, apreciando igualmente o aspecto gráfico do documento no monitor.

-----  
12.02 (3) - GCD - [nome de profª - 37]

A profª. [nome - 37] acaba o telefonema que estava a fazer. A PCD que nesse momento está a apreciar o trabalho que fez, no monitor, interpela-a. Pede-lhe para mostrar o documento que é para enviar por fax. A PCD diz à profª. [nome - 37] para acrescentar mais algumas coisas no documento. Depois trata do envio por fax. A profª. [nome - 37] lembra à PCD para assinar uma carta que ela deixou. A PCD diz que já está assinada.

-----  
12.05 (2) - GCD - Eu

A PCD declara que já não faz mais nada, vai até ao computador e desliga-o. Senta-se na sua secretária e pega no jornal. Dá mais uma vista de olhos. Troca algumas palavras comigo. Depois levanta-se e cirando pela sala, mexendo nos papéis que se encontram em cima das mesas.

-----  
12.07 (2) - GCD - Empresa - [nome de profª - 37] - Eu

Toca o telefone. A PCD que no momento de encontra de pé, junto da sua secretária, atende. Do outro lado querem falar com a profª. [nome - 37]. A PCD poisa o telefone e vai ver se ainda encontra a profª... No corredor chama em voz alta por ela. Logo de seguida outro grito mais longe, como se de um eco se tratasse: "[nome de profª - 37]?" A PCD vai até fora do pavilhão à procura da profª... Volta acompanhada da profª. [nome - 37] que passa a atender o telefone. Entretanto tinham desligado. A PCD entretanto sentara-se à secretária e arruma alguns papéis, dá uma

vista de olhos aos exemplares da ficha formativa que vai dar aos alunos na aula do meio dia e meia. A profª. [nome - 37] espera mais uns segundos e depois sai do gabinete.

-----

12.09 (13) - GCD - Eu

A PCD encontra-se sentada à sua secretária. Lê o correio. Entretanto interessa-se por um ofício que vem acompanhado por duas disquetes. Trata-se do recenseamento do funcionalismo público. traz junto duas disquetes.

-----

12.22 (3) - GCD - ---

A PCD arrumã as suas coisas para sair e ir dar a aulas que começa às 12.25. Depois sai e vai para a sala de professores. Pouco depois toca para a entrada. A PCD sai do gabinete dirige-se para a sala de professores onde levanta o livro de ponto e a chave da sala. Depois segue imediatamente para fora do pavilhão.

-----

12.25 (50) - Sala - Turma 5ºg

Aula de História - Turma 5º G

-----

13.15 (10) - GCD - Eu - VPCD

Depois da aula a PCD vem para o GCD. Está acompanhada da VPCD. Está a preparar-se para sair da escola. Ainda ficamos a conversar durante alguns minutos, nós os três.

-----

13.25 (-1) - Pátio - ---

A PCD sai da escola.

## **ANEXO VI**

### **REGISTOS DE OBSERVAÇÃO DA ACTIVIDADE DIÁRIA DO PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO - ESCOLA B**

## **A) 1º DIA - SEGUNDA FEIRA - 25 NOV 1996**

pcd201b

25/11/96 (SEGUNDA FEIRA) - 08h 05m - 18h 40m - ESCOLA B

OBSERVAÇÃO DA ACTIVIDADE DIÁRIA DO PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

-----  
08.05 (1) - Portaria - [nome de aae - 14] - Neta

Entrada na escola. O PCD entra ao portão da escola. Vem acompanhado pela neta. Cumprimenta o funcionário que está à portaria. Dirige-se para o GCD.

-----  
08.06 (2) - GCD - ---

Entra no GCD. Está vazio. Arruma alguns papéis, gastando tempo para se dirigir para a aula às 8.15. Entretanto sai e dirige-se para a SPB.

-----  
08.08 (1) - Reprografia - Funcionárias

Quando se dirige para a sala de professores, dá uma espreitadela para o pavilhão da Reprografia e cumprimenta as duas funcionárias que lá estão.

-----  
08.09 (6) - SPF - professores

Na sala de professores conversa com alguns professores - Está no intervalo.

-----  
08.15 (55) - Sala - turma

Toca para entrada. O PCD dirige-se para a sala de aula onde vai dar uma aula de Matemática à turma 6º B.

-----  
09.10 (26) - Pátio - ---

O PCD logo que termina a aula dirige-se para a saída da escola. Sai da escola para ir buscar a casa a filha e levá-la à escola de [nome de povoação - 21] onde ela trabalha.

-----  
09.36 (1) - Portaria - ---

Entra na escola depois de ter ido levar a filha à escola de [nome de povoação - 21].

-----  
09.37 (8) - GCD - CSA

O PCD conversa com a CSA. Tratam do assunto da mudança de escalão da profª. [nome - 48] para o 8º escalão. Tratam da questão dos vencimentos, dos retroactivos da mesma profª..

-----  
09.45 (20) - GCD - [nome de profª - 48] - CSA

A profª. [nome - 48] entra no gabinete. Vem mostrar um documento sobre gestão de currículos de que pretende tirar fotocópias para entregar aos directores de Turma. O PCD e a CSA conversam com ela sobre a questão que estavam a tratar relativa à sua mudança de escalão. O PCD esclarece que só lhe vão ser pagos os retroactivos da mudança de escalão de 1994 com efeitos a partir de Abril, devido ao facto de ela só ter entregue a candidatura em Março daquele ano.

-----  
10.05 (2) - Reprografia - [nome de profª - 48] - [nome de aae - 1]

Vai com a [nome de profª - 48] à Reprografia para mandarem tirar as cópias do documento que a [nome de profª - 48] tinha trazido (gestão dos currículos)

-----  
10.07 (1) - GCD - ---

O PCD Regressa sozinho ao GCD.

-----  
10.08 (8) - GCD - ---

O PCD entra no gabinete e senta-se à sua secretária. Faz a leitura de alguns documentos. Arruma outros.

-----  
10.16 (1) - GCD - [nome de fsa - 8]

Conversa com uma funcionária [nome de fsa - 8] sobre assuntos de faltas dos professores. Esta diz-lhe que existem algumas justificações de faltas de professores que se encontram em algum atraso. O PCD recomenda-lhe que os mande chamar para lhes dizer para meterem os justificativos. Mas que ele não quer saber disso, ele não sabe de nada.

-----  
10.17 (4) - GCD - CSA

Conversa com a CSA sobre o preenchimento das pautas de avaliação para as reuniões do 1º período. O PCD alerta a CSA para a necessidade de se começar a tratar do assunto.

-----  
10.21 (4) - GCD - [nome de PCD - outra escola]

Telefona (+) - D. [nome de sra. - 4] atende o telefone - Falar com o [nome de PCD - outra escola]

(D. [nome de sra. - 4] deve ser uma funcionária da Escola - O Assunto relaciona-se com a resposta a um pedido feito por uma profª. sobre os horários e que na altura o PCD não respondeu por pensar que era uma candidatura a emprego. O PCD pede ao outro colega que lhe mande uma cópia do ofício que este segundo vai mandar para a profª. e ao tribunal, para ele fazer igual)

-----  
10.25 (9) - GCD - ---

O PCD depois do telefonema, sentado à secretária continua a mexer em papéis. Depois lê com atenção um ofício recebido do tribunal que intima o envio de uma resposta ao pedido de informações feito por uma colega sobre o processo de concursos.

-----  
10.34 (4) - Pátio - ---

O PCD sai do gabinete para ir falar com uma colega que no momento ia a passar no exterior. Continuam os dois pelo pátio em direcção à sala de professores. Trata-se da profª. [nome - 49].

-----  
10.35\* (3) - Pátio - Eu

*Eu saí do gabinete e estou a caminho da sala de professores. Encontro a SCD e troco algumas palavras com ela. Chegado à sala de professores pergunto à funcionária da entrada da sala de professores se o PCD veio para ali. Ela Diz-me que não. Eu regresso então ao gabinete.*

-----  
10.38 (1) - GCD - Oficina

O PCD regressa ao gabinete e marca um número de telefone. Telefona para a oficina - Fala sobre o Carro - Quer saber quando é que pode ir entregar o carro para fazer a revisão. Ficou assente que iria entregar o carro no dia seguinte, às 18 horas.

-----  
10.39 (1) - GCD - [nome de profª - 50]

Atende uma colega - sobre uma turma - Questão relacionada com o facto apenas ter dois alunos da turma - o resto da turma está suspensa - A colega pergunta se tem de dar aulas apenas a dois alunos. Ele diz que: "É evidente que não vão dar matéria...", mas a aula deverá ser dada.

-----  
10.40 (2) - GCD - SCD

Chega a SCD. PCD e a SCD conversam sobre uma acta que a SCD devia ter feito e entregue à profª. [nome - 20]. A SCD diz que a trouxe na Sexta-Feira mas que não tinha visto aquela profª...

-----  
10.42 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD fala com a funcionária sobre um ofício que é preciso mandar.

-----  
10.42 (1) - GCD - ---

O PCD está a ler um ofício que lhe foi entregue pela funcionária [nome de fsa - 9].

-----  
10.43 (-1) - GCD - [nome de profª - 48] (CDT)

Entra no gabinete a [nome de profª - 48] e entrega ao PCD um documento para este ler - Conversam sobre um modelo de impresso que já vem de anos anteriores (?).

-----  
10.43 (1) - GCD - Eu - [nome de profª - 48]

Eu converso com a [nome de profª - 48] - pergunto-lhe onde se encontram os Dossiers da Coordenação dos DT. Ela diz-me que estão na SPF e que apenas falta a documentação nova sobre as orientações para os DT. Eu digo que essa documentação eu tenho, e que apenas quero dar uma vista de olhos, aos documentos do ano passado (1995/96). Entretanto o PCD entrega um exemplar da documentação que a [nome de profª - 48] tinha dito que faltava no dossier.

-----  
10.44 (2) - GCD - [nome de profª - 48] (CDT)

O PCD diz para a [nome de profª - 48] que ela preparasse as coisas para a Reunião dos Directores de Turma, por causa da avaliação do 1º período. Para ela preparar as instruções/orientações. A [nome de profª - 48] refere algumas ligeiras alterações às do ano passado. O PCD refere a questão das alterações decorrentes das alterações das pautas.

-----  
10.46 (-1) - GCD - Eu

Pergunto-lhe se ele quer ir tomar um café. Ele diz que não. Que eu esperasse que já íamos. À pergunta a que hora ele tomava ele disse que às onze, porque tinha tomado outro às nove.

-----  
10.46 (1) - GCD - ----

Enquanto conversa comigo vai andando de um lado para o outro dentro do gabinete, mexendo nestes e naqueles papéis, aparentemente sem finalidade certa.

-----  
10.47 (-1) - GCD - [nome de fsa - 10]

A [nome de fsa - 10] entra no gabinete vinda dos SA e deixa um documento em cima da secretária do PCD. Trocam algumas palavras sobre o documento. É um ofício para assinar.

-----  
10.47 (1) - GCD - ---

Envia um fax.

-----  
10.48 (1) - GCD - SCD

SCD entra no gabinete e conversa com o PCD sobre as actas (que actas são?)

-----  
10.49\* (-1) - GCD - SCD

SCD sai do gabinete e vai para os SA.

-----  
10.49 (-1) - GCD - CSASE

Aparece à porta do gabinete um senhor que dirigindo-se ao PCD pede para falar com a SCD. O PCD indica-lhe o caminho para os SA, onde pensa que a SCD estará: "Sair nessa (porta) e entrar na outra ao lado".

-----  
10.49 (2) - GCD - ---

Senta-se à secretária a escrever um ofício rodeado de papéis em cima da mesa de trabalho.

-----  
10.51 (3) - GCD - SCD - CSASE

Entram na sala vindos de fora do Pavilhão o senhor de há pouco e a SCD. Conversam com o PCD. O PCD refere que tinha pensado que o CSASE era um promotor de vendas por ter perguntado pela SCD. Riem-se todos bem dispostos.

-----  
10.54\* (-1) - GCD - SCD - CSASE

A SCD e o Coordenador do SASE saem do gabinete vão para o pavilhão ao lado (o antigo infantário)

-----  
10.54 (-1) - GCD - Técnica do SASE

Entra no gabinete e pergunta pela SCD. O PCD diz que foram para o infantário.

-----  
10.54 (6) - GCD - CSA

Chama pela CSA e dirige-se para os SA, mas não chega a entrar no SA. Fala com a CSA junto à porta de ligação entre o GCD e os SA (ainda dentro do GCD) sobre a resposta a um ofício recebido do tribunal sobre a situação de uma colega que solicitou informações relativas ao concurso de professores.

-----  
11.00 (4) - GCD - Eu

Conversamos os dois. O PCD analisa um documento. Está sentado à secretária a ler um conjunto de documentos sobre um pedido de informação feito por uma profª... Junto está também um ofício do tribunal a comunicar que essas informações devem ser prestadas. A propósito da colocação dos professores conversamos sobre a situação da escola em termos de horários por preencher.

-----  
11.04 (2) - GCD - [nome de fsa - 10]

Vinda dos SA uma funcionária interpela o PCD. Uma aluna da turma 7D queria saber em que dias era para ser cumprida a suspensão de três que lhe tinha sido aplicada. Depois de analisarem bem alguns documentos que a func. foi buscar chegaram à conclusão que a aluna cumpriria a suspensão no dia de hoje e no dia de amanhã (25 e 26 de Novembro), porque o dia de hoje era para a turma toda e o dia de amanhã era apenas para alguns alunos.

-----  
11.06 (5) - GCD - Eu

O PCD retoma a questão da colocação da profª. de que estávamos a conversar. Continua a estudar a questão do pedido da profª. e do ofício do tribunal. Entretanto vamos trocando impressões sobre o assunto, e falando da questão dos concursos em termos gerais. Depois o PCD convida-me para ir tomar um café.

-----  
11.11 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD pergunta à funcionária [nome de fsa - 9] se ficou com cópia de um despacho. A funcionária responde que está no arquivo.

-----  
11.11 (1) - Pátio - Eu

Saímos do gabinete para irmos para a sala de professores. Pelo caminho conversamos, sobre questões de disciplina.

-----  
11.12 (-1) - SPB - Professores

Entramos no pavilhão da sala de professores e dirigimo-nos para a zona do Bar. Encontram-se vários professores na sala. Eu e o PCD estamos ao balcão.

-----  
11.12 (1) - SPB - [nome de profª - 17]

Uma profª. aborda o PCD e conversa com ele sobre a utilização da biblioteca. O PCD diz a propósito de um pedido sobre a utilização da biblioteca pela profª. que ele é o pai, é a mãe, é tudo. Depois diz-lhe que sim.

-----  
11.13 (-1) - SPB - [nome de profª - 18].

O PCD dirigindo-se a uma outra profª. diz que já tem lá no GCD uma coisa para ela. Não esclarece o que é.

-----  
11.13 (1) - SPB - [nome de aac - 14]

Conversa com a func. do outro lado do Balcão. A SPB está repleta de professores.

-----  
11.14 (1) - SPB - Professores

O PCD enquanto toma o café vai conversando com vários colegas.

-----  
11.15 (1) - SPB - profª.

O PCD conversa com uma colega sobre a turma que se encontra suspensa. Dessa turma encontram-se apenas dois alunos na escola que não estão suspensos. Os alunos do 7D. O PCD diz que a aulas devem ser dadas aproveitando para se fazerem revisões. Segundo ele os alunos não podem ser mandados embora.

-----  
11.16 (2) - SPB - Eu

Conversamos os dois enquanto tomamos o café. O Assunto é ainda a questão da suspensão da turma. O PCD fala-me da turma.

-----  
11.18 (1) - SPB - professores

Depois de tomar o café o PCD conversa com um grupo de professoras sobre generalidades.

-----  
11.19 (1) - SPB - Eu

Conversa entre nós, novamente sobre o sistema de registo de observação que eu estou a utilizar.

-----  
11.20 (4) - Lavabos - ---

O PCD dirige-se para os lavabos.

-----  
11.24 (3) - SPF - [nome de profª - 73].

Conversa sobre uma distribuição de horas de apoio a uma colega de grupo. Trata-se de uma colega que tem um horário de 8 horas. Aparentemente as horas de apoio não seriam muito do agrado da colega, nomeadamente pela localização em que essas iriam ficar na mancha horária. O PCD diz que ela também tem de fazer um mínimo de esforço.

-----  
11.27 (1) - SPF - ---

O telefone da sala de professores toca. O PCD atende. Do outro lado perguntam por uma determinada profª... O PCD responde que vai ver se a encontra.

-----  
11.28 (1) - SPF - [nome de profª - 73]

A profª. com quem estava a falar continua a insistir na resolução do problema que lhe tinha colocado. Nomeadamente colocando a hipótese de arranjar uma mancha horária das horas de apoio que não estragasse o horário de aulas normal. Diz o PCD que "só vendo o horário da pessoa".

-----  
11.29 (3) - SPF - [nome de prof. - 51]

O PCD conversa alguns minutos com o prof. [nome - 51] sobre questões relacionadas com a disciplina de Geografia de que é del... O prof. [nome - 51] fala-lhe na escassez de material didáctico para a disciplina. Os mapas são insuficientes e já muito antigos. Não servem para os programas em vigor.

-----  
11.28\* (4) - SPF - Eu - [nome de profª - 52]

*Eu converso com a [nome de profª - 52]. Ela queixa-se dos resultados de uma turma em que ela aplicou um teste. Discutimos a questão da incoerência entre os resultados da Prova Global e os resultados da avaliação contínua.*

-----  
11.32 (10) - SPF - Eu - [nome de profª - 52]



O PCD que já algum tempo se encontrava ao nosso lado assistir à conversa, interveio, no diálogo. O assunto estende-se a questões mais gerais do ensino e da juventude actuais.

-----  
11.42 (1) - SPF - Eu

Saimos os dois, dirigindo-nos para o GCD.

-----  
11.43 (1) - Reprografia - [nome de aae - 1]

O PCD dirige-se para a Reprografia para saber se a D. [nome de aae - 1] tem por acaso um dossier da Coordenação dos DT. Fala com a funcionária. A senhora procura, mas não encontra nada. Ao sair pede à funcionária do PBX para lhe fazer uma ligação para o ME para falar com o Eng. [nome de sr. - 5].

-----  
11.44 (-1) - GCD - Eu

Entramos no GCD - Lá dentro encontram-se a CSA e a funcionária [nome de fsa - 9].

-----  
11.44 (3) - GCD - ME

O PCD atende o telefone (+), ligação pedida antes. Entretanto do outro lado informam-no de que a pessoa com quem queria falar não está. Apenas estará na parte da tarde. Enquanto está ao telefone (sentado) à espera que lhe passem a pessoa com quem queria falar, vai mexendo nos papéis que se encontram em cima da secretária. Encontra um que começa a ler com mais atenção.

-----  
11.47 (-1) - GCD - CSA

A CSA pergunta-lhe qualquer coisa sobre o processo de uma profª., [nome - 54]. Se a cópia de um ofício deve ou não ir para o processo individual da referida profª... O PCD, ainda ao telefone responde-lhe que sim. Para mandar tirar uma fotocópia e juntá-la ao processo da profª...

-----  
11.47 (2) - GCD - CSA

Novamente pergunta da CSA se no caso da prof. [nome - 55] o procedimento é o mesmo. Conversam durante alguns segundos sobre outros casos em que os documentos devem ser juntos aos processos dos professores. São documentos relativos à mudança de escalão. A CSA diz que ele já tem uma lista de professores que proximamente mudarão de escalão.

-----  
11.49 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

Os dois conversam sobre uma queixa apresentada por uma profª... Trata-se do caso da profª. do Quadro de Zona Pedagógica colocada na [nome de escola - 17], de [nome de povoação - 4]. A [nome de fsa - 9] tem nas mãos um documento que mostra ao PCD. Encontram-se ambos de pé junto à secretária que se encontra à frente da do PCD.

-----  
11.50 (2) - GCD - [nome de profª - 56]

O PCD interrompe a conversa anterior para falar com a [nome de profª - 56] que tinha acabado de entrar no gabinete. Esta vem perguntar sobre a forma de receber o Diploma de Profissionalização. Trocam algumas palavras sobre o assunto. Como entre eles surgissem algumas dúvidas sobre o que fazer relativamente ao assunto, dirigiram-se para os SA.

-----  
11.52 (3) - SA - [nome de profª - 56] - [nome de fsa - 10]

Dentro dos SA, os dois falam com a funcionária [nome de fsa - 10] que trata da área do Pessoal Docente. Depois regressam ao GCD. Seguidamente a [nome de profª - 56] abandona o gabinete.

-----  
11.55 (-1) - GCD - CSA

Pergunta ao PCD quando é que ele quer ver o correio. O PCD diz que já vai ver, depois.

-----  
11.55 (2) - GCD - ---

Sentado de novo à sua secretária o PCD analisa um documento e procura redigir uma resposta. Trata-se ainda do ofício recebido do tribunal, sobre a queixa-reclamação metida pela colga do Quadro de Zona Pedagógica colocada em [nome de povoação - 4].

-----  
11.57 (5) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD pergunta à funcionária [nome de fsa - 9]: "Quando é que vieram estas cartas?"

Seguidamente os dois conversam sobre a data de entrada dos documentos relativos ainda ao mesmo assunto que ele tem estado a analisar: a queixa-reclamação da profª...

-----  
12.02\* (1) - GCD - [nome de aae - 15]

Entra no gabinete a funcionária [nome de aae - 15].

12.02 (3) - GCD - ---

O PCD continua sentado à secretária escrevendo uma resposta ao ofício recebido do tribunal sobre a questão da queixa da profª. colocada na escola [nome de escola - 17].

12.05\* (1) - GCD - SCD - CSASE

*Entram no gabinete a SCD e o Coordenador do SASE - Conversam sobre a situação das instalações da Escola. Ficam no centro do gabinete.*

12.06\* (-1) - GCD - SCD - CSASE - Funcionária (SASE)

*Entra de seguida a funcionária do SASE. Troca algumas palavras com a SCD.*

12.05 (3) - GCD - ---

O PCD continua sentado à secretária, embrenhado no que está a fazer: Análise do documento e a elaboração da resposta.

12.08 (3) - GCD - SCD - CSASE

Sai da sala a funcionária do SASE dirigindo-se para os SA pela porta de ligação entre os dois compartimentos. Na sala continuam a SCD e o CSASE. O PCD levanta-se do seu lugar e integra-se na conversa dos dois. Conversam sobre o passeio feito pela SCD no fim de semana anterior (à Serra da Estrela?)

12.11 (-1) - GCD - [nome de profª - 57]

O PCD atende telefone (-). Do outro lado uma profª., [nome - 57], coloca-lhe o problema de ter de faltar por causa da participação num Congresso. PCD: Está bem filha, está bem, o que fazes é justificar a falta ao abrigo do despacho 185!"

12.11 (2) - GCD - ---

Após ter terminado o telefonema o PCD senta-se de novo na secretária e regressa ao seu trabalho de análise e redacção, que tinha interrompido quando se integrara na conversa com a SCD e com o CSASE.

12.13\* (-1) - GCD - SCD - CSASE

*O CSASE despede-se e sai do gabinete acompanhado da SCD.*

12.13 (3) - GCD - [nome de aae - 1]

A funcionária da Reprografia, D. [nome de aae - 1] entra no gabinete. Espera um momento pela atenção do PCD. Este apercebendo-se da sua presença, deixa de fazer o que estava a fazer e pergunta à funcionária ao que vem. Esta diz que houve uns alunos que estiveram a dar pontapés no caixote do lixo que se encontra na esquina do pavilhão da Reprografia e que o lixo se encontra espalhado pelo chão. O PCD, ainda sentado, pede-lhe que ela tire os nomes dos alunos e que faça a respectiva participação.

12.16 (3) - GCD - [nome de aae - 1] - [nome de aluno - 10] - Alunos

Entretanto um aluno, assoma à porta do GCD. Ouve-se uma algazarra fora: vários alunos discutem entre si. O PCD levanta-se do lugar e vai até à porta acompanhado da funcionária. O aluno [nome - 10] que estava à porta, diz que não foi ele que deu pontapés no caixote, mas que mesmo assim já tinha levantado e posto direito o caixote. Diz que os outros de tinham atirado o lixo para fora do caixote negavam-se a apanhar o lixo. Ainda dentro do gabinete o PCD fala com o aluno [nome - 10], dizendo-lhe que "estava bem, se é assim está bem, tu fizeste bem". Depois virando-se para a funcionária diz-lhe que "ou eles apanham o lixo, ou então a senhora faz a participação para o DT"

12.19 (-1) - GCD - [nome de profª - 20]

Nesse momento entra no gabinete a profª. [nome - 20] que vem falar com o PCD sobre questões relacionadas com as actas (?) - [serão actas das reuniões dos CT?]

12.19 (2) - GCD - [nome de fsa - 9] - [nome de profª - 20]

Ao mesmo tempo vinda do lado dos SA, a [nome de fsa - 9], traz o correio do dia, coloca-o na secretária do PCD e seguidamente senta-se na sua secretária e prepara-se para começar a escrever um ofício que o PCD tinha rascunhado. Esta funcionária pergunta qualquer coisa ao PCD sobre o documento que ia dactilografar. Este responde-lhe de imediato, e depois continua a conversar com a profª. [nome - 20].

12.21\* (-1) - GCD - [nome de profª - 20]

*A profª. [nome - 20] sai do gabinete.*

12.21 (2) - GCD - ---

Senta-se à secretária e começa a ver o correio do dia.

-----  
 12.23 (2) - GCD - CSA - Alunos

Verifica-se algum barulho à do lado de fora, junto à porta do GCD. A CSA que, no momento se deslocava do seu canto (uma zona do gabinete separada por dois armários dispostos em L do lado da parede onde se encontra a porta de ligação entre o GCD e os SA) para a zona da secretária do PCD, dirigiu-se à porta para saber o que se estava a passar. Dois alunos metem a cabeça dentro do gabinete e dizem que o lixo já está apanhado. Entretanto conversam com a CSA, contando-lhe o episódio do caixote do lixo, e que queriam avisar o PCD que estava tudo resolvido. O PCD interrompe o que estava a fazer, levanta-se do seu lugar e vai falar com os alunos que continuam à entrada. Ouve a informação que estes lhe vinham dar e manda-os em paz.

-----  
 12.25 (1) - GCD - [nome de aae - 2]

Junto do telefone (+) interno faz uma ligação para a SP e deixa o recado para a [nome de profª - 56] ir falar com ele logo que possa.

-----  
 12.26 (1) - GCD - [nome de profª - 50]

Entra no gabinete a profª. [nome - 50] para falar com o PCD sobre a questão das faltas e sua justificação ao abrigo do despacho 185. O PCD dá alguns esclarecimentos à profª. sobre as condições de utilização dos dias para formação. No entanto surgem algumas dúvidas. O PCD diz-lhe que depois lhe dirá, após ter analisado bem o despacho. A profª. [nome - 50] deixa o pedido de justificação e sai do gabinete.

-----  
 12.27 (1) - GCD - CSA

A CSA e o PCD (ambos de pé no meio da sala) conversam sobre a justificação de faltas para formação (despacho 185) e trocam “mimos” humorísticos.

-----  
 12.28 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD dirigindo-se à [nome de fsa - 9] (funcionária) diz que: “Está aqui o correio”. Trata-se do correio que enquanto ele esteve a ver e agora devolve para os SA.

-----  
 12.28 (-1) - GCD - CSA

A CSA dirige-se ao PCD “está aqui aquela fotocópia que o Sr. pediu” ao mesmo tempo que coloca um papel em cima da secretária do PCD.

-----  
 12.28 (1) - GCD - Eu

O PCD comenta para mim a utilização da expressão Excelência num requerimento entregue há momentos pela profª. [nome - 50] para dispensa para formação.

-----  
 12.29 (2) - GCD - [nome de profª - 56] - CSA

O PCD atende o telefone (-). Dizem-lhe que é a profª. [nome - 56] a ligar por causa do recado que ele tinha deixado antes. A profª. tinha recebido o recado e estava a telefonara para saber o que ele queria dela. O PCD informou-a que ia haver uma reunião dos coordenadores de projectos do IIE e portanto era para ela saber. A profª. [nome - 56] disse que então passava pelo gabinete da parte da tarde para ver o documento que a escola tinha recebido.

-----  
 12.31 (2) - GCD - Eu

O PCD está a ler um requerimento a pedir para faltar de uma profª. para efeitos de formação (participação num seminário). Depois o PCD vira-se para mim dizendo que ia sair. “Agora vou fazer uma viagem”. Vai buscar a filha a [nome de povoação - 21], vai pô-la a casa, depois volta à escola a buscar a neta e depois vai almoçar.

-----  
 12.33 (-1) - GCD - Eu

O PCD sai do GCD. Eu fico ainda a arrumar as coisas.

-----  
 12.33 (-1) - Pátio - SCD - CSASE - [nome de fsa - 11]

Quando eu saio encontram-se junto à porta do GCD. a SCD, o CSASE e a funcionária do SASE [nome de fsa - 11] que conversam com o PCD. Falam sobre as instalações. Enquanto o PCD conversa com o CSASE eu e a SCD conversamos durante alguns momentos.

-----  
 12.33\* (3) - Pátio - Eu - SCD

*Eu e a SCD conversamos sobre o meu trabalho ali na escola, sobre a passagem dela por uma escola em [nome de povoação - 4] (há já alguns anos) e sobre a questão do nome da escola (proposta da APEE) proposto em reunião do CP.*

-----  
 12.36 (2) - Pátio - Eu

Eu e o PCD saímos da escola. Combinamos a hora de regresso da parte da tarde.

-----

12.38 (112) - Fora - ---

O PCD sai da escola para ir a casa almoçar.

14.30 (2) - Fora (Parque) - Eu

Entramos os dois na escola - Chegámos ao mesmo tempo ao parque de estacionamento. Enquanto nos dirigimos para a entrada vamos conversando sobre alimentação e bebidas.

14.32 (1) - Portaria - [nome de aae - 16]

Vamos a entrar no portão quando o funcionário o interpela para lhe entregar um molho de participações relativas a alunos. Conversa com o funcionário. Este faz-lhe queixas de um ou dois alunos que saltam a vedação e de outras alunas que se negam a mostrar os cartões de estudante. Entretanto aproxima-se um aluno, dos dois referidos, que tenta escutar/saber o que é que o funcionária está a dizer. Este enxota-o irritado. O PCD procura acalmar o funcionário.

14.33 (-1) - Pátio - [nome de aluno - 11]

Conversa com um aluno que se encontra perto da portaria. É um aluno da turma que foi suspensa. Queria saber se tinha ou não aulas. O PCD diz-lhe para esperar nas redondezas do GCD.

14.33 (-1) - Pátio - Eu

Enquanto vamos entrando em direcção ao gabinete conversamos sobre o aluno. Eu pergunto se é do 7ºD. Ele diz-me que sim.

14.33 (-1) - Pátio - Eu

Chegamos à porta do GCD. Entramos. O PCD diz-me que é um dos que não teve suspensão.

14.33 (2) - GCD - CSA

A CSA fala com o PCD sobre dois professores. Entrega uns papéis ao PCD. Este diz à CSA para não receber aqueles papéis. Não consigo perceber que papéis são. A CSA responde-lhe que "como ele não estava...".

14.35 (-1) - GCD - [nome de aae - 17]

O PCD liga para o PBX e pede que lhe façam uma ligação telefónica para a Escola [nome de escola - 3].

14.35 (7) - GCD - CSA

O PCD pede à CSA que lhe encontre o DR onde está o despacho que estabelece o feriado de dia 2 de Dezembro. Depois, anda pela sala, apenas passeando, sem se ocupar com nada em especial. Aparentemente espera a ligação telefónica. Entretanto conversa comigo, sobre o fim de semana prolongado, o meu trabalho, a saúde da [nome da PCD] (da Escola A).

14.42 (-1) - GCD - CSA

A CSA aproxima-se de novo junto do PCD. Trocam algumas palavras, fazendo trocadilhos, sem significado especial.

14.42 (1) - GCD - CSA - Eu

Conversa-se sobre a questão do feriado no dia 2 de Dezembro por causa da Cimeira da OESC. Eu refiro o facto de o comércio a retalho ir estar aberto por causa do número de estrangeiros que nessa altura estarão em Lisboa. À volta disto os dois, PCD e CSA, dizem umas graças e uns trocadilhos. Entretanto o PCD pede à CSA que mande tirar três cópias do despacho sobre o feriado do dia 2 de Dezembro.

14.43 (-1) - GCD - ---

Sentado à secretária remexe nalguns papéis.

14.43 (-1) - GCD - Eu

Enquanto ele está na secretária conversamos. Eu pergunto-lhe se é sempre assim tão calmo o ambiente no GCD e na Escola. Responde-me que não, por vezes, há muito movimento.

14.43 (12) - GCD - Escola [nome de escola - 3]

Atende o telefone (+). Chamada pedida pelo PBX para a escola [nome de escola - 3]. Conversam e trocam opiniões e informações sobre questões como a distribuição de horas pelos professores, a questão da queixa-reclamação da profª. que tinham ficado colocada em [nome de povoação - 4], uma reunião havida na Junta de Freguesia. A propósito da segunda questão o PCD troca ideias de como vão responder ao ofício do tribunal.

14.45\* (5) - GCD - [nome de profª - 58]

*Entra no a profª. [nome - 58]. Vem falar com PCD. Este encontra-se ao telefone e diz-lhe para esperar um bocado. Ela fica de pé junto à secretária. O PCD pede-lhe que ela lhe passe um papéis que se encontram na secretária ao lado. Depois esta profª. continua na sala, de pé, esperando mais alguns minutos. Espera 4/5 minutos de depois sai da sala dizendo para o PCD que já voltava.*

-----  
14.56 (2) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD chama pela funcionária [nome de fsa - 9]. Diz-lhe para se munir de uma folha de papel timbrado. Depois começa a ditar uma certidão. Encontra-se sentado à secretária. A funcionária está sentada na secretária que se encontra à frente da secretária do PCD.

-----  
14.58 (1) - GCD - [nome de fsa - 8]

O PCD vira-se para trás e pede à funcionária [nome de fsa - 8] que se encontra na secretária atrás da sua que arranje duas fotocópias de um documento que esta se encontra a dactilografar.

-----  
14.59 (-1) - GCD - Alunos

Batem à porta do gabinete. Alguns alunos estão à entrada do GCD. O PCD sem interromper o que estava a fazer responde em voz alta que já lá vai falar com eles.

-----  
14.59 (1) - GCD - Alunos

O PCD levanta-se da sua secretária e dirige-se para a porta do gabinete. Estão dois alunos. Um é [nome de aluno - 11] que tinha falado com ele junto do portão. Os alunos dizem qualquer coisa relacionada com o número de alunos que ainda faltam. É o caso dos alunos da turma que se encontra suspensa. Eles querem saber se têm aulas, porque apenas estão dois. Entretanto mando-os esperar um pouco.

-----  
15.00 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]

Volta para ao pé da secretária da funcionária [nome de fsa - 9] e dita-lhe mais um frase para ela dactilografar, voltando de seguida para ao pé dos alunos.

-----  
15.00 (1) - GCD - Alunos

Fala com os alunos e com uma funcionária, a D. [nome de aae - 1] da Reprografia para os encaminhar para a aula respectiva.

-----  
15.01 (2) - GCD - Eu - CSA - [nome de fsa - 9]

Conversa sobre como se finaliza uma certidão/declaração. Pelo meio mais alguns trocadilhos e "mimos" de humor.

-----  
15.03 (2) - GCD - CSA - Eu

A CSA interpela o PCD sobre uma notícia do jornal sobre o feriado de 2 e 3 de Dezembro. Conversam sobre o teor do despacho que estipula o feriado municipal do dia 2 e a tolerância de ponto da manhã do dia 3 de Dezembro.

-----  
15.05 (1) - GCD - CSA - [nome de fsa - 9]

A CSA diz qualquer referente à [nome de fsa - 9] (aparentemente queria que ela fosse fazer qualquer coisa). O PCD interpela a CSA dizendo que a [nome de fsa - 9] estava a trabalhar; que estava a fazer uma coisa de responsabilidade.

-----  
15.05 (-1) - GCD - Eu

P PCD diz que está na hora de ir "ver as meninas". Refêria-se a ir à sala de professores.

-----  
15.05 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD está de pé ao pé da secretária da funcionária [nome de fsa - 9], verificando o que ela está a dactilografar e vai chamando a atenção para a pontuação.

-----  
15.06 (1) - SA - Funcionárias

O PCD dirige-se aos SA. Lá dentro dá uma volta troca algumas "graças" com elas e regressa ao gabinete.

-----  
15.07 (-1) - GCD - ---

Pega no telefone. Marca um número espera alguns momentos e poisa o telefone no descanso. Não conseguiu fazer a ligação. Fiquei sem saber para onde queria falar.

-----  
15.07 (2) - GCD - [nome de profª - 58]

Regressa aos SA chamando pela profª. [nome - 58]. Durante cerca de 2 minutos encontra-se na sala dos SA, deambulando pelas secretárias, sem uma finalidade definida.

-----  
15.09 (-1) - GCD - Eu

Conversamos. Ele encontra-se de pé no meio da sala, aparentemente se ter que fazer. Eu pergunto-lhe se teve notícias da... Ele diz-me que não. Nunca mais soube nada dela.

-----  
15.09 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]

Aproxima-se da secretária da funcionária [nome de fsa - 9]. Dá-lhe indicações de como terminar o documento que ela está dactilografar "... e por ser verdade e tal e tal..."

-----  
15.09 (2) - GCD - Eu

Continuamos a conversar. O assunto é a dificuldade em fazer um curso de mestrado estando no CD de uma escola.

-----  
15.11 (1) - GCD - CSA

Ouvem-se barulhos fortes (tipo marteladas). O PCD grita: Então!!!! Ouve-se de seguida a voz da CSA, vinda da sala dos SA a dizer que estava a tentar meter qualquer coisa (não se percebeu o quê).

-----  
15.12 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]

A funcionária [nome de fsa - 9] vinda da sala dos SA senta-se de novo à sua secretária e coloca uma dúvida ao PCD sobre a redacção de uma palavra a propósito do ofício para enviar ao Tribunal.

-----  
15.12 (-1) - GCD - [nome de aae - 18]

O PCD liga para o PBX para que lhe façam uma ligação telefónica para fora.

-----  
15.12 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD (de pé perto da secretária) da funcionária comenta para ela que hoje é um dia mau para eles os dois, porque é o dia da "cliente" deles. Refere-se à profª. [nome - 58] que se encontra a instruir os processos disciplinares contra os dois alunos que agrediram outros colegas.

-----  
15.14 (1) - GCD - [nome de profª - 58] - CSA

Entra no gabinete a profª. [nome - 58]. Senta-se na secretária em que eu estou. Preenche alguns modelos. E conversa com o PCD sobre o nome de uma rua da morada de um aluno. As duas, profª. [nome - 58] e CSA dirigem-se para a sala dos SA, para consultarem o processo do aluno tentando determinar a morada do mesmo.

-----  
15.15 (-1) - GCD - [nome de aae - 19]

Entra uma funcionária. Dirige-se ao PCD e entrega-lhe um saco. Trata-se de um saco que mais tarde venho a saber que tem hortaliças)

-----  
15.16 (1) - GCD - CSA

A CSA pede ao PCD se ele assina dois despachos sobre a situação de dois professores.

CSA: Oh senhor [nome do PCD], quero que o senhor me faça este despacho destes dois senhores que não têm cá anda...

-----  
15.17 (1) - GCD - Exterior DRELx

Enquanto fala com a CSA toca o telefone (+). Trata-se da ligação pedida há momentos. O PCD atende o telefone. O PCD diz que deseja falar com o Eng. [nome de sr. - 5]. Depois fica à espera.

-----  
15.18 (1) - GCD - [nome de profª - 58] - CSA

As duas aproximam-se da secretária do PCD. Este encontra-se com o telefone na mão à espera. Mostram-lhe um documento onde consta a morada que andavam a procurar determinar. O PCD dá a sua opinião sobre a morada que está lá escrita. As duas deixam o PCD. Uma senta-se na secretária onde eu me encontro. A outra (CSA) vai para o seu lugar de trabalho, na zona do gabinete ocupada pelos SA.

-----  
15.19 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD dirige-se à funcionária [nome de fsa - 9] dizendo-lhe para ver o nome dos encarregados de educação num documento. Ele encontra-se ao telefone esperando.

-----  
15.19 (1) - GCD - [nome de profª - 56] - [nome de profª - 80]

Entra no gabinete a [nome de profª - 56] acompanhada de outra colega. Conforme o combinado de manhã a [nome de profª - 56] vem ver o que há sobre um ofício recebido pela escola, para uma reunião no IIE com os coordenadores dos projectos. O PCD indica-lhe um papel amarelo que se encontra em cima da secretária.

-----  
15.20\* (2) - GCD - [nome de profª - 59]

Entra no gabinete a profª. [nome - 59]. Cumprimenta os presentes. Está no gabinete alguns minutos e depois saiu, sem que tenha tratado qualquer assunto.

-----  
 15.20 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD continua sentado na sua secretária à espera que do outro lado da linha do telefone apareça o pessoa com quem quer falar... Enquanto isso vai dando algumas indicações à funcionária [nome de fsa - 9].

-----  
 15.20 (2) - GCD - [nome de profª - 56]

A [nome de profª - 56] lê o documento que tinha acabado de receber e faz um comentário. Diz que aquilo já está a dar dor de barriga.

-----  
 15.21\* (-1) - GCD - [nome de profª - 56] - Eu

A [nome de profª - 56] sentada ainda na secretária onde eu estou, fala para si própria. Comenta que a reunião calha no dia de folga dela.

-----  
 15.21\* (-1) - GCD - [nome de profª - 56] - CSA

A [nome de profª - 56] pergunta pelo nº de telefone da escola. Responde-lhe a CSA (8518033). O nº é para constar da ficha de inscrição para a reunião dos coordenadores de projectos convocada pelo IIE.

-----  
 15.22 (-1) - GCD - DRELx

O PCD consegue finalmente ter alguém do outro lado do telefone. Pergunta pelo Sr. eng. [nome de sr. - 5]. Respondem-lhe que não. Ele diz, então que volta a ligar às 16.30 e desliga o telefone.

-----  
 15.22 (1) - GCD - CSA

Pergunta ao PCD se ele quer assinar uma Ordem de Serviço. Diz o PCD que antes disso quer despachar outra coisa. Essa outra coisa eram os documentos (certidão e ofício para o tribunal) sobre o assunto da colega que tinha apresentado a reclamação do concurso.

-----  
 15.23 (4) - GCD - [nome de profª - 56]

Dirige-se ao PCD e mostra-lhe o impresso que esteve a preencher. Os dois vêm o documento. A profª. [nome - 56] pede-lhe para ver um documento (do Sindicato) que estava em cima da secretária do PCD. Este diz que aquela documento é para o CD. Ela diz que pensava que eles tinham mandado para a Comissão Sindical. Depois voltam a conversar sobre o projecto.

-----  
 15.27 (-1) - GCD - [nome de aae - 1]

O PCD pede à D. [nome de aae - 1], funcionária da Reprografia que tire seis fotocópias de um documento.

-----  
 15.27 (-1) - GCD - [nome de profª - 56]

Enquanto presta atenção à [nome de profª - 56], o PCD envia um fax.

-----  
 15.27 (4) - GCD - [nome de profª - 56]

O PCD continua a conversar com a profª. [nome - 56]. Agora sobre a elaboração do calendário das reuniões de avaliação do 1º período.

-----  
 15.31 (5) - GCD - [nome de profª - 56] - Eu

Continuam os dois a conversar (ambos de pé no centro do gabinete) agora sobre outro assunto. Falam sobre os dias de férias não gozados e a possibilidade de acumulação para o ano seguinte.

-----  
 15.36 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD fala para a funcionária [nome de fsa - 9]. Diz-lhe para colocar o carimbo "Está conforme o original" e entrega-lhe um conjunto de cópias dos documentos para enviar ao juiz, ao secretário judicial e à professora reclamante.

-----  
 15.36\* (-1) - GCD - [nome de profª - 56]

Entretanto a profª. [nome - 56] sai do gabinete.

-----  
 15.36 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD diz à funcionária [nome de fsa - 9] para se preparar que a seguir vai bater o ofício para enviar à professora reclamante.

-----  
 15.36 (3) - GCD - [nome de aae - 18] - [nome de profª - 17]

O PCD faz uma ligação para o PBX e pede que lhe façam um ligação para casa da profª. [nome - 17]. Logo de seguida a ligação é feita e ele começa a falar com a referida professora.

-----  
 15.39 (2) - GCD - [nome de fsa - 8] - [nome de aae - 19]

Pede à funcionária [nome de fsa - 8] que ocupa a secretária atrás da sua que lhe arranje o Selo Branco. E nesse mesmo momento chama por outra funcionária, [nome de aae - 19] que ia a passar em direcção à saída e diz-lhe para ir entregar uns documentos a casa da profª. [nome - 17].

-----  
15.41 (-1) - GCD - [nome de profª - 17]

O PCD acaba o telefonema para a profª... Diz-lhe antes de terminar que naquele momento tinha mandado uma funcionária com documentos a sua casa para lhos entregar.

-----  
15.41 (2) - GCD - ----

Está sentado à secretária lendo documentos que se encontram em cima da sua mesa de trabalho numa grande confusão.

-----  
15.42 (-1) - GCD - CSA - [nome de fsa - 9]

O PCD continua sentado à secretária a ler documentos. A CSA fala para a funcionária [nome de fsa - 9], mas é logo atalhada pelo PCD que lhe diz para deixar a funcionária em paz que ela está a bater o ofício para o Tribunal.

-----  
15.42 (1) - GCD - [nome de profª - 50] - [nome de profª - 60]

Entram duas professoras no gabinete. São profª. que tinham aulas com a turma suspensa. O PCD informa-as que já tinha mandado os alunos embora. Elas que não se esquecessem de marcar as faltas dos alunos que tinham suspensão. Seguidamente as duas professoras saem do gabinete.

-----  
15.43 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD pede à funcionária [nome de fsa - 9] que lhe arranje alguém para pôr o carimbo. Refere-se ao carimbo da escola. Entretanto confere o trabalho que a funcionária está a fazer e chama a atenção para uma coisa que ela não está a fazer bem.

-----  
15.44 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

De pé, junto à secretária da funcionária [nome de fsa - 9], que se encontra a escrever um ofício, o PCD vai controlando o que ela está a fazer. Vai corrigindo e orientando o trabalho de dactilografia que a funcionária está a fazer.

-----  
15.45 (-1) - GCD - [nome de aae - 19]

Entra a funcionária, vinda da sala dos SA, pela porta interior, com um documento para o PCD assinar. São os documentos em que foi posto o carimbo da escola.

-----  
15.45 (2) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD continua a ditar o ofício para o tribunal.

-----  
15.47 (-1) - GCD - [nome de aae - 18]

O PCD liga para o PBX para que lhe façam uma ligação para a escola [nome de escola - 3]. Entretanto dizem-lhe que está em linha uma chamada para a funcionária [nome de fsa - 9].

-----  
15.47\* (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

A [nome de fsa - 9] atende a chamada que lhe era destinada (*É uma chamada particular*).

-----  
15.47 (1) - GCD - Eu

O PCD pergunta a minha opinião sobre o termo "inutilidade" ou "nulidade" que aparece no documento recebido por fax da escola [nome de escola - 3]. esse documento era aquele que o PCD tinha pedido ao colega daquela escola. Era um documento que a escola [nome de escola - 3] ia enviar ao Tribunal em resposta ao ofício que aquela escola também recebera.

-----  
15.48 (-1) - GCD - CSA

A CSA avisa o PCD que tem uma chamada em linha no outro telefone.

-----  
15.48 (3) - SA - [nome de PCD - outra escola]

O PCD vai para a sala dos SA atender a chamada. É a chamada que tinha pedido para a escola [nome de escola - 3]. Durante alguns minutos fala com o Director-Executivo da [nome de escola - 3] sobre a questão dos termos "nulidade" e "Inutilidade".

-----  
15.51 (1) - GCD - [nome de fsa - 9] - Eu

O PCD regressa da sala dos SA. Diz-me que o termo a utilizar é mesmo "inutilidade". De seguida ela dá algumas orientações finais sobre a redacção do ofício à funcionária.



15.52 (-1) - GCD - CSA - [nome de fsa - 10]

Ao passar pela zona de trabalho da CSA e verificando que esta está a tratar dos vencimentos dos professores, "mete-se" com ela, perguntando-lhe se podia saber quanto é que lhe depositam na conta.

15.52 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

Neste diálogo com a CSA é interrompido pelo barulho da máquina de escrever que a funcionária [nome de fsa - 9] está a utilizar. Esta começou a bater de forma ritmada o espaçamento, o que chamou a atenção do PCD. A funcionária ao mesmo tempo interpela-o, colocando-lhe alguns dúvidas sobre o número de linha que deve ser deixado em branco. O PCD responde-lhe que são quatro.

15.53 (2) - GCD - CSA

Regressa o PCD à conversa com a CSA sobre os vencimentos e recibos. Trocam alguns "mimos". O PCD anda de um lado para o outro, aparentemente sem uma ocupação definida. A conversa sobre os vencimentos não é uma questão de trabalho, é apenas conversa solta.

15.55 (1) - GCD - Eu

Voltamos a falar sobre o termo "inutilidade"

O PCD atento ao que a funcionária [nome de fsa - 9] está a dactilografar, coloca-se atrás dela e vai lendo o ofício que se encontra ainda na máquina. Faz um comentário. diz que quem fez o documento foi um advogado, portanto deve saber do que está a falar.

15.56 (1) - GCD - Eu

Eu vejo alguns jornais da Fenprof. Procuro o último onde se encontram referidas propostas de regulamentação e de alteração do ECD. Trocamos algumas opiniões sobre as recentes propostas de alteração do ECD. O PCD continua de pé a cirandar pela sala sem tarefa definida.

15.57 (1) - GCD - CSA - [nome de fsa - 9]

Voltando-se para a funcionária [nome de fsa - 9]. Esta fazia menção de deixar a secretária, pois tinha acabado de escrever o ofício, o PCD disse-lhe que ainda não tinha acabado. diz-lhe que ainda tem de escrever mais quatro ofícios.

15.58 (1) - GCD - [nome de aae - 19]

A funcionária [nome de aae - 19] que ia a passar é interpelada pelo PCD. Diz-lhe que há correio para ser enviado hoje.

15.59 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

A funcionária mostrando um rascunho pergunta ao PCD se aquilo também era para dactilografar, para ir hoje. O PCD diz-lhe que não.

16.00 (1) - GCD - [nome de aae - 20]

Entra no gabinete o funcionário reformado [nome de aae - 20], com uma gaveta que vem entregar ao CD. Conversam os dois. Seguidamente o funcionário sai do gabinete e o PCD arrumada a gaveta, juntando-a a algumas outras coisas que se encontram no soalho, junto a uma secretária.

16.01 (1) - GCD - Eu

A nossa conversa sobre a questão do ECD continua depois das interrupções. A obrigatoriedade dos titulares de cursos de administração escolar aceitarem os cargos para que são nomeados é o tema da nossa conversa.

16.02 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD novamente procura acompanhar o trabalho de dactilografia de funcionária [nome de fsa - 9]. Indica-lhe um erro na escrita. Seguidamente dirige-se para a sala dos SA.

16.02 (3) - SA - Funcionárias

O PCD vai para a sala dos SA. Lá dentro conversa com as funcionárias que lá estão. Mas não trata de nenhum assunto em particular.

16.03\* (3) - GCD - [nome de prof. - 61]

Entre na sala o prof. [nome - 61]. Não fala com ninguém. Senta-se na secretária atrás da secretária do PCD. Faz uma chamada telefónica e começa a falar com a Junta de Freguesia por causa de transporte para uma visita de estudo.

16.04 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9] - Eu

O PCD regressa da sala dos SA. Dirige-se para o a zona próxima da sua secretária. Dirige-se à funcionária [nome de fsa - 9] para ela começar a escrever outro ofício.

16.04\* (1) - GCD - CSA - [nome de aae - 20]

A CSA e o funcionário reformado [nome de aae - 20], conversam sobre questões relacionadas com os orçamentos para arranjos de coisas da escola. Esta conversa é à margem da actividade do PCD, naquele momento.

16.05\* (-1) - GCD - CSA - funcionária (SA)

A CSA conversa com outras funcionárias (duas ou três) na sua zona de trabalho. Essa conversa percebe-se perfeitamente em todo o gabinete. A conversa tem a ver com compras e preços de artigos que se encontram em diversos desdobráveis de Supermercados e Macro recebidos pela escola no correio do dia.

16.05 (-1) - GCD - CSA - Funcionária (SA) - [nome de fsa - 9]

A certa altura, o PCD que se encontra no lado oposto do gabinete, a acompanhar o trabalho da funcionária [nome de fsa - 9] exclama dirigindo-se a elas: "Oh MENINAS!!!"

16.05 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

Desde que regressou ao gabinete o PCD está ao lado da funcionária [nome de fsa - 9] dando-lhe indicações sobre o ofício que ela está a dactilografar.

16.06 (4) - GCD - [nome de prof. - 61]

O prof. [nome - 61] pergunta ao PCD se tem uma carta para ele. O PCD diz que tem mas que agora não sabe onde está. O prof. [nome - 61] pergunta se pode telefonar para o Montepio. O PCD diz-lhe que sim. Trocam alguns "mimos" pelo meio.

16.10 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD continua ao pé da funcionária. A funcionária acabou o trabalho de dactilografia. O PCD dá-lhe orientações sobre o envio dos documentos que esteve a dactilografar.

16.11 (2) - GCD - e.educação - [nome de prof. - 61]

Toca o telefone (-). O PCD atende imediatamente. Trata-se de uma e.educação que se queixa do seu educando ter sido agredido. O PCD diz-lhe para ela vir à escola pôr o problema directamente à DT, ou então com ele próprio ou a VPCD.

16.13 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD volta a prestar atenção aquilo que estava a fazer, antes do telefonema, com a funcionária [nome de fsa - 9]. O PCD dá-lhe orientações sobre o envio dos documentos que esteve a dactilografar.

16.14\* (-1) - GCD - [nome de prof. - 61]

O prof. [nome - 61] consegue a ligação telefónica para o Montepio.

16.14 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

A propósito do que estavam a fazer, o PCD interpela a funcionária [nome de fsa - 9]. Diz-lhe para copiar o processo e mudar apenas o nome.

16.15 (1) - GCD - [nome de prof. - 61]

O prof. [nome - 61] aproveita um momento em que o PCD está desprevenido e dá-lhe uma palmada nas costas. Trocam "mimos" entre si. O PCD não está ocupado com nada especificamente e o prof. [nome - 61] está ao telefone, à espera.

16.16 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD continua a dar atenção à funcionária [nome de fsa - 9] que continua a preparar diversos papéis, ofícios, e fotocópias, para enviar pelo correio.

16.16 (3) - GCD - [nome de prof. - 61] - Eu

Enquanto vai mexendo em diversos papéis que se encontram na sua secretária (ele encontra-se de pé) o PCD vai conversando com os que se encontram no gabinete. Diz que o prof. [nome - 61] é um "pedinchas", que só sabe andar a pedir, no Montepio e noutros sítios já o conhecem. Termina a chamada telefónica. O PCD diz-lhe que se quiser arranjar o dinheiro muito facilmente.

16.19 (1) - GCD - [nome de fsa - 9] - [nome de prof. - 61] - Eu

A funcionária interrompe-o e pergunta-lhe se o correio pode seguir. O PCD diz que sim. O PCD e o prof. [nome - 61] continuam com "mimos" entre eles.

-----  
16.20 (1) - GCD - [nome de aae - 19] - [nome de fsa - 9]

Entra no gabinete a funcionária [nome de aae - 19]. Pergunta qualquer coisa ao PCD relacionado com as compras que ele mandou fazer. O PCD diz que é o tabaco, cigarilhas e A Capital. Depois vira-se para a funcionária [nome de fsa - 9] e diz-lhe que há mais "duas coisinhas para fazer".

-----  
16.21 (2) - GCD - [nome de fsa - 9] - [nome de prof. - 61] - Eu

O PCD fala agora sobre um caso de e. educação que já foi convocado duas vezes a comparecer na escola para ser ouvido, relativamente ao caso da instrução do processos disciplinares contra dois alunos. Fala sobre as situações recentes de indisciplina - o caso de um e. educação que foi "enxovalhado" lá fora à entrada da escola.

-----  
16.23 (-1) - GCD - Eu

O PCD diz-me que está na hora de ir "ver as miúdas" referindo-se à sala de professores.

-----  
16.23 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]

A certa altura caem uns documentos para o chão com algum estrondo. O PCD dirige-se para a funcionária [nome de fsa - 9] "Eh pá, oh [nome de fsa - 9], parece que caiu qualquer coisa! Foi um processo ao ar. Ao ar não... ao chão"

-----  
16.23 (1) - GCD - ---

Senta-se à secretária e remexe nalguns papéis. Escreve qualquer coisa durante alguns momentos.

-----  
16.24 (1) - GCD - CSA

A CSA vem da sua zona de trabalho e interpela o PCD. Dirige-se ao PCD colocando dúvidas sobre o processamento de vencimentos, mais concretamente sobre o mês do aumento dos vencimentos dos professores. O PCD dá-lhe a informação pretendida.

-----  
16.25 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD fala para a funcionária [nome de fsa - 9], dizendo-lhe que não vale a pena fazer qualquer coisa que ela estava a fazer no momento. Não percebi esta recomendação.

-----  
16.25 (-1) - GCD - [nome de fsa - 8]

O PCD conversa com a funcionária [nome de fsa - 8] sobre a questão das pautas para as reuniões de avaliação. Esta funcionária encontra-se de pé. Diz-lhe que é preciso ver se as pautas estão devidamente actualizadas antes de se passar à máquina.

-----  
16.25 (2) - GCD - CSA

Falando em voz alta, para o PCD ouvir, do seu lugar, a CSA comenta que está a fazer as contas dos vencimentos da profª. [nome - 48].

-----  
16.27 (3) - GCD - [nome de prof. - 62]

Entra um prof. no gabinete. Vem falar com o PCD por causa do calendário de reuniões. Vem saber se há possibilidade das reuniões da turma dele serem marcadas de forma a não o impedirem de ir às aulas já que ele tem aulas à noite na Faculdade. O PCD e o prof., verificam as hipóteses de arranjos de blocos ao longo dos dois dias de reunião. E depois o prof. despede-se e sai do gabinete.

-----  
16.30 (-1) - GCD - CSA

O PCD dirige-se para ao pé da CSA e conversa com ela sobre o processamento dos vencimentos da profª. [nome - 48]. Ele tira-lhe algumas dúvidas sobre a forma de calculo dos retroactivos e o adicional dos 2%.

-----  
16.30 (-1) - GCD - Eu

O PCD pergunta-me se não quero "ir lá a abaixo" referido-se à sala de professores.

-----  
16.30 (-1) - Pátio - Eu

Saimos do gabinete. Caminhamos pelo pátio em direcção à sala de professores.

-----  
16.30 (-1) - SPF - Eu

Entramos na sala de professores.

-----  
16.30 (2) - SPB - [nome de prof. - 62] - Eu

Um prof. DT aborda o PCD para lhe dar uma informação sobre a situação de um aluno. Diz que telefonou para os pais e estes disseram-lhe que o filho já não vem mais à escola. O PCD dá-lhe indicações sobre como deve tratar o assunto: registar o contacto, esperar alguns dias e depois ir ter com ele para formalizar o assunto.

-----  
 16.32 (2) - SPB - Professoras

Algumas professoras conversam, comentam, sobre o facto de já não haver tartes de amêndoas. O PCD mete-se na conversa ao ouvir uma colega dizer que já não tartes de amêndoas. Durante alguns momentos a conversa gira à volta das tartes de amêndoa.

-----  
 16.34 (7) - SPB - Professores

Alguém no grupo de professores que se encontra ao balcão diz que “estão baratas” O PCD aproveita para fazer um trocadilho com a palavra. Diz que na escola não há baratas, apesar das instalações que tem. Depois a conversa volta às tartes de amêndoa. Uma profª. diz que vai pedir à empregada que arranje mais tartes para ter no bar. Uma das professoras diz que o filho para além de comer o almoço na escola, farta-se de comer tartes de amêndoa e que quando ela leva para casa é um ver se te avias. Duas colegas conversam e uma delas diz que é raro encontrar quando vem ao bar, porque entretanto já se esgotaram.

-----  
 16.41 (5) - SPB - [nome de profª - 50] - Eu

Uma profª. [nome - 50] fala sobre uma aula em que se fez a correcção de um teste escrito. Conversa comigo e com o PCD. Encontra-se ainda uma outra colega a assistir. O comportamento dos alunos dentro da sala de aula é o tema central da conversa: desde o desinteresse, a brincadeira até a falsificação de assinatura do e.educação.

-----  
 16.46 (3) - SPB - [nome de prof. - 63] - Eu

Aproxima-se o prof. [nome - 63] e os dois conversam sobre o fornecimento de algum material audiovisual em que ele funcionou como contacto com a empresa fornecedora. Mudando de assunto o prof. conta que assaltaram a casa do sogro.

-----  
 16.49 (-1) - SPF - Professores

Dirigimo-nos para a SPF. O PCD conversa ainda com duas ou três professoras, junto da entrada do pavilhão. Depois regressa para a SPF.

-----  
 16.49 (6) - SPF - [nome de profª - 57] - Eu

Já na SPF conversamos sobre os alunos e a melhor forma de lidar com eles: ralhar ou não ralhar; o comportamento dos alunos actualmente e antigamente, o regresso dos castigos corporais na Inglaterra, etc. O PCD diz que tem de ir ainda telefonar para a Junta de Freguesia. Entretanto toca o telefone da sala de professores, o PCD levanta o telefone da sala e fica às espera que alguém, do PBX, atenda. Esperou alguns segundos e como não havia resposta do outro lado, pousou o telefone. Depois a conversa muda para a manutenção e reparação de móveis antigos.

-----  
 16.55 (-1) - SP - [nome de profª - 57] - Eu

Sáimos da SPF. A profª. continua na sala.

-----  
 16.55 (1) - Pátio - Eu

Conversamos sobre a importância da E.Musical nas escolas, enquanto vamos no pátio a caminho do GCD.

-----  
 16.56 (-1) - Pátio - Alunos

Dois alunos vêm ter com o PCD. Perguntam-lhe qualquer coisa sobre uma aula. O PCD diz-lhes para eles irem para a entrada da sala para verem se a profª. vem ou não.

-----  
 16.56 (1) - Pátio - Eu

A caminho do gabinete, no pátio, continuamos a conversar sobre educação musical.

-----  
 16.57 (-1) - Reprografia - [nome de aac - 8] (PBX)

Passa pelo PBX-Reprografia e diz à funcionária que quer falar com a Junta de Freguesia.

-----  
 16.57 (-1) - Pátio - Eu

Quando estamos a chegar junto à porta do gabinete. Uma funcionária que está à porta da reprografia diz que a porta está fechada e pergunta se quer que a vá abrir.

-----  
 16.57 (-1) - Pátio - CSA

O PCD puxa da chave e comenta que “estas galinhas fecham... por causa não sei de quê...”

-----  
 16.57 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]

Entramos no gabinete. A funcionária [nome de fsa - 9] diz-lhe qualquer sobre o correio. O PCD não se apercebe e não responde nada.

-----

16.57 (3) - GCD - Eu

Continuamos a conversa sobre a E.Musical. O PCD diz-me que uma coisa que gostava de aprender era a tocar viola. Estamos na conversa apenas. O PCD e eu estamos de pé no centro do gabinete. Aparentemente não tem qualquer tarefa específica a realizar. Espera apenas a ligação telefónica para a Junta de Freguesia.

17.00 (3) - GCD - [nome de sra. - 6]

Telefonema da Junta de Freguesia (+). Ligação feita pelo PBX que ele tinha pedido antes. A finalidade do contacto é dar a indicação das inscrições para as visitas à freguesia dos [nome de povoação - 13]. A pessoa do outro lado diz que já estão fechadas. Já não há mais lugares. Conversam ainda durante mais alguns momentos.

17.03 (1) - GCD - CSA

Entra no gabinete vinda da sala dos SA a CSA que entrega ao PCD, que se encontra sentado à secretária ao telefone, o jornal, o tabaco e as cigarrilhas que a funcionária [nome de aae - 19] tinha comprado na sua ida a levar o correio.

17.04 (6) - GCD - [nome de sra. - 6]

O PCD continua ao telefone com a Junta de Freguesia. Passados alguns minutos o PCD começa a dizer alguns nomes de professores que se querem inscrever, para o caso de haver desistências de última hora. O PCD fica de telefonar no dia seguinte.

17.10 (5) - GCD - Eu

Depois do telefonema o PCD, que continua sem tarefa nenhuma, pergunta-me o que é que se passa com o ECD. Durante alguns minutos o PCD passeia pela sala, e conversamos sobre as propostas de alteração de alguns artigos do ECD.

17.15 (7) - GCD - [nome de profª - 64]

Entra no gabinete uma profª., [nome - 64], que vem entregar um requerimento para dispensa para formação - participação em acção de formação. O PCD conversa com ela durante alguns minutos. Diz-lhe que há um impresso próprio para esses requerimentos. Ele diz que não sabia...

17.22 (-1) - GCD - Neta

Dirigindo-se para a neta que se encontrava no gabinete há já alguns minutos o PCD diz-lhe/pergunta-lhe "vamos buscar a tua mãe?!"

17.22 (5) - GCD - Eu

O PCD diz-me que agora vai sair mas que depois volta ainda à escola. Vai buscar a filha à Escola de [nome de povoação - 21]. Diz-me que seu eu quiser posso ir com ele.

17.27 (3) - GCD - CSA

De seguida chama pela CSA e diz-lhe que agora vai sair e que logo a seguir regressa à escola. A CSA responde-lhe "Sim, senhor presidente."

17.30 (2) - Pátio - Eu - Neta

Saímos do gabinete. dirigimo-nos para a saída. Vamos conversando sem assunto especial.

17.32 (1) - Portão - [nome de aae - 21] - Eu - Neta

Quando passamos pela portaria encontra-se uma funcionária. O PCD despede-se dizendo que já volta.

17.33 (7) - Fora (Carro) - Eu - Neta

Entramos para o carro. Enquanto fazemos o trajecto até à escola de [nome de povoação - 21] conversamos sobre os mais diversos assuntos: o trânsito e as filas, a extensão do Metro até [nome de povoação - 13] e [nome de povoação - 9], etc.

17.40 (5) - Fora (Carro) - Filha - Neta - Eu

Chegamos à Escola de [nome de povoação - 9]. A filha do PCD já está à espera. No regresso continuamos a conversar.

17.45 (2) - Fora (Carro) - Eu

Paramos junto à casa do PCD. A filha e neta saem do carro. Continuamos a conversa enquanto nos dirigimos para o café que o PCD frequenta.

17.47 (10) - Fora (Café) - Eu

No café eu tomo um café e o PCD toma um café e um Whisky. Continuamos a conversa sem assunto especial.

-----  
 17.57 (3) - Fora (Carro) - Eu  
 Regressamos à escola.  
 -----

18.00 (15) - GCD - Eu

Entramos no GCD. Não há movimento nenhum. Quer dentro do gabinete quer no pátio há uma calma total. Conversamos sobre a escola, sobre o meu trabalhar, sobre a forma de funcionamento da escola, as relações entre o CD e os SA, a exiguidade do espaço, etc. O PCD não está ocupado com tarefa nenhuma.

-----  
 18.15 (10) - Pátio - e.educação - [nome de profª - 58]

O PCD atende um e.educação. Este está acompanhado de uma senhora e da filha. Está presente também a profª. [nome - 58]. O tal a quem foram enviadas duas convocatórias.

-----  
 18.25 (5) - GCD - Eu

Depois o PCD regressa ao gabinete. Esclarece-me sobre o assunto e as pessoas com que esteve a conversar.

-----  
 18.30 (2) - GCD - Eu

Estamos apenas os dois no gabinete. Conversamos sobre a forma como decorreu o dia de trabalho. O PCD aproveitou para me esclarecer sobre actividades realizadas que eu não tinha acompanhado.

-----  
 18.32 (-1) - GCD - [nome de fsa - 11]

Uma funcionária vem à porta do gabinete e despede-se "Até amanhã".

-----  
 18.32 (8) - GCD - Eu

O PCD continua a dar-me informações sobre aspectos e pormenores do seu dia de trabalho. Depois saímos do gabinete.

-----  
 18.40 (2) - Pátio - [nome do guarda]

O guarda nocturno aparece à entrada do gabinete e o PCD conversa com ele. O PCD informa-o que na quarta feira há uma reunião à noite por causa de uns cursos de Formação. Disse que isso seria pago à parte pelo Centro de Formação. Conversam os dois sobre uns dinheiros que o guarda nocturno ainda têm a receber de outros serviços daquele género. Tratam ainda da questão do horário de permanência na escola.

-----  
 18.42 (1) - Pátio - Eu

Vamos caminhando para a saída. conversamos sobre as novas instalações da escola. Combinamos o programa para o dia seguinte.

-----  
 18.43 (-1) - Portaria - [nome de aae - 21]

Passamos pela Portaria e o PCD despede-se da funcionária.

-----  
 18.43 (3) - Fora (Parque) - Eu

Já fora da escola conversamos ainda sobre a questão da profª. [nome - 65] que ele quer pôr com redução total de horário. Combinamos a entrada no dia seguinte e despedimo-nos.

## **B) 2º DIA - TERÇA FEIRA - 26 NOV 1996**

pcd202b

26/11/96 (TERÇA FEIRA) - 08h 10m - 17h 10m - ESCOLA B

OBSERVAÇÃO DA ACTIVIDADE DIÁRIA DO PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

-----  
 08.10 (2) - Portaria - [nome de aae - 16]

Por volta das 8 horas e 10 minutos o PCD chega à escola. Vem acompanhado da Neta. No portão encontra-se um funcionário que lhe entrega um maço de papéis. Tratam-se de comunicações / participações relativamente a alunos que levantaram problemas à entrada. A maioria respeita a esquecimento dos cartões de estudante. Seguidamente o PCD dirige-se para a sala de professores.

-----  
 08.12 (3) - SPB - Professores

O PCD entra na sala. A sala de fumo encontra-se vazia. ele continua até à zona do bar, onde se encontram algumas professores conversando, sentadas nos sofás. Cumprimenta os presentes. Junta-se à conversa de um grupo de colegas que se encontram de pé junto ao balcão. Conversam sobre assuntos extra-escola.

08.15 (1) - SPF - [nome de aae. ]

Toca para a entrada. O PCD vai buscar o livro de ponto e a chave da sala e dirige-se para a sala onde vai ter uma aula de Matemática com a turma 6º B. Troca breves palavras com a funcionária que se encontra à entrada do pavilhão da sala de professores.

08.16 (55) - Sala - turma

O PCD dá a aula de Matemática à turma 6º B.

09.10 (20) - Pátio - ---

O PCD logo que termina a aula dirige-se para a saída da escola. Sai da escola para ir buscar a casa a filha e levá-la à escola de [nome de povoação - 21] onde ela trabalha.

09.30 (2) - Portaria - [nome de aae - 16] - Eu

Regressa à escola depois de ter ido levar a filha à escola de [nome de povoação - 21]. Conversa alguns momentos com o funcionário a propósito das participações que este lhe tinha entregue às 8.10. O funcionário tece algumas considerações sobre este ou aquele aluno em particular. Depois segue para o GCD.

09.32 (1) - Entrada do GCD - Eu - [nome de profª - 16]

Entramos no GCD. Lá dentro encontram-se a CSA e a profª. [nome - 66]. Quando íamos a entrar surge a profª. [nome - 16]. Conversam os dois à entrada da Reprografia - O PCD pergunta-lhe se já trouxe o pacote de arroz - a profª. [nome - 16] diz que não e que não vai trazer arroz nenhum. A pergunta do PCD tem a ver com uma campanha de solidariedade. Na brincadeira a profª. [nome - 16] pergunta quando é que é o Arroz e quem é que traz o marisco.

09.33 (1) - GCD - [nome de profª - 66] - CSA - Funcionárias (SA) - Eu

A profª. [nome - 16] entra na Reprografia e o PCD dirige-se então para o gabinete. Eu acompanho-o e entramos no GCD. Lá dentro a profª. [nome - 66] conversa com a CSA sobre assuntos administrativos. O PCD cumprimenta-as, dirigindo-se depois para porta que liga o GCD aos SA. Cumprimenta as funcionárias que lá se encontram, e regressa, sentando-se de seguida à sua secretária. Começa a mexer nos papéis que se encontram na secretária, quando entra a profª. [nome - 65].

09.34 (1) - GCD - [nome de profª - 65]

Entra o gabinete a profª. [nome - 65]. Os dois conversam sobre o trabalho dela na biblioteca, quando lhe for atribuída a redução de serviço lectivo.

09.35 (1) - GCD - [nome de profª - 16]

Entra no gabinete a profª. [nome - 16]. Diz que vinha tratar de um assunto, mas que agora não se lembra qual é. Enquanto o PCD vai conversando com a profª. [nome - 65] ela diz que se vai embora e que regressa quando se lembrar do que vinha tratar.

09.35 (8) - GCD - [nome de profª - 65]

O PCD conversa com a profª. [nome - 65] sobre o trabalho de organização da biblioteca que em princípio será o trabalho a que a profª. ficará adstrita depois de vir a redução total da componente lectiva.

09.43 (1) - GCD - ARocha

Toca o telefone. O PCD interrompe a conversa com a profª. [nome - 65] e atende. Trata-se da profª. Ana Cristina Rocha a comunicar que está a faltar por ter a filha doente. A profª. pede-lhe para avisar os alunos que ela não vai dar aulas à tarde.

09.44 (4) - GCD - [nome de profª - 65]

O PCD e a profª. [nome - 65] retomam a conversa anterior. A profª. [nome - 65] pede ao PCD que quando começarem as obras ele lhe arranje um lugar para poder continuar a trabalhar nas coisas da biblioteca. o PCD diz que vai fazer os possíveis, mas que nem quer pensar nisso agora.

09.48\* (-1) - GCD - [nome de profª - 65]

Abandona o gabinete

09.48 (1) - GCD - Eu

O PCD fala para mim sobre o telefonema de há pouco. Explica-me quem falou e porquê.

-----  
 09.49 (3) - GCD - CSA

Conversam os dois. O PCD pergunta o que é que havia com a profª. [nome - 66]. O que é que estavam a tratar. A CSA diz-lhe que era uma questão de vencimentos. Seguidamente os dois conversam sobre professoras que se encontram também em situação a regularizar.

-----  
 09.52 (-1) - GCD - [nome de aae - 19]

Quando a funcionária [nome de aae - 19] vai a passar dirigindo-se para fora do gabinete vinda da sala dos SA o PCD interrompe a conversa com a CSA interpelando a funcionária. Dá-lhe um recado para comunicar a turma 7ºB que está na sala 2 que logo não têm aula de Educação Visual.

-----  
 09.52 (1) - GCD - CSA

O PCD e a CSA retomam a conversa sobre questões relativas aos vencimentos dos professores. Nomeadamente a questão do índice por que está a ser paga a profª. [nome - 73].

-----  
 09.53 (3) - GCD - Esposa - CSA

Toca o telefone. O PCD atende o telefone (+). É uma chamada da esposa a pedir-lhe a que passe pela farmácia a comprar uns medicamentos. Enquanto está ao telefone conversa com a CSA sobre medicamentos.

-----  
 09.56 (-1) - GCD - CSA

Depois de ter acabado o telefonema. Os dois continuam a conversa sobre doenças de medicamentos.

-----  
 09.56 (3) - GCD - CSA - Eu

Falam novamente sobre vencimentos. Ainda a questão da profª. que está a ganhar por um escalão mais alto do que devia. Depois o PCD diz para mim que tem de ir a casa, mas que vem logo de seguida.

-----  
 09.59 (17) - Fora da Escola - ---

O PCD sai do gabinete e da escola. Vai à farmácia comprar medicamentos e depois vai a casa.

-----  
 10.16 (-1) - Portaria - ---

O PCD regressa à escola depois de ter ido à farmácia e a casa entregar os medicamentos. Dirige-se para o GCD. Entretanto vira de direcção e vai para o pavilhão da Reprografia/PBX.

-----  
 10.16 (-1) - Pátio - [nome de aae -18]

O PCD está a porta da Reprografia. Conversa com a funcionária [nome de aae -18]. De seguida vai para o GCD.

-----  
 10.16 (-1) - GCD - Eu

O PCD entra no gabinete.

-----  
 10.16 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD senta-se à sua secretária e pega nuns papéis que tem para rubricar. A funcionária [nome de fsa - 9] fala com o PCD. Pergunta-lhe se quer o correio. O PCD responde-lhe que não porque quer despachar umas coisas com a D. [nome de fsa - 12]

-----  
 10.17 (2) - GCD - ---

O PCD está sentado à secretária a ler e a assinar documentos.

-----  
 10.19 (1) - GCD - CSA - Eu

Enquanto assina os documentos, conversamos os dois, sobre a saúde da mulher. Ele esclarece que é apenas mais uma constipação.

-----  
 10.20 (3) - GCD - [nome de fsa - 9] - e. educação

A funcionária [nome de fsa - 9] informa o PCD (que se encontra sentado à secretária a mexer em papéis) que uma e. educação deseja falar com ele. A e. educação entra e os dois conversam. A e. educação vem acompanhada da filha. Vem queixar-se de uma agressão que fizeram à filha.

-----  
 10.21\* (1) - GCD - SCD - CSA

No gabinete entra a SCD. Conversa com a CSA.

-----  
 10.21\* (-1) - GCD - [nome de fsa - 9] - CSA

A CSA pede à funcionária [nome de fsa - 9] que ela chegue ao pé dela para tratar de um assunto.

-----  
 10.23 (2) - GCD - Eu



O PCD depois da e. educação ter saído continua de pé, dá uma volta pela sala e eu meto conversa com ele. Nós os dois conversamos sobre o caso da miúda que levou com a pedrada.

-----  
10.25 (1) - GCD - SCD - Eu

O PCD volta a sentar-se na sua secretária (aparentemente não tem que fazer). A SCD que já deixara de conversar com a CSA está pé no meio da sala. Eu dirijo-me à SCD. Pergunto-lhe se não estou a ocupar o lugar dela. O PCD mete-se na conversa dizendo que ela não se senta ali, mas na outra mesinha.

-----  
10.26 (-1) - GCD - [nome de aae - 19]

Entra a funcionária [nome de aae - 19]. Deixa uns documentos na secretária do PCD.

-----  
10.26 (1) - GCD - ---

O PCD sentado à secretária lê os documentos que a funcionária trouxe e passa a assiná-los.

-----  
10.27 (2) - GCD - [nome de profª - 60] - CSA - SCD

Entra a profª. [nome - 60] no gabinete. Traz uma lista de alunos para uma visita de estudo - Autocarro Cultural, que entrega ao PCD. A CSA pergunta se também pode ir a um passeio tão bonito.

-----  
10.29\* (-1) - GCD - [nome de profª - 60].

A profª. que tinha vindo tratar da visita de estudo sai do gabinete.

-----  
10.29 (-1) - GCD - ---

Toca o telefone. O PCD atende o telefone. Trata-se de um telefonema particular para a funcionária [nome de fsa - 8]. O PCD chama a funcionária para vir atender o telefone.

-----  
10.29 (1) - GCD - SCD - Eu

O PCD dispõe-se a ir ler o correio. Mexe nos papéis e reclama para a SCD que ela já lhe andou ali a mexer na sua papelada. Depois então começa a ver e a ler o que veio no correio do dia.

-----  
10.30 (2) - GCD - Eu

A propósito de um documento o PCD fala comigo comentando o facto de um secretario de estado fazer despachos sobre reclamações de vencimentos. O PCD está sentado à secretária.

-----  
10.32 (-1) - GCD - CSA

O PCD é interrompido pela CSA que lhe diz que determinado documento tinha que ser assinado.

-----  
10.32 (1) - GCD - Eu

Seguidamente continua com o comentário relativamente ao despacho do Secretário de Estado. O PCD continua sentado à secretária.

-----  
10.33 (-1) - GCD - CSA

A CSA interpela o PCD, interrompendo a nossa conversa para perguntar se determinado prof. se apresentou ou não. O PCD diz que não, que foi depois substituído pela profª. [nome - 67].

-----  
10.33 (2) - GCD - Eu

O PCD continua sentado à sua secretária. Continuamos a conversa sobre o despacho do Secretário de Estado.

-----  
10.35 (1) - GCD - Eu - SCD

O PCD continua a ler o correio, sentado à sua mesa. A SCD encontra-se sentada na secretária pequena na zona intermédia do gabinete, vendo os prospectos de vendas de hipermercados. Eu comento o que ela está a fazer. O PCD sem deixar de prestar atenção ao que está a fazer mete-se na conversa.

-----  
10.36 (2) - GCD - [nome de profª - 17] - [nome de profª - 68] - CSA

A profª. [nome - 17] entra no gabinete. Cumprimenta os presentes. Vem tratar de papéis para enviar aos pais por causa de um processo disciplinar. Diz que já tem um rascunho de Ordem de Serviço sobre as penas a aplicar. Esta mesma profª. [nome - 17] comenta que os alunos do 6ºF para o apoio não têm aparecido.

-----  
10.38 (-1) - GCD - [nome de profª - 17] - [nome de profª - 68]

A profª. [nome - 17] sai do gabinete e vai à reprografia buscar os impressos que precisava. A outra profª. [nome - 68] que estava no gabinete sai também.

-----  
10.38 (2) - GCD - Eu - SCD

O PCD está sentado à secretária e continua a ver o correio. A SCD está ainda a ver os prospectos de Supermercados, chegados no correio. Conversamos sobre as compras na Macro.

10.40 (-1) - GCD - [nome de profª - 66]

A profª. [nome - 66] entra no gabinete. Pergunta se está a ser inoportuna. O PCD responde-lhe que não.

10.40 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9] - SCD - Ministério

Toca o telefone. O PCD Atende. Trata-se da chamada que o PCD havia pedido momentos antes. O PCD diz que deseja falar com a Dra. [nome de fme - 1]. Dizem-lhe que ela não está e ele responde que então volta a ligar mais tarde.

10.40 (1) - GCD - [nome de profª - 66]

O PCD agora atende a profª. [nome - 66]. Este vem saber se o assunto ela já está resolvido. Trata-se da mudança de escalão e correspondente mudança de vencimento base. O PCD diz que ainda não tratou do assunto mas que já tem umas contas feitas.

10.40\* (3) - GCD - CSA - SCD - Eu - [nome de profª - 17]

*Entra de novo no gabinete a profª. [nome - 17]. Diz que já foi buscar uma molhada de impressos para enviar as comunicações aos encarregados de educação. Senta-se na mesa onde eu estou. A SCD continua a ver os prospectos de publicidade dos hipermercados. A profª. [nome - 17], deixa de conversar e embrenha-se naquilo que está a fazer - documentos sobre um processo disciplinar.*

10.41 (4) - GCD - [nome de profª - 66]

O PCD continua a tratar com a profª. [nome - 66]. Os dois trocam informações sobre datas e períodos, escalões e vencimentos, analisando a situação em que ela se encontra.

10.43\* (7) - GCD - CSA - [nome de profª - 17]

*As duas conversam entre elas apenas, enquanto o PCD trata do assunto da mudança de escalão com a profª. [nome - 66]. Durante alguns minutos a conversa entra a profª. [nome - 17] e a CSA para, e recomeça novamente com a indicação das moradas pedidas pela primeira*

10.45\* (7) - GCD - [nome de aae - 1]

*A funcionária D. [nome de aae - 1] da Reprografia entra no gabinete e fica de pé à espera. Entretanto o PCD continua a conversar com a [nome de profª - 66] sobre a sua mudança de escalão.*

10.45\* (-1) - GCD - Eu - SCD

*Eu devolvo à SCD uma das folhas propaganda sobre artigos de um hipermercado que ela me tinha emprestado momentos antes. A SCD continua sentada na sua pequena secretária entretida com os panfletos de propaganda.*

10.45 (6) - GCD - [nome de profª - 66]

O PCD e a profª. [nome - 66] continuam às voltas com datas a propósito da mudança de escalão desta última. Os dois continuam a discutir sobre a questão do número de anos e o ano em que a profª. deverá mudar de escalão, se em 97 ou 98. Em face das duvidas que a profª. [nome - 66] continua a achar que existem na sua mudança de escalão, o PCD dá-lhe um número de telefone, que eu suponho ser algum departamento do Ministério, 6281.

10.47\* (-1) - GCD - [nome de profª - 69]

*Uma profª. entra no gabinete, cumprimenta e dirige-se para a sala dos SA.*

10.51 (-1) - GCD - [nome de profª - 66]

A profª. [nome - 66] sai do gabinete.

10.51 (1) - GCD - [nome de aae - 1] - CSA

O PCD atende a funcionária D. [nome de aae - 1]. Esta vem saber sobre umas fichas para fotocopiar. Conversam durante alguns minutos sobre que tipo de fichas que devem ser fotocopiadas. Ele diz, falando com a CSA que entretanto foi chamada à conversa, que afinal acabou por não adoptar nem a ficha antiga nem a do ano passado. Fez uma nova. Depois falando com a D. [nome de aae - 1] diz-lhe que pode avançar com as fotocópias.

10.52\* (-1) - SA - [nome de profª - 69]

*A profª. [nome - 69] do lado de dentro da sala dos SA grita que precisa de falar com o PCD.*

10.52 (1) - GCD - [nome de profª - 56] - [nome de prof. - 70]

Entra no gabinete a profª. [nome - 56] que entrega ao PCD um documento. Trata-se de um balanço sobre o funcionamento dos Clubes no ano anterior. Conversam durante alguns momentos e depois a profª. sai da sala.

O PCD dirigindo-se ao [nome de prof. - 70] que esperava para ser atendido, diz que a [nome de profª - 69] está primeiro.

10.52\* (1) - GCD - [nome de prof. - 70]

Entra no gabinete o prof. [nome - 70]. Na altura o PCD está a falar com a profª. [nome - 56]. Ele fica de pé à espera que o PCD acabe a conversa.

10.53 (-1) - GCD - [nome de prof. - 70]

O PCD deixa de conversar com a profª. [nome - 56]. Quando isso acontece o prof. [nome - 70] faz menção de falar mas o PCD diz-lhe que a [nome de profª - 69] está antes.

10.53 (8) - GCD - [nome de profª - 69] - [nome de prof. - 70]

O prof. [nome - 70] chama pela [nome de profª - 69] que se encontra na sala dos SA. O PCD atende a profª. [nome - 69]. Esta descreve as diligências que tem realizado por causa de alguns alunos. O [nome de prof. - 70] entra na conversa também. Aquela profª. refere alguns contactos que fez com os encarregados de educação do aluno [nome - 13]. O PCD dá as suas opiniões sobre a forma de tratar o caso. Dá algumas orientações à profª. para o encaminhamento do caso. Diz-lhe que o aluno corre sérios riscos de “apanhar” com um processo disciplinar.

10.57\* (4) - GCD - [nome de profª - 56]

A profª. [nome - 56] volta a entrar e fica no meio da sala, de pé à espera de vez para falar com o PCD.

11.01\* (1) - GCD - [nome de profª - 69] - [nome de prof. - 70]

Os dois conversam entre si sobre os alunos, comportamentos e processos disciplinares, e especificamente sobre o caso do aluno [nome - 13].

10.00\* (1) - GCD - [nome de profª - 17] - Eu

A profª. [nome - 17] que continua no seu lugar a trabalhar nos processos disciplinares. Entretanto mete conversa comigo. Procura saber qual é o meu papel ali.

10.01 (1) - GCD - [nome de profª - 56]

O PCD atende finalmente a profª. [nome - 56]. Esta vem mostrar-lhe um documento. É um projecto de actividades para ser apreciado pelo CP e para ser enviado para a DRELx. Ela diz que ainda lhe falta fazer a última folha. O PCD fica com documento e a profª. pede-lhe para o deixar depois na fotocopiadora.

10.02\* (1) - GCD - Eu - [nome de profª - 17]

Conversamos os dois sobre o que ela está a fazer (ela encontra-se sentada na minha secretária. Desta vez sou que lhe perguntou se aquilo que ela está a fazer são processos disciplinares. Ela responde-me que sim e depois continua a fazer o seu trabalho em silêncio.

10.02 (3) - GCD - [nome de prof. - 70] - [nome de profª - 17] - CSA

O PCD conversa com o prof. [nome - 70]. O PCD diz-lhe que tem uma coisa para ele. Um ofício circular que chegou no dia anterior sobre a questão da sabática. Remexe nuns papéis que estão em cima da mesa onde eu e a [nome de profª - 17] estamos sentados. Não encontra. Depois dirige-se para ao pé da CSA e atrás dele vai o prof. [nome - 70]. Os dois, o PCD e o prof. [nome - 70] conversam durante alguns momentos sobre questões relacionadas com as turmas do segundo.

11.05 (-1) - GCD - [nome de profª - 17]

A profª. [nome - 17] diz para o PCD (enquanto este atende o prof. [nome - 70]) que vai fazer já a Ordem de Serviço sobre a aplicação das penas aos alunos.

11.05 (-1) - GCD - [nome de prof. - 70]

Toca o Telefone. O PCD que estava a falar com o prof. [nome - 70] atende o telefone.

11.05 (4) - GCD - [nome de prof. - 70] - Eu - CSA

Enquanto o PCD está ao telefone o prof. [nome - 70] fala com ele sobre o pedido da licença sabática. A CSA e eu próprio entramos na conversa. O prof. [nome - 70] conversa ora comigo, ora com o PCD sobre pormenores do pedido da licença sabática.

11.09\* (-1) - GCD - [nome de profª - 17]

A profª. [nome - 17] fala para mim perguntando que dia é quinta.

11.09 (3) - GCD - [nome de profª - 16]

Entra no gabinete a profª. [nome - 16]. Cumprimenta os presentes e dirige-se ao PCD. Vem saber como é que está a questão dos APA's a Inglês, se os alunos do 5º A já estão a ter apoios. Os dois embrenham-se na conversa sobre essas questões.

-----  
11.10\* (2) - GCD - [nome de prof. - 70] - Eu

O prof. [nome - 70] interpela-me sobre a questão dos documentos para o pedido da licença sabática. conversamos alguns momentos sobre esse assunto.

-----  
11.12 (-1) - GCD - [nome de prof. - 70]

Depois o prof. [nome - 70] sai do gabinete. Despede-se e o PCD responde-lhe.

-----  
11.12\* (-1) - GCD - [nome de aae - 19]

A funcionária [nome de aae - 19] entra no gabinete e segue para a sala dos SA.

-----  
11.12 (-1) - GCD - [nome de profª - 17]

A profª. [nome - 17] fala com o PCD sobre a Ordem de Serviço que está a fazer. Mostra-lhe o rascunho que esteve a fazer e pede-lhe opinião sobre se está bem. Ele responde-lhe que sim.

-----  
11.12 (3) - GCD - [nome de profª - 16]

Entretanto o PCD retoma a conversa com a profª. [nome - 16]. O assunto agora são os vencimentos e retroactivos.

-----  
11.15 (2) - GCD - [nome de profª - 17] - [nome de profª - 16] - Eu

A profª. [nome - 17] interrompe a conversa entre o PCD e a profª. [nome - 16]. Levanta a questão do envio ainda hoje de algumas comunicações. O PCD responde-lhe que sim. A profª. [nome - 16] faz um comentário relativamente ao comportamento dos alunos. A profª. [nome - 17] continua com o seu trabalho de escrita.

-----  
11.17 (2) - GCD - [nome de profª - 16] - [nome de profª - 17]

A profª. [nome - 16] conversa com o PCD sobre a questão das aulas de apoio. A profª. [nome - 17] entra de novo na conversa. O PCD encontra-se de pé junto à sua secretária enquanto vai conversando. O PCD deixa de prestar atenção às duas colegas e dirige-se a mim.

-----  
11.19 (-1) - GCD - Eu

O PCD dirige-se a mim. Diz-me que vai atender uma senhora e que depois podemos ir tomar uma bica. Beber uma bica e "ver as meninas".

-----  
11.19 (2) - GCD - Alunas - Eu

Aparecem no gabinete duas alunas universitárias que vêm solicitar autorização para poderem assistir a aulas para efeito de um estudo no âmbito da licenciatura. O PCD conversa com elas. Procura saber o que elas pretendem exactamente. Diz-lhes que vai falar com alguns colegas, mas que não promete nada, porque isso depende dos professores. Diz-lhes para virem saber a resposta lá para o dia 6 de Dezembro. Elas saem.

-----  
11.21 (1) - GCD - e. educação

Telefonema (-) de um e. educação a perguntar pela APEE. Ele diz que não tem visto o presidente da direcção da APEE. Se ela quiser que mande pelo correio que, quando ele aparecer, a escola entregue-lhe a correspondência.

-----  
11.22 (1) - GCD - [nome de profª - 16] - [nome de profª - 17] - Eu

Depois de ter terminado o telefonema, a conversa entre os presentes centra na questão da APEE. O PCD não está a realizar tarefa nenhuma. Apenas conversa. Conversam sobre a questão da APEE. Especificamente sobre a situação do presidente da direcção nunca mais ter aparecido, nem para realizar a Assembleia de sucessão, já que ele deixará de ter educando na escola.

-----  
11.23 (2) - Pátio - [nome de profª - 16] - Eu

A conversa sobre a APEE continua, agora no pátio junto à entrada do GCD. A profª. [nome - 17] ficou dentro do gabinete, nós os três, Eu, PCD e a profª. [nome - 16] saímos e ficámos ainda a conversar no pátio.

-----  
11.25 (-1) - Pátio - Eu

Enquanto nos dirigimos para a sala de professores, conversamos, eu e o PCD, sobre as pessoas entrevistadas para o meu trabalho.

-----  
11.25 (1) - Pátio - Eu - [nome de profª - 16].

Ainda no pátio somos interrompidos por uma colega, membro do CP, que interpela o PCD sobre a questão dos documentos que foram entregues para a reflexão participada dos currículos. conversam sobre o preenchimento de um modelo de impresso que acompanha aqueles documentos.

-----  
 11.26 (1) - SPF - Professoras - [nome de aae - 22 ]

Entramos na Sala de Professores. O PCD vai à frente. Olha para dentro da sala de fumo. Cumprimento alguns professores presentes. Comenta que como agora só vê canastrões ao ver que não há professores novas na sala. Diz que se vai embora. procura o prof. [nome - 63] para lhe entregar um documento. O PCD “mete-se” com uma funcionária que se encontra em cima de um banco a fazer a limpeza de uns estores.

-----  
 11.27 (13) - SPB - Eu - [nome de aae - 23] - [nome de prof. - 71] - [nome de profª - 18]

Estamos na Sala de professores zona do Bar. O PCD fala com a funcionário sobre a questão dos bolos de amêndoas. Recomenda-lhe que haja mais bolos daqueles no bar, porque há professoras que querem e não há. Enquanto esperamos pelo café vamos conversando sobre a situação da APEE. Entretanto aparece o prof. [nome - 71] e a profª. [nome - 18]. O PCD conversa com eles sobre assuntos diversos. O PCD exorta-os a trazerem pacotes de arroz para uma campanha de solidariedade com os PALOP's. Falam depois sobre o CP, sobre quem é faz a próxima acta.

-----  
 11.40 (2) - Pátio - Eu

Saimos dos dois depois da profª. [nome - 18], da sala de professores e dirigimo-nos para ao GCD. Pelo caminho conversamos sobre o que me falta fazer em termos de recolha de dados.

-----  
 11.42 (-1) - Pátio - [nome aae - 17]

O PCD na passagem pela Reprografia pede à funcionária que se encontra no PBX para lhe fazer uma ligação telefónica para a DRELx.

-----  
 11.42 (1) - GCD - CSA

Entramos no gabinete e o PCD fala com a CSA. O PCD comenta que ainda tem alguns ofícios para fazer. Pergunta pela funcionária [nome de fsa - 9]. Enquanto ela não vem o PCD remexe nos documentos que se encontram em cima da sua secretária procurando qualquer coisa.

-----  
 11.43 (6) - GCD - DRELx

O PCD atende o telefone (+). A chamada tinha sido pedida antes. Diz que desejava falar com a Dra. [nome de fine - 1]. Dizem-lhe que ela não está. Ele então pede para lhe passarem a chamada para o Eng. [nome de sr. - 5]. Espera durante alguns minutos. Como o tempo passasse sem haver resposta do outro lado, ele desiste da chamada. Poisa o telefone.

-----  
 11.49 (5) - GCD - Eu - [nome de profª - 49]

No gabinete entra a profª. [nome - 49], profª. na escola no ano anterior. Conversam os dois durante alguns minutos. A profª. vem tratar de assuntos relativos à um projecto de formação de professores da Faculdade de Ciências. Vem combinar com alguns professores a vida de alunos da faculdade a algumas aulas e trabalho com alunos da escola na área de Ciências Físico-Químicas. Depois conversam ainda sobre o almoço de Natal. O PCD diz que ainda não sabe se se realiza porque o tempo é muito curto.

-----  
 11.54 (-1) - GCD - [nome de profª - 49]

A profª. [nome - 49] abandona o gabinete.

-----  
 11.54 (2) - GCD - Eu

Depois da profª. [nome - 49] ter saído do gabinete o PCD senta-se à sua secretária e recomeça a mexer nos papéis, parecendo procurar alguma coisa. Eu pergunto-lhe se tinha falado ao telefone com alguém do Ministério. Ele diz-me que não.

-----  
 11.56 (2) - GCD - [nome de aluno - 12]

Um aluno entra no gabinete a queixar-se de outros colegas. Diz que eles não param de o incomodar. O PCD ralha com os alunos que estão lá fora. Depois diz para o aluno para ir à vida dele que os outros já se foram embora.

-----  
 11.58 (11) - GCD/SA - CSA

A CSA dirige-se ao PCD e conversa com ele sobre a questão do índice do vencimento da profª. (índice 130, por engano). Os dois consultam alguns papéis e legislação. procuram legislação referente ao assuntos dos escalões e índices da carreira docente. Durante cerca de 6 minutos encontram-se na sala dos SA. consultando legislação e dossiers dos professores, ainda sobre o mesmo assunto. Depois regressam ao GCD. Continuam a tratar do assunto. Aparentemente devem ter chegado a uma solução que, no entanto, no momento, não me apercebi qual foi.

-----  
 12.09 (2) - GCD - CSA

O PCD senta-se à secretária e começa a ver correspondência que se encontra em cima da sua mesa. Passado um momento dirige-se à CSA dizendo-lhe que havia ali uma coisa que tinha de se dar entrada. Entrega-lhe um documento. Depois volta a dar atenção à correspondência.

-----  
12.11 (3) - GCD - Eu

O PCD sentado à secretária analisa papéis de participações que lhe foram entregues pelo porteiro relativos aos alunos (alunos que não têm cartões de estudante, alunos com comportamento incorrecto à entrada, etc.). Depois consulta uma lista de directores de turma e os seus horários. Eu meto conversa com ele sobre aquilo que está a fazer.

-----  
12.14 (2) - GCD - [nome de fsa - 9]

A funcionária [nome de fsa - 9] aproxima-se da secretária do PCD. Os dois conversam sobre o correio que está para ser assinado. O PCD diz para a funcionária que há ainda mais "umas coisinhas para fazer". Depois disso continua absorto por aquilo que estava a fazer, organizar as participações para depois entregar aos Directores de Turma.

-----  
12.16 (2) - GCD - Eu

O PCD levanta-se da sua secretária e fala para mim. Diz que vai entregar aqueles papéis aos directores de turma. De seguida sai do gabinete e dirige-se para a sala dos professores.

-----  
12.18 (2) - SPF - [nome de profª - 52]

A profª. [nome - 52] conversa com o PCD, na sala de fumo dos professores. Mostra-se escandalizada pelo comportamento de uma colega. A sala de professores está cheia. O PCD ouve as queixas da profª. [nome - 52], e a conversa que se gera à volta das mesmas, mas não faz comentários. Apenas ouve. Passados uns momentos a conversa esmorece. O que estava em causa era o facto da tal colega ter mandado um aluno tirar as faltas dos colegas a partir do livro de ponto.

-----  
12.20 (1) - SPF - Professoras

O PCD conversa com outro grupo de professores. Apenas conversa de circunstancia. Entrega algumas das participações que ainda tinha consigo.

-----  
12.21 (2) - SPB - Professoras

O PCD dirige-se para a outra zona da Sala de Professores. Conversa com alguns colegas que na altura se encontram a tomar café. Também aqui se trata de conversa solta, conversa apenas pela conversa.

-----  
12.23 (2) - SPF - [nome de profª - 52] - Eu

De regresso à sala de fumo dos professores, onde se encontram, agora, menos professores, apenas dois ou três sentados em lugares separados. A profª. [nome - 52] continua na sala. Esta profª. volta a falar com o PCD sobre a questão da profª. que mandou um aluno ir tirar as faltas dos colegas ao livro de ponto. O PCD diz-lhe para ela ter calma acrescentando que ela devia ter-lhe dito a ele apenas e mais nada. Diz-lhe depois que vai falar com a colega. A [nome de profª - 52] abandona a sala.

-----  
12.25 (1) - SPF - Eu

Depois da profª. [nome - 52] ter saído, ficam na sala apenas o PCD, eu e a profª. [nome - 17] que se encontrava ao telefone. diz para mim que agora vai fazer a carreira de [nome de povoação - 9] referindo-se a ir buscar a filha à escola de [nome de povoação - 21].

-----  
12.26 (3) - SPF - [nome de profª - 49] - Eu

Vinda de fora, entra a profª. [nome - 49] que vem falar com uma colega sobre o assunto que tinha estado a tratar com o PCD, momentos antes no GCD. Vendo-a o PCD faz graça para mim. O PCD volta a dizer que agora vai a [nome de povoação - 9]. Entretanto a profª. [nome - 49] conversa com uma colega que se encontrava na sala de fumo dos professores. Depois vira-se para o PCD pergunta-lhe se ele acha bem que venha da Faculdade um grupo de alunos fazer uma demonstração sobre rochas. Ele diz que acha muito bem, mas que ela deve falar primeira com as colegas.

-----  
12.29 (3) - Pátio - Eu

Depois da [nome de profª - 49] ter saído da sala, nós saímos também. Conversamos no caminho para a saída da escola. O PCD pergunta-me a que horas eu estou da parte da tarde. Pede-me se vou com ele até ao Areeiro para ele deixar o carro na revisão. Digo-lhe que sim.

-----  
12.32 (-1) - Portaria - [nome de aae - 21] - Alunos

Quando iam os a passar junto à Portaria a funcionária que se encontrava na Portaria mete-se com alguns alunos que iam também a passar. Pergunta-lhes se eles vieram para a rua e o que é que tinham feito. O PCD comenta que "portaram-se todos muito bem". Trocam algumas palavras os alunos, o PCD e a funcionária.

-----  
 12.32 (1) - Fora (Parque) - Eu

Saímos da escola e encontramos-nos no parque adjacente. Combinamos a hora de regresso à escola da parte da tarde.

-----  
 12.31 (119) - Fora - ...

O PCD vai almoçar a casa.

-----  
 14.30 (19) - Fora (Parque) - Eu

O PCD aparece no parque da escola. Eu já me encontro à sua espera. Ele nem chega a sair do carro. Arranca para ir levar o carro à oficina, no Areeiro. Eu vou atrás dele.

-----  
 14.49 (11) - Fora - Eu

Conversamos depois de ele ter ido deixar o carro na oficina. Estamos na Praça do Areeiro e encontramos-nos no meu carro, de regresso à escola. Conversamos sobre o trânsito em Lisboa, sobre automóveis.

-----  
 15.00 (4) - Fora - Eu - [nome de aae - 16] - [nome do guarda]

Entramos na escola. O PCD conversa com o funcionário que se encontra na Portaria. Pergunta-lhe se não há mais participações. Diz que as da manhã já estão todas entregues. Eu pergunto-lhe quem é um empregado que é novo na escola. Ele diz-me que é o Guarda Nocturno. Depois a conversa muda para as questões de segurança da escola.

-----  
 15.04 (1) - GCD - Eu

Entramos no GCD. Continuamos a conversa sobre a segurança das instalações. Diz que a partir de certa altura deixou de se preocupar, todos os dias tinha de andar com a televisão e o vídeo de um lado para o outro, agora a maior parte das vezes já fica na sala.

-----  
 15.05 (1) - SA - [nome de aae - 22]

O PCD dirige-se para a sala dos SA.

Lá dentro cumprimenta as pessoas e conversa com elas sobre nenhum assunto em especial. Apenas foi dar uma volta pela sala.

-----  
 15.05\* (1) - SA - ---

*Toca o telefone. Na sala apenas me encontro eu. Ninguém atende e o telefone deixa entretanto de tocar. Passados uns segundos entra vinda de fora do pavilhão, a funcionária [nome de fsa - 9] que se senta na secretária em frente da do PCD.*

-----  
 15.06 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

Regressa ao gabinete e senta-se à sua secretária. Fala com a funcionária [nome de fsa - 9]. Pergunta-lhe se não há nada para fazer. A funcionária [nome de fsa - 9] começa a dactilografar um documento, mas não responde à pergunta do PCD.

-----  
 15.07 (3) - GCD - ---

Sentado à secretária o PCD escreve alguns rascunhos de ofícios, ao mesmo tempo que vai passando uma vista de olhos por diversos documentos chegados no correio. Ao mesmo tempo vai falando com os seus botões. Passados dois ou três minutos, começa a assobiar...

-----  
 15.10 (4) - GCD - [nome de fsa - 9]

Interrompe o que está a fazer para falar com a funcionária [nome de fsa - 9]. Pergunta-lhe o que é que ela está a escrever. Esta diz-lhe que é uma coisa da VPCD. Mariquices da Dra. [nome da VPCD], comenta o PCD. Depois retoma o que estava a fazer. Começa a assobiar... Continua sentado à sua secretária dedicando atenção aos papéis que tem sem cima da mesa.

-----  
 15.14 (1) - GCD - [nome de fsa - 10]

O PCD elevando a voz para que se ouça na sala dos SA faz uma pergunta à funcionária [nome de fsa - 10], sobre o número de anos de serviço de uma profª... Entretanto levanta-se do seu lugar e dirige-se para a entrada da sala dos SA. Conversa então com a funcionária [nome de fsa - 10], que se encontra na sala dos SA. Depois regressa para ao pé da sua secretária e fica de pé a vasculhar documentos nas duas secretárias que se encontram naquela zona do gabinete.

-----  
 15.15 (1) - GCD - CSA

A CSA vinda da sala dos SA, dirige-se ao PCD. Pergunta-lhe qualquer coisa sobre professores que estão colocados na escola em destacamento. Ele responde que têm duas na escola. Depois a CSA pergunta-lhe pelo estado de saúde da esposa.

-----  
 15.16 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9] - [nome de fsa - 8]

A funcionária [nome de fsa - 9] fala com o PCD. Pergunta-lhe que data deve pôr no ofício que está a dactilografar. Entretanto a funcionária [nome de fsa - 8] que se encontra na secretária atrás da do PCD troca informações com os dois sobre o documento que está a dactilografar.

-----  
 15.16 (1) - GCD - CSA

A CSA dirige-se novamente ao PCD e pergunta-lhe se ele não tirou da mesa dela um caneta igual a uma que mostra naquele momento. Responde-lhe o PCD que não, que ele não tirou nada da mesa dela.

-----  
 15.17 (1) - GCD - [nome de fsa - 10]

A funcionária [nome de fsa - 10] aproxima-se da secretária do PCD e mostra-lhe um documento. Os dois conversam. O Assunto é uma licença de parto de uma profª... O PCD chama a atenção da funcionária para a contagem do tempo que está mal feita.

-----  
 15.18 (-1) - GCD - [nome de fsa - 8]

O PCD está a analisar o documento sobre a questão da Licença de Parto. A funcionária [nome de fsa - 8] que se encontra a dactilografar um documento interrompo-o e pergunta-lhe como se faz a mudança de linha com a palavra "Ferreira". O PCD diz-lhe que os erres ficam separados.

-----  
 15.18 (1) - GCD - [nome de fsa - 10]

Volta a prestar atenção à funcionária [nome de fsa - 10] e à questão da Licença de Parto.

-----  
 15.19 (-1) - GCD - ---

O PCD continua sentado na sua secretária e retoma o trabalho que estava a fazer depois da funcionária [nome de fsa - 10] ter voltado para a sala dos SA. Começa a assobiar uma canção.

-----  
 15.19 (1) - GCD - CSA

A CSA aproxima-se da secretária do PCD e fala para ele. Diz que se calhar já "meteu água", pergunta-lhe como é que se faz a finalização da certidão/declaração. O PCD diz-lhe como é que pode corrigir a situação.

-----  
 15.20 (1) - GCD - ----

O PCD continua à secretária a ver papéis, mexendo e remexendo em vários molhos de papéis. A certa altura recomeça som o assobio, trauteando uma musica. Está a preparar a reunião do CP do dia seguinte.

-----  
 15.21 (3) - GCD - [nome de fsa - 10]

No gabinete reaparece a funcionária [nome de fsa - 10] que volta a trazer o assunto da Licença de Parto de uma profª... O PCD esclarece o assunto, mas pede que ela traga o dossier da profª... A funcionária vai de volta para a sala dos SA. O PCD volta a prestar a atenção para o trabalho que estava fazendo. Segundos depois a funcionária volta ao gabinete para ao pé do PCD. Transporta consigo o dossier da profª... Diz-lhe entretanto que tem de saber quando é que ela gozou férias para saber que faltas devem ser marcadas, por isso ela deve contactar a profª. de forma a resolver-se o assunto.

-----  
 15.24 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD ainda sentado na sua secretária fala para a funcionária [nome de fsa - 9] que se encontra a dactilografar um documento, o PAE. A funcionária [nome de fsa - 9] continua a bater o documento à máquina e recebe uma folha com as alterações que há a fazer que é dada pelo PCD.

-----  
 15.25 (4) - GCD - [nome de profª - 64]

Entra no gabinete uma colega profª. que vem falar com o PCD sobre o calendário das reuniões de avaliação. Vem saber se já está feito o calendário das reuniões, porque como é trabalhadora-estudante, pedia que tivessem em consideração as suas impossibilidade em virtude de ter exames nos dias das reuniões. O PCD e a profª. conversam sobre o assunto durante alguns minutos. No final o PCD diz que vai ver o que é possível fazer.

-----  
 15.29 (1) - GCD - [nome de profª - 64]

A profª. [nome - 64] sai do gabinete.

-----  
 15.30 (2) - GCD - Eu

O PCD comenta a situação da profª. comigo. Dá as suas opiniões sobre o problema e sobre a forma como a colega o colocou.

-----  
 15.32 (2) - GCD - [nome de fsa - 9]



O PCD fala com a funcionária [nome de fsa - 9]. Esta diz qualquer coisa e o PCD diz para ela esperar um bocado. acrescenta que de facto têm ainda muita coisa para fazer. diz que anda à procura do PAA porque há uma alterações a fazer. entretanto ela continua à procura.

-----  
15.34 (3) - GCD - [nome de fsa - 8]

O PCD dirige-se à funcionária [nome de fsa - 8] que está sentada na secretária atrás da do PCD. Verifica o trabalho que ela está a fazer. Dá-lhe uma dica como há resolver um problema no preenchimento das pautas. Depois a mexer em papéis que se encontram em cima da sua mesa. A funcionária [nome de fsa - 8] às voltas com as Pautas de Avaliação e as Fichas. A funcionária diz-se preocupada com o tempo que tem para acabar o trabalho. o PCD diz-lhe que não se preocupe que tem muito tempo. Após esta conversa, a funcionária [nome de fsa - 8] retoma o seu trabalho de dactilografia e o PCD volta a mexer e a procurar papéis, ao mesmo tempo que vai tomando notas... Enquanto isso vai assobiando uma musica.

-----  
15.37 (1) - GCD - Alunos

Alunos batem à porta do gabinete. O PCD pergunta quem é. Ninguém responde. Passados alguns momentos voltam a bater. O PCD levanta-se do seu lugar e vai até à porta, onde alguns alunos perguntam qualquer coisa relacionada com aulas. Ele diz-lhes que quando tocar para a entrada devem ir para a sala de estudo. Presumo que se trata de uma turma cujo prof. está a faltar.

-----  
15.38 (1) - GCD - ---

Senta-se de novo na secretária, continuando a fazer o que estava fazendo. Pega em vários documentos, vai tomando nota. São elementos para a reunião do CP do dia seguinte. Assobia e vai também trauteando uma canção.

-----  
15.39 (-1) - GCD - CSA

A CSA aproxima-se da secretária do PCD e fala com ele. Pergunta-lhe qualquer coisa ainda relacionadas com a questão do vencimento da profª. a que estava a ser paga pelo índice 130. O PCD acena com a cabeça afirmativamente, sem desligar do que está a fazer.

-----  
15.39 (3) - GCD - ---

Sentado à secretária o PCD continua no trabalho de organização dos documentos para a reunião do CP do dia seguinte. A certa altura exclama para si próprio: Quase, quase... estamos quase a chegar lá... (quer dizer que está quase a acabar).

-----  
15.42 (1) - GCD - Neta

Batem à porta do gabinete. É uma aluna. É a neta que lhe vem perguntar se ele têm ali no gabinete jornais velhos. Ele diz que não tem.

-----  
15.43 (3) - GCD - Eu - Funcionarias - CSA

O PCD dirige-se para a sala dos SA (à procura de jornal?). Eu abeiro-me da porta de ligação entre o GCD e a sala dos SA. Entretanto ela diz para mim que aquela zona ali é a dos jarrões. As funcionárias riem-se. Ele entra dá uma volta espiolhando a ver se encontram jornais velhos. Do outro lado a CSA chama por ele. Ele diz que já vai. Trocamos algumas "graças" a propósito do termo "jarrões" por ele utilizado.

-----  
15.46 (2) - Reprografia - Funcionarias

O PCD sai do gabinete e dirige-se para a Reprografia. Continua à procura de jornais velhos. Entretanto a neta já tinha há muito deixado o gabinete. Dá uma volta cumprimenta as funcionárias que lá se encontram e conversa com elas durante alguns momentos. Sem assunto especial.

-----  
15.48 (4) - GCD - [nome de fsa - 12] - CSA - [nome de fsa - 8] - [nome de fsa - 9]

Regressa ao GCD. A conversa solta entre ele e as funcionárias continua. A CSA diz-lhe que um dos "jarrões" está a protestar. Uma das funcionárias diz que se é jarrão vai-se reformar. Essa mesma funcionária traz uns figos secos que oferece ao PCD. Depois a funcionária dirige-se a mim e oferece-me um figo, que eu aceito e agradeço. Depois cada um volta às suas tarefas normais. O PCD volta a sentar-se na sua secretária.

-----  
15.52 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD volta a sua atenção para o que a funcionária [nome de fsa - 9] está a dactilografar, o PAA. Vai lhe dando indicações de como organizar a mancha do documento, e vai seguindo com atenção a escrita à máquina.

-----  
15.53 (5) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD volta a sentar-se à sua secretária e vai, a partir dos documentos que têm nas mãos dando indicações de algumas alterações ao PAA que a funcionária está a bater à máquina. A certa altura chama-lhe a atenção para uma parte do documento. A certa altura começa mesmo a ditar-lhe o que ela deve escrever, dando indicações sobre os sítios onde deve incluir determinadas partes do texto.

-----  
 15.58 (2) - GCD - Eu - CSA - [nome de fsa - 9]

O PCD levanta-se da sua secretária e anda de um lado para o outro. Aparentemente procura algo. Eu aproveito para lhe fazer algumas perguntas sobre a colega que veio saber do calendário das reuniões. Nós dois mexemos nos montes de papéis que se encontram na secretária grande (onde eu estou habitualmente sentado) e numa outra mais pequena que se encontra mesmo encostada à direita à procura de uma circular que veio da DGEB sobre a reflexão participada sobre os currículos. Finalmente ele diz que se calhar já está a fotocopiar.

-----  
 16.00 (4) - GCD - Eu

O PCD traz alguns documentos que tinha na sua secretária e vem sentar-se na mesa onde eu estou. Trata-se de um resto de correio que ainda não tinha lido. Enquanto ele vai vendo esses documentos vamos conversando. Vai passando os documentos e ao mesmo tempo vai comentando o que lhe vai aparecendo. eu pergunto-lhe sobre a questão do Trabalho de Projecto, a ideia da profª. [nome - 52] Cabral. Ele diz que estava tudo parado, que ainda não tinha nada.

-----  
 16.04 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

A funcionária [nome de fsa - 9] aproxima-se e mostra o documento que tinha acabado de bater à máquina. Ele diz-lhe para ela levar à D. [nome de aae - 1] para tirar fotocópias. É uma adenda ao PAA. o PCD continua a ver o correio.

-----  
 16.05 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]

A funcionária [nome de fsa - 9] regressa da Reprografia e informa o PCD que a D. [nome de aae - 1] "foi lá abaixo e volta já".

-----  
 16.05 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD solicita a outra funcionária que lhe veja no livro de entradas o correio entrado no dia anterior. Quer tentar saber em que dia é que veio determinado documento. entretanto diz em volta alta que está na hora de fazer umas chamadas.

-----  
 16.06 (-1) - GCD - ...

Liga para o PBX e pede uma chamada telefónica (+) para o ME. Seguidamente posa o telefone.

-----  
 16.06 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD pede à funcionária [nome de fsa - 9] o copiadador geral. A [nome de fsa - 9] traz-lhe o copiadador geral.

-----  
 16.07 (5) - GCD - DRELx

Toca o telefone (+). Ligação pedida momentos antes para a DRELx, para falar com a Dra. [nome de fine - 1]. Do outro lado respondem e pedem-lhe para esperar um momento. O PCD continua ao telefone, à espera para falar com a Dra. [nome de fine - 1]. Enquanto espera o PCD vai folheando o copiadador geral ao mesmo tempo que conversa com a funcionária [nome de fsa - 9]. Durante um bom intervalo de tempo, o gabinete encontra-se em silêncio. O PCD está em silêncio. O Matraquear das duas máquinas de escrever que na maior parte do tempo estão a trabalhar ([nome de fsa - 9] e [nome de fsa - 8]) parou. Enquanto isso a CSA e a funcionária [nome de fsa - 8] discutem sobre a falta e respectiva justificação por motivo de consulta médica. Entretanto o PCD aproveita para ir consultando o copiadador geral.

-----  
 16.12 (8) - GCD - DRELx - Eu

Em face do prolongado silêncio e espera ao telefone, eu comento para o PCD essa situação. o PCD continua a folhear o copiadador geral. Depois dizem-lhe que a Dra. [nome de fine - 1] está doente, não está no serviço. Enquanto espera vamos conversando sobre a questão da burocracias do ME. Finalmente ele conversa com outra pessoa sobre o assunto da profª. [nome - 65]. Trata-se da questão do pedido de redução total a da componente lectiva.

-----  
 16.15\* (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

*Entra no gabinete, vinda da sala dos SA. Vai buscar um documento que se encontra na secretária do PCD.*

-----  
 16.20 (3) - GCD - Eu

Depois do telefonema terminar o PCD conversa comigo sobre o assunto. Ao mesmo tempo que procura qualquer coisa no copiadador geral, o PCD comenta a situação da profª. [nome - 65]. Diz que da DRELx lhe disseram que o processo vai à Junta Médica e que a coisa pode demorar 3 ou 4 dias. Explica-me a importância da resolução da questão o mais rápido possível.

-----  
 16.23 (-1) - GCD - [nome de aae - 18]

O PCD pede outra chamada telefónica (+) para a DRELx. Agora é para falar com o Eng. [nome de sr. - 5]

-----

16.23 (1) - GCD - ---

O PCD senta-se à sua secretária e espera pela chamada que pediu antes. Vai cantarolando uma música enquanto espera. Depois, passados uns momentos levanta-se. Largou tudo o estava a fazer para se dedicar às chamadas telefônicas. Passeia pelo gabinete enquanto espera.

16.24 (1) - GCD - Eu

Como aparentemente não faz mais nada eu meto conversa com ele. pergunto-lhe quem é esse Eng. [nome de sr. - 5]. O PCD diz-me que é da DRELx. quer falar com ele por causa das obras.

16.25 (-1) - GCD - [nome de prof. - 61] - Eu

Entra no gabinete o prof. [nome - 61].

16.25 (-1) - GCD - DRELx

Atende a chamada telefônica que tinha pedido antes. Do outro lado dizem-lhe para esperar um bocado.

16.25 (1) - GCD - [nome de prof. - 61]

O PCD, enquanto espera que lhe apareça o Eng. [nome de sr. - 5], “mete-se” com o prof. [nome - 61] que nesse momento está também ao telefone. O prof. [nome - 61] faz uma careta para ele e não lhe “liga” importância. Depois começa a falar ao telefone. O telefonema é para marcar o alojamento para uma visita de estudo. Ao telefone combina as datas. entretanto fica de dar uma resposta oficial já definitiva.

16.26 (2) - GCD - DRELx

Finalmente do outro lado da linha encontra-se o Eng. [nome de sr. - 5]. O PCD fala com ele. O PCD quer saber em que pé está o processo de construção das novas instalações da escola.

16.28 (3) - GCD - [nome de profª - 16]

A profª. [nome - 16] entra no gabinete. Faz alguns comentários enquanto espera que o PCD acabe o telefonema. Entretanto o PCD acaba o seu telefonema e ela começa a conversar com ele.

16.31 (-1) - GCD - [nome de profª - 16]

A profª. [nome - 16] que tinha entrado momentos antes no gabinete começa a falar com o PCD sobre a ordem de trabalhos do CP marcado para o dia seguinte. Depois os dois, PCD e profª. [nome - 16] dirigem-se para perto da porta do gabinete continuando a conversar, agora sobre as instalações. O PCD diz-lhe em que pé se encontra a situação. Voltam os dois para o centro do gabinete, onde se encontra ainda o prof. [nome - 61].

16.31 (5) - GCD - [nome de profª - 16] - [nome de prof. - 61] - Eu - CSA

Os presentes conversam ao sabor do acaso. O PCD não está a realizar nenhuma tarefa, apenas conversa com os presentes. Duas tossidelas do PCD, despoletam a conversa. Falam sobre gripes e constipações. O prof. [nome - 61] a certa altura interpela o PCD sobre subsídios. Diz-lhe que ele vai ter de arranjar o tal subsídio que ele tinha dito que arranjava facilmente. O PCD diz que está a acabar a carta a pedir o tal subsídio. A CSA pergunta ao prof. [nome - 61] se ele lhe pode emprestar o bilhete de identidade. o PCD diz que se ele não o dá não recebe o vencimento. Depois a conversa vira para o assunto dos dias adicionais de férias em função da idade.

16.36 (1) - GCD - [nome de profª - 59]

Entra no gabinete a profª. [nome - 59] que vem falar com o PCD sobre a instrução de um processo disciplinar. A conversa anterior é interrompida pela entrada desta profª... A profª. [nome - 59] diz que vai lançar um processo disciplinar ao aluno [nome - 13]. o PCD diz para ela ter “calminha” que o assunto já estava a ser tratado pela profª. [nome - 69]. Portanto era necessário ver o que isso ia dar. Trocam algumas opiniões e informações sobre o assunto.

16.37 (-1) - GCD - [nome de profª - 16]

A profª. [nome - 16] despede-se e sai do gabinete.

16.37 (8) - GCD - [nome de profª - 59] - [nome de prof. - 61]

Continua a conversa entre o PCD e a profª. [nome - 59]. O PCD explica as últimas diligências sobre a questão do aluno [nome - 13] e as que estava previsto virem a realizar-se pela mão da profª. [nome - 69]. Pelo meio vêm à conversa outras situações também problemáticas. Depois a profª. [nome - 59] saiu do GCD.

16.45 (3) - GCD - Eu

Após a profª. ter saído o PCD conversa comigo sobre a questão do tal aluno [nome - 13]. Faz-me uma descrição do problema. Diz-me também em que pé se encontra a situação das novas instalações para a escola.

16.48 (-1) - GCD - [nome de fsa - 8]

O PCD desvia a sua atenção para a funcionária [nome de fsa - 8] que se encontra na secretária atrás da sua. Esta diz que já está a bater as pautas do 9º ano, que depois vai bater as do preparatório e que daí a pouco já não tem pautas. O PCD descansa-a que as pautas já foram pedidas.

-----  
16.48 (-1) - GCD - Eu

O PCD fala comigo e diz que vai “lá baixo”. Digo-lhe que já lá vou ter, para tomar um café. O PCD sai do gabinete e dirige-se para a Sala de Professores.

-----  
16.48 (2) - SPF - VPCD - [nome de profª - 72] - [nome de profª - 54]. Eu -

O PCD encontra-se na SPF na conversa com a VPCD, a profª. [nome - 72] e outra profª. [nome - 54] O PCD comenta que as afilhadas já não se encontram na sala.

-----  
16.50 (1) - SPF - [nome de aluno - 14] - [nome de aae - 22]

Um aluno assoma à porta do Pavilhão para perguntar sobre a sala de Estudo. O PCD interpela-o. Conversa com ele. O aluno [nome - 14] de seguida dirige-se para a sala de estudo, onde devem estar os colegas.

-----  
16.51 (1) - SPF - Eu

O PCD deixa de prestar atenção ao assunto da sala de estudo e fala para mim. Diz que já não apanha o prof. [nome - 61]. Eu digo-lhe que ele já tinha ido embora da escola. Saímos da sala de professores.

-----  
16.52 (2) - Pátio - Eu - [nome de aae - 1] - [nome de profª - 72] - Neta

Saímos da sala de professores e dirigimo-nos para o GCD. Pelo caminho conversamos. Encontramos a e conversamos com a D. [nome de aae - 1] e a profª. [nome - 72] e com a neta do PCD. Aproximamo-nos do pavilhão, quando as funcionárias dos SA que estão com a janela aberta, mostram interesse e parecem estar a falar sobre mim. Eu aproximo-me da janela e falo com elas.

-----  
16.54 (1) - GCD - ---

Entramos no GCD. O PCD dirige-se para a sua secretária e senta-se. Começa a mexer nos papéis que tinha estado a organizar durante o dia. Confere se no molho de papéis estão todos os que precisa para em casa poder prepara a reunião do CP do dia seguinte.

-----  
16.55 (2) - GCD - ---

Após isso, está alguns momentos pensativo e depois pelo telefone directo faz uma ligação telefónica (+). É uma chamada para saber notícias de um tal [nome de sr. - 7]. conversa durante algum tempo inteirando-se do estado de saúde do tal [nome de sr. - 7]. Tinha sido atropelado no outro dia.

-----  
16.57 (1) - GCD - Eu

Seguidamente comenta as informações que recebeu sobre a situação do [nome de sr. - 7]. comenta nomeadamente a forma como o Sr. tinha sido tratado pelos serviços hospitalares. No momento o PCD anda de um lado para outro.

-----  
16.58 (2) - GCD - [nome de fsa - 11] - CSA

Entra, vinda da sala dos SA, a funcionária [nome de fsa - 11] que traz um documento para o PCD assinar. Ele admira-se da funcionária vir toda dobrada. Ela diz que têm andado doente.

-----  
17.00 (7) - GCD - Eu

O PCD aparentemente não tem mais nada que fazer... Levanta o telefone mas depois poisa-o sem ter feito sequer a marcação dos números. Depois conversa comigo sobre nada em especial. Refere que hoje em dia não se pode ficar doente. Conversamos sobre hospitais. Diz que está quase na hora de sair e pergunta-me se que quero alguma coisa dele. Eu digo que não. Combinamos o programa de trabalho para o dia seguintes. Finalmente ele faz uma conferência final do que é para levar para casa, para acabar de preparar as coisas para a reunião do CP do dia seguinte.

-----  
17.07 (1) - GCD - CSA - Eu

Preparamo-nos para sair do gabinete quando aparece a CSA que se “mete” com o PCD. Diz-lhe que o capitão é o último a abandonar o barco. Ele responde-lhe que isso era antigamente. O PCD procura pela neta. A miúda encontra-se no pátio à espera dele. Depois saímos do gabinete.

-----  
17.08 (2) - Pátio - Eu

Saímos do gabinete e vamos no pátio. Conversamos os dois. Digo-lhe que lhe dou boleia até casa. Depois vejo que deixei as chaves no GCD. Volto para trás para as ir buscar e ele e a neta seguem a pé para casa.

### **C) 3º DIA - QUARTA FEIRA - 27 NOV 1996**

pcd203b

27/11/96 (QUARTA FEIRA) - 08h 10m - 12h 15m - ESCOLA B

OBSERVAÇÃO DA ACTIVIDADE DIÁRIA DO PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

-----  
08.10 (2) - Portaria - [nome de aae - 21]

O PCD entra ao portão da escola. Cumprimenta o funcionário e segue directamente para a sala de professores. Vem a pé porque o automóvel está na oficina desde a tarde de ontem para a revisão.

-----  
08.12 (3) - SPF - Professores - [nome de profª - 52]

Na sala de professores o PCD encontra a profª. [nome - 52]. Aproveita e pede-lhe o carro emprestado para ir levar a filha à escola de [nome de povoação - 21]. A profª. [nome - 52] dá-lhe as chaves do carro.

-----  
08.15 (10) - SPB - Professores - Funcionárias

Depois do toque da campainha para entrada a sala de professores começa a esvaziar-se. O PCD dirige-se para a zona do bar. Conversa durante alguns momentos com as duas funcionárias que lá se encontram e depois sai e dirige-se para o GCD.

-----  
08.25 (5) - GCD - ---

O gabinete está vazio. O PCD arruma os papéis que trazia consigo. Depois sai gabinete e dirige-se para fora da escola.

-----  
08.30 (45) - Fora - ---

O PCD sai da escola, para ir levar a filha à escola de [nome de povoação - 21].

-----  
09.15 (3) - Portaria - ---

O PCD entra ao portão da escola, depois de ter ido levar a filha ao emprego. Dirige-se para a sala de professores.

-----  
09.18 (6) - SPF - [nome de prof. - 70] - Eu - [nome de prof. - 61]

Na sala de professores encontram-se vários professores. O PCD conversa com eles sobre diversos assuntos. Entretanto aparece o prof. [nome - 70] que andava à nossa procura. Eu já estivera com ele e tinha-lhe dito que tinha os impressos para a sabática na pasta no GCD. Ele vinha de lá.

-----  
09.24 (2) - Pátio - [nome de prof. - 70] - Eu

Já no caminho para o gabinete, vamos conversando. Eu e o conversamos sobre o mestrado que ele está a fazer.

-----  
09.26\* (2) - GCD - [nome de prof. - 70] - Eu

*Entramos os três no GCD. Eu continuo a conversar com o prof. [nome - 70] sobre a questão do mestrado e da sabática.*

-----  
09.26 (2) - SA - Funcionária - CSA

O PCD, enquanto eu e o [nome de prof. - 70] conversamos, dirige-se para a sala dos SA. Cumprimenta as pessoas que lá se encontram e durante alguns momentos passeia-se pela sala, observando o que as funcionárias estão fazendo. Passado algum tempo volta para o GCD, assobiando. Aproxima-se de nós e intervém na nossa conversa.

-----  
09.28 (1) - GCD - Eu - [nome de prof. - 70]

Conversamos os três sobre a licença sabática. O prof. [nome - 70] lembra o PCD que tem de incluir na documentação do pedido uma cópia do último relatório de avaliação. O PCD "brinca" com ele. Diz que ele não entregou relatório nenhum, apenas entregou o tintol.

-----  
09.29 (-1) - GCD - Eu - [nome de prof. - 70] - [nome de fsa - 12]

Encontramo-nos os três a conversar sobre o relatório, quando entra no gabinete, vindo da sala dos SA, a funcionária [nome de fsa - 12] seguida da CSA e outras duas funcionárias. Dizem que andaram à procura do PCD, por causa de um modelo de impresso. O PCD diz-lhes para se acalmarem. Acrescenta que a funcionária vai à escola [nome de escola - 3] buscar algumas pautas.

-----  
09.29 (1) - GCD - [nome de aae - 18]

O PCD pega no telefone e pede à funcionária [nome de aae - 18] que lhe faça uma ligação para a escola [nome de escola - 3].

-----

09.30 (-1) - GCD - Eu - CSA

A CSA repara em mim e diz-me “Ai... o senhor estava na tua à espera do prof. [nome do PCD]...?” referindo-se ao facto de eu estar à entrada da escola quando ela passou. Depois disse que o prof. [nome - 70] tinha andado à minha procura.

09.30\* (3) - GCD - [nome de prof. - 70] - Eu

*Eu e o prof. [nome - 70] conversamos sobre a questão do pedido da sabática.*

09.30 (1) - GCD - [nome de fsa - 8]

O PCD conversa com a funcionária [nome de fsa - 8] sobre a questão das pautas. Ele esclarece que vai pedir à Escola [nome de escola - 3] alguns exemplares das pautas. Vai depois mandar lá alguém buscar de imediato para ela poder continuar a dactilografar os nomes dos alunos.

09.31 (2) - GCD - [nome de escola - 3]

Vem a chamada pedida pelo PCD momentos antes. O PCD fala com a Escola [nome de escola - 3]. O PCD fala com o Chefe dos Serviços Administrativos da escola [nome de escola - 3]. Pergunta-lhe se ele pode emprestar 6 pautas modelo 0036. Do outro lado pedem-lhe para esperar um momento.

09.33 (1) - GCD - Eu - [nome de prof. - 70]

O prof. [nome - 70] interpela o PCD sobre o prazo de envio do pedido da sabática. Entretanto o PCD está ao telefone. O prof. [nome - 70] diz-lhe que como o Orientador não está cá em Lisboa, vai ser difícil entregar o todos os documentos do pedido antes de sexta-feira. Depois de fazer umas contas, o PCD diz-lhe para entregar de forma que ele possa mandar na quarta-feira da semana seguinte.

09.34 (1) - GCD - [nome de escola - 3]

Entretanto o telefonema é retomado. Do outro lado dizem-lhe que está bem. O PCD diz que então vai mandar uma funcionária a buscar as pautas.

09.34 (-1) - GCD - [nome de aac - 19]

Depois do telefonema terminado o PCD grita chamando pela funcionária [nome de aac - 19].

09.35 (-1) - GCD - [nome de prof. - 70]

O PCD volta a prestar atenção ao [nome - 70], ainda a questão da entrega do pedido da sabática.

09.35 (-1) - GCD - [nome de aac - 19]

Entretanto chega a D. [nome de aac - 19] e o PCD fala com ela dando-lhe orientações para ela ir buscar as pautas à escola [nome de escola - 3].

09.35 (1) - GCD - [nome de prof. - 70]

Novamente o prof. [nome - 70] solicita a atenção do PCD. O PCD volta a dizer-lhe que como segunda é feriado e terça-feira há tolerância de ponto na parte da manhã, ele só vai mandar o pedido da sabática na quarta-feira. O prof. [nome - 70] diz-lhe que entretanto podia entregar os outros documentos e entregar o parecer do orientador mais tarde.

09.36 (-1) - GCD - CSA

Vinda da sala dos SA a CSA interpela o PCD sobre a questão das pautas. O PCD diz-lhe que o assunto já está encaminhado. Chama a atenção que são apenas 6 pautas que foram pedidas à [nome de escola - 3].

09.36 (-1) - GCD - [nome de prof. - 70]

Depois o PCD volta a dar atenção ao prof. [nome - 70]. Diz-lhe que está bem, que faça isso assim, então. O [nome de prof. - 70] despede-se de nós e sai do gabinete.

09.37 (1) - GCD - [nome de fsa - 12]

A funcionária [nome de fsa - 12] vem ter com o PCD, por causa das pautas. Dá a entender que acha que são poucas as que foram pedidas. Ele diz que eram precisas seis. Foram as que ele pediu. A funcionária [nome de fsa - 12] coloca a questão de se há enganos, não há pautas de sobra. O PCD diz que não há enganos nenhuns e que não pedira mais porque já se chateia de andar a pedir coisas à outra escola. E de seguida recrimina-a por ele ainda não ter feito as requisições de material necessário. De seguida o PCD diz à funcionária [nome de aac - 19] para se despachar a buscar as pautas.

09.38 (1) - SA - Funcionárias

O PCD sai do gabinete e vai para a sala dos SA. Em causa está a questão do número de pautas a pedir à Escola [nome de escola - 3], ser exactamente as que são precisas. As funcionárias chamam a atenção para o problema de poder haver enganos. O PCD diz que nesse caso tem de ser feitas as coisa com mais cuidado.

-----  
09.39 (1) - GCD - Eu

O PCD regressa ao gabinete e fala comigo sobre a questão dos prazos para envio do pedido da licença sabática do [nome de prof. - 70]. Eu digo-lhe que geralmente o CD tem três ou cinco dias para enviar os documentos depois do prazo terminado. O PCD diz que não se lembra, mas que no caso da Equiparação a Bolseiro esse período era de cinco dias.

-----  
09.40 (-1) - GCD - ---

O PCD passeia pelo gabinete. Vai para ao pé da secretária e mexe nos papéis que trazia dentro de um saco. São os documentos para a realização do CP. Ele diz que ainda esteve a ver umas coisas, a prepara o CP já depois da meia-noite.

-----  
09.40\* (-1) - GCD - ---

*Entra uma funcionária que cumprimenta e segue para a sala dos SA.*

-----  
09.40 (1) - GCD - Eu

O PCD finalmente senta-se à secretária. Enquanto vai dando uma vista de olhos sobre o que se encontra em cima da mesa, vai conversando comigo. Falamos sobre o estado de saúde da [nome da PCD] (escola A).

-----  
09.41 (-1) - SA - CSA

O PCD levanta-se da secretária e dirige-se para a sala dos SA. Pergunta se lhe arranjam um calendário do próximo ano. Demora-se algum tempo, enquanto a CSA procura o despacho com o calendário escolar. Passado uns momentos regressa ao gabinete.

-----  
09.41 (1) - GCD - Eu

Já na posse do calendário, analisa-o e tece alguns comentários/conversa comigo sobre o calendário escolar. O PCD está sentado à secretária. Consulta o calendário. Está nesse momento com o Plano Anual de Actividades e o Projecto de Actividades ECOS. Procura estabelecer uma calendarização das actividades.

-----  
09.42 (-1) - GCD - Eu - CSA

Eu comento o facto de não conseguir fumar o tabaco que ele fuma - a marca Stuyvesant. A CSA diz que é pena não acontecer isso com o PCD.

-----  
09.42 (5) - GCD - Eu

O PCD está sentado à secretária e eu aproximo-me. Está no momento a elaborar um documento sobre a Projecto Ecos. O PCD continua sentado à sua secretária a calendarizar as actividades do plano e do projecto ECOS. Entretanto conversamos sobre as provas globais, os prazos e as alterações verificadas na sua realização e aplicação.

-----  
09.47 (6) - GCD - [nome de fsa - 9]

Entram no gabinete a CSA e a funcionária [nome de fsa - 9]. A Primeira dirige-se para a sua mesa de trabalho (aquela que tem um computador) e a segunda é interpelada pelo PCD. Este está sentado à secretária, ainda ocupado com documentos preparatórios para o CP. O PCD pergunta à funcionária [nome de fsa - 9] se não há nada para fazer (é uma pergunta e não uma advertência). A funcionária não responde, mas mostra duas folhas que se encontram na sua (dela) secretária e que são para passar à máquina. O PCD não diz nada e continua a fazer o seu trabalho de preparação do CP.

-----  
09.53 (1) - GCD - Eu

Continua sentado à secretária. Agora começa a redigir um rascunho de Ordem de Serviço para avisar os alunos que no dia 2 de Dezembro não há aulas.

-----  
09.54 (4) - GCD - Eu

Enquanto se encontra ocupado a fazer a ordem de serviço, eu converso com o ele. O PCD continua sentado à sua secretária embrenhado no que está a fazer. Estamos em silêncio até à entrada da funcionária [nome de fsa - 12] que mete conversa com o PCD.

-----  
09.58 (1) - GCD - [nome de aac - 19]

Entra a funcionária [nome de aac - 19] que vem entregar as pautas que tinha ido buscar à escola [nome de escola - 3]. Entrega as pautas, põe-nas em cima da secretária e não diz nada, depois segue para a sala dos SA. O PCD continua sentado à secretária na elaboração da ordem de serviço.

09.59 (1) - GCD - [nome de fsa - 12]

Entra no gabinete a funcionária [nome de fsa - 12] que conversa com o PCD. Este está sentado à secretária. Ela entrega-lhe qualquer coisa e diz-lhe que tirou o dinheiro de uma gaveta e que lhe traz as coisas.

-----  
10.00 (2) - GCD - ---

O PCD continua à secretária a trabalhar, de novo, na preparação do CP depois de ter feito o rascunho da ordem de serviço sobre o feriado do dia 2 de Dezembro.

-----  
10.02 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD chama pela funcionária [nome de fsa - 9] pensando que ela se encontra na sala dos SA. Responde-lhe a CSA que ela foi lá abaixo. O PCD levanta-se da sua mesa de trabalho. Diz que ele vai lá acima. Depois senta-se de novo à secretária, e dedica-se aos documentos para o pedagógico.

-----  
10.03 (4) - SA - ---

O PCD levanta-se e dirige-se para a sala dos SA. Durante cerca de 4 minutos encontra-se lá.

-----  
10.06\* (-1) - GCD - ---

*A funcionária [nome de fsa - 9] entra no gabinete vindo de fora do pavilhão. Senta-se a sua secretária.*

-----  
10.07 (-1) - GCD - [nome de profª - 67]

Entra a profª. [nome - 67] no gabinete. Pergunta pelo PCD.

-----  
10.07 (4) - GCD - [nome de profª - 67]

O PCD regressa da sala dos SA. Vê a profª. [nome - 67] que tinha entrado momentos antes no gabinete e comenta para mim "Estás a ver... (para mim) agora, já... já... não preciso de ir lá abaixo." Seguidamente analisa com a colega as possibilidades de lhe atribuir horas de APA. Durante alguns minutos analisam o horário dela, de forma a compatibilizar os horários das turmas de da profª...

-----  
10.09\* (-1) - GCD - ---

*Entra no gabinete uma profª. que fica à espera para ser atendida. Trata-se de uma Directora de Turma.*

-----  
10.11 (4) - GCD - [nome de fsa - 8]

Depois de a profª. [nome - 67] ter saído o PCD atende a funcionária [nome de fsa - 8] que está às voltas com as pautas. A funcionária refere algumas dificuldades relativamente ao trabalho de preenchimento de pautas. Isso resulta do facto das pautas serem antigas e não contemplarem alguns quesitos da avaliação actuais. O PCD dá-lhe algumas indicações de como deve resolver o problema.

-----  
10.15 (1) - GCD - [nome de aae - 19]

Entra a funcionária [nome de aae - 19]. O PCD entrega-lhe a pauta para tirar fotocópias. Diz-lhe para a D. [nome de aae - 1] tirar dez cópias. Se por acaso não estiverem a sair bem, então que vão ao Shopping tirá-las.

-----  
10.16 (2) - GCD - [nome de profª - 73]

Finalmente o PCD atende a profª. [nome - 73] que esperava há já alguns minutos para ser atendida. Aparentemente foi o PCD que pediu que ela fosse ao gabinete falar com ele. O PCD de forma dissimulada à medida que ia falando com ela foi conduzindo-a para a entrada da sala, zona mais recata da sala mais longe dos restantes presentes na sala. Sem identificar quem tinha abordado o assunto o PCD pediu a atenção da profª. para a inconveniência de pedir aos alunos que tirassem as faltas dos alunos a partir dos livros de pontos. De forma muito diplomática chamou a atenção da profª. para possibilidade de se criarem situações embaraçosas no que respeita ao registo de faltas dos alunos. A profª. aceitou os reparos, agradecendo a atenção do PCD. A finalizar o PCD esclareceu a profª. que as pessoas que lhe contaram o ocorrido não o tinham feito com má nem segundas intenções. Apenas não lhe tinham dito nada porque entretanto não a encontraram em privado.

-----  
10.18 (-1) - GCD - Eu

Após a profª. [nome - 73] ter saído do gabinete o PCD dirige-se a mim perguntando se quero ir lá "abaixo". Ele sai logo do gabinete. Quando eu saio está o PCD a falar com a profª. [nome - 73], no pátio.

-----  
10.18 (5) - Pátio - [nome de profª - 73]

Os dois conversam sobre uma questão de vencimentos e de escalões. A profª. apresentou algumas dúvidas relativamente a correcção do seu posicionamento nos escalões na carreira. Achava que devia estar num escalão superior. Estavam a considerá-la na situação de Bacharelato, o que segundo ela estaria incorrecto.

-----  
10.23 (2) - Pátio - [nome de aluno - 15] - [nome de aae - 15]



Uma funcionária acompanhada de um aluno vem ter connosco. Dirige-se ao PCD. Diz-lhe que o aluno traz um papel para sair mais cedo para ir ao médico. Ele dirige-se ao aluno e procura saber pormenores do assunto. Depois pede-lhe o número de telefone de casa e dá indicações à funcionária do PBX para confirmar o assunto.

-----  
10.25 (1) - Pátio - Eu

A caminho da sala de professores o PCD conversa comigo. Diz-me que aquele assunto dos escalões e da informação do CIREF não o convence (refere-se à conversa com a profª. [nome - 73])

-----  
10.26 (1) - SPF - Eu - [nome de profª - 52]

Entramos na sala de fumo dos professores. Mesmo à entrada da porta algumas professoras estão a sair do pavilhão. O PCD cumprimenta-as. Entrega as chaves do carro à profª. [nome - 52].

-----  
10.27 (1) - SPF - professoras

O PCD participa na conversa de uma grupo de professores. Ouve o que os colegas vão dizendo. São assuntos gerais não relacionados com a escola.

-----  
10.28 (2) - SPF - [nome de profª - 17]

Entra na sala de fumo dos professores a profª. [nome - 17], que de imediato é interpelada pelo PCD. Este pergunta-lhe onde é que ela deixou a ordem de serviço que esteve a fazer a propósito dos processos disciplinares. Ele diz-lhe que lhe entregou em mão. Depois diz-lhe que ele é um malandro, que perde tudo... Ele diz que se ela lhe entregou então deve estar lá no gabinete. A profª. [nome - 17] sai da sala de professores.

-----  
10.30 (1) - SPF - Eu - [nome de profª - 65]

Depois da profª. [nome - 17] ter saído a conversa sobre o papel desaparecido continua. A profª. [nome - 65] opina que se calhar estará lá no gabinete metido entre os outros papéis. Ele diz que esteve a mexer nos papéis mas que estava a procurar outra coisa, e que se calhar até passou pela ordem de serviço e não se apercebeu. Mais um pouco de conversa sobre o assunto e fazemos tenção de sair.

-----  
10.31 (2) - SPF - Eu - [nome de profª - 74] - [nome de profª - 69]

O PCD que antes manifestara a intenção de sair da sala de professores, fica a conversar com a profª. [nome - 74] sobre a saúde da mãe desta.

-----  
10.33 (4) - SPF - [nome de profª - 69] - Eu

Terminado o assunto da operação da mãe da profª. [nome - 74], a [nome - 69] passou a informar o PCD sobre as diligências realizadas e os resultados obtidos relativamente ao caso do aluno [nome - 13]. Durante alguns minutos o PCD ouve com atenção o que a colega lhe vai dizendo. Depois diz que está bem. A profª. [nome - 69] sai da sala de fumo dos professores.

-----  
10.37 (1) - SPF - FO Ferr.

A profª. [nome - 74] esteve ao telefone. Depois conversa de novo com o PCD. Diz que pelo telefone lhe disseram para ir daí a bocado ao Hospital. Passado um bocado toca o telefone. A profª. [nome - 74] atende. É para ela, é uma chamada que ela tinha pedido entretanto e de novo para o Hospital.

-----  
10.38 (2) - Pátio - Eu

Nós os dois vamos em direcção da saída da Sala de Professores. Caminhamos devagar. O PCD vai circulando o olhar pelo pátio, tomando atenção ao que os alunos estão fazendo. Eu aproveito para lhe perguntar sobre o estatuto da profª. [nome - 69] na escola e o nome da colega cuja mãe está para ser operada. A profª. [nome - 69] está colocada na escola como Técnica de Orientação Profissional e a outra colega chama-se [nome de profª - 74].

-----  
10.40 (3) - GCD - [nome de sr. - 8]

Entramos no gabinete. Lá dentro encontram-se a funcionária [nome de fsa - 9] a escrever à máquina e CSA na sua mesa de trabalho. O PCD senta-se à secretária e disca um número de telefone (no telefone directo). Fala com um senhor [nome de sr. - 8]. A assunto é particular. Durante alguns (cerca de 3) minutos conversa sobre a realização ou não de um almoço. Finalmente fica estabelecida a não realização do almoço porque alguns dos interessados não podem estar presentes.

-----  
10.43 (3) - GCD - [nome de sr. - 9]

Com a mesma finalidade o PCD volta a fazer uma chamada telefónica, agora para falar com outro dos interessados para o almoço, o senhor [nome de sr. - 9]. Conversa com ele durante alguns minutos. O PCD explica as razões que levaram ao cancelamento do almoço.

-----  
10.46 (1) - GCD - [nome de aae - 1]

Pouco antes de o PCD ter terminado a conversa telefónica, entra no gabinete a [nome de aae - 1], da Reprografia. Espera enquanto o PCD acaba de falar e depois pergunta ao PCD alguns pormenores sobre como este quer as fotocópias das pautas. Conversam sobre a qualidade das fotocópias e sobre a necessidade de revisão da máquina fotocopadora.

-----  
10.47 (1) - GCD - ---

Sai a D. [nome de aae - 1] e o PCD, sentado à secretária vai mexendo nos papéis que se encontram em cima da sua secretária. Parece não ter uma tarefa definida a realizar. Vai folheando os papéis, como se estivesse a procurar alguma coisa. De passagem vai lendo com maior ou menor atenção o conteúdo de alguns deles. De vez em quando separa alguns para um outro molho. Episodicamente cantarola ou assobia árias populares.

-----  
10.48 (3) - GCD - CSA

A CSA de lá do seu lugar pergunta ao PCD quando é que ele quer ver o correio e onde é que ela o deve colocar. Este já se encontra sentado à secretária, diz-lhe para esperar um bocado. Continua a fazer o que estava a fazer. Passados uns segundos a CSA aproxima-se dele e entrega-lhe uma caneta. O PCD recomeça a assobiar uma cantiga. Continua sentado à secretária trabalhando nos documentos para o CP.

-----  
10.51 (3) - GCD - DRELx

Toca o telefone (-). O PCD atende. Trata-se uma pessoa da DRELx que procura saber em que pé está uma situação de processo disciplinar. Esse telefonema ré resultado do facto de uma e. educação se ter dirigido à DRELx a expor a situação do educando que estava a ser alvo de um processo disciplinar.

-----  
10.54 (-1) - GCD - [nome de aae - 1]

Entra no gabinete momentos antes do PCD acabar o telefonema. Fica à espera. Depois pergunta-lhe qualquer coisa e ele responde. A pergunta era relativa ao número de cópias de um impresso para as reuniões de avaliação. O PCD diz-lhe que é um para cada turma.

-----  
10.54 (1) - GCD - Eu

O PCD comenta comigo o telefonema tido com a DRELx, enquanto vai passeando pelo gabinete. Da DRELx queriam saber como estava a ser feito o processo disciplinar a um aluno.

-----  
10.56 (4) - GCD - ---

Seguidamente o PCD volta a sentar-se à secretária e começa a ver o correio do dia que a CSA entretanto lhe tinha posto em cima da mesa.

-----  
11.00 (5) - GCD - ---

O PCD põe o correio de lado, levanta-se da secretária e começa a vasculhar em cima das várias mesas por um documento. O documento feito pela [nome de profª - 17]. Ao mesmo tempo, e à medida que vai descobrindo documentos que lhe interessa vai organizando-os. Mas não consegue encontrar o que procura. Continua a procurar nos diversos montes de papéis, e vai falando para os seus botões. A certa altura eu começo também a procurar em cima das mesas que me estão mais próximas.

-----  
11.05 (1) - GCD - [nome de profª - 77] - [nome de prof. - 70] - Eu

Aparece à entrada do gabinete a profª. [nome - 77]. Logo a seguir entra o prof. [nome - 70]. O PCD continua a remexer os papéis em várias mesas à procura da ordem de serviço feita pela profª [nome - 17]. O prof. [nome - 70] pergunta-lhe pelo relatório de avaliação.

-----  
11.06 (1) - GCD - [nome de prof. - 70] - Eu

O [nome de prof. - 70] aproxima-se da secretária onde eu estou, com o relatório na mão. Eu “meto” conversa com ele. Pergunto-lhe qual o tema da dissertação de mestrado. conversamos durante alguns momentos sobre o assunto.

-----  
11.06 (1) - GCD - [nome de profª - 77]

O PCD enquanto continua a procurar o documento feito pela [nome de profª - 17] vai conversando com a profª. [nome - 77]. Depois esta sai despedindo-se dos presentes.

-----  
11.07 (2) - GCD - Eu - [nome de prof. - 70]

Depois da profª. [nome - 77] ter saído, o PCD senta-se à secretária. Eu levanto-me e vou ter com ele. Conversamos sobre a questão da notação que deve estar escrita no relatório. O PCD manda o prof. [nome - 70] “ir dar uma curva”. Eu e o prof. [nome - 70] conversamos. Estamos de pé no meio da sala. Entretanto o PCD levanta-se da secretária e aproxima-se de nós. entretanto aparece o prof. [nome - 61].

-----  
11.09 (3) - GCD - [nome de prof. - 61] - [nome de prof. - 70] - Eu

Entra no gabinete o prof. [nome - 61]. Sem assunto nenhum especial a tratar aparentemente vem só dar dois dedos de conversa. Quando o vê entrar o PCD mete-se logo com ele. O prof. [nome - 70] continua a insistir na questão do relatório da avaliação junto do PCD.

-----  
11.12 (2) - GCD - [nome de profª - 17] - [nome de prof. - 61]

Entram no gabinete as professoras [nome - 17] e [nome - 72]. A primeira vem saber se o documento apareceu ou não. O PCD e ela conversam a esse propósito. A profª. [nome - 17] diz para o prof. [nome - 61] que precisa falar com ele. Continuam à procura do documento.

-----  
11.14 (1) - GCD - SCD

Entra no gabinete a SCD que interpela o PCD. Pergunta-lhe se a profª. [nome - 20] já passou a acta ou não. O PCD esclarece que ela não era para passar a acta, mas sim para ler. A SCD pede-lhe então que quando a outra tiver lido a acta para ele lhe dar a ela. Depois a SCD vai-se embora.

-----  
11.14 (1) - GCD - [nome de profª - 17] - [nome de prof. - 61]

A profª. [nome - 17] dirige-se agora ao prof. [nome - 61]. Fala-lhe de um aluno chamado [nome - 16] do 6ºC. Segundo ela o miúdo tem alguns problemas familiares mas bem aproveitado talvez possa conseguir-se que isso não interfira muito nos estudos. Por isso ela pede-lhe que fale com ele. O prof. [nome - 61] acede a esta solicitação e diz que então ela que o mande falar com ele. Ela pergunta-lhe qual a melhor hora para falar com ele. Responde este que é de manhã. "Amanhã está cá?" pergunta a profª. [nome - 17]. Ele diz que sim.

-----  
11.15 (1) - GCD - SCD

Afinal a SCD acabou por não ir-se embora e conversa com o PCD sobre compras. Conversam sobre a qualidade e os preços de mesas. Fico sem saber se são mesas para a Escola ou para a casa dela, mas pela conversa aparentemente são mesas para as salas de aula.

-----  
11.15\* (1) - GCD - Barbara

A profª. [nome - 17] durante todo o tempo que o PCD conversa com a SCD vai procurando o documento que desapareceu.

-----  
11.16 (-1) - GCD - [nome de aae - 19]

A funcionária [nome de aae - 19] aproxima-se do PCD que está a conversar com a SCD. O PCD interrompe a conversa para pedir à funcionária que lhe compre tabaco no quiosque.

-----  
11.16 (-1) - GCD - SCD

A SCD pergunta ao PCD se ele tem alguma coisa para ela fazer. O PCD diz-lhe que não. Então a SCD despede-se e deseja Bom Natal (aos presentes), e sai do gabinete.

-----  
11.16\* (1) - GCD - [nome de profª - 17] - CSA

A profª. [nome - 17] conversa com a CSA sobre quadros (?).

-----  
11.17 (-1) - GCD - [nome de aae - 19]

O PCD depois de ter acabado a conversa com a SCD grita pela funcionária [nome de aae - 19]. Depois vira-se para a profª. [nome - 17].

-----  
11.17 (2) - GCD - CSA - [nome de profª - 17]

Depois vira-se para a profª. [nome - 17] e diz-lhe que ela apenas está a perder tempo, procurando o documento. Este continua a vasculhar as mesas até que encontra o documento. Estava na secretária atrás da mesa do PCD.

-----  
11.19 (3) - GCD - Eu - [nome de profª - 17] - SCD

Todos os que estão no gabinete começam a sair. O PCD conversa com a SCD que se encontra à entrada do gabinete, do lado de fora. Conversam sobre móveis, sobre técnicas de conservação de móveis antigos.

-----  
11.22 (1) - GCD - [nome de profª - 17] - Eu

Quebrando um pouco a conversa sobre móveis, o PCD volta a falar sobre o documento desaparecido. Procura cada um deles arranjar explicações para o facto de o documento ter ficado fora de vista.

-----  
11.23 (-1) - GCD - SCD - [nome de profª - 17]

A discussão sobre o papel agora aparecido foi cortada pela exclamação da SCD de que a sala está muito fria. Diz que só tem frio no gabinete, que nas salas não tem tanto frio. A CSA comenta que nas salas não tem frio por que está a trabalhar. Por seu lado a profª. [nome - 17] diz que quando entra no GCD fica com "uns calores". Nesta altura o PCD está na sala dos SA a falar com uma funcionária. Segundos depois regressa ao gabinete, e faz tenções de sair do gabinete para ir dar a sua aula. Começamos a sair do gabinete: PCD, SCD, [nome de profª - 17] e eu.

-----  
 11.23 (1) - Pátio - SCD - [nome de prof<sup>a</sup> - 17] - Eu

Como o PCD tem aula eu converso com ele sobre o dia seguinte. Depois o PCD vai-se embora e eu fico na conversa com a SCD e a prof<sup>a</sup>. [nome - 17].

-----  
 11.24\* (2) - Pátio - Eu - SCD - [nome de prof<sup>a</sup> - 17]

*Depois do PCD nos ter deixado a SCD conversa comigo sobre o PCD. Finalmente a SCD e a prof<sup>a</sup>. [nome - 17] dirigem-se para a saída da escola.*

-----  
 11.24 (2) - GCD - ---

O PCD depois de nos ter deixado atende uma e. educação. Primeiro no pátio, depois leva-a para dentro do gabinete. Quando vem a sair do gabinete, acompanhado pela e. educação, pede-me que lhe empreste uma caneta. A e. educação que esteve a atender era a tal que já tinha ido à DRELx e que tinha motivado o telefonema recebido antes. Depois o PCD dirige-se para a zona da sala de professores.

-----  
 11.26 (1) - SPB - [nome de prof<sup>a</sup> - 74].

Eu dirijo-me para a sala de professores pensando que o PCD já foi para a sala de aula. Quando entro encontro-o lá. Ele conversa com alguns colegas. Nomeadamente uma prof<sup>a</sup>. que lhe conta episódios relativos a um dos seus alunos.

-----  
 11.27 (2) - SPF - Eu - [nome de prof. - 71]

Depois da conversa anterior, dirigimo-nos para a sala de fumo, onde se encontram mais alguns professores. Há uma conversa animada entre os presentes. Conversas sobre os programas de fim de semana prolongado. O PCD diz que vai para a "terra". Fala-se do frio e da Serra da Estrela..

-----  
 11.29 (4) - SPF - [nome de aae - 22] - [nome de prof<sup>a</sup> - 72] - ProfA - Eu

Uma funcionária interpela o PCD, perguntando-lhe se ele tinha aula. Ele diz que sim que "tinha ou tenho?". Diz à funcionária para ir lá abrir a porta... Depois continua a conversa com a prof<sup>a</sup>. [nome - 72].

-----  
 11.32\* (1) - SPF - [nome de prof<sup>a</sup> - 65] - Eu

*A prof<sup>a</sup>. [nome - 65] aproveita a oportunidade de estarmos sozinhos para falar comigo. Ela pensa que eu sou da Inspeção e que tomei conta do caso da queixa contra ela. Eu desfaço o equívoco.*

-----  
 11.33 (2) - SPF - [nome de aae - 18] - Alunos

O PCD atende um conjunto de alunos. Diz para uma funcionária que os leve para a sala 14 e eles que esperem, bem comportados, enquanto o prof. não vem. Entretanto depois a funcionária diz-lhe os professores que estão a faltar. o PCD faz então uma chamada para o PBX e indica à funcionária que comunique para a portaria que os alunos das turmas 6B, e 7C podem sair da escola.

-----  
 11.35 (1) - SPF - Professoras - [nome de prof<sup>a</sup> - 18]

O PCD conversa com duas colegas. Uma delas é a [nome de prof<sup>a</sup> - 18]. Ela conversa com o PCD sobre uma outra colega que estava a faltar. Aparentemente ela queria falar com a colega mas estava na dúvida se ela vinha ou não à escola. O PCD diz-lhe que tinha ficado com a impressão que ela não vinha o dia todo.

-----  
 11.36 (1) - SPF - Alunos

Alguns alunos do PCD que se encontram nas imediações "metem-se" com ele. perguntam-lhe porque é que ele não dá a aula. Durante alguns momentos conversa com eles, mas não lhes explica porque resolveu não dar aula. Os alunos vão-se embora.

-----  
 11.37 (1) - Pátio - [nome de aluno - 17]

No percurso para o GCD um aluno vem ter com o PCD. Diz-lhe que não vão ter as duas aulas seguintes. O PCD diz-lhe que esperem que a funcionária já vai abrir a porta para eles tirarem as malas para poderem ir embora da escola.

-----  
 11.38 (1) - Pátio - Eu

Caminhamos para o gabinete. Ele vai falando sobre os alunos que tem no corrente ano lectivo, comparando-os com as turmas que tem tido nos anos anteriores. Diz-me também que a encarregada com quem tinha estado a falar era a que tinha ido à DRELx por causa do processo disciplinar.

-----  
 11.39 (-1) - Pátio - Alunos

Mesmo à entrada do gabinete, um grupo de 4/5 alunos interpelam o PCD sobre a saída deles da escola por não terem aulas. Ele diz-lhes o que já tinha dito ao outro aluno.

-----  
 11.39 (1) - GCD - [nome de profª - 52] - CSA

Entramos no gabinete. Para além das funcionárias que habitualmente lá se encontram (CSA, [nome de fsa - 9] e [nome de fsa - 8]) encontra-se no gabinete a profª. [nome - 52]. Esta conversa com a CSA (qualquer coisa sobre tigelas antigas). O PCD não se intromete na conversa. Senta-se à secretária e começa a tratar do correio que se encontra em cima da sua mesa. De vez em quando brinca com a pronúncia açoreana da profª. [nome - 52], repetindo algumas palavras e acentuando ainda mais a pronúncia.

-----  
 11.41 (3) - GCD - [nome de profª - 52] - [nome de profª - 72] - CSA

Entra no gabinete a profª. [nome - 72]. Vem entregar a acta da reunião do conselho de grupo. Entretanto a conversa da profª. [nome - 52] continua. Solta e sem assunto determinado. Depois vira-se para o PCD e fala com ele. A profª. [nome - 72] entrega-lhe uma acta da reunião do conselho de disciplina. Ele lê-a e diz que está bem.

-----  
 11.44 (4) - GCD - [nome de profª - 52] - [nome de profª - 72]

Seguidamente os três começam a trocar ideias sobre a melhor forma de ir para a zona de Santa Apolónia. A questão é colocada pela profª. [nome - 52]. Ela quer saber qual o caminho mais rápido. Nessa altura o PCD já deixou de tratar do correio, está apenas na conversa com as colegas.

-----  
 11.48 (-1) - GCD - [nome de profª - 52] - [nome de profª - 72]

As duas professoras deixam o gabinete. Quando vai a sair a profª. [nome - 52] ainda fala para o PCD e pergunta-lhe se a reunião do CP começa mesmo às 12.15. Ele diz-lhe que espera que sim. Rigorosamente.

-----  
 11.48 (1) - GCD - ---

O PCD, agora sozinho, sentado à secretária retoma a leitura do correio do dia.

-----  
 11.49 (1) - GCD - CSA

A CSA dirigindo-se para perto do PCD, pergunta-lhe pela APEE. A pergunta tem a ver com o facto de se ter vindo a acumular o correio para a APEE. O PCD continua a ler o correio.

-----  
 11.50 (1) - GCD - CSA

O PCD continua sentado à secretária a ver o correio. A certa altura a CSA dirige-se a ele, e pergunta-lhe se a filha dele não lhe entregou umas fotocópias. O PCD desvia a conversa, acabando por não responder à pergunta. O PCD, continuando a mexer no correio.

-----  
 11.51 (3) - GCD - Eu - CSA

Tendo chegado a um ofício em que eram pedidas estatísticas, o PCD começa a falar comigo sobre o assunto. Faz alguns comentários sobre a qualidade dos impressos estatísticos do inquérito da Transculturais. É o caso das perguntas sobre o domínio das línguas por parte dos professores. Continua a ver o correio.

-----  
 11.54 (1) - GCD - Alunos

Batem à porta. O PCD faz um comentário "vêm fazer perguntas que já têm resposta...". Depois dirige-se para a entrada do gabinete e conversa com uma aluna. Diz-lhe que na portaria já sabem que eles podem sair. A aluna vai embora e o PCD regressa para dentro do gabinete.

-----  
 11.55 (2) - GCD - Eu

Continua a falar comigo sobre a questão da estatística da Transculturais. Diz que aquilo é mais um pincel.

-----  
 11.57 (3) - GCD - Eu - [nome de profª - 65]

Entra no gabinete a profª. [nome - 65]. Entra no diálogo sobre a questão das estatísticas. O PCD continua a tentar perceber como é que vai obter os dados para o preenchimento do inquérito. Entre nós, discutimos o que são línguas neo-latinas, onde deve incluir-se o basco, etc. etc. A certa altura a profª. [nome - 65] começa a falar sobre a questão da queixa apresentada contra ela. Diz que tinha pensado que eu era Inspector. O PCD diz-lhe que ainda não fez nada. Está à espera a ver em que é que as coisas dão, a ver se há mais alguma insistência.

-----  
 12.00 (3) - GCD - [nome de profª - 65]

O PCD e a profª. [nome - 65] continuam a conversar sobre a questão da queixa apresentada contra ela. Os dois continuando a conversar vai-se dirigindo para a porta do gabinete. Do lado de fora ficam alguns momentos a falar e depois o PCD reentra no gabinete. A profª. [nome - 65] vai-se embora.

-----  
 12.03 (2) - GCD - ---

O PCD regressa ao gabinete e senta-se na secretária voltando a mexer nos papéis que se encontram em cima da mesa. Arruma-os e volta a pegar nos documentos que vai utilizar na reunião do CP.

-----

12.05 (1) - Reprografia - [nome de aae - 18] - [nome de aae - 1]

O PCD sai do gabinete acompanhado pela CSA. Dirigem-se para a Reprografia. Ele vai verificar se já estão tiradas umas cópias de um documento que pretende entregar na reunião do CP. Aproveita para prolongar a sua estada na Reprografia e conversa, sem assunto especial, com a D. [nome de aae - 18] e a D. [nome de aae - 1].

12.06 (3) - GCD - Eu - [nome de fsa - 9]

O PCD volta ao gabinete. Passeia pelo gabinete. Aproxima-se da mesa da funcionária [nome de fsa - 9]. Diz-lhe como é que há-de preencher uma linha numa pauta que ela está a dactilografar. De seguida pega no telefone, levanta-o e depois poisa-o sem ter feito marcação (a mim pareceu-me de certo forma um tique). Seguidamente começa a cantarolar "*All be there...*" e a assobiar. Não está a fazer nenhuma tarefa concreta.

12.10 (2) - GCD - [nome de profª - 78]

Entra no gabinete a profª. [nome - 78] que está destacada na OTA. Vem solicitar que lhe passem uma declaração. Conversam durante alguns momentos e o PCD diz-lhe que se ela puder telefonar no dia seguinte a lembrar seria bom. A colega conversa ainda alguns segundos comigo e depois sai.

12.12 (-1) - GCD - Eu

O PCD sai do gabinete e grita para mim uma despedida "Até amanhã". Pede-me que avise a VPCD que ele já foi para a reunião, se entretanto eu a vir.

12.12 (1) - GCD - Professores - VPCD - Eu

Quando vai a sair encontra-se com a VPCD que vai a entrar e aproveita para apresentar a colega que ia a sair. Conversam durante alguns momentos.

12.13 (2) - Pátio - Eu - VPCD

O PCD fica ainda na conversa comigo e com a VPCD. Esta pergunta-me se eu não vou à reunião do pedagógico. Eu digo-lhe que tenho outra reunião na outra escola. Acrescento que se calhar mais tarde ainda tenho de fazer umas entrevistas ali na escola. Seguidamente despedimo-nos. Eles dirigem-se para a sala onde vai realizar-se a reunião do CP.

#### **D) 4º DIA - QUINTA FEIRA - 28 NOV 1996**

pcd204b

28/11/96 (QUINTA FEIRA) - 08h 10m - 17h 01 - ESCOLA B

OBSERVAÇÃO DA ACTIVIDADE DIÁRIA DO PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

08.10 (1) - Portaria - [nome de aae - 16] - Neta

O PCD entra na escola. Na Portaria cumprimenta e conversa com o funcionário. Dirige-se directamente para a sala de professores.

08.12 (3) - SPF - Professores

Na sala de professores encontram-se ainda poucos professores. O PCD conversa com os professores que lá se encontram, durante alguns minutos, enquanto toma um café.

08.15 (55) - Aula - Turma

Aula de Matemática.

09.10 (40) - Pátio - ---

Depois da aula dirige-se directamente para a saída da escola. Vai levar a filha à Escola de [nome de povoação - 21].

09.50 (-1) - Fora - [nome de aae - 16]

O PCD está a chegar à escola. Vai nesse momento a entrar no recinto da escola. Cumprimenta o funcionário e pergunta-lhe se está tudo bem. Aquele diz que sim. Está tudo normal.

09.50 (3) - Pátio - alunos

Entra no recinto da escola e faz o percurso para o gabinete. Conversa com um grupo de 3/4 alunos. Não é nenhum problema em especial.

09.53 (7) - GCD - CSA - [nome de fsa - 8]

Entra no gabinete. Nesse momento apenas se encontra a CSA e a funcionária [nome de fsa - 8] no gabinete. Cumprimenta-as e fica durante alguns minutos a organizar os papéis em cima das mesas. Parece procurar alguma coisa em particular. Depois mete conversa com a CSA. Não é nenhum assunto de serviço. A CSA pergunta-lhe como está a mulher.

10.00 (5) - GCD - ---

Senta-se na sua secretária e está uns minutos sem fazer nada, apenas olhando para em redor para o gabinete, como se estivesse a avaliar o que tinha para fazer. Mexe nalguns papéis. levanta-se e dirige-se para a sala dos SA.

10.05 (1) - SA - Funcionárias (SA)

Entra na sala dos SA e cumprimenta as funcionárias que lá se encontram. Dá uma volta pelas secretárias e regressa ao gabinete.

10.06 (3) - GCD - Eu - CSA

O PCD entra no gabinete. Conversa comigo sobre o dia de trabalho. A CSA intervém na conversa. O PCD dirige-se para a entrada do gabinete.

10.09 (1) - Pátio - [nome de aluno - 18]

O PCD conversa com um aluno à entrada do gabinete. O assunto tem a ver com a distribuição dos passes. Encontra-se um fila de 20 ou 30 alunos à entrada dos SA, que esperam para receberem o passe escolar.

10.10 (2) - Pátio - ---

O PCD depois de falar com o aluno, dá uma volta pelo Pátio, observando o movimento de alunos, nomeadamente o comportamento da fila de espera para a entrega dos passes. Segue depois, dando uma volta pela zona esquerda do pátio, para a sala dos professores. Não mete conversa, apenas observa.

10.12 (5) -

SPB - Professores

O PCD encontra-se na sala dos professores (Bar). A sala está completamente cheia. Conversa com um grupo de professores (3/4). Durante os cerca de 4 minutos que estivemos na sala de professores (Bar) ele foi rodando de grupos de conversa. Na generalidade as conversas referiam-se a assuntos soltos não relacionados com a escola e o trabalho lectivo. Num ambiente bastante barulhento, agravado pela exiguidade do espaço e o número de pessoas presente (cerca de dezena e meia de pessoas), as pessoas conversavam sobre, o fim de semana prolongado, os destinos dessas mini-férias, o tempo e o trânsito. A maioria dos professores eram do sexo feminino, e quase todas eram do 2º ciclo: [nome - 18], [nome - 59], [nome - 17], [nome - 77], [nome - 72], [nome - 52], [nome - 56]. O PCD conversava um pouco com um grupo, depois saltava para outro grupo. Dizia algumas piadas. Os sofás encontravam-se completamente ocupados pelas professoras mais idosas que iam bebendo o seu chá. A certa altura, abandonou a sala de professores (Bar). Enquanto eu conversava com o [nome de prof. - 70].

10.12\* (5) - SPB - [nome de prof. - 70]

*Eu converso com o [nome - 70] sobre a questão da Sabática. Depois desta conversa o [nome de prof. - 70] integrou-se novamente na conversa de um grupo de colegas. e eu fui para a sala de fumo dos professores.*

10.17 (1) - SPF - Eu - [nome de prof<sup>a</sup> - 52]

O PCD encontra-se na sala de fumo dos professores. A zona do bar da sala encontra-se também cheia. Pergunto-lhe o que é que aconteceu que o perdi de vista. o PCD diz que de vez em quando também tem que se "pirar": "vim ver a minhas afilhadas". Depois integra-se na conversa dos presentes.

10.18 (4) - SPF - Professores

Depois o PCD dirige-se para um grupo de 3/4 colegas. entre eles o prof. [nome - 51] que está nesse momento a contar alguns episódios relativos a alunos da sua turma. O PCD fica a ouvir durante alguns momentos. Não intervém na conversa.

10.22 (3) - SPF - [nome de prof<sup>a</sup> - 52]

A prof<sup>a</sup>. [nome - 52], um pouco mais afastada faz um comentário para ele, dizendo que se sente muito cansada e que queria tirar a quinta-feira. Segunda feira é feriado, terça de manhã há tolerância de ponto, quarta ela não tem aulas. O PCD faz um comentário amigável. Diz que está bem.

10.25 (2) - SPF - Eu

O PCD vem na minha direcção, como dirigindo-se para sair para o bar da sala de professores. Eu aproveito para lhe perguntar como correram as coisas no dia anterior, com o CP. Diz que a reunião acabou às quatro horas. Ele foi

almoçar apenas às 4 horas da tarde. Entretanto fomos-nos dirigindo para o bar da sala de professores, enquanto conversávamos.

-----  
10.27 (2) - SPB - Professoras

No bar da sala de professores encontram-se ainda muitas professoras. Os sofás já não estão todos ocupados, mas ainda há cerca de uma dezena de pessoas dentro do bar. O PCD faz um comentário sobre o facto de apenas haver professoras no local. Alguém pergunta em tom de graça: "E não gostas, não gostas...?" Esta pergunta gera um coro de gargalhadas. Entretanto as pessoas continuam a conversar. Entretanto aparece a funcionária (responsável pelos toques de campainha). Com um sorriso nos lábios a funcionária pergunta para dentro do bar se já pode dar o segundo toque. As pessoas apressam-se a sair em grande animação do local. O PCD diz para a funcionária esperar um bocadinho e depois dar o toque. Do lado de fora, junto à porta onde se começavam a concentrar os professores à procura dos respectivos livros de ponto para ire, para as aulas, antes que a funcionária desse o segundo toque, uma aluna grita para dentro, como comentário ao facto de os professores ainda se encontrem na sala de professores e eles à espera nas salas. O PCD acompanha as pessoas que saem do bar.

-----  
10.29 (1) - SPF - Porta - [nome de prof. - 70]

O PCD interpela o [nome de prof. - 70] sobre o material que ele precisa. Ele diz qualquer coisa e o PCD responde-lhe que já se vai ver isso. Finalmente a sala de professores fica vazia.

-----  
10.30 (1) - SPF - Eu

O PCD dirige-se para a saída. Depois volta para trás e chama-me "Eu então eu já me ia embora e...".

-----  
10.31 (1) - Pátio - Eu

Enquanto nos dirigimos para o gabinete o PCD pergunta pelo estado de saúde da [nome da PCD] (escola A).

-----  
10.32 (2) - GCD - Eu - CSA - [nome de prof.<sup>a</sup> - 69]

Entramos no gabinete. Continua a conversa sobre a [nome da PCD]. A prof.<sup>a</sup> [nome - 69] encontra-se na sala com o telefone directo na mão e explica ao PCD que é para fazer uma chamada para a Assistente Social. Enquanto conversamos o PCD passeia pelo gabinete. Aproxima-se de uma e outra mesa e vai recolhendo aqui e ali alguns papéis. aparentemente selecciona alguns documentos, mas não percebo a finalidade.

-----  
10.34 (-1) - GCD - [nome de aae - 1]

Entra no gabinete a funcionária [nome de aae - 1] da Reprografia. O PCD dá-lhe algumas indicações sobre documentos que devem ser fotocopiados. Ele encontra-se de pé.

-----  
10.34 (2) - GCD - Eu - [nome de fsa - 9]

Estamos os dois de pé. Eu pego num documento que se encontra em cima de uma mesa. Trata-se de um regulamento das Provas Globais. O PCD diz-me que esse regulamento já está desactualizado, que já há outra versão. A funcionária [nome de fsa - 9] vem ter com ele e entrega-lhe uma folha. Entretanto ele vai relatando o que aconteceu durante a reunião do CP. Vira-se para a funcionária [nome de fsa - 9] e pede-lhe que ela peça a uma outra funcionária "um lápis e uma borracha como deve ser...". Esclarece que tem de passara as conclusões do pedagógico sobre a reflexão participada dos currículos.

-----  
10.36 (2) - GCD - [nome de fsa - 9] - CSA

A funcionária [nome de fsa - 9] fala com o PCD. A seguir vem a CSA que entrega ao PCD o lápis e a borracha que este havia pedido. Seguidamente o PCD senta-se na secretária onde eu me encontro sentado e vai trabalhando sobre o documento sobre a reflexão participada dos currículos. Organiza os elementos obtidos na reunião do CP para elaborar a resposta a enviar ao Ministério.

-----  
10.38 (1) - GCD - Empresa

Toca o telefone. A funcionária [nome de fsa - 9] atende e depois chama pelo PCD. Trata-se do representante da EVAX. O PCD diz que deu seguimento ao ofício recebido. Quem está a tratar do assunto são as professoras de Ciências da natureza.

-----  
10.39 (5) - GCD - Eu

Depois do telefonema, o PCD senta-se de novo à minha frente e a tratar da resposta para o Ministério sobre os trabalhos de reflexão curricular. Pergunto-lhe do que se tratava. Ele responde-me e depois continua o seu trabalho.

-----  
10.44 (3) - GCD - [nome de prof. - 70]

O prof. [nome - 70] entra no gabinete. Vem com o impresso-requerimento da licença sabática que mostra ao PCD. Este aprecia o preenchimento do documento e depois diz para o colega para ele acabar de o preencher. De seguida o prof. [nome - 70] diz que tem um problema para lhe colocar. Ele chegou atrasado à sala e os alunos já tinham ido embora. Diz que os "matulões" obrigam os mais pequenos a fazerem o que eles mandam, e por isso é que todos



tinham “fugido”. O PCD diz-lhe que no fundo eles têm razão: se já tinha dado o segundo toque... O PCD diz-lhe para ele ir acabar de preencher o impresso. Depois volta a prestar a atenção ao que estava a fazer. Continua sentado na mesa à minha frente.

-----  
10.47 (-1) - GCD - CSA

A CSA Dirige-se ao PCD. Coloca-lhe a questão do atestado médico da profª. Adelina António, se dá ou não entrada. O PCD diz-lhe que a profª. não precisa de atestado nenhum porque já está para junta médica. A CSA vai embora para a sala dos SA, e o PCD continua na sua tarefa.

-----  
10.47 (2) - GCD - ---

O PCD continua sentado à mesa a escrever. É ainda o assunto da análise dos documentos sobre a reflexão curricular e elaboração da resposta para o Ministério. Enquanto vai fazendo, eu de vez em quando falo com ele.

-----  
10.49 (2) - GCD - [nome de prof. - 70] - [nome de fsa - 8]

O prof. [nome - 70] volta a abordar o PCD. Mostra-lhe de novo o impresso. O PCD pede à funcionária [nome de fsa - 8] que lhe arranje o dossier pequeno onde se encontram os códigos dos grupos disciplinares. Falta no impresso o código do grupo. Além disso o PCD indica como é que o prof. [nome - 70] deve completar o preenchimento do impresso. Finalmente o professor [nome - 70] dá-lhe o documento preenchido. O PCD dá uma vista de olhos e diz-lhe para fazer mais algumas correcções.

-----  
10.51 (2) - GCD - ---

Durante algum tempo o prof. [nome - 70] completa o preenchimento e corrige o que estava errado. Nesse interim o PCD está sentado à minha frente e retoma o trabalho que estava a fazer.

-----  
10.53 (1) - GCD - [nome de prof. - 70]

O prof. [nome - 70] volta a abordar o PCD, após ter feito o preenchimento e correcções. Entrega-lhe o documento e faz um comentário sobre a dificuldade do trabalho de secretaria (relacionado com o preenchimento de papéis) e sobre o bom conhecimento do PCD sobre aqueles assuntos. O prof. [nome - 70] dirige-se para a sala dos SA para pedir o registo biográfico.

-----  
10.54 (3) - GCD - ---

O PCD volta a retomar a atenção sobre o que estava a fazer.

-----  
10.54\* (3) - GCD - [nome de prof. - 70] - Eu

*Vindo da sala dos SA o prof. [nome - 70] vem falar comigo sobre o que responder em termos do projecto de investigação. Esclareço o melhor que posso e sei.*

-----  
10.57 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]

A funcionária [nome de fsa - 9] vem ter com o PCD para esclarecer algumas dúvidas na redacção do documento que estava a bater à máquina. O PCD diz-lhe para pôr a palavra “Módulos” entre aspas.

-----  
10.57 (2) - GCD - Alunos - [nome de fsa - 8]

Alguns alunos aparecem à entrada do gabinete ficam lá de fora. A funcionária [nome de fsa - 9] levanta-se e vai ter com eles. O PCD apercebe-se e levanta-se a vai ter com eles. Os alunos querem saber que aulas vão ter. O PCD consulta os horários. A funcionária [nome de fsa - 8] diz qualquer coisa sobre uma profª. estar a faltar. O PCD volta a consultar alguns papéis entre eles os horários dos professores... pede à funcionária que veja se o prof. entregou alguma comunicação de que ia faltar.

-----  
10.59 (1) - Reprografia - ---

O PCD sai do gabinete e vai à Reprografia-PBX, saber se há indicações sobre a falta de professores. Depois de ter resolvido o problema dos alunos regressa ao gabinete.

-----  
11.00 (-1) - GCD - [nome de prof. - 70] - Eu

De regresso ao gabinete o PCD pergunta ao prof. [nome - 70] se ele não tem que fazer um requerimento. Eu digo ao PCD que o impresso que estiveram a preencher é o requerimento.

-----  
11.00 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]

Depois o PCD dirige-se à funcionária [nome de fsa - 9] e dá-lhe um documento para ela dactilografar. Trata-se do documento resposta que ele esteve a elaborar.

-----  
11.00 (2) - GCD - CSA

Vinda da sala dos SA a CSA dirige-se ao PCD pergunta-se qualquer coisa sobre as pautas que vieram da [nome de escola - 3]. O PCD diz-lhe que as adaptações necessárias já tinham sido feitas. O PCD entretanto passeia pelo gabinete.

-----  
11.02 (1) - GCD - [nome de prof. - 70]

O prof. [nome - 70] volta a falar com o PCD lembrando-lhe do relatório. O PCD diz-lhe para ele tratar do que tem a tratar e que deixe o relatório em paz. O PCD está agora sentado na sua secretária e procura na agenda um número de telefone.

-----  
11.03 (2) - GCD - Banco

O PCD faz no telefone directo ao exterior uma chamada para o Banco. É uma chamada particular. Ele pede informação sobre o saldo bancário da sua conta. Espera pela resposta.

-----  
11.04 (-1) - GCD - [nome de prof. - 70]

O prof. [nome - 70] pergunta-lhe pelo registo biográfico. O PCD diz-lhe para pedir à funcionária [nome de fsa - 10]. O prof. [nome - 70] dirige-se para a sala dos SA para fazer aquilo que o PCD lhe tinha dito.

-----  
11.04\* (2) - GCD - [nome de prof. - 70]

*O [nome de prof. - 70] vem para ao pé de mim e quer saber mais coisas sobre a licença sabática.*

-----  
11.05 (3) - GCD - [nome de fsa - 10] [nome de fsa - 9]

Vinda da sala dos SA entra a funcionária [nome de fsa - 10] no gabinete. Traz o uma cópia do registo biográfico. Entrega ao PCD e este assina autenticando. O PCD diz para o prof. [nome - 70] que está tudo pronto. pede-lhe que ele leve umas folhas para entregar à funcionária da entrada da sala de professores. O PCD pede à funcionária [nome de fsa - 9] que procure a circular sobre a licença sabática que veio há dias, para ver para onde são enviados os documentos do pedido. Depois o PCD passa a conferir os documentos que são para enviar. Diz por fim que vai deixar já o rascunho feito para o dia seguinte ser enviado. Despede-se do prof. [nome - 70]. Este sai do gabinete.

-----  
11.08 (1) - GCD - CSA

O PCD depois da saída do prof. [nome - 70] senta-se à secretária com os documentos do pedido da licença sabática, folheia-os. A certa altura pergunta em voz alta por verniz corrector.

-----  
11.09 (3) - GCD - ---

O PCD Dirige-se para a sala dos SA. Vai à procura de verniz corrector. Depois volta para o gabinete e senta-se de novo à secretária e recomeça a tratar dos documentos sobre o pedido do prof. [nome - 70]. Começa a fazer o rascunho do ofício.

-----  
11.10 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9] - CSA

A funcionária [nome de fsa - 9] continua a procurar a circular sobre a licença sabática. Conversa com a CSA sobre a recepção dessa circular. O PCD ouve e mete-se na conversa das duas. Diz que talvez tenha sido na semana passada.

-----  
11.12\* (1) - SA - ---

*Levanta-se do seu lugar e, com um molho de papéis, dirige-se para a sala dos SA. Vai entregar esses documentos para serem enviados pelo correio. São os documentos da reflexão curricular.*

-----  
11.13 (1) - GCD - Alunos

Quando regressa da sala dos SA, batem à porta do gabinete. Ele dirige-se para lá. Voltam a bater agora com mais força... Alunos vem perguntar sobre as aulas que têm a seguir (são alunos de turma cujos professores estão a faltar). Depois de esclarecidos os alunos vão-se embora. O PCD regressa para dentro do gabinete.

-----  
11.14 (-1) - GCD - Alunos

Outros alunos vem à porta do gabinete perguntar que aulas é que têm. Novamente o PCD interrompe o que está a fazer e vai atendê-los. Depois volta à sua secretária.

-----  
11.15 (2) - GCD - ---

Sentado à secretária trata de assuntos pessoais. Está com a caderneta bancária e conferir saldos, vai fazendo anotações numa folha à parte.

-----  
11.17 (2) - GCD - [nome de aae - 1]

Entra no gabinete a funcionária da Reprografia. D. [nome de aae - 1] que entrega alguns documentos ao PCD. Nesse momento ele estava de pé, a passear pelo gabinete. Do conjunto de papéis o PCD pergunta à D. [nome de aae

- 1] qual é o original. Nesse momento a CSA comenta algo sobre a mudança de escalões de vários professores incluindo o do PCD. A CSA e a funcionária [nome de fsa - 8] conversam sobre a mudança de escalões...

-----  
11.19 (-1) - SA - ---

O PCD dirige-se para a sala dos SA. Dá uma volta pela sala, e volta para o gabinete. Aparentemente anda a procura de qualquer coisa...

-----  
11.19 (2) - GCD - Eu

O PCD dirige-se para ao pé de mim. Está pé com um papel na mão. Pergunta-me a quem é que deve dirigir o pedido de licença sabática. Eu digo que provavelmente é o Centro de Área Educativa. Ele acha que é para o Departamento dos Recursos Humanos.

-----  
11.21 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

A funcionária [nome de fsa - 9] aproxima-se de nós e fala com o PCD acerca das coisas que já se encontram feitas e pergunta para onde devem ser enviadas. Ele pergunta-lhe se ela já leu o ofício, porque no ofício está indicado o que o acompanha. Ora como ainda não está tudo pronto o ofício não pode seguir naquele dia.

-----  
11.22 (2) - GCD - [nome de fsa - 10]

Vinda da sala dos SA entra a funcionária [nome de fsa - 10] com um molho de documentos. A funcionária traz os documentos e põe em cima da secretária onde o PCD, entretanto, se sentara. Entretanto o PCD vai assinando os documentos. A funcionária [nome de fsa - 10] leva os documentos dentro de uma pasta.

-----  
11.24 (-1) - GCD - Eu

Eu lembro-lhe da conversa tida no dia anterior com a colega que se encontra destacada na OTA. Ele diz que sim.

-----  
11.24 (1) - GCD - Eu

O PCD volta a falar na questão da direcção para onde enviar o pedido de licença sabática. Depois diz que agora vai lá abaixo, referindo-se à sala de professores. Diz que vai afixar informações na sala de professores. Do conjunto de documentos que vieram no correio o PCD selecciona os que são para afixar na sala de professores.

-----  
11.25 (1) - GCD - Eu - [nome de fsa - 13]

O PCD convida-me para ir à sala de professores beber uma bica. Entretanto vira-se para a funcionária [nome de fsa - 13] (SA) e faz-lhe uma explicação do conjunto de documentação relativa ao pedido da licença sabática. Diz para ela juntar tudo com um clipe e dar à [nome de fsa - 8] que ele já fala depois com ela.

-----  
11.26 (1) - GCD - [nome de profª - 16]

Quando vai a sair do gabinete o PCD depara com a profª. [nome - 16]. Diz-lhe que andou à procura dela por causa da redacção do relatório a enviar ao Ministério sobre a reflexão participado dos currículos, por causa de um dos pontos da proposta aprovada no CP. Como faltasse ainda um documento o PCD perguntou à profª. [nome - 16] quando é que ela o tinha passado. Ela diz-lhe que na parte da tarde quando sair vem entregar o que falta.

-----  
11.27 (-1) - Reprografia - [nome de aae - 18]

O PCD entra na Reprografia, mas sai logo. Deixa lá documentos para fotocopiar.

-----  
11.27 (1) - Pátio - [nome de profª - 69]

Entretanto aparece a profª. [nome - 69] que se dirige a ele perguntando se está livre, se a pode atender. Ele diz-lhe que agora não porque vai lá abaixo. Convida-a a aparecer alguns minutos depois. A profª. [nome - 69] segue o seu caminho. Entretanto aparecem outros dois professores.

-----  
11.28 (1) - Pátio - [nome de prof. - 70] - [nome de profª - 59]

Aparecem entretanto mais dois professores que querem falar com o PCD. A profª. [nome - 59] e o prof. [nome - 70]. Insistem para falar com ele, mas ele diz que agora não pode, não tem tempo. Ainda insistem. Finalmente os professores deixam-no prosseguir o seu caminho para a sala de professores

-----  
11.30 (1) - Pátio - Eu

Continuamos o nosso caminho para a Sala de Professores. O PCD comenta estas abordagens. Diz "de repente dá-lhes o fogo no rabo". Continua dizendo que às vezes andam tempos e tempos sem fazer nada, de repente é que lembram. A situação do comportamento do aluno já foi a semana passada e agora é que se lembram. O PCD diz para mim: "viste a história da turma... são muito lindos!". Ele refere-se à situação do prof. [nome - 70] ter chegado atrasado.

-----  
11.31 (1) - SPF - [nome de profª - 74].

Entramos na Sala de Professores. Encontram-se várias professoras à entrada e dentro da sala de fumo. Dirigimo-nos para o Bar. Uma prof.<sup>a</sup> começa logo a falar com o PCD (é a prof.<sup>a</sup> que neste mesmo dia tinha falado com ele para lhe mandar lá ao GCD uns alunos para o PCD falar com eles). O PCD diz-lhe que naquela tarde não que não tinha qualquer hipótese. Diz que o melhor é ficar para a quarta-feira da semana seguinte. Os dois começam a falar no comportamento dos alunos.

-----  
11.32 (3) - SPB - [nome de prof.<sup>a</sup> - 17]

Entretanto aproxima-se a prof.<sup>a</sup> [nome - 17] que fala com o PCD sobre a questão dos passes de transporte. Ela intercede junto dele para que se considere a atribuição de passe a determinado miúdo. Ele diz que as coisas são feitas de acordo com o que está estabelecido. Esta conversa é interrompida por breves segundos por uma funcionária.

-----  
11.35 (-1) - SPB - [nome de aae - 22]

A funcionária dos livros de ponto interrompe a conversa para dizer que está lá fora uma mãe. Afinal não era nada para o PCD. A conversa pode então continuar, entre o PCD e a prof.<sup>a</sup> [nome - 17].

-----  
11.35 (2) - SPB - [nome de prof.<sup>a</sup> - 17]

Continua a conversa entre os dois sobre a questão dos passes. A prof.<sup>a</sup> [nome - 17] apresenta os argumento para que ao miúdo seja concedido o passe. Discutem distâncias e acessibilidades. O PCD a finalizar diz que o miúdo deve dirigir-se à funcionária [nome de fsa - 14] e a questão será analisada. A conversa termina aqui, nós saímos da sala de professores e dirigimo-nos para o GCD.

-----  
11.37 (2) - Pátio - Eu

Fazemos todo o percurso em silêncio. Apenas quando saímos da sala de professores o PCD teve um desabafo, aliás na sequência da parte final da conversa com a prof.<sup>a</sup> [nome - 17], dizendo que já lhe tinham estragada a manhã.

-----  
11.39 (4) - GCD - [nome de prof.<sup>a</sup> - 59] - [nome de prof.<sup>a</sup> - 69] - [nome de prof. - 70] - Eu

Entramos no gabinete do GCD. Lá dentro encontram-se à espera do PCD, as professoras [nome - 69] e [nome - 59] e o prof. [nome - 70]. A prof.<sup>a</sup> [nome - 59] exorta o colega [nome - 70] a falar. Este começa a falar sobre o comportamento do aluno [nome - 13]. Acha que a questão não se resolve apenas com processo disciplinar, pois o miúdo precisa ser apoiado. O PCD convida a prof.<sup>a</sup> [nome - 69] a responder àquilo. Os quatro discutem o problema procurando chegar a uma solução para o caso. O PCD acha que se o aluno continua a comportar-se mal leva mesmo com um processo disciplinar. A prof.<sup>a</sup> [nome - 69] revela-se ignorante relativamente a processos disciplinares e pede ao PCD que lhe explique como é que isso funciona. O PCD faz uma descrição dos procedimentos a seguir no caso de processo disciplinar. O PCD dirige-se para o telefone para atender uma chamada, directamente do exterior

-----  
11.43 (2) - GCD - e. educação - Eu

Toca o telefone (-). O PCD atende o telefone. Trata-se de uma e. educação que vem informar que precisa que o educando saia às quatro e meia. O PCD faz um sinal para mim para eu tomar nota do nome e da turma. Faz de seguida um comentário elogioso deste tipo de procedimento dos encarregados de educação.

-----  
11.44\* (1) - GCD - [nome de prof.<sup>a</sup> - 59] - [nome de prof.<sup>a</sup> - 69] - [nome de prof. - 70]

*Enquanto o PCD está ao telefone, os restantes professores continuam a discutir o que há para fazer de momento sobre a questão do aluno [nome - 13]. A prof.<sup>a</sup> [nome - 59] refere a situação de desencaminhamento de alguns alunos pelo [nome de aluno - 13]. O prof. [nome - 70] é de opinião idêntica, e acha que terá de se tomar alguma medida para já. Independentemente da questão da consulta médica.*

-----  
11.45 (2) - GCD - [nome de prof.<sup>a</sup> - 59] - [nome de prof.<sup>a</sup> - 69] - [nome de prof. - 70] - Eu

Depois do telefonema o PCD integra-se na discussão de novo. Finalmente conseguem chegar a um consenso sobre o que deve fazer-se. Recurso a uma consulta médica, informação para a Assistente Social da Junta de Freguesia. Seguidamente conversam ainda sobre outros casos de alunos com problemas de comportamento.

-----  
11.47 (1) - GCD - [nome de prof. - 70]

O PCD desliga da conversa entre a prof.<sup>a</sup> [nome - 59] e a [nome - 69]. Fala com o [nome de prof. - 70] e comigo sobre a direcção para onde enviar o pedido de licença sabática. Finalmente diz que vai mandar para o DEGREE. Eu ofereço-me para telefonar para a [nome de escola - 5] a perguntar para onde deve ser enviada essa documento. O PCD diz que não, que vai mandar para DEGREE. E depois fala com o [nome de prof. - 70]. Diz-lhe para no dia seguinte ir ter com a funcionária [nome de fsa - 8], que ela é que fica encarregue de enviar o pedido pelo correio.

-----  
11.48 (-1) - GCD - ---

Os três, prof.<sup>a</sup> [nome - 59], a [nome - 69] e o prof. [nome - 70] abandonam o gabinete.

-----  
11.48 (5) - GCD - Eu

O PCD passeia pelo gabinete. Dá algumas orientações para o envio do pedido da licença sabática. Durante alguns minutos conversamos os dois sobre a questão da disciplina. Nomeadamente refere a perigosidade do tal aluno [nome - 13].

-----  
11.53 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD chama pela funcionária [nome de fsa - 9]. Pergunta-lhe se a lista já está feita. Refere-se à lista

-----  
11.53 (1) - GCD - CSA

O PCD é interpelado pela CSA. Ele encontra-se sentado à sua secretária a organizar alguns papéis. Ela pergunta-lhe como é que faz no dia seguinte com os documentos do prof. [nome - 70]. O PCD diz que depois já lhe vai dar todas as indicações. Depois continua o que estava a fazer.

-----  
11.54 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

Volta a falar para a funcionária [nome de fsa - 9]. Pedir-lhe para arranjar um documento qualquer. Entretanto vai remexendo nuns papéis que se encontram em cima da mesa e descobre aquilo que procurava. Diz para a funcionária [nome de fsa - 9] que afinal já não é preciso.

-----  
11.55 (2) - GCD - ---

Enquanto vai trabalhando em papeladas, vai falando. Está sentado à sua secretária. Contas algumas situações de indisciplina de que teve conhecimento, verificadas na Escola de [nome de povoação - 21].

-----  
11.57 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD volta a solicitar a presença da funcionária [nome de fsa - 9]. Aparece entretanto a funcionária. A CSA fala com ela. Diz-lhe que o PCD a chama "à cabina de som". A funcionária começa a dactilografar. Durante este período de tempo o PCD encontra-se junto dela dando-lhe indicações sobre a dactilografia do ofício.

-----  
11.57 (2) - GCD - CSA

Seguidamente o PCD dirige-se para ao pé da CSA. Explica-lhe em que pé se encontra o processo de envio, no dia seguinte, do pedido de licença sabática do prof. [nome - 70]. Que fica tudo preparada e que o prof. [nome - 70] virá entregar alguns documentos para o processo ficar completo. Depois é só enviar.

-----  
11.59 (-1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD regressa para perto da [nome de fsa - 9]. Acompanha-a novamente naquilo que ela está a fazer. Depois sai do gabinete e dirige-se à Reprografia.

-----  
11.59 (1) - Reprografia - [nome de aae - 1]

O PCD vai à Reprografia buscar alguns documentos que estavam lá para fotocopiar. Regressa de imediato ao gabinete com as cópias.

-----  
12.00 (5) - GCD - Eu - [nome de fsa - 9]

O PCD senta-se na secretária onde eu estou. Traz consigo o correio do dia. Começa a abrir o correio. Enquanto vai fazendo isso vai falando de vez em quando, para os seus botões. Outras vezes assobia. A certa altura a funcionária [nome de fsa - 9] pergunta-lhe o que é TMM. Ele responde-lhe Trabalhos Manuais Masculino. Continua a ver o correio. Vai assobiando uma ária...Abre um prospecto de vendas. Consulta os preços dos vinhos. A funcionária [nome de fsa - 9] vem até perto dele e mostra-lhe o documento que tinha acabado de bater à máquina. O PCD continua sentada à minha mesa. A funcionária [nome de fsa - 9] segue essas instruções e vai para a Reprografia. O PCD levanta-se do lugar e dá uma volta pelo gabinete. Vai buscar mais algum correio à mesa da CSA.

-----  
12.05 (1) - SA - [nome de fsa - 12]

O PCD sai pela porta de ligação à sala dos SA. Fica lá dentro ainda a falar com a funcionária [nome de fsa - 12] e depois sai para o pátio.

-----  
12.06 (1) - Pátio - [nome de prof<sup>a</sup> - 59] - [nome de prof<sup>a</sup> - 69]

As professoras [nome - 59] e [nome - 69] interrompem a sua caminhada para a sala de professores. Durante alguns momentos os três conversam no pátio, junto à entrada da sala de professores. O tema da conversa é a necessidade de colocarem um Assistente Social na escola.

-----  
12.07 (1) - Pátio - Eu

Depois da conversa anterior o PCD conversa comigo sobre o assunto. Diz que se querem fazer barulho com a Câmara para ela colocar uma Assistente Social na escola, sim senhor. Ironiza: a Câmara em vez de uma até põe duas.

-----  
12.08 (2) - SPF - Professoras

Entramos na sala de fumo dos professores. O PCD cumprimenta os presentes. Depois dirige-se para os placardes. Encontra algumas dificuldades em arranjar lugar para colocar o que trazia. Começa a fazer a limpeza dos placardes. Vê as datas e vai retirando a informação que se encontra desactualizada.

-----  
12.10 (5) - SPB - Professoras - VPCD - [nome de profª - 60]

Depois dirige-se para o bar da sala de professores. O bar encontra-se cheio de professoras. O PCD conversa durante alguns minutos com um grupo de quatro professoras. Nesse grupo está a VPCD e é ela que mais fala com o PCD. Ela fala sobre como vai ocupar o fim de semana prolongado. Também vai sair. Seguidamente o PCD tem uma conversa mais demorada com profª. [nome - 60] sobre a requisição de material. Diz ele que está à espera da lista de material, para poder mandar vir. O ambiente é bastante barulhento, com muitos graças e risos à mistura com conversa solta.

-----  
12.15 (3) - SPF - Professores

O PCD dirige-se depois para a outra sala (fumo). Alguns colegas vem entregar-lhe alguns documentos. Acerca-se dele um colega. Vem entregar-lhe um documento. Ele chama a atenção para o facto de no pedagógico ter dito quem queria os dossiers de disciplina com todos esses documentos. Outro colega vem entregar-lhe uma acta da reunião de grupo. Generaliza-se a conversa sobre o assunto que o PCD estava a referir. Pouco depois dá o toque de campainha e os professores começam a deixar a sala de professores. Alguns retardatários, ainda se mantêm na conversa, quer na sala de fumo quer na zona do bar.

-----  
12.18 (5) - SPF - Eu - Professoras - [nome de profª - 52]

Na sala de fumo dos professores ficam apenas duas ou três professoras. O PCD conversa com elas. Falam sobre antigos alunos e colegas da escola. Depois deixa essa conversa e comenta comigo a quantidade de arroz que já tem no gabinete. Conversa-se sobre a iniciativa da recolha de géneros.

-----  
12.23 (2) - SPF - Eu - [nome de profª - 50]

O PCD dirige-se para profª. [nome - 50]. Fala-lhe no pedido de observação das aulas pelas estudantes universitárias. Concluem que se calhar não são as turmas mais adequadas para o efeito. A profª. [nome - 50] refere duas ou três turmas que preenchem mais os requisitos indicados pelas alunos. Depois continuam a conversa sobre comportamento dos alunos. A profª. [nome - 50] conta um episódio acontecido numa aula dela.

-----  
12.25 (2) - Pátio - [nome de profª - 50]

Saímos da sala de professores. O PCD no caminho para o gabinete PCD conversa com a profª. [nome - 50] sobre o caso de um aluno. A profª. diz que vai encaminhar o assunto para a VPCD. O PCD diz que não, o melhor é ser ele a tratar do assunto, porque a VPCD ficou "apavorada" com o caso.

-----  
12.27 (2) - GCD - Senhor [Fundação C. Gulbenkian]

Quando vamos a entrar no gabinete está um senhor que traz uma encomenda. Trata-se de livros que vem da Gulbenkian. Para a biblioteca. O PCD recebe os livros manda-os colocar dentro do gabinete a um canto e depois trata de assinar as notas de recepção.

-----  
12.29 (-1) - GCD - Eu

Depois disso preparamo-nos para deixar a escola, para ir almoçar.

-----  
12.29 (3) - GCD - Alunos

Batem à porta. São alunos que vem falar com o PCD. O PCD sai com os alunos para o pátio. Depois regressa. Aparentemente tratou-se de mais um caso de autorizações para os alunos saírem da escola.

-----  
12.32 (4) - GCD - Eu

O PCD regressa ao gabinete. Diz que ainda bem que não se foi embora, porque já se ia esquecendo da neta. Acrescenta que precisa falar com a DT da neta porque a miúda apareceu com piolhos.

-----  
12.36 (-1) - Pátio - Eu

Saímos do gabinete. Combinamos a hora de regresso da parte da tarde.

-----  
12.36 (109) - Fora - ---

O PCD foi almoçar.

-----  
14.20\* (5) - Fora - [nome de profª - 52]

*Enquanto espero pela chegada do PCD. Aparece a profª. [nome - 52] que vai a sair da escola. Conversamos. Aparece entretanto a VPCD.*

-----  
14.25 (5) - Fora - [nome de profª - 52] - Eu

Aparece o PCD. Conversamos os três (nenhum assunto de especial registo).

-----  
14.30 (1) - Portaria - [nome de aae - 16]

O funcionário da portaria fala com o PCD. Diz que está muito vento e que dá cabo do cabelo. O PCD ironiza: “Está mau! Olhe feche a porta... Corra as persianas!”.

-----  
14.31 (12) - Pátio - Eu

Damos um volta pelo pátio. Conversamos sobre os mais diversos assuntos: sobre a fila de alunos à espera dos passeios de transporte, sobre o Projecto Educativo, sobre o regulamento interno da escola, sobre o PAA, a continuidade dele no conselho directivo depois do presente mandato, a reforma, etc.

-----  
14.43 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

A funcionária [nome de fsa - 9] interrompe o PCD perguntando-lhe sobre o correio. Diz-lhe que tem ali uma coisa para o correio. A funcionária vai-se embora e nós continuamos com a conversa.

-----  
14.45 (7) - GCD - Eu

Continuamos a conversa sobre a reforma e aposentação e o que ele estava a pensar fazer quando se reformasse. Durante este período de tempo, o PCD não desenvolveu nenhuma tarefa específica. Estivemos completamente na conversa apenas.

-----  
14.53 (1) - GCD - [nome de fsa - 9]

O PCD chama a funcionária [nome de fsa - 9]. diz-lhe que tem de corrigir no ofício para o Tribunal um erro de ortografia. É “perspectiva” e não “prospectiva” e acrescenta “vai lá para o... meritíssimo juiz com essas coisa!”. A funcionária toma nota e dispõe-se a fazer de imediato a correcção.

-----  
14.54 (3) - GCD - Funcionárias (SA)

Depois desta conversa o PCD, aparentemente sem tarefa específica para fazer passeia-se pelo gabinete. Vai até à sala dos SA. Permanece lá trocando piropos com as funcionárias durante alguns minutos.

-----  
14.57 (1) - GCD - CSA

A CSA começa a rir-se sozinha. Por duas vezes dá gargalhadas bem dispostas. O PCD que se encontrava na sala dos SA dirige-se a ela com um ar interrogativo. Ela esclarece dizendo que tinha achado piada à expressão “...vai lá para o meritíssimo!”

-----  
14.58 (-1) - GCD - CSA

Toca o telefone. A CSA atende. O telefonema é para a funcionária [nome de fsa - 9]. O PCD diz-lhe para perguntar quem é. A CSA diz-lhe que pergunta quando ele a promover a secretária particular. A funcionária [nome de fsa - 9] vem atender o telefone.

-----  
14.58 (2) - GCD - [nome de profª - 55]

Toca a o telefone e o PCD vem atender. Trata-se de uma profª. a dizer que vai faltar porque está numa acção de formação. Ele diz-lhe para não se esquecer de trazer o papelinho a justificar.

-----  
15.00 (1) - GCD - [nome de profª - 16]

Quando o PCD estava a terminar o telefonema entrou no gabinete a profª. [nome - 16]. Pergunta ao PCD se o documento que fez é assinado por alguém ou se vai mesmo assim. O PCD esclarece que vai agraphado, como adenda aos documentos da reflexão participada dos currículos. O PCD acrescenta que, sendo assim, vai tudo hoje no correio.

-----  
15.01 (1) - GCD - [nome de aae - 1]

O PCD diz à D. [nome de aae - 1] para tirar duas fotocópias do documento que a profª. [nome - 16] acabou de trazer.

-----  
15.02 (5) - GCD - [nome de profª - 16] - CSA - Eu

A profª. [nome - 16] conversa com a CSA. Esta diz-lhe que ela tem quatro dias que pode gozar. A profª. diz que ela que não se preocupe porque vai gozá-los até ao fim do ano. Depois entra na conversa o PCD. Falam sobre os dias de férias adicionais, pela idade, sobre a reforma. Durante todo o tempo em que a conversa decorreu o PCD não esteve ocupado com tarefa nenhuma especial.

-----  
15.07 (1) - GCD - [nome de fsa - 12]

O PCD atende a funcionária [nome de fsa - 12] que lhe vem entregar as fotocópias que este havia pedido momentos antes. Duas fotocópias do documento trazido pela profª. [nome - 16].

15.08 (1) - GCD - [nome de profª - 16] - Eu

Continua a conversa com a profª. [nome - 16]. Ela começa a contar as peripécias da sua entrada para o ensino.

15.09 (1) - GCD - [nome de fsa - 11]

O PCD vai para a sala dos SA. Vai dar indicações sobre os procedimentos para o envio no correio do dia dos documentos sobre a reflexão curricular. Permanece lá durante cerca de 2 minutos. Depois regressa ao gabinete.

15.10 (10) - GCD - [nome de profª - 16] - Eu

A profª. [nome - 16] continua a sua história pessoal de entrada no ensino. Eu e o PCD vamos ouvindo e de vez em quando metemos umas “buchas”.

15.20 (3) - GCD - [nome de profª - 58]

Entra no gabinete a profª. [nome - 58] que vem trata com o PCD de uma questão disciplinar. A conversa com a profª. [nome - 16] termina. Esta despede-se e sai do gabinete. O PCD atende a profª. [nome - 58]. o PCD dá-lhe algumas indicações dos procedimentos a realizar em termos dos processos disciplinares que ela está a instruir. Depois a profª. [nome - 58] sai do gabinete.

15.23 (2) - GCD - Eu

Depois da saída da profª. [nome - 58] o PCD senta-se em frente de mim, na mesa onde eu estou. Fala-me da [nome de profª - 16]. Ele considera que ela é a pessoa indicada para vir para o Conselho directivo. Discutimos a questão dos perfis e das competências para os cargos directivos na escola. O PCD não está no momento a realizar nenhuma tarefa concreta. Apenas conversa comigo.

15.25 (6) - GCD - [nome de fsa - 9]

A funcionária [nome de fsa - 9] aproxima-se e fala com o PCD. Diz que precisa sair às quatro e pergunta-lhe se tem alguma coisa para ela fazer. Ele diz que tem. Dirigem-se os dois para a secretária do PCD. Pega no documento que a profª. [nome - 16] tinha trazido e começa a rascunhar um ofício para a funcionária bater à máquina.

15.31 (1) - GCD - [nome de aae - 19]

Entra no gabinete a funcionária [nome de aae - 19]. Traz um papel para o PCD assinar. Trata-se de uma participação de acidente. Explica em que consistiu o acidente. o PCD pergunta-lhe se a D. [nome de aae - 1] já o viu. Responde-lhe a funcionária [nome de aae - 19] que sim.

15.32 (1) - GCD - Eu

Depois da funcionária sair o PCD retoma o que estava a fazer. Enquanto isso vai fazendo comentários ou falando para mim. Comenta que tem de mandar alcatifar o pátio por causa dos acidentes.

15.33 (2) - GCD - ---

O PCD levanta-se do lugar e fica de pé junto à secretária. Ao mesmo tempo que organiza vários documentos que se encontram na secretária vai acompanhando a escrita da funcionária [nome de fsa - 9]. A certa altura a funcionária [nome de fsa - 9] pergunta-lhe pelo guião.

15.35 (2) - GCD - ---

O PCD volta a sentar-se e começa, depois de ter a mesa mais arrumada a escrever um ofício. Este para um e. educação.

15.37 (1) - GCD - Eu

O PCD dispõe-se a ir à sala de professores e convida-me. Saimos para o Pátio. Vamos a caminho da sala de professores.

15.38 (2) - SPF - [nome de prof. - 62] - [nome de profª - 50]

O PCD conversa com o prof. [nome - 62] (DT) que lhe vem apresentar uma queixa sobre um aluno. Conversam à entrada da sala de professores, do lado de dentro. Quando o PCD entrou na sala foi interpelado pelo prof. que traz um papel na mão. É uma participação. Na conversa entram momentos depois a profª. [nome - 50] e o prof. [nome - 71].

15.40 (9) - SPF - [nome de profª - 50]

A profª. [nome - 50] passa a falar sobre a turma de que é DT. Conta algum episódios sobre o comportamento dos alunos. Neste caso a situação de um aluno que reconhecendo ter agido mal, por iniciativa própria foi pedir desculpa à profª... pediu inclusive por escrito. A certa altura o PCD pergunta-lhe se ela já trouxe o arroz para a campanha de solidariedade. Entretanto vendo alguns alunos lá fora com traquinices disse que ia correr com eles. Foi lá fora falar com os alunos e depois voltou a entra no pavilhão. A profª. [nome - 50] aborda a questão de uma outra aluna que está com excesso de faltas. Conversam os dois sobre essa situação e o PCD mostra-se conhecedor dos pormenores



da entrada da aluna na escola. Combinam que no próximo intervalo ela (a profª.) vá ao GCD tratar do assunto dos dois alunos que é preciso repreender.

-----  
15.49 (6) - SPF - Eu - [nome de profª - 79]

Entra a profª. [nome - 79] (DT) que vem queixando-se de não conseguir que um pai venha à escola. O PCD conversa alguns momentos com ela e depois vai-se embora. Ficamos, eu e a profª. na conversa. Passados alguns minutos o PCD regressa para ao pé de nós e integra-se na conversa sobre a falta de participação dos pais.

-----  
15.55 (1) - Pátio - Eu

Saímos os dois da sala de professores e dirigimo-nos novamente para o GCD. O PCD pergunta-me se eu já tinha visitado a Sala de Estudo. Digo que não. Ele muda de rumo e vamos ver a Sala de Estudo.

-----  
15.56 (1) - Sala de Estudo - [nome de profª - 58] - Alunos - Eu

Entramos na sala. Encontram-se lá dentro, três ou quatro alunos, em silêncio, estudando. Uma profª. supervisiona o trabalho deles. A sala tem alguns armários onde se encontram arrumados alguns livros, a maior parte deles, aparentemente, são manuais das diversas disciplinas. A porta da sala encontrava-se aberta. A nossa entrada não pareceu interferir nada na actividade dos alunos. Cumprimentámos a colega que na altura se encontrava de pé, no meio da sala. O PCD dirigiu-se a ela, conversou um pouco com ela sobre os alunos que estavam no momento da sala. Depois falou comigo explicando a utilização da sala. Saímos da sala.

-----  
15.57 (1) - Pátio - Eu - [nome de profª - 79]

Caminhamos pelo pátio. Vinda da sala de professores a profª. [nome - 79] vem em nossa direcção. O PCD mete conversa com ela. Pergunta-lhe se ela sabe quem eu sou e o que estou ali a fazer. Ela diz-lhe que não, mas que sabia que não era Inspector.

-----  
15.58 (1) - Pátio Portaria - [nome de aac - 16]

Chegamos ao pé da Portaria. O PCD fala com o funcionário da portaria. Dá-lhe indicações sobre a autorização de um aluno para sair da escola.

-----  
15.59 (1) - Pátio Portaria - Alunos

Junto à parede da fileira de salas à esquerda da entrada há um pequeno espaço de terra batida onde três alunos (entre os 11 e 13 anos) jogam ao berlimde. Eu detenho-me um pouco a observá-los. O PCD que já ia a caminho da do gabinete dá meia volta e aproxima-se. Ficamos ali a observar os miúdos a jogar. Trocamos alguma conversa com eles.

-----  
16.00 (3) - GCD - Eu

Entramos no gabinete e continua a conversa sobre os jogos tradicionais juvenis. O PCD depois de dar uma volta pelo gabinete, estamos sozinhos, dirige-se para o volume que tinha chegado ao fim da manhã, e começa a desembrulhar para ver o que vem lá dentro. Entretanto o PCD arrasta o volume guardando-o num sítio mais recatado, de forma a não constituir estorvo à circulação no gabinete.

-----  
16.03 (1) - GCD - [nome de fsa - 10]

Entra no gabinete a funcionária [nome de fsa - 10] que lhe vem colocar ao PCD algumas dúvidas sobre os processos dos professores. Ela diz que há professores que ainda não entregaram as declarações de incompatibilidade. O PCD diz-lhe para apertar com eles. Sugere-lhe que ela faça um aviso por escrito (o segundo).

-----  
16.04 (10) - GCD - Eu

Depois o PCD senta-se na secretária em que eu estou. mexe em papéis particulares. (Trata-se de assuntos relativos à sua conta bancária). Enquanto isso vamos conversando, sobre diversos assuntos, o fim de semana prolongado, as viagens de automóvel nestas alturas, a (in)experiência dos jovens professores, o comportamento e disciplina escolar, etc.

-----  
16.14 (1) - GCD - ---

O PCD levanta-se do lugar e vai para a sala dos SA. Lembrou-se de qualquer coisa, pois diz: "Já agora por uma questão de curiosidade..."

-----  
16.15 (1) - GCD - CSA

Quando vai a passar junto da CSA, esta interpela-o. Chama a sua atenção para as folhas de vencimentos fazendo notar a trabalhadeira que tem sido o processamento dos vencimentos, com as actualizações de retroactivos dos escalões e dos adicionais de 2%. O PCD pergunta-lhe porquê e ela faz uma longa descrição das alterações e dos professores que implicaram mudanças de vencimentos.

-----  
16.16 (9) - GCD - Eu

O PCD regressa da sala dos SA. Traz uma agenda. De resto aparentemente o que tinha ido ver não tinha conseguido. Volta a sentar-se na mesa em que eu estou. Enquanto dá uma vista de olhos por algum correio, que não tinha tido visto, vamos conversando. A maior parte do tempo, no entanto, apenas conversamos. Aparentemente o PCD não tem nada que fazer. Mostra-me a agenda que trouxe consigo. É uma oferta da Câmara Municipal. A seguir isso puxa a conversa para a colaboração entre as escolas e as Autarquias. a certa altura eu comento que a tarde na escola está muito calma. Ele refere que não havendo muitos professores a faltar a situação é sempre assim, bastante calma.

-----  
16.25 (1) - GCD - [nome de profª - 59]

Entra no gabinete a profª. [nome - 59]. Pergunta pela VPCD. O PCD responde-lhe que ela deve estar a dar aula na sala 35. Depois a profª. [nome - 59] informa-o que vai mandar cartas a avisar as famílias de três meninos. O PCD diz-lhe que precisa de uma Ordem de Serviço para circular amanhã em mão avisando das suspensões. A profª. pergunta se manda na mesma as cartas. O PCD diz-lhe que sim.

-----  
16.26 (-1) - GCD - CSA

A CSA vem ter como PCD. Este dá indicações sobre a ordem de serviço a comunicar as penalizações. Diz-lhe que se ele não estiver na escola é a VPCD que a assina. Refere-se à ordem de serviço a que fizera referência antes na conversa com a profª. [nome - 59].

-----  
16.26 (3) - GCD - Eu

O PCD continua sentado a ler uns papéis. O correio ainda. Fala de um convite da Escola Fernando pessoa que comemora o 25º aniversário.

-----  
16.29 (2) - GCD - [nome de profª - 80]

Entra no gabinete a profª. [nome - 80] (DT) que vem falar com o PCD sobre uma situação de excesso de faltas de um aluno. O PCD diz-lhe como é que há-de fazer no tratamento dessas situações: comunicação aos pais para virem urgentemente tratar do assunto, dá-se-lhes um prazo de cinco dias para justificarem as faltas. Se o não fizerem os alunos são excluídos se não estiverem dentro da escolaridade obrigatória. Se a conversa for telefónica o DT regista a data e o seu conteúdo, para depois não haver desculpas. A profª. disse que já tinha telefonado e que a e. educação tinha ficado de vir à escola na próxima terça-feira.

-----  
16.31 (2) - GCD - CSA

A CSA levanta-se do seu lugar e vai fechar a porta de entrada do gabinete. Diz que está uma corrente de ar que ainda apanha alguma constipação e depois não há vencimentos para ninguém.

-----  
16.32 (-1) - GCD - Eu

O PCD convida-me a ir à sala de professores.

-----  
16.32 (-1) - GCD - [nome de aae - 19]

Quando vamos a sair aparece a funcionária [nome de aae - 19] que vem trazer-lhe as compras da tarde (maço de tabaco, o jornal e cigarrilhas). Entrega-lhe também o troco.

-----  
16.32 (1) - Pátio - Eu

Saimos finalmente do gabinete e vamos a caminho da sala de professores. Caminhamos em direcção à sala de professores.

-----  
16.33 (1) - Pátio - [nome de aae - 23]

Quando estamos perto da entrada da sala de professores uma funcionária vem ter com o PCD. Chama-o para ir ver os lavabos dos alunos. Alguém tinha estragado uma canalização e estava a correr água, em grande quantidade para o pátio. O PCD diz-lhe para esperar até ao toque de entrada para se resolver depois o assunto quando não houver alunos. Depois segue para dentro da sala de professores.

-----  
16.34 (1) - SPF - Professores

A sala encontra-se repleta. O PCD demora-se alguns momentos na sala de fumo, conversando com um grupo de colegas. Depois segue para a zona do bar.

-----  
16.35 (3) - SPB - [nome de prof. - 62]

Um prof. vem ter com ele e pergunta-lhe pelo calendário de reuniões. Trata-se do prof. que tinha ido falar com ele ao gabinete dias antes. Durante alguns minutos conversam sobre esse assunto.

-----  
16.38 (1) - SPB - Professoras

Depois junta-se a um grupo de professoras que conversam sobre assuntos exteriores à escola. Falam obre colegas que estiveram na escola no ano anterior.

-----  
 16.35\* (3) - SPB - VPCD

*A VPCD conversa comigo. Conversamos sobre o horário dela. Ela diz-me que tem duas turmas. Seis horas três à terça e três à quinta-feira. Quando começamos a conversar sobre os géneros alimentícios que existem no bar, juntam-se à conversa outras duas colegas. Comentam-se dietas e a qualidade dos alimentos.*

-----  
 16.39 (2) - SPB - [nome de profª - 50] - VPCD

O PCD deixa a conversa de grupo e conversa com a profª. [nome - 50]. Dá-lhe indicações de como dever proceder no tratamento de uma questão de indisciplina de alunos. diz-lhe para mandar as cartinhas para os pais, para o lembrar depois na terça-feira à tarde para ele fazer a ordem de serviço. Seguidamente o PCD dirige-se para a sala de fumo dos professores... Entretanto vêm dizer-lhe que tem uma chamada telefónica e ele vai para o gabinete.

-----  
 16.41 (3) - GCD - Junta de Freguesia

O PCD atende a chamada telefónica. A chamada era sobre a marcação de um autocarro para uma visita de estudo a Estremoz. Da Junta de Freguesia informavam que não havia autocarros disponíveis para o dia pretendido.

-----  
 16.44 (1) - GCD - Eu

Depois o PCD procura uma lista telefónica mostrando intenção de contactar empresas de transportes para saber preços. Numa lista telefónica o PCD procura o nº de telefone da empresa. Depois faz a ligação.

-----  
 16.45 (2) - GCD - Empresa

O PCD telefona (+) para uma empresa de aluguer de autocarros para saber preços para o transporte para a visita de estudo a Estremoz.

-----  
 16.47 (-1) - GCD - Eu

Depois do telefonema.

PCD: Deixem-se de teorias... Estás a ver a Junta ficava aí por vinte contitos. Fala com os seus botões: onde é que estará a [nome de profª - 81]...

-----  
 16.47 (2) - Pátio - Sala 23

O PCD sai do gabinete para ir falar com a profª. [nome - 81] para a informar sobre a questão do transporte para a Visita de Estudo.

-----  
 16.47\* (4) - GCD - Eu - CSA

*Toca o telefone. Atende a CSA. Tratava-se de um pedido de ligação feito pelo PCD para o PBX. Estava em linha a Junta de Freguesia. Entretanto conversamos os dois. Diz ela que não sabe o que acontecerá quando ele deixar o CD. Conta-me um episódio com uma aluna e o PCD.*

-----  
 16.49 (1) - Pátio - Alunos

O PCD vem vindo quando é interpelado por um grupo de alunos. Conversa durante alguns segundos com eles e depois dirige-se para a Portaria. os alunos querem saber se podem ou não sair porque não têm aulas.

-----  
 16.50 (1) - Portaria - [nome de aae - 16] - Alunos

O PCD conversa com o funcionário [nome de aae - 16] da Portaria. Dá-lhe indicações sobre autorizações par os alunos saírem. Depois regressa ao gabinete.

-----  
 16.51 (1) - GCD - CSA

O PCD entra no gabinete. A CSA interrompe o relato que estava a fazer sobre a aluna e fala com o PCD. Pergunta-lhe se não tinha falado há momentos com a Junta de Freguesia. O PCD diz que o problema está resolvido.

-----  
 16.51 (-1) - GCD - [nome de profª - 55]

O PCD de dentro do gabinete grita para fora, para uma colega que ia a passar a caminho da saída da Escola: "Porta-te bem, filha".

-----  
 16.52 (3) - GCD - CSA - Eu

A CSA continua a história da aluna. O PCD ouve e vai fazendo algumas explicações sobre a história. Entretanto a CSA chama novamente a atenção para a questão da porta sempre aberta. Ela daqui a nada estava constipada e depois queria ver quem é que fazia os vencimentos. O PCD diz que agora já é por pouco tempo porque vai tudo para o ginásio, por causa das obras. Conversa-se agora sobre as obras e sobre as diligências já feitas para operar a mudança do GCD e dos SA para o ginásio.

-----  
 16.55 (-1) - GCD - [nome de fsa - 8]

A funcionária [nome de fsa - 8] vem ter com o PCD, com um ofício para ele assinar. Entretanto a funcionária pergunta-lhe por um documento qualquer para afixar. O PCD diz que já está afixado.

-----  
16.55 (-1) - GCD - [nome de aluna - 19]

Entretanto aparece à entrada do gabinete uma aluna que vem perguntar por uma profª... O PCD diz-lhe que ela deve estar na sala 4A.

-----  
16.55 (1) - GCD - Eu

Depois o PCD fala para mim. Diz que vai “fechar a loja”. Dá mais uma volta pelo gabinete. Vai à porta do gabinete, abre e olha para fora. Confirma que a neta está no pátio à sua espera.

-----  
16.56 (1) - GCD - CSA

A CSA queixa-se do vento que entra no gabinete. Quando o PCD abriu a porta, o PCD regressa para dentro e senta-se à minha frente, na mesa onde eu estou. Não realiza de momento nenhuma tarefa concreta, passeia pelo gabinete, parecendo apenas, esperar que o tempo passe.

-----  
16.57 (1) - GCD - Eu

O PCD consulta uns papéis e um calendário e fala consigo próprio (sobre a Visita de Estudo a Estremoz): isto está aberto até Março, agora em Janeiro ligo para a Junta, marco a ver se consigo apanhar autocarro... e depois se não houver, eles também passam bem se os vulcanismos... Eu pergunto-lhe aonde é. Diz-me que é em Estremoz.

-----  
16.58 (1) - GCD - Eu

O PCD encontra-se ainda sentado na minha mesa. Aproveito para lhe perguntar o que estava a fazer com os alunos no pátio há momentos. Diz-me que era por causa da autorização para saírem da escola. Depois desta conversa o PCD levanta-se e passeia pela sala.

-----  
16.59 (-1) - GCD - Eu

O PCD está de saída, pergunta-me se pode ir embora.

-----  
16.59 (1) - GCD - Eu - CSA

O PCD dirige-se para a sala dos SA, fala com a CSA sobre as tarefas que deixa para ser completadas no dia seguinte, nomeadamente o envio do pedido da licença sabática do prof. [nome - 70]. Saímos do gabinete.

-----  
17.00 (1) - Pátio - [nome de aae - 1] - [nome de aae - 18]

O PCD vai ainda ao pavilhão da Reprografia-PBX dizer às funcionárias que se houver alguma coisa a VPCD está na escola. Está a dar aulas na sala 35.

-----  
17.01 (-1) - Pátio - Eu - Neta

Caminhamos pelo pátio em direcção à saída. A neta do PCD acompanha-nos. Ele pergunta-lhe se ela teve aula de Religião e Moral. Ao passar pela Portaria despede-se do funcionário.

**REGISTOS DE OBSERVAÇÃO**  
**DAS REUNIÕES**  
**DOS CONSELHOS PEDAGÓGICOS**

**ANEXO VII**  
**REGISTOS DE OBSERVAÇÃO**  
**DAS REUNIÕES**  
**DO CONSELHO PEDAGÓGICO - ESCOLA A**

## A) 1ª REUNIÃO - 22 MAI 1996

cp101

22/05/96 - 14h 50m - 18h 00m - Escola A

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO

### ANTES DA REUNIÃO

[14.50] - Cheguei à escola eram cerca das 14.50. Era um dia de sol intenso, fazia muito calor, chegando até a ser abafado e desagradável.

Ao entrar a funcionária da portaria que era a mesma da primeira vez que eu estivera na escola, pareceu reconhecer-me. Expliquei que vinha para a PCP, para uma reunião do CP. Ela informou-me que a PCP se encontrava numa reunião de disciplina.

*[Pensei de mim para mim que ela queria dizer "reunião de conselho disciplinar"]*

Entrei e dirigi-me para a sala de professores, não encontrei a PCP, mas deparei com a VPCD que se dirigia para o gabinete do CD. Cumprimentámo-nos apenas oralmente. Eu perguntei pela PCP e ela disse-me que "devia estar por aí" referindo-se, segundo percebi, ao gabinete do CD e/ou Sala de professores. Seguimos para o gabinete entrámos.

*[Não me apercebi se ela abriu a porta com a chave. Mais tarde vim a verificar que quando saíam elas deixavam a porta fechada à chave]*

A PCP não estava. Enquanto ela se entretinha a fazer qualquer coisa eu disse que uma coisa que me interessava era uma lista dos membros do CP para poder acompanhar a reunião do CP. Ela respondeu-me que isso era fácil de resolver, pois podia utilizar um exemplar da folha de registo de presenças. Pousei a pasta. Entretanto saímos, ela ia ao bufete da sala de professores para comer qualquer coisa, pois, segundo disse tinha estado numa reunião de disciplina e tinha de comer qualquer coisa pois de seguida ia para a reunião do CP.

*[Também aqui, eu pensei que se tratava de uma reunião de conselho disciplinar, e admirei-me por as duas terem estado na mesma reunião e de não parecerem juntas: se calhar tinham sido duas reuniões diferentes, pensei eu]*

Entrámos na sala de professores. A PCP ainda não se encontrava lá.

Na sala encontravam-se três professoras junto ao bufete, duas professoras sentadas a uma mesa, e mais duas ou três sentadas nos sofás, em redor de uma mesa baixa.

Enquanto ela se dirigia para o bufete e conversava com as presentes, eu dirigi-me para a sala anexa, sala de fumadores, com a intenção de fumar um cigarro. Essa sala encontrava-se completamente vazia.

Mudei de ideias e voltei para a zona do bufete.

Sentei-me numa mesa e logo de seguida sentou-se a VPCD junto de mim. Trazia um copo de iogurte (tamanho suficientemente grande para nele misturar pedaços de frutas) que devorou rapidamente.

Entretanto sentou-se junto a nós uma outra profª... Entabularam conversa sobre comidas e dietas, que, por não me parecer de grande importância, eu não prestei grande atenção. Ao invés, dirigi a minha atenção para a mesa ao lado, onde me pareceu haver alguma interrogação e curiosidade nos olhares sobre a minha presença ali.

Quase de imediato surgiu a PCP. Cumprimentou as presentes (eram só mulheres) e dirigiu-se a mim. Cumprimentámo-nos com dois beijos nas faces e ela sentou-se na mesa onde estivera a VPCD e eu. Nessa altura a VPCD encontrava-se junto ao balcão do bufete *[pareceu-me que estaria a tomar café]*. Eu comecei por perguntar se tinha estado numa reunião de CT disciplinar. Ela disse-me que não, que tinha estado numa reunião de disciplina.

*[foi aqui que percebi que se tratava da reunião do conselho de grupo/disciplina]*

Queixou-se que nos dias em que tinha reunião de disciplina e reunião de CP, ficava completamente arrasada.

*[Estranhei este queixume dado que estava na sua mão a convocação quer das reuniões do CP, quer ainda as do conselho de disciplina, mas não fiz qualquer comentário]*

A certa altura aproximou-se uma profª., vim a saber depois que era a del. de Hist/2°C, que começou a conversar com a PCP.

De forma um bocado confusa, procurava encontrar uma resposta da PCP à sua dificuldade de estar na reunião do CP. Tinha dois problemas, disse: um era que tinha de tratar da alimentação do cão (ou cães, não percebi bem) e o outro tinha de ir ao médico com a filha. Era qualquer coisa deste género.

"Não sabia o que havia de fazer!", dizia ela.

"Olha, eu também não sei!" respondia a PCP.

Embrenharam-se numa discussão sobre a justificação de faltas. Segundo percebi a del. de Hist/2°C pensava que o comprovativo de consulta médica era suficiente (e ao abrigo do acompanhamento de menores) para justificar a falta. A PCP de forma peremptória dizia que não, que só o atestado médico justificava a falta.

A primeira dizia que não estava para dar confiança a eles ("eles" era o médico da consulta, eram os médicos em geral) pedindo-lhes atestados médicos. Pela forma como a PCP se referiu à questão dos motivos justificativos da falta, à questão do cuidado com os animais domésticos manifestada pela del. de Hist/2°C, notei alguma animosidade dela por esta. Enquanto que a del. de Hist/2°C colocava a questão esperando uma "aberta" da PCP, esta não só

não mostrava qualquer “abertura” e compreensão ou simpatia, como cortou logo de início qualquer possibilidade de resolução da questão que não fosse marcar a falta e ela que a justificasse como bem entendesse.

Entretanto essa conversa acabou, a PCP apresentou-nos e fiquei a saber que a del. de Hist/2°C se encontrava a fazer o mestrado em Desenvolvimento Curricular na FPCE.

*[Ela, pelos vistos tinha começado na mesma altura que eu]*

Conversámos um pouco sobre as dificuldades na realização do trabalho de investigação.

*[Devo registar que não simpatizei muito com a del. de Hist/2°C, talvez por preconceito contra a importância atribuída ao cão (ou cães) que me pareceu exagerada - não pude deixar de pensar se seria uma daquelas pessoas que tratam melhor os cães que os filhos ou outras pessoas. Mais tarde durante a reunião do CP essa impressão inicial modificou-se bastante - ela tornou-se mais simpática aos meus olhos]*

A certa altura referi que ia entregar (a VPCD já se encontrava de novo sentada junto de nós, na mesa) uma nótula sobre o meu trabalho e levantei-me para ir à sala do CD buscar a minha pasta. A porta estava fechada à chave.

*[De algum modo estranhei, porque não me tinha ocorrido que o gabinete do CD pudesse estar fechado]*

Voltei à sala de professores e a VPCD emprestou-me um molho de chaves indiciando-me qual delas era a do gabinete.

Voltei, então, à sala do CD e trouxe a pasta donde tirei dois exemplares da nótula que entreguei a cada uma delas.

Perguntei à PCP se achava bem que entregasse um exemplar a cada membro do CP, durante a reunião; ela disse que sim, que não via qualquer inconveniente.

Rapidamente trocámos algumas impressões sobre a forma de apresentar a minha participação na reunião do CP. Eu disse-lhe que podia fazer uma apresentação muito breve do meu projecto para as pessoas saberem qual era o meu papel ali, e o que estava a fazer.

Após isto ela deu um olhar de relance para ver quantas pessoas já se encontravam presentes.

*[Julgo que se encontravam cerca de 7/8 membros do CP]*

Dirigimo-nos para a sala onde ia realizar-se a reunião. Era no primeiro piso, numa sala que já se encontrava preparada. O formato era o que consta da planta em anexo.

Encontravam-se lá, já alguns professores. Eu entrei logo a seguir à PCP. Ainda lhe perguntei se assistia desde o princípio ou se ela queria colocar a questão da minha participação na reunião, para obter o consentimento dos membros do CP. Ela respondeu-me logo que não, que não havia problemas e que podia assistir desde o princípio.

#### DURANTE A REUNIÃO

[15.20] - A reunião começou por volta das 15.20, com a explicação, feita pela PCP, da minha presença na reunião. Em breves palavras explicou que eu lhe tinha solicitado para fazer o estudo, no âmbito do mestrado em administração educacional, no quadro daquela escola, e que ela tinha respondido que, concerteza, todos os membros da escola, e em particular do CP aceitariam de bom grado que a minha investigação fosse feita na escola.

[15.25]

Seguidamente deu-me a palavra.

Comecei por agradecer a disponibilidade mostrada pela PCP e estendi esse agradecimento a todos os presentes. Apresentei-me, como prof., a realizar o curso de mestrado na área de administração educacional, disse à escola em que lecciono e de seguida expliquei de forma sucinta em que consistia a investigação que pretendia realizar. Após isso entreguei a cada um dos membros um exemplar da nótula sobre o projecto de dissertação que tinha preparado para a ocasião.

A PCP convidou de seguida os presentes a apresentarem-se. Um a um todos disseram o nome e o grupo disciplinar a que pertenciam.

Verifiquei que não se encontrava presente o RAPEE [que na brincadeira a PCP diz ser “Associação de Mães”].

Poucos segundos depois da última apresentação entrou na sala a del. de E.Musical/2°C que mereceu da parte da PCP uma apresentação dirigida à minha pessoa e vice-versa.

Entretanto a PCP avisou, virando-se para o lado, que quem fazia a acta era a del. de Hist/2°C. Esta mostrou algum espanto, pelo facto.

*[Julgo que devido ao facto de ter de sair mais cedo, como provavelmente já tinha combinado com a PCP. De facto veio a verificar-se que ela saiu, antes da reunião acabar, sem qualquer oposição por parte da PCP]*

Entretanto a del. de Hist/2°C conseguiu resolver o problema da tomada de notas, com a colaboração da CDT/2°C que ficou de tomar os apontamentos na ausência da del. de Hist/2°C.

A PCP entregou a cada um dos presentes uma folha com a Ordem de Trabalhos, que era a seguinte:

- 1 - Leitura da acta da última reunião do CP.
- 2 - Informações
- 3 - Provas Globais de Ciências Naturais - 8º ano. Análise da Matriz.
- 4 - Processo de Avaliação - ponderação do peso a atribuir a cada uma das componentes.
- 5 - Apresentação e aprovação das várias propostas de actividades de complemento curricular (CTL)



[CTL significa Clubes de Tempos Livres]

[15.30]

A del. de C.Natureza/2°C procedeu à leitura da acta da reunião anterior. Em determinado momento da leitura a pessoa que estava a ler fez silêncio, e esperou durante alguns momentos (20/30 segundos) que se fizesse silêncio por parte dos presentes. Com efeito, a partir de certo momento o barulho de conversas marginais foi aumentando, a desatenção ao que estava a ser lido era notória.

Sem qualquer intervenção, ninguém disse nada, nem a PCP, nem a del. de C.Natureza/2°C que estava a ler disseram o que quer que fosse. Aquela atitude entretanto teve o efeito esperado. Fez silêncio e a leitura da acta foi retomada.

*[Pareceu-me que tal situação resultou um pouco de alguma sensação de mal-estar por parte da pessoa que estava a ler a acta, não só porque aparentemente ninguém estava a ligar ao que estava a ser lido, mas igualmente pela circunstância da minha presença, um pouco no género "está uma pessoa de fora, com que imagem ficará das pessoas não estarem com atenção". Esse mal-estar percebi-o depois, também, em outros membros do CP]*

Em outro altura, na acta fazia-se referência ao facto da del. de E.Musical/2°C ter completado 70 anos de idade, e de a escola ter promovido um conjunto de actividades comemorativas desse aniversário.

*[Julgo que essa profª. seria uma das mais antigas, e julgo também que iria reformar-se]*

O foco de atenções virou-se para a referida profª., que de cabeça baixa começou a ficar comovida, pelo discurso laudatório da acta.

Quando a leitura da acta incidiu sobre a descrição, com algum pormenor daquelas actividades, a PCP tendo-se apercebido que a del. de E.Musical/2°C estava a comover-se, com as lágrimas a virem-lhe aos olhos, fez um sinal a del. de C.Natureza/2°C para que passasse por cima dessa parte da acta, o que esta fez de imediato.

[15.35]

A del. de Hist/2°C saiu da sala.

A del. de Ing/2°C pela 2ª vez, pelo canto do olho, procura ver o que eu estou a escrever.

*[Inicialmente achei natural a tentação de procurar saber o que eu estava a escrever, quase que uma tendência natural e automática, mas ao longo de toda a reunião esse comportamento vai repetir-se vezes sem conta, o que a certa altura me irritou. Deixou de ser uma atitude natural e automática, porque de soslaio e quando pensava que eu não estava a ver, a referida profª., tentava perceber o que se encontrava escrito nas minhas notas. De tal forma isso foi constante que tive algumas dificuldades em efectuar os registos. A partir de certa altura, optei por prescindir da mesa como apoio de escrita e utilizei os joelhos, com a perna traçada, de forma a retirar as fichas do campo de visão daquela profª... Se ela percebeu ou não a minha estratégia, não sei; isso, no entanto, não diminui o meu interesse pelo que eu estava escrevendo - fiquei de imediato com uma antipatia visceral com a referida profª.]*

[15.40]

A PCP dá início ao primeiro ponto da OT - Informações.

Começou por informar os presentes sobre as orientações sobre a adopção dos manuais escolares, referindo os prazos para cumprimento dessa tarefa, e as disciplinas e anos de escolaridade em que deveriam ser, este ano lectivo, escolhidos aqueles manuais escolares.

A del. de Ing/2°C solicita um esclarecimento sobre o período de vigência dos manuais escolares para a disciplina de Inglês.

A PCP responde a esse pedido de esclarecimento.

Seguidamente a PCP informa os presentes sobre o Calendário Escolar para 1996/97. Lê o preâmbulo do despacho, e todas as partes referentes aos 2º e 3º ciclos do ensino básico. Entre outras informações, a PCP refere o período em que se deve verificar o início das aulas (entre 16 e 20 de Setembro de 1996) e os seu termo (entre 26 e 30 de Junho de 1997), as interrupções das actividades lectivas (entre 30-10-96 e 2-11-96; entre 18-12-96 e 2-1-97; entre 10-2-97 e 12-2-97; e 2/3-5-97). A PCP diz que apenas leu a matéria que respeita aqueles níveis de ensino, e que uma cópia do despacho iria ser colocada na sala de professores, para consulta de todos.

[15.45]

Na sequência da indicação dada pela PCP do calendário escolar a del. de Mat/3°C perguntou se as Provas Globais não vão decorrer durante as aulas, ao que a PCP respondeu que sim: "Tal como este ano".

A PCP aproveitou para referir as medidas de apoio a ser prestado aos alunos que vão realizar os exames do 9º ano, indicando, também, o ofício (despacho?) oriundo do ME.

Aquela referência levantou algumas questões, nomeadamente dúvidas sobre que alunos seriam beneficiários desse apoio, e durante que período ele seria dado. No sentido de esclarecer essas dúvidas a PCP passou a ler o tal documento. Alguns presentes referiram uma situação particular: a dos alunos do prof. [nome - 82].

*[Pedir uma cópia do documento à PCP]*

Outros presentes adiantaram que o [nome de prof. - 82] não era caso único.

A VPCD levanta a questão dos alunos do 9º ano que não tiveram as aulas todas e que transitam para o 10º ano. Opina que esses alunos, apesar de transitarem de ano, vão para o 10º sem terem dado a matéria toda, ou no melhor dos casos deram de forma inadequada. Ora, o tal documento não contempla qualquer medida para esses casos, e como tal pergunta: "...como vão esses alunos preparados para o 10º ano?".

A del. de C.Físico-Químicas/3°C coloca a questão da leccionação da disciplina de C.Físico-Químicas.

*[Não consegui entender os pormenores da questão, e fiquei com a sensação de que haveria algum problema com o caso particular de um prof. de C.Físico-Químicas do 9º ano - na primeira oportunidade colher informações junto da PCP]*

A VPCD volta a insistir que o que a preocupa mais, o que é mais grave é a situação dos alunos que passam para o 10º ano com deficiências resultantes do não cumprimento integral dos programas do 9º ano: "... enquanto os alunos dos outros anos de escolaridade podem ser sempre compensados pela escola, no ano seguinte, no caso dos alunos do 9º ano que transitam, eles deixam de estar sob alçada da escola, e não sabemos o que lhes acontece; a escola para onde vão não se sente minimamente obrigada a dar-lhes apoio para compensar as falhas de outra escola.

A del. de Hist/3ºC coloca a questão de saber exactamente quais os alunos que são considerados na escolaridade obrigatória, isto a propósito de quem seriam os candidatos ao exame no 9º ano.

A del. de Mat/3ºC secundando a intervenção anterior coloca a questão de se saber quem são os alunos que se podem candidatar a esses exames.

A PCP esclarece que apenas os alunos que se encontram fora da escolaridade obrigatória é que se podem inscrever para esses exames, ou seja os alunos não transitados mas que ainda estejam na escolaridade obrigatória não podem candidatar-se a esses exames, esses alunos terão de repetir o 9º ano. Esses exames destinam-se, apenas e exclusivamente, aos alunos que tendo reprovado, já se encontrem fora da escolaridade obrigatória.

A del. de C.Físico-Químicas/3ºC pergunta então quando é que esses exames são feitos *[os enunciados, pareceu-me]*

A resposta da PCP foi que os exames serão feitos pelos professores da escola.

A del. de Port/2ºC coloca a questão de se saber quando e quem dará as aulas de apoio a esses alunos.

"Serão os respectivos professores da turmas/alunos em causa, ou serão outros professores?", pergunta esta del. de Port/2ºC.

Ela levanta essa questão porque, segundo ela, alguns professores já não estarão na escola, em Setembro, e portanto essas aulas de apoio irão recair apenas nos ombros dos professores efectivos.

A PCP diz: "Não, não, não. O apoio de que se está a falar é apenas durante o mês de Julho. Nessa altura ainda estão todos os professores na escola, portanto a questão colocada antes, pela del. de Port/2ºC fica ultrapassada. Por outro lado a PCP esclarece que as aulas de apoio só existirão nos casos em que não foi possível cumprir todo o programa, ou seja apenas quando as aulas forem para dar matéria que ficou por leccionar no período normal de aulas, no quadro dos objectivos mínimos definidos pelo CP.

[15.55]

A PCP diz que não tem mais informações a dar. Se alguém quiser dar alguma informação, tem a palavra, diz a PCP. Como ninguém quisesse intervir a PCP pediu aos presentes que fizessem o ponto da situação da leccionação de cada disciplina, relativamente ao 9º ano de escolaridade.

[16.05]

A del. de Port/2ºC levantou-se do lugar e ficou de pé junto à porta da sala (a porta estava aberta) a fumar um cigarro. Os diversos del., um a um, fazem uma exposição breve sobre a situação, em termos de leccionação das disciplinas do 9º ano. A del. de C.Físico-Químicas/3ºC volta a chamar à discussão a situação (já referida antes) do atraso na leccionação do prof. [nome - 82], perguntando como resolver a questão.

*[Nesta altura noto do meu lado direito que os del. de E.V.Tecnológica/2ºC e de Ing/2ºC mostram algum espanto sobre a evolução da reunião, comentando inclusive qualquer coisa entre eles sobre a pertinência do que estava a ser debatido]*

A PCP procura explicar os atrasos na leccionação das matérias.

[16.10]

A del. de Port/3ºC abandona a sala.

A PCP esclarece a del. de C.Físico-Químicas/3ºC sobre a maneira de resolver a questão por esta colocada antes.

*[Procurar ver na acta o que se encontra registado sobre isto, que eu não consegui registar]*

[16.12]

Entrou na sala a del. de Port/3ºC que havia saído momentos antes.

Entra-se no segundo ponto da OT - Provas Globais de Ciências Naturais. Análise da Matriz.

A PCP começa por explicar as competências do CP relativamente à questão das provas globais, nomeadamente, a questão da aprovação da matriz das provas. Para o efeito recorre à leitura do diploma respectivo.

*[Saber qual é e arranjar uma cópia]*

Depois a PCP passa a palavra à del. de C.Natureza/3ºC. Esta faz chegar a cada um dos membros da reunião um exemplar da matriz da prova global. Uma folha onde se encontram discriminados os Conteúdos e os Objectivos.

*[Como matriz de uma prova global, pareceu-me bastante insuficiente, pois não tem indicações nem sobre a estrutura da prova, o número de questões, nível de dificuldade das mesmas e a estruturação valorativa dos diversos objectivos e conteúdos]*

A del. de Port/2ºC regressa ao seu lugar.

A VPCD notando a ausência de vários elementos na proposta de matriz apresentada, explica a formulação de uma matriz referindo a questão da relação objectivos-perguntas-cotações. Nesse sentido referencia a existência de um documento explicitador de orientações sobre o que deve constar numa matriz (documento esse “chegado de fora”).

*[Com “chegado de fora” a VPCD queria significar o Ministério da Educação]*

Coloca então a questão de como deve a matriz ser apresentada aos alunos: “Indicação do tipo de perguntas? Explicitação das cotações por objectivos ou por tipo de perguntas?”

A VPCD e a del. de C.Natureza/3°C iniciam um diálogo sobre a forma como se elabora uma matriz, discutindo sobre exemplos de matrizes elaboradas noutras escolas, referindo a grande diversidade de formatos adoptados.

A discussão estende-se a outros membros do CP. Alguém comenta qualquer coisa como “...por este andar só falta divulgar a própria prova junto dos alunos”.

Aproveitando uma “aberta” na discussão em curso a PCP coloca de imediato a questão, meramente retórica, “... então concordam com esta matriz?”.

“Sim!”, responde alguém.

Mais ninguém se manifesta.

A votação não é formalmente realizada, mas também ninguém a solicita.

[16.15]

A del. de Port/2°C coloca então a questão do cálculo da classificação final da disciplina, a partir da conjugação da classificação da avaliação contínua e da classificação obtida na prova global. Gera-se alguma confusão cada um dando o seu palpite.

A VPCD informa que existe uma tabela elaborada pelo ME e enviada, por circular, às escolas. Levanta-se e sai da sala no intuito de ir buscá-la ao gabinete do CD. Entretanto, a discussão continuou, sobre o que se iria passar no ano seguinte com provas globais e todas as disciplinas. De volta com a circular, a VPCD indicou os valores da tabela que antes tinha referido.

[16.20]

A PCP de seguida apresenta o esquema de organização das provas globais. As provas realizar-se-ão no dia 17 de Junho (Segunda Feira) entre as 9.30 e as 11.30, com uma tolerância de 30 minutos para os alunos do Ensino Especial, havendo, portanto, interrupção das aulas na parte da manhã para todas as turmas e anos, de forma a conseguir arranjar-se professores vigilantes. No turno da tarde as aulas serão retomadas e funcionarão normalmente.

A del. de Hist/3°C não conteve uma exclamação: “... que maravilha...!”

“Não sei se será!” diz a PCP. “Pelos nossas contas, todos os professores que têm aulas à segunda feira de manhã, estarão ocupados com as vigilâncias!”, esclarece a PCP.

“Desde que não tenha de estar aqui... já é muito bom!” responde a del. de Hist/3°C.

A VPCD esclarece que, quando foi procurar nos horários os nomes dos professores para a vigilância, estava a ver que não havia professores suficientes para assegurar as vigilâncias, visto serem poucos os professores com aulas à segunda feira de manhã.

[16.28]

A PCP introduz o ponto seguinte da OT - Processo de Avaliação - ponderação do peso a atribuir a cada uma das componentes.

Começou por explicar a razão de ser desse ponto da ordem de trabalhos. Esclareceu que não era possível esperar mais: já em outras reuniões do CP, a resolução do assunto tinha vindo a ser adiada sistematicamente. Naquele momento tinha de ser tomada uma decisão. Explicou que a situação da avaliação no ano anterior se encontrava na origem do abaixamento dos níveis de exigência e dos resultados (deficientes) verificados este ano. Assim a preponderância dos aspectos relacionados com as atitudes e valores no ano anterior fez com que se descursasse a exigência nos aspectos cognitivos e nas capacidades do processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, tinham sido promovidos alunos que no corrente ano lectivo apresentavam grandes dificuldades na aprendizagem. Em face dessa situação importava, portanto, rever a situação.

*[Julgo que esta questão deve ter sido debatida várias vezes, anteriormente, e os grupos disciplinares deverão ter sido ouvidos, porque seguidamente os del. exprimiram as posições dos respectivo grupos]*

Nesta altura a del. de Port/2°C diz que traz um recado de uma DT para o CP. Segundo a referida DT, a escola e alguns professores, no corrente ano lectivo, não teriam dedicado a devida atenção a uma determinada turma, que segundo a mesma DT, seria a que deveriam ter sido dadas condições especiais.

A del. de C.Natureza/3°C insurge-se com esta situação questionando: “Não sei porque é que a turma deveria ter tido condições especiais!”

A VPCD de forma enérgica, com voz incisiva, afirma a incoerência da posição defendida pela DT, dado que não se apresentavam quaisquer razões para que a turma tivesse recebido condições especiais, já que as classificações obtidas no ano anterior pelos alunos da turma, até não tinham sido más. Nesse sentido não percebia como podia ser dito que a escola e alguns professores não tinham estado atentos às condições especiais da referida turma.

A del. de Hist/3°C, ainda sobre a turma em causa, referiu-se à situação, no ano lectivo anterior (8º ano). Era uma turma muito fraca, que tinha passado em bloco para o 9º ano, o que muito a tinha admirado.

A PCP chamou a atenção para o facto disso ser exemplificativo da situação existente na escola, rematando que "... está visto que a definição de objectivos mínimos, desde há três anos a esta parte não serviu para nada". Por isso torna-se necessário rever a situação, o que está também relacionado com a definição dos critérios de avaliação.

*[Esta intervenção insere-se na linha dominante que se podia perceber no seio do CP, isto é, que devia haver maior exigência nos domínios cognitivos em detrimento dos domínios comportamentais de atitudes e valores]*

A CDT/3°C refere-se igualmente à situação dessa turma esclarecendo que tal se deve à acção da DT do ano passado. Segundo ele a tal DT "levava" os professores a facilitar a avaliação; era uma pessoa muito sensível à situação desfavorável dos alunos e isso terá estado na base da passagem da turma e, bloco, do 8º para o 9º ano.

A VPCD na sequência desta intervenção descreveu uma situação que se passou com ela [Não cheguei a perceber se dizia respeito à tal turma, mas julgo que sim]. Tendo chamado a atenção dos alunos para a falta de estudo e de trabalho dos alunos, e para o facto das classificações poderem pôr em risco a passagem de ano, recebeu de alguns a seguinte resposta-comentário: "... não se preocupe prof., que nós o ano passado estávamos assim e depois acabámos por passar todos..." A mesma VPCD coloca a questão: "De quem é a culpa?".

O del. de E.V.Tecnológica/2°C exclama em resposta: "... somos nós!".

A del. de Hist/3°C testemunha a situação de total falta de interesse e de estudo por parte dos alunos, contando que quando da entrega dos testes corrigidos os alunos galhofam e riem com as notas que obtêm *[Não consegui registar se se tratava da mesma turma]*. São os próprios alunos que tiram notas verdadeiramente calamitosas que mais riem e brincam, quando se faz a distribuição dos testes.

A del. de C.Físico-Químicas/3°C conta um episódio sobre um problema de C.Físico-Químicas (qualquer coisa relativa, à relação tempo-distância- velocidade), uma coisa muito simples que os alunos não conseguiram resolver, mostrando o nível de conhecimentos extremamente baixo que eles possuem.

A del. de Hist/3°C esclarece que em tempos realizou uma reunião da DT com os encarregados de educação no sentido de alterar a situação e o comportamento dos alunos, mas isso parece não ter dado grandes resultados.

A PCP esclarece os presentes que quando o "recado" refere à "escola", ela não se sente nada atingida porque a escola não é só o CD.

"Então e o CT, os professores, os pais...?"

*[É clara a preocupação de todos os presentes de encontrarem culpados da "situação" da turma, mas não é tão evidente a procura de soluções para o problema, e isto é aplicável a todas as intervenções na reunião do CP]*

Por outro lado a CDT/3°C considera que a referência aos "professores" é injusta porque houve professores que tiveram boa vontade interesse no trabalho desenvolvido no âmbito da área-escola com essa turma.

*[Perante a crítica geral à posição assumida pela DT que enviara o "recado", verifiquei no entanto que: 1) os membros do CP não contestaram nunca a via utilizada por ela para fazer chegar ao CP a sua posição; 2) alguns membros mantiveram-se calados sobre o assunto, pareceu-me até com um "ar comprometido", ocorreu-me, por isso que alguns deles tivessem sido ou fosse professores dessa turma - assunto a investigar, se necessário]*

A PCP retomou a palavra para retornar à questão da avaliação: "... o que é que se faz em relação à avaliação?" perguntou ela.

A VPCD em resposta diz que devem seguir-se os princípios gerais emanados do ME.

[17.00]

Entrou na sala a del. de C.Físico-Químicas/3°C.

*[Não me tinha apercebido que ela tivesse saído]*

No uso da palavra, a del. de Port/2°C depois de referir as propostas já apresentadas em reuniões anteriores do CP, defende que importa dar explicitamente maior peso aos domínios cognitivos da aprendizagem, invertendo a situação existente desde há alguns anos. Assim o grupo tinha debatido a questão e era da opinião que na avaliação os pesos a considerar deveriam ser os seguintes: conhecimentos - 45%; capacidades - 45%; atitudes e valores: 10%. Desta forma se evitaria aquilo que estava a acontecer: os alunos chegaram ao 9º ano e irem para o 10º ano sem conhecimentos. Depois mudavam de escola e eram muito prejudicados.

A PCP diz que ela e a VPCD pensam exactamente desse modo. Tem de se dar cada vez mais importância à efectiva aprendizagem dos conteúdos programáticos se se quer que os alunos possam singrar.

A del. de Mat/2°C chama a atenção para as dificuldades no registo da avaliação por componentes - o registo diário é quase impossível com estes alunos tanto mais que o número de alunos por turma não permite isso, o prof. não faria mais nada do que isso. Aponta então como solução a seguinte ponderação: conhecimentos e capacidades: 95%; atitudes e valores: 5%.

A CDT/2°C de forma aberta e acalorada questiona o estabelecimento de percentagens, questionando como é possível quantificar com esse grau de exactidão o que quer que seja relativo à avaliação do trabalho dos alunos. Como é possível separar e atribuir importância diversa aos diversos aspectos da aprendizagem dos alunos.

A del. de E.Física/2°C secunda esta opinião acrescentando que no caso da E.Física, dá-se inclusive o caso que aquilo que são valores e atitudes para outras disciplinas, são o domínio cognitivo para a E.Física.

A PCP vem em defesa da necessidade de estabelecer alguns critérios de uniformidade na avaliação dos alunos levada a cabo pelos professores e CT. "Se não ninguém se entende e os alunos podem ser prejudicados". Por outro lado diz, "a situação da E.Física é muito específica e como tal deve ser tratada". No entanto, isso não significa que não possa existir alguma uniformidade no tratamento da avaliação, por diferentes professores.

A del. de Port/2°C chama a atenção para a interligação entre atitudes e capacidades; encontra grandes dificuldades na avaliação separada destes domínios.

Novamente no uso da palavra a CDT/2°C questiona directamente a del. de Mat/2°C perguntando-lhe como é que ela chega à percentagem de 5% para as atitudes e valores.

A del. de Mat/2°C em resposta diz que os 5% são aquilo que faz a diferença entre passar ou não de ano.

O del. de E.V.Tecnológica/2°C acrescenta que "... a questão só se põe nos casos em que se está entre os níveis dois e três".

A del. de C.Físico-Químicas/3°C diz que o respectivo grupo tinha também conseguido algum consenso de acordo com a ideia geral que deveria dar-se mais importância ao domínio cognitivo do que aquela que até agora era hábito. Deveria começar a incidir a avaliação com mais exigência nos conhecimentos dos conteúdos programáticos. Não tinham, no entanto, avançado com valores percentuais, porque de qualquer forma seriam sempre arbitrários: "... sempre se colocaria a questão, porquê esta percentagem e não aquela?", disse.

A PCP admitindo que a questão não era fácil de resolver, afirmou, no entanto, a sua convicção de que sempre era melhor definir alguma coisa do que cada um seguir aquilo que lhe apetecesse. Para ela, certo, certo, era que as coisas não podiam continuar assim.

A del. de E.Musical/2°C interveio corroborando a posição da del. de C.Físico-Químicas/3°C, isto é, que os aspectos cognitivos são fundamentais, e que as atitudes e valores apenas devem intervir para fazer a diferença entre os que são promovidos e os que não o são.

A del. de Hist/3°C na mesma linha acrescentou ainda que "... só a partir dos 45% é que começamos a interessar-nos pelas atitudes e valores".

*[Numa escala de 0 a 10, deduzi eu, pelo raciocínio feita pela oradora]*

[17.10]

A del. de Hist/2°C chamou a atenção para o carácter relativo da avaliação. Diz que no seu grupo não houve consenso sobre as percentagens a atribuir às diversas componentes. Por outro lado manifestou a certeza de que qualquer que fosse a decisão do CP a diversidade de critérios de avaliação, entre os professores, iria continuar a existir. Torna-se necessário pensar no desenvolvimento de instrumentos de avaliação das atitudes e valores dos alunos. Pelo seu lado, esclareceu que o grupo já algum tempo começara a aplicar uma bateria de testes relativos à avaliação desses domínios da aprendizagem. Esse estudo poderia vir a ser depois utilizado pelos restantes grupos e pela escola, em geral.

A VPCD perguntou-lhe se o grupo tinha tomado alguma posição sobre o assunto.

Em resposta a del. de Hist/2°C disse que não, que não conseguiram chegar a uma decisão sobre as percentagens a atribuir às componentes, conforme tinha sido discutido. Acrescentou que, no entanto, na eventualidade do CP chegar a uma decisão sobre a questão o grupo aceitaria, qualquer que ela fosse.

A del. de Port/2°C afirmou a sua concordância com algumas das ideias expressas pela del. de Hist/2°C atendendo à dificuldade de quantificar de forma precisa a importância das diversas componentes da aprendizagem dos alunos.

A del. de Mat/3°C informou que o seu grupo não tinha conseguido estabelecer uma proposta de valores percentuais para os domínios.

"Qual deverá o ser o plafond?", pergunta-lhe a PCP. "São os 45%, abaixo disso, não!" responde a del. de Mat/3°C, ou seja, abaixo dos 45%, o aluno não aprova, qualquer que seja a avaliação em termos de atitudes e valores.

A del. de C.Físico-Químicas/3°C comenta que concorda com essa opinião.

A PCP faz nessa altura um resumo das posições assumidas pelos diversos grupos e conclui que a maioria se encontra de acordo com a distribuição 45%+45%+10%, respectivamente, conhecimentos, capacidades e atitudes /valores.

*[A informação da PCP é dada não se sabe bem, entre esclarecimento, proposta e decisão - como não foi colocada à votação, nem foi dito que ficava aprovada, subentende-se que não tendo havido oposição formal por parte de nenhum dos membros, aquela forma de ponderação ficou aprovada consensualmente]*

A del. de Hist/2°C pediu a palavra. Começou por dizer que aceitando o que o CP entender aprovar, no entanto queria deixar para os restantes um pensamento. De acordo com o que ficou aprovado, na essência, abaixo dos 45% (numa escala de 0 a 10) as atitudes e valores contam zero. Por outro lado e nesse sentido, para alguns alunos as atitudes e valores contam 0% (os que não atingem os 45% e que portanto não são promovidos) e para outros valem 100% (para os que tendo atingido valores entre 45% e 50%, e que são promovidos). Não tendo alternativas ou outras soluções a apresentar, diz que no entanto deixa essas ideias para reflexão dos presentes.

A del. de Port/2°C diz que não pode concordar com essa interpretação, porque não é correcto dizer que a componente de atitudes e valores não entra. De facto até aos 45%, também as atitudes e valores são consideradas, porque os alunos com resultados positivos no domínio cognitivo são alunos que em relação a atitudes e valores também têm uma avaliação favorável.

A VPCD concorda com esta interpretação. Defende que as atitudes e valores devem funcionar como o factor diferencial nos casos em que os alunos se encontram entre a negativa e a positiva, não sendo portanto factor decisivo, isso porque os bons alunos são-no por que também apresentam bons desempenhos ao nível dos valores e atitudes.

A del. de E.Física/2°C opina que se está a dramatizar a questão, e que de facto as atitudes e valores, na solução encontrada, não contam para nada. “O que é isso de 5% de atitudes e valores? Como é que se mede 5% de atitudes e valores na avaliação dos alunos? Quando é que as atitudes e valores contaram para um aluno aprovar ou reprovar?? Apontem-me um caso em que um aluno com 2 tivesse obtido 3 por causa da componente de atitudes e valores? Não há nenhum!” afirma esta del. de E.Física/2°C.

“Há vários casos!” exclama a VPCD.

A del. de E.Física/2°C volta a desvalorizar a situação até então discutida, afirmando que o que interessa, e isso não foi ali sequer referido, é ensinar melhor. Essa é que é a questão essencial.

Como a del. de E.Musical/2°C mostrasse interesse em falar a PCP deu-lhe a palavra. Ela começou por referir a constante diminuição da qualidade de ensino, porque os alunos que passavam, na sua maior parte não deviam passar de ano. Essas promoções iam acumulando insuficiências dos alunos e quando chegavam ao 9º ano a sua situação era catastrófica.

Aproveitando esta intervenção a PCP defende uma posição de dureza maior na questão da avaliação sobre os conhecimentos adquiridos pelos alunos.

*[Procurando algum olhar de aprovação ou desaprovação sobre este assunto da minha parte, noto olhares prescrutadores, e sorridentes, das del. de Hist/2°C e de E.Musical/2°C]*

A del. de C.Natureza/3°C entretanto introduz um outro problema, a questão da violência, referindo a situação concreta de assédio sexual a uma aluna.

A este propósito a PCP perguntou se a aluna tinha dito quem fora o autor desses comportamentos de assédio sexual. Disse que quando isso acontecia, ou quando era exercida violência ou coacção de alunos sobre outros alunos, raramente se conseguia obter dos ofendidos a identificação dos autores desses actos, devido ao medo de represálias. A del. de C.Natureza/3°C confirmou que não tinha conseguido saber o nome do autor do assédio, mas achava que alguma coisa tinha de começar a ser feita.

Ainda a PCP narrou um episódio em que os pais de um aluno, que se queixava de ter sido roubado por outros alunos, quando se lhes perguntou pela identidade dos tais alunos que roubavam coisas ao filho, disseram que ele (o filho) sabia mas que nem eles tinha dito, porque tinha medo de sofrer represálias. “Ora, assim não pode ser, se ele não quer dizer quem foi, o que é eles queriam que o CD fizesse?”, pergunta a PCP.

Novamente a del. de C.Natureza/3°C refere uma situação em que foi roubado um cachecol a um aluno, voltando a chamar a atenção para a necessidade de fazer alguma coisa para diminuir a ocorrência dessas situações.

[17.35]

A VPCD chamou a atenção para o que se estava a passar com a comemorações das 100ªs lições. Há tempos tinha sido chamada para ver uma sala onde se tinha verificado uma centésima lição: “... estava uma autêntica vergonha!”. “Isto assim, não pode ser!”, disse de forma enérgica. Agradecia, portanto, que avisassem os colegas que se quisessem comemorar as centésimas lições, o fizessem fora das salas de aula ou então utilizassem a sala 426. O que não podia ser eram incomodarem o funcionamento das outras aulas, nem deixar as salas todas conspurcadas.

A del. de Port/2°C chama a atenção para o facto de que já não há mais reuniões de grupo e que, portanto, seria muito difícil fazer esse aviso.

A VPCD pede a melhor colaboração dos del. para fazerem chegar essa informação mesmo que não fosse através das reuniões de grupo. Acrescentou que só pedia isso, se for possível, “... para não chocar as pessoas através de um aviso por ordem de serviço”, disse.

A propósito de ordens de serviço a PCP alertou os presentes para a importância de se lerem as ordens de serviço. Importância para os próprios professores, porque por vezes as informações nelas constantes eram importantes para a situação pessoal/profissional, e não apenas para os aspectos organizativos da escola.

[17.40]

A VPCD saiu da sala.

Entretanto a PCP pergunta aos presentes se têm opiniões sobre a melhor maneira de fazer com que as pessoas leiam as ordens de serviço. Alguns dizem que não tiveram conhecimento de algumas informações porque não há um local fixo e bem identificado onde se encontrem as ordens de serviço.

Em face disso a del. de Port/2°C refere a necessidade de dar maior conhecimento da zona onde se encontram afixadas as ordens de serviço.

“Então é assim...”, diz a PCP “... colocamos um letreiro titulando o local onde se afixam as ordens de serviço, no placard da sala de professores”.

Entra-se no último ponto da OT - Apresentação e aprovação das várias propostas de actividades de complemento curricular (CTL).

A PCP questiona os presentes sobre propostas de actividades de complemento curricular para o ano lectivo de 1996/97.

A del. de E.Física/2°C levanta a questão dos Clubes. Diz que o Desporto Escolar, sim, mas no Quadro Competitivo, não. Isto porque, sem verbas para transportes, não dá. A escola não tem verbas, a Câmara Municipal não dá verbas, então não é possível participar no quadro competitivo do Desporto Escolar, porque não é com transportes particulares que o problema se resolve, e faltar aos jogos não faz qualquer sentido.

Porque não são apresentadas mais propostas, a PCP informa que até 7-6-96, os del. podem fazer a entrega das propostas de actividades. Depois haverá uma reunião da secção do CP para a sua aprovação.

*[Não consegui registar a data da reunião (4-6-96?) nem a composição da referida secção - dados a obter junto da PCP na próxima reunião]*

A del. de Hist/3°C apresenta uma proposta sobre a data de regresso de férias. De acordo com ela a apresentação ao serviço, depois das férias, deveria poder ser feita, até ao dia 6 de Setembro de 1996.

A PCP chama a atenção para o facto de se realizarem exames na primeira quinzena de Setembro. Acrescenta que "... nesta altura não digo, nem que sim nem que não! Vamos estudar a situação, ver as actividades que há para realizar nessa altura. Depois direi qualquer coisa".

A VPCD sugere que, então, se discuta a data de abertura do ano lectivo, já de seguida, mas a PCP atalha de imediato: "Não, não. Não está cá representada a Associação das 'Mães'. Esse assunto só pode ser tratado com a presença do representante da APEE, segundo a legislação", esclarece.

[17.50]

Alguns membros começam a sair da sala. Entretanto alguém coloca a questão da data da realização da reunião seguinte. É sugerida a data de 12-6-96, mas a del. de Hist/3°C chama a atenção para o facto de muita gente poder querer faltar nesse dia, porque o dia 13-6-96 é feriado em Lisboa. Além do mais é muito cedo e não dá tempo para preparar as coisas [Que coisas eram não disse].

A del. de Port/2°C sugere então o dia 19-6-96 (Quarta Feira).

A PCP põe à votação estas duas datas. O resultado: 11 votos a favor de 19-6-96 - aprovada por maioria. Alguém ainda pergunta quais são os assuntos, mas como se notava alguma pressa nos presentes para acabar a reunião, a PCP esclareceu que se comprometia a fazer chegar aos del. a convocatória com a ordem de trabalhos, com 15 dias de antecedência. A reunião termina. [17.57]

## B) 2ª REUNIÃO - 19 JUN 1996

cp102

19/06/96 - 14h 30m - 18h 00m - Escola A

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO

### ANTES DA REUNIÃO

[14.30] - Entrada na Escola. A reunião do CP estava marcada para as 15 horas, mas queria chegar mais cedo para ir recolhendo mais alguns apontamentos sobre o modo de funcionamento do elemento do CD, e eventualmente proceder à escolha de outros elementos de observação na sala de professores. Esses intuítos foram parcialmente gorados.

Dirigi-me para o gabinete do CD. A porta estava fechada, e junto a ela encontrava-se um pequeno ajuntamento de pessoas (cerca de 6/7 pessoas). Deduzi que seriam Encarregados de Educação à espera de serem recebidos pelo CD. Algumas delas eram alunos, e estava presente também uma auxiliar de acção educativa. Passei entre elas e bati à porta. Entretanto a funcionária esclareceu-me que as professoras do CD estavam lá dentro. Ainda perguntei se estavam em reunião, mas ela apenas voltou a dizer que elas estavam lá, sem me esclarecer se estariam ou não em reunião, ou ocupadas com algum e. educação. Como não obtivesse resposta, voltei a bater à porta mas não houve resposta. Em face disso resolvi dirigir-me para a sala de professores, esperando por hora mais próxima das 15h para voltar ao gabinete.

*[A dedução que seriam encarregados de educação à espera de serem recebidos pelo CD, não a consegui confirmar. Nenhum comentário foi feito pela PCP ou pela VPCD sobre movimento anormal de encarregados de educação a quererem ser recebidos. No entanto houve circunstâncias que, acredito, seriam favoráveis à ocorrência de comentários desse tipo, nomeadamente a de a PCP se encontrar irritada e com excesso de trabalho por causa de uma questão de correcção de provas globais, como adiante se descreve]*

Na sala de professores encontravam-se já alguns professores membros do CP. Na sala de fumo estavam a del. de Mat/3°C e o del. de E.Visual/3°C. Algum tempo depois entrou na sala o del. de E.V.Tecnológica/2°C. O dois primeiros falavam sobre um caso de fraude passado num ponto de Matemática, numa turma do 9º ano (segundo me dei conta tratava-se da turma D, aquela que vinha na sequência do 8º D - A história passara-se com um aluno chamado Júlio). Para além disso a conversa afluía também a questão dos jogos de futebol do campeonato europeu (nessa tarde ia realizar-se um jogo com Portugal determinante para a passagem aos quartos de final. A del. de Mat/3°C mostrou-se uma fã do futebol, assistente activa dos jogos de futebol no estádio. Na galhofa o del. de E.Visual/3°C, a propósito do desporto e das relações homem-mulher disse qualquer coisa "...antes as mulheres só tinham clube quando casavam e quando isso acontecia o clube era o do marido...". É volta deste comentário se centrou o resto da conversa que tive a oportunidade de observar.

[14.55]

Como se aproximasse a hora de início da reunião do CP sai e dirigi-me até ao gabinete do CD. Junto da porta apenas se encontrava uma senhora e uma miúda. Bati à porta e veio a PCP. Na sala encontrava-se também a VPCD.

A PCP, muito irritada, queixava-se do facto dos professores de C.Natureza não terem conseguido fazer a correcção das provas globais. Tinham concordado com um dia (18/6/96) para fazer a correcção e agora diziam que não tinham tido tempo suficiente. “Como é que se podia trabalhar assim?” questionava-se. E procurava um assentimento da minha parte. “Como é que num dia não tinham conseguido corrigir 38 provas?”. Três professores para 114 provas globais.

Outro assunto que a estava a irritar era o facto dos professores do grupo quererem atribuir as classificações de frequência, só depois de serem conhecidas as classificações das provas globais. Ela achava que as duas coisas deviam ser distintas, que os professores deviam, antes de saberem os resultados das provas globais, fazerem as suas propostas de classificações de frequência. O grupo disciplinar entretanto era de opinião contrária. Também nesse assunto, enquanto se ia queixando dos professores, procurava saber a minha opinião, obter a minha concordância.

[15.05]

Estávamos a sair do gabinete para irmos para a reunião do CP, quando uma e. educação (de etnia negra) entrou na sala para falar com a VPCD. Pelo que me apercebi do início da conversa, o encontro era da iniciativa da VPCD, e o assunto prendia-se com o facto da educanda (uma aluna chamada [nome - 20]) por mais de uma vez ter consigo avultadas quantias em dinheiro (cerca de 30 contos). Nas palavras da VPCD, elas achavam isso estranho e inusual, além da aluna correr o risco de ser assaltada, o que poderia pôr em perigo a sua própria segurança. A e. educação disse que essas quantias eram o resultado do trabalho da própria aluna. Ela trabalhava em publicidade (sic) e esse dinheiro era efectivamente dela. A VPCD retorquiu que “sim senhora, mas isso não deixava de preocupar os órgãos directivos e os professores da escola, por a aluna andar com tanto dinheiro, na escola”. “Outros alunos também trabalham em publicidade e não andam na escola com tanto dinheiro” disse a VPCD.

Enquanto esta conversa decorria, eu e a PCP saímos do gabinete e dirigimo-nos para o primeiro piso, para a sala onde ia realizar-se a reunião do CP. Comentávamos aquela situação, com a PCP dizendo que o “trabalho” da aluna “é mas é outro”, insinuando uma actividade de “prostituição”, pelo que pude aperceber-me.

*[Esta é uma dedução que fiz, tanto pela frase utilizada como pela forma, entoação e mensagem subentendida produzida. Além disso, logo de seguida essa dedução obteve confirmação pelo que a seguir se descreve]*

Ao passarmos junto de uns professores e uma funcionária que se encontravam a conversar no início das escadas, verificou-se uma troca de palavras entres estes e a PCP. De seguida esta virou-se para mim e disse qualquer coisa como “era o que eu pensava, aquela aluna está grávida...” aumentando ainda mais a suspeição a sobre a actividade de prostituição como origem daquelas quantias que a aluna trazia para a escola. Nessa altura perguntei qual era a idade da aluna. A PCP disse que teria cerca de 16 anos.

#### 1ª PARTE DA REUNIÃO

[15.10] - A sala onde ia decorrer a reunião encontrava-se preparada de forma habitual, as mesas dispostas conforme a planta em anexo. Muito poucos professores se encontravam presentes na sala. Cerca de 5/6 membros.

Alguns comentários dos presentes sobre as razões do reduzido número de presentes, ao mesmo tempo que se registavam referências ao jogo de futebol que por volta das 16.30 iria iniciar-se.

O del. de E.V.Tecnológica/2ºC sentou-se junto da PCP e pelos comentários percebeu-se que ele é que iria fazer a acta da reunião. Alguns piropos sobre esse facto foram lançados por alguns presentes, brincando com a vontade de trabalhar do visado.

[15.15]

A PCP decide não esperar mais tempo e dá início à reunião. Estavam na sala cerca de 13/14 membros, posteriormente entrariam mais 4 membros. Ela começou por informar que a leitura e aprovação da acta da sessão anterior não se realizariam por que a pessoa que tinha ficado responsável por esse trabalho estava de baixa de doença.

A PCP pôs a circular um maço de folhas com a informação sobre a Ordem de Trabalhos. Como não havia em número suficiente, não fiquei com nenhuma.

A Ordem de Trabalhos era constituída por 4 pontos:

- 1 - Leitura da Acta
- 2 - Informações
- 3 - Critérios a ter em conta na Avaliação Final do 3º período
- 4 - Projecto Educativo de Escola.

Seguidamente a PCP passou ao segundo ponto da Ordem de Trabalhos. Procedeu à leitura de um documento elaborado pela profª. responsável pela mediateca intitulado “Informação/Protesto” (ver nexos 2). Nesse documento aquela profª. insurge-se contra uma situação ocorrida no espaço mediateca/biblioteca. A sua utilização para a instalação e o visionamento de um jogo do campeonato europeu de futebol, no dia 18/6/96, por alunos (turma 9º B) acompanhados por uma profª., tinha resultado na desprogramação dos computadores existentes lá existentes.

Nesse mesmo documento era questionada a decisão de utilização da mediateca/biblioteca para a exposição das actividades da Área-Escola.

[15.20]

PCP num primeiro comentário ao documento quer acabara de ler, afirmou que se encontrava totalmente solidária com a posição da colega coordenadora da mediateca/biblioteca. Nesse contexto insurge-se contra a mania que parece ter avassalado as pessoas relativamente aos jogos de futebol, deplorando fortemente que por causa do futebol se tenha verificado uma situação como aquela. No tocante à segunda parte (deduzi que esta segunda parte



se refere à utilização do espaço para efeitos da exposição da Área-Escola), disse que "... nessa 2ª parte, eu também tenho culpas no cartório".

Entretanto a del. de E.Física/3°C, a profª. que estava em causa, tinha sido ela que tinha acompanhado os alunos naquela actividade, disse que apenas tinha deixado os alunos durante cinco minutos, enquanto tinha ido à sala de professores. E que de qualquer modo tinha estado presente o Sr. [nome de aae - 9]. Por outro lado ela nunca tinha tido quaisquer problemas com os alunos da turma 9ª B.

Esta intervenção gerou uma troca de palavras, um pouco crispada entre a PCP e a del. de E.Física/3°C, trocando razões e justificações sobre a situação ocorrida.

*[Este diálogo/discussão entre estas duas professoras, prolongou-se durante alguns minutos, numa situação algo desconfortável para os restantes presentes, por um lado porque as críticas da PCP eram fortemente desvalorizadoras para a del. de EFis/3°C, e por outro porque esta não queria dar o braço a torcer, mesmo vendo-se que os seus argumentos eram bastante fracos - acresce ainda o facto de, à primeira vista, me parecer que se trata de um dos elementos mais jovens do CP - a questão que se me colocou de imediato foi a de se saber se fosse outro elemento mais "velho" na escola, a reacção da PCP seria do mesmo teor e natureza]*

A del. de Ing/2°C opina que a situação verificada deve ser corrigida, chamando a atenção dos alunos responsáveis, ao mesmo tempo que se deveria tomar medidas para que na utilização da mediateca/biblioteca para a exposição da Área-Escola não sucedesse coisa idêntica.

A CDT/2°C refere que a empregada [qual?] tinha dito que também podia vigiar o espaço. A PCP, embrenhou-se numa explicação sobre a gestão do pessoal auxiliar. Essa explicação passava pelo gozo de férias de um funcionário que tinha pedido a rescisão do contrato (nesse caso o funcionário tinha direito a gozar dias de férias antes da saída da funções) e pelo baixa por doença de uma outra auxiliar de acção educativa.

Concluiu, dizendo que a falta de pessoal não tinha facilitado as coisas. Isso tinha sido um dos condicionamentos da opção de utilização da mediateca/biblioteca para a exposição da Área-Escola. A VPCD entretanto pergunta qual vai ser o horário da exposição.

Num comentário geral sobre a situação ocorrida na mediateca/biblioteca a del. de Hist/3°C opinou que "este ano as coisas não correram muito bem". Segundo ela "alguns professores da escola não conhecem as turmas". Dessa forma se explica o excesso de confiança que foi dada por alguns aos alunos e as turmas, o que no final dá estes resultados.

Retomando a questão da exposição da Área-Escola, a CDT/2°C afirma que a ideia de a realizar na mediateca/biblioteca tinha sido a de permitir uma melhor organização dessa actividade.

A CDT/3°C por seu lado, procurando um critério de justiça e equidade face ao "ataque" da PCP à del. de E.Física/3°C, defende que na situação verificada "existe um conjunto de pessoas implicadas e não só a [nome da del. de E.Física/3°C]", indicando a Turma, o funcionário, etc.

Nesta linha de argumentação o del. de E.Visual/3°C acrescenta que uma coisa que teria de ser dita, É que tinha percebido que tinha havido boa fé da parte de todos, e que não se poderia admitir que uma "cambada se porte desta uma forma com aqueles que procuram ser-lhes agradáveis". Uma actividade promovida por uma profª., que à partida era uma actividade agradável para eles, não pode compreender-se que eles paguem dessa forma.

Esta intervenção dá origem a um retorno à questão de como a situação surgiu e como foi possível os alunos terem desconfigurado os computadores.

Alguns discutem se aqueles alunos têm ou não conhecimentos de informática suficientes para desconfigurar os computadores.

A del. de Mat/3°C diz que actualmente não é muito difícil, nem leva muito tempo, a desconfigurar os computadores. Qualquer miúdo que saiba ler pode ir ao gerenciador do Windows e apagar automaticamente tudo o que se encontra no disco rígido.

A PCP conta que certo dia ao entrar na sala 18, 2/3 alunos tinha trepado para dentro da sala, através do alçapão. Isto para dizer que é preciso ter muito cuidado com os alunos. Se se não tem cuidado eles depois fazem-nos destas.

A del. de Mat/3°C conta por seu lado que na sala 11 certa vez, ao entrar, deparou com três alunos lá dentro (no entanto a porta estava fechada), que de repente, lhe pareceu, esconderam as cartas, com que estavam a jogar.

A PCP diz que não há razão nenhuma para eles terem esse comportamento, jogar às cartas às escondidas, pois não existe na escola proibição do jogo de cartas. Além do mais eles têm a sala de convívio onde podem jogar às cartas que ninguém os incomoda por isso.

*[Continua o rol de tropelias dos alunos]*

A del. de C.Físico-Químicas/3°C chama a atenção para o estado lastimoso em que se encontram os tampos das carteiras onde os alunos se entretêm a fazer desenhos, até com tinta correctora que é quase impossível limpar sem danificar os tampos. Refere igualmente que recentemente (mês de Março) desapareceram livros de ponto e que alguns se encontravam rasurados no local de marcação das faltas.

A del. de Hist/3°C refere o risco com corrector branco, feito nas paredes (internas de um pavilhão de salas de aulas), dando a impressão que algum aluno se entreteve a pintar a parede à medida que ia passando, desde o piso de cima até ao rés-do-chão.

A PCP voltando à questão dos computadores, disse que ia "chamar alguém para arranjar, e eles pagam", referindo-se aos alunos do 9º B. "Se não pagarem não são matriculados", acrescentou a mesma PCP.

A del. de E.Física/3°C volta a dizer que nunca esperou que eles se comportassem daquela maneira, porque “nunca tinha tido problemas com eles”. Acrescenta a PCP : “Pois. A colega fica-se com esta: pregaram-lhe uma partida, e que partida!. Patifarias”.

A del. de Mat/3°C informa que a porta da sala 20 não fecha, e que já se verificou a falta de algumas coisas (da disciplina de História). A PCP esclarece que não sabia de nada, ninguém informou o CD sobre a situação.

*[Segue-se uma pequena troca de palavras entre a del. de Mat/3°C e a PCP, sobre se informaram ou não o CD, algum dos seus membros]*

A discussão sobre o comportamento dos alunos, estende-se mais algum tempo, com referências às queixas de alguns alunos, relativamente a outros, por lhes baterem. É opinião geral que, no entanto quando se lhes pede que indiquem os colegas que fazem tropelias e lhes batem, eles não dizem nada e não indicam nomes.

Diz a PCP, por isso é que “... tenho muita pena, mas por vezes não tenho pena nenhuma...” Eles quase sempre fazem “panelinha” entre eles, e depois queixam-se quando lhes toca.

E referindo-se, à afirmação feita por um dos presentes que isso também se devia ao “medo de represálias”, porque até os pais, que por vezes sabiam pelos filhos quem tinha sido, também não indicavam os autores, por terem esse medo, a PCP disse que se era assim então nada a fazer. Porque ter medo, ela também tinha os seus medos e as suas frustrações, agora não tinha nada, para além disso de estar a aguentar também com os medos dos outros. Das duas uma, ou diziam o que sabiam, ou então nem sequer deveriam esperar que o CD andasse a fazer de polícia a investigar, coisas como roubos e ameaças.

Esgotado mais ou menos este assunto e ao mesmo tempo o ponto de informações, a PCP perguntou aos presentes se tinham algumas informações a prestar. O del. de E.V.Tecnológica/2°C ia começar a falar: “... os manuais escolares...” quando a PCP o interrompeu. Esta depois disse: “... bom se queres dizer, diz, mas eu não perguntei nada porque ainda estamos, muito dentro do prezo para tratar desse assunto.” Como o del. de E.V.Tecnológica/2°C perguntasse quando é tinham de entregar as escolhas, a PCP esclareceu que elas terão de ser feitas até ao dia 30 de Junho.

[15.50]

A PCP passa então para o ponto 3 da OT - Critérios a ter em conta na Avaliação Final do 3º período. Começou por fazer um discurso sobre a natureza e a importância da avaliação do 3º período e da necessidade de adoptar critérios uniformes no tratamento da questão da avaliação, por todos os professores e grupos disciplinares. “Quem quer começar?” pergunta a PCP.

*[A del. de Port/2°C sai do seu lugar e vai para a ombreira da porta fumar]*

O del. de E.V.Tecnológica/2°C diz, referindo-se aos critérios de avaliação: “Os mesmos do ano passado, com base no trabalho então realizado!”. Mais informou que essa era a opinião do seu grupo disciplinar. A del. de C.Natureza/2°C diz: “... parte desse trabalho, porque devem ser feitas alterações à redacção do ponto relativo às classificações”.

A PCP pergunta então se ela tem o documento do ano passado, ali com ela. “Estão aqui pessoas que não sabem quais foram os critérios do ano passado”. Propõe que sejam tiradas cópias do documento do ano passado para serem entregues a todos os presentes.

De imediato o del. de E.Visual/3°C levantou-se do lugar e saiu para ir tirar as cópias. Perguntou, antes, quantas cópias, dirigindo-se à PCP. Esta respondeu que 20 era capaz de chegar.

*[Verifica-se um compasso de espera, enquanto se espera que as fotocópias venham, as pessoas descontraem-se e conversam, com o colega do lado, alguns saem para desentorpecer as pernas, outros para fumar]*

A VPCD dá uma informação, a pedido da del. de C.Natureza/3°C, que é a posição do grupo sobre os critérios de avaliação. “Os do ano anterior estão bem feitos, apenas necessitando de algumas alterações”. Essas alterações tem a ver com a especificação mais concreta sobre a definição das condições de atribuição dos níveis de classificação.

Entretanto a del. de Hist/3°C recorda-se que tinha um recado de uma colega (não consegui perceber de que colega se tratava): que vinha mais tarde por causa da revisão do carro.

[15.56]

A del. de Port/2°C diz que vai comprar águas, e pergunta se mais alguém quer.

[16.00]

Regressa o del. de E.Visual/3°C regressa, entretanto, com as cópias do documento sobre os critérios de avaliação adoptados no ano anterior. Procede-se à entrega dos exemplares aos membros do CP.

Regressam à sala as del. de Port/2°C e de E.Física/3°C.

A PCP reinicia os trabalhos, perguntando quais as adendas/alterações que são propostas para os critérios do ano anterior.

A del. de C.Natureza/2°C intervém dizendo que a proposta é da de acrescentar no ponto relativo ao nível Um o seguinte texto. “As percentagens nos testes forem sempre muito baixas, em média entre 0 e 19%”.

A PCP pergunta se “mais algum grupo tem alterações a fazer”.

A discussão sobre as condições e circunstâncias da atribuição do nível um traz à colação a questão da assiduidade dos alunos. Questões relativas à marcação de faltas dos alunos, e as suas consequências são referidas pela del. de C.Natureza/2°C.

A VPCD refere a necessidade de especificar, também, para os restantes níveis, os parâmetros percentuais, que enquadrem a sua atribuição.

A del. de E.Física/3°C, pretende saber, e coloca algumas dúvidas, como se procede à avaliação no terceiro período. Nomeadamente levanta a questão da relação entre os níveis atribuídos no 1º e 2º períodos e a avaliação do 3º período. “Um aluno que tivesse 5 e 3 nos dois primeiros períodos poderia ter 2 no terceiro?”

*[Pareceu-me que havia ali alguma confusão no conceito de avaliação contínua - pareceu-me até que alguns professores mais novos, calculavam o nível da avaliação final, como um nível médio calculado a partir dos níveis dos três períodos]*

A PCP chamou a atenção para a necessidade de haver alguma coerência entre as avaliações dos três períodos, atendendo a que a avaliação era contínua. E que a verificar-se aquela evolução na avaliação do aluno, alguma coisa estava a correr mal. Adiantou que numa situação dessas, tinha a certeza que um eventual recurso ou reclamação do e. educação, seria ganho, e a avaliação teria de ser alterada.

A VPCD apresenta nova proposta, agora sobre o nível dois: “O nível percentual médio estiver compreendido entre 20 e 44%”.

Esta proposta, origina a intervenção da CDT/2°C que pergunta: “...então e entre os 45% e os 49%?”. Deveria ser entre 20 e 49% e não apenas até 44%.

A del. de C.Natureza/2°C defende que deve ser até 44%. Diz que “negativa, negativa é até 44%, porque entre 45% e 49% já não é bem negativa, já há ponderação, e portanto é positiva”. A PCP procura que sejam clarificadas essas diferenças, questionando: “... então em que é que ficamos?” Finalmente opta-se pela proposta original, isto é, “entre 20% e 44%”.

O del. de E.Visual/3°C nesta altura *[já um pouco desfasado!]* questiona se se vai acrescentar esse tipo de alteração a todos os níveis. Acha que antes de mais o CP deve decidir se se devem fazer essas alterações (isto é acrescentar ao texto anterior, especificações de natureza quantitativa) já que essa decisão ainda não havia sido tomada. Não fosse dar-se o caso de se estar com todo aquele trabalhos e depois haver dúvidas sobre a inclusão dessas especificações.

A PCP esclareceu, então, que o que se estava a fazer, era simplesmente acrescentar ao texto dos critérios de avaliação do ano anterior, algumas especificações decorrentes das decisões tomadas na anterior reunião do CP.

[16.20]

A del. de Mat/3°C saiu da sala.

A PCP acrescenta que “muitas vezes os professores não ligam nada a isto”, referindo às decisões tomadas no CP, “nem sequer ligam aos parâmetros qualitativos, quanto mais...”. Continua dizendo que muitos dos professores nem sequer levantam os papéis (documentos com informação sobre as decisões tomadas no CP).

O del. de E.Visual/3°C refere a necessidade de uma melhor comunicação entre o CP e os restantes professores da escola. Talvez, gerindo de forma mais eficaz os placardes da sala de professores.

A PCP pergunta então aos presentes: “...quem concorda que se devem juntar aos critérios aprovados no ano anterior, a discriminação dos parâmetros quantitativos (percentuais)?”. Todos concordam.

A VPCD continua, agora para o nível três, dizendo que a adenda, deverá ser: “O nível percentual médio, estiver compreendido entre 50% e 74%”, devendo ainda acrescentar-se no primeiro parágrafo “entre 45% e 49%”.

Gera-se alguma discussão, porque há quem considere que 74% já não se pode considerar como “conhecimentos mínimos”. Essa opinião é defendida, nomeadamente pela PCP. A VPCD defende esses valores, esclarecendo que o ponto de partida para a sua consideração são os próprios documentos do ME.

Esta explicação foi aceite.

*[referia-se, concretamente a um diploma que contém uma grelha de equivalências entre a notação de 0-20 e os níveis de 1-5]*

A PCP passa então para o nível quatro. “Vamos lá, mais achegas! Para o nível quatro como fica?”. A VPCD diz: “acrescentar ‘... o nível percentual médio deve estar compreendido entre 75% e 89%’”. A PCP, referindo-se ao texto original dos critérios de avaliação, chama a atenção para o termo “eficaz”: “... agora aqui, vamos pegar num adjectivo “eficaz! O que é eficácia?”.

Exclamações de vários presentes: “Oh, não! Oh, não!”, como que querendo dizer, “não vamos agora entrar nesse tipo de discussão”.

*[A forma e o momento em que a questão é introduzida pela PCP pareceu-me ser uma questão algo artificial]*

Mesmo assim a del. de Ing/2°C, uma das autoras do documento original, fez questão *[este é mesmo o termo correcto]* de explicar “porque tinha utilizado a palavra “eficaz”. Essa explicação não satisfaz completamente a PCP que retorquiu, a certa altura da mesma, que o conceito de eficácia também podia utilizar-se a propósito do nível 3: “... um aluno de nível três pode também aplicar os seus conhecimentos de forma “eficaz”, argumenta.

[16.27]

O del. de E.Visual/3°C que estava na ombreira da porta a fumar, volta para o seu lugar.

A volta do conceito de “eficaz” e da diferença entre os níveis 3 e 4, gera-se um debate que reclama os conceitos de normal, bom e excelente.

A certa altura a del. de Port/2°C, ao mesmo tempo que se levanta e dirige para a entrada da sala, para fumar um cigarro, a propósito de “excelente” pergunta “... há o excelente nos professores?...”.

*[Esta questão é intempestiva, fora do contexto da discussão, mas mesmo assim não é rejeitada pelos presentes]*

A PCP explica em que consiste a avaliação extraordinária dos docentes para a obtenção da classificação “excelente”. A del. de Hist/3°C acrescenta a essa explicação que “... mas há numerus clausus para os excelentes!”.

O del. de E.Visual/3°C, em conversa, à margem, com a del. de Ing/3°C “brinca! com o trocadilho “... uma boa aluna e uma aluna boa.”

A del. de Mat/3°C sai entretanto, novamente, da sala.

Continua a discussão em torno do conceito de “eficaz”, com a PCP a não ser convencida da bondade da utilização desse termo a propósito do nível 4. A del. de Mat/2°C inicia uma explicação desse “conceito” no âmbito da disciplina de Matemática, procurando mostrar as diferenças entre os níveis 3, 4 e 5. Refere, nomeadamente alguns casos concretos, distinguindo a “aplicação das fórmulas matemáticas a novas situações” da memorização e aplicação a situações já conhecidas. Diz que isso é que distingue os níveis 4 e 5 do nível 3.

O del. de E.Visual/3°C, refere o cuidado a ter na redacção dos critérios de avaliação porque “... nós temos de ver a questão da linguagem, para os alunos e para os pais! Eles sabem o que significa ‘eficaz’?”, pergunta.

A PCP coloca a proposta de alteração dos critérios de avaliação: “Colegas, quem é que concorda com o documento com todas estas alterações?. Todos os presentes concordam. Acrescenta que estas alterações serão publicitadas junto de todos os professores, para além da informação que os del. farão chegar aos respectivos grupos.

Depois da votação a PCP indica que a CDT/3°C e CDT/3°C trazem, da parte dos directores de turma, alguns casos particulares de avaliação.

A CDT/2°C apresenta, então, a questão de uma aluna que, por motivo de doença prolongada, não tem assiduidade no 3º período. Foi pedido um esclarecimento à DRELx e a resposta foi que “o CT é soberano sobre a atribuição dos níveis”, devendo no entanto haver uma ratificação do CP. A PCP diz que esse assunto já foi conversado e que ela, a VPCD e a Natália (profª.), acham que a aluna podia ter nível 3 a todas as disciplinas. Como ninguém não se opõe, a solução a seguir parece ser aquela.

*[No entanto não há uma decisão formal, com votação]*

A CDT/2°C refere outra situação. Trata-se de uma aluna que deixou de vir à escola desde 2 de Maio. “Que fazer neste caso?”, pergunta. O del. de E.V.Tecnológica/2°C pergunta. “É a Raquel?”. Responde a PCP: “Não é. A Raquel já está arrumada! Não, não é essa.”. Acrescenta que é uma outra situação, de uma aluna que vieram a saber deixou de vir à escola, porque entretanto a mãe arranhou emprego e ela passou a ficar em casa a tomar conta dos irmãos mais novos. A CDT/2°C pergunta se alguém sabe que notas a aluna teve antes. A del. de Mat/2°C, por seu lado pergunta se as faltas são ou não justificadas. Resposta imediata da PCP e da VPCD: “São injustificadas!”. Entretanto a CDT/2°C acha que isso não tem nada a ver: “Isso não interessa”.

*[Neste caso também não há uma decisão formal do CP, e fico com a ideia que a solução será idêntica à adoptada para o caso seguinte: atribuição de nível 1]*

A CDT/2°C apresenta um outro caso, semelhante ao anterior, mas agora relativo a um rapaz. Dá-se o nível 1, dizem diversos elementos do CP. Nesse sentido se pronunciam também a PCP e a VPCD.

A CDT/2°C continua a apresentação de mais situações problemáticas. A seguinte é o caso de duas alunos que, vieram de fora, e que entretanto pediram equivalências. Uma delas tem assistido às aulas, mas a outra não, porque entendeu que iria ter equivalência a uma série de disciplinas e que portanto não tinha que assistir às aulas. No entanto, o despacho de equivalências, ainda não chegou à escola. Em resumo, os professores, no momento não possuem elementos de avaliação suficientes para atribuir classificações, e a aluna também não “fazem por isso”. “Então é dois!” diz a VPCD.

Sobre este caso, a del. de Hist/3°C levanta a questão sobre a atribuição de um nível, já que alguns professores não possuem quaisquer elementos de avaliação. *[Questão que fica sem discussão e sem resposta]*

A CDT/2°C refere ainda mais dois casos. um deles dizia respeito a uma aluna que veio de S. Tomé e Príncipe, o outro era o de um aluno que praticamente não tinha vindo às aulas no terceiro período. Quanto ao primeiro a del. de Hist/3°C opina que a aluna seria avaliada com os elementos que os professores possuissem. Relativamente ao segundo, a opinião geral era a de que deveria ser atribuído nível 2 (às diversas disciplinas) no terceiro período.

Passando a outro assunto, a CDT/2°C coloca a questão dos alunos que não transitam e que no ano seguinte estarão já fora da escolaridade obrigatória. A PCP informa que todos esses alunos deverão depois ir ter com a D. Eduarda, para saberem como se vai processar a sua transição para o Ensino Recorrente.

[18.50]

Uma funcionária chega ao pé da porta e chama a CDT/2°C. Esta levanta-se e sai de sala.

A del. de C.Físico-Químicas/3°C, nesta altura coloca a questão dos exames do 9º ano de escolaridade. Nomeadamente, pretende saber como se processam as candidaturas. “Os alunos inscrevem-se, ou vão automaticamente a exame? Os alunos retidos, mas dentro da escolaridade obrigatória, podem fazer esses exames? E os alunos que não estejam matriculados na escola, podem inscrever-se? Para estas questões a PCP esclarece que os alunos têm de inscrever-se, apenas os alunos fora da escolaridade obrigatória podem fazer esses exames e que pode haver alunos autopropostos, isto é que não tenham estado matriculados em nenhuma escola.

PCP pergunta aos presentes se querem fazer um intervalo, ou continuar a reunião. O del. de E.Visual/3°C exclama de imediato, e face à indecisão que pareceu existir no seio dos presentes, que ele pelo menos quer ir tomar um café. Mais ninguém disse nada, mas a grande maioria começou logo a levantar-se dos seus lugares.

## DURANTE O INTERVALO

[18.47] - Abandonei a sala juntamente com outros membros do CP. Dirigi-me para a sala de professores, para tomar um café. Junto ao balcão do bufete, encontravam-se alguns membros do CP. Enquanto esperava ser servido, reparo que a CDT/2°C e a del. de Mat/2°C comentam o caso da mediateca, em termos críticos relativamente à posição da PCP, nomeadamente a atitude desta para com a del. de E.Física/3°C. A del. de Mat/2°C diz que a PCP foi excessivamente dura nas críticas à del. de E.Física/3°C.

Depois de tomar café fui para a sala de fumadores. Nesta sala encontravam-se as del. de E.Física/3°C e de Mat/3°C. A primeira, sentada no sofá, via-se que ainda se encontrava abalado, em silêncio e com um olhar distanciado, ouvia o que a outra ia dizendo, sem se manifestar. Esta última, a del. de Mat/3°C procurava “consolá-la” pelo que se tinha passado na reunião. Dizia-lhe para não pensar mais naquilo, que encarasse aquilo como uma partida dos alunos e que eram coisas que podiam acontecer a qualquer um.

## 2ª PARTE DA REUNIÃO

[17.13] - Reinicia-se a reunião. A PCP faz uma pequena introdução da questão que vai ser tratada: Avaliação Especializada. Diz que no ano anterior havia sido definido que as retenções repetidas, consideradas pelo regime de avaliação, seriam apenas as que se verificassem no mesmo ano de escolaridade. Apenas se consideram como repetência de retenção (para efeitos de avaliação especializada) as que se tiverem verificado no mesmo ano de escolaridade. Coloca depois à consideração dos presentes, se se mantém esse critério. Procede-se à votação e todos os presentes votam a favor.

Seguidamente a PCP passa a ler o despacho normativo 98-A/92 (Regime de Avaliação do Ensino Básico), dando especial ênfase ao articulado relativo à importância da avaliação do domínio oral e escrito da língua portuguesa, e à obrigação de todos os professores a terem de incorporar nas suas avaliações e aos procedimentos a realizar no caso da retenção dos alunos no caso da avaliação especializada.

[17.20]

A PCP informa, de seguida, que as reuniões de avaliação realizar-se-ão nos dias 16-26-28/Junho/1996 e as pautas afixadas a 2/Julho/96. Chama a atenção para a importância dos processos serem organizados segundo as regras normativas estabelecidas no regime de avaliação. A participação dos encarregados de educação é considerada como primordial, de forma a não haver problemas com os recursos ou reclamações. Um dos presentes pergunta, com quantos dias de antecedência devem os pais e encarregados de educação serem contactados. A PCP diz: “damo-lhes três dias”. Como para os recursos, o prazo de entrega são três dias, podemos dar também os três dias para o DT contactar os encarregados de educação.

A CDT/3°C levanta a questão das matrículas se realizarem a 3/Julho/96, o que faria com que esses alunos não se pudessem matricular nessa altura. PCP esclarece que como as matrículas começam com os alunos do 9º ano, e porque em relação a estes não há retenções repetidas (é o segundo ano em que há 9º ano na escola), talvez não haja incompatibilidade entre o calendário das matrículas. Diz, então, que os pais deverão até ao dia 5/Julho/96 apresentar o seu parecer, por escrito, sobre a proposta de retenção no quadro da avaliação especializada. A del. de Ing/3°C pergunta: “E se os pais não aparecerem?”. Responde a PCP: “Se não aparecerem, a opinião dos pais não é vinculativa, é porque aceitaram a decisão do CT, e portanto o CP dá seguimento aos procedimentos normais previstos no regime de avaliação”.

Seguidamente a PCP pergunta qual o melhor dia para a reunião do CP destinada a analisar todos esses processos. Duas datas são postas em alternativa: 9 ou 10 de Julho. Finalmente fica decidido que a reunião será realizada no dia 10/Julho/96, às 9.30.

A del. de Hist/3°C pergunta: “Já acabou a reunião? e faz tenções de se levantar. A PCP responde que “ainda não”. Diz que ainda falta o último ponto da OT - Projecto Educativo de Escola.

Como nota introdutória do assunto, a PCP refere o quadro legal que indica a necessidade da existência de um projecto educativo. Acrescenta que, até esta data, “nós não temos um projecto educativo”. Até agora, “todos os anos temos tentado começar a tratar desse assunto, mas nunca foi possível”. O que temos feito até agora, tem sido sempre o PAA, o que não é a mesma coisa que Projecto Educativo. “Digamos que podemos dizer que temos uma aproximação ao Projecto Educativo.

[17.35]

Seguidamente a PCP: “pedia que saísse daqui do CP uma equipa de professores para pôr de pé um PEE”. É claro que não era o grupo que ia fazer, “assim de uma vez por todas” o PEE, apenas seria um grupo de arranque para colocar as coisas em movimento, porque o PEE não pode ser obra apenas de dois ou três “iluminados”.

Neste momento a del. de Geo/3°C entra na sala *[não me apercebi o momento em que saíra]*

A del. de Port/2°C diz que “não sabe nada disso”, referindo-se ao PEE. É uma coisa sobre a qual não tem conhecimento nenhum, no entanto é capaz de ser interessante.

A PCP pergunta: “Quem é que está disponível para integrar esse grupo?” Acrescenta que será assim como que uma nova secção do CP. Como ninguém se oferecesse para o grupo, a PCP diz que “... estou a dirigir-me especialmente aos professores efectivos, aos professores da “casa”, e imediatamente começa a referir nomes: “vamos ver... a... [del. de EMRC] fica cá para o ano...” “Parabéns! Parabéns!” exclamam vários membros.

"Eu também fico!" diz a PCP em tom de brincadeira.

A del. de Hist/3°C: "Eu, por acaso..." A PCP ouvindo isto aproveita logo a disposição de alguém que quer intervir sobre o assunto: "Diz lá então...", virando-se para aquela del...

A del. de Hist/3°C diz que achava "...interessante fazer qualquer coisa como, assim como a Interculturas, para o PEE"

"Por que não?!" diz a PCP.

Aquela profª. procura explicar o que a levava a pôr aquela hipótese para o PEE. Explica que por vezes se admirava pelos comportamentos racistas. Achava até que por vezes os alunos de etnia negra tinham atitudes mais racistas que os outros alunos. Ela explicava isso como um mecanismo de defesa, por serem minorias e por se sentirem ameaçados. Daí a maior coesão entre eles e as respostas racistas, por vezes violentas. Assim achava "que esse assunto das Interculturas" seria muito interessante para o PEE. Podia-se "solicitar apoio às embaixadas dos PALOP's..."

A PCP opina que "combater o racismo", no ano anterior tinha-se procurado combater a violência no âmbito da Área-Escola", seria um bom tema para o PEE. Acrescenta a del. de Hist/3°C "... mais do isso, trata-se de procurar integrar os alunos...". Dar-lhes apoio em termos linguísticos, por exemplo, o que poderia ser feito com a ajuda das embaixadas.

Um dos presentes diz que viveu em África e que lá o comportamento "deles" não era tão racista como cá, ao que o del. de E.Visual/3°C referindo-se ao comportamento dos alunos das minorias étnicas, relativamente aos restantes, diz que "não é de admirar esses comportamentos, porque lá "eles" não vivem em "guetos sociais" como cá, e portanto não existe a discriminação como a que existe cá".

A del. de Mat/2°C conta que tem uma amiga que estuda na Faculdade de Medicina, e que lhe conta coisas perfeitamente inconcebíveis sobre a discriminação a que se encontram sujeitos os alunos africanos, por parte dos seus colegas brancos.

A PCP pergunta, então, directamente à del. de Hist/3°C: "... então queres entrar?". "Tenho redução?" pergunta esta mas sem esperar resposta, logo adianta que sim: "Pronto eu entro!".

Depois de mais algumas trocas de opiniões fica o grupo do PEE ficou assim constituído: a PCP, a CDT/2°C, as del. de EMRC, de Hist/3°C e de Port/2°C.

[17.45]

O del. de E.Visual/3°C entretém-se a ler uma revista, completamente ausente da reunião.

As del. de Hist/3°C e de Port/2°C, entretanto dizem que "vão sair do CP". Esclarecem que no próximo ano "calha a outros serem del. de grupo" [dão a entender que o critério da rotatividade funciona nos respectivos grupos] e que portanto elas no próximo ano não estarão no CP.

A PCP esclarece que, o grupo não tem necessariamente de ser constituído apenas por elementos do CP, porque o PEE é uma coisa que tem de ser construído por toda a escola. De qualquer modo o grupo tem cinco elementos. Seguidamente pergunta se alguém quer dizer mais alguma coisa sobre o PEE.

Ainda pegando na afirmação da del. de Hist/3°C de que no ano seguinte não estaria no CP, o del. de E.Visual/3°C, em tom de brincadeira perguntava-lhe: "...e agora a quem é que eu vou mandar calar?..."

Voltando ainda à temática do PEE, a del. de Port/2°C pergunta à PCP "por que é que aparece o PEE, e não o lançamento do ano lectivo, nesta reunião do CP?".

A PCP esclarece que a questão do PEE não é uma questão para ser resolvida já, é uma questão que se irá desenvolver durante o próximo ano lectivo, agora tratava-se apenas de lançar as bases para a sua discussão. Quanto ao lançamento do ano lectivo, isso seria feito em Julho. É claro que também este ano haverá trabalhos de lançamento do ano lectivo, e isso não tem nada a ver com esta questão do PEE.

A del. de Hist/3°C, entretanto, opina que "...isto tem de ter a ratificação dos grupos, porque isto não foi previamente discutido nas reuniões de grupo!".

*[Esta opinião, aparentemente não mereceu acolhimento junto dos outros presentes, porque ninguém a desenvolver, tendo consensualmente sido admitida como aprovada a constituição do grupo do PEE antes referida]*

A del. de Hist/3°C diz que quer fazer uma pergunta/proposta. Relativamente ao início das aulas, quer propor que o ano lectivo comece uma semana mais tarde, isto é a 9 de Setembro de 1996..

*[Há aqui uma confusão entre início do ano escolar, início do ano lectivo e data limite para os professores se apresentarem de regresso de férias - o que a del. de Hist/3°C queria dizer era que fosse possível aos professores gozarem férias até ao dia 8 de Setembro, e portanto o seu retorno fosse possível a 9 de Setembro]*

A PCP referiu que tinha procurado saber o que as outras escolas da zona pensavam fazer sobre isso e que todas elas iniciavam o ano lectivo a 2 de Setembro. Acrescentou que não pretendiam [o CD subentendeu-se] fazer de modo diferente. Queixa-se que os professores apenas querem tudo facilitado, esquecem-se que as aulas devem começar até ao dia 20 de Setembro, e que há muita coisa a fazer, logo a partir do princípio do mês, mas "quando é para trabalhar a coisa muda de figura". A apoiar estas críticas a PCP refere a situação que se criou com a questão da correcção das provas globais de C.Natureza, em que os professores não conseguiram corrigir 38 provas num dia, quando isso tinha sido acordado entre todos.

Esta referência à prova global de C.Natureza deu origem a uma discussão sobre a bondade da escolha do dia em que foi realizada, nomeadamente pelo reduzido prazo para a sua correcção.

Retomando a questão central que tinha dado origem a esta discussão a PCP esclarece que é muito difícil aceitar o retorno de férias dos professores a 9 de Setembro porque logo na 1ª quinzena terão de realizar-se os exames do 9º ano, com provas escritas e orais. Alguns membros, nomeadamente os representantes de grupos do 2º ciclo, dizem que nem todos os professores estão implicados nesses exames e que portanto poderia encontrar-se uma solução de compromisso.

A PCP mantém a sua posição, mas admite que, informalmente as coisas podem resolver-se, abrindo assim a possibilidade de os professores sem tarefas antes de 9 de Setembro, poderem regressar ao trabalho "lá para 4ª ou 5ª feira. Mas formalmente, oficialmente, mantinha-se a data de 2 de Setembro.

*[A PCP não o disse claramente, mas deu entender que esse assunto seria tratado informalmente pelos professores e o CD.]*

De seguida a PCP indica que o calendário de exames do 9º ano ficará marcado antes dos professores irem de férias. Na próxima reunião do CP (em 10/7/96) deverão ser aprovadas as matrizes dos exames. A del. de Mat/3ºC diz: "... deixamos as provas, mas quem as faz pode já cá não estar para as corrigir!...". Ao que a PCP respondeu que no caso da Matemática, não haverá problemas porque já está colocada uma profª. efectiva.

Esgotado o assunto das provas de exame a CDT/2ºC retoma a questão da exposição da Área-Escola. Esclarece que tinham (ela e supomos que a CDT/3ºC e o CD) que determinada sala (a sala da mediateca??) não podia ser utilizada, para a exposição. A montagem da exposição que duraria mais de um dia (20-21/6/96) inviabilizava a utilização dessa sala. "Só se for na sala contígua ao refeitório" adiantou a PCP.

Durante alguns momentos discute-se as várias possibilidades de salas para a exposição. Durante o debate, várias alternativas vão surgindo, com as pessoas a perguntarem à PCP, se esta ou aquela sala estaria livre. A PCP diz que "não tem ali o mapa de ocupação das salas". Conclui dizendo que "só vendo a ocupação das salas é que o problema pode ser resolvido, remetendo a solução da escolha do local da exposição para uma análise posterior.

Esta discussão entretanto traz de novo a questão do incidente verificado na mediateca, quando alguém diz que haverá que tomar cuidado para que não se repita o acontecido.

Num tom apaziguador, a PCP, a terminar a reunião, diz que em relação ao problema dos computadores, a única solução era mandá-los reprogramar, "portanto vamos ver como remediar o assunto". As pessoas começam a levantar-se. A reunião termina, com a PCP levantando-se também do seu lugar. [18.05]

#### DEPOIS DA REUNIÃO

Ainda, dentro da sala de reuniões, aproveitei para pedir à PCP que me ajudasse a completar a planta dos lugares da mesa da reunião. Devido ao adiantado da hora, não demorei mais do alguns curtos minutos na escola, o bastante para acompanhar a PCP até ao gabinete e depois à saída da escola, porque ela também estava com pressa de sair.

### C) 3ª REUNIÃO - 10 JUL 1996

cp103

10/07/96 - 09h 50m - 13h 15m - Escola A

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO

#### ANTES DA REUNIÃO

[09.30] - A reunião estava marcada para as 9.30. Cheguei à escola eram cerca das 9.25. Apenas estava presente a PCP. Enquanto esperava dirigi-me para a sala de professores. Encontrava-se vazia. Passados alguns minutos começaram a chegar alguns professores (membros do CP) que foram ficando por ali, à espera que mais chegassem.

#### 1ª PARTE DA REUNIÃO

[09.47] - A reunião inicia-se com a PCP a informar que não haverá leitura da acta da última reunião porque a colega que ficou de a fazer ainda não se encontra presente. Entretanto, notando o reduzido número de presentes, conta, e chega à conclusão eu ainda não há quorum suficiente para dar início à reunião.

Vão chegando outros elementos do CP. A PCP diz que quem faz a acta da reunião é a del. de EMRC.

A PCP faz passar para cada membro do conselho três documentos: 1) uma folha com a ordem de trabalhos da reunião, 2) um documento com quadros estatísticos sobre os resultados da avaliação do 3º período e 3) um documento com o balanço final do APA.

A Ordem de Trabalhos da reunião é a seguinte:

- 1 - Leitura da acta da última reunião do CP.
- 2 - Análise dos resultados do final do 3º período.
- 3 - Análise dos dados relativos às APA's.
- 4 - Estabelecimento do calendário dos exames do 9º ano.
- 5 - Análise a aprovação das matrizes das provas de exame do 9º ano.

6 - Análise das propostas das avaliações especializadas dos alunos, sujeitos a uma retenção repetida.

7 - Ratificação das propostas de retenção repetida elaboradas pelos CT.

A PCP começa por abordar o ponto 2º da OT, para o efeito pede a atenção dos presentes para o documento "Avaliação Final do 3º Período - 1995/1996 - Resultados Finais". A partir desse documento faz uma explicação dos quadros estatísticos nele constantes. Os presentes seguem com atenção essa explicação mas, não surgem nem pedidos de esclarecimentos nem comentários.

[09.55]

Chegam mais professores. Entretanto chega a del. de Hist/2ºC e a PCP pede-lhe que faça a leitura da acta (da reunião de 22 de Maio de 1996). Aquela del. começa por pedir a compreensão dos colegas, pois teve algumas dificuldades em redigir a acta, primeiro porque tinha estado ausente cerca de um mês, e por outro lado porque teve de trabalhar com apontamentos da reunião que tinham sido feitos por outra colega, para além do facto da reunião em causa ter sido muito complexa. Por tudo isso pede compreensão para o caso de haver alguns aspectos menos claros no que ia ler.

Começou a ler a acta que tinha elaborado. Logo no principio, a propósito do "recado" trazido pela del. de Port/2ºC de uma DT, esta apresentou uma correcção, dizendo que o que devia estar registado era "...antiga DT do 8º B, actual 9º B". Novamente, e a propósito de uma referência à passagem de um aluno [do 8º para o 9º ano - confrontar com a acta], a CDT/3ºC e a del. de Hist/2ºC discutiram de forma acalorada. A primeira dizia que não tinha dito o que estava registado e a segunda dizia que sim, que por acaso nessa altura ela ainda estava na sala e que tinha feito o registo. A forma ríspida como a del. de Hist/2ºC se dirigiu à CDT/3ºC teve uma resposta também enérgica da parte desta. Durante alguns minutos gerou-se um ambiente desagradável. Entretanto a situação acalmou-se com a primeira a dizer que "tudo bem, fazem-se essas alterações", mas o que ela tinha registado tinha sido o que tinha sido dito.

[10.05]

A PCP sai da sala durante cerca de 10 minutos, enquanto a leitura da acta continua.

Entretanto, a CDT/3ºC sorri de forma irónica olhando para a del. de Hist/2ºC, como que gozando com a situação gerada antes.

Alguns minutos depois, nova proposta de correcção da redacção da acta, da del. de Hist/3ºC e respeitando à data proposta por esta última para o regresso de férias dos professores.

[10.15]

A PCP reentra na sala. Pouco depois acaba a leitura da acta. Discute-se ainda um pouco sobre a forma como as correcções serão feitas. É pedido aos autores das propostas de correcção que entreguem as mesmas por escrito, para o redactor da acta da reunião em curso, as incluir na acta.

[10.20]

Seguidamente entra-se no 3º ponto da OT.

A PCP faz a apresentação dos dados recolhidos sobre os resultados escolares obtidos pelos alunos que tiveram aulas de APA. Faz, igualmente, uma apreciação genérica e presta alguns esclarecimentos sobre a metodologia seguida no cálculo de alguns indicadores.

A del. de Port/2ºC solicita um esclarecimento sobre o cálculo do insucesso na disciplina de Língua Portuguesa no 5º ano. A PCP explica que o a percentagem de sucesso é calculada dividindo 12 por 19, isto é número de alunos com níveis superiores a três e número total de alunos que tiveram aulas de apoio pedagógico. A PCP explica, por outro lado que, que como há alunos que tem apoio a mais de uma disciplina, os números devem ser entendidos como unidades aluno/disciplina. Acrescenta, finalmente que se pode concluir que se verificou um maior aproveitamento, por parte dos alunos que tiveram aulas de apoio de manhã do que dos que as tiveram da parte da tarde.

À volta desta última conclusão levantaram-se algumas questões, nomeadamente a disponibilidades dos professores e dos alunos, em termos dos seus horários lectivos, e a sua importância para a realização das aulas de apoio.

Na sequência destas intervenções a PCP esclareceu que no corrente ano lectivo, estiveram envolvidos no APA cerca de 26 professores.

Informou que para o ano seguinte (1996/97) as propostas de aulas de apoio "são mais que muitas". A partir da leitura das actas dos CT de avaliação do 3º período, verifica-se um exagerado número de alunos propostos para essas aulas: 6º ano - 36 para Língua Portuguesa; 38 para Língua Estrangeira; 52 para Matemática; 7º ano - 22 para Língua Portuguesa; 17 para Língua Estrangeira; 36 para Matemática; 1 para História; 8º ano - 14 para Língua Portuguesa; 7 para Língua Estrangeira; 4 para Matemática; 9º ano - 8 para Língua Portuguesa; 20 para Língua Estrangeira; 20 para Matemática e 9 para C.Físico-Químicas.

A del. de Hist/3ºC pergunta se a História também podem existir as aulas de apoio. A PCP esclarece que pode haver, nomeadamente se o aluno for do Ensino Especial. Entretanto insurge-se contra o número de propostas constantes das actas, dizendo que mais parece que a situação excepcional é a não indicação de alunos para as aulas de apoio. Diz que, inclusive, se verificam propostas que vão ao ponto de as aulas de apoio aumentarem a carga horária dos alunos em 8 horas. "Os professores tem de perceber que tudo tem limites!", diz a PCP. As aulas de apoio são situações de excepção e não o contrário.



A del. de Port/2°C voltando à questão das aulas de apoio à disciplina de História, pergunta se o aluno que é proposto vir a ter essas aulas de apoio não está fora da escolaridade obrigatória. A PCP informa que sim, que o aluno tem 18 anos.

A PCP refere que deve atender-se aos níveis de assiduidade dos alunos às aulas de apoio. A VPCD refere o caso de um aluno que ela achava que devia ir embora da escola, mas a [nome de profª - 23] [uma profª. da mesma turma] achava que não, porque era um aluno com características especiais. A del. de Hist/3°C tem opinião contrária, acha que esse aluno não incômoda ninguém.

A PCP diz que toda a questão das aulas de apoio tem de ser repensada. A forma como se está a utilizar os 7% do crédito horário para as aulas de apoio não pode compadecer-se com a falta de assiduidade dos alunos a essas aulas. Além disso, fica-se com grandes dúvidas que os resultados sejam favoráveis. Nesse sentido considera que a divisão dos 7% do crédito em 4%+3%, para as aulas de apoio e para a mediateca (respectivamente 19 e 16 horas). "Ficando 16 horas para a mediateca, e havendo tantas propostas de aulas de apoio, como é que vamos fazer?" pergunta a PCP. A del. de Ing/3°C opina que os alunos que neste ano tivessem tido uma assiduidade fraca deveriam ser excluídos das aulas de apoio no ano de 1996/97. A del. de C.Natureza/3°C mostra-se favorável a esta posição. A PCP, então, diz que os CT "sabem isso e continuam a não ligar, e a propor cada vez mais alunos para as aulas de apoio". Na sua opinião, se alguém sabe exactamente qual a situação de cada aluno, relativamente à assiduidade são os professores e os CT, e que deveriam ter isso em conta quando elaboram as propostas de APA. A del. de C.Natureza/3°C diz que "... então se isso é assim, o CD deve fazer uma triagem de todos os casos e depois decide que alunos devem ter as aulas de apoio".

A PCP não aprecia esta forma de resolver o assunto, porque, diz, não lhe agrada nada andar a "fazer de PI-DE, a verificar o que os colegas nos CT decidem e depois a alterar as suas propostas, não deveria ser necessário isso, porque todos somos adultos e sabemos o que andamos a fazer...". "Não me agrada nada andar a fiscalizar o que os outros andam a fazer, nós somos todos adultos..." reforça, ainda, a PCP. A del. de C.Físico-Químicas/3°C acha que de qualquer maneira isso terá de ser feito, porque "...então como é resolvido o problema da elevado número de alunos propostos, se as horas são tão poucas?". A VPCD diz que, além do mais há muitos alunos que nem sequer vale a pena "mandar para as aulas de apoio". Estas deveriam contemplar apenas aqueles que ainda têm alguma hipótese de aproveitar, com hipóteses de passarem de ano. Na sequência desta intervenção a PCP apresenta de seguida, a partir de uma lista de todos os alunos propostos, alguns exemplos de casos em que as aulas de apoio não resultam de todo. A del. de Hist/3°C, pergunta se a PCP possui informação sobre o número de alunos de etnia africana que se encontram na situação de insucesso, a merecer atenção para as aulas de APA. Esta del. explica que desconfia que uma parte dos problemas poderá ter a ver com o domínio deficiente da língua portuguesa. Coloca a questão de se não deveria a escola começar a preocupar-se com a integração linguística desses alunos, nomeadamente pela consideração do "crioulo" como língua a valorizar em termos das aulas. Isso poderia ser conseguido com a colaboração do Projecto Multicultura e as embaixadas dos PALOP's. Em resposta a PCP acha que essa é uma opção possível, mas que o número de alunos de etnia negra não são a maioria dos alunos a necessitarem de aulas de apoio.

*[O assunto das aulas de apoio fica por aqui. O conselho não chega a tomar nenhuma decisão sobre a forma de gerir as tais 19 horas de aulas de apoio disponíveis]*

A PCP passa para o 4º ponto da OT - Estabelecimento do calendário de exames do 9º ano. Entretanto avança se se deverá ou não fazer um intervalo na reunião, imediatamente a discussão deste 4º ponto da OT.

*[Não há resposta a esta última questão e passa-se à frente]*

A del. de C.Físico-Químicas/3°C informa que na turma do prof. [nome - 82], as aulas de C.Físico-Químicas vão continuar, após o termo das aulas. Há 14 alunos daquele prof. que em princípio irão fazer exames.

A PCP informa que naquele momento tem cerca de 20 alunos para os exames do 9º ano.

A volta da questão dos exames do 9º ano gera-se um debate entre os presentes, com vários a falarem ao mesmo tempo, mas a generalidade concordando com a ineficácia educativa de tais exames. A del. de Hist/3°C exemplifica com o caso de um aluno que teve 7 negativas, perguntando "o que é que este aluno vai fazer nos exames, a todas as disciplinas e com obrigatoriedade de provas orais?"

A PCP faz a leitura do diploma que estabelece a realização desses exames, concluindo que para serem realizados na primeira quinzena de Setembro, terão de ser realizados dois exames por dia, dado que as actividades escolares se iniciam dia 2 de Setembro (Segunda Feira). Portanto a única maneira será fazer um exame de manhã e um exame de tarde.

A VPCD acrescenta que "... ainda há mais três orais". Em relação aos exames que têm provas escritas e orais, debate-se, agora, como é que os resultados são publicitados; se as classificações das duas provas são publicadas à parte ou juntas. A del. de Port/2°C opina que os resultados das duas provas "saem em conjunto e não separados". A CDT/3°C acrescenta que qualquer que seja o resultado da escrita (que não é logo publicado) o aluno tem obrigatoriamente de fazer a prova oral. A del. de Hist/3°C diz: "- vamos ver como vai ser o calendário de exames? 26 provas?! Eu estou-me mesmo a ver, ver 26 provas!?!". "Quando têm de sair as notas?" pergunta esta del. de Hist/3°C. Responde a PCP. "- Até dia 13 de Setembro (Sexta Feira)". A del. de C.Físico-Químicas/3°C exclama. "- É capaz de ser um pouco apertado, não!?"

A PCP nesta altura diz que "... é preciso ter cuidado porque a experiência com as provas globais não foi muito famosa", numa referência à incapacidade dos professores de C.Natureza de corrigirem as provas globais no

prazo de tempo que tinha sido acordado entre eles e o CP. Como o primeiro dia de Setembro é dia 2 e é uma Segunda Feira, as provas têm de começar na 4ª Feira, para dar tempo aos alunos de verem o calendário e de os professores, que se apresentam na segunda, terem tempo para se prepararem, "Sim, não vamos começar no dia de retorno ao serviço, não é!?"

O del. de E.Visual/3ºC propõe que, como as suas provas são mais rápidas de se verem e porque não tem provas orais, elas sejam colocadas nos últimos dias. Assim as provas de E.Visual e E.Tecnológica poderão ficar para o fim. Entretanto isso obriga que as provas de Francês (que devem acompanhar a realização das de E.Tecnológica) sejam também no fim do calendário.

*[Esta questão fica em aberto, a discussão acaba aqui sem que haja uma definição do calendário de exames]*

A del. de Port/2ºC chama então para o debate a questão do início das aulas no próximo ano e a questão do prazo limite para o gozo de férias. Refere a situação da escola da [nome de povoação - 12], em que segundo informações que tinha, os professores podiam gozar férias até 7 de Setembro, podendo apresentar-se no dia 9 de Setembro.

Nesta altura a PCP coloca à consideração do conselho duas datas para iniciar as aulas: a) 16 de Setembro (Terça Feira) e b) 19 de Setembro (Sexta Feira). Após uma rápida discussão, nomeadamente com alguns presentes a perguntarem qual era do ponto de vista legal a obrigatoriedade do início das aulas (início entre 16 a 20 de Setembro), a PCP colocou à votação tendo sido aprovada por unanimidade a data de 19 de Setembro.

Após esta decisão, a discussão volta a centrar-se na questão das férias. A PCP comenta que "... até já houve colegas que já se foram despedir do CD..." Ora esta situação não pode ser. "O que é que as pessoas pensam? Acabam as reuniões de avaliação e pronto não há mais nada a fazer na escola?!"

A del. de Port/2ºC diz que "... há colegas que acham que os trabalhos de férias estão mal distribuídos, que uns estão sobrecarregados, enquanto que outros não tem praticamente nada para fazer!" Esses colegas comentam que as coisas deviam ser organizadas de outra forma.

Em resposta a PCP diz que é natural que assim seja, porque a distribuição do trabalho leva em conta não apenas o que se passa este ano, mas procura conseguir um equilíbrio atendendo à distribuição de serviço nos anos anteriores. A partir dos registos dos anos anteriores, vemos quem teve mais trabalho antes e este ano tem menos. Contra-argumentando a del. de Port/2ºC dá como exemplo a escola [nome de escola - 6], onde todos os professores trabalham "a sério" durante uma semana e depois ficam dispensados. Adianta que nessa escola, os professores propõem-se, inscrevem-se nos grupos de trabalho. O CD define os grupos de trabalho que são essenciais para a abertura do ano lectivo seguinte, e as pessoas inscrevem-se naqueles em que querem trabalhar.

A PCP afirma a sua discordância com esse processo: "... está a 13 anos no CD e a experiência que tem sobre o processo de inscrições não resulta..." As pessoas pura e simplesmente não se inscrevem, e depois tem de ser o CD, na mesma, a indicar, ou inscrevem-se naqueles grupos de pensam que o trabalho é menor, ou porque está lá alguém que trabalha bem e acaba por fazer o trabalho todo...

A del. de Port/2ºC continua defendendo que deveria haver outra forma, por exemplo, logo que um prof. tenha acabado de fazer o seu trabalho poderia ir ajudar outros mais sobrecarregados, e indica como exemplo o caso do grupo de constituição de turmas, que se encontra com sobrecarga de trabalho, enquanto outros já estão de férias, porque o trabalho que lhes tinha sido dado era mais leve. Exclama a VPCD. "... só quem nunca fez turmas é que pode dizer isso!". A PCP volta a defender que na distribuição das tarefas de férias tem de se ter em conta o que as pessoas trabalharam nos anos anteriores, só assim podiam ser equitativos na distribuição.

A del. de Port/2ºC insistindo: "... mas o que estou a dizer é o que me pediram para dizer, isto é que poderiam fazer-se dois grupos para a constituição de turmas!"

"Porquê? Digam-me porque? Este ano até há menos 50 alunos!" Exclama a PCP. E adianta. "Eu distribui, este ano, tarefas que fazia numa tarde, e as pessoas (neste caso duas) ainda não o realizaram". Esta afirmação é feita, já com uma pequena ponta de irritação, por parte da PCP. De tal forma que a del. de Port/2ºC entendeu dever justificar-se, dizendo que apenas estava a ser porta-voz de alguns colegas: "...mas eu apenas trago o que me disseram!". Tendo dado como terminado este assunto a PCP anunciou o intervalo para tomar café.

#### DURANTE O INTERVALO

[11.30] - Acerquei-me da mesa onde estava a PCP e a VPCD. Pedi-lhe algumas informações sobre a identidade de alguns presentes que não tinha conseguido registar o nome. Encontrava-se lá a del. de Hist/2ºC que combinava com a PCP qualquer coisa relacionada com o modo como as alterações deveriam ser feitas na acta que a primeira tinha ficado de redigir. Abandonámos, em conjunto a sala. A PCP ia fazendo comentários relativamente ao que se tinha passado momentos antes a propósito da distribuição do serviço de férias. "Era todos os anos a mesma coisa! As pessoas nunca estão satisfeitas. Elas, que estão no CD é que não se podem queixar. As pessoas tem de perceber que, nuns anos toca a uns mais de que a outros, mas no ano seguinte a coisa é compensada". "Mas são sempre as mesmas pessoas a queixarem-se, e muitas delas são as que fazem menos!"

Como não houvesse café no bar da sala de professores, aliás, não se encontrava a funcionar, eu e a del. de Hist/2ºC saímos e fomos tomar café no bar mesmo em frente ao portão principal da escola. Nessa altura tive a oportunidade de conversar com a del. de Hist/2ºC, sobre a PCP e sobre o funcionamento do CP.

Começou, a propósito do funcionamento do CP, por dizer que tinha estado fora durante 7 anos (a trabalhava no ME) e que tinha regressado à escola à cerca de 4 anos. Esta era a primeira vez que estava num pedagógico des-

de a altura em que havia a profissionalização em serviço. Nessa altura, segundo ela, os conselhos pedagógicos funcionavam de forma diferente. Eram mais interventivos nas questões da escola, porque tinham de se debruçar sobre os “famosos” PIT’s. Agora as coisa funcionavam de forma mais calma, mas menos eficaz em termos da escola. Sobre a PCP disse que era uma presidente com muita experiência e com quem se podia resolver os problemas. Tinha um trato fácil e por isso “gostava muito dela”. A maior parte das vezes não conseguia fazer as coisas por causa do pessoal que não a acompanhava no ritmo de trabalho e nas inovações que ela queria fazer.

O cargo de PCD era uma coisa muito complicada, segundo esta del. de Hist/2°C.

## 2ª PARTE DA REUNIÃO

[12.05] - A reunião é reiniciada com o ponto 5º da OT - Análise e aprovação das matrizes dos exames. A PCP esclareceu que as matrizes dos exames deveriam ser analisadas e aprovadas pelo CP.

As del. de del. de Mat/3°C e de Port/3°C entregam as propostas de matrizes para os exames do 9º ano a realizar em Setembro.

A del. de C.Físico-Químicas/3°C refere a conveniência da criação/constituição de um Secretariado de Exames. A PCP enquanto vai recolhendo todas as propostas de matrizes dos exames, diz que por acaso já tinha pensado nisso, na necessidade de haver um secretariado de exames. Entretanto alguns del. andam de pé a entregar a cada membro do pedagógico um exemplar das respectivas matrizes. No entanto, nem todos arranjam cópias para todos os membros do CP. A PCP diz que ela não tratou de arranjar uma cópia para cada um dos membros do CP, porque achou que era um exagero tirar tantas fotocópias. O conjunto de matrizes era uma quantidade razoável de papéis. A PCP mostrou-se algo indecisa sobre a melhor forma do CP cumprir o ponto da OT.

[12.10]

O del. de E.Visual/3°C em vista daqueles papéis afirmou que: “- Eu aprovo já todas, mesmo sem as ver!”, querendo significar que o CP não teria possibilidade de analisar uma a uma as propostas de matrizes apresentadas pelos grupos e que portanto teria de “assinar de cruz” aquilo que os grupos disciplinares propunham como matrizes de exames.

A PCP, no entanto, começou a referir (ler) os aspectos mais importantes das matrizes. A del. de Hist/3°C informou que na matriz de História, não estavam ainda as cotações, mas que se podia já, naquele momento, indicá-las. PCP pede que ela lhe dite as cotações, e anota-as, na folha da matriz. Depois continua com a leitura.

A desconcentração dos presentes e o barulho (conversas generalizadas) entre os presentes aumenta. A certa altura a PCP não consegue ter a atenção de quase ninguém para a leitura que estava a fazer.

A PCP exclama então, elevando um pouco mais a voz: “- Oh colegas, assim não dá!” E concluindo que aquela forma de resolver o assunto não era a mais adequada: “Olhem eu por mim, está tudo aprovado, só que eu não sou o CP, e portanto acho que todos devem ouvir!” Várias vozes se fazem ouvir no sentido de passar à votação. A PCP acaba por colocar à votação o conjunto de matrizes (todas aos mesmo tempo). As matrizes propostas são aprovadas sem votos contra. Em seguida a PCP refere a necessidade de elaborarem rapidamente as provas. “Eu penso que os pontos já estão todos feitos??!!”, diz a PCP. Acrescenta depois: “- Quem é que ainda não tem os pontos feitos? Apenas num caso o ponto de exame ainda não estava feito. A PCP informa que os pontos devem ser entregues no CD para serem guardados, antes dos professores irem de férias.

Seguidamente a PCP passou para o ponto seguinte da OT. Análise das propostas das avaliações especializadas dos alunos sujeitos a uma retenção repetida.

A introduzir a questão leu o diploma sobre o regime de avaliação, na parte respeitante à avaliação especializada, concluindo que “nós não estamos a cumprir a legislação” explicando que tinha falado com outros colegas de outras escolas, e a interpretação que eles faziam sobre a retenção repetida, abrangia toda a escolaridade anterior do aluno. Aliás, em sua opinião, essa era a única interpretação possível do diploma.

Gerou-se alguma confusão com os presentes a fazerem comentários sobre o assunto. A conclusão generalizada era a de que se assim fosse o número de alunos abrangidos era elevadíssimo. A maioria dos alunos teriam concertiza retenções repetidas. “Mas, oh colegas! Isto é mesmo assim! É o que está escrito!” diz a PCP. “Como fazer?” pergunta a mesma, referindo-se à análise dos das propostas de avaliação especializada.

[12.25]

A del. de Hisu/3°C avança uma resposta: “- Fazer como no ano passado!...”. O del. de E.Visual/3°C explica como foi feito no ano anterior: análise apenas dos casos em que os pais não concordaram com a proposta de retenção. Os restantes são tratados e votados em conjunto.

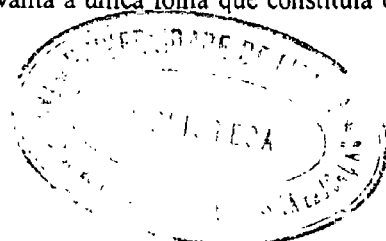
[12.30]

A VPCD abandona a reunião.

Entretanto a PCP começara já a fazer a leitura, com algumas explicações e comentários sobre a situação dos processos, dando especial atenção à posição expressa pelos encarregados de educação.

[12.35]

A certa altura aparece um processo em que não existe qualquer referência ao e.educação. A PCP procura saber quais as razões porque não existe a consulta do e.educação. A del. de Hist/3°C pergunta “... mas temos a comunicação para o e.educação?” A PCP responde: “Não tenho nada aqui!” e levanta a única folha que constituía o processo.



O processo seguinte encontrava-se na mesma situação. A PCP chama a atenção para a irregularidade destas situações, criticando o a negligência dos CT e dos professores por mandarem para o CP processos constituídos desta forma.

[12.40]

Tendo terminado a apresentação de todos os processos, a PCP concluiu. "...e estes são todos dos casos que tenho aqui comigo: 5º, 6º e 7º anos".

A del. de Mat/3ºC diz que "há mais processos, do 8º ano há pelo menos mais dois ou três processos". A del. de Ing/3ºC intervém dizendo que tem alguns desses processos consigo (pelo que percebi tê-los-ia em casa).

A PCP em tom crítico afirma que "...isto assim não pode ser, foi claramente dito que esses processo seriam presentes ao CP". "Isto vai obrigar a realização de uma outra reunião do CP". Algumas manifestações de consternação por parte dos presentes. A del. de Ing/3ºC entretanto dispôs-se a ir a casa buscar os referidos processos. O del. de E.Visual/3ºC de imediato exclamou: "vais buscar, vais, vais..."

Entretanto a del. de Hist/2ºC coloca a questão do tratamento a dar às repetências repetidas.

Segue-se um compasso de espera, enquanto os processos em falta não vêm para a reunião. Entretanto as pessoas conversam, algumas abandonam a sala, vão para a porta da sala fumar.

A del. de Port/2ºC dirigindo-se à PCP e à CDT/2ºC pergunta se os directores de turma tinham sido informados, na reunião dos directores de turma, que os processos teriam de "vir a pedagógico". De forma um pouco abrupta quer a PCP, quer a CDT/2ºC, responderam que sim, "...tudo, tudo foi informado".

Susceptibilizada pela forma como a resposta foi dada, a del. de Port/2ºC comentou: "... já não se pode perguntar nada hoje!... eu só perguntei".

Mais alguns minutos de espera. Como o número de pessoas na sala começasse a diminuir, a del. de Hist/2ºC que entretanto tinha saído e estava de regresso, perguntou. "... porque é que desapareceram todos?". "Eu sei lá! ainda andam à procura dos processos! Mas não é necessária esta situação!" responde a PCP.

[12.55]

Continua-se à espera. Entretanto abandonam, também a sala, as del. de Hist/3ºC e de Port/2ºC que vão fumar para fora da sala.

Durante todo este período de tempo, entraram e saíram da sala, várias pessoas não membros do CP, alguns mesmo não docentes, que vinham falar ora com a PCP ora com a VPCD e por vezes com outros professores.

[12.57]

A PCP avisa que já tem em seu poder os processos do 8º ano que se encontravam em falta. No entanto a del. de Ing/3ºC não se encontra ainda presente na sala. Esta só alguns minutos depois entra na sala. A PCP passa então a referir a situação daqueles processos.

Retomando a questão colocada pela del. de Hist/2ºC, sobre se se contavam todas as retenções tidas pelos alunos ao longo de toda a escolaridade anterior, a PCP esclareceu que isso era muito difícil de fazer porque as informações sobre repetências tidas no 1º ciclo não se encontravam na escola. A escola não possuía essas informações. Por outro lado, acrescentou que já no ano passado apenas se tinham considerado que as repetências a considerar seriam apenas as verificadas no mesmo ano de escolaridade.

[13.00]

A PCP coloca a votação as propostas de avaliação especializada que tinha apresentado antes: "- Qual é a decisão do CP?" Sem votos contra todas as propostas de retenção são aprovadas (em bloco).

A del. de Mat/2ºC pede a palavra para fazer dois agradecimentos.

[Completar esta parte com os elementos da acta da reunião]

A CDT/3ºC apresenta uma proposta de actividades para a comemoração do dia da escola. Sugere, pergunta, se é possível alterar o tema.

[Completar esta parte com os elementos da acta da reunião]

A CDT/2ºC refere em dois nomes dos temas relacionados com a EXPO98: "Mar e Oceanos" e Velas ao Vento".

A PCP diz que sim, mas que no momento "estamos todos cansados e para essas coisas é preciso tempo.

[A assunto é deixado em aberto]

A del. de Ing/3ºC coloca a questão da publicitação e divulgação das matrizes dos exames do 9º ano. Em resposta a PCP passa a ler a parte do diploma que refere os procedimentos a realizar, sobre o assunto.

A CDT/2ºC e a CDT/3ºC levantam-se como se q reunião tivesse terminado. O del. de E.Visual/3ºC exclama: "schii...! schii...! alto aí", colocando de seguida uma questão relacionada com os estiradores de E.Visual - sala 5. A sua proposta é a de que as mesas novas e o material de E.Visual passem para a sala 12.

Novamente as duas coordenadores vão a levantar e de novo, aquele del. de E.Visual/3ºC, chama atenção para o facto de o assunto ainda não ter terminado.

A del. de Hist/3ºC pergunta directamente à PCP quando é que os pontos de exame têm de ser entregues, respondendo esta última "... antes de irem de férias". Novamente a del. de Hist/3ºC quer saber "como é isso dos critérios de correcção e cotações."

Alguma confusão sobre o que são os critérios de correcção. Há alguma confusão entre os critérios de correcção e as cotações.

A PCP explica então o que são os critérios de correcção. Esclarece que não são propriamente as respostas, mas sim a identificação dos aspectos que devem ser referidos nas respostas. Isso era necessário fazer-se porque, eventualmente os testes poderiam ter de ser corrigidos por outros professores que não aqueles que os elaboraram. “Esperemos que não, mas o futuro ninguém sabe!”. Por outro lado as cotações também têm de ser entregues, isto é os pontos que cada questão/item vale. O del. de E.Visual/3°C: “então é no caso da E.Visual?”

A PCP responde que em todas as disciplinas, sem excepção têm de ser entregues aqueles elementos.

Depois destes esclarecimentos, as pessoas começam a levantar-se. A reunião terminou. [13.15]

## D) 4ª REUNIÃO - 10 SET 1996

cp104

10/09/96 - 09h 30m - 13h 15m - Escola A

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO

### ANTES DA REUNIÃO

[09.25] - A reunião estava marcada para as 9.30. Cheguei à escola eram cerca das 9.25. Na sala do CD não se encontrava, ainda ninguém. Na sala de professores encontravam-se cinco docentes, sendo um deles homem. Não conhecia nenhum deles.

Durante os 10 minutos seguintes foram chegando mais alguns membros do CP. Entre eles reconheci, e reconheceram-me também, os del. de E.V.Tecnológica/2°C, de E.Visual/3°C e a CDT/2°C. Com os dois primeiros conversei durante alguns minutos, sobre a questão dos exames do 9º ano. Opinaram eles que não fazia sentido a existência desses exames, porque não era, no período de um mês (Agosto) que alunos que durante todo o ano não se tinham interessado pelo estudo que iam agora conseguir realizar com êxito exames a todas as disciplinas. Durante as provas escritas realizadas, tinha-se visto já que eles não “chegavam lá”, como era, aliás de esperar. Perguntei se já se tinham realizado todos os exames o del. de E.Visual/3°C disse que faltavam as orais, que iam começar nos próximos dias. Inscreveram-se para os exames do 9º ano 26 alunos. Não se verificaram inscrições de auto-propostos, informaram-me, aqueles professores.

Depois a conversa centrou-se na questão da composição do CP. Ambos estavam a par da inclusão na ordem de trabalhos da reunião desse dia, dum ponto sobre a análise do despacho recentemente aprovado que concedia às escolas EB23 a possibilidade de reformularem a composição dos conselhos pedagógicos no sentido de tornar mais operacional o seu funcionamento. O del. de E.Visual/3°C mostrou-se favorável à representação das disciplinas de E.Visual/3°C e E.V.Tecnológica/2°C por apenas um professor. Disse que nesse caso ele ficaria como subdel. e o del. de E.V.Tecnológica/2°C ficaria como del. da área disciplinar Educação Artística e Tecnológica.

Depois os dois docente começaram a falar sobre futebol, referindo-se à polémica resultante da arbitragem do jogo em que tinha participado o Futebol Clube de Porto. De passagem, a CDT/2°C “meteu-se” com eles perguntando se hoje não havia jogo de futebol [numa alusão implícita ao que se tinha verificado no último CP, quando da realização do jogo de futebol entre a selecção nacional, dia 10/7/96]. Um deles respondeu, dizendo que havia sempre jogos de futebol quando se realizavam reuniões do CP.

[09.45]

Nesta altura já se encontravam na sala de professores, muitos membros do CP. A VPCD já tinha chegado, também, e encontrava-se a preparar uma tigela com iogurte e flocos. Perguntei-lhe se a PCP já tinha chegado. Ela respondeu-me que não. Os presentes conversavam em grupos (três grupos) sobre o início das aulas e sobre os trabalhos relacionados com os exames do 9º ano. Ouvi, entretanto o comentário que os horários já não seriam entregues, naquele dia, como era previsto. Os dois del. com quem conversava, mostraram já conhecerem os respectivos horários. O del. de E.V.Tecnológica/2°C mostrou despreocupação por os horários já não serem entregues naquele dia dizendo: “... a mim não me incomoda nada, eu até já sei o meio horário, aliás e igual ao do ano passado”.

[09.50]

Chega a PCP. Cumprimenta os presentes. Conversa um pouco com um dos grupos. Pouco tempo depois, acerca-se de mim, comentando que desta vez, tinha sido a última a chegar. De facto, na sala já se encontravam praticamente todos os membros do CP. Explicou que se tinha atrasado por que tinha ido meter gasolina no carro. Tinha tido medo que se acabasse a gasolina.

Seguidamente, saiu, por uns momentos para dar ordens indicações para que a sala de reunião fosse preparada. Enquanto essa operação decorria, uma colega (não consegui registar quem era) acercou-se dela para tratar de um assunto. Ficaram, na conversa durante alguns momentos, enquanto eu ia dando uma vista de olhos pela enésima vez nos placardes, onde abundava informação sobre acções de formação.

[09.55]

A PCP e VPCD saem da sala de professores. Passados alguns minutos dirijo-me para a sala onde vai decorrer a reunião. Lá dentro estavam apenas três professores. A PCP comenta. “...então eles vem ou quê”. A VPCD sai da sala e vai chamar os restantes professores.

## 1ª PARTE DA REUNIÃO

[10.05] - Sala de E.Musical. *[Na outra sala, onde se costumam realizar as reuniões, está ocupada com o grupo de horários que se encontra a trabalhar naquele momento]*

A reunião inicia-se. A PCP dá as boas vindas a todos, realçando especialmente os novos membros, e dentre estes aqueles que são novos na escola, bem como os que vão ter pela primeira vez a experiência de integrar um CP [são dois os professores que se encontram nessa situação, identifica-os, mas eu não consigo tomar nota senão da del. de E.Musical/2°C].

Seguidamente a PCP solicita ao del. de E.V.Tecnológica/2°C que proceda à leitura da acta da reunião de 19 de Junho de 1996.

*[A leitura da acta demora cerca de 10 minutos. Durante esse tempo, há alguma conversa entre grupos de conselheiros]*

Não surgem quaisquer correcções ou comentários à redacção apresentada, apenas a PCP refere que a acta lida não é a última, mas a penúltima, cabendo à del. de EMRC a feitura da última, que deverá ser aprovada no próximo CP.

[Nesse momento o del. de E.V.Tecnológica/2°C passa os livros de actas para aquela del., fazendo um comentário: "... toma lá e até daqui a um ano..."]

[10.14]

A PCP solicita aos presentes que se apresentem, pois há elementos novos e é conveniente os novos conheçam os antigos e vice-versa. A ordem das apresentações segue, a partir da sua esquerda, da del. de E.Física/2°C até à del. de Mat/2°C.

Entretanto é entregue aos presentes uma folha com a Ordem de Trabalhos da sessão. A OT é a seguinte:

- 1 - Leitura da acta da última reunião do CP
- 2 - Informações
- 3 - Apreciação do Despacho 37-A/SEEI/96 (composição do CP)
- 4 - Calendário do ano lectivo e interrupções
- 5 - Dossier dos del. e respectiva organização
- 6 - Projecto Educativo de Escola

Após as apresentações a PCP dá início ao primeiro ponto da OT - Informações. Apresentou as seguintes informações:

a) a escola recebeu já a autorização da contratação de duas auxiliares de acção educativa para suprir a falta de dois elementos que se encontram em baixa por doença.

b) à escola chegaram, como já tiveram a oportunidade de ver na sala de professores, inúmera propaganda de Acções de Formação da ESEAG. Também chegou publicidade sobre a realização de acções de formação no âmbito do Centro de Formação da Associação de Escolas de [nome de povoação - 1].

c) não é possível fazer a entrega aos del. dos horários no dia 11/9/96 como era previsto porque foram detectados alguns erros que os tornam ilegais, nomeadamente a existência de horas de EMRC com outra disciplina em partes do dia. Explicou que essa situação tinha de ser corrigida porque não se podia obrigar os alunos que não tivessem EMRC a vir à escola, em partes do dia para terem apenas uma hora de aula. Lamentou o atraso, mas tinha de ser, tinha-se de corrigir primeiro essas questões.

Como fizesse menção de avançar para outro ponto, a del. de C.Natureza/3°C perguntou: "... o ponto de informações acabou?". A PCP respondeu que da sua parte sim, perguntando de seguida se alguém queria dar alguma informação.

[10.20]

Como ninguém tinha informações a dar, passou-se ao segundo ponto da OT.

Foi entregue a todos os presentes uma cópia do Despacho 37-A/SEEI/96. Juntamente constava do documento o Despacho 36-A/SEEI/96 (sobre as Provas Globais do 3º Ciclo), sobre o qual a PCP esclareceu que seria tratado noutra altura que não naquela reunião. A propósito disse que esse despacho seria entregue aos directores de turma, para divulgação juntos dos alunos. Entretanto, pediu aos presentes que durante alguns minutos seguintes fizessem a leitura do primeiro despacho antes referido, para depois se fazer a sua análise.

*[Alguém à minha esquerda pergunta quem é faz a acta, julgo ter sido a del. de Ing/3°C. A PCP fez as contas e indicou que seria (pareceu-me) a del. de Port/3°C]*

[10.24]

Durante alguns minutos, os membros leram o documento, em silêncio. À medida que iam acabando a leitura, as conversas entre eles ia-se generalizando. A del. de His/2°C e a CDT/3°C, conversavam directamente com a PCP, colocando-lhe questões sobre as reduções lectivas, resultantes da interpretação do despacho. As del. de Fran/3°C e de C.Físico-Químicas/3°C, conversam igualmente, de forma animada sobre o assunto.

Tendo a conversa generalizado a todos os membros, a PCP considerou que o período de leitura tinha terminado, dizendo "...já toda a gente leu, vamos agora ver então quais são as dúvidas...", referiu que tinha dificuldades em perceber o despacho numa primeira leitura, mas que nas leituras seguintes, tinha conseguido começar a perceber melhor. De seguida apresenta o que no seu entender são as vantagens do despacho, isto é, a menor dimensão do CP. Refere-se a este órgão como "assembleia", dizendo que "é muito difícil conseguir fazer alguma coisa com uma assembleia tão grande, numa assembleia de 14 ou 15 pessoas, seria muito mais fácil e a eficácia seria muito mai-

or". Durante alguns minutos explica a sua interpretação, em termos de redução do número de representantes, concluindo que da forma como interpreta (para cada área de disciplinas, agregando os dois ciclos, haveria apenas um representante, o conselho ficaria constituído por cerca de 14/15 elementos, desta forma: 8 representantes das áreas disciplinares, o PCP, o CDT, a APEE, o representante dos Projectos/Clubes...

"E os dois alunos..." diz a del. de Hist/3°C. "Temos aqui uma inovação, que são os alunos" acrescenta a PCP.

Continua a PCP dizendo que o grande objectivo é operacionalizar o funcionamento do CP. "E isso é conseguido como?" lança a pergunta. Isso é conseguido, segundo a PCP através da redução do número de elementos do órgão. A seguir procura explicar o mecanismo relativo às questões das reduções lectivas. Deixa de haver representantes, passando a haver só del. (com direito cada um deles a 4 horas de redução, no mínimo) que têm assento no conselho; estes são apoiados por subdelegados, para cada disciplina (e que terão direito a reduções de duas horas). Sobre a questão das reduções, explana alguns cálculos, procurando mostrar que uma boa parte dos actuais membros do conselho, sendo representantes, apenas usufruem de 2 horas de redução, e que passando a outra forma de composição, há vantagens, também em termos de redução de horas. A terminar, a sua exposição a PCP questiona-se e questiona os presentes sobre a articulação entre o del. e os subdelegados.

A del. de Hist/2°C pergunta como se realizam as reuniões do grupo: "- As reuniões são conjuntas?". A PCP opina que "cada um tem as suas reuniões". Volta a del. de Hist/2°C: "... então o del. está nas reuniões do CP, depois reúne com os subdel., e depois este faz reuniões com os restantes professores...?".

A del. de Port/2°C diz que há, para já, uma grande lacuna no despacho. Segundo ela não há uma definição das competências e tarefas da figura do del... "- Como é que pode criar-se um novo cargo sem que diga quais são as suas funções e tarefas?".

A del. de Ing/2°C refere a questão da articulação entre o del. e subdel., e todas aquelas reuniões, para duvidar: "... não vejo como é que pode fazer e trazer vantagens para a operacionalidade na escola". Se a ideia é fazer com a que a escola funcione melhor, porque o que se encontra sempre em causa é fazer com que as coisas na escola funcionem melhor, a criação de novos cargos (de subdel., neste caso) só complica, porque tem de haver mais reuniões e mais reuniões". diz esta del. de Ing/2°C.

A PCP tenta explicar que, o CP mais pequeno se torna num órgão mais eficaz, as reuniões poderão dar melhores resultados, do que aquelas, em que se torna difícil trabalhar com tanta gente, e que a maior parte das vezes não se consegue produzir nada.

A del. de Port/2°C volta a colocar a questão da definição das funções do subdel. que deveria estar contemplada no despacho. Sentia que o mesmo se encontrava incompleto. Mesmo considerando a "autonomia" das escolas, não se justificava que o despacho não tivesse a definição dos objectivos e funções do subdel... Definitivamente o despacho é um documento incompleto, na opinião desta del. de Port/2°C

O del. de E.Visual/3°C é da opinião que um CP mais reduzido, os assuntos serão tratados e discutidos de forma mais eficaz, traduzindo-se isso na prática, em reuniões de hora e meia em vez de reuniões de 3 e mais horas.

A del. de Port/2°C coloca algumas dúvidas sobre se os objectivos seriam apenas esses. Coloca então a questão de se saber qual a diferença no total de horas de redução num caso e noutro, ou seja. A PCP refere que, se houver uma diferença para menos no total de horas de redução, essa diferença reverta para utilização da escola, como aliás consta do despacho. A del. de Port/2°C esclarece que apenas por curiosidade queria saber qual essa diferença. A del. de Ing/2°C pergunta se os que têm actualmente direito a redução a duas horas passariam a ter 4 horas. Nesta altura toda a discussão do despacho está centrado na questão das horas de redução. A CDT/3°C e a del. de Port/2°C, e ainda outros del. falam entre si, na procura de razões para a redução do CP. Com que pensando, em voz alta, a del. de E.Física/2°C diz "reacar que esta seja mais uma forma da política de mão-de-obra barata". Através da redução do conselho, reduzem-se as horas de redução. Neste raciocínio esta del. é secundada por outros membros do conselho, nomeadamente a CDT/3°C. A PCP volta a dizer que acha que não, porque se assim fosse a diferença não ficaria para ser gerida pela escola. Além disso achava que de quem vinha, da actual equipa do Ministério, que já tinham dados provas no passado, não acreditava que a lógica fosse essa. Por outro lado os professores que já tinham os horários feitos, não iriam ficar com mais aulas, por causa da aplicação do despacho.

A del. de Hist/2°C é da opinião que se o objectivo fosse poupar horas para a escola, então não se reduzia o CP.

*[Esta afirmação não foi explicada pela sua autora, mas também ninguém o solicitou]*

A del. de Hist/3°C entrou na discussão mostrando-se totalmente contra a aplicação do previsto no despacho: "- Eu sou completamente contra isto". Diz que o que é preciso fazer é, elaborar um documento, com todas as dúvidas, a enviar ao ME a pedir esclarecimentos. Nesse documento deveria ser solicitado que fossem indicadas as funções de cada cargo. "Tudo preto no branco...!" e depois já se podia decidir. "Isto não tem de ser decidido agora!".

A del. de Port/2°C, de novo no uso da palavra, coloca a questão da articulação entre o del. e os subdelegados: "- De que forma se articulam as relações e funções entre o del., os subdelegados e os restantes professores? Nada disso está previsto no despacho!"

A PCP procura explicar, caso a caso para a escola e os grupos disciplinares em concreto, como se procederia à distribuição das reduções, colocando a tónica na integração disciplinar dos dois ciclos.

A del. de Hist/3°C na sequência desta intervenção, e para esclarecer a tal integração dos dois ciclos, refere que a mesma se insere na lógica da separação do ensino básico (escolaridade obrigatório) do ensino secundário. Diz que "... o 3º ciclo é ensino básico e por isso é que deve ser feita a articulação entre 2º e 3º ciclo".



A del. de C.Físico-Químicas/3°C faz algumas contas em voz alta, procurando mostrar como se passaria, em termos de reduções lectivas, a aplicação do despacho na escola. No caso da Língua Portuguesa, por exemplo, diz, de três del. com o total de 12 horas, passaria a haver apenas 1 del. e dois subdelegados, o que daria 8 horas de redução. A PCP insiste que, isso seria assim, mas que as 4 horas de diferença seriam geridas pela escola. A CDT/3°C diz de imediato: “- Mas isso é este ano! E para o ano seguinte, se calhar já não é assim! Para o ano que vem não sabemos o que vai acontecer!”

Neste altura gera-se alguma confusão, várias pessoas querendo falar e falando de forma desordenada. A PCP refere-se a essa situação de confusão para dizer: “Estão a ver? Esta confusão toda, se calhar num CP mais pequeno não acontecia! Por isso é que acho que existiria vantagens em aproveitarmos este despacho para ter uma órgão mais operacional!”

Como a discussão se encontrasse num certo impasse, a PCP disse que colocava à consideração do CP, as seguintes opções: a) Fica tudo na mesma, a composição do CP fica exactamente como está agora; b) Passa a haver um del. por cada área disciplinar e subdelegados por cada disciplina.

A del. de Ing/2°C conclui que em vez de 20 o CP ficaria constituído por 16 elementos. A PCP explica que não, que nesse caso ficavam 20, porque o actual CP é constituído por 24 elementos, mas que sendo assim não valia a pena, porque trabalhar com 20 ou 24 é a mesma coisa. A sua interpretação do despacho não era essa. Segundo ela a redução seria para cerca de 14/15. Pois para cada área disciplinar (integrando os dois ciclos) haveria apenas um del..

A outra interpretação, avançada pela del. de E.Física/2°C era a de que cada área disciplinar (separando o 2º do 3º ciclo) teria um del., e nesse caso a redução do CP seria apenas em 4 elementos.

Durante algum tempo discute-se em torno da questão dos representantes. Como é que eles aparecem. A PCP esclarece que, naturalmente terão de ser eleitos.

Como ninguém apresentasse outra forma de solução e como se verificasse algum esmorecimento da discussão, a PCP perguntou se havia mais dúvidas.

A del. de Mat/2°C perguntou se “isto é para ser aplicado este ano ou se é para o próximo ano lectivo”. A PCP responde que “claro que é para este ano lectivo!”. “- Então achas que estávamos aqui a discutir isto para ser aplicado no próximo ano lectivo?...Ora...!” A del. de Mat/2°C diz que tinha feito a pergunta, porque pensava que não era obrigatório aceitar estas alterações. “Claro que não é obrigatório, nós estamos a discutir este assunto, exactamente por que não é obrigatório, nós é que temos de decidir se queremos ou não” diz a PCP. A mesma acrescenta que o que era obrigatório era ela trazer o assunto ao pedagógico. A del. de C.Natureza/3°C coloca a questão: “- alguém que perde horas de redução por esta alteração vai ter horas lectivas para compensar?” Novamente a discussão volta a centrar-se na questão das reduções lectivas, repetindo-se os mesmos argumentos e contra-argumentos.

A del. de E.Musical/2°C refere-se à mudança de estatuto, isto é se deixava de haver representantes de disciplina, se todos os membros do CP passariam a ser del... A PCP disse que sim: “- o despacho refere que os membros do CP seriam del. e os outros subdelegados, portanto deixaria de haver representantes”

A PCP pergunta então. “- Está toda a gente esclarecida?”

A del. de Port/2°C responde dizendo que ainda tem dúvidas sobre as funções dos cargos agora previstos pelo despacho. A PCP diz que quanto a isso não pode dizer mais do que aquilo que está no despacho.

A del. de Hist/3°C afirma que ainda se levanta um problema, porque com a redução do número de elementos do CP, os professores de determinada disciplina e/ou ciclo ficam representados, em termos de del., por professores de outra disciplina e/ou ciclo. “E que garantia haverá de que esses del., no CP, não vão apenas “puxar a brasa à sua sardinha?” Um prof. de História do 2º ciclo que é del. da área disciplinar de História/Geografia. “...terá condições de defender os interesses das disciplinas de História e de Geografia do 3º ciclo?”, pergunta esta del. de Hist/3°C.

A del. de C.Físico-Químicas/3°C questiona se, após ter adoptada uma redução do CP, no ano seguinte se poderia voltar à organização actual. A PCP responde-lhe, dizendo que isso ela não pode dizer, porque não sabe o que se vai passar no próximo ano lectivo, nem “...o que pensam os nossos governantes”. Aproveita para voltar a perguntar: “- Já estão todos esclarecidos?”. Então vamos votar isto.

O del. de E.V.Tecnológica/2°C quer saber o que se vai votar, porque se é a redução de 24 para 20 elementos, então não vale a pena.

A VPCD refere que a única questão que, para ela ainda subsiste, é a forma como se articula a acção do del. e dos del... “Tem de haver mais uma reunião (referindo-se à reunião entre o del. e o subdel.)?”. “Ou haverá outra forma de fazer essa articulação?”

O del. de E.Visual/3°C opina que terá sempre de haver uma reunião mais, seja qual for o ponto do processo de relação entre o del. (com as informações e decisões) e os professores que ele representa no CP.

A del. de Ing/3°C acrescenta que tem de atender, também, que não se trata apenas das questões de passagem de informação, que existem também questões da tomada de decisão. Como se garante que a representação funciona para a tomada de decisões, com esta nova composição do CP.

[Estes aspectos no entanto, não suscitaram qualquer discussão mais profunda]

A del. de Port/2°C pede, então, à PCP que faça um apanhado das vantagens e desvantagens da alteração da composição do CP, no quadro do despacho em discussão. Esta refere os ganhos em operacionalidade no funcionamento do órgão, a diminuição do tempo das reuniões do CP, a maior eficácia para a organização das actividades da



escola. No tocante às desvantagens a PCP referiu, aquilo que já tinha sido referido ao longo da discussão: a questão da articulação das actividades do del. e subdel., e o aumento do número de reuniões.

*[A PCP era claramente a favor da alteração da composição do CP, sendo acompanhada por um número muito reduzido de professores]*

A CDT/3°C diz ter muitas dúvidas sobre as vantagens da desmultiplicação do pedagógico (referindo-se às reuniões adicionais que seriam necessárias, no conjunto das reuniões da escola) afirmando que o mais certo era não traduzir isso em maior eficácia no funcionamento da escola.

Seguidamente a PCP coloca à votação a alteração da composição do CP, da seguinte forma: "Quem aceita experimentar no corrente ano lectivo uma nova composição do CP, de acordo com o Despacho 37-A/SEEL/96?". Os resultados da votação foram os seguintes: 3 votos a favor, 13 votos contra e 4 abstenções.

Confirmados os votos verificou-se uma diferença de votos (2 votos), o que levou a PCP a proceder a nova votação partindo dos votos contra e abstenções, obtendo os votos favoráveis a partir da diferença com o número de presenças, ficando então: 3 votos a favor, 4 abstenções e 15 votos contra.

Em resultado desta votação a PCP concluiu dizendo: "- Então, continuamos a trabalhar como até agora."

Nesta altura a PCP propõe a realização de um intervalo para o café. Os presentes começam a abandonar a sala. [11.45]

## DURANTE O INTERVALO

Dirigi-me para o lugar onde estavam a PCP e a VPCD. Pedi à primeira ajuda para completar a identificação dos membros na minha planta de trabalho da mesa da reunião. Estivemos alguns momentos a fazer esse trabalho. Seguidamente saímos. A PCP manifestou algum desapontamento sobre o resultado da discussão sobre a redução da composição do CP. A VPCD mostrava igual desapontamento.

Saímos da sala. Continuámos a conversa, enquanto nos dirigíamos para o rés-do-chão. No momento em que estávamos a chegar ao CD, o telefone tocou e a PCP foi atender. Eu entretanto perguntei-lhe se não ia tomar café. Ela disse que não, que não lhe fazia bem. Então saí, para ir tomar café um café fora da escola [o bar da sala de professores não estava a funcionar].

Junto ao portão de entrada, encontrei a VPCD que já vinha de regresso (não tinha ido tomar café, mas sim ao supermercado buscar qualquer coisa).

No bar, mesmo em frente à entrada da escola, encontrei sentados a uma mesa o del. de E.Visual/3°C e a del. de EMRC. Conversámos sobre a questão do funcionamento dos conselho pedagógicos. Ambos se mostraram críticos em relação à funcionalidade e eficácia dos conselho pedagógicos com a dimensão dos actuais. A del. de EMRC chamou a atenção para a questão de poder que atravessa o funcionamento do CP, dizendo que o que se encontrava em causa na decisão de dar outra forma e dimensão do CP era sem dúvida uma questão de perda de poder por parte dos grupos de professores. O del. de E.V.Tecnológica/2°C referiu a existência de grupos de interesses em termos de disciplinas no seio do CP. Mas que tudo era de certa forma mascarado. Deu o exemplo dos critérios de avaliação, que toda a gente discutia, mas a proposta vinha sempre do mesmo lado, e depois aparecia como tendo sido feito pelo colectivo do CP.

Quando nos preparávamos para sair entraram ainda alguns colegas.

## 2ª PARTE DA REUNIÃO

[12.00] - Reinício da reunião. Ponto 2. da OT - Calendário do ano lectivo e interrupções.

É entregue aos presentes uma cópia do Desp. 82-C/ME/96 sobre o calendário escolar. A PCP chama a atenção para a definição de "interrupção das actividades escolares dos alunos" para colocar a questão das realizações ou não das reuniões intercalares. Refere que no despacho remete para a escola a decisão de realizar as reuniões intercalares em 30-10 a 2-11 e/ou em 10-2 a 12-2. Por outro lado existem dois dias de interrupção de todas as actividades escolares. Importa saber então se se realizam as reuniões dos CT naquelas interrupções das actividades escolares dos alunos.

A del. de C.Físico-Químicas/3°C acha que pode ou não haver as reuniões nessas interrupções. Pensa que as reuniões intercalares poderiam realizar-se em vários dias, ao fim do dia depois das 18.30.

A PCP defende que essa solução não é exequível porque, devendo haver, no mínimo uma hora para cada reunião, e havendo professores com 10 e até mais turmas, isso obrigaria que durante muitos dias tivessem de ficar até tarde na escola (cerca das 9 horas).

A del. de Hist/2°C pede atenção dos presentes para o ponto 7c do despacho, perguntando se aqueles dois dias de interrupção tinham alguma coisa a ver com as restantes interrupções. A PCP diz que não, que aqueles dias são para descanso de todo o pessoal: "- São dois dias em que a interrupção é de todas as actividades escolares e não apenas as actividades escolares dos alunos, como refere explicitamente o despacho."

Acrescenta que mesmo se se quiser utilizar apenas um dia das interrupções das actividades escolares dos alunos, o número de blocos de reuniões que se prevêem venham a constituir-se não dá. A previsão era que tivessem de se constituir 14 a 15 blocos de reuniões, ora isso para apenas um dia não dá.

Várias opiniões desencontradas são manifestadas de forma algo desordenada e confusa, várias pessoas falando ao mesmo tempo. A CDT/3°C diz que tem de se pensar se é ou não vantajoso realizar as reuniões intercalares no 1º período. Quais as vantagens e desvantagens.

A PCP põe a questão directamente: “- Há ou não reuniões intercalares?” Fazem-se apenas reuniões para as turmas mais problemáticas ou para todas?”

A CDT/3°C: “- Acho que deve haver pelo menos no 2º período. Por muito pouco que gostemos de reuniões, é importante haver um momento em que falemos dos alunos, entre nós.”

[12.15]

A PCP adianta que, haja ou não reuniões intercalares, é sempre possível, quando se revela necessário, reunir os CT, em qualquer dia, depois das 18.30. Basta que os professores achem necessário e o digam ao DT que procederá a sua convocação. Uma coisa não impede a outra.

Alguma confusão. Muitos falando ao mesmo tempo, após este esclarecimento da PCP. Esta chama atenção do conselho: “- Então colegas! Assim não dá!...”

A del. de C.Físico-Químicas/3°C concorda com a última intervenção da CDT/3°C. Diz que pelo menos no 2º período deve haver reuniões intercalares, para se fazer um ponto da situação.

A PCP resume então a posição que parece consensual no conselho: “As pessoas, então estão a favor da realização das reuniões intercalares no 2º período. Relativamente ao 1º período ninguém se manifesta a favor! Não é assim?!”.

Como não há respostas, é entendido que assim será.

A del. de C.Natureza/3°C adianta que as reuniões poderão realizar-se nos dias 6-7/2/96 (quinta e sexta, antes do Carnaval).

*[Não ficou claro se esses dois dias de interrupção eram os previstos no ponto 7c do despacho, ou se para além desses dias a escola ainda ia interromper todas as actividades escolares. De todo modo o conselho não decidiu mais nenhuma interrupção, o que pode significar que os tais dois dias de interrupção de todas as actividades escolares seriam aqueles dois.]*

A PCP: “- Acham então que as reuniões se devem realizar nos dias 6-7/2/96?! As outras interrupções são para descanso de toda a gente! Quem quiser fazer reuniões, outras reuniões, pode fazê-las sempre, em qualquer dia depois das 18.30.”

*[A decisão sobre a realização de reuniões e as respectivas datas, não foram formalmente aprovadas, e diferentemente do que aconteceu com as reuniões do princípio do ano, a del. que secretariava, não solicitou a indicação do número de votos para incluir na acta.]*

Seguidamente a PCP colocou a questão das reuniões dos CT do início do ano. Devem ou não realizar-se. Disse que o Despacho 8/SERE/89 previa exactamente a realização de reuniões dos CT no princípio do ano lectivo.

A del. de Hist/2°C é da opinião que os CT no início do ano apresentam mais desvantagens do que vantagens. Segundo ela essas reuniões servem apenas para os professores “ficarem de pé atrás relativamente a alguns alunos” que são apresentados pelos professores que já os conhecem de anos anteriores. Isso muitas vezes é bastante mau, porque alguns alunos ficam logo “marcados”.

A CDT/3°C é de opinião contrária. Afirma que é essencial, logo de início, os professores conhecerem bem a situação de alguns alunos, para poderem saber lidar com eles. Só esse conhecimento permite que desde o início as coisas comecem a correr bem. “Todos nós, sabemos que a forma como as aulas decorrem durante todo o ano depende da maneira como começam as aulas, e para isso é importante os professores saberem como lidar com alguns alunos, que apresentam problemas especiais, quer de comportamento, quer familiares e sócio-afectivos”.

A PCP resume esta posição dizendo então que a CDT/3°C acha que deve haver reuniões de CT para as turmas “especiais”. “Mais questões??”, perguntou.

*[O conceito de turma especial, não ficou esclarecido]*

A del. de Port/2°C acha que nessas reuniões devem ser dadas indicações sobre questões de ordem sócio-afectiva. “Que me perdoem, mas é necessário, dizer aos professores algumas regras básicas de comportamento, para que os alunos não venham dizer que na outra disciplina, ele deixa-nos fazer isto ou aquilo”. diz esta del... “Eu acho que nessas reuniões devem ficar esclarecidos, para que todos os professores de uma mesma turma actuem da mesma forma, algumas regras a seguir por alunos e professores” reafirma a del. de Port/2°C. Esta posição é secundada por alguns dos presentes, que chamam a atenção para uma informação adequada junto dos novos professores. A PCP defende essa posição, até porque não se pode deixar os novos professores sem qualquer enquadramento...

“Entregues aos bichos...” acrescenta um dos presentes.

A PCP diz que acha importante haver as reuniões de CT no princípio do ano lectivo, porque gosta de ficar a conhecer desde logo quais são os professores das turmas que lecciona. Pensa que é importante os professores da mesma turma conhecerem-se, e isso faz-se na primeira reunião do CT.

A del. de C.Natureza/3°C pelo contrário afirma não gostar nada dessas reuniões porque, nelas só se ouvem os colegas dizerem “raios e coriscos dos alunos” e depois vem-se a ver que afinal são alunos cordatos e bem comportados. “Sim, porque os alunos têm comportamentos diferentes conforme os professores, e essa primeira impressão muitas vezes não é correcta, e só serve para os professores criarem preconceitos relativamente a alguns alunos e ficarem de pé atrás”.

A del. de Hist/2°C opina que essas reuniões servem para definir critérios de forma a todos “afinarem pelo mesmo diapasão”.

Nesse sentido a PCP afirma a necessidade de uniformidade de critérios a seguir pelos professores que têm a mesma turma. Questão da del. de Port/2°C: “- E como é que isso se faz?”. Esclarece a CDT/2°C que “nós temos já uma folha para entregar aos Directores de Turma”. A PCP em resposta à pergunta: “- Sei lá! Podíamos entregar um documento para todos os professores”. A questão não se coloca apenas ao nível dos Directores de Turma. O melhor mesmo é arranjar alguma coisa que chegue a todos os professores, directamente.

A del. de Hist/2°C refere uma experiência levada a cabo numa escola da Cova da Piedade. Nessa tal escola foi definido um conjunto de normas que foram depois colocadas nos livros de ponto para todos os professores terem conhecimento e cumprirem.

Nesta altura a PCP intervém para recolocar a questão inicial: “- A pergunta inicial ainda não foi respondida! Fazemos ou não reuniões dos CT no início do ano lectivo?. Para todas as turmas ou apenas algumas?”

A del. de Port/2°C diz que “... uma hipótese é fazermos apenas para as turmas especiais”.

A del. de C.Natureza/3°C diz que este ano não pode acontecer o que se passou no ano anterior. Segundo esta del. no ano anterior, os alunos não tiravam o chapéu quando estavam na sala e quando se lhes dizia que não podiam estar de chapéu na aula, respondiam logo que na aula do prof. tal, ele deixava. O mesmo se passou com o problema das pastilhas elásticas, uns professores deixavam, outros não...

A PCP chamou a atenção para o facto de os professores serem coerentes com as regras que impunham aos alunos. Por vezes exigiam coisas aos alunos que depois eles próprios não cumpriam, como era o caso da pontualidade. “Que autoridade tinha o prof. de marcar falta depois do 2º toque, se depois ele chegava à aula depois do 2º toque e não lhe era marcada falta?” perguntou a PCP.

Outra questão que mostrava o não cumprimento de regras conhecidas pelos professores, era a que se relacionava com a obrigação do professores fazer a participação disciplinar ao DT, refere a del. de Port/2°C. Segundo esta del., muitas vezes os professores não fazem essa comunicação, e depois queixam-se que não são tomadas medidas.

Por seu lado, a propósito deste assunto, a PCP diz que os professores já sabiam que ao aluno que é aplicada a pena de ordem de saída da sala de aula, já não pode ser aplicada outra pena. Como é sabido ninguém pode ser penalizado duas vezes pela mesma infracção. No entanto continua-se a não ter isso em atenção disse a PCP. acrescenta que, hoje as coisas já não se passam como há dez anos. Hoje os pais estão mais atentos a estas coisas, e levam a sério as questões de legalidade das decisões tomadas na escola.

A del. de Port/2°C opina que “as nossas relações com os alunos até melhoram se houver regras conhecidas por todos, alunos e professores”.

A CDT/3°C sugere que na altura da recepção aos alunos, podem fazer-se cartazes a colocar pela escola, divulgando as regras (por exemplo junto da cantina). “A entrada dos pavilhões” acrescenta a PCP.

A del. de Port/2°C lança uma ideia para a divulgação dessas regras. Sugere que sejam entregues os horários da turma ao alunos, e no verso da folha com o horário constem esse conjunto de regras.

A CDT/3°C acrescenta que essas regras não são só para os alunos, mas para toda a escola: “As regras que vamos fazer é para toda a escola...!”.

No seguimento desta intervenção a VPCD diz que não se deve esquecer que as regras sendo também para os professores, podia-se colocar uma “chamada de atenção” para os professores, acrescentando que se os “alunos são esquecidos” [isto é esquecem-se com muita frequência] os professores não são menos.

A del. de Port/2°C opina que as regras a serem elaboradas devê-lo-ão ser sempre pela positiva e nunca pela negativa. Deve evitar-se o “não podes...” de forma a “levantar a auto-estima” dos alunos.

A del. de C.Físico-Químicas/3°C refere a necessidade das reuniões iniciais, especialmente para os colegas novos.

A PCP indica as três opções que se colocam relativamente às reuniões dos CT no início do ano lectivo: a) realizam-se reuniões de todos os CT; b) realizam-se apenas as reuniões no caso das turmas “especiais”; c) não se realizam reuniões dos CT.

A CDT/2°C levanta algumas dúvidas sobre a forma como as regras (discutidas antes) serão comunicadas aos professores. “É o DT que comunica...” explica a PCP. “Como é que isso é feito?” pergunta a CDT/2°C. Responde a PCP que essa comunicação será feita nas reuniões. Referindo-se ainda à questão das reuniões iniciais dos CT, a PCP opina que para o cumprimento de normas e regras é extremamente importante a motivação dos alunos, acrescentando que para isso é preciso os professores conhecerem os alunos. Esse conhecimento é facilitado pela troca de informações entre os professores.

A CDT/3°C é da opinião que nesta altura não tem qualquer interesse a realização das reuniões porque ainda não houve aulas e os professores não conhecem os alunos que vão ter.

A PCP esclarece então que o próprio despacho 8/SERE/89 indica que devem ser realizadas reuniões dos CT no início do ano lectivo para a definição de critérios de actuação.

Alguns membros do CP opinam que apenas deviam ser discutidas e votadas as propostas a) e c).

A CDT/3°C refere nesta altura que as reuniões servem, que mais não seja, para os professores se conhecerem uns aos outros. A PCP coloca então à votação as duas propostas, não colocando portanto a proposta de realização de reuniões apenas para as turmas “especiais”. Os resultados da votação foram os seguintes:

proposta a) realização de reuniões para todas as turmas - 19 votos a favor

proposta b) não realização de reuniões de CT - 2 votos a favor  
Abstenções - 1 abstenção.

[12.47]

A CDT/2°C volta a colocar a questão de saber a quem se dirigem as regras: "É para todos?". "Precisamos saber como vamos fazer isso!" disse esta coordenadora dos DT. Após uma troca de informações entre as duas coordenadoras dos DT, parece que ficam resolvida as últimas dúvidas que a CDT/2°C ainda tinha sobre a forma de elaborar e comunicar as regras a serem cumpridas pelos professores e alunos.

A PCP passa ao ponto seguinte da OT - Dossier dos del. e respectiva organização. Indica então o que deve constar do dossier de del.: a) horários dos professores; b) fichas de avaliação aplicadas; c) planificações lectivas; d) programas das disciplinas e cópias das actas. Seguidamente faz uma chamada de atenção para os del. fazerem regularmente o ponto da situação (no fim de cada período escolar) sobre a feitura das actas das reuniões dos conselhos de grupo e de disciplina. Isso evitará que tenha de ser o CD a controlar se as actas estão ou não a ser feitas com tempo. Aliás, diz ainda, depois de cada reunião os del. deverão entregar no CD, as convocatórias das reuniões, com o registo de presenças e a indicação do secretário da sessão. Dessa forma o CD fica em condições de poder contactar directamente o prof. encarregado de elaborar a acta, se a mesma não estiver redigida no livro de actas. Finalmente a PCP referiu que as actas devem começar sempre no início de uma folha. "Não sejam poupados, nesse aspecto, e comecem sempre as actas no princípio da folha..."

A del. de Hist/3°C exclama: "Mas assim ficam linhas em branco...". "Desde que sejam trancadas não existe qualquer problema" diz a PCP.

[12.55]

A PCP diz que o ponto seguinte é a questão do Projecto Educativo.

"São 13.00! Este é um assunto importante que tem de ser tratado com cuidado" diz a PCP, acrescentando que já não se sente com fôlego para abordar a questão.

Entretanto, alguém lembra que ficou decidido realizar as reuniões dos CT mas que não se disse quando seriam. PCP informa então que elas se realizarão nos dias 17-18/9/96.

Após isto, pergunta aos restantes membros se sentem com fôlego para abordar a questão do Projecto Educativo. A del. de Hist/3°C diz que sim, mas a PCP mostra-se completamente avessa a essa hipótese. Diz: "Podemos fazer uma outra reunião do CP só para tratar do Projecto Educativo". Depois de algumas consultas rápidas aos presentes, fica marcado a reunião do pedagógico para o dia 19/9/96 pelas 14.30.

Afirma, a título de esclarecimento que "a nossa escola, como sabem não tem ainda um projecto educativo, apenas tem um PAA, mas temos de começar a pensar no assunto." A PCP esclarece que foi constituído um grupo no ano anterior para tratar do assunto. Era constituído por ela mesmo, pelas então del. de Port/2°C, de Hist/3°C... Relativamente, ainda, a este assunto a PCP diz: "- vamos então consultar os vossos grupos sobre o que gostariam de ter para o PAE para este ano."

Acaba a reunião. As pessoas começam a abandonar a sala. [13.05]

#### DEPOIS DA REUNIÃO

Com a sala já quase vazia acerquei-me da PCP para lhe pedir ajuda na identificação de alguns elementos que durante a 2ª parte da reunião não tinha conseguido fazer. Como a identificação que tinha na planta era apenas de algum nome e/ou disciplina, pedi-lhe que me arranjasse uma lista dos membros do CP. Ela só tinha a lista de controle de presenças, que aliás não tinha passado durante a reunião para os presentes assinarem, e foi essa lista me deu.

Nessa altura aproximaram-se duas colegas que queriam perguntar qualquer coisa à PCP, mas esta despaçou-as dizendo que naquela altura não estava em condições, "não sei nada, neste momento, quero é sair daqui!". Descemos até ao gabinete do CD acompanhados pela VPCD.

Pelo caminho a PCP queixou-se da incoerência dos colegas, referindo-se à questão do funcionamento do CP e da proposta de redução do seu tamanho. Chamou a minha atenção para o facto de uma daquelas colegas que tinha defendido que o pedagógico devia manter-se na mesma ser uma das que tinha dito no ano anterior, a propósito dos critérios de avaliação que "o pedagógico que decidisse o que quisesse que eu continuo a fazer como fazia antes".

Já no gabinete do CD, quando conversávamos, apareceram outras duas professoras, as del. de Hist/3°C e Hist/2°C que queriam saber qualquer coisa relacionada com novos colegas colocados. Também desta vez a PCP se mostrou pouco disponível, dizendo que não estava em condições de tratar nada, que se encontrava completamente esgotada e que ia estar na escola da parte da tarde, que aparecessem depois se quisessem. Até para a VPCD a PCP foi um pouco agreste, quando aquela lhe perguntou o que ele tinha de tratar da parte da tarde e se precisava que ela viesse ajudá-la. "Olha, sei que venho à tarde, mas neste momento nem sei o que venho cá fazer! Só sei que venho, depois verei o que há para fazer".

Conversámos ainda um pouco sobre a questão do projecto educativo. Ela disse que ia fazer um pequeno texto sobre a questão, para entregar aos del., e depois discutir na reunião do CP. Considerou que a maior parte dos professores nem sequer fazem ideia do que é isso do Projecto Educativo. Portanto é necessário em primeiro lugar entregar alguns textos e documentos para eles começarem a ter uma ideia do que isso seja. Notei que se encontrava um pouco desconsolada, porque a certa altura, disse-me: "Sabes que o me disse o Leonel (o Leonel é um amigo comum que tinha iniciado o mestrado com ela na Universidade Católica e que também tinha entretanto desistido)?"

Disse, para que andamos a tirar mestrados se depois tudo continua na mesma?! Os professores, depois nas escolas não se interessam, não sabem nada!”. Este desabafo, penso, estava relacionado com a posição dos elementos do pedagógico sobre a reorganização do CP.

Perguntei-lhe, ainda quando se realizava a reunião dos directores de turma, tendo ela dito que se realizaria no dia 16/9/96 pelas 9.30.

Depois disso saímos da escola. Ela tinha o carro estacionado dentro no pátio junto ao pavilhão central. Cerca das 13.15 deixei a escola. [13.15]

## E) 5ª REUNIÃO - 19 SET 1996

cp105

19/09/96 - 14h 20m - 18h 00m - Escola A

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO

### ANTES DA REUNIÃO

[14.20] - Cheguei à escola cerca das 14.20. No gabinete do CD não estava ninguém. Quando me dirigia para bater à porta, uma prof. que se encontrava à porta da sala de professores, logo me deu essa informação.

Fiquei, então, na sala de professores, onde se encontravam apenas os del. de E.Visual/3°C e de E.V.Tecnológica/2°C e um outro colega [que depois vim a saber era o del. de E.Física/3°C].

Como sempre o assunto era o futebol. A derrota do Benfica frente ao Porto na véspera dominava a conversa entre estes professores. Em silêncio, assistindo à discussão encontrava-se o del. de Mat/3°C.

Entretanto foram aparecendo outros professores membros do CP. Cerca das 14.30, a maior parte deles dirigiram-se para o primeiro piso. Acompanhei-os e encontrei a PCP que já se encontrava lá em cima, a conversar com duas colegas, junto à porta onde ia realizar-se a reunião. A sala ainda estava fechada. No muro junto à escadaria encontrava-se um monte de fotocópias e alguns livros, todos eles relativos ao Projecto Educativo. A PCP esclareceu-me que trazia para a reunião alguns textos que tinha retirado de alguns obras sobre o Projecto Educativo, para entregar aos membros do CP. Contava dessa forma, dar elementos para leitura e debate sobre a questão, na reunião do CP desse dia. Entretanto ela desceu ao primeiro piso para ir buscar a chave da sala. Voltou passados um ou dois minutos. Já se encontram cerca de 15 pessoas à espera junto à porta. Entrámos e a reunião começou cerca das 14.35.

### 1ª PARTE DA REUNIÃO

[14.35] - A PCP inicia a reunião explicando que tal como tinha sido combinado na última reunião do CP, esta reunião se destinava exclusivamente a tratar da questão do Projecto Educativo. Para o efeito tinha procurado arranjar alguns textos que pudessem constituir uma base de trabalho para a discussão de ideias e o debate entre todos os membros do CP.

Entretanto faz passar os exemplares da folha com a Ordem de Trabalhos:

1 - Leitura da acta da última reunião do CP

2 - Informações

3 - Projecto Educativo de Escola

[14.40]

Informou os presentes que não iria ser feita a leitura da acta da reunião anterior, porque a colega encarregue de a fazer tinha tido o filho doente e portanto não tinha tido possibilidade de a redigir. Algumas trocas de informações sobre a natureza da doença do filho da tal colega. A VPCD disse que ainda não se sabia, que os médicos diziam que era uma virose.

Passando ao ponto seguinte - Informações, a PCP esclarece que não tem grandes informações, apenas refere que se encontram afixadas na sala de professores algumas informações sobre acções de formação promovidas por diversas entidades, entre as quais o Centro de Formação da Associação de Escolas - [nome - 2].

“Se alguém tem informações a dar...” diz a PCP.

“Quem é que faz a acta desta reunião?” pergunta a del. de Ing/3°C. A PCP faz as contas e responde que é precisamente ela, a del. de Ing/3°C, que deve fazer a acta.

A CDT/3°C: “- Em relação aos 9º anos? As alterações a realizar na constituição das turmas?”

[Devia estar a referir-se à inclusão dos alunos que não tinham conseguido aprovação nos exames do 9º ano]

A PCP respondeu que isso era coisa que se teria de ver, com calma. Não iam ver agora, ali no CP.

Entra-se no terceiro ponto da Ordem de Trabalhos - Projecto Educativo de Escola.

PCP faz uma explicação introdutória do tema. Refere, nomeadamente, o enquadramento legal da questão do PEE. reafirma a diferença entre o PEE e o PAE, dizendo que até à data a escola tem elaborado apenas o PAE.

Segundo ela a grande diferença é que na elaboração do Projecto Educativo, deve reunir a intervenção de todos, alunos, pais, professores, funcionários, autarquias, e que como se sabe isso não acontece com o PAE.

A proposta que ela fazia era de as pessoas fazerem grupos de 4/5 elementos para uma leitura e análise dos textos que ela entregara antes.

Repara então que não está presente o representante da APEE e diz: "... não vejo o representante da APEE, mas eu telefonei-lhes e eles disseram que estariam cá!".

Depois continuou, dizendo que se podia reservar para o trabalho dos grupos, entre 00.45 a 01.00.

"Não vos digo a ordem dos textos, para tornar mais interessante a vossa discussão", diz a PCP. Diz que tirou 23 exemplares de cada documento.

De forma sucinta, apresenta de seguida os diversos textos, referindo as suas características principais, o autor e a obra donde foram extraídos. "Há muitos mais, mas não quis estar a dar-vos coisas muito grandes. No entanto quem quiser aprofundar... há já muita coisa feita" acrescenta a PCP.

Finalmente a PCP faz a leitura do articulado do Decreto-Lei nº 43/86 - Autonomia das Escolas - que refere o Projecto Educativo.

"A partir de agora não vou dizer mais nada, para não ser maçadora. Podemos começar a trabalhar!"

#### DURANTE O TRABALHO DOS GRUPOS

Os presentes organizaram-se em quatro grupos de 4/5 elementos (diagrama anexo).

Eu fiz um sinal à PCP dizendo-lhe que não faria parte de nenhum grupo. Quer ela quer a VPCD não ficaram incluídas em nenhum dos grupos.

A PCP começou a entregar aos presentes, já organizados por grupos, os documentos que tinha trazido.

[No total eram cinco documentos: *Projecto Educativo de Escola - Elucidação de Alguns Conceitos*; *Fazer da Escola Um Projecto* (João Barroso); *Finalidades e Funções da Escola* (José Matias Alves); *A construção do Projecto Educativo de Escola* (Berta Macedo) e *Projectos educativos de escola: concepções subjacentes* (Ana Cristina Costa e Ana Paula Curado)]

Enquanto os membros do CP faziam a leitura dos textos [a PCP deu um período de 00.45 para essa tarefa] a PCP disse-me que podíamos aproveitar para ir ver das fotocópias das actas que eu tinha pedido.

Cá fora, o del. de E. Visual/3°C sentara-se numa cadeira à entrada da sala, sozinho, a ler os textos. Disse-me que ali estava mais fresco e por outro lado podia fumar. Enquanto esperei pela PCP, que dava as últimas orientações aos membros do CP, a propósito da leitura dos documentos, fumei um cigarro e troquei algumas impressões com o del. de E. Visual/3°C sobre a questão do Projecto Educativo.

Pouco depois a PCP surgiu e fomos para a Reprografia, depois de ela ter ido buscar os livros de actas, e foi ela própria que tirou as fotocópias (das reuniões de Maio e Junho - a de Julho ainda não estava redigida).

Pus-lhe a questão da abertura de uma conta em nome, na Reprografia, para final pagar todas as fotocópias que tivesse tirado. Ela olhou espantada para mim e disse: "Oh, Luís, o patrão é o mesmo, portanto deixa-te disso!".

Depois das cópias tiradas, voltámos para a sala onde os grupos continuavam a leitura. Já se notava que alguns tinham começado a discutir entre si o conteúdo dos documentos. Trocavam impressões e contrastavam interpretações.

Questionei a PCP, se já alguma vez tinha feito uma reunião daquele género, ou se era a primeira vez. Disse-lhe que tinha ficado um pouco espantado pela proposta de trabalho que ela tinha feito e que de certa forma tinha ficado na expectativa sobre a reacção dos membros do CP. Afinal, disse eu, a reacção até sido bastante positiva.

Ela respondeu-me que era a primeira vez que fazia uma coisa assim. Desta maneira, disse, conseguia-se que eles lessem alguma coisa sobre o assunto. Se apenas lhes desse as fotocópias, por exemplo, para lerem numa altura qualquer, concerteza que a maior parte nunca os leria. Por outro lado, na última reunião do CP tinha saído completamente esgotada. Pelos menos, assim, liam e trocavam opiniões sobre o tema, e ela não se cansava tanto, a falar.

Pedi-lhe que me ajudasse a identificar os elementos dos grupos constituídos. Estávamos sentados na cabeceira da mesa da reunião, e ela foi-me dizendo o nome de cada um dos elementos do CP que constituíam os quatro grupos de trabalho.

A discussão no seio dos grupos já tinha começado a surgir. Abandonei a sala para fumar um cigarro. Cá fora encontrava-se ainda o del. de E. Visual/3°C. Estava também o del. de E. Física/3°C. Durante cerca de 00.10 estivemos na conversa trocando ideias sobre a questão do Projecto Educativo.

O del. de E. Visual/3°C dizia que era muito interessante, mas difícil de levar à prática, porque as condições de funcionamento das escolas - questão da autonomia e da participação - não se compadeciam com teorias. Eu acrescentei que, no entanto, mesmo assim, alguma coisa poderia ser feita, se as pessoas quisessem realmente; em escolas como estas, com contextos sócio-culturais desfavorecidos, o que havia a fazer era pegar num ou dois problemas sentidos, realmente, como fulcrais para a comunidade educativa e a partir deles construir vias e soluções que mobilizassem todos os actores educativos. A partir daí, novos problemas e soluções surgiriam. A Acção era fundamental.

O del. de E. Visual/3°C referiu que, por exemplo, uma das questões que impedia qualquer solução para o insucesso, era a ausência de integração linguística dos alunos. Disse que havia alunos vindos dos PALOP's que nunca poderiam aprender nada, enquanto não se resolvesse tratar a língua portuguesa como segunda língua. As aulas das outras disciplinas não funcionavam com esses alunos porque eles nem sequer sabiam ler e escrever em português. Este era um assunto que ele já vinha referindo há vários anos, mas que nunca a escola decidiu atacar de frente.

O del. de E.Física/3°C referiu que no caso de [nome de povoação - 1] o desemprego era outro problema (aliás, disse, a situação era geral) e que a desertificação empresarial que se vinha verificando estava a transformar [nome de povoação - 1] num dormitório de Lisboa. A vida social, cultural estava em franco declínio. A maioria das pessoas já iam trabalhar para Lisboa. O sentido de comunidade, segundo o del. de E.Física/3°C, estava a perder-se. Os apoios da autarquia (Município de [nome de povoação - 6]) estavam particularmente partidizados, e apenas se realizava naquelas actividades que traziam prestígio para a Autarquia. Deu como exemplo os apoios dados ao futebol. Outras actividades recreativas, desportivas e culturais estavam em declínio acentuado (o caso da banda de música, que estava muito envelhecida). Por outro lado aproveitamento do Tejo como espaço de lazer e desporto era praticamente inexistente.

Como a reunião estivesse prestes a recomeçar, porque o período de leitura já estava a terminar, entrámos na sala e ocupámos os nossos lugares.

## 2ª PARTE DA REUNIÃO

[16.00] - Os trabalhos da reunião novamente em plenário reinicia-se.

"Agora que já leram os documentos, vamos lá ver...!" diz a PCP. "Vamos começar por aí... Oh, [nome de profº - 37], o que é que achas do que leste?" pergunta dirigindo à del. de Mat/2°C. Esta responde que pelo que leu, e leu apenas três dos documentos dados, "...aquilo era uma coisa completamente nova para ela", que pelos vistos era uma coisa "árdua" de se fazer.

"Mas já estás mais esclarecida? Eu pergunto-te a ti porque na última reunião tu rinhas dúvidas sobre o que era e qual era a utilidade!" esclarece a PCP.

"Por um lado sim, mas ainda acho que é um bocado confuso!" responde aquela del. de Mat/2°C.

A PCP refere a importância do envolvimento dos alunos, pais, professores, etc. O PEE tem de ver a "questão da realidade onde a escola está inserida". As escolas são todas diferentes, "essas diferenças entre as escolas, têm a ver com os alunos, os pais, os professores, o próprio meio onde elas estão...". Por isso é importante a contextualização.

Outra coisa é que "temos de ver o presente, aquilo que temos agora, o que somos, e ver o futuro, o ideal que queremos para a escola..." explica a PCP.

De uma forma muito simples, o PEE, tem a ver com a pergunta que fazemos a nós próprios. "O que é que queremos?". Quando dizemos "que bom que seria se isto fosse desta ou daquela maneira" estamos, sem o sabermos, a pensar no PEE.

"Ora para se conseguir tudo isso, teremos em primeiro lugar de ver o que temos, quais são os recursos materiais, humanos, financeiros de que dispomos, e vermos também se o que pretendemos é possível atingir com esses recursos", continua a PCP.

[16.05]

Para além disso, a PCP referiu a necessidade de equacionar da melhor forma as relações da escola com o ME, porque elas devem ser de molde a garantir a questão dos meios/recursos necessários à realização do PEE.

"Parece-me que ficou mais ou menos claro o que entendemos por PEE!".

"Agora temos é de pensar no PEE para esta escola em concreto!" diz a PCP.

"Por exemplo, nesta escola há 821 alunos, apenas 3% dos pais destes alunos têm formação académica superior, as famílias são de fracos recursos financeiros... portanto estão a ver!" esclarece a PCP.

O del. de E.Visual/3°C chama a atenção para a questão do domínio da língua pelos alunos, nomeadamente dos alunos de origem africana. Diz que uma possível questão a abordar num Projecto Educativo naquela escola é a de tentar que o Português fosse ensinada como "2ª língua". Enquanto isso não fosse feito, enquanto não fosse dada a importância devida, no processo de ensino-aprendizagem, às línguas maternas dos miúdos, o insucesso escolar continuaria a ser elevado, e o Projecto Educativo não resultaria.

A CDT/2°C chama a atenção (pergunta também) que isso implica uma alteração curricular que julga não ser possível.

A PCP afirma que efectivamente isso corresponderia a uma alteração curricular (até do currículo nacional) para a qual a escola não tem autonomia. Por outro lado, não podemos, também, mexer assim de um momento para outro, por exemplo nos horários. "Eles já estão feitos, e agora não era possível, estar a mexer nisso..."

Sobre a questão do insucesso escolar e da constituição de turmas e elaboração de horários, a VPCD referiu o caso de um protesto de um e. educação que há dia veio queixar-se pelo seu educando estar integrado numa determinada turma [não conseguiu registar os motivos apresentados pelo e. educação]. "E o aluno terá de ser integrado!" exclama a CDT/3°C. "E os repetentes, aonde os metemos nesse caso?" questiona a PCP.

"Primeiro teria de ser 'integrado' o pai!" exclama a del. de C.Físico-Químicas/3°C.

Voltando ao registo inicial do debate a PCP explica que o PEE, ao ser pensado para os alunos "desta" escola, tem de ter em atenção a situação específica. "Por exemplo", diz "... há alunos que nunca viram o mar, nem uma sala de espectáculos, e neste caso as simples visitas de estudo devem ser pensadas em termos que ultrapassem os simples passeios...". O Projecto Educativo é tudo isso. Antes de tudo devemos fazer uma caracterização mais ou menos exaustiva da "escola que somos". Adiantou, ainda, a PCP que na escola já existia um trabalho realizado anos antes em que se fazia a caracterização da escola.

"Então o PEE, já começou a ser feito. A parte 'O que somos'. Agora, falta ver 'O que queremos ser'" diz a del. de Port/2°C.

"O que já está feito pode ser um ponto de partida. Não vamos começar outra vez, porque já temos isso feito!" acrescenta aquela del. de Port/2°C

A PCP diz que existe uma compilação sobre o assunto, resultado de um trabalho de férias, feita por um grupo de professores: [nome - 31] (3°G/2°C), [nome da CDT/2°C] (1°G/2°C), [nome - 83] (3°G/2°C), [nome - 6] (3°G/2°C).

A CDT/2°C diz que esse trabalho já foi feito há alguns anos e que se calhar já se encontra muito desactualizado. Esclarece a PCP que, exactamente, por isso é necessário promover a sua actualização, introduzindo os aspectos da realidade da escola, no presente.

A del. de Ing/2°C, uma das autoras do referido trabalho, questiona a PCP sobre "de onde saiu essa ideia do PEE".

No seguimento desta questão a CDT/3°C, pede que a desculpem, mas sem querer ser "do contra, tem de fazer uma pergunta.

"Sim, diz lá, coloca todas as perguntas que quiseres!" diz a PCP.

"Então é assim: Porquê um Projecto Educativo para esta escola? Porque que resolveste tratar este assunto?", pergunta a CDT/3°C.

A PCP indica quatro razões [que se resumem a duas, basicamente]. Começa por dizer que "Porque a legislação aponta para isso" e volta a referir o Decreto-Lei nº 43/86. Depois continua dizendo que é um meio de promover o envolvimento de todos os interessados, e não apenas os professores; refere o carácter plurianual do Projecto Educativo o que permite ter uma visão mais adequada com o tratamento dos problemas; finalmente esclarece que a existência de um Projecto Educativo facilita a dinamização de relações entre os actores educativos, na organização de actividades curriculares e extracurriculares, como clubes, visitas de estudo, mediateca, etc.

Pergunta a CDT/3°C: "Então e isso não tem sido feito nesta escola?"

"Não, não, não tem sido feito. Por exemplo: os alunos têm sido ouvidos, naquilo que querem que a escola seja, nas mudanças que gostariam de ver fazer-se na escola? Não, não têm sido ouvidos!" responde a PCP.

De imediato responde a CDT/3°C: "Não, não têm sido, nem vai ser! O que queres ouvir destes alunos, por exemplo do 5º e 6º anos? Nem pensar? Quer dizer que vais perguntar aos alunos o que eles querem mudar na escola? Nem penses! Eles sabem lá!"

"Como é que na prática vais fazer isso? Isso não resulta!" finaliza aquela CDT/3°C.

*[Notei que a PCP ficou atordoada com esta posição assumida pela CDT/3°C. Não queria acreditar no que se estava a passar. Notei essa reacção, nalguns outros elementos do CP. Eu próprio fiquei bastante admirado, não só pelo conteúdo das perguntas, mas igualmente pela veemência e convicção com que foram colocadas]*

A VPCD intervém dizendo que até certo ponto compreendia o que a CDT/3°C

queria dizer: "Eu percebo o que a CDT/3°C quer dizer! Eu também gostaria de ver um PEE já feito! Estas teorias (apontando para os papéis à sua frente) aplicadas à prática."

A del. de Port/2°C, *[mostrando-se muito confusa e indecisa]*

diz que quando acabou de ler, e depois da discussão que já tinha havido: "Isto assustou-me, porque isto requer muito tempo. Tal como está aqui, e como vocês estão a dizer, isto requer muito tempo!". Temos esse tempo todo?", pergunta.

A PCP procura tranquilizá-la. "Por exemplo", diz, "houve uma escola que construiu o seu Projecto Educativo a partir da criação de um Centro de Recursos. A Marquesa de Alorna, a partir da dinamização de um Centro de Recursos, fez um Projecto Educativo, com o envolvimento de todos". Outro exemplo: A dinamização da mediateca ou da biblioteca pode ser um Projecto Educativo, o que importa é que aja o envolvimento de todos, alunos, professores, funcionários, pais, etc.

"Então, quer dizer que o ritmo de desenvolvimento pode variar, pode ser próprio da escola?" pergunta, afirmando ao mesmo tempo, a del. de Ing/2°C.

*[Os exemplos dados pela PCP geraram algumas discussões entre os presentes, sobre o nível e a envolvimento que deveria ter um Projecto Educativo]*

Alguna confusão, com os presentes a discutir entre si a concepção de Projecto implícita nos exemplos dados pela PCP.

Confusão cortada pela del. de Hist/2°C que diz ter uma dúvida: "Eu, pelas leituras que aqui estão, fiquei com a ideia que o Projecto Educativo era uma coisa mais geral, mais envolvente, agora vejo que afinal, qualquer coisa pode ser Projecto Educativo! Isso é mesmo assim? Não é o que se retira destes textos!"

Responde a PCP: "Eu dei o exemplo do Centro de Recursos da Marquesa de Alorna. Eu não estou a dizer nada de meu! Há várias interpretações. E isto que estou a dizer é dito por universitários que estudaram o assunto"

"Então, quer dizer que a dinamização de um Pavilhão Gimnodesportivo pode ser um Projecto Educativo?" pergunta/afirma a CDT/3°C. Continua explicando a importância de um Pavilhão Gimnodesportivo para a integração dos alunos, a melhoria do seu desempenho escolar, principalmente se se atender que os miúdos não têm mais nenhum sítio onde fazer desporto. Refere depois a função integradora do desporto e da E.Física, principalmente para os alunos de etnias diferentes. A escola devia empenhar-se na construção de um Pavilhão.

A PCP refere que isso era muito importante, mas que não estava ao alcance da escola. Nesse sentido era preciso ver que o Projecto em primeiro lugar deveria estar dentro dos horizontes do possível. Já muitas vezes tinha insistido junto do ME e da Autarquia, nas nunca eles ligaram qualquer importância a isso. Havia limitações que



eram intransponíveis e referiu-se à existência de um lado da escola de um palácio e à passagem da CREL do outro lado. Por outro lado, o único sítio onde poderia ser construído a Autarquia pretendia construir um campo de ténis.

O del. de E.Visual/3°C opina que isso do Pavilhão é muito radical. Acrescenta que “Isso está fora de questão! Nem vale a pena sequer pensar nisso! Já estou farto de ouvir isso do Pavilhão!”

A del. de Port/2°C defende que isso “não é impossível porque se o PEE envolve a comunidade... com a força desta a coisa pode resolver-se!” A CDT/3°C é da mesma opinião: “Afinal para que serve o envolvimento da comunidade?”

A PCP responde: “... mas a comunidade não se interessa, estão-se ‘borrifando’, quer a CM [nome de povoação - 6] quer a Junta de Freguesia de [nome de povoação - 1]!”

E acrescenta que era mais fácil se o Projecto Educativo fosse construído a partir da questão da língua.

A del. de Hist/2°C interrompe-a para perguntar: “Tu falaste há pouco na biblioteca. Eu não vejo como é que a dinamização da biblioteca pode ser um PEE, porque não é abrangente!”

“Não vês? Eu então explico! Queres ver? Os professores podiam utilizar para as suas aulas, utilização dos materiais, trabalhos de consulta, grupos de trabalho, etc.; os alunos podiam ser incentivados para a consulta no local, aumentar os hábitos de leitura, pesquisa para trabalhos individuais e de grupo, etc.; os pais podiam ser convidados a utilizarem a biblioteca, também, ajudando os próprios filhos, convidar os pais para utilizarem a biblioteca falando das suas profissões, etc.; a autarquia podia participar com a oferta de livros e outros materiais didácticos, etc.; os funcionários...”

“E depois, não há funcionários e a biblioteca está fechada...” exclama a CDT/3°C.

A del. de Ing/2°C diz que: “... para mim isso não é um PEE! Pode ser uma componente do Projecto, mas não é o Projecto, porque não é uma coisa global.”

A mesma opinião tem a del. de Hist/2°C: “Eu também acho que sim. Devia ser uma coisa mais abrangente, que tocasse vários aspectos da escola!”

A PCP reclama a opinião das “pessoas entendidas, os universitários” que acham que a biblioteca pode ser um Projecto Educativo. Que aquela ideia não é dela, mas de “pessoas entendidas”.

A CDT/3°C pergunta se não é possível convidar colegas de outras escolas que já tivessem um PEE.

A PCP: “... diz-se que o problema que se coloca é que há muitos colegas que não ouviram, não sabem como fazer e portanto não se faz, no entanto há escolas que sem grandes preocupações de fazer coisas grandiosas, acabaram por fazer alguma coisa de positivo”. E refere-se ao caso da [nome de escola - 3]: “Olhem, digo-vos, por exemplo o caso da [nome de escola - 3] que com um Projecto Educativo sobre “As raízes da Escola, das Pessoas, da Comunidade” que depois terminou com uma grande exposição”.

“Olha, essa de exposições, eu passo!” exclama prontamente a CDT/3°C, “... porque isso já sabemos como são feitas as exposições”. “O que me interessa é saber o que é se fez/faz durante o ano, no dia a dia, em que é que a escola é diferente, com o PEE!”

A del. de E.Física/2°C opina que “A escola que temos, o que fazemos para a modificar e a escola do futuro” é um tema suficientemente abrangente.

Vários dos presentes manifestam o seu acordo, no final de contas: “... na escola já temos feito projecto educativo!”. A VPCD diz que sim. A PCP e a del. de Port/2°C

quase simultaneamente acrescentam: “... mas de forma não integrada.”

A PCP explica que o PEE “...deve ser ao mesmo, realista e utópico, global mas sem esquecer o pormenor...” notando que algumas das propostas dentro do Projecto se realizam e outras não, mas isso não diminui a sua importância e valor, por exactamente se tratar de um projecto.

“Ora aí está, aí na parte utópica entra o Ginásio”, exclama a del. de Port/2°C, voltando a chamar para a discussão o problema do pavilhão gimnodesportivo.

Segue-se alguns momentos em que os argumentos a favor e contra se voltam a trocar, sem nenhuma novidade em relação à discussão tida antes.

A propósito de uma questão sobre a tipologia dos pavilhões, actualmente construídos, entram na discussão o del. de E.Visual/3°C e o del. de E.Física/3°C, sobre a estandarização ou não dos tipos de pavilhão, esclarecendo o segundo que a estandarização já tinha sido abandonada.

A cortar essa discussão técnica, a CDT/3°C perguntou se não era possível, e que desculpassem a pergunta mas ela era ignorante no assunto, não era possível transformar uma sala de convívio de alunos em Pavilhão Gimno-desportivo.

A PCP responde que não e procura explicar porquê. Para o efeito pede ajuda ao del. de E.Visual/3°C que refere a questão da altura mínima, o soalho, etc. Acrescenta a PCP que essa questão já tinha sido posta ao ME e que tinham recebido um rotundo não.

[17.00]

A PCP reorientando a reunião pergunta: “Porque não aproveitar a sugestão da del. de E.Física/2°C ‘A escola que somos e que queremos ser’. Podemos começar pelos Directores de Turma - caracterização dos professores, alunos, etc.; consultar os alunos (del. de turma) sobre as questões da escola. Isso podia ser feito em reunião dos coordenadores do DT com os alunos de cada ciclo, e tentar fazer uma “coisa bonita”.

“O que é que acham?” pergunta a PCP com entusiasmo.

O del. de E.Física/3°C: “Eu acho que sim! É uma maneira de começar, se não nunca mais...”

A del. de Geo/3°C é da mesma opinião: “Acho que sim! Temos de começar por algum lado!”

“Podíamos partir daí” conclui a PCP.

A del. de C.Físico-Químicas/3°C opina que “... em relação aos encarregados de educação podemos aproveitar as reuniões do início do ano que vão realizar-se entre o DT e eles”.

A PCP anuncia, então, que podem ser entregues aos DT, uns questionários para organizar melhor a recolha de opiniões [*penso que dos encarregados de educação, era deles que se estava a falar*]

A CDT/2°C questiona a PCP sobre como é que vai ser feita, e sobre quê, concretamente a recolha de informação. A PCP refere-se à ficha biográfica dos alunos: “Como vamos ter de fazer aquele questionário teremos de ver que pontos devem ser lá incluídos: idade, profissão, irmãos, etc.”

A CDT/3°C opina que se pode pegar nas fichas já existentes e ver o que interessa e o que é necessário acrescentar, mas isso terá de ser feito entre elas, para depois ser entregue aos directores de turma.”

Com as pessoas a sentirem a proximidade do final da reunião, as conversas cruzadas começam a surgir. Alguns dão sugestões de coisas que podiam ser feitas, para melhorar a escola: “... fazer uma esplanada, arranjar os jardins, etc.” opina a PCP

A del. de Port/2°C, dirigindo-se à PCP diz: “Olha vai ver a [nome de escola - 19], que é uma beleza, fizeram uma esplanada, com chapéus de sol e serviço de bar...”

“Para isso é claro que precisamos do apoio da comunidade, dos pais, dos interesses económicos, se não pode ser mal entendido” opina a PCP. Uma coisa que se podia perguntar aos pais era uma coisa deste género “O que é que gosta mais/menos na escola do seu filho?”, para termos uma ideia da opinião dos pais sobre a escola.

A reunião já se encontrava de facto no fim. A discussão tinha esmorecido, com a maioria dos presentes aparentemente satisfeitos com os resultados conseguidos.

A PCP avisou que a próxima reunião do CP “... só depois da caracterização feita!”.

As pessoas começam a levantar-se e a sair. [17.27]

#### DEPOIS DA REUNIÃO

[17.30] - Pedi à PCP ajuda para o preenchimento da planta da reunião.

Reparei que ela se encontrava satisfeita com os resultados obtidos pela reunião, pela forma como as pessoas aderiram à forma de trabalho adoptada.

Na conversa subsequente, por mais de uma vez, mostrou que em sua opinião a reunião rinha corrido bem e tinha sido produtiva. Manifestou a opinião que pelo menos as pessoas já tinham um ponto de partida para começarem a trabalhar na melhoria do conhecimento da realidade que era “aquela” escola.

Manifestei-lhe a minha concordância sobre isso. Ela achava que era necessário motivar os pais, alunos e funcionários para as coisas começarem a mudar.

Mostrei a minha admiração pela posição tomada pela CDT/3°C a propósito de “ouvir os alunos” sobre o que eles queriam para a escola. Ela comentou que “... e, no entanto, é uma coordenadora dos DT, esteve no NACDA (Núcleo de Apoio Concelhio a Deficientes Auditivos) e fez vários cursos...”. Disse que era difícil compreender uma posição daquelas, quando se tornava cada vez mais aceite que só a partir dos interessados (neste caso alunos e famílias) se poderia iniciar a mudança. Deu como apoio a essas ideias, os textos e intervenções públicas de Daniel Sampaio. Mostrou o que queria dizer com isso, apontando o exemplo do trabalho realizado no ano anterior, na escola, a propósito do tema “Violência Não, Inteligência Sim”. Na altura, como já tinha referido, ela fizera um inquérito aos alunos e as suas respostas foram muito importantes, não só para a identificação dos problemas, mas igualmente para aumentar a sua motivação e participação. Outro exemplo que deu foi o gosto que os alunos têm em verem as paredes das escolas ornamentadas com trabalhos por eles feitos, nas aulas de E.V.Tecnológica e E.Tecnológica, ou no âmbito dos Clubes (enquanto dizia isto ia apontando para os trabalhos de azulejaria e tecelagem que se encontravam pendurados nas paredes do hall de entrada do pavilhão central). Por aí, eles sentem que a escola está sendo construída, também, com a sua participação e trabalho.

Depois desta conversa, acompanhei-a até ao gabinete para me despedir dos outros membros do CD.

Sai da escola eram cerca de 18.00. [18.00]

## F) 6ª REUNIÃO - 23 OUT 1996

cp106

23/10/96 - 15h 30m - 18h 50m - Escola A

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO

#### ANTES DA REUNIÃO

[15.15] - Cheguei à escola passavam cerca de 15 minutos depois das três. A reunião encontrava-se convocada para as 15.30. Na sala de professores encontravam-se alguns professores, num ambiente de descontração. Para além da PCP encontravam os del. de E.Visual/3°C, de Mat/3°C, de E.Física/3°C, a CDT/2°C e a CDT/3°C, bem como mais duas professoras que eu não conhecia. A PCP reclinada no *maple* lia um jornal e ia participando na conversa. No meio dessa conversa a certa altura, a propósito, do bom tempo que fazia, a PCP comentou qualquer

como: "Por acaso não me está nada a apetecer fazer este pedagógico, está-se aqui tão bem!" Um ou outro dos presentes fez também um comentário nesse sentido.

Entretanto a CDT/2°C e um outro prof. trocavam informações sobre o estado de saúde da del. de C.Natureza/3°C que se encontrava internada. Passados alguns segundos apareceu a VPCD. Quando tocou a campainha para a saída, passados alguns momentos, a sala encheu-se de gente. Nessa altura apareceu uma profª... Grandes festas, ela pôs-se dar beijos na face a toda a gente.

Havia já um grande movimento na sala de professores, estava-se no intervalo de aulas, e numa altura em que encontrei a CDT/3°C à mão perguntei-lhe também se acedia a ser uma das pessoas entrevistadas. Ela concordou, e ficou logo combinado que a entrevista seria realizada no dia 6 de Novembro às 10.30, num tempo da coordenação dos DT. De passagem conversei com aquela profª. que me contou a situação em que se encontrava relativamente à sua tese de mestrado. Tinha estado de baixa de doença, e estava agora a voltar à escola e a retomar o trabalho de mestrado.

Quando íamos a sair para a sala da reunião, abordei a VPCD junto da sala do CD, para solicitar-lhe a sua colaboração para uma entrevista. Disse logo que sim e combinámos que a mesma se realizaria na próxima segunda-feira (28-10-96) às 14.30.

### 1ª PARTE DA REUNIÃO

[15.45] - A reunião iniciou-se com a PCP a pedir a uma colega que fizesse a leitura da acta. Antes mesmo da leitura ser iniciada, entretanto a PCP chamou a atenção dos colegas que se encontravam em falta uma série de actas, no livro de actas do CP. "Tenham paciência, colegas, mas isto assim não pode ser, há cerca de 3/4 actas em atraso no livro de actas", disse.

Após esta advertência, a colega começou a ler a acta. Já depois de ter lido algumas páginas, foi interrompida pela PCP. Esta apercebeu-se que a leitura não estava a ser feita a partir do livro de actas: "Oh colega, a acta não está passada no livro?" perguntou. Como a resposta fosse negativa, a PCP retorquiu: "Não, não, a leitura da acta tem de ser feita após a mesma ter sido passada para o livro, não quero a partir de rascunhos".

"Eu já estou vacinada contra isso, porque os colegas nem sabem a complicação que houve uma vez por causa disso. Portanto não se pode ler e aprovar as actas senão depois dela se encontrar escrita no livro de actas. O Código do Procedimento Administrativo é muito claro em relação a isso, e eu não quero complicações por causa disso." Portanto só quando estiver passada é que fazemos a leitura.

Face a esta situação, a leitura não foi feita e a acta não foi aprovada, ficando para a reunião seguinte.

A PCP passou de imediato ao ponto seguinte - Informações.

Sobre este ponto a PCP leu um comunicado-ofício enviado pela Junta de Freguesia, no qual esta expunha as dificuldades de circulação de pessoas, nomeadamente alunos, na zona, devido às obras que se encontravam a decorrer, pedindo alguma compreensão para eventuais irregularidades na pontualidade dos alunos. A PCP depois da leitura, chamou a atenção dos colegas para a situação, referindo entre outras coisas que devia tentar evitar-se que os alunos aproveitassem, tendo conhecimento deste comunicado, para justificarem sempre a falta de pontualidade por aqueles motivos.

Por outro lado, disse que os professores deveriam sempre marcar as faltas, que depois sempre poderiam ser justificadas e/ou retiradas, porque não se marcando falta, a responsabilidade do que sucedesse aos alunos no período da aula seria do respectivo professor. "Portanto, os colegas avisem os professores para não deixarem de marcar as faltas, quando os alunos não aparecem ou se atrasam".

Seguidamente, a PCP referiu-se às faltas dos professores dadas ao abrigo do artº 102 do ECD. Leu um ofício-circular enviada pelo ME no qual se explicava a forma de proceder ao desconto no período de férias. Pelo que me apercebi passava a considerar-se o ano civil e não o ano lectivo, como referência para a aplicação daquele desconto.

[15.55]

Seguidamente a PCP prestou algumas informações sobre o apoio da CM [nome de povoação - 6] para a realização de visitas de estudo na questão dos transportes. Disse que a autarquia disponibilizava em certos dias, a combinar, os autocarros, e que portanto seria conveniente as coisas serem organizadas para que se pudesse aproveitar essa oferta. A este propósito acrescentou que "o que temos é de gastar, utilizar, esse apoio, e realizar (todas) as visitas de estudo nos dias em que havia esse transporte, porque se não o fizermos, não há mudanças de dias, e perdemos a oportunidade".

Ainda a propósito das Visitas de Estudo a PCP leu uma informação (ofício-circular recebida do ME) sobre os procedimentos a seguir, administrativos, na propositura de visitas de estudo (ao estrangeiro e dentro do país com duração de dois dias ou mais). Nesse documento identificavam-se as entidades que tinham de autorizar esses diversos tipos de visitas de estudo. Conclui, dizendo que "todas as visitas de estudo terão de ter a aprovação do CP - estrutura pedagógica da escola" e: "Oh colegas... a estrutura pedagógica da escola somos todos nós, é esta equipa de trabalho que está aqui, não sou eu! Por isso não venham depois dizer que ela é que resolveu, ela é que fez isto ou aquilo...".

"A estrutura pedagógica somos todos nós aqui, o CP!"

Embalada pelo seu próprio raciocínio a PCP continuou colocando a hipótese de "... até se pode constituir uma secção aqui no pedagógico para aprovar as visitas de estudo". Nas suas palavras seria um grupo de pessoas do CP que ficaria encarregue de analisar as propostas de visitas de estudo e de as aprovar, de forma a não ser preciso

reunir todo o CP, o que se faz só de mês a mês, para tratar do assunto. "As pessoas reúnem-se, quando lhes der mais jeito, e depois decidem, fazem uma pequena acta dessa reunião da secção, e pronto fica o assunto resolvido", diz a PCP. Esta pode ser uma forma de "furar o esquema" de forma a não ter de estar à espera do próximo CP para decidir a aprovação das visitas de estudo, esclareceu a PCP

A del. de Hist/3°C opina que para as visitas de estudo deveria prever-se a elaboração de um plano de trabalho, com a indicação das actividades, dos objectivos e mesmo a avaliação da sua realização, porque em seu entender deveria começar a pensar-se que as visitas de estudo não poderiam ser meros passeios. A PCP concorda com esta opinião sem que tenha avançado mais do que isso mesmo.

*[Esta sugestão, não foi pegada por ninguém permanecendo, portanto, como mais uma opinião, uma ideia que é lançada, mas que não tem seguimento nem quaisquer consequências em termos práticos]*

Seguidamente a PCP informa que tem com ela uma série de documentos recebidos da CM de [nome de povoação - 6] - uma série de Projectos de Actividades no âmbito do sector da educação daquela autarquia - a maior parte deles concursos e actividades de natureza sócio-educativa, que vai afixar na sala de professores, para conhecimento de todos. Entretanto, por trouxe consigo, cópias desses documentos, foi identificando os temas das actividades e projectos em causa e foi perguntando quem é que queria tomar conta de cada um deles. Dessa forma, foi entregando aos diversos del., os documentos que trazia consigo.

*[Pelo número e diversidade dos mesmos não fiz o registo e a sua identificação - pedir informações detalhadas à PCP ou então fazer o registo quando tivesse a cópia da acta]*

[16.07]

A PCP informou que a escola tinha recebido um exemplar de um estudo sobre ergonomia do mobiliário. Estudo esse que foi feito a propósito do mobiliário daquela escola.

*[Consultar esse exemplar - pedir à PCP]*

Seguidamente a PCP informa que foram recebidos enviados pelo ME, um conjunto de documentos com vista a uma "reflexão participada sobre os currículos do ensino básico". Procede à leitura do ofício que acompanha esses documentos. Segundo o ofício, durante o mês de Novembro seriam enviados às escolas mais um conjunto de documentos (sobre os currículos) para o pacote ficar completo. Algumas orientações sobre a forma de realizar a reflexão no seio da escola, são igualmente indicados no ofício. Para além disso, é concedido às escolas um dia de crédito para poderem realizar essa actividade e/ou para apresentação dos resultados conseguidos. Esse dia teria de ser utilizado entre Outubro de 96 e Janeiro de 97.

*[Pedir à PCP mais informações sobre o assunto - pedir um conjunto de documentos e o ofício]*

[16.15]

A del. de Hist/3°C pergunta como as coisas vão passar-se: "Como é que essa discussão e reflexão vai fazer-se?"

A PCP refere que o conjunto de documentos ainda é volumoso, e que portanto está a pensar fotocopiar e entregar um conjunto de documentos a cada professor. Os professores lêem tudo e depois em reuniões de conselho de grupo faz-se a discussão. Seguidamente os resultados dessa discussão é apresentada no CP onde se elabora então um documento único.

Falando-se no CP, a PCP informa que o próximo será realizado no dia 27 de Novembro. A propósito da data para a próxima reunião do CP, há uma troca de opiniões, que têm em conta também a escolha da data para o que a PCP chamou dia "D". A questão coloca-se em saber se deve ser antes ou depois da recepção dos restantes documentos, previstos para Novembro. O del. de E.V.Tecnológica/2°C pergunta: "...quando é que se prevê que o ME mande a restante parte da documentação?"

A PCP diz que não sabe. "Como as coisas são, se calhar só lá para o final de Novembro" acrescenta.

Entretanto a PCP volta a perguntar "...quando é que querem que se realize o dia 'D'?" Esclarece que é o dia todo. "A escola pára o dia todo" diz. "Como se pretende levar depois ao CP, pensei que a melhor data é se calhar o dia 20 de Novembro."

"Que dia é?", perguntam alguns presentes.

"É uma quarta-feira" diz a PCP.

A del. de E.Física/2°C diz que não concorda com a quarta-feira.

Outros dizem também que não concordam, mas há alguns que nada dizem parecendo concordar com a escolha do dia 20 de Novembro.

*[Pela forma como assunto foi tratado, as concordâncias e as discordâncias - não foram apresentadas quaisquer razões - fiquei com a sensação de que o critério de aceitação ou não seria o de eventuais benefícios em termos de aulas não dadas pelos próprios professores - Este ponto poderá ser esclarecido por uma consulta dos horários dos professores]*

Gera-se de imediato uma discussão geral sobre a escolha do dia para a interrupção. Várias hipóteses são colocadas, mas nenhuma satisfaz a generalidade dos presentes.

A possibilidade de ser a uma terça-feira é posta de lado, porque isso não seria bom para os alunos que teriam de vir à segunda-feira e depois haveria ali uma quebra, logo na terça-feira.

A del. de Hist/3°C refere a certa altura que o melhor dia seria aquele em que houvesse um menor prejuízo para as aulas: "...o dia da semana em que houvesse menos, salvaguardando o prejuízo em aulas para os alunos".

As opiniões continuam, mas são dispares.

Mesmo assim, ainda a PCP ainda coloca à votação o dia 20 de Novembro. De forma algo desorganizada. Alguns presentes põem o dedo no ar dando o seu acordo ao dia 20 de Novembro. Como a discussão continuasse, no meio da votação, e fosse difícil um entendimento de todo o conselho, a PCP a certa altura disse: "... pronto não votamos nada, fica dia 20 de Novembro e acabou-se!"

Desta forma ficou resolvido o assunto.

A PCP diz que não tem mais informações a dar e pergunta se alguém quer dar informações.

A del. de Hist/2°C toma a palavra para perguntar "... como é que se vão realizar as reuniões dos conselhos de grupo para a análise dos documentos sobre os currículos?"

A PCP dá a sua opinião, que é: "... os professores, em de se reunirem por grupos poderão reunir-se por disciplinas, juntando-se os professores de uma mesma disciplina, mesmo que sejam de grupos e ciclos diferentes". Prevendo que alguém levantasse a questão de não haver um número suficiente de quartas-feiras para cobrir todas as reuniões, a PCP fez os cálculos, em voz alta, do número de quartas-feiras disponíveis, concluindo que mesmo no caso dos grupos com duas disciplinas e de professores que leccionassem mais de uma disciplina, era possível realizar a discussão dos documentos, seguindo aquele critério de reuniões por disciplina, e não por grupos.

A del. de Hist/3°C manifestou o seu acordo, dizendo que dessa forma era possível, também, realizar de forma mais coerente a reflexão pelo esforço de integração dos dois ciclos - 2º e 3º ciclo.

A del. de Mat/2°C pergunta como é que no dia da interrupção se iria organizar a discussão em termos de períodos (de trabalho).

A PCP disse: "... podemos resolver já isso e fica tudo definido! Assim de manhã: das 9.00 às 12.30 e de tarde das 14.30 às 17.30". Acrescentou que "... sete horas e meia deve chegar!"

"É um horário de secretaria" rematou.

Ouviu-se um ou outro comentário sobre o grande número de horas, o que seria muito cansativo e porventura pouco eficaz, mas não houve contestação suficiente para gerar discussão sobre a opinião da PCP.

Novamente a PCP pergunta se há mais informações a dar. Como ninguém dissesse nada a PCP disse que se ia passar ao 3º ponto da OT - Segurança na Escola.

A introduzir este ponto a PCP fez uma resenha da situação deste o princípio do ano sobre alguns problemas surgidos. Aborda então os problemas da entrada de elementos estranhos à escola, nomeadamente ex-alunos que vinham perturbar os alunos da escola, a questão dos roubos feitos por esses alunos e pelos actuais alunos, as quatro ameaças de bomba (por telefonemas anónimos) já recebidas pela escola desde o princípio do ano (23 de Setembro), a situação da segurança que tinha sido colocado pelo Gabinete de Segurança do ME.

Relativamente a dois destes dois últimos assuntos, a PCP alongou-se na narrativa.

Sobre o primeiro esclareceu que das 4 vezes em que houve ameaça de bomba foi pedida a intervenção da GNR e da PSP. Veio até a brigada de minas e armadilhas à escola. Sobre esta questão a PCP pediu aos colegas que não alarmassem os alunos. Os professores seriam informados sempre houvesse uma situação dessas, mas os alunos não deveriam sequer ouvir falar em "bomba", para evitar o pânico. Por outro lado em caso algum deveriam retirar os carros de dentro da escola, pois nunca se sabia se a haver uma bomba ela não pudesse estar colocada nalgum carro. Ficava combinado que quando houvesse uma situação desse tipo e que fosse necessário evacuar a escola, o sinal para os professores seria dar três toques seguidos. Perante isso, os professores deveriam e mandar sair os alunos de forma ordeira e organizada das salas de aula e da escola, "mandá-los para casa". Por outro lado os professores deveriam dar uma vista de olhos, à procura de objectos ou malas estranhas, dentro das salas, nas mesas, etc.

"Mas o que dizemos aos alunos para justificar a saída?" pergunta a del. de Hist/2°C.

"Arranjam uma desculpa qualquer (problemas de electricidade, falta de água, etc.) responde a PCP.

Várias intervenções/opiniões à volta da questão das ameaças de bomba, remetem a sua autoria para os alunos que desta forma conseguem não ter aulas. Aliás, dizem as ameaças actualmente já não são apenas telefonadas para a escola, mas também para a PSP e/ou GNR.

A PCP pensa no entanto que isso não será a única explicação, porque de facto isso não explica as ameaças de bomba verificadas para a TAP, para hospitais, creches. Na sua perspectiva esta situação é de natureza política. Há alguém interessado neste clima de insegurança, opina ela.

A del. de Hist/2°C coloca a questão do fecho da escola. "Se eles se apercebem que fazendo este tipo de ameaças, a escola fecha sempre, vai ser o bom e o bonito!"

A PCP esclarece que não há a fazer: "... as medidas de segurança obrigam a isso!"

[16.45]

"Oh colegas, agora uma coisa! Não saiam antes dos alunos. Mandam os alunos sair, mandam-nos para casa, mas só saem depois dos alunos" diz a PCP.

Um dos presentes levanta a questão dos alunos, em vez de irem para casa, ficarem junto ao portão e não abandonarem o local, ou então de andarem por aí, pela rua.

"Isso é uma questão que não podemos resolver, porque, quando cá vieram os homens da brigada de minas, ainda se analisou a possibilidade de enquanto param as aulas, ocupar os alunos com outras actividades, por exemplo no campo desportivo, mas viu-se que era impossível meter ali tantos alunos! E a fazer o quê num espaço tão reduzido" esclarece a PCP.

A PCP continua a falar sobre o assunto. Diz que na eventualidade de uma situação de ameaça de bomba se verificar e de não estar na escola ninguém do CD [nenhum dos membros docentes, subentenda-se], o que se verifi-

cou de uma das vezes, ainda há a Chefe dos SA e a Chefe do Pessoal Auxiliar, e portanto forma-se uma comissão de um prof. e aquelas duas funcionárias, para tomar as decisões necessárias.

Sobre o assunto da segurança interna a PCP teceu um grande elogio à actuação da APEE. Disse que o apoio pedido à GNR por mais de uma vez não foi dado. Referia-se à questão do ex-aluno que incomodava os alunos e os funcionários. A GNR respondia que não podia fazer nada. Por outro lado o próprio segurança mandado para a escola pelo Gabinete de Segurança do ME, não fazia nada, justificando-se com o facto de ter mulher e duas filhas e que estava ali para vigiar as instalações. No meio disto tudo ela enviou ofícios para o ME e para a GNR de [nome de povoação - 1] e do comando (em [nome de povoação - 6]). Telefonou para o Gabinete de Segurança do ME. Foi, no entanto, a intervenção da APEE, através da presidente da direcção, que enviou um ofício à GNR deliberadamente "empolando", que o problema começou a ser resolvido. A GNR veio cá à escola "pedir meças" porque achavam que tinham dado todo o apoio pedido pela escola.

A PCP referiu-se também ao programa "Escola Segurança" em termos elogiosos. Pelo menos, quando solicitaram a presença da PSP, eles apareceram logo e estiveram no local durante bastante tempo.

Finalmente referiu que o segurança enviado pelo Gabinete de Segurança do ME, já tinha sido substituído e que o actual mostrava saber dar conta do serviço.

Neste momento, portanto, a situação estava muito melhor.

De seguida a PCP diz que vai passar a palavra à VPCD porque ela tem um problema a pôr.

A VPCD apresenta, então, a questão dos pagamentos no bar da sala de professores. Tem-se verificado que os professores fazem do bar um self-service. Como a funcionária não consegue atender todos, os professores que tem as coisas à mão pegam nelas, levam-nas para as mesas, mas depois, ou por esquecimento, ou por pressa, e porque a funcionária, ocupada a atender outros, não tem tempo, nem condições para fazer o registo, não pagam as despesas. A funcionária do bar já está pelos cabelos, e farta-se de pedir que a mudem de lugar. Esclareceu que a certa altura tinham mudado as coisas para fora do balcão de forma a que as pessoas não lhes tivessem acesso imediato, mas que mesmo assim, o problema tinha-se mantido. Continuava-se a levar as coisas para as mesas e não efectuar logo o pagamento.

A PCP refere que inclusive houve colegas que disseram que já tinham pago, quando a funcionária lhes disse que tinham uma conta a pagar. Esta situação não pode continuar assim, "... a funcionária que esteve no bar antes desta, saiu de lá, a seu pedido exactamente pelas mesmas razões, estava completamente transtornada, porque causa do dinheiro que faltava por os professores não pagarem as suas despesas".

A VPCD pediu aos colegas que transmitissem estas preocupações aos grupos disciplinares. Como era um assunto um pouco melindroso era melhor abordar o problema através dos grupos do que por um documento escrito. Disse mesmo que a questão devia ser colocada com algum tacto "... para não magoar ninguém".

Este problema, o comportamento dos professores neste assunto, suscitou, entretanto, o aparecimento de outras questões relacionadas com a segurança na própria sala de professores.

A del. de Hist/3°C referiu-se ao furto de uma carteira na sala de professores.

Um dos presentes defendeu que deveria cumprir-se estritamente as regras de atendimento por ordem de chegada, que ninguém tinha nada que tirar as coisas, e que logo que servido seria feito o pagamento.

Aquela del. de Hist/3°C disse que só uma chamada de atenção não resolvia nada, porque de qualquer modo, a funcionária não teria à vontade para dizer "não" aos professores. Sugere, por isso que fosse instituído um sistema de senhas, em que as pessoas compravam as senhas, quando fossem ao bar já não se levantavam esses problemas.

O del. de E.V.Tecnológica/2°C mostra-se céptico relativamente a isso, porque acha que "...e depois as pessoas esquecem-se das senhas, ou não as tendo, pedem à funcionária que aceite dinheiro, ou que entregam depois e como a funcionária não irá dizer que não volta tudo ao mesmo."

A del. de Mat/2°C tem opinião idêntica à da del. de Hist/3°C. Diz que se houver senhas com determinados valores, aqueles que correspondam a despesas mais comuns, as pessoas podem ser atendidas rapidamente: "... é só entregarem a senha(s) no acto de recebimento dos artigos, dispensando os trocos, e a perda de tempo. Esta mesma del. de Mat/2°C esclareceu que em tempos já tinha sido utilizado esse procedimento e que a coisa tinha resultado.

Houve ainda algumas reticências à adopção de um tal sistema, por parte de alguns presentes, e o del. de E.V.Tecnológica/2°C repetiu a argumentação utilizada antes.

Um dos presentes defende que o que há a fazer é o CD dar ordens estritas para que os professores não sejam servidos sem a entrega das senhas e a del. de Hist/3°C acrescenta que pode ser colocado um cartaz a dizer que não atendimento sem entrega de senha.

A PCP avisa que se vai fazer um intervalo para o café. [17.00]

## INTERVALO

Enquanto as pessoas iam saindo, dirigi-me ao lugar da PCP e pedi-lhe ajuda para completar a planta da mesa da reunião, pois havia alguns membros que não tinha conseguido identificar.

Não estava já mais ninguém na sala. Percorremos os lugares tentando realizar a identificação de todos os presentes.

Feito isso, saímos. Eu dirigi-me para a sala de fumadores. Encontravam-se lá alguns colegas. Entre eles o del. de E.Visual/3°C acompanhado do del. de E.Física/3°C. Aquele comentava que por causa de meia dúzia de colegas que não tinham vergonha, não pagavam as coisas que bebiam e comiam do bar, ele não iria ter mais oportunidade trazer o seu cafezinho para uma mesa e comodamente bebê-lo acompanhado de um cigarro. Dizia ele que

era uma pouca vergonha o que se passava. Contou depois uma história. Tinha deixado de ir ao café ao lado porque uma vez tinha ficado envergonhado ao assistir a uma cena de uma colega que depois de se servir tinha simulado procurar a carteira e que disse para a senhora do bar que se tinha esquecido e se ela não se importava que pagasse depois. A empregada não foi na conversa e disse que se importava sim senhora. Ora essa situação já não era a primeira vez. Ele estava envergonhadíssimo, os alunos ali, outros colegas. Aquilo era mesmo de quem não tinha vergonha nenhuma. No entanto era uma colega que "... se dava ares de grande senhora".

A conversa andou à volta da forma como resolver a questão do bar na escola. Eu opinei que a situação nesta escola não era muito diferente do que se passava noutras escolas e dei como exemplo a minha escola, onde num sistema de self-service de café, com o preço estabelecido, no fim do ano faltavam várias dezenas de contos. O del. de E.Física/3°C a propósito de eu ter falado numa máquina de café de self-service referiu que tinha estado na escola do forte da casa e que lá havia uma máquina que servia vários tipos de bebidas. Esse era um sistema que podia ser utilizado ali. O del. de E.Visual/3°C referiu que isso pelo menos iria descongestionar um pouco o serviço de bar, e que portanto seria um bom sistema.

Sai da sala de fumadores para ir tomar um café. De passagem falei com a Lourdes Baginha, ela deu-me o seu telefone para eu a contactar no sentido de marcarmos o dia e a hora para entrevista. Quando regressava à sala de fumadores vi a CDT/2°C disponível e perguntei-lhe se não se importava de ser entrevistada. Acedeu e disse que a melhor altura era a quarta-feira de manhã. marcámos para dia 6 de Novembro às 11.00 logo a seguir a da CDT/3°C.

De novo na sala de fumadores voltei à conversa com o del. de E.Visual/3°C. Este contou que certa vez, tinha desaparecido uma carteira no próprio gabinete do CD. Com o cartão de multibanco foram levantados em várias caixas ali da zona, tinham sido levantadas, logo de seguida, dinheiro. Junto dos cartões estavam os números de código. Isso indiciava que tivesse sido ou um funcionário ou um professor. Criou-se um ambiente muito desagradável, por se falou de uma funcionária. Houve inclusive ameaças de acção judicial, por difamação.

Como as pessoas fossem saindo da sala de professores, nós dirigimo-nos também para o 1º piso, para a sala onde decorria a reunião.

Na sala estava, no entanto, ainda, uma número reduzido de pessoas.

## 2ª PARTE DA REUNIÃO

[17.25] - A PCP esperou ainda alguns minutos e depois recomeçou a reunião, mesmo com a ausência de alguns membros do CP.

Entrou-se, portanto, no 4º ponto da OT - Projecto Educativo da Escola.

A PCP fez o ponto da situação. Disse que a primeira parte "Quem Somos?" estava quase completa. Apresentou alguns dados sobre os alunos, nomeadamente, a distribuição, por sexos, por idades, por anos de escolaridade e por países de origem (Palops). Referiu que os dados já colhidos mostravam por exemplo que a frequência dos alunos dos Palops diminuía à medida que se subia nos anos de escolaridade, de tal forma que no 9º ano não havia nenhum aluno dos Palops.

Sobre os encarregados de educação iria fazer-se uma caracterização semelhante, mas para isso era necessário o preenchimento dos inquéritos (fichas dos alunos). Sobre essa questão a PCP pediu à CDT/2°C e à CDT/3°C que lhe dissessem em que pé estava esse trabalho.

A CDT/2°C referiu que alguns DT já começaram a recolher esses dados.

"Então é possível ter esses dados todos recolhidos até 6 de Novembro?" pergunta/afirma a PCP.

Relativamente aos professores a PCP referiu que já se tinha começado a colher dados relativos à idade, sexo, situação profissional, experiência de ensino e tempo de serviço na escola. A propósito destes dados a PCP indicou alguns resultados já obtidos que permitem caracterizar o corpo docente: 85% são do sexo feminino, mais de 50% tem entre os 46 e os 55 anos de idade. Ficou-se a saber que desde o início da escola, apenas havia um prof. que era o del. de E.V.Tecnológica/2°C. A volta desta questão de quem tem mais ou menos anos, quem está há mais ou menos tempo na escola, conversou-se durante algum tempo. Esta conversa, entretanto, porque se desviava um pouco do que estava a ser tratado, suscitou a pergunta da del. de Mat/2°C: "Oh, para que é que estás a dizer isso?". Na altura a PCP estava indicando o número de anos de serviço na escola dos vários docentes, mas antigos na escola.

[17.35]

A PCP explicou que aquilo tinha surgido a propósito da caracterização do corpo docente, que era dos aspectos a considerar na caracterização de "Quem Somos?".

Como fosse desenvolver muito a resposta, a del. de Mat/2°C, atalhou-a dizendo: "Está bem, já percebi. É que eu não estava a ver o que isso interessava, saber há quanto tempo cada um está na escola!"

A PCP continuou a sua exposição, tratando agora de indicar o número de professores que residiam a menos de 5 km, entre 6 e 16 km e a mais de 16 km. Disse que 48 professores viviam a menos de 5 km e que apenas 3 deles residiam a mais de 16 km. Acrescentou que ainda faltavam alguns dados porque, dos novos professores, colocados pela primeira vez na escola, ainda não tinham na escola o processo individual. Por isso não possuíam ainda todos os dados.

Relativamente ao pessoal não docente, disse que esses dados já encontravam apurados.

A del. de Mat/2°C perguntou então à PCP: "Oh, esses dados onde que foste buscar, isso é da tua cabeça?"

Em resposta, a PCP explica que nada daquilo é novo. Tal como havia sido referido na reunião anterior já em tempos tinha sido feito um trabalho de caracterização da escola, por algumas colegas, para um projecto educativo.



Desse grupo constavam, por exemplo duas colegas que se encontravam no CP: a CDT/2°C e a del. de Ing/2°C. Assim, e como tinha sido dito na anterior reunião que os dados dessa caracterização já estariam ultrapassados, ela tinha apenas pegado nesse trabalho para proceder à sua actualização.

Nesse momento o del. de Mat/3°C e a CDT/3°C abandonam a sala. A PCP interrompe o que estava a dizer, e explica a saída dos dois, pela participação numa reunião de pais. Como ele é "novato" nestes coisas, a CDT/3°C vai estar lá para o apoiar.

Continuando com o tema do Projecto Educativo, a PCP diz que importa também, para além de sabermos "Quem Somos?" é preciso partir para "O que Queremos Ser". Para isso começou-se já a procurar fazer alguma coisa. A primeira delas foi ouvir os alunos dos 5º e 6º anos. Passou então a palavra à CDT/2°C para esta falar sobre a reunião que tinham tido com os alunos.

A CDT/2°C começou por explicar que a reunião realizada no dia 16-10-96 tinha sido com os del. das turmas do 5º e 6º anos. O objectivo da reunião era o de saber as preocupações dos alunos sobre a escola, as suas ideias e até propostas do que eles gostariam que a escola fosse.

A PCP interrompeu a CDT/2°C para dizer que tinha ficado deleitada pelo que ouviu dos alunos. Esclarece que aos alunos a questão foi colocada nos seguintes termos: "- Projecto Educativo - O que pensam sobre a escola e que sugestões vocês têm para melhorar as coisa". "E eles deram, sem quaisquer problemas, as suas opiniões, de forma impecável. Quando queriam falar levantavam o braço, esperavam a sua vez. Foi uma coisa que só vista!" diz a PCP.

"Mas agora, passo a palavra à CDT/2°C", finaliza.

A CDT/2°C procede à entrega de um documento donde constam alguns aspectos mais referidos pelos alunos, naquela reunião. Seguidamente expõe alguns desses aspectos, e a forma como eles foram abordados pelos alunos. Diz que regra geral, a grande preocupação dos alunos prendia-se com questões de segurança: as entradas de elementos estranhos à escola, a falsificação de cartões de estudante para o efeito, a vedação da escola, os roubos e as ameaças de represálias dos alunos mais velhos.

Sobre a questão dos roubos, a PCP esclareceu que se estava a analisar a possibilidade de aquisição de cacifos individualizados. Já tinham até procurado saber preços e que provavelmente se poderia deslocar uma verba das despesas de capital para a compra de alguns blocos de cacifos. Isso poderia vir a minorar a questão da segurança das coisas dos alunos.

[17.50]

"Os alunos estão muito preocupados, isso percebe-se, perfeitamente pelas ideias que apresentaram e que se encontram resumidas nesse documento que os colegas têm aí." opina a PCP.

Alguém lança a pergunta: "Quem é o Shibas?".

[O "Shibas" vem referido na página 4 do documento entregue como tendo uma faca de punho e como já tendo ameaçado um aluno encostando-lhe a faca ao pescoço]

A PCP diz que não sabe.

A VPCD esclarece que é um miúdo que "costumava entrar na escola à socapa".

A propósito de facas, um dos presentes conta que, recentemente um miúdo timorense, foi apanhado com uma faca de mato, daquelas facas da tropa. Para estes miúdos aquilo era uma coisa naturalíssima.

Mudando de assunto a PCP referiu que para além daquelas preocupações os alunos mostravam-se também preocupados com o tempo de duração dos testes. Achavam que por vezes alguns professores faziam testes que mais pareciam ser para duas horas. Portanto, ela pedia aos colegas que tivessem isso em atenção e falassem com os colegas de grupo para terem em atenção esse aspecto.

Gerou-se alguma troca de opiniões sobre o assunto.

"É interessante verificar...", diz a PCP, "... que não houve nenhum aluno que tivesse referido a questão da ocupação dos tempos livres".

"Pois, se calhar isso tem a ver com a grande preocupação destes alunos com o problema da segurança, o que se sobrepõe a todas as outras questões", alvitra a VPCD.

"Agora, vamos fazer uma reunião com os del. das turmas do 3º ciclo", esclarece a PCP e "...vamos lá ver como é que as coisas vão correr".

A del. de E.Física/2°C chama a atenção para uma coisa que está escrita no fim da página 3 do documento "Os ferros do parque não estão bem presos. Um aluno já lá partiu um braço porque aqueles rolaram". Ela diz que o problema tem de ser resolvido, porque é um perigo para a segurança dos alunos.

Também sobre este assunto se verificam algumas intervenções, sem que no entanto, seja avançado muito mais do que manifestações de intenção de resolver o problema.

A PCP passa ao ponto seguinte da Ordem de Trabalhos - PAA. Diz que "... como os colegas já viram, o projecto educativo está em andamento, mas não podemos ficar à espera que esteja concluída a sua elaboração, a escola continua a funcionar, e portanto é preciso fazer o PAA." Portanto, como estava na convocatória, vamos agora ver as propostas e sugestões que os colegas trazem para o PAA.

"Vamos então ver! Oh Helena, podemos começar aí pela esquerda! Então o que tens para dizer?" solicita a PCP.

A del. de Port/2°C não tem propostas concretas de actividades, mas apresenta como tema central das actividades a realizar na escola nesse ano "Velas ao Vento". Demora algum tempo na apresentação da fundamentação da proposta do tema. Indica os objectivos a serem perseguidos no âmbito daquele tema, mas o grupo não se debruçou



sobre actividades concretas. Espera-se pela escolha do tema para depois se apresentarem as actividades. A del. de Port/2°C tem um documento escrito, que será depois entregue ao CD. Apresenta ainda uma proposta de concurso "Velas ao Vento".

A del. de Geo/3°C apresenta como proposta de tema "Mar e Oceanos". Refere a realização de exposição e de uma semana dedicada a esse tema.

O del. de E.V.Tecnológica/2°C propõe o tema da violência, como tema a ser tratado no âmbito do PAA.

Noto algumas expressões menos aprovadoras. A isso provavelmente não é estranha a circunstância de no ano anterior o tema ter sido esse também ("outra vez...": um comentário cujo autor não consegui identificar)

Algumas sugestões apresentadas pelo del. de E.V.Tecnológica/2°C passam pela resolução do problema das aulas de substituição quando os professores faltam e do problema que é a entrada, em barafunda, dos alunos nos blocos das salas de aula.

[18.05]

O del. de E.V.Tecnológica/2°C continua a sua apresentação. Refere que se podia marcar espaços destinados aos alunos, por turmas, onde eles esperariam pelos professores à entrada do bloco, e a entrada far-se-ia juntamente com os professores. Já em tempos se utilizavam um círculos marcados no chão. Agora podíamos, em vez de círculos fazer quadrados, por exemplo

A PCP em resposta às questões apresentadas, diz que relativamente ao primeiro problema, é difícil resolvê-lo porque não tem professores disponíveis para proceder à substituição de aulas. Relativamente à segunda sugestão: "Oh colega, eu vou dizer, se tivéssemos só alunos do 2º ciclo, ainda se podia pôr essa hipótese. Agora com alunos do 3º ciclo, isso é mais complicado. Estás a ver, temos alunos com 15, 16 e até mais anos de idade. Se fôssemos a fazer uma coisa dessas, já estou a ver eles a dizerem "... vão para lá eles!".

[18.10]

A PCP diz que na sua opinião o que falta é uma outra abordagem e acompanhamento dos alunos, pelos professores e especialmente pelos directores de turma. Refere a sugestão apresentada já anteriormente em CP que não foi bem acolhida, sobre a possibilidade dos directores de turma atenderem os pais apenas de quinze em quinze dias, intercalando com um espaço de atendimento e reunião com os alunos da turma. Isso seria benéfico, porque ouvir os alunos é sempre positivo, como aliás se percebe pelo que se passou na reunião com os del. de turma do dia 16 de Outubro.

Vários comentários mostram inexistência de consenso sobre a questão. Reconhece-se as eventuais vantagens de tal prática, mas a sua aceitação pelos directores de turma, e considerada problemática.

A del. de Hist/2°C que concorda com as vantagens da proposta, questiona admirada: "Porque é que não se pode fazer? Não vejo por que é que isso não pode ser feito!".

"Não vês? Então eu já te explico!" diz a VPCD e esclarece que a existência de tal hora de atendimento aos alunos teria de ser feito em contra-horário dos professores, o que obrigaria alguns a terem de vir à escola, por outro lado as pessoas marcam as suas horas de redução nos tempos que lhes dão mais jeito, sem pensarem se são os mais adequados para os outros, nomeadamente os pais e os alunos. "Por isso é que as pessoas não estão interessadas em aceitar a proposta" conclui.

Complementando esta explicação dada pela VPCD a del. de Hist/3°C realça o aspecto da dificuldade de levar à prática esse proposta, por causa dos horários. As pessoas teriam de vir de propósito para essas reuniões e hora de atendimento, num período contra-horário. Por causa de apenas uma hora, por exemplo, as pessoas teriam de vir à escola. Por outro lado as horas de DT, algumas, estão marcadas nos furos entre tempos lectivos, e a mudança não é muito fácil.

O del. de E.V.Tecnológica/2°C volta a usar da palavra para referir que se torna imperioso fazer alguma coisa, seja o que for para melhorar o clima de (in)segurança.

A PCP esclarece que a del. de C.Natureza/3°C está a substituir a del. de C.Natureza/3°C [que se encontra de doença, internada] e que portanto não lhe pede nada, porque é a primeira vez que está no pedagógico e ainda não reuniu com os colegas.

A del. de Fran/3°C refere como tema do PAA o tema "Velas ao Vento". Diz que é um tema interessante, mas que o grupo ainda não tem propostas concretas de actividades a apresentar, "... ainda não pensaram em actividades".

A del. de Port/3°C diz que depois apresenta uma proposta por escrito das actividades que o grupo pensa realizar.

A del. de Ing/3°C apresenta como proposta de grupo o tema "A escola somos todos nós - Vamos melhorá-la!". No âmbito deste tema, refere propostas, sugestões de actividades que tem a ver com a melhoria dos espaços físicos da escola, com a sala de convívio dos alunos arranjada pelos próprios alunos, a criação de tempos e espaços destinados a ensinar os alunos a estudar e a trabalhar (a criação de uma sala de estudo - aulas de apoio).

A PCP sobre esta última sugestão afirma desde logo que não é possível levá-la à prática porque, ao contrário de outras escolas, a escola não tem professores excedentários. Durante algum tempo a PCP explica os custos financeiros decorrentes das aulas de apoio e de uma eventual sala de estudo. Diz ela que dois professores dedicados a essas actividades, corresponderia a um custo financeiro de  $2 \times 150 \times 14 = 4200$  contos.

[A argumentação aduzida pela PCP, pareceu-me um pouco deslocada, no contexto da reunião. Um discurso estranho, porque, sobrepôs ao interesse dos alunos, da escola, uma lógica economicista mais "à Ministério da

*Educação”, que a certa altura não se percebeu bem, se ela estava a explicar a posição do ME ou se estava a ela própria de acordo com tal lógica]*

[18.20]

A del. de Mat/2°C esclarece que não tem agora ali, as propostas de actividades, porque pensava que não era isso que se ia tratar no pedagógico, mas que o grupo já se tinha debruçado sobre propostas de actividades.

A PCP disse, que estava bem referido na convocatória da reunião “sugestões” para o PAA.

Aquela del. de Mat/2°C esclareceu que as propostas constavam da acta da última reunião de grupo. Ela podia ir buscar a acta e ler essas propostas.

Alguna indecisão sobre se devia ou não ir buscar a acta. Depois acabou por não ir, ficando de passar a escrito e entregar à PCP as propostas.

O del. de E.Visual/3°C disse que não tinha sugestões nenhuma a fazer. Disse entretanto que o seu grupo era muito flexível e que estava pronto a tratar quaisquer actividades que fossem apresentadas e aprovadas para o PAA.

Entretanto a del. de Mat/2°C mostrou-se interessada em colaboração com o grupo de Educação Visual na realização de exposições de pintura na escola. Explicou que considerava importante, porque há alunos, talvez mesmo a totalidade, que nunca viram uma exposição de pintura. Ela só pedia que lhe arranjassem um espaço onde pudesse expor os quadros. A ideia era fazer mesmo uma simulação com, preçários, catálogo, etc. de uma exposição. “Consegues arranjar um espaço, oh..?”

“Então e os quadros, as pinturas?” pergunta a PCP e outros presentes.

“Isso eu arranjo, não há problemas!” responde a del. de Mat/2°C.

“Bom, é uma coisa que tem de se ver, então”, diz a PCP.

A del. de EMRC disse estar contente com a partilha que estava a ser feita com os alunos, tal como se tinha visto com a reunião com os del. de turma.

Apresentou três propostas de tema: “Uma escola mais Viva”, “Educar para a Cidadania” e “O Valor da Diferença”. Duas propostas concretas de actividades foram apresentadas por esta del. de EMRC: uma visita de estudo à Tapada de Mafra - observação da natureza - e uma visita de estudo de dois dias ao roteiro Coimbra-Luso-Buçaco-Serra da Estrela (em princípio em 15 de Abril de 1997).

A del. de Ing/2°C, em ligação com a del. de Ing/3°C, referiu que os dois grupos tinham chegado a vários temas, e a actividades que já tinham sido referidas pela del. de Ing/3°C.

O del. de E.Física/3°C referiu que as propostas conjuntas dos dois grupos estavam num mapa que não tinha tido oportunidade de tirar cópias, mas que tinha ainda um para entregar à PCP. Por outro lado a del. de E.Física/2°C poderia dizer mais alguma coisa.

Esta del. de E.Física/2°C esclareceu que as propostas dos grupos de E.Física, eram muito específicas e que eventualmente não se enquadravam no que até agora tinha sido referido na reunião, mas, pronto, eram actividades próprias do desporto e da E.Física. Para além da participação no Desporto Escolar, previam-se ainda a realização de torneios inter-turmas e a participação em algumas actividades organizadas pela autarquia.

A PCP, porque a del. de E.Musical/2°C só teve a nova colega a semana passada, saltou por cima e esta del. não interveio.

A del. de Hist/3°C falando pelos dois grupos de História, referiu-se a diversas actividades. Disse que entretanto entregaria por escrito todas essas propostas que tinha apresentado

Feita a “ronda” por todos os grupos, a PCP deu a palavra à CDT/2°C que passou a falar sobre um concurso “Velas ao Vento”, no âmbito da comemoração do dia da escola - 3 de Fevereiro.

[18.30]

A PCP coloca a questão da escolha do tema aglutinador para o PAA. Diz que pelo que percebeu há dois temas que foram mais referidos: “Mar e Oceanos” e “Velas ao Vento.” Acrescenta que lhe pareceu obter maior consenso o tema “Velas ao Vento”.

A CDT/2°C acrescentou: “É mais poético!”.

A del. de Hist/2°C chama a atenção para a circunstância de haver o tal concurso que se chama também “Velas ao Vento” perguntando se “... não acham que são Velas ao Vento de mais?”.

A del. de Port/2°C opina que “Velas ao Vento” está bem, que “... é mais dinâmico”, apela para o movimento, para a descoberta, dá uma ideia de “... mais positivo”.

A PCP esclarece: “... nós estamos aqui para decidir, exactamente que tema aglutinador queremos para o nosso PAA, portanto, temos vários temas, até temos muitos, agora temos de escolher”.

A del. de Port/2°C pergunta: “...falando de temas... e a Área-Escola?”

Responde a PCP que “...isso temos de escolher um outro tema”, indicando uma série deles, em catadupa, aqueles que tinham sido indicados pelos presentes ao longo da reunião e que aparentemente tinham sido referidos menos vezes que os dois que ela estava considerando para votação. “Olha, por exemplo este de ‘Interculturas’ adapta-se perfeitamente ao tema “Velas ao Vento”. Nós tivemos as descobertas, as velas das naus que partiram em busca de outros povos outras culturas...”.

“Vamos então votar”, diz a PCP.

Procede-se à votação do tema “Velas ao Vento” que obtém 14 votos a favor. Isto é contei 14 presentes a levantarem o braço. Não o fizeram a PCP e a VPCD. No momento da votação contei 19 pessoas presentes na sala.

[Não se verifiquei qualquer contagem de votos, nem consequentemente o seu anúncio em voz alta. Apenas se verificou o anúncio, feito pela PCP de que o tema seria aquele. Não chegou a ser votado o outro tema "Mar e Oceanos"]

Seguidamente a PCP esclareceu que agora que estava escolhido o tema aglutinador, "... vamos então trazer as propostas de actividades."

"Mas, oh colegas, por favor indiquem quem se responsabiliza por elas, para cada actividades proposta é preciso indicar um responsável, para não ficarmos a passar as coisas de uns para os outros, e depois acabam por não ser realizadas" diz a PCP.

Para além dessa recomendação a PCP enuncia alguns critérios a ter em conta na propositura de actividades, dentre as quais realçou:

- "as actividades devem ser concretizáveis, isto não vale a pena pensar em coisas muito bonitas e grandiosas que depois se verifica não poderem ser realizadas"

- "as propostas de actividades devem estar dentro das possibilidades, dos recursos da escola, financeiros, materiais e até recursos humanos".

Indica que ela tinha recebido muita documentação da EXPO98, onde havia muitas propostas de actividades de ligação às escolas que podiam ser ideias aproveitadas, pelos colegas, para pensarem as próprias actividades a serem apresentadas para o PAA.

"Portanto, os grupos agora vão debruçar-se sobre isso para depois apresentarem as propostas de actividades para o PAA, e quem quiser pode ir lá baixo, ao CD, para verem aqueles documentos da EXPO98" diz a PCP

A CDT/2°C refere a questão do concurso que tinha referido antes, bem como as comemorações do dia da escola - 3 de Fevereiro, opinando que dada a proximidade dessas actividades, elas não podiam ficar à espera da elaboração e aprovação do PAA.

A PCP respondeu que "... mas o concurso pode ser anunciado desde já, isso não é problema!"

A del. de E.Física/2°C, dirigindo-se à CDT/2°C diz que ela se esqueceu de uma coisa: "... saltaste uma coisa, oh Ana, a camisola da escola". Depois esclarece que se estava a pensar fazer uma estampagem de camisolas, com a identificação da escola, para o Desporto Escolar.

O del. de E.Física/3°C refere que há muitas escolas que até conseguem contratos com empresas, ao abrigo da lei do mecenato, descontos no IRC, de forma que a estampagem das camisolas, com publicidade dessas empresa e o logotipo da escola, fica "de graça". Pode-se até conseguir algumas verbas, subsídios, com esses contratos.

A PCP esclarece que existem em arquivo algumas propostas de logotipos para a escola. Em tempos um grupo de professores de Educação Visual, debruçaram-se sobre, e houve, parece, até um concurso para os alunos fazerem logotipos. "Portanto, se quiserem vão lá abaixo, ao CD, e daqueles logotipos pode-se escolher um para ser o logotipo da escola" diz a PCP.

A VPCD refere a importância de a escola ter um logotipo que a identifique.

As pessoas começam a levantar-se dos seus lugares. A reunião termina. [18.50]

#### DEPOIS DA REUNIÃO

[18.57]- À saída da sala de reuniões, a PCP mostrava-se visivelmente satisfeita com a forma como a reunião tinha decorrido. Perguntei-lhe se não achava que a reunião tinha demorado muito. Disse-me que não, que até nem tinha dado por o tempo passar, ao contrário do que tinha acontecido com outras reuniões

"Assim sim, assim vale a pena. Notou-se que as pessoas estavam realmente interessadas e participaram efectivamente na discussão dos assuntos!", afirma a PCP.

Junto de nós encontrava-se a del. de Port/2°C.

Eu disse que eu é que já tinha "a minha conta" pois tinha estado em pedagógico desde as 12.30, nesse dia.

A del. de Port/2°C perguntou-me como estava a decorrer o trabalho. Perguntou-me, também que é que tinha feito a escolha relativamente à observação do pedagógico e o número de reuniões. Esclarecia-a dizendo que isso dependia da metodologia escolhida e que o próprio mestrando é que propõe no seu projecto as metodologias que pretende seguir. Disse que ainda tinha uma parte que consistia na observação directa e diária do trabalho do PCP. Ela, a del. de Port/2°C exclamou qualquer coisa como "Eh, isso de fazer uma tese, ainda dá muito trabalho?!".

Descemos os três as escadas, continuando a conversar, agora, sobre a consulta feita aos alunos do 5º e 6º anos.

A PCP voltou, com entusiasmo, a dizer que tinha ficado muito satisfeita com a forma como tinha decorrido a reunião realizada com os del. de turma dos 5º e 6º anos.

Enquanto conversávamos, apareceu um Encarregado de Educação acompanhado de um aluno. Dirigiam-se para a sala titulada "gabinete médico" quando foram interpelados pela PCP. O e. educação disse que vinha falar com um prof. e a PCP remeteu para a sala de professores. Entretanto, alguém a solicitou e ela dirigia-se para a sala de professores, quando eu lhe acenei uma despedida e sai do bloco.

Sai da escola passavam já cerca de 10 minutos depois das sete. [19.10]

## G) 7ª REUNIÃO - 27 NOV 1996

cp107

27/11/96 - 15h 30m - 17h 50m - Escola A

### OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO

#### ANTES DA REUNIÃO

[13.00] - Cheguei à escola por volta das 13.00. Na parte da manhã tinha estado na Escola B a realizar a Observação do PCP, até às 12.15, hora marcada para início da reunião do CP na escola B.

Dirigi-me para a sala do CD. Estava fechada. De passagem encontrei-me com a del. de Port/2°C que comentou para mim que hoje o CP não tinha a presença da PCP. Disse que já sabia que ela estava docente. Entrei na sala de professores. Estavam presentes apenas 4/5 docentes na sala maior. Na sala de fumo para onde segui, estavam três professores, em silêncio. Não reconheci nenhuma delas. Eram professores novas (menos de 30 anos, pareceu-me).

Passados alguns minutos deu o toque de saída e as duas salas receberam mais alguns professores.

Numa das alturas em que entrei na sala grande à espera de encontrar a VPCD, deparei com a SCD que me cumprimentou. A profª... passou por mim e cumprimentámo-nos. Ela estava de saída.

Encontrei a CDT/2°C e entreguei-lhe uma cópia do protocolo da entrevista. Disse-lhe que era para ela ler e verificar se havia alguma coisa que não estivesse de acordo com o seu pensamento.

Depois do toque para a entrada, a sala de professores esvaziou-se. Como ainda faltassem duas horas para a reunião e resolvi sair da escola e ir almoçar. À saída perguntei à funcionária da portaria um restaurante onde se comesse bem e barato. Muito simpática, desdobrou-se em explicações sobre a localização de um lugar onde serviam vendiam pão e também serviam refeições.

Quando saí da escola eram 13.35.

[14.05]

Regressei à escola passavam alguns minutos depois das duas. Fui directamente para a sala de professores. Encontravam-se apenas duas professoras na sala de fumo. Até cerca das 14.20 entretive-me a folhear os pastas das coordenações dos directores de turma.

Apareceu nessa altura, também o del. de E.Visual/3°C, a quem aproveitei para dar a cópia da transcrição da entrevista. Ele começou a lê-la.

Passados alguns momentos apareceu o del. de E.V.Tecnológica/2°C que se "meteu" com o del. de E.Visual/3°C a propósito do futebol. Dialogaram durante alguns minutos sobre questões de futebol. O del. de E.V.Tecnológica/2°C quis saber o que ele estava a ler o del. de E.Visual/3°C respondeu-lhe: "Isto é parte pedagógica! Outras responsabilidades!". Continuaram com o diálogo, passando de questões a questões do futebol. O del. de E.Visual/3°C disse que estava à espera da VPCD para ir ver como fazer as placas de identificação das zonas da mediateca. Ele trazia uma série de folhas de papel de lustro de várias cores para fazer essas placas. Falámos ainda da saúde da PCP. Novamente os dois voltam a falar de futebol, nomeadamente sobre o número de jogadores estrangeiros nas equipas portuguesas. O del. de E.Visual/3°C conta uma anedota sobre os jogadores e dirigentes do Sporting. Entretanto o del. de E.V.Tecnológica/2°C saiu da sala e o del. de E.Visual/3°C continuou a fazer a sua leitura da cópia da entrevista.

A certa altura assomou à porta da sala a del. de Hist/3°C que me cumprimentou e comentou que já se tinha lembrado de mim: "Eu já tinha notado a sua ausência. Ai! a colega hoje não vem!". Comentou também que "Hoje é quase só ler actas, metade da reunião..." Depois voltou para a sala grande.

Aproveitei para ler qualquer coisa. O del. de E.Visual/3°C continuava compenetrado a ler. Durante alguns minutos estivemos apenas os dois na sala de fumo. Na outra sala, encontravam-se vários professores, em grupos conversando de forma barulhenta e animada, donde se realçava a voz da del. de Hist/3°C.

Levantei-me do meu lugar e dirigi-me ao balcão do bar para ir buscar um café. Encontravam-se nesse momento apenas duas ou três professoras na sala grande. Depois de regressar, e porque entretanto ele tinha acabado de fazer a leitura, para junto do del. de E.Visual/3°C trocámos alguns comentários sobre a metodologia de investigação baseada nas entrevistas. Ele referiu que a profª... já lhe tinha perguntado por mim, por causa da entrevista, que eu ainda não tive a oportunidade de marcar com ela. No seguimento da conversa expliquei-lhe alguns dos passos seguintes na recolha de dados, nomeadamente sobre a observação diária do PCP. Isso seria feito na semana seguinte. Nessa altura o del. de E.Visual/3°C disse "Agora apanhas a PCP numa fase bicuda".

"Porquê? Numa fase difícil porquê?" perguntei. Ele esclareceu que segundo sabia, o neto dela, que tinha nascido há alguns meses tinha um problema de saúde que estava a preocupar os familiares.

Continuámos conversando sobre a PCP e ele mostrou-se preocupado. Segundo ele a PCP "não está bem". Pus a hipótese da haver algum "stress" pelo meio nesta recente baixa da PCP. Ele referiu um episódio recente em que a PCP teria sobre-reagido a um comentário informalmente produzido num intervalo de aulas sobre a questão da mudança de hora, e o facto dos alunos saírem da escola já noite cerrada. Ela teria transformado a conversa como se fosse uma coisa de interesse pessoal, quando as pessoas estavam apenas na galhofa, em comentários ligeiros. Opinei que talvez ela estivesse a viver estas coisas intensamente de mais e que isso se poderia traduzir numa ansiedade nada benéfica. Ele diz que sim e que ela "está mal". A propósito desta situação referi a classificação de Balli-

on sobre os gestores escolares em Equilibrados, Desequilibrados e Equilibristas. Acrescentei que em minha opinião na maior parte dos casos, nas escolas portuguesas os PCD's se podiam classificar de "desequilibrados" no sentido dado por Ballion. O del. de E.Visual/3°C disse "É porque as pessoas têm pouco apoio e estar a dirigir uma escola é uma coisa difícil, porque não tem a ver com as outras empresas, porque todos os anos existem motivos de conflitualidade permanente porque são os horários, são os alunos, são os professores que mudam todos os anos, enquanto que nas empresas existe uma estabilidade nas escolas não. É um mundo de conflito. Opinei que nas escolas muitas vezes o que devia mudar pouco muda e o que deveria ser estável a pessoas preocupam-se em todos os anos porem em causa. Explicitei que questões administrativas deviam ter uma certa estabilidade e apenas as questões pedagógicas deviam mudar para responder às alterações que se verificam todos os anos nas pessoas e nas condições pedagógicas em que elas trabalham. O del. de E.Visual/3°C opinou que mesmo assim notava, principalmente da gente mais nova (novos professores) um interesse e gosto por aquilo que faziam, mas que se notava que as pessoas optavam por desenvolver um trabalho mais individual do que propriamente colectivo. Notei eu que isso redundava em esforços acrescidos por parte das pessoas. O del. de E.Visual/3°C: "O que devia haver era uma bitola até certo nível... a escola deve estar adaptada à sociedade. O nosso ensino devia estar preparada para 70, 80% da população escolar responder a isto. Há sempre aquelas que respondem a mais e os que respondem a menos, mas toda a gente que não responder a isto, que fique abaixo, teria de ser tratada de outra maneira."

A propósito das formas como se dirigem as escolas o del. de E.Visual/3°C referiu a escola C+S de [nome de povoação - 12] como um exemplo em que a figura central na gestão da escola é o Chefe dos Serviços Administrativos.

Como ele fizesse intenção de me devolver a cópia da transcrição da entrevista eu disse-lhe que aquilo era para ficar com ele. E que se houvesse alguma coisa que achasse que devia ser alterado que me dissesse. Respondeu-me que pelo que tinha lido, não via que fosse necessário alterar nada.

Seguidamente saiu da sala.

[15.00]

Passados uns dois minutos ele voltou e fomos os dois ao 1º piso. Ele ia à mediateca tratar da questão das placas. Eu fui com ele. A mediateca afinal estava fechada. Conversámos sobre a tarefa de que ele estava encarregado: substituir as placas identificadoras das diversas zonas da mediateca.

Depois disso regressámos à sala de fumo e o del. de E.Visual/3°C referiu-se à questão das diferenciações entre licenciados e bacharéis em termos de carreira: "... havia aquela equiparação aos administrativos, aquela que nunca foi feita... e então, em principio era o secundário que em principio iria ser equiparado e os outros professores ganharem menos, mas agora, segundo o acordo dos sindicatos, decidiu-se e eu acho bem, ser por grau académica, quer esteja a dar o básico ou o secundário. Mas não são para todos os cursos..." Segundo lhe constava havia determinados cursos das ESEs e outras Escolas Superiores que não eram considerados.

Durante alguns minutos estivemos ali a falar sobre o assunto. Depois eu saí da sala e encontrei a VPCD. Cumprimentámo-nos (beijinhos na face) e falámos durante alguns segundos sobre a saúde da PCP. Ela seguiu para o gabinete e eu para os lavabos.

Quando regresssei para a sala de fumo retomámos a nossa conversa. O del. de E.Visual/3°C falou sobre a posição dos diversos sindicatos a propósito da questão que estávamos a discutir. A propósito da questão dos mestrados o del. de E.Visual/3°C manifestou a sua ideia de que a maior parte das pessoas que tiram mestrados é no intuito de avançarem na carreira e não outra coisa qualquer. Opinei que de facto era isso que acontecia, o que no meu entender era uma lógica perversa, porque na minha opinião os mestrados deveriam ser muito mais para as pessoas nas escolas promoverem a investigação no terreno, investigação de natureza empírica.

Cerca das 15.15 dirigimo-nos para o primeiro piso, para a sala onde iria realizar-se a reunião. Dentro da sala encontravam-se já alguns membros do CP. Sentei-me e entretanto vi a CDT/3°C que talvez já alertada pela CDT/2°C de que eu tinha a cópia da transcrição da entrevista para lhe dar se dirigiu a mim. Eu entreguei-lhe o documento.

#### DURANTE A REUNIÃO

[15.29] - A reunião iniciou-se com a VPCD a fazer uma breve explicação para o facto de ser ela a presidir à reunião. Referiu-se, por conseguinte ao facto da PCP se encontrar doente e à circunstância de haver coisas programadas que não podiam esperar. Tentaria que a Ordem de Trabalhos fosse cumprida, mas não garantia que corresse tão como os outros.

Seguidamente a VPCD disse que estava em atraso a aprovação de 4 actas do CP. Disse que a Maria José não tinha podido acabar a dela e que portanto iriam ser lidas as três últimas actas. Como a del. de EMRC ainda não tinha chegado iria ler a acta a del. de Port/3°C. Disse ainda que seria a del. de Geo/3°C a fazer a acta da reunião.

Entretanto chegou a del. de EMRC.

[15.38]

Esta del. passou a ler a acta (de 10/07/96). A leitura demorou cerca de 6 minutos.

Enquanto a leitura se fazia, passou a folha de presenças com a convocatória. Aproveitei para retirar a Ordem de Trabalhos, que era:

- 1 - Leitura das actas em atraso
- 2 - Informações
- 3 - Calendário das reuniões de avaliação do 1º periodo

4 - PAA - apresentação do plano de trabalho de cada grupo.

[15.44]

Após a leitura a VPCD perguntou se havia alguma coisa a rectificar. Como ninguém se manifestou a acta foi considerada aprovada.

Procedeu de seguida à leitura da acta da reunião de 10 de Setembro de 1996 a del. de Port/3°C.

[Registei que ao contrário das outras reuniões, os presentes estiveram mais em silêncio, durante a leitura das actas]

[15.48]

Acabada a leitura, igualmente a VPCD perguntou se alguém queria dizer alguma coisa, se havia alguma coisa a acrescentar. Nada havendo, declarou a aprovação da acta por unanimidade. E "aclamação!" disse alguém.

Seguidamente foi feita a leitura da acta de 19 de Setembro de 1996 pela del. de Ing/3°C. A leitura desta acta demorou cerca de 7 minutos.

A VPCD de novo perguntou se havia alguma alteração, alguma dúvida. Também neste caso a acta foi declarada aprovada por unanimidade pela VPCD.

[15.49]

Entrou na sala a del. de Port/2°C.

[15.52]

Entrou na sala a del. de E.Física/2°C.

[15.55]

A VPCD disse que tinha para o ponto de informações três aspectos que queria abordar. O primeiro tinha a ver com a divulgação das informações. Esclareceu que como já deviam ter reparado com as coisas que estão afixadas no placard e nos livros de ponto, se as informações fossem dadas na reunião do CP, não se faria mais nada do que estar a dar informações. Referiu que numa tentativa de facilitar que as informações fossem lidas, mudou-se o local, colocando-as logo à entrada da porta. Chamou a atenção, também para o facto de as pessoas poderem eventualmente ser prejudicadas se não lessem as informações afixadas, porque poderiam ser coisas importantes para cada um.

A del. de Hist/3°C disse que não sabia se as coisas eram ou não lidas. Ela por exemplo lia e a maior parte das vezes não assinava.

A VPCD solicitou aos del. que entregassem as "fichinhas" que foram para preencher sobre exames do ano passado. Disse que pelo que tinha ouvido dizer não era fácil o seu preenchimento.

Alguns presentes dizem que não sabem de nada, porque no ano passado não eram del... A del. de Mat/2°C pergunta que fichas são. Gera-se alguma confusão. A VPCD esclarece que aquilo referia-se exclusivamente aos del. do 3º ciclo (Exames do 9º ano). Deviam ser entregues o mais depressa possível porque a escola, inclusive já as devia ter enviado, portanto recomendou que preenchessem o que soubessem, e o que não soubessem que deixassem em branco.

Seguidamente a VPCD referiu-se à questão do pedido de material para as disciplinas. O assunto tinha sido referido no último pedagógico e ela tinha telefonado para a CAE. Tinham dito que no momento era impossível mandarem informação sobre o material disponível. Disseram também que estavam a preparar um documento informativo com todo o material que se encontrava disponível. Por de momento a escola estava à espera do envio desse documento. Por isso mesmo ainda foi dado nada aos del., porque se estava a aguardar a chegada da tal orientação sobre o material disponível para depois se fazer a selecção do que se pretende.

A del. de Mat/2°C perguntou que departamento era esse, a CAE.

A VPCD explicou que era a Coordenação da Área Educativa.

[Neste momento chama-se Centro de Área Educativa e não Coordenação da Área Educativa como foi dito pela VPCD]

A del. de Hist/3°C pergunta: "Ouve lá, esses pedidos fazem-se assim de boca?"

"Não, não" diz a VPCD. Volta a dizer que depois que se tenha o tal "guião" com o material disponível os grupos escolherão e depois serão feitos os pedidos por ofício. No último CP foi informado que tínhamos recebido um ofício a dizer que podíamos solicitar material necessário que eventualmente o ministério pudesse ter disponível e como nós não sabíamos o que eles teriam, eles ficaram de nos mandar essa informação. Esclareceu também que isso nada a ver com "aquelas listinha de compras".

A del. de Mat/2°C perguntou se não estava previsto alargar o prazo que era até 30 de Novembro de 1996

"Sim, claro!". Logo que recebamos a informação ela será entregue aos del..

[16.00]

De seguida a VPCD referiu o problema do funcionamento das aulas aos dois últimos tempos nomeadamente nos pavilhões A e B. Mais no A do que no B, as aulas no rés-do-chão estão com dificuldade de funcionar, principalmente aos dois últimos tempos. Esclareceu que não se tratava de quaisquer queixas ou lamentos, mas sim de conversas informais. Continuou dizendo que os miúdos batem, nos vidros, apagam a luz, acendem a luz, não sabe se será o caso de aulas que terminam mais cedo. Disse que já pediu à funcionária e também ao segurança para fazerem uma vigilância à volta do pavilhão A para tentar solucionar o problema. De qualquer maneira nós tentámos solucionar, demos indicações para que o problema possa ser resolvido.

A VPCD referiu ainda a necessidade dos membros do CP pensarem nas secções do CP. Disse que não era para decidir naquela reunião, mas que era conveniente irem pensando até ao próximo pedagógico em que secções queriam trabalhar. Fica assim feito alerta.

Alguns presentes quiseram saber que secções existiam mas a VPCD não os soube esclarecer. Sabia que havia uma que era de Formação, mas as restantes apenas a partir da lista poderia depois dizer.

A del. de E.Física/2°C informou que havia uma secção cultural e desportiva.

Há várias secções, disse a VPCD. De qualquer maneira pensem nisso rematou a mesma.

[16.05]

Seguidamente referiu que os alunos já tinham ido ter com ela mostrando interesse em que se formasse uma Associação de Estudantes. Disse que não sabia se tinha cabimento formar um grupo no CP que se encarregasse do assunto, procurando dinamizar junto dos miúdos a criação de uma associação de estudantes. Depois disto a VPCD disse que sobre informações não tinha mais a dizer.

Perguntou de seguida se alguém tinha informações a dar.

A del. de Mat/2°C disse que tinha algumas informações. A primeira tinha a ver com um pedido da colega de grupo, Julieta que desejava saber qual q quantia a atribuir para a compra de material pelos grupos. Foi pedido por alguns presentes que a del. de Mat/2°C explicasse melhor o que se pretendia. Explicou ela que no ultimo conselho de grupo a colega Julieta pediu que a del. solicitasse para informação do grupo, e de ela própria, sobre a quantia a atribuir aos grupos para a compra de material. A VPCD esclareceu que, não pertencendo ao conselho administrativo, não lhe ia dar uma resposta àquela questão. No entanto explicou que geralmente a atribuição não era equilibrada porque sendo tão pouco não dava quase nada para cada grupo; dessa forma contemplava-se, ano a ano, os grupos mais necessitados. De todo o modo ela comunicaria à PCP no sentido desta poder dar uma resposta mais concreta.

Verifica-se uma conversa paralela das del. de Hist/2°C e de Hist/3°C. A VPCD questiona-as pedindo-lhes que falem mais alto, ao que elas respondem que estavam apenas a concertar estratégias sobre a questão dos pedidos de verbas.

A del. de Mat/2°C diz que a mesma colega Julieta pediu-lhe para apresentar ao CP o seu total desacordo sobre a metodologia adoptada na construção do PAA, porque segundo ela... Vários presentes interrompem a del. de Mat/2°C pedindo-lhe que explique melhor esse assunto. A del. de Hist/2°C pede uma explicação sobre o assunto. Novamente a del. de Mat/2°C retoma a palavra para repetir o que já havia dito e "... pois quanto a ela os objectivos deverão ser previamente definidos sendo necessário sabermos, diz ela, o que se pretende atingir". Esta é a posição dela, pessoal e individual, esclarece a del. de Mat/2°C. A CDT/3°C diz que não percebe o que isso quer significar. A del. de Mat/2°C esclarece que mais não pode dizer, a informação que tinha era aquela e mais nada. A CDT/3°C pergunta então se na reunião do conselho de grupo, a colega Julieta não explicou o queria dizer com aquilo. A del. de Mat/2°C reafirma que a "proposta" é dela e que não tem mais nada a dizer.

Uma das presentes diz que "pronto, está bem, nós sabemos como o plano vai ser elaborado..." A del. de Hist/3°C opina que as coisas não são bem assim, porque "nós sabemos, mas eu não sei se o que eu sei é igual ao que vocês sabem. Cada um sabe a sua coisa."

Não houve seguimento a este assunto.

A VPCD voltou a perguntar se havia mais informações ou esclarecimentos.

A del. de Geo/3°C disse que tinha também informações. Informou que o grupo ia, em colaboração com o grupo de História organizar melhor a questão dos mapas, separando os que eram de Geografia e os que eram de História e que iria arranjar uma sala de Geografia, onde iriam ficar os mapas. A VPCD perguntou onde é que ela ia arranjar a sala. A del. de Geo/3°C esclareceu que seria uma sala pequena no pavilhão B.

A del. de Mat/2°C disse que tinha mais uma informação a dar. No dia 16 de Dezembro de 1996 iria realizar-se entre as 17.30 e as 19.00 na sala 24 ela ia concretizar a sua primeira acção de formação denominada "Matemática e Tradição". Esclareceu que dava a informação agora por uma questão de calendário, porque mais tarde quando se falasse nos projectos para o PAA explicaria melhor o assunto.

A CDT/2°C perguntou se essa acção era aberta aos encarregados de educação. A del. de Mat/2°C disse que quando chegasse a altura falaria com mais pormenor sobre esses aspectos. Disse que por uma questão de calendário já tinha reservado a sala.

A del. de Hist/3°C pede uma informação sobre o nome: "É Matemática e Tradição ou Matemática e Transição?". Responde a del. de Mat/2°C: "É Matemática e Tradição".

[16.15]

De seguida a VPCD solicitou à del. de Ing/2°C se tinha alguma coisa a dizer sobre a participação da escola, (como escola do 2º ciclo) no Encontro Educação e Desenvolvimento realizado pela Câmara Municipal de [nome de povoação - 6].

[16.16]

A del. de Ing/2°C fez depois uma descrição dessa participação, relativamente à experiência da escola no tocante à mediateca. A propósito a mesma del. contou um episódio verificado durante o encontro. Uma educação teria ficado escandalizada com a afirmação de que a escola era uma escola cadenciada do ponto de vista sócio-económico (dos alunos). Segundo esta del. de Ing/2°C a imagem que a senhora tem dos alunos da escola é completamente distorcida para isso contribuindo eventualmente aquilo que a filha conta da escola.

A VPCD referiu, a título de informação, que se tinha realizado na escola, na segunda feira passada, uma acção dinamizada pela del. de Mat/2°C, sobre a interligação dos currículos do 2º e 3º ciclos. Disse que tal acção foi muito instrutiva, porque se ficou com uma outra perspectiva do problema da preparação dos alunos quando chegam ao 3º ciclo, e se pensa com mais cuidado quando se atiram as culpas para os ciclos anteriores na preparação dos alunos. Achou que era uma iniciativa a continuar. A del. de Mat/2°C de seguida referiu ao longo do ano serão realizadas mais algumas acções desse tipo. Deplorou, entretanto que apenas tivessem aparecido àquela acção apenas 6 pessoas da escola. Estava confiante que essa situação, com o decorrer do tempo se viesse a alterar. Por outro lado esse conjunto de actividades não se limitarão ao ano lectivo corrente, podendo vir a estender-se pelo seguinte.

A CDT/3°C perguntou "quem é que orientou a acção?" Responderam ao mesmo tempo a VPCD e a del. de Mat/2°C que não tinha havido orientação. Foi uma actividade em que as pessoas participaram conversando de forma "desorientada no bom sentido". esclareceu a VPCD.

Terminado este ponto de Informações a VPCD passou ao ponto seguinte - Reuniões de Avaliação. Disse que as aulas terminavam numa terça-feira (17/12/96) e que como havia "um grupo de pessoas cá na escola, pessoas de boa-vontade" que parece que tinham uma proposta a fazer para se começaram a fazer as reuniões mais cedo.

[16.20]

A VPCD referia-se ao grupo de E.Física. A del. de E.Física/2°C referiu-se então a uma proposta de actividades desportivas com os alunos nos dias 16 e 17 de Dezembro de forma que as reuniões de avaliação pudessem realizar-se já nesses dias. A del. de E.Física/2°C informou que estava a acabar o torneio inter-turmas do 6º e que portanto as finais poderiam ocupar duas manhãs (três grupos masculinos e três grupos femininos).

"Exactamente, era isso mesmo!" disse a VPCD.

Como, entanto, alguns presentes tivessem levantado a questão da ocupação da totalidade dos alunos, enquanto as reuniões estivessem a decorrer, a VPCD quis saber se aquelas finais ocupavam alunos de todos os anos. A del. de E.Física/2°C disse que apenas ocupava os alunos do 6º ano. Acrescentou no entanto que podia-se tentar arranjar mais alguma coisa. A VPCD esclareceu que desde que no PAA para 2ª e 3º englobe todos os alunos da escola, não há qualquer inconveniente em as reuniões se realizarem nesses dias. A del. de E.Física/2°C diz que pode-se arranjar outra coisa, que eles têm muita coisa que podem fazer. Coloca a hipótese de no período em que se realizam as reuniões, os professores que não tiverem reunião "avançam para o campo de jogos". A VPCD diz que talvez não seja necessário, porque se trabalharem de manhã dará para fazerem as reuniões 2ª, 3ª e 4ª feiras à tarde. Achava no, entanto, que deveria arranjar-se mais qualquer coisa para englobar os alunos de outros anos.

A del. de Mat/2°C diz que no dia 16/12/96 vai estar ocupada todo o dia por causa da acção de que já tinha falado antes: da parte da manhã montando a exposição e da parte da tarde a receber os pais e os alunos. O del. de E.Visual/3°C opinou que talvez pondo as reuniões dela nos outros dias. O del. de E.Física/3°C perguntou então quantas turmas a del. de Mat/2°C tinha, ao que esta respondeu que tinha apenas 3 turmas. A VPCD disse que não sabia se isso iria ser fácil, porque isso iria jogar com três blocos de reuniões. No entanto iria ver-se o que se podia fazer.

"Relativamente a outras actividades para os alunos nesses dias?" insiste a VPCD. A CDT/3°C coloca a hipótese de passar alguns filmes (vídeo) para os alunos. Seriam vídeos escolhidos para o efeito.

A del. de Mat/2°C chama a atenção para o facto de que no dia 23 a sala estará ocupada durante todo o dia.

[Durante algum tempo, a discutem as horas em que a sala está ocupada a sala com a acção promovida pela del. de Mat/2°C e as possibilidades de durante algum tempo poder ser utilizada para a passagem de filmes em vídeo]

Como a discussão estivesse a prolongar-se a del. de Ing/2°C perguntou porquê mais actividades se já havia as actividades promovidas pelo grupo de E.Física. Responde a VPCD que "mas não estão todos os alunos envolvidos...!", virando-se para a del. de E.Física/2°C. Esta diz que pode-se arranjar de forma a englobar os restantes anos de escolaridade. Propõe a realização de um jogo em que entrasse uma selecção da escola, de forma que envolvesse a escola toda. A VPCD chama a atenção para a necessidade de haver pelo menos alguns professores para o "enquadramento" dos alunos.

A del. de Mat/2°C pergunta se já está definido o horários para a passagem dos filmes. A CDT/3°C responde que não; que isso apenas tinha sido uma ideia, mas que o horário poderia ser definido ali. E que tinha pensado nisso porque em sua opinião não pode ser sempre o grupo de E.Física a ser sobrecarregado com essas coisas.

[16.31]

A del. de Mat/2°C levanta a hipótese de se se houver alguma ajuda da arrumação de algumas coisas da exposição é possível a sala estar disponível no dia 27, a partir das 10 horas. A VPCD acha bem que isso possa ser assim, e refere que também não pode ser muito cedo porque mais cedo porque se não os miúdos não aparecem.

A CDT/3°C coloca a hipótese, então, de passar dois filmes: um para os mais pequenos e o outro para os mais velhos. A del. de Hist/3°C oferece-se para ajudar a CDT/3°C a escolher os filmes.

[Durante alguns minutos a conversa generaliza-se com vários membros do CP a darem opiniões sobre os filmes que poderiam ser passados. Fala-se no filme "África Minha". Alguém diz que é muito grande o que não é recomendável para miúdos tão pequenos]

A VPCD recomenda que os professores motivem os alunos para essa passagem de filmes.

A del. de Ing/2°C refere um filme bom para os mais novos, e trocam-se opiniões sobre a qualidade do filme e o eventual interesse dos alunos.



A VPCD pergunta, de seguida, se há mais alguma proposta para além destas que tinham sido apresentadas até à altura. Esclarece que as reuniões serão então realizadas nos dias 16/17/18 de Dezembro. E enquanto elas se realizam, nos dias 16 e 17 haverá actividades desportivas e passagem de filmes para os alunos.

[16.40]

A VPCD coloca à votação a proposta da del. de E.Física/2°C. Esta corrige: "Da [nome] não! Da E.Física!". Todos os presentes põem o dedo no ar e a VPCD declara que a proposta está aprovada por unanimidade.

A del. de Hist/3°C diz que quer colocar uma questão. A questão relaciona-se com a marcação de testes de avaliação muito próximo das reuniões de avaliação, e as dificuldades que isso cria. Por isso diz a del. de Hist/3°C que gostaria de ver "aqui bem assente até quando é que as pessoas devem fazer os testes". Acrescenta que "se calhar era bom que todas as pessoas tivessem os testes feitos até 6 de Dezembro..."

[Neste momento vários membros do CP intervêm ao mesmo tempo, opinando de forma diversa sobre a questão colocada pela del. de Hist/3°C]

A CDT/2°C esclarece que já tinha sido acordado em CP que nas duas semanas anteriores ao termo das aulas não se realizariam testes de avaliação.

del. de Fran/3°C diz que tem testes marcados para os dias 8 e 9 de Dezembro.

A VPCD pergunta: "...realizando-se as reuniões a 16/17 e 18 de Dezembro, as pessoas precisam de ter uma semana antes para preencher tudo?". Alguém responde que não.

A VPCD aponta então para a não realização de testes a partir de 9 de Dezembro e pergunta a dois membros do CP quais as possibilidades de eles alterarem os dias dos testes. Os interpelados dizem que é um bocado complicado, por causa do número de aulas que têm. A VPCD diz que sabe que é complicado, mas também é complicado depois se as pessoas não têm os materiais preparados para as reuniões.

A CDT/2°C pergunta pelos Critérios de Avaliação.

A VPCD diz que a reunião do conselho de Directores de Turma já se encontra marcada, e que os Critérios de Avaliação serão em primeiro lugar abordados nessa reunião e depois voltarão para análise e aprovação no CP. Porque, diz ela, se tem lógica os Critérios de Avaliação serem definidos no Pedagógico também tem muita lógica eles serem definidos no Conselho de Directores de Turma e depois voltarem ao CP, porque indo primeiro a Pedagógico "depois os Directores de Turma já não têm acesso a elas... ", pelo que acha que é mais lógico fazer-se ao contrário. Por outro lado a VPCD questiona-se se haverá assim tão grandes mudanças na população escolar que justifique grandes alterações nos Critérios de Avaliação: "Por que vocês desculpem mas não vale a pena andarmos aqui a empatar, porque à parte algumas coisas pontuais, os critérios têm passado de uns anos para os outros..."

A CDT/2°C refere que do Conselho de Directores de Turma vêm normalmente para serem apresentados no CP os casos especiais de avaliação, mas que isso não tem a ver especificamente com os critérios de avaliação.

Como a del. de Hist/3°C voltasse a colocar a questão da aplicação dos testes a VPCD recomendou que as pessoas que têm testes marcados durante a última semana de aulas fizessem um esforço para poderem entregar os elementos necessários para a avaliação aos directores de turma. A del. de Hist/3°C acrescentou: "... pelo menos, pelo menos até 6ª feira à tarde, de forma que os directores de turma tenham todos os elementos e possam trabalhar as fichas e tudo o mais durante o fim de semana".

A VPCD pergunta aos presentes se querem fazer um pequeno intervalo, ou se querem continuar com a reunião. Como ninguém se manifestou no sentido do intervalo, a VPCD anunciou a passagem ao 4º ponto da Ordem de Trabalhos. Diz que o 4º ponto "... é a apresentação das actividades por grupos disciplinares para o PAA.

[Verifica-se alguma confusão. Alguns membros do conselho conversam entre si, ainda sobre a questão dos Critérios de Avaliação - aparentemente existem ainda dúvidas sobre a forma como se vai processar a sua aprovação]

A CDT/3°C coloca algumas dúvidas sobre que documento vai o conselho de directores de turma debruçar-se. A VPCD solicita então aos del. que apresentem até 6ª feira (a reunião do Conselho de Directores de Turma é na 3ª feira seguinte) as propostas por escrito, propostas dos grupos disciplinares, para serem presentes na reunião do conselho de directores de turma.

A del. de Hist/2°C coloca a questão da consulta aos grupos. Diz que assim não há tempo para os del. consultarem os grupos. A VPCD opina que essa consulta não tem que ser feita: "... se hoje é dia 27 e a reunião é na terça-feira, não dá tempo...". De qualquer maneira depois da proposta ir a Conselho de Directores de Turma ela volta ao CP e nessa altura poderá haver consulta aos grupos.

A del. de E.Musical/2°C, ainda a propósito da avaliação coloca a questão da avaliação a ser feita pela colega que foi colocada mais tarde. A VPCD diz-lhe que o melhor é a colega fazer uma informação sobre o número de aulas leccionadas e entregar no CD para se analisar o problema e decidir se atribui ou não classificações aos alunos.

Seguidamente a VPCD inicia a ronda pelos del. solicitando que indiquem quais são as propostas de actividades que os respectivos grupos têm para o PAA. Começa pela del. de Port/2°C.

Esta del. de Port/2°C refere que o grupo tem três propostas de actividades: 1 - realização de uma "Janela de Português" com exposições ao longo do ano: sobre o natal (tradições); sobre a EXP98; sobre a Páscoa; sobre os Santos Populares. 2 - Exposição na biblioteca: fazer sair os livros dos armários - uma exposição sobre literatura juvenil. 3 - realização de um trabalho a nível de turma: fazer recolhas de provérbios, lendas sobre a temática "O Mar".

A VPCD solicita à del. de Port/2°C que depois passe isso a escrito e que entregue o mais rápido possível, e de seguida dá a palavra à del. de Ing/2°C.

Esta del. de Ing/2°C esclarece que o grupo sentiu alguma dificuldade em integrar actividades no tema "Velas ao Vento". Dessa forma propõem-se colaborar, no dia 3 de Fevereiro, com outra disciplina numa actividade "Bandeiras ao Vento" (enfeitar a escola com bandeiras de vários países). Depois no terceiro período realizar uma representação de um texto original relativo aos descobrimentos.

A del. de Hist/3°C perguntou se a representação seria em Inglês.

Finalmente no 3º período, também, realizar-se-ia uma feira do livro.

A del. de Hist/2°C apresentou seguidamente a seguinte proposta do grupo: dinamização do "cantinho da história" (placard) com uma figura histórica - os miúdos farão trabalhos sobre essa figura; haverá uma figura cada mês. Disse ainda que para além desta actividade não tinham mais nada, além do que já está ligado ao dia 3 de Fevereiro (dia da escola): um concurso e uma corrida.

A propósito do concurso a CDT/2°C esclarece que inicialmente o concurso era uma proposta do grupo de E.V.Tecnológica, no entanto os colegas desse grupo acharam que o tempo era curto. Assim depois de ver a questão com a PCP considerou-se que era uma pena não se fazer nada sobre o [nome de navegador português], de forma que o concurso vai realizar-se mas será o grupo de História que o irá promover e dinamizar - consistirá em arranjar objectos e coisas ligadas ao [nome de navegador português].

Sobre a corrida de orientação, em ligação com o grupo de E.Física, a del. de Hist/2°C explica em que vai consistir essa actividade. Tem na sua base a elaboração de perguntas de história relacionada com o período dos descobrimentos.

A VPCD pergunta de seguida sobre as propostas da História do 3º ciclo. A del. de Hist/3°C diz que apenas têm previstas algumas coisas sobre a Área-Escola. Mas isso terá de ser visto mais tarde.

[Nesta altura a VPCD interrompe a reunião, esperando que a CDT/3°C e a del. de EMRC que se encontravam a conversar entre si, façam silêncio]

[18.58]

A del. de Mat/2°C começa então a expor as propostas que traz. A primeira tem subordinada ao tema "Velas ao Vento" será uma actividade designada "A Aventura da Matemática": dentro de cada unidade programática far-se-á uma recolha de figuras da matemática, bem como poemas, textos, etc. relacionados com assuntos tratados nas aulas, com o que se farão cartazes e outras formas para fazer uma exposição ou até integrados na Área-Escola.

A VPCD pergunta se isso é das turmas. A del. de Mat/2°C responde-lhe que sim, que são as turmas 5°C e 5°F... Continua depois dizendo que há mais três projectos, da parte da Matemática, que são dela, e que são: "Tradição e Matemática" com a participação dos professores, pais e alunos (turmas 5ºE, 5ºG e 6ºD), é a tal que se vai concretizar no dia 16/12/96 na sala 24; "Rota e Percursos da Matemática" que são uma série de acções (a primeira já se realizou, foi aquela a que a VPCD fez referência no principio da reunião) e com o que se pretende acompanhar a rota e o percurso da aprendizagem da matemática desde a pré-primária até ao 3º ciclo.

A VPCD pede à del. de Mat/2°C que depois lhe dê uma fotocópia daquelas propostas.

A del. de Mat/2°C continua a sua exposição dizendo que ainda tem outros encontros no âmbito desta última actividade mas que ainda não estão calendarizados, porque tem de ver a articulação com a disponibilidade dos convidados que virão. Como terceira actividade por ela proposta será um debate sobre as conclusões tiradas nos encontros anteriores. Provavelmente no 3º período.

A del. de Hist/3°C diz que há uma coisa que não entende. Diz que lhe parece que aquelas actividades estão organizadas em termos de turmas. Nesse sentido perguntava se em face desses projectos com as turmas se a Matemática entrava também nos da Área-Escola ou se ficava de fora. A del. de Mat/2°C diz que aquelas actividades são para o PAA e que não estão ali consideradas as actividades da Área-Escola.

Em face desta resposta a del. de Hist/3°C chama a atenção para o risco de sobrecarga dos alunos das turmas envolvidas naquelas actividades da Matemática que terão ainda, depois as actividades da Área-Escola. A del. de Mat/2°C diz que a essa questão não sabe responder porque aquelas actividades com as turmas do 5°C e 5°F são realizadas pelas outras colegas.

A del. de Hist/3°C diz que já percebeu. E que quando estiver com elas lhes fará essas perguntas.

A VPCD entra neste diálogo dizendo que entende a questão colocada pela del. de Hist/3°C sobre o excesso de trabalho para aqueles alunos, por outro lado já percebeu que a del. de Mat/2°C também não sabe responder porque as actividades são propostas das colegas de grupo, e não dela.

[17.02]

A del. de Mat/2°C apresenta finalmente o seu terceiro projecto denominado "Matemática e Inovação" (5ºE, 6ºD).

A VPCD interrompe-a para colocar uma questão. Diz que neste momento a ideia com que fica é que não existem propostas do grupo de Matemática, mas propostas dos professores. A del. de Mat/2°C procura esclarecer porque isso é assim. Refere a situação do protesto de uma colega apresentada no principio da reunião e de que foi portadora, e isso significa que não houve uma harmonização de todas as pessoas do grupo.

A VPCD interrompe-a para dizer que "é bom que isso fique em acta..."

Continua a del. de Mat/2°C dizendo que significa que não se conseguiu que o grupo funcionasse como grupo, com unidade, para fazer um trabalho de grupo. Dessa forma, há vários projectos, mas todos apresentados a titu-

lo pessoal. Diz que não conseguiram fazer mais nada, explicando que no grupo existem professores que dão as duas disciplinas, Ciência e Matemática, há outros que só dão Matemática e ainda outros que só dão Ciências. Não se conseguiu assim a tal harmonia para apresentar as propostas do grupo.

A VPCD face a estes esclarecimentos diz que assim fica esclarecido que as propostas não são do grupo mas dos professores individualmente, e que achava bem que isso ficasse claro na própria acta do conselho de grupo, que essa situação foi assim. Depois dá de novo a palavra, pedindo desculpa pela interrupção, à del. de Mat/2°C.

[17.05]

Seguidamente a del. de Mat/2°C continuou a expor o terceiro projecto - "Matemática e Inovação". Depois de apresentar os objectivos indica que será realizada uma exposição, no 2º período, de pintura com várias obras. Os alunos aprenderão o que é uma exposição de pintura, que há um currículo do pintor, preços das obras: "aprender a ver uma exposição dentro de uma galeria de arte".

A VPCD pergunta se essas obras que irão estar expostas têm a ver com a Matemática.

Responde a del. de Mat/2°C que algumas têm a ver com a Matemática - tem a ver com a Geometria Sagrada. As outras tem já a ver com a criatividade e imaginação dos alunos e que pintem também.

A del. de Port/3°C pede à del. de Mat/2°C se esta pode dar-lhe depois a sua proposta por escrito, para ela poder incluir tudo aquilo que ela esteve a explicar na acta.

[Segue-se um período de alguma confusão, com diversos membros do CP a trocarem opiniões sobre a natureza e ligações da pintura com a Matemática]

A CDT/3°C pergunta se a Pintura tem a ver com a Matemática ou com a Inovação. A del. de Mat/2°C diz que "claro que tem de ver, mas não fiquem com a ideia que a pintura é sobre Matemática; a pintura é um acto de criatividade..."

[Eu aproveito para falar com a del. de E.Física/2°C perguntando-lhe o nome de alguns membros dos quais ainda não consegui a identificação. Ela indica-me a del. de C.Natureza/2°C, a del. de Geo/3°C, mas diz também que há alguns colegas novos que não conhece ainda]

Seguidamente toma a palavra a del. de Geo/3°C para dizer que uma proposta de actividade do grupo consiste em tentar construir uma réplica de do 1º Aviso Afonso de Albuquerque de que já tem uma fotocópia. Refere igualmente visitas de estudo a museus sobre temas dos descobrimentos.

[Novo período de intervenções e conversas desgarradas]

A VPCD comenta: "Ai que meninas tão mal comportadas, que horror, sinceramente"

A del. de Mat/2°C toma a palavra para, explica, dar uma achega relativamente às exposições. Diz que lhe chegou às mãos um prospecto da Universidade de Lisboa, sobre o Museu Nacional de História Natural - Faculdade de Ciências. Há exposições relacionadas com a Geografia, com as Ciências, Mineralogia e outras. Indica ainda que no Museu Nacional de Arte Antiga, no próximo dia 8 de Dezembro vão haver visitas guiadas para a exposição "Em redor do Presépio"; a entrada é grátis, e as visitas sendo guiadas tem de ser marcadas com antecedência.

A del. de Hist/3°C sobre este último assunto informa que sabe que está tudo marcado e a única hipótese é à quinta feira em que eles não recebem alunos; por isso não vale a pena tentar marcar. A del. de Mat/2°C adianta eu as visitas para o primeiro período têm de ser marcadas logo no princípio de Setembro e as do terceiro período tem de ser marcadas em Março.

A VPCD dá por encerrada a intervenção da del. de Mat/2°C e anuncia a intervenção do del. de Mat/3°C.

Este del. de Mat/3°C informa que não apresentou ainda nenhum plano porque o assunto do PAA foi abordado no último pedagógico, na parte final, quando ele não estava presente por ter ido para uma acção com a CDT/3°C.

[Risos do presentes, por o del. de Mat/3°C ter dito acção, quando de facto tinha sido uma reunião dele, enquanto DT, com os pais e em que esteve presente a CDT/3°C como apoio, devido ao facto de ser a primeira vez que ele tinha aquela experiência]

Em face dessa circunstancia disse não ter tido ainda tempo de abordar o assunto em reunião com os colegas, mas que na próxima semana poderá entregar já alguma coisa.

A VPCD diz que então agradecia que ele fizesse uma proposta por escrito e que a entregasse no CD.

De seguida esta VPCD dado não estar presente a del. de C.Natureza/3°C dá a palavra à del. de C.Natureza/2°C para falar sobre C.Natureza. Para incluir no PAA, a del. de C.Natureza/2°C indica actividades relacionadas com a os descobrimentos: por um lado sobre a fauna e a flora dos locais onde os navegadores aportaram, assim o grupo pensa arranjar alunos que vão "disponibilizar" vestimentas próprias das zonas de África.

Comentário da del. de E.Física/2°C: "Está toda animada a rapariga! Que engraçado"

Continua aquela del. de C.Natureza/2°C, explicando que os alunos irão trazer os bebés às costas com os lenços, as quitadeiras com a quitandas, os cestos, etc. Noutro aspecto procurar-se-á ligar a flora, os frutos dessas zonas à questão da saúde. A feitura de uma ervanária, com as diversas especiarias. A del. de C.Natureza/2°C fala ainda em visitas de estudo, nomeadamente aos moinhos das marés.

Também para esta última intervenção a VPCD pede que a del. de C.Natureza/2°C apresente depois o seu plano por escrito.

[17.15]

O del. de E.Visual/3°C abandona a reunião.

De seguida a VPCD dá a palavra ao del. de E.V.Tecnológica/2°C.

Este del. de E.V.Tecnológica/2°C refere que com os alunos do 5º e 6º ano irá criar-se uma árvore de Natal para colocar no pátio à entrada da escola, no relvado. Relativamente aos outros eles irão também trabalhar alguns temas, só que disse ainda sabia o quê porque não tinha reunido com eles. De forma que quando reunir logo dirá o que cada um irá fazer.

A VPCD esclarece que o del. de E.Visual/3°C teve de sair da reunião, mas que já tinha falado com ele e que não tinha nada a apresentar porque ainda não tinha reunido com o colega. Depois entregaria as propostas ao CD.

A del. de E.Musical/2°C foi a seguinte interpelada pela VPCD. Disse que no 1º período não iam fazer nada de especial, até porque a outra colega já veio muito tarde. Para o final do ano o grupo pensa apresentar os as turmas do 5º e 6º anos, todos em conjunto a tocar flauta. Para além disso estão a pensar passar vídeos no Carnaval, no final do 2º período e no final do 3º período. Esses vídeos.

“São vídeos com algum tema específico?” pergunta a VPCD.

A del. de E.Musical/2°C esclarece que serão vídeos com orquestras sinfónicas, sobre a música clássica.

A del. de Hist/3°C diz que tem alguns vídeos e oferece-se para apoiar essa actividades.

A VPCD pergunta à del. de E.Musical/2°C se se pode arranjar algumas musicas relacionadas com o tema “Velas ao Vento”.

A CDT/3°C aproveita a oportunidade para dizer à del. de del. de E.Musical/2°C que depois iria pedir a ajuda dela para uma coisa que estavam a pensar fazer. Não avançou muito mais, disse apenas que era uma proposta de trabalho e que “... o prato já está feito...” só é preciso que ela o cozinhe. A finalizar disse que depois noutra oportunidade falaria com ela.

[Por alguns comentários laterais percebi que se tratava de arranjar uma música para o hino da escola, eventualmente para o dia da escola - 3 de Fevereiro]

[17.20]

A del. de Hist/3°C solicitada pela VPCD disse que queria apenas fazer uma achega. É uma coisa que está a pensar fazer com os alunos do 9º ano. Trata-se de uma peça chamada “La Mer” - “O Mar” - e que pode ser interessante para a E.Musical também. A del. de E.Musical/2°C diz que está interessada porque exactamente é uma peça que não tem.

“Música não há mais nada?” pergunta a VPCD. Deu então a palavra ao grupo de E.Física.

O del. de E.Física/3°C começa por dizer que o grupo trabalho em conjunto. Entregaram já o plano de trabalho do grupo no último CP e que portanto apenas vão entregar mais alguma coisa relacionado com aquilo que foi falado naquele pedagógico, relativo aos dias das reuniões de avaliação. Eventualmente mais alguma coisa que o grupo tem em fase de estudo. Passa depois a descrever as diversas actividades que o grupo se propõe realizar: torneios inter-turmas, torneios de futebol de [nome de povoação - 6], quadro competitivo, Desporto Escolar, cortamato, corrida de orientação com integração na disciplina de História, torneios dos dias 16/17-12-96, torneios de voleibol no final do segundo período.

A del. de E.Física/2°C acrescenta que nos torneios abertos estão envolvidas todas as turmas do 6º ao 9º anos, e provavelmente do 5º se uma das balizas for montada. No inter-jogos do concelho de [nome de povoação - 6], são equipas seleccionadas por eles [?] de infantis, iniciados e juvenis, masculinos e femininos nas modalidades de futebol, andebol e provavelmente basquetebol. O corta-mato, é um corta-mato interno do Cabeço de Montachique.

Passa-se de seguida à EMRC. A del. de EMRC refere que estão previstas algumas exposições: “O valor da diferença”; “Tradições e Lendas de Natal”, “Educação Ambiental” e “Os Direitos dos Animais”. Para além disso no terceiro período uma exposição subordinada ao tema “Valores e Contra-valores na Escola” com cartazes, fotografias, etc. No 2º período uma visita de estudo “Saber Ouvir” à Tapada de Mafra. Também uma outra ao Buçaco e à Serra da Estrela e para o 7º, 8º e 9º um acantonamento no Seixal.

A VPCD procura saber no caso da visita à Serra da Estrela, quanto dias são e onde ficam instalados. A del. de EMRC diz que os alunos ficam instalados no Centro Paroquial.

Acrescenta ainda a realização de um intercâmbio com a vinda de alunos do 4º ano à escola para conhecerem as instalações, modo de funcionamento, e ao mesmo tempo fazer uma feira do livro.

A VPCD pergunta se isso é só para os alunos do 4º ano ou é para todos. A del. de EMRC esclarece que essas actividades é para todos.

Esta del. de EMRC pede a colaboração dos colegas para a campanha de solidariedade que os alunos vão realizar para angariar fundos para a realização da visita à Serra da Estrela, por que alguns deles não têm grandes possibilidades e a verba que a Câmara de [nome de povoação - 6] não dá para cobrir tudo.

A propósito de campanhas de solidariedade, a del. de Port/3°C refere que o grupo de Português vai promover uma campanha no Natal - recolha de material, roupas, brinquedos, livros, canetas, etc. que seria enviado ao Países de Expressão Portuguesa. Refere a proposta da realização do Dia do Português, com uma exposição de trabalhos dos alunos, a participação da Cantina (para fazerem uma coisa tipicamente português).

A VPCD esclarece que isso tem de ser visto com tempo, porque as senhoras da Cantina não podem fazer nada da sua iniciativa, porque como é uma Firma tem de se falar com quem orienta e elabora as ementas.

A del. de Mat/2°C intervém para dizer que concerteza que eles não vão dizer que não.

A VPCD é da mesma opinião mas chama a atenção de que tem de se tratar com antecedência esse assunto.

[17.30]

A del. de Port/3°C continua dizendo que se encontra prevista uma ida ao teatro Maria Matos, dia 28/1/97, ver o "Auto da Barca do Inferno", e ainda a realização de um Percorso Queirosiano em Sintra, bem como uma Visita de Estudo a Constança a propósito de Camões.

[A conversa à parte entre as CDT/2°C e CDT/3°C leva a VPCD a interromper a reunião - as duas estão muito entretidas conversando entre si e todos os outros estão em silêncio - até que elas notam e comprometidas deixam de conversar, retomando-se o curso normal da reunião]

A del. de EMRC em relação às saídas - visitas de estudo - pede a atenção dos colegas para colaborarem com os alunos que irão fazer rifas para angariar fundos para as visitas de estudo. Informa que os preços de alojamento no Centro Paroquial é de 1.100\$, por dia, portanto cerca de 4.000\$.

A VPCD coloca o problema de os alunos participarem em várias saídas e de isso poder ser incomportável para as economias familiares. A del. de EMRC refere que em princípio as suas saídas serão com alunos diferentes. Entretanto explica em pormenor as actividades que na visita à Serra da Estrela irão participar.

A VPCD dá algumas ideias para a angariação de fundos, nomeadamente a venda de bolos, feitos pelas mães dos alunos, dizendo que se quiserem fazer isso não há problema nenhum.

A del. de Hist/3°C comenta para o lado dirigindo-se à del. de EMRC que se fosse ela começava desde já a tratar das rifas.

Seguidamente, depois de conferir que todos os grupos disciplinares falaram e apresentaram as suas propostas, a VPCD pede aos presentes que o mais rapidamente possível façam chegar ao CD as propostas por escrito, com a indicação dos objectivos, das actividades e dos calendários.

A del. de E.Física/2°C diz que o grupo de E.Física já entregou o seu à PCP, mas se por acaso desapareceu ela pode arranjar outro.

"Não, não desapareceu nada!" responde a VPCD. De qualquer modo vocês têm algumas coisas a acrescentar e portanto fazem isso também. acrescenta a finalizar.

"Alguém tem alguma coisa mais a dizer?" pergunta a VPCD.

A del. de Mat/2°C diz que quer "dar parabéns por esta escola está a ter um incremento muito bom!".

Comentário da VPCD: "Pelo menos vontade não falta! Já não é mau!".

Acaba a reunião com a VPCD agradecendo a participação dos presentes. [17.37]

## DEPOIS DA REUNIÃO

[17.38] - Durante a saída da reunião converso com a del. de Mat/2°C que mostra a sua aprovação sobre a forma como decorreu a reunião. Refere nomeadamente que a duração da reunião foi menor porque não se perdeu tanto tempo em conversas inúteis. Acha que há pessoas que se gostam de ouvir e que isso é uma das razões porque as reuniões do CP por vezes demoram tanto tempo.

[Não percebi se a critica era dirigida à PCP, mas subentendi que de qualquer modo o excesso de tempo dos conselhos pedagógicos era directa ou indirectamente da responsabilidade da PCP]

Praticamente todos os membros tinham saído, na sala encontravam-se a conversar apenas a VPCD e as CDT/2°C e CDT/3°C. Dirigi-me à primeira delas e disse-lhe que depois ia ter com ela ao gabinete do CD.

Desci as escadas e dirigi-me para a sala de professores. Passados alguns momentos quando a VPCD ia a entrar no CD fui ter com ela. Comentei a rapidez da reunião e o facto de ela ter dirigido os trabalhos com segurança e firmeza, e que no entanto as pessoas não se ressentiram muito, que não reagiram mal. Ela considerou que pelo menos ouviu de algumas pessoas que tinham gostado muito. Acrescentou que tinha "pouca pachorra" para isso. "É o que tem que ser e mais nada" disse. Na sua opinião há pessoas que começam a falar muito e depois dispersam-se.

Entretanto pedi-lhe ajuda para identificar alguns dos membros do pedagógico que eu não tinha conseguido saber quem eram.

Perguntei-lhe depois como estava a PCP.

"Olha eu acho que a PCP... é assim, eu acho que está muito cansada, ela está numa altura da vida muito complicada, eu acho que está muito "stressada".

Ao contrário do que me tinha dito ao telefone, dois dias antes, afinal tinha vindo trabalhar na quinta feira (dar uma aula) e durante toda a tarde de Sexta Feira.

"Eu acho que está muito cansada! Eu acho que a PCP está muito esgotada, é mesmo o termo. Se continuar assim um destes dias rebenta!" opina a VPCD.

Fiz uma referência a uma situação de principio de esgotamento, na altura em que se encontrava a fazer o mestrado, e a VPCD disse que "ela teve um esgotamento... um principio de esgotamento, só que ela nunca o assumiu como esgotamento e como um tratamento muito eficaz..."

"É muito trabalho, é muita coisa para uma pessoa, muito trabalho, muita preocupação, aborrecimento e muita chatice...e claro, ninguém é de ferro!"

A um comentário meu sobre a possibilidade de ela não levar estas coisas tão a sério, a VPCD disse que "Ela não consegue levar isto mais desportivamente, e não consegue de maneira nenhuma fazer uma coisa fazer uma coisa que eu acho, depende da maneira de ser de cada um e as pessoas não são iguais. que é ela, prontos, ir para casa de fim de semana, e conseguir afastar um bocadinho a escola e esquecer. Não, ela está permanentemente numa preocupação permanente com a escola, pronto, e vive isto... ela vive tudo muito intensamente"

Eu opino que se calhar o problema não é só em relação à escola.

Reponde a VPCD: "Não, não, é todo o problema que ela vive tudo muito intensamente, e claro também os problemas de família, os filhos... etc., e ela teve um acumular de anos de trabalho, trabalho, trabalho... que tem sido uma coisa de loucura, trabalho de caso, trabalho da escola, e ela sem nunca meter um dia de férias, nem um dia de nada... não é nada fácil."

Seguidamente entreguei-lhe o protocolo da entrevista para ela ler e ver se há algumas coisas que devam ser alteradas. Conversámos mais um bocado sobre a trabalho de observação que na próxima semana venho fazer à escola, do trabalho diário do PCD. Expliquei-lhe em que consiste essa observação e referi-lhe a experiência que tive na observação do PCP na outra escola.

Seguidamente referi que se calhar ainda ia conversar com ela novamente a propósito de entrevistas mais curtas. Ela disse-me que a melhora altura era a segunda à tarde e à quarta à tarde.

Recomendei-lhe as melhoras da PCP e despedimo-nos. Saí da escola faltavam dez minutos para as seis horas. [17.50]

## H) 8ª REUNIÃO - 11 DEZ 1996

cp108

11/12/96 - 15h 30m - 17h 30m - Escola A

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO

### ANTES DA REUNIÃO

[13.40] - Cheguei à escola por volta das 13.40. Chovia. Os pátios estavam vazios. Os alunos sem aulas abrigavam-se nos alpendres e nas passagens entre pavilhões, mas a maioria encontrava-se na sala de convívio dos alunos. A reunião estava marcada para as 15.30. A minha presença com esta antecedência, na escola era porque eu tinha combinado com a [nome de profª - 9] a realização da entrevista. A entrevista no entanto não chegou a realizar-se.

Dirigi-me para a sala de professores. Na sala encontravam-se 5/6 professores. A primeira coisa em que reparei foi que alguns professores e professoras se encontravam a fumar na sala, concentrados junto à zona dos sofás. Reparei que a profª. [nome - 9] estava perto da porta da sala de fumo também a fumar. Quando me ia dirigir a ela é que me apercebi que a sala de fumo estava pelo grupo de História. Decorria lá a reunião de Grupo.

A [nome de profª - 9] disse que iam ter uma reunião de grupo. Que quando tinha sabido da reunião, tinha pensado "olha lá foi a quarta...!" Portanto ficou impossibilitada a realização da entrevista. A [nome de profª - 9] dirigiu-se para dentro da sala. A porta da sala de fumo estava aberta e ouviam-se perfeitamente as vozes da del. de Hist/2°C e da PCP.

Conversei durante alguns segundos com o del. de E.Visual/3°C que era um dos professores que se encontrava a fumar. Estavam lá também o del. de Mat/3°C e o del. de E.V.Tecnológica/2°C. Este fala com duas professoras (directoras de turmas) sobre a questão dos trabalhos de preparação das reuniões de avaliação, nomeadamente das vantagens ou desvantagens da utilização do computador no registo e processamento das faltas e classificações dos alunos. Uma delas refere-se à forma eficaz como o sistema funciona na escola [nome de escola - 6]. Tal não pareceu no entanto convencer o del. de E.V.Tecnológica/2°C.

[13.48]

A sala de professores esvaziou-se completamente, e eu resolvi ir tomar um café no exterior na escola. Antes fui ao carro buscar o guarda-chuva, pois a chuva intensificara-se. Depois dirigi-me para o bar que se encontra na esquina do semáforo, junto à escola.

[13.55]

Regresso à escola. Dirigi-me para a sala de professores. O Grupo de História encontrava-se ainda em reunião. Sentei-me numa das mesas redondas da sala de professores e ocupei o tempo a ler., já que a sala se encontrava vazia... De vez em quando entrava um prof... Logo saíam.

[14.25]

Dá o toque de saída. Aos poucos a sala de professores vai-se animando com a chegada de professores. Na sala ao lado a reunião continua do grupo de História continua. Passado um bocado começam a sair alguns professores da reunião. São os que vão ter aulas a seguir. Outros continuam ainda falando animadamente lá dentro. Alguns dos professores que são membros do CP conversam sobre a ordem de trabalhos da reunião. Comentam alguns o facto de haver uma série de actas para ler e aprovar. Outros perguntam como é que se encontra a PCP. Pelos vistos, aparentemente, haverá alguns que a não viram desde que ela regressou ao serviço.

[14.35]

Toca para a entrada. A Reunião do Grupo de História termina. Os professores vão saindo de ambas as salas. A PCP sai também nessa altura cumprimenta-me e diz-me que ainda vai a c

[14.43]

Estou na sala de fumo dos professores. Ocupo o tempo a ler um livro que trouxe comigo. Está lá também o del. de E.Visual/3°C entretido a escrever uns postais de boas festas. No outro canto da mesa encontra-se um profª.

de Geografia a corrigir testes. Uma DT está ocupada a transcrever as faltas de um livro de ponto para as folhas de cadastro de faltas dos alunos da turma... Três professoras numa das mesas da outra sala conversam sobre generalidades com, apenas, a finalidade de passar o tempo, esperando pela hora da reunião do CP.

[14.55]

O del. de E.Visual/3°C que entretanto acabara de escrever os postais, encontra-se a ver um documento, uma ficha de recenseamento do funcionalismo público. Mostra-me a ficha e pergunta-me se eu já estou recenseado. Conversamos durante alguns minutos sobre o impresso. Trata-se de um inquérito que a escola recebeu para os professores e restantes trabalhadores preencherem. Pelo que percebi destina-se à obtenção de dados sobre os efectivos do funcionalismo público.

[15.05]

Os restantes professores na sala de fumo continuam ocupados a fazer o que estavam a fazer. O del. de E.V.Tecnológica/2°C levanta-se do seu lugar e vai à outra sala buscar um café. Entretanto fica por lá a conversar com outros colegas.

Eu continuo com as minhas leituras.

[15.10]

À sala regressa o del. de E.Visual/3°C senta-se perto de mim. Não conversamos, eu estou a ler. Passados uns momentos entra a del. de C.Natureza/3°C. Os dois conversam. sobre postais de natal, sobre filmes, etc. A del. de C.Natureza/3°C conta uma história sobre um indivíduo que tinha mandado por engano um postal de natal a si próprio pensando que estava a enviar a um irmão nos Estados Unidos. Quando o recebeu, admirou-se da coincidência do irmão se mandar um postal exactamente igual, que era afinal o que ele tinha mandado para si ao trocar a morada do destinatário pelo do remetente. O del. de E.Visual/3°C a propósito dessa história falou, durante alguns momentos, sobre um filme em que protagonista enviava correspondência a si próprio, para dar a impressão que era muito querido por várias pessoas.

Depois a conversa esmoreceu.

Mais adiante o del. de E.Visual/3°C repara que eu estou a consultar dois livros ao mesmo tempo e mete-se comigo perguntando como é que consigo ler os dois livros ao mesmo tempo.

Os dois conversam depois sobre o tempo, sobre as épocas do ano que mais apreciam e sobre o trânsito na cidade de Lisboa. Eu continuo ler. Eles continuam a conversa, só por conversar.

[15.15]

O del. de E.Visual/3°C pergunta a algumas colegas presentes na sala se elas se já inscreveram para o almoço de natal. Elas dizem que não e ele chama-lhes de "maricas". Uma delas pergunta quando é que é o almoço. Ele diz que é na terça feira "... há aquele buraco ali que não fizeram reuniões para fazer a almoçarada...". Diz ainda que quem traz prendas candidata-se a levar prenda, quem não traz, não. Continua a conversa sobre o almoço de natal. Fala-se da ementa que por acaso ainda não está lá posta, mas que costuma ser uma coisa jeitosa, como diz o del. de E.Visual/3°C. Dois pratos, sobremesa... "Cá na escola?" pergunta a del. de C.Natureza/3°C. O del. de E.Visual/3°C diz que sim, que é no refeitório e se passa sempre um bom bocado. Eu pergunto se há reuniões depois. Ele diz que sim. Uma comenta sobre a boa disposição depois até facilita a realização das reuniões. A outra diz que por sinal até tem uma reunião trabalhosa a seguir por causa de uma miúda que está no 7º ano quando devia estar no 5º. Discute-se a seguir a questão da avaliação e a participação dos pais na avaliação, segundo o actual regime de avaliação.

O del. de E.Visual/3°C diz que há vários casos de alunos desses que "andam aí a pastar vacas" porque não há uma escola adequada para eles. A del. de C.Natureza/3°C diz que "por este andar deviam estar todos no ensino especial, até os professores. Está a ficar tudo avariado". A troca de ideias entre os dois sobre os problemas da avaliação...

[15.25]

A sala de professores começa novamente a encher-se de professores. Deu o toque de saída momentos antes.

A PCP anda à volta dos colegas do pedagógico tentando saber que línguas cada um deles fala, escreve e entende para poder preencher os impressos estatísticos Transculturais. As pessoas vão comentando a lista de línguas que constam do impresso.

[15.35]

Alguns membros do conselho começam a dirigir-se para o piso superior, para a sala onde irá realizar-se a reunião. A PCP dirige-se para lá também. Continua a perguntar individualmente a cada um dos membros, quando os apanha, que línguas é que falam. Comenta "... isto não vai a horas, quero lá saber... agora perguntar a cada prof. que língua é que fala...!!" Os del. já presentes na sala riem-se bem dispostos.

A PCP pergunta pela del. de Hisu/3°C. O del. de E.Visual/3°C responde que ela "está lá em baixo".

[15.42]

Como ainda faltassem bastantes membros a PCP levantou-se o seu lugar e foi à sala de professores chamar os retardatários. Regressou acompanhada de 3/4 colegas. As pessoas vão ocupando os lugares que ainda se encontram disponíveis.

#### DURANTE A REUNIÃO

[15.42] - A reunião inicia-se com uma informação da PCP sobre o Prémio Nobel da Paz. Ela lê um ofício do ME, o qual vem acompanhado de diversos documentos, recebido pela escola. Trata-se de uma iniciativa conjunta

do ME e da Presidência da República para promover uma maior divulgação da situação de Timor-Leste, a partir das escolas. Convida-se os alunos a enviarem cartas-mensagens a outras escolas de outros países e para organizações internacionais. A PCP mostra uma resma de documentos, vários exemplares do ofício, da mensagem do Presidente da República e um desdobrável sobre Timor-Leste, e diz que quem quiser servir-se que faça favor. Os documentos começam a passar de mão em mão e cada presente vai ficando com um exemplar. Entretanto as pessoas vão trocando opiniões e comentários sobre a iniciativa. A PCP esclarece que “há aqui mais para quem quiser... há com fartura...”

[15.47]

A PCP diz que tem outra informação. Seguidamente lê um ofício segundo o qual se informa que foi atribuída à escola uma verba de 1.000 contos destinada à biblioteca escolar e ao Centro de Recursos. A verba não pode ser utilizada para outros fins, conclui a PCP. Continua a fazer a leitura do ofício: “na sequência da análise dos dados que foram enviados essa escola foi selecionada para integrar o grupo de escolas do gabinete da rede de bibliotecas escolares...”

A PCP manifesta o seu contentamento e dá os parabéns pelo trabalho no âmbito da mediateca-biblioteca aos colegas envolvidos nesse projecto. Espontaneamente os presentes batem palmas.

Gera-se uma grande confusão, porque todos querem manifestar o seu contentamento e conversam uns com os outros.

Alguns opinam sobre a utilização dos 1000 contos. Sobrepondo-se ao barulho das conversas a voz da VPCD faz-se ouvir, dizendo que os 1000 contos são para a biblioteca-mediateca e mais nada.

A PCP diz o mesmo. Esclarece quer como ouviram essa verba é exclusivamente para a biblioteca e Centro de Recursos.

[15.50]

A PCP diz que foi muito bom, que foi ótimo e que só tem pena não estar presente uma pessoa, que foi uma das principais dinamizadoras da biblioteca-mediateca. Refere-se à colega [nome de profª- 83], enaltecendo as suas qualidade e capacidades de organização que muito contribui para os bons resultados do projecto. Diz que o grupo está de parabéns. E que na sequência do que se apresentou no Encontro Educação e Desenvolvimento e que as pessoas também gostaram, e isto vem da sequência do trabalho realizado. Portanto, “Muitos parabéns aos colegas envolvidos”. E que sinceramente tinha ficado muito satisfeitas.

A VPCD refere que isso que acaba de ser dito tem de ficar em acta.

Nesta altura a PCP lembra-se que ainda não disse quem é faz a acta. Faz umas contas rápidas e vira-se para a del. de C.Natureza/3°C dizendo-lhe que é a vez dela fazer a acta. Comenta que ela tem uma letra tão bonita.

A CDT/3°C propõe que sejam enviadas cópias do ofício para os membros do grupo que trabalhou na mediateca-biblioteca.

A PCP diz que sim. Que tem de ficar em acta o voto de felicitações ao grupo e que será enviada a cada um dos membros uma carta dando conhecimento do facto. A todos os professores que integraram o grupo. Ia saber onde se encontravam os que já não estavam na escola para lhes ser enviado também.

Seguidamente a PCP refere que esteve a fazer o controle das convocatórias das reuniões dos conselhos de grupo desde o mês de Setembro. Diz que verifica que em relação a Físico-Química não tem convocatória nenhuma, em língua portuguesa do 3º ciclo não tem convocatória nenhuma, a língua francesa do 3º ciclo não tem convocatória nenhuma, a Geografia “idem aspas”. Diz que são as disciplinas que não tem convocatória nenhuma. As outras convocatórias, informa a PCP que vai entregá-las ao colegas del. porque não precisa delas.

[15.54]

Seguidamente levanta-se do seu lugar e vai entregando as convocatórias à medida que vai passando perto dos del... Conforme o vai fazendo vai dizendo em voz alta os nomes das disciplina ou dos del..

Entretanto está a passar pelos presentes a convocatória do pedagógico, onde consta a ordem de trabalhos que é a seguinte:

- 1 - Leitura das actas em atraso
- 2 - Informações
- 3 - PAA para o corrente ano lectivo
- 4 - Formação de Secções do Conselho Pedagógico
- 4 - Aferição de critérios a ter em conta na avaliação final do 1º período

A PCP continua a fazer a entrega das convocatórias. A certa altura a para e diz: “Oh colegas há uma coisa, apesar de eu de no fim dos nomes, eu ter posto secretário há convocatórias que não apontam secretário

[15.56]

Depois de fazer a entrega de todas as convocatórias a PCP regressa ao seu lugar.

A del. de Hist/3°C perguntou nessa altura se já podia fazer a leitura da Acta da reunião anterior. Após o assentimento da PCP a del. de Hist/3°C começa a leitura da acta da reunião anterior (23/20/96). A leitura da acta acabou cerca das 16.03.

[16.04]

A PCP diz que na sequência da acta informa que as visitas de estudo para o dia 23 de janeiro já completamente preenchidas. Relativamente ao patrocínio de actividades desportivas, que foi abordado numa das reuniões anteriores, a questão dos alunos usarem camisolas com publicidade, a PCP esclarece que falando com a [nome de



profª - 36] (?) ela disse estar à espera de um orçamento, porque não se pode ao contrário do que o del. de E.Física/3°C tinha referido, para o Desporto Escolar não pode haver patrocínios. As camisolas apenas podem ter o nº e o nome da escola.

O del. de E.Física/3°C diz que isso não é bem assim, porque se de facto segundo o regulamento isso não é possível, verifica-se no entanto que eles depois eles fecham os olhos porque sabem que o pessoal não tem dinheiro e...

A PCP diz que de qualquer modo a colega ([nome de profª - 36]?) está à espera de um orçamento.

[16.06]

A PCP prestou informações sobre a reunião com os del. das turmas dos 7º, 8º e 9º anos de escolaridade. Disse que ela e a CDT/3°C já se tinham reunido com eles e segundo ela a reunião foi muito menos rica do que a congénere realizada com os del. das turmas do 5º e 6º anos. Os del. do 2º ciclo tinham outras preocupações muito mais diversificadas iam desde as instalações, das necessidades primárias como com o ambiente, a preservação do ambiente. Tinha outro tipo de preocupações. Em sua opinião estes alunos falaram mais das instalações, nomeadamente as portas do pavilhão A e do pavilhão B, que não fechavam...

A PCP aproveitou para informar que as portas já tinham sido colocadas no sábado anterior. Tinham estado na estado na escola três carpinteiros

A CDT/3°C diz que uma delas já está toda riscada.

A PCP pergunta-lhe se ela se admira por isso.

A CDT/3°C retorque que foi apenas um comentário.

Depois a PCP refere que também as portas das casas de banho já foram colocadas, e que determinados problemas desse tipo relativos às instalações tem vindo a ser resolvidos.

Continuando a referir-se às preocupações dos alunos, a PCP referiu que ao contrário do que tinha acontecido no ano passado, aquando da resposta a um questionário em que eles referiram como necessária a criação de um espaço lúdico e de jogos compensando a falta de pavilhão gimnodesportivo, os alunos desta vez não referiram tais preocupações. Falaram do problema da E.Física. Das aulas de E.Física. Segunda ela o grande tema foi essa questão da E.Física e as outras preocupações foi a entrada na escola, o controle de entradas na escola.

[16.08]

Relativamente aos dados que caracterizam os encarregados de educação a PCP convidou a CDT/3°C a falar sobre o assunto.

A CDT/3°C esclarece que já tem os dados de todas as turmas, mas que relativamente ao alunos do 7º ano há algumas falhas no preenchimento dos inquéritos e que por estarem incompletos ela não tem agora ali os dados para dar. Disse que iria pedir ao directores das turmas do 7º para resolverem esse problema de completar os dados.

Seguidamente a PCP disse que a del. de E.Física/2°C já tinha entregue o calendário de jogos, finais dos torneios de futebol. A PCP pede alguns esclarecimentos à del. de E.Física/2°C sobre esse calendário. Após esses esclarecimentos a PCP passa a dizer os jogos que se realizaram nos dias 16 e 17 de Dezembro. Diz para a del. de C.Natureza/3°C que está a fazer a acta que depois lhe dá esses dados para ela meter na acta.

[16.10]

Tendo terminado as suas informações a PCP pergunta se alguém tem informações para dar.

Numa nota humorística o del. de E.Visual/3°C diz que o colega do lado estava a perguntar qual era a constituição das equipas. (alguns risos)

[Esta nota resultou do facto da PCP ter dado uma informação exaustiva sobre as turmas, o dia e hora em que os jogos se iam realizar]

Depois este mesmo del. de E.Visual/3°C diz que o que quer falar não é bem uma informação, é mais um pedido. Trata-se do assunto das mesas da sala de Educação Visual que se encontram riscadas. Diz que aquilo já chegou a uma altura em que as mesas estão tão riscadas que ele acha que elas precisam de ser mais lavadas. O del. de E.Visual/3°C esclarece que já tinha falado com a empregada mas que ela tinha dito que não tinha tempo. Ele, entretanto acha que isso em grande parte é resultado da utilização da sala para as aulas teóricas.

A CDT/3°C pergunta que sala é.

O del. de E.Visual/3°C diz que é a sala 12.

O del. de E.Visual/3°C acrescenta que aquilo é mesmo imundo. Ao principio os alunos apagavam com as borrachas, mas não vale a pena porque aquilo é mesmo imundo. Diz que vale a pena os professores irem lá ver.

A PCP opina que a única maneira de resolver o problema é pô-los a eles a limpar.

O del. de E.Visual/3°C põe a questão sobre que alunos vai recair esse trabalho.

A PCP responde que se pode ver quem é que utiliza essa sala e umas vezes limpam uns e outra vez limpam os outros até correr todos e depois recomeças se for necessário.

Entretanto o del. de E.Visual/3°C adianta que suspeita dos alunos dos 7º anos, que são os que escrevem mais, não obstante escreverem todos. Aquilo começou pelas mesas do fundo e depois como não é limpo regularmente... é que já não se consegue controlar de maneira nenhuma.

[16.12]

A del. de Hist/3°C refere que não é preciso ir muito longe. Diz que a sala onde se encontram é pouco usada e no entanto a mesa em que ela se encontra sentada está toda riscada.

Diz o del. de E.Visual/3°C que parece que pegou a moda de riscar nas mesas.

Seguem-se alguns momentos de alguma confusão, os presentes falam todos ao mesmo tempo, verberando e opinando sobre tais actos, olhando para as respectivas mesas e as dos vizinhos.

A PCP para pôr alguma ordem na reunião, bate com a caneta na mesa. Depois dirige-se aos presentes voltando a reafirmar a proposta de obrigar os alunos que utilizam aquela sala de aula a fazer, à vez, a limpeza das mesas, porque a funcionária tem apenas meia hora para a limpeza e sendo assim não pode dar conta desse trabalho.

O del. de E.Visual/3°C esclarece que sendo assim, são todas as turmas do 3º ciclo e reconhece que realmente o tempo de que a funcionária dispõe não dá para fazer essa limpeza.

Volta a PCP a dizer que uma semana limpa uma, na outra semana limpa outra... é a única forma que ela vê para o problema e que não conhece outra solução.

A VPCD diz que no final do período as mesas serão lavadas mas que isso não chega. Na sequência da proposta da PCP o del. de E.Visual/3°C coloca a hipótese de se fazer um mapa, tipo escala de serviço, para as turmas serem responsabilizadas por esse trabalho.

Volta a PCP a explicar como deve ser resolvido o problema. Uns minutos depois do início ou antes do fim da aula, pôr os alunos a lavar as mesas como deve ser, o prof. diz: "Meus amores vão buscar ali o pano e... vão começar a lavar as mesas". São eles que limpam, portanto devem ser eles a limpar.

[Apesar das propostas concretas que surgiram sobre o assunto, as mesmas não foram postas à aprovação, nem se decidiu quem é deveria tomara a iniciativa de levar à prática as propostas surgidas]

[16.15]

A PCP passou ao assunto seguinte: PAA.

A introduzir este ponto a PCP refere que aquilo que alguns colegas que lhe entregaram não está suficientemente organizado para poder a partir das propostas elaborar uma proposta de PAA. Esclarece que em face disso não foi possível trazer para a reunião uma proposta para ser aprovada. Com efeito diz a PCP que as propostas dos diversos grupos lhe foram chegando a pouco e pouco. Diz a PCP que houve colegas que lhe entregaram apenas uma folhinha e assim ela não conseguia trabalhar dessa maneira. Era extremamente difícil conseguir, para ela e para a VPCD conseguir a partir dali dar uma certa uniformidade ao conjunto de propostas. Explica que então a partir da grelha que lhe parecia mais completa resolveram fazer um impresso, grelha com a identificação dos objectivos, calendarização, etc., foi distribuída a todos os del...

A PCP esclarece que apenas a del. de Port/2°C não recebeu.

Esta del. de Port/2°C entretanto diz que já tem porque uma colega lhe tinha emprestado mas precisava de uma outra.

A PCP passa rapidamente em revista todos os grupos, confirmando quais os del. que já entregaram as propostas de actividades utilizando o novo formato de proposta. Indicou que não tinha as de Físico-Química, de Educação Visual, de Língua Portuguesa, de Língua Estrangeira. Pediu aos delgados destes grupos que o mais rápido possível entregassem as suas propostas para que se pudesse fazer um lençol com todas as proposta, um documento único.

[16.18]

Seguidamente a PCP passa ao ponto seguinte da Ordem de Trabalhos: ponto 4 - Formação das Secções do CP.

A PCP diz que no ano anterior os membros do conselho foram divididos por secções. Essas secções foram as seguintes: Avaliação...

Neste momento a PCP interrompe para chamar a atenção de alguns presentes que perturbavam o funcionamento da reunião, conversando e não estando a dar atenção ao se que estava a tratar: "Oh colegas eu não consigo trabalhar... assim não dá...". Fez um silêncio total e a PCP continuou então o que estava a dizer: "... Secção de Avaliação, Secção de Interculturas, Secção de Formação, Secção de Área-Escola e Secção de Animação Cultural e Desportiva. Foram estas as secções que se formaram o ano passado. Diz ainda que na verdade algumas delas, praticamente, não funcionaram e que algumas delas nem funcionaram. De modo que, achava ela, dever-se-ia pensar, tendo em conta aquilo que tinham tratado no pedagógico passado e tendo em conta as necessidades da escola, quais seriam as secções do CP a funcionarem no corrente ano. A PCP diz que pensou em algumas, mas gostaria de ouvir os restantes membros do pedagógico.

A del. de Hist/3°C pede à PCP que indique de novo quais as secções do ano anterior. A PCP volta a dizê-las. Depois adianta que a secção de Animação Cultural e Desportiva deve continuar, o mesmo acontecendo com a da Área-Escola. Diz que relativamente às restantes, Avaliação, Interculturas e Formação, não sabe. Poderão ou não. Era a questão que gostava de ver analisada pelos presentes.

A del. de Port/2°C refere a necessidade de se pensar, face às novas exigências que cada vez são maiores e diversificadas relativamente à biblioteca da escola, na criação de um grupo de trabalho no âmbito do CP dedicado à biblioteca e mediateca.

[16.20]

A PCP diz o que pensou sobre o assunto das secções do CP. começa por referir que essas reflexões têm por base a experiência do ano passado e as conversas que tem tido com colegas do pedagógico e de fora do pedagógico, na sala de professores e nos corredores. Trata-se portanto de conversas informais. Assim é da opinião que as duas secções por ela referidas devem continuar. A Área-Escola parece-lhe óbvio dado que continua a existir a Área-

Escola. Relativamente à Animação Cultural e Desportiva, porque não é mais do que animação cultural e desportiva o que os grupos apresentam nas suas propostas de trabalho para o PAA. Portanto essas duas secções devem existir. Diz que pensou noutra. Atendendo às características especiais dos alunos da escola, há tempos um grupo de professores pensando nas dificuldades com que a escola se debate, opinava que na escola, no próximo ano, deveria haver currículos alternativos. Havia professores, de entre os quais um está naquela reunião, que defendiam a existência de currículos alternativos. Tendo em conta tudo isso a PCP achava que poderia haver no CP uma secção dedicada a isso, porque a introdução dos currículos alternativos é uma medida que tem de ser analisada e estudada com muita profundidade, porque não pode ser assim do pé para a mão que se introduz uma coisa dessas nas escolas. É uma alteração com implicações muito complexas e importantes. Essa secção deveria estudar tudo isso e apresentar depois uma proposta de currículos alternativos para serem aprovados pelas instâncias competentes. A propósito das necessidades específicas dos alunos e das turmas a PCP diz que alguém falava nestes assuntos a propósito da situação da turma 8ºD.

[16.24]

Diz que toda a gente já conhece a turma 8ºD. Que os professores normalmente ficam com os cabelos em pé. Virando-se para as del. de C.Natureza/3ºC e de Hist/3ºC pergunta-lhes: "Não é oh [nome de profª - 38]? Não é oh [nome de profª - 2]?"

"O que é que a gente pode há-de fazer? Diz a del. de Hist/3ºC. Segundo ela são miúdos que não estão minimamente interessados naquilo que a gente tem para lhes dizer. Aquilo que os professores fazem ou dizem não lhes diz nada. Por isso a del. de Hist/3ºC acha que a escola deve procurar alguma coisa que vá ao encontro do interesse deles. a esse propósito refere o caso de um aluno que é completamente desinteressado. Diz ela que ele vai à sua aula de vez em quando, certamente quando não tem nada que fazer cá fora.

A PCP opina que haverá certamente alguma coisa que lhes interesse e quem sabe se não será possível pelos currículos alternativos dar-lhes realmente aquilo que lhes interesse.

A del. de Hist/3ºC diz que sim. Se mais nada se pode fazer pelo menos isso pode ser que resulte.

[16.26]

A PCP diz que uma outra em que tinha pensado, e as pessoas que a desculpassem porque quando mete uma ideia na cabeça tem de batalhar por ela até ao fim, era a questão do Projecto Educativo da escola. A propósito das mais diversas coisas fala-se de projecto educativo, é a nível da bibliotecas, o projecto educativo, é a nível do Desporto Escolar, o projecto educativo, é a nível de muita coisa, o projecto educativo. Ora ela é da opinião que o projecto educativo da escola não sendo o PAA é uma coisa que leva tempo a fazer e tem de ser um trabalho de conjunto e não de uma ou duas pessoas.

A propósito desta questão a PCP refere a ideia de a utilização da biblioteca como projecto educativo da escola. Segundo ela depende da maneira como se agarrar na biblioteca. Opina que se se empenhar todos os professores e os alunos para trabalhos, para pesquisa na biblioteca, etc. pode-se no projecto educativo da escola, dar-lhe uma volta e incluir a biblioteca. Acrescenta que aquelas ideias não eram suas, mas sim de uma acção de formação, em que os próprios professores universitários apresentavam esta ideia. De acordo com essas ideias a dinamização de uma biblioteca pode integrar um projecto educativo.

A PCP depois, diz que pensou noutra coisa que ela gostava muito que existisse. Segundo ela uma escola não pode ser apenas, no tempos que correm, um espaço de aulas. Refere a leitura de um artigo de jornal que estava afixado na sala de professores, onde se dizia que grande parte da violência nas escolas é gerada nos recreios. Por isso achava que deveria pensar-se também na criação de espaços

onde os alunos possam conviver, jogar ping-pong, xadrez, matraquilhos...

[16.32]

A PCP diz que por isso deveria se calhar criar-se uma secção do pedagógico para dar apoio aos alunos não só para a criação de uma Associação de Estudantes como também para a criação de uma sala para os alunos. Na criação da Associação de Estudantes pode ser que se consiga ou que não se consiga, mas o que é certo, segundo a PCP, é que eles sozinhos não conseguem. eles têm que estar apoiados.

A PCP refere as afirmações de Daniel Sampaio, em que ele apela para que as escolas arranjem maneira dos alunos estarem ocupados. A PCP afirma-se muito sensível a estes apelos e a estas questões. Por isso ela acha que deveria de haver uma secção que apoiasse os alunos para a criação desses espaços...

A finalizar a PCP diz que tudo aquilo que esteve a dizer foi aquilo que ela pensou, mas que os professores eram 72 na escola, cada cabeça pensa da sua maneira e que embora haja coisas comuns há também coisas diferentes e que portanto agora desejava ouvir as outras opiniões. A del. de Port/2ºC já tinha dito o pensava sobre a necessidade da criação de uma secção ligada à biblioteca, mas só as duas é que tinham falado. Diz a PCP que então agora queria ouvir outras pessoas que têm conhecimento da escola, da realidade que é aquela escola, do palpitar e das necessidades da escola.

A del. de Port/2ºC diz que quer acrescentar uma coisa... Diz que terá de se ter em conta a dimensão da escola, quando se pensa na questão de fazer da biblioteca o ponto central do projecto educativo. Ela opina que pode-se realmente dinamizar e fazer da biblioteca um assunto importante na escola mas não concorda que o Projecto Educativo seja a biblioteca. Segundo ela a biblioteca deve estar integrada na Projecto Educativo, mas não concorda que ela mesmo seja o Projecto Educativo da Escola, porque este é de natureza mais vasta.

A PCP esclarece que aquilo que disse sobre o projecto educativo são apenas ideias sobre as quais os presentes podem reflectir, e que não inviabilizam o tratamento da relação entre a biblioteca e o Projecto Educativo por outras formas e vias.

A del. de Port/2°C por fim disse que há dois pontos focados pela PCP que eram muito importantes: a criação de espaços para os alunos e os currículos alternativos.

[16.36]

Quando a PCP ia a retomar a palavra a del. de Mat/2°C perguntou se podia. A primeira disse que sim, que ela tinha lançado aquelas questões para serem debatidas.

A del. de Mat/2°C manifesta o seu total apoio ao que a PCP tinha dito e em especial o que respeitava à necessidade de uma secção para análise da questão dos currículos alternativos. Desde logo se oferecia para integrar essa secção se ela se formar. Diz que não pode concordar mais com a criação de espaços e lugares para os alunos poderem terem outras actividades que não apenas as aulas curriculares. Refere a sua experiência, enquanto aluna, para reforçar as vantagens da criação desses espaços.

Como a del. de Mat/2°C tivesse começado a tecer considerações de ordem filosófica e a entrado pela enunciação de problemas existenciais, o que começava a deixar antever alguma forma de indicação ou orientação filosófica a seguir na organização das actividades a desenvolver nesses espaços destinados aos alunos, a del. de Port/2°C mostrou a sua discordância pela perspectiva apresentada pela colega.

[16.39]

No entender da del. de Port/2°C o que deveria fazer-se é apresentar uma diversidade de opções, e deixar que cada um avaliasse e escolhesse pela sua própria vontade e conhecimento. Disse que achava perigoso que se pensasse sequer em incutir ideias quaisquer que elas fossem nas pessoas, alunos ou não.

A PCP pôs termo a essa discussão convidando outros presentes a pronunciarem-se. Chama a atenção para as pessoas não se desviarem do assunto: "Eu quero saber, desculpem, mas eu quero saber, já ouvi a... [del. de EMRC], já ouvi a... [del. de Mate/2°C] e agora..."

[16.41]

A del. de Hist/3°C diz que também quer falar.

"Fala, fala. E eu quero ouvir outras colegas, é isso. Vamos embora." diz a PCP.

A del. de Hist/3°C diz que está muito de acordo com a PCP quando diz que é preciso um espaço mais agradável para os miúdos. Esta del. de Hist/3°C refere que a ideia das danças tradicionais se calhar traz algumas dificuldades, porque isso obriga a criar um clube, depois não há horas...

A PCP acrescenta que uma coisa dessas obriga que há alguém que perceba do assunto e que esteja a orientar os alunos, porque quando houve na escola, eram professores da área de E.Física com especialidade em danças...

Retomando o que estava a dizer a del. de Hist/3°C opina que é mais fácil e exequível outro tipo de organização dos espaços para os alunos. Refere a organização do espaço exterior como um factor importante para os alunos se sentirem bem na escola. Refere como exemplo a Escola Delfim Santos, onde para além de um lago havia um campo de mini-golfe, o que tinha achado muito engraçado. Pensa que inclusive se podem arranjar aquelas construções em madeira, onde os miúdos podem entrar, descer, subir... Diz que também havia uma rampa de skate mas que quanto a isso ela já não era tão apologistista.

A VPCD intervém para chamar a atenção de que de facto as pessoas não se podem esquecer que a escola não dispõe de grandes espaços exteriores.

Este assunto da exiguidade de espaço não recolhe consenso entre os participantes mais activos da discussão.

[16.47]

A PCP diz que tudo por isso é que se torna necessária a criação de uma secção que juntamente com os alunos estudem os espaços da escola e qual a viabilidade de aproveitamento de cada espaço, mas isso exige um estudo sério. Por essas coisas têm de ser pensadas. Devia de haver alguém, um grupo de pessoas que se disponibilizasse a trabalhar juntamente com os alunos. Não era só as pessoas aqui, mas saber o que é que os alunos gostavam, o que é que eles queriam. Refere-se depois às mesas de ping-pong, em pedra, existentes na Escola de Benfica...

[16.48]

A PCP procura fazer um ponto da situação, depois de tantas opiniões. Pergunta se além da sugestão da secção para a biblioteca há mais propostas.

Alguém diz que "São tantas".

Responde a PCP que sabe que são tantas.

A del. de E.Física/2°C comenta: "Tantas e tão boas. Mas é verdade. Eu estou aí com muita força. Gostaria de fazer parte de..."

A PCP passa a dizer as secções para as pessoas se oferecerem. Transitam do ano passado a Área-Escola e Animação Cultural e Desportiva. Para a Área-Escola bastam duas pessoas. (risos)

[As coordenadoras dos directores de turma sorriem]

A PCP continua a identificação das secções. Para o próximo ano pensamos mediateca-biblioteca.

A del. de Port/2°C se isso está incluído no Projecto Educativo.

A PCP responde: "Olha, não sei". Acrescenta que se pode pôr só o Projecto Educativo e a partir daí avançar com a biblioteca, ou pode-se criar duas à parte.

"O que é que acham?" pergunta a PCP

A del. de Port/2°C opina que se deve deixar o Projecto Educativo a crescer e depois se verá.

“Então vamos deixar como está, e vamos avançar” responde a PCP.

Seguidamente indica biblioteca-mediateca, Projecto Educativo, Currículos Alternativos e Apoio aos Alunos com dinamização de espaços com lazer.

A CDT/3°C levanta a hipótese de se arranjar um grupo para orientação dos alunos do 9º ano. Esta sugestão levanta alguma discussão.

A del. de EMRC refere a existência de um projecto em que está envolvida a Escola da [nome de povoação - 30] que tem por finalidade a orientação vocacional dos alunos do 9º ano, como envolvimento de um psicólogo. Segundo ela eles criaram um projecto de acompanhamento do alunos do 9º ano.

A PCP retorque que o que eles fizeram foi outra coisa. Eles meteram-se no UNIVA.

“Ah, isso já não sei” diz a del. de EMRC.

“Mas sei eu. Eles meteram-se nas Unidades de Inserção para a Vida Activa em ligação com o instituto de Emprego e Formação Profissional” diz a PCP. Depois acrescenta que a nossa escola não tem psicólogo.

Discute-se depois a questão da inexistência de psicólogo na escola e a importância da orientação dos alunos do 9º ano.

A VPCD refere que no ano passado foi pedido ao ME que promovesse condições para que se pudesse fazer um acompanhamento dos alunos do 9º ano em termos de orientação vocacional, mas eles nunca fizeram nada. O que tem sido feito na escola tem sido a nível particular, isto é a indicação de centros onde os miúdos podem fazer os testes vocacionais

A PCP diz que no ano passado a CDT/3°C foi a uma reunião no ME, à DRELx. E não veio nunca psicóloga nenhuma. A CDT/3°C comenta que há uma grande falta de informação e que deverá fazer-se alguma coisa em relação a isso. A del. de C.Físico-Químicas/3°C conversa com a VPCD sobre a possibilidade de se fazer um projecto visando a realização de acções destinadas aos alunos do 9º ano apelando para instituições que funcionem nessa área.

A VPCD diz que pela experiência dos anos anteriores as entidades particulares vêm sempre porque eles têm interesse nisso. Acrescenta que a nível do Ministério apenas vêm a informação, os desdobráveis com indicação dos cursos do secundário.

[16.56]

A PCP retoma a questão das secções e opina que a secção de Apoio ao Alunos podem perfeitamente englobar essas variantes. A organização dos espaços de lazer e também a orientação vocacional...

Seguidamente convida as pessoas a pronunciarem-se sobre a constituição das secções. Pergunta quem é que se quer inscrever na secção Currículos Alternativos. Ninguém se oferece e a PCP avisa “Olhem vocês já sabem, somos todos os que aqui estamos, menos o Luís, mas se ele quiser entrar nos Currículos Alternativos também pode entrar.”

A PCP diz que a secção Área-Escola já está. É constituída pela CDT/2°C e pela CDT/3°C.

Os membros do conselho trocam ideias sobre as respectivas preferências.

A PCP diz que nos Apoios ao Alunos queria homens, queria além de mulheres, homens das áreas de E.Visual e E.V.Tecnológica, porque os estudos dos espaços não há mulheres com habilitações adequadas para isso. “Eu preciso de vocês, portanto escusam de esconder a cabeça”, avisa a PCP (risos).

Começa a delinear-se finalmente a composição das secções.

A PCP indica o del. de E.Visual/3°C, o del. de E.V.Tecnológica/2°C...

Alguém diz que também quer. A PCP que não pode ser porque já estão todos. São eles: o del. de E.Visual/3°C, o del. de E.V.Tecnológica/2°C, a VPCD e a del. de Hist/3°C.

A PCP passa depois à secção Currículos Alternativos. “Vamos embora!” diz, mas passa de imediato à secção de Actividades Culturais e Recreativas. “Temos o... [del. de E.Física/3°C] e a... [del. de E.Física/2°C]” indica a PCP.

[17.00]

Como o processo se demora, a PCP volta a chamar a atenção para o facto dos membros do conselho serem 22, e que portanto ou é a vem ou é mal.

Mais uns momentos de negociações entre os presentes, que procuram compatibilizar as afinidades pessoais para a constituição dos grupos.

A del. de Ing/3°C mostra interesse em integrar a secção da biblioteca-mediateca...

A PCP acha que na secção biblioteca-mediateca deve ficar a directora de instalações da biblioteca, que é a del. de Port/2°C.

Nova negociação sobre quem vai para que secção, à margem das considerações da PCP.

Como a del. de C.Natureza/2°C mostrasse interesse em integrar a secção da biblioteca-mediateca a PCP interveio dizendo que ela deveria ir para a secção do Projecto Educativo. Ela não se mostra muito disposta a isso e a PCP diz-lhe está em total desacordo: “Oh filha, nós temos que fazer render os talentos, é completamente diferente alguém que não percebe nada do que alguém que teve uma formação de 50 horas e que portanto tem de saber algo sobre isto. Pode saber pouquinho... aqui ninguém tem que saber muito, porque nós sabemos tão pouquinho que vamos juntar os pouquinhos de todos a ver se conseguimos fazer outro pouquinho”.

A del. de C.Físico-Químicas/3°C oferece-se para integrar a secção do Projecto Educativo.

A PCP vai tomando nota numa folha à medida que os nomes vão aparecendo a integrar as secções.

Regressa novamente à secção dos Currículos Alternativos.

Pergunta quem é que quer os Currículos Alternativos pergunta a del. de Mat/2°C.

Entretanto a PCP faz o ponto da situação. No Projecto Educativo estão já: a del. de Fran/3°C, a del. de Port/3°C, a del. de EMRC e a del. de C.Físico-Químicas/3°C

"Então e a del. de C.Natureza/2°C?" pergunta o del. de E.Visual/3°C.

"Não, então a... [del. de C.Natureza/2°C] diz que não quer e eu não quero obrigá-la", responde a PCP.

"Quero, quero..." responde a del. de C.Natureza/2°C.

A del. de E.Física/2°C diz que então deve ficar a del. de C.Natureza/2°C.

A PCP retoma: "Vamos embora."

"Nos Currículos Alternativos como é?" pergunta a PCP.

A del. de Port/2°C diz: "Então está a del. de Mat/2°C".

A PCP exclama que não chega. Tem de haver mais pessoas. Depois pergunta à del. de Hist/2°C se ela quer fazer parte da secção dos Currículos Alternativos. Esta diz que prefere ficar na biblioteca-mediateca.

Alguns momentos de indecisão, as opções começam a ser muito reduzidas, e as pessoas não se oferecem. Eventualmente haverá trocas a fazer ao que já está estabelecido até então.

A PCP opina que a secção biblioteca-mediateca deveria integrar novas caras para dar uma maior abertura de perspectivas diferentes. Não deveria em seu entender integrar totalmente as pessoas que já trabalham no projecto. De qualquer forma diz que pode pôr na mediateca-biblioteca a del. de Ing/3°C.

Como não aparecem interessados na secção dos Currículos Alternativos para acompanhar a del. de Mat/2°C a PCP insurge-se contra a continuação das ofertas para as outras secções. Diz que não cria um projecto de Currículos Alternativos com apenas uma pessoa a pensar.

O del. de Mat/3°C oferece-se para integrar os Currículos Alternativos se já não houver lugar na secção Animação Cultural e Desportiva.

A PCP agradece a oferta do del. de Mat/3°C mas acha que no meio de tantos professores profissionalizados e efectivos não faz qualquer sentido um prof. provisório e pela primeira vez num CP integrar uma secção como a dos Currículos Alternativos. Portanto diz que não o vai meter, porque ou a secção funciona com pessoas com formação para isso ou simplesmente não é criada.

O del. de Mat/3°C esclarece que quando se ofereceu estava apenas a fazê-lo por boa vontade.

A PCP disse que sabia disso o que não percebia era que havendo outras pessoas com formação e apenas, até ao momento, apenas uma estava disposta a fazer parte dessa secção.

O del. de Mat/3°C manifestou o seu total acordo como que a PCP tinha dito.

A PCP voltou a repetir os seus argumentos sobre a incongruência da situação acrescentando que tal situação não pode passar pela cabeça de profissionais. Portanto a PCP decide que o del. de Mat/3°C fica na secção de Animação Cultural e Desportiva: "Com essa cara fica muito bem na Animação". (risos)

A PCP aponta também a del. de E.Musical/2°C para a Animação Cultural e Desportiva: "É E.Musical é precisa para animar a gente todos."

[17.06]

Os grupos já estão quase completamente formados. A PCP diz então que relativamente aos Currículos Alternativos ou se arranja outro prof. ou não há Currículos Alternativos.

A del. de E.Física/2°C diz que gostaria muito mas que com a secção da Animação não tem grande disponibilidade. A PCP diz que compreende isso e que acha que ela já tem muito que fazer nessa secção.

A CDT/3°C pergunta se outros professores que não do CP podiam integrar as secções. A PCP diz que sim que os grupos de trabalho, as secções não são estanques e que todas as secções podem integrar outros professores.

A del. de Mat/2°C que até essa altura se tinha mantido silenciosa diz que mesmo considerando isso gostaria de ter na secção pelo menos mais um membro do CP.

Alguém coloca a hipótese da del. de C.Natureza/3°C.

A PCP diz que nem pensar porque a situação da del. de C.Natureza/3°C ainda é menos adequada que a do del. de Mat/3°C porque ela nem sequer tem habilitação própria. Portanto não vamos pôr nem a del. de C.Natureza/3°C nem o del. de Mat/3°C porque são colegas que nem o estágio têm, era exigir demasiado desses colegas.

A del. de Mat/2°C comenta que a PCP ainda não está em nenhuma secção.

A PCP confirma que não está e que nem vai estar para a secção dos Currículos Alternativos porque tem o inventário da escola para fazer que vai demorar muito a fazer. E portanto não se pode meter em muita coisa senão há coisas que ficam para trás.

A del. de Mat/2°C volta a dizer que gostaria de ter outras pessoas do pedagógico na secção dos Currículos Alternativos.

A PCP concorda com ela que deveria haver mais pessoas.

A CDT/3°C diz que há outras pessoas que ainda não estão em nenhuma secção.

A PCP diz que apenas alta a del. de Geo/3°C que não está presente, a outras já estão todas. Seguidamente passa em revista a distribuição das pessoas pelas secções, realizada até ao momento. Diz que o que se pode fazer é dividir o Projecto Educativo que tem cinco pessoas, de forma a arranjar mais pessoas para os Currículos Alternativos.

vos, porque segundo ela no Projecto Educativo ela não se importa de entrar porque inclusive já começou a trabalhar nisso.

A PCP pergunta se duas colegas querem sair do Projecto Educativo e ir para os Currículos Alternativos.

O del. de Mat/3°C pergunta quem é que vai fazer parte dos Currículos Alternativos.

Ninguém responde. Está-se numa situação de impasse.

As pessoas conversam entre si procurando ver se há maneira de há maneira de jogar com a composição as secções para arranjar mais gente para a Secção dos Currículos Alternativos.

A PCP comenta que o Projecto Educativo leva muita gente.

Aparentemente já há duas pessoas nos Currículos Alternativos: a del. de Port/3°C e del. de Mat/2°C. A PCP opina que mesmo assim, dever-se-ia arranjar mais gente porque duas pessoas é muito pouco.

A del. de Hist/3°C concorda dizendo que inclusive deveria haver professores de várias disciplinas.

[17.11]

A VPCD acha também que só seria vantajosa essa diversidade de disciplinas. O del. de E.Visual/3°C opina que deveria de haver alguém das tecnologias, já que essa será uma componente importante dos Currículos Alternativos. Segundo ele a componente prática tem de ser contemplada.

A PCP aponta então a participação do del. de E.V.Tecnológica/2°C nessa secção ficando o del. de E.Visual/3°C na secção de Apoio aos Alunos.

O del. de E.V.Tecnológica/2°C diz que está bem: "Está tudo bem para mim".

[17.14]

A del. de Mat/2°C pergunta quais serão os professores que se manifestaram a favor dos Currículos Alternativos. A PCP disse que uma era a Maria José, outra era a Emilia Rosa.

Depois a PCP faz a recapitulação apresentando a composição final das secções:

[17.15]

Feita aquela apresentação a PCP passa ao ponto seguinte da ordem de trabalhos - Aferição dos critérios a ter em conta na avaliação do 1º período.

Surgem algumas questões sobre o processo utilizado na construção da proposta a ser discutida e votada.

A PCP diz que a proposta vem da reunião dos directores de turma e que embora a del. de Hist/2°C há momentos tivesse manifestado a opinião de que todos os grupos deveriam ser consultados e apresentarem as suas propostas, ao fim a ao cabo...

A del. de Hist/2°C interrompe para dizer que dessa forma seria mais abrangente, indo aos grupos que apalha a escola toda do que vindo dos directores de turma.

A PCP acha que aquela proposta é mais que abrangente porque é o resultado de vários anos de trabalho em que se nota a colaboração e a abrangência de todos os grupos.

Vários presentes concordam com esta opinião já que a proposta é uma cópia de propostas de anos anteriores.

A PCP propõe-se a ler em voz alta a proposta de critérios de avaliação que vem do conselho de directores de turma, quando se lembra de dizer uma coisa sobre a secção de Animação Cultural e Desportiva. Diz ela que a essa secção competirá aprovar as visitas de estudo que não tendo sido aprovadas no plenário do conselho. Assim evitar-se-á reunir o CP para aprovar visitas de estudo, porque a secção "faz uma actazinha e aprovou a visita tal, tal..."

A del. de E.Física/2°C: "Então é só aprovar?" (gargalhadas).

O del. de E.V.Tecnológica/2°C: "E nomear os professores acompanhantes"

[17.18]

Passa seguidamente então à leitura da proposta de critérios de avaliação.

Lê o ponto um da proposta que se refere à atribuição do nível 1. Depois da leitura pergunta quem concorda ou quem discorda do que foi lido. Como ninguém se manifesta a PCP diz "está tudo aprovado".

Passa seguidamente à leitura do ponto dois relativo à atribuição do nível 2. Lê seguidamente o ponto dois e seguintes até ao ponto quinto.

[17.20]

Acabada a leitura a PCP pergunta quem é que discorda ou quer discutir o que foi dito. Quem quer falar sobre a proposta. A PCP comenta que ninguém discorda. Pergunta a seguir quem se abstém. Ninguém se manifesta. Finalmente pergunta quem é que concorda. Todos os presentes põem o braço no ar. A proposta é aprovada por unanimidade.

[17.22]

As pessoas fazem intenção de se levantar, quando a PCP avisa que a próxima reunião não é na primeira semana, mas na segunda.

Já várias pessoas de pé quando a del. de Port/2°C começa a falar. A PCP pede diz para as pessoas se sentarem novamente.

A del. de Port/2°C então diz que há escolas que resolveram fazer o início das aulas no 2º período na segunda feira, adiantando em um dia o fecho das aulas no fim do ano, por causa do início do 2º período segundo calendário estar marcado para uma sexta feira.

[17.26]

A PCP diz que quando no principio do ano foi visto o calendário escolar e na altura se analisou a questão das reuniões intercalares, e quando ela dizia que as reuniões intercalares deviam ser naquelas paragens de aulas a

CDT/3°C disse que havia uma coisa que lhes permitia fugir e utilizar dois dias. Então foram marcados dois dias para quinta e sexta feiras antes de carnaval e disseram que as nossas reuniões intercalares seriam na quinta e sexta feira antes de carnaval. Agora, diz a PCP só há que ponderar...

A VPCD interrompe-a avisando-a que a del. de Port/2°C não se referia a isso que ela estava a dizer, mas apenas à questão de começar as aulas do 2º período na segunda e não na sexta feira e descontar no fim do ano.

A PCP esclarece que o Ministério não permite que se faça isso. O ministério o que permite à escola é parar dois dias e utiliza esses dois como bem entender.

A del. de Port/2°C diz que pelo que sabe as escolas estão a fazer é não abrir na sexta feira, abrir só segunda feira e depois fechar um dia mais tarde no fim do ano.

A VPCD refere que o início do 2º período não pode ser alterado porque o calendário escolar que foi publicado no Diário da República não contempla flexibilidade nenhuma nos inícios do 2 e 3º períodos, ao contrário do que acontece no princípio e final do ano.

O del. de E.Visual/3°C comenta que por acaso é um início do 2º período bem parvo.

A VPCD diz que concorda plenamente mas tem dúvidas sobre a possibilidade de se ir contra o que está estabelecido no Diário da República.

A PCP concorda igualmente. Diz que não acha graça nenhuma começar uma semana a uma sexta feira.

A generalidade das opiniões são concordantes sobre esse ponto. As pessoas falam de forma algo desordenada, e não se divisa uma tomada de decisão sobre o assunto. Alguém coloca a hipótese de se perguntar para o Ministério se a escola pode fazer o que pelos vistos vai ser feito por diversas escolas. A PCP esclarece que pela experiência que tem essa é uma das coisas que não se pergunta para o Ministério. Porque se perguntarmos para o Ministério só há uma resposta: "O calendário é este, portanto cumpra-se o calendário". O que a gente pode perguntar é à escola como é que...

O del. de E.Visual/3°C diz que de qualquer modo ele vota a favor de começar na segunda feira.

A del. de C.Natureza/2°C dirige-se para a PCP dizendo que um dos grandes chavões do projecto educativo é a autonomia. Diz a PCP que a escola ainda não fez o projecto educativo (risos).

Depois coloca à consideração dos presentes a utilização de apenas um dos dois dias que a escola pode livremente dispor, para as reuniões intercalares, e então o outro seria a sexta feira (início das aulas do 2º período).

Discute-se se é possível meter as reuniões intercalares em apenas um dia. A PCP diz que ela consegue se as reuniões forem apenas de um hora. Diz ainda que se se utilizarem as duas quartas feiras anteriores. A PCP diz que a [nome de escola - 6] utiliza esse dia (sexta feira) porque faz as intercalares todas às 6.30.

A VPCD diz que foram duas semanas a fazer às 6.30.

A PCP diz que é contra porque tem-se de pensar também acha que as pessoas estão cansadas e contrariadas e o trabalho não resulta. Julga que o melhor é fazer as intercalares apenas num dia e tratar apenas dos casos bichudos, aproveitando bem o tempo de uma hora. A PCP pergunta quem concorda com aquela sugestão. Todos concordam e a proposta é aprovada. Acaba a reunião. [17.31]

#### DEPOIS DA REUNIÃO

[17.32] - As pessoas começam a abandonar a sala. A PCP e outros colegas ainda continuam durante mais minutos na sala a conversar. Eu dirigi-me para a sala de professores para tomar um café e fumar um cigarro. A maior parte das pessoas vão saindo da escola.

[17.37]

Vou para o gabinete do CD. Estavam lá a PCP e a VPCD. As duas estavam muito bem dispostas. Eu perguntei-lhe o que é que lhe tinha acontecido para estar com aquela força toda. se andava a tomar alguma coisa. A VPCD disse "está com um *speed* desgraçado". A PCP ria-se muito bem disposta e diz que lhe tinha feito bem não ter vindo ao anterior CP. Comentei que lhe tinha feito bem ficar aquela semana em casa. "Fez, fez-me bem" disse ela. "É que eu já não podia ver as nossas colegas do CP" comenta ela rindo-se. Continuamos a conversar como a reunião tinha decorrido e ela mostrou-se satisfeita como as coisas tinham corrido. Tinha-se proposto, a ela própria "não derivar" porque se começasse "a derivar" as pessoas começavam a falar e nunca mais se saía dali. Comentei que a aprovação dos critérios de avaliação tinha demorado muito pouco. Ela justificou a celeridade nessa aprovação pelo facto de aquele assunto já estar "mais que batalhado, mais que falado". Não deixou no entanto de dizer que "no próximo CP quando colocar a questão do que é que se tem feito com base nos objectivos mínimos e relacionar isso com as percentagens de insucesso, vou levar castanha, de certeza". E ri-se alegremente.

Pergunto-lhe se no próximo pedagógico ela conta apresentar já o PAA. Ela diz que não sabe, que sinceramente ainda não sabe.

A PCP mexe numa resma de folhas. Trata-se das propostas dos grupos para o PAE. Faço um comentário sobre a quantidade de trabalho que ela tem ali para fazer. Diz-me que tem de ser. "O que é que há-de fazer. Mas pelo menos assim é diferente", referindo-se ao facto de se ter utilizado uma grelha uniforme para os grupos apresentarem as suas propostas de actividades. Peço-lhe a folha onde ela registou a composição das diversas secções. Ela entrega-ma e eu copio para uma folha. Entretanto entra uma colega (DT) vem perguntar se ela sabe porque que é faltam fotografias dos alunos. Esclareceu que como não estavam prontas todas as fotografias, o fotógrafo mandou aquela primeira "tranche" e que ficou prometido que as outras viriam aquela semana, só que ainda não tinham vindo.



Aparece no gabinete também a del. de Ing/2°C e começam logo as duas a rirem-se. A PCP diz que não estava a perceber nada de nada. A del. de Ing/2°C diz que ela era para ir para lá mas que quando viu aquilo desistiu logo (referia-se à secção dos Currículos Alternativos). A del. de Ing/2°C está ao telefone por causa da marcação de uma visita de estudo. Entretanto vão conversando. Aparece também no gabinete a del. de C.Natureza/2°C e a PCP fala-lhe na sua intenção de comprar um esqueleto.

Depois conversam sobre o que vão fazer para o jantar. As del. de C.Natureza/2°C e de Ing/2°C abandonam o gabinete.

Eu procura o esclarecer algumas duvidas relativamente à composição das secções. Nessa altura a PCP diz-me que não se tinha apercebido que ninguém queria integrar com a del. de Mat/2°C a secção dos Currículos Alternativos. Só mais tarde é que ela se tinha apercebido disso. Só quando a del. de Ing/2°C lhe disse que gostava de ter ido para essa secção, mas com a del. de Mat/2°C não. Eu disse-lhe que a partir de certa altura tinha notado isso e que estava convencido que a própria del. de Mat/2°C também tinha notado.

Ela comenta a oferta do del. de Mat/3°C para integrar a secção. "Repara uma coisa, coitado do rapaz, provisorio é que ia integrar a secção dos Currículos Alternativos?" Isso não tinha qualquer jeito, diz a PCP. Opino que para mim o problema não é de ele integrar, mas de não haver professores profissionalizados que se ofereçam para fazer parte dessa secção.

Conseguiu-se fazer as secções, diz a PCP. Agora o que cada uma delas vai fazer não sei. De qualquer maneira já tem bibliografia para dar para a questão dos Currículos Alternativos. Tem alguns textos do Zabalza que aborda a questão curricular no quadro do PEE. Esse é um dos autores que ela pretende dar a conhecer aos colegas.

[17.41]

Seguidamente a PCP mostra-me as propostas apresentadas pelos grupos, com a utilização da grelha uniforme, relativamente às actividades para o PAE. Ela diz que tinha pensado melhor e que resolvera não afrontar os del. de grupo e daquela maneira o problema tinha sido resolvido sem que se tivessem criado conflitos. Diz que ela procura evitar os conflitos, porque mesmo sem conflitos a gestão da escola já é difícil quanto mais com conflitos. De todo modo ela acha que se os conflitos não existirem é porque alguma coisa está mal, porque os conflitos existem sempre. Só não existem quando não se faz nada, ninguém se interessa e a escola não mexe. O que devem é ser geridos com cuidado e não ser criados artificialmente.

Ela refere a situação da abertura das aulas do 2º período como um ponto de conflito se ela tivesse dito às pessoas que a abertura era na sexta feira e que não havia mais discussão. Mas assim foi melhor, ficou resolvido o assunto a contento das pessoas. Aliás a pergunta para o Ministério era uma coisa que ela nunca faria, porque há coisas que não se perguntam. Ela acha que a escola tem autonomia e que portanto, sendo uma questão de bom senso, não devem perguntar porque senão nada feito. Diz que a abertura a uma sexta feira não faz qualquer sentido. Além disso ela está convencida que o Ministério não vai preocupar-se com essa questão.

Conversamos sobre a reunião seguinte do CP. Ela diz-me que na próxima vão ser analisados os resultados e que vai chamar a atenção das pessoas para a definição dos objectivos, para o apoio pedagógico, para a criação de uma sala de estudo, queria ver se criava nem que fosse apenas 6 horas, porque os apoios não dão resultado. Segundo ela os Apoios não são nada. Por outro lado a del. de Mat/2°C não se importa de criar o Clube de Matemática (duas horas). É preferível do que os apoios pedagógicos.

A motivação e os resultados dos alunos são aspectos referidos pela PCP quando relaciona as expectativas dos alunos quando saem da escola e não encontram ocupação no mundo do trabalho. Isso é uma coisa que tem de preocupar a escola e os pais também.

[17.46]

Conversamos ainda mais alguns minutos sobre o meu trabalho e depois despedimo-nos.

Sai da escola faltavam 10 minutos para as 6 horas da tarde. [17.50]

## I) 9ª REUNIÃO - 22 JAN 1997

cp109

22/01/97 - 15h 10m - 19h 20m - Escola A

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO

### ANTES DA REUNIÃO

[15.10] - Cheguei à escola por volta das 15.10. Dirigi-me para a sala de professores. Na sala encontravam-se meia dúzia de professores.

A PCP encontrava-se na sala, sentada no sofá, reclinada a ler um jornal. Cumprimentámo-nos. Ela disse que estava ali a apanhar o "solinho" e que estava com uma soneira. Perguntou-me pelo trabalho, como estavam a correr as coisas, conversámos um pouco sobre. Disse-lhe que estava atrasado em relação às previsões que tinha feito. Perguntei-lhe se a CDT/3°C já lhe tinha dado a informação sobre os inquéritos dos alunos dos 7º, 8º e 9º anos. Disse que não, que ela ainda não lhe tinha dado nada de nada. Perguntei-lhe de seguida sobre o trabalho que ela estava a fazer sobre a caracterização do pessoal docente e não docente da escola. "A caracterização já só falta

passar ao computador, de resto já está tudo feito" respondeu-me a PCP. Disse-lhe que para mim não era necessário estar passado a limpo, em rascunho também me servia. Ela disse que se calhara eu não ia perceber muito bem o que lá estava. Acrescentou que o computador dela tinha avariado e que tinha pedido uma série de coisas que já tinha começado a fazer... A propósito de avarias de computador estivemos a conversar durante mais alguns momentos.

Entretanto a PCP é solicitada a ir ao gabinete do CD a atender uma colega.

Passados alguns segundo regressa para a sala de professores.

[15.17]

Eu fui para a sala de fumo dos professores. Entretanto chegou o del. de E.Visual/3°C. Ele diz-me que a... já era a segunda vez que lhe tinha perguntado por mim. Chegou pouco depois o del. de E.Física/3°C.

Na sala ao lado, por cima das conversas dos professores, sobressai a da VPCD que aparente estar irritada. Ao meu comentário que parecia que ela estava zangada, o del. de E.Visual/3°C acrescentou que "... está a meia voz, porque ela quando ela a voz, aquilo...".

Na sala de professores o número de professores vai aumentando. Os membros do CP vão chegando.

[15.20]

Os del. de E.Visual/3°C e de E.Física/3°C conversam sobre bebidas isoestáticas e na relação entre a alimentação e o exercício físico.

Eu dirigi-me depois para o balcão do bar para beber um café. A funcionária [nome de aae - 6] perguntou-me se queria experimentar o café novo. Foi nessa altura que me apercebi que numa mesinha ao lado estava instalada uma máquina de café automática. A funcionária explica-me como funciona. Pergunto-lhe há quanto tempo que têm a máquina. Ela respondeu-me que "depois das aulas começarem".

Pego no café e vou para a sala de fumo. Simpática, a funcionária pergunta-me se gosto mais daquele café. Disse-lhe que sim.

Na sala de fumo dos professores, a conversa entre os del. de E.Visual/3°C e de E.Física/3°C sobre alimentação e exercícios físicos continua.

Entretanto tinham entrado na sala mais duas professoras e um colega.

Este conta que lhe tinham assaltado a casa. A conversa desenvolve-se em torno da questão de assaltos, a insegurança e a sensação que se tem quando se depara com a casa assaltada.

[15.32]

A certa altura a... diz para o del. de E.Visual/3°C: "Oh... a tua presidente já foi para o CP." Os membros do pedagógico que se encontravam na sala levantam-se e dirigimo-nos todos para o piso de cima, para a sala onde ia realizar-se a reunião.

Na sala encontram-se já um grande número de membros do conselho. As mesas não se encontram completamente arrumadas. Eu e o del. de E.V.Tecnológica/2°C arrumamos as mesas da fila aposta à cabeceira da reunião.

Há alguma confusão inicial, enquanto as pessoas se vão sentando. Conversas cruzadas entre os presentes.

### 1ª PARTE DA REUNIÃO

[15.35] - A PCP procede à distribuição de documentos. Anda de pé a entregar folhas aos presentes. Alguns dos quais já se encontram sentado.

Depois disso a PCP exclama que se vai começar. Pergunta quem é que é a fazer a acta... As conversas continuam. A própria PCP conversa com as colegas de lado.

Durante cerca de 4/5 minutos continua-se a conversar.

[15.40]

A PCP dá indicação à del. de Geo/3°C para começar a leitura da acta da reunião anterior. À medida que a leitura decorre as pessoas vão rapidamente silenciando as conversas e prestando atenção à leitura.

[15.42]

Ainda durante a leitura da acta, é posta à distribuição a folha com a indicação da ordem de trabalho e passada a folha de registo de presença dos membros do conselho.

Por três vezes a PCP interveio durante a leitura da acta. Uma vez para corrigir o nome da VPCD. A segunda vez para comentar que a posição da profª... transmitida na reunião a que respeita a acta. Nesse comentário, disse que ela está cheia de razão se o que estivesse a ser feito fosse o PEE e não o PAA. A última foi para corrigir o nome de uma profª. que na acta se nomeava por...; a PCP esclareceu que na escola apenas havia uma... e que infelizmente não está na escola desde o início do ano. A del. de Mat/2°C esclarece que se trata de uma profª. do 1º ciclo que ia participara nas actividades propostas pela Matemática.

[15.45]

Entra na sala a del. de Port/2°C

A PCP interrompe a leitura da acta. Nesse momento da leitura a del. de Geo/3°C enumerava todas as actividades propostas pelos grupos.

A PCP propõe que, como tudo aquilo estava escrito na acta, se ela saltava por cima desse enunciado.

A del. de Geo/3°C esclarece que logo a seguir a ela a acta termina. Assim esta del. de Geo/3°C lê a finalização da acta acabando a sua leitura.

Feita a leitura a PCP pergunta se concordam todos. Como ninguém diz nada a PCP exclama "ótimo" e segue para o ponto seguinte da Ordem de Trabalhos.

[15.46]

Entra na sala a del. de EMRC

"Vamos às informações que é o ponto a seguir" diz a PCP.

A del. de C.Físico-Químicas/3°C pergunta quem é que faz a acta.

Responde a PCP que é o que se segue. Não há consenso sobre quem é que se segue na feitura da acta. Ela volta a dizer que é o senhor que se segue na lista. Depois de algumas trocas de informações e opiniões sobre a sequência na elaboração das actas, consegue-se determinar que o próximo será o del. de E.Física/3°C por a del. de C.Natureza/3°C não se encontrar presente.

[15.50]

A PCP, como primeira informação, e depois de ter explicado o processo seguido - indicação pelos grupos das necessidades de material e das respectivas prioridades de aquisição - enunciou as compras de material realizadas para cada grupo. Para Matemática foram adquiridos materiais no valor de 260 contos, para as Ciências naturais foi adquirido um esqueleto no valor de 81 contos, para a disciplina de E.Física, embora com verba do Desporto Escolar, adquiriram-se também no final de ano algum material, para E.Musical também foram dados cerca de cento e tal contos, para a EMRC foram também adquiridos alguns materiais.

PCP esclareceu que tinha pedido aos del. que definissem prioridade e que por outro lado ela própria tinha definida as suas prioridades, porque... "... acho que também... pronto, olha... valha-me isso, tenho esse poder... discricionário...". De seguida tomando como referência o facto dos especialistas de educação considerarem, como aliás ela própria, de grande importância o ensino da matemática (referiu-se a diversos estudos internacionais e nacionais sobre o assunto) e porque ao longo dos últimos anos a escola não ter adquirido quase materiais nenhuns para essa disciplina ela entendeu que deveria satisfazer na totalidade o pedido apresentado pela disciplina de matemática. Pelo meio da explicação dessa decisão a PCP esclareceu que tinha entregue aos del. de matemática e das C.Natureza cópias de dois artigos publicados na Revista Noesis e u terceiro deu a todos os membros do conselho.

Durante esta intervenção pediu ao del. de Mat/3°C que se houvesse alguma que estivesse a dizer mal, ele que a corrigisse ou a complementasse.

[15.52]

Entra na sala a del. de Hist/3°C.

A PCP acrescentou que ainda não tinha dado nada a ninguém, porque estava em processo de elaboração o inventário de bens de acordo com orientações do DGPE e que portanto apenas mais tarde esses materiais seriam entregues aos grupos.

Ainda sobre o assunto da aquisição de material a PCP disse que com as disciplinas de Português, Francês, Inglês e História não se tinha preocupado por uma razão muito simples: porque como a escola ia dispor de 1.000 contos para o reapetrechamento da biblioteca isso poderia constituir uma oportunidade de satisfazer as necessidades dessas disciplinas. Em resumo disse, entrou em material na escola, aproximadamente 600 contos.

Relativamente a outras disciplinas a PCP disse que ainda esteve a ver a questão da geografia e de outras mas que, como se ia mandar os pedidos para o Ministério, ver-se-ia o que é que dali vem, resolveu não as considerar. Se nada viesse, pedia no entanto aos colegas que não se coibissem de sempre apresentarem os pedidos de material que entendessem necessário, porque se não lhe entregassem essa informação ela não adivinhava. Ela poderia não comprar, mas isso era outra coisa. Esclarece que se ela não tiver listas em *stand by* não poderá dar indicações para os serviços administrativos irem reservando verbas para a sua aquisição.

Lembrou-se de repente que se tinha esquecido de referir a disciplina de E.V.Tecnológica, mas logo acrescentou que a situação dessa disciplina era diferente, porque o delgado de E.V.Tecnológica regularmente tinha de entregar as suas necessidades em material e que elas tinham ser satisfeitas também regularmente.

[15.53]

O del. de E.V.Tecnológica/2°C comentou que já tinha ali outra para lhe entregar.

A PCP continua dizendo que se tiver sempre a indicação dos del. "quando houver um dinheirito, vê lá se podes comprar isso" é completamente diferente ela ter uma lista de não ter lista nenhuma. Explica que ela "governa aquela casa" como governa a sua casa, isto é à medida que vai tendo vai comprando e quando tem de ser vai-se poupando num lado para investir no outro.

Sobre a aquisição de material a PCP com a ajuda da del. de Ing/2°C vai indicando outro material entretanto adquirido: três vídeos, dois televisores...

A del. de Ing/2°C acrescenta: 4 auscultadores... 6 videocassetes... um computador...

A PCP retoma a palavra, pergunta pela del. de C.Natureza/2°C e depois diz-lhe que chegou da Porto Editora, para C.Natureza, duas disquetes, mas para funcionarem é preciso um computador com especificações que os que estão na escola não têm.

[15.57]

Os presentes começam a conversar de forma desordenada.

A PCP informa que chegaram algumas publicações oferecidas e que depois serão enviadas para a biblioteca. Diz que aquelas eram informações sobre aquisições, mas que tem outras informações.

A PCP informa de seguida que chegou um fax onde se indicam 4 professoras como tendo sido seleccionadas para "Pensar a Indisciplina" e que têm uma reunião no dia 23/01/97 na Escola do [nome de escola - 20].

Chegou também um fax para as del. de Inglês do 2º e 3º ciclos. A PCP levanta-se do seu lugar e vai entregar cópia do fax a del. de Ing/2ºC

A PCP de seguida diz que tem outras pequenas informações. Começa a dar uma informação sobre um projecto de parceria quando é interrompida pela porta da sala que se abre.

[16.00]

A funcionária [nome de aae - 6] vem avisar a CDT/3ºC que está uma e. educação lá fora que deseja falar com ela" A funcionária quer saber se a manda esperar ou não.

A CDT/3ºC sai da sala e vai atender a e. educação.

[16.02]

A PCP retoma a sua exposição sobre o projecto INDE (Intercooperação e Desenvolvimento - Saiba quem faz o quê no... [povoação]. Diz que foi oficializada uma parceria com essa organização não governamental. Trata-se de um projecto em que as pessoas são do... [povoação] e como a escola tem muitos alunos dessa zona, e porque eles queriam uma resposta urgente da parte da escola, o CD resolveu oficializar a participação da escola no projecto. A PCP indica as actividades que essa organização pretende realizar. Dado que à escola não era exigido quase nada e que eram só para receber coisas, ela resolveu oficializar essa parceria.

[16.04]

A PCP continua com as informações. Diz que chegou nesse mesmo dia uma propaganda sobre um Projecto de Educação Ambiental, um ofício e fichas de inscrição. Diz que pensa que os interessados serão os de C. Natureza e talvez os de Geografia. "Quem quer?" pergunta a PCP ao mesmo tempo que levanta os papéis com a mão no ar. Ninguém diz nada e ela acaba por entregar a del. de Geo/3ºC.

Depois diz que tem mais uma "informaçõzinha", mas antes explica porque é que traz estas coisas para o CP. Diz que se puser lá embaixo as informações, com a pressa para ir para a sala de aula, etc., etc., quando vai recolher a informação só uma percentagem muito pequenina é que assinou, portanto como acha que são coisas importantes ela traz para entregar directamente às pessoas. E assim são obrigados a ouvir, acrescenta "não vai a bem, vai a mal..."

Continua então com a apresentação de propostas de actividades vindas de fora da escola. A seguinte trata-se de uma actividade designada "Descobrir o Jardim Palácio da Fronteira". Passa a ler o ofício que foi recebido sobre essa actividade.

Enquanto a PCP lê o ofício a VPCD levanta-se e vai falar particularmente com a del. de Hist/3ºC.

A PCP acaba a leitura e vai entregar os papéis à del. de Hist/3ºC. Esta pergunta se pode já inscrever duas turmas do 8º ano.

[16.05]

A PCP continua apresentando agora um ofício recebido do Parque Ecológico, e indicando os contactos para quem quiser visitar o dito parque. "Está aqui, quem estiver interessado eu dou já a fotocópia." diz a PCP.

A PCP diz que tem outra coisa para as del. de Hist/2ºC e de Hist/3ºC. Começa a ler o ofício recebido da Sociedade Histórica da Independência de Portugal que dá conhecimento do funcionamento de uma exposição sobre a Independência de Portugal.

A PCP teve de chamar a atenção dos presentes para que todos tinham de ouvir. Alguma desatenção e conversas laterais tinham levado a essa chamada de atenção da PCP que bateu duas ou três vezes na mesa com a esferográfica para se fazer ouvir.

Seguidamente entrega os documentos àquelas del..

[16.06]

Nova comunicação desta feita sobre cursos de Educação e Cuidados Primários de Saúde da Universidade de Manchester. Remata a leitura do ofício dizendo "meus amores, quem quiser ir a... Cuidados Primários de Saúde até Manchester, tem aqui, faça favor a fotocópia..."

Esta informação foi seguida de um momento de alguma descontração e humor, com as pessoas comentando e conversando livremente.

A PCP continuou as informações. A seguinte era uma comunicação do Ministério - circular nº 1/97 - nela se informava que em face do atraso no envio do 2º bloco de documentos sobre a Reflexão Participada sobre os Currículos, se encontrava à disposição na Internet um endereço para as pessoas os consultarem...

Alguns risos acompanham esta informação. a PCP conclui dizendo "Portanto quem quer ir à Internet... Eu não vou!"

[16.09]

A PCP anuncia a última informação. É informação e é "aquele badalado, tão anunciado... tão apregoado dia D". A PCP lê na íntegra um ofício recebido da DRELx na qual é informado que estará à disposição naquele departamento uma linha aberta que poderá ser consultada para ajuda e apoio técnico à organização do Dia "D" nas escolas.

A PCP esclarece que não obstante não estar na ordem de trabalho e de ser apresentada como uma informação, o assunto da organização do dia "D" na escola está para ser discutido.

[16.10]

Entra na sala a CDT/3°C

A PCP acrescenta que pouco mais sabe do que aquilo que acabou de ler e o que tem saídos nos meios de comunicação. Portanto "Quem quer dizer alguma coisa?"

O del. de E.Visual/3°C faz graça com assunto dizendo que à falta de mais informação, tinham estado na sala de professores a pensar se não seria de "arranjar assim umas tacinhas com comprimidos para experimentarem para..." fiquem a saber mais.

Esta intervenção gerou uma explosão de risos da parte dos presentes.

A del. de Hist/3°C interpelou a PCP e os restantes presentes sobre o que é se podia fazer, porque ela sentia-se uma das pessoas que tinha também necessidade de informação, porque do assunto não percebia nada... Diz que aquilo lhe faz uma grande confusão porque seria suposto os professores a escola sensibilizarem os alunos para os malefícios da droga, mas ela não se sentia em condições que dizer o que quer que fosse porque era uma das pessoas que precisava também de ser sensibilizada. Acha que devia de haver um documento, qualquer coisa para ser, uma base de trabalho para um dia como um dia "D" dedicado à droga. Senão como é vimos para aqui e ficamos a olhar uns para os outros?

O del. de E.Visual/3°C comenta que isso do dia "D" é uma ideia brilhante, "não há um programa, não há nada...?"

A VPCD opina que não é a oito dias de haver um acontecimento que se pede às escolas para programarem as actividades de um dia como esse.

A del. de Hist/3°C acha que as coisas não podem ser assim. Recebe-se um ofício do Ministério e as pessoas tem de programar.

A PCP reage dizendo que ela não pode pura e simplesmente "esquecer" o ofício do Ministério: "Apareceu ontem uma carta do Ministério e como não interessa ao menino Jesus, olha..."

A del. de Hist/3°C diz que não era isso que queria dizer, o que queria dizer é que as coisas não se fazem assim sem informação.

Muitas pessoas falam ao mesmo tempo. A generalidade dos comentários e conversas apontam para a dificuldade de organizar o que quer que seja tão em cima do acontecimento. Por outro há grandes interrogações sobre o que a escola pode fazer, em termos de actividades de sensibilização para os malefícios da droga já que os próprios professores não se sentem suficientemente informados.

A PCP a certa altura pede mais intervenções, mais ideias e opiniões sobre como resolver o assunto: "colegas, mais coisas?"

A del. de C.Físico-Químicas/3°C conta uma história. A pretexto do anunciado dia "D" já andavam indivíduos a fazer peditórios que eram para proveito próprio porque não há peditório nenhuma autorizado para o dia "D".

A VPCD diz que pensa que na biblioteca há dois filmes, vídeos, sobre droga que podem ser aproveitados para esse dia. Pode-se fazer uma sessão para os alunos com esses filmes.

A del. de C.Natureza/2°C faz referência a um vídeo que lhe foi emprestado pela Câmara Municipal de [nome de povoação - 6], sobre a auto-estima que pode ser interessante para os alunos verem... já que muitas vezes a questão da droga está relacionada com essa problemática.

[16.15]

A PCP diz o que pensa que seriam as ideias dos promotores da realização desse dia "D". Segundo ela estaria na ideia a paragem das aulas e a realização de umas acções em que as pessoas conversassem, professores e alunos, sobre o assunto. Mas pensava que de qualquer forma deveriam ter enviado alguma coisa programada, elaborada, ou até terem mandado alguns tópicos, porque não é assim de um dia para o outro que se anuncia uma coisa dessas.

A del. de EMRC tem idêntica opinião. Acha que devia ter sido uma coisa programada com antecipação.

A VPCD coloca a hipótese de se realizar uma acção também com os pais. Mas acrescenta "Aonde é que se contacta agora alguém para vir fazer uma acção com os pais?"

Responde a PCP: "Aonde é que se contacta, não... filha desculpa. está aqui escrito que podemos contactar por telefone e pedir apoio técnico e logístico, portanto".

A PCP dá ainda uma informação de um fax que dá conta de uma organização relacionada com o dia "D" de escolas da zona de [nome de povoação - 13], que estão também envolvidos os professores operadoras da linha aberta da DRELx já referida antes.

A PCP espera mais intervenções e propostas de actividades para aquele dia - 28 de Janeiro. Como ninguém dissesse nada, ela pergunta "Então? Nada feito. Dia normal de aulas não é?"

A del. de Hist/3°C comenta que "chato não fazermos nada". E diz "Imagina que o Ministro nesse dia se lembra de visitar a nossa escola?"

Os presentes riem-se com a pergunta da del. de Hist/3°C.

A PCP sugere à VPCD que se telefone para o tal [nome de fme - 2] que vem referido no fax que ela tinha lido para perguntar o que é que era possível fazer, o que aconselham fazer dado que na eles em CP não fazem ideia do que possa ser feito.

Alguém opina que é muito chato ir perguntar-lhes o que a escola pode fazer, o que é que eles vão pensar.

A PCP responde que sempre lhe ensinaram que há ignorância culpada e a ignorância inocente. E que portanto quando não se sabe pergunta-se. Diz então que a [nome da VPCD] vai telefonar ao tal [nome de fme - 2], saber isso.

A VPCD diz que então vai já lá abaixo ao CD telefonar. Levanta-se e sai da sala.

A PCP anuncia que se vai passara para o PAA. Depois diz que a desculpem mas que se esqueceu que não é só ela que dá informações. Há outras pessoas que tem informações para dar.

A del. de Ing/3°C diz que tem uma informação a dar. A informação é relativa a uma acção de formação que esteve a frequentar promovida pelo ME. A propósito dessa acção houve lá alguém que perguntou se se deve avaliar os valores e as atitudes e a resposta que o formador eu que se deve ensinar valores e atitudes mas que não se deve avaliar, pelo menos com o carácter de avaliação sumativa. Quando muito deve ser feita de uma forma formativa.

Esta mesma del. de Ing/3°C disse que tinha valido a pena a acção e que recomendava os colegas a participarem neste tipo de acções porque realmente eram muito boas.

A propósito da participação da del. de Ing/3°C, a PCP esclareceu que tinha feito "batota", no sentido que tinha indicado o nome dela para ir à acção sem a ter consultado, já que da zona de Lisboa apenas podiam ir seis pessoas.

A del. de Ing/3°C referiu outros aspectos da cação que ela considera importante para a avaliação e para o papel dos professores.

[16.25]

A CDT/3°C pediu para falar. O assunto estava fora da ordem de trabalhos mas achava que devia falar nele. A senhora com quem estiver a falar conto que havia alguém que tinha prometido a uma senhora, avó de um aluno, que por 50 contos fazia com que o miúdo passasse no 9º ano. e portanto era para deixar um alerta porque podia haver outras avós ou outras mães que fossem no conto do vigário.

Mudando de assunto a CDT/3°C informou que em relação do dia da escola - e de Fevereiro - não havia muitos trabalhos de alunos e que portanto se calhar não se justificava a interrupção das aulas durante todo o dia para as comemorações, com o que se está a pensar fazer, quando muito a interrupção de algumas horas da parte da manhã. Tentar-se-á fazer uma exposição.

A PCP pergunta sobre a situação das corridas programadas para esse dia. A pergunta é dirigida ao del. de E.Física/3°C.

O del. de E.Física/3°C responde que a corrida está a ser preparada. Está tudo em marcha.

A CDT/3°C diz ainda eu esteve a falar com a [nome de profª - 29] e que não sabem nesse momento se o pai-nel ficará pronto para o dia 2 de Fevereiro.

[16.29]

A PCP perguntou se havia mais informações.

Esta mesma CDT/3°C se lembrou-se que ainda havia outro assunto, mas sobre ele solicitou a intervenção da del. de Hist/2°C

A del. de Hist/2°C levantou, então a questão da proximidade das reuniões intercalares às reuniões de avaliação do Natal e que se calhar nessa altura não haverá muita coisa ainda a dizer sobre o rendimento dos alunos. Talvez se as reuniões fossem mais centradas no período isso não fosse má ideia.

A PCP diz que o que se tem de fazer em primeiro é "sacar" de um calendário e depois ver quando é que acabam os períodos.

Os presentes começam a falar sobre o assunto cada um para seu lado sem se entenderem. Essa conversa desordenada é cortada pela PCP que levanta a questão sobre se as reuniões intercalares se destinam exclusivamente a tratar das informações sobre avaliações. Dá como exemplo o facto de haver questões de comportamento e disciplina que têm de ser tratados com alguma urgência. Apresentou como exemplos cinco alunos de diversas turmas que tem levantado uma série de problemas. Ora, segunda ela há outras turmas que têm vários outros problemas, por isso ela coloca a questão: "Será que não existem outros problemas a serem tratados senão as questões de avaliação?".

A del. de Hist/2°C diz que o problema não é esse. O problema é que elas (subentende-se algumas professoras que conversaram entre si) que não haja informações novas a dar aos encarregados de educação.

A PCP diz que se se vai adiantar mais duas semanas na realização das reuniões intercalares elas ficarão apenas a três semanas da avaliação do 2º período. Na sua opinião isso não fará qualquer sentido. Depois pergunta "será que elas são precisas para todas as turmas?".

A CDT/3°C opina que se calhar a nível de comportamento não será necessário reunir todas as turmas.

A del. de Hist/3°C é de opinião da PCP que as reuniões devem preocupar-se mais com as questões de comportamento e funcionamento das turmas do que propriamente com as da avaliação.

[16.37]

A PCP diz que quer ouvir mais opiniões sobre esta questão das reuniões intercalares.

A VPCD recoloca a questão em termos de se saber se são realmente necessárias as reuniões para todas as turmas. Ela é da opinião que se calhar não necessidade para algumas turmas.

A del. de Hist/3°C pergunta se haverá turmas tão boas, tão boas, que não tenham alunos com problemas.

A del. de Hist/2°C volta a chamar a atenção para o facto de que não se irá acrescentar grande coisa em termos de aproveitamento com as reuniões a realizarem-se nas datas que estão marcadas.

A del. de C.Físico-Químicas/3°C refere que a generalidade dos testes marcados, nos livros de ponto, realizam-se depois do Carnaval. De que é que se vai falar nas reuniões? Só em questões de comportamento?

A PCP pergunta então: "então quando é que fazemos as reuniões intercalares? Porque se não se fizerem nesses dias, como naturalmente não se irão fazer na semana de Carnaval, lá está que depois faltam 3 semanas para acabar o período.

A del. de E.Física/2°C pergunta: "Olha não têm que se fazer?"

A PCP responde que não. Acrescenta que ninguém obriga a escola a fazer reuniões intercalares.

A del. de E.Física/2°C diz que se se têm de fazer é melhor fazê-las depois.

A PCP volta a dizer que ninguém obriga a fazer o que quer que seja.

A del. de C.Físico-Químicas/3°C sugere que se façam apenas reuniões intercalares nas turmas em existem problemas especiais a serem analisados.

A PCP relata que no dia anterior lhe tinha aparecido uma colega que vinha "desvairada" porque os alunos fazem-lhe trinta por uma linha, não consegue dar aulas à turma (6°C), porque os alunos fazem uma gritaria, não lhe obedecem. Não é nova, tem quarenta e tal "bem medidos".

[16.40]

A CDT/3°C comenta "Há é uma colega que na sala de professores entra muda e sai calada".

A PCP acrescentou a propósito dessa colega que ela inclusive ainda não se tinha apercebido que dois dos seus alunos eram irmãos, quando ela a primeira vez que os viu percebeu logo isso. De forma que a PCP se espanta com a colega que nem se apercebe disso.

[Esta narrativa da PCP pareceu-me algo deslocada do assunto que estava a ser tratado - aliás a questão das reuniões intercalares aparentemente tinha ficado já esquecido]

[16.41]

A PCP deixa cair o assunto da história da colega e pede a intervenção da VPCD para que exponha um assunto sobre os alunos.

A VPCD identifica um conjunto de alunos que aparecem na escola mas que nunca vão às aulas. Acrescenta que aquele grupo de alunos são aquelas que ela sabe, e sobre os quais acha que dever ser feita alguma coisa. São alunos que estão todos na escolaridade obrigatória. A funcionária que está no portão tem problemas, porque eles entendem que podem entrar e sair como se isto fosse um jardim público.

A del. de Port/2°C chama a atenção para o facto desses alunos estarem todos na escolaridade obrigatória, e portanto não poderem ser mandados embora. De qualquer modo se se mandam embora eles o que é que vão fazer lá para fora.

A PCP diz que se vai mandar dois telegramas um para cada um "assunto muito grave queira comparecer na escola".

A VPCD refere-se depois a mais dois alunos, o [nome de aluno - 23] e o [nome de aluno - 24] que também estão no grupo e que não vão às aulas e só levantam problemas.

A del. de E.Física/2°C opina que é melhor nem irem porque estragam completamente a turma que já de si não é muito famosa.

A del. de Port/2°C acha que seria importante o CP tratar esse assunto com muito cuidado, para se conseguir algumas estratégias comuns aos vários professores, de forma a resolver o problema desses alunos. Porque, diz, a questão da pontualidade, deixar ou não deixar entrar quando eles chegam atrasados.

A VPCD a propósito do aluno chamado [nome - 23] diz que nem sabe como contactar os pais, tirando as cartas que nunca chegam ao destino, não tem telefone, nada. Diz que em relação aos outros ainda tem telefones. Por exemplo para o [nome de aluno - 21], ela telefonou e veio logo a mãe.

A CDT/3°C diz que há uma informação da DT segundo a qual o aluno diz que não quer continuar a estudar porque o mudaram de turma.

A VPCD indica mais um aluno, o [nome de aluno - 9]. Ela já tinha contactado com a mãe e que esta estava decidida a reenviá-lo para a Guiné se ele faltasse mais. Que o vai mandar embora caso ele continuasse assim.

A resumir toda esta situação destes alunos a VPCD levanta a questão de se saber o que é que se vai fazer a estes alunos que não vão às aulas, que estão cá dentro e que chateiam...

Fazendo graça o del. de E.Visual/3°C pergunta se não se podem mandar todas para a Guiné.

A del. de Hist/3°C deplora essa situação da mãe querer mandar o miúdo para a Guiné. A PCP vira-se para ela e de forma impaciente diz que "Oh filha tem paciência, por amor de Deus... talvez não saibas mas esse miúdo tem N irmãos e ele é o único que está cá em Portugal, porque a mãe achou que ele podia beneficiar de um tipo de instrução diferente daquele que teria lá. Estás a ver?"

[16.50]

A VPCD esclarece que em relação a três dos alunos referidos, [nome de aluno - 21], ao [nome de aluno - 22] e ao [nome de aluno - 23], ainda se pode utilizar uma estratégia porque eles são alunos subsidiados. Eles almoçam diariamente na escola. Se não forem às aulas tiramo-lhes os almoços, porque isto não é propriamente um refeitório, nem uma instituição de caridade onde se vem almoçar. A estes três pode-se avançar imediatamente esta solução. Em relação aos outros, tem-se de pensar alguma medida, porque eles neste momento eles vêm à escola só para chatear... "O que é que a gente pode fazer?"

[Esta pergunta tem como resposta uns segundos de silêncio - ninguém avança com soluções para a situação]

A VPCD refere que as queixas dos encarregados de educação, ela já ouviu várias. por acaso não é sobre nenhum destes, sobre ameaças e roubos. Diz que sabe que houve queixas que os miúdos continuam a ser pressionados para dar dinheiro... e é deste grupo.

A del. de Hist/2°C acha que o [nome de aluno - 23] é um miúdo rebelde. A CDT/3°C, no entanto, pensa que o [nome de aluno - 24] é que arrasta [nome de aluno - 23], aproveitando da rebeldia deste, leva-o a fazer o que ele por si só não faria.

A VPCD refere-se a queixas que vêm das funcionárias da portaria. Dizem elas que não conseguem impedir que eles saiam da escola. O que é que se faz? pergunta a VPCD

A CDT/3°C opina que se eles não vão às aulas, quando forem apanhados cá fora é levá-los para uma sala qualquer...

Alguns dos presentes sorriem e riem-se mesmo com esta sugestão.

A PCP exclama de imediato: "Olha, oh filha, o CD não fez mal a ninguém, e temos lá tanto que fazer e trabalhar, não venhas cá arranjar mais coisas... para o CD".

A CDT/3°C tenta amenizar a sua sugestão, mas a PCP não se fica e continua: "Não, não, desculpa é que uma vez, passou por uma série de colegas a brilhante ideia de quando havia um aluno quando era castigado ia todos os intervalos para o CD..."

Muitos risos e gargalhadas.

A PCP continua dizendo que isso assim não pode ser.

A del. de C.Físico-Químicas/3°C explica que talvez isso fosse assim porque eles tivessem medo do CD.

Diz a PCP: "Pois, está bem...". "Olha, olha... têm medo!" exclama a VPCD. Eles já não tem medo, nem do CD conclui. E volta a perguntar o que é se vai fazer.

[16.53]

A PCP acha que se devem enviar telegramas a convocar os encarregados de educação com a indicação "assunto muito grave".

A VPCD avança com a sugestão já referida antes de cortar a refeição aos três alunos subsidiados no caso de não irem às aulas. Vamos tentar fazer isso? Cortarmos a refeição e o telegrama? As duas coisas ao mesmo tempo.

A del. de Mat/2°C opina que se devem chamar os pais e devem ser responsabilizados. A VPCD que o objectivo é exactamente esse, obrigar os pais a virem à escola

Aparentemente começava-se a chegar a um consenso sobre a utilização dessas duas acções para procurar resolver o problema.

[16.55]

A VPCD passa a informar sobre a questão do dia "D". Falou com o senhor [nome de fine - 2] que tentou explicar a iluminada ideia da Secretária de Estado. Pede-se mesmo que nas escolas seja um dia diferente, em que não haja as actividades lectivas normais. Pode ser várias coisas, uma pode ser pegar nos pins e autocolantes que o Ministério enviou para as escolas e os alunos acompanhados de professores irem entregar fora da escola à população em geral...

A PCP diz logo que ela vai.

A VPCD continua a indicar outras actividades possíveis que foram sugeridas pelo senhor [nome de fine - 2]: Programar o dia de forma a que possa haver reuniões dos Directores de turma com as respectivas turmas de forma a que os alunos possam não só apresentar as suas sugestões sobre o funcionamento da escola mas também abordar o tema da toxicod dependência; outra coisa pode utilizar os diversos pontos enunciados no prospecto enviado pelo Ministério para os alunos escreverem, em cartolina ou outro meio qualquer, as suas ideias sobre o assunto e expor-se esses trabalhos na escola; outra coisa que eles também alvitram é pegar num grupo de alunos e levá-los ao centro de saúde fazer entrevistas às pessoas e ao pessoal de saúde; outro ainda um concurso de slogans sobre o assunto e serem afixados na escola, ou um júri apreciar esses slogans e haver pequenos prémios para os vencedores do concurso... Estas são algumas das sugestões dadas por eles.

[17.05]

A CDT/3°C refere que os alunos do 9º ano não podem fazer nada disso, porque vão assistir a uma peça de teatro nesse dia...

A del. de Mat/2°C diz que ainda melhor, são alguns alunos para os quais não é preciso estarmos a pensar como ocupá-los.

A PCP procura apressar uma conclusão sobre o assunto: "Vá, então vá lá, oh colegas, já são cinco horas e ainda temos um monte de coisas, aqui para trabalhar, e portanto as torradinhas já devem estar feitas, e o tempo está a passar. Vamos lá ver se a gente decide qualquer coisa".

O del. de E.Visual/3°C sugere que o melhor era fazer-se um intervalo e enquanto isso as pessoas iam reflectir e conversar sobre o assunto.

Começam todos a levantar-se.

A del. de E.Física/2°C entretanto faz sinal à PCP que quer dar uma informação.

A PCP manda sentar toda a gente e dá a palavra àquela del. de E.Física/2°C. Esta informa que já se encontra estabelecido o calendário de jogos do quadro competitivo. Para melhor informação dos professores o grupo de E.Física vai afixar no placard da sala de professores um calendário dos jogos.

A PCP dá de seguida a palavra à del. de Port/3°C que diz ter duas propostas de visitas de estudo para submeter à aprovação do pedagógico. A PCP interrompe para lhe dizer que isso poderia ser tratado no ponto relativo ao PAA. A reunião é interrompida para intervalo. As pessoas saem da sala. [17.05]



## DURANTE O INTERVALO

[17.06] - Os membros do conselho vão descendo para o 1º piso. Concentram-se na sala de professores.

A del. de Hist/3°C e o del. de E.Visual/3°C conversam sobre visitas de estudo. No dia seguinte vão realizar-se duas visitas de estudo. Uma de manhã e outra de tarde. A del. de Hist/3°C diz que vai com a profª... O del. de E.Visual/3°C pergunta-lhe se é com elas que ele vai, porque a PCP no dia anterior lhe tinha dito "... És tu que tens de ir a uma...". Ele pergunta-lhe também com que turmas é que vão. Ela diz-lhe que é com os 9º anos. A visita de estudo é aos Combatentes é a um museu que a del. de Hist/3°C diz ser muito engraçado, pequenino. O del. de E.Visual/3°C mostra-se interessado também na visita ao Palácio da Fronteira que tinha sido referido na reunião. A del. de Hist/3°C disse-lhe que ia saber, ia perguntar lá. Sobre o que iam fazer no dia seguinte, a del. de Hist/3°C disse que não gosta de ir para as visitas sem que os miúdos levem alguma coisa para fazer. Acha que os alunos devem ter alguma coisa para estarem ocupados.

A VPCD junta-se a eles e conversam sobre o dia "D".

A del. de Hist/3°C reafirma a sua ignorância sobre o problema da droga e questiona-se se uma conversa com os alunos resolve alguma coisa. Opina que a prevenção começa em casa e que os pais têm de falar muito com os miúdos e os miúdos têm que falar com os pais, e tem de haver um acompanhamento diário.

Discute-se a organização de algumas actividades desportivas para o dia 28 de Janeiro.

A VPCD diz que o 9º ano sai para ir para o teatro, um grupo sai para ir para jogar...

A del. de EMRC diz que vai com os alunos dela para a rua distribuir autocolantes.

A PCP diz também que os seus alunos vão ficar todos contentes para ir para a rua distribuir pins e autocolantes.

A VPCD diz que vai fazer um calendário de reuniões das turmas com os directores de turma.

A PCP visivelmente entusiasmada com o facto de começar haver uma vontade das pessoas se empenharem nas actividades do dia "D" começou a chamar as pessoas para irem reiniciar a reunião: "Vá lá vamos embora!"

As pessoas começam a sair da sala de professores e dirigem-se para o piso de cima.

## 2ª PARTE DA REUNIÃO

[17.25] - Reinício da reunião Os membros do conselho vão ocupando os seus lugares. A CDT/3°C não entrou na sala.

A PCP reinicia a reunião propondo um esquema de realização das actividades para o dia "D": na parte da tarde vai haver um jogo com prémio, a esse jogo vão assistir as turmas que têm aulas nesse dia, antes do jogo seria bom que houvesse um encontro com os directores de turma com as duas turmas e que estes conversassem com os alunos sobre o significado do dia; da parte da manhã vão então turmas fazer a distribuição dos autocolantes e dos pins. "Quem é que de manhã quer ir com os alunos para a rua?" pergunta a PCP.

A del. de C.Natureza/2°C diz que vai para a rua com os alunos.

A PCP pergunta ao del. de E.Física/3°C quem é que vai para o Desporto. O del. de E.Física/3°C responde que há um grupo que vai jogar a [nome de povoação - 10]. Um grupo de miúdos de...

"Então que é para ir para a rua?" pergunta de novo a PCP.

A del. de C.Físico-Químicas/3°C diz que se não tiver que ir ao teatro então vai para a rua com os miúdos fazer a distribuição.

A del. de EMRC oferece-se também para ir com os miúdos para a rua.

A PCP diz que se podem guardar alguns dos pins e autocolantes para a tarde para distribuir pelas claques do jogo tarde. Ela vai para a rua com os miúdos.

A PCP diz que se vão realizar também as reuniões com os directores de turma. Vai-se então programar e fazer um dia diferente. Vamos não ter aulas, mas vamos ter outras actividades.

[17.30]

A PCP diz que ela, a del. de C.Físico-Químicas/3°C, a del. de EMRC e mesmo a VPCD vão reunir-se e ver os pormenores da programação que depois será afixada e entregue a todos os colegas. Esclareceu que tinha referido estas colegas porque elas estavam a participar num projecto de prevenção da toxicod dependência. Disse à VPCD se ela queria explicar do que se tratava.

A VPCD explicou que se tratava de um projecto integrado no projecto VIDA, orientado pelo tal [nome de fme - 2] e que abrange a zona de [nome de povoação - 1], [nome de povoação - 12], [nome de povoação - 3] e Apelação. É um projecto para 2 anos e visa a prevenção da droga nas escolas.

A PCP anuncia então que vai ser feita uma programação e os colegas sensibilizem os outros colegas para isto, e não refilem muito, porque isto é uma coisa feita em cima da hora. e que ninguém programe pontos para esse dia.

[17.31]

A PCP passa ao ponto seguinte da ordem de trabalhos - PAA. começa por dizer que já todas as pessoas têm a proposta de PAA. Apenas não deu à CDT/2°C porque ela está a faltar por doença. Seguidamente explica as dificuldades que ela e a VPCD tiveram na elaboração da proposta.

A del. de Hist/3°C diz que ainda não tem a proposta. Rapidamente a PCP lhe faz chegar um exemplar.

A VPCD pergunta à PCP quanto tempo vão demorar ainda a reunião "Uma hora ou hora e meia?"

A PCP responde que "... o tempo que for necessário".

[17.33]

Entram na sala as del. de Fran/3°C, de Port/3°C e de Ing/2°C.

Depois de ter dado algumas explicações sobre a forma com foi feita a reunião e síntese de todas as propostas dos grupos, a PCP pediu que todos lessem com atenção para depois dizerem se estava bem, se faltava alguma coisa e se havia alterações a fazer. Foi entretanto acrescentando que a definição dos objectivos tinha sido feita a partir dos apresentados pelos grupos.

Diz que quer ouvir os colegas um a um sobre a proposta. Convida a del. de Mat/2°C a pronunciar-se.

A del. de Mat/2°C vai começar a falar. A PCP esclarece que quer que ela se debruce apenas sobre a sua disciplina.

A del. de Mat/2°C, em relação a algumas actividades, a redacção das propostas da disciplina de matemática, não dá a ideia correcta do que se trata. Porque aquelas actividades estão integradas em projectos mais vastos do que se dá a entender na proposta de plano agora apresentada. A PCP pede-lhe para ela indicar então como é que ela quer que seja a redacção.

Depois de uma troca de opiniões entre elas conseguem chegar a um acordo sobre a redacção.

Entretanto a PCP pede à del. de Mat/2°C que vá vendo se há mais alterações, enquanto ela passa à frente. Pede seguidamente à del. de EMRC que dê a sua opinião.

A del. de EMRC indica que a calendarização não está correcta. a visita à Tapada de Mafra é no 3º período. A exposição é também só no 3º período.

A PCP pergunta qual é a instituição que vai ser visitada onde se diz "visita a uma instituição na comunidade de [nome de povoação - 1]"?

A del. de EMRC responde que queria ver se ia visitar com os alunos um lar da terceira idade. A seguir acrescenta que terá de haver uma alteração na ida ao Buçaco/Serra da estrela e pergunta se pode ser para 16/17 de Abril.

A PCP dirige-se aos restantes membros do conselho dizendo que a del. de EMRC os queria ouvir sobre essa alteração. [Como ninguém se pronunciou contra nem a favor, a alteração foi considerada implicitamente aceitar pelo conselho]

Seguidamente a PCP convidou a del. de Hist/3°C a pronunciar-se. Esta del. de Hist/3°C disse não ter nada a dizer, estava tudo bem. A PCP dirige-se para a del. de Hist/2°C. A del. de Hist/2°C pede que seja feita um correcção num texto "ao longo período" passa a ser "ao longo de todo o ano lectivo".

[17.43]

A PCP pede agora à del. de Port/2°C. A del. de Port/2°C propõe a alteração de alguns pontos relativos às actividades dos seu grupo, quer em termos de designação de actividades, quer em termos de datas e ainda nos nomes dos professores que promovem e realizam as actividades. A PCP dirige-se depois à del. de E.Física/2°C. Seguidamente a del. de E.Física/2°C propõe também algumas alterações. Onde está "ao longo do período" passa para "ao longo do ano lectivo", e na última página desaparecem "torneios abertos". O del. de E.Física/3°C indica igualmente algumas alterações em termos de calendário de actividades do grupo de E.Física.

[17.50]

A del. de E.Musical/2°C refere as seguintes alterações: na página três, sobre as actividades de Carnaval ficam só as projecções de videos, as outras actividades passam para Março de 97; a visita ao Museu da Música no 2º período e acrescentar no final do período a apresentação dos trabalhos realizados pelos alunos ao longo do ano.

O del. de E.V.Tecnológica/2°C diz que está tudo bem, apenas queria acrescentar a realização de um painel de baixo/alto relevo para o 3º período pelas professoras... e... para afixar no pavilhão B. Pergunta se é preciso a indicação das turmas que o vão realizar.

A PCP diz que sim e ele indica então que são as turmas 6ºH e o 6ºF.

O del. de E.V.Tecnológica/2°C diz que ainda tem outra actividade para acrescentar. É a realização de um livro sobre as Descobertas e Viagens - uma encadernação que os alunos depois farão - 2º/3º período e turma 6ºI.

[17.55]

A PCP pergunta ao del. de E.Visual/3°C se tem alguma coisa. Este del. de E.Visual/3°C diz que sim e indica a actividade "Cartazes Velas ao Vento" do 9º ano para começar no 2º período e só acaba no terceiro.

[17.54]

O del. de Mat/3°C informa que relativamente à Matemática está tudo bem.

A PCP pergunta então à del. de Ing/2°C. Esta del. de Ing/2°C indica uma alteração em relação aos intervenientes numa actividade de dramatização. Não há outras alterações.

A del. de Ing/3°C pretende uma alteração relativamente a essa mesma actividade, porque não conseguiu arranjar o texto que tinha em vista. Por outro lado queria incluir uma visita de estudo ao Museu da Rádio.

A del. de Port/3°C propõe a alteração do calendário para a actividade "Percurso Camoniano" que passa para o 2º período. Acrescenta duas visitas de estudo, uma ao Museu de História Natural - 7ºD) e a outra para 4 de Fevereiro (6ºE e 6ºH) ao teatro Maria Matos para verem "A Bela Muito Adormecida".

A PCP "mas então não está cá essa?" Diz que escreveu isso no plano.

A del. de Port/3°C esclarece que está mas com outras turmas.

[17.57]

A del. de Fran/3°C indica algumas alterações relativamente à calendarização da exposição que passa para o 2º período.

A PCP pergunta à del. de Geo/3°C se está tudo bem. Esta del. de Geo/3°C diz que "nada há a dizer". A PCP diz-lhe que tem lá uma visita de estudo que não sabe qual é. A del. de Geo/3°C diz-lhe ainda não sabe, mas que logo lhe diz. A PCP passa adiante para a del. de C.Físico-Químicas/3°C. Esta indica quais as turmas que vão participar numa visita de estudo e que ainda não tinham sido escolhidas.

A VPCD pergunta como vai a corrida de orientação. O del. de E.Física/3°C informa que está tudo a ser tratado para realizar-se no dia e de Fevereiro - dia da escola.

A del. de Mat/2°C que entretanto já tinha acabado de analisar a parte da Matemática diz que quer acrescentar uma actividade com o 6ºI relacionada com os triângulos e com as velas que como se sabe eram também triangulares.

A PCP pede-lhe para ela passa isso numa frase para ser incluída na redacção final do Plano.

A PCP, acaba a ronda, pergunta se alguém tem mais alguma coisa para dizer. Como ninguém tem mais nada a dizer, ela propõe que se inclua no Plano o Torneio de Xadrez promovido pela Câmara Municipal de [nome de povoação - 6], no 2º período.

[18.03]

A del. de Mat/2°C apresenta ainda algumas alterações à redacção das propostas da disciplina de Matemática. Depois dessas alterações anotadas a PCP pergunta se mais alguma coisa para acrescentar.

[18.05]

Ninguém diz nada, e portanto a PCP anuncia que se vai passar ao ponto seguinte da Ordem de trabalhos - Análise dos dados relativos à avaliação final do 1º período.

A PCP levanta-se do seu lugar e vai entregar algumas folhas com quadros estatísticos relativos às avaliações do 1º período. Depois de tudo entrega volta a sentar-se e procede a uma explicação breve dos quadros que elaborou. Faltam ainda alguns outros mapas que são novamente entregues pessoa a pessoa pela PCP que para o efeito anda de pé à volta da mesa.

[18.08]

Novamente a PCP faz uma explicação em relação aos novos quadros distribuídos, a forma como foram construídos os mapas e o significado de cada uma das colunas.

[18.12]

A del. de E.Física/2°C sai da sala.

A PCP continua a fazer a leitura dos quadros, mas sem os interpretar.

[18.15]

Acabada a explicação sobre a construção dos mapas, a PCP passa a referir alguns aspectos de interpretação dos resultados. Diz que relativamente ao ano anterior as percentagens de insucesso são mais baixas, verificando-se que em relação ao 9º ano são bastante baixas. Diz que há determinados factores e que muitas vezes não é só o sucesso dos alunos que explicam determinados resultados.

[No entanto não diz quais são esses factores]

Indica que as disciplinas de Português, a História, o Inglês e a Matemática são aquelas onde há uma percentagem de insucesso mais elevadas. Continua depois referindo-se aos diversos anos de escolaridade e até algumas turmas, concluindo que há melhorias substanciais.

A PCP a concluir esta fase da sua intervenção pede aos del. que discutam e analisem, nos respectivos grupos os resultados que aparecem nos mapas que forem entregues.

A PCP refere a propósito dos gráficos de barras que os resultados apresentados pela disciplina de Ciências Físico-Químicas não corresponde à realidade, nas suas próprias palavras é um "bluff".

[No entanto não diz porquê. Também ninguém perguntou]

A del. de C.Físico-Químicas/3°C referindo-se à afirmação anterior justifica esses resultados com a grande facilidade da matéria dada no início do programa.

[18.17]

A PCP diz que no entanto os colegas devem pensar bem nesses assuntos porque reparou pelas actas das reuniões dos directores de turma com os encarregados de educação que há muitas queixas destes sobre alguns professores. Disse que concretamente há queixas sobre a questão da correcção de exercícios na disciplina de Ciências Físico-Químicas. A del. de C.Físico-Químicas/3°C explica que essa situação resulta, e isso já foi explicado aos alunos, do desconhecimento dos alunos sobre a notação científica, o que leva os pais a pensarem que as soluções apresentadas no livro e pela profª. são diferentes.

A del. de Hist/3°C refere que não compreende aqueles resultados das Ciências Físico-Químicas, se é por a matéria inicial ser mais fácil, mas o ano essa situação também era assim e os resultados não o eram.

A PCP a terminar esse assunto diz que de qualquer maneira pede que os del. de disciplina promovam uma maior discussão sobre esses assuntos junto dos restantes colegas, e que junto dos colegas que foram referenciados nas actas das reuniões com os encarregados de educação haja um acompanhamento mais efectivo, porque é muito aborrecido haver essas queixas. Numa das actas ficou mesmo registado que um dos pais disse que se a escola não resolver ele vai para o Ministério.

A del. de Mat/2°C diz que na sua opinião é muito simples aquela questão das soluções diferentes; basta explicar aos pais que os números escritos de maneira diferente são número equivalentes e que não se trata de soluções ou resultados diferentes.

A PCP diz que isso é muito bonito de dizer porque ela, também faz na sua aula de História contas de diminuir e eles nem contas de diminuir sabem fazer, como é que eles entendem isso.

A del. de Mat/2°C que a questão não é em relação aos alunos mas em relação ao pais. é preciso dizer aos pais que não é a prof.<sup>a</sup> que resolve mal os problemas, mas eu de facto o eu existe é diferentes formas de escrever o mesmo número, e que realmente aqueles resultados são equivalentes.

[18.25]

A PCP diz que isso não é assim tão linear porque os pais não têm nenhuma curso superior como ela tem, e são sabe se entenderam isso que ela está a dizer. Porque os pais da escola como a del. de Mat/2°C sabe muito bem, a maior parte tem a 4º classe e alguns nem isso, e se um prof. sistematicamente falta, passa a vida em exames, passa a vida nisto e naquilo e as faltas são mais do que muitas, os pais aproveitam todas as deixas para se queixarem.

A del. de Mat/2°C continua a defender que tudo passa por uma explicação aos pais sobre essa questão dos números serem equivalentes e que a prof.<sup>a</sup> não está a resolver mal os problemas na sala de aula.

A PCP diz que as coisas não são assim tão linear que se possa dizer que é só por causa disso que os pais se queixam.

[18.26]

A VPCD pede desculpa por saltar de assunto mas sabe que continua a haver problemas com o 8ºB. Houve uma participação junto do CD de um problema grave relativamente ao aluno Ricardo Almeida que ameaçou a prof.<sup>a</sup>... Ela acha que foi muito grave, foi no final do 1º período e a colega no entanto, como o aluno disse que não vinha mais a escola, nada mais fez no sentido de se realizar um processo disciplinar. Na sua opinião acha que mesmo que o aluno já não venha, deve haver um processo disciplinar, para ficar no processo individual dele. Diz ainda que há também problemas com o Bruno. Ele foi incorrecto e extremamente mal educado. Se calhar deveria falar-se novamente com os pais e com todos os professores presentes.

A del. de Hist/3°C sobre esse aluno conta que teve uma vez um incidente com ele. Ele saiu e bateu com a porta, ela gritou com ele. No final da aula o aluno veio falar com ela pediu-lhe desculpa e fez uma grande choro-deira, e ela depois mudou-o de sitio e nunca mais teve problemas com ele.

[18.29]

A VPCD diz que em seu entender essa turma está a precisar de dois abandonos valentes.

A del. de Hist/3°C é da mesma opinião, mas vi dizendo que também tu vai da maneira como se lida com eles.

A PCP fechando um pouco estes assuntos volta a chamar a atenção para a importância de se analisar bem todos esses assuntos e as questões dos resultados do 1º período. Recomenda que os del. nas respectivas reuniões promovam a análise de grupo para as disciplinas e turmas onde o insucesso é maior. Diz igualmente que os colegas não considerem apenas, e faz notar que ela também é prof.<sup>a</sup> como todos eles e não só elemento do CD, que não pensem só nos alunos e nas famílias como causas dos insucessos. Pensem nos programas... há muita coisa, no deve pôr-se só a tónica nos pais, a prof.<sup>a</sup> primária e os alunos. Diz que há outras coisas. Dever-se-á procurar saber que coisas são essas... de forma a poder pensar-se a nível dessas disciplinas, estratégias que diminuam esse insucesso.

[18.31]

A PCP dá por terminado o ponto 4 da ordem de trabalhos e passa para o seguinte - APA - reflexão sobre o mesmo. Começa por referir-se aos quadros que constam da última folha que iria entregar. Começa por explicar como foram construídos os quadros. Depois faz a leitura dos quadros, do numero de negativas e positivas registadas para cada uma das disciplina.

Seguidamente chama a atenção para a diferenciação entre Lusos e PALOP's, designação que foi buscar às estatísticas de Entreculturas, relativamente aos resultados obtidos nos APA.

A PCP levanta-se novamente do seu lugar e vai entregar a cada um dos presentes uma folha onde constam esses dados organizados num mapa... Esclarece logo no início que falta o quadro sobre o 9º ano porque no 9º ano não há alunos dos PALOP's.

[18.40]

Depois de todos terem recebido a folha, a PCP faz a leitura dos quadros. A propósito da leitura desses dados a PCP chamou a atenção para o facto de haver colegas que registam como insucesso a existência de três níveis negativos e isso não é assim. Três níveis negativos não deve ser considerado insucesso. Segundo a legislação não é. Por exemplo a [nome de prof.<sup>a</sup> - 84] na sua turma considerou a sua turma "bastante fraca" mas a turma dela tem 29%. Essa coisa tem muito que se dizer, porque 29% para uns é muito fraco, para outros é insatisfatório..."

A del. de Hist/2°C diz que por isso é que é preciso indicar o que se entende por "fraco", por "médio"...

A PCP diz-lhe que por isso também é que ela gosta de uniformizar, assim todos se entendem, falam todos a mesma língua... depois continua a fazer a leitura dos valores. A PCP já na parte de comentário e interpretação dos dados diz que a percentagem de insucesso dos PALOP's é muito elevada quando comparada com a dos outros alunos: 49%.

A del. de Hist/3°C pede um esclarecimento à PCP sob a forma como ela calculou esses 49%. Esta explica-lhe pormenorizadamente como foi feito esse cálculo.

[18.43]

A PCP diz que vai passar para o último, e dá a palavra à VPCD pedindo-lhe que faça o relatório do número de alunos que foram indicados para o APA. Acrescenta que o número de pedidos é uma loucura..

A VPCD passa a apresentar os números: Port: 5º ano - 57; 6º ano - 43; 7º - 17; 8º e 9º anos - 0; Inglês: 5º ano - 18; 6º ano - 42; 7º ano - 20; 8º ano - 11; 9º ano - 0; Matemática: 5º ano - 44; 6º ano - 48; 7º ano - 16; 8º e 9º anos - 0; Estas as disciplinas que geralmente têm apoio. Depois foram ainda indicados alunos para outras disciplinas: Geografia: 7º ano - 10; História: 7º ano - 10; Francês - 8º ano - 11; C.Físico-Químicas: 8º ano - 2.

[18.45]

Depois deste enunciado a PCP exclamou: "Oh colegas agora digam quem é que pode ser Prior numa freguesia destas". São 345 apoios. Depois diz que lhe caiu como sopa no mel a última revista NOESIS, da qual ela retirou um artigo que deu aos membros do pedagógico para eles lerem em casa antes de virem para o pedagógico.

A PCP teceu um conjunto de considerações sobre o artigo em causa e sobre a ideia que as pessoas, nomeadamente os CT, sobre o é ou deve ser o APA. Continuou dizendo que se deveria pensar muito sobre o que é o apoio. Nas suas palavras os CT, na generalidade, propõem os alunos para o apoio tomando apenas como critério o facto de o aluno ter nível dois na disciplina. Isso dá origem àquele número exorbitante de propostas de apoio. "... nós temos de definir e nós temos de pensar muito bem o que é que é isto do apoio, que modalidades nós devemos criar e implementar aqui na escola... porque essas horas... eu também digo uma coisa, se repararem estas horas... saem muito caras, mas saem caras ao bolso de todos nós, porque é através dos nossos impostos..." rematou a PCP.

A VPCD dá a informação que daquelas 345 propostas, mesmo assim já foram contempladas e estão em funcionamento 86 casos. A PCP acrescenta que é humanamente impossível contemplar tão grande número de propostas de apoio. No entanto, diz gostaria de ouvir a opinião dos colegas ali presentes.

A del. de Ing/2ºC refere que talvez mais importante do que funcionar com apoios tradicionais poderia pensar-se em desenvolver projectos de aulas ou actividades que ensinassem os alunos a pensar: ajudar a pensar, aprender a pensar. No entanto achava que isso era não era fácil.

A PCP mostra-se de acordo com essa ideia porque verifica que os apoios tradicionais baseados nas matérias curriculares acabam por não dar resultado nenhum.

[18.49]

Mas para além dos números a PCP diz que gostava de ouvir as pessoas sob o ponto de vista qualitativo. Os aspectos qualitativos são muito importantes, gostava de ouvir as pessoas sobre as dificuldades sentidas pelos professores que dão os apoios. A VPCD refere uma outra informação que mostra que na quase totalidade as horas do crédito que estavam previstas para o apoio se encontram esgotadas.

[18.50]

A PCP diz ainda que mesmo que houvesse as horas é muito difícil, porque não havia professores para dar aquelas horas todas. Os colegas dizem "eu não quero, tenho o meu horário e não quero dar mais horas, pronto". O CD pode dizer assim "Não, desculpa... a legislação diz que és obrigado a aceitar até X horas..." Também é obrigado mas não podemos estar aqui a dar horas, horas, horas... E nós só temos 42 horas, porque as outras horas são para outras coisas, para a biblioteca, para clubes, para a mediateca... que na sua opinião é muito mais bem aproveitado do que muitos apoios. A PCP reafirma que as 12 horas da mediateca são muito melhor aproveitadas do que as horas de apoio.

A del. de Hist/3ºC acha que os APA se podiam organiza em moldes diferentes, nomeadamente em termos transitórios, em que os alunos poderiam ou não ter os APA durante o ano todo, em função da sua evolução.

A PCP concorda com esta ideia. Diz que não concorda que os alunos tenham APA o ano inteiro. As coisas podiam funcionar por módulos.

A partir desta ideia a PCP refere a situação de alguns que poderiam perfeitamente de forma transitória ter apoio em alguns módulos apenas.

[18.53]

A PCP, a VPCD e a del. de Ing/3ºC discutem entre elas de forma algo desordenada a situação concreta de três ou quatro alunos que estavam propostos para apoios.

[18.55]

A del. de C.Físico-Químicas/3ºC chama a atenção para o facto de não resultarem os apoios dados por professores diferentes daqueles que dão as aulas normais.

Essa ideia é defendida por vários presentes.

A del. de EMRC defende essa mesma posição. Tanto a VPCD e a PCP são de opinião idêntica e esta última verbera a situação das propostas de apoio que vêm dos CT e dos professores com a indicação que os próprios professores não estão disponíveis para o dar.

A PCP volta a referir o texto publicado na revista NOESIS para defender essas posições.

Por isso acha que todos deviam pensar e repensar muito bem sobre todos esses problemas e questões, porque está a prever-se existirem muitas avaliações sumativas extraordinárias no 2º período. De forma que as pessoas devam pegar nesse artigo e reflectir sobre ele e sobre o que se deve fazer e estudar as dificuldades dos alunos e dos professores.

[18.58]

A del. de EMRC pede permissão para falar no 5ºB. Esta del. de EMRC acha que um dos grandes problemas é o problema da língua que os alunos PALOP's não dominam de forma suficiente para aprenderem as outras disciplinas. Por isso acha que outras formas de tratar o assunto deve passar também por aí. A utilização de jogos didácticos, no âmbito do Português e da Matemática

[19.00]

A PCP concorda com estas ideias. Achava que por exemplo a criação de um Clube de matemática poderia ser uma coisa interessante para ajudar os alunos a apreender de forma mais motivante a disciplina. A del. de Mat/2ºC pensa que sim, que através de uma série de instrumentos didácticos pode-se levar os alunos a ganharem mais gosto pela Matemática. Além disso o domínio da língua é também um factor importante para a aprendizagem da Matemática.

O del. de Mat/3ºC refere que o grande problema da Matemática é também que os alunos não percebem muitas vezes o enunciados dos problemas, o que se pede, o que está lá escrito.

A VPCD diz que também nas C.Natureza isso se verifica.

Várias intervenções incidem sobre a questão do domínio da língua, nomeadamente, no caso dos alunos dos PALOP's. É um período de conversa generalizada.

[19.02]

A pôr alguma ordem na discussão a PCP eleva a voz para dizer que na escola não se pode, dada a caracterização sócio-cultural dos alunos, utilizar o Português como se fosse a língua materna, porque de facto para uma grande parte dos alunos ela não o era. O mal é que nós falamos com estes alunos como se eles já fossem possuidores da língua portuguesa.

A del. de Port/2ºC refere que a parte lúdica é fundamental. Indica como vantajosa a elaboração de uma chave vocabular para cada disciplina que poderia ser dado aos alunos dos PALOP's e aos outros também para lhes facilitar a compreensão das aulas. Poderia ser feito um levantamento do vocabulário de cada disciplina para ser-lhes dado, de outra forma eles continuam a não perceber o que se diz e se passa nas aulas.

[19.04]

A VPCD diz que concorda que a parte lúdica é muito importante mas que há que ter cuidado para não se cair no extremo de levar tudo a brincar e quando os alunos chegam ao 10º ano de escolaridade, depois é que são elas.

Em resposta a del. de Port/2ºC afirma que tudo isso deve ser equilibrado e além do mais há diversos tipos de jogos e instrumentos didácticos que utilizam os aspectos lúdicos de formas diversas.

A del. de C.Físico-Químicas/3ºC refere as enormes dificuldades de raciocínio que os alunos têm. Ou percebem de imediato ou então nada feito porque não conseguem desenvolver um raciocínio sequencial.

A del. de EMRC refere-se ao projecto que está em curso com o apoio da Câmara municipal de [nome de povoação - 6], ao nível do 1º ciclo.

A VPCD diz que essas actividades podem ser interessantes, mas para complementar as actividades da escola.

[19.10]

A PCP pergunta quem é que está interessado num Clube de Português. "Quem é está interessado em estar a frente do Clube de Português?"

A del. de Port/3ºC diz que é uma ideia a amadurecer.

A del. de Port/2ºC pergunta para quê se por exemplo o Clube de Inglês já morreu. A PCP responde-lhe dizendo que as coisas vivem muito das pessoas, do entusiasmo que as pessoas põem naquilo que fazem.

A del. de Port/2ºC diz que sabe porque é que ela diz aquilo. Ao que a PCP responde que se ela sabe então não vale a pena adiantar mais nada.

Depois as duas começam a falar de uma colega, sem a nomearem. Pelo que se percebeu a PCP criticava o facto da tal colega ter uma redução 50% e não mostrar muito entusiasmo no clube de Inglês.

A del. de Port/2ºC tenta justificar a situação da tal colega.

[19.15]

A PCP a finalizar refere os assuntos que irão ser tratados na reunião seguinte do CP a realizar no dia 26 de Fevereiro. Uma das coisas a ser tratada é a definição dos projectos de trabalho das secções. Para isso elas deverão reunir-se antes do pedagógico para depois apresentarem aquilo que querem fazer.

A del. de Hist/3ºC pergunta quando é se irá tratar das provas globais. A PCP esclarece que as provas é apenas para o outro ano.

[19.20]

As pessoas começam a levantar-se. A PCP levanta-se do seu lugar também confirmando que a reunião havia terminado. A sala esvazia-se rapidamente.

Eu despedi-me da PCP e a VPCD e abandonei a sala onde decorrera a reunião, sem esperar por elas.

**ANEXO VIII**

**REGISTOS DE OBSERVAÇÃO**

**DAS REUNIÕES**

**DO CONSELHO PEDAGÓGICO - ESCOLA B**

## A) 1ª REUNIÃO - 13 JUL 1995

cp201

13/07/95 - 09h 30m - 13h 30m - Escola B

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO

### 1ª PARTE DA REUNIÃO

[09.45] - A reunião iniciou-se às 9h 45m. Ausências: del. E.Física/2°C e del. de E.Visual/3°C. Esteve presente o RAPEE, Presidente da Direcção. Do grupo de trabalho estiveram presentes, João Barroso, Elizabete Filipe e Luis Leandro. Esteve ainda presente à reunião uma convidada, presidente da comissão instaladora de uma escola vizinha. A disposição dos presentes na mesa de reunião é a que se encontra representada no anexo I.

A ordem de trabalhos da reunião era a seguinte:

1. Informações
2. Balanço de Actividades
3. Ano Lectivo 95/96.

Antes de se entrar na Ordem de Trabalhos foi lida a acta da reunião anterior. A propósito de uma parte do texto da acta foi referido o facto de não ter havido problemas na realização das aulas de apoio, nas disciplinas de Português, Matemática e Inglês. Após a leitura da acta, o RAPEE informou que actualmente fazem parte da Associação 62 pais e encarregados de educação. Não se verificaram quaisquer propostas de alteração da redacção da acta. Por outro lado não houve qualquer votação, nem sequer referência formal à sua aprovação

*[decorre dessa circunstância que se considerou tacitamente a sua aprovação].*

Seguidamente o PCP fez uma apresentação dos presentes, indicando os nomes e os cargos de cada um dos membros do CP, tendo no final apresentado igualmente os elementos do grupo de trabalho e passado a palavra ao Coord. do Grupo, João Barroso. Este fez uma apresentação das razões da nossa presença tendo referido a natureza e objecto do que estudo que pretendíamos realizar, o seu enquadramento institucional e científico. Finalmente agradeceu toda a colaboração e disponibilidade já mostrada pelo PCP enfatizando a nossa preocupação de procurarmos interferir o mínimo possível com o normal funcionamento da escola.

Na troca de opiniões que se seguiu de forma informal, e porque o João Barroso referiu o interesse em entrevistar alguns dos professores mais antigos, ficámos a saber que entre eles estavam três membros do CP: del. de E.V.Tecnológica, del. de C.Natureza/2°C e del. de Ing/2°C.

Não se verificaram pedidos de esclarecimento ou de informações adicionais, sobre o projecto, por parte dos membros do CP

*[De notar que o CP já havia sido informado pelo PCP da existência do projecto, em reunião anterior]*

Entrou-se então na OT com a prestação das seguintes informações:

a) PCP - Esteve presente na escola uma arquitecta do ME por causa das obras a realizara na escola. Não havia ainda decisão da CMLx sobre o terreno, mas ela (a arquitecta) foi mandada avançar. Ela inicialmente tinha pensado na construção de um pavilhão, mas depois pensou-se em dois pavilhões.

*[Enquanto o PCP falava, registava-se à minha direita um ruído, conversas cruzadas sobre o assunto sobre o qual estava o PCP a falar]*

b) RAPEE - Aproveitando assunto referido antes o RAPEE, teceu algumas considerações sobre o crescimento da Associação (o nº de membros aumentou para o dobro) e disse que a Associação iria contactar a Federação de Associações de Pais para haver uma pressão maior sobre o Ministério para a resolução do problema das instalações da Escola.

*[A partir do momento em que o RAPEE começou a falar foi notória uma desconcentração total dos professores sobre o que se estava a passar na reunião: fiquei com a nitida sensação de que a maior parte deles não "ligou" ao que foi dito]*

De passagem foi referida a visita do Secretário de Estado (Joaquim Azevedo, suponho) em data passada próxima, aquando do programa de visitas daquele membro do Governo às trinta piores escolas do país (piores no sentido das condições de trabalho).

Seguidamente entrou-se no segundo ponto da OT: Balanço das Actividades.

O PCP informou que se encontrava em funcionamento o grupo de trabalho de estatística dos resultados escolares e que já podia dar alguns valores sobre o rendimento escolar de 94/95. A informação prestada foi a seguinte:

Taxa de insucesso por ano de escolaridade: 5º - 35,5%; 6º - 33,0%; 7º - 34,4%; 8º - 24,2%; 9º - 18,0%.

Após esta informação o PCP convidou os Del. de Grupo a realizar o balanço das actividades realizadas em 94/95.

*[O processo seguido foi o seguinte: por ordem da numeração dos grupos disciplinares, o PCP solicitava individualmente os del. a emitirem as suas opiniões sobre a actividade da escola. Nalguns casos tratavam-se de opiniões pessoais, talvez mesmo na maior parte dos casos, noutros casos, poucos, eram o resultado de alguma reflexão e eram posições dos respectivos disciplinares, que previamente tinham tratado do assunto em reunião. Para além disso, as intervenções limitaram-se a focar aspectos relativos ao cumprimento dos programas e a participação dos professores, dos respectivos grupos, nas actividades da área-escola]*



A del. de Hist/2°C referiu a extensão do programa e a impossibilidade do seu cumprimento integral. Informou que todos os professores do grupo trabalharam a área-escola, tendo chegado à conclusão de que “não servia para nada”. Ainda sobre este assunto levantou a questão da avaliação dessas actividades durante os conselho de notas.

A del. de Fran/2°C -...???

A del. de Port/2°C referiu ser o programa da disciplina muito extenso, nomeadamente o número de obras (literárias) a estudar. Sobre a área-escola, disse que ela só dificultava o funcionamento das aulas.

A del. de Ing/2°C sobre o cumprimento dos conteúdos programáticos, referiu que não havia programas aprovados pelo Ministério; na ocorrência o grupo tinha elaborado os programas que estavam a ser seguidos pelos professores. Sobre a área-escola, também a del. de Inglês disse que só dificultava as aulas. Referiu ainda que a escolha {do tema} foi precipitada. Levantou também a questão da articulação entre E.V.Tecnológica e Inglês, dando a entender que as coisas não haviam corrido bem devido à dessincronização dos conteúdos programáticos entre E.V.Tecnológica e as restantes disciplinas (e, nomeadamente a de Inglês).

A del. de E.V.Tecnológica reagiu colocando a questão de se saber se a área-escola era uma responsabilidade específica da disciplina de E.V.Tecnológica. A ideia de que as actividades da área-escola tinham de ser centradas naquela disciplina era em seu entender errada. De qualquer maneira a questão estava colocada ao contrário: não se tratava de saber se a área-escola funcionava ou não por causa da interdisciplinaridade, tratava-se sim de resolver os mal-entendidos e procurar através da discussão dos programas conseguir estratégias de interdisciplinaridade adequadas à realização da área-escola. Aliás, disse a mesma, era para isso que todos ali estavam [referindo-se ao CP, mas também à Escola.]

Ouvindo estes discurso a del. de Port/2°C não se conteve e afirmou: “... põe isso na acta que é muito bonito”.

Disse ainda, a del. de Inglês que a área-escola havia sido um falhanço total, e que os poucos trabalhos que tinham aparecido “não foram os alunos que os fizeram”.

A del. de C.Natureza/2°C em relação ao cumprimento de programas de C.Natureza fez referências idênticas às dos anteriores del., ou seja a de que os programas não se encontram adequados às cargas horárias. Idênticas foram também as apreciações sobre a área-escola.

A del. de Mat/2°C disse que os programas foram cumpridos, não tendo, no entanto, havido tempo para o aprofundamento dos conteúdos. Sobre a área-escola a mesma referiu a participação dos professores da disciplina no tratamento dos dados e na qualidade dos gráficos elaborados (estatísticas).

A del. de E.V.Tecnológica disse terem sido cumpridos os programas. Referiu as dificuldades na leccionação da disciplina devido à carência de materiais. O desaparecimento dos materiais foi outro problemas referido pela del. que esclareceu constituir uma dificuldade a inexistência de um espaço específico para a aplicação de técnicas usadas na E.V.Tecnológica. A propósito da área-escola, a del. referiu-se ainda às exageradas expectativas que os outros grupos disciplinares tem relativamente à disciplina de E.V.Tecnológica [*aspecto já referido antes*] e às dificuldades de gestão do tempo dedicado a essas actividades. A inexistência de um espaço horário afecto exclusivamente às actividades da área-escola, tornava mais difícil a articulação e interdisciplinaridade necessária à sua realização.

A del. de E.Musical/2°C referiu-se à dificuldade de aplicação das técnicas instrumentais com a redução das cargas horárias da disciplina de E.Musical; Todos os alunos compraram flauta, informou igualmente a del..

A área-escola não foi abordada pela del. de E.Musical.

Vindo de fora, um funcionário da escola interrompeu a reunião, solicitando informações sobre “as rifas dos quadros”

[*suponho que terá havido um sorteio qualquer em que os prémios seriam quadros feitos pelos alunos e que não se sabia onde estavam as rifas para serem vendidas...?!*]

O del. de E.Física/3°C, sobre o cumprimento de programas, este del. chamou a atenção para a precariedade da situação da disciplina por aquilo que designou como “a existência de falsos espaços de E.Física”. Por outro lado teve algumas considerações sobre o carácter de “parente pobre” da disciplina (“Acabar ou não?”), criticando vigorosamente o tratamento que a “Reforma Curricular” tinha dado à disciplina: “... que raio de reforma é esta...”. No mesmo tom se referiu à área-escola (“É uma grande treta”), tendo concluído pela existência de uma certa frustração nas pessoas que, nalguns casos, já se haviam habituado a ela [*frustração? Reforma?, se calhar às duas!*].

Não obstante a generalidade das intervenções anteriores terem sido muito críticas em relação à extensão dos programas, à ausência de condições de trabalho, à utilidade da área-escola, a intervenção do del. de E.Física/3°C, não tanto pela dimensão das críticas, mas antes pela animosidade (nalguns pontos exagerada face às anteriores) e pela forma/tom/postura intelectual, soou bastante deslocada, mesmo empolada como se o auditório fosse mais uma assembleia a precisar de ser convencida do que um grupo de análise e reflexão.

[*A mim, pareceu-me um pouco de representação teatral, 'show of' para 'brilhar'*]

O del. de Mat/3°C começou por referir o facto de todos os professores serem provisórios e de dois deles terem sido colocados tardiamente, nos finais de Outubro (1994). Sobre os programas, disse não terem sido cumpridos adiantando razões semelhantes às já apresentadas por outros del., nomeadamente a da grande extensão dos mesmos e ainda as dificuldades de aprendizagem que os alunos apresentam. Sobre a área-escola disse não ter havido qualquer participação do grupo (“ninguém pediu ajuda...”, disse).

A del. de C.Físico-Químicas/3°C, sobre os programas, referiu a grande extensão do programa de C.Físico-Químicas do 8º ano de escolaridade, e o seu não cumprimento integral. A propósito da área-escola disse ter havido a participação da disciplina na realização das actividades, mas foi adiantando que "...para o alunos não tem grandes vantagens, nenhuma".

*[Durante as duas últimas intervenções houve um constante ruído de fundo, conversas e comentários em voz baixa, sobre assuntos estranhos ao que se estava a dizer, da parte de elementos ao meu lado direito. Houve mesmo uma altura em que se me tornou difícil ouvir o que a del. de C.Físico-Químicas. Nessa altura, cheguei mesmo a pensar que o PCP iria chamar a atenção para o facto, mas tal não se verificou. Esse barulho terminou quando a del. de Português tomou a palavra]*

A del. de Port/3°C, relativamente aos conteúdos programáticos, disse não terem sido integralmente leccionados. Para além das razões comuns aos restantes grupos referiu ainda a colocação tardia de professores e a licença de parto de uma profª. [suposta demora na sua substituição]. Disse ainda que mesmo em situação normal já era difícil o cumprimento dos programas, por serem muito extensos. Sobre a área-escola disse que o grupo disciplinar tentou participar no projecto. Acrescentou que, no entanto, isso foi prejudicial para os alunos, na medida em que dificultou ainda mais o cumprimento dos programas.

A del. de Fran/3°C referiu-se ao desfazamento entre os conteúdos programáticos da disciplina de Francês e o nível etários dos alunos, o que em termos das características próprias da população discente da escola, tornavam difícil uma motivação adequada dos alunos e uma evolução da leccionação compatível com o cumprimento dos programas. Disse, também, que se tinha revelado difícil "encaixar" o Francês nas actividades da área-escola.

A del. de Ing/3°C considerou difícil e inexistente um esforço de colaboração para a realização das actividades da área-escola. Referiu-se a estas actividades como "pura perda de tempo" e considerou o balanço das mesmas como negativo.

[11.00]

A del. de Hist/3°C disse que os programas não foram cumpridos devido à sua grande extensão. Referência às características da população escolar como uma das razões que explicam a dificuldade de normal evolução do processo de ensino-aprendizagem. Esta del. enunciou o contraste que existe entre o nível de exigência, a extensão dos programas, as condições de trabalho na escola e as condições de handicap social, económico e cultural da generalidade dos alunos da escola.

*[Significativo o facto de ao mote dado pelo del. de Mat/3°C, que pela primeira vez referiu a as condições específicas dos alunos daquela escola, a generalidade dos oradores seguintes terem incorporado nas suas intervenções essa tónica.]*

Sobre a área-escola, a del. de Hist/3°C afirmou fazer um balanço negativo. Acrescentou que em boa parte isso fica a dever-se à inexistência de formação adequada dos professores, responsabilizando o Ministério pela ausência de acções de formação sobre a área-escola, destinadas aos professores. Afirmou a importância da área-escola mas levantou dúvidas sobre a sua exequibilidade, atendendo às condições existentes na escola.

*[Na sua intervenção julguei perceber críticas implícitas à forma como foi organizada a área-escola na escola]*

O del. de Geo/3°C disse não terem sido cumpridos os programas (7º e 9º anos). Teceu alguns comentários sobre a inexistência da disciplina de Geografia no 8º ano de escolaridade o que em seu entender é um grande erro, mas "eles é que sabem". Para o não cumprimento dos programas referiu duas razões: a primeira refere-se às condições de funcionamento da escola; a segunda, às dificuldades de aprendizagem dos alunos e a terceira à perda de tempo com as actividades da área-escola. Para além destas referiu a extensão dos programas: tendo havido 100 aulas no 7º ano e 135 aulas no 9º ano, apenas foi possível leccionar metade dos programas: "portanto devem ser extensos...".

A del. de C.Natureza/3°C referiu também a extensão dos programas como motivo do seu não cumprimento. Sobre a área-escola disse que dos três professores, dois participaram nas actividades da área-escola. Em termos de um balanço global, não sendo tão crítica como os anteriores oradores, esta del. admitiu que a participação foi muito reduzida, mas isso ficara a dever-se ao facto de "terem sido obrigados". Louvou a participação e o trabalho da turma 7D que "nos ajudou bastante na montagem da exposição". Referiu igualmente a importância da participação dos pais na realização da exposição dos trabalhos da área-escola.

A del. de E.Tecnológica intervindo na qualidade coordenadora da Área-Escola disse que aos CT havia sido pedida uma apreciação/balanço das actividades da área-escola. Para o efeito através do preenchimento de uma ficha de avaliação tinha sido possível recolher a opinião da maior parte dos CT. Nos casos em que não tinha sido possível reunir os conselhos, o próprio DT havia manifestado a sua opinião. Das respostas ressaltavam dois pontos que de seguida referiu: o primeiro tinha a ver com o problema da articulação e interdisciplinaridade, e a esse propósito a generalidade manifestava-se a favor da importância da área-escola para a articulação das disciplinas; um segundo aspecto que era relativo ao processo de ensino-aprendizagem, os CT eram também coincidentes sobre a grande importância da área-escola na formação social e pessoal dos alunos.

Entre os problemas sentidos foram realçados, a dificuldade da gestão do tempo destinado à área-escola, que os professores entendem vir diminuir o tempo disponível para a leccionação dos programas, o que constitui uma forte resistências à implementação do projecto. A existência de horas próprias para essas actividades talvez viesse a

resolver o problemas, no entanto, no entender da Coordenadora, isso constituiria exactamente uma perversão do espírito que subjaz à área-escola, constituindo-se como uma disciplina, a juntar a tantas outras.

A del. de Ing/2°C voltou a referir a discrepância entre os programas curriculares (“os que fizeram os programas”; “eles no Ministério”) e a realidade do ensino, para dizer que a área-escola era inexequível escolas onde a realidade dos alunos e das condições das escolas não se compadeciam com teorias muito “bonitas”.

Na mesma linha se manifestou a del. de C.Físico-Químicas/3°C ao dizer que os programas não se encontram adaptados à realidade das escolas, e que existe uma grande distância entre os gabinetes do Ministério e a realidade das escolas.

Intervenções várias, curtas e rápidas, encontraram-se em sintonia com estas duas, culpabilizando também a grande extensão dos programas na impossibilidade de levar a cabo a área-escola.

*[Se havia alguma defesa, têmue aliás, da importância da implementação da área-escola por parte de duas professoras, a del. de E.V.Tecnológica/2°C e a del. de E.Tecnológica/Área-Escola, após o ataque cerrado que se verificou, elas acharam por bem não ir contra a opinião geral. Da parte do PCP, do RAPEE e da CDT não se ouviu uma única palavra sobre o assunto]*

A finalizar, o del. de E.Física/3°C como que pretendendo “dar um toque final” ao assunto teceu algumas considerações sobre o insucesso da reforma curricular, dando como exemplo a questão da área-escola, na sua concepção inadequada às escolas e na sua avaliação (das actividades) que ninguém sabia como fazer, nem os próprios que a tinham concebido, aliás a este propósito disse que “eles tiveram a consciência do que se estava a passar a passar a propósito da avaliação do trabalho e deram meia volta” significando com isto que a integração da avaliação das actividades da área-escola no cômputo geral de cada disciplina, uma “exigência do Ministério” tinha sido deixada cair.

O conselho por proposta do PCP (?) aprovou a constituição de um grupo de trabalho para elaborar um documento com o “apanhado geral da avaliação e balanço das actividades”. A partir das diversas intervenções registadas, ao grupo competiria passar a escrito num documento o balanço das actividades da escola no ano lectivo 1994/95. Esse grupo ficou constituído pelas del. de Port/2°C; Ing/2°C; C.Físico-Químicas/3°C e de C.Natureza/3°C. O relatório deveria ser apresentado para aprovação na primeira reunião do CP de 1995/96.

*[De uma maneira geral o CP e os professores não assumem a responsabilidade da gestão pedagógica dos programas. Excluem completamente toda a possibilidade de em face das condições específicas da escola, do meio circundante, das características sócio-culturais dos alunos, poderem trabalhar, dentro dos grupos pedagógico-disciplinares, a organização curricular das actividades lectivas e a gestão autónoma do processo de ensino-aprendizagem. Remetem para o Ministério a responsabilidade de não emitirem directivas adequadas à realidade concreta das escolas. Numa mesma linha, a total oposição à área-escola recolhe o consenso dos membros do CP.]*

*De notar em especial a ausência de qualquer opinião do PCP e da CDT sobre os temas tratados. Como não são del. de grupo... por um lado não representam os professores, no sentido que atribuído aos del. de grupo, e por outro não representam a estrutura curricular que é a única que obtém relevância na composição do conselho.*

*Outra nota de relevo, pela sua evidência, e o facto do grupo de trabalho não integrar a prof.<sup>a</sup> que coordenou o projecto da área escola, sabendo que a questão da área-escola, nas intervenções dos membros do CP, rivalizou em tempo e importância, até suplantou se calhar, o outro tema preferido pelos oradores, o cumprimento dos currícula.]*

[11h 20m]

Durante o período de discussão que se seguiu as diversas intervenções pautaram-se por uma continuação das críticas ao Ministério e as suas orientações que não têm em conta a realidade das escolas.

A amenizar o panorama negativo apresentado, foi referido [PCP?] que os objectivos mínimos foram cumpridos (eles foram definidos pela escola em função da escola e dos alunos).

O del. de E.Física/3°C, na sequência da afirmação anterior, acrescentou que “Aos senhores... explicar a eles que as escolas tem condições específicas” que não se compadecem com actividades como a área-escola.

A del. de Ing/2°C discordou (com ironia, não dirigida ao orador, mas à ideia da possibilidade de êxito da área-escola) da afirmação anterior dizendo que há escolas onde a situação é completamente mascarada por uma questão de prestígio, onde na aparência as coisas são feitas, mas é tudo uma camuflagem. O problema na escola era que eles não alinhavam nesse tipo de situação. Que culpa tinham se não eram capazes de aceitar a situação e de evitar tudo a nu? De resto, disse, há muitas críticas relativamente a outras escolas (ex. [nome de escola - 1]...).

A mesma ressaltou os colégios particulares, diferenciando a situação das escolas públicas das escolas privadas.

[11.35]

Com o adiantado da hora, e como ainda havia um ponto a tratar, o PCP auscultou/informou que haveria uma pequena interrupção, para tomar café, e que depois se reiniciaria por volta das 12.00.

Nesse momento o RAPEE pediu a palavra [já alguns membros se encontravam levantados]. Enquanto se gerava alguma confusão, uns sentaram-se outros permaneceram de pé, o RAPEE teceu algumas considerações sobre a situação da escola, num discurso enfático (de cerca de dois minutos) que finalizou questionando e questionando-se sobre “o que vai ser destes alunos quando forem adultos” face ao panorama que tinha sido apresentado.

Mesmo ao meu lado ainda de pé pude observar a reacção imediata do del. de E.Física/3°C que não conteve uma expressão de desdém e mesmo um comentário ("olha este...!, Oh pá!") dirigido para as duas colegas do seu lado direito.

[11.49]

Seguidamente dirigimo-nos para a sala de professores.

## 2ª PARTE DA REUNIÃO

[12h 00m] - A reiniciar a reunião o PCP começou por referir que se encontrava em curso a recolha das preferências das manchas horárias para o ano lectivo 95/96. Quem não as tivesse prontas (alguns del. entregaram-nas no momento) deveriam fazer a sua entrega no gabinete do CD o mais rapidamente possível.

O mesmo expôs depois o calendário relativo ao início das actividades escolares para 95/96: a) o CD contava abrir as aulas a 15/9/95; b) A data limite para apresentação dos professores seria 11/9/95; c) Reunião dos grupos disciplinares a 11/9/95; d) Reunião do CP em 12/9/95; e) Reunião Geral de Professores seria em 13/9/95, após a qual seriam entregues os horários-semanários; f) As reuniões dos CT seriam a 14/9/95.

A del. de Inglês/2°C manifestou a opinião de que as reuniões dos CT deveriam ser realizadas mais tarde, porque logo no início, não estando ainda colocados todos os professores, elas eram completamente inúteis. Propôs a sua realização no mês de Outubro. Alguns membros do CP apoiaram esta proposta, tendo a mesma sido aceite pelo PCP e tacitamente aprovada.

Sobre a preparação do ano lectivo 95/96, o PCP chamou a atenção para a elaboração e aprovação do PAA. Informou que havia sido pedido à DRELx um crédito de horas de redução de horas lectivas (no horário dos professores) para as actividades extracurriculares. De momento esperava-se uma resposta daquele departamento.

Seguidamente o Conselho passou a discutir uma proposta de ficha de avaliação (ficha que era suposto os grupos disciplinares terem analisado em reunião anterior, tal não aconteceu em alguns dos grupos, como os próprios del. afirmaram).

De forma a organizar a discussão o PCP propôs que os grupos que tivessem propostas de alteração à ficha que era a proposta-base, deveriam apresentá-las por escrito.

A discussão, intervenções opinando sobre a estrutura da ficha, na primeira fase centrou-se sobre a questão da notação a ser utilizada no registo do rendimento escolar do aluno. Gerou-se alguma confusão e muitas conversas cruzadas quando se discutia as diversas tipologias possíveis a utilizar, Insuficiente versus Deficiente, versus Não Satisfaz, Suficiente versus Razoável versus Médio, Muito Bom versus Excelente, etc. Ao mesmo tempo alguns iam tecendo comentários, em discussões paralelas (por exemplo, este eivado de uma ironia derrotista "Excelente para quê? isso deve ser pouco aplicado nesta escola!").

[12.30]

Nesta altura podiam identificar-se três grupos distintos que discutiam entre si, tornando difícil proceder a qualquer registo sistemático do que os intervenientes diziam. De resto, o PCP encontrava-se também embrenhado na discussão no seio de uma dos grupos, e apenas retomou a orientação da reunião quando se fez ouvir a opinião de del. de Ing/2°C que defendia que devia ser dada liberdade de escolha e permitida a utilização de notação própria aos professores. Dado que isso contrariava os fundamentos da proposta de ficha, o PCP no meio de toda aquela confusão perguntou aos presentes se queriam ou não o modelo de ficha: Queremos! Queremos! exclamaram os presentes. Tendo perpassado alguma dúvida sobre o que o PCP havia concretamente perguntado, este voltou a perguntar, mas agora especificando se "queriam o modelo de ficha com as alterações" tendo os presentes quase em uníssono exclamado: Sim! Sim!.

A reunião encontrava-se, no entanto, num impasse, pois havia propostas apresentadas pelos grupos e opiniões divergentes, e avizinhava-se uma discussão longa sobre o assunto. O PCP que inicialmente pensara que o assunto se resolveria facilmente chegou à conclusão que seria difícil ficar com a questão resolvida naquela reunião: "um modelo que deveria ser para simplificar começou a tornar-se a certa altura muito complicado". Em face disso o PCP resolveu remeter o assunto para a reunião de Setembro de 95, "para não se estar ali a perder tempo".

Resolvido o assunto, dessa forma, passou-se à questão dos Apoios Educativos. O PCP informou os membros do CP que o número de horas destinadas aos Apoio Educativo é de 4% (da carga horária lectiva total da escola) e não de 7% como era antes, os restantes 3% destinavam-se a outras utilizações (clubes, coordenação de outras actividades, DT, etc.). Em face da exiguidade do número de horas, e porque não é à partida possível saber a assiduidade e aproveitamento dos alunos que dele vão usufruir, a CDT propôs a) a elaboração de uma lista seriada de alunos de forma que se verificasse a substituição automática de alunos beneficiários que entretanto tivessem deixado a escola ou que por outras razões deixassem de estar em condições de ter apoio educativo; b) o controlo estrito da assiduidade dos alunos de forma a ser-lhes retirado o apoio se ultrapassassem um limite a estabelecer.

[12.40]

Começa a verificar-se alguma impaciência por parte de alguns del.: a del. de Port/2°C olha para o relógio.

A del. de Fran/2°C colocou a hipótese de atribuir duas horas a cada disciplina, para apoio aos alunos mais necessitados. Dada a impossibilidade, face ao número de horas necessárias para tal (esclarecimento de imediato prestado pelo PCP, a mesma del. defendeu a teoria do mal menor, defendendo então a atribuição uniforme de uma hora semanal a cada disciplina e o número máximo de 6 alunos por apoio.

[12.43]

O del. de Mat/3°C olha para o relógio.

A del. de C.Natureza/2°C levantou a questão dos alunos que tendo sido excluídos das aulas de apoio por falta de assiduidade, usufruírem de apoios no 3º período em resultado da avaliação sumativa extraordinária realizada no 2º período. Considerou isso ridículo mas inultrapassável por a obrigatoriedade resultar a aplicação do regime de avaliação em vigor. Na sua opinião, no entanto, esses alunos não deveriam voltar a ter aulas de apoio no 3º período.

A del. de Fra/3°C discutiu os critérios de selecção dos alunos, “os alunos que têm notas muito baixas como recuperam?”. Essas aulas de apoio não serão melhor utilizadas por outros alunos que se encontram na fronteira entre passar/não passar?

De passagem esta del. chamou a atenção ao PCP que tinha a necessidade de abandonar a reunião.

[12.46]

A del. de C.Natureza/2°C, no seguimento da intervenção anterior defendeu a necessidade de direccionar os apoios para os alunos que à partida ainda tivessem possibilidade de passar de ano. Se o critério de atribuição de apoio fosse exclusivamente a sua necessidade absoluta, a sua eficácia seria reduzida pois as horas esgotar-se-iam naqueles alunos que à partida, se sabia, não terem qualquer hipótese de passar, mesmo com todos os apoios.

A del. de Mat/2°C: “Há alunos que estão condenados à partida”

Em face deste conjunto de opiniões e propostas, algumas de difícil execução, algumas contrariando inclusive normas legais em vigor, e em face da sensibilidade e importância do assunto, aliada a uma ausência de reflexão amadurecida [*que julgo ter percebido*] por parte dos presentes, tornou-se mais ou menos visível que as pessoas se abstinham de tomar decisões numa reunião que pouco mais tinha a dar. Entrou-se num total impasse. Passou-se a falar de casos pontuais, exemplificando através de situações pessoais de alunos, algumas das ideias subjacentes às propostas apresentadas antes.

A VPCD que no momento se encontrava sentada ao meu lado esquerdo, contou-me um caso de um aluno que só quando frequentava o 8º ano se descobriu que não sabia ler.

O assunto dos Apoios Educativos caiu por si mesmo.

A del. de Ing/2°C colocou a questão das obras na escola. Não mais se falou dos Apoios Educativos. E surpreendentemente ninguém deus por isso.

O PCP na sequência da intervenção anterior informou que estando previstas as obras para o período de funcionamento das aulas, os serviços da Reprografia/gabinete do CD/Secretaria passariam para o ginásio, enquanto as obras estivessem a decorrer. Respondendo a alguma admiração de alguns presentes sobre a eventualidade das obras (barulhos, outros incómodos de diversa ordem...) durante o período de aulas, o PCP disse aceitar de barato essa situação, acrescentando que tomara que elas se realizassem. Eram incómodos bem vindos, o que era preciso, era que as obras se fizessem.

Com a reunião já terminada (era difícil dizer que formalmente ela tinha terminado, porque os assuntos foram morrendo de per si, e não houve da parte do PCP uma declaração formal do seu termo) o RAPEE ainda fez uma intervenção final (com as pessoas levantadas a prepararem-se para abandonar a sala, o PCP havia-se levantado e depois sentou-se) para ler um pequeno texto laudatório sobre o ensino e educação, e que segundo ele seria importante para mostrar a importância da educação para os jovens. Informou que esse texto faria parte do modelo de papel a utilizar nos ofícios enviados pela APEE.[13.00].

## B) 2ª REUNIÃO - 12 SET 1995

cp202

12/09/95 - 10h 20m - 13h 00m - Escola B

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO

### 1ª PARTE DA REUNIÃO

[10.20] - Pelas 10.20 o PCP deu início aos trabalhos da reunião dirigindo-se a todos os presentes.

Informou o PCP que a acta do CP anterior (Julho/95) estava quase pronta e que seria a del. de C.Natureza/2°C a fazer a acta da actual reunião.

Informou também os presentes da alteração da composição do CP, pela saída de uns elementos e a presença de outros bem como da nossa presença. Assim, referiu a alteração dos del. de Mat/2°C, C.Natureza/2°C, E.V.Tecnológica/2°C, Mat/3°C, C.Natureza/3°C, Geo/3°C, E.Física/3°C e EMRC que estão pela primeira vez no CP.

Passou à informação acerca da Ordem de Trabalhos da reunião:

1º Informações

2º PAA

3º Início das Actividades

Em relação ao 1º ponto o PCP referiu que das novas instalações não conseguiu qualquer contacto que permitisse garantir algo de concreto. Falou com o Eng. [nome de fme - 6] (da DRELx) que lhe disse existirem proble-

mas com o terreno (da CMLx) mas que quem tratava deste assunto era o Eng. [nome de fme - 7] que se encontrava de férias.

Informou *[exaustivamente]* da documentação que tinha chegado à escola:

- visitas de estudo ao ECOMUSEU do Seixal
- visitas de estudo ao Barlavento Algarvio, promovido pelo Gabinete dos Descobrimentos Portugueses.
- Acções promovidas pela Prevenção Rodoviária Portuguesa.
- informações provenientes da DRELx:
- Nota da DRELx, sobre os jornais escolares, diz para se cumprir com as normas da Lei de Imprensa;
- concurso europeu do jovem consumidor sobre o impacto do comportamento do consumidor.
- A exposição sobre Dinossauros da China estará no Museu de História Natural, até 25/2/96;
- Gabinete de Medicina Pedagógica acerca da avaliação dos problemas dos alunos.
- informações provenientes do IIE:
- As candidaturas a projectos do IIE sobre o tema "Descobrimentos", inscritos até 16/01/96, serão subsidiados desde que integrados no PEE [nenhum dos conselheiros pede qualquer explicação].

*[Estas informações demoraram, desde o início da reunião, 15 minutos]*

[10.35]

Passou o PCP à referência das iniciativas levadas a cabo em 94/95 que, em 95/96, passam a fazer parte do PAE.

Informa o PCP que os créditos horários pedidos para o desenvolvimento do projecto de actividades de apoios e complementos educativos não tiveram resposta da DRELx, apenas os Desporto Escolar conta com 17 horas para actividades que serão desenvolvidas por 4 professores de E.Física com núcleos.

*[não há, neste ponto, intervenção dos elementos presentes relativa à impossibilidade de concretização do plano]*

[10.40]

Cerca das 10.40 solicita aos representantes dos diferentes grupos disciplinares que se manifestem relativamente a propostas a incluir no plano [não mencionando a mudança de ponto, supondo-se assim tratar-se do PAA, uma vez que é ponto da Ordem de Trabalhos].

A del. de Port/2°C defende a importância da vigilância dos pátios, pois considera que sem isso "não há possibilidade de fazer nada" e "quanto ao plano não tem propostas ainda".

A del. de Hist/2°C demonstra interesse na realização de visitas de estudo, pelos diversos grupos disciplinares a integrar no PAE, informa além disso que "o grupo ainda não tem nada para o plano".

A del. de Fran/2°C - Idem.

A del. de Ing/2°C considera ser cedo para se manifestar.

A del. de Mat/2°C considera que são importantes as visitas de estudo.

A del. de C.Natureza/2°C considera importantes as visitas de estudo e a participação em diversas efemérides.

*[Ficou por esclarecer se as posições assumidas pelos representantes do 3º grupo - Ing/2°C e Port/2°C - e 4º grupo - Mat/2°C e C.Natureza/2°C - eram ou não as posições dos respectivos grupos]*

O del. de EMRC/2°C propõe a participação nas comemorações do Natal, com utilização de instrumentos e também no final do ano. Propõe ainda uma visita de estudo ao Museu da Música.

O del. de E.Física/2°C propõe actividades no âmbito do Desporto Escolar.

O del. de EMRC/2°C considera ser cedo indicar propostas na medida em que é o primeiro ano que está na escola.

A del. de C.Físico-Químicas/3°C propõe a realização da Semana da Ciência cujos pormenores serão dados no próximo CP, embora adiante que se trata de actividades que envolve os grupos de Geografia e de C.Natureza.

O del. de E.Visual/3°C refere que como há um elemento novo no grupo só no próximo CP é pode dizer.

A del. de Port/3°C propõe a realização de visitas de estudo à Caravela da Boa Esperança e também a Alcobaca e que é uma realização conjunta com o grupo Fra/3°C. Considera importante que se realize uma EXPO C+S, enquanto, "espécie de semana cultural", que mostre o trabalho desenvolvido ao longo do ano.

Neste ponto a del. de Fra/3°C ajudou na apresentação da proposta.

A del. de Ing/3°C propõe a comemoração do *Halloween*, desfile de máscaras com "coisas" alusivas aos países onde se fala a língua inglesa. Também considera que se poderia fazer qualquer coisa no final dos períodos, dia dos namorados, Natal divulgado pelos alunos... *[tendo dado a ideia de que as propostas estavam em aberto, mais se poderia fazer]*.

A del. de Hist/3°C referiu que os colegas consideram ser cedo para a apresentação de actividades. Contudo demonstraram interesse em visitas de estudo mas com actividades.

O del. de Geo/3°C referiu que o grupo vai colaborar com o grupo de Físico-Química e além disso propõe a realização de visitas de estudo.

A del. de C.Natureza/3°C corrobora o anterior.

A del. de E.Tecnológica ainda não tem propostas. É a primeira vez que existe a disciplina na escola.

[10.55]

O PCP informa que o próximo CP se realizará a 25 de Outubro e propõe a realização de CT na semana anterior, "como tem sido hábito". *[pelo que não refere objectivos para aquelas reuniões]*

Coloca esta proposta à consideração dos conselheiros. A proposta é aceite por todos *[sem contestação]*.

Refere também, o PCP, que no próxima CP se vai aprovar o plano e os objectivos mínimos de disciplina e que o CP de Novembro se realiza a 29 e será para tratar dos critérios de avaliação do 1º período escolar.

[11.00]

Pelas 11.00, o PCP informa, em relação à preparação de 95/96:

- Em final de Julho foi recebido o calendário escolar (despacho nº 63/ME/95). Pela data de envio não foi possível fazer consulta aos presentes, pelo que tomou a liberdade de enviar ofício ao CAE, dizendo que iniciaria a 18/9/95 e terminaria a 26/6/96 o ano escolar.

- As datas dos períodos escolares, bem como das interrupções.

[11.05]

Segue-se uma discussão acerca da data para a 1ª interrupção. O PCP decide que em 25/10 (próximo CP) há tempo para a definição daquela data.

O PCP recomenda que como vai haver CT, antes disso há que pensar na Área-Escola "para ver se no próximo CP já se pode ter alguma coisa" *[nesta altura alguns conselheiros perguntam se "isso existe"]*

[11.10]

Volta o PCP a informar que:

- sobre a preparação do ano lectivo, a saída de alunos só será autorizada mediante guia de transferência.

- No 5º ano há 6 T, em vez das 10 previstas e que nenhum dos alunos escolheu Francês. Apenas 1 aluno de Francês - retido no ano anterior - que teve de ficar com Inglês. A CDT coordenou a formação das turmas.

A CDT informa que os critérios seguidos levaram a que tivessem ficado cerca de 5 alunos retidos por turma, que há menos alunos a pretenderem frequentar EMRC que em anos anteriores, que há equilíbrio M/F e que nem sempre foi possível respeitar os pedidos dos pais para a preferência de turno - Manhã/Tarde.

[11.15]

A del. de Ing/2ºC pediu para as listas não serem alteradas quanto à numeração dos alunos a fim de se evitarem problemas surgidos em anos anteriores com a marcação de faltas, colocação de fotografias, etc. Os alunos podiam ser acrescentados no fim das listas *[ninguém se manifestou em contrário]*.

Às 11.16 o PCP referiu que não é possível, por vezes, satisfazer todos os pedidos dos alunos e que as listas, na semana seguinte, serão já definitivas. Dá essa indicação CDT.

- No 6º ano há 8 turmas e que a coordenação da constituição foi a [nome de profª - 17] *[que não está presente, pois não faz parte do CP]*. 6 turmas são de Inglês e 2 de Francês, de 16 alunos cada, tendo pedido autorização à DRELx e que foi concedida.

- No 7º ano há 8 turmas. Pela 1ª vez há um número significativo de alunos que pediu E.Tecnológica (20), o que permitiu a constituição de 1 turma de E.Tecnológica.

- O número de turmas será de 34.

A coordenação foi da del. de Port/3ºC.

Esta del. de Port/3ºC refere que 3 turmas são de Francês e que há entre 5 e 8 alunos retidos por turma. Há conversas laterais acerca das condições que não comportam turmas com muitos alunos.

- No 8º ano há 8 turmas, tendo sido pedida autorização à DRELx, para a constituição de 2 turmas de Francês, uma com 15 alunos e outra com 16 alunos e que foi concedida. Refere que foram contactadas escolas da zona por haver vagas de Francês (LE-I). A coordenação esteve a cargo da del. de Ing/3ºC.

*[Há conversas paralelas versando diferentes assuntos sem que tenham relação com os trabalhos em curso.]*

O PCP dá outras informações adicionais sobre a constituição das turmas e o del. de E.Visual/3ºC manifesta-se no sentido de que "...espera que não tenha sido aceite a matrícula do Manuel".

A del. de Ing/3ºC explica os critérios que são semelhantes aos referidos pelos anteriores coordenadores.

- Há 5 turmas no 9º ano. Há três alunos com 18 anos porque transitaram. Foi a del. de C.Físico-Químicas/3ºC que coordenou a formação das turmas.

Continua a conversa "animada" especialmente entre o 1º grupo de três professores à esquerda do PCP, sem que este tome qualquer atitude.

(Idem 8º ano)

- Há um aluno de 9º ano que veio transferido para a escola.

*[Esta informação levou a que alguns professores se manifestassem negativamente. Possivelmente pelo receio de se tratar de aluno com problemas disciplinares.]*

[11.31]

- Há alunos que pediram transferência para outras escolas, o que não inviabilizou desde que estivesse declarada vaga.

- Há menos 14 turmas em relação a 94/95. *[Esta informação não causou qualquer intervenção por parte dos conselheiros]*.

- pelo menor número de alunos inscritos em EMRC só foi possível conseguir 11 h para a disciplina. Contudo o professor é do Quadro de Nomeação Definitiva.

[11.35]

O PCP passa à referência da situação dos horários e que é a del. de Ing/2ºC que responde pelos 2º ciclo e a del. de E.Tecnológica responde pelos do 3º ciclo.

A del. de Ing/2°C refere as indicações relativas aos horários e problemas surgidos na sua elaboração. Informa que, este ano, há uma mais correcta distribuição dos espaços de E.Física, pelo que todos os alunos terão aulas no Ginásio. Informa, ainda, que foi colocada uma pessoa num horário de apenas 4 horas e existem três horários não nominativos, relativos a professores novos.

Neste ponto o PCP refere a situação precária de funcionamento de E.Musical face às obras.

A responsável pelos horários que estava com a palavra, retoma-a para dizer que este ano há uma mais correcta distribuição dos espaços de E.Física pelo que todas as turmas irão ter aulas no "Ginásio" [*aqui ninguém refere que tal se poderá ficar a dever à diminuição significativa no numero de turmas*]

O PCP passa a palavra à del. de E.Tecnológica para que esta refira as indicações relativas aos horários do 3º ciclo. Esta informa que há dois horários para mini-concurso, no âmbito do 3º ciclo.

Intervalo para café). [11.50]

## 2ª PARTE DA REUNIÃO

[12.20] - Reinício dos trabalhos

O PCP informa acerca da situação dos professores da escola:

- 3 professores com redução de componente lectiva.

Destes 1 a 100% (4º grupo), 1 a 75% (4ºB grupo) e 1 a 50% (4ºB grupo)

A Helena e a Júlia já há dois anos consecutivos que usufruem tal situação pelo que aguardam conversão (profissional)

[*Admito que não se trata de nenhum dos casos referidos, mas de 2 outros*]

- 2 professores de horário zero indicados na requisição de 2ª parte do concurso, que concorreram, mas que não foram colocados, sendo a sua colocação possível durante a 2ª fase.

- 2 horários incompletos ([nome de profª - 56] e [nome de profª - 75], respectivamente, E.Tecnológica e E.Musical). Neste ponto indica a decisão de só depois de realizado o "mini-concurso" ser possível dizer, qual a ocupação das restantes horas da componente lectiva, por não ter vindo a autorização dos créditos [*o que não se percebe, uma vez que poderá, em principio, fazer desde já uso de tais horas sobranças*]

1 horário para mini-concurso de 18 h de E.Física.

2 horários de Matemática do 3º ciclo: um de 22 h e outro de 8 h.

1 horário de 12 h de Francês.

1 horário de 8 h de Geografia.

1 horário de 24 h de C.Natureza.

Explicita sempre a razão porque surgiram estas necessidades [tornou-se cansativa esta descrição exaustiva de ordem administrativa]

[12.15]

A CDT refere a necessidade de reformular a "Ficha do Aluno" para o Director de Turma (DT) e distribui um exemplar da que está em uso, por cada um dos conselheiros.

A del. de Ing/2°C faz a sua proposta. Propõe algumas alterações: aumentar o espaço da morada, nº de telefone do Encarregado de Educação.

Neste ponto alguns presentes observam que a maior parte das vezes os alunos não o sabem.

O PCP observa que os actuais boletins de matrícula pedem essa informação.

O del. de E.Visual/3°C propõe que seja retirada a referência a suspensões no ano anterior. "Ano novo, vida nova".

O PCP coloca à consideração, sendo consensual que a referência seja retirada. Pergunta ainda se todos estão de acordo com as outras alterações.

"Quem cala consente" observa o del. de E.Visual/3°C.

O PCP declara aprovada a reformulação.

[12.30]

A del. de Ing/2°C lê o documento relativo ao não cumprimento dos programas cuja elaboração havia sido aprovada na última reunião do CP de 94/95, referindo que "as condicionantes da escola não são, talvez, o mais importante a realçar, mas sim as características dos programas".

O del. de Geo/3°C refere que, por vezes, os programas não são cumpridos por serem extensos e pela especificidade dos alunos, e não só, devendo ser referidos outros aspectos.

O del. de E.Visual/3°C dirigindo-se ao PCP indica que, decerto, tem a ver com o nível sócio-económico de proveniência dos alunos.

O PCP refere que então o problema residirá na definição dos objectivos mínimos de disciplina. Pergunta ainda ao del. de Geo/3°C se pretende acrescentar algo ao documentos.

O del. de Geo/3°C responde afirmativamente. "Papel relevante do nível sócio-económico e consequente falta de pré-requisitos dos alunos, idade, etc."

A del. de Ing/2°C declara a sua discordância, referindo que se trata de uma penalização acrescida, pedindo apoio a outros elementos que constituíram o grupo que redigiu o documento. Aqueles elementos concordaram. Considera que o problema poderá ser solucionado através da revisão dos programas, diminuindo a sua extensão. Há questões nos diferentes programas das diferentes disciplinas que estão perfeitamente desajustados não apenas a nível sócio-económico.



O del. de E.Visual/3°C refere a flexibilidade dos programas.

A del. de Ing/2°C refere a existência de disciplinas cujos programas são flexíveis, como E.Física e Educação Visual, mas que não é o caso de C.Natureza ou História. Esta declaração é acompanhada de manifestações de concordância pelos outros colegas.

*[Neste aspecto foi notória a discriminação disciplinar: a flexibilidade era possível para disciplinas com ênfase no desenvolvimento psicomotor e não o era para aquelas cuja ênfase reside no desenvolvimento cognitivo, como se não se completassem na contribuição para o desenvolvimento integral do aluno]*

Perante tais argumentos o del. de Geo/3°C retira a sua proposta.

A del. de Hist/3°C informa que os novos professores do grupo nunca terminaram os programas.

O PCP decide que o documento de análise crítica dos programas está aprovado.

[12.50]

O PCP passa ao último ponto - 1º dia de aulas.

Refere que no dia seguinte - 13 de Setembro haverá Reunião Geral de Professores (RGP).

O del. de E.Visual/3°C diz que quer fazer um ponto de ordem.

O PCP decide que não há ponto de ordem.

O del. de E.Visual/3°C continua dizendo que "ficava bem os professores antigos oferecerem um chá aos novos professores, com visita guiada às instalações".

O PCP reage de forma negativa a esta proposta e refere que pode servir de ideia a pôr em prática no próximo ano lectivo, dado que já se está muito em cima da data, e não verbas para tal.

O del. de E.Visual/3°C indica que podia ser feito através do Bar.

Alguns presentes defendem que há pouco tempo para organizar.

O PCP decide que fica sem efeito: "Ideias para o ano"

O del. de E.Visual/3°C responde: "está cada vez mais somática esta escola". Faz-se um intervalo na RGP, antes da distribuição dos horários. O chá, o café e os bolos são oferecidos pelos professores".

A del. de Fra/3°C acha que "a proposta não deve ficar no ar" e propõe-se colaborar trazendo um bolo.

A del. de Ing/2°C oferece o café, outros professores oferecem-se para trazer salgados, bolos e bebidas.

O PCP considerou viável a realização do *coktail* e oferece as águas. O PCP agora diz que no final há um *coktail*.

O PCP propõe que no 1º dia de aulas os alunos do 5º ano se dividam em dois turnos e a apresentação se realize das 9h às 11h e da 14h às 16h, fazendo-se a leitura do regulamento, respondem ao questionário e preenchem a ficha do aluno, para o Director de Turma.

Perante a reacção negativa dos professores a este último aspecto do preenchimento da ficha, o PCP propõe que na reunião de Directores de Turma se decida como e quando esta vai ser preenchida.

Todos concordaram desde que não seja feito o preenchimento da ficha, defendendo que tal deve ser feito com o DT.

O PCP decide pela aprovação da proposta e que o tempo restante será ocupado da forma como for decidido com o CDT. O PCP dá por encerrada a reunião. [13.05]

### C) 3ª REUNIÃO - 25 OUT 1995

cp203

25/10/95 - 12h 30m - 14h 45m - Escola B

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO

#### ANTES DA REUNIÃO

[12.20] - Cheguei à escola. O início da reunião estava marcado para as 12.15. Procurei a sala onde a reunião decorria não a tendo conseguido encontrar. Valeu-me na altura a VPCD que encontrei no pátio, junto ao gabinete do CD que também ia participar na reunião, e que igualmente se encontrava atrasada.

#### DURANTE A REUNIÃO

[12.30] - Acompanhado pela referida VPCD entrei na sala onde já se tinha iniciado a reunião. Na altura procedia-se à leitura da acta da reunião anterior *[que julgo ter demorado até cerca das 12.45]*. A leitura foi feita pela del. de Fra/3°C.

Não se verificaram propostas de alteração da redacção proposta. Tal como em reunião anterior não houve qualquer votação, nem sequer referência formal à sua aprovação.

*[Decorre dessa circunstância que se considerou tacitamente a sua aprovação]*

*[Verificou-se a ausência dos del. de E.Visual/3°C e de E.Física/3°C. Posteriormente verifiquei que a VPCD, profª. do grupo de E.Visual - 3º C. se encontrava na reunião em representação daquele grupo]. Não se encontrava presente RAPEE. Do grupo de trabalho estavam presentes todos os elementos]*

Porque cheguei atrasado não sabia a ordem de trabalhos. Entretanto, consegui apurar que a ordem de trabalhos era a seguinte:

1. Informações
2. Definição dos Objectivos Mínimos
3. Interrupção das Actividades Lectivas
4. Marcação de Reuniões de CT (assunto: área-escola)
5. PAA da Escola

De seguida o PCP deu a palavra ao coordenador do Grupo de Trabalho, João Barroso, o qual numa breve intervenção se referiu ao estudo que estávamos a realizar, destacando a realização futura de entrevistas aos membros do CP, para o que pedia desde logo a colaboração dos presentes. Referiu ainda o desejo dos Grupo de Trabalho em devolver ao CP e à escola em geral, alguma da informação já recolhida e trabalhada, em posterior reunião e da forma a combinar. Finalizou agradecendo toda a colaboração prestada pelo CD e pelo CP até ao momento.

[12.45]

Nesta altura chegou o RAPEE.

Entrou-se então na OT com a prestação, pelo PCP, das seguintes informações:

a) Indicação da situação das colocações de professores e do pessoal auxiliar: - falta a colocação de um prof. de C.Físico-Químicas - horário de 17 horas - por ter sido colocado uma prof. que se encontra em licença de parto; - outro prof. colocado, que ainda não se apresentou, da mesma disciplina; - colocação de 3 Auxiliares de Acção Educativa por concurso de escola, conforme autorização superior - da DRELx.

b) Esclarecimento sobre a não realização de obras na escola, no corrente ano lectivo: quanto às novas instalações, referiu que já falou com o responsável da DRELx (Eng. Carneiro da Silva), que o informou de neste ano civil tal não ser possível e que a DRELx já tinha falado com o Vereador da CMLx, tendo este ficado de sensibilizar o restante executivo bem como o Presidente da necessidade das obras; a respeito das obras da escola deu, também, conhecimento de que em Suplemento do DR, constarem as obras da escola, em programa especial.

c) Está em curso um processo disciplinar a um aluno do 5º F, por participação do prof. Carriço do 1º grupo. A DT estava a instruir o processo e que depois o CP teria de se pronunciar.

d) Em face da realização no corrente ano lectivo da prova global de C.Natureza, no 8º ano, foi entregue aos membros do CP uma cópia do Regulamento das Provas Globais, para que procedessem à sua análise no seio dos grupos;

e) Realização de uma Acção de Formação promovida pelo del. de E.Física/2ºC na Universidade Lusófona;

f) O Instituto Superior de Educação e Ciência Almeida Garrett, pretende renovar o protocolo (sobre Formação de Professores) com a Escola, estando prevista a participação da del. de Fran/2ºC e a prof. [nome - 59] (1º G - 2ºC.).

*[Tendo sido o assunto da renovação da assinatura do protocolo de Formação apresentado no ponto sobre as informações, notei que para além de mera informação o PCP desejava obter um "parecer" do CP sobre a continuidade ou não desse protocolo. Entretanto não se tendo verificado mais do que a informação prestada pelo PCP, o assunto terminou com a seguinte referência do PCP: "se não vêem inconveniente eu assino estes papéis...". Daqui ficou suposto ter havido concordância do CP para a renovação do protocolo]*

[12.50]

g) O del. de E.Física/2ºC vai realizar uma Acção de Formação dedicada ao tema "Desportos de Oposição";

h) A SCD esteve presente numa reunião promovida pela CMLx, em que foram exibidos filmes/vídeos produzidos pelas escolas. Aquela entidade vai promover formação a fim de levar para a frente esta actividade de produção deste tipo de materiais pelas escolas. "Que professores se encontram interessados?", pergunta..

i) Chegou à escola, enviado pelo Ministério o Roteiro Escolar - 95/96 (colectânea de orientações e legislação - vol. VII sobre o funcionamento das escolas) que segundo o PCP "tem tudo o que respeita à organização da escola, e que foi das melhores coisas que até agora se fizeram". A referida obra poderia ser consultada na biblioteca da escola.

*[Não pude deixar de reparar nos grandes encómios feitos ao documento, pelo PCP, considerando que a referida obra não é mais do que uma nova versão, graficamente mais cuidada, certamente, do já tradicional LAL. O que pelas palavras do PCP poderia parecer uma grande novidade resume-se apenas a uma nova roupagem de um documento antigo]*

O PCP disse então que as suas informações tinham terminado. Perguntou se alguém tinha também informações a dar.

[12.55]

O RAPEE disse que tinha algumas a dar. No seguimento prestou as seguintes informações:

a) No sábado seguinte (28/19/95) iria realizar-se a Assembleia Geral da Associação com vista à eleição dos novos corpos gerentes para 95/96. Nessa reunião seria apresentado o relatório e contas da Associação para discussão e aprovação.

b) Uma cópia desse relatório seria entregue ao CD para conhecimento da escola.

c) O número de sócios da APEE passou de 64 para 165 neste ano lectivo, o que representa um crescimento de mais de 100%.

d) Mais refere que nos 7 meses de actividade da APEE nenhum pai ou e.educação contactou com a APEE à 3ª feira -18.00 H, horário de funcionamento, para contactos com a APEE.

e) Em face do crescimento verificado torna-se possível, agora, uma maior colaboração entre a APEE e a escola, entre a APEE e os Professores ("...se estes quiserem..."). Não sendo muito grandes as verbas disponíveis (das cotizações dos sócios), no entanto, os professores poderiam contar com o apoio financeiro, nomeadamente para os transportes, no caso das visitas de estudo, por exemplo, da APEE.

*[Relativamente a estas duas informações e o oferta da APEE devo notar que, foi visível algum cepticismo, especialmente por parte da del. de E.Tecnológica/3°C que não conseguiu conter um esgar de desdém quando o RAPEE referiu o aumento do nº de sócios da APEE. Por outro lado verificaram-se alguns sorrisos e conversas em surdina, da parte de um sector, à minha esquerda, os del. de EMRC/2°C, e de Geo/3°C e a del. de E.Tecnológica quando o RAPEE adiantou a título de exemplo uma verba de 5.000\$ como possível contribuição da APEE para ajuda no pagamento de transportes de Visitas de Estudo]*

Após a intervenção do RAPEE, a CDT pediu alguns esclarecimentos sobre a participação dos pais e encarregados de educação. O RAPEE referiu a o baixo nível de participação dos pais, dizendo que apesar das diligências da APEE, mesmo junto dos pais que não eram sócios (sic), era muito difícil fazer vir os pais à escola.

*[O ênfase colocado pelo RAPEE na qualidade de sócio ou não sócio da APEE dos pais e encarregados de educação, e na circunstância de serem contactados pela APEE mesmo os pais que não eram sócios, quando se tratava, por exemplo de assuntos de natureza disciplinar, não deixa de ser curiosa e reveladora]*

Novamente se verificou que durante o período em que os assuntos tratados se centraram nas informações prestadas pelo RAPEE, independentemente dos oradores, fosse o próprio RAPEE fosse algum outro membro do CP, a desconcentração dos presentes, e a desatenção de alguns presentes, nomeadamente na zona onde me encontrava *[grosso modo, os grupos de professores identificados na planta com os números, 18/19/20 e 11/12/13/14]*.

[13.05]

Não havendo mais informações o PCP passou ao 2º ponto da Ordem de Trabalhos - Objectivos Mínimos. O PCP foi dizendo a este propósito que já havia a definição dos objectivos mínimos para cada disciplina do ano anterior, e que portanto importava saber se havia propostas de alterações, elaboradas pelos grupos disciplinares. Depois da ronda feita por todos os grupos, que à sua vez confirmavam ou não a manutenção da definição anterior, o quadro final resumido pelo PCP, em jeito de conclusão e informação para aprovação do CP foi o seguinte:

a) Alterações nos seguintes grupos disciplinares:

E.V.Tecnológica (cuja proposta de alteração já batida à máquina foi entregue no momento ao PCP), E.Musical, E.Física, 4ºB Grupo (C.Físico-Químicas), 8ºA Grupo (Português), 11ºA Grupo (Geografia).

b) Definição de raiz dos objectivos mínimos no caso da E.Tecnológica (3°C), por no ano anterior não ter havido a disciplina.

c) Em todos os restantes grupos os objectivos mínimos mantêm-se.

Durante o processo de consulta aos del. dos grupos sobre o assunto dos objectivos mínimos, gerou-se alguma conversa entre os membros do pedagógico, já que a comunicação na generalidade dos casos era, caso a caso, entre o PCP e o del. que na altura se encontrava a ser interpelado por aquele. Em resultado disso, o PCP, no final, fez um resumo da situação destinado explicitamente à secretária da reunião a del. de E.Musical/2°C "para que conste na acta os objectivos mínimos".

*[Resulta do processo de elaboração e "aprovação" dos objectivos mínimos, que o papel do CP enquanto órgão de coordenação e orientação pedagógica da escola foi nulo. Por um lado, porque nenhum dos membros do CP teve conhecimento dos objectivos mínimos que eram propostos pelos diversos grupos disciplinares (e por maioria de razão, dos seus fundamentos - inclusive algumas propostas de alteração nem sequer ainda tinham sido entregues ao PCP. Por outro lado a aprovação formal apenas existe porque passou a constar da acta da reunião que os objectivos se mantinham iguais aos do ano anterior e outros tinham sofrido alterações não havendo qualquer referência substantiva da sua definição e das alterações introduzidas].*

[13h.10]

A del. de C.Natureza/2°C pergunta ao PCP se, no caso de não haver alteração, há necessidade de fazer entrega dos objectivos. O PCP responde que lhe parece que não, sendo acompanhado por grande número de conselheiros.

[13.12]

Passou-se de seguida a outro assunto - Interrupção das Actividades Lectivas.

Numa ronda pelos del. o PCP foi recolhendo as propostas de datas para a interrupção das actividades lectivas. Após 10 m de discussão das alternativas possíveis, propostas e contrapropostas, o PCP concluiu da maior preferência pelos dias 2 e 3 de Novembro de 1995. O segundo dia, 3/11/95 seria compensado no final do ano, já que a interrupção permitida pelo despacho do calendário escolar, apenas podia ser de um dia.

Parece relevante referir que a del. de Ing/2°C - defendeu que o mais importante era a possibilidade de se poderem fazer "pontes" também nos 2º e 3º períodos.

Entretanto, o RAPEE que havia abandonado a sala momentos antes, reentrou e o PCP aproveitou alguns minutos de para informá-lo do que se tinha passado antes, quais os dias que tinham sido propostos para a interrupção da actividades lectivas.

Sem votação, mas também qualquer oposição. foi "aprovado" que a interrupção no primeiro período seria nos dias antes referidos.

[13.20]

De seguida abordou-se a Marcação dos CT.

Nova ronda por todos os del. e recolha das propostas de datas para a realização das reuniões dos CT. Todos os interpelados avançaram com datas. A diversidade de propostas tornou a gestão do assunto por parte do PCP bastante difícil. A realização das reuniões em Outubro é posta, de imediato, de lado pelo PCP, que avança com o dia mais proposto que é 10/11/95. Nova ronda, por entretanto terem surgido algumas dúvidas sobre as propostas apresentadas.

[13.30]

Neste momento começa a verificar-se muito barulho no exterior, mas junto à sala onde decorria a reunião. Alunos discutindo entre si, em voz muito alta, que perturbava o andamento da reunião.

A del. de E.Tecnológica levanta-se e vai lá fora saber o que se passa, procurando por cobro à discussão entre os alunos. Regressa sem resultados aparentes.

O debate sobre a data para as reuniões continua, e noto que alguns presentes se ressentem do barulho que vem de fora. O PCP continua, sem dar qualquer importância à incomodidade resultante daquele barulho. Os que se encontram no lado oposto à cabeceira (esta junto à porta) da reunião sentem alguma dificuldade em acompanhar o que se vai dizendo.

[13.35]

O RAPEE que se encontra junto ao PCP levanta-se e sai da sala na intenção de resolver o problema do barulho que vem de fora. Esta nova diligência para que os alunos deixem de discutir, incomodando a reunião, é também votada ao fracasso.

Entretanto o PCP anuncia a data de 13 de Novembro para a realização das reuniões que aparentemente não gera qualquer discussão. Consensualmente aceite a data, o PCP indica depois a duração prevista das reuniões (1 hora).

Alguns conselheiros pedem a indicação da Ordem de Trabalhos para estas reuniões ao que o PCP responde que é essencialmente a Área - Escola e que haverá reuniões durante todo o dia.

[13.40]

Aumenta de intensidade o barulho que vem de fora. O RAPEE pela segunda vez sai da sala e vai avisar os alunos. Regressa, mas o barulho não diminuiu. O PCP continua a falar, agora já no âmbito do ponto da Ordem de Trabalhos dedicado ao PAE. A título de introdução referiu o facto de a questão dos horários zero estarem praticamente resolvidos, e que estava a pensar abrir uma Sala de Estudo, utilizando algum crédito de horas (de APA), pois a Sala de Estudo funcionaria como complemento às aulas de apoio.

[13.41]

O barulho no exterior aumenta significativamente, dificultando o funcionamento da reunião. O PCP, no entanto, continua na mesma altura e tom de voz, como se fosse surdo àquele ruído.

Continuou a falar sobre a Sala de Estudo e às aulas de apoio, referindo o facto de haver pais que desejavam que apenas no 2º período os seus educandos tivessem aulas de apoio. Diz que há encarregados de educação que não autorizaram os educandos a frequentar aulas de apoio desde já... e que referiram que no 2º período "logo se via". Relativamente à Sala de Estudo, as aulas dessa sala seriam ocupadas por professores com horários incompletos. A finalizar solicitou o apoio e colaboração dos colegas para a implementação e funcionamento das referidas aulas (da Sala de Estudo (sic)), terminando com "... se não há oposição é aprovado."

De seguida o PCP referiu-se ao projecto ECO, o qual se encontrava já a funcionar, ao Desporto Escolar e à Ludoteca (que vai funcionar todos os dias da semana).

Após estas considerações iniciais, o PCP iniciou a ronda de interpelações aos del., um a um, sobre as respectivas propostas de actividades a integrar o PAA.

[13.43]

Continua a verificar-se o barulho no exterior.

*[O processo seguido foi o seguinte: por ordem da numeração dos grupos disciplinares, o PCP solicitava individualmente os del. a apresentarem as suas propostas. Nalguns casos tratavam-se de ideias pessoais, noutros casos eram propostas construídas no seio dos grupos disciplinares, que previamente tinham tratado do assunto em reunião]*

A del. de His/2ºC propõe o desenvolvimento de actividades de teatro para alunos e professores e apresenta a proposta de realização de visitas de estudo para os professores subordinadas ao tema Conhecer Lisboa. Quem quisesse ir pagava e de acordo com a receptividade logo se veria que outras actividades... A questão que colocava à consideração era a de ser permitido que os professores beneficiassem das licenças destinadas à formação. Esta questão era directamente colocada ao PCP, que no entanto não deu qualquer resposta ou abertura para esse tratamento das faltas.

[13.45]

A del. de Port/2ºC refere que não se afasta muito da proposta do grupo anterior.

Nesta altura o PCP pergunta se tem tudo escrito tendo sido respondido afirmativamente.

A del. de Ing/2ºC não apresenta qualquer proposta de actividade. O grupo encontra-se disponível para apoiar as actividades propostas por outros grupos. Sobre as visitas de estudo, e após interpelação directa do PCP sobre a sua realização no âmbito do grupo, esta del. disse não haver qualquer programação, e que portanto elas se iriam realizar ao "sabor da corrente".

A del. de C.Natureza/2°C integra-se na Semana das Ciências e da Matemática a ter lugar no 3º período.

A del. de E.V.Tecnológica/2°C - Apresentou um documento com um conjunto articulado de actividades propostas, elaborado por um prof. do grupo e com o qual o grupo tinha concordado. Foi entregue uma cópia a cada um dos membros do CP.

[13.50]

Pela primeira vez, o barulho no exterior, agora ainda mais alto, conseguiu desviar a atenção do PCP para o que passava dentro da sala. Olhou para a porta, mas nada... continuou sentado imperturbável, enquanto uma prof.<sup>a</sup> se levantou e foi fechar a porta. Alguns momentos depois entrou o del. de E.Física/2°C que se tinha ausentado durante alguns minutos.

Retomando a atenção pelo que se passava na reunião o PCP questionou a apresentação do programa de actividades do 5º grupo, perguntando "...e esses senhores vêm cá de borla?" referindo aos convidados para proferirem conferências e palestras, nomeadamente, Vitorino de Almeida, Carlos Queiroz, Daniel Sampaio.

A del. de E.V.Tecnológica/2°C *[denotando certo embaraço]* refere o seu desconhecimento, tanto mais que se encontra apenas no desempenho do papel de porta-voz de uma proposta do grupo disciplinar.

*[Notei que alguns conselheiros se mostraram entusiasmados com o dinamismo que a proposta envolvia sem, contudo, o afirmarem explicitamente]*

Face à resposta neutra da del. de E.V.Tecnológica/2°C o PCP decide que "fica em banho-maria".

Seguiram-se alguns comentários, e também alguns silêncios comprometidos, sobre a natureza arrojada até utópica de um tal programa de actividades.

Durante algum tempo, na circunstância o período de leitura individual do documento entregue na altura, permitiu aos presentes recobramentos do espanto inicial e "digerirem" a proposta. A partir daí começaram os comentários e pedidos de esclarecimento. Espantosamente, chegou a colocar-se a questão de se aquele plano de actividades não poderia ir para a frente só com o grupo proponente.

Esta questão levantada pela del. de Mat/2°C surge numa altura em que se percebe que a adesão de todo o conselho é problemática.

O PCP, que à partida não mostrou a adesão que em princípio tal proposta (quer pelo seu conteúdo, quer pela forma de apresentação) deveria merecer, face à fraca adesão espontânea, tentou ultrapassar o impasse remetendo-a para uma apreciação posterior dos grupos disciplinares.

O del. de del. de EMRC/2°C, entanto, atalhou esta perspectiva, interpelando o conselho para a necessidade de marcação da semana em que tais actividades poderiam realizar-se.

Atendendo a outras actividades (realizadas sob a forma de "semanas") a del. de Mat/2°C levantou a questão de articulação das acções dos diversos grupos.

Após esta última intervenção gerou-se alguma confusão, com muitos del. a falarem ao mesmo tempo, informando das respectivas actividades e "semanas" que pretendiam propor. As conversas entre grupos e os comentários que se generalizaram, então, mais pareciam surgir como pretextos para reduzir as possibilidades de realização do programa proposto do que para uma procura de solução de articulação das diversas actividades.

O próprio PCP nunca se empenhou em coordenar os diversos contributos de forma coerente com vista a resolver os escolhos que alguns presentes iam colocando no caminho da proposta.

A certa altura, o del. de EMRC/2°C elevou a voz o suficiente para ser ouvido pelo PCP, solicitando a palavra pois queria dar a sua opinião sobre o assunto.

O PCP: "...então...menina" dirigindo-se às colegas que continuavam a falar.

Segundo aquele del. de EMRC/2°C o plano é bastante audaz, mas achava que devia ir para a frente. Na sua opinião vários são os problemas que se colocam (relativos à participação dos alunos e dos pais, nessas actividades) e que os elementos do pessoal auxiliar, deveriam também ser contemplados. O problema principal era o número de pessoas que iriam assistir às conferências. Dever-se-ia definir os públicos-alvo das diversas actividades ("não dá para todos, há que ser realistas"). Os alunos têm de ter sempre alguém que os vigie o que lhe parece problemático uma vez que está prevista a participação de Associação de Estudantes e que, também, as entidades convidadas têm de ter garantia de audiência, além de que há que seleccionar, ou encontrar formas de seleccionar, os alunos para a participação prevista naquele plano.

A isto o PCP responde de imediato que é o 5ºA e o 5ºB.

Na sequência destas intervenções as del. de Fran/3°C e de Fran/2°C defendem que a conferência do Daniel Sampaio devia ser destinada aos professores.

A del. de Hist/3°C opina que através dos directores de turma poderia fazer a escolha dos alunos para assistirem às palestras.

A del. de Mat/2°C diz que o problema maior são os colóquios: "que fazem os alunos enquanto os professores estão nos colóquios?". Os ateliers não levantam problemas.

O PCP refere que uma solução poderá ser o faseamento da vinda dos convidados, ou seja não virem tantos convidados conferencistas num espaço de tempo tão curto. Talvez até pensar, num ou dois este ano e nos anos seguintes convidar os outros...

A del. de E.V.Tecnológica/2°C contemporiza e refere que feita a apresentação do projecto no CP o grupo irá pensar melhor sobre o assunto. Chama, no entanto, a atenção para "...depois fica tarde".

O PCP volta a insistir que o projecto "pode ser para vários anos".

O del. de EMRC/2°C coloca a hipótese dos colóquios poderem ser realizados em período pós-laboral.

Esta hipótese gera de imediato reacções por parte da del. de C.Físico-Químicas/3°C e um grande grupo de elementos do CP.

O del. de Geo/3°C em voz baixa, apenas para os colegas que se encontram ao lado, afirma que “é um projecto não exequível” ao que o del. de EMRC/2°C responde “depende...”

[14.10]

Muitas conversas cruzadas. Muitos comentários desgarrados e cujos destinatários em geral são os que se encontram ao lado. O PCP conversa com as del. de E.Musical/2°C e de E.V.Tecnológica/2°C, os restantes vão falando uns com os outros, nalguns casos sobre outros assuntos. A desmobilização relativamente ao assunto principal é total.

A del. de Ing/2°C consegue captar a atenção do PCP e trazê-lo de novo para a reunião quando dirigindo-se-lhe directamente o questiona sobre a marcação da semana: “E para que semana se programa a “semana criativa” (designação proposta para o conjunto de actividades alvo de toda a discussão anterior). Meados do 3º período diz-se. Aparentemente começa a existir algum consenso sobre a realização de, pelo menos algumas, das actividades propostas no plano apresentado.

A del. de Fran/3°C refere que a “semana de francês” que o grupo pretende levar a cabo, poderá ser integrada na “semana criativa”.

A del. de Ing/2°C coloca a questão da interrupção das actividades lectivas, referindo que se o projecto for um projecto de escola, e se se localizar na última semana de aulas (do ano lectivo), já poderia “fechar-se a escola”. Algum assentimento por parte membros do CP.

Aquela del. de Ing/2°C conversa com a CDT. Em resposta a uma afirmação desta última (que não conseguir perceber) consigo registar a seguinte frase da primeira: “Não sei se estou muito motivada para isso”.

O PCP e a del. de E.V.Tecnológica/2°C opinam que o CP parece inclinar-se conferências com o Daniel Sampaio (destinada aos professores e restante pessoal) e com o Carlos Queiroz (para os alunos). Por outro lado realizando-se no final do ano (última semana) o problema do enquadramento dos alunos, enquanto os professores estão na conferência, não se coloca por estes terem actividades ligadas a exposições (nomeadamente da Área-Escola)

A del. de E.Musical/2°C refere que a visita de estudo programada pode entrar na “semana criativa”.

O del. de EMRC/2°C apresenta uma proposta de realização de um acantonamento para os alunos do 6º/7º anos nas serras da Estrela e de Sintra nos dias 27, 28 e 29 de Março de 1996. No último dia de aulas levar os alunos de EMRC à praia, ao Portinho da Arrábida...

Nesta altura o RAPEE levanta o dedo mostrando que quer falar. Durante algum tempo permanece com o dedo no ar. Como o PCP se encontra ao seu lado olhando para a frente, não se apercebe do sinal. Só alguns segundos depois o RAPEE tem oportunidade de falar. Começa por dizer “eu gostava de fazer uma observação” continuando “...eu recordava aquele sonho que referi antes [este antes referia-se ao início da reunião sobre as possibilidades de maior colaboração entre a APEE e os professores], contribuição da APEE para apoiar com 5.000\$/6.000\$ para o transporte das visitas de estudo”. Retomando o del. de EMRC/2°C referiu ainda a proposta de realização de uma “volta salaioia” e um debate sobre toxicod dependência.

[14.20]

Adiantou que tem todas as propostas escritas para depois entregar ao PCP.

Entretanto o PCP, a propósito da última proposta referiu um boa experiência anterior sobre o tema da toxicod dependência.

O RAPEE voltou a pedir a palavra, para, a propósito dessa mesma proposta, informar que traria toda a informação (documentos, nomeadamente) de um colóquio em que iria estar presente, a APEE tinha sido convidada, que se iria realizar no Centro de Estudos Judiciários dedicado à questão da toxicod dependência, no dia 11/11/95.

O del. de Mat/3°C muito sintético diz que o grupo iria fazer este ano o que havia feito o ano passado. Ponto final.

[14.25]

A del. de Fran/2°C disse que ela e a del. de Port/3°C pensavam realizar a semana do Video no 2º período (junto da Páscoa) no sentido de vir a criar uma Videoteca. Nessa semana, os professores poderiam levar os seus alunos a ver os filmes. Para o efeito solicitavam aos professores que arranjassem cópias de filmes que achassem interessantes, no âmbito das respectivas disciplinas.

A del. de C.Físico-Químicas/3°C apresenta uma proposta de realização da “semana da ciência” (entre 28 e 31 de Março de 1996) que incluiria a realização de experiências (com a participação activa dos alunos), sessões de videos sobre Física e Química, debates sobre o SIDA (com a participação de elementos do Projecto VIDA) e a utilização de computadores na mostra de assuntos relacionados com aquelas duas disciplinas. Nessa actividade “Semana da Ciência” participariam as disciplinas de Geografia, C.Natureza e E.Tecnológica.

O del. de Geo/3°C propõe a realização de um concurso “Caça ao Tesouro” - utilização de bússolas - por equipas/turmas, exposição de trabalhos, videos sobre temas de geografia, uma dramatização “O que é a Geografia?”. Todas estas actividades integradas na “semana da ciência”.

A VPCD (em representação do 5º Grupo - 3°C) referiu como proposta daquele grupo os trabalhos de recuperação de espaços e instalações, a qual pode ser integrada no Projecto ECO, como referiu o PCP.

A del. de Port/3°C refere uma visita de estudo - ida ao Teatro (peça de Gil Vicente) e a realização de um concurso de texto.

[14.30]

A del. de Fran/2°C referiu a realização de uma visita de estudo a Alcobaça, exposições sobre trabalhos, dramatizações e concursos sobre textos.

A del. de Fran/3°C acrescentou que essas actividades poderiam integrar-se nas actividades da última semana de aulas.

A del. de Ing/3°C apresentou a proposta de realização do Dia de S. Valentim e uma exposição de trabalhos na última semana de aulas.

Por seu lado a del. de Hist/3°C indicou a participação do grupo na exposição da Área-Escola.

O del. de Geo/3°C acrescentou a proposta de comemoração do dia da Europa (9 de Maio de 96).

A del. de E.Tecnológica referiu a integração na "semana da ciência" de uma actividade relacionada com a reciclagem do papel.

O PCP pediu a todos os colegas que "fizessem um papelito" com todas as propostas de actividades apresentadas durante a reunião, para depois arranjar algumas pessoas para elaborar num documento único o Plano Anual de Actividades da Escola. Posteriormente uma cópia do mesmo seria entregue a todos os grupos.

[14.35]

A desmobilização dos presentes começou a verificar-se, sentido que a reunião tinha terminado.

O PCP teve de pedir silêncio para informar a data de realização do CP seguinte (29/11/95 - 12.15) e indicar o assunto principal dessa reunião: a aprovação dos critérios de avaliação.

Resposta da del. de Ing/2°C "Isso já foi aprovado".

Resposta do PCP de forma abrupta: "Não foi, não senhor!!". Ponto final.

Começam alguns já a levantarem-se, quando o RAPEE pede para falar, porque quer colocar um questão um pouco delicada. Quer fazer uma proposta e um pedido. Diz que se verificam algumas questões relativas à disciplina, às participações disciplinares, de que ele teve conhecimento através de alguns pais. A questão tem a ver com as queixas do pessoal não docente ao CD que são desconhecidas dos DT. Em resultado disso verificam-se mal entendidos entre os DT e os Encarregados de Educação. O pedido que queria fazer era que o processo de tratamento das situações disciplinares fossem sempre encaminhadas para os DT que são os interlocutores privilegiados dos Encarregados de Educação.

O PCP, desta feita não teve qualquer duvida que se encontrava "irritado", retorquiu dizendo que havia que ter cuidado com as fontes onde ele ia colher essas informações, porque todas as queixas era encaminhadas para os DT. Aliás essa questão nem sequer se levantaria se ele tivesse tido o cuidado de falar com o CD, e tudo se teria esclarecido.

O RAPEE ficou sem resposta, e a única saída foi a de pedir desculpa pelo incómodo gerado pela sua intervenção (inclusive "pelo tempo que tinha ocupado aos presentes com tal assunto").

De forma já habitual os presentes abandonaram a sala, sem que tivesse havido da parte do PCP, a declaração explícita que a mesma tinha terminado. [14.45]

## D) 4ª REUNIÃO - 29 NOV 1995

cp204

29/11/95 - 12h 15m - 14h 52m - Escola B

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO

### ANTES DA REUNIÃO

[12.12] - Cheguei à escola cerca das 12h 10m. Chovia. Entrei na escola e dirigi-me para o gabinete do CD. Nessa altura apareceu o João Barroso e encaminhámo-nos os dois à procura da sala onde iria realizar-se a reunião do CP. Encontrámos a sala já preparada como consta da planta em anexo. O retroprojector encontrava-se no centro da sala, virado para a parede oposta àquela em que viria a ficar a cabeceira da reunião. A porta de entrada da sala situava-se junto do vértice oposto àquele próximo do PCP, portanto próximo do lugar onde eu me encontrava sentado.

Esperámos alguns minutos, os membros do CP foram entrando aos poucos e cerca das 12.26, o PCP deu início à reunião.

### DURANTE A REUNIÃO

[12.25.] - A leitura foi feita pela del. de E.Musical/2°C. Após a leitura, que terminou cerca das 12.34, o PCP referiu alguns correcções que deveriam ser feitas à redacção da acta, coisas de pormenor, nomeadamente a situação da interrupção das actividades lectivas do dia 3 de Novembro de 1995 dever ser compensada no final do ano lectivo. Por seu lado a VPCD referiu que uma correcção a fazer dizia respeito à ao "voluntariado" que respeitava aos alunos e não aos professores.

*[não consegui registar a que assunto dizia respeito esta correcção]*

[12.33]

Após estas intervenções, e não tendo havido qualquer oposição, o PCP deu seguimento aos trabalhos, de forma que tal como em reuniões anteriores não houve qualquer votação, nem sequer referência formal à sua aprovação *[decorre dessa circunstância que se considerou tacitamente a sua aprovação]*

*[Verificou-se a ausência dos del. de E. Visual/3°C, de E. Física/3°C, de Port/2°C, de EMRC/2°C, de Hist/2°C e de E. Física/2°C. Não se encontrava presente o RAPEE. Do grupo de trabalho estavam presentes todos os elementos (Cf. Anexo I)]*

Segundo me apercebi, a Ordem de Trabalhos seria constituída por apenas três pontos:

1. Informações
2. Provas Globais
3. Critérios de Avaliação

O PCP esclareceu que tal como se encontrava combinado e era do conhecimento de todos, a equipa de trabalho que se encontrava a realizar um estudo sobre a escola, iria de seguida apresentar alguns dados sobre o mesmo estudo. Passou a palavra então ao Coordenador do Grupo de Trabalho, João Barroso. Este referiu-se à natureza do estudo, inventariou os passos e os aspectos em estudo, já abordados. Nomeadamente a recolha de dados relativos a 94/95, sobre a Caracterização dos Equipamentos e Instalações, do Pessoal Docente e Não Docente, dos Alunos. Referiu, ainda a recolha e análise de dados relativos ao rendimento escolar dos alunos e aos processos de gestão, obtidos a partir do CD e da observação das reuniões do CP. Após esta primeira fase que respeitava a dados que permitiam uma “visão de fora”, mais objectiva, o grupo iria centrar a sua actividade em recolher as perspectivas de professores, alunos e encarregados de educação, para a obtenção daquilo que designou por “visão de dentro”. Nesse sentido seriam realizadas entrevistas aos professores, um inquérito a uma amostra representativa dos alunos e respectivos encarregados de educação.

Numa óptica de devolução do produto já realizado, a apresentação de algumas informações, correspondia a uma oportunidade de a própria escola, representada pelo seu CP, poder vir a utilizar esses dados para a definição das suas próprias estratégias de intervenção da forma que melhor lhe aprouvesse. Por outro lado realçou muito enfaticamente que os dados ora disponíveis e a ser apresentados, nada tinham a ver com uma avaliação. Não era de resto essa a função do Estudo, nem nunca poderia ser, por um lado porque, a noção de avaliação implica a existência de um padrão, coisa que manifestamente não existe, dada a especificidade das escolas em geral e daquela em particular, e em segundo lugar porque considerava que a fazer uma apreciação ela teria de ser feita pelos próprios que vivem na escola, e a conhecem em profundidade.

Disse ainda que os dados a apresentar reportavam-se apenas aos Alunos, e seriam apresentados em três aspectos: Caracterização da População Escolar, Resultados e Rendimento Escolar e, finalmente, o estudo de uma coorte de alunos, entrados na escola no 5º ano em 1990/91. Procedeu-se à entrega a todos os presentes de um documento sobre os dados que iriam ser apresentados.

[12.46]

A Elizabete Filipe inicia a exposição de primeira parte, apresentando uma leitura dos quadros 2, 3 e 4 (matrículas, médias das idades e repetências por ano de escolaridade e por sexo). Pelo meio o João Barroso foi fazendo alguns comentários, complementando os da Elizabete Filipe. Do local onde me encontrava, dediquei mais a minha atenção a observar as reacções dos presentes do que a seguir a apresentação da Elizabete Filipe. Notei grande atenção do grupo que se encontrava à minha direita e na cabeceira da reunião. A Elizabete Filipe referiu-se ainda ao parentesco dos encarregados de educação e os alunos, bem como à categorização profissional dos pais dos alunos. A este propósito o João Barroso referiu a dificuldade da recolha de elementos, a partir das fichas do dossier do DT, referindo que não valeria a pena recolher informação se à partida ela não era suficientemente fiável. Isto é todo o esforço e trabalho de preenchimento de fichas, seria infrutífero se essa informação não fosse minimamente pertinente para a caracterização da população escolar. Os instrumentos de recolha de informação deveriam ser adequados ao fim em vista. No caso da indicação da profissão, disse, notou-se essa dificuldade.

A del. de Ing/2°C disse que esse problema era difícil de resolver porque se verificava que alguns alunos, não sabiam a profissão dos pais, alguns até nem conheciam os pais (sic). O João Barroso disse que, no entanto, mesmo havendo esse problema, o que se tratava ali era de conseguir uma recolha mais completa e precisa dos dados, senão não valeria a pena esse trabalho, recolher dados só por recolher não fazia qualquer sentido.

[12.58]

O RAPEE abandonou a sala.

Aqui e ali, alguns presentes trocavam comentários com os colegas do lado, a propósito dos quadros que iam vendo no documento que havia sido entregue, e que a Elizabete Filipe ia comentando.

[12.59]

O Miguel Costa inicia a apresentação dos resultados escolares, começando por comentar o quadro 6 (taxas de retenção global, por ciclos e anos de escolaridade), abordando depois o quadro 7 (% de níveis inferiores a 3, por disciplinas e anos de escolaridade).

[13.20]

Iniciei a minha intervenção em termos da explicação dos quadros relativos ao estudo da coorte de alunos entrados em 1990/91 no 5º ano de escolaridade. O Prof. João Barroso esclareceu entretanto o significado do estudo de coorte, referindo que aquela se tratava de uma coorte real, em que o percurso dos alunos ao longo do período foi feito individualmente. Em seguida salientei, nomeadamente o número de alunos que ao longo dos 5 anos se manti-



veram na escola, o número de alunos que ao longo do período foram sempre transitando de nível, a relação entre o número de alunos formados e o número de alunos entrados (246). De seguida, de forma sintética, fiz uma referência idêntica para a coorte de rapazes e para a coorte de raparigas, chamando a atenção para as diferenças significativas entre as duas coortes. A finalizar esclareci o significado dos índices constantes nos quadros, em termos da taxa de eficácia do subsistema escola.

[13.27]

Após o termo da apresentação, o João Barroso, tal como já tinha informado, teve de abandonar a reunião, não sem antes ter novamente referido que os dados ora apresentados não deviam ser entendidos numa perspectiva avaliativa, por parte do grupo de trabalho, mas que poderiam ser um instrumento útil para o CP utilizar como bem entendesse.

[13.30]

Como reflexo da apresentação dos dados pelo Grupo de Trabalho, houve uma reacção por vezes tímida, por vezes muito reactiva, outras vezes ainda, desculpabilizante. O número de intervenções foi bastante reduzido se atender ao tempo que decorreu até se iniciar a abordagem dos outros assuntos previstos para a reunião (cerca das 13.50).

Os comentários, algo timidamente, iam sendo feitos em pequenos grupos, e entre colegas próximos. De vez em quando os comentários interpelavam de forma mais ou menos indirecta os membros do Grupo de Trabalho. Alguns esclarecimentos muito breves e objectivos a propósito dos dados apresentados foram prestados quer pela Elizabete Filipe e pelo Miguel Costa, sem no entanto entrarem em discussão de pontos de vista sobre explicações dos resultados dos alunos ou da escola. Talvez por isso mesmo, a generalidade dos comentários feitos em voz alta para todo o CP, soou bastante a um discurso auto-justificativo, já que os membros do Grupo se furtou ao papel de ouvir justificações para aqueles resultados.

O PCP, por exemplo foi dizendo que em parte era preciso ver que a escola recebia alunos que, pela zona de residência deveriam estar noutras escolas.

A del. de Ing/2°C acrescentou, dirigindo-se explicitamente a mim (já que a Elizabete Filipe e o Miguel Costa se encontravam fora do seu campo de visão directa), que era preciso ver também que na maior parte dos casos, os alunos quando entravam no 5º ano, na escola, não sabiam estar dentro de uma sala de aula. Esta intervenção, constituiu, a derradeira tábua de salvação, dos “defensores” da escola. De imediato choveram observações sobre a falta de preparação dos alunos quando vinham da primária: que não sabiam estar atentos e quietos; que nem sequer sabiam estar e comportar-se dentro de uma sala, desconheciam regras mínimas de boa educação, etc. etc. Vários testemunhos pessoais foram sendo debitados pelos presentes. Mas não apenas o nível de ensino anterior foi referido, também a condição social dos alunos e a influência das condições de vida das famílias foi convocada para minorar a “culpa” própria da escola. A defesa destas teses foi apresentada na sua forma mais elaborada pela del. de Ing/2°C ao argumentar, questionando directamente os membros do grupo de trabalho, o seguinte: *[sem serem exactamente estas as palavras utilizadas, o sentido do discurso foi o que a seguir se reproduz]* vocês que andam a fazer esses estudos deveriam talvez procurar estudar não apenas o percurso dos alunos a partir do 5º ano de escolaridade, mas fazer o mesmo estudo a partir logo do início da escolaridade, pois só assim se poderia explicar as razões dos resultados, e o estudo teria mais valor; não quero dizer que o estudo que estão a fazer não tenha valor, mas acho que d outra maneira seria menos parcial. Novamente vários comentários apoiando esta perspectiva.

O tempo ia correndo, e não havia maneira de abandonar o assunto.

Por um lado o PCP parecia estar com uma “digestão” difícil da informação prestada, não sabendo muito bem se devia ou não dar por findo o assunto e passar ao ponto seguinte da Ordem de Trabalhos.

Por outro lado os restantes membros, sentiam que ainda não tinha sido dito tudo o que havia para dizer porque, apesar de irem dizendo que era de esperar que os resultados não fossem muito animadores, os resultados apresentados, nomeadamente os relativos ao estudo da coorte, ultrapassava em muito, pela negativa, as piores expectativas.

Em face daquele impasse, decidi-me a fazer uma intervenção tentando explicar, na linha do tinha sido dito pelo João Barroso, que mais do que pensar em procurar culpas ou desculpas, reais ou imaginárias, os dados ora fornecidos poderiam ser uma base de trabalho do CP.

Nesse sentido procurei desmontar o raciocínio de culpabilização em cadeia utilizado pela del. de Ing/2°C na sua intervenção. Concerteza que os estudos longitudinais de maior amplitude (contemplando todo o percurso escolar) são importantes. No entanto, e essa era a perspectiva que tinha presidido à devolução daqueles dados ao CP, o que se encontrava ali em causa não era um juízo avaliativo da escola, mas antes o fornecer um conjunto de informações caracterizadoras de uma dada realidade, que a escola poderia utilizar como bem entendesse. Por outro lado, e ainda naquela perspectiva, as escolas tem de trabalhar com os alunos e com os recursos humanos e materiais que têm em concreto e em determinado momento, e não podem ficar paradas a pensar que a situação seria mais fácil se os níveis de ensino anteriores, as famílias e a sociedade fossem melhores. Dentro daquilo que lhes é possível e está ao seu alcance fazer, a escola-organização poderá construir as suas próprias estratégias de solução dos problemas. Ora para isso, torna-se necessário um conhecimento da situação, tão exaustivo quanto possível. A informação prestada pelo Grupo de Trabalho pretendia, apenas ser uma modesto contributo para esse melhor conhecimento, e não mais do que isso.

[13.51]

Se aquilo que disse acalmou ou não as preocupações auto-justificativas dos membros do CP, não sei. Certo é que o PCP aproveitou a oportunidade para, imediatamente, após a minha intervenção passar ao ponto seguinte da Ordem de Trabalhos.

O PCP presta então as seguintes informações:

a) Encontravam colocados todos os professores. Tinham-se verificado atrasos na colocação de professores de Matemática e de Físico-Química. Pedido de rescisão do contrato por parte de um prof. de C.Natureza (não indica o nome) e já foi solicitado outro para o substituir... Refere questões que se prendem com os prejuízos para os alunos que têm estado sem prof. - cerca de 3 meses.

b) O PAE se encontrava pronto e entregou um exemplar a cada presente. Relativamente à criação de uma Videoteca e ao Clube de Fotografia, as coisas estavam praticamente em andamento.

[13.59]

c) Apresentação de candidatura ao SIQE do projecto ECOS - do PAA - no entanto, não mencionou quem é o promotor de tal candidatura - o CD ou outro grupo de professores.

d) Processo de eventual candidatura ao PPES - projecto VIVA A ESCOLA, referindo que depende do apoio da profª. operadora do projecto - MS ( da DRELx). Não refere qualquer aspecto de que se reveste o projecto a que a escola se candidata, nem nenhum conselheiro pede qualquer explicação a ele relativa.

e) Videoteca - está em marcha e os grupos de Francês e Inglês contribuíram com bastante material. Nesta altura pede a colaboração de outros professores para o enriquecimento daquele espaço.

f) Funcionamento da Ludoteca na sala 12.

g) Todos os outros núcleos já estão em funcionamento. O Clube de Dactilografia e de Azulejo já iniciaram a sua actividade.

h) O Bufete ia ser alargado, iria ser colocado um exaustor e que de futuro seriam servidas bifanas. Melhoria do fornecimento da refeição ligeira (no Bar) aos alunos carenciados que passaram a beneficiar de um complemento da referida refeição além da sandes, leite e fruta (que não consegui perceber, mas que foi referido). Sobre este ponto solicita às del. de C.Natureza/2°C e de C.Natureza/3°C que tentem desenvolver uma campanha de sensibilização dos alunos para que não estraguem a fruta que é fornecida no Bar (que é de boa qualidade, acrescenta).

i) Área-Escola, está praticamente pronto, para conhecimento, em resultado das reuniões de CT de Novembro - dia 13. Estão a ultimar-se os temas e subtemas e depois será distribuído um panfleto no CP e afixado.

j) Sobre as Acções de Formação Contínua, que, na semana passada, apareceram várias e já foram indicados 5 ou 6 professores (não indicou nomes). Referiu a publicitação de acções de formação, quer do Centro de Formação da Associação de Escolas e de Instituições do Ensino Superior. Notei algumas críticas ao processo de selecção e chamada para a frequência de Acções de Formação dirigidas contra o Centro de Formação da Associação de Escolas. A del. de E.Tecnológica que se encontrava ao meu lado referiu-se ao facto de um dia para o outro as pessoas serem avisadas que iriam frequentar acções de formação. Ora, por vezes isso trazia grandes incómodos por causa da vida familiar e pessoal, questões de horários, etc.

[14:05]

Seguidamente o PCP informou que será preciso criar uma secção para as Provas Globais. Considerando que no corrente ano iria haver provas globais apenas no 8º ano e na disciplina de C.Natureza, era da opinião que deveriam fazer parte daquela secção as del. de Port/3°C e de C.Natureza/3°C. Posteriormente a secção seria alargada quando as provas globais se aplicassem a outras disciplinas. Depois referiu algumas orientações em termos de datas de realização das provas (11 e 15 de Junho), prazos para elaboração das matrizes e divulgação das matrizes, para a entrega das provas, etc.

[14.07]

Chamou a atenção para a necessidade de uma ampla divulgação junto dos encarregados de educação das regras que presidem à realização dessas provas, sua importância, formas de cálculo das classificações finais, etc. A via proposta para essa divulgação seriam os DT.

[14.10]

Passou-se depois ao terceiro ponto da Ordem de Trabalhos - Critérios de Avaliação dos alunos.

O PCP apresentou a proposta de realização das reuniões de avaliação nos dias 18/19 de Dezembro. Por outro lado a 6/12/95 seria realizada uma reunião com os DT [*Conselho de Directores de Turma?*] para a preparação daquelas reuniões de avaliação.

Seguidamente indicou os professores que, em princípio, ficavam dispensados de atribuir classificações dado o número reduzido de aulas, resultante de colocações tardias. Encontravam-se nesse caso os professores de Matemática e Físico-Química que foram colocados tardiamente. Informou que os registos de avaliação aprovados na anterior reunião do CP, estavam a ser ultimados e que seriam entregues, atempadamente, aos Directores de Turma.

A propósito da avaliação a realizar no final do período, disse, vai ser pedido aos professores que estão a dar aulas de apoio, que forneçam informações sobre os alunos em apoio, nomeadamente, dados sobre a assiduidade e a evolução dos resultados, bem como uma indicação dos alunos que devem ou não continuar com as aulas de apoio.

O PCP esclareceu ainda que dada a fraca disponibilidade de professores para as aulas de apoio, a situação não era muito famoso, e a capacidade de resposta da escola era reduzida.

Pela del. de Ing/2°C foi levantada a questão do número mínimo de aulas para a obrigatoriedade de atribuição de classificações. Esta questão foi referida a propósito de algumas dúvidas sobre a oportunidade de uma profª. (?) atribuir classificações, em face da sua assiduidade extremamente irregular (nomeadamente com faltas interpo-

ladas). A mesma del. disse que mesmo tendo elementos suficientes para atribuir uma classificação ela tinha algumas dúvidas sobre a equidade dessa atribuição face aos restantes alunos.

O PCP disse não haver nada definido, já que anterior legislação onde se apontava para 8 semanas como esse mínimo se encontrava revogada pelo actual regime de avaliação.

A CDT questionou, igualmente o CP sobre o que fazer no caso de professores que faltando de forma permanente, mas não em períodos seguidos (por doença neste caso), davam um razoável número de aulas, mas com quebras de ritmo a todo o momento no processo de ensino aprendizagem.

Novamente a del. de Ing/2°C voltou a referir que lhe parecia de justiça muito duvidosa estar a avaliar da mesma forma, e segundo os mesmos critérios alunos com o número de aulas muito diferentes.

O PCP procurando trazer para o debate do assunto outros membros do CP, disse que a questão colocada tinha a sua pertinência e que aquele era o local certo para a sua discussão e resolução. No entanto, a questão era pouco clara à maioria dos membros do CP porque, não obstante o assunto se referir a um caso concreto, os del. que tinham levantado a questão pareciam fazer questão de não colocar abertamente no debate todos os dados do problema. Dessa forma, o debate circunscrevia-se a três ou quatro elementos do CP. Tanto era assim que a del. de Ing/2°C voltou a dizer “até pode haver elementos de avaliação” mas não podia deixar de pôr em dúvida “até que ponto eles são fidedignos e são justos na avaliação relativamente a outros alunos”. Nota-se bem que a questão não era apenas e somente a do número de aulas suficiente para uma atribuição de classificação. No entanto, aquela del. não abria mais o jogo, ficava-se por ali, e dali não saía...

A del. de C.Físico-Químicas/3°C tentando abreviar perguntava porque não se punha à votação.

A del. de Ing/3°C chamou atenção para o facto de poder haver outros casos e que portanto, primeiro que tudo tinha de se decidir sobre se se estabelecia uma regra geral, aplicável a todos os casos, ou apenas se tomava uma decisão para um caso concreto.

Esta intervenção gerou uma grande confusão, que levou o PCP a intervir “Assim não! Assim não!”. Pelas intervenções seguintes percebeu-se a razão da confusão: alguns presentes argumentaram que estabelecer uma regra geral seria perigoso de mais, porque a partir daí ela seria extensiva a todos, e como é sabido os professores são todos diferentes.

Em suma era uma coisa muito complicada, nas palavras da VPCD. Esta chamada de atenção da VPCD para o facto de os professores serem todos diferentes, e nem por isso se colocar em causa a justeza da avaliação inter-turmas, levou a del. de Ing/2°C a dizer que essa questão não se colocava porque de qualquer modo havia critérios e objectivos mínimos a cumprir e que era em função deles que a avaliação se realizava.

[14.30]

A del. de E.Musical/2°C saiu da sala.

A del. de E.Tecnológica defende que sendo 8 semanas mais de metade das aulas do período, se deve atribuir classificações desde que se tenha esse mínimo de aulas, e que no caso deve mínimo não ser atingido, o critério a seguir terá de ser uma aferição com os objectivos mínimos da disciplina.

[14.38]

Saiu da sala o del. de E.Física/2°C.

Talvez por cansaço, talvez por se querer evitar uma tomada de decisão, as conversas e discussões derivavam já para assuntos paralelos, como a referência feita pela del. de Ing/2°C de que os alunos queriam sempre notas mais elevadas (!!!). Outros diziam que os pais reclamavam das classificações atribuídas, etc. etc.

A certa altura, o PCP exclamou (pareceu-me quase um lamento de alguém impotente para resolver o problema) “temos que sair disto! temos que sair disto!”

Imediatamente disse a del. de C.Físico-Químicas/3°C: “Acho bem, pois já são 14.40”.

Esta chamada à hora, pareceu resultar em pleno, pois num ápice, o assunto morreu sem glória, aliás como tinha nascido: a atribuição das classificações ficava ao critério do professor. Duma penada, tinha-se passado do CP e do estabelecimento de uma regra de aplicação geral, para a análise pelo grupo disciplinar e proposta de resolução a apresentar ao CP pelo grupo, caso a caso, para a autonomia total do prof. de resolver conforme o seu discernimento. Não foi colocada a votação nenhuma proposta, e todos pareceram ficar satisfeitos com a solução adoptada.

Pelo menos nenhuma voz se levantou a contrariar a declaração final do PCP: “então fica assim, fica ao critério do prof. se deve ou não atribuir classificação”. Ponto final no assunto.

Faltava ainda aprovar os critérios de avaliação.

O PCP esclareceu que havendo critérios de avaliação já estabelecidos no ano lectivo anterior, apenas esperava informação dos grupos que pensassem fazer alterações. Nesse sentido apurou-se que os grupos com propostas de alteração dos critérios de avaliação eram os seguintes: 8ºA, EM, 11ºB e E.V.Tecnológica (critérios a elaborar pela primeira vez, porque era o primeiro ano que havia a disciplina).

O PCP pediu que as propostas de alteração fossem apresentadas por escrito, para serem acrescentadas ao arquivo onde se encontravam os do ano anterior. Assim se consideraram aprovados os critérios de avaliação.

O PCP levantou-se dando a entender que a reunião tinha terminado. [14.52]

*[Pela primeira vez deve notar-se não houve por parte dos restantes membros uma “antecipação do termo da reunião”, isto é o termo da reunião anunciado pelo acto de se levantar do PCP, apanhou todos ainda sentados. Curiosamente houve alguns que não esconderam o espanto (provavelmente por terem sido apanhados desprevenidos) pela final abrupto da reunião]*

## DEPOIS DA REUNIÃO

Após a reunião tive a oportunidade de comprovar que o que mais havia impressionado alguns dos presentes, e nomeadamente o PCP, tinha sido o facto da baixa taxa de sobrevivência e o reduzido número de alunos (dos 246 iniciais) que tinham acabado o 9º ano com aprovação. O PCP, por exemplo, disse que se em relação à caracterização da população escolar, e aos resultados do ano passado, por que até tinham uma ideia da situação, recordando que o cálculo de taxas de transição e repetência era feito todos os anos, os dados apresentados não constituíam uma verdadeira surpresa, o mesmo não acontecia relativamente ao estudo da coorte. Depois receber assim de chofre aqueles dados era um pouco forte, era preciso algum tempo para analisar e interpretar toda aquela informação.

## E) 5ª REUNIÃO - 31 JAN 1996

cp205

31/01/96 - 12h 15m - 15h 30m - Escola B

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO

### ANTES DA REUNIÃO

[12.15] - Cheguei à escola e dirigi-me à sala do CD, onde se encontrava o PCP, fomos para a sala do Corpo Docente onde já se encontrava a Elisabete Filipe e alguns conselheiros. Dirigimo-nos para a sala da biblioteca onde se iria realizar a reunião.

Quando chegámos, já se encontravam no meio da sala algumas mesas e cadeiras, mas como parecia não serem em quantidade suficiente, o PCP pediu auxílio a um colega para aumentar a mesa.

Esperámos alguns breves instantes enquanto as pessoas se iam dirigindo para o seu lugar à medida que iam entrando na sala.

O PCP chamou a del. de Fran/3°C para a cadeira que estava à sua direita. Alguém disse que eu estava no lugar destinado a outra colega, e logo a seguir se ouviu que os lugares deveriam ser reservados e ter uma placa com o nome sobre a mesa.

### DURANTE A REUNIÃO

[12.25] - Com início previsto para as 12.15 horas, a reunião começou por volta das 12.25 horas, porque alguns professores ainda foram comer e beber alguma coisa, dado que tinham acabado de dar aula.

O PCP, deu início à reunião e disse que quem iria fazer a acta seria o del. de EMRC/2°C, porque faltava o del. de E.Física/2°C, passou de imediato a palavra à del. de Hist/3°C, para efectuar a leitura da acta do CP anterior.

A leitura da acta foi interrompida algumas vezes, quer com alguma conversa perturbadora que se ouvia sempre que algum prof. ia chegando, o del. de E.Física/2°C chegou nessa altura, tendo o PCP se dirigido-se a ele dizendo que era ele a fazer a acta e como tal já não necessária a sua substituição pelo del. de EMRC/2°C.

Após a leitura da acta o PCP colocou à consideração dos conselheiros presentes a sua aprovação (de notar que foi a 1ª vez que foi observado este procedimento), não tendo havido objecções, a mesma foi aprovada.

[12.40]

O PCP deu seguimento à sessão e a acta foi considerada aprovada sem se ter efectuado qualquer votação.

Verificou-se a ausência do del. de Geo/3°C e da do del. de E. Visual/3°C.

A Ordem de Trabalhos, que não chegou a ser referida no início da reunião, nem submetida à consideração dos conselheiros, seria composta por quatro pontos:

1. - Informações
2. - Parecer do CP sobre o Processo Disciplinar ao aluno Helder do 5º E.
3. - Área-Escola
4. PAA

[12.40]

O PCP deu a conhecer aos presentes quer os elementos da equipa de trabalho, que se encontrava a efectuar o estudo sobre a escola, queriam apresentar algumas informações. Fez-me sinal para iniciar a minha intervenção. Dei a conhecer a nossa intenção em realizar um inquérito aos alunos que de forma aleatória foram seleccionados. Dei a conhecer que também teríamos necessidade de agendar as entrevistas com os elementos do CP. Para tal iria passar uma folha onde deveria indicar o nome e dois dias da semana, como 1ª e 2ª opções, para a realização da entrevista. Pedia que colocassem um contacto, para confirmar a data e hora que fosse escolhida. A data provável para o inquérito aos alunos seria o dia 7 de Fevereiro de 1996.

A del. de Port/3°C, disse que os alunos do 9ºA e 9ºB vão em visita de estudo nesse dia e não poderão efectuar o inquérito se forem seleccionados. Indiquei que o fariam em data a combinar o que poderia ser no dia 8 de Fev./96.

A CDT e a del. de Ing/2°C colocaram algumas dúvidas sobre o conteúdo do inquérito aos alunos a que a Elisabete Filipe respondeu prontamente esclarecendo-as.

De seguida a Elisabete passou a informar que os alunos levariam um inquérito para os pais responderem. Surgiram mais alguns pedidos de esclarecimento pela CDT sobre o conteúdo do inquérito aos pais e da entrevista que iríamos efectuar.

Dadas as explicações necessárias aos conselheiros o PCP deu início às informações.

[12.50]

O PCP começou por informar que foram concedidos 643 contos, para o projecto ECOS, a transferir para o orçamento da escola. Disse que, entre o final do ano lectivo e Dezembro, deverá ser enviado um relatório ao IIE.

Informa que foi solicitada ajuda financeira e assistência técnica para o projecto Viva a Escola, mas ainda não veio qualquer resposta.

Sobre as salas de estudo o PCP informa que se aplicariam as normas já estabelecidas em 1994/95. No final do 1º período passou uma folha para os professores indicarem alunos para frequentarem a sala de estudo. Tem 12 alunos e 2 professores, no entanto face à situação da escola não tem sido cumprido o estipulado *[não se entendeu bem a que se referia o PCP, uma vez que não é conhecido o referido regulamento]*.

[12.58]

A VPCD informa que a questão passa pela dificuldade de fazer coincidir as horas disponíveis com as de funcionamento da sala de estudo. Assim só há coincidência em 13 horas por semana. Houve a preocupação de juntar turmas do mesmo ciclo, mas, de qualquer modo, não tem sido possível atender a todos os pedidos. Haverá o acompanhamento de dois professores, sendo um da área de Ciências e outro da de Letras. Como não há professores que cheguem para todos os alunos, a solução será juntar os que forem do mesmo ciclo, mesmo de anos diferentes.

Propõe que em 1ª opção sejam escolhidos os alunos do 2º ciclo e em 2ª opção as horas que não possam ser atribuídas aos alunos do 2º ciclo serão para os alunos do 3º ciclo.

*[Esta proposta não foi submetida a votação, sendo aprovada apenas pela intervenção afirmativa de alguns]*

[13.05]

O PCP afirma que no final deste período, com os indícios das retenções, vão aparecer alguns alunos para frequentar a sala de estudo, mas os professores devem estar atentos aos alunos faltosos, porque estes não vão poder frequentar a sala de estudo.

*[Esta informação subentende uma deliberação, da forma como foi apresentada, pois não deu oportunidade a que os conselheiros se pronunciassem]*

O PCP informa que a del. de C.Físico-Químicas/3ºC está a tomar conta da turma de outra colega de grupo, por esta ter ficado doente e ainda não ter vindo trabalhar este período.

O PCP lê uma proposta da Directora de Turma do 5º F, dando a conhecer que, devido ao clima de indisciplina que se vive naquela turma, três alunos deveriam ser transferidos para uma turma da manhã, para que a perturbação das actividades lectivas possa vir a atenuar-se com esta medida.

[13.13]

A del. de Fran/3ºC grupo opina: “- será que isto não é um ponto de partida para pensarmos no clima de indisciplina que se vive na escola?”. Continua afirmando: “- este ano parece ser pior. Será que não se terão de tomar medidas mais concretas e sermos mais exigentes?”

A del. de C.Natureza/3ºC opina que compreende bem a proposta da DT do 5º F, na medida em que “conhece” as situações por trabalhar na sala ao lado da daquela turma.

O PCP dá a sua opinião, em relação ao assunto em discussão, referindo que, de ano para ano, se verifica que cada vez há menor diferença entre os alunos da manhã e os alunos da tarde.

A del. de E.Musical/2ºC pergunta se os pais têm conhecimento das situações.

[13.15]

O RAPEE entra na sala e interrompe a sessão dirigindo uma justificação do seu atraso para o PCP, sem que antes pedisse licença para interromper os trabalhos.

[13.16]

A del. de Mat/2ºC afirma que esta turma do 5º F é do piorio e a del. de Hist/2ºC confirma esta apreciação, informando que um seu colega de grupo comentou com ela que não sabe como é que as pessoas aguentam, pois a turma é do pior.

[13.20]

O del. de EMRC questiona a assembleia: “- mas os pais sabem disto?”

O PCP e outros colegas respondem em coro que sabem e contam uma ocorrência nas proximidades da escola, em que dois alunos envolvem-se à pancada e quando um deles entra num automóvel para se por em fuga aparece a mãe do outro com uma faca em punho ameaçando-o de morte.

O del. de EMRC/2ºC afirma que talvez fosse bom juntá-los. Estes alunos, na sua opinião, não vão muito longe.

A del. de Hist/2ºC afirma que os alunos do 6º D não estão muito diferentes destes.

*[Enquanto este assunto se tratava, a del. de Hist/2ºC e a de Port/2ºC travaram uma conversa animada fora do que se estava a tratar]*

[13.25]

A del. de Ing/2ºC opina que os professores do 1º ciclo deixam que os alunos nos cheguem perfeitamente incógnitos. Os problemas que trazem aos 9 e 10 anos não nasceram nesta escola. Continua afirmando: “- é crime

pormos uma etiqueta e nós vamos aguentando até ao limite das nossas capacidades. Não nos pagam para termos este trabalho. Vamos começar a mandá-los para casa para que alguém nos pergunte porquê. De outro modo metemos atestado e os pais que venham aturá-los.

Continua aquela conselheira a tecer considerações relativas à mesma questão, referindo que a falta de elementos é prejudicial por dificultar qualquer possibilidade de articulação com elementos da autarquia e do Ministério, nomeadamente, Assistente Social, Psicólogo e Médico Escolar. Termina esta intervenção pelas 13:35 horas.

*[Neste momento vira-se ligeiramente para o RAPEE]*

*[Observa-se aqui que se tratou de assunto discutido por a quase totalidade dos conselheiros. Alguns, decerto melhores conhecedores de situações dão exemplos]*

[13.28]

O RAPEE solicita que na reunião dos Encarregados de Educação com os DT se fizesse uma percentagem dos presentes, através da folha das assinaturas de presenças. Na sua opinião estão a realizar-se mais conselhos disciplinares este ano que no ano passado. Só de uma vez realizaram-se 6 seguidos. Não estou de acordo que se dê atenção aos "bons" e se ponham de fora os que têm mau comportamento. Opina que "na escola o prof. tem uma função de missionário".

Na questão dos castigos propõe que, juntamente com a VPCD, todo o aluno com suspensão de mais de 2 dias, no final do castigo tivesse uma conversa com a VPCD e o RAPEE, sobre o seu comportamento. No final dizia-se ao aluno que dentro de um mês fariam com o DT para saber se o seu comportamento havia melhorado.

[13.37]

A del. de Port/2°C opina que esta pode ser uma boa ideia, dado que se trata de um elemento que não sendo prof. os alunos sabem que está em contacto com os pais. Comentário: o grande problema é que os pais destes alunos nunca aparecem na escola.

[13.40]

A del. de E.Tecnológica opina que não sabe se esta medida resultará, pois não está a ver o respeito dos alunos suspensos pela APEE. Quando o aluno questiona o prof. sobre o seu comportamento na aula, é muito difícil que esta estratégia resulte. Perguntou de seguida: "- esta é uma proposta para este aluno ou para todos os alunos?". Resposta de vários conselheiros: "é para todos com mais de 2 dias de suspensão". Opina, não concordando, em princípio, com as propostas do RAPEE, argumentando que qualquer prof. só toma atitudes mais drásticas depois de ter esgotado todo um "discurso, chamadas de atenção, etc.". Continua, referindo que se a proposta fosse de aplicação a casos específicos concordaria, mas à generalidade dos casos, não concorda.

Nesta altura interveio a del. de Hist/3°C opinando que se trata de mais uma tentativa de melhorar o comportamento dos alunos.

A del. de E.Musical/2°C pergunta quais as situações em que os processos vão para o ME, a que o PCP responde dando a informação solicitada.

O del. de EMRC/2°C propõe que sejam definidas regras ou critérios de envio de processos para o ME, na medida em que as "suspensões de 8+8+... dias" não são remédio, não se podendo pactuar, pelo prejuízo que causa naqueles que querem fazer algo. Diz que "isto é um problema pedagógico muito sério"

[14.00]

O PCP informa que se trata de situação em que o próprio ME se demite, na medida em que retirou da escola uma equipa de apoio.

O PCP coloca então, à consideração dos conselheiros as propostas da DT do 5°F e do RAPEE.

[13.43]

O RAPEE afirma não pretender ultrapassar os professores com esta medida. Não está muito preparado mas irá procurar fazer o seu melhor com a ajuda da VPCD.

[13.45]

O RAPEE dirigindo-se ao PCP pergunta se não será possível o ME arranjar um Psicólogo para esta escola durante algum tempo?

[13.47]

O PCP responde que isso não tem sido possível até agora, não vale a pena pedir porque não há.

A del. de Ing/2°C afirma que estes alunos não podem continuar na escola mais tempo a perturbar os outros.

O PCP volta de novo a perguntar aos conselheiros: "- o que se faz à proposta da DT do 5°F e à proposta do RAPEE?"

[13.55]

O del. de E.Física/2°C afirma que esta escola não é uma escola normal. A maior parte dos alunos abandona os estudos ao 9º ano. É fora da escola que estes problemas se resolvem, através de melhores condições sociais, de saúde e de trabalho. Opina que as turmas da manhã têm os mesmos problemas. Esta escola é uma escola de risco e o ME tem de saber. Os programas não são preparados para estes alunos. No meu entender a DT do 5°F tem de ter paciência e os alunos ficam na turma onde estão.

[13.58]

A del. de Hist/2°C afirma que é importante dar a conhecer a situação desta escola, para que o ME a considere uma escola de risco. Não vale a pena "colocar o tapete" e esconder o que se está a passar, deve-se é "levantar o

tapete" e dar a conhecer a situação como ela é, e não é desprestígio para os professores nem para ninguém, é a realidade.

A del. de Fran/3°C, refere que, também, é preciso não esquecer o problema das condições físicas de escola.

O RAPEE dirigindo-se a todos os presentes refere, igualmente, a influência das instalações escolares no comportamento dos alunos.

*[Neste instante faz-se um ligeiro barulho de fundo e não se consegue estabelecer o diálogo]*

[14.00]

O PCP levanta a voz e diz: "- Vamos lá pôr os pontos nos ii..."

[14.02]

A del. de Fran/3°C afirma: "- então porque é que os pais não vão para a "Praça Pública".

O PCP informa que o ponto sobre as instalações vem a seguir e já se falará sobre ele.

[14.03]

A del. de Ing/2°C afirma que, quando a Escola [nome de escola - 9] foi inaugurada, os alunos até entravam pelas janelas, logo não é o facto de ser uma escola de tijolo e cimento que vai alterar as coisas. Esta escola tem problemas que aqui não temos. A Junta de Freguesia não funciona e nós é que temos de suportar com estes problemas. Estamos sempre a falar sobre a mesma porcaria e nós aqui é que estamos a suportar com tudo isto. Quantos pais vêm às reuniões? Nenhuns ou quase, responde o RAPEE.

[14.08]

A del. de Hist/3°C afirma que estes alunos não são alunos para irem para casa, pois os problemas deles são de natureza familiar. Há dias um aluno foi-se ao pescoço de uma prof.<sup>a</sup> de História.

[14.09]

O RAPEE diz que o aluno castigado, assinava um texto em como se comprometia a portar bem no futuro.

[14.10]

O PCP volta a referir o problema da turma 5º F, mantém-se como está?

Responde a CDT, acho que sim. Esta resposta foi confirmada por alguns conselheiros e como tal não foi aprovada a proposta da DT do 5º F.

Pergunta de novo o PCP: "como vai ser em relação à proposta da APEE?". Mantém-se esta ideia.

Resposta da CDT, corroborada por outros conselheiros: "acho que sim".

*[Após ter sido aprovada esta proposta, a del. de Ing/2°C, levantou uma questão que não foi, no início, bem aceite pelo RAPEE]*

[14.12]

A del. de Ing/2°C propõe que a intervenção da APEE seria só após consulta ao CT, sobre a vinda obrigatória dos pais escola.

A del. de E.Tecnológica acha que o CT conhece melhor o aluno do que a VPCD e como tal concorda com a del. de Ing/2°C.

A del. de Port/2°C perante algum mal-estar instalado, tenta esclarecer o RAPEE, no sentido de este ser, como o CT e o CD, um interlocutor.

*[O RAPEE só após aquela explicação da del. de Port/2°C se decidiu a aceitar tal proposta, que não tendo sido submetida a votação, foi aceite]*

[14.20]

O PCP continuou as informações

a) dando a conhecer o programa Sócrates, que é financiado pelo FSE, apenas interessando o Capítulo II - Ensino Escolar (COMENTUS) - Parcerias entre escolas básicas ou secundárias. A candidatura é até 1/3/96.

b) Sobre as instalações, que não foram desenvolvidos novos contactos com a DRELx. Vão expor a situação à DRELx, à Junta de Freguesia e à Câmara Municipal de Lisboa.

A del. de E.Tecnológica acha bem o envolvimento da Junta de Freguesia, pois há a intenção de comprar o terreno.

[14.24]

O RAPEE vai oficiar a FERLAP para esta fazer sentir à Sra. Secretária de Estado (Dra. Ana Benavente) a urgência em os receber: a FERLAP não conhece a escola e se não fizer nada avançamos mesmo sozinhos para o ME e para a CMLx.

[14.25]

A del. de Mat/2°C apresentou uma proposta, por sugestão de outros colegas, no sentido de se solicitar uma vistoria às instalações eléctricas, não vá acontecer alguma desgraça provocada por um curto-circuito. Aham que se deve ou não pedir uma fiscalização?

A resposta foi afirmativa, sem que se fizesse qualquer votação.

[14.27]

O PCP informou que houve um dia em que escorria água por todo o lado e o vento parecia que levava o telhado. No meio desta confusão os alunos desligaram as lâmpadas das salas 13 e 14 e ele acabou por apanhar um choque ao tentar ligar uma lâmpada no laboratório.

Informou que a escola está a pensar participar nas Marchas Infantis de Lisboa, para isso é necessária a participação de alguns grupos de professores. Já há quem faça a música. A del. de E.Tecnológica informa que a inscri-

ção, provisória, de escola foi promovida pelo grupo de teatro, e pede a colaboração dos grupos de Língua Portuguesa, E.Musical e E.V.Tecnológica, bem como verificar se o regulamento está aprovado.

[14.36]

A del. de E.Tecnológica informa que o grupo de Teatro esta para colaborar, os alunos até aos 13 anos e os professores que quiserem participar serão bem-vindos.

Informou, ainda, que na última semana de Abril se vai realizar, no Pavilhão Carlos Lopes, o Fórum Experiências na Escola.

Continuando com as informações a mesma del. refere outra iniciativa: Pátio dos Audio-Visuais da CMLx, na sequência do que tem vindo a ser promovida neste campo com as acções de formação em Vídeo.

[14.38]

O PCP informa que no próximo CP, a realizar na última 4ª feira de Fevereiro, podem apresentar sugestões, transportadas das reuniões de Conselho de Grupo a realizar em 14/2/96.

[14.40]

A del. de E.Tecnológica informa que vai haver uma formação em Audio-Visuais, em dois módulos, podendo vir a preparar para o Festival de Vídeo a realizar em Maio.

[14.43]

Passando ao ponto dois da Ordem de Trabalhos, o PCP disse que era necessário dar parecer sobre o processo disciplinar do aluno Helder Oliveira, do 5º F. A proposta do instrutor do processo é: "Exclusão da frequência por um período não superior a um ano" - de acordo com a Portaria 679/77.

O CD propõe a mesma pena ao aluno, concordando com a proposta do Instrutor do Processo.

[14.49]

O RAPEE dá a conhecer o nome de alguns alunos envolvidos em problemas disciplinares e fica admirado de não ver o nome deste aluno. Queria que lhe dessem a conhecer o resultado das averiguações antes de concluído o processo.

O RAPEE deu provas de não conhecer a forma como decorre um processo disciplinar o que fez com que alguns conselheiros não concordassem com a sua intervenção, lançando alguma desconfiança sobre as pessoas envolvidas. Valeu, na circunstância, a intervenção do PCP dando a conhecer a este que o processo decorre desde 10 de Outubro em segredo de justiça, tendo o CP sido informado do seu desenvolvimento.

O RAPEE, volta a questionar a razão porque a APEE desconhecia, de todo, o assunto.

A del. de E.V.Tecnológica/2ºC e a CDT desligaram do assunto e mantinham uma conversa animada.

Entretanto o RAPEE saiu da sala, por algum tempo, o que gerou alguma polémica.

[15.03]

A del. de Hist/3ºC, dirigindo-se a todos os conselheiros (à excepção do RAPEE que, entretanto, saíra para buscar legislação sobre a matéria em apreço), opina no sentido em que considera fundamental que se defina o que é competência da escola, dos professores, uma vez que a desconfiança manifestada pelo RAPEE, os coloca em causa.

[15.04]

O PCP afirma que não se preocupa com essas coisas, devemos dar pouca importância às afirmações do RAPEE.

Solicita aos conselheiros o parecer sobre a pena a aplicar. Conclui que o parecer é favorável sem realizar qualquer votação.

[15.06]

A CDT afirma que o tempo de antena do RAPEE foi muito grande, comparativamente ao dos restantes conselheiros. Este aspecto deve ser tido em atenção, de futuro.

[15.10]

Passando ao terceiro ponto da Ordem de Trabalhos, sobre a Área-Escola, foi distribuído um documento contendo os temas e sub-temas da área-escola. O PCP informou que nas reuniões de conselho de grupo de 14/02/96 deviam fazer o ponto da situação, para ver se era necessário convocar CT, ainda este mês, por causa da área-escola.

[15.12]

Entrou-se no ponto quatro da Ordem de Trabalhos entregando um relatório do balanço das actividades relacionadas com o Projecto ECOS.

O PCP informa que a Ludoteca entra em funcionamento no dia 5/2/96. Os Directores de Turma devem incentivar os alunos a frequentar a Ludoteca. O regulamento será dado a conhecer brevemente.

[15.16]

A del. de E.Tecnológica/Área-Escola, como coordenadora do Projecto informa que o Projecto ECOS foi cumprido em todo o programa no 1º período lectivo. Só o núcleo de teatro não realizou uma visita, mas já se completou neste período. O jornal da escola vai ser impresso pela Junta de Freguesia. Alguns alunos não têm compatibilidade de horário para participar nas actividades. Informou também que o pessoal auxiliar participou no núcleo do ECO-Grafismo. No ECO-bol um antigo aluno vem participar no Basquetebol com os alunos. Entre as necessidades e dificuldades salientou a falta de espaços desportivos e próprios para a realização do jornal de escola. Faltam alguns recursos materiais (material de informática e equipamentos desportivos) e de recursos humanos (pessoal especializado em teatro e para fazer a paginação electrónica do jornal).

De salientar o trabalho da equipa de alunos e o espírito de entreajuda que entre eles existe. Terminou dizendo que apenas falta a participação dos pais. Informa que irão solicitar algum apoio e participação aos pais.



[15.23]

O RAPEE informa que na APEE dos cinco elementos dinamizadores apenas um tem alguma disponibilidade. Pretendia um espaço no jornal para a APEE publicar uma outra notícia. Considerou que afinal ainda há alunos que se dedicam a tarefas dignas de mérito e apenas 2% são perturbadores.

*[Aproveitou para justificar a sua saída, argumentando que fez sinal ao PCP a pedir permissão para sair]*

[15.25]

A coordenadora do projecto informa o RAPEE que o jornal da escola é aberto a toda a comunidade escolar. A APEE pode enviar textos que os alunos seleccionarão para o jornal ou para o jornal de parede. Informou, por último, que no projecto ECOS estão envolvidos 21 professores e estão inscritos 127 alunos.

O PCP deu por encerrada a sessão. [15.30]

## F) 6ª REUNIÃO - 13 MAR 1996

cp206

13/03/96 - 12h 15m - 14h 52m - Escola B

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO

### ANTES DA REUNIÃO

[12:00] - (Entrei na escola eram 12:05. Dirigi-me para o gabinete do CD onde se encontrava o PCP. Com ar bem disposto este foi comentando que não se livrava de mim. A sala encontrava-se em grande desarrumação, com uma disposição de mesas e cadeiras diferentes da habitual. A um comentário meu sobre a mudança, o PCP disse que estavam a fazer algumas obras de forma a conseguir maior espaço e maior privacidade do gabinete em relação aos serviços da secretaria. O PCP, recordando-se do que lhe havia pedido (uma relação dos professores da escola num determinado ano, e o conjunto de horários das turmas de 1995/96) disse não se ter esquecido, mas que já tinha pedido aos serviços que lhe arranjassem esses elementos mas ainda não tinha havido oportunidade.

Aproveitei a oportunidade para auscultar a opinião do PCP sobre a necessidade de informar os membros do CP da natureza da minha participação nas reuniões do CP a partir desta data, dado que, como ele já sabia, a observação por parte do Grupo de Trabalho tinha, no respeitante ao CP, terminado. Isso explicava o facto de apenas eu estar presente nesta reunião, já que me interessava assistir/observar ainda a mais algumas reuniões do CP, para efeitos do meu trabalho de Mestrado. O PCP foi dizendo que, talvez fosse melhor não dizer nada, "eles já estavam habituados à minha presença" e portanto talvez não valesse a pena perder tempo com essas explicações. No entanto, eu que fizesse como achasse melhor. Seu eu quisesse, ele no início da reunião dar-me-ia a palavra para eu fazer aquele esclarecimento. Procurei convence-lo que o melhor seria proceder a esse esclarecimento (de facto quando eu o auscultei era apenas no sentido de introduzir o assunto na conversa para que ele se oferecesse para me dar a palavra no início da reunião, porque nunca considere senão a hipótese de explicar aos membros do CP a minha mudança de estatuto como observador) dadas as implicações de ordem ética investigativa. Até para que não pudessem surgir quaisquer mal-entendidos. Ele acedeu portanto reservar alguns minutos iniciais da reunião para eu explicar a situação.

Como ainda faltavam alguns minutos para o início da reunião, eu disse que ia um bocado até ao Bar. O prof. [nome do PCD] disse que ainda ia a casa comer qualquer coisa e que já aparecia no Bar para depois nos dirigirmos para a sala onde se iria realizar a reunião. No Bar encontrei algumas professoras (elementos do CP) que comiam qualquer coisa, pois tinham acabado de dar aulas e a seguir iam para a reunião do CP. Entretanto apercebi-me de comentários mais ou menos jocosos, mais ou menos humorísticos sobre possíveis nomes de patronos a atribuir à escola. Não percebi a início o que se estava a passar mas, logo de seguida uma delas explicou que na reunião do CP do dia um dos pontos da ordem de trabalhos seria a questão da atribuição de um nome à escola. (Só mais tarde entendi o tom jocoso utilizado pelas professoras. Tratava-se do facto de a questão ter sido suscitada pela APEE (Um dos nomes referidos é o de "Trinitá" (pelo qual se dava a entender que o ambiente de indisciplina, por parte dos alunos estava necessitado de um tratamento por parte dos professores tipo *Far-West*) e uma das professoras chegou a brincar com a situação dizendo que precisava arejar as "pistolas" que tinha guardadas lá em casa (ao mesmo tempo ia fazendo o gesto de tirar rapidamente as pistolas dos coldres imaginários à cintura).

Dirigi-me de seguida para a sala de fumo, onde se encontravam três professores em silêncio à espera do toque de entrada. Entretanto chegou o PCP que começou a "arrebatar" os membros do CP que se encontravam ainda na sala de professores e bar.

Dirigimo-nos para a sala da biblioteca onde iria realizar-se a reunião do CP. Encontravam-se ainda muito poucos professores no local. A sala encontrava-se ainda fechada. O PCP teve de ir buscar a chave para abrir a sala.

[12h 15m]

Entrámos na sala. Esta encontrava-se organizada como em reuniões anteriores (ver planta em anexo). Os conselheiros iam chegando aos poucos. Conversava-se informalmente de forma descontraída. O PCP arranjava o seu lugar bem como o del. de Geo/3°C. Entretanto outros membros iam entrando e verificando que não havia luga-

res disponíveis. O problema resolveu-se sentando alguns deles em frente de outros colegas e de costas para a outra ala da mesa em U.

#### DURANTE A REUNIÃO

[12h 20m] - O PCP dá início a reunião solicitando ao del. de E.Física/2°C para fazer a leitura da acta da reunião anterior (dia 31/01/96). Durante a leitura, houve uma geral e constante falta de atenção por parte dos presentes. Aparentemente apenas o PCP e os del. de Geo/3°C, Mat/2°C, Port/3°C e Hist/3°C prestaram alguma atenção ao que estava a ser lido.

A Ordem de Trabalhos da reunião, que consegui ver, quando a lista de presenças corria pelos presentes, era:

- 1 - Informações
- 2 - PAA
- 3 - Proposta de Denominação do Patrono da Escola
- 4 - Avaliação

Após a leitura da acta (e sem que tivesse havido qualquer discussão, comentário, pedido de alteração e votação) o PCP informou que me iria dar a palavra para a prestação de alguns esclarecimentos.

[Ausentes à reunião: del. de EMRC, EM/2°C e E.Física/3°C]

[12:35]

No uso da palavra procurei explicar que a partir daquela reunião eu iria estar sozinho na observação das reuniões do CP, porque o fazia, agora, não na qualidade de membro do Grupo de Trabalho (que até esse momento tinha estado presente nas reuniões) mas em resultado da investigação que estava a realizar para a dissertação de mestrado, em administração educacional. Indiquei, igualmente o tema em estudo, agradecendo a disponibilidade mostrada pelo prof. [nome do PCD] para ser o objecto de estudo dessa investigação, bem como toda a colaboração que os membros do CP pudessem prestar. Adiantei entretanto que talvez viesse a ter a necessidade de entrevistar alguns (não todos) dos presentes no âmbito desse estudo, pelo que pedia desde logo a compreensão para os futuros e eventuais incómodos.

[12:45]

O PCP começou a prestar as informações:

- a) - Encontra-se em processo a constituição de uma Associação de Estudantes. Realizaram-se já algumas reuniões com o responsável (pela juventude) da Junta de Freguesia.
- b) - Indicações de sobre questões de vacinas dos alunos - situação da vacinação dos alunos.
- c) - Orçamentos - apresentação de dados relativos ao orçamento de receitas próprias (receitas do bufete): o saldo do Orçamento Privativo é de 1.230.000\$00.

[12:55]

O PCP informa sobre a realização de um Conselho de Direcção (não consegui apanhar o dia). Quando prestou esta informação o PCP dirigiu-se a mim, chamando-me a atenção: "- É uma reunião do conselho de direcção, Luís". Explicou entretanto a composição desse conselho, porque pareceu que alguns membros do CP o desconheciam. Disse ainda que essa reunião se destinava a organizar e decidir a afectação das verbas. Segundo disse essa afectação estava pensada nos seguintes termos: 900.000\$00 para despesas correntes e 330.000\$00 para as despesas de capital.

As primeiras destinavam-se a reparações, compra de lâmpadas, reparação de vidros, etc.; As segundas destinam-se à aquisição de algum equipamento, do qual apenas referiu a compra de uma impressora.

Aproveitando o tema em informação a del. de Ing/3°C chama a atenção para o estado deteriorado do chão de uma sala [que não consegui registar] a necessitar de reparação urgente.

[13:05]

Entra o RAPEE. O PCP diz: "- Faz favor de se sentar". O RAPEE bem procura onde, mas não tem lugar, e aparentemente nem sequer uma cadeira vazia se vê. Depois de alguma procura, no que o RAPEE teve de se desencilhar sozinho, ninguém fez qualquer gesto de procurar, sequer com os olhos, onde estava um lugar e uma cadeira, lá conseguiu desencantar uma cadeira junto do del. de E.Física/2°C. Veio sentar-se ao pé de mim.

Após esta interrupção o PCP retoma o assunto das verbas, esclarecendo que todas as verbas entradas na escola, qualquer que seja a sua origem e volume terão de passar pelo Orçamento Privativo.

A del. de E.Tecnológica perguntou se, no caso dos patrocínios para o jornal escolar, eles têm também de entrar no Orçamento Privativo, ao que o PCP respondeu afirmativamente. Acrescentou que a partir de agora era preciso regularizar definitivamente as entradas de dinheiros.

d) - realizou-se no dia 12/03/96 (ontem) uma reunião entre a Junta de Freguesia e as Escolas Básicas, onde se tratou entre outras coisas, da distribuição de verbas disponíveis pela Junta de Freguesia às escolas (50.000\$00 a cada escola). Esclareceu, entretanto, que as ajudas pontuais continuam a verificar-se. Por outro lado foi pedida pela Junta de Freguesia uma informação sobre todos os núcleos a funcionar nas escolas com a indicação do número de alunos envolvidos, e um pequeno relatório sobre as actividades já desenvolvidas.

e) - foi recebido o regulamento para as Marchas Infantis promovidas pela CMLx. O PCP informou, sobre este assunto, que tinha sido resolvido [por quem, não disse] não participar nessa actividades.

f) - situação dos professores: Olga Cunha do 9º grupo continua doente tendo sido já pedida a Junta Médica (foi pedida também substituição).

g) - foi recebida a comunicação da DRELx sobre a aplicação da 5ª pena ao Aluno Helder João Ferreira, suspensão até um ano. A propósito o PCP referiu que tinha sido mais rápido do que pensava.

h) - Instalações - foram enviados ofícios para as seguintes entidades:

\* DRELx, dando conta do estado de degradação em que se encontram as instalações da escola, e solicitando a presença de um engenheiro civil para ver a parte eléctrica;

\* Junta de Freguesia, solicitando colaboração para, junto da CMLx, serem feitas diligências para a cedência de terreno;

\* Secretaria de Estado da Administração Educativa, descrevendo a situação da escola e solicitando a sua intervenção.

i) - Na sequência dessas comunicações, o PCP informou que:

\* a Junta de Freguesia oficiou para o Presidente da CMLx para o Vereador competente.

\* da DRELx foi dito que já tinham contactado a CMLx por causa da cedência do terreno. Tinha havido já parecer favorável do Presidente e do Vereador da CMLx, mas as recentes alterações na composição daquele executivo camarário, o processo tinha de ser novamente iniciado.

j) - a convite da APEE a escola teve a visita no dia 15/02/96 da Presidente da FERLAP para esta Federação se inteirar da situação das instalações da escola. O PCP solicitou ao RAPEE que completasse esta informação. Este explicou a posição da APEE sobre a questão das instalações. Não se querendo substituir aos órgãos da escola, no entanto considerou que a APEE poderá realizar diligências no sentido de pressionar o ME para que o problema seja resolvido. Nesse sentido tinha tomado a iniciativa, com prévia autorização do CD para convidar a FERLAP a visitar a escola, para "in loco" aquele organismo tomar conhecimento da situação e poder pressionar, a nível mais elevado, o ME. Após a visita a Presidente da FERLAP tinha ficado de contactar o ME.

k) - O PCP informou da marcação de uma nova reunião com a Junta de Freguesia no dia 17/4/96. Esclareceu que a reunião anterior tinha sido apenas com os CD's das escolas básicas.

[13:21]

Saiu da sala o del. de E. Visual/3°C

Nesta altura o RAPEE com ar comprometido e hesitante, começou por dizer que se encontrava na dúvida se havia ou não de fazer uma pergunta. Repetiu-se neste discurso, como que pedindo desculpa da pergunta que ia fazer. Finalmente, formulou a pergunta/pedido. Pediu os dados relativos à resposta da DRELx sobre a aplicação da pena disciplinar ao aluno Helder João Ferreira.

De imediato o PCP forneceu os elementos identificativos do ofício que a escola havia recebido, sobre aquele assunto.

[12:25]

O PCP afirmou que não tinha mais informações.

Seguidamente passou-se ao segundo ponto da OT.

A este propósito o PCP referiu-se à necessidade de o torneio de voleibol programado para a última semana de aulas do 2º período ter de ser alterado em virtude de coincidir com uma visita de estudo à Serra da Estrela e da Semana da Ciência. Seria realizado então na terceira semana do 3º período.

De passagem o PCP referiu a data da próxima reunião do CP: 24/04/96.

Dado que 25/4/96 era feriado, veio à baila a questão das interrupções. Recordada a proposta da del. de Ing/2°C, uma proposta global de datas de interrupção, e na qual se contemplava o dia 26/4/96 como interrupção a ser descontada no final do ano lectivo, avançando o seu termo em mais um dia.

Relativamente às visitas de estudo, o PCP informou que foi realizada no dia 6 de Março a visita a Óbidos, estando ainda prevista a visita de estudo à Caravela Boa Esperança, acostada na Doca do Terreiro do Trigo, a realizar no dia 27 de Março.

O PCP referiu ainda a realização da "semana da ciência" na última semana do segundo período. A esse propósito a del. de C.Natureza/3°C distribui pelos presentes o horário de visitas ao laboratório, onde constavam os nomes dos professores que irão acompanhar as diversas turmas intervenientes. Em seguida a mesma delegada expôs de forma sucinta as actividades que se prevêem desenvolver ao longo da referida semana, a saber:

a) Palestra, tendo como orador principal o Dr. Miguel Henriques, biólogo do parque natural da Arrábida e coordenador do museu oceanográfico.

b) Palestra, tendo como oradora principal a Dra Dora Gaspar, bióloga da reserva natural do Estuário do Sado.

c) Observação e discussão de vídeos de cariz científico.

d) Visitas à exposição de trabalhos dos alunos.

e) Realização de experiências laboratoriais.

f) Realização de "Caça ao Tesouro" - Exercícios de orientação.

g) Realização de exercícios de utilização dos computadores.

Os horários das visitas ao laboratório e videoteca irão ser afixados na penúltima semana de aulas do segundo período.

[13.05]

Entra-se no ponto seguinte da OT - Proposta de denominação da escola.

O PCP informou que no dia 22/02/96 foi entregue no CD um ofício da APEE, no qual esta apresentava uma proposta de designação da Escola. Neste ofício dirigido ao CD a APEE propunha que a escola C+S dos [nome de povoação - 13] se passasse a designar por Escola C+S Dra [nome].

Depois disto o PCP convida o RAPEE a falar sobre o assunto.

O RAPEE começou por explicar as razões que levaram a APEE a considerar, nesta altura, oportuna a proposta de alteração do nome da escola. Entre elas, realçou a necessidade de impulsionar a resolução da questão das instalações. Depois apresentou as razões que levaram a APEE a considerar a proposta daquela nome para a escola: por um lado a atribuição justificava-se pelos elevados serviços prestados pela senhora, em prol da juventude e do ensino e por outro lado, porque a atribuição de um tal nome, iria certamente levar a um empenhamento pessoal (da Dra. [nome]) ajudando à resolução do problema das instalações.

Mais adiantou que esta proposta de designação da escola é da exclusiva iniciativa da APEE. Disse ainda que foram enviados ofícios de teor idêntico ao enviado ao CD, à CMLx, ao ME, à Junta de Freguesia dos [nome de povoação - 13], à FERLAP e à própria Dra. [nome]. Desses ofícios foram já recebidas respostas cujas cópias fora entregues ao CD da escola.

*[A medida que o RAPEE ia dando todas aquelas informações, a atenção para o que ia dizendo era quase total. O PCP mantinha-se em silêncio. Os habituais cochichos, conversas à margem, eram inexistentes]*

[13.20]

O RAPEE fez menção de passar a palavra ao PCP. Este, no entanto, diz-lhe para continuar: “- Agora, Sr. [nome do RAPEE], tem aí a resposta do ME, por favor faça a leitura dessa resposta!”, convida o PCP. O RAPEE então faz a leitura em voz alta dessa resposta. Nela o ME esclarece que o processo de atribuição de nome de um patrono às escolas, segue trâmites que passam pelos Órgãos de Direcção da Escola e pelas Autarquias.

[13.25]

O PCP de novo no uso da palavra esclareceu o conselho que perante todos estes factos, respondeu, por escrito à APEE, que, de acordo com a legislação em vigor, a denominação de um estabelecimento de ensino é fixada por despacho do Ministro da Educação, por sua iniciativa ou proposta dos órgãos de direcção da escola ou Câmara Municipal, e que caso a proposta seja apresentada por uma destas entidades, deve ser acompanhada por um parecer da outra.

Nesta informação foi ainda referido que na instrução de um processo desta natureza, o ME deverá obter o parecer das Associações de Pais e que, independentemente do parecer da Câmara Municipal, este é um tipo de questão que deverá ser sempre discutido em CP.

Por isso mesmo, e porque achava que na sua opinião, a mudança do nome da escola, surge como um assunto cuja decisão deverá, antes de mais, ser tomada a nível da própria escola com participação activa dos professores, alunos e pessoal auxiliar, trazia a questão à reunião do CP.

A del. de E.Tecnológica disse que considerava totalmente incorrecto que a APEE tivesse procedido da forma como o fez. Afirmou que na sua opinião, existiu uma certa precipitação da parte da APEE ao contactar o ME, CMLx e demais entidades, antes do assunto ser debatido em CP. Em seu entender, tratou-se de uma ultrapassagem abusiva do CP e dos professores da escola.

Este opinião recolheu largo consenso entre os presentes.

[13.50]

A del. de Hist/3°C de forma algo agreste mostrou irritação pela forma como a APEE tomou a iniciativa e tratou logo de enviar ofícios para todas aquelas entidades, sem cuidar de colocar primeiro a questão às instâncias da escola.

A del. de Port/2°C, na mesma linha de raciocínio considerou inconcebível que se possa colocar, como forma de resolver as coisas, a política do “facto consumado” que era ao fim e ao cabo aquilo que a APEE tinha feito, tinha tentado fazer. “Ora, isso era uma coisa que não se podia admitir”. “A APEE não podia pensar que podia fazer uma coisa daquelas, e ficar serenamente à espera que as pessoas dissessem ‘amém’”.

O del. de E.Visual/3°C, ao mesmo tempo que se referiu à forma pouco correcta como a questão foi iniciada e colocada, opinou que no caso de haver alteração do nome da escola, se pensasse em escolher o de uma figura, da zona onde a escola se encontra implantada e/ou que se tenha destacada no campo da educação e cultura, ma que já não fizesse parte do “mundo dos vivos”, permitindo uma valorização intemporal do seu legado.

[14.00]

A del. de Hist/2°C diz que os nomes a atribuir, em homenagem, são sempre póstumas. Nas escolas e outros equipamentos os nomes são de pessoas já falecidas, inclusive para não levantar susceptibilidade.

“Aliás, eu até tinha problemas, se depois de ser atribuído o nome, a senhoras morresse!” exclama a del. de Ing/2°C.

Por outro lado, alguns dos presentes consideraram de gosto duvidoso atribuir a uma escola com aquelas condições de instalações o nome de qualquer pessoa falecida ou não.

Alguém referiu que ali da zona era um pouco difícil de encontrar alguma figura que estivesse nas condições referidas por pelo del. de E.Visual/3°C.

A del. de Hist/2°C esclareceu que, já em tempos, quando se tinha pensado em atribuir o nome de um patrono à escola, o nome falado tinha sido o de Florbela Espanca. Disse que na altura tinha havido algum consenso sobre isso.

A del. de Ing/2°C acrescentou: "Consenso, consenso... mas apenas das pessoas que eram da escola!"

A del. de Fran/3°C entende que esse assunto deve ser pensado quando a escola tiver novas instalações: "- Já que estamos em vias de ter novas instalações, espera-se mais um pouco e depois com a escola nova, pensa-se em escolher um patrono para a escola".

[14.10]

O RAPEE procura defender-se das críticas e acusações feitas antes, afirmando que em momento nenhum houve o desejo de ultrapassar os órgãos da escola no que se refere ao assunto em questão, admitindo que, talvez, tenha existido uma falha que se traduziu no envio dos ofícios às entidades referidas, esta não representou qualquer desconsideração pela opinião dos professores. Na sua opinião, teve até um efeito positivo de trazer à discussão a questão do nome da escola, que para a APEE é uma questão de grande importância. "Se assim não tivesse sido, o assunto nunca chegaria ser discutido. Desta forma a escola foi como que obrigada a falar sobre o assunto!", finaliza.

*[Não pude eu próprio de pensar que este raciocínio tinha algo de perverso e de desconsideração pelos membros do CP e do CD - Tornava-se assim, a meu ver mais claro que a estratégia da APEE (do RAPEE?) tinha sido a do "facto consumado" como já tinha sido denunciado por um dos presentes]*

A del. de Mat/2°C considera ter havido da parte da APEE alguma precipitação no tratamento deste assunto e que achava que de futuro deveria haver maior preocupação de contenção nas suas propostas e iniciativas, devendo esta Associação subordinar as suas tomadas de posição a uma consulta prévia do CP e do CD. Aliás seria importante atender ao que se encontra regulamentado, evitando-se desta forma mal-entendidos, e ao que se encontra definido em termos das relações e actuação do diversos órgãos representativos da Escola.

A del. de E.Tecnológica voltou a usar da palavra para referir a dificuldade em agora a escola resolver o assunto, porque estavam envolvidas várias entidades, incluída a própria pessoa cujo nome tinha sido avançado pela APEE.

"Bom, a escola não assunto nenhum para resolver, a escola não contactou ninguém, nenhuma dessas entidades foi contactada pela escola. Aliás, nós não recebemos também nenhum ofício do ME, nem de ninguém...!", exclama o PCP.

"A única coisa que sabemos, que o CD tem de fazer é depois desta reunião dar uma resposta oficial à APEE, em função do que aqui for decidido!" concluiu o PCP.

[14.20]

A del. de Ing/2°C disse que tinha uma proposta a apresentar ao CP. Era uma proposta de decisão cujo texto era o seguinte: "Proponho que, para além de considerar que todo o processo foi conduzido de forma não adequada ao funcionamento democrático pelo que sempre lutámos e que sempre adoptámos, seja deixada em suspenso a atribuição de um nome, até a mesma ser reconstruída".

O RAPEE nesta altura encontrava-se já resignado a admitir que o processo tinha sido conduzido de forma inadequada, mas continuava a achar que mesmo assim, tinha tido algumas vantagens. Por outro lado entendia que o termo "democrático" incluído no texto da decisão, era exagerado, porque a APEE nunca tinha querido ultrapassar os professores e os CP. Por isso disse estar triste por o CP ver a atitude da APEE ser rotulada de não democrática, ou de ir contra os processos seguidos na escola.

Na generalidade a proposta vinha ao encontro das opiniões ouvidas, e portanto quando o PCP a colocou à votação, ela foi aprovada por 18 votos a favor e uma abstenção.

*[Na altura encontravam-se ausentes da sala de reuniões 3 membros do CP]*

O PCP a finalizar ainda chamou a atenção do RAPEE para as futuras iniciativas da APEE. Disse, virando-se directamente para o RAPEE ao seu lado, que a culpa de toda a situação era dele próprio porque, quando há tempos ele lhe tinha dito que a APEE estava a pensar abordar o assunto do nome da escola, e que ele, PCP, na altura lhe tinha dito que antes de fazer o que quer que fosse que lhe dissesse por que ele lhe arranjaría a regulamentação e legislação sobre o assunto. "Ora, depois disto, qual não é o meu espanto, aparece-me um coisa assim...", conclui o PCP.

"Então, agora vamos passar ao ponto de Avaliação", diz o PCP.

O RAPEE despede-se e abandona a reunião, aproveitando para pedir desculpa por tudo o que se tinha passado, reforçando de novo a sua "boa-fé" em toda a questão da proposta do nome.

[14.30]

Após a saída do RAPEE, gerou-se alguma confusão na sala, com diversos dos presentes a fazerem comentários, e conversando com os colegas do lado. O tema era o que se tinha passado. De forma um pouco mais solta, os presentes comentavam em termos muito pouco favoráveis ao comportamento da APEE e do RAPEE a propósito da atribuição de um nome à escola.

Só após alguns minutos, que o PCP me pareceu dar deliberadamente para haver alguma descompressão, em vista da tensão acumulada por alguns presentes que não intervieram no debate, é que se retomou o curso normal da reunião.

Relativamente ao 4º ponto da Ordem de Trabalhos o PCP informou que as reuniões de avaliação vão decorrer ao longo da última semana de aulas, em regime de contra-horário de acordo com a votação feita pelos professores. As reuniões de avaliação terão a duração de duas horas dada a necessidade de preenchimento dos planos de

apoio para os alunos que indiciam futura retenção e a convocatória dos respectivos encarregados de educação será feita através de correio normal.

[14.25]

Pela CDT e reforçada pelo PCP foi feito o pedido para os CT terem alguma contenção na elaboração das propostas de alunos para as aulas de apoio e sala de estudo, devendo-se rejeitar todos aqueles que tenham revelado falta de assiduidade.

Por fim, o PCP lembrou que, para além do documento que ficará na posse do Director de Turma, deverão existir mais dois exemplares de cada proposta de retenção para serem entregues, uma no CD e outra ao respectivo e. educação. O PCP levanta-se do seu lugar, dando a entender que a reunião tinha terminado. Os outros elementos levantam-se também. [14.52]

#### DEPOIS DA REUNIÃO

Após termos saído da sala, ainda conversei com alguns dos membros do CP e o tema foi sempre a questão do nome da escola. Todos eles manifestaram a ideia que "desta vez ele passou-se completamente e quem no final fica mal não é a APEE (O que é a APEE?) mas a escola, e os professores!" dizia a del. de Ing/2°C. "Não sei o que lhe deu! Ele pensa que pode fazer as coisas como lhe apetece, o quê...?" dizia o PCP. Às preocupações, manifestadas ela CDT sobre "como ia agora a escola resolver o assunto? Agora, ia parecer que a escola, o CP não tinha concordado com o nome proposto!", respondia o PCP: "Ele que se desengome, ele arranjou o problema, ele que o resolva! A escola não tem nada a ver com o assunto!".

Sai da escola na companhia do PCP. [15.00]

### G) 7ª REUNIÃO - 24 ABR 1996

cp207

24/04/96 - 12h 15m - 14h 45m - Escola B

#### OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO

#### ANTES DA REUNIÃO

[12:10] - Entrei na escola eram 12.10. Como habitualmente encontrava-se na portaria o funcionário. Cumprimentei-o passando por ele, que pareceu reconhecer-me, não me perguntando nada. Ia a dirigir-me para o gabinete do CD, quando fui interpelado por duas funcionárias da secretaria, que me perguntaram quem que queria. Perguntei pelo PCP e elas informaram-me que ele se encontrava no Bar da Sala de Professores. Dirigi-me para lá, com a intenção de tomar um café, enquanto esperava pelo início da reunião. Encontravam-se lá, para além do PCP, três professoras em conversa de ocasião. Após os cumprimentos iniciais, pedi um café. O PCP puxou do dinheiro para pagar as duas bicas, mas verificou que não tinha trocado. Apenas tinha notas altas. Prontifiquei-me a pagar os cafés quase simultaneamente a ele dizer cordialmente que já que ele não tinha trocados para pagar as duas bicas, lá tinha deu de as pagar. Entretanto chegou outra prof., a del. de C.Natureza/3°C e logo o PCP, como era seu hábito "brincou" referindo-se a ela como a sua afilhada.

*[Sistematicamente o PCP tem tal comportamento quando se verifica a presença dessa profª. - em outra oportunidade percebemos que a referida profª. é mesmo afilhada do PCP!]*

[12.15]

Como eu fizesse tenção de me dirigir para a sala onde se iria realizar a reunião do conselho Pedagógico, o PCP disse-me que ainda era cedo, que ainda ia a casa comer qualquer coisa. Em face disso resolvi esperar na sala de professores (zona de fumadores). Nessa sala encontravam-se cinco ou seis professores. Apenas dois conversavam entre si. Os restantes encontravam-se absortos a fumar ou apenas a ver passar o tempo até dar o toque de entrada para a próxima aula. Encontrava-se presente, também, uma senhora que tinha montado, em duas mesas, uma banca de venda de artigos de bijutaria, onde avultavam caixas e recipientes tipo tupware. Chegaram, entretanto três professoras que esperavam também pelo início da reunião do CP. Tendo uma delas referida o atraso que já se estava a verificar, disse-lhes que o PCP ainda tinha ido a casa e que o mais certo era ele, antes de ir apara a sala da reunião, passar pela sala de professores a chamar quem lá estivesse.

[12.20]

Estava a terminar essa conversa quando se ouviu o PCP a entrar no pavilhão a chamar os membros do CP para a reunião. Dirigimo-nos (éramos cerca de 5 pessoas) para o pavilhão da biblioteca, onde se iria realizar a reunião. Junto à porta encontravam-se três outros professores do CP. Entrámos na sala que já se encontrava preparada para a reunião

*[que ao contrário da reunião anterior me pareceu com número de lugares suficientes, cf. anexo].*

Tivemos, ainda de esperar cerca de 10-15 minutos até que um número razoável de conselheiros aparecesse. Um dos presentes, até comentou que a reunião não se realizaria por falta de quorum ("...falta quorum, vamos em-

bora... que ainda não almocei"). Na sequência desta referência ao almoço, a del. de Ing/2°C quis saber se a reunião iria demorar muito, tendo o PCP dito que esperava que não.

#### DURANTE A REUNIÃO

[12.35] - O PCP informa que quem faz a acta da reunião é o del. de Mat/3°C.

Informa igualmente que o RAPEE tinha telefonado a informar que iria chegar mais tarde. Disse que tinha agradecido o obséquio... Esta afirmação propositadamente ambígua fez as delicias dos presentes [o obséquio seria o de ter telefonado... ou de chegar mais tarde?].

Aliás, alguns presentes não deixaram de mostrar algum desapontamento pelo facto de a ausência do RAPEE não ser, simplesmente, a toda a reunião.

Pela lista de registo de presenças posta a circular, consegui saber a Ordem de Trabalhos da Reunião:

1. - Informações
2. - Área-Escola
3. - Provas Globais do 8º ano
4. - Provas de Exame do 9º ano
5. - Avaliação Especializada.

[Ausentes à reunião: del. de E. Visual/3°C, EM/2°C, E. Visual/2°C, VPCD, Mat/2°C]

[12.40]

O del. de Geo/3°C iniciou a leitura da acta da reunião anterior, num ambiente algo contrastante com o que se tinha verificado em reuniões anteriores. Para isso contribui o estilo e dicção do leitor. De tal forma que no final, se verificaram alguns gracejos, por parte dos elementos femininos do conselho gabando a voz e a forma de leitura do del. de Geo/3°C. O PCP, durante a leitura da acta chamou a atenção para algumas correcções sobre as datas de interrupção das actividades lectivas, que haviam sido decididas na reunião de Outubro de 1995.

[12.45]

Por outro lado, o del. de Geo/3°C, durante a leitura da acta, fez um parêntesis para esclarecer que havia retirado da acta a intervenção do RAPEE, tal como este havia solicitado (???).

[12.47]

Acaba a leitura da acta. Não há quaisquer propostas de correcção. O PCP considera a acta aprovada: "...nada havendo a opor está aprovada!"

Seguidamente o PCP dá início ao primeiro ponto da Ordem de Trabalhos. As informações prestadas pelo PCP foram as seguintes:

1) A escola já tem Associação de Estudantes. Foi eleita a lista concorrente que, pelo que me apercebi, era única. Na próxima semana o CD vai dar posse.

*[Estranha esta informação já que a Associação de Estudantes é juridicamente independente dos órgãos directivos da escola. O CD não tem qualquer competência ou autoridade sobre a Associação de Estudantes]*

2) No seguimento de informações já prestadas em reunião anterior, o PCP apresentou o calendário de vacinas em ligação com o Centro de Saúde e no quadro do Programa Nacional de Vacinação. Aplicação da vacina ou doses em atraso, bem como a prova de Tuberculina, aos alunos do 6º ano, no âmbito do Programa Nacional de Vacinação (Tuberculose, Difteria, Tosse Convulsa, Tétano, Poliomielite, Sarampo e Hepatite B). Após contacto com o CD, este enviou uma informação aos encarregados de educação sobre as datas de vacinação: a primeira no dia 17-4-96 e a segunda no dia 17-5-96. A prova de Tuberculina, no dia 28-5-96. O Boletim Individual de Saúde seria entregue no final da campanha, a não ser que o interessado o peça antes.

3) Encontra-se em curso a recolha de todos os Boletins Individuais de Saúde dos alunos do 7º ano (apenas para verificação).

4) III Taça de Educação Rodoviária. Oito alunos dos 8º/9º anos participaram na fase de apuramento, realizando uma prova teórica na escola e uma prova prática no Parque do Alto da Serafina. Foram apurados 4 para afinal, dos quais apenas dois compareceram no passado dia 13. Um desses alunos conseguiu a qualificação para ir à Dinamarca nos dias 3 a 6 de Maio, para participação no concurso europeu sobre prevenção rodoviária

5) Situação de professores - foi homologada a substituição da profª. [nome de profª - 93] pelo prof. [nome de profª - 81]. A colega referida antes foi presente à Junta Médica, aguardando-se decisão competente.

6) Esteve aberto o concurso para candidaturas a Orientadores de Estágio. Não houve candidatos. Entretanto relativamente à abertura de núcleos de estágio, o CP tem de emitir um parecer, ou dar qualquer indicação sobre se a escola propõe ou não a abertura de núcleos de estágio.

O PCP esperou breves momentos por alguma intervenção sobre o assunto. Não tendo havido nenhuma, disse. "Bom, como quem cala consente... não há proposta de abertura de núcleos de estágio..."

7) Há duas candidaturas a equiparação a bolseiro: os professores [nome de prof. - 92] e [nome de prof. - 70]. O PCP informa os presentes que o envio dos processos de candidatura têm de ser acompanhado do parecer do CD e o CP tem de ser ouvido. Se alguém quiser mais alguma informação, ele tem ali os processos, com os currículos e tudo. Novamente não se verificam quaisquer intervenções, e assim sendo o PCP volta a repetir a fórmula: "... quem cala consente - logo são aprovados os pareceres sobre aquelas candidaturas a equiparação a bolseiro".

8) Na última reunião da Rede Escolar da AP5, na passada Sexta Feira, ficou estabelecido as seguintes distribuições de anos e turmas para a escola no ano lectivo de 1996/97: 5º ano - 6 turmas; 6º ano - 7 turmas (total 2º ciclo

- 13 turmas); 7º ano - 10 turmas; 8º ano - 8 turmas e 9º ano - 6 turmas (total 3º ciclo - 24 turmas). No total a escola terá 37 turmas no ano lectivo 96/97. Seguidamente e ainda a propósito o PCP teceu algumas considerações sobre aspectos particulares da organização das turmas (repetências, alunos deficientes, etc.) que podiam implicar alterações pontuais naqueles números apresentados). Poderá haver algumas alterações, nomeadamente no 5º ano, uma vez que os números fornecidos pela Delegação Escolar não são muito fiáveis. No 3º ciclo o número de turmas poderá baixar, após a análise dos alunos retidos e os que se encontram fora da escolaridade obrigatória. Nos sexto, sétimo e oitavo anos terá certamente que haver junções de turmas de Francês com Inglês e de Inglês com E.Tecnológica.

9) Instalações - Como o funcionário que se tem encarregue dos trabalhos de manutenção e reparação das instalações da escola se vai reformar, é natural que no futuro a situação das instalações vá piorar, porque de qualquer modo aquele funcionário sempre ia dando um jeito aos pequenos problemas que iam urgindo (mudar um vidro, reparar uma porta, colocar um remendo, etc.).

O PCP informou que depois da última reunião do CP, o vogal do Pelouro da Educação e Ensino tinha sido recebido pelo assessor do Presidente da Câmara, no dia 20 de Março. Nesse encontro foi acordado que o assessor iria contactar com o Departamento do Património a fim de saber do andamento do processo de disponibilização do terreno, bem como da opinião dos respectivos responsáveis sobre o assunto, pelo que se aguarda resposta do Departamento. A nível da escola, o PCP, esclareceu que foi enviado um ofício à DRELx no passado dia 11 de Abril, pedindo informações sobre o andamento do processo. Voltou-se a fazer referência à degradação das instalações e a tendência para o agravamento em face da aposentação do funcionário que ainda ia fazendo algumas pequenas reparações. Acrescentou que no caso de não haver resposta a esse ofício até ao final deste mês, enviar-se-á novo ofício.

Ainda a propósito deste assunto, e em face de interrogações de alguns presentes sobre a presença do Eng. [nome de político] nesse mesmo dia na escola, o PCP esclareceu que tinha sido uma visita surpresa sem qualquer intervenção da escola. Explicou depois que o Eng. [nome de político] tinha vindo visitar a freguesia e que os responsáveis da Junta para além das coisas boas lhe quiseram mostrar também as coisas más existentes na freguesia, e por essa razão tinham proposto mostrar-lhe aquela escola.

10) Férias - O PCP informou que as férias deviam ser marcadas entre os dias 6 e 18 de Maio. Disse que as faltas dadas por conta das férias podiam ser descontadas nas férias do corrente ano lectivo ou nas do ano seguinte. Disse ainda que a Secretaria estava a fazer o levantamento dos dias de faltas por conta das férias, dadas até ao dia 30 de Abril, para quem pretender descontá-las nas férias deste ano.

Informou ainda que, segundo lhe tinha constado (lido num jornal) o ME estava a pensar estabelecer o período de 9-13 de Setembro para a abertura das aulas do Ensino Básico. Informou ainda que as provas de exame para os alunos do 9º ano retidos, previstas no diploma entretanto publicado deveriam ser realizadas durante a primeira quinzena de Setembro. Por tudo isso estava a prever algumas dificuldades na organização das actividades de preparação e início do ano escolar 96/97.

A del. de Ing/2ºC de imediato se insurgiu contra tal situação, perguntando como seria possível conciliar as duas coisas: iniciar as aulas e ao mesmo tempo realizar os exames do 9º ano. A del. de E.Tecnológica comenta que por este andar o período para a marcação de férias dos professores fica reduzido ao mês de Agosto.

O PCP continua apresentando as datas relativas aos trabalhos de final de ano lectivo:

1/2 de Julho - reuniões de avaliação

3 de Julho - revisão e conferência de pautas

4 de Julho - afixação das pautas

8/9 de Julho - matrículas. Informou de seguida que as férias tinham de ser gozadas entre 17 de Julho a 31 de Agosto. Em face da situação existente o PCP esclareceu que iria procurar reduzir ao mínimo as actividades do período de férias.

[13.05]

Entra na sala o RAPEE. Logo se verifica a intervenção do PCP: - "Oh Sr... sente-se aqui que eu já expliquei...", quando o RAPEE faz menção de justificar ao Conselho as razões da sua chegada fora de horas. O RAPEE procura lugar. Após algumas dificuldades em arranjar um lugar, sentou-se entre o del. E.Física/2ºC e a del. de Hist/3ºC. Entretanto o PCP ocupa alguns minutos dedicando especial atenção ao RAPEE, informando-o do ponto em a reunião se encontrava, nomeadamente o que se tinha passado relativamente às instalações. A del. de Hist/3ºC mostra, por alguns trejeitos faciais, descontentamento por o RAPEE se ter sentado junto de si, e não procura esconder algumas expressões de desaprovação face à atenção "exagerada" dada pelo PCP ao RAPEE.

*[A mim mesmo pareceu-me algo excessiva a atenção dada pelo PCP ao RAPEE, durante alguns minutos, talvez 7/8 minutos, a reunião deixou de ser dirigida, pois o PCP trocava impressões com o RAPEE, se se atender à opinião pouco favorável da generalidade dos membros do conselho relativamente ao RAPEE.]*

O RAPEE informa então que manteve nos últimos dias uma troca de impressões com o assessor do vereador António Abreu que informou que no dia 11 ou 12 de Março haverá um encontro entre o vereador e o presidente da câmara, onde o assunto das instalações/terreno da escola será abordado.

[13.15]

Após esta informação retoma-se a questão anterior.

A del. de Ing/2ºC referiu-se à questão dos horários, chamando a atenção para as dificuldades na sua elaboração dada a exiguidade de tempo, entre o regresso de férias e o início das aulas. O PCP encolhe os ombros e diz que as coisas são assim, nada há a fazer, dentro das possibilidades procurar-se-á cumprir aquele calendário de tra-



balhos de fim de ano escolar, reduzindo ao mínimo todas as actividades não essenciais para o arranque do ano escolar 96/97.

[13.20]

De seguida o PCP referiu a necessidade de, relativamente às actividades da Área-Escola, se estabelecerem bem as actividades previstas no PAA para a última semana de Julho. Mais especificamente, informou que as propostas concretas dessas actividades deveriam ser apresentadas para a reunião do CP do mês de Maio. Para o efeito irá ser distribuído um mapa destinado a fazer o ponto da situação no tocante às actividades já realizadas e ainda a realizar. O PCP continuou dizendo que estando prevista no PAA a exposição de trabalhos na última semana de Junho, os intervenientes vão ser avisados para que a entrega dos trabalhos seja feita até 17 de Junho.

A del. de Fran/3°C referiu que era também na última semana de Junho que se realizaria o "Dia do Francês".

A del. de E.V.Tecnológica/2°C apresentou uma proposta, sugerida pelo prof. [nome - 70], da actuação de um grupo de danças de Timor-Leste.

Numa apreciação sobre as actividades realizadas durante o 2º período, o PCP fez um grande elogio à realização da "Semana da Ciência". Disse que de facto tinha sido um coisa "muito bem feita" em que se notou uma participação forte dos alunos e dos professores, mormente dos das disciplinas de Ciências. As pessoas que se tinham empenhado na realização dessa actividade estavam de parabéns.

O RAPEE emitiu opinião idêntica, referindo que nesse caso concreto, havia ali um exemplo que se podiam fazer coisas muito boas e interessantes na escola. Nesse sentido teceu um louvor ao grupo de ciências. A del. de C.Natureza/3°C referiu que a actividade só foi possível porque se tratou de um trabalho de equipa, entre professores e alunos.

A del. de E.Tecnológica informou o conselho sobre a participação da escola no Fórum de Experiências Educativas, nomeadamente a participação com exposição de trabalhos dos alunos realizados nas aulas de E.V.Tecnológica, E.Visual e no âmbito das actividades da Área-Escola, e a actuação dos alunos do núcleo de Teatro e da Turma do 6ºE. Disse esta del. de E.Tecnológica ser de sublinhar que o público foi muito receptivo, aplaudindo a actuação dos alunos, tendo agradecido pessoalmente no final da sessão e endereçado um novo convite para a actuação na escola secundária [nome de escola - 20].

O PCP referiu que no final do 2º período realizaram-se as visitas de estudo à Serra da Estrela, sendo os acompanhantes o del. de EMRC/2°C, a del. de E.Tecnológica e o prof. [nome - 94], e à Caravela de Boa Esperança com a participação da CDT, e das del. de Ing/2°C, de Port/2°C e de Fran/2°C.

Relativamente à primeira o del. de EMRC/2°C informou que correu "na perfeição". Os alunos portaram-se todos muito bem, num excelente ambiente e camaradagem sadia.

Relativamente à segunda, visita de estudo à Caravela Boa Esperança, a del. de Ing/2°C disse que correu de forma impecável. Os anfitriões até estavam admirados pelo comportamento óptimo dos miúdos, porque segundo disseram, alguém lhes tinha dito que eram miúdos de uma escola que era um aglomerado de barracas, que eram miúdos difíceis. "Até nós, ficámos admiradas, com o comportamento tão cordato e exemplar dos miúdos que foram na visita", acrescentou esta del. de Ing/2°C. As outras acompanhantes corroboraram estas informações.

Relativamente ao Concurso "Caça ao Tesouro" realizado no âmbito da Semana da Ciência, o del. de Geo/3°C disse que tinha corrido muito bem. Verificaram-se alguns problemas, que tiveram a ver com o facto das bússolas não funcionarem, o que levou a que quase ninguém tivesse descoberto o tesouro. (Risos e galhofa de alguns presentes).

A este propósito o del. de Geo/3°C disse ter de haver mais cuidado por parte das pessoas que arrumam as bússolas, pois as deixaram sem a trave de desmagnetização. Como as deixar umas juntas às outras sem qualquer cuidado, os magnetes estragaram-se.

Fora isso o comportamento dos alunos foi impecável.

[13.25]

Em relação aos torneios desportivos realizados no final do 2º período, os del. de E.Física/3°C informou que se cumpriu com êxito o torneio de voleibol organizado pelo núcleo de Desporto Escolar que movimentou muitos alunos que participaram com inusitado interesse e sã camaradagem.

A del. de Hist/3°C disse que tinha um "recado" de alguns pais e encarregados de educação e que dizia respeito à realização e participação dos alunos em actividades desportivas. Os pais que tinham aparecido na reunião com o DT, referiram-se aos prejuízos que resultam para as actividades lectivas do facto das actividades desportivas serem marcadas em tempos de aulas. Pediam que se tivesse mais atenção a esse aspecto.

O del. de E.Física/3°C esclareceu que se tentou minimizar esse problema, mas que em face dos horários das turmas, é muito difícil resolver totalmente esse problema, porque as equipas podem constituir-se (por iniciativa dos alunos) com alunos de várias turmas. De qualquer maneira, não é certo que não tivessem tido atenção para esse problema, quando se elaborou o calendário de jogos.

A del. de Ing/3°C disse que, sem querer pôr em causa o cuidado tido pelos organizadores no controle dessa situação, ela tinha assistido a uma situação que mostra bem que houve alunos que se aproveitaram da situação. Em certa altura estava ela a dar aula, tinha apenas metade da turma dentro da sala, os outros não tinham entrado e estavam fora, no pátio. Quando lhes perguntou o que estavam ali a fazer eles disseram que estavam inscritos nas actividades desportivas, mas havia um atraso no início.

Vários outros professores referiram que os alunos lhes pediam dispensa para poderem ir apoiar as equipas das suas turmas.

Em trono desta questão gerou-se alguma confusão e conversas cruzadas.

O PCP a certa altura atalhou toda essa confusão, dizendo: “- Oh colegas, desculpem, vamos avançar porque eu tenho pressa...!”.

De seguida avançou para a questão da Prova Global de C.Natureza.

Referiu que este ano ia realizar-se a prova global de C.Natureza (disciplina terminal no 8º ano) e que no ano seguinte seriam realizadas também provas globais nas disciplinas do 9º ano. Passou a referir os procedimentos previstos no regulamento, e nomeadamente as competências e atribuições do CP. A este respeito informou que uma das coisas que o CP tem de fazer é aprovar a matriz da prova global. Depois passou a palavra à del. de C.Natureza/3ºC. Esta procedeu à entrega da matriz elaborada pelo grupo e passou à sua explicação.

[13.30]

Após aquelas explicações que não suscitaram quaisquer pedidos de esclarecimento ou apresentação de dúvidas, o PCP passou a informar sobre aspectos de organização da realização da prova

Disse que a matriz seria igualmente publicitada junto dos alunos devendo claramente ser identificados alguns aspectos de maior importância para os alunos e encarregados de educação, como sejam a modalidade de prova, duração, os conteúdos e os pesos de cada conteúdo.

Para além disso referiu, como proposta de organização, que a prova seria realizada no dia 12 de Junho, com início às dez horas da manhã. Como há 121 alunos, serão utilizadas 10, isto é, 12 alunos por sala. Utilizar-se-ão as salas 17 a 25 e a sala 27. Em cada sala ficarão 2 professores vigilantes, que serão destacados entre os que dão aulas no turno da manhã. Excluem-se os professores do 11ºB grupo, que circularão pelas salas para esclarecimento de dúvidas. Nesse dia não haverá aulas para os alunos do 3º ciclo, no turno da manhã, e no turno da tarde haverá aulas para os alunos dos 7º e 9º anos.

No final desta apresentação o PCP perguntou se todos estavam de acordo. Como ninguém se manifestou, ficou subentendido que a proposta era aceite.

Sobre o ponto seguinte da Ordem de Trabalhos - Exames do 9º ano, o PCP referiu que de acordo com a legislação entretanto saída a escola teria de realizar, na primeira quinzena de Setembro, exames do 9º ano, para os alunos que, tendo saído da escolaridade obrigatória não tivessem obtido aprovação. No mesmo diploma encontra-se referido que a escola proporcionaria apoio a esses alunos, após o termo das aulas.

Pelas contas feitas, disse ainda o PCP, havia cerca de 47 alunos que, tendo sido indiciados para a avaliação sumativa extraordinária no 3º período, poderiam vir a necessitar de requer a inscrição nesses exames.

Acrescentou que, através dos DT, deveria ser dada informação aos alunos e encarregados de educação sobre esta legislação.

A del. de Ing/2ºC perguntou, dirigindo-se ao PCP e ao CP em geral, como é que era possível a escola ir dar apoio aos alunos. “Que apoio? Aulas? E quando é que isso ia ser feito?”, perguntou.

O PCP esclareceu que “... isso não sabia, o que sabia é que o CP devia ponderar todas essas questões. Esclareceu que sendo os exames realizados na primeira quinzena de Setembro, as provas teriam de ser entregues antes das pessoas irem de férias. Por isso, os grupos teriam de apresentar na reunião do CP do mês de Julho, as matrizes das provas de exame, para aprovação por este órgão.

A del. de C.Físico-Químicas/3ºC coloca a questão do grande volume de trabalho, no início do ano lectivo, com a realização dos exames e sua correcção, o que iria colidir com as restantes actividades de início do ano lectivo. Como é que o trabalho de férias e o regresso de férias ia ser organizado de forma a haver algum equilíbrio na distribuição de tarefas.

A del. de Fran/3ºC disse que havia três grupos que seriam mais “sacrificados”, Português, Francês e Inglês, porque os alunos apara além das provas escritas tinham obrigatoriamente de fazer a prova oral nessas disciplinas, pois nem sequer havia dispensa nem reprovação na prova escrita.

A del. de Ing/3ºC pergunta-lhe o que é que ela propõe.

A del. de Fran/3ºC diz então, em forma de sugestão, que quem tiver trabalho de orais que fique dispensado dos outros trabalhos de férias.

A del. de Ing/2ºC depois de invectorizar esta forma de organizar as coisas, por parte do ME, comenta que “... isto merece é que se passem todos os alunos!”

O PCP, contemporizador, procura desdramatizar a situação, referindo que segundo soube, já este ano há escolas onde vão ser realizadas provas de aferição (para a escola).

A del. de Fran/3ºC volta a questionar: “Como é que é possível começar as aulas, entre 9 e 12 de Setembro com ao mesmo tempo a realização desses exames.

Gera-se alguma confusão com várias pessoas falando e comentando ao mesmo tempo. Discutindo a utilidade desses exames, argumentação generalizada: “O que é que alunos que durante todo um ano, não tiveram resultados para passar, vão agora fazer, depois de um período de férias, durante duas semanas e de rompanete exames a todas as disciplinas?”

A del. de E.Tecnológica defende que se devia tomar uma posição sobre o assunto: “Acho que devíamos mandar uma ‘notinha’ sobre esta questão para o ME, porque isto não pode ser!”

A del. de Ing/2ºC secunda esta posição: “Sim, claro! Não podemos simplesmente ‘calar e comer’!”.

*[Estas intervenções, não obstante, reflectirem no geral o pensamento e a opinião dos presentes não tiveram eco, em termos práticos, pois nem o PCP lhes deu incentivo ou seguimento, nem as próprias avançaram com propostas concretas]*

O PCP. “- Portanto os Srs. del. já sabem, devem constituir as equipas para a elaboração das provas de exame.

Surge, então, a questão da dispensa de dois dias para a elaboração das provas de exame. O PCP diz que sobre isso não sabe nada e que “... é tudo novidade para mim” Discute-se sobre se essa dispensa se aplica no caso destes exames, porque o despacho não refere nada disso, e por outro lado essa norma consta do despacho de avaliação do ensino secundário, entretanto revogado, pelo novo regime de avaliação entretanto publicado para o ensino secundário. O PCP esclarece que uma coisa tem a certeza: “- No despacho de avaliação do ensino básico e no que estabelece estes exames, não se encontra nada sobre dispensas para fazer as provas de exames!”

A del. de Hist/3°C coloca então a questão: “... e se alguém discorda, no CP, sobre as propostas de matrizes apresentadas, o que acontece?”

Ninguém responde.

“Os testes, as provas de exame vêm ao CP, para serem aprovadas?” pergunta a del. de Ing/2°C. Várias vozes respondem. “Os testes não!”

“Não faltaria, logo no dia seguinte os alunos teriam conhecimento desses dessas provas.” afirma alguém.

Pergunta a del. de C.Físico-Químicas/3°C. “Então o que é que vai ser aprovado na reunião do CP?”, referindo-se mais aquilo que se deveria entender por matriz da prova. Nesta óptica surge a pergunta de uma outra del., a del. de Hist/3°C que afirma dever-se analisar o que deve constar das matrizes. Gera-se alguma discussão desencontrada, entre vários do presentes, sobre o que é ou não uma matriz, para que serve, etc.

O PCP esclarece que “o que a del. de Hist/3°C quer saber é se se define ou não uma estrutura base das matrizes de forma a haver alguma uniformidade na elaboração das matrizes das diversas disciplina. “Sim, eu acho que, para não confundir os alunos e os encarregados de educação deveria haver um mínimo de coerência e uniformidade entre as diversas matrizes de forma a que a sua leitura e interpretação não variasse muito”, esclarece a del. de Hist/3°C.

A CDT é da mesma opinião, diz mesmo que “pode chegar-se a um acordo, entre todos e fazer-se uma grelha para ser utilizada por todos os grupos...”

A del. de Ing/2°C mostra algumas dúvidas se essa será a melhor opção. Se em face das diferenças em termos de disciplinas uma grelha comum para a construção das matrizes não será inviável.

A del. de Hist/3°C continua a achar que deveria haver alguma uniformidade nas matrizes, exactamente pelo facto da especificidade das disciplinas, além do mais “não pode deixar de haver alguma uniformidade, porque os pais podem reclamar se não houver uniformidade nenhuma, se cada grupo fizer à sua maneira.”

“Os pais não reclamam nada, são alunos que não estão na escolaridade obrigatória! Eles sabem lá! Nem vêm ver as matrizes quanto mais reclamar!” exclama a del. de Ing/2°C.

Voltando à questão do que é uma matriz e para que serve, alguém solicita à del. de Hist/2°C que explique então, porque, segundo percebi, ela tinha feito ou estava a fazer um curso sobre avaliação. Esta del. de Hist/2°C procurou então explicar a função de uma matriz de prova de avaliação, referindo-se à organização dos objectivos e das actividades/conteúdos. Referiu-se igualmente a necessidade de equilíbrio na testagem dos diversos objectivos de aprendizagem e na repartição dos conteúdos.

O PCP coloca a questão. “Então, que acham de arranjarmos uma grelha para entregar a todos os grupos?”

A del. de C.Natureza/3°C, apresenta algumas questões de natureza teórica sobre a construção de matrizes, taxinomias de objectivos educacionais e a ponderação de pontuações.

A del. de C.Físico-Químicas/3°C opina que as “... matrizes devem ser feitas de acordo com as decisões dos grupos.”. Considera que “registrando-se que há falta de normas antecipadas, falta de informação e a especificidade de cada disciplina, as matrizes ficarão à responsabilidade exclusiva dos grupos.”

[14.05]

A del. de Hist/3°C não se mostra favorável aquela posição, mas também diz que “pronto se as pessoas pensam assim, tudo bem, mas continuo a pensar que não é a melhor solução”. A del. de C.Natureza/3°C considera mais importante outro tipo de questões na construção das matrizes, opinando que as diferenças entre as disciplinas são tão grandes que é difícil construir uma estrutura que se aplique a todas.

A del. de Port/2°C secunda esta posição, manifestando o seu acordo para uma liberdade dos grupos construir as matrizes de acordo com a especificidade das respectivas disciplinas.

A del. de C.Natureza/3°C refere então a necessidade de se ver qual o grau de generalidade na identificação dos objectivos e conteúdos. Chamou a atenção para o facto de ter de se evitar que a particularização excessiva nesses aspectos possa dar indicação das perguntas que são colocadas na prova.

A del. de Hist/3°C, a esse propósito, refere-se aos diversos níveis de enunciação do formato das matrizes. Temas, subtemas, conteúdos, objectivos gerais/objectivos específicos.

A del. de Ing/2°C comenta: “Hoje pretende-se que seja tudo simplificado para os alunos, que são todos uns analfabetos. Daqui a pouco o melhor é dar-lhes as provas, dizer-lhes quais são as perguntas!”

A del. de Port/2°C opina que o que é importante é que pelas matrizes os pais e encarregados de educação percebam o que os alunos devem estudar, para se prepararem para as provas de exame.

Para além disso, esta del. de Port/2°C, apresenta uma proposta de redacção de uma decisão a ser tomada pelo CP: "Foi ponderado a possibilidade de se criar uma estrutura comum para a construção das matrizes, mas dada a especificidade de cada uma das disciplinas, a ausência de normas orientadoras, tal foi considerado inviável, optando-se portanto que os grupos disciplinares tivessem liberdade absoluta na construção das matrizes das provas de exame das respectivas disciplinas."

Esta proposta foi posta à votação pelo PCP: "Os colegas concordam com esta proposta? Então está aprovada?".

[14.35]

Passou-se de seguida ao ponto seguinte da Ordem de Trabalhos - Avaliação Especializada.

Antes, porém, o RAPEE abandonou a reunião, desta vez sem que fosse necessária qualquer intervenção do PCP, como acontecia quando se ia tratar questões relacionadas com a Avaliação. Despediu-se dos presentes, mas não houve qualquer resposta.

O PCP referiu que tinha sido pedido aos DT que indicassem a lista dos alunos que apresentam bi-repetências com vista à análise da questão da avaliação especializada, como se encontra estabelecido no diploma do regime de avaliação do ensino básico. A conclusão que se pode tirar é que a maioria desses alunos não tem tido qualquer tipo de acompanhamento especial dado pela escola. O PCP referiu que isso era uma questão que tinha de se começar a ver com mais cuidado.

A del. de Ing/2°C opinou que esse problema não era apenas da escola, porque na sua origem estava "... a falta de estudo dos alunos, e a 'porcaria' de preparação que eles trazem quando entram no 5º ano...". "Assim o que é que a escola pode fazer?" pergunta. Por outro lado, diz a mesma del. de Ing/2°C o que se verifica é que os próprios pais e encarregados de educação não mostram qualquer interesse, reflectindo-se isso nos alunos.

"Sim senhor, tudo isso pode ser, é assim, mas... o que é que se faz com estas crianças?!" exclama o PCP. "O que é facto é que temos estes alunos, que já foram retidos noutros anos de escolaridade..." e começa a referir alguns alunos, identificando a respectiva situação, "...e que se calhar vão ser retidos de novo, e o que é que podemos fazer por eles?"

Na altura em que o PCP foi referindo alguns alunos, os membros do CP, alguns professores desses alunos, teceram comentários e deram opiniões sobre os mesmos, no quadro das suas aulas, entrando num debate em que se assumiram mais como professores desta ou daquela turma, desta ou daquela disciplina, do que como membros do CP.

Não era nessa perspectiva que o PCP estava interessado e portanto atalhou a discussão remetendo a questão para os procedimentos e normativos a observar.

Isto deu ensejo a que novamente, fosse chamada ao debate a questão das reclamações dos pais e encarregados de educação sobre o não cumprimento de todos os procedimentos previstos no regime de avaliação.

*[Levantou-se a questão de alunos que sabem das regras de avaliação afirmam que não podem reprovar porque tem de haver acordo do e. educação]*

O PCP referiu que o processo de avaliação tinha haver muito cuidado, porque se havia encarregados de educação que não vinham à escola, mas os que vêm podem não concordar e nesse caso a questão pode ter de subir ao CP.

Para um melhor esclarecimento destas questões o PCP procedeu à leitura das partes do despacho do regime de avaliação relativas à avaliação especializada, chamando a atenção para a necessidade de "as pessoas estarem alerta para todos os documentos necessários ao processo de avaliação". Como isso era uma, na primeira linha, responsabilidade dos DT, o PCP recomendou à CDT que fosse elaborado um documento a esclarecer os DT da importância destes aspectos relativos à avaliação.

Os membros do CP começam a levantar-se dos lugares. A reunião termina, com o PCP a levantar-se, também do seu lugar. [14.45]

#### DEPOIS DA REUNIÃO

As pessoas foram saindo rapidamente, algumas abandonando a escola, outras indo para a sala de professores, porque ainda tinham aulas a seguir.

Eu acompanhei o PCP até ao gabinete. Seguidamente, abandonámos juntos a escola. Ele disse-me que ia a casa comer qualquer coisa e que depois ainda voltava à escola.

## H) 8ª REUNIÃO - 29 MAI 1996

cp208

29/05/96 - 12h 15m - 15h 00m - Escola B

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO

ANTES DA REUNIÃO

[12:10] - Cheguei à escola por volta das 12.10. Quando ia a entrar encontrei o [nome do PCD] que ia a sair. Disse-me que ia levar a neta. Disse-lhe que ia entrando para tomar um café e que depois ia para a sala de professores.

Dirigi-me para o pavilhão da sala de professores. No bar encontrava-se um grupo de 5 professoras sentadas num dos U's dos sofás. Encontrava-se igualmente um professor. Conversavam sobre trivialidades. No momento em que bebia o meu café o tema de conversa eram fatos de banho; como eram e como são agora. Uma delas, talvez a mais velha dizia que no tempo dela os fatos de banho das mulheres eram todos fechados, inclusive com uma saia à volta. Outra dizia que até os dos homens tinham peito e desciam até ao joelho. O ambiente da conversa era descontraído e divertido. Deixei o bar e dirigi-me para a zona dos fumadores. Encontravam-se lá cerca de cinco professores. Entreteve-me a ver os documentos afixados nos placardes. Chamou-me a atenção uma folha A4 titulada "Lista Bons e Bonitos". Debaixo dela encontrava-se uma outra folha com duas dezenas de assinaturas de professores. Tratava-se de uma paródia a propósito do processo eleitoral para os representantes dos docentes ao CD.

*[Ocorreu-me pensar no significado de tal brincadeira no contexto daquela escola. Seguramente tal não seria possível noutras escolas. Achei, na altura, muita graça à iniciativa]*

[12.25]

Passados alguns momentos chegou o PCP que como era hábito espreitou os vários cantos da sala (Bar e Sala de Fumo) mostrando-se e chamando os membros do CP para a reunião.

*[Entretanto um prof. aproximou-se do PCP e os dois começaram a falar sobre um assunto que não conseguí registar]*

Dirigimo-nos para a sala da biblioteca onde iria realizar-se a reunião. O ambiente dentro da sala era abafado e muito quente. O calor que se fazia sentir prenunciava uma sessão desconfortável, se demorasse muito. Apenas uma ventoinha, em cima de um armário, de vez em quando atirava uma lufada de ar, que apenas beneficiava os que se encontravam mais próximos. Por isso mesmo, algumas professoras que se haviam sentado na ala do lado da porta da sala, mudaram-se para a zona oposta, onde se encontrava a tal ventoinha. Encontravam-se muito poucos membros presentes. Enquanto se esperava que surgissem mais alguns membros o tempo foi sendo preenchido pelos presentes com conversas localizadas, sobre vários assuntos. A del. de Port/2°C interpelou o PCP sobre a reunião do CP no mês de Julho. Perguntava-lhe quando é que ele pensava marcar aquela reunião por que pensava ir a Budapeste e Viena. O PCP disse uma data, que não servia os interesses daquela del... Como ela tivesse adiantado essa informação, ele disse então (meio a brincar, meio a sério) que se podia marcar outra data, e que ela então aproveitava para fazer o "relatório" da visita àquelas cidades.

#### DURANTE A REUNIÃO

[12.35] - Esperámos ainda cerca de 10 minutos, e depois o PCP resolveu iniciar a reunião (eram cerca de 12.35). Começou por explicar a reduzida presença de professores (nesse momento estariam na sala, cerca de 9 membros). Disse que a reunião iria ser muito menos concorrida por que alguns del. do 3º ciclo se encontram em Acções de Formação (não disse quais nem a sua natureza).

A folha de presenças com a Ordem de Trabalhos anexa começou a rodar entre os presentes, e por ela consegui saber a ordem de trabalhos:

- 1 - Informações
- 2 - Conversão da Componente Lectiva
- 3 - PAA
- 4 - Avaliação.

Ainda no uso da palavra o PCP informou que a devido à ausência do redactor da acta da última reunião, o del. de Mat/3°C, a "leitura" da mesma não seria feita.

*[Registei a diferença entre leitura e aprovação - a referência foi feita em relação à leitura e não à aprovação]*

Por outro lado, disse que a acta da reunião seria feita pela del. de Hist/2°C.

Seguidamente o PCP iniciou o primeiro ponto da ordem de trabalhos - Informações.

1 - A primeira informação respeitava à vacinação dos alunos: a vacinação dos alunos do 6º ano estava na fase final, tendo-lhes sido feita a prova da tuberculina, cuja reacção seria verificada em 31-5-96, sendo ministrada a BCG a quem necessitar. Os encarregados de educação, informou o PCP, bem como os DT estão informados sobre o assunto.

A del. de E.Tecnológica pediu que determinados alunos não fossem chamados para a vacinação em determinada hora. O PCP acedeu a esse pedido.

2- De seguida o PCP prestou algumas informações a propósito da última da reunião (20-5-96) da Comissão Pedagógica do Centro de Formação da Associação de Escolas. Essa reunião destinou-se a dar parecer sobre o projecto de Decreto-Lei do Regulamento Jurídico da Formação Contínua, a solicitação do Gabinete da SEEI. Disse o PCP que, em síntese, vai continuar a haver a formação contínua para a progressão na carreira. Assim, o PCP chamou a atenção para a conveniência das pessoas se inscreverem em acções de formação, para se evitarem problemas no processo de promoção na carreira. Disse ainda que está prevista a abertura de inscrições em Julho e Outubro para acções de formação.

3 - A rede escolar - realizou-se uma reunião da rede escolar e amanhã - dia 30/06/96 - vai realizar uma reunião com a escola [nome de escola - 3] para resolver a distribuição dos alunos. Dado o desaparecimento gradual

dos anos da escolaridade obrigatória nas escolas secundárias, uma das hipóteses que se colocava este ano era de a escola [nome de escola - 14] poder receber algumas turmas do 9º ano (que este ano lectivo ainda ia haver na [nome de escola - 14]), mas que só iriam os alunos que estivessem interessados. No entanto, diz o PCP, a escola está abaixo da sua capacidade, com as turmas previstas para o ano 96/97. Ele pensava se não seria preferível aumentar as turmas do 7º ano (para 12 turmas) e reduzir as do 9º ano, ficando assim: 6º ano com 7 turmas; 7º ano com 12 turmas; 8º ano com 8 turmas e 9º ano com 6 turmas..

A del. de Ing/2ºC concorda com essa ideia, pois opina que assim sempre é mais fácil e vantajoso "moldá-los desde o início à nossa maneira". Doutra forma, quando eles vêm já com hábitos ou falta de hábitos e de maneiras, torna-se mais complicado a sua "educação". Exprime, por outro lado a sua admiração pelo facto de no futuro ficarem apenas duas escolas EB23 ([nome de povoação - 13] e [nome de escola - 3]) a alimentarem uma série de escolas Secundárias da zona. Como é que será possível. Isso significa que o número de alunos das escolas EB23 irá aumentar substancialmente.

O PCP, percebendo o que ela queria dizer, esclareceu que no momento, no entanto, a escola estava longe de ver esgotada a sua capacidade. A del. de Ing/2ºC referiu que sendo assim, prefigurava-se no horizonte a necessidade de manter a funcionar a escola, o que "ia ao encontro dos nossos mais íntimos desejos".

No seguimento, o PCP refere que podem as pessoas ficar descansadas, não andarem preocupadas, concorrendo ou fazendo planos de concorrer para outras escolas com receio do fecho desta escola.

4 - O PCP informa que enviou, novamente (em 11-4-96), um ofício para a DRELx chamando a atenção para o estado de degradação da escola e referindo a agravante de estar prestes a ir para a reforma o único funcionário do pessoal auxiliar, que ia dando uma mãozinha nos pequenos arranjos e manutenção das instalações da escola. Depois da sua saída não sabia como se iam aguentar, pois, a partir do momento em que os pequenos estragos não fossem reparados, a situação rapidamente se degradaria.

Informou ainda que já tinha vindo a resposta, data de 9-5-96, ao tal ofício (circunstância de admirar, pois pela primeira vez respondem, e de maneira tão célere), na qual se diz que "...estes serviços se mantêm empenhados na resolução do problema das instalações da escola, aguardando a cedência, pela CMLx, de uma faixa de terreno que possibilitará lançar, ainda este ano, a 1ª fase de substituição dos pavilhões". Disse, ainda o PCP que já era alguma coisa, porque pela primeira vez o ME tinha escrito preto no branco o seu compromisso da construção de novas instalações.

O del. de E.Visual/3ºC congratulou-se com tal facto.

A del. Ing/2ºC no entanto mostrou-se mais reservada, dizendo, "mais vale deitar foguetes, apenas depois da escola estar feita!".

O del. de E.Visual/3ºC entretanto perguntou ao PCP qual o número de turmas que a escola irá ter para o 7º ano de escolaridade, tendo este respondido que a previsão inicial eram de 12 turmas, mas que neste momento, após as correcções da última reunião da rede, se previam apenas 10 turmas.

O del. de E.Visual/3ºC explica que se torna necessário ter algum cuidado na distribuição das turmas, pelos anos de escolaridade, porque era essencial manter um certo equilíbrio interno, nas características da população escolar, em função dos anos de escolaridade. Outros membros do CP manifestam-se de acordo com a preocupação do orador anterior.

5 - Seguidamente o PCP informou sobre calendário escolar para o ano lectivo 1996/97.

Foi recebido o despacho nº 82-D/ME/96, que organiza as actividades escolares para o ano lectivo de 1996/97. Iniciam-se as aulas entre 16 e 20 de Setembro e terminam entre os dias 26 e 30 de Junho, de acordo com a data de início.

1º período - início: 16 a 20 de Setembro; termo: 17 de Dezembro

2º período - início: 3 de Janeiro; termo: 22 de Março

3º período - início: 7 de Abril; termo: 26 a 30 de Junho

Interrupções: 1ª - 30 de Outubro a 2 de Novembro; 2ª - 18 de Dezembro a 2 de Janeiro; 3ª - 10 a 12 de Fevereiro; 4ª 24 de Março a 5 de Abril; 5ª - 2 e 3 de Maio.

Provas Globais do 3º Ciclo no mês de Junho.

Mais disse que em função daquele calendário, os exames do 9º ano seriam em 2 e 3 de Setembro.

6 - Informou, igualmente, quais os grupos de trabalhos de férias que iam funcionar:

a) Inventário Geral e os Inventários de cada grupo. Terá de estar concluído até 11 de Julho. Grupo coordenado pela profª. [nome - 86]. O inventário de cada grupo estará a cargo de cada del..

b) Inventário da Biblioteca a cargo dos professores que lá trabalharam e deverá estar concluído até 15 de Julho. Coordenação da profª. [nome - 85].

c) E.V.Tecnológica;

d) Grupo para indicação dos alunos para a Sala de Estudo (coordenadora: a del. de E.Visual/2ºC - termo em 15/7/96);

e) Grupo de Estatística (coordenadora: a del. de Mat/2ºC - termo em 15/7/96);

f) Matrículas (a realizar pelos directores de turma) nos dias 8 e 9 de Julho. A equipa de matrículas tem 10 elementos. Realizam-se nos dias 10 a 12 de Julho.

g) Organização das Turmas (coordenadores: 5º ano - CDT; 6º ano - [nome de profª - 17]; 7º ano - [nome de profª - 75]; 8º ano - [nome de profª - 74]; 9º ano - [nome de profª - 76] - o esqueleto das turmas deveria estar feito até 31 de Julho de 1996);

h) Horários (coordenadora: Ing/2°C;

i) Regulamento dos Alunos/Professores; Documentação do Professor - coordenador: del. de E.Física/2°C.

*[A propósito da expressão utilizada pelo PCP "Regulamento dos Alunos/dos Professores" ocorreu-me pensar sobre a concepção que o PCP, e pareceu-me a generalidade dos professores, têm sobre um Regulamento Interno da Escola: um documento onde se encontram definidas as obrigações e os direitos dos alunos e professores - nota: conferir esta ideia com uma análise do regulamento dos alunos (sic) existente na escola... entretanto não conheço nenhum regulamento dos professores...]*

[ 13.10]

A del. de Ing/2°C intervém para dizer que "se calhar aqui podia entrar aquela questão que foi proposta no grupo" e passa a palavra à del. de Hist/2°C, que pelos vistos estaria mais conhecedora do assunto. Esta apresenta então uma proposta, de uma profª. chamada [nome - 59], no sentido de se aumentar o número de turmas a funcionar no turno da manhã, tendo em vista que o número de turmas a funcionar na escola em 1996/97, em termos globais, se espera venha a diminuir.

A del. de Ing/2°C retoma a palavra para chamar a atenção para as implicações de uma medida desse tipo para o funcionamento. Refere que a proposta foi discutida e aprovada no grupo, mas há, no entanto, que ter cuidado com outras questões. Poderia ser bom do ponto de vista disciplinar (diminuiria a ocorrência de problemas disciplinares) mas segundo a sua opinião é uma medida não exequível.

Esta del. de Ing/2°C continuou dizendo que experiência já ter mostrado que um maior número de alunos ao mesmo tempo na escola provoca mais casos de indisciplina, já que o espaço físico se mantém, bem como, a quase impossibilidade de conseguir disponibilizar salas de estudo e aulas de apoio para os alunos do turno da manhã.

Por outro lado mostrou-se preocupada com o facto de a redução do número de turmas ir implicar a atribuição de horários da tarde a determinados professores. "... lhe custa saber que determinados horários vão para este ou aquele prof., mas isto tem de ser assim."

*[Sem qualquer pudor a oradora, que é responsável pela elaboração dos horários, expressou claramente que se organizam os horários de forma a os professores mais velhos, influentes, ou fazendo parte de uma clique dentro da escola, tenham horários no turno da manhã - situação essa que não foi posta em causa por nenhum membro do CP, nem pelo PCP, nem pelos elementos mais novos, em idade e na escola]*

Na sequência a CDT refere a situação existente na disciplina de Francês, com os alunos a escolherem preferencialmente a E.Tecnológica que reduz significativamente as horas de Francês.

A del. de Ing/2°C diz, em jeito de pergunta/afirmação, que a questão das férias "também pode ser incluída aqui", referindo-se ao momento em que os trabalhos da reunião se encontravam. A questão é colocada por aquela profª., em termos de se seria possível o período de marcação de férias dos docentes se prolongar para além de 31 de Agosto. Doutra forma existirão certamente problemas para conciliar, as férias dos professores com o desenvolvimento das actividades de férias.

Aproveitando a deixa, o PCP referiu que trazia uma surpresa para o conselho, que estava a guardar para mais tarde, mas como a del. de Ing/2°C já tinha levantado o problema, ele ia "revelar" já essa surpresa que dizia respeito às férias dos docentes. Disse, então que tinha analisado o problema, e que achava que havia uma maneira de resolver o problema do período de marcação das férias. É certo que havia alguns professores que, por causa das actividades de preparação do ano lectivo seguinte e por causa dos exames no princípio de Setembro se encontravam mais limitados, mas o que tinha pensado era o seguinte: a) aqueles professores que tem de se apresentar na escola, logo no princípio, por causa de exames e actividades de preparação do ano lectivo, podem começar as férias a 15 de Julho, e não terão praticamente trabalhos de férias, ou terão muito pouco; b) os colegas que fiquem até mais tarde, a trabalhar nos grupos de férias, poderão apresentar-se a 9 de Setembro.

Passando ao ponto seguinte da Ordem de trabalhos - Conversão da componente lectiva., o PCP referiu os pedidos de conversão feitos pelos seguintes professores: [nome de profª - 85] - 100%, [nome de profª - 93] - 100%, [nome de profª - 90] - 50%.

Nas propostas e pareceres que são necessários, acompanhando aqueles pedidos, propõe-se que as horas resultantes da conversão sejam dadas à biblioteca ou à sala de estudo.

Informou ainda o PCP que duas professoras aguardam reconversão por terem já beneficiado dos dois anos que a lei prevê para a conversão da componente lectiva. Nestes casos e enquanto a situação se mantiver propõe-se idêntica ocupação.

A del. de E.Tecnológica quis saber da situação da colega [nome - 87].

Informou o PCP que profª. [nome - 87] continua de atestado. Ele já tinha alertado o marido da colega para que ela apresentasse pedido de conversão, o que não aconteceu até à data desta reunião. Considerando que poderá ainda tentar, propor-se-ia a mesma ocupação.

*[É suposto que os pedidos de conversão da componente lectiva apresentados pelos docentes, sejam analisados pelo CD e pelo CP, devendo estes órgãos aprovar pareceres sobre os mesmos. No caso concreto em apreço, não se verificaram quaisquer votações no CP sobre os pedidos referidos - subteende-se que as informações prestadas pelo PCP e as indicações dadas para a ocupação das horas de conversão, foram feitas como propostas e foram tacitamente aprovadas pelo CP]*

Relativamente aos manuais escolares o PCP esclareceu que conforme a circular nº 16/96, entregue a todos os del., proceder-se-á este ano à escolha dos manuais para o 5º ano, excepto Inglês, 6º e 8º anos apenas Inglês. Dis-

se ainda que a escolha terá de ser feita entre 15 e 30 de Junho. Nesse sentido os del. deverão realizar as reuniões de grupo de forma que as escolhas possam ser ratificadas pelo CP na sua reunião de 26 de Junho.

Sobre o PAA o PCP chamou a atenção para a necessidade de se começar a pensar nas propostas de actividades a incluir no plano para o próximo ano lectivo. Acrescentou que se podia começar a pensar "dar alguns toques" na questão do Projecto Educativo. Nesse sentido os grupos podiam ir pensando sobre o assunto.

O PCP referiu-se ainda à circular nº 11604 da DRELx, afixada no passado dia 9, de acordo com a qual as escolas poderão apresentar candidaturas de atribuição de créditos horários para actividades de complemento curricular, a enviar à CAE, até ao próximo dia 7-6-96.

Relativamente ao Projecto ECOS o PCP esclareceu que a equipa vai apresentar candidatura. Embora não tenha obtido créditos para o ano lectivo de 95/96, vai enviar o balanço das actividades desenvolvidas, tendo a coordenadora distribuído um exemplar aos presentes.

A del. de E.Tecnológica na sequência das informações anteriores fez um balanço das actividades dos Projectos ECOS: nele, pensa-se estarão 10 professores no próximo ano - não vão ser pedidas créditos horários, porque existem professores com horários incompletos. A propósito disto a del. de E.Tecnológica procedeu à leitura do documento (Balanço de Actividades) que iria ser enviado à DRELx.

O PCP referiu que, entretanto, vai ser também apresentada candidatura ao projecto "Inovar Educando - Educar Inovando" do IIE, nos termos da circular também afixada em devido tempo na placard da sala de professores. No ano passado receberam algum dinheiro para um projecto. Este ano as coisas estavam piores, mas ainda se pensava que poderiam receber uma verba de 750 contos.

Foi pedido à DRELx autorização para uma visita de estudo a Alcobaça e outra ao Portinho da Arrábida. Os pedidos foram feitos por as visitas estarem programadas para o 3º período, e foram concedidas.

O RAPEE nessa altura perguntou se ele e a mulher podiam ir à Visita a Alcobaça, já que a sua filha também ia.

O PCP disse que sim, que aliás, devia haver mais encarregados de educação que pudessem e quisessem acompanhar as visitas de estudo, estreitando a relação entre a escola e as famílias. No entanto, não deixa de reparar que nesse caso o e.educação deverá "deixar a miúda em paz", pois a mesma participa na visita de estudo, e está "sob a responsabilidade dos professores acompanhantes".

Seguidamente o PCP diz que se vai "... despedir do RAPEE. Vai-se entrar no ponto da OT relativo à Avaliação. "... é um factor que não depende de mim..."

*[Com esta intervenção o PCP quer dizer que o RAPEE tem de abandonar a reunião porque se vai tratar de questões relativas à avaliação - A forma eufemística de convidar o RAPEE a sair da sala, é dizer que se vai despedir dele]*

O RAPEE, entretanto diz que antes gostaria de abordar a "questão do nome da escola" porque tem algumas informações a dar. Durante uns segundos os dois conferenciam em voz baixa. O PCP refere, já em voz alta, que "... já vi a cópia que deixou no CD, mas ainda não tive tempo de o ler, portanto podemos deixar isso para depois...". Depois daria uma resposta, acrescenta.

A del. de E.Tecnológica insurge-se contra a situação, diz não concordar com a mudança da Ordem de Trabalhos. "Tenho colegas à minha espera na mesa de eleições, para poderem ir almoçar..." e portanto não posso concordar com a alteração da Ordem de Trabalhos."

O RAPEE mostra o seu descontentamento, pelo facto de não o deixarem falar, de o não quererem ouvir o que tem a dizer.

O del. de E.Visual/3ºC refere que "... nós até queremos ouvir o RAPEE, mas houve uma altura própria para esse assunto ser introduzido, agora não."

Novamente o PCP e o RAPEE trocam palavras entre si, sem que consiga ouvir.

A del. de E.Tecnológica atalhando o que parecia ser uma negociação entre aqueles dois, afirma com alguma intempestividade que: "...eu ainda não acabei a informação e preciso continuar porque tenho colegas à minha espera na mesa de eleições..."

Face a isto o PCP diz que tinha pensado que ela já tinha acabado. Pedia desculpa por isso, e deu a palavra à del. de E.Tecnológica para ela então completar as suas informações.

Seguidamente a del. de E.Tecnológica falou do encerramento do ano lectivo e do fórum cultural de 26 a 28 de Junho. Foi distribuída pelos presentes um exemplar onde constavam os intervenientes e a sua forma de actuar. Para a Área-Escola seria criado um grupo de trabalho que se encarregaria da organização do espaço e os coordenadores de turma, montariam os trabalhos. A exposição começaria a ser organizada a partir do dia 18 de Junho; a montagem entre 20/21 e 24 do mesmo mês.

A ECOS organizaria a exposição de trabalhos, danças, dramatizações, torneios de xadrez, "feira da ladra" e jogos tradicionais.

As disciplinas que assim o entendessem organizariam o seu trabalho sendo o mesmo da responsabilidade do grupo. As actividades desenvolver-se-ão mediante um calendário e horário a definir, estando os alunos ocupados 3 horas no turno da manhã e o mesmo sucedendo no turno da tarde.

[13.50]

A del. de E.Tecnológica abandonou a sala.



Após a sua saída, o RAPEE manifestou a sua intenção de então dar as informações sobre a questão do nome da questão. Disse que apenas pedia autorização ao CP para ler um ofício que a APEE tinha enviado às entidades que antes tinham sido contactadas inicialmente a propósito da questão.

Como se verificassem, novamente, algumas manifestações de desacordo sobre a sua intervenção naquele ponto da reunião, o RAPEE disse, virando-se para o PCP que se o CP não lhe permitisse usar da palavra que não mais voltaria a estar presente nas reuniões.

*[Esta afirmação/ultimatum foi feita com um tom de convicção e veemência mostrando que o RAPEE estava a falar muito a sério]*

O PCP disse que isso era uma questão que tinha de ser resolvida por todos os presentes, mas que da sua parte tinha a dizer que era inadmissível que o RAPEE se pusesse com chantagens. "Isso é uma chantagem!" afirmou algo agastado o PCP.

O RAPEE volta a atrás na sua posição: "Bom, então eu retiro o que disse!" e sem dar oportunidade de resposta, começa imediatamente a ler o ofício que estava na origem de toda a polémica.

*[Esse ofício era, segundo se percebeu uma tentativa de explicação para o facto de a proposta da APEE sobre a denominação da escola não ter tido bom acolhimento por parte do CP - O ofício foi enviado a todas as entidades antes contactadas]*

Nele se fazia referência ao empenhamento da APEE na resolução do problema das instalações, à colaboração entre a APEE e o CD na procura de soluções para esse problema. Referia-se, a certa altura, aos professores do CP em termos pouco favoráveis. Reconhecia entretanto que toda a escola, não obstante as péssimas condições, se empenhava na busca das melhores soluções para o ensino e aprendizagem dos alunos.

*[Alguns sinais de assentimento, por parte de alguns presentes, quando o RAPEE leu a parte final do ofício]*

Gerou-se entretanto alguma confusão, quando o RAPEE acabou a leitura dos documentos, com vários presentes a quererem usar da palavra. Num tom de voz mais elevado do que o que lhe era normal, o PCP exclamou: "Oh colegas, desculpem-me mas agora falo eu! Agora tenha de ser o primeiro a falar!". Seguidamente referiu que achava que o assunto devia ser abordado noutra altura, que aliás, o ofício foi enviado ao PCP e não ao CP e que portanto, por isso é que não tinha lido para aquela reunião, porque enquanto PCP ia debater o assunto com os restantes membros e depois dar a competente resposta por escrito à APEE. Toda aquela situação era muito desagradável, acrescentou.

A del. de Ing/2°C falou de seguida. Disse que, achava muito bem que o RAPEE fosse ouvido no CP, mas que tal como os outros membros, devia perceber que há momentos próprios em que os assuntos devem ser tratados. Na altura própria devia ter feito uma proposta de alteração da OT, de forma a ser incluído um ponto próprio para o assunto que queria ver debatido. Relativamente ao ofício em causa, esta del. de Ing/2°C disse que, por um lado o que tinha sido contestado tinha sido a forma como o assunto foi tratado pela "Comissão de Pais", e nunca o nome em si, e muito menos o apoio e as diligências que a APEE tem tomado e promovido para a resolução da questão das instalações. Considerou que as regras de funcionamento democrático dos órgãos da escola foram atropeladas. "A atitude da APEE foi antidemocrática", disse esta del. de Ing/2°C. Considerou ainda que "os direitos dos professores não foram respeitados".

O RAPEE de forma algo incoerente, referiu-se à posição da APEE sobre a questão da Reunião Geral de Professores realizada para a análise da possibilidade de adopção do novo regime de administração das escolas. Que nessa altura, tal como a totalidade dos professores consideraram prematura a mudança do modelo de administração pelas condições físicas específicas da escola, também a APEE tinha tomado posição idêntica.

A del. de C.Físico-Químicas/3°C comenta que o RAPEE está a misturar "alhos como bugalhos", que aquilo não tinha nada a ver com o assunto e que não vinha nada a propósito, e lamenta que "... mais uma vez a APEE tenha enviado o ofício sem ter consultado o CP!".

Entretanto após estas intervenções, o RAPEE abandona a sala.

Já sem a presença do RAPEE, o PCP quer dar o assunto por encerrado, esclarecendo que aquela questão será apreciada pelo CD, e será dada a resposta que considerar mais adequada. Acrescenta que já para evitar tudo aquilo ele não tinha trazido o assunto a CP, que tinha lido o ofício "na diagonal" e que tinha percebido que ia dar confusão se viesse a CP.

O del. de E.Visual/3°C diz que quer falar e o PCP de forma peremptória: "Eu agora é que falo, e acabou! Estou a ficar irritado com tudo isto" exclama. E diz que o assunto está terminado porque será tratado a nível do CD.

Mesmo assim, o del. de E.Visual/3°C insiste que é uma coisa que tem de ser dita. E refere-se à parte do ofício em que se tecem considerações menos elogiosas sobre a competência e capacidade dos "professores, membros do CP".

A del. de Port/2°C diz que não se consegue irritar facilmente, mas que desta vez "... isto irritou-me mesmo!" Segundo ela o comportamento do RAPEE é inadmissível, e não pode deixar-se passar em branco. "É asneira, atrás de asneira, qual delas a pior!" diz.

O PCP rendido já a continuação da discussão sobre o assunto, esclarece que ainda tinha tentado convencê-lo a não abordar o assunto, a esperar uma resposta do CD, mas ele é assim, é teimoso.

*[Pareceu-me que pela primeira vez PCP mostrou usar da autoridade formal, mas também pessoal, para conduzir a reunião com algum pulso - nomeadamente a propósito do RAPEE e do del. de E.Visual/3°C]*

A del. de Ing/2°C acrescentou que o RAPEE “não entende nada”, ouve mas não entende nada - as “informações que passa para os outros membros da APEE são deturpadas”, são erradas.

A del. de Port/2°C corrobora esta afirmação.

A del. de C.Físico-Químicas/3°C entende que não obstante, não concordar as posições tomadas pelo RAPEE, entende que não foi correcto o comportamento da del. de E.Tecnológica/Área-Escola, em reagir como tão animosamente contra o desejo do RAPEE de usar a palavra. Segundo ela as pessoas têm todas os direito de falar.

*[Esta del. pouco interventiva nas reuniões, “arrebitou” bastante a propósito deste assunto, na crítica à sua colega, del. de E.Tecnológica/Área-Escola]*

O PCP diz que a situação está muito conflitual, entre a del. de E.Tecnológica e o RAPEE. Responde aquela del. de C.Físico-Químicas/3°C que mesmo assim, isso não justifica a atitude de del. de E.Tecnológica/Área-Escola.

O del. de E.Visual/3°C concorda com a del. de C.Físico-Químicas/3°C opinando que a reacção da del. de E.Tecnológica foi exagerada.

A del. de Ing/2°C, entra neste dialogo exclamando que isso não é bem assim, por que sabe que a del. de E.Tecnológica sabe e conhece coisas “que nós não sabemos” sobre o comportamento do RAPEE relativamente às informações que este faz passar para os outros membros da APEE.

Alguns dos presentes manifestam-se de acordo com esta última afirmação da del. de Ing/2°C. Corre a ideia de que o RAPEE deturpa as informações prestadas nas reuniões do CP.

Nesse caso, deve o PCP encarar a hipótese de reunir com a direcção da APEE, diz o del. de E.Visual/3°C. “Mas com todos os elementos!” acrescenta, de forma que essas informações possam ser corrigidas.

A del. de Port/2°C diz que apesar de tudo, mesmo considerando que há lá coisas muito graves, considera honesta a posição do RAPEE em ler o ofício na reunião do CP. De todo o modo ele podia não ter lido, não ter dado qualquer informação, “... e nós não viríamos a saber o que se estava a passar”.

A del. de Ing/2°C acha que ali não se trata de uma questão de honestidade ou desonestidade. Opina que o RAPEE nem se quer se apercebe da questão e da confusão que iria gerar.

*[Deixa subentender que se trata de ingenuidade ou mesmo de falta de inteligência]*

A discussão deste assunto começa a esmorecer, e o PCP acaba com ela dizendo que o caso agora passaria para o foro do CD e que, repetiu, iria dar uma resposta à APEE.

Mudando de assunto o PCP, pede que o que vai dizer não deve sair dali. O ar sério e “solene” com que fez esta advertência suscitou alguma expectativa dos presentes que fizeram completo silêncio à espera do que ele ia dizer

O PCP informou, então, que na 5ª feira passada, tinham telefonado da Inspecção Geral de Educação, informando que através da “Linha Aberta” tinham recebido queixas de alunos contra o prof. do 1º grupo (Português), João AC, concretamente em que o prof. referido batia nos alunos; dava pontapés, reguadas e utilizava uma linguagem imprópria tal como “vou publicar brevemente a história das p... da minha rua”.

Acrescentou que esta informação era informal, e não oficial.

Algum espanto e admiração de alguns dos presentes. Outros nem tanto.

[09.25]

A del. de Fran/2°C diz, sobre este assunto, que tinha conversado com o prof. em causa e que ele lhe tinha dito que aquelas acusações eram mentiras.

“Não foi este colega que aqui há tempos teve atitudes incorrectas com...?” pergunta a del. de Port/2°C. Acrescenta a del. de Hist/2°C: “Naquelas aulas toda a linguagem é esquisita, tanto dos alunos como do professor.”.

Alguém pergunta se o PCP sabia alguma coisa sobre o assunto, tendo ele respondido que sabia que num CT o assunto tinha sido abordado, informalmente, queixas de alguns alunos e que a del. de disciplina também falara sobre o assunto, mas que ele formalmente desconhecia.

O PCP acrescentou que a pessoa que o contactou lhe tinha dito que ia propor que fosse enviada a queixa para resposta e que aguardava um despacho do responsável que tanto poderia ser de concordância como a vinda imediata de um inspector à escola.

Tratando-se de um assunto melindroso, e dado que ele próprio não dispunha de mais elementos elucidativos, o PCP recomendou aos del. que mantivessem sigilo sobre o assunto a fim de evitar especulações desagradáveis e inúteis.

Acrescentou ainda, o PCP que os mesmos cuidados devem haver noutras circunstâncias pois o relato dos factos passados no CP, que não sejam confidenciais deverá ser feita única e exclusivamente nas reuniões do grupo. Isto para além do CD poder afixar, sempre que o julgue conveniente, um resumo dos assuntos debatidos.

Quanto ao caso do colega, acima referido, conforme o desenvolvimento da situação, iria chamar a del. se fôsse caso disso, e informaria o CP do desenvolvimento da ocorrência.

Entrou-se então noutro ponto da OT - Avaliação.

O PCP recordou que os critérios de avaliação tinham sido definidos no 1º período e que os del. depois da próxima reunião de grupo, deveriam informar se pretendiam proceder a alterações ou se mantinham os critérios anteriormente definidos.

A del. de Ing/2°C voltou a referir, a propósito da avaliação, a situação dos alunos que afirmam “descaradamente” que não estão preocupados com a reprovação porque “... a minha mãe vem cá à escola e diz que

não, e pronto...". Esta preocupação tem a ver como os normativos do regime de avaliação que obrigam à intervenção dos encarregados de educação no processo de avaliação.

A del. de Port/2°C insurge-se contra essa situação, achando inconcebível como é que "... um pai ou uma mãe pode por em causa a avaliação feita pelos professores".

O PCP procura esclarecer a situação, dizendo que, se as coisas não são bem assim, de facto o que acontece é que pode haver sempre reclamações às avaliações, e que em último caso é a DRELx que decide se o e. educação tem ou não razão. O que é importante é que as coisa se façam seguindo à risca todos os procedimentos de forma a que não se possa contestar a avaliação do ponto de vista formal.

A CDT diz que a questão é grave, até "... porque há vários alunos nessa situação". Como os procedimentos são muitos e os passos a seguir são complicados, alguns de difícil cumprimento (como por exemplo as aulas de apoio no quadro dos planos de apoio educativo), a situação torna-se muito complicada.

A del. de Port/2°C considera a questão muito delicada, se é assim tão difícil a escola proceder a todas as medidas de apoio, previstas na lei, os pais podem sempre argumentar que uma delas não foi realizada para pôr em causa a avaliação realizada, com grandes hipóteses de vencer.

A del. de Ing/2°C refere que, assim sendo haverá vários alunos. "E que fazemos, passamos todos então? É?" pergunta. Isto já foi falado nas reuniões anteriores, e pelo que se percebe isto está "tudo embrulhado".

O PCP. "Sim, agora é disseste uma grande verdade, isto está mesmo numa grande embrulhada." Recorre então ao despacho para tentar mostrar aos presentes quais os procedimentos que devem existir nos diversos tipos de avaliação: avaliação sumativa, extraordinária e especializada. Faz a leitura das partes do regime de avaliação.

O del. de E. Visual/3°C defende que a avaliação é uma actividade da exclusiva responsabilidade do prof., e que como tal deve ser realizada com inteira independência.

A del. de C. Físico-Químicas/3°C concorda e vai até mais longe, fazendo um paralelo com outras profissões, como os médicos, os engenheiros e os advogados, diz que a classe docente tem de assumir nas suas obrigações, responsabilidades e direitos se quiser a dignificação da sua actividade. Nesse caso não podem os professores admitir que lhe retirem o direito a fazerem a avaliação que consideram mais correcta.

"Mas se em último caso, os pais recorrem e depois acabam por ter razão?" pergunta um dos presentes. "Tem de assumir e levar até às últimas consequências, as suas posições relativamente à avaliação", diz a del. de C. Físico-Químicas/3°C. "Isso é que faz com que o prof. seja um profissional", conclui a mesma del... A CDT diz entretanto que no meio disto tudo ainda há as injustiças, e desigualdade de tratamento entre os alunos, porque aqueles que protestam podem vir a passar enquanto que os outros, que até podem ter sido melhores alunos, mas porque os pais são menos esclarecidos e não reclamam, não passam.

A del. de Port/2°C recorda como se processam os recursos, pedindo auxílio do PCP para esclarecer algumas questões de pormenor. Este, após ter referido todos os passos e trâmites, apela a que as formalidade sejam escrupulosamente seguidos, "... e depois logo se vê---!". Acrescenta que "aqui só há uma questão - não nos livramos do trabalho: temos de fazer uma avaliação consciente e seguindo todos os documentos, actas, convocatórias, etc..".

*[Não pude deixar de reparar que a preocupação fundamental dos professores no CP era o realizarem a avaliação em termos formalmente impecáveis, não se discutindo a qualidade intrínseca da avaliação - ser boa ou não em termos do processo de ensino-aprendizagem passa para 2º plano]*

O PCP indicou ainda os dias das reuniões que tinham sido aprovados na última reunião do CP. Considerar-se-ia a possibilidade de realizar as reuniões paralelamente às actividades lúdico-culturais da última semana, dependendo o facto da disponibilidade dos professores, já que os alunos terão de estar ocupados.

Finalmente o PCP referiu que ia ser feito um documento a entregar a todos os professores (por ordem de serviço) dando indicações e orientações sobre a avaliação de forma a que se minimizassem as questões antes debatidas. As pessoas começam a levantar-se. O PCP levanta-se e chama a CDT. conversam ainda um pouco sobre a forma de levar à prática a última sugestão da elaboração do documento. [15.00]

#### DEPOIS DA REUNIÃO

Devido ao adiantado da hora, tinha outro compromisso, sai de imediato da escola, após ter-me despedido do PCP.

### I) 9ª REUNIÃO - 26 JUN 1996

cp209

26/06/96 - 12h 15m - 13h 45m - Escola B

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO

#### ANTES DA REUNIÃO

[12:10] - Cheguei à escola por volta das 12.05. Encontrei no pátio junto ao gabinete do CD o PCP. Entrámos para o gabinete e ele exclamou: "- Não te telefonaram? Ora bolas!". Eu disse/perguntei: "A reunião foi adiada?" "Sim, foi adiada para 26 de Junho". De imediato não me apercebi. Dia 26/6/96 era aquele dia, e o PCP estava

na "brincadeira" comigo. Entretanto a Chefe dos Serviços Administrativos apareceu e começou a falar com o PCP sobre um assunto. Senti que a minha presença fazia com não se sentisse muito à vontade, disse para o PCP que ia tomar um café e que esperava na sala de professores até chegar a hora da reunião. Dirigi-me então para a sala de professores, onde se encontravam já muitos dos membros do CP. No lado do Bufete encontravam-se alguns deles.

Acerquei-me do balcão e pedi um café. Junto a um Aviso encontravam-se alguns professores. O aviso dizia respeito à realização no dia 4 de Julho de uma "Sardinhada", pelas 11.30. Segundo o mesmo aviso as pessoas que queriam participar inscreviam-se escrevendo o nome na cartolina do aviso. Ninguém trazia nada, a organização é que tratava de tudo e depois dividiam-se as despesas por todos os participantes. A del. de E.Tecnológica na altura lá presente perguntou-me se eu vinha à tal "Sardinhada". Respondi que sim, e logo de seguida uma das colegas passou-me uma esferográfica com que assinei a folha para a inscrição. Entretanto já estava na sala dos professores o PCP a chamar os presentes para a reunião do CP. Saimos alguns atrás dele, e seguimos até à sala onde habitualmente a reunião do CP se realiza. A boa disposição era geral. [Todo o ambiente era de completa boa disposição e as pessoas a todo o momento galhofavam sobre os mais diversos assuntos - via-se bem, pensei, que as aulas tinham terminado - as férias estavam à vista]

Nunca a sala me pareceu tão pequena - nunca aliás me pareceu que o número de presenças fosse tão grande. As pessoas foram entrando, e os lugares ficaram totalmente ocupados. Mais tarde entraram ainda dois elementos que encontraram alguma dificuldade em arranjar lugar na mesa da reunião: o del. de E.Visual/3°C e a del. de E.V.Tecnológica/2°C.

#### DURANTE A REUNIÃO

[12.20] - Existe algum barulho das conversas entre as pessoas já nos seus lugares.

[12.25]

O PCP dá início à reunião pedindo à del. de Hist/2°C procedesse à leitura da acta da última reunião. Esta del., mesmo antes das conversas terem terminado, começou a ler a acta de forma rápida mas clara. Entremeadas por comentários de galhofa. "Salta um parágrafo, que ninguém nota!"; "Lê só o último parágrafo, aquele que começa por 'Nada mais havendo a tratar...'" dizia a del. de Ing/2°C.

[12.35]

Exclamações de aprovação quando a del. de Hist/2°C leu a parte relativa à intervenção do RAPEE sobre a questão do nome da escola. Esta parte foi redigida de uma forma sintética, não mais duas a três linhas, mas clara e fiel. Por isso mesmo aquelas exclamações de aprovação. O PCP reparando na ausência do RAPEE informa os presentes que tinha deixado a convocatória na pasta da APEE, e que não sabia porque razão ele não estava presente porque também não tinha recebido qualquer aviso.

A propósito aproveitou a oportunidade para prestar a informação sobre os procedimentos posteriores por parte do RAPEE no que respeita ao ofício que tinha sido enviado à CMLx e à DEGREE. Diz que o RAPEE alguns dias depois da última reunião do CP lhe tinha comunicado que tomara a iniciativa de ir à CMLx e à DEGREE apagar com "tinta correctora" o parágrafo do ofício em que se faziam referências pouco elogiosas para os docentes do CP. Aliás, o PCP tinha recebido um novo ofício em que o RAPEE informava oficialmente sobre esses procedimentos. Uma cópia desse ofício foi entregue a cada membro do CP.

Verificaram-se enquanto estas informações eram prestadas, alguns sorrisos irónicos e expressões de desaprovação por parte de alguns membros do CP. Feita a leitura da acta e não se tendo verificado propostas de alteração da sua redacção, passou-se ao ponto Informações, sem que tivesse havido qualquer votações ou mesmo qualquer referência explícita ou implícita à aprovação da mesma.

[12.35]

Sobre o primeiro ponto da Ordem de Trabalhos - Informações.:

1 - O PCP informou da recepção de uma circular que chamava a atenção das escolas para o facto de ao exame do 9º ano poderem candidatar-se alunos fora da escolaridade obrigatória que não tivessem frequentado a escola. Por outro lado os alunos da escola que tivessem sido excluídos por faltas não poderiam ser inscritos para esses exames. O PCP referiu também a necessidade de elaboração das matrizes, modelos de prova para aprovação no próximo pedagógico. A afixação das pautas com as classificações seria realizada no dia 5 de Julho de 1996. Informou também que os encarregados de educação dos alunos fora da escolaridade obrigatória foram informados da realização das provas de exame em Setembro, assim como dos respectivos prazos de inscrição: dias 6, 8 e 9 de Julho, e as condições de passagem..

2 - O PCP apresenta uma proposta de realização da próxima reunião do CP, no dia 16 de Julho, pelas 10 horas. Os del. poderiam convocar as suas reuniões de grupo antes daquela reunião. Nessas reuniões de grupo deveriam ser tratados os seguintes assuntos: apresentação das provas de exame; o balanço das actividades realizadas durante o ano. Sobre análise do desenvolvimento dos trabalhos de leccionação, o PCP pediu que atenção fosse dada "especial atenção à situação das turmas de Inglês da Olga" que durante um mês não tiveram aulas. O grupo de inglês deveria analisar essa questão. É claro que em relação aos alunos que saem da escola, não há nada a fazer, mas para os que ficam devia-se pensar em alguma forma de lhes dar apoio. O mesmo aliás deveria pensar-se para outros alunos e disciplinas: o caso da Matemática, por exemplo. Outra coisa a fazer era a eleição dos del. para os grupos do 3º ciclo. No caso do 2º ciclo não era preciso porque estavam todos no 1º ano do mandato. Ao mesmo deveriam preencher-se os papeis para a preferência de manchas horárias. Finalmente deverão ainda os grupos pensar em propostas para um eventual programa de actividades para o primeiro dia de aulas.

O del. de Geo/3°C perguntou nessa altura se os novos colegas já colocados deviam vir a essa reunião. À volta desta questão é consensual a opinião que legalmente não lhes pode ser exigido que compareçam, mas se comparecerem há algumas vantagens, nomeadamente pela questão dos horários.

Alguém pergunta quando é que eles tem de se apresentar e/ou se têm de confirmar a sua aceitação da colocação. O PCP esclarece que os novos colegas não tem que comunicar nada, apenas têm de se apresentar dia 1 de Setembro. O que acontece geralmente é que alguns telefonam, ou quando não telefonam é a própria escola que procura entrar em contacto com eles. Por outro lado, na generalidade dos casos, diz o PCP, acontece que eles aparecem mas concorrem logo de seguida para outro sítio ao abrigo da preferência conjugal.

[12.45]

3 - Situação dos professores - Concursos - O PCP de seguida refere-se às alterações do corpo docente do 2º ciclo. Indica alguns colegas que vão sair. O del. de EMRC/2°C pergunta: "Afinal fica alguém?...". "Ficamos nós..." responde a del. de Ing/2°C. Comentário da del. de E.Tecnológica/Área-Escola: "Ficamos os que já são a mobília da escola..."

#### 4 - Organização do trabalho de férias

O PCP começa então a explanar a organização do trabalho durante o período de férias. Relativamente às matrículas indica a data (5 de Julho) e os directores de turma como primeiros responsáveis por esse trabalho.

A del. de Mat/2°C coloca a questão dos alunos que deixaram de estar abrangidos pela escolaridade obrigatória. As opiniões dividem-se, alguns presentes defendem que tinha de se tomar uma posição relativamente a alunos que sistematicamente não obtinham aproveitamento e que já se encontravam fora da escolaridade obrigatória. Outros defendiam que se houvesse vagas a escola não podia deixar de aceitar a sua matrícula.

A del. de Fra/3°C refere a situação de uma aluna (Mónica). Esta aluna já tinha excedido o limite de faltas há muito tempo e ainda não sido excluída. Não andava lá a fazer nada e só prejudica os outros alunos.

O PCP afirma que não tem conhecimento de nada, o DT nunca referiu esse assunto. Sobre a questão levanta pela del. de Mat/2°C nada se decide. O PCP informa que dia 4/7/96 haverá uma reunião de directores de turma (10.30). No dia 3/7/96 funcionarão 5 equipas de revisão de pautas e no dia 4/7/96 apenas 1. E nesses dois dias terá de ser feito todo o trabalho de revisão das pautas.

O del. de E.Visual/3°C comenta "... e só saem depois da 'sardinhada'". "Isso não, isso não, porque eu não obrigo ninguém a vir à 'sardinhada'! Quem quer vem, quem não quer não!" afirma o PCP.

5 - Instalações - Continua com o ponto de informações. Agora sobre a questão das instalações. O PCP faz a leitura de um fax recebido a 5 de Junho da CMLx, do Vereador António Abreu, que vinha acompanhado de cópias dos ofícios enviados pelo Presidente da CMLx à DRELx e ao Director Geral do Património do Estado, comprovativos da cedência da parcela de terreno necessária à ampliação da escola.

Refere, ainda, o fax [de que o PCP fez leitura em voz alta]: pelo carácter de urgência que a degradação da escola impõe, foi aberta, por parte da Câmara esta excepção, comprovativa da boa vontade em resolver questões ligadas à cedência do terreno.

Por outro lado, e em face do anterior o PCP informou ter oficiado há dias (14-6-96), sobre o mesmo assunto, para a DRELx, nos seguintes termos: "Atento o estado de degradação da escola C+S dos [nome de povoação - 13], informou que a CMLx dá o seu acordo à proposta de reconstrução da escola tendo dado conhecimento desta disponibilidade à Direcção Geral do Património do Estado, junto de quem V.Exa. deverá iniciar o processo de formalização de cedência do terreno necessário (a complementar o anteriormente ocupado pela escola e que já foi objecto de cadastro no conjunto de problemas patrimoniais existentes)".

Face a esta situação o PCP procedeu ao envio de novo ofício à DRELx solicitando com a urgência possível a data provável do início das obras, a modalidade de execução das mesmas, que poderá provocar eventuais alterações ao número de turmas e respectivas salas para o próximo ano lectivo, bem como uma reunião, de preferência na escola, com os responsáveis pelo projecto das obras.

Refere ainda as hipóteses de organização do espaço para o efeito da construção nas novas instalações, salientando que as obras teriam de decorrer em duas fases para que a escola continuasse a funcionar.

O del. de EMRC quis saber se já tinha havido resposta da DRELx. "Ainda não, mas também ainda não houve tempo!" responde o PCP. "Aliás, devo dizer, sem que isto implique um juízo de valor que a DRELx antes e depois deste Governo tem um comportamento completamente diferente, agora respondem sempre aos nossos ofícios", comenta o PCP. Comentário da del. de Hist/3°C: "Jobs for the Boys a funcionar". Comentário da del. de Ing/2°C: "O amigo Guterres a funcionar!" [Estes comentários foram feitos em tom de brincadeira]

6 - O PCP refere-se agora aos critérios de constituição de turmas, distribuição de alunos pelas escolas. Serão verificadas as moradas de todos os alunos e serão em função disso distribuídas pela [nome de escola - 3] e pela nossa escola, diz o PCP. Este acrescenta ainda que se nessa distribuição tiver um determinado número de turmas (6 turmas no 5º ano) tudo bem não fará barulho. Se não pego em tudo e remeto para a [nome do funcionário do ME]. Mais indica que na reunião havida entre a escola, a [nome de escola - 3] e os Directores das Escolas do 1º ciclo da zona, ficou acordada a elaboração de uma ficha de caracterização dos alunos que frequentam as escolas do 1º ciclo.

[A interpretação que dei a esta intervenção é a de que as escolas vão por elas próprias tentar fazer a distribuição dos alunos do 5º ano entre elas. Se essa distribuição não for feita a contento da escola C+S de [nome de povoação - 13], então o PCP remeterá a questão para a [nome do fme - 5] da DRELx.]

A eventualidade de novas instalações para a escola leva a alguns comentários em tom de brincadeira. "Depois é que vamos ver, vão todos querer vir para esta escola!". "Depois seleccionamos nós os alunos que quere-

mos, não aceitamos senão aqueles que sejam bons” comenta a del. de Ing/2°C. O del. de EMRC exclama: “Não, não! Betinhos!” por uma questão de coerência não deveremos fazer qualquer selecção, acrescenta o mesmo del. de EMRC. “Vai ser coerente para outro lado!” responde a Ing/2°C.

*[Reconhecendo que todo este diálogo, comentários foi feito num ambiente de boa disposição e brincadeira, não pude deixar de pensar que se calhar não era por acaso que os intervenientes eram aqueles e não outros. A brincar a brincar, por vezes são ditas e tomadas posições que reflectem o verdadeiro pensamento das pessoas. Neste caso concreto, estou muito inclinado a admitir que assim se passou]*

A propósito da questão da importância, por várias vezes referida em reuniões anteriores, da necessidade de conhecer o percurso escolar do aluno (o que aliás também pode ser utilizado de forma negativa, discriminando-o em termos de selecção na matrícula) a del. de Hist/3°C conta que numa Acção de Formação foi defendido que ninguém tem nada que saber o percurso escolar dos alunos, que isso é anticonstitucional. Este comentário é feito apenas para mim.

Passando ao 2º ponto da OT - PAA, o PCP solicitou que os grupos disciplinares a definissem as actividades a desenvolver no âmbito do PAA. No âmbito desse plano em curso está a desenrolar-se o segundo Fórum Cultural. Na próxima reunião do CP far-se-á o balanço das actividades desenvolvidas no terceiro período.

*[Não mais intervenções sobre este assunto]*

O PCP refere de seguida a questão dos manuais escolares - : “... os grupos que têm de escolher manuais escolares devem entregar as suas escolhas até amanhã (27/6/96). O número previsto de alunos, não se preocupem, que nós preenchamos isso.

“A del. de Hist/3°C perguntou: “ - Quando é que sabemos quantos alunos temos para os exames do 9º ano?”

O PCP responde que no dia 9 de Julho já se saberá.

O del. de E.Visual/3°C pergunta se há ajudas de custo no trabalho de elaboração e correcção dos exames do 9º ano. Não há resposta, mas também a pergunta era apenas retórica e no “gozo”.

A del. de Ing/2°C esclarece não ser necessária a aquisição do *WorkBook*, devendo esta informação ser afixada junto do nome do manual adoptado para a disciplina.

*[A propósito desta intervenção verificaram-se alguns momentos de boa disposição, porque a del. de Hist/3°C percebeu “WalkBook” e perguntou o que era isso de “WalkBook”. Algumas risotas da parte dos restantes membros. “Ora, WalkBook? Oh colega, isso só se for nos Açores!” exclama na brincadeira o del. de EMRC/2°C]*

O del. de E.Visual/3°C disse que o manual adoptado para a disciplina de E.Visual poderá ser utilizado nos três anos do 3º Ciclo.

Da mesma forma a del. de E.Tecnológica informou que o manual adoptado para a disciplina de E.V.Tecnológica poderá ser utilizado nos dois anos do 2º ciclo.

A del. de Ing/2°C refere a necessidade de junto das listas de livros afixadas para conhecimento dos encarregados de educação se encontraram de forma bem visível essas notas, para evitar que eles gastam mais dinheiro desnecessariamente, já que se pedirem apenas o livro, os livreiros juntam-lhe o “*WorkBook*” que depois os alunos não vão utilizar.

Sobre o ponto seguinte da OT - Avaliação o PCP começou por prestar algumas informações sobre a preparação das actividades de avaliação do 3º período/fim do ano. Começou por dizer que já se encontra afixado o calendário das reuniões de avaliação. Depois informou que, tal como já se encontra prevista, no dia seguinte (27-6-96) iria realizar-se uma reunião de DT sobre a avaliação final onde serão distribuídas as habituais normas; estas serão também distribuídas a todos os professores.

O PCP esclareceu depois que as reuniões de grupo próximas deveriam abordar a questão das aulas de apoio e a Sala de Estudo.

A CDT sugeriu ao PCP que a escola poderia pensar na hipótese de utilizar os currículos alternativos. Perguntou se ele já tinha o despacho sobre o assunto, se sabia como eram as coisas feitas. Se não, ele podia pedir esses dados para a DRELx. O PCP respondeu que “não pedia nada a ninguém”.

Alguns presentes intervieram sobre o assunto. Uns defendiam que a construção de currículos alternativos podia ser benéfico para os alunos (nomeadamente o del. de EMRC/2°C e o del. de E.Visual/3°C) outros opinavam que esse despacho levantava muitas dúvidas, porque havia quem defendesse que isso só seria mais um factor de exclusão para os alunos já marcados por dificuldades sócio-familiares, e nesse sentido achavam que não podia haver alunos de 1º e de 2ª, turmas de bons e turmas de maus. Entrem os que colocavam algumas reservas ao despacho dos currículos alternativos, encontrava-se o próprio PCP.

A del. de Ing/2°C entendia que os alunos fracos que tinham “...nem com currículos alternativos iam lá”. A ideia podia ser bem intencionada, mas não era naquelas condições de trabalho, físicas e sócio-familiares que se podia fazer “omeletas sem ovos”. Esta del. de Ing/2°C chama a atenção para os resultados muito maus que se esperam no corrente ano, e o que vai acontecer quando as classificações forem publicadas, e os encarregados de educação virem os resultados.

Novamente, entra na discussão das reclamações e recursos. O PCP diz que “...tudo aquilo que se fizer tem de ser bem feito!”. Acrescenta que “...daqui a bocado já vamos falar nisso.!”

[13.15]

O PCP diz que nas reuniões de avaliação dever-se-ão indicar os alunos para as modalidades de APA (aulas de apoio e sala de estudo) para o ano lectivo de 96/97. Além disso há que incluir nessas propostas a respectiva justificação.

Seguidamente o PCP refere a chegada à escola de uma - circular 32/96 - na qual recomenda às escolas que enquanto não procede à reformulação do Despacho Normativo 98-A/92 - Regime de Avaliação do Ensino Básico - as escolas deverão aplicar em matéria de impugnação de decisões dos CT sobre a classificação dos alunos, o previsto sobre a matéria, no despachos 43/SERE/89 e 7-A/SERE/91, nomeadamente no caso da avaliação especializada.

Ainda sobre este assunto, o PCP sublinhou a necessidade de ponderação cuidadosa e justificação exaustiva, em acta da reunião no terceiro período no caso dos alunos bi-repetentes. Relembrou também a necessidade de sistematizar todos os elementos considerados pertinentes para a elaboração de um relatório detalhado sobre o percurso escolar do aluno.

A CDT e a del. de Ing/2°C solicitaram ao CP que se pronunciasse sobre a colocação de alunos repetentes do 5º ano que se prevêem em número elevado.

A del. de Ing/2°C disse que "... perante o panorama que se avizinha, em matéria de retenções, é preciso ponderar como se vão distribuir esses alunos repetentes". Num comentário, lateral, ainda diz "mais vale ficar com os repetentes todos juntos".

[13.25]

Comenta o del. de E.Visual/3°C, "daqui a pouco temos de ponderar. mas é onde vamos meter os alunos não repetentes!"

A CDT diz: "... se os colegas tem critérios a propor, que digam!"

A del. de Ing/2°C opina que "... como todas as turmas são uma 'nódoa' o melhor é não proceder ao seu desmembramento", referindo-se às turmas do 5º ano. A del. de Fran/3°C: "... o problema que se coloca é ter esses alunos, alguns bi-repetentes, com os miúdos que vêm agora do 1º ciclo "

A CDT diz que todos essas questões existem e são importante, mas "... é bom que se defina aqui como vamos fazer".

Novamente se fala dos currículos alternativos. O del. de EMRC/2°C opina que se podia tentar arranjar para alguns desses alunos currículos alternativos. O PCP não apoia muito a ideia. Diz mesmo que, face às dúvidas colocadas já por diversas instâncias, nomeadamente as críticas da FENPROF, se calhar o despacho "vai ao ar".

Volta o del. de EMRC/2°C a dizer. "... e se juntarmos os alunos com um certo 'cadastro' na mesma turma e arranjarmos professores 'especiais'?"

O PCP diz que isso não é possível porque é preciso pedir uma autorização ao ME.

A CDT refere os bons resultados de uma experiência realizada alguns anos antes. Diz, entretanto, que os DT chegavam a ter duas reuniões por mês com os encarregados de educação e eles até apareciam.

Comenta o del. de E.Visual/3°C: "O que era preciso era transformar a escola numa escola de ensino especial, tanto são os alunos a precisarem de apoios".

"Então, organizam-se todos os anos dessa maneira? Eu aceito todas as sugestões!" diz a CDT. O PCP mostra o seu desacordo, argumentando que organizar as turmas dessa maneira, juntando os alunos com dificuldades e atribuindo-lhes professores escolhidos de propósito, é promover a marginalização.

O del. de EMRC/2°C exclama. "... isso pode ou não ser marginalização! Depende de como vamos tratar esses alunos! Se for para os recuperar de forma que possam terminar o ciclo de estudos da mesma forma que os outros, isso não é marginalização, acho eu!"

A del. de Ing/2°C defende que não deve fazer-se a dispersão dos alunos dos grupos originais. Os alunos retidos da mesma turma devem manter-se juntos.

O del. de E.Visual/3°C entende que se isso for assim deve ser feito como uma experiência. Responde a del. de Ing/2°C: "... isso não é experiência é a realidade, que nós temos!"

A del. de C.Físico-Químicas/3°C concordando com esta hipótese de o que vier a ser feito deve ser acompanhado e analisado, esclarece que o que se deve entender por "experiência" é o facto de se poder no final fazer um balanço, com dados concretos, o que permitirá verificar se os resultados foram ou não favoráveis.

O PCP afirma que "... isso não, isso não! Isso implica autorização! Turmas só de repetentes implica que tenhamos de pedir autorização!

Afirmando/perguntando o del. de EMRC/2°C intervém: "... porque não se pede então autorização?! Continuo a pensar que o melhor era constituir turmas só de repetentes. Se é preciso pedir autorização, então peça-se autorização!" Defende se não se pode, também, é prejudicar os alunos que querem e podem fazer alguma coisa, por termos alunos que não querem, ou não podem "andar mais depressa".

A CDT: "Pois, mas isso é uma realidade que temos, é a realidade do nosso ensino, com 22 alunos por turma, contra isso o que é que podemos fazer?"

O PCP refere a importância de atender aos critérios de idade na constituição das turmas. A del. de E.Tecnológica/3°C, continua a defender que os alunos repetentes devem distribuir-se pelas turmas, sem serem separados diz que "... como se esperam 6 turmas de repetentes, ficam todas as turmas, com metade de repetentes."

[13.45]

Como não se chegasse a um acordo sobre o assunto, o PCP propõe que sejam consultados os DT das turmas do 5º ano. A resposta que eles derem será a que irá ser seguida na constituição das turmas do 5º ano, finaliza o PCP. O PCP levanta-se. A reunião acabou. [13.50]



## J) 10ª REUNIÃO - 27 SET 1996

cp210

17/09/96 - 10h 10m - 13h 00m - Escola B

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO

### ANTES DA REUNIÃO

[10.00] No gabinete do CD encontravam-se o PCP e a Chefe dos Serviços Administrativos. Logo de seguida entrou a del. de Ing/2°C. Esta fez-me um grande cumprimento e conversámos durante algum tempo sobre as férias. A propósito da falha que tinha acontecido no meu computador, conversámos sobre as vantagens e desvantagens dos processadores de texto relativamente à escrita manual. A del. de Ing/2°C troou depois, ainda, algumas informações sobre horários, com o PCP e depois dirigimo-nos para a sala onde ia decorrer a reunião.

Era uma sala diferente das que tínhamos utilizado, até então. Não estava ainda ninguém na sala. Nessa circunstância dispus-me a ir ao bufete comer coisa, e perguntei ao PCP se haveria alguma coisa para comer. Disse que talvez, mas não tinha a certeza. Fui para a sala de professores. Lá dentro, na sala de fumo encontravam-se vários professores, membros do CP. Na zona do bar encontravam-se alguns professores e três funcionários. Pedi um café e logo vi que não havia nada para comer. Na vitrina do balcão encontravam-se dois bolos que a funcionária guardou, dizendo que eram de véspera. Aliás um dos professores presentes perguntou se havia algo para comer e as funcionárias disseram que não. Acabei de tomar o meu café e sai da zona do bufete. Quando ia a passar pela zona de fumadores, o PCP estava a chamar os professores que lá estavam dizendo que era hora de começar a reunião.

À entrada da sala o PCP "meteu-se" com duas colegas, a propósito do vestuário que traziam: uma estava de calças e a outra com uma saia um pouco acima do joelho. "Brincaram" trocando ditos espirituosos durante algum tempo, enquanto outros colegas iam chegando e ajuntando-se à entrada da sala. Poucos momentos depois entrámos na sala.

### DURANTE A REUNIÃO

[10.15] - O PCP inicia a reunião com a informação sobre a nova composição do CP. Refere que se realizaram eleições nos grupos disciplinares do 3º ciclo porque a generalidade dos seus representantes tinham terminado o 2º ano de mandato. Como se podia ver havia algumas caras novas, no 3º ciclo [os del. de Port/3°C, de C.Natureza/3°C e de E.Tecnológica/3°C]. Faltava o del. de E.Física/3°C porque como tinha sido pedida a redução curricular total, não iria haver representante dessa disciplina no CP. Finalmente ao nível do 2º Ciclo, apenas houve uma alteração: a saída do [nome de prof. - 92] (que obteve a equiparação a bolseiro) e a entrada do del. de E.Física/2°C.

Pela folha de presenças que circula pelos presentes tiro a Ordem de Trabalhos:

1. Informações
2. Abertura do Ano Lectivo
3. PAA de 96/97
4. Área-Escola

[10.20]

Seguidamente, ainda considerado no ponto de Informações, o PCP diz que, ainda no período de férias, as escolas receberam uma informação sobre um despacho que iria ser publicado, a propósito da possibilidade de reorganização dos conselhos pedagógicos das escolas EB23. Entretanto o despacho já fora publicado no Diário da República (5-9-96; II série), e portanto ele achava que o CP devia ter conhecimento e debruçar-se sobre o referido despacho. Disse que para já, não iam demorar muito tempo com o problema, tratava-se apenas de uma informação. Com tempo, ao longo do ano o assunto seria tratado, "descascado" e depois no próximo ano lectivo poderia tomar-se uma decisão, já que o próprio despacho dizia que "poderá" ser alterada a composição do conselho.

Em traços gerais o PCP passou a expor em que consistia o normativo em causa: os conselhos pedagógicos poderiam optar por ter apenas del. por áreas disciplinares, sem distinção de ciclo, isto é, por exemplo, um del. de Português apenas, um de História, outro de E.Física, e assim por diante; era criado o cargo de subdel. para aquelas disciplinas que não tivessem representação directa no conselho; os del. teriam direito a uma redução de 4 horas e os subdelegados à redução de 2 horas. Estas alterações implicariam no conjunto uma diminuição das horas de redução lectiva que poderiam ser aplicadas utilizadas para outras actividades, nomeadamente, de APA e outras.

Nesta altura a del. de C.Físico-Químicas/3°C pergunta se a aplicação do despacho não é para o corrente ano.

A mesma questão é colocada pela del. de Ing/3°C: "... trata-se de uma proposta ou é para aplicar já este ano.

*[Pelo que me apercebi a questão colocada por esta última del. ia no sentido de se a reorganização era apenas uma proposta a ser considerada para aplicação no próximo ano lectivo, ou se era obrigatório considerá-la para aplicação já este ano lectivo]*



O PCP disse que “é para aplicar no próximo ano”. “Os grupos debatem este assunto e depois mais tarde podemos decidir sobre isso” acrescenta o PCP. Diz ainda que o despacho saiu mesmo em cima do início do ano lectivo, que o serviço lectivo já está distribuído, os horários dos professores e turmas, já se encontram praticamente feitos, e portanto, essas coisas não podem ser agora alteradas, de forma a permitir uma reorganização do CP.

Seguidamente apresenta rapidamente os cálculos relativos à diferença dos totais das horas de redução que resultariam entre as duas formas de composição do conselho, a actual e a que resultaria da aplicação do despacho. A conjugação dessa modificação com as horas dos directores de turma daria uma diferença de  $110-58=52$  horas (mais hora, menos hora). Ele tinha feito, rapidamente essas contas e a coisa, mais hora menos hora, a escola disporia de cerca de 50 horas para afectar como o CP definisse.

A del. de Ing/2°C coloca a questão das reuniões de grupo. “Como se realizam as reuniões de grupo já que os professores podem não ter horários compatíveis?” pergunta esta del. de Ing/2°C.

*[Não percebi muito bem em que consistia esse problema, porque se havia lugar às reuniões de grupo no modelo actual do CP, não se percebia como isso deixava de ser possível com o modelo proposto no despacho. De facto a única alteração do ponto de vista do funcionamento dos grupos era a alteração do estatuto de alguns membros que deixavam de ter assento no CP, em tudo o mais as coisas passar-se-iam na mesma]*

O PCP disse que era exactamente para debater todas essas questões que era importante os grupos analisarem e discutirem o despacho, ao longo do ano lectivo, para depois de tomar uma decisão que pudesse entrar em vigor no próximo ano lectivo.

Continuando ainda no ponto de informações o PCP disse que não tinha grandes informações sobre as obras para as novas instalações. Sabia apenas que os trabalhos iriam decorrer em duas fases. A 1ª fase consistiria na construção de três Pavilhões, apanhando a zona do Jardim em frente da escola, e a zona onde se encontravam, actualmente, os pavilhões do SA/CD, da Reprografia e do das salas de aula que se encontra à esquerda de quem entra. Isso iria implicar a desactivação das salas 9, 10 e da 17 à 21. Tudo isso vai implicar modificações e adaptações que teremos de fazer antes das obras começarem.

O PCP acrescentou que as obras “neste momento ainda tudo está em fase de lançamento de concurso, com certeza eu antes de Dezembro não haverá obras”. Depois da abertura do concurso, há que obter aprovação do Tribunal de Contas, etc., portanto o mais provável será o início das obras só para depois de Dezembro.

“A demolição...” ia a continuar o PCP.

“... deixamos a cargo dos alunos!” (Risos) acrescenta prontamente o del. de EMRC/2°C. Outro del. [que não me apercebi quem foi] adianta: “Sim, basta dizer aos alunos que é para deitar a abaixo que eles, num abrir e fechar de olhos, arrumam o assunto!

*[Agora menos risos que antes]*

O PCP continua com a sua exposição. Os serviços administrativos e o CD vão ser instalados no ginásio. Para o efeito solicitou-se à DRELx fosse concedida a redução curricular do grupo de E.Física/3º ciclo. Isso foi combinado com a DRELx e já foi autorizado. Comunicou-se, por isso, ao serviço de concursos que não colocassem nenhum prof. de E.Física/3º ciclo na escola, mas mesmo assim foram colocados dois professores e agora não temos horários para eles. Vamos ter de resolver esse assunto. Ainda pensámos em propor que as horas desses professores fossem transferidas para o Desporto Escolar. “Como nos concederam 16 horas para o Desporto Escolar...” refere o PCP. Portanto uma opção era eles ficarem com o Desporto Escolar, mantendo-se portanto na escola, senão teremos de ver outra forma de resolver a questão: De qualquer modo a culpa não é nossa, porque comunicámos com tempo essa questão.

Para permitir o início das obras, terá de transferir os SA, CD e Reprografia para o pavilhão. Por isso durante as férias de natal proceder-se-ão às obras de adaptação daquele espaço (construção de divisórias, instalações eléctricas que suportem os diversos equipamentos, telefones, etc. Essas obras irão custar cerca de 400 contos. “É certo que vamos estar a fazer coisas que depois são para deitar abaixo, mas terá de ser mesmo assim” finaliza o PCP.

*[Sobre este assunto, questionei-me sobre quem pagaria essas despesas, já que o PCP sobre isso nada disse]*

A propósito das instalações, o PCP informou que tinha sido feita uma alteração em termos de salas: a sala de E.Visual passou a sala de aulas normal e a sala de E.Visual passa a ser a sala 28.

Exclama a del. de Hist/3°C: “- Mas aquela sala, aquela pintada de verde? A 28? Que condições é que tem? Não tem condições nenhuma!”

Responde de imediato o PCP: “Tenham paciência, mas eu não vou mexer nisso! Não há dinheiro neste momento para fazer mais obras, neste momento tenho no Fundo de Manutenção apenas 300 contos.”

Seguidamente o PCP dá informações sobre o nº de turmas que irão funcionar na escola no ano lectivo 96/97: 6 turmas no 5º ano, 6 turmas no 6º ano, 6 turmas no 7º ano, 7 turmas no 8º ano e 5 turmas no 9º ano, num total de 30 turmas. No 5º ano não há turmas de Francês. Depois passa a palavra à CDT que esclarece quais os critérios seguidos na constituição das turmas, nomeadamente a preocupação de ter grupos com alguma homogeneidade etária. Referiu ainda a questão das opções escolhidas pelos alunos. A certa altura, e a propósito da questão das idades, o PCP referiu que houve um ou outro caso, em que a escola foi “obrigada” a aceitar a matrícula de alunos, bem mais velhos do que a generalidade dos alunos. Referiu-se concretamente a um caso de um aluno com 15 anos. De acordo com as reuniões prévias da Rede Escolar ele não aceitou essas matrículas, entretanto o pai do aluno foi colocar a questão à DRELx e esta comunicou para a escola que tinha de aceitar o aluno. “O que não se pode admitir é que

num momento digam uma coisa e logo a seguir outra pessoa qualquer da DRELx diga exactamente o contrário”, acrescenta o PCP. É claro que nesse caso temos de fazer o que eles nos mandam, até porque neste momento ainda não esgotámos o número máximo de alunos por turma. Um dos presentes, pergunta então até quando é que temos de continuar a aceitar as inscrições. O PCP responde que para isso não há “limites temporais. Isto é à vontade do freguês” conclui. Como sempre, segundo ele, no entanto as coisas acabam por se compor.

“Compor?!” pergunta/exclama a del. de Mat/2°C. “Depende do que entendes por compor! O melhor era dizer descompor...! Ter alunos com 15 anos em turmas de 10/11 anos, não é precisamente o que entendo por compor!” continua aquela del. de Mat/2°C.

As del. de Port/2°C e de Ing/2°C intervêm emitindo opinião idêntica.

O PCP seguidamente indicou o tamanho das turmas do 6º ano - 23, 20, 21, 19, 21, 21 alunos. Referiu que, entretanto, faltava ainda a matrícula de 13 alunos. A dimensão das turmas entretanto dava perfeitamente para incluir esses alunos, sem grandes problemas. A CDT referiu, entretanto que houve necessidade de constituir uma turma mista (Francês/Inglês) por causa de 9 alunos retidos. Essa turma era uma das que tinha 21 alunos. Novamente, o PCP indicou que teve que incluir um aluno com 16 anos: “... mais um choradinho, praça de Alvalade”, referindo-se à ida do e. educação à DRELx recorrendo da decisão da escola em não aceitar a matrícula do educando. Novamente disse que “... tudo bem, se o ME manda nós aceitamos, mas por uma questão de princípio, não aceitamos antes disso, porque senão...!”

Relativamente ao 7º ano, o PCP disse que eram as turmas mais cheias. Estavam com 26 alunos. No entanto, conseguiu-se que não entrassem mais alunos do que aqueles que haviam transitado do 6º ano, com excepção de uns poucos que se inscreveram em E.Tecnológica, porque na turma onde havia essa disciplina, ainda havia vagas. Mesmo assim as duas turmas de E.Tecnológica têm menos alunos (22 e 23 alunos)

A del. de Fra/3°C reclama que “26 alunos é demais”. E chama a atenção para as dificuldades de trabalhar com 26 alunos, nas condições físicas das salas existentes.

O PCP, como já tinha dito em outras ocasiões, argumentou que, mesmo assim as coisas não estavam muito mal, porque ao fim e ao cabo com aquelas mesmas salas “... já lá tivemos turmas maiores, já lá tivemos 30 alunos!”

“Até lá cabiam 40!” responde a del. de Fran/3°C. “O problema não se lá cabem 20, 30 ou 40 alunos...” continua aquela del...

“Bem apertadinhos e de pé, até lá cabem 100 alunos!” exclama um dos presentes.

*[A discussão nesse momento, percebia-se tinha deixado de ser possível, porque, meio a sério meio na galhofa, alguns dos presentes tinham utilizado argumentação fora do controle dos intervenientes]*

Perante estas reclamações o PCP: “Othem colegas, então resolvam melhor, que eu não sei fazer melhor”. “Aliás eu sempre disse que se o tamanho das turmas fosse problema para a realização das obras na escola, eu admitia ter turmas até os 30 alunos, nunca escondi isso, portanto se os colegas acham que é possível fazer melhor, eu espero opiniões” finalizou o PCP.

O assunto terminou assim.

Relativamente ao 8º ano, o PCP disse que as turmas eram mais pequenas. Uma delas tinha até apenas 15 alunos - era a turma de E.Tecnológica. “Obviamente, tivemos de pedir autorização para a constituição dessa turma, tão pequena” acrescentou.

Sobre o 9º ano segundo informação dada pelo PCP as turmas iriam ter: 21, 24, 18, 22 alunos. A turma mista com Inglês/Francês estava no momento com 21 alunos, mas poderia ir ainda até aos 23 alunos. Por outro lado, ainda havia os alunos que tinham feito exame, e consoante os resultados obtidos ainda poderia haver o aumento das turmas. O número de alunos que se inscreveram a exame foi de 10, mas apenas pareceram a exame 6 alunos. Era natural, portanto que as turmas pudessem aumentar ainda.

*[Dois ou três presentes mostraram-se pouco convencidos que houvesse alunos aprovados nos exames, não de forma explícita, mas por expressões faciais, ou em comentários em voz baixa.]*

O del. de Geo/3°C alvitrou, sem muita convicção: “... pode acontecer alguns deles pedirem a transferência...!”

Seguidamente o PCP começou a referir-se à situação da colocação dos professores. Havia alguns horários ainda por preencher. Tratavam-se de horários enviados para mini-concurso:

um horário de 12 horas de E.Visual,

um horário de 22 horas de Português - a propósito deste horário completo, disse que se tratava de um horário atribuído a um prof. da escola que já algum tempo se encontrava destacado nos serviços do Mosteiro dos Jerónimos cujo destacamento este ano veio mais tarde.

um horário de 6 horas de Francês

um horário de 12 horas de Inglês

um horário de 21 horas de História - também em relação a este horário, a escola só recebeu a comunicação do destacamento da colega para o IIE, já muito tarde de forma que teve de ir para mini-concurso.

O PCP esclareceu ainda que havia a possibilidade de juntar ao horário de 6 horas de Francês as 16 horas de outro horário, de uma profª. que estava com redução para amamentação, mas que entretanto tinha sido destacada para o Ensino Especial. Nesse sentido, pedia à del. de Ing/2°C que mexesse nos horários de forma a juntar essas horas. Indicou até que horas tinham de ser mexidas, porque a maior parte delas eram conciliáveis. Mostrou convic-

ção de que não haveria problemas na aceitação desse horário, que para quem fosse colocado surgia como “um maná”.

A propósito dos horários, o PCP disse que os horários das turmas já se encontravam afixados, mas que os dos professores eram confidenciais. (Alguns sorrisos bem dispostos). “Vamos ver se o grupo de horários consegue dar um geitinho!” finalizou o PCP.

Sobre os horários falou a del. de Ing/2°C. Apresentou algumas dificuldades sentidas na sua elaboração. Considerou, entretanto, que eles praticamente eram uma cópia dos anos anteriores: “Quase se podia fazer uma cópia de um ano para outro”. Só houve um diferendo entre a [nome de profª - 18] e a [nome de profª - 72] mas isso foi resolvido.

*[Referia-se às del. de Hist/2°C e de Mat/2°C]*

Por outro lado houve o problema com a colocação da carga horária de E.V.Tecnológica (5 horas) pois a sua organização em aulas de mais de uma hora dificultou a elaboração dos horários. Esta mesma del. de Ing/2°C disse que se calhar ira haver “refilice” no 4º Grupo do 2º ciclo (Matemática e C.Natureza), mas isso, era um problemas que só poderia ser resolvido no seio do grupo: “... o grupo tem de se entender primeiro!”. Esta afirmação criou alguma expectativa dos mais directamente interessados, que foi desfeita quando a del. de Ing/2°C esclareceu que iria haver horários com mais níveis do que os professores esperavam. “Oh, isso? Eu pensava que tinham posto professores de Matemática a dar Ciências e vice-versa!” exclamou a del. de Mat/2°C, mostrando algum alívio.

A del. de Port/3°C perguntou/exclamou: “Então já se pode espiar os horários!?”.

Comentário bem humorado do colega do meu lado direito, o del. de E.Física/2°C: “Ninguém pode saber os horários antes de serem entregues, são confidenciais, mas já toda a gente, sabe que horário tem!”

A del. de Ing/2°C referiu ainda o problema da colocação das horas das reduções lectivas dos Directores de Instalações e dos DT. Disse, nomeadamente que nesse ano não há Director de Instalações de Biblioteca *[julgo que isso tinha a ver com o facto das obras a realizar na escola]* e que “... as DT's foram dadas mesmo a quem não as queria, porque o presidente [referência ao PCP] não deixou dar horas de apoio.

*[Esta última afirmação quer dizer que as DT's foram atribuídas, também, quando os horários se encontravam incompletos - outra forma seria não atribuir nesses casos as DT's e completar os horários com horas de apoio]*

Algumas conversas cruzadas.

O PCP: “H... pode avançar?! Já está? Então L... podes avançar!”, dirigindo-se respectivamente às del. de Ing/2°C e de Port/3°C.

Esta segunda tomou a palavra para referir de forma sucinta os critérios da elaboração dos horários, adiantando que se procurou, na medida do possível, cumprir “... as preferências dos professores...”.

“... E dos alunos” adianta o PCP.

A del. de Port/3°C agradece a intervenção do PCP e continua referindo agora as prioridades observadas quando se verificaram incompatibilidades entre horários dos professores.

*[Pareceu-me um assunto relativamente pacífico, porque o assunto não mereceu da parte dos presentes quaisquer reparos ou comentários, talvez por os implicados não ser nenhum dos presentes. Talvez!]*

O PCP passa a abordar a questão das provas globais. Informa que saiu um despacho que reformula a realização das provas globais no ensino básico acrescentando depois que “... vamos voltar a falar no pedagógico de Novembro”. Entretanto é entregue um exemplar do referido despacho a cada um dos presentes. A del. de Port/3°C aproveita para referir que nas disciplinas onde foi possível lançaram-se, nos horários, horas duplas de forma a contemplar desde logo a realização das provas globais.

O PCP, nesta altura, refere novamente a situação de atraso da publicação da pauta de resultados. A inadequação da pauta que o ME tinha enviado às escolas (essas pautas previam o lançamento das classificações em termos de pontuações e dessa forma havia alunos que não aprovavam; esses mesmos alunos se a avaliação fosse feita em termos de níveis aprovavam) e só agora tinha recebido a nova pauta. A partir desse momento ia fazer o preenchimento da pauta respectiva.

O PCP disse que as suas informações tinham acabado. Perguntou à del. de Port/3°C: “Lurdes, queres dizer alguma coisa?”

Resposta: “- Só se for em relação à Sala de Estudo!” e passou a explicar o funcionamento previsto para a Sala de Estudo. Estavam previstas 18 turmas para a Sala de Estudo segundo aquela del. de Port/3°C. Durante alguns largos minutos discorreu sobre a importância, no caso particular daquela população escolar, das actividades de apoio ao estudo, como era aquele o caso. A realização de fichas de diagnóstico para os alunos realizadas no âmbito da Sala de Estudo, bem como a elaboração de fichas relatório para os professores das respectivas disciplinas poderem individualizar o ensino relativamente aos seus alunos com maiores dificuldades de aprendizagem foram algumas das inovações introduzidas no funcionamento da Sala de Estudo. A mesma del. de Port/3°C exortou os colegas a arranjamem e cederem para a Sala de Estudo todos os materiais didácticos, jogos didácticos, provas e fichas de avaliação, fichas de trabalho, etc., porque neste momento havia muito pouco coisa.

Durante a relativamente longa exposição os presentes estiveram atentos, e notou-se que havia uma aprovação geral pela forma como se pretendia por a funcionar a Sala de Estudo. Algumas intervenções referiram entretanto as dificuldades na recolha, organização e gestão (para além dos custos de aquisição quando disso fosse o caso) dos inúmeros materiais didácticos já existentes.

A del. de Port/3°C referindo-se a esses problemas, nomeadamente os de gestão do acervo de materiais didácticos, opinou que era uma questão a ter em consideração com "a nova escola do futuro", e que "isto é uma coisa que terá de ser resolvida". O PCP referiu de seguida que na Sala de Estudo vão estar integrados - em termos de completamento de horário.

Seguidamente passou-se ao ponto seguinte da OT - Abertura do Ano Lectivo.

O PCP referiu a dificuldade que sentiu em organizar o primeiro dia de aulas, em termos do primeiro contacto com as turmas, porque a ideia seguida em anos anteriores de os professores organizarem o primeiro contacto com os alunos, revelou-se impossível porque "há turmas que são verdadeiros passadores" referindo-se ao facto de algumas não terem ainda muitos professores, por outro lado também ainda não estavam atribuídas algumas direcções de turma. Nessa circunstância disse que tinha desistido de programar o que quer que fosse, e portanto "... quem tem aulas vai para lá e pronto! tenta fazer o melhor possível!". O melhor possível, era no caso, a) a entrega e leitura do Regulamento Interno na 1ª aulas; b) Preenchimento de uma ficha-inquérito sobre o Regulamento Interno na 2ª aulas e c) Correção dessa ficha na 3ª aulas. O início das aulas está marcado para 19 de Setembro.

Passando ao ponto seguinte da OT - PAA, o PCP refere que alguns colegas já lhe tinham deixado "indicações sobre actividades para o PAE". Acrescentou que "quem se tiver esquecido de entregar, que o faça o mais rápido possível, para que o PAA possa ser aprovado na reunião do CP de Outubro - 23/10/96. Indica de seguida os grupos que já entregaram as suas sugestões: 8ºA Grupo do 3°C [del. de Port/3°C], E.V.Tecnológica do 2°C [del. de E.V.Tecnológica/2°C], História [del. de Hist/2°C], 4º Grupo do 3°C [del. de C.Físico-Químicas/3°C] e o 9º Grupo do 3°C [del. de Ing/3°C].

A del. de Ing/2°C informa o PCP que no caso do seu grupo essas propostas e sugestões encontram-se na acta da última reunião do ano lectivo anterior. Ao que o PCP responde, perguntando se ela queria que ele fosse ler todas as actas dos grupos, para saber o que lá se encontrava como propostas para o PAE. "Ora, colega!? Não tinha mais nada que fazer!". Portanto agradeço que me entreguem numa folhinha as sugestões e propostas, porque eu não agora esta a ler as actas das reuniões dos conselhos de grupo e de disciplina.

O del. de Geo/3°C informa que o seu grupo têm já actividades pensadas mas que ainda não tem o calendário definido, por isso é ainda não entregou. Diz o PCP: "Não sabes sequer os meses em que as actividades se podem realizar? Então põe os meses, que isso, para já chega!"

O PCP questiona os presentes sobre quando querem fazer as reuniões de grupo e de disciplina. Como não chegam a um entendimento, ele diz: "Olhem, façam as reuniões como entenderem, mas tenham em conta que a reunião do CP é a 23 de Outubro. "Para essa reunião tragam já os habituais 'objectivos mínimos", adianta, ainda o PCP

"Já??" - levantam-se algumas vozes.

"Sim! Já! Então quando é que querem? No final do ano lectivo? questiona o PCP.

"Não era má ideia! Podia ser! Assim resolvia-se o problema!" (risos vários) Alguns presentes fazem humor com o assunto. "Bom, eu já não digo nada! Bom, então se os colegas acham que sim, fica para Novembro" contemporiza o PCP

Passa-se ao ponto seguinte da Ordem de Trabalhos - Área-Escola.

O PCP começa por dizer que "... agora, dado que parece que o tema do Tejo está esgotado...(muitos risos)... os grupos devem ter já analisado alguns grandes temas que poderão ser propostos para a Área-Escola..".

Em seguida pergunta que temas têm os presentes para propor para a Área-Escola. De todos, apenas a del. de E.V.Tecnológica/2°C - 5º Grupo do 2°C - e a del. de C.Natureza/3°C - 11ºB grupo do 3°C - apresentaram propostas de temas, respectivamente "A Nova Escola" no primeiro caso e "Educação Para o Ambiente" para o 7º ano e "Educação para a Saúde" para o 8º ano, no caso no segundo caso.

Durante a consulta, invariavelmente houve manifestações no sentido de simplesmente não se escolher tema algum.

"Isso ainda existe?" dizia um.

"Pensei que isso já tinha acabado", dizia outro membro do conselho.

A propositura do tema "A Nova Escola" não tendo sido objectada, levantou no entanto, algumas questões, com alguns dos presentes a dizerem que "... se escolhermos esse tema temos antes de ter a certeza que vai haver nova escola, de facto...!"

Depois de um período de conversas cruzadas, ninguém entendendo ninguém, e durante o qual o PCP se manteve expectante e observador, a del. de Port/3°C interveio com um discurso de análise e crítica da Área-Escola nos termos em que se encontrava concebida e tentada levada a efeitos pelas escolas.

*[Apercebi-me pelo decorrer do debate que três dos elementos do conselho tinham frequentado uma acção de formação levada a cabo no Centro de Formação da Associação de Escolas - [nome - 2] - sobre a questão da Área-Escola: a del. de Hist/3°C, a del. de Port/3°C, o del. de EMRC/2°C(?) e o del. de Geo/3°C - isso aliás vai notar-se nas posições por eles tomadas no decurso da discussão]*

O del. de EMRC/2°C faz eco dessas críticas, dizendo que a Área-Escola, tal como as pessoas pensam por em prática, não leva a lado nenhum, apenas é uma perda de tempo. As coisas deviam ser repensadas. Tal como está as pessoas saem frustradas, porque os alunos são obrigados pelos professores e os professores são obrigados a fazer por está na lei.

A del. de Port/3°C durante alguns minutos procura explicar o que tinham “aprendido” na tal acção de formação. Entre as ideias fortes que tentou fazer passar ressaltaram duas ou três que deram origem a um debate vivo entre os presentes: a) “O que é a Área-Escola? Tudo o que é feito nas escolas é Área-Escola!”, as iniciativas que os grupos fazem na escola com os alunos, independentemente do nome que lhes queiram dar, são Área-Escola. b) O tema mais do que “aglutinador” deve ser um “gerador” de novas questões e problemáticas, a partir do qual constantemente se geram novas iniciativas, a ideia de tema aglutinador é constrangedora para as actividades dos alunos e professores. c) A interdisciplinaridade existe sempre, um prof. numa determinada disciplina pode realizar sozinho a interdisciplinaridade, mesmo sem saber ele realiza essa interdisciplinaridade, porque constantemente está a recorrer a vários ramos do conhecimento para trabalhar os conteúdos da sua disciplina; d) Essencial, essencial é a motivação das pessoas, nomeadamente a motivação dos professores para a realização dessas actividades.

A del. de Fra/3°C intervém de seguida. Opina que essas ideias são muito interessantes, mas “... são apenas mais uma interpretação dele (referindo-se ao [nome de prof. - 97])”. “Ele já teve outras interpretações”, acrescenta. “Eu já estive em duas acções realizadas pelo [nome de prof. - 97] e ele dizia exactamente o contrário...!”

*[Nota que esta intervenção da del. de Fra/3°C recolhe algum assentimento dos presentes, quer através de acenos que sim com a cabeça e/ou com sorrisos irónicos]*

A del. de Hist/3°C esclarece que também na acção de formação e que tinha aprendido “umas coisas” mas que precisava de as ver aplicar na prática, no dia a dia. Como não sabiam como fazer, achava que a escola podia pedir a colaboração do Centro de Formação no sentido do [nome de prof. - 97] vir à escola, ajudar a por em prática, no terreno.

Um certo burburinho. A del. de Hist/3°C esclarece que isso não seria obrigatório. Quem quisesse participar, participava.

Como se estava no ponto da ordem de trabalhos “Área-Escola”, a del. de Port/3°C adiantou que o forte do [nome de prof. - 97] não era a Área-Escola, mas a metodologia do Trabalho-Projecto. Portanto tinha de se ver bem o que “... nós queremos, porque ele a vir cá vem falar sobre a metodologia Trabalho-Projecto; até porque “... como lá foi comentado a acção tinha no título o nome Área-Escola, apenas por uma questão de conseguir a creditação”, porque de facto ele falou foi do Trabalho-Projecto. Continuou esta del. de Port/3°C. “... por exemplo os trabalhos que a [nome de prof. - 72] tem feito com os seus alunos a nível da matemática, estão perfeitamente identificados com a Área-Escola.

A del. de Mat/2°C, rindo: “... hã, estão a ver, eu tenho feito muita Área-Escola!!”

Sorrisos da del. de Fra/3°C.

A del. de Hist/3°C volta a reforçar a ideia que o que é preciso é “... termos apoio, eu acho que podemos e vamos fazer alguma coisa se tivermos ajuda...!”

Acrescenta a del. de Ing/3°C: “Eu acho que mais importante do que termos ajuda ou motivação dos professores, o que é preciso é a motivação dos alunos, porque a Área-Escola deve ser uma coisa que parta deles, dos seus interesses, dos seus desejos, é uma coisa deles e para eles, e não para os professores.”

A del. de Port/3°C diz que sim. O problema segundo ela é também que o tema e os subtemas não são escolhidos pelos alunos, e isso é um factor da sua desmotivação.

O del. de EMRC/2°C critica a forma como a Área-Escola é levada à prática: “... o processo está completamente a ser feito ao contrário, parte dos professores e não dos alunos...”

“... que segundo a própria legislação é a primeira prioridade na escolha dos temas!” adianta um dos presentes.

A del. de Port/2°C, até então em silêncio, mas muito atenta e observadora à discussão, intervém expondo a sua concepção do que é a Área-Escola. “Isso que as colegas estiveram a dizer é muito interessante, mas é tudo menos Área-Escola” opina. Segundo ela a concepção do [nome de prof. - 97], não está nada no quadro do que está definido [na legislação, subentenda-se]. “Ela não é, no final, a Área-Escola”. Opina que é muito mais razoável e eficaz a realização da Área-Escola tomando como ponto de partida os “clubes”. Aí sim, são os interesses dos alunos que fundamentam toda a actividade. A própria interdisciplinaridade pode aí ser realizada, e a liberdade de acção dos alunos no tratamento dos seus centros de interesse é a força motivacional.

*[Nesse momento é perceptível a existência da dualidade de correntes opostas sobre o que é e deve ser a Área-Escola: dum lado encontram-se as del. de Port/3°C e de Hist/3°C, do outro lado as del. de Fra/3°C e de Port/2°C. A posição do del. de EMRC/2°C neste binómio não é muito clara.]*

“... E aí não existe nenhum tema aglutinador” completa a del. de Ing/2°C, que entra neste momento na discussão.

“A maior parte das escolas estão a abolir a Área-Escola tal como ela está definida na lei. Já chegaram à conclusão que daquela forma não é exequível. Não há motivação, os professores e alunos apenas cumprem o que é obrigatório, não têm qualquer gosto, e portanto nada pode sair bem” conclui a del. de Port/2°C.

O del. de EMRC/2°C avança com a ideia de que a interpretação e concepção do [nome de prof. - 97] o que procura realizar é “recuperar” aquilo que é feito [era feito] chamando-lhe, agora Área-Escola. Por isso se diz que tudo o que é feito nas escolas é Área-Escola. Isto é assim porque se constatou que a Área-Escola como foi pensada é um “fiasco”. Entretanto, em vez de se admitir isso, aparecem estas ideias novas que procuram “salvar” o nome, a ideia, adaptá-la à realidade do que é feito nas escolas.

A CDT intervém pela primeira vez sobre o assunto. Esclarece que houve uma evolução no conceito, pois desde a ideia inicial da existência de um tema global para a escola, passou-se para a ideia que para cada ciclo poderia um tema, até agora, em que se admite até que cada turma, ou grupos de turmas podiam trabalhar os seus próprios temas. Entretanto, "...na nossa escola continua-se a pensar no tema como uma coisa para toda a escola!" conclui.

O del. de Geo/3°C que também frequentou a acção de formação já referida, diz que "... o que aprendemos [na acção de formação??] é que até cada aluno pode ter o seu próprio projecto!"

O del. de EMRC/2°C intervém novamente, e numa perspectiva mais pragmática, exclama que "...o que é importante e preciso é ver como podemos chegar até aos nossos alunos, porque já estou farto de teorias; o que é importante é saber como podemos trabalhar como os alunos e com as condições que temos, estas, a nossa escola e estes nossos alunos..."

A del. de Hist/3°C, vai nesse sentido também, mas colocando a tónica na aplicação da metodologia do Trabalho-Projecto. Manifesta o desejo de ver aplicar e aplicar na prática essas metodologias, porque como diz "... aprendemos muita teoria, mas agora, a prática?"

A del. de Ing/2°C recorda a experiência do Clube de Inglês como uma actividades que teve sucesso. Acrescenta, no entanto, que "... foi uma actividade realizada fora das aulas, era uma coisa à parte..." Tivesse sido Área-Escola, ou não, "isso são nomes, apenas nomes..." o que interessa é que foi uma coisa que teve princípio, meio e fim.

*[Não pude deixar de pensar de mim para mim que o talvez o grande erro tivesse sido o de ter fim, porque no conceito de Área-Escola, tenho para mim, não deve ter fim - aliás como qualquer actividade que se queira considera como com êxito]*

Nesta sua intervenção a del. de Ing/2°C recolhe o assentimento da del. de Port/2°C que acena que sim com a cabeça, porque exactamente vem na linha da sua intervenção anterior de que seria a partir dos clubes que a Área-Escola se poderia concretizar melhor.

Com algum esgotamento do assunto, já quase tudo o que as pessoas queriam dizer, tinha sido dito, e porque entretanto a del. de Ing/2°C a certa altura da sua intervenção se referiu, também à situação concreta dos alunos da escola, à sua deficiente preparação quando nela entravam, as atenções viraram-se para esse aspecto.

Gerou-se uma discussão cruzada sobre a deficiente situação do ensino no 1º ciclo. A este propósito é referida em termos abonatórios a recente declaração dos responsáveis do ME sobre a definição de um conjunto de competências básicas a adquirir pelos alunos à saída do 1º ciclo.

Este debate é cortado pelo PCP que chama os presentes de novo para a questão em discussão: "Então, vamos lá ver o que é que vamos fazer!?"

"Depois de tudo isto, o que percebi, é que já fazemos a Área-Escola e que é preciso um 'gerador'!" (Risos espontâneos e muito boa disposição)

"Portanto a 'A Nova Escola' pode perfeitamente ser o nosso 'gerador'? Não é assim?!" continua o PCP. Segundo ele é um tema, "gerador" acrescenta, onde cabe tudo, pode gerar tudo, [nome de povoação - 13], Tejo, o Trancão, a Expo98, etc. A partir daqui podem entrar também os outros dois temas que foram propostos "Educação para o Ambiente" e "Educação para a Saúde".

Esta proposta do PCP pareceu agradar a generalidade dos presentes. Surgem vários comentários e sugestões de actividades que podiam ser "geradas" a partir do tema "gerador" proposto.

A del. de Port/3°C intervém dizendo. "... em relação à proposta da João...?"

*[referia-se à proposta da del. de Hist/3°C de levar à prática uma actividade aplicando a metodologia do Trabalho-Projecto, recorrendo à ajuda e colaboração do [nome de prof. - 97], com naturalmente a sua vinda à escola]*

Responde o PCP: "... temos de ver agora nos grupos! Em relação à parte burocrática não há problemas que eu encarrego-me disso, é só dizerem-me o que se pretendem pedir ao Centro de Formação e do [nome de prof. - 97] que eu trato disso!"

Exclama de imediato a del. de Mat/2°C: "Mas não queremos 'lenga-lenga', queremos alguém que venha trabalhar na prática!"

O PCP, adiantando: "Vamos aos sub-temas?" *[da Área-Escola]*

Vários presentes colocam dúvidas se esse deve ser o processo a seguir, escolher já os sub-temas. Gera-se nova discussão sobre Área-Escola. O entendimento torna-se difícil, porque, a escolha ou não dos sub-temas, que segundo alguns se prende não só com a liberdade de escolha dos alunos, mas também com a questão da interdisciplinaridade, dá origem a expressão de diversas concepções de que é/deve ser a interdisciplinaridade.

*[Refazem-se, os grupos opostos, identificados antes, com a del. de Hist/2°C a tomar partido ao lado da del. de Port/2°C]*

A del. de Port/2°C afirma que "... essa coisa da interdisciplinaridade como é apresentada pelo [nome de prof. - 97] é uma falácia!"

A del. de Hist/2°C apoia esta afirmação perguntando como é então "possível um prof. sozinho realizar a interdisciplinaridade, quer dizer que todos nós a realizamos, para quê falar nela?"

*[Percebe-se que alguns presentes acham tão disparatada a ideia que nem sequer se dão ao trabalho de a contestar - praticamente na defesa dessa concepção de interdisciplinaridade só aparecem duas vozes: a da del. de Port/3°C e a da de Hist/3°C]*

A del. de Port/3°C em defesa das concepções antes apresentadas, e que segundo se percebeu foram manifestadas pelo [nome de prof. - 97] na acção de formação, procura explicar como ele as construiu. A partir do estudo e análise das experiências de uma série de escolas, por todo o país, no âmbito da Área-Escola é que o [nome de prof. - 97] chegou àquelas ideias. Essas ideias não têm a ver com a interpretação da legislação mas com o que de facto as pessoas fazem nas escolas.

A del. de C.Físico-Químicas/3°C, que até então não tinha intervindo, questionou os presentes sobre então o que fazer com o conceito de Área-Escola que se encontra nos textos legais: "Não vamos seguir isso?, pergunta.

A del. de Hist/2°C responde-lhe dizendo: "Isso está ultrapassado! A única conclusão que se pode tirar é que a Área-Escola não funciona e pronto!"

"Essa era a conclusão mais honesta!" adianta a del. de Ing/2°C.

A del. de Hist/2°C entretanto avança que "gostaria, já agora, que o [nome de prof. - 97] viesse à escola mostrar como funciona a metodologia do Trabalho-Projecto na prática. Sem ter a ver com a Área-Escola".

A del. de Port/3°C esclarece que gostou de o ouvir, que "... ia à espera de uma coisa, relacionada com a Área-Escola, mas apareceu-me outra". No entanto, tinha gostado. O importante agora era aprender à aplicar na prática aquelas teorias todas.

"Ninguém te ensina nada, por o mais certo é que ninguém sabe. Ele não te pode ensinar nada, também, porque ele está "lá em cima, nas nuvens". "Não consegue descer até nós!" diz a del. de Ing/2°C.

*[Vários presentes, com acenos de cabeça, manifestaram ter a mesma opinião]*

Durante alguns momentos verifica-se um impasse e alguma confusão nas intervenções.

Situação essa que é resolvida pelo PCP que tomando a palavra exclama: "Então estamos assim, temos o 'gerador'!... e o resto?" (gargalhada geral)

O del. de Mat/3°C levanta-se e faz tentativas de sair. O PCP com um sorriso nos lábios, olha de soslaio para ele (muitos risos). O del. de Mat/3°C volta a sentar-se.

O PCP pergunta ainda. "... então é o problema para ir aos grupos, como é que fica??"

O del. de EMRC/2°C pergunta: "Qual problema? Não percebo"

"O problema do [nome de prof. - 97]" (nova gargalhada geral) responde o PCP.

*[Sobre esse "problema" não foi tomada qualquer decisão - ficando a ideia que seria perguntado aos grupos, quais os que estavam interessados na vinda do [nome de prof. - 97] e os que estavam interessados em participar numa, eventual aplicação na prática da metodologia de Trabalho-Projecto, mas isto resultou do debate anterior e não que qualquer resposta à última questão colocada pelo PCP]*

A reunião acaba com os presentes a levantarem-se seguindo o exemplo do PCP. [12.15]

## DEPOIS DA REUNIÃO

[12.20] - Logo que acabou a reunião, procurei pelo PCP, mas ele já se tinha escapulido da sala (tinha uma colega nova colocada na escola, à espera no gabinete).

Fomos saindo, os mais atrasados, da sala. Dirigi-me para o gabinete do CD. Encontravam-se lá a SCD, a del. de Ing/2°C e mais uma senhora (a tal prof.ª que se vinha apresentar). Nesse momento o PCP encontrava-se na Reprografia. Quando ia a entrar no gabinete estava ele a dirigir-se para a Reprografia. Alguns segundos depois, entrou o PCP. Entretanto a SCD falava com a tal colega nova. Dizia que não fazia ideia como tinha sido possível ela ser colocada na escola, pois não havia qualquer horário disponível para ela. O PCP reforçava essa ideia, efectivamente teria havido algum engano porque, a escola nunca tinha pedido prof. nenhum, até porque não tinham horário (a prof.ª em causa era de Português - 2º Grupo do 2º Ciclo).

O PCP disse que ia procurar esclarecer o assunto com a DRELx, mas que as coisas estavam naquele pé: "não havia horário para a colega". Entretanto a colega saiu. A SCD contou, então, que aquela colega era uma "perfeita chata". Não tinha parado um momento de falar, sempre a querer saber coisas, algumas delas despropositadas. "Só lhe faltou perguntar quanto é que elas ganhavam, para comparar com o que ela própria ganhava" disse a SCD. De resto, negou-se a fornecer os dados pessoais para a constituição do seu processo individual porque, entendia ela, não iria receber pela escola e portanto não tinha nada de dar essas informações (entre esses elementos estava o NIB). Mesmo depois de lhe terem explicado que isso era necessário para se poder fazer a introdução no computador (o programa só aceita se todos os campos forem preenchidos) ela tinha continuado a dizer que não tinha nada que dar esses dados.

Após alguns comentários comparativos com uma outra colega que já tinha passado pela escola (Otilia de seu nome) e que os presentes (del. de Ing/2°C, PCP e SCD) comentaram [com alguma cumplicidade no olhar] que a partir de certa altura ela se havia adaptado à maneira de ser da escola [subentendido: maneira de ser dos professores - de alguns professores?], a SCD referiu-se a uma outra colega [a do horário de 12 horas] que à viva força queria que a escola lhe garantisse que teria um horário de 18 horas, de contrário não aceitaria o horário. Esta questão foi relatada pela SCD ao PCP, tendo este dito: "Oh, minha filha, isso posso garantir que não será feito! Ora essa! O máximo que podíamos dizer-lhe [virando-se para mim] é que poderia acontecer haver mais algumas horas no 2º



período, com os apoios pedagógicos, e mesmo isso não poderia ser garantido, porque isso depende dos pedidos de apoios e da adequação dos horários dos alunos e dos professores. Agora, garantir, garantir ninguém podia garantir nada!”

A SCD referiu que, pelo que tinha percebido, aquela exigência, era para que fosse contado o tempo de serviço integralmente (ano completo). Disse ainda que a referida prof<sup>a</sup>. tinha manifestado a sua disposição/preensão de arranjar mais algumas horas (em acumulação), noutras escolas. O PCP comentou: “Isso é outra coisa! Pois que faça isso...!”

Entretanto chegaram outras colegas, que vinham colocar algumas questões sobre os exames do 9º ano. A elas o PCP respondeu que estava a pensar fazer o lançamento dos resultados na nova pauta que entretanto já tinha chegado à escola. A del. de Hist/3ºC solicitava ao PCP que lhe arranjasse os impressos para concorrer a uma acção de formação (Centro de Formação da Associação de Escolas - [nome - 2]). “Mais uma acção? Agora não queres outra coisa, hã!? Agora não tenho, nem sei onde estão, portanto não te dou nada, oh filha” responde-lhe o PCP. A del. de Ing/2ºC e o PCP trocaram informações sobre a questão das alterações dos horários, alterações essas que o PCP tinha referido na reunião. A del. de Ing/2ºC chamou a atenção para as implicações que essas alterações iriam ter nos horários dos professores e dos alunos. Perguntou ao PCP até quando é que elas teriam de estar feitas. O PCP referiu qualquer coisa relacionada com o facto da [nome de prof<sup>a</sup> - 56] ainda não estar na escola [não tinha regressado de férias, pareceu-me], o que segundo percebi trazia algumas dificuldades na realização dessas alterações [não percebi bem porque]. Foi entretanto dizendo que o prazo limite para as alterações estarem completas era de uma semana.

Alguns minutos depois a del. de Ing/2ºC saiu da sala, por volta das 12.30.

[12.30]

Ficámos, no gabinete, apenas nós dois.

Coloquei-lhe a questão do pagamento das fotocópias que daí em diante ia ter necessidade de tirar. ele respondeu que: “... nem pensar nisso, tu dizes o que precisas e eu mando tirar, e mais nada”. Ainda lhe expliquei que não queria que ele viesse a ter quaisquer problemas, por exemplo críticas de outros professores, por eu ter fotocópias gratuitas e eles, eventualmente, restrições na fotocopiagem de materiais didácticos. Ele disse que apenas os del. tinham liberdade de tirar as fotocópias sem restrições, mas que como a escola não tinha falta de papel e portanto não havia quaisquer problemas, eu que não me preocupasse com isso, que não era um problema meu. Ele mandava tirar (como se fosse para o CD) e pronto. Aliás, a questão do pagamento, nem se punha, porque praticamente não havia quem tirasse a pagar, a Reprografia não tinha praticamente receitas, ninguém pagava as fotocópias.

*[Durante toda esta conversa veio-me à memória o problema que constituía a gestão dos serviços da reprografia na minha escola, onde geralmente se tinha de colocar regras estritas para a fotocopiagem de documentos]*

Seguidamente falámos sobre o despacho 37-A/SEEL/96. Ele voltou a dizer que não havia condições para implementar no corrente ano. Eu disse que as contas que ele havia feito na reunião do CP, se calhar não as poderia fazer no ano seguinte, porque, entretanto, o processo iniciava-se de raiz.

Ele pôs-me ao corrente relativamente às obras da nova escola. A 1ª fase seria a construção na zona do jardim (junto à escola) e a zona da entrada (antigo infantário, pavilhão do SA e do CD e o pavilhão ao lado). Disse que já tinha colocado a questão do pagamento das obras de adaptação do Pavilhão Gimnodesportivo (o maior, porque o mais pequeno anexo fica a funcionar, na mesma, com as aulas de E.Física do 2º ciclo), informando o ME que só poderia pagar com verbas da escola cerca de 200 contos (as despesas orçariam os 400 contos). Fez, aliás, questão de frisar que tinha dito que não exigia nada e que ficaria satisfeito com o que viesse. A propósito das instalações falámos ainda sobre o tamanho das turmas do 7º ano (26 alunos): ele disse que sempre tinha dito que estaria disposto a ter turmas com 30 alunos, se isso fosse condição para se iniciar a construção das novas instalações. Aliás, tinha-se conseguido que não entrassem alunos de fora, no 7º ano: as turmas eram constituídas apenas com alunos da escola transitados do 6º ano. Para além desses apenas tinham aceite algumas matrículas de fora, porque tinham aberto a E.Tecnológica e tinham algumas vagas para essa opção. Perguntei-lhe se a razão do tamanho das turmas tinha a ver com a carência de faltas ou se tinha sido determinação da DRELx. Respondeu que a razão fundamental era a carência de salas, devido às obras, e que se pudessem abrir mais uma turma isso não seria problema para a DRELx.

Trocámos ainda impressões sobre as condições de trabalho na escola, quando as obras estivessem a decorrer: muito barulho, pó, problemas de circulação de pessoas, etc.

[12.50]

Nesse momento encontrávamo-nos apenas os dois. O ambiente era muito clamo, sem ninguém a perturbar a nossa conversa. Ao lado, nos SA, não estava ninguém, era a hora de interrupção do meio-dia. Seriam cerca das 12.50.

Falei-lhe na lista dos DT. Ele disse que ainda não ma dava porque ainda não estava completa; faltavam ainda três DT. Pedi-lhe então para me ajudar a completar os nomes que faltavam na planta da mesa da reunião do CP. Por fim ele disse-me que no dia seguinte já teria as cópias das actas para me dar.

Por volta das 13.00 despedimo-nos e saí da escola. [13.00]



**REGISTOS DE OBSERVAÇÃO  
DE OUTRAS REUNIÕES**

**ANEXO IX**

**REGISTOS DE OBSERVAÇÃO**

**DE OUTRAS REUNIÕES - ESCOLA A**

## A) REUNIÃO DO CONSELHO DE DIRECTORES DE TURMA - 16 SET 1996

rdt101

16/09/96 - 10h 00m - 11h 15m - Escola A

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO DOS DIRECTORES DE TURMA

### ANTES DA REUNIÃO

[10.00] - Cheguei à escola cerca das dez horas. Dirigi-me de imediato para o gabinete do CD. Apenas se encontrava a VPCD no gabinete. Perguntei-lhe pela reunião e ela disse-me que a reunião era no piso de cima, na sala de E.Musical. Disse que se calhar já tinha começado.

Como a reunião estava convocada para as 9.30 dirigi-me logo para a sala onde a reunião já tinha começado.

*[Soube depois que tinha começado cerca das 9.45]*

### DURANTE A REUNIÃO

[10.05] - No momento que entrei encontravam-se na sala 22 professores.

A CDT/2°C estava a dar orientações aos directores de turma a propósito do Regulamento Interno da Escola. Igualmente se referiu às competências e funções do DT.

[10.07]

A PCD aproveitou para fazer uma chamada de atenção. Pediu, por favor, que no nos dias em que ela não estivesse na escola (durante todo o dia) que os directores de turma que tivessem as suas horas de atendimento aos encarregados de educação, não abandonassem a escola. Em face de, algum espanto por parte dos presentes, sobre esta chamada de atenção, explicou que no ano passado se verificaram algumas situações em que, após terminarem as suas aulas, os directores de turma iam embora. Ela teve conhecimento disso porque entretanto os encarregados de educação vinham à escola e os respectivos directores de turma não estavam na escola.

A CDT/2°C colocou depois a questão das reuniões dos CT. Um dos assuntos que a mesma referiu foi a necessidade de numa das primeiras aulas, ser definido a localização dos alunos na sala de aula.

De seguida colocou a consideração dos presentes duas opções para a realização dos CT: dias 15/16 de Outubro ou 22/23 de Outubro.

Um dos directores de turma, perguntou em que data começavam as aulas. A PCD informou que o seu início, de facto era a 23 de Setembro; as actividades de recepção aos alunos iriam verificar-se no dias 19 (2º ciclo) e 20 de Setembro (3º ciclo).

Como apenas 3 presentes se manifestaram relativamente às datas para a realização das reuniões dos CT, a CDT/2°C disse que as reuniões seriam a 22/23 de Outubro.

Entretanto a PCD, achando, talvez, que não se tinham manifestado o número suficiente de pessoas, perguntou, dirigindo-se aos presentes em geral: "- Então que quer as reuniões em 22/23 de Outubro?"

Não houve uma manifestação geral, consensual, sobre o assunto e a PCD resolveu então colocar à votação. Dessa votação resultou o seguinte: 8 votos a favor dos dias 15/16 e 13 votos a favor dos dias 22/23 de Outubro.

A CDT/2°C, a seguir abordou, dizendo que se tratava de "um ponto quente", a questão do preenchimento de boletins estatísticos dos alunos. Referiu-se à importância da qualidade do preenchimento e do cumprimento dos prazos de entrega dos boletins. Sabia que era uma tarefa burocrática "chata" e aborrecida, mas era uma coisa que os directores de turma tinham de fazer.

A DT/9C-9D diz que sente dificuldades no preenchimento de alguns itens dos boletins, nomeadamente os que respeitam às profissões dos pais e também às habitações. Há muitos casos em que não sabe onde meter, as profissões que são indicadas pelos alunos. Segundo ela essas dificuldades, pelas conversas que tem tido com outros colegas, são sentidas por quase toda a gente. A DT/5D emite opinião idêntica a colega anterior, e pergunta o que se pode fazer para que as pessoas preencham os boletins, com a consciência tranquila que estão a preencher bem.

A CDT/2°C diz que, as orientações que se encontram no verso do boletim, são as que devem ser tidas em conta. Quanto à interpretação, não vê como o problema poderá ser resolvido. Esta discussão sobre os boletins estatísticos leva à discussão sobre a necessidade de reformular a ficha do aluno constante do dossier de turma, que segundo alguns presentes se encontra inadequada nalguns aspectos.

A PCD lança a ideia da criação de um grupo de trabalho com pessoas que "tenham conhecimento" da ficha para análise e proposta de reformulação da ficha do aluno.

A CDT/2°C opina que esse mesmo grupo poderia analisar também o boletim estatístico e procurar esclarecer algumas dúvidas e/ou dar algumas indicações para que o seu preenchimento fosse mais uniforme, entre os directores de turma.

A DT/9C-9D diz que não percebe nada sobre o assunto mas que não se importaria de fazer parte desse grupo. A PCD acrescenta que se poderia fazer ainda outra coisa: "... dar a cada DT um exemplar da ficha para a analisarem e depois apresentarem sugestões de alteração.

*[Não percebi se esta sugestão era alternativa à anterior, ou se o grupo continuaria a existir, para recolher as sugestões dos DT e depois fazer uma proposta geral]*

Talvez mesmo por causa disso, gerou-se uma grande confusão. Com todos a falarem, sem ninguém se entender com ninguém.

A PCD que continua a falar, não se conseguia fazer ouvir. Em face da continuação da confusão, a PCD, elevando um pouco mais a voz e dirigindo-se aos presentes, em geral: “- Oh colegas, assim não dá, assim não dá! Isto aqui é como se fosse uma aula! Eu sei que os colegas não são alunos, mas com este barulho todo, não dá!”. Depois de refeita a ordem, perguntou se então existiam mais sugestões.

A DT/5D diz que não sabe como preencher alguns itens da ficha.

Logo a PCD exclama: “Olha juntas-te à DT/9C-9D!”

A PCD de seguida apresenta como proposta, a data limite de 30/9/96 para a entrega das sugestões de alterações da ficha.

A DT/9C-9D opina que lhe parece um prazo muito apertado. No entanto, mas ninguém se manifesta sobre o assunto. Não há votação, e portanto fica aceite aquela data limite.

A CDT/2°C passa então a fornecer um conjunto de orientações ao mesmo tempo que ia dando explicações obre os documentos que de tempos a tempos iam passando para os presentes. Logo no início a PCD interrompeu para dizer, dirigindo-se aos DT das turmas do 8º e do 9º anos, que estes mais tarde lhe peçam a legislação sobre as provas globais.

A CDT/2°C continua a sua exposição, referindo-se às questões relativas ao comportamento dos alunos. Diz que como todos sabem, as queixas dos professores relativamente ao comportamento dos alunos são “mais que muitas”, e ela que verificou que no ano passado a sala dos professores se tinha transformado num “palco de desabafos dos professores”. No entanto há que ver que os professores também têm alguma responsabilidade nisso, porque relativamente aos alunos não existe uma forma comum de tratar o seu comportamento. Uns professores deixam mascar pastilha, outros não, uns deixam que os alunos estejam de boné dentro da sala de aula, outros pelo contrário proibem essa situação... Ora, os alunos então dizem “... mas na aula do prof. tal eu posso fazer...”. Esta situação não é nada boa, porque às tantas eles ficam completamente confusos. Não nos podemos esquecer que quando eles entram aqui pela primeira vez, vêm de uma situação em que apenas têm um professor.

A CDT/2°C esclarece que o documento que foi entregue aos presentes (duas folhas com grelha sobre assuntos de disciplina, para preencher sob forma de auto-avaliação pelos alunos) serve como proposta de trabalho que os directores de turma podem ou não aplicar. “Serve como sugestão: se acharem bem aplicam-no, se acharem que não vale a pena, tudo bem!” conclui esta CDT/2°C. Um outro documento “normas de procedimento para um bom trabalho” era uma listagem de regras que se esperava que os professores passassem para os alunos, de forma a haver alguma coerência na acção do corpo docente relativamente a todas as turmas. Essas normas, esclareceu, resultaram de uma decisão do último CP.

[10.30]

Uma DT que tinha chegado no momento (lugar 24 da planta) perguntou: “- Mas isto é para quê?” referindo-se às grelhas de auto-avaliação (disciplina).

“- A gente faz ou não. A gente faz porque quer!” esclarece a DT/9C-9D.

A PCD conta que uma experiência que teve alguns anos antes. Disse que tinha encontrado uma ficha do tipo daquela que se apresentava para auto-avaliação (disciplina) na reprografia. Achou-a engraçada e resolveu experimentar numa turma difícil que leccionava... “E a coisa resultou, querem saber... Oh colegas, a coisa resultou porque os alunos, foram obrigados a reflectir sobre o seu comportamento e começaram a mudar as suas atitudes!”. Conclui a PCD.

A CDT/2°C refere-se de seguida a outros documentos: orientações sobre as relações do DT com os alunos e com os encarregados de educação. A propósito indica o que considera um livro interessante, da Porto Editora, sobre as funções do DT, levantando o livro e mostrando aos presentes. Dois ou três colegas, solicitam-lhe a indicação do título e do autor.

A PCD refere um outro livro sobre a auto-estima dos alunos, recomendando a sua leitura: “... em duas horas lê-se um livro como este, e aprende-se sempre alguma coisa”. É importante as pessoas actualizarem. Uma coisa que desconhecia era que em Portugal cerca de um terço dos alunos tinham dificuldades de aprendizagem. Numa notícia de um jornal, lia-se que um universitário português numa conferência sobre a educação realizada no Brasil, tinha afirmado que uma parte significativa dos alunos portugueses tinham problemas de aprendizagem, comportamento e atitudes...

“E vieram todos aqui para a escola!”, comenta em tom de brincadeira a DT/9C-9D.

A CDT/2°C refere a importância a dar às questões da gestão do espaço e a higiene/limpeza dentro da sala de aula.

Seguidamente a CDT/2°C começa a referir-se ao primeiro encontro do DT com os alunos utilizando como guião o documento previamente entregue aos presentes “1º encontro do Director de Turma com a turma”, quer para o 5º, quer para o 6º ano. Um DT pergunta em que dia é que se realiza esse primeiro encontro. Responde a CDT/2°C que será no dia 19-9-96, primeiro dia de aulas - recepção aos alunos. Entretanto esta CDT/2°C chama a atenção para uma referência em falta no documento: “... mas falta aqui uma prenda!”.

Uma DT (lugar 11) esclarece que nesse primeiro encontro os DT oferecerão uma pequena prenda a todos os alunos. Para o efeito os DT passarão pela sala de professores onde os poderão levantar os envelopes com as prendas, antes de se dirigirem para a respectiva turma..

Chamando a atenção para a novidade que é a escola, para os novos alunos do 5º ano, a CDT/2ºC, exorta os DT a darem todo o apoio a esses alunos. Por exemplo na ajuda para eles passarem os seus horários, indicação das salas, etc. A CDT/3ºC, nesta altura recorda à PCD a possibilidade de entregar a cada alunos uma cópia dos respectivo horário da turma, tal como tinha sido ventilado na última reunião do CP.

A PCD diz que neste momento a escola depara com um problema na reprografia, porque as duas funcionárias se encontram doentes, não sendo possível por isso a fotocopiagem dos horários.

A CDT/2ºC continua com as recomendações e orientações. Recomenda aos DT que indiquem aos alunos alguns cuidados básicos: não fumar, não deixar as pastas e livros, não correr pelos corredores, afastarem-se o mais possível das janelas e portas de vidro, etc. por causa dos acidentes.

A propósito de acidentes, a PCD avisa que vai ser rígida e inflexível no tocante ao recurso ao seguro escolar para pagamento de sinistrados. O seguro apenas irá cobrir os casos de acidentes comprovados. Os DT que avisem os alunos que vai obrigar os autores actos violentos a pagarem as despesas hospitalares e/ou médicas, por que o seguro escolar não funcionará sempre que se tratar de brigas, brincadeiras perigosas, actos de violência entre os alunos. Desta forma talvez comecem a pensar duas vezes antes de cometerem as asneiras.

A DT/9C-9D conta o caso verificado no ano passado em que um aluno teve um deslocamento vitreo. Intervém a DT/5D para dizer: "... mas o aluno foi assistido pela escola...!".

"Claro! Claro que o aluno é mandado ao hospital pela escola!. A assistência é de imediato da iniciativa da escola, com o cartão da assistência e tudo é tratado pela escola!" diz a CDT/2ºC. Isso no entanto nada tem a ver como o pagamento das despesas pelo seguro escolar, acrescenta a PCD. O que acontece é que vamos, como já fizemos no ano passado, ser rígidos e exigentes sobre os casos cobertos pelo seguro escolar, conclui a PCD.

A DT/5D coloca a questão dos alunos cujas famílias tenham dificuldades financeiras: "...e se a família não tiver dinheiro? o que acontece à família do aluno magoado? fica à espera?. Esta DT manifesta algum desacordo sobre a questão.

A PCD contrapõe: "Isso não pode ser, porque então isso significaria que quando os pais não podem pagar, os filhos podem fazer tudo o que lhes vier à cabeça que o seguro escolar cá estará para pagar os prejuizos, isso não pode ser!"

A DT (lugar 21), entretanto, diz que o problema não diz respeito apenas aos alunos que causam os prejuizos, mas igualmente àqueles que os sofrem, e que no caso dos pais dos outros não terem possibilidades financeiras, ficam prejudicados.

A PCD que [suponho eu] não tinha visto o problema desse angulo, refere agora apenas os casos em que há destruição do material escolar dos alunos e equipamentos da escola, adiantando que as situações terão de ser vistas caso a caso, não valendo a pena estar, agora, ali a discutir as questões em geral.

A CDT/2ºC passa, então, a tratar das orientações para os directores de turma do 6º ano. Repete aquilo que já havia referido para o 5º ano, dando especial atenção às questões de violência entre os alunos. A propósito refere a necessidade de relembrar os alunos para o tema "Não à violência, Sim à inteligência" tratado no ano anterior. "É importante que isso esteja sempre presente na mente dos alunos", diz a CDT/2ºC.

De seguida toma a palavra a CDT/3ºC, que aborda a questão do 1º encontro dos directores de turma com as turmas do 7º, 8º e 9º anos. Reclama dos directores de turma do 7º ano uma atenção especial "porque estes ainda precisam de um tratamento afectivo". Sobre essa necessidade de afecto desses alunos, conta um episódio passado consigo, em que uma alunos lhe tinha chamado a atenção: "... os professores pensam em nós e tratam-nos como adultos, mas nós ainda somos crianças...". Por isso ela achava que, pelo menos em relação aos alunos do 7º ano, os do 8º e 9º anos já é um bocado diferente, os professores e os DT deveriam procurar uma aproximação afectiva.

[11.00]

Entretanto chegam as fotocópias dos documentos relativos às direcções de turma do 3º ciclo.

A CDT/3ºC diz que não vai alongar-se sobre os procedimentos a tarefas a realizar, no 1º encontro dos DT com os alunos e na 1ª reunião do CT, porque isso está tudo escrito nos documentos que entretanto começam a ser entregues. No entanto quem quiser alguns esclarecimentos ou apenas trocar opiniões, ela está à disposição, quer de manhã, quer de tarde. É mais prático e as coisas podem tratar-se melhor, do que estar ali, naquele momento, a repetir o que está escrito nas folhas.

A CDT/2ºC retoma a palavra, anunciando que se vai tratar das reuniões com os encarregados de educação.

Procede-se à entrega de alguns documentos com indicações sobre as estratégias, tarefas e conselhos para a realização das reuniões com os encarregados de educação.

A CDT/2ºC recomenda aos DT especial atenção para uma informação completa e correcta sobre o regime de avaliação dos alunos, aos encarregados de educação. De seguida na enunciação dos procedimentos a seguir, a CDT/2ºC segue a ordem que se encontra naqueles documentos, ponto por ponto.

CDT/3ºC procede de igual modo com um documento similar relativo aos 7º, 8º e 9º anos, que uma funcionária, entretanto tinha trazido para a reunião. Esta CDT/3ºC refere, seguidamente a questão da orientação vocacional e profissional. "... só no final do 3º periodo ano passado tive consciência de que no 9º ano os alunos têm de começar a fazer escolhas... quero ver se este ano começamos a tratar disso, com tempo, com os directores de turma do 9º ano".

A PCD esclarece os presentes que na escola não existe Gabinete de Orientação Profissional, ao contrário da outra escola. Acrescenta que a APEE no ano anterior se tinha comprometido a dar uma ajuda nas questões da orientação profissional, mas que depois pouco fizeram.

*[suponho que se estava a referir à escola secundária]*

“Mas dissemos onde eles poderiam ir fazer os testes de orientação!” diz a DT/9C-9D.

O assunto fica por aqui, com a promessa da CDT/3°C de prestar atenção a esse assunto logo desde o início, para ajudar os alunos nas suas escolhas.

[11.16]

A CDT/2°C pergunta se alguém quer apresentar alguma sugestão ou se há dúvidas sobre alguma coisa. Como ninguém dissesse nada, ela adiantou que iriam ser afixados os horários de atendimento aos DT (horários das coordenadoras).

Nessa altura a CDT/3°C procede à distribuição de exemplares do documento sobre a avaliação, que entretanto tinha chegado à sala. Enquanto fazia essa distribuição informava que durante a semana estaria na escola: “... se alguém tivesse dúvidas, ou quisesse falar com ela...”

Os assuntos encontram-se esgotados. A PCD levanta-se do lugar e os presentes começam a abandonar a sala, conversando em pequenos grupos. [11.25]

#### DEPOIS DA REUNIÃO

Acompanhei a PCD até ao gabinete do CD. Vários professores solicitam a sua atenção para este ou aquele assunto. No gabinete encontrava-se a VPCD sentada à secretária a atender o telefone. Entretanto chegam logo de seguida duas colegas que não largam a PCD, ao mesmo tempo que esta atende o telefone duas vezes seguidas. Como vejo que está muito ocupada, peço à VPCD se me arranja uma lista dos Directores de Turma. Depois de ela me ter dado a lista, ainda espero 1/2 minutos, mas como a PCD continuasse muito atarefada, acenou-lhe uma despedida e saio do gabinete. Cerca das 11.35 abandono a escola.

**ANEXO X**

**REGISTOS DE OBSERVAÇÃO**

**DE OUTRAS REUNIÕES - ESCOLA B**

## A) REUNIÃO GERAL DE PROFESSORES - 13 SET 1995

rgp201

13/09/95 - 19h 15m - 13h 00m - Escola B

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO GERAL DE PROFESSORES (95/96)

### DURANTE A REUNIÃO

[10.30] - A reunião estava convocada para as 10.00. Cerca das 10.15 os presentes (cerca de 15 professores) dirigiram-se para o Pavilhão Gimno-Desportivo onde se encontravam mais 2/3 professores. A reunião iniciou-se cerca das 10.30. Num repente o número de professores encheu completamente os lugares existentes. As cadeiras encontravam-se dispostas em semicírculo com a mesa da presidência encostada à parede onde se situa a entrada principal do mesmo. à primeira vista pareciam estar presentes todos os professores da escola.

No quadro encontravam-se escritos os nomes dos elementos docentes do CD com a indicação dos respectivos cargos. Da parte do CD faltava a vice-presidente (em conversa posterior o presidente disse-me que a sua ausência se devia ao facto de ela ter prolongado as férias, por ter assegurado a escola durante o período de férias).

O PCD iniciou a reunião com a identificação dos membros do conselho directivo e respectivos cargos.

Deu, depois as boas-vindas a todos os professores, e dirigindo-se, especialmente aos novos professores referiu-se ao facto de, apesar das condições materiais serem as que eles já tinham tido a oportunidade de ver, as relações e o ambiente entre as pessoas eram muito bons. Neste momento numa reacção espontânea os presentes (não deu para perceber claramente, mas julgo que especialmente "os da casa") bateram palmas de forma entusiástica e ruidosa.

Passado momento de confusão [*que aparentemente o PCD não atalhou de imediato, mostrando de alguma forma ter ficado satisfeito com aquela manifestação*] o PCD, que se encontrava de pé, em frente da mesa, andando de um lado para o outro, conforme ia falando (num tom de voz muito elevado de forma a fazer-se ouvir em toda a sala), iniciou a sessão de informações, em que praticamente consistiu a reunião. Estas informações eram tão pormenorizadas e exaustivas que mais pareciam destinar-se a pessoas recém-chegadas à função docente.

Em algum diálogo com este ou aquele prof. mais antigo (nomeadamente solicitando apoio nas suas informações), e que, à partida pareciam ter participado no trabalho de constituição das turmas, PCD foi dando algumas informações sobre o número de turmas, o número de alunos por turma e em alguns casos, especiais, as idades dos alunos (nomeadamente a existência de alunos com 17/18 anos de idade em turmas do 7º e 8º anos).

Seguidamente, de acordo com o que me pareceu um roteiro previamente elaborado, PCD referiu-se, de forma exaustiva na maior parte dos casos, aos seguintes pontos relativos ao funcionamento da escola [*chegou nalguns casos a pormenores que nos pareceu exagerados para uma reunião como aquela*]:

a) O ano escolar vai iniciar-se no dia 18 de Setembro e termina em 25 de Junho de 1996.

b) Utilização das duas primeiras aulas do ano - Leitura e discussão pelos alunos e com apoio do prof. do regulamento da escola [documento que viria quase no final da reunião a ser entregue a todos os professores presentes] na 1ª aula. Resposta a uma ficha sobre o regulamento, durante a 2ª aula. Estas duas aulas seriam ocupadas desta maneira, independentemente da disciplina e do prof..

c) O número de turmas em 95/96 é de 34. Não se constituíram turmas de Francês no 5º ano de escolaridade.

d) Indicação dos professores directores de turma. Apenas falta atribuir duas porque se tratavam da horários para mini-concurso.

e) Procedimentos a propósito do funcionamento das aulas:

- indicações sobre os cuidados a ter com as mesas das salas de aulas; controlo por parte dos professores relativamente a estragos provocados pelos alunos;

- as salas encontram-se fechadas e os professores é que tem de ir buscar, à entrada da sala de professores, as chaves, devendo no final da aula fechar novamente a sala e devolvê-las à procedência.;

- para os livros de sumários segue-se procedimento idêntico; em caso algum devem os professores pedir aos alunos que vão buscar o livro de sumários (de forma a evitar que apareçam rasuras ou alterações no seu conteúdo);

- existe uma tolerância de 15 minutos na primeira aula de cada turno, e o segundo toque da campainha é apenas para o prof.; os alunos têm de estar presentes ao primeiro toque.

- após o segundo toque de campainha, a funcionária tem ordens para marcar falta (aos professores);

- as faltas dos alunos são de três tipos: de presença, de castigo (sic) e de material. Relativamente a estas últimas "o aluno tem direito a esquecer-se do material indispensável". Este tipo de faltas só serão marcadas a partir da data que o CD vier a indicar. As faltas de castigo devem originar uma participação a entregar ao DT, a explicar a ocorrência.

- as listas dos alunos são afixadas no dia 14/9/95; a partir de 25/9/95 são definitivas (e não serão autorizadas alterações na constituição das turmas). A partir desta data os novos alunos entrados seguem a numeração já estabelecida.



- As aulas de apoio terão o seu início em 2/10/95;

f) assuntos relativos aos professores:

- Os del. de grupo e outros professores com horas de redução de horário equiparadas a horas lectivas têm, para essas horas um livro de ponto próprio, devendo efectuar a sua marcação nos seus horários.

- Os trabalhos de reprografia deverão ser solicitados com 48 horas de antecedência (não tendo havido em anos anteriores limitações sobre o material reproduzido - o processo de reprodução utilizado é o *stencil*);

- Tipo de material audiovisual existente na escola, local onde se encontra e procedimentos a utilizar para a sua utilização pelos professores;

- Formas e tipos de informação e publicitação das ordens de serviço, convocatórias, etc.

Neste momento o PCD dirigindo-se ao prof. [nome de prof. - 63], que se encontrava numa das filas da frente pediu/mandando que ele fizesse a distribuição da documentação de apoio ao prof. e regulamento da escola, documentos esses que se encontravam empilhados numa cadeira ao lado da mesa da presidência. Este pegou num conjunto de exemplares e começou a distribuir pelos colegas que se encontravam sentados. Nesta altura gerou-se uma grande confusão, os pessoas deixaram de estar atentas ao que o PCD dizia, comentavam entre si, um dizia que não chegavam para entregar a todos os colegas da fila, outro virava-se para trás perguntando se já tinham, etc.

Do outro lado, o PCD continuava a falar, como se nada fosse com ele. O outro elemento do CD, a SCD, que respondia a um colega sobre uma coisa qualquer, relacionada com o que se estava a passar, foi mandada calar pelo PCD, num tom que me pareceu um pouco agreste.

Paralelamente, o PCD abordava enquanto isto tudo se passava, o assunto das faltas dos alunos e dos professores, de forma algo confusa, o que veio gerar ainda mais confusão, com diversos professores a pedirem esclarecimentos, outros a comentarem com os do lado que não era assim, etc.

Neste interim, ainda conseguimos perceber que o PCD falava de:

- Regime de avaliação dos alunos, explicitando os procedimentos constantes do documento legal que regula a avaliação do ensino básico.

- Regime de faltas dos alunos; formas de justificação, a questão da reprovação por faltas (alunos na escolaridade obrigatória ou não);

- Regime de faltas dos professores, formas de justificação, tipos de faltas, cálculo de contagem das faltas (desconto de férias) a tempos lectivos.

Após algumas explicações sobre dúvidas colocadas pelos presentes relativamente a este tema, o ambiente serenou, e retomou-se a situação normal, passando novamente o PCD a dominar de novo as atenções de todos.

- Referência à importância de Caderneta do Aluno, na comunicação com os encarregados de educação e principalmente na justificação de faltas. Cuidados a ter no registo das informações e no controlo da limpeza e conservação das mesmas por parte dos alunos.

- Regulamento da escola, que já havia sido entregue momentos antes.

- Área-Escola - informou que o tema geral era "O Tejo".

Novamente se instalou a confusão entre os presentes. Muitos, diríamos mesmo, quase todos exclamaram em uníssono: "Outra vez? Outra vez!?!", mostrando o seu espanto e o seu desacordo.

Gerou-se uma pequena troca de opiniões em voz alta por muitos dos presentes, que ensaiaram uma contestação relativamente à escolha, que prontamente foi atalhada pelas palavras do PCD: "É o Tejo e pronto! acabou-se!". E acabou-se mesmo, pois as pessoas calaram-se e ele passou de imediato a falar da

- marcação das horas extraordinárias; para o efeito os professores devem dirigir-se à secretaria da escola.

Em resposta a uma questão colocada por uma prof., o PCD referiu que na escola não eram contra as comemorações da centésima lição, devendo no entanto os professores tomarem cuidado para não incomodarem "o vizinho do lado".

Não nos apercebemos bem, mas talvez tenha havido algum comentário ao facto dele estar a fumar porque vimos-lo apontar para cima, para os vidros partidos ou inexistentes nas bandeiras, e dizer que ali era um local arejado e que portanto se podia fumar. De resto aproveitou para informar que os únicos locais onde era permitido fumar eram a sala de fumo da sala de professores e o gabinete do CD.

*[Por mais de uma vez o PCD acendeu cigarros uns nos outros, durante toda a reunião esteve constantemente com o cigarro na mão. A circunstância de andar de um lado para o outro enquanto falava, obrigava-o a deslocar-se regularmente para o sítio onde podia depositar a cinza o que tornava ainda mais visível esse aspecto do seu comportamento]*

A finalizar a reunião disse que nesse momento seriam entregues os horários, acrescentando algumas indicações sobre o procedimento a seguir na eventuais correcções. A entrega foi feita à medida que ia chamando os professores um a um. Entretanto, as pessoas iam-se levantando e aglomerando-se junto da mesa onde se encontravam os horários. À medida que iam recebendo, uns saíam, outros ficavam na conversa, outros ainda comentavam os horários e as possibilidades de alteração, etc. A reunião acabou cerca das 11.30

*[O registo de presenças foi feito através da assinatura de uma lista de professores que foi posta a circular, mais ou menos a meio da reunião]*

## DEPOIS DA REUNIÃO

Ficámos ainda a conversar com alguns professores, enquanto o PCD e SCD conversavam com outros a propósito dos horários e da escolha do tema da área-escola.

De seguida dirigimo-nos, com o PCD para o gabinete do conselho directivo, onde expusemos algumas solicitações em termos de dados relativos à constituição do corpo docente, listagem dos membros do CP, dos directores de turma e dos directores de instalações.

Enquanto conversávamos entrou no gabinete uma funcionária da secretaria a perguntar ao PCD que fazer com uma e. educação que pretendia transferir o seu educando (8º ano) para a escola [nome de escola - 15]. O PCD diz que a e. educação tem de trazer a indicação da escola em como recebe a transferência do aluno e ele de seguida manda o processo. Sem isso não pode fazer nada. Não satisfeita a e. educação pede para entrar no gabinete do conselho directivo e o PCD diz-lhe que aguarde uns minutos, mas entretanto a senhora já está tem entrado e mete conversa com uma profª. que havia reconhecido o nome do aluno e que iria ser seu aluno, também este ano.

Pelo que percebemos a questão relacionava-se com o facto de o aluno não poder beneficiar dos transportes escolares se estiver naquela escola por causa da distância a que residia. Pretendia por isso mudar de escola porque lhe haviam dito que na outra escola poderia ter esse benefício.

O PCD dirigindo-se directamente à e. educação, de forma que nos pareceu pouco simpática, o tom bem marcado a roçar a rispidez e de forma "a despachar", disse que se a senhora quisesse tirar a criança da escola que não havia qualquer problema, só que tinha de trazer da escola o modelo de transferência com informação de vaga.

A e. educação mostrou alguma dúvida sobre o procedimento, julgo mesmo que terá perguntado se ela é que tinha de fazer isso, ao que o PCD respondeu (nos modos antes referidos) que sim, que ele concerteza não o faria, pois já sabia que se o fizesse a resposta da outra escola seria negativa.

Durante todo o período em que isto se passou, reparámos que nem uma vez o PCD se levantou, e que por outro lado, mesmo dirigindo-se à e. educação, continuava a proceder como se ela lá não estivesse (não olhava para a senhora, e continuava dirigindo-se a terceiros, tratando do que se encontrava a tratar antes da sua entrada no gabinete).

Sem ter nada a ver com o assunto não pudemos deixar de nos sentir incomodados com a situação. Finalmente a e. educação lá saiu, julgamos que não totalmente satisfeita com atenção que o seu assunto tinha sido tratado.

Pouco depois, apareceu um prof. a pedir ao PCD que fosse para o bar da sala de professores, onde todos os outros se encontravam à sua espera para iniciar o beberete de recepção aos novos professores. O CD ofereceu as águas, o café foi oferecido por uma profª. e outros ofereceram bolos e salgados (esgotaram logo). Enquanto durou o convívio no meio de alguns encontros, por falta de espaço, alguns aproveitavam para solicitar a troca de uma ou outra hora no seu horário ao PCD. Notava-se que nem tudo eram rosas no grupo de professores, relativamente aos horários que receberam (ex.: um lamentava-se de ter apenas uma hora lectiva há sexta feira).

O PCD foi chamado algumas vezes à sala de fumadores, onde alguns professores, tentavam arranjar soluções para os seus horários. A todos eles o PCD respondia sempre da mesma forma: "estudem os problemas e proponham soluções ao grupo que elaborou os horários. Entreguem essas propostas no CD. Veremos o que se pode fazer.". Cerca das 13.00m saímos da escola.

## B) REUNIÃO GERAL DE PROFESSORES - 18 SET 1996

rgp202

18/09/96 - 10h 00m - 13h 20m - Escola B

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO GERAL DE PROFESSORES (96/97)

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO C. DIRECTORES DE TURMA (ELEIÇÃO DO CDT)

### ANTES DA REUNIÃO

[10.00] - Cheguei à escola eram 10.00. Dirigi-me ao gabinete do CD. Bati à porta mas ninguém respondeu. A porta estava aberta, como sempre. Não entrei e dirigi-me para a sala de professores à procura do PCD. Também não estava lá.

Na sala de fumadores encontravam-se 4/5 professores que eu cumprimentei; eles retribuíram a saudação. No bar também não estava. Regressei ao gabinete do CD. Bati de novo e passados alguns segundos vejo o PCD e entrei na sala.

De imediato diz-me que a primeira coisa que se lembrou quando chegou à escola foi das fotocópias das actas que eu lhe tinha pedido. No entanto ainda não as tinha posto a fotocopiar.

Saímos para o bar, onde já se encontravam mais professores. Tomei uma bica, enquanto ele andava de um lado para o outro, conversando com este e com aquele. Deixei-o e fui até ao ginásio onde iria, pensava eu, iria realisar-se a reunião. Nada estava arranjado. Alguns homens, que não eram da escola, andavam a retirar tralhas (móveis velhos, cadeiras e armários com um aspecto decrepito) que encostavam na parede do ginásio, no pátio.

Encontrei um ou outro prof. que no pátio de um lado para o outro, me pareceu, procurarem o local de reunião.

*[Questionei-me onde iria ele realizar a reunião, com cerca de 70/80 pessoas]*

Dirigi-me, novamente para a sala de professores, perguntando-me onde ia ele fazer a reunião, já que não tinha mas nenhuma sala onde meter 70 professores. Quando o encontrei, alguns momentos depois, questionei-o sobre esse assunto e ele com um ligeiro ar de gozo triunfante: "Oh Luís! Esta escola pode ser "das barracas" mas temos mais lugares onde realizar a RGP". Após insistência minha, dado que ele parecia estar a "gozar" o momento da revelação, e portanto procurava não dizer logo, ele disse: " - Esta escola é coitadinha mas, vê bem, até tem dois ginásios, é mais pequeno que o outro que conheces, mas sempre dá para fugir à chuva! Hã., Luís com esta não contavas?!". Acrescentou que aqueles homens andavam a preparar o ginásio grande para se proceder depois às obras de adaptação, porque os SA, o CD e a Reprografia iriam passar para lá. No ginásio pequeno era onde iam ser dadas as aulas de E.Física do 2º ciclo. Tomei mais um café e saí da sala de professores. Já no ginásio pequeno, encontrei novamente o PCD e estivemos alguns momentos a conversar sobre as condições físicas do ginásio pequeno. Dizia ele: "Estás a ver, este ginásio é jeitoso, não nos podemos queixar, mesmo pequeno, e tirando uma ou outra janela parida, temos um ginásio, quando há escolas por todo o país que se queixam de não terem ginásio. Como estava demorado o início da reunião, saí para o pátio, para fumar um cigarro. Aí encontrei o [nome de prof. 63] e estivemos a conversar um bocado sobre generalidades. Estava connosco o del. de Geo/3ºC. Fomos para o ginásio pequeno, onde já se encontravam alguns professores, e entrámos. Enquanto a reunião não começava estivemos um pouco na conversa. A "despesa" da conversa foi quase toda feita pelo [nome de prof. - 63]. Contou algumas histórias relacionadas com o facto de ser representante da APEE, no CP de uma outra escola. Depois referiu-se a aspectos do ensino da Matemática e das C.Natureza no 2º ciclo. Por ele soube que as reuniões do 4º grupo do 2º ciclo se realizam com todos os professores e a presença dos dois del. de disciplina.

Na altura, seriam 10.15 encontravam-se na sala cerca de 20 professores.

#### DURANTE A REUNIÃO

[10.20] - A reunião estava convocada para as 10.00. A reunião começou cerca das 10.20. Quando a reunião começou estavam na sala mais de 50 professores, e continuavam a entrar. A sala encontrava-se organizada com as cadeiras em semicírculo, com a mesa da presidência no lado do quadro negro. Nesse quadro encontravam-se escritos os nomes dos membros docentes do CD. Não esteve presente à reunião a VPCD.

O PCD começou referir a composição do CD. Depois disse que tinha algumas informações a dar.

Deu, depois as boas-vindas a todos os professores, e dirigindo-se, especialmente aos novos professores referiu-se ao facto de, apesar das condições materiais serem as que eles já tinham tido a oportunidade de ver, as relações e o ambiente entre as pessoas eram muito bons.

Seguidamente fez uma referência à limpeza que estava a ser feita no pavilhão ao lado, porque o mesmo iria ser adaptado para a instalação do CD, SA e Reprografia, porque na 1ª fase de obras para as novas instalações da escola, ia decorrer na zona onde se encontravam aqueles serviços. Por isso é que a aquela reunião se realizava no ginásio pequeno.

*[Segue-se, um período de explanação de questões relacionadas com as obras a realizar, basicamente as mesmas que tinham sido dadas na última reunião do CP.]*

A 1ª fase consistiria na construção de três Pavilhões, apanhando a zona do Jardim em frente da escola, é a zona onde se encontravam, actualmente, os pavilhões do SA/CD, da Reprografia e do das salas de aula que se encontra à esquerda de quem entra. Isso iria implicar a desactivação das salas 9, 10 e da 17 à 21. Tudo isso vai implicar modificações e adaptações que teremos de fazer antes das obras começarem.

O PCD acrescentou que as obras "neste momento ainda tudo está em fase de lançamento de concurso, com certeza eu antes de Dezembro não haverá obras". Depois da abertura do concurso, há que obter aprovação do Tribunal de Contas, etc., portanto o mais provável será o início das obras só para depois de Dezembro.

O PCD continua com a sua exposição. Os serviços administrativos e o CD vão ser instalados no ginásio. Para o efeito solicitou-se à DRELx fosse concedida a redução curricular do grupo de E.Física/3º ciclo. Isso foi combinado com a DRELx e já foi autorizado. Comunicou-se, por isso, ao serviço de concursos que não colocassem nenhum prof. de E.Física/3º ciclo na escola, mas mesmo assim foram colocados dois professores e agora não temos horários para eles.

Para permitir o início das obras, terá de transferir os SA, CD e Reprografia para o pavilhão. Por isso durante as férias de natal proceder-se-ão às obras de adaptação daquele espaço (construção de divisórias, instalações eléctricas que suportem os diversos equipamentos, telefones, etc.

A propósito das instalações, o PCD informou que tinha sido feita uma alteração em termos de salas: a sala de E.Visual passou a sala de aulas normal e a sala de E.Visual passa a ser a sala 28.

Seguidamente o PCD dá informações sobre o nº de turmas que irão funcionar na escola no ano lectivo 96/97: 6 turmas no 5º ano, 6 turmas no 6º ano, 6 turmas no 7º ano, 7 turmas no 8º ano e 5 turmas no 9º ano, num total de 30 turmas. No 5º ano não há turmas de Francês.

A certa altura, e a propósito da questão das idades, o PCD referiu que houve um ou outro caso, em que a escola foi "obrigada" a aceitar a matrícula de alunos, bem mais velhos do que a generalidade dos alunos. Referiu-se concretamente a três alunos com 15 anos no 5º ano.

O PCD seguidamente indicou o tamanho das turmas do 6º ano - 23, 20, 21, 19, 21, 21 alunos. Referiu que, entretanto, faltava ainda a matrícula de 13 alunos. A dimensão das turmas entretanto dava perfeitamente para incluir esses alunos, sem grandes problemas.

De uma maneira geral manteve-se a estrutura base das turmas vindas do ano anterior, acrescentou.

O PCD indicou que teve que incluir um aluno com 16 anos: "... mais um choradinho, praça de Alvalade", referindo-se à ida do e. educação à DRELx recorrendo da decisão da escola em não aceitar a matrícula do educando. Novamente disse que "... tudo bem, se o ME manda nós aceitamos, mas por uma questão de princípio, não aceitamos antes disso, porque senão...!"

Relativamente ao 7º ano, o PCD disse que eram as turmas mais cheias. Estavam com 26 alunos. No entanto, conseguiu-se que não entrassem mais alunos do que aqueles que haviam transitado do 6º ano, com excepção de uns poucos que se inscreveram em E.Tecnológica, porque na turma onde havia essa disciplina, ainda havia vagas. Mesmo assim as duas turmas de E.Tecnológica têm menos alunos (22 e 23 alunos)

Relativamente ao 3º ano, o PCD disse que as turmas eram mais pequenas. Uma delas tinha até apenas 15 alunos - era a turma de E.Tecnológica. "Obviamente, tivemos de pedir autorização para a constituição dessa turma, tão pequena" acrescentou.

Sobre o 9º ano segundo informação dada pelo PCD as turmas iriam ter: 21, 24, 18, 22 alunos. A turma mista com Inglês/Francês estava no momento com 21 alunos, mas poderia ir ainda até aos 23 alunos. Por outro lado, ainda havia os alunos que tinham feito exame, e consoante os resultados obtidos ainda poderia haver o aumento das turmas. O numero de alunos que se inscreveram a exame foi de 10, mas apenas pareceram a exame 6 alunos. Era natural, portanto que as turmas pudessem aumentar ainda.

Seguidamente o PCD começou a referir-se à situação da colocação dos professores. Havia alguns horários ainda por preencher. Tratavam-se de horários enviados para mini-concurso:

um horário de 12 horas de E.Visual; um horário de 22 horas de Português - a propósito deste horário completo, disse que se tratava de um horário atribuído a um prof. da escola que já algum tempo se encontrava destacado nos serviços do Mosteiro dos Jerónimos cujo destacamento este ano veio mais tarde.; um horário de 8 horas e outro de 22 horas a Matemática; um horário de 6 horas de Francês; um horário de 12 horas de Inglês; um horário de 21 horas de História - também em relação a este horário, a escola só recebeu a comunicação do destacamento da colega para o IIE, já muito tarde de forma que teve de ir para mini-concurso.

Seguidamente o PCD passou a informar sobre as actividades do primeiro dia de aulas, explicando a forma como se tinha planeado a sua organização. Referiu a dificuldade que sentiu em organizar o primeiro dia de aulas, em termos do primeiro contacto com as turmas, porque a ideia seguida em anos anteriores de os professores organizarem o primeiro contacto com os alunos, revelou-se impossível porque "há turmas que são verdadeiros passadores" referindo-se ao facto de algumas não terem ainda falta de muitos professores, por outro lado também ainda não estavam atribuídas algumas direcções de turma.

Nessa circunstância disse que tinha desistido de programar o que quer que fosse, e portanto "... quem tem aulas vai para lá e pronto! tenta fazer o melhor possível!"

O melhor possível, era no caso, a) a entregue e leitura do Regulamento Interno na 1ª aula; b) Preenchimento de uma ficha-inquérito sobre o Regulamento Interno na 2ª aula e c) Correção dessa ficha na 3ª aula. O início das aulas está marcado para 19 de Setembro. Referiu de seguida o início das aulas. de manhã às 9.15 e de tarde às 14.30.

*[Duas colegas situadas nos extremos da assembleia, conversam em voz alta, perturbando a reunião e dificultando os restantes presentes de seguirem o que o PCD estava a dizer]*

Porque, como já tinha dito, havia turmas que ainda não tinham todos os professores, solicitava aos colegas de E.Visual e E.Tecnológica que se pudessem estivessem na escola, à disposição para cobrir situações imprevistas, devendo-se procurar evitar que houvesse turmas sem professor.

*[Nessa altura passa por mim a folha de registo de presenças]*

Seguidamente, o PCD prestou algumas informações sobre os funcionamento de serviços e das aulas:

- Os trabalhos de reprografia deverão ser solicitados com 48 horas de antecedência; chama a atenção para o facto de que as 48 horas se referem a dias úteis, e que portanto quem colocar algum trabalho na sexta feira não conte ter o trabalho feito logo na segunda feira; por outro recomenda-se alguma parcimónia no nº de exemplares.

- O horário de toques é que se encontra afixado na sala de professores; existe uma tolerância de 15 minutos na primeira aula de cada turno, e o segundo toque da campainha é apenas para o prof.; os alunos têm de estar presentes ao primeiro toque.

- Relativamente às faltas dos alunos: as faltas dos alunos são de três tipos: de presença, de castigo (sic) e de material. Relativamente a estas últimas "o aluno tem direito a esquecer-se do material indispensável". Este tipo de faltas só serão marcadas a partir da data que o CD vier a indicar em Ordem de Serviço. As faltas de castigo devem originar uma participação a entregar ao DT, a explicar a ocorrência.

- Sobre as aulas de apoio: os professores devem fazer o sumário e assinar a presença; mais tarde será indicado quando é que começam essas aulas, os professores e as horas a que se realizam.

- A Sala de Estudo irá funcionar em novos moldes, segundo uma proposta de reorganização aprovada em CP; os professores que irão trabalhar na Sala de Estudo: [nome - 91], [nome de prof<sup>ra</sup> - 85], [nome - 87], [nome - 90], [nome - 52], [nome - 63], [nome - 79], [nome - 88].

- Tipo de material audiovisual existente na escola, local onde se encontra e procedimentos a utilizar para a sua utilização pelos professores;

- Caderneta Escolar - controle da preservação por parte dos alunos; utilização para comunicação com os encarregados de educação.

- Cuidados a ter com a preservação dos equipamentos e instalações, especiais cuidados em termos da higiene e limpeza das salas; ninguém pode ser obrigado a dar aulas em salas que os outros sujaram, portanto cada prof. deve garantir que quando deixa a sala, ela se encontra em condições.

- Chamada de atenção para os cuidados a haver quando da realização das centésimas aulas: "por favor, não deixem nunca os alunos sozinhos, obriguem-nos a limpar a porcaria que fizerem e não incomodem os outros" recomendou o PCD.

- Faltas dos professores: prazos e condições para justificação de faltas por doença (atestados médicos) e obrigatoriedade de entrega do papel de retorno ao serviço. O mesmo em relação a férias.

- Formas e tipos de informação e publicitação das ordens de serviço, convocatórias, etc.

- Os del. de grupo e outros professores com horas de redução de horário equiparadas a horas lectivas têm, para essas horas um livro de ponto próprio, devendo efectuar a sua marcação nos seus horários.

Seguidamente o PCD, relativamente à manutenção, refere que apesar de estar já reformado, o Sr. David continua a dar uma "mãozinha" quando é necessário.

Uma prof. perguntou se o Sr. David não tinha sido substituído. O PCD esclareceu que a questão não era a da substituição, porque o Sr. [nome de aae - 20] não era da manutenção, mas sim um auxiliar de acção educativa. Ele tinha era gosto e jeito para os pequenos arranjos que iam sendo necessários.

Mudando de assunto o PCD informou os presentes das inúmeras acções de formação que se encontram publicitadas na sala de professores. Tratavam-se de acções promovidas pelo Centro de Formação da Associação de Escolas - [nome - 2]. Quem precisar, por causa da progressão, deve estar com atenção a isso.

O prof. [nome - 51], questiona o PCD sobre quando é que os certificados das acções já realizadas são entregues. Mas na confusão e barulho que se tinha gerado pela aproximação do fim da reunião, não se percebeu a resposta do PCD.

Nesta altura, elevando a voz, o PCD exclama: " Pronto acabou-se a democracia. Eu calo-me, vou-me embora, fecho a loja!", entre irritado e com ar "gozão".

A confusão continua.

Ele berrando, avisa que a seguir (dali a 10 minutos) os DT devem reunir-se na sala 11 para se proceder à eleição do coordenador dos directores de turma. Devem os DT, proceder o mais rápido possível à marcação, no seu horário, a hora de atendimento dos encarregados de educação. Avisa entretanto que nalguns casos essa marcação já está feita, pelo grupo de horários.

No meio da confusão geral, o PCD ainda conseguiu recomendar aos colegas que retirassem os exemplares do Regulamento Interno e do Documento de Apoio aos Professores que se encontram junto à mesa da presidência da reunião. Uma parte dos presentes já se levantou dos seus lugares. Os del. de grupo e de disciplina vão recebendo, das mãos do PCD os conjuntos de horários dos professores, no meio de grande movimento de saída da sala.

[11.07]

#### DEPOIS DA REUNIÃO

[11.10] - A reunião acabou eram 11.10. Acabou tal como tinha começado, no meio de grande confusão. Não foi possível identificar, como aliás acontecia geralmente, o momento exacto em que formalmente a reunião acabou. As pessoas foram saindo, mantendo-se algumas dentro do ginásio, de pé, conversando e trocando opiniões e comentários sobre os horários que o PCD tinha acabado de entregar aos del., e que estes imediatamente deram aos professores dos respectivos grupos.

Durante cerca de 5 minutos o PCD esteve junto à mesa de presidência, ora de pé, ora sentado a atender este ou aquele colega, que lhe vinham colocar questões sobre o início das aulas e sobre os horários, e que iam saindo, de pois de falarem com ele.

A certa altura, tinham finalmente saído todos os professores e ficámos apenas nós dois e o del. de Mat/3°C. Recolhi exemplares dos documentos (Regulamento Interno e Documento de Apoio aos Professores". Quando íamos a sair perguntei-lhe onde ia realizar-se a reunião dos directores de turma para a eleição do coordenador dos DT... Disse-me que era na sala 11, mas que não valia a pena andar a correr porque havia tempo.

No pátio, encontravam-se ainda pequenos grupos de professores (geralmente do mesmo grupo disciplinar e/ou disciplina) que confrontavam os seus horários e nalguns casos analisavam as possibilidades de alteração deste ou daquela hora, colocada em hora/período menos bom. Tudo isto se passava sem grandes dramatismos ou confusões.

Num grupo de professores um deles manifestou a opinião que teria de se contentar com "aquele" tipo de horário enquanto os mais velhos não se reformarem, virando-se para um outro colega: " Quando é que te reformas? Para ver se eu passo a ter horário melhor?!" Isto foi dito em resposta a uma pergunta de outro colega (mais velho na escola) se estava satisfeito com o horário. O comentário foi feito de forma natural, mas num tom conformado.

Andei pelo pátio, a ver as reacções das pessoas. Nada de especial. Fui novamente ao bar, onde se encontravam já muitos professores. No pequeno espaço do bar estariam cerca de duas dezenas de pessoas. Acotovelam-se, para chegar ao balcão. Outras conversavam de forma animada. Em cima do balcão encontravam-se aos bolos e bebidas. Tomei um café e comi uma fatia de bolo. Saí do local e encontrei o PCD que se encontrava acompanhado de uma colega. Esta manifestava o desejo de ficar com duas cadeiras velhas, para restaurar, que se encon-

travam no pátio e que à partida se destinavam a ir para o lixo. Faziam parte da tralha que se encontrava junto do ginásio. Numa outra ocasião, um pouco mais tarde ouvi-a dizer ao PCD que não deitasse nada fora sem ela saber porque se encontrava interessada em tudo o que fosse velharias (para restaurar).

Alguns professores, no pátio, perguntavam onde era a reunião para a eleição do coordenador dos DT. A prof.<sup>a</sup> [nome - 59] andava de um para outro lado, chamando os DT para a sala (e o próprio PCD que se encontrava na conversa com a prof.<sup>a</sup> [nome - 60] - a tal das cadeiras).

Acompanhei um grupo de 5/6 professores que iam a entrar na sala da reunião. O PCD entrou também nessa altura.

#### REUNIÃO DOS DIRECTORES DE TURMA - ELEIÇÃO DO COORDENADOR

[11.25] - A sala estava quase cheia, cerca de 20 pessoas. As mesas encontravam-se dispostas em rectângulo fechado, com a cabeceira da reunião junto à porta da sala. Em cima das mesas, à frente de cada cadeira, encontravam-se um pequeno pedaço de papel, que se destinava ao voto.

Eram cerca de 11.25 quando o PCD deu início à reunião explicando que, em face, do termo do mandato de dois anos da actual CDT, era preciso fazer a eleição do CDT para o biénio 1996-1998. Informou, também, que no dia seguinte às 10.00 iria realizar-se a primeira reunião dos DT.

*[Não houve qualquer esclarecimento sobre a forma como se iria processar a votação, mas também nenhum dos presentes os solicitou]*

No seu estilo "brincalhão" o DT/7B foi perguntando: "... então não propaganda?! Como é que vamos votar?"

"Aqui não é preciso propaganda, todos estão já esclarecidos e informados", responde no mesmo tom de "brincadeira" o PCD.

Durante algum tempo, os presentes conversaram. Nos respectivos lugares utilizaram os pedaços de papel em branco, e escreviam o nome em que votavam para CDT. O voto era, portanto secreto. Estavam presentes nessa altura cerca de 24 DT.

O DT/7B encontrava-se de pé, em conversa com uma colega. O PCD "meteu-se" com ele dizendo: "Eh pá! Já estás a dar a volta à rapariga! Isso não vale!"

Reposta, sempre no mesmo registo de galhofa: "Oh [nome do PCD]! A colega é nova, não conhece, portanto estou a esclarecê-la em quem deve votar!"

(Risos)

Continuam os presentes entretidos com os boletins de voto.

A certa altura o PCD, tomando um ar "sério" reclama a atenção dos presentes, dizendo que deseja fazer uma declaração formal. Fez-se silêncio. O PCD declara que: "Este ano a minha afilhada é aquela menina ali... (apontando para uma colega)... aquela menina bonita que está ali! Eh! Olha para cá... aquela menina ali é que vai ser a minha afilhada este ano".

(Sorrisos)

Vários (sorrindo): "Ouve lá, mostra lá o teu horário?"

"Corrupção não!" exclamam outros.

*[Tudo isto se passou num clima de descontração e de boa disposição, com risos e ditos espirituosos]*

Entretanto, as pessoas começam a dobrar e a guardar os respectivos votos. A CDT cessante dando a volta a toda a mesa, vai recolhendo os votos. O PCD coloca um papel dobrado em cima da mesa e diz que aquele é o voto do DT/DT9C que já votara e tivera de sair da sala. Alguns momentos depois o DT/DT9C regressa à reunião.

Finalmente recolhidos os votos de todos, o PCD e a CDT cessante começam a sua contagem. Esta desdobra os papéis e o PCD lê e anuncia o nome do votado. A CDT cessante leva vantagem. Quando nalgum voto ela não é a escolhida, o PCD "brinca" dizendo: "Este é o teu voto? Não é? Eu sei que é!" dirigindo-se à pessoa cujo nome era o votado.

(Risos)

"Eu sei que sim! Vocês sabem, eu conheço as letras de todos vocês!"

A votação final deu os seguintes resultados: 15 votos para a [nome de prof.<sup>a</sup> - 48]; 03 votos para a [nome de prof.<sup>a</sup> - 59]; 03 votos para a [nome de prof.<sup>a</sup> - 79]; 01 votos para a [nome de prof.<sup>a</sup> - 74]; 02 votos em branco; 01 votos nulos (voto. "a mesma CDT do ano anterior).

Cerca das 11.35 acaba a reunião com as pessoas a abandonarem a sala, enquanto o PCD fazia o convite para todos se dirigirem ao bar onde havia café, bebidas e uns "bolitos", oferta da casa. A reeleita CDT procurava evitar que os presentes abandonassem a sala sem que tivessem assinado a acta da reunião.

#### DEPOIS DA ELEIÇÃO DA CDT

[11.40] - Dirigi-me para o bar que se encontrava apinhado. No meio daquela gente toda o PCD ia distribuindo as suas "graças e boa disposição", oferecendo bicas e convidando as pessoas a comerem. Um ou outro abordava-o ainda por causa de questões de horários. Ele, atendia-os e ouvi-as, mas no final remetia a resolução da questão para o grupo de horários.

Encontrei a antiga del. de E.Tecnológica à entrada da sala de professores e perguntei-lhe se ia continuar Coordenadora da Árcia-Escola. Disse que já não estava no CP e que portanto em principio não seria. Opinou que já

tinha a sua conta em termos de pedagógico e que "... deve haver mudanças de caras no CP, não é bom serem sempre os mesmos...", portanto a minha colega, apontando para a nova del. de E.Tecnológica/3°C é que vai estar no CP. Esta disse que não estava para ter grandes chatices. Eu opinei que, se calhar para ser coordenador da Área-Escola não é obrigatório ser membro do CP. A profª. [nome - 56], concordou comigo, mas disse que se fosse só tinha vantagens.

De novo junto do PCD, este disse-me para comer qualquer coisa. Eu declinei o convite porque, disse-lhe, já tinha comido momentos antes. Perguntei-lhe se ele ainda se demorava na escola. Ele respondeu-me que sim que "hoje posso ficar mais tempo, porque as minhas 'madames' foram ao cabeleireiro e eu estou livre..." Disse-lhe então que ainda ia dar um salto à FPCE e que depois voltava, lá por volta das 12.30, para conversar um pouco.

[12.30]

Quando regressiei da FPCE encontrei o PCD sozinho no gabinete do CD. Estivemos na conversa até cerca das 13.20. O silêncio e a calma daquela hora de intervalo para o almoço, sem interrupções de ninguém depois de toda a azáfama das duas horas anteriores, permitiram criar um ambiente "intimista" na conversa que tivemos.

Pela primeira vez o PCD se referiu à sua vida privada, familiar.

Notando que fumava cigarros atrás cigarros, comentei que: "- Eu fumo muito mas tu abusas. Quantos maços fumas por dia?"

"Eh pá! Fumo mais ou menos um maço" disse. Momentos depois corrigiria para "quase dois". Disse ainda que fumava mais de manhã que de tarde. "Depois do almoço fumo uma cigarrilha, e isso de certa forma satisfaz-me mais, o que leva a que fume menos da parte da tarde" acrescentou.

"Hoje não tenho as minhas senhoras em casa, porque foram ao cabeleireiro, e posso ficar aqui mais tempo". disse. E depois, como eu perguntasse pela neta ele referiu que andava este ano no 7º ano de escolaridade nesta escola.

Contou-me que tinha duas filhas. Uma delas, que estava separada e tinha esta filha aqui na escola, vivia consigo. Mostrou alguma mágoa pela situação da filha. No momento a contrato na escola de [nome de povoação - 21] como auxiliar administrativa. Era Educadora de Infância mas não tinha conseguido colocação. Tinha entretanto tirado um curso de informática.

A outra filha era licenciada em informática.

Ele, pelo contrário, não percebia nada de informática nem trabalhava nunca com o processador de texto. "A minha neta é que se aguenta! Até dá raiva como os miúdos entram naquilo, com uma facilidade que mete impressão! E nós nada!"

Aproveitando o ambiente intimista, quis saber como era o seu dia de trabalho.

"Trabalho mais logo de manhã. O horário lectivo é de 4 horas (Matemática) e quero sempre às 8.00. Por volta das 9.00, isto é muito pacato, e posso sentar-me um pouco a fazer o trabalho de secretária". Também à tarde, há calma para o trabalho de gabinete", esclarece.

"Aliás de tarde é sempre muito mais calmo que de manhã, e sempre dá para fazer algumas coisas. Depois, por vezes, levo também coisas para casa, sabes como é, só que a maior parte das vezes não faço nada! Depois de jantar, sento-me à televisão e pronto! Também é preciso descansar, não é?"

A certa altura, uma a funcionária que tinha sido colocada ultimamente nas escola aparece à porta do gabinete a perguntar por uma funcionária da secretaria [não percebi qual]. Responde-lhe o PCD que não estava ninguém, estavam na hora de almoço. Acrescentou que essa senhora só estará na escola a partir de segunda feira, que a procurasse na segunda feira, e depois para mim: "a...tirou estes três dias e só volta na segunda feira".

Referindo-me à funcionária que acabara de sair, perguntei-lhe como ela apareceu ali na escola, se ele tinha pedido alguém. O PCD contou então que ela era um dos tais "vigilantes" de que se falara na comunicação social, que o ME ia enviar para as escolas para melhorar as condições de segurança. "Mas vigilante de quê? Para os páti- os? Em relação ao exterior?", perguntei eu.

[Deve notar-se que a senhora, aparentando cerca de 40 e poucos anos, baixa, bastante forte com tendência para a obesidade não parecia nada ter o perfil de vigilante...]

"Não sei! Se queres que te diga, não sei!" respondeu-me o PCD. Entretanto foi dizendo que a senhora vinha colocada do quadro de excedentes do Ministério da Administração Interna, onde era auxiliar administrativa.

Lembrei-me de lhe perguntar como tinha ficado o caso da professora que tinha ficado colocada na escola (ao abrigo do concurso para os incapacitados). Disse-me que já tinha mandado um fax para a DRELx para eles esclarecerem o assunto, e que não se ia preocupar mais com o assunto, porque a asneira tinha sido deles, eles que a resolvessem.

Quis saber como estavam as coisas com os diversos clubes e outras actividades de complemento curricular.

Perguntei-lhe se já tinham o responsável pela coordenação da Área-Escola.

"Eh pá, até me esqueci disso!, exclamou. "Mas não há problemas, como há muita gente com horários incompletos, há-de se arranjar uma pessoa para isso! acrescentou.

Relativamente ao Projecto ECOS, o PCD disse que o ME tinha atribuído apenas um crédito de duas horas. "Só duas horas? Não há engano?" perguntei eu.

"Sim, mas isso não é problema, temos aí muitos horários incompletos, e portanto são eles que vão aguentar a continuação do projecto." explica.

Quanto ao clube de azulejaria, ele achava que era um luxo, ficava muito caro, e se bem que tivesse funcionado bem, se calhar não havia condições para lhe dar continuidade.

Perguntei-lhe pelo Clube de Jornalismo, acrescentando que me tinha parecido, ser um dos que os miúdos mais gostaram. Disse que o Clube de Jornalismo, dinamizado pela [nome de prof<sup>a</sup> - 88] no ano anterior, ira continuar.

Teceu grandes encómios a essa prof<sup>a</sup>., este ano no CP, esclarecendo que na reunião do CP de Julho [*a que eu não estive presente*] tinha sido apresentada uma proposta de reorganização do funcionamento da Sala de Estudo por ela elaborada. Era uma elemento muito dinâmico em sua opinião.

Manifestei-lhe que tinha, também eu, ficado com uma impressão muito favorável, do que tinha assistido na última reunião do CP, relativamente a essa prof<sup>a</sup>...

Sobre a questão dos alunos, conversámos, ainda, sobre o caso do aluno de 16 anos que se apresentou a inscrever-se no 5º ano de escolaridade. O PCD, repetiu de certa forma o que já tinha dito no CP: "... por uma questão de principio não tomava a responsabilidade de aceitar a matrícula desses alunos (este aluno até não chateava ninguém, era um paz de alma), eles que fossem ao ME. Se o ME o obrigasse a aceitar a matrícula tudo bem, agora por minha iniciativa, não"

No final do ano anterior, teve outro caso. Uma aluna que tinha reprovado (a DT era a [nome de prof<sup>a</sup> - 49]) e a mãe fez acusações de que a DT lhe teria dito que na turma todos os alunos iam reprovar e que afinal apenas a sua filha tinha reprovado. A tal mãe ameaçou que ia ao ME, e ele dissera-lhe que achava muito bem, que fosse ao ME. Parece entretanto que não chegou a ir. Pelo menos até agora ainda não recebemos nada. Recurso na escola, ela não meteu, portanto o caso deve estar resolvido.

A conversa já ia longa. Perguntei-lhe se tinha tido notícias da Elisabete Filipe. Disse-me que não, que nunca mais tinha falado com ela. Também o Miguel Costa, já há muito que o não via. Eu disse-lhe que relativamente ao Miguel Costa, era natural porque o trabalho dele era sobre outra escola, da outra banda. A Elisabete Filipe é que me admirava, porque o trabalho era sobre a esta escola, mas noutra vertente, mais virado sobre os alunos, disse eu. Ele disse que ela ainda tinha vindo fazer umas entrevistas aos alunos, mas depois nunca mais disse nada.

Finalmente disse-me que já tinha posto as actas na Reprografia e que talvez no dia seguinte eu já as possa levar. Falei-lhe mais umas vez nos passos futuros que eu ia dar, em termos de entrevistas a ele e a um ou outro professor, a observação-sombra da sua jornada de trabalho, e a consulta de alguma correspondência oficial. Disse não haver quaisquer problemas. Eu que dispusesse à vontade.

Saímos os dois da escola. [13.20]

### C) REUNIÃO DO CONSELHO DE DIRECTORES DE TURMA - 19 SET 1996

rdt201

19/09/96 - 10h 00m - 12h 05m - Escola B

OBSERVAÇÃO DA REUNIÃO DO C. DIRECTORES DE TURMA

#### ANTES DA REUNIÃO

[10.00] - Cheguei à escola cerca das dez horas. No gabinete do CD encontrei o PCD e uma funcionária da secretaria. Logo que me viu, o PCD foi buscar um maço de fotocópias para me entregar. Tratavam-se das cópias das actas das reuniões do CP que lhe tinha pedido. Dei uma vista de olhos a ver se estavam as actas todas.

Perguntei ao PCD se já tinha a lista dos DT. Disse que ainda não tinha a lista completa dos DT.

Entretanto entrou no gabinete a del. de Ing/2°C que comentou para o PCD que não tinha conseguido fazer nada com os horários porque não tinha todos os elementos. Aliás, disse, não sabia que alterações nas direcções de turma (horas marcadas) e nas horas de apoio de outros cargos. O PCD disse que não voltava a fazer o que tinha feito no dia anterior (referia-se à forma como tinha sido o processo de entrega dos horários dos professores). A del. de Ing/2°C exactamente disse que tinha sido muito mau fazer a entregar dos horários, sem que tivessem ficado cópias do que tinha sido entregue.

Como os horários foram entregues e não ficaram com o registo daquelas horas a coisa tornou-se complicada, referiu aquela del. de Ing/2°C. O PCD disse que vários colegas falaram com ele sobre possíveis alterações dos horários, mas que ele os remeteu sempre para o grupo de horários. Portanto, para já, todos eles sabiam que as únicas alterações que contavam tinham de passar pela del. de Ing/2°C.

Enquanto o PCD andava de um lado para o outro, tratando disto e daquilo, atendendo o telefone ou dando orientações nos serviços administrativos, eu e a del. de Ing/2°C conversávamos sobre a feitura de horários. Soube que pela primeira vez os horários tinham sido passados a computador. Foi uma experiência nova. Ela levou todos os elementos para férias (que passa ao pé de [nome de povoação - 31]) e elaborou os horários - volta e meia estava em contacto telefónico e, agora, também por fax, com o PCD - e já cá em Lisboa, de regresso, é que passou os horários em computador. Entretanto, com o processo seguido na entrega dos horários este ano, ficou sem a posse de todos os elementos, o que não lhe permitiu proceder às alterações pedidas pelo PCD. A certa altura o PCD telefonou, de propósito, a uma colega para a avisar que as alterações que ela tinha pedido, só seriam "oficiais" depois de



passar pelas mãos da del. de Ing/2°C. Seguidamente, fui até à sala de professores, ao bar, com a ideia de tomar um café. Não se encontrava lá nenhuma funcionária. Encontrei na zona dos fumadores o del. de Geo/3°C. Aqui e acolá, no pátio, encontrei alguns professores. Dois deles, cujas caras não conhecia, deviam ser novos na escola, encontravam-se junto à porta da sala 11 (suponho que à espera que a reunião começasse. Voltei de novo para o gabinete do CD. Perguntei ao PCD se ele iria estar presente na reunião. "Vou lá dar uns palpites, mas depois venho-me embora", respondeu-me.

Eram cerca de 10.20 e ele ainda não tinha parado no mesmo sitio mais do que dois ou três minutos. Sempre de um lado, para o outro. Numa das passagens pelo pátio, uma funcionária (chamada Otilia) da Reprografia fez um comentário curioso quando passávamos (numa das incontáveis vezes): "se o chão se gastasse..."

Voltei à sala de professores onde já se encontravam vários directores de turma - à espera, presumo, que os fossem lá avisar e chamar para a reunião, como era hábito do PCD. No pátio, perto da sala 11, grupos de DT conversavam e amontoavam-se junto à porta da sala. À entrada a CDT e outra colega barravam a porta, não deixando ninguém entrar. estavam dentro da sala, outras duas colegas a organizar o material documental que iria ser entregue aos DT. Entretanto, uma funcionária chegou com mais uma resma de fotocópias de documentos acabados de fazer. Esperámos mais alguns minutos (cerca de 5 m). A CDT virando-se, para mim, fez um comentário do género "...olha a culpa disto é o PCD porque não deixou tirar as cópias..." e "... depois pões lá isso! Hã!".

Pouco depois a CDT avisou que podíamos entrar. Rapidamente verifiquei que os lugares não davam para todos. Sentei-me, mas pouco depois dei o lugar ao DT/7B e fui sentar-me numa mesa que estava ao lado, perto do canto da sala.

Verificou-se alguma confusão, enquanto as pessoas se sentavam. Uma colega ficou de pé junto à mesa em que eu estava sentado.

O PCD não estava presente, e nunca chegou a entrar na sala.

#### DURANTE A REUNIÃO

[10.30] - A CDT inicia a reunião. Pede desculpa pelo atraso verificado no início da reunião, mas como a eleição do CDT tinha sido no dia anterior, ela teve de num período muito curto de tempo de arranjar as coisas para esta reunião, porque não quis estar a antecipar-se, pois podia a eleição ter recaído sobre outra pessoa. Por outro lado houve, também algumas pequenas dificuldades na edição das fotocópias, devido ao elevado número que foi necessário tirar. Daí aquela pequena demora.

Seguidamente fez a apresentação dos novos professores, na escola, e que são também DT. Disse que ainda havia algumas turmas que ainda não tinham DT, mas que se ia resolver esse problemas rapidamente.

[10.35]

Entra uma professora que tem de ficar de pé porque não há lugares (lugar 24 na planta).

Os documentos metidos em capas de plástico começam a ser entregues aos presentes. A CDT anda à volta da mesa a entregar os documentos. Esta operação demora alguns minutos. Entretanto as pessoas vão conversando ao mesmo tempo que começam a dar uma vista de olhos aos documentos.

Enquanto isso entra uma outra DT, neste caso a [nome de profª - 60] acompanhada por uma criança do sexo feminino (8-10 anos de idade).

Depois da entrega dos documentos finalizada a CDT ocupa novamente o seu lugar a começa a fazer a explicação dos papéis que tinha acabado de entregar. Um a um, ela vai dizendo para que servem os impressos.

As quatro primeiras folhas contém alguns textos - é um suporte teórico retirado de algumas obras que se debruçam sobre a actividade da direcção de turma - e orientações esquematizadas das tarefas e actividades do DT. Os dois seguintes, já reportados à escola, indicam alguns conselhos e sugestões para as reuniões de pais com os professores e as tarefas concretas que os directores de turma têm de realizar, no princípio do ano lectivo. Sobre um dos pontos, organização do dossier de turma, a CDT refere a necessidade de "limpar" os dossiers do ano anterior, e indica quais os documentos que devem transitar de um ano para o outro. Os restantes, nomeadamente, os documentos de avaliação, os registos dos contactos tidos com os encarregados de educação, as justificações de faltas dos alunos... devem ser retirados.

À pergunta do DT/7B sobre qual o destino desses documentos, a CDT disse que depois de metidos dentro de um envelope devem ser entregues à funcionária D. [nome de aae - 1].

[10.37]

Uma DT (lugar 3 da planta): "... os registos com os encarregados de educação..."

"Isso fica lá tudo..." completa a CDT.

Entra, neste momento mais um DT que fica de pé porque não há lugar sentado (lugar 26 da planta).

A CDT esclarece ainda que os sobrescritos com todos os documentos, que os alunos entregaram no acto da matrícula (fotos, cartões, autorizações de saída, etc.) serão entregues aos DT (estão na Reprografia) para estes poderem organizar os respectivos dossiers. Ela chama a atenção que o preenchimento do cartão deve ser feito na primeira aula. As fotografias serão coladas pela D. [nome de aae - 1], depois serão feitas fotocópias da folha com todas as fotos, para dar aos professores e ao DT. e só depois é colada no livro de ponto.

A CDT explica ainda o procedimento a seguir no registo das faltas dos alunos. Refere os tipos de faltas, e a necessidade de identificar correctamente as faltas na folha de cadastro, que se encontra no dossier do DT: falta de atraso (Fa), falta de material (Fm) e falta de comportamento (Fc). Informa ainda que três faltas de material contam como uma falta de presença.

Seguidamente a CDT discorre sobre as várias maneiras de organizar o dossier de DT. Diz que alguns os organizam por aluno (e por cada aluno por assuntos) e que outros preferem organizar por assuntos (Registos biográficos, faltas, informações aos pais, etc. - e dentro os assuntos por alunos). Cada um verá qual a maneira que gosta mais e que melhor lhe serve.

De seguida refere-se à eleição do del. de turma. Diz que não deve protelar-se muito essa eleição. Nos casos em que os alunos já se conhecem uns aos outros, a eleição pode fazer-se logo nos primeiros dias; caso contrário poderá esperar-se mais uns dias, para que se conheçam melhor, mas não deve adiar-se muito essa eleição.

As reuniões com os encarregados de educação devem realizar-se até ao dia 11 de Outubro

Esclarece que a iniciativa da marcação é do DT. As reuniões podem realizar-se às 18.30. No caso dos DT terem duas turmas, podem até marcar para o mesmo dia, mas em horas separadas, por exemplo às 18.30 e às 19.00. Mas devem ter em atenção que os funcionários estão na escola apenas até às 19.30.

Uma DT refere que geralmente as suas reuniões com os encarregados de educação demoram quase sempre uma hora. A CDT diz que então não tem outra alternativa do que marcar em dias diferentes.

Chama a atenção para o facto de registarem no PBX o dia, hora e sala para a reunião, para que não haja falta de lugar para as reuniões. Ficará no PBX um mapa próprio para essa marcação.

Seguidamente a CDT refere um documento que se encontra na pasta que entregou, dizendo que se trata de um suporte legal retirado do Roteiro Escolar 95/96 - "... ainda não foi recebido o de 96/97..." acrescenta. Trata-se da parte relativa à assiduidade e regime de faltas.

Continua a explicação dos documentos, agora, falando dos documentos para o Dossier do DT:

- A ficha da Turma para registo do horário

- Ficha Biográfica do Alunos onde se inscrevem vários dados pessoais do aluno e da família.

[10.47]

- Registo da entrevistas com os encarregados de educação. A este propósito a CDT recomendou que no caso de haver "dúvidas sobre a honestidade do e.educação" os DT devem fazer um registo numa folha à parte e solicitar que seja assinado pelo e.educação. "Assim se mais tarde ele vier a dizer que não contactado...", esclarece.

[10.50]

- Comunicação de ocorrência. Impresso a utilizar pelos professores sempre que ocorram situações anormais que o DT deva ter conhecimento.

- Comunicação (Aulas de Apoio) - Impresso de comunicação entre o professor das aulas de apoio e o DT. Sobre as aulas de apoio a CDT chamou a atenção para a importância do controle da assiduidade dos alunos. Refere que sempre que os alunos tenham três faltas sem justificação são excluídos das aulas de apoio. Por isso devem ser feitas comunicações ao DT de todas as faltas dadas por esses alunos.

- Ficha de registo de assiduidade (folha de cadastro) - Nesta ficha devem ser registadas as falhas que se encontram marcadas nos livros de ponto, utilizando as notações já referidas antes. A CDT refere que há diversas formas de realizar esse trabalho. Uma delas pode ser a utilização de uma ficha intermédia (opcional) que se encontra logo a seguir no conjunto de impressos entregue. Esta é uma ficha que pode ser utilizada na aula.

- Modelo de ofício para comunicação ao e.educação das faltas dos alunos e um outro para comunicação ao CD. Ainda, três modelos comunicando que o aluno atingiu metade, total e excedeu esse total de faltas permitidas por lei.

A CDT esclareceu que ainda faltava um impresso de comunicação das regras de assiduidade aos encarregados de educação. Seria entregue aos DT mais tarde. Referiu-se com algum pormenor à situação específica dos alunos do 2º ciclo, esclarecendo, nomeadamente, que mensalmente os DT deviam comunicar o número de faltas aos encarregados de educação. Em Dezembro isso não se aplicava, porque as faltas apareciam também na pauta de classificações e na informação que era enviada aos encarregados de educação.

[11.00]

A CDT disse que os DT deviam comunicar aos encarregados de educação, quando os alunos atingem metade e o total das faltas permitidas. Esclareceu que este procedimento se aplica a todos os alunos, dentro e fora da escolaridade obrigatória.

- Documento a comunicar a aplicação de penas disciplinares: um para o caso de repreensão e outro para o caso de suspensão. Estas comunicações são feitas pelo DT.

- Convocatória de reunião para os encarregados de educação. A CDT esclareceu que essa convocatória deve ter o retorno do "tomei conhecimento" assinado pelo e.educação, sendo portanto a convocação feita através do aluno. Isto porque a escola não tem disponibilidade financeira de enviar a convocatória via correio.

[11.05]

No caso da não comparência do e.educação à reunião, o DT podia utilizar o impresso seguinte, convocando-o para um encontro pessoal.

- Comprovativo da presença do e.educação na escola, para o caso de justificação no emprego. Documento que é assinado pelo DT.

- Impresso de Acta de Reunião com os encarregados de educação - A CDT referiu que é um documento muito antigo, mas ainda serve para o efeito.

- Documentos sobre aulas de apoio - o primeiro para preencher no 1º e 2º períodos, e o segundo apenas para o 3º período.

- Participação de disciplina - documento a utilizar pelos professores, na participação de comportamentos de natureza disciplinar (tipificados no próprio impresso).

- Grelha de correcção de testes - impresso que os professores podem utilizar para a correcção de testes.

A finalizar a CDT chamou a atenção para quando da limpeza dos dossiers de DT, não retirarem os separadores, mas apenas os documentos não necessários. Todos os outros e os separadores devem ficar no dossier, porque a escola não ia arranjar novos separadores.

A prof.<sup>a</sup> [nome - 89] do Ensino Especial, antes que a CDT desse por terminada a sessão (aparentemente tinha-se esquecido de dar informações sobre aquela prof.<sup>a</sup>) pediu a palavra para dar algumas informações de interesse para os DT. Informou que se encontrava à disposição na sala 4A. O seu horário era todas as manhãs (das 9.00 às 12.00), excepto à sexta-feira, que era o dia de reuniões da equipa do ensino especial. Pediu que sempre que indicassem um aluno para apoio da Equipa do Ensino Especial, fossem indicados o nome, a turma e as razões porque mandavam os alunos.

Entretanto chegara e entrara na sala da reunião a del. de Ing/2°C que pediu atenção dos presentes para a questão dos horários. Disse que como o grupo de horários tinha de proceder a algumas alterações era importante que os DT marcassem rapidamente as horas de DT nos respectivos horários. Pedia que se dirigissem ao CD para fazerem essa marcação o mais urgente possível.

Finalmente o DT/7B disse que queria fazer uma chamada de atenção. Começou por dizer que perante tanto "burocracia" com todos aqueles documentos, o trabalho dos DT era imenso. Por isso chamava a atenção para a necessidade de não serem inundados com pequenas coisas que podiam perfeitamente ser tratadas, directamente entre o prof. e os encarregados de educação. Para isso é que existia a caderneta escolar. "O lápis que falta, as sapatilhas que o aluno se esqueceu de trazer, etc." são pequenas coisas que, não sendo de desprezar, podem ser objecto de comunicação entre o próprio prof. e o e. educação, através da caderneta escolar.

Vários presentes acenam que sim com a cabeça, manifestando o seu acordo a esta intervenção do DT/7B.

As pessoas começam a sair. [11.10]

#### DEPOIS DA REUNIÃO

Depois das pessoas começarem a sair, ficaram dois colegas a falar com a CDT. Eu fiz-lhe um sinal com a cabeça, a dizer-lhe que depois queria falar com ela. Dirigi-me a ela e pedi-lhe se me podia arranjar um conjunto dos documentos que tinham sido entregues aos DT.

Duas colegas novas (na idade e na escola) dirigiram-se a ela, dizendo que eram novas e que queriam saber o que deviam fazer na primeira aula (encontro com os alunos da sua direcção de turma). Ela explicou-lhes de forma sucinta a questão do Regulamento Interno e dos inquéritos. Seguidamente estive com ela cerca de 7/8 minutos a tratar dos documentos. Tinha tudo desordenado em cima da mesa, resultado do facto das cópias não terem vindo todas de uma vez só.

Disse-lhe que, provavelmente, iria precisar da sua ajuda (uma entrevista, talvez a consulta do dossier da CDT do ano anterior). Respondeu-me que não havia problemas, indicando onde poderia encontrar o dossier. Expliquei-lhe a finalidade da consulta.

Conversámos, ainda alguns minutos. A CDT falou sobre o seu DUECE (Avaliação) (Diploma Universitário de Especialização em Ciências da Educação); que já tinha, também, feito entrevistas e que um trabalho que lhes tinha sido pedido para fazerem, era uma análise do funcionamento do CP (a partir das actas) procurando contrastar o funcionamento do CP, na prática, com o cumprimento dos dispositivos legais que o determinavam e orientavam. Acrescentou que se tinha negado a fazer esse tipo de trabalho, à professora do módulo "Avaliação das Instituições e Pessoal" porque não achava correcto fazer isso. "...ainda se fosse feito para várias escolas, de forma a preservar o anonimato... agora, só para uma escola, isso não!"

Saimos da sala e dirigimo-nos para o gabinete do CD. Estivemos os dois no gabinete com o PCD - este andando sempre de um lado para o outro. Estava lá, também o del. de Mat/3°C.

Perguntei à CDT se já tinha a lista dos DT e ela disse que não. Em seguida foi ela que pediu essa lista ao PCD. Este disse que apenas tinha a lista dos DT do 3º ciclo. Tirou de imediato duas cópias no FAX e deu-nos. A CDT ainda insistiu para ele arranjar a do 2º ciclo, mas ele disse que não a tinha à mão e que também não ia, naquele momento, à sua procura.

Passados uns segundos a CDT saiu do gabinete. Meti conversa com o del. de Mat/3°C, enquanto o PCD voltava às suas andanças entre a zona do CD e dos SA.

Perguntei ao del. de Mat/3°C, quantos professores teve o seu grupo no ano anterior, porque na lista que eu possuía apenas constavam três. Ele disse que tinham cinco, faltando portanto na minha lista os professores Nuno e Helena.

Entretanto, seriam 11.45, disse ao PCD que ia tomar um café e ele logo disse que também estava na hora de tomar um café. Ainda foi tratar de um assunto, na zona do SA: eu fiquei à sua espera. Logo depois saímos e fomos para o bar. Não se encontrava nenhuma funcionária no bar. Ele telefonou, da sala de fumo, (julgo que para o pavilhão da Reprografia) a pedir para chamarem a funcionária do bar, para ir lá tirar os cafés. Do outro lado da linha devem ter dito onde ela se encontrava e que a iam chamar, porque a certa altura o PCD disse: "- então deixe esta que eu vou lá" (provavelmente estaria mais perto da sala de professores do que da Reprografia), "... não, não, eu vou lá, então se ela está mesmo aqui...!". E de seguida saiu. Eu esperei (talvez uns cinco minutos). Fui até à sala de fumo, onde se encontravam três professores: o del. de Geo/3°C e uma colega de grupo numa mesa. Junto ao telefo-

ne estava a del. de E.Tecnológica/3°C. Esta no momento telefonava para uma editora, perguntando porque ainda não tinham sido enviados os livros de E.Tecnológica que ela tinha encomendado para os professores do grupo. Os outros dois professores, pelo que percebi, estavam a redigir a acta de uma reunião (de grupo?) e a trocar impressões sobre a forma de abordagens dos conteúdos da disciplina. Conversavam também sobre as faltas de material dos alunos e nesse altura o del. de Geo/3°C diz para a colega que "... naquela escola 3 faltas de material contavam como uma falta de presença. Diz também que o problema é: "Se eles faltam demais o que é que nós fazemos? Mandamo-los para casa?! A coisa não pode resolver-se assim, para estes alunos!"

Regressa o PCD e juntos vamos para o bar onde se encontra já a funcionária. Tomamos café. Eu pago os cafés enquanto ele se encontra entretido a falar com uma colega que lhe coloca um problema da inclusão de aluno numa turma. Enquanto eles conversam, eu falo com a del. de E.Tecnológica/3°C e a [nome de profª - 56], que entretanto tinham entrado no bar e se encontravam sentadas no sofá a conversar sobre os manuais da disciplina. Ambas verberam a existência de um número exagerado de manuais, alguns dos quais muito fracos

Depois de saírem questiono o PCD sobre o caso que ele estava a abordar com a outra colega, informando-me ele que se tratava de um aluno que o tribunal tinha obrigado a pai a efectuar a matrícula.

Saímos da sala de professores e fomos para o gabinete do CD. Pelo caminho, no pátio, somos interrompidos por colegas que solicitam informações ao PCD sobre questões relacionadas com os horários. Eram colegas que, no momento, se encontravam em reuniões de grupo. Uma delas é a del. de Ing/2°C que se encontrava reunida com o grupo de horários, tratando de efectuar as alterações.

Como ele fosse solicitado para ir a uma sala onde decorria uma reunião de grupo, eu despedi-me e sai da escola. [12.05]

## **REGISTOS DE OBSERVAÇÃO DAS VISITAS**

**ANEXO XI**

**REGISTOS DE OBSERVAÇÃO**

**DE VISITAS - ESCOLA A**

## A) VISITA DO DIA 15 MAI 1996

vs101a

15/05/96 - 14h 30m - 16h 30m - Escola A

REGISTO DA VISITA REALIZADA À ESCOLA A

Cheguei a [nome de povoação - 1] às 14.05. Como não sabia onde se localizava a escola, e prevendo alguma demora em a descobrir, fui mais cedo de forma a diminuir o risco de chegar atrasado. O dia estava de chuva. Uma chuvinha miúda, espaçada, ora chovia com intensidade, ora parava durante algum tempo.

A escola localiza-se junto de uma estrada com bastante movimento, no interior da povoação. Do exterior apresenta um aspecto agradável, em parte pela existência de uma arborização no seu perímetro, em parte pela conservação da rede de protecção (aparentemente nova).

Na rua verifica-se algum movimento de crianças e jovens que se dirigem para a escola. Dado ter chegado mais cedo dirigi-me a um dos dois cafés que se encontram do outro lado da rua, onde tomei um café. Perguntei à empregada se aquela era a escola [nome de navegador português], mas ela não sabia. Esperei mais alguns minutos e depois dirigi-me para a entrada da escola. Na parede do habitáculo da portaria encontra-se inscrita ainda a designação de Escola Preparatória de [nome de povoação - 1] - [nome de povoação - 6]. À entrada estavam 4 funcionários (auxiliares de acção educativa).

Dirigi-me a uma delas, que me pareceu ser a que se encontrava ao serviço na portaria. Disse que desejava falar com a Dra. [nome da PCD], PCD. Ela disse que a Dra. [nome da PCD] ainda não tinha chegado, eram 14.30 h. Em face disso fiquei na entrada à espera. Enquanto ali estive, cerca de 10 minutos, antes da chegada da PCD, entraram alguns alunos e professores. Os carros destes últimos podem entrar e estacionar dentro do perímetro da escola. Os alunos a entrar, quase todos, diligentemente procuram a funcionária para lhe mostrar o cartão de estudante, mesmo quando a funcionária em conversa com os colegas não parece muito preocupada em pedir a identificação dos alunos. Durante esse período saiu um carrinha da Câmara Municipal, com cinco homens que tinham vindo arranjar uma boca de incêndio que tinha sido danificada pelos alunos. A certa altura, no meio da conversa sobre os danos causados à boca de incêndio um dos empregados da Câmara Municipal diz qualquer coisa como "ferro era naquelas cabeças" referindo-se aos alunos em geral, mas fazendo um gesto para alguns alunos que entravam no momento, e logo um deles, esprevidado, retorquiu com uma afirmação que não consegui registar, mas que não agradou ao dito funcionário.

Um grupo de alunos que se encontrava dentro da escola, nas proximidades da entrada, abordaram um prof. que vinha a entrar. O prof. já vinha atrasado e os alunos perguntavam-lhe se ainda ia dar a aula. Depois partiram a correr para o pavilhão onde iam ter aula.

Pouco depois chegou, vindo a pé, a Dra. [nome da PCD]. Dirigi-me a ela, cumprimentámo-nos e seguimos para o Pavilhão onde se localiza o gabinete do CD. À entrada desse pavilhão encontravam-se muitos alunos, cerca de 15 a 20 alunos que tapavam a entrada. Uma chuva miúda, entretanto começara de novo a chover, obrigava os alunos a procurarem um resguardo nas zonas (exíguas) protegidas por coberturas de ligação entre os pavilhões.

À entrada a PCD conversou com duas professores que se encontravam no pequeno átrio. O átrio dá para a Secretaria, para uma Sala titulada Gabinete Médico, para a Sala de Professores e para uma porta de separação que dá acesso ao resto do edifício, onde se encontram outras salas, uma delas o CD, e para as escadas que levam ao 1º piso, onde existem mais salas e a biblioteca-mediateca. A conversa entre a PCD e as colegas era sobre as últimas notícias acerca da equiparação dos docentes à carreira técnica superior da função pública.

Depois, seguimos para o gabinete do CD. Entretanto, por ter visto a tal sala com a placa Gabinete Médico, e como vi pessoas lá dentro (a porta encontrava-se aberta) pergunto a PCD se a escola tem Médico Escolar. Ela diz que não, que a sala é utilizada pela APEE. Quando entramos no CD, reparo na impecável organização do ambiente. Não há nada fora do lugar. As mesas estão em ordem, não há folhas ou documentos amontoados, nem fora do lugar. A sensação é de local de trabalho bem organizado. Não está ninguém na sala quando entramos. Na porta encontra-se bem visível o horário de permanência (de trabalho) dos membros do CD. Ficamos ambos de pé a conversar.

Apenas uma das paredes dos gabinete tem janelas a todo o comprimento, que dão para um pátio, localizado à esquerda (de quem entra) da portaria da escola. Uma zona relvada e bem arborizada, dá a quem olha para o exterior um vista agradável. Por isso mesmo faço um comentário " - Tem-se uma vista agradável daqui do gabinete. Têm algum apoio da Câmara Municipal para a manutenção?". Isto deu azo a uma exposição de como tinha surgido a tal zona relvada.

A PCD explicou que há alguns anos duas estagiárias (não fixei o grupo a que pertenciam) tinham integrado no seu plano de actividade o arranjo de espaços exteriores do pátio. Com a ajuda de um colega de E. Visual que era arquitecto (mas não paisagístico) fizeram um projecto. Pedimos ajuda à Câmara Municipal, que no entanto nos disse que apenas ajudava no arranjo inicial, cabendo depois à escola fazer a sua manutenção e cuidado. Isto tinha sido já há três ou quatro anos, e desde então aquilo tinha ficado assim. Perguntei se era apenas aquela zona ou se havia mais espaços arranjados daquela maneira. A PCD disse que era apenas aquela zona. Acrescentou que podíamos dar uma volta para vermos toda a escola. Eu disse que sim, que era uma boa ideia. Saímos do gabinete para dar a volta.

Começamos por ver o Pavilhão onde estávamos. Subimos ao primeiro piso e entrámos na Sala onde se encontra a funcionar a mediateca e na sala contígua à biblioteca. A mediateca instalada na sala maior, É um espaço dividido por recantos, destinados a várias secções: computadores; jogos vídeo ; leitura; jogos; audio; actividades manuais. Na secção dos Computadores - jogos encontravam-se 2 alunos, cada um no seu computador, um jogando e outro fazendo desenhos. A PCD dirigiu-se a elas pelos respectivos nomes, metendo conversa. Na secção do vídeo, sentados em cadeiras, encontravam-se cerca de 8 alunos visionando um filme "Salvem a Willy". Da mesma forma a PCD dirigiu-se a eles, só para meter conversa, sem qualquer finalidade específica. Na secção áudio um aluno de auscultadores nos ouvidos ouvia uma gravação qualquer. Finalmente na secção de jogos encontravam-se duas alunos entretidas a jogar um jogo. Na secção de leitura uma aluna.

Na sala encontrava-se ainda uma rapariga que na altura estava a tomar conta da mediateca. Explicou-me depois a PCD que era uma pessoa que tinha sido colocada na escola pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional. Perguntei se no âmbito dos ATL's (Ocupação dos Tempos Livres), ela disse que não. Seguimos para a sala ao lado onde funciona a biblioteca. À entrada encontra-se uma secretária utilizada pela pessoa que toma conta do espaço. A todo o comprimento da paredes à direita da porta e atrás da secretária, encontram-se as estantes repletas de livros. No momento encontravam-se duas ou três mesas ocupadas por alguns alunos (4 ou 5 alunos) lendo e consultando livros para, o que me pareceu, serem trabalhos escolares.

Conversámos um pouco com a prof.<sup>a</sup> que na altura se encontrava a tomar conta de biblioteca. Segundo ela disse, a biblioteca encontra-se aberta todos os dias, de manhã e de tarde. Três professores, mais ela, garantiam algum tempo de funcionamento.

O restante, a maior parte do tempo, era garantido por funcionários auxiliares. Essa prof.<sup>a</sup> é de Inglês. Depois de algumas "lamentações" por não haver uma pessoa a tempo inteiro para biblioteca ("bibliotecário"), por o Ministério não ter dado horas para o funcionamento do Clube de Inglês (no ano passado), perguntei como é que era a renovação da biblioteca. Ela disse que era feita com contributos de algumas instituições. No ano passado tinha havido um contributo do IIE (Instituto de Inovação Educacional) de cerca de 300 contos. Esse dinheiro tinha permitido a compra de livros para o 3º ciclo. Era uma coisa que sentiam falta, porque como a escola era preparatória a biblioteca tinha basicamente livros para esses anos de escolaridade. Perguntei se tinham algum sistema de fichas e como estava organizada a biblioteca, nomeadamente a sua utilização pelos alunos e professores. Foi dito que não, que estavam a tentar pôr a funcionar as fichas, mas que isso era um trabalho que requeria pessoas que soubessem do assunto e que tivessem alguma estabilidade na funções na biblioteca. Quanto à utilização da biblioteca, era muito variável. A tal prof.<sup>a</sup> disse ter reparado que a utilização da biblioteca se fazia por anos de escolaridade: num ano lectivo era um determinado ano de escolaridade, no ano lectivo seguinte era outro. Adiantei a hipótese de isso ter a ver, se calhar, com a motivação de alguns professores, por vezes com origem nos próprio ensino primário. Saímos novamente para a mediateca, nessa altura perguntei se era feita alguma apreciação sobre a evolução da frequência daqueles espaços pelos alunos. A PCD respondeu que sim, que tinha esses elementos no gabinete do CD.

Continuámos a nossa volta. Quando íamos a sair apareceram duas senhoras (na altura pensei serem duas professores, mas afinal eram duas mães que pensavam ser hoje a reunião do "conselho de turma, conforme elas disseram - afinal elas estavam a referir à reunião do CP) com quem a PCD esteve largos minutos a conversar. Aproveitei para dar uma vista de olhos pelos placardes existentes nas paredes que circundam a zona das escadas. Um era dedicado à figura de [nome de navegador português], patrono da Escola. Num outro estavam expostos trabalhos de alunos do 8º ano sobre a SIDA. A encimar as escadas encontrava-se um painel com cerca de 9 azulejos (depois vim a confirmar que tinham sido feitos pelos alunos - Clube de Azulejaria) muito bonitos e bem feitos, com motivos de portadas e janelas (a PCD disse-me depois, também, que eram motivos da vila de [nome de povoação - I]). Da conversa animada entre a PCD e as duas mães ainda percebi que falavam, a certa altura dos alunos. Nomeadamente registei que um dos temas era o facto dos alunos fumarem. A certa altura a PCD disse que chamava a atenção dos alunos que não podiam fumar na escola, no entanto sabia que logo que virava costas eles fumavam na mesma. Mas era assim, ela sentia-se na obrigação de os chamar à atenção. Como eu me tivesse aproximado delas, a PCD despediu-se das senhoras e continuámos a nossa volta.

Descemos as escadas e dirigimo-nos à sala de professores. É uma sala grande que à entrada (à direita) tem um pequeno bar. Do lado de lá do balcão estava uma auxiliar de acção educativa. Na altura, perguntei à PCD se havia outro bufete para os alunos, ao que ela respondeu que sim. Num dos lados encontra-se uma mesa baixa ladeada de poltronas e um sofá. Numa das paredes, aquela que tem a porta de ligação para uma sala mais pequena, a sala dos fumadores, encontram-se vários placardes para afixação de informações.

Quando entrámos na sala estavam 3 ou quatro professores. Após breves saudações entre a PCD e alguns presentes, seguimos para a sala de fumo. Um engenhoso sistema de acondicionamento de mapas geográficos e histórico, chamou-me a atenção. A PCD disse ter sido ideia sua. Tubos de PVC, com cerca de 50 cm de comprimento, fixados lado a lado na parede, em duas fileiras sobrepostas, na posição vertical permitiam, cada um dos quais com um número e a identificação do mapa, permitiam um acondicionamento muito funcional.

Entretanto, uma funcionária veio chamar a PCD porque uma senhor (não consegui perceber quem era, se era de fora ou da escola) queria falar com ela. Ela saiu e eu fiquei sozinho a fumar um cigarro. Entretive-me a ler uma cópia de um artigo do jornal fixado num placard, onde o articulista fazia uma critica ao funcionamento das escolas, e dos professores.



Dirigi-me depois ao Bar onde pedi um café (preço 35\$00) e dei uma olhadela pelos documentos fixados nos placardes. Um deles era uma lista de Directores de Turma (Faltavam dois ou três nomes, em seu lugar encontrava-se o nº de horário a que correspondia a Direcção de Turma - provavelmente já estavam colocados os respectivos professores mas as listas mais actualizadas não tinham substituído a que se encontrava afixada, pensei). Outro documento era uma escala de "serviço", a partir da qual deduzi que a escola procurava garantir a presença de pelo menos três professores, na cantina, durante as refeições. Os espaços com os nomes dos professores estavam manuscritos e com letras diferentes, mas nem todos estavam preenchidos. (Veio-me à memória as discussões tidas em tempos na minha escola sobre a necessidade e conveniência dos professores utilizarem a cantina da escola, de forma que a sua presença favorecesse a melhoria dos comportamentos dos alunos).

## B) VISITA DO DIA 13 JUN 1996

vs102a

13/06/96 - 14h 30m - 15h 00m - Escola A

REGISTO DA VISITA À ESCOLA A

### GRELHA DE REGISTO DE INFORMAÇÕES - GESTÃO/ESTRUTURAS ACTIVIDADES CURRICULARES E EXTRA-CURRICULARES E RESULTADOS 1ª PARTE - GESTÃO/ESTRUTURAS

#### 01. DADOS RELATIVOS AOS MEMBROS DO CONSELHO DIRECTIVO

Cargos	Idade	Sexo	Grupo	Categ. Escalão	Exp/Ens	Exp/Gest.	94/95
Presidente	54	F	1º - 2º ciclo	QND -	21	11	CD.
Vice-Presidente	38	F	11ºB - 2º ciclo	QND -		8	CD.
Secretário	48	F	4º - 2º ciclo	QND -	21	7	CD.
Rep. Pessoal							

Obs.: Estes dados foram fornecidos pela PCD, de memória. Relativamente à Representante do Pessoal não docente a PCD não foi capaz de indicar nenhum dos dados nem sequer o nome da pessoa. Acresce aos dados constantes do quadro, os seguintes: os 11 anos de experiência de gestão da PCD foram todos como presidente do CD e nesta escola. O mesmo para os 8 anos da VPCD. No caso da secretária, 6 dos 7 anos de experiência de gestão foram nesta escola. Portanto a actual equipa de professores está em conjunto no CD desta escola há seis anos. A escola tem 13 anos de existência, e apenas nos dois primeiros anos em que na escola funcionou uma Comissão Instaladora) é que a PCD não esteve à frente da escola.

#### 02. DADOS RELATIVOS AO ÓRGÃO CONSELHO DIRECTIVO

2.01. Forma de escolha: Eleição? / X /; Nomeação? / \_\_ /

Obs.: Desde sempre os CD foram eleitos.

2.02. No caso de Eleição, houve: Lista única? / X / Outra(s) listas? / \_\_ /

Obs.: Houve sempre apenas uma lista. A PCD referiu que de tempos a tempos, os professores (alguns deles, presumi eu) pensam que seria vantajoso para a escola, haver uma mudança no CD. Dizem elas (e julgo que ela em especial) já estão há tempo demais no CD. Ela diz-lhe que sim, que arranjem uma lista *[pelo que percebi pelas suas palavras, não levanta grande oposição a isso - até que ponto por saber que não há quem queira assumir a presidência, não sei]*. Aparecem sempre nomes para VPCD e SCD, mas nem um para assumir a presidência do CD, e, por isso, fica tudo na mesma.

2.03. No caso de Eleição houve apresentação de um programa de acção: sim? / \_\_ /; não? / X /

Obs.: Segundo a PCD não houve nunca a apresentação de programa, nem de qualquer plano de acção. A um comentário meu sobre se não sentia essa necessidade, quando se apresentava às eleições. Respondeu que não "... afinal as pessoas já sabem o que a casa gasta, portanto...". Talvez por isso, nunca ninguém tinha pensado nisso.

2.04. Qual a vigência do actual mandato? 1993/94-1994/1995 / \_\_ / 1995/96-1996/97 / X /

Obs.:

2.05. Periodicidade das reuniões. Quantas reuniões se realizaram no corrente ano:

Ordinárias / \_\_ /; Extraordinárias / \_\_ /

Obs.: O funcionamento do conselho basicamente informal. Formalmente são elaboradas as actas (uma por mês) apenas para cumprimento das disposições legais. Semanalmente os membros encontram-se e trocam informações e decisões informalmente. Para além disso encontram-se, por via de regra, em permanente contacto na gestão quotidiana. Tal procedimento, dispensa a realização de reuniões extraordinárias. Este tipo de funcionamento deixa antever que a participação do representante do pessoal não docente, enquanto membro do conselho é praticamente nula. PCD, entretanto foi dizendo que todas as actas das reuniões do CD estavam elaboradas.

Perguntado se havia alguma divisão de tarefas entre os membros do conselho, a PCD afirmou haver o que se encontra estabelecido nos normativos legais (ou seja: secretária é responsável pelos SASE e o PCD preside ao conselho administrativo). Para além disso foram referidas pela PCD as seguintes áreas e tarefas distribuídas pelos membros docentes do CD: PCD: Pessoal Docente; Instalações; Área Administrativa; Relações Externas; Avaliação; Área Pedagógica e Disciplina de Alunos; VPCD: Pessoal não docente; Área de Alunos; Apoios Educativos e Disciplina (em comum com a PCD); SCD: Visitas de Estudo.

O horário de presença dos membros do conselho é o seguinte:

[em itálico as horas de aulas]

	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
08.25 - 09.15	<i>VPCD</i>		<i>MAR</i>		
09.25 - 10.15	<b>VPCD</b> <b>PCD</b>	<b>SCD</b> <b>PCD</b>	<b>SCD</b> <b>VPCD - PCD</b>	<b>SCD</b> <i>VPCD - PCD</i>	<i>VPCD</i>
10.30 - 11.20	<i>VPCD</i> <b>PCD</b>	<b>SCD</b> <b>PCD</b>	<b>SCD</b> <b>VPCD - PCD</b>	<b>SCD</b> <i>VPCD - PCD</i>	<i>VPCD</i> <i>SCD</i>
11.30 - 12.20	<b>VPCD</b> <i>PCD</i>	<i>SCD</i> <b>PCD</b>	<i>SCD</i> <b>VPCD - PCD</b>	<i>SCD</i> <b>VPCD - PCD</b>	<b>VPCD</b> <i>SCD</i>
12.25 - 13.15	<i>VPCD</i>	<i>SCD-PCD</i>	<b>SCD</b>	<b>SCD-VPCD</b>	<i>VPCD-SCD</i>
13.35 - 14.25					
14.35 - 15.25	<b>VPCD</b>	<b>SCD</b>	<b>PCD - VPCD</b>	<b>PCD</b>	<b>SCD</b>
15.35 - 16.25	<b>VPCD</b>	<b>SCD</b>	<b>PCD - VPCD</b>	<b>PCD</b>	<b>SCD</b>
16.40 - 17.30	<b>VPCD</b>	<b>SCD</b>	<b>PCD - VPCD</b>	<b>PCD</b>	<b>SCD</b>
17.35 - 18.25			<b>PCD</b>	<b>PCD</b>	

[Procurar obter informações em futuros contactos e visitas à escola relativamente a outras áreas (Formação, Actividades Extra-curriculares, Desporto Escolar, Segurança, etc.)]

[O funcionamento da equipa com este grau de informalidade parece pressupor um entendimento muito forte (recorde-se que há seis anos que se encontram a trabalhar no CD, as três) entre os seus elementos; que pode eventualmente ter gerado relações pessoais e até entre famílias (?). Haverá alguma forma de convívio e relacionamento entre os elementos da equipa fora do quadro profissional, ou seja frequentam as casas uns dos outros? As respectivas famílias convivem?]

### 03. DADOS RELATIVOS AOS MEMBROS DO CONSELHO PEDAGÓGICO

	Grupo	Ciclo	Idade	Sexo	Cargo	Exp/Ens	Exp/Esc
01	1º-2	2º	53	F	PCD	21	12
02	11º-3	3º	32	F	VPCD	16	12
02	1º-2	2º	45	F	DD-Port2	23	12
03	1º-2	2º	48	F	DD-His2	21	9
05	3º-2	2º	45	F	DG-Ing2	23	12
06	4º-2	2º	49	F	DD-Mat2	23	12
07	4º-2	2º	60	F	DD-CN2	28	10
08	5º-2	2º	45	M	DG-EVT2	21	13
09	E.Física-2	2º	50	F	DG-EF2	27	10
10	EM-2	2º	69	F	RP-EM2	19	12
11	ER-2	2º	32	F	RD-EMRC	5	1
12	1º-3	3º	23	F	DG-Mat3	1	1
13	4ºA/B-3	3º	44	F	DG-CFQ3	11	2
14	5º-3	3º	41	M	DG-EV3	21	7
15	8ºA-3	3º	30	F	DG-Por3	7	2
16	8ºB-3	3º	34	F	DG-Fra3	12	1
17	9º-3	3º	33	F	DG-Ing3	8	1
18	10ºA-3	3º	54	F	DG-His3	24	12
19	11ºA-3	3º	24	F	DG-Geo3	1	1
20	11ºB-3	3º	38	F	DG-CN3	15	4
21	E.Física-3	3º	23	F	DG-EF3	2	1
23	1º-2	2º	45	F	CDT-2	24	11
24	2º-2	2º	48	F	CDT-3	27	12
25	APEE			F	APEE		

Obs.: Os restantes dados serão retirados das folhas relativas ao Pessoal Docente.

### 04. DADOS RELATIVOS AO ÓRGÃO CONSELHO PEDAGÓGICO

4.01. Existe um regimento interno do conselho? Sim / ☐ /; Não / ☒ /

Obs.: Não existe regimento interno do CP. As normas de funcionamento do CP (composição, convocatórias, votações, organização interna, secretariado, duração das reuniões, calendário das reuniões) não constam de qualquer documento formalmente aprovado pelo órgão. No entanto a propósito da convocação das reuniões e datas de reunião o PCD informou que em cada reunião é geralmente marcada a data da reunião seguinte. Fica-se, também com a ideia que, no entanto, o PCD não sente haver muitos entraves ao seu livre arbítrio na convocação de reuniões do conselho.

#### 4.02. Qual é a prática na eleição dos del.:

Eleição Formal? /X /; Rotatividade? /\_/; Consenso? /\_/; \_\_\_\_\_ /\_/

Obs.: Nalguns casos existe eleição formal. Noutros casos existe a prática rotatividade. De todo o modo em termos legais, existe sempre a preocupação, nomeadamente, por parte do CD para que formalmente sejam registadas as eleições dos del... A PCD, fez questão de esclarecer esse ponto, referenciando uma situação que se tinha verificado no passado, em que uma prof. tinha accionado judicialmente a PCD por causa de um processo eleitoral de del. de disciplina *[este pode ser um incidente/conflito a ser explorado no âmbito do tema da dissertação!?!?]*. A PCD referiu igualmente uma situação em que o problema da eleição do del. se coloca com alguma acuidade: trata-se do caso do grupo de E.V.Tecnológica, em que a desproporção de professores oriundos dos grupos de Trabalhos Oficiais e de E.Visual implica que os primeiros façam sempre eleger como del. um dos professores de E.Visual. Estes queixam-se no CD dessa situação. Ela, no entanto nada pode fazer, pois as coisas fazem-se, formalmente, segundo as regras estabelecidas *[este pode ser também um episódio a ser explorado no âmbito do tema da dissertação!?!?]*

Referiu igualmente que muitas vezes os professores do grupo resolvem o problema consensualmente, tendo em conta as disponibilidades familiares e profissionais das pessoas que, em princípio, pela regra da rotatividade estariam dispostas à partida destinadas ao cargo.

#### 4.03. Qual é a prática corrente na nomeação dos representante:

Proposta do Grupo? /\_/; Consulta do Grupo? /X /; Decisão do CD. s/consulta /X /

Obs.: Apenas existe um representante de disciplina. A propósito deste assunto a PCD afirmou que, sempre que se coloca o problema de nomeação de um representante, considera mais aconselhável pôr os membros do grupo/disciplina a dialogarem entre si e geralmente o problema é resolvido entre eles. Referiu que por vezes a questão da nomeação nem sequer é problema porque existe apenas um prof., e portanto, não há escolha possível.

#### 4.04. Funcionamento do conselho. As reuniões realizam-se:

Só Plenário? /X /; Só em Secções /\_/; Ambos os tipos /\_/

Obs.: Não obstante haver secções, a regra geral é o CP funcionar em plenário. As secções em número de cinco, reúnem em geral duas vezes por ano. Sendo que a que reúne mais vezes é a Secção de Actividades Culturais e Desportivas. Na escola não existem formandos que requeiram nem Orientadores de Estágio nem Acompanhantes à Profissionalização. Dessa forma a secção de Formação apenas trata das Acções de Formação que se realizam a nível de escola. A PCD mostrou saber da obrigatoriedade da existência de uma Secção de Formação. e é exactamente por isso que essa secção existe. "... a legislação diz que tem de existir uma secção de Formação, e é exactamente, por isso, que ela existe..."

#### 4.05. Periodicidade das reuniões. Quantas reuniões se realizaram no corrente ano:

Ordinárias /\_/; Extraordinárias /\_/

Obs.: As reuniões ordinárias realizam-se mensalmente. Segundo a PCD, a duração de três horas das reuniões ordinárias do CP torna desnecessário convocar reuniões extraordinárias.

#### 4.06. Normalmente o RAPEE está presente?

Sim /X /; Não /\_/

Obs.: Segundo o PCD o representante da associação está normalmente presente nas reuniões. Esclareceu que geralmente é a mesma pessoa: o presidente da direcção.

#### 4.07. Costumam estar presentes os representantes dos alunos?

Sim /\_/; Não /\_/

Obs.: O CP não tem representantes dos alunos. Porquê, perguntei. A PCD afirmou que no caso daquela escola, não havia direito à representação dos alunos no CP. Ainda mostrei alguma estranheza, nas ela foi dizendo que era assim, só nas escolas onde há ensino secundário é que há/pode haver representantes dos alunos no CP. No entanto, não quis contrariar a PCD sobre esse ponto *[poderá vir a ser um ponto de interesse para o tema em estudo. Algumas questões que poderão/deverão ser levantadas a este propósito poderão ser: os alunos sabem que têm direito a ter representantes no conselho? E o RAPEE? Foram alguma vez dinamizado, incentivado, pelo CD. e/ou membros do CP processos de escolha e/ou eleição dos representantes dos alunos? Se sim, que resultados se obtiveram? Se não, porque? Que outros mecanismos de auscultação tem o CD e o corpo docente em geral sobre os sentimentos e expectativas dos alunos sobre a situação da escola?]*

#### 4.08. O representante do conselho consultivo costuma estar presente?

Sim /\_/; Não /X /

Obs.: Não existe conselho consultivo. Não insisti sobre este ponto. Nomeadamente sobre as razões porque esse órgão não funciona.

#### 4.09. Se o funcionamento está organizado em secções quais são elas?

Actividades Culturais e Desportivas

número de elementos / 4 /

Formação

número de elementos / 4 /

Avaliação  
Entreculturas  
Área-Escola

número de elementos / 4 /  
número de elementos / 4 /  
número de elementos / 4 /

Obs.: A PCD indicou as três primeiras secções, mas teve dificuldade em lembrar-se das outras duas. Aliás a última só se lembrou dela, quando eu perguntei se havia alguém responsável pela coordenação geral das actividades da Área-Escola. Relativamente à secção de Entreculturas eu perguntei se a Escola estava integrada nesse projecto, tendo ela esclarecido que a escola estava a tentar entrar nesse projecto e que a criação de uma secção do pedagógico tinha esse intuito [fiquei sem saber qual era exactamente a posição da escola face ao projecto Entreculturas do ME.]

#### 4.10. A CDT.

Foi eleito? /X /; Foi nomeado? /\_\_ /

Obs.: Existem duas CDT. Uma para cada um dos ciclos (2º e 3º). Ambas foram eleitas: A este propósito a PCD deu mais algumas informações. Tem sido prática na escola, a eleição da CDT, no mês de Junho, isto é antes do ano lectivo terminar. Isto porque resolve o problema da distribuição do serviço lectivo e da feitura dos horários. Tendo-se decidido que devia haver dois CDT, pensou-se considerar como eleitas as duas pessoas mais votadas - a mais votada para CDT do 2º ciclo, e a segunda mais votada para CDT do 3º ciclo. No entanto surgiram algumas vozes discordantes, por que isso, porque isso poderia vir a fazer recair a escolha em alguma pessoa com menos anos de experiência, ou a beneficiar alguém em termos de horas e de horário. Em face disso a CDT do 3º ciclo, não foi eleita em Junho (confirmar isto, posteriormente, tenho algumas dúvidas). Quando chegou a altura de resolver a questão, ela acabou por ser escolhida por exclusão de partes. Por uma ou outra razão foram-se eliminando todas as possibilidades e apenas uma estava em condições de poder exercer o cargo [procurar esclarecer este processo]: a actual CDT do 3º ciclo, Anabela Mano Bento.

[Poderá ter interesse saber como aparece a candidatura da profª. ao cargo. Por iniciativa própria? Porque não há mais nenhum interessado ("não me importo se não há mais ninguém")?, por "arranjo" com o CD (este sugere, convida, motiva, incita?)? É o "quinto elemento do CD"? Tem havido mais de uma candidatura ao cargo?]

### 05. DADOS RELATIVOS AO ÓRGÃO CONSELHO ADMINISTRATIVO

#### 5.01. Quem preside ao conselho?

O PCD /X /; o VPCD /\_\_ /

Obs.: Não houve delegação da Presidência do Conselho Administrativo. A PCD a este propósito foi muito clara. Dos onze anos de exercício do cargo de PCD, apenas no primeiro ano delegou a Presidência do Conselho Administrativo na VPCD. "E jurei para nunca mais", porque, afinal ela é que era a "responsável por tudo e ainda tinha de obter autorização para gastar dinheiro aqui ou ali. "Assim não", a partir daí nunca mais delegou no VPCD.

#### 5.02. Periodicidade das reuniões. Quantas reuniões se realizaram no corrente ano:

Ordinárias /1 vez por mês/; Extraordinárias /não houve/

Obs.: Não há propriamente reuniões formalmente convocadas, as coisas resolvem-se no contacto quotidiano. Há problemas a resolver, os elementos falam entre si, sentam-se à mesa e resolvem-se essas questões. Reuniões formalmente ditas, não há. No entanto as actas estão todas feitas, uma vez por mês. Por outro lado as contas estão em dia, fazem-se os Balancetes e as folhas de caixa. Tudo é feito.

#### 5.03. Dados relativos ao vogal do conselho administrativo:

Idade	Sexo	Categoria.	Anos Serviço	Anos na Escola
	F	Oficial Principal		12

Obs.: Faltam dados que na altura a PCD não pode fornecer [solicitá-los noutra oportunidade]

### 06. DADOS RELATIVOS AO ÓRGÃO CONSELHO CONSULTIVO

#### 6.01. Composição do conselho: -----

Obs.: Não existe conselho consultivo (cf. 4.08)

#### 6.02. Periodicidade das reuniões. Quantas reuniões se realizaram no corrente ano:

Ordinárias /\_\_ /; Extraordinárias /\_\_ /

Obs.: Não se realizaram reuniões (cf. 4.08)

### 07. DADOS RELATIVOS AOS MEMBROS DO CONSELHO DE DIRECÇÃO

Cargo Estatuto	Idade Sexo	Cat.	Anos Ensino	Anos na Escola	Anos C. DIR	93/94 C.DIR	92/93 C.DIR	Costumam estar presentes?
...								

Obs.: Não existe este órgão. Nunca reuniu.

### 08. DADOS RELATIVOS AO ÓRGÃO CONSELHO DE DIRECÇÃO

#### 8.01. Qual é a prática corrente na nomeação dos directores de instalações:

Proposta do Grupo? /\_\_ /; Consulta do grupo? /\_\_ /; Decisão do CD s/ consulta /X /

Obs.: Não solicitei, por esquecimento, dados sobre a pergunta anterior, no entanto outras questões foram colocadas sobre as direcções de instalações.

Na escola existem as seguintes direcções de instalações:

Laboratórios de C.Natureza

Instalações Gimno-Desportivas

Audiovisuais

A gestão das verbas para os gastos de funcionamento dos grupos disciplinares e para as direcções de instalações (função que é da competência do Conselho de Direcção, tal como acontece aliás com as verbas do fundo de manutenção, lucros do bufete e da papelaria) é feita pelo CD (e conselho administrativo). Perguntado se havia disputas entre os directores de instalações e/ou del. de grupo, a propósito da distribuição dessas verbas, a PCD disse que não. Ela procedia a essa distribuição conforme as necessidades e geralmente não havia discussões sobre isso. Não havia reuniões conjuntas com todos os interessados. A PCD reunia com cada um individualmente e procura explicar a definição de prioridades. Cada grupo, e director de instalações, no princípio do ano remetia para o CD uma lista com as necessidades para o ano lectivo. A gestão das verbas e atribuição era feita pelo CD (pareceu-me que pela PCD. Isto segundo ela tinha a vantagem de evitar as disputas e reclamações que existiam quando o assunto era tratado no CP. Por outro lado resolvia a questão que sempre se colocava numa repartição igualitária por todos os grupos, como as verbas são exíguas cada parte recebia tão pouco que não dava para nada. A PCD referiu-se a propósito da repartição das verbas, que a direcção de instalações de E.Física era a que mais pedia. Achavam que nunca tinham o suficiente. Era uma coisa tremenda, o desgaste dos materiais de E.Física (nomeadamente as bolas, as balizas e outros meios materiais, os alunos por utilização indevida estragavam muito). E no entanto era uma das que mais gastos: da ultima vez tinha gasto 400 contos para umas tabelas de basquete. Perguntei sobre a direcção de laboratórios. Disse que só havia o de C.Natureza. Em relação à disciplina de C.Físico-Químicas como tinham herdado o material de uma outra escola (não registei qual) secundária não tinham grandes problemas de material nessa disciplina. Estava a pensar junto à sala de C.Físico-Químicas (procurar saber onde) abrir uma outra sala, ligação através da abertura de uma porta, onde ia meter as bancadas que também tinha herdado da tal escola, e fazer um laboratório de C.Físico-Químicas. Entretanto as necessidades dessa disciplina, eram tratadas juntamente com os restantes assuntos pelo del. de disciplina. Não existia, portanto, director de instalações.

8.02. Periodicidade das reuniões. Quantas reuniões se realizaram no corrente ano:

Ordinárias / ☐ / Extraordinárias / ☐ /

Obs.: Não houve nenhuma reunião (cf. 8.01)

#### 09. DADOS RELATIVOS À APEE

9.01. Existe APEE? sim /X /; não / ☐ /

Obs.: Existe APEE desde há oito anos. A actividade da APEE tem sido flutuante. Houve nomeadamente dois momentos de interregno e as correspondentes reactivações, Isto obedece ao ciclo natural da passagem dos alunos (e pais que assumem cargos directivos na APEE) pela escola. Por graças a PCD refere-se à APEE como a Associação de Mães, devido ao facto de a maior parte dos membros serem mães e não pais.

9.02. Iniciativa de criação:

Movimento autónomo dos pais? / ☐ /; Iniciativa da Escola/CD? /X /

Obs.: Na criação da APEE o CD teve um papel importante.

*[Em relação à APEE será conveniente tentar saber mais alguma coisa, principalmente sobre o processo e criação e evolução da sua actividade]*

9.03. Ano da criação: 1988/1989

Obs:

9.04. Periodicidade das reuniões. Quantas reuniões se realizaram no corrente ano:

Ordinárias / ☐ / Extraordinárias / ☐ /

Obs.: A PCD adiantou algumas informações. Disse que sempre que há uma renovação das pessoas nos órgãos directivos as reuniões sucedem-se a um ritmo muito elevado (reuniões ou encontros regulares), cerca de duas vezes por semana, depois a euforia diminui, espacialmente, quando se apercebem que os encarregados de educação não aparecem, nem querem saber.

9.05. Relações entre o CD e a APEE:

Boas? /X /; Normais? / ☐ /; Más? / ☐ /

Obs.: As relações são consideradas muito boas.

#### 10. DADOS RELATIVOS À ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES

10.01. Existe associação de estudantes? Sim / ☐ /; Não /X /

Obs.: Não existe Associação de Estudantes. Neste ano lectivo houve uma tentativa de criar uma Associação de Estudantes, mas não resultou. A VPCD que tem a seu cargo a área de alunos, acompanhou o processo e tentou que a coisa resultasse, mas mesmo assim não foi conseguido. Enquanto eu pensava que não teria havido interesse da parte dos alunos, afinal o que se tinha verificado era que tendo aparecido três ou quatro listas, uma disputa aguerrida em termos de campanha, no dia das eleições "não tinha aparecido ninguém", segundo as palavras da

PCD. Acrescentou que o CD deu todas as condições, tiraram-se fotocópias, gastou-se papel, etc. Mas não se conseguiu.

#### 10.02. Inicialização da criação:

Movimento autónomo dos estudantes? /\_\_\_/; Inicialização da escola/CD? /\_\_\_/

Obs.: (cf. nº anterior)

#### 10.03. Ano da criação: -----

Obs.: (cf. nº anterior)

#### 10.04. Periodicidade das reuniões. Quantas reuniões se realizaram no corrente ano:

Ordinárias /\_\_\_/; Extraordinárias /\_\_\_/

Obs.: (cf. nº anterior)

#### 10.05. Relações entre o CD e a associação de estudantes:

Boas? /\_\_\_/; Normais? /\_\_\_/; Más? /\_\_\_/

Obs.: (cf. nº anterior)

### 2ª PARTE - ACTIVIDADES CURRICULARES/EXTRA-CURRICULARES E RESULTADOS

#### 01. PROJECTO EDUCATIVO

##### 01.01 - A escola tem um projecto educativo

01.01.01 - Como foi ele elaborado? (breve descrição do processo)

01.01.02 - Por quem foi elaborado? (indicação dos intervenientes, empenhamento) CD. CP? Alunos? Directores de Turma. etc.

01.01.03 - Período de vigência ?

01.01.04 - Qual a Filosofia do Projecto? Objectivos Principais?

01.01.05 - Quais as áreas de acção contempladas?

01.01.06 - Existe uma avaliação da sua execução, No final do ano? Feita por quem? De que modo?

(arranjar um exemplar do projecto educativo, relatórios de avaliação, etc.)

##### 01.02. - A escola não tem projecto

01.02.01 - Porque é que não existe projecto? (discurso livre)

01.02.02 - Há perspectivas de vir a ter? Quando? O assunto tem sido discutido? Em que sede?

01.02.03 - O que pensam os membros do CD? É necessário? Porquê?

01.02.04 - Que processos deverão ser seguidos na sua construção?

Obs.: De acordo com aquilo que ela entende que deve ser um PEE. com a participação de todos os sectores da escola (alunos. professores, pais, funcionários, etc.) a escola não tem Projecto Educativo. O que tem é apenas um PAA e nunca um Projecto Educativo. Entretanto foi acrescentando que no próximo ano lectivo queria tentar levar à discussão da escola a questão do Projecto Educativo. Em sua opinião é muito difícil pôr as escolas a funcionar em termos de Projecto Educativo, porque as pessoas não conhecem, nem receberam formação adequada para o efeito.

#### 02. PLANO ANUAL DE ACTIVIDADES

##### 02.01 - A escola tem um plano anual de actividades

02.01.01 - Como foi elaborado? (breve descrição do processo)

02.01.02 - Por quem foi elaborado? (indicação dos intervenientes, empenhamento) CD, CP? Alunos? Directores de Turma. etc.

02.01.03 - Período de vigência?

02.01.04 - Qual a Filosofia do Projecto? Objectivos Principais?

02.01.05 - Em que altura foi aprovado? Antes do início das aulas? 1º/2º período?

02.01.06 - Existe uma avaliação da sua execução? No final do ano? Feita por quem? De que modo?

02.01.07 - O orçamento faz parte do PAA? Porquê?

02.01.08 - Como são financiadas as actividades (v.g. as visitas de estudo)?

(arranjar um exemplar do projecto educativo, relatórios de avaliação, etc.)

##### 02.02 - A escola não PAA

02.02.01 - Porque é que não existe PAA? (discurso livre)

02.02.02 - Há perspectivas de vir a ter? Quando? O assunto tem sido discutido? Em que sede?

02.02.03 - O que pensam os membros do CD? É necessário? Porquê?

02.02.04 - Que processos deverão ser seguidos na sua construção?

02.02.05 - Qual a posição do CP sobre o assunto?

Obs.: Na escola existe um PAA que reúne as propostas de actividades que os grupos apresentam. É perguntado aos grupos de disciplina o que desejam fazer. Cada grupo reúne e depois. "dizem o que vão fazer". Essas propostas são reunidas e vão à reunião do CP que aprova então o PAA. O Plano tem geralmente um tema, este ano o tema é "Sim à Inteligência. Não à Violência". Perguntei-lhe se a escolha desse tema tinha alguma coisa a ver com aquele assunto de que tínhamos conversado na minha visita anterior à escola. Ela disse que sim, isso tudo estava relacionado. De facto da parte dos professores havia uma sensação de que a violência era um problema na escola.

#### 03. PROGRAMA DE APOIOS E COMPLEMENTOS EDUCATIVOS

03.01 - A escola tem um Programa de Apoios e Complementos Educativos.

03.01.01 - Como foi elaborado? (breve descrição do processo)

03.01.02 - Por quem foi elaborado? (indicação dos intervenientes, empenhamento) CD, CP? Alunos? Directores de Turma, etc.

03.01.03 - Período de vigência? Um ano, dois anos...?

03.01.04 - Qual a Filosofia do Programa? Objectivos Principais?

03.01.05 - Em que altura foi aprovado? Antes do início das aulas? 1º/2º período?

03.01.06 - Existe uma avaliação da sua execução? No Final do ano? Feita por quem? De que modo?

(arranjar um exemplar do projecto educativo, relatórios de avaliação, etc.)

03.02 - A escola não tem um Programa de Apoios e Complementos Educativos.

03.02.01 - Porque é que não existe? (discurso livre)

03.02.02 - Há perspectivas de vir a ter? Quando? O assunto tem sido discutido? Em que sede?

03.02.03 - O que pensam os membros do CD? É necessário? Porquê?

03.02.04 - Que processos deverão ser seguidos na sua construção? Intervenientes? Forma? 03.02.05 - Qual é posição do CP sobre o assunto?

Obs.: Sobre a questão dos Apoios e Complementos Educativos a PCD disse que era um problema complicado para a escola, porque, por exemplo, tinham 12 turmas com 3 alunos cada, de Educação Especial. Perguntei se se tratavam de alunos deficientes (auditivos, invisuais ou de aprendizagem) tendo a PCD esclarecido que se tratavam de alunos com grandes dificuldades de aprendizagem. Sobre o tamanho das turmas informou que essas turmas com alunos de Ensino Integrado tinham entre 20 a 22 alunos. Essa era uma situação muito complicada. A escola, por outro lado não dispõe de Psicólogo Escolar. A Escola dispunha de 71 horas (crédito de 7% do total de horas leccionadas na escola) o que é manifestamente insuficiente para o APA.

#### 04. PROGRAMA DE ACTIVIDADES DA ÁREA-ESCOLA

04.01 - A escola tem um Programa de Actividades da Área-Escola.

04.01.01 - Como foi elaborado? (breve descrição do processo)

04.01.02 - Por quem foi elaborado? (indicação dos intervenientes, empenhamento) CD, CP? Alunos? Directores de Turma, etc.

04.01.03 - Período de vigência? Um ano, dois anos...?

04.01.04 - Qual é o tema (ou temas) do ano lectivo corrente? Porquê?

04.01.05 - Em que altura foi aprovado? Antes do início das aulas? 1º/2º período?

04.01.06 - Avaliação da sua execução? Trimestral? No final do ano? Feita por quem? De que modo?

04.01.07 - Nível de aceitação e participação dos professores, alunos?

(arranjar um exemplar do projecto educativo, relatórios de avaliação, etc.)

04.02 - A escola não tem um Programa de Apoios e Complementos Educativos

04.02.01 - Porquê é que não existe? (discurso livre)

04.02.02 - Há perspectivas de vir a ter? Quando? O assunto tem sido discutido? Em que sede?

04.02.03 - O que pensam os membros do CD? É necessário? Porquê?

04.02.04 - Que processos deverão ser seguidos na sua construção? Intervenientes? Forma?

04.02.05 - Qual a posição do CP sobre o assunto?

Obs.: Relativamente à Área-Escola, perguntei-lhe se havia uma coordenação geral das actividades da Área-Escola, tendo a PCD referido que eram as CDT que realizavam esse trabalho. Quanto aos coordenadores do projecto turma, disse que regra geral é o próprio DT, mas nada impedia que fosse outro prof. da turma.

Os directores de turma bem queriam mais uma hora de redução, mas isso era impossível porque iria ocupar mais de metade do crédito (71 horas recorde-se). Ainda foi proposto [Quando? Como? Por quem?] que os Directores de Turma atendessem os encarregados de educação apenas de quinze em quinze dias, reservando a outra hora para a coordenação das actividades da área-escola (?). Esta proposta no entanto foi rejeitada porque isso iria ser contra-horário [??] *[Sobre este assunto há muita coisa que devo procurar esclarecer, pois não percebi muito bem como todo esse esquema poderia funcionar, quais as suas vantagens e finalidades].*

Sobre o tema, a PCD disse que não havia nenhum tema escolhido, que os coordenadores (DT) escolhiam [?] os temas das turmas, dentro do tema do PAA (Sim à Inteligência, Não à Violência).

#### 05. PROGRAMA DE ACTIVIDADES EXTRACURRICULARES

05.01 - A escola tem um Programa de Actividades Extra-curriculares

05.01.01 - Como foi elaborado? (breve descrição do processo)

05.01.02 - Por quem foi elaborado? (indicação dos intervenientes, empenhamento) CD, CP? Alunos? Directores de Turma, etc.

05.01.03 - Que actividades inclui o programa? Que Clubes? Que Projectos? Desporto Escolar, Jornal Escolar, Exposições de Trabalhos? Feiras? Teatro? etc.?

05.01.04 - Período de vigência? Um ano, dois anos...?

05.01.05 - Qual é o tema (ou temas) do ano lectivo corrente? Porquê?

05.01.06 - Em que altura foi aprovado? Antes do início das aulas? 1º/2º período?

05.01.07 - Avaliação da sua execução? Trimestral? No final do ano? Feita por quem? De que modo?

05.01.08 - Nível de aceitação e participação dos professores, alunos?

05.01.09 - Apoios? APEE? Autarquias? DRELx? Empresas?

(arranjar um exemplar do projecto educativo, relatórios de avaliação, etc.)

05.02 - A escola não tem um Programa de Actividades Extra-curriculares?

05.02.01 - Porque é que não existe? (discurso livre)

05.02.02 - Há perspectivas de vir a ter? Quando? O assunto tem sido discutido? Em que sede?

05.02.03 - O que pensam os membros do CD? É necessário? Porque?

05.02.04 - Que processos deverão ser seguidos na sua construção? Intervenientes? Forma?

05.02.05 - Qual a posição do CP sobre o assunto?

Obs.: A PCD ficou de me arranjar toda a documentação sobre estas actividades.

## 06. RESULTADOS ESCOLARES

06.01 - Taxas de retenção, por anos de escolaridade?

06.02 - Taxa de sucesso dos planos de apoio educativo?

06.03 - Taxas de sucesso (número de negativas)

(consultar dados da escola, pautas, planos de apoios, relatórios, etc.)

Obs.: A PCD mostrou-me alguns dados estatísticos sobre o rendimento escolar dos alunos, relativos ao 2º período de 1995/96. Mostrou-me igualmente dados estatísticos relativos a 1994/95 e 1995/96, mostrando que a maioria dos alunos que aprovaram em 1994/1995 com resultados baixos (na realidade não deveriam, em sua opinião ter transitado) estavam, segundo as notas do 2º período de 1995/96, em vias de serem retidos.

Pedi-lhe que facultasse as pautas de avaliação do 3º período de 1994/95 e posteriormente as de 1995/96, tendo ela acedido ao pedido. Assim esses dados ser-me-iam cedidos mais tarde.

## 07. QUESTÕES DISCIPLINARES

07.01 - Número de processos disciplinares

07.02 - Forma de tratamento das questões disciplinares

07.03 - Tipos de penas aplicadas (frequência e gravidade)

07.04 - Tipo de infracções mais frequentes.

(consultar processos, resoluções disciplinares, etc.)

Obs.: Numa primeira informação a PCD opina que o número de situações de indisciplina tratados em processos disciplinares nem é muito significativo. Pegou numa pasta em que estão arquivados todos os processos disciplinares do corrente ano: 10 processos. Num cálculo rápido da percentagem chega à conclusão que o número de alunos é pouco mais de 1%. Pergunto que tipo de infracções são mais frequentes, alvitando a "falta de respeito aos professores" e ela responde afirmativamente.

Como essa pasta com os processos disciplinares se encontra no gabinete a minha disposição, disse que noutra altura talvez viesse a consultá-la. O que aliás pensava fazer, se ela permitisse, em relação às pastas das Coordenações dos DT e de uma ou outra Direcção de Turma. Ela disse que não havia qualquer problema quando eu quisesse ir para lá trabalhar ate podia utilizar o computador.

## 08. SEGURANÇA (EM RELAÇÃO AO EXTERIOR E INTERNA - ACIDENTES ESCOLARES)

08.01 - Número e tipos de acidentes escolares

08.02 - Ocorrência de roubos, violência, consumo de droga, etc.

08.03 - Tipos de intervenção dos órgãos de gestão. Preventiva ou repressiva (como?)?

Obs.: Não foi abordado este assunto, por falta de tempo

## 3º PARTE - OUTRAS NOTAS DE REGISTO

01 - Cheguei à escola eram cerca de 14.30. A funcionária da portaria mostrou reconhecer-me e disse-me que não sabia se a PCD já estava na escola porque tinha entrado ao serviço minutos antes. Entrei e dirigi-me para gabinete do CD. Uma profª viu-me ao pé da porta do CD e informou-me que não estava ninguém. Voltei para a sala de professores, a essa hora, com algum movimento. Estavam presentes cerca de uma dúzia de professores, na sala principal. Na sala de fumo para onde me dirigi, estavam três professores e uma profª... A conversa entre eles andava a volta do muito calor que se fazia sentir. A dificuldade em as aulas funcionarem nesta altura do ano, por causa do calor. Um diz que as aulas deveriam acabar como antigamente, por volta de 10 de Junho, porque depois disso já as aulas não rendiam nada. Outro dizia que se era preciso aumentar o número de dias de aulas, então que se adiantasse o início das aulas. Outro responde que não é nada necessário aumentar o número de dias de aulas. Que isso era um engano. Entretanto, aparece junto à porta a PCD que cumprimenta os presentes. A seguir dirigimo-nos para o gabinete do CD.

02 - Cerca das 15.45 a PCD teve de ir atender um senhor que segundo percebi era vizinho da escola. Vinha queixar-se de ser incomodado durante o fim de semana, pois alguns indivíduos utilizavam o campo da escola em jogos de futebol. Pelo que ouvi tratava-se de rapazes, não alunos, indivíduos já com alguma idade que saltavam a vedação e utilizavam o campo de jogos. A PCD disse ela não podia fazer nada, que certamente não iria ela fazer a guarda da escola, durante o dia, nos sábados e domingos. Como eles só tinham guarda nocturno não tinham guarda



de dia... Entretanto o tal senhor ficou de voltar mais tarde ("daqui a uma hora, porque agora estou ocupada" para falarem sobre o assunto.

03 - Uma outra referência [de algum interesse para o tema do meu estudo] é o facto de a propósito de uma pergunta minha sobre se ela não constituía grupos de trabalho de férias para tratarem os dados estatísticos relativos aos resultados escolares (isto porque quando me mostrava alguns quadros sobre os resultados escolares, ter dito que ela é que os fazia, é que trabalhava aqueles dados) a PCD ter feito comentários fortemente críticos a uma profª. [tentar apurar de que profª. se trata - está a dar aulas pela primeira vez - não controla os alunos dentro da sala de aula o que perturba as outras turmas] dando como exemplo da impossibilidade de indicar pessoas para constituir grupos de trabalho. Disse, na altura, que inclusive se tinha visto obrigada a dar uma reprimenda forte a tal profª., "mas não tinha tido alternativa, as coisas estavam cada vez piores".

04 - Já na parte final da visita, eram cerca de 16.45 (saí da escola eram 17.00) em conversa, porque eu referi o gosto de dá conversar sobre as questões do funcionamento da escola com alguém que se percebe gosta da escola, a PCD que realmente gostava da gestão, que não se via só a dar aulas. Fiquei com a impressão que dar aulas para a PCD não constituía já desafio suficiente para ela. É nessa altura que ela refere o facto de já se terem verificado tentativas de constituir outras listas, mas que deparavam sempre com a falta de alguém que assumisse a presidência do CD. A este propósito refere que as pessoas tinham muito receio, porque achavam que não dominavam a legislação (que no entender de alguns, e pelo que me apercebi, também no dela, era fundamental para liderar um CD). Por isso não concordava nada quando vinham ter com ela, por qualquer assunto, dizendo que "tu que sabes tudo", pois quem se encontrava naquelas funções também tinha muitas dúvidas e muitas lacunas. No entanto, essa era uma imagem que os professores tinham de quem estava no CD e principalmente do PCD, dizia eu tentando puxar pela conversa. Sim, porque quando chegava a hora da verdade era o PCD que tinha de assumir, diz ela. E isso dá-lhe uma imagem de domínio das coisas que muitas vezes não tinha, mas que nunca poderia dar a entender. Outro aspecto referido pela PCD foi que aquela situação levava a que o exercício do cargo era uma coisa muito solitária. Aliás, disse, em todo o lado existe a "solidão do gestor", O mesmo acontecendo com a gestão escolar, fundamentalmente do PCD. Perguntei-lhe se sentia que essa solidão era também em relação aos restantes membros do CD. Ela responde que sim, que em algumas decisões o PCD se encontrava sozinho com a sua consciência.

### C) VISITA DO DIA 15 SET 1996

vs103a

5/09/96 - 11h 30m - 12h 30m - Escola A

REGISTO DA VISITA À ESCOLA A

Cheguei a [nome de povoação - 1] cerca das 11.30. Na portaria da escola não se encontrava nenhum funcionário. Alguns miúdos jogavam a bola no campo de jogos.

Entrei no pavilhão central e dirigi-me para o gabinete do CD. Lá dentro encontravam-se a PCD e a VPCD. Após os cumprimentos da praxe conversámos sobre como tinham passado as férias de cada um. Expliquei com mais pormenor, do que tinha feito ao telefone, momentos antes, o sucedido com a falha do computador que tinha estragado alguns documentos que já tinha escrito, sobre a tese.

Após essa conversa a PCD colocou-me uma questão, que estavam a debater, as duas, quando eu entrei. Tratava-se de saber o que fazer com os alunos que não tinham comparecido a algum dos exames do 9º ano. Opinei que nesse caso, como não podia ser atribuída qualquer nota, o aluno encontrava-se irremediavelmente reprovado. Disso que essa situação não tinha nada a ver com uma outra situação que era a de o alunos obter zero, nalguma prova. Como os exames eram realizados em bloco, o aluno realizava todos e só depois se iriam apurar as classificações: na eventualidade de alguma delas já ter sido corrigida e o resultado ter sido zero, isso não podia constituir fundamento para o impedir de realizar as restantes. No caso de não comparência a alguma prova, isso era diferente, nesse caso o aluno nunca poderia aprovar, e portanto estava automaticamente eliminado. Elas também achavam que era assim que se devia interpretar a legislação. Enquanto conversávamos sobre isso, entraram dois professores no gabinete, supponho que eram do secretariado de exames, que vinham colocar a questão do anonimato de uma prova.

A questão era a seguinte: dois alunos teriam escrito qualquer coisa na prova (talvez o nome fora do canto do anonimato) e eles não sabiam o que fazer. segundo as normas as provas deviam ser anuladas e os alunos eliminados automaticamente. A PCD opinou que o problema se resolvia limpando o que tinha sido escrito com corrector branco: "Olha, não vale a pena estar com grandes problemas, são só dois alunos, como é em casos destes se mantém o anonimato. Nestes casos não há anonimato nenhum, é apenas uma formalidade...!" Os dois professores não levantaram quaisquer problemas a essa solução e saíram da sala [*presumo que iam fazer o que a PCD tinha recomendado*]

Voltando à questão inicial, a VPCD disse para a PCD que, mesmo assim, ia contactar outras escolas a perguntar-lhes o que tinham feito ou tencionavam fazer no tal caso de não comparência de alunos a exame. Saiu do gabinete e ficámos apenas nós os dois, eu e a PCD.

Procurei saber então que actividades estavam programadas para o início do ano lectivo (reuniões e outras actividades, recepções por exemplo). Quando se realizariam as próximas reuniões do CP e do Conselho dos Directores de Turmas [*como eu já sabia a reunião geral de professores já se tinha realizado no dia 3/9/96 - contacto telefónico nesse mesmo dia*]. Sobre a reunião geral de professores mostrei a minha admiração por já ter sido realizada, porque na maioria das escolas, a sua realização é mais perto do início das aulas. Nessa altura se aproveitava para a entrega dos horários aos del. de grupo que depois reúnem os conselhos de grupo, para fazerem a entrega dos mesmos aos respectivos grupos disciplinares.

A PCD explicou-me que seguindo uma sugestão apresentada, uma vez por uma inspectora, realizava sempre a reunião geral de professores (com a recepção e um beiberete) logo no início do ano escolar, entre outras razões, para evitar o "triste espectáculo" que sempre acontecia por altura da entrega dos horários. Nessa altura havia sempre "choros de baba e ranho". Assim, quando os horários eram entregues aos del. para estes os entregarem, aos professores respectivos, esse momento de alguma tensão era menos dramático, nomeadamente porque, era diluído no tempo, não se encontravam os professores todos juntos na escola. Segundo a PCD, aliás, não fazia sentido fazer a reunião geral de professores, e entregar os horários "à boca" do início do ano lectivo, porque a legislação obriga a entregá-los com uma antecedência de pelo menos um semana relativamente à data prevista de início das aulas; e "... nessa questão de prazos ela procurava ser rigorosa.". "Os prazos devem ser cumpridos", remata a PCD.

Sobre a reunião do CP, a PCD disse que ia realizar uma no dia 10/9/96 (Terça Feira) com início às 9.30. Esclareceu que estava a pensar levar uma proposta de nova composição do CP de acordo com o novo despacho que permitia a redução do número de elementos. Mostrou-me o tal despacho, de que tinha sido dado conhecimento às escolas mesmo antes de sair publicado em DR, e durante alguns minutos estivemos a fazer a sua análise. Pela leitura do documento e das afirmações da PCD apercebi-me que a preocupação da PCD na sua aplicação se dirigia para a questão de no documento não se indicar quantos representantes deveriam ser do 2º ciclo e do 3º ciclo, já que, relativamente ao 1º ciclo, nas EBI isso se encontrava contemplado (3 elementos obrigatoriamente). Opinei que essa era uma questão que, certamente, se deixava ao critério do próprio CP, mas ela continuava a referir-se ao assunto como se achasse que aquilo era uma falha do documento.

Continuámos a analisar as implicações do documento e da sua aplicação nas escolas. Ela era da opinião que um CP mais pequeno era muito mais fácil de fazer funcionar. manifestei opinião idêntica. Ela, entretanto, referiu que ao nível do 2º ciclo as pessoas estão mais interessadas em pertencer ao CP do que no caso dos professores do 3º ciclo. Perguntei, porque dizia isso e ela explicou que devido ao nº de professores nos grupos do 3º ciclo, as reduções são geralmente menores do que no outro caso.

A propósito do início das aulas, da diferenciação entre professores do 2º ciclo e do 3º ciclo, a PCD referiu que tinha conversado com o PCD da escola B e que a solução adoptada na escola de [nome de povoação - 13] para a distribuição do serviço de exames na sua escola não resultaria, porque surgiria logo a questão dos professores que não estariam na escola no início de Setembro. Na escola B os professores que garantiam o serviço de exames (3º ciclo) tiveram menos trabalho em Julho, tendo nessa altura trabalhado mais os do 2º ciclo, os quais se apresentaram em Setembro mais tarde. Essa solução para esta escola não dava porque os professores do 2º ciclo diriam logo "... então e os professores que se vão embora e não estão cá em Setembro??"

*[Nesta situação encontram-se especialmente os professores do 3º ciclo, menos estáveis].*

Nesse sentido, a solução adoptada pela PCD foi a de remeter para os del. de grupo/disciplina a distribuição do serviço no período de férias. Foi solicitado aos grupos e respectivos del. que, em face dos pedidos de férias dos professores do grupo, que fizessem a distribuição do serviço dentro grupo. Desta forma a "batata quente" passa para eles, e portanto não se podem, depois queixar ou culpar o CD.

*[Forma engenhosa de resolver o problema da distribuição do serviço. Pareceu-me que este procedimento tem mais a ver com a forma de evitar dissabores ao CD do que com a qualidade das soluções encontradas pelos del. e respectivos grupos disciplinares]*

Relativamente à reunião do CDT, disse ainda não ter a reunião marcada, mas que, em princípio, seria na semana do início das aulas. O início das aulas estava previsto para os dias 19 e 20 de Setembro. Dia 19 seria a recepção para os alunos do 2º ciclo e dia 20 para os do 3º ciclo.

Referiu-se ao facto de ainda hoje ir receber do grupo respectivo, os horários. No dia seguinte, ela e a VPCD já tinham destinado para a análise dos horários, das turmas e professores, ver como estavam e propor correcções que se mostrassem necessárias. Considerou e primordial importância que os horários estivessem feitos com bastante antecedência, por disso dependia também a organização de outras actividades e atribuição de funções, o caso por exemplo da atribuição das direcções de turma.

A propósito da colocação de professores disse-me que havia ainda por preencher 6 horários. Desses apenas um tinha 6 horas, os restantes tinham todos entre 18 a 20 horas. "Dois deles não diziam respeito à escola, propriamente dita, pois tratavam-se de horários para professores do ensino recorrente (diurno), leccionado noutras escolas. Esclareceu que a escola funcionava como pólo central da organização desse ensino recorrente, e portanto a requisição dos professores era feita pela escola. Disse que muitas vezes preferia deixar horários grandes para o mini-concurso porque assim tinha maiores probabilidades de ter professores que aceitassem os horários, e que além do mais muitas vezes a qualidade dos professores entrados em mini-concurso não era inferior, antes pelo contrário, aos dos colocados na 2ª parte do concurso. Sobre essa questão a PCD referiu que já lhe tinha acontecido ter melhores professores colocados em mini-concurso do que na 1ª/2ª partes do concurso a nível nacional. A este título deu

como exemplos a situação de dois professores de Matemática, em especial uma prof.<sup>a</sup>, licenciada em Matemáticas Aplicadas, que lhe tinha dado alguns problemas, pois na relação com os alunos, tinha algumas dificuldades, enquanto que a nível científico era impecável. Em contrapartida tinha tido professores colocados em mini-concurso que tinham dado “boa conta do recado”. Por isso mesmo, por vezes optava por não declarar horários de 20 horas e guardava-os para o mini-concurso.

Aliás este ano tinha tido alguns problemas, por o ME ainda não ter informado nada sobre o pedido de horas para o Desporto Escolar. Perguntei quantas horas, ela disse-me que tinham sido pedidas 12 horas. Até ao momento o ME ainda não tinha mandado nada.

Como já fossem 12.15 comecei a despedir-me. Mesmo assim ainda vieram à baila as alterações anunciadas pelo ME sobre a remuneração dos membros do CD (cerca de 50 contos para o PCD e cerca de 34 contos para os restantes membros) e sobre os níveis de exigência, anunciados pelos responsáveis do ME, relativamente às competências sobre leitura, escrita e cálculo, dos alunos, à saída do 1º ciclo do ensino básico. A PCD manifestou-se favorável da primeira medida, achava que a situação até então existente era altamente discriminatória e que já era altura de mudar, até porque os Directores Executivos não faziam mais do que os actuais PCD. Sem dúvida ela preferia que lhe pagassem o mesmo que aos D.E. e que reduzissem o nº de elementos do CD. De qualquer forma, ela passava o dia todo na escola, e no final acabava por ser a última responsável pelo que passava na escola. Relativamente ao outro assunto, disse achar muito bem que o ME se preocupasse em impor níveis de exigência maiores relativamente aos alunos que saíam do 1º ciclo, porque o que se verificava cada vez mais era entrarem no 2º ciclo alunos que nem ler e escrever sabiam. Segundo ela, essa situação reflectia-se de forma especial no 2º e 3º ciclo, pelo facto de a escolaridade obrigatória abranger esses ciclos. No caso do secundário, os reflexos eram menores, porque aí o crivo da selecção eliminava esses alunos.

[12.30] Sai da escola.

## D) VISITA DO DIA 08 OUT 1996

vs104a

08/10/96 - 15h 30m - 17h 00m - Escola A

REGISTO DA VISITA REALIZADA À ESCOLA A

[15.30] - Cheguei a [nome de povoação - 1] cerca das 15.30. Na portaria da escola encontrava-se uma funcionária. Deixei o bilhete de identidade e recebi um cartão de livre trânsito. Dirigi-me ao gabinete do CD. Bati, mas ninguém respondeu. Entretanto, vejo chegar uma prof.<sup>a</sup> que vinha ao CD. Voltou para trás.

Perguntei a uma funcionária que se encontrava no hall de entrada do bloco. Ela disse que a PCD estava naquele bloco. Dirigi-se para os Serviços Administrativos, voltou e informou-me que a PCD estava lá e que já vinha.

Passados alguns minutos, que eu esperei no corredor junto ao gabinete, a apareceu PCD. Vestia uma bata branca. Era a primeira vez que a via vestida daquela maneira. Admirei-me por ela estar de bata.

*[Não é muito usual os professores usarem a bata, excepção feita aos professores de C.Natureza, Física e Química, e mesmo esses já vão rareando]*

A PCD disse que se encontrava “chateada”. Disse que eu que “... se calhar vinha em má altura”. Ela respondeu que não. Acrescentou depois que estava irritada porque tinha ali um caso.

Entretanto dei-lhe os parabéns pelo nascimento de um neto. Agradeceu. Perguntei-lhe se era o primeiro ela disse que não, era o segundo.

Havia dois miúdos que andavam a incomodar os alunos e professores com ameaças (os miúdos não eram alunos da escola: um deles tinha o pai preso e os pais do outro eram toxicodependentes - o mais velho dos miúdos teriam cerca de 11 anos). “Ora são os professores, ora são os pais vêm aqui queixar-se ao CD. Por outro lado, tinha falado com o vigilante, e a resposta dele tinha sido a de “... ele estava ali para vigiar as instalações, que tinha duas filhas e que não estava para sofrer represálias”. “Ora, aonde é que já se viu uma coisa assim? Um homem assim para que é que serve?” Tinha de telefonar ao Sr. [nome de fine - 4] do Gabinete de Segurança do ME, porque isto assim não podia ser!”

Contou-me depois que, tinha contactado a GNR, para ver o que podiam fazer, e eles negaram-se a vir à escola a tomar conta do assunto. Estava por isso resolvida a enviar ofícios para o Comando Geral da PSP e para o ME. Mostrou-me os ofícios que já estavam feitos para enviar para essas entidades.

“Tanto coisa, que vêm para a televisão falar em seguranças nas escolas, mas depois é isto!” comenta a PCD. Perguntei-lhe se o tal funcionário era um dos “vigilantes” que ultimamente enviaram para as escolas. Se era um auxiliar de acção educativa que tinha a função de fazer a vigilância nos pátios. Ela disse que não: “... é mesmo um vigilante colocado pelo gabinete de segurança do ME, do major [nome de fine - 3]!” respondeu-me.

Opinei que se calhar bastava “apertar-lhes os calos” uma vez que eles deixariam de aparecer. Ela diz, “... pois se calhar é isso...! Mas ele não capaz de fazer isso, como te disse parece que ele até evita ir aos sítios mais problemáticos, lá atrás, por exemplo onde eles saltam a rede, ele nunca lá vai”. Depois refere um outro funcionário

que resolvia os problemas falando com os miúdos. "Resolvia a coisa a bem, sem ter que ameaçá-los". "Este nem a bem nem a mal" diz a PCD.

Diz que ainda pensou na possibilidade comprar de um sistema de comunicações *Walkie-Talkie*, para o vigilante estar em comunicação com a portaria. Assim a pessoa da portaria poderia chamar o vigilante sempre que fosse necessário, e este deveria estar sempre no giro. Mas o orçamento era de 90 contos apenas para um aparelho, o que iria dar em cerca de 200 contos.

[15.45]

Cerca das 15.45 a PCD recebeu um telefonema da CM de [nome de povoação - 6]. Segundo me apercebi do outro lado da linha queriam informações sobre o número de alunos do 9º ano. A PCD mostrou-se admirada com o pedido, porque segundo disse tinha enviado já um inquérito, há dias, ela própria o tinha preenchido, com essas informações, à CM de [nome de povoação - 6]. Entretanto sempre informou que o número de alunos era de 93 alunos.

Depois disso, sentámo-nos na mesa redonda que se encontra à entrada do gabinete. A PCD manifestou a sua preocupação pelo facto de não saber o que iria tratar na próxima reunião do CP. Perguntei-lhe se já estava marcado, se já sabia em que dia ia ser. Ela disse-me que como a interrupção de actividades lectivas dia desde 30 de Outubro a 2 de Novembro, e como tinha de fazer uma reunião do CP, por mês, como a legislação obriga, tinha de fazer a reunião no dia 23 de Outubro. Entretanto ainda estava nada feito relativamente à recolha de dados para a caracterização da escola, para o Projecto Educativo. Perguntei-lhe se não tinha mais nenhum assunto para a reunião do Pedagógico. Ela disse que não, que o assunto ao fim e ao cabo era o Projecto Educativo.

*[Admirei-me, mas não fiz comentário algum que nesta altura, início do ano lectivo não houvesse qualquer assunto para tratar no CP. Por outro lado registei o facto de ela se sentir obrigada a realizar a reunião, em resultado da legislação e não por haver assuntos a tratar]*

Entretanto entrou no gabinete a del. de Geo/3ºC que vinha entregar uma ficha de inscrição para uma acção de formação. Foi atendida pela PCD que procedeu ao envio via fax da referida ficha.

Voltámos a debater a questão do Projecto Educativo. Mostrei-lhe inquérito que estava a fazer, no âmbito da Comissão Municipal de Educação de VFX, e disse-lhe que podia ser um documento que eu próprio podia ajudar a preencher, até porque me interessava também ter esses dados para o meu trabalho. Ela deu uma vista de olhos e disse que era uma coisa assim que tinham feito há alguns anos (depois registei que tinha sido em 1993/94). Pediu-lhe para mostrar o tal documento de caracterização da escola, que tinha sido feito há alguns anos.

Quando estávamos a ver esse documento, ela teve de sair do gabinete, chamada por um funcionário, o Sr. [nome de aae - 9].

Disse-me para eu dar uma vista de olhos enquanto ia tratar do assunto. Fiquei sozinho no gabinete e estive a ver todos os documentos que se encontravam na pasta "Projecto Educativo". Para além de alguns textos (de natureza teórica) havia também o PAA de 95/96, propostas de acção no quadro da Campanha sobre Violência, o Regulamento Interno da Escola, a proposta de organização da mediateca, e o tal documento com a caracterização (O que somos? O que pretendemos?) que (afinal) era uma proposta de Projecto Educativo de 1993/94.

Era um documento bem concebido e com uma caracterização com algum pormenor da escola, quer em termos de instalações, pessoal docente e discente. Continha algumas propostas, bastante interessantes.

Quando ela regressou, eu disse que "... afinal já tinham ali muitos elementos interessantes para a elaboração e implementação de um PEE, era apenas questão de actualizar alguns elementos e utilizar algumas propostas sobre o inventário de problemas, já feito, se eles continuassem a ser os mesmos".

Ela retorquiu que, entretanto tinha feito um acção de formação de 50 horas sobre o Projecto Educativo na ESELx, orientada pela Maria José Martins, a Isaura Abreu e outros. Perguntei-lhe quando a tinha feito. Disse-me que tinha sido em Junho/Julho. Nessa altura, as pessoas que tinham feito essa acção tinham de certa forma assumido o compromisso de dinamizar nas respectivas escolas a construção de projectos educativos. Ela queria levar isso avante, mas estava a ser difícil.

As pessoas pegam nos mais ínfimos pormenores para levantarem problemas e emperrarem o processo. "Estás a ver a CDT/3ºC na última reunião do CP? Eu não sei porquê, mas ela não me "grama"! Não sei porque... bom também não interessa, nunca lhe fiz nada, mas acho que ela não vai comigo. Mas estás a ver, levantam logo problemas, quando se quer fazer mais alguma coisa!"

"Por isso é que isto tudo é muito difícil! Não sei, não sei, o que fazer com as pessoas assim".

Digo eu: "Mas, oh [nome da PCD] se isso é assim, tem-se procurar saber porquê! Pode ser um ponto de partida questionar as pessoas, porque isso acontece assim!"

Fomos interrompidos pela entrada de uma colega que vinha, tal como a anterior, proceder à inscrição numa acção de formação. Novamente a PCD fez o envio por fax da inscrição. Conversaram ainda durante uns minutos sobre a questão dos créditos para a progressão na carreira. A PCD dizia à colega que o que importava era fazer formação que trouxesse vantagens em termos de conhecimentos profissionais, e que não se incomodasse com a questão dos créditos. A outra dizia que isso era importante mas tinha de pensar também nos créditos. A PCD disse a certa altura da conversa que essa questão dos créditos ia ser ultrapassada, porque os projectos de legislação que se encontravam em discussão deixavam de considerar os créditos como condição de progressão. A colega saiu.

Retomámos a nossa conversa. Face a sua preocupação de levar já coisas feitas para a reunião do CP, nomeadamente os dados sobre a caracterização da escola, e ao facto de não saber o que fazer na reunião, dado não ter

esses dados ainda, opinei que se calhar ela estava a “forçar a nota” e que talvez devesse deixar correr as coisas. Além do mais, pelo menos a questão do PAA ela tinha de tratar no CP. É certo que as duas coisas se podiam relacionar, mas na ausência de dados para o início do tratamento da questão do PEE ela tinha de avançar com o PAA, disse eu. “Sim, exacto, claro, o PAA... é isso mesmo! Mas repara, o PEE, temos de avançar com o PEE”, não é? Oh Luís!”

“Eu até estava a pensar, juntamente com a del. de EMRC, fazer a recolha dos dados para a actualização da caracterização, para apresentar já nesta reunião do CP”, diz a PCD.

Perguntei-lhe se não havia mais ninguém no grupo.

Havia mais duas colegas, as anteriores del. de Hist/3°C e de Port/2°C, mas como elas já não estão no CP, torna-se complicado tê-las a trabalhar connosco.

Opinei que dessa forma, acabaria por ser sobrecarregada com mais esse trabalho e que os professores não estariam envolvidos na questão. Perguntei-lhe se não via possibilidades de “arregimentar” outras pessoas mesmo que não fossem elementos do CP. Dessa forma talvez conseguisse envolver o maior número de professores. Desse forma talvez sentissem a coisa como sua e não como mais uma coisa vinda de cima, do CD.

A PCD mostrou-se muito céptica relativamente a conseguir outras pessoas. Disse que se calhar as pessoas não sentiam ainda necessidade de ter um PEE. Por outro lado as pessoas (os professores não querem dar mais horas de trabalho).

“Mas sim, vocês têm feito coisas, como por exemplo a mediateca, a campanha de dinamização do Refeitório, a questão “Sim à Inteligência, não à Violência”, a questão é pegar nessas coisas, nessa necessidade de resolver alguns problemas concretos e mobilizar as pessoas para a integração disso tudo num PEE”, disse eu. Desde que o acréscimo de horas de trabalho num lado venha a diminuir o esforço noutro lado (menos indisciplina, menos stress, aulas mais fáceis de dar, melhor ambiente, etc.) talvez esse problema do empenhamento dos professores seja resolvido.

Ela concordou que talvez através de propostas de resolução de problemas concretos, talvez as pessoas sentissem interesse em envolverem-se no PEE. Aliás podia-se pegar em algumas propostas que já estavam inventariadas no documento de 1993/94, e partir daí para o PEE.

Aliás, reparando que no documento se falava em Projecto Educativo, eu perguntei-lhe se aquele documento não tinha sido elaborado como um Projecto Educativo. Ela disse que sim que a ideia era que fosse um Projecto Educativo, que tinha sido discutido numa reunião do CP. “Chegou a ser votado ou não?” perguntei.

“Foi, foi votado, mas não foi aprovado” respondeu a PCD. Segundo ela as pessoas na altura acharam que era tudo muito bonito mas não era exequível fazer aquilo que estava no papel.

Entretanto ela mudou de assunto, passando a referir o que pensava em termos dos alunos, da sua participação na construção do Projecto Educativo.

Mostrou-se desejosa de saber a opinião dos alunos, dos seus problemas e dos problemas que eles sentiam existir na escola.

Mas mesmo aqui não havia um apoio incondicional dos professores.

“Olha, por exemplo uma vez para avaliar como as Aulas de APA tinham decorrido durante o ano, sugeriu-se a um grupo de trabalho que fizesse um inquérito aos alunos e as outros professores das disciplinas em que tinham sido dadas as aulas. Pois queres saber que o grupo negou-se a fazer esse tipo de consulta! Porquê? Porque os professores não gostam, não querem ouvir críticas, principalmente se estas vierem dos alunos e/ou dos pais. Os professores não se habituam a ser criticados e avaliados”.

“Estás a ver por que é que a CDT/3°C se insurgiu contra ouvir os alunos. no último pedagógico? Tem a ver com isso!” acrescenta a PCD.

Pegou num dossier de DT e mostrou-me as fichas biográficas dos alunos ainda por preencher concluindo: “Oh Luís, estás a ver, os DT ainda não fizeram o inquérito que tinha sido combinado, no último pedagógico! Estás a ver, assim não é possível!”

“Eu pensava fazer uma reunião com as CDT e os del. de turma, mas se calhar, eles ainda nem estão eleitos!”

O melhor mesmo é no próximo pedagógico tratar da questão do PAA, e continuar entretanto a procurar trabalhar a questão do PEE, de forma mais pausada, não forçando muito nem deixando adormecer o assunto.

Nesta altura uma funcionária (a mesma que estava no hall de entrada do bloco quando eu cheguei - uma senhora de baixa estatura e olho vivo) veio comunicar que um aluno, parecia ter um braço deslocado. A PCD de forma um pouco “a despachar” disse que “... não era médica” e que o que havia a fazer era chamarem a ambulância para o levarem ao hospital. A Sra. do SASE que tratasse dos papéis e que depois telefonassem para casa do miúdo a avisar que ele tinha ido ao hospital..

*[Pareceu-me um pouco indiferente, nem perguntou que alunos era, ano, idade, como tinha sido. Não foi ver o aluno...]*

Em face da forma um pouco rispida como a PCD falou a funcionária ficou um bocado embaraçada, e procurou justificar-se por a ter ido falar com o assunto, disse que era apenas para ela saber, e para ela dar autorização para chamar a ambulância e acompanhar o miúdo ao hospital. A PCD disse que elas já sabiam o que fazer.

Voltámos à nossa conversa sobre o Projecto Educativo.

Disse-lhe que estava interessado em alguns documentos que estivéramos a ver, mas que até me sentia incomodado, por causa das fotocópias. Novamente lhe disse que devia ter uma conta para fotocópias para depois as

pagar no fim. Ela voltou a manifestar-se contrária a isso, dizendo que "... estávamos todos a trabalhar para o mesmo... portanto não tinha nada que pagar as fotocópias!.. Disse-lhe então quais é que queria, propostas de acção no quadro da Campanha sobre Violência, o Regulamento Interno da Escola, Proposta de Organização da Mediateca, e o Projecto Educativo de 1993/94. Como havia dois exemplares do PAA de 95/96 fiquei logo com um deles. Dos restantes ela tomou nota para os pôr a fotocopiar.

Entretanto pedi-lhe também a lista de professores de 96/97. Ela ligou o computador e ia pôr a imprimir uma lista (com indicação das datas de nascimento e cargos) quando me lembrei que tinha uma diskete com o inquérito que eu tinha mostrado antes. Entretanto ela saiu do gabinete, solicitada por uma funcionário.

Entretanto ela regressou. Afinal eu tinha-me esquecido da diskete. Ela disse que arranjava uma e foi aos SA buscar uma diskete. Utilizei o computador para copiar as listas.

[17.30]

Nesse momento a chamada telefónica que ela havia pedido, momentos antes, para falar com o Sr. [nome de fme - 4], tinha sido feita e ela foi atender o telefone.

Disse-me para eu ver o que queria e copiar o que quisesse.

Enquanto ela falava, colocando o problema do vigilante e da questão do tais dois miúdos que andavam a amedrontar, alunos e professores, copiei alguns documentos que se encontravam no disco rígido. Como ela continuasse ao telefone disse-lhe que ia lá fora tomar um café, e saí do gabinete.

Quando regresssei, ela ainda se encontrava ao telefone.

Enquanto ela continuava ao telefone, copiei mais alguns documentos, nomeadamente as listas de alunos de todas as turmas de 1996/97.

Depois de ter acabado o telefonema, disse-lhe que a minha visita se destinava a combinar algumas coisas. Uma delas era uma entrevista. Expliquei-lhe em traços largos do que constava a entrevista. Pedi-lhe a altura se me arranjava um horário do CD. Ela pôs a impressora a tirar uma exemplar do horário dos membros do CD. Estivemos então a ver qual a melhor hora e dia para a realização da entrevista.

Ela disse que a melhor hora era da parte da tarde, mesmo ao fim do dia. De preferência até depois das 6 horas da tarde.

"Eu gosto mais de trabalhar da parte da tarde. Mesmo à Quarta Feira em que não tenho nada marcado à tarde, eu por vezes estou cá toda a tarde, até às 7 e 8 da noite.

Ficou então combinado que a entrevista seria no dia 15 de Outubro, terça-feira, pela 18 horas.

Outra coisa que eu queria saber era quando era o próximo CP. Disse-me que tal como já tinha referido tinha de ser a 23-10-96, às 15.30. Quando ia a marcar na minha agenda verifiquei que nesse mesmo dia tinha a reunião do CP da outra escola. Comentei com a PCD que se calhar ou chegava mais tarde ou talvez desistisse da outra reunião, e mostrei-lhe a hora de início da reunião do CP na Escola dos [nome de povoação - 13]: 12.15. Ela disse que em tempos também realizava as reuniões do pedagógico a essa hora, mas que o Inspector Pedagógico da altura tinha obrigado a mudar a hora da reunião, dizendo que os professores tinham direito a ter a hora de almoço sem quaisquer actividades.

Continuei dizendo que outra coisa que tinha levado a ir à escola era a actualização dos dados relativos aos professores. Pedi-lhe, assim, que me arranjasse uma lista dos directores de turma do ano passado. Ela procurou no disco rígido do computador, mas não encontrou. Procurou numa pastas até que encontrou uma lista. Saiu para tirar uma fotocópia. Entretanto, eu vi afixada uma lista de turmas com o nº de alunos, peguei nela e dirigi-me para a reprografia para ela tirar também uma cópia desse documento.

[18.00]

Estava sozinha, a funcionária já tinha saído. Enquanto ela tentava trabalhar com a máquina que não arrancou à primeira, fomos conversando sobre a dificuldade de mobilizar os professores para fazerem mais do que simplesmente darem aulas. Ela vendo uma dos documentos de que estava a tirar uma cópia disse que gostava de quadinhos e de trabalhar com números.

Exclamei. "... e tu és de Inglês!"

"De História, de História!" disse ela. "De Inglês só sei aquilo que tive de ler para estudar coisas do DESE e do Mestrado!" referiu.

Eu: "É uma chatice, eu também, a maior parte da bibliografia é em Inglês. Em português há muito pouco sobre a questão do Profissional como Administrador"

Esta referência fez recordar a PCD sobre a dificuldade de ser PCD nas escolas. Disse que "... por vezes tinha mesmo de se colocar contra os professores, havia coisas com que não concordava, até porque havia interesses dos professores com que ela não podia concordar". "Pois esse é aliás o tema central do meu trabalho..," disse eu.

"Às vezes sinto-me mais do lado do Ministério, que do lado os professores!" disse a PCD.

"Pois... a questão do conflito de papéis de interesses! Por vezes sentimo-nos mais como defensores dos interesses dos alunos e das famílias contra os professores que pensam apenas nos seus próprios interesses", disse eu.

"Olha, oh Luís queres casos de conflitos de interesses, existem muitos!"

[Entretanto, fomos saindo da reprografia e entrámos nos gabinete]

"Por exemplo, ainda no outro dia, recebi um pai que vinha queixar-se por causa do horário do filho. O filho é invisual. No dia em que já tinha 8 horas... bem sei que havia 3 horas de aulas práticas... mas nesse dia os professores marcaram mais duas horas para horas de apoio, o miúdo ficava até sem almoço..."

"Mas isso é uma questão apenas de bom senso!" disse eu.

"Qual bom senso, qual quê, oh Luís! Os professores apenas viram os seus interesses, até podiam marcar noutro dia para o aluno, mas como lhes dava mais jeito nesse dia, nem sequer pensaram que isso era prejudicial para o aluno. É claro que o pai dizia que assim, dispensava as aulas de apoio!"

Eu referi que infelizmente, ao nível das escolas, as famílias e os alunos, na maioria dos casos não têm consciência dos seus direitos e raramente reclamam daquilo que se faz na escola. Isso só mostrava que da parte dos professores havia comportamentos que se não fosse o CD a velar pelos interesses dos alunos...

A certa altura apareceu no gabinete o del. de E.Visual/3°C que vinha, tal como as colegas anteriores fazer a sua inscrição numa acção de formação (Autocad). A PCD voltou a dirigir-se para o Fax e enviou a ficha de inscrição.

Depois dele ter saído retomamos a nossa conversa.

"Por exemplo, a questão da participação dos pais no CP! Na maior parte dos casos, se eles são muito interventivos saltam-lhes todos os professores para cima" referiu a PCD. "É uma questão de território".

"Lembras-te num dos pedagógicos de um colega ter dito que sem "estranhos" no pedagógico era mais fácil trabalhar. É assim que os professores vêm os membros não docentes do CP".

"Olha, outro caso. Ainda os horários. Este colega que faz os horários tem a ideia fixa de arranjar um dia livre para todos os professores, sejam eles efectivos, provisórios, o que quer seja. O que é que isto dá? Dá que isso condiciona a feitura dos horários das turmas e dos outros professores, mas principalmente dos alunos, e por outro lado quando queremos que os professores venham fazer qualquer coisa, reunião ou grupos de trabalho, nesses dias, eles reclamam porque é o dia livre! Eu costumo dizer que o dia livre deles é o sábado" diz a PCD.

Ainda a propósito da questão dos horários e dos dias livres, contou a PCD que uma vez tinha marcado uma reunião para sexta feira e que tinha havido um burburinho que meteu até um abaixo assinado dos professores protestando contra a marcação da reunião para uma sexta feira. "Vê tu, oh Luís. Se a Sexta Feira não é um dia de trabalho como outro qualquer!"

Houve uma outra situação, que a PCD contou também e que segundo ela mostra bem até que ponto o PCD depara com a ambiguidade do corpo docente.

"Havia um prof. de matemática que não tinha qualquer jeito para dar aulas. Era provisório. Quando dava as aulas, apenas via os 4/5 alunos da frente. Os outros podiam fazer o que quisessem que ele não dava por nada. Os alunos saiam da sala, entravam, tiravam as cadeiras, faziam um estardalhaço que impedia o funcionamento das aulas ao lado. Os colegas já sabiam que no bloco onde ele tivesse eram aulas perdidas. Chatearam-me tanto que eu falei com ele várias vezes, ainda assisti a três aulas dele. Expliquei-lhe tudo, ele dizia que sim, que sim, mas continuava sempre na mesma. Os outros continuaram a chatearem-me de tal forma que resolvi o problema. Havia uma sala única no pavilhão do refeitório, de forma que meti todas as aulas dele nessa sala. Olha, nem queiras saber, depois já diziam que era uma discriminação, que não devia ter feito isso, que o coitado do colega estava a ser segregado, desterrado para ali, etc."

"E depois?" perguntei eu.

"Olha depois, continuou, as aulas eram uma bagunça, e lá continuaram. Soube que no ano seguinte foi colocado noutra escola (na [nome de escola - 6]). O CD nessa escola disse-lhe que ou mudava ou então levantavam-lhe um processo e ele então pediu a rescisão. Mas é claro que ele voltará novamente a uma escola qualquer."

"Olha, um outro caso. A questão da pontualidade dos professores. Houve uma altura que eu chamava a atenção dos colegas, por causa da do toque da campainha. Bom... eles ficavam ali, tocava a campainha e eles sentados, dava o 2º toque, e eles nada... Até que um dia eu disse à funcionária para ela começar a marcar faltas, que esperasse dois, três minutos e que depois marcasse as faltas. Olha, foi um problema danado. Foram tantas as pressões dos professores sobre a funcionária, tanto a chatearam que ela ficou doente, meteu baixa e no ano seguinte tive de a mudar de lugar. Esta que está agora, por exemplo passa a vida a dizer que quer mudar. A funcionária diz que atender no bar, é um trabalho que está bem, mas relativamente ao resto só tem chatices".

"Quando isso acontecia disseram que era tirara a autoridade ao prof., que era uma falta de autoridade dos professores perante os alunos, etc."

Eu disse que, por acaso, nunca me tinha ocorrido que pudesse haver situações de conflito por causa disso, pela minha vivência, não poderia imaginar que esse problema pudesse assumir situação tão conflituosa. Acrescentei que se calhar isso tinha a ver com o facto da minha experiência ter mais a ver com o secundário, em que os alunos, logo que o prof. não chegava a horas, debandavam, ficando a funcionária e o prof. numa situação de facto consumado.

"Pois, nesse caso, os alunos "dão à sola". Aqui não é bem assim, porque os alunos são mais novinhos e aguentam até o prof. vir. Mas eu na altura até disse a alguns professores que o que eles deviam fazer era, logo que o prof. não está ao 2º toque, era debandarem também. Repara que ficaram escandalizados quando eu disse isso".

Depois conta que houve até uma situação em que o prof. e a funcionária estavam combinados e que à última hora do dia, o prof. geralmente não dava a aula e a falta não aprecia marcada.

Foi, aliás, a propósito desta questão da assiduidade que a PCD referiu ainda uma história sobre uma colega chamada Julieta. Conta que esta, por causa de uma falta que lhe tinha sido marcada pela funcionária por ter comparecido depois do 2º toque, cumprindo as ordens que lhe tinham sido dadas, a tal profª. fez um estardalhaço na sala de professores. Depois de ter ordenado que a funcionária lhe tirasse a falta, e em face da resposta desta que "tinha ordens da PCD", a profª. tinha exclamado "...ela aqui não manda nada! Quem é essa! Não tem autoridade



nenhuma!” e por aí a adiante. Depois disso a prof<sup>a</sup>. Julieta fez a ameaças em plena sala de professores. Ela, a PCD na altura não estava na escola, mas telefonaram-lhe logo. A PCD disse que se deixou estar calmamente. Não disse nada, e depois a fúria passou-lhe (a fúria da prof<sup>a</sup>. Julieta). Essa prof<sup>a</sup>. era uma pessoa, “violenta e bastante desequilibrada”. Com ela tinha acontecido uma outra situação, esta relativa a uma homologação da eleição para del. de grupo. Segundo percebi a PCD não tinha homologado a eleição, por achar que tinha havido irregularidades. A prof<sup>a</sup>. apresentou um recurso para o Tribunal Administrativo que não lhe deu razão. Recorreu da decisão para o Supremo Tribunal Administrativo e não lhe foi dada razão também. Depois disso, ela acalmou-se e nunca mais “chateou”. Para isso contribuiu também o facto de ela, a PCD, não ter alardeado nada sobre o facto de ela perdido a questão.

[18.50]

Já eram quase 19.00 e como a PCD não mostrasse disposição de acabar a conversa, eu tomei a iniciativa de me despedir. Disse que, afinal estar no CD tinha todas essas questões mas no final sempre era estimulante, porque as pessoas sentem-se vivas, não andam no rame-rame da rotina. Comentei que ela já estava mais bem disposta do que quando eu tinha chegado à escola. Ela disse que sim, que as coisas eram assim, “... uma pessoa irrita-se, aborrece-se, mas depois as coisas são ultrapassadas, e parte-se para outras questões”. De resto, disse, que já não se via a apenas dar aulas. “Ser prof<sup>a</sup>. apenas já não é para mim, acho muito pouco. Acho que tenho de fazer mais alguma coisa!” esclarece. Eu refiro que uma das coisas que mais gostava quando estava no CD, era o reencontro dos alunos, quando tinha as aulas. Aqueles três ou quatro momentos da semana em que estava na sala de aula com os alunos era uma coisa que eu precisava para recarregar as baterias para o trabalho no CD. Ela concorda. diz que para ela era relaxante dar aquelas aulas. O mais aborrecido era a preparação das aulas que implicavam aquelas aulas. No meio de tanto trabalho do CD tinha de arranjar algum tempo para a preparação das aulas. Em determinadas alturas isso era um bocado complicado.

Despedi-me e saí da escola. Ela ainda ficou no gabinete do CD. [19.00]

## E) VISITA DO DIA 06 NOV 1996

vs105a

06/11/96 - 12h 20m - 13h 15m - Escola A

REGISTO DA VISITA REALIZADA À ESCOLA A

[12.20]

Passados alguns minutos depois de ter acabado a conversa com a CDT/2°C, apareceu a [nome de prof<sup>a</sup> - 4]. Procurámos um local onde pudéssemos conversar à vontade. No momento que a PCD subia as escadas para ir para a reunião com os alunos (del. do 7º, 8º e 9º anos) por cauda do Projecto de Escola, ainda lhe perguntei se poderíamos utilizar o gabinete do CD. Ela respondeu-me que sim, mas depois vim a verificar que isso não seria possível porque a SCD se encontrava com outras pessoas.

Como não encontrámos outro espaço disponível ficámos na sala de fumadores. Nessa altura encontrava-se apenas uma colega. A prof<sup>a</sup>. de E.Física com que estivera em conversa comigo e com a CDT/2°C.

Expliquei à [nome de prof<sup>a</sup> - 4], qual a finalidade da conversa. Respondeu-me que “tudo bem, como é para o teu trabalho, não há problemas...”. Perguntei-lhe se via algum inconveniente de gravar a conversa. Como se mostrou menos favorável: “... não gosto nada de estar a falar para o gravador. Perco completamente a naturalidade quando...” e por aí a diante, achei melhor não forçar e dispus-me a tomar algumas notas, apenas, de algumas questões que viessem a ser levantadas, de interesse para o fim em vista.

Desta forma, aquilo que em principio eu pensava poder vir a ser uma entrevista, passei a considerar como uma mera troca de informações, de natureza informal, para não haver qualquer confusão de estatuto metodológico entre entrevistas gravadas e não gravadas em audio.

A conversa foi conduzida a partir dos tópicos/blocos do guião da entrevista aos membros do CP.

Relativamente ao primeiro a [nome de prof<sup>a</sup> - 4] disse que tinha começado a dar aulas em 1973. Tinha passado por várias escolas, Pedro de Santarém, Nuno Gonçalves, Póvoa de Santa Iria, etc. Nunca tinha pertencido a Conselhos Directivos. Em conselhos pedagógicos, já tinha estado cerca de 11/12 anos. Nunca foi coordenadora dos DT e esporadicamente foi DT. Este ano era DT, mas há já alguns anos que não era. Nesta escola estava desde o início, isto é, pertencia à primeira leva de professores que tinham concorrido. A primeira leva de professores a trabalhar na escola, não tinham entrado por concurso, porque no ano em que a escola abriu, o seu quadro de professores não foi a concurso. Portanto os primeiros professores foram pessoas que aceitaram ser deslocados das respectivas escolas para aquela, que entrava em funcionamento pela primeira vez.

Relativamente aos alunos, referiu-se especialmente às dificuldades que eles apresentam no domínio da língua portuguesa e nas dificuldades económicas que algumas famílias têm. Disse ser sensível, especialmente ao primeiro problema, por ser de Filologia Românica, e achava que cada vez mais os alunos quando chegavam ao 2º ciclo do Ensino Básico, vinham pior preparados em termos do domínio da língua.



Questionada sobre o que a escola, ao longo de todo este tempo, tem feito para resolver ou atenuar esse problema, a [nome de profª - 4] disse que pouco, mas que "... também o que é que se pode fazer". Coloquei-lhe a hipótese de eventualmente poder ser tentada uma maior ligação entre as escolas do 1º e do 2º ciclo, para análise e adopção de estratégias de cooperação. Ela retorquiu que isso já tinha sido pensado. Que, aliás, em determinada altura, ela própria tinha, no CP, levantado essa questão, mas que ninguém tinha ligado ao assunto.

Relativamente às famílias e à relação entre a escola e as famílias, disse que, por acaso, na sua direcção turma, até apareciam muitos pais. Quantificou essa participação em cerca de 30%. Eu propus-lhe a distinção entre as reuniões do início do ano e os contactos posteriores. Ela corrigiu, então dizendo que, nas reuniões, lhe apareciam mais de 50% e que nos restantes contactos, por sua iniciativa, compareciam mais ou menos 30%. De resto por iniciativa própria, os pais praticamente não apareciam. Os questões mais colocadas pelos pais referiam-se ao comportamento dos filhos. Uma vez ou outra lá se referiam ao rendimento escolar (notas). Noutros casos, e nisso parece que a situação dela era completamente diferente da generalidade dos outros directores (pelo menos era o que os outros diziam), nos contactos com os pais, estes referiam-se bastantes vezes à situação social e económica das respectivas famílias.

Relativamente às instalações e equipamentos, a [nome de profª - 4] disse que não sendo óptimas dava para se trabalhar. Referiu-se especialmente às entradas dos alunos nos blocos (sempre muita confusão) e à circunstância do material audiovisual muitas vezes não se encontrar operacional (gravadores e retroprojectores) de tal forma que ela já não contava como eles para dar as suas aulas. Com efeito, por exemplo, tinha deixado de utilizar os retroprojectores, porque volta e meia, vinha preparada com material para a sua utilização e depois eles não estavam em condições. Outro exemplo: utilizava apenas o seu gravador porque os da escola não estavam em condições. À pergunta se esses condicionalismos constituíam dificuldades para o trabalho docente, disse que não, que desde que as pessoas contassem com isso, já sabiam com o que contar e tinham é que se preparar para trabalhar de maneira a não contar com equipamentos insuficientes ou inexistentes.

Quando lhe perguntei o que achava sobre o funcionamento do CP, como achava o seu funcionamento, ela respondeu sem hesitar: "Mal, o CP, funciona mal..."

Ainda sobre isso a [nome de profª - 4] caracterizou o seu funcionamento desse órgão dizendo que "... olha, no CP, há uns que estão por que são obrigados, outros interessam-se e discutem, mas depois vai dar tudo ao mesmo...". Segundo ela há muito a opinião entre os membros do pedagógico, e percebi que também ela comunga dessa opinião, que "... para quê estar a discutir, a Piedade acaba sempre por levar a dela avante... portanto não vale a pena estar-se com grandes discussões..."

"Portanto...", acrescentou "... a maior parte das vezes é... um deixa andar".

Diz que "Eu bem não me calo, aliás a [nome da PCD] já sabe disso, e mesmo sabendo que ela acaba por levar a dela avante, eu não me calo..."

Perguntei-lhe como é que ela via o facto de na generalidade dos casos, haver muito poucas decisões e que na maior parte dos casos, nunca existia votação.

Disse: "... pois é isso mesmo, as coisas não são votadas... é isso, é o consenso, as coisas são discutidas, mas depois..."

Sobre a possibilidade de o CP funcionar melhor se funcionasse por secções, a [nome de profª - 4] disse que não sabia bem como é que isso poderia funcionar, porque lá também tinham as secções, mas que de facto elas não funcionavam, só estavam no papel.

A certa altura quis saber qual o tema da dissertação. Expliquei-lhe que se tratava da análise do conflito de papeis - o PCD como representante do Estado e representante dos docentes. Nisto ela exclamou: "Oh, sobre isso a [nome da PCD] é muito bem escolhida... por vezes ela mais parece representante do Ministério. Certa vez pôs-se a fazer contas com o dinheiro, a propósito de uma coisa qualquer com os horários dos professores, que mais parecia que o dinheiro era dela, na defesa das posições do ministério.

Em termos do funcionamento do CD disse que achava que a PCD estava, com o passar dos anos menos "ditadora". Segundo ela, ainda se lembrava, no primeiro ano do conselho directivo, tinha sido terrível, ela, a PCD tinha entrado por ali com muita força, muito directiva e autoritária, depois com os anos foi apreendendo que as coisas não podiam ser assim.

Coloquei-lhe a questão da eventual mudança do CD, dizendo que pelo que me tinha apercebido, algumas pessoas achavam que isso seria benéfico, mesmo que depois a [nome da PCD] voltasse ao cargo. Ela disse que uma vez tinha havido movimentações no sentido de arranjar uma lista. Tinham vindo ter com ela para integrar a lista, mas que ninguém quis encabeçar esse lista e que ela também não achava que tivesse condições para o fazer.

Perguntei-lhe se isso era uma coisa que regularmente se colocava, isto é, tentativas de apresentar alternativas ao actual CD. Ela disse que não, que desde que estava naquela escola, essa tinha sido a primeira e única tentativa de mudar o CD de que tinha conhecimento.

Porque é que isso era assim? Se isso não seria também um reconhecimento de que a escola estaria a ser bem dirigida?, perguntei.

"Não sei, não sei se será um reconhecimento de que está a ser bem gerida", respondeu a [nome de profª - 4]. Não quer dizer que esteja a ser mal gerida, mas pode ser por outras razões?

Então quais? A inexistência de pessoas, de liderança?, quis saber eu.

“Olha, com efeito, eu ponho-me a pensar, a olhar para todos os colegas da escola, e realmente não vejo ninguém, sinceramente não vejo ninguém em condições para assumir o cargo. Aliás a PCD esta última vez, quando foi das eleições, ela disse que não ia apresentar lista, que só apresentaria, no caso de não aparecer mais nenhuma, e eu acredito que estivesse a ser sincera”, disse a [nome de profª - 4]

A finalizar a conversa eu manifestei o desejo de falar com ela noutra altura, até porque a conversa tinha sido muito interessante, mas que dessa vez teria de ser gravada, porque assim não corria riscos de não reproduzir com fidelidade as suas ideias e opiniões. Ela disse que a melhor hora era sempre às 12.30, exceptuando a segunda-feira em que não tinha aulas.

**ANEXO XII**

**REGISTOS DE OBSERVAÇÃO**

**DE VISITAS - ESCOLA B**

## A) VISITA DO DIA 14 JUN 1996

vs201a

14/06/95 - 10h 30m - 13h 00m - Escola B

REGISTO DA VISITA REALIZADA À ESCOLA B

Objectivos da visita - Reunião com elementos do CD para:

- Apresentar a equipa do projecto;
- Dar a conhecer os objectivos do "estudo de caso" e os traços gerais do trabalho a realizar;
- Procurar criar, desde o início, um clima favorável à colaboração do CD;

Nesta visita à escola participaram: João Barroso; Miguel Costa; Elisabete Filipe e Luís Leandro. Do CD estiveram presentes o seu presidente e secretária. Pareceu-me que ambos os elementos do CD, se mostraram muito cordiais na recepção dando a sensação duma certa abertura na primeira troca de palavras, embora já soubessem da nossa missão, por terem sido informados pela Direcção Regional de Educação de Lisboa - DRELx.

Fomos para a sala do CD, que apresentava uma certa confusão no pequeno espaço que tinha, devido à chegada de alguns materiais do Ministério para entregar aos alunos. O espaço era demasiado pequeno mas ainda lá cabiam dois *maples*, uma mesa pequena e dois armários com dossiers, para além de algum material.

A apresentação foi efectuada pelo coordenador da equipa, Prof. João Barroso que fez um pequeno desenvolvimento sobre o trabalho e sobre a forma como o iríamos realizar.

Foram apresentados os objectivos e a natureza do trabalho que nos propúnhamos realizar:

a) Foi ponto em evidência o facto de não se tratar nem de "uma avaliação" ou "inspecção", mas sim de um estudo que procurava fazer a "história" da escola nos últimos dez anos e a sua caracterização em domínios como: modos de organização e gestão; actividades desenvolvidas; características da população docente e discente; problemas de funcionamento e modos de os resolver; adaptação ao processo de reforma em curso (área-escola, projecto educativo, novos programas, etc.); aspectos relacionados com o clima e cultura da escola; relações com o meio ambiente, etc.

b) Identificaram-se os dados que iam ser objecto de uma recolha imediata tendo em vista elaborar um relatório inicial que permitisse definir a escola e o seu contexto: características físicas; número de alunos e sua distribuição por sexo, idade, anos de escolaridade, resultados escolares e residência; caracterização da população escolar do ponto de vista sócio-económico e cultural (origem familiar, subsídios do SASE, etc.); número de professores e sua distribuição por sexo, idade, categorias profissionais, grupos de disciplinas, e residência; número de pessoal não docente e sua distribuição por sexo, idade, categorias profissionais; iniciativas em curso na escola (para lá das actividades lectivas); relações com o meio.

c) Combinou-se que os elementos da equipa se deslocariam nas próximas semanas à escola e que se procuraria evitar qualquer tipo de sobrecarga à escola. A ideia é que fossem disponibilizadas as fontes de informação que os elementos da equipa se encarregariam da recolha dos dados.

O PCD ia respondendo a algumas questões que lhe eram dirigidas e também deu a conhecer uma breve história sobre a escola. Disse que a escola foi criada no tempo do Ministro Veiga Simão, vai fazer 29 anos no próximo mês de Outubro e começou por chamar-se Escola [nome de escola - 3]. Mais tarde (dez anos depois), quando foi construído o novo edifício para esta escola, passou a chamar-se Escola [nome de escola - 9] e, depois de se construir o edifício para onde foi transferida esta escola, passou a chamar-se Escola C+S dos [nome de povoação - 13] (há cerca de 10 anos). No início começou por ser apenas escola do Ciclo mas, com a Reforma em 1992/93, começou a dar cobertura ao 3º ciclo do Ensino Básico (7º, 8º anos e este ano, também o 9º ano de escolaridade).

Segundo o PCD já se pensa construir uma nova escola naquele espaço há uns anos, mas agora parece que já existe verba destinada a esse fim e talvez se comece em Outubro próximo a construção do primeiro bloco, no espaço onde funciona o CD e os Serviços Administrativos.

Sobre a designação do CD, foi-nos dito pelos dois elementos presentes que estavam no cargo desde que esta escola existe, sempre foram eleitos, mantendo-se o "núcleo duro" - 3 elementos. De início, por haver mais de 1000 alunos, era composto por 5 elementos, mas presentemente são apenas três, por haver uma população de cerca de 900 alunos.

O corpo docente é constituído por cerca de 90 professores, pertencentes ao Ciclo e Secundário; é estável, pois grande parte mora nas proximidades da escola.

A CDT mantém-se no cargo há bastante tempo e tem sido sempre eleita. Com a implementação dos programas da Reforma apenas a profª. de Práticas Administrativas ficou sem hipótese de horário. Esta profª. veio a dinamizar o Clube de Dactilografia.

Não possuem PEE, embora desenvolvam um PAA e tenham dispensado alguma atenção especial à dinamização dos projectos da Área-Escola. Durante o ano realizam algumas visitas de estudo, sendo apoiados pela Junta de Freguesia na cedência de autocarro.

Os alunos são grande parte provenientes de [nome de povoação - 9] - cerca de 50% -, dos [nome de povoação - 13] e de zonas próximas com alunos excedentários. Alguns alunos são oriundos dos PALOP's e de famílias com fracos recursos. Fomos informados que existem bastantes problemas disciplinares.

As condições em que se encontram estes alunos são bastante precárias: sem sala de convívio, sem espaço de recreio destinado a campo de jogos e com aulas sem o mínimo de condições. No presente ano lectivo funcionaram 41 turmas, em regime de desdobramento, com uma média de 24 alunos/turma.

A APEE foi constituída no presente ano lectivo mas não manifesta grande capacidade de empenho pela melhoria de condições e mesmo antes, os pais nunca encetaram uma manifestação de desagrado pela forma como os seus filhos estavam a ter aulas nesta escola.

Em seguida foi feita uma visita à escola acompanhada pelo PCD. A visita efectuada às instalações foi-me permitido "chechar" a seguinte situação:

1 - As instalações feitas de pré-fabricados, apresentavam já, na sua totalidade, um elevado estado de degradação (exterior e interior);

2 - O espaço interior entre as salas está todo alcatroado, bastante inclinado e junto da sala esquerda, mais baixa, bastante danificado, com buracos enormes junto às salas.

3 - As sarjetas estavam completamente tapadas, impedindo o escoamento das águas.

4 - O espaço destinado a recreio coberto tinha cerca de 50 m<sup>2</sup>, a 3 m duma sala de aula, num nível mais alto que o solo, apenas com uma passagem (para 900 alunos).

5 - Entre alguns blocos de salas havia coberturas em chapas de plástico, já em mau estado.

6 - Muitas salas têm persianas em alumínio e estão sempre com as janelas fechadas, mesmo durante o decorrer das aulas.

7 - As aulas funcionam de porta aberta para entrar a claridade pois não se pode acender a luz porque faz reflexo no quadro e os alunos não conseguem ler o que nele está escrito.

8 - Não há luz sobre o quadro, do tecto as placas de vez em quando estão a cair, há infiltrações de água nos telhados, que se partem facilmente com uma pedra, e em algumas salas há fendas que põem em risco a própria vida dos alunos, conforme nos informou o PCD.

9 - O pavilhão desportivo (dividido em duas salas), interiormente, estava com aspecto de alguma conservação, embora se notassem infiltrações no tecto e os vidros das janelas partidos.

10 - Não possui refeitório nem Balneários o que causa algum transtorno ao funcionamento da escola.

11 - O laboratório misto (C.Natureza e C.Físico-Químicas) está muito pouco apetrechado, servindo para guardar também alguns retroprojectores.

12 - A biblioteca demasiado pequena para esta população, está com poucos exemplares de livros e serve para projectar alguns vídeos, funcionando também como sala de aula.

13 - A sala de E.V.Tecnológica está em péssimas condições, tecto a cair, demasiado pequena e sem o mínimo de material.

14 - As casas de banho dos alunos não têm mictórios, apenas com 2 lavabos e 5 sanitas, denota-se falta de condições de higiene para estes alunos.

15 - O bar dos alunos é pequeno e sem mesas nem cadeiras. Aparentava alguma conservação interior.

16 - A sala do corpo docente, dividida em espaço para fumadores e não fumadores estava muito bem cuidada, apesar do espaço ser muito pequeno e ter ainda no seu interior as casas de banho (1 homens e 1 senhoras) e o bar.

17 - De notar que no seu início esteve a funcionar, no espaço da escola, um infantário da Obra Social destinado aos filhos dos professores e funcionários, mas que já não está a funcionar.

18 - A vedação foi colocada há pouco tempo e foi construído um muro com aproximadamente 2 m de altura, em cerca de metade do espaço circundante.

Da conversa com o PCD pareceu haver, da parte da população vizinha, vontade de ver substituída a escola por um parque de estacionamento. Os alunos de vez em quando atiram pedras contra os prédios vizinhos e partem os vidros das janelas, o que tem originado algum mal estar.

Por sua vez, o corpo docente parece empenhado em não ver desaparecer o seu local de trabalho, mas querem-no renovado e com outras condições.

Pode ser que nesta oposição de vontades acabemos por encontrar a resposta para, por um lado, a manutenção desta escola e por outro, ainda se não ter construído outra.

Que outras razões poderíamos encontrar para que, em pleno limiar do século XXI, ainda possam existir escolas a funcionarem em condições tão deploráveis que se envergonham um Estado de direito democrático?

Observações:

- A escola fica situada numa espécie de pátio cercado de prédios, menos num dos lados (o da entrada) que dá para uma pequena praça de estacionamento, com algumas árvores e zonas relvadas. Os prédios envolventes têm características diferentes do ponto de vista da sua antiguidade, estado de conservação e aparente estatuto sócio-económico dos moradores.

- A escola é constituída por pavilhões pré-fabricados de madeira, muito antigos (+ de 20 anos) e num estado lastimoso de conservação e encontra-se cercada por uma rede de ferro de malha bastante grossa. A impressão geral do conjunto da escola é bastante deprimente.

- A sala onde decorreu a reunião (que é a sala do CD) reflecte a ambiência geral da escola. É uma sala acaanhada, com duas mesas de salas de aulas juntas e uma secretária pequena, armários, e um recanto com dois pequenos sofás e uma pequena mesa de apoio. O espaço está atravancado de vários objectos (taças, papéis, arquivos, etc.) e tem um ar "decrépito".

- Os restantes pavilhões onde se desenrolam as aulas e funcionam os serviços de apoio (secretaria, SASE, sala de professores, bufete dos alunos, casas de banho) encontram-se igualmente muito degradados (sujos, com buracos nas portas, partes do tecto a cair, infiltrações, “*graffitis*” em algumas paredes, etc.)

- Entre os aspectos que mais “chocaram” na visita são de salientar:

\* Todas as salas de aulas funcionam com as persianas fechadas (foi aplicado um dispositivo para impedir que possam ser subidas), com luz artificial e insuficiente, o que juntamente com a degradação física do espaço, dá às salas de aulas um aspecto de “tugúrio” ou de “caverna”. A decisão de manter as persianas fechadas deve-se segundo o PCD, à necessidade de evitar perturbações causadas pelos alunos que brincam no espaço inter-pavilhões (que serve de “recreio”) para o qual dão as janelas.

\* As instalações sanitárias funcionam em parte de um pavilhão e além de inconcebivelmente deterioradas são manifestamente insuficientes (cerca de 8 sanitas para 900 alunos).

\* Os alunos não têm espaço de recreio.

\* A sala de professores além de igualmente acanhada, tem umas instalações sanitárias improvisadas que separam um espaço de fumadores, de um pequeno bar (este com um aspecto melhor do que o resto)

\* O espaço considerado como “biblioteca” é uma sala com dois ou três armários e mesas de sala de aula, sem quaisquer condições.

Pistas para o Estudo:

- A questão que se coloca de imediato é a necessidade de introduzir no estudo de caso uma dimensão que abranja a “história” do que se passou ao nível da administração central, regional e do estabelecimento de ensino que explica o arrastamento dessa situação: diligências que foram feitas para resolver esta situação (antigos “Equipamentos Educativos”, Direcção Regional, e a própria escola); influência das características das famílias no “arrastamento” da situação; verificar se existem estratégias de famílias que residem na zona e deliberadamente procuram outra escola; identificar as estratégias dos actores internos (em particular dos professores mais antigos e do CD); confirmar a existência de uma pressão dos moradores no sentido de a escola sair dali.

- A importância da situação em que a escola se encontra obriga a ter uma descrição pormenorizada do seu estado. É importante verificar a influência que esta situação teve no funcionamento da escola, nos comportamentos dos professores, alunos e outro pessoal, na aplicação da reforma, na definição das características da população escolar, etc.

- Desenvolver a recolha de dados sobre a gestão, já que a maior parte dos membros do conselho directivo (e em particular o seu presidente) são sucessivamente eleitos à cerca de 10 anos.

- Analisar o comportamento dos professores mais antigos na “acomodação a esta situação”, mas ter, também, particular atenção aos professores recém-chegados (que reacção tiveram quando viram a escola, como se faz a sua integração, etc.)

- Ver o funcionamento do CP no que se refere, nomeadamente, ao modo como gere esta situação, do ponto de vista pedagógico.

- Ver o que se passa com os “estágios” de uma escola particular de formação de professores.

- Analisar os processos disciplinares na sua relação com o espaço degradado.

- Recolher informação sobre o processo de “negociação da rede” com as escolas vizinhas (ver por exemplo, quantos alunos se inscrevem em primeira prioridade na escola e que diferenças existem entre eles e os que acabam por ir para lá em outras prioridades).

## B) VISITA DO DIA 23 JUN 1996

vs202a

23/06/95 - 10h 30m - 13h 00m - Escola B

REGISTO DA VISITA REALIZADA À ESCOLA B

[10.30]

Cheguei à escola o Prof. João Barroso já lá se encontrava. No gabinete do CD, encontrava-se ele acompanhado do PCD. Tal como estava combinado a finalidade da visita prendia-se com a tentativa de fazer uma primeira aproximação dos pontos relativos às estruturas de gestão e organizacionais. Para além da obtenção de dados relativos à composição e caracterização dos órgãos de gestão, procurava-se numa conversa informal obter informações sobre o funcionamento dos órgãos de gestão e da escola em geral.

Enquanto a conversa se desenvolvia entre o PCD e o João Barroso, fui tomando notas/apontamentos ocasionalmente.

## GRELHA DE REGISTO DE INFORMAÇÕES SOBRE : GESTÃO/ESTRUTURAS

## 01. DADOS RELATIVOS AOS MEMBROS DO CONSELHO DIRECTIVO

Cargos	Idade	Sexo	Grupo	Categ. Escalão	Exp/Ens.	Exp/Gest.	94/95
Presidente	57	M	4º - 2º ciclo	PQND - 7º 1º	21	14	CD.
Vice-Presidente	58	F	2º - 2º ciclo	PQND - 6º	18	7	CD.
Secretário	46	F	5º - 3º ciclo	PQND - 7º 3º	27	21	CD.
Rep. Pessoal	54	F	Pessoal Auxiliar	Chefe Pessoal	22	-	CD.

obs.: Estes dados foram colhidos nos dossiers dos processos individuais.

## 02. DADOS RELATIVOS AO ÓRGÃO CONSELHO DIRECTIVO

2.01. Forma de escolha: Eleição? / X /; Nomeação? / \_ /

obs.:

2.02. No caso de Eleição, houve: Lista única? / \_ / Outra(s) listas? / X /

obs.: Apresentaram-se à eleição duas listas candidatas. Não foi perguntada qual a razão do surgimento de outra lista. No entanto, dado o facto de o actual conselho ter funcionado no biénio anterior, seria de esperar que o PCD pudesse ter tomado da iniciativa, e ter adiantado algum comentário ou esclarecimento, mas tal não aconteceu. Como tal, nesta fase dos trabalhos não pareceu conveniente abordar o assunto.

[RP01 - Estar atento e ver se este ponto deve ou não vir a ser objecto de recolha de informação - considerando as características da escola parece não poder ser descartada essa necessidade]

2.03. No caso de Eleição houve apresentação de um programa de acção: sim? / \_ /; não? / X /

obs.: Segundo o PCD não houve apresentação de programa, nem de qualquer plano de acção de nenhuma das listas. Pela forma como o assunto foi abordado pelo PCD, pareceu natural tal situação.

[RP02 - talvez tenha interesse auscultar a opinião dos professores sobre este aspecto (cf. RP1)]

2.04. Qual a vigência do actual mandato? 1992/93-1993/1993 / \_ / 1994/95-1995/96 / X /

obs.:

2.05. Periodicidade das reuniões. Quantas reuniões se realizaram no corrente ano:

Ordinárias / \_ /; Extraordinárias / \_ /

obs.: O funcionamento do conselho é completamente informal. Formalmente são elaboradas as actas (uma por mês) apenas para cumprimento das disposições legais. Semanalmente os membros encontram-se e trocam informações e decisões informalmente. Para além disso encontram-se, por via de regra, em permanente contacto na gestão quotidiana. Tal procedimento, dispensa a realização de reuniões extraordinárias. Este tipo de funcionamento deixa antever que a participação do representante do pessoal não docente, enquanto membro do conselho é praticamente nula.

Perguntado se havia alguma divisão de tarefas entre os membros do conselho, o PCD afirmou haver a que está estabelecida pelos normativos (ou seja: secretária é responsável pelos SASE e o PCD preside ao conselho administrativo). De resto o PCD não foi conclusivo sobre a distribuição de funções e responsabilidades entre os membros do conselho. Concretamente a única informação que se conseguiu obter foi a de que o presidente e a vice-presidente tratam em conjunto as questões relativas ao pessoal (docente e não docente). Note-se que o horário habitual de presença dos membros do conselho é o seguinte: presidente indistintamente de manhã e de tarde, vice-presidente de Tarde e secretária de manhã. De passagem o PCD foi dizendo a as reuniões dos conselhos disciplinares são presididas pela vice-presidente, o que parece indicar que a área disciplina escolar é um pelouro daquele membro do conselho. Relativamente a outras áreas (Alunos, Formação, Manutenção, Actividades Extracurriculares, Relações com o Meio, Desporto Escolar, Segurança, etc.) nada indica que haja atribuição específica de responsável. O PCD não foi muito loquaz sobre o assunto.

[O funcionamento da equipa com este grau de informalidade e de aparente(?) centralismo (não percebido ou admitido naturalmente pelos restantes elementos da equipa) pressupõe um entendimento muito forte que pode eventualmente não basear-se apenas no contacto diário dos elementos da equipa na escola, mesmo que durante vários anos. Haverá alguma forma de convívio e relacionamento entre os elementos da equipa fora do quadro profissional, ou seja frequentam as casas uns dos outros? as respectivas famílias convivem regularmente? etc.]

## 03. DADOS RELATIVOS AOS MEMBROS DO CONSELHO PEDAGÓGICO

	Grupo	Ciclo	Idade	Sexo	Cargo	Exp/Ens	Exp/Esc	93/94-CP	Mandato
01	4º-1	2º	57	M	PCD	21	9	sim	93/95
02	5º-3	3º	58	F	VPCD	18	7	sim	93/95
02	1º-2	2º	60	F	DD-Port2	33	11	sim	93/95
03	1º-2	2º	41	F	DD-His2	18	11	sim	93/95
04	2º-2	2º	42	F	DG-Fra2	21	8	sim	93/95
05	3º-2	2º	50	F	DG-Ing2	25	11	sim	93/95
06	4º-2	2º	55	F	DD-Mat2	31	11	sim	93/95
07	4º-2	2º	56	F	DD-CN2	32	11	sim	93/95
08	5º-2	2º	55	F	DG-EVT2	34	11	sim	93/95
09	EF-2	2º	49	M	DG-E.Física2	27	11	sim	93/95
10	EM-2	2º	63	F	RP-EM2	27	11	sim	94/95
11	ER-2	2º	59	F	RD-EMRC	22	2	não	94/95
12	1º-3	3º	34	M	DG-Mat3	11	1	não	94/96
13	4ºA/B-3	3º	38	F	DG-CFQ3	16	1	sim	94/96
14	5º-3	3º	38	F	DG-EV3	20	7	sim	94/96
15	8ºA-3	3º	34	F	DG-Por3	9	4	sim	94/96
16	8ºB-3	3º	43	F	DG-Fra3	20	7	sim	94/96
17	9º-3	3º	36	F	DG-Ing3	17	4	não	94/96
18	10ºA-3	3º	40	F	DG-His3	16	4	sim	94/96
19	11ºA-3	3º	33	M	DG-Geo3	11	2	sim	94/95
20	11ºB-3	3º	31	F	DG-CN3	8	5	sim	94/95
21	EF-3	3º	36	M	DG-E.Física3	15	3	sim	94/95
22	ET-3	3º	34	F	DG-ET3	16	5	sim	94/96
23	CDT		48	F	CDT	25	11	sim	94/96
24	A.P			M	APEE			sim	94/95

obs.: Os restantes dados serão retirados das folhas relativas ao Pessoal Docente.

## 04. DADOS RELATIVOS AO ÓRGÃO CONSELHO PEDAGÓGICO

4.01. Existe um regimento interno do conselho? Sim / ☐ /; Não / ☒ /

obs.: Não existe regimento interno do CP. As normas de funcionamento do CP (composição, convocatórias, votações, organização interna, secretariado, duração das reuniões, calendário das reuniões) não constam de qualquer documento formalmente aprovado pelo órgão. No entanto a propósito da convocação das reuniões e datas de reunião o PCD informou que em cada reunião é geralmente marcada a data da reunião seguinte. Fica-se, também com a ideia que, no entanto, o PCD não sente haver muitos entraves ao seu livre arbitrio na convocação de reuniões do conselho. Percebeu-se igualmente que o PCD não fazia ideia do que era um regimento interno (o que de resto é uma figura prevista no Despacho 8/SERE/89).

4.02. Qual é a prática na eleição dos del.:

Eleição Formal? / ☒ /; Rotatividade? / ☐ /; Consenso? / ☐ /; \_\_\_\_\_ / ☐ /

obs.: Segundo o PCD nos grupos onde o número de professores o permite são realizadas eleições (no sentido verdadeiro do termo). Portanto não se verifica a prática da rotatividade assumida pelo grupo de professores. Noutros grupos em que por existir apenas um profissionalizado (exemplo: Matemática - 3º ciclo), formalmente o del. é eleito (mandato dois anos), mas de facto não existe eleição, no verdadeiro sentido do termo. A propósito da delegação/representação notou-se que o PCD não atribui grande importância a essa distinção, quando em dado momento referiu ser del. de matemática um prof. não profissionalizado (curiosa este aspecto se se atender a que o número de horas de redução ser diferente - qual será o número de horas de redução de actividades lectiva atribuída a esse prof.?).

4.03. Qual é a prática corrente na nomeação dos representante:

Proposta do Grupo? / ☐ /; Consulta do Grupo? / ☐ /; Decisão do CD s/consulta / ☒ /

obs.: Também aqui a prática seguida depende da situação concreta do grupo. Casos há em que não há escolha possível como é natural na situação de haver apenas um prof. na disciplina/grupo (Ed. Moral e Religiosa). Nos casos em que há essa possibilidade, é o PCD que faz essa escolha sem sentir necessidade de consultar quem quer que seja. Perguntado se pedia uma proposta ao colectivo de professores, ou se o consultava (mesmo que informalmente) disse que não. Ele fazia a nomeação. Das suas palavra dá a entender que se trata de uma decisão pessoal e não da equipa directiva.

4.04. Funcionamento do conselho. As reuniões realizam-se:

Só Plenário? / ☒ /; Só em Secções / ☐ /; Ambos os tipos / ☐ /



obs.: As reuniões realizam-se apenas em plenário e não existe nenhuma secção. Nem a secção de Formação nem a Secção Área Escola. A propósito das actividades da Área-Escola, o PCD perguntado sobre o tipo e forma de avaliação dessas actividades disse ter havido apenas uma avaliação no final do ano lectivo.

*[Dada a inexistência de uma Secção ou Grupo de Trabalho no seio do conselho dedicada à Área-Escola, procurar obter informações sobre a forma como o CP realiza a programação, orientação e avaliação dessa componente curricular previstas nos normativos legais - a não realizar-se nenhuma dessas funções (em termos formais) será que nenhum elemento do CP se insurgiu? Ver se esta questão é pertinente/relevante no âmbito do estudo]*

*[Sendo obrigatória a existência de uma Secção de Formação (ponto 4.1. do Despacho 8/SERE/89) e havendo um protocolo com uma Escola Superior de Educação Privada, em termos de formação de professores, como é possível não existir uma secção de formação. O PCD desconhece os normativos? Os restantes membros nunca colocaram a questão. Como gere o CP e o CD esta questão do protocolo? Os aspectos formais, relatórios e pareceres sobre essa actividade de formação como são elaborados e aprovados se não existe Secção de Formação? Ver a pertinência destas questões no âmbito do estudo]*

4.05. Periodicidade das reuniões. Quantas reuniões se realizaram no corrente ano:

Ordinárias / ☐ /; Extraordinárias / ☐ /

obs.: As reuniões ordinárias realizam-se mensalmente. O PCD informou não ter havido no corrente ano lectivo nenhuma reunião extraordinária.

*[Numa primeira abordagem poder-se-ia ser levado a pensar que, em face das condições materiais em que funciona a escola, houvesse situações extraordinárias, relacionadas com a disciplina, aprovação de relatórios a reivindicar a resolução de problemas, etc., a merecerem reuniões extraordinárias do conselho - numa escola que toda ela é extraordinária como se consegue evitar reuniões extraordinárias do CP?]*

4.06. Normalmente o RAPEE está presente?

Sim /X /; Não / ☐ /

obs.: Segundo o PCD o representante da associação está normalmente presente nas reuniões. Esclareceu que geralmente é a mesma pessoa: o presidente da direcção.

4.07. Costumam estar presentes os representantes dos alunos?

Sim / ☐ /; Não / ☐ /

obs.: O CP não tem representantes dos alunos. Não tendo sido perguntado porque razão não havia essa representação, também nada mais disse o PCD. Ressalta alguma insensibilidade do PCD (CD? professores em geral?) para este nível da problemática da participação dos alunos no CP. A confirmar ou infirmar numa fase mais adiantada do estudo.

*[Algumas questões que poderão/deverão ser levantadas a este propósito poderão ser: os alunos sabem que têm direito a ter representantes no conselho? e o RAPEE? foi alguma vez dinamizado, incentivado, pelo CD e/ou membros do CP. processos de escolha e/ou eleição dos representantes dos alunos? se sim, que resultados se obtiveram? se não, porquê? que outros mecanismos de auscultação têm o CD e o corpo docente em geral sobre os sentimentos e expectativas dos alunos sobre a situação da escola?]*

4.08. O representante do conselho consultivo costuma estar presente?

Sim / ☐ /; Não / ☐ /

obs.: Não existe conselho consultivo. O PCD foi, entretanto informando que houve apenas uma reunião do conselho consultivo em 92/93, e que depois disso nunca mais convocou ou fez qualquer diligência no sentido de activar este órgão.

*[Não sendo uma situação fora do comum face ao panorama geral, na maior parte das escolas este órgão não reúne nunca, esperar-se-ia que este órgão pudesse funcionar como uma força de pressão e de apoio para as posições do CP e CD relativamente à administração central no tocante à resolução dos graves problemas de instalações da escola. Não se justificaria uma insistência na tentativa de activação deste órgão?]*

4.09. Se o funcionamento está organizado em secções quais são elas:

----- número de elementos / ☐ /

----- número de elementos / ☐ /

----- número de elementos / ☐ /

obs.: O CP não funciona por secções, nem existem secções.

4.10. A CDT:

Foi eleito? /X /; Foi nomeado? / ☐ /

obs.: A CDT foi eleita e encontra-se no primeiro do mandato de dois anos (94/95-95/96).

4.11. A CDT. Há quanto tempo exerce o cargo? / ☐ / anos

obs.: Não foi possível saber há quanto tempo exerce o cargo e quantos anos de exercício tem do cargo. Esta informação poderá ser conseguida quando for entrevistada. Entretanto o PCD informou que os anos que leva no cargo (cerca de 9 anos) o cargo de coordenador foi desempenhado por duas pessoas. A actual coordenadora cumpriu também o mandato de 92/92.

*[Poderá ter interesse saber como aparece a candidatura da prof.<sup>a</sup> ao cargo. Por iniciativa própria? Porque não há mais nenhum interessado ("não me importo se não há mais ninguém")?. por "arranjo" com o CD (este sugere, convida, motiva, incita?)? é o "quinto elemento do CD"? Tem havido mais de uma candidatura ao cargo?]*

## 05. DADOS RELATIVOS AO ÓRGÃO CONSELHO ADMINISTRATIVO

5.01. Quem preside ao conselho?

O PCD /X /; A VPCD /\_\_/

obs.:

5.02. Periodicidade das reuniões. Quantas reuniões se realizaram no corrente ano:

Ordinárias /1 vez por mês/; Extraordinárias /não houve/

obs.: As reuniões do CA sendo ainda caracterizadas por um carácter muito informal (recorde-se que o contacto quotidiano entre os três membros é muito intenso para tanto contribuindo também a contiguidade do gabinete do CD e os Serviços Administrativos) são-no menos do que as do conselho directivo. A natureza das relações de trabalho dos membros do conselho directivo e da chefe dos serviços administrativos pode, numa primeira abordagem, ser apreciada pela seguinte ocorrência: no momento em que foi necessário saber alguns dados relativos à chefe dos serviços, o PCD da mesa onde estávamos perguntou em voz alta lá para dentro (a idade, anos de serviço, etc.) tendo a chefe dos serviços respondido da mesma forma. A diferenciação dos espaços (gabinete do CD/Serviços Administrativos) é relativamente ténue, do ponto de vista dos seus ocupantes.

5.03. Dados relativos ao vogal do conselho administrativo:

Idade	Sexo	Categoria.	Anos Serviço	Anos na Escola
47	F	Oficial Principal	9	9

obs.: O tempo de serviço considerado é apenas relativo ao serviço em estabelecimento de ensino.

## 06. DADOS RELATIVOS AO ÓRGÃO CONSELHO CONSULTIVO

6.01. Composição do conselho: -----

obs.: Não existe conselho consultivo (cf. 4.08)

6.02. Periodicidade das reuniões. Quantas reuniões se realizaram no corrente ano:

Ordinárias /\_\_/; Extraordinárias /\_\_/

obs.: Não se realizaram reuniões (cf. 4.08)

## 07. DADOS RELATIVOS AOS MEMBROS DO CONSELHO DE DIRECÇÃO

Cargo Estatuto	Idade Sexo	Cat.	Anos Ensino	Anos na Escola	Anos C. DIR	93/94 C.DIR	92/93 C.DIR	Costumam estar presentes?
01								
02								
...								

obs.: A última reunião deste órgão realizou-se em 1992/1993

## 08. DADOS RELATIVOS AO ÓRGÃO CONSELHO DE DIRECÇÃO

8.01. Qual é a prática corrente na nomeação dos directores de instalações:

Proposta do Grupo? /\_\_/; Consulta do grupo? /\_\_/; Decisão do CD s/ consulta /X /

obs.: Na escola existem os seguintes direcções de instalações:

Laboratórios de C.Natureza/Físico-Químicas

Instalações Gimno-Desportivas

Salas de E.Tecnológica e Visual

Biblioteca

Os directores são nomeados pelo PCD sem qualquer pedido de proposta do grupo disciplinar e sem a sua consulta (cf. 4.03). Neste ano lectivo 94/95 os del. dos grupos 4ºA/B e E.Física são simultaneamente directores de instalações. Relativamente à biblioteca existe o cargo de director de instalações sem isso seja o resultado de aproveitamento de horários incompletos. A atribuição desse cargo é feito de per si, e não por quaisquer razões daquele tipo. A gestão de verbas para os gastos de funcionamento dos grupos disciplinares e para as direcções de instalações (função que é da competência do conselho de direcção, tal como acontece aliás com as verbas do fundo de manutenção, lucros do bufete e da papelaria) é feita pelo CD (e conselho administrativo). Perguntado se havia disputas entre os directores de instalações e/ou del. de grupo, a propósito da distribuição dessas verbas, o PCD disse que não. Ele procedia a essa distribuição conforme as necessidades e geralmente não havia discussões sobre isso. Acrescentou que se calhar não era assim que devia ser feito, mas que enfim... tinha de ser por o conselho de direcção não funcionar..

8.02. Periodicidade das reuniões. Quantas reuniões se realizaram no corrente ano:

Ordinárias /\_\_/; Extraordinárias /\_\_/

obs.: Não houve reunião nenhuma (cf. 8.01)

## 09. DADOS RELATIVOS À APEE

9.01. Existe APEE? sim /X /; não /\_\_/

obs.: Existe APEE. Até esta data, nunca no passado houve associação. Apenas se recorda o PCD de em determinada altura ter havido uma pró-associação, mas que não teve êxito.

9.02. Inicialização de criação:

Movimento autónomo dos pais? / ☐ /; Inicialização da Escola/CD? /X/

obs.: Na criação da APEE o CD teve um papel importante. Segundo informação do PCD, sistematicamente todos os anos, no princípio, os sucessivos conselhos directivos promovem reuniões de pais no sentido de os motivar a auto-organizarem-se para constituírem uma associação. Este ano conseguiu-se. As reuniões da associação realizam-se nas instalações da escola. Perguntado se o CD era convidado, como observadores ou para prestar informações ou esclarecimento, a representar-se nessas reuniões, o PCD disse que não e que julgava isso natural. Ele também não convidava a APEE a assistir às reuniões do CD. Por outro lado referiu que se realizavam regularmente (não disse em quantas) ? reuniões (encontros) entre o CD e a APEE (directão).

*[Em relação à APEE será conveniente tentar chegar à fala com alguns dos seus membros, para obter uma informação mais pormenorizada]*

9.03. Ano da criação: 1994/1995

Obs.:

9.04. Periodicidade das reuniões. Quantas reuniões se realizaram no corrente ano:

Ordinárias / ☒ 3 / Extraordinárias / ☐ /

obs.: O PCD informou ter conhecimento de três reuniões ordinárias.

9.04. Relações entre o CD e a APEE:

Boas? /X/; Normais? / ☐ /; Más? / ☐ /

obs.: As relações são consideradas boas, tendo adiantado o PCD que, naturalmente, não estavam de acordo em tudo mas isso não impedia de terem boas relações.

10. DADOS RELATIVOS À ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES

10.01. Existe associação de estudantes? Sim / ☐ /; Não / ☒ /

obs.: Não existe associação de estudantes. Numa altura houve algum movimento no sentido de criar uma associação de estudantes, tendo alguns alunos contactado o CD. Este forneceu aos alunos toda a informação sobre o assunto, mas a coisa ficou por aí.

10.02. Inicialização de criação:

Movimento autónomo dos estudantes? / ☐ /; Inicialização da escola/CD? / ☐ /

obs.: (cf. nº anterior)

10.03. Ano da criação: ----

obs.: (cf. nº anterior)

10.04. Periodicidade das reuniões. Quantas reuniões se realizaram no corrente ano:

Ordinárias / ☐ /; Extraordinárias / ☐ /

obs.: (cf. nº anterior)

10.05. Relações entre o CD e a associação de estudantes:

Boas? / ☐ /; Normais? / ☐ /; Más? / ☐ /

obs.: (cf. nº anterior)

INFORMAÇÕES DIVERSAS:

Há cerca de 2 (3?) anos houve uma greve às aulas por parte dos alunos durante 2 (3?) por causa das instalações e especialmente por causa da vedação. Das conversas cruzadas, na sala de professores, ficou-se com a ideia que houve alguma iniciativa da parte dos professores. Nessa altura, afirmaram alguns professores, a televisão foi à escola fazer uma reportagem.

No presente ano lectivo não houve nenhum assalto à escola (para isso poderá ter contribuído a construção da vedação, no entanto foram pelos professores e pelo PCD e pela SCD alguns assaltos em anos anteriores:

Roubo de artigos do bufete (2 ou 3 vezes)

Uma vez em que fracturaram o braço ao Guarda (Porteiro?) e enquanto ele foi tratar-se assaltaram a escola.

Uma outra vez em que um assaltante foi apanhado dentro do gabinete do CD (foi o próprio PCD que o entregou à polícia)

Várias professores com quem falámos durante algum tempo na sala de professores (zona de fumadores), del. de E.V.Tecnológica e de Inglês (estavam presentes também outras professoras, o PCD e a SCD) afirmaram algumas razões da permanência na escola: o bom ambiente entre o pessoal docente e o seu bom relacionamento com o CD, por mais de uma vez isso foi realçado pela del. de Inglês ("brincando" com a eventualidade da reforma do PCD), razões também de cariz pessoal, por ter tudo ali perto, nomeadamente as "donas de casa" ( referência feita pela del. de E.V.Tecnológica.

Foi dito pela del. de E.V.Tecnológica que já tinha passado pelas duas mudanças da escola. Nessa altura os professores para não acompanharem a "escola-nome" tiveram de concorrer para a "escola-local". Esta profª. pela sua loquacidade e antiguidade na escola pode vir a ser uma informante privilegiada. Aliás foi nota dominante no curto espaço de tempo que estivemos à conversa a vontade de falar (e prestar todas as informações) sobre a escola por parte daquele pequeno grupo de professoras.

Aparentemente não é prática corrente a aprovação de critérios de constituição de turmas, nem de elaboração de horários. Perguntado sobre se o CP aprovou critérios a seguir na elaboração dos horários-semanários, o PCD

perguntou que critérios. Por outro lado disse não haver geralmente grandes discussões nem reclamações sobre os horários que são entregues aos professores. Aliás a elaboração dos horários é actividade em que o CD não se mete. Eram elaborados por uma única pessoa, até algum tempo atrás, sendo actualmente elaborado por um pequeno grupo de professores. Pareceu-me um assunto com que o PCD não quer preocupar-se. Resta saber se do ponto de vista pedagógico não deveria importar-se (bem como o CP). Relativamente à distribuição dos alunos pelas turmas, o PCD não deu grandes informações. Mostrou estranheza, também relativamente à pergunta relacionada com a aprovação de critérios. Como concerteza existem critérios quer para uma e outra coisa, resta saber de quem são e quais são.

Relativamente ao Projecto Educativo, PAA, Programa de Apoios e Complementos Educativos, Programa de Actividades Extra-curriculares e Programa de Actividades da Área-Escola, a ideia que o PCD deixou passar é a de que nenhum desses Programas, Projectos e Planos existem enquanto documentos ou coordenação de actividades discutidas, aprovadas e avaliadas pelos CP. Como, no entanto, o próprio admitiu não saber os pormenores a eles relativos, remetendo-nos para a vice-presidente, a CDT e da Área-Escola, ficamos à espera para podermos apurar alguma coisa sobre o assunto. No final pareceu-nos que a haver algum documento escrito, seria o Programa de Actividades da Área-Escola (que segundo o PCD apenas teve no ano anterior uma avaliação no final do ano).

O tema da Área-Escola no corrente ano é O TEJO. Nos dias 28/29/30 de Junho realizar-se-ão actividades de encerramento da escola. Estão previstas as seguintes actividades: Exposição de Trabalhos da Área-Escola; Passagem de Vídeos (feitos pelos Alunos/Professores); Música e Dança; Jogos Tradicionais. Nota: Apesar de ser já para a semana não vimos qualquer publicidade a tais actividades (nem nos foi dado qualquer desdobrável ou folha de propaganda com o programa, não obstante termos mostrado interesse em assistir a algumas dessas actividades). A este propósito importa sublinhar que, a certa altura o PCD (quando se falava sobre o Projecto Educativo, os Planos, etc.), referiu que, mesmo sem (ou talvez por isso mesmo) haver esses documentos escritos, as coisas faziam-se e isso é que era importante. Mesmo em relação ao exterior, não pareceu muito preocupado, dando a entender que as coisas eram feitas para os alunos e para os professores da escola, e não para fazer grandes publicidade para fora.

A propósito do Projecto Educativo, o PCD pareceu-me tomar uma atitude um pouco defensiva e comprometida como que de auto-justificação. Disse não haver no papel um projecto, mas que de facto havia um projecto nas coisas que se faziam. Disse que já tinham pensado em fazer um projecto educativo, e que para o ano seguinte essa era uma ideia a concretizar. De algum modo mais comprometido, mostrou-se em relação ao PAA. Disse não haver um PAA-documento, mas havia actividades que a escola realizava (deu alguns exemplos). A certa altura disse que ia tentar ver o que é que se podia arranjar em termos do PAA. Ficámos na dúvida.

Ficámos a saber que a escola está integrada no programa de Desporto Escolar. Importará saber quem é o coordenador, horas de redução, modalidade desportivas praticadas, verbas recebidas, número de alunos envolvidos, etc.

Existe, também um Clube de Dactilografia. Até agora a única referência a Clubes a funcionar na escola.

Durante a conversa com as professoras na sala de professores, houve pelo menos uma prof.<sup>a</sup> que falou no assunto das janelas das salas entaipadas. Referindo que preferia os miúdos a olhar para fora do que naquela situação. Alguém (talvez ela própria) alvitrou a hipótese de colocar uma rede para proteger os vidros das janelas. O PCD na altura referiu que a situação já era anterior a sua entrada para o CD (e de forma pouco convincente foi dizendo que se a colega preferia ter os alunos a olhar para fora então que seria a uma questão a repensar).

Acerca da disciplina, o PCD disse haver muitos casos disciplinares bem como acidentes escolares (referiu a frequência deste tipo de ocorrência todos os dias nas actividades no ginásio), mas que esses assuntos eram conhecidos com mais pormenor pela vice-presidente e pela secretária do CD. A primeira é que presidida a todos os CT disciplinares.

Sobre a nomeação dos directores de turma e à pergunta se o CD consultava a Coordenadora dos Directores quando da escolha e nomeação dos Directores no início do ano respondeu que não, porque inclusive não havia muito por onde escolher. De qualquer modo essa consulta não era prática seguida.

Segundo a del. de E.V.Tecnológica, que deu a sua experiência enquanto DT em anos anteriores, uma (boa) parte dos alunos não vivem com os pais mas com os avós. Alguns inclusive nem sequer sabem quem é o pai e/ou a mãe. Outros só vêm a escola, por causa do passe e do lanche (segundo a vice-presidente). Outros ainda, vêm para a escola fora do seu horário normal de aulas, simplesmente porque não têm para onde ir, ou porque se sentem melhor ali na escola do que em casa (segundo a VPCD e o PCD, corroborados pelas professoras ouvidas).

Relativamente aos dados sobre a origem sócio-económica dos alunos ficou combinado fazer-se uma grelha de recolha de dados, a partir das fichas de aluno existentes nos dossiers de direcção de turma. Foi-nos dado um exemplar dessa ficha. Do mesmo dossier será possível retirar dados relativos ao comportamento dos alunos (existe no dossier, um registo de comunicação de ocorrências de indisciplina).

O PCD disse ter dados relativos à residência dos alunos, já tratados em termos estatísticos e que nos iria facultar. Visita decorreu entre as 10h 30m e as 13h 00m. Entre as 10h 30m e cerca das 11h 30 estivemos em conversa com os professores na sala de fumo dos professores. O tempo restante estivemos no gabinete do CD.

## C) VISITA DO DIA 28 JUN 1996

vs203a

28/06/95 - 16h 00m - 17h 45m - Escola B

REGISTO DA VISITA REALIZADA À ESCOLA B

### ANTECEDENTES (DIAS 26 E 27 DE JUNHO)

Registo do dia 27/06/95 (Terça Feira) - Contacto telefónico realizado com o PCD a meio da tarde. Conforme combinado no dia 23/06/95 (sexta-feira) contactar telefonicamente a Escola B no dia 22/06/95 (Segunda Feira) com vista a combinar o encontro (entrevista) com a VPCD o que não consegui. Nesse mesmo dia contactei o João Barroso para lhe colocar algumas dúvidas que entretanto me tinham surgido sobre a oportunidade de realizar a entrevista (formal) referida dado sentir que o terreno ainda não se encontrava suficientemente seguro para conseguir retirar alguma coisa de concreto (esta sensação, provavelmente, talvez adviesse da natureza nebulosa das informações prestadas pelo PCD relativamente ao funcionamento da escola (Planos, Programas e Projectos). Após essa troca de impressões ficou assente que, deslocando-nos nós no dia 28/06/95 à escola para ver a exposição de trabalhos da Área-Escola, poder-se-ia aproveitar para, informalmente, falar com a VPCD, a CDT e del. de E.Tecnológica (caso estivessem na escola) tentando obter mais informações sobre aqueles aspectos do funcionamento da escola.

No dia seguinte após várias tentativas, e apenas depois de ter verificado que o número de telefone da escola estava incompleto (era 8518033 e não 851033, como eu tinha anotado na primeira visita), consegui chegar à fala com o PCD. A ideia era, por um lado dizer-lhe que iríamos na Quarta Feira à escola fazer uma visita à exposição e, por outro lado, que nessa altura, se estivessem na escola algumas das pessoas citadas antes, poderíamos ter uma pequena conversa com elas. O PCD disse-me que a VPCD estaria na escola, por volta das 16h (ela tinha uma aula às 16h 40m), mas que nem a del. de E.Tecnológica/Área-Escola, nem a CDT, estariam na escola nessa altura. Disse-me também que a montagem da exposição seria feita durante esse dia. Achei estranho que estando a exposição a ser montada, a del. de E.Tecnológica não estivesse presente na escola, mas não comentei nada sobre isso. No decorrer da conversa fiquei com a nítida sensação de que na conversa com a VPCD deveria apenas falar sobre os Apoios e Complementos Educativos. Houve por duas vezes uma ou outra referência, relativamente subtil, de que a VPCD não estaria, eventualmente, habilitada a falar sobre os outros aspectos de funcionamento da escola. Não comentei. O PCD acrescentou a finalizar que não podia dar a certeza se estaria na escola na quarta-feira à tarde, mas que em princípio talvez estivesse.

### A VISITA (DIA 28 DE JUNHO)

Cheguei à escola por volta das 14h 05m. Ao contrário do que me tinha acontecido na nossa primeira visita (14/06/95), e repetindo a sensação tida na segunda visita (23/06/95), senti que se tinha esfumada a ideia que a escola se encontrava entalada entre os prédios de habitação. Isto é, a minha percepção do espaço e da relação espacial da escola com o meio físico envolvente tinha sofrido uma alteração substancial.

Entrei na escola, e pareceu-me que o porteiro já sabia da nossa vinda, pois a uma pergunta minha sobre se "o meu colega já tinha chegado" ele respondeu de forma perfeitamente natural que ainda não, como se soubéssemos ambos de quem se tratava, e lhe fosse perfeitamente familiar tal situação. Registo entretanto dois acontecimentos bastante curiosos: 1 - não consegui dar de imediato com o pavilhão do CD. (pode dizer-se até que me perdi, se a expressão não for forte demais); 2 - enquanto tentava encontrar o gabinete do CD. encontrei 4/5 alunos (todos africanos, talvez entre os 13-16 anos) junto da porta de um pavilhão (da biblioteca) que jogavam às cartas, a quem perguntei onde era o pavilhão do CD. Com uma atitude indiferente (alguns), de admiração (outros)(?) e pouco amistosa (por ter interrompido o jogo?) lá me indicaram, sem se terem mexido dos seus lugares.

A porta do CD estava aberta. No gabinete estavam presentes o PCD e a VPCD. Ele apresentou-me à VPCD. Após a apresentação sentaram-se os dois novamente a trabalhar, olhei em volta, e a VPCD apercebeu-se nesse gesto uma procura onde sentar-me, tendo dito qualquer coisa, em tom amável, sobre a inexistência de uma cadeira. O PCD providenciou de imediato um lugar na poltrona para eu me poder sentar (a poltrona estava atafalhada com pastas, e outros objectos). Este pequeno incidente não teve qualquer influência na fluência e carácter informal e amistoso da conversa que se seguiu.

A certa altura referi o facto da cara da VPCD não me ser estranha. Ela própria afirmou a sua impressão de já nos conhecíamos. Chegámos a conclusão de que nos conhecíamos da Escola Secundária de [nome de escola - 5]. Ela fez o estágio naquela escola (86/87 - 87/88). Conversamos e recordámos aquele período, relembrando a acção dos professores em estágio na altura.

Entretanto o PCD, em tom de brincadeira (?) referiu-se-me, dirigindo-se à VPCD, como uma dos elementos do grupo da "inspecção". Na sequência dessa intervenção, conversámos sobre o trabalho que o grupo se tinha proposto realizar, o seu contexto institucional. Questionado sobre a relação entre o Curso de Mestrado e a realização do trabalho, Procurei explicar que se tratavam de duas coisas independentes.

De seguida o PCD forneceu-me os elementos que já tinha coligido, sobre as taxas de insucesso, número de turmas e distribuição dos alunos por áreas ([nome de povoação - 13] - [nome de povoação - 9]). Referiu que estava

à espera da visita de uma arquitecta da DRELx causa das novas instalações da escola. Disse que tinha recebido, de manhã um telefonema a comunicar que ela iria à escola da parte da tarde.

Enquanto conversávamos (já eu estava sentado na poltrona) chegou uma prof.<sup>a</sup> aparentando ter entre 20 e 25 anos a pedir umas actas (não consegui perceber de que actas se tratavam) e colocando uma outra questão qualquer. Num jeito muito paternalista (mas convincente), e no momento em que os dois falavam, prof.<sup>a</sup> e PCD, este mandou-a "calar" (meio a brincar, meio a sério) e pelo que me apercebi lá conseguiu explicar as dúvidas levantadas pela prof.<sup>a</sup> Não notei que a susceptibilidade da prof.<sup>a</sup> tivesse ficado ferida.

Enquanto esperávamos, pela chegada do João Barroso a VPCD referiu-se à exposição que íamos visitar de forma muito positiva. Dizendo que havia coisas muito bonitas, que estava uma maravilha. Nessa altura o PCD disse (novamente num tom de brincadeira) para ela não exortar tanto os trabalhos e a exposição, acrescentando qualquer do género: "para não criar expectativas exageradas"; que nós é que "tínhamos de ver" sem sermos influenciados pelas opiniões deles.

Nesse interim chegou o João Barroso, seriam, mais ou menos 16h 20m.

Após a apresentações e uma curta conversa dirigimo-nos para o Pavilhão Gimno-Desportivo onde estava a exposição. Este encontrava-se fechado, com dois alunos lá dentro a tomarem conta (?) dos trabalhos expostos.

A primeira impressão que tivemos foi de algum desconsolo. Depois corrigida pela qualidade de alguns trabalhos. Era uma exposição de uma grande simplicidade (a maior, talvez mesmo a totalidade dos trabalhos eram de alunos do 2º ciclo ensino básico, como nos disseram depois as professoras que nos acompanharam). Cerca de dez e meia de expositores continham trabalhos das disciplinas de E.Tecnológica e Visual. (Desenhos, colagens, textos escritos à mão e ou em processador de texto, trabalhos de pintura sobre os mais diversos suportes, pequenas peças de cerâmica, etc.) sob o tema O TEJO. Atravessando diagonalmente toda a sala encontrava-se uma representação de um rio (em papel) com a nascente (fixada na parede num dos cantos da sala). O desconforto do excessivo calor (e abafamento) que se fazia sentir tornava muito pouco convidativa a presença na sala.

Durante a nossa permanência no pavilhão (mais ou menos entre as 16h 30m e as 17h 40m) entraram duas turmas separadamente para visitar a exposição. A porta estava sempre fechada, as turmas acompanhadas pelos professores para entrarem tinham de bater à porta.

A maior parte do tempo que estivemos no pavilhão estivemos a conversar com a del. de E.Tecnológica e com outra prof.<sup>a</sup> (saber nome e cargo). Exceptuando um pequeno período de tempo, o PCD esteve sempre presente. Durante o período em que ele esteve ausente esteve connosco a VPCD (talvez cerca de 5 a 10 minutos).

Num curto período de tempo [entre a saída do PCD e a entrada da VPCD] conversámos com os dois alunos (uma rapariga cerca de 13/14 anos e um rapaz um pouco mais novo) e ficámos a saber que os trabalhos expostos tinham sido escolhidos pelos professores. Que nem todos os trabalhos realizados no âmbito da área-escola se encontravam expostos. Por outro lado, os alunos disseram-nos que os trabalhos foram sendo realizados ao longo das aulas.

Durante o diálogo tido com as professoras referidas antes conseguimos obter alguns informações, não só sobre a organização e funcionamento das actividades da área-escola, mas igualmente sobre outros aspectos relativos à escola, aos alunos e ao corpo docente. Conseguimos saber que a coordenadora da área-escola tem diversos papéis sobre a organização e funcionamento da área-escola que nos irá facultar no dia 13/06/95 - data da reunião do CP (9h-30m) em que nós estaremos presentes. Neste CP seria feita uma avaliação do funcionamento da escola em 94/95.

Pela del. de E.Tecnológica soubemos que na anterior reunião do CP o PCD tinha já falado no estudo que estávamos a fazer. Sobre a avaliação intercalar do funcionamento do projecto da área-escola foi-nos dito que tinha havido uma, por volta de Fevereiro, realizada pelo CP). No ano lectivo anterior apenas tinha havido avaliação no final do ano lectivo. Relativamente, ainda, ao ano anterior, as professoras (e também os membros do CD presentes,) disseram que a exposição da área-escola tinha sido muito mais completa (ocupando todas as salas da escola). Disseram ainda que no corrente ano, ao contrário do ano anterior, os pais não tinham tido um "convite formal" para visitarem a exposição. Como já se referiu a participação na área-escola era maior no 5º/6º anos do que do 3º ciclo. A justificação avançada, pelas professoras, prendia-se com a obrigatoriedade do cumprimento dos programas, o que inibia os professores de ocuparem muito tempo com a área-escola. A organização e gestão do tempo dedicado à área-escola encontrava-se de acordo com os procedimentos propostos pelos normativos legais, isto é, nas diversas disciplinas (presume-se que nem todas, dada a pouca variedade de contributos, em termos disciplinares, nos trabalhos expostos), os alunos realizavam trabalhos sob o tema escolhido. Quisemos saber como havia sido escolhido o tema. Pelas respostas obtidas, concluímos que o mesmo tinha sido escolhidos directamente pelo CP, sem qualquer participação dos CT ou dos alunos.

## D) VISITA DO DIA 16 SET 1996

vs204a

16/09/96 - 12h 00m - 13h 00m - Escola B

REGISTO DA VISITA REALIZADA À ESCOLA B

Como a reunião dos DT na Escola A - [nome de povoação - 1] acabou mais cedo que eu contava, resolvi fazer uma visita ao PCD na escola B-[nome de povoação - 13]. Depois da férias, apenas tinha tido um contacto telefónico com ele, e portanto era altura de o visitar, no regresso de férias.

Cheguei à escola eram cerca das 12.00. Chovia. O dia estava desagradável.

No gabinete estavam o PCD, a Chefe dos Serviços Administrativos e outra duas senhoras. Uma delas estava sentada a uma secretária (devia ser funcionária). A outra conversava com PCD. Pela conversa que era uma nova Auxiliar de Acção Educativa. O PCD dizia-lhe quando começava, que devia apresentar-se no dia seguinte (17-9-96) às 09.00 e que naquele momento não lhe dizia que posto/função iria ter, porque ainda tinha que ver onde era necessária.

Na sequência da conversa, "condescendeu" dizendo que afinal sempre podia apresentar-se às 09.30, assim não tinha que se levantar tão cedo (!). Entretanto a senhora saiu do gabinete. Quase nesse momento entrou a SCD. Entrou também a del. de Hist/3°C. De vez em quando o telefone tocava e o PCD atendia. Conversava connosco enquanto falava ao telefone. Numa dessas alturas em que ele estava ocupado em atender o telefone, em conversa, a propósito do PCD, a del. de Hist/3°C opinou que ele só se mantinha na escola, porque entretanto tinha lá a neta, agora no 7º ano, e que se calhar iria ficar, mais dos dois anos seguintes, para acompanhar a neta, até ao 9º ano. Depois se calhar reformava-se [*Estes comentários foram feitos de forma natural, sem quaisquer vestígios de crítica, ou má intenção*]

Falámos sobre os exames do 9º ano. O PCD referiu a situação relativa aos critérios de aprovação. A primeira pauta enviada pelo ME não se adequava ao registo dos resultados dos exames porque havia alunos que reprovavam, o registo era feito com base na notação de 0 a 20, enquanto que deviam aprovar se se considerasse o registo em termos de níveis, de 1 a 5. Disse que, entretanto, tinha chegado um segundo modelo de pauta, onde o registo era feito em termos de níveis.

O PCD disse que se tinham inscrito 10 alunos, mas apenas 7 compareceram a todos os exames.

A del. de Hist/3°C estava toda entusiasmada com uma acção de formação sobre a Área-Escola/Trabalho de Projecto, dada pelo [nome de prof. - 97] no Centro de Formação da Associação de Escolas - [nome 2]. Ela questionava o PCD sobre a possibilidade de aplicar na escola um projecto, procurando aplicar na prática o que tinha aprendido na teoria.

O PCD: "- Oh minha senhora, concerteza, acho muito bem! fazes uma proposta e apresentas amanhã no CP, certamente que as pessoas não vão dizer que não! Desde que isso não implique que elas tenham que se envolver... aprovam com toda a certeza".

A del. de Hist/3°C explicava que a ideia era de aplicar, na prática, numa turma e na disciplina de História, o que tinha aprendido na acção de formação, mas para isso precisava de uma intervenção/colaboração do [nome de prof. - 97] no sentido de ele mostrar como, no terreno, se levava à prática aquelas ideias. Para isso era necessário um contacto/convite oficial, da parte da escola, para o Centro de Formação. Ela até tinha abordado a questão com o [nome de prof. - 97], e ele disse que estava disponível, mas as coisas tinham de ser tratadas a nível oficial com o Centro de Formação.

"Oh, concerteza! Não há qualquer problema! Basta que faças ou digas como se deve fazer o ofício, e eu assino logo, e pronto..."

Conversámos ainda algum tempo sobre a metodologia do Trabalho-Projecto. Percebia-se que estava realmente entusiasmada. Dizia que tinha muita vontade de fazer qualquer coisa, mas sozinha, não! Por isso pensava "chamar outras pessoas para trabalhares com ela, ao nível das disciplinas de História, Português e Geografia. Procurou ver quem dava o quê e a que turmas. Como pensava trabalhar nisso com o 7º A, esteve a ver quem é dava aulas de Português e Geografia nessa turma. O prof. de Geografia era del. de Geo/3°C, a de Português era uma colega nova.

O PCD e ela conversaram sobre a distribuição de serviço desta. Ela pensava que teria uma hora extraordinária, ele dizia que ela tinha menos uma hora, assim: cinco turmas a três horas por semana mais quatro horas de del. de disciplina dava 19 horas, faltando portanto uma hora para o horário completo (que era de 20 horas).

A certa altura a del. de Hist/3°C saiu repentinamente da sala para ir falar com uma colega que passava no pátio. Era uma colega de disciplina, vieram as duas até ao gabinete, mas ficaram à entrada a conversar. A tal colega saiu, e a del. de Hist/3°C voltou para perto de nós. Os dois, PCD e del. de Hist/3°C começaram a comentar a situação daquela colega. Percebi que era uma colega com problemas do foro psíquico. Comentava o PCD que já sabia que ia haver problemas, mas paciência. Perguntei-lhe se ela não tinha redução de horário por incapacidade. Ele disse-me que tinha tido no ano anterior (100%), mas que este ano, ele não tinha feito "força" para que tivesse novamente redução, por causa do limite de dois anos que a lei estabelecia para a redução, após esses dois anos devia verificar a reclassificação profissional: "Tás a ver o problema, não é? Ela já esteve o ano passado, se estivesse mais um ano...! É um problema complicado. Uma pessoa não sabe o que fazer. Por um lado temos uma colega... por outro lado temos os alunos que não têm culpa de nada! É muito complicado."

Continuava dizendo que sabia que a "a coisa, de certeza que não vai correr bem!"

"A única coisa que estou a pensar fazer, é lá para o 3º período, falar com a colega, pedindo-lhe para meter um atestado médico prolongado e proceder à sua substituição, até ao fim do ano". Trocámos impressões sobre problemas deste tipo, tendo eu referido a situação que tinha tido de enfrentar, há anos, quando PCD na ESAR. Devido a queixas dos alunos e pais falei a bem com uma colega, procurando mostrar-lhe que o melhor era meter uma baixa

por doença; o resultado tinha sido uma crise e o internamento da colega. Os dois, o PCD e a del. de Hist/3°C, ficaram algo impressionados com a narrativa do caso.

Entraram, entretanto, na sala outros professores. Uma profª. vinha entregar uma acta de um conselho de grupo. O PCD: "Sim senhora, assim é que é, até já traz a acta feita e tudo!" [*Pareceu-me que a reunião tinha sido realizada alguns minutos, ante, daí a admiração dele*]. Essa profª., entregou-lhe uma folha de papel [conclui que era o original da tal acta] que ele assinou de imediato, sem se incomodar a ler. Uma outra colega, entabulou conversa com a del. de Hist/3°C. Era, também del. de grupo, e pelos vistos também tinha estado presente na acção de formação sobre Área-Escola-Trabalho Projecto [vim posteriormente a saber que se tratava da del. de Port/3°C. Falavam das turmas que eventualmente podiam ser "trabalhadas" em termos do projecto que ambas pensavam levar a cabo, no âmbito da metodologia de Trabalho Projecto. Ela, a del. de Port/3°C, no entanto não turmas do 7º ano. Pegaram, novamente nos horários e estiveram a ver que professores podiam, eventualmente, ser cativados para o projecto. A del. de Hist/3°C opinou que ela, a del. de Port/3°C podia "trabalhar" uma turma do 9º ano. Explicou o que, o del. de Hist/3°C lhe tinha dito, ou seja, a apresentação de uma proposta de trabalho na próxima reunião do CP. Assim, ela apresentava a ideia no CP, e depois ela, nessa mesma reunião, poderia dizer alguma coisa, em apoio do projecto. A del. de Port/3°C colocou algumas duvidas, porque ainda não tinha as ideias bem assentes sobre o que pretendia fazer. Para apresentar alguma coisa no CP ela sentia a necessidade de levar alguma escrita, nomeadamente os objectivos e o que se pretende fazer em concreto. "Não sei se consigo falar sem ter uma coisa feita por escrito", dizia ela. Tinha de ter as ideias bem claras sobre o que se pretendia fazer e como fazer. A del. de Hist/3°C tentava convence-la, dizendo que exactamente porque não sabiam como fazer é que era preciso fazer com que o [nome de prof. - 97] viesse à escola, mostrar como se fazia, na prática.

Entra no gabinete o del. de Mat/3°C. Não vinha tratar de nada em especial, apenas dar dois dedos de conversa com quem estava. Os que já estavam na sala, as duas colegas e o PCD começaram a "meter-se" com ele. O assunto era o corte de cabelo que ele trazia. Que lhe ficava mal, "Onde é que cortaste o cabelo?" pergunta o PCD. "Aonde tu cortas, também, responde-lhe o del. de Mat/3°C. De seguida, começaram a "gozar" com o tipo de óculos que ele usava. Que não combinava nada com o corte de cabelo, isto tudo num tom de brincadeira, que o próprio ia também gozando.

Durante algum tempo, falou-se também sobre as férias. Como cada um tinha gozado as férias. [del. de Hist/3°C tinha ido à Austrália, o que gerou alguns comentários jocosos sem serem mal intencionados, do PCD sobre a situação financeira dos professores]. A pretexto de um pacote com produtos dietéticos, que se encontrava na mesa do PCD, gerou-se uma conversa sobre a forma física e a obesidade.

A certa altura a del. de Hist/3°C referiu-se ao PCD como o "ti [nome do PCD]", falando para outra colega, a propósito de algo relacionada com a distribuição de serviço e os horários.

O PCD disse que o grupo de horários ainda tinha trabalho a fazer, porque entretanto, tinha vindo o destacamento de uma colega para outro serviço [julgo que para a Equipa de Educação Especial]

Tirei as informações sobre as reuniões (dia e horas de início) a partir dos avisos que se encontravam afixados na parede atrás da secretária do PCD.

A certa altura o PCD ao telefone com a escola de [nome de povoação - 21] (??) disse que "vou apresentar isso no pedagógico, mas apenas para o ano que vem vale a pena!" e "... já tenho as horas distribuídas e os horários feitos, não posso estar a pensar em aplicar isso este ano! Portanto vou entregar ao pedagógico para irem pensando, para ver se aplicamos ou não, para o próximo ano. Isto veio muito tarde..." referindo-se ao despacho 37-A/SEEI/96 (reorganização do CP).

Eram quase 13.00. Fomos saindo da sala. Ainda conversámos, o PCD, eu a del. de Hist/3°C e o del. de Mat/3°C durante alguns (poucos) minutos. Depois despedi-me e deixei-os, sem antes ter lembrado o PCD para uma coisa que já lhe tinha pedido à tempos: os seus apontamentos de preparação das reuniões do CP. Isso facilitaria o meu trabalho de reconstituição das transcrições das reuniões do CP que tinha perdido, com a avaria do computador. Sai da escola. [13.02]

## E) VISITA DO DIA 24 OUT 1996

vs205a

24/10/95 - 15h 00m - 16h 00m - Escola B

REGISTO DA VISITA REALIZADA À ESCOLA B

[15.00] - Como me despachei relativamente cedo do que tinha a fazer na escola A - entrevista ao del. de E. Visual/3°C, resolvi dar um salto à escola B.

Cheguei à escola por volta das 15.00. Levava as listas de professores, para pedir ao PCD que me desse alguns elementos que faltavam, relativamente aos professores.

Quando cheguei ao gabinete este estava vazio. Nesse momento vinha o PCD a sair da Reprografia.



Enquanto entrávamos no gabinete, eu perguntei-lhe como tinha corrido o resto da reunião do CP, do dia anterior. Disse-me "...nem queiras saber! Sabes que só saímos de lá cerca das 16 horas. Aquela questão que iam começar a discutir quando saíste, depois prolongou-se..."

Eu procurei esclarecer aquela questão da suspensão preventiva dos alunos, referindo que a minha intervenção no CP tinha sido no sentido de lhe dizer que havia dois diplomas, de antes do 74, que permitiam que os alunos fossem suspensos preventivamente enquanto decorria o processo disciplinar. Ele disse que desconhecia esses diplomas e que me agradecia se eu lhes pudesse trazer. Eu respondi que até lhe trazia mais, iria trazer-lhe um conjunto de documentos sobre a instrução de processos disciplinares.

Ele contou alguns episódios sobre questões disciplinares com alunos. Referiu que iam ser levantados dois processos disciplinares a dois alunos, por estes terem de forma sistemática, exercido violência sobre colegas.

A certa altura ele fez um telefonema para a CAE, por causa da situação de uma colega de História (a tal que em seu entender precisava de redução lectiva). Pretendia saber da parte da CAE o que é que se podia fazer de forma a que a prof.<sup>a</sup> pudesse ainda ir para a redução da componente lectiva. Enquanto esperava a ligação com a pessoa competente, o PCD contou que já tinha havido problemas com essa prof.<sup>a</sup>... Inclusive a prof.<sup>a</sup> tinha sido muito desagradável com ele, na sala de professores, insultando-o e tratando-o "abaixo de cão". Ele não tinha, no entanto, respondido, porque achava que ela não estava "bem" e que o caso tinha de ser resolvido com muita calma e paciência, porque de qualquer forma, era uma colega que não estava a "passar bem".

Entretanto, lá conseguiu falar com uma pessoa da CAE.

Depois disso, estivemos a ver as listas de professores que eu tinha trazido, para fazer correcções e acrescentos: Como alguns dados apenas estivessem disponíveis nos processos individuais dos professores, eu fiquei de fazer um apêndice, mas reduzido de nomes de professores com falta de dados, para posteriormente os serviços administrativos arranjamem os elementos em falta.

Estivemos ainda à conversa durante alguns minutos sobre a questão das ameaças de bomba que ultimamente se tinham verificado na zona de Lisboa. Ele disse-me que também a escola tinha recebido uma ameaça de bomba. No entanto, ao contrário de outras escolas, eles não tinham encerrado as actividades, porque a polícia tinha aparecido na altura do intervalo do almoço. Foi feita uma vistoria às instalações e no início do turno da tarde as coisas correram normalmente. Sai da escola eram cerca das 16.00.

## F) VISITA DO DIA 28 OUT 1996

vs206a

28/10/96 - 16h 30m - 17h 30m - Escola B

REGISTO DA VISITA REALIZADA À ESCOLA B

[16.30] - Depois da ida à escola A - fazer a entrevista à VPCD, resolvi fazer uma visita à escola B. Cheguei lá cerca das 16.30. Encontrei o PCD no Gabinete no CD. Mais nenhum membro do CD estava presente.

A finalidade da visita era entregar o documento "Guia do Procedimento Disciplinar" tal como tinha prometido na visita anterior. Além disso queria pedir, também, que ele me arranjasse cópias das actas do CP, Julho de 1995 a Janeiro de 1996.

Entreguei-lhe também as listas-resumo dos professores sobre os quais havia faltas de elementos.

Conversámos sobre questões disciplinares. Mostrei-lhe com algum pormenor os documentos constantes do documento que trazia.

Depois falei-lhe na questão da observação diária da sua actividade na escola. Ficou mais ou menos combinado que a semana em que essa observação seria feita na última semana de Novembro. Falei-lhe na possibilidade de ele em cada dia de observação fazer uma "memória" das actividades realizadas em cada dia. Para o efeito eu iria entregar-lhe um pequeno estudo de auto-análise das actividades do PCD, para ele ler e ficar com uma ideia do que se pretendia com esse registo "memória". Ele disse que estava bem, que em princípio não havia problemas. Fiquei de lhe entregar esse estudo na quarta-feira (30-10-96) de forma a que ele o pudesse ler no fim de semana.

[Nesse dia 30-10-96, estive na FPCE para entregar uma cópia do programa NUD.IST ao Miguel Costa, depois tirei umas cópias da Tese de Mestrado "Clima de Escola" do Quintela, e fui à escola B entregar o estudo. A hora a que fui apenas encontrei a VPCD, o PCD já tinha saído. De forma que ela ficou com o documento para lhe entregar]

Combinei com o PCD uma data para voltar à escola, a buscar os documentos que entretanto lhe tinha pedido. Ficou combinado o dia 7-11-96. Os documentos eram: a) as cópias das actas; uma cópia do PAA (já definitivo) e as listas de professores com os dados que até então se encontravam em falta. Entretanto o PCD ofereceu-se para me arranjar um conjunto de documentos relativos aos currículos (a tal documentação recebida do ME para reflexão nas escolas).

Pedi ao PCD se me arranjava uma cópia do Despacho Normativo n.º 77/88 (sobre concursos). Fomos para a Reprografia onde ele pediu à D. [nome de aae - 1] que tirasse uma cópia desse diploma. Entretanto apareceu o del. de E.Física/2°C que também queria tirar cópias de alguns documentos. Sai da escola por volta das 17.30.

## G) VISITA DO DIA 16 NOV 1996

vs207a

06/11/96 - 14h 45m - 16h 30m - Escola B

REGISTO DA VISITA REALIZADA À ESCOLA B

[14.45]

Neste dia tinha ido fazer entrevistas na escola A - entrevistas às coordenadoras dos DT. Sai da escola e fui almoçar ao refeitório da FPCE. Sai da Faculdade cerca das 14.30. Como tinha combinado com a PCD a observação diária para a última semana de Novembro por que nessa semana havia uma reunião do CP, porque noutra altura tinha posto a hipótese de nessa mesma semana fazer a observação na B, resolvi aproveitar a oportunidade para dar um salto à escola B e rever a situação com o PCD. Ia, portanto propor-lhe que a semana para a sua observação fosse a primeira semana de Dezembro.

Por volta das 14.45 cheguei à escola B. À entrada o funcionário da portaria, disse-me que o PCD tinha acabado de entrar.

Encontrava-se o PCD na Reprografia. Quando me viu veio ter comigo e entrámos no gabinete do CD. Ele começou, por dizer que "ainda bem que vieste porque amanhã eu não vou estar cá na escola, da parte da manhã". Conforme tínhamos combinado eu deveria ir à escola no dia seguinte para buscar algumas coisas que lhe tinha pedido (cópias das actas, do PAA e alguns elementos que estavam em falta nas listas dos professores). Disse-lhe que como tinha estado na Escola A a fazer entrevistas, tinha aproveitado e vinha fazer-lhe uma visita.

Ele disse que na manhã do dia seguinte ia ao Colégio Militar, mas que à tarde já estaria na escola. De qualquer maneira eu disse-lhe que se calhar, se ele tivesse algumas das coisas que lhe tinha pedido, eu não precisaria de voltar à escola no dia seguinte.

Dentro do gabinete encontrava-se a VPCD e uma outra prof.<sup>a</sup> (uma DT) e as duas trabalhavam um documento que depois a VPCD disse ser uma Ordem de Serviço sobre uma penalização disciplinar. Enquanto o PCD assinava uns documentos (contratos de professores e algum correio) e atendia um telefonema de uma e. educação, eu conversei com a VPCD. Esta contou-me os últimos casos de indisciplina, verificados na escola. Desde o princípio do ano tinham sido já realizados 4 conselhos disciplinares. Referiu-me que a situação se estava a tornar tão crítica que não seria de admirar que os próprios pais viessem, mais cedo ou mais tarde a tomar alguma posição de força. Com efeito, disse ela que até já um e. educação tinha sido agredido, lá fora, à entrada da escola.

O PCD esteve ao telefone, cerca de 10 minutos, a falar com uma e. educação. Esta, pela conversa que percebi, não quis dizer o nome do aluno, seu educando, que estava a ser importunado por outro lado. Queixava-se de que o seu educando estaria a ser (ou foi) sujeito de violência de outro aluno, mas o medo de represálias, levava-a a não quer adiantar mais nada. O PCD dizia-lhe que assim não podia fazer nada. Mostrou-se compreensivo para a senhora, para os seus receios, mas também disse que se a escola, não tivesse mais dados, nada poderia fazer. Quando ela se dispôs a adiantar mais dados, o PCD disse-lhe que era melhor falar com a respectiva DT, porque como ela compreenderia ele procurava estar a par de tudo o que se passava na escola, mas como era natural, por vezes havia coisas que passavam um pouco a seu lado e para isso é que havia outras pessoas, também, a tratar dos assuntos. Nesse sentido, indicou a melhor hora para a e. educação entrar em contacto com a DT.

Depois do telefonema, ainda conversámos, um pouco sobre o assunto da disciplina.

Seguidamente lembrei-lhe dos documentos que lhe tinha pedido. Como não os tivesse tirado ainda, ele pegou no livro de actas e como entrasse nesse momento a D. [nome de aae - 1] (da Reprografia) pediu-lhe para fazer uma cópias das actas (Julho de 1995 a Janeiro de 1996).

Estivemos depois a ver as listas de professores. Ele já tinha a maior parte dos dados preenchidos, mas ainda faltavam uns poucos.

Enquanto fazíamos a revisão dos dados, fomos interrompidos uma série de vezes. Era a Chefe dos Serviços que vinha com documentos para assinar. Era a escriturária que dactilografava uma Ordem de Serviço que depois tinha de ser lida e assinada.

Como alguns dados respeitavam a professores que se encontravam na escola, o PCD disse que no próximo intervalo iria, depois, à sala de professores e pediria aquelas informações aos próprios (o que se encontrava em falta era o número de anos de serviço no ensino).

Entretanto, referi-lhe a questão do PAA (versão definitiva) e ele telefonou para a Reprografia para a senhora trazer dois exemplares do plano. Pediu-lhe também que trouxesse um conjunto de documentos relativos aos currículos (Projecto "Reflexão Participada sobre os Currículos do Ensino Básico").

Tôcou para a saída das aulas. O PCD disse que ia, então à sala de professores, ver se encontrava alguns deles para lhes pedir alguns dados. Acompanhei-o e enquanto ele falava na sala de fumo com os colegas, eu fui tomar um café. Pouco depois saímos. Vínhamos acompanhados de uma senhora (depois vim a saber que era a tal prof.<sup>a</sup> de História - [nome de prof.<sup>a</sup> - 65]). À saída da sala de professores encontrava-se uma chusma de alunos que logo que saímos, rodearam o PCD. Pelo que percebi, eles não queriam fazer um teste de avaliação, porque na aula anterior, que estava marcada para revisões, isso não tinha sido feito, porque a prof.<sup>a</sup> tinha posto todos na rua, por mau com-

portamento geral da turma. O PCD, rodeado de alunos, conseguiu, falou a bem com eles, de forma afável e paciente, e conseguiu convence-los a fazerem o teste.

*[Pareceu-me que mais pela atenção que ele lhes deu, e pela forma como com eles falou, do que propriamente pelos argumentos utilizados, os alunos aceitaram a recomendação do PCD].*

Seguimos para o gabinete do CD. Aí o PCD entregou à profª. [nome - 65], uma folha de papel para ela ler. Durante a conversa seguinte, percebi que se tratava de uma "queixa" feita por um e.e. educação contra a profª... O documento tinha sido entregue em envelope fechado. Nele, pelo que consegui compreender através das conversas entre eles (PCD e profª. [nome - 65]), a e.e. educação referia-se a conversas com outros encarregados de educação, mas não os identificava. A profª. [nome - 65], quis saber quem era a DT. O PCD não se mostrava muito receptivo a continuar a conversa sobre o assunto. Disse que iria analisar o assunto com atenção e que depois daria uma resposta, e que quando fizesse isso dar-lhe-ia também conhecimento dessa resposta. A profª. continuava a insistir em saber quem era o director da turma em causa. Como ela se dispusesse a ir ver nos livros de ponto quem era o DT, o PCD resolveu ver então na lista dos DT que se encontrava afixada, na parede atrás da sua secretária, quem era o DT. Tinha havido uma substituição, primeiro tinha sido o [nome de prof. - 51], mas depois tinha sido substituído por uma colega.

O PCD voltou a reafirmar a sua disposição de responder à queixa e de informar (à profª.) sobre a mesma.

A professora por duas vezes, fez tentações de sair do gabinete, e por duas vezes voltou atrás nessa disposição, contando histórias sobre a sua vida profissional. Nisto estive, cerca de 30 minutos.

*[Não pude deixar de pensar na paciência do PCD que nunca mostrou qualquer sinal de estar aborrecido, ou impaciente parta ela se ir embora. Eu próprio já estava farto de a ouvir]*

Ela de vez em quando ia dizendo que se calhar nos estava a fazer perder tempo. O PCD por uma questão de amabilidade dizia que não, e ela aproveitava e contava mais uma história.

Por fim lá abandonou o gabinete, e nós retomámos a análise das listas de professores. Ainda completámos mais alguns dados.

Entretanto chega a D. [nome de aae - 1] com os cópias que lhe tinham sido pedidas.

Perguntei ao PCD se aquela era a tal profª. de História. Ele disse-me que sim, mas que agora estava ligeiramente melhor. Adiantou que a situação dela já estava a ser tratada. Ele tinha-a convencido a aceitar a redução. "Agora está muito minha amiga, mas da outra vez nem queiras saber, foi uma coisa..."



**QUADROS DE FREQUÊNCIAS**  
**DAS ACTIVIDADES**  
**DOS PRESIDENTES DOS CONSELHOS DIRECTIVOS**

## **ANEXO XIII**

### **PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO - ESCOLA A**

# A) ACTIVIDADES POR TEMAS X DURAÇÃO (nº de actividades)

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA A

(3X5) - DURAÇÃO X TEMAS

Nº DE ACTIVIDADES

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

	minutos	51 ORG	52 CUR	53 AVA	54 DIS	55 FPD	56 CUL	57 AUL	58 GPE	59 GIN	510 GOR	511 GGE	512 IRE	total
31	<1	12		3			6	1	5	17	5	10	36	95
32	1	29	1	5	7		7	2	8	35	6	25	36	161
33	2	8		3	4	1	5	1	7	16	11	14	25	95
34	3	6		2	4	1			4	10	5	6	19	57
35	4	4							1	5	2	7	10	29
36	5	3		2	1	1	1	1	5	2	3	3	7	29
37	6						1		1	1	1	1	3	8
38	7	2							4	3			3	12
39	8	2							1	3		1	1	8
310	9	2		1						1			2	6
311	10	2		1	2							1	1	7
312	11	1		1						1		1		4
313	12													
314	13											2	1	3
315	14									2				2
316	15												1	1
317	16	1												1
318	17													
319	19													
320	20												1	1
321	26													
322	27											1	1	2
323	33													
324	39	1												1
325	40													
326	45													
327	48												1	1
328	50							3						3
329	55													
330	95	1												1
331	109													
332	112													
333	119													
334	405													
total		74	1	18	18	3	20	8	36	96	33	72	148	527

Temas	ORG	Organização Geral da Escola	Pedagógicas
	CUR	Gestão do Currículo	
	AVA	Avaliação dos Alunos	
	DIS	Disciplina dos Alunos	
	FPD	Formação de Professores	
	CUL	Actividades Educativas não Formais	
	AUL	Actividades Lectivas	
	GPE	Gestão do Pessoal	Administrativas
	GIN	Gestão Inst. e Equipamentos	
	GOR	Gestão Orçamental	
	GGE	Administração Geral	
	IRE	Integrativas-Relacionais	Integrativas

## OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA A

(3X5) - DURAÇÃO X TEMAS

Nº DE ACTIVIDADES

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		51	52	53	54	55	56	57	58	59	510	511	512	total
	minutos	ORG	CUR	AVA	DIS	FPD	CUL	AUL	GPE	GIN	GOR	GGE	IRE	
31	<1	16,2		16,7			30,0	12,5	13,9	17,7	15,2	13,9	24,3	18,0
32	1	39,2	100,0	27,8	38,9		35,0	25,0	22,2	36,5	18,2	34,7	24,3	30,6
33	2	10,8		16,7	22,2	33,3	25,0	12,5	19,4	16,7	33,3	19,4	16,9	18,0
34	3	8,1		11,1	22,2	33,3			11,1	10,4	15,2	8,3	12,8	10,8
35	4	5,4							2,8	5,2	6,1	9,7	6,8	5,5
36	5	4,1		11,1	5,6	33,3	5,0	12,5	13,9	2,1	9,1	4,2	4,7	5,5
37	6						5,0		2,8	1,0	3,0	1,4	2,0	1,5
38	7	2,7							11,1	3,1			2,0	2,3
39	8	2,7							2,8	3,1		1,4	0,7	1,5
310	9	2,7		5,6						1,0			1,4	1,1
311	10	2,7		5,6	11,1							1,4	0,7	1,3
312	11	1,4		5,6						1,0		1,4		0,8
314	13											2,8	0,7	0,6
315	14									2,1				0,4
316	15												0,7	0,2
317	16	1,4												0,2
320	20												0,7	0,2
322	27											1,4	0,7	0,4
324	39	1,4												0,2
327	48												0,7	0,2
328	50							37,5						0,6
330	95	1,4												0,2
total		100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		51	52	53	54	55	56	57	58	59	510	511	512	total
	minutos	ORG	CUR	AVA	DIS	FPD	CUL	AUL	GPE	GIN	GOR	GGE	IRE	
31	<1	12,6		3,2			6,3	1,1	5,3	17,9	5,3	10,5	37,9	100
32	1	18,0	0,6	3,1	4,3		4,3	1,2	5,0	21,7	3,7	15,5	22,4	100
33	2	8,4		3,2	4,2	1,1	5,3	1,1	7,4	16,8	11,6	14,7	26,3	100
34	3	10,5		3,5	7,0	1,8			7,0	17,5	8,8	10,5	33,3	100
35	4	13,8							3,4	17,2	6,9	24,1	34,5	100
36	5	10,3		6,9	3,4	3,4	3,4	3,4	17,2	6,9	10,3	10,3	24,1	100
37	6						12,5		12,5	12,5	12,5	12,5	37,5	100
38	7	16,7							33,3	25,0			25,0	100
39	8	25,0							12,5	37,5		12,5	12,5	100
310	9	33,3		16,7						16,7			33,3	100
311	10	28,6		14,3	28,6							14,3	14,3	100
312	11	25,0		25,0						25,0		25,0		100
314	13											66,7	33,3	100
315	14									100,0				100
316	15												100,0	100
317	16	100,0												100
320	20												100,0	100
322	27											50,0	50,0	100
324	39	100,0												100
327	48												100,0	100
328	50							100,0						100
330	95	100,0												100
total		14,0	0,2	3,4	3,4	0,6	3,8	1,5	6,8	18,2	6,3	13,7	28,1	100





## OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA A

(3X5) - DURAÇÃO X TEMAS

TEMPO GASTO

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		51	52	53	54	55	56	57	58	59	510	511	512	total	ESPEC
		ORG	CUR	AVA	DIS	FPD	CUL	AUL	GPE	GIN	GOR	GGE	IRE		10023
31	<1	1,8		2,6			9,7	0,3	2,3	3,6	3,4	2,4	4,1	2,8	1023
32	1	8,8	100,0	8,5	13,5		22,6	1,3	7,4	14,9	8,1	12,1	8,3	9,5	
33	2	4,9		10,3	15,4	20,0	32,3	1,3	13,0	13,6	29,5	13,5	11,5	11,2	
34	3	5,5		10,3	23,1	30,0			11,2	12,8	20,1	8,7	13,1	10,1	10
35	4	4,9							3,7	8,5	10,7	13,5	9,2	6,8	10
36	5	4,6		17,1	9,6	50,0	16,1	3,1	23,3	4,3	20,1	7,2	8,1	8,5	10
37	6						19,4		5,6	2,6	8,1	2,9	4,1	2,8	10
38	7	4,3							26,0	9,0			4,8	4,9	10
39	8	4,9							7,4	10,2		3,9	1,8	8,8	10
310	9	5,5		15,4						3,8			4,1	3,2	10
311	10	6,1		17,1	38,5							4,8	2,3	4,1	10
312	11	3,3		18,8						4,7		5,3		2,6	10
314	13											12,6	3,0	2,3	10
315	14									11,9				1,6	10
316	15												3,5	0,9	10
317	16	4,9												0,9	10
320	20												4,6	1,2	10
322	27											13,0	6,2	3,2	10
324	39	11,9												2,3	10
327	48												11,1	2,8	10
328	50							94,0						8,8	10
330	95	28,9												5,6	10
total		100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		51	52	53	54	55	56	57	58	59	510	511	512	total	
		ORG	CUR	AVA	DIS	FPD	CUL	AUL	GPE	GIN	GOR	GGE	IRE		
31	<1	12,6		3,2			6,3	1,1	5,3	17,9	5,3	10,5	37,9	100	
32	1	18,0	0,6	3,1	4,3		4,3	1,2	5,0	21,7	3,7	15,5	22,4	100	
33	2	8,4		3,2	4,2	1,1	5,3	1,1	7,4	16,8	11,6	14,7	26,3	100	
34	3	10,5		3,5	7,0	1,8			7,0	17,5	8,8	10,5	33,3	100	
35	4	13,8							3,4	17,2	6,9	24,1	34,5	100	
36	5	10,3		6,9	3,4	3,4	3,4	3,4	17,2	6,9	10,3	10,3	24,1	100	
37	6						12,5		12,5	12,5	12,5	12,5	37,5	100	
38	7	16,7							33,3	25,0			25,0	100	
39	8	25,0							12,5	37,5		12,5	12,5	100	
310	9	33,3		16,7						16,7			33,3	100	
311	10	28,6		14,3	28,6							14,3	14,3	100	
312	11	25,0		25,0						25,0		25,0		100	
314	13											66,7	33,3	100	
315	14									100,0				100	
316	15												100,0	100	
317	16	100,0												100	
320	20												100,0	100	
322	27											50,0	50,0	100	
324	39	100,0												100	
327	48												100,0	100	
328	50							100,0						100	
330	95	100,0												100	
total		19,4	0,1	3,4	3,4	0,6	1,8	9,4	6,3	13,8	4,4	12,2	25,6	100	

## C) ACTIVIDADES POR TEMAS X INTERLOCUTORES

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA A

(2X5) TEMAS X INTERLOCUTORES

FREQÜÊNCIAS ABSOLUTAS

		51	52	53	54	55	56	57	58	59	510	511	512	total
		ORG	CUR	AVA	DIS	FPD	CUL	AUL	GPE	GIN	GOR	GGE	IRE	
21	INV	27		1	3		4	3	4	41	6	30	60	179
22	DTU	7		1	2		3	1					1	15
23	DIN									2			1	3
24	DGD	15	1	1		1	3	1	1	6	1	1	8	39
25	CDT	1							1			1		3
26	VPC	24		13			5	1	3	23	8	4	24	105
27	SCD										1			1
28	VPR	4		1		2						3	23	33
29	UPR			3	1		1		1	1	1		7	15
210	PEE			4						1	1			6
211	TOV													
212	APR													
213	ALU	1			11			3					2	17
214	CSA	1							4	6	10	5	1	27
215	OSA								8	1	2	10		21
216	CAA								2					2
217	OAA	2			5		1	2	6	2	1	8	14	41
218	COZ								1	3		1	1	6
219	SEG				2								1	3
220	MAN									3	1			4
221	EEI	1											1	2
222	APE													
223	AUT													
224	EMP	1					1			10	1	1	2	16
225	ASS						1					1		2
226	ESC													
227	CAE													
228	DRE											1		1
229	OUT									4				4
230	NIN	6			1		3	1	4	7	4	10	21	57
231	FAM												2	2
232	AMI												5	5
233	SER													
total		90	1	24	25	3	22	12	35	110	37	76	174	609

	INTERLOCUTORES
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção
EEI	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior

	INTERLOCUTORES
CAE	Centro da Area Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NTN	Ninguém
FAM	Familiares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

	TEMAS
ORG	Organização Geral da Escola
CUR	Gestão do Currículo
AVA	Avaliação dos Alunos
DIS	Disciplina dos Alunos
FPD	Formação de Professores
CUL	Actividades Educativas não Formais
AUL	Actividades Lectivas
GPE	Gestão do Pessoal
GIN	Gestão Inst. e Equipamentos
GOR	Gestão Orçamental
GGE	Administração Geral
IRE	Integrativas-Relacionais

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES  
ESCOLA A  
(2X5) - TEMAS X INTERLOCUTORES

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		51	52	53	54	55	56	57	58	59	510	511	512	total
		ORG	CUR	AVA	DIS	FPD	CUL	AUL	GPE	GIN	GOR	GGE	IRE	
21	INV	30,0		4,2	12,0		18,2	25,0	11,4	37,3	16,2	39,5	34,3	29,4
22	DTU	7,8		4,2	8,0		13,6	8,3					0,6	2,5
23	DIN									1,8			0,6	0,5
24	DGD	16,7	100,0	4,2		33,3	13,6	8,3	2,9	5,5	2,7	1,3	4,6	6,4
25	CDT	1,1						2,9				1,3		0,5
26	VPC	26,7		54,2			22,7	8,3	8,6	20,9	21,6	5,3	13,8	17,2
27	SCD										2,7			0,2
28	VPR	4,4		4,2		66,7						3,9	13,2	5,4
29	UPR			12,5	4,0		4,5		2,9	0,9	2,7		4,0	2,5
210	PEE			16,7						0,9	2,7			1,0
211	TOV													
212	APR													
213	ALU	1,1			44,0			25,0					1,1	2,8
214	CSA	1,1							11,4	5,5	27,0	6,6	0,6	4,4
215	OSA								22,9	0,9	5,4	13,2		3,4
216	CAA								5,7					0,3
217	OAA	2,2			20,0		4,5	16,7	17,1	1,8	2,7	10,5	8,0	6,7
218	COZ							2,9	2,7			1,3	0,6	1,0
219	SEG				8,0								0,6	0,5
220	MAN									2,7	2,7			0,7
221	EEI	1,1											0,6	0,3
222	APE													
223	AUT													
224	EMP	1,1					4,5			9,1	2,7	1,3	1,1	2,6
225	ASS						4,5					1,3		0,3
226	ESC													
227	CAE													
228	DRE											1,3		0,2
229	OUT									3,6				0,7
230	NIN	6,7			4,0		13,6	8,3	11,4	6,4	10,8	13,2	12,1	9,4
231	FAM												1,1	0,3
232	AMI												2,9	0,8
233	SER													
total		100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

	INTERLOCUTORES
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturna)
MAN	Pessoal de Manutenção
EEI	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior

	INTERLOCUTORES
CAE	Centro da Área Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Familiares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

	TEMAS
ORG	Organização Geral da Escola
CUR	Gestão do Currículo
AVA	Avaliação dos Alunos
DIS	Disciplina dos Alunos
FPD	Formação de Professores
CUL	Actividades Educativas não Formais
AUL	Actividades Lectivas
GPE	Gestão do Pessoal
GIN	Gestão Inst. e Equipamentos
GOR	Gestão Orçamental
GGE	Administração Geral
IRE	Integrativas-Relacionais

## OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA A

(2X5) - TEMAS X INTERLOCUTORES

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		51	52	53	54	55	56	57	58	59	510	511	512	total
		ORG	CUR	AVA	DIS	FPD	CUL	AUL	GPE	GIN	GOR	GGE	IRE	
21	INV	15,1		0,6	1,7		2,2	1,7	2,2	22,9	3,4	16,8	33,5	100
22	DTU	46,7		6,7	13,3		20,0	6,7					6,7	100
23	DIN									66,7			33,3	100
24	DGD	38,5	2,6	2,6		2,6	7,7	2,6	2,6	15,4	2,6	2,6	20,5	100
25	CDT	33,3							33,3				33,3	100
26	VPC	22,9		12,4			4,8	1,0	2,9	21,9	7,6	3,8	22,9	100
27	SCD										100,0			100
28	VPR	12,1		3,0		6,1						9,1	69,7	100
29	UPR			20,0	6,7		6,7		6,7	6,7	6,7		46,7	100
210	PEE			66,7						16,7	16,7			100
211	TOV													
212	APR													
213	ALU	5,9			64,7			17,6					11,8	100
214	CSA	3,7							14,8	22,2	37,0	18,5	3,7	100
215	OSA								38,1	4,8	9,5	47,6		100
216	CAA								100,0					100
217	OAA	4,9			12,2		2,4	4,9	14,6	4,9	2,4	19,5	34,1	100
218	GOZ								16,7	50,0		16,7	16,7	100
219	SEG				66,7								33,3	100
220	MAN									75,0	25,0			100
221	EEI	50,0											50,0	100
222	APE													
223	AUT													
224	EMP	6,3					6,3			62,5	6,3	6,3	12,5	100
225	ASS						50,0					50,0		100
226	ESC													
227	CAE													
228	DRE											100,0		100
229	OUT									100,0				100
230	NIN	10,5			1,8		5,3	1,8	7,0	12,3	7,0	17,5	36,8	100
231	FAM												100,0	100
232	AMI												100,0	100
233	SER													
total		14,8	0,2	3,9	4,1	0,5	3,6	2,0	5,7	18,1	6,1	12,5	28,6	100

INTERLOCUTORES	
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção
EEI	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior

INTERLOCUTORES	
CAE	Centro da Área Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Familiares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

TEMAS	
ORG	Organização Geral da Escola
CUR	Gestão do Currículo
AVA	Avaliação dos Alunos
DIS	Disciplina dos Alunos
FPD	Formação de Professores
CUL	Actividades Educativas não Formais
AUL	Actividades Lectivas
GPE	Gestão do Pessoal
GIN	Gestão Inst. e Equipamentos
GOR	Gestão Orçamental
GGE	Administração Geral
IRE	Integrativas-Relacionais

## D) ACTIVIDADES POR TEMAS X LOCAL

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES  
ESCOLA A  
(1X5) - LOCAL X TEMAS

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
		GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
51	ORG	61	1	9						1				1		1		74
52	CUR			1														1
53	AVA	14		4														18
54	DIS	9		1						6							2	18
55	FPD	1		2														3
56	CUL	18				1				1								20
57	AUL	3		1				1					3					8
58	GPE	29		1	5												1	36
59	GIN	86		3	1	1	1			1							3	96
510	GOR	27			5					1								33
511	GGE	68		3													1	72
512	IRE	76		36		4	1	2		10	5	4				6	4	148
total		392	1	61	11	6	2	3		20	5	4	3	1		7	11	527

	LOCAL
GCD	Gabinete do Conselho Directivo
SPF	Sala de Professores - Fumadores
SPB	Sala de Professores - Bar
SSA	Serviços Administrativos
REP	Reprografia
BUF	Bufete de Alunos - Sala de Alunos
REF	Refeitório
COZ	Cozinha
PAT	Pátio
POR	Portaria - Entrada da Escola
LAV	Lavabos
AUL	Sala de Aula - Aula
REU	Sala de Aula - Reuniões
SES	Sala de Aula - Sala de Estudo
FOR	Fora da Escola
COR	Corredores

	TEMAS
ORG	Organização Geral da Escola
CUR	Gestão do Currículo
AVA	Avaliação dos Alunos
DIS	Disciplina dos Alunos
FPD	Formação de Professores
CUL	Actividades Educativas não Formais
AUL	Actividades Lectivas
GPE	Gestão do Pessoal
GIN	Gestão Inst. e Equipamentos
GOR	Gestão Orçamental
GGE	Administração Geral
IRE	Integrativas-Relacionais

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES  
ESCOLA A  
(1X5) - LOCAL X TEMAS

## FREQÜÊNCIAS RELATIVAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
		GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
51	ORG	15,6	100,0	14,8						5,0				100,0		14,3		14,0
52	CUR			1,6														0,2
53	AVA	3,6		6,6														3,4
54	DIS	2,3		1,6						30,0								18,2
55	FPD	0,3		3,3														0,6
56	CUL	4,6				16,7				5,0								3,8
57	AUL	0,8		1,6				33,3					100,0					1,5
58	GPE	7,4		1,6	45,5													9,1
59	GIN	21,9		4,9	9,1	16,7	50,0			5,0								27,3
510	GOR	6,9			45,5					5,0								18,2
511	GGE	17,3		4,9														9,1
512	IRE	19,4		59,0		66,7	50,0	66,7		50,0	100,0	100,0				85,7	36,4	28,1
total		100	100	100	100	100	100	100		100	100	100	100	100	100	100	100	100

## FREQÜÊNCIAS RELATIVAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
		GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
51	ORG	82,4	1,4	12,2						1,4				1,4		1,4		100
52	CUR			100,0														100
53	AVA	77,8		22,2														100
54	DIS	50,0		5,6						33,3							11,1	100
55	FPD	33,3		66,7														100
56	CUL	90,0				5,0				5,0								100
57	AUL	37,5		12,5				12,5					37,5					100
58	GPE	80,6		2,8	13,9												2,8	100
59	GIN	89,6		3,1	1,0	1,0	1,0			1,0							3,1	100
510	GOR	81,8			15,2					3,0								100
511	GGE	94,4		4,2													1,4	100
512	IRE	51,4		24,3		2,7	0,7	1,4		6,8	3,4	2,7				4,1	2,7	100
total		74,4	0,2	11,6	2,1	1,1	0,4	0,6		3,8	0,9	0,8	0,6	0,2		1,3	2,1	100

	LOCAL
GCD	Gabinete do Conselho Directivo
SPF	Sala de Professores - Fumadores
SPB	Sala de Professores - Bar
SSA	Serviços Administrativos
REP	Reprografia
BUF	Bufete de Alunos - Sala de Alunos
REF	Refeitório
COZ	Cozinha
PAT	Pátio
POR	Portaria - Entrada da Escola
LAV	Lavabos
AUL	Sala de Aula - Aula
REU	Sala de Aula - Reuniões
SES	Sala de Aula - Sala de Estudo
FOR	Fora da Escola
COR	Corredores

	TEMAS
ORG	Organização Geral da Escola
CUR	Gestão do Currículo
AVA	Avaliação dos Alunos
DIS	Disciplina dos Alunos
FPD	Formação de Professores
CUL	Actividades Educativas não Formais
AUL	Actividades Lectivas
GPE	Gestão do Pessoal
GIN	Gestão Inst. e Equipamentos
GOR	Gestão Orçamental
GGE	Administração Geral
IRE	Integrativas-Relacionais

# E) ACTIVIDADES POR LOCAL X INTERLOCUTORES

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA A

(1X2) - LOCAL X INTERLOCUTORES

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
		GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
21	INV	139		11		1	2	2		15						5	4	179
22	DTU	14												1				15
23	DIN	3																3
24	DGD	22	1	16														39
25	CDT	2												1				3
26	VPC	97		7													1	105
27	SCD				1													1
28	VPR	3		28				1								1		33
29	UPR	8		7														15
210	PEE	6																6
211	TOV																	
212	APR																	
213	ALU	7						1		4			3				2	17
214	CSA	22			5													27
215	OSA	18			3													21
216	CAA	1															1	2
217	OAA	29		1		1	1			2	5						2	41
218	COZ	4						1									1	6
219	SEG									2								3
220	MAN	4																4
221	EEI	2																2
222	APE																	
223	AUT																	
224	EMP	15															1	16
225	ASS	2																2
226	ESC																	
227	CAE																	
228	DRE	1																1
229	OUT	4																4
230	NIN	42		6	1	1				2		4				1		57
231	FAM	2																2
232	AMI	2		1		2												5
233	SER																	
total		449	1	77	10	5	3	5		25	5	4	3	2		7	13	609

	INTERLOCUTORES
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção
EEI	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior

	INTERLOCUTORES
CAE	Centro da Area Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Familiares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

	LOCAL
GCD	Gabinete do Conselho Directivo
SPF	Sala de Professores - Fumadores
SPB	Sala de Professores - Bar
SSA	Serviços Administrativos
REP	Reprografia
BUF	Bufete de Alunos - Sala de Alunos
REF	Refeitório
COZ	Cozinha
PAT	Pátio
POR	Portaria - Entrada da Escola
LAV	Lavabos
AUL	Sala de Aula - Aula
REU	Sala de Aula - Reuniões
SES	Sala de Aula - Sala de Estudo
FOR	Fora da Escola
COR	Corredores



OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES  
ESCOLA A  
(1X2) - LOCAL X INTERLOCUTORES

FREQÜÊNCIAS RELATIVAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
		GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
21	INV	31,0		14,3		20,0	66,7	40,0		60,0						71,4	30,8	29,4
22	DTU	3,1												50,0				2,5
23	DIN	0,7																0,5
24	DGD	4,9	100,0	20,8														6,4
25	CDT	0,4												50,0				0,5
26	VPC	21,6		9,1														17,2
27	SCD				10,0													0,2
28	VPR	0,7		36,4				20,0								14,3		13,4
29	UPR	1,8		9,1														2,5
210	PEE	1,3																1,0
211	TOV																	
212	APR																	
213	ALU	1,6						20,0		16,0			100,0				15,4	2,8
214	CSA	4,9			50,0													4,4
215	OSA	4,0			30,0													3,4
216	CAA	0,2																0,3
217	OAA	6,5		1,3		20,0	33,3			8,0	100,0						15,4	6,7
218	COZ	0,9						20,0									7,7	1,0
219	SEG									8,0							7,7	0,5
220	MAN	0,9																0,7
221	EEI	0,4																0,3
222	APE																	
223	AUT																	
224	EMP	3,3															7,7	2,6
225	ASS	0,4																0,3
226	ESC																	
227	CAE																	
228	DRE	0,2																0,2
229	OUT	0,9																0,7
230	NIN	9,4		7,8	10,0	20,0				8,0		100,0				14,3		9,4
231	FAM	0,4																0,3
232	AMI	0,4		1,3		40,0												0,8
233	SER																	
total		100	100	100	100	100	100	100		100	100	100	100	100	100	100	100	100

	INTERLOCUTORES
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção
EEI	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior

	INTERLOCUTORES
CAE	Centro da Área Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Familiares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

	LOCAL
GCD	Gabinete do Conselho Directivo
SPF	Sala de Professores - Fumadores
SPB	Sala de Professores - Bar
SSA	Serviços Administrativos
REP	Reprografia
BUF	Bufete de Alunos - Sala de Alunos
REF	Refeitório
COZ	Cozinha
PAT	Pátio
POR	Portaria - Entrada da Escola
LAV	Lavabos
AUL	Sala de Aula - Aula
REU	Sala de Aula - Reuniões
SES	Sala de Aula - Sala de Estudo
FOR	Fora da Escola
COR	Corredores

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES  
ESCOLA A  
(1X2) - LOCAL X INTERLOCUTORES

## FREQÜÊNCIAS RELATIVAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
		GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
21	INV	77,7		6,1		0,6	1,1	1,1		8,4						2,8	2,2	100
22	DTU	93,3												6,7				100
23	DIN	100,0																100
24	DGD	56,4	2,6	41,0														100
25	CDT	66,7												33,3				100
26	VPC	92,4		6,7													1,0	100
27	SCD				100,0													100
28	VPR	9,1		84,8				3,0								3,0		100
29	UPR	53,3		46,7														100
210	PEE	100,0																100
211	TOV																	
212	APR																	
213	ALU	41,2						5,9		23,5			17,6				11,8	100
214	CSA	81,5			18,5													100
215	OSA	85,7			14,3													100
216	CAA	50,0															50,0	100
217	OAA	70,7		2,4		2,4	2,4			4,9	12,2						4,9	100
218	COZ	66,7						16,7									16,7	100
219	SEG									66,7							33,3	100
220	MAN	100,0																100
221	EEI	100,0																100
222	APE																	
223	AUT																	
224	EMP	93,8															6,3	100
225	ASS	100,0																100
226	ESC																	
227	CAE																	
228	DRE	100,0																100
229	OUT	100,0																100
230	NIN	73,7		10,5	1,8	1,8				3,5		7,0				1,8		100
231	FAM	100,0																100
232	AMI	40,0		20,0		40,0												100
233	SER																	
total		73,7	0,2	12,6	1,6	0,8	0,5	0,8		4,1	0,8	0,7	0,5	0,3		1,1	2,1	100

	INTERLOCUTORES
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção
EEI	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior

	INTERLOCUTORES
CAE	Centro da Area Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Familiares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

	LOCAL
GCD	Gabinete do Conselho Directivo
SPF	Sala de Professores - Fumadores
SPB	Sala de Professores - Bar
SSA	Serviços Administrativos
REP	Reprografia
BUF	Bufete de Alunos - Sala de Alunos
REF	Refeitório
COZ	Cozinha
PAT	Pátio
POR	Portaria - Entrada da Escola
LAV	Lavabos
AUL	Sala de Aula - Aula
REU	Sala de Aula - Reuniões
SES	Sala de Aula - Sala de Estudo
FOR	Fora da Escola
COR	Corredores

## F) ACTIVIDADES POR LOCAL X DURAÇÃO (nº de actividades)

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA A

(IX3) - LOCAL X DURAÇÃO

Nº DE ACTIVIDADES

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
	minutos	GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
31	<1	79		4	2	1				4		1				1	3	95
32	1	126	1	14	1	2		1		7	1	1				1	6	161
33	2	68		17	2		1			4	1					1	1	95
34	3	39		6	2	1	1			5	1					1	1	57
35	4	20		5	1	1					1	1						29
36	5	21		6		1					1							29
37	6	6										1				1		8
38	7	8		1	1			1								1		12
39	8	5		1	2													8
310	9	4		2														6
311	10	5		2														7
312	11	4																4
313	12																	
314	13	2		1														3
315	14	2																2
316	15			1														1
317	16	1																1
318	17																	
319	19																	
320	20			1														1
321	26																	
322	27	1						1		1								2
323	33																	
324	39	1																1
325	40																	
326	45																	
327	48															1		1
328	50												3					3
329	55																	
330	95													1				1
331	109																	
332	112																	
333	119																	
334	405																	
total		392	1	61	11	6	2	3		20	5	4	3	1		7	11	527

	LOCAL
GCD	Gabinete do Conselho Directivo
SPF	Sala de Professores - Fumadores
SPB	Sala de Professores - Bar
SSA	Serviços Administrativos
REP	Reprografia
BUF	Bufete de Alunos - Sala de Alunos
REF	Refeitório
COZ	Cozinha
PAT	Pátio
POR	Portaria - Entrada da Escola
LAV	Lavabos
AUL	Sala de Aula - Aula
REU	Sala de Aula - Reuniões
SES	Sala de Aula - Sala de Estudo
FOR	Fora da Escola
COR	Corredores

## OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA A

(1X3) - LOCAL X DURAÇÃO

Nº DE ACTIVIDADES

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
	minutos	GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
31	<1	20,2		6,6	18,2	16,7				20,0		25,0				14,3	27,3	18,0
32	1	32,1	100,0	23,0	9,1	33,3		33,3		35,0	20,0	25,0				14,3	54,5	30,6
33	2	17,3		27,9	18,2		50,0			20,0	20,0					14,3	9,1	18,0
34	3	9,9		9,8	18,2	16,7	50,0			25,0	20,0					14,3	9,1	10,8
35	4	5,1		8,2	9,1	16,7				20,0	25,0							5,5
36	5	5,4		9,8		16,7				20,0								5,5
37	6	1,5										25,0				14,3		1,5
38	7	2,0		1,6	9,1			33,3								14,3		2,3
39	8	1,3		1,6	18,2													1,5
310	9	1,0		3,3														1,1
311	10	1,3		3,3														1,3
312	11	1,0																0,8
314	13	0,5		1,6														0,6
315	14	0,5																0,4
316	15			1,6														0,2
317	16	0,3																0,2
320	20			1,6														0,2
322	27	0,3						33,3										0,4
324	39	0,3																0,2
327	48															14,3		0,2
328	50												100,0					0,6
330	95													100,0				0,2
total		100	100	100	100	100	100	100		100	100	100	100	100		100	100	100

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
		GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
31	<1	83,2		4,2	2,1	1,1				4,2		1,1				1,1	3,2	100
32	1	78,3	0,6	8,7	0,6	1,2		0,6		4,3	0,6	0,6				0,6	3,7	100
33	2	71,6		17,9	2,1		1,1			4,2	1,1					1,1	1,1	100
34	3	68,4		10,5	3,5	1,8	1,8			8,8	1,8					1,8	1,8	100
35	4	69,0		17,2	3,4	3,4				3,4	3,4							100
36	5	72,4		20,7		3,4				3,4								100
37	6	75,0										12,5				12,5		100
38	7	66,7		8,3	8,3			8,3								8,3		100
39	8	62,5		12,5	25,0													100
310	9	66,7		33,3														100
311	10	71,4		28,6														100
312	11	100,0																100
314	13	66,7		33,3														100
315	14	100,0																100
316	15			100,0														100
317	16	100,0																100
320	20			100,0														100
322	27	50,0						50,0										100
324	39	100,0																100
327	48															100,0		100
328	50												100,0					100
330	95													100,0				100
total		74,4	0,2	11,6	2,1	1,1	0,4	0,6		3,8	0,9	0,8	0,6	0,2		1,3	2,1	100

# G) ACTIVIDADES POR LOCAL X DURAÇÃO (tempo gasto)

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA A

(1X) LOCAL X DURAÇÃO

TEMPO GASTO

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
	minutos	GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
31	<1	39,5		2	1	0,5				2		0,5				0,5	1,5	48
32	1	126	1	14	1	2		1		7	1	1					6	161
33	2	136		34	4		2			8	2					2	2	190
34	3	117		18	6	3	3			15	3					3	3	171
35	4	80		20	4	4					4	4						116
36	5	105		30		5					5							145
37	6	36										6				6		48
38	7	56		7	7			7								7		84
39	8	40		8	16													64
310	9	36		18														54
311	10	50		20														70
312	11	44																44
313	12																	
314	13	26		13														39
315	14	28																28
316	15			15														15
317	16	16																16
318	17																	
319	19																	
320	20			20														20
321	26																	
322	27	27						27										54
323	33																	
324	39	39																39
325	40																	
326	45																	
327	48															48		48
328	50												150					150
329	55																	
330	95													95				95
331	109																	
332	112																	
333	119																	
334	405																	
total		1001,5	1	219	39	14,5	5	35		32	15	11,5	150	95		67,5	12,5	1699

	LOCAL
GCD	Gabinete do Conselho Directivo
SPF	Sala de Professores - Fumadores
SPB	Sala de Professores - Bar
SSA	Serviços Administrativos
REP	Reprografia
BUF	Bufete de Alunos - Sala de Alunos
REF	Refeitório
COZ	Cozinha
PAT	Pátio
POR	Portaria - Entrada da Escola
LAV	Lavabos
AUL	Sala de Aula - Aula
REU	Sala de Aula - Reuniões
SES	Sala de Aula - Sala de Estudo
FOR	Fora da Escola
COR	Corredores

## OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA A

(1X3) - LOCAL X DURAÇÃO

TEMPO GASTO

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

	minutos	11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
		GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
31	<1	3,9		0,9	2,6	3,4				6,3		4,3				0,7	12,0	2,8
32	1	12,6	100,0	6,4	2,6	13,8		2,9		21,9	6,7	8,7				1,5	48,0	9,5
33	2	13,6		15,5	10,3		40,0			25,0	13,3					3,0	16,0	11,2
34	3	11,7		8,2	15,4	20,7	60,0			46,9	20,0					4,4	24,0	10,1
35	4	8,0		9,1	10,3	27,6					26,7	34,8						6,8
36	5	10,5		13,7		34,5					33,3							8,5
37	6	3,6										52,2				8,9		2,8
38	7	5,6		3,2	17,9			20,0								10,4		4,9
39	8	4,0		3,7	41,0													3,8
310	9	3,6		8,2														3,2
311	10	5,0		9,1														4,1
312	11	4,4																2,6
314	13	2,6		5,9														2,3
315	14	2,8																1,6
316	15			6,8														0,9
317	16	1,6																0,9
320	20			9,1														1,2
322	27	2,7						77,1										3,2
324	39	3,9																2,3
327	48															71,1		2,8
328	50												100,0					8,8
330	95													100,0				5,6
total		100	100	100	100	100	100	100		100	100	100	100	100		100	100	100

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

	minutos	11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
		GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
31	<1	83,2		4,2	2,1	1,1				4,2		1,1				1,1	3,2	100
32	1	78,3	0,6	8,7	0,6	1,2		0,6		4,3	0,6	0,6				0,6	3,7	100
33	2	71,6		17,9	2,1		1,1			4,2	1,1					1,1	1,1	100
34	3	68,4		10,5	3,5	1,8	1,8			8,8	1,8					1,8	1,8	100
35	4	69,0		17,2	3,4	3,4					3,4	3,4						100
36	5	72,4		20,7		3,4					3,4							100
37	6	75,0										12,5				12,5		100
38	7	66,7		8,3	8,3			8,3								8,3		100
39	8	62,5		12,5	25,0													100
310	9	66,7		33,3														100
311	10	71,4		28,6														100
312	11	100,0																100
314	13	66,7		33,3														100
315	14	100,0																100
316	15			100,0														100
317	16	100,0																100
320	20			100,0														100
322	27	50,0						50,0										100
324	39	100,0																100
327	48															100,0		100
328	50											100,0						100
330	95													100,0				100
total		59,0	0,1	12,9	2,3	0,9	0,3	2,1		1,9	0,9	0,7	8,8	5,6		4,0	0,7	100

## H) ACTIVIDADES POR INTERLOCUTORES X DURAÇÃO (nº de actividades)

### OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA A

(2X3) - INTERLOCUTORES X DURAÇÃO

Nº DE ACTIVIDADES

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		31	32	33	34	35	36	37	38	39	310	311	312	314	315	316	317	320	322	324	327	328	330	total
		<1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	13	14	15	16	20	27	39	48	50	95	
21	INV	17	55	31	20	15	14	5	6	3	2	3	1	2	2		1		1	1				179
22	DTU		4	5	2						1		2										1	15
23	DIN		1		1	1																		3
24	DGD	7	12	10	6	1					1	1		1									1	39
25	CDT	1				1																	1	3
26	VPC	21	36	22	11	4	5	1	1	1		3												105
27	SCD					1																		1
28	VPR	2	6	7	3	3	5	1	1	1	1	1				1			1					33
29	UPR	3	3	5	1	1	1					1												15
210	PEE	1	1	1	1	1						1												6
211	TOV																							
212	APR																							
213	ALU		6	2	3		1					1							1			3		17
214	CSA	3	11	8	1		2	1		1														27
215	OSA	5	9	2	2		1		1	1														21
216	CAA	1			1																			2
217	OAA	8	16	9	3	2	2					1												41
218	COZ	3	1	1					1															6
219	SEG	1	1		1																			3
220	MAN	2	1			1																		4
221	EEL		1										1											2
222	APE																							
223	AUT																							
224	EMP	3	7	3	2		1																	16
225	ASS					1	1																	2
226	ESC																							
227	CAE																							
228	DRE												1											1
229	OUT		1	2	1																			4
230	NIN	19	17	7	5	1	1	1	3	1	1										1			57
231	FAM	1		1																				2
232	AMI	1			2	1												1						5
233	SER																							
total		99	189	116	66	34	34	9	13	8	6	12	5	3	2	1	1	1	3	1	1	3	2	609

	INTERLOCUTORES
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção

	INTERLOCUTORES
EEL	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior
CAE	Centro da Área Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Familiares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

## OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA A

(2X3) - INTERLOCUTORES X DURAÇÃO

Nº DE ACTIVIDADES

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		31	32	33	34	35	36	37	38	39	310	311	312	314	315	316	317	320	322	324	327	328	330	total
		<1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	13	14	15	16	20	27	39	48	50	95	
21	INV	9	31	17	11	8	8	3	3	2	1	2	1	1	1		1							100
22	DTU		27	33	13						7		13											100
23	DIN		33		33	33																		100
24	DGD	18	31	26	15	3					3	3		3										100
25	CDT	33				33																	33	100
26	VPC	20	34	21	10	4	5	1	1	1		3												100
27	SCD					100																		100
28	VPR	6	18	21	9	9	15	3	3	3	3	3				3			3					100
29	UPR	20	20	33	7	7	7					7												100
210	PEE	17	17	17	17	17						17												100
211	TOV																							
212	APR																							
213	ALU		35	12	18		6					6							6			18		100
214	CSA	11	41	30	4		7	4		4														100
215	OSA	24	43	10	10		5		5	5														100
216	CAA	50			50																			100
217	OAA	20	39	22	7	5	5					2												100
218	COZ	50	17	17					17															100
219	SEG	33	33		33																			100
220	MAN	50	25			25																		100
221	EEI		50										50											100
222	APE																							
223	AUT																							
224	EMP	19	44	19	13		6																	100
225	ASS					50	50																	100
226	ESC																							
227	CAE																							
228	DRE												100											100
229	OUT		25	50	25																			100
230	NIN	33	30	12	9	2	2	2	5	2	2										2			100
231	FAM	50		50																				100
232	AMI	20			40	20												20						100
233	SER																							
total		16,3	31,0	19,0	10,8	5,6	5,6	1,5	2,1	1,3	1,0	2,0	0,8	0,5	0,3	0,2	0,2	0,2	0,5	0,2	0,2	0,5	0,3	100

INTERLOCUTORES	
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S-Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção

INTERLOCUTORES	
EEI	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior
CAE	Centro da Area Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Familiares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares



## OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA A

(2X3) - INTERLOCUTORES X DURAÇÃO

Nº DE ACTIVIDADES

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

	31	32	33	34	35	36	37	38	39	310	311	312	314	315	316	317	320	322	324	327	328	330	total
	<1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	13	14	15	16	20	27	39	48	50	95	
21. INV	17	29	27	30	44	41	56	46	38	33	25	20	67	100		100		33	100				29,4
22. DTU		2	4	3						17		40										50	2,5
23. DIN		1		2	3																		0,5
24. DGD	7	6	9	9	3					17	8		33										6,4
25. CDT	1				3																	50	0,5
26. VPC	21	19	19	17	12	15	11	8	13		25												17,2
27. SCD					3																		0,2
28. VPR	2	3	6	5	9	15	11	8	13	17	8				100			33					5,4
29. UPR	3	2	4	2	3	3					8												2,5
210. PEE	1	1	1	2	3						8												1,0
211. TOV																							
212. APR																							
213. ALU		3	2	5		3					8							33			100		2,8
214. CSA	3	6	7	2		6	11		13														4,4
215. OSA	5	5	2	3		3		8	13														3,4
216. CAA	1			2																			0,3
217. OAA	8	8	8	5	6	6					8												6,7
218. COZ	3	1	1					8															1,0
219. SEG	1	1		2																			0,5
220. MAN	2	1			3																		0,7
221. EEI		1										20											0,3
222. APE																							
223. AUT																							
224. EMP	3	4	3	3		3																	2,6
225. ASS					3	3																	0,3
226. ESC																							
227. CAE																							
228. DRE												20											0,2
229. OUT		1	2	2																			0,7
230. NIN	19	9	6	8	3	3	11	23	13	17									100				9,4
231. FAM	1		1																				0,3
232. AMI	1			3	3												100						0,8
233. SER																							
total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

INTERLOCUTORES	
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção

INTERLOCUTORES	
EEI	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior
CAE	Centro da Area Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Familiares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

# I) ACTIVIDADES POR INTERLOCUTORES X DURAÇÃO (tempo gasto)

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA A

(2X3) - INTERLOCUTORES X DURAÇÃO

TEMPO GASTO

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		31	32	33	34	35	36	37	38	39	310	311	312	314	315	316	317	320	322	324	327	328	330	total
		<1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	13	14	15	16	20	27	39	48	50	95	
21	INV	8,5	55	62	60	60	70	30	42	24	18	30	11	26	28		16		27	39				606,5
22	DTU		4	10	6						9		22										95	146,0
23	DIN		1		3	4																		8,0
24	DGD	3,5	12	20	18	4					9	10		13										89,5
25	CDT	0,5				4																	95	99,5
26	VPC	10,5	36	44	33	16	25	6	7	8		30												215,5
27	SCD					4																		4,0
28	VPR	1,0	6	14	9	12	25	6	7	8	9	10				15			27					149,0
29	UPR	1,5	3	10	3	4	5					10												36,5
210	PEE	0,5	1	2	3	4						10												20,5
211	TOV																							
212	APR																							
213	ALU		6	4	9		5					10							27			150		211,0
214	CSA	1,5	11	16	3		10	6		8														55,5
215	OSA	2,5	9	4	6		5		7	8														41,5
216	CAA	0,5			3																			3,5
217	OAA	4,0	16	18	9	8	10					10												75,0
218	COZ	1,5	1	2					7															11,5
219	SEG	0,5	1		3																			4,5
220	MAN	1,0	1			4																		6,0
221	EEI		1										11											12,0
222	APE																							
223	AUT																							
224	EMP	1,5	7	6	6		5																	25,5
225	ASS					4	5																	9,0
226	ESC																							
227	CAE																							
228	DRE												11											11,0
229	OUT		1	4	3																			8,0
230	NIN	9,5	17	14	15	4	5	6	21	8	9										48			156,5
231	FAM	0,5		2																				2,5
232	AMI	0,5			6	4												20						30,5
233	SER																							
total		49,5	189	232	198	136	170	54	91	64	54	120	55	39	28	15	16	20	81	39	48	150	190	2038,5

	INTERLOCUTORES
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção

	INTERLOCUTORES
EEI	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior
CAE	Centro da Area Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Familiares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES  
ESCOLA A  
(2X3) - INTERLOCUTORES X DURAÇÃO

## TEMPO GASTO

## FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		31	32	33	34	35	36	37	38	39	310	311	312	314	315	316	317	320	322	324	327	328	330	total
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	13	14	15	16	20	27	39	48	50	95		
21.	INV.	1	9	10	10	10	12	5	7	4	3	5	2	4	5		3		4	6				100
22.	DTU		3	7	4						6		15										65	100
23.	DIN		13		38	50																		100
24.	DGD	4	13	22	20	4					10	11		15										100
25.	CDT	1				4																	95	100
26.	VPC	5	17	20	15	7	12	3	3	4		14												100
27.	SCD					100																		100
28.	VPR	1	4	9	6	8	17	4	5	5	6	7				10			18					100
29.	UPR	4	8	27	8	11	14					27												100
210.	PBE	2	5	10	15	20						49												100
211.	TOV																							
212.	APR																							
213.	ALU		3	2	4		2					5							13			71		100
214.	CSA	3	20	29	5		18	11		14														100
215.	OSA	6	22	10	14		12		17	19														100
216.	CAA	14			86																			100
217.	OAA	5	21	24	12	11	13					13												100
218.	COZ	13	9	17					61															100
219.	SEG	11	22		67																			100
220.	MAN	17	17			67																		100
221.	EEI		8									92												100
222.	APE																							
223.	AUT																							
224.	EMP	6	27	24	24		20																	100
225.	ASS					44	56																	100
226.	ESC																							
227.	CAE																							
228.	DRE											100												100
229.	OUT		13	50	38																			100
230.	NIN	6	11	9	10	3	3	4	13	5	6										31			100
231.	FAM	20		80																				100
232.	AMI	2			20	13											66							100
233.	SER																							
total		2.4	9.3	11.4	9.7	6.7	8.3	2.6	4.5	3.1	2.6	5.9	2.7	1.9	1.4	0.7	0.8	1.0	4.0	1.9	2.4	7.4	9.3	100

INTERLOCUTORES	
INV.	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção

INTERLOCUTORES	
EEI	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior
CAE	Centro da Área Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Familiares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

## OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA A

(2X3) - INTERLOCUTORES X DURAÇÃO

TEMPO GASTO

FREQÜÊNCIAS RELATIVAS

	31	32	33	34	35	36	37	38	39	310	311	312	314	315	316	317	320	322	324	327	328	330	total
	<1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	13	14	15	16	20	27	39	48	50	95	
21 INV	17	29	27	30	44	41	56	46	38	33	25	20	67	100		100		33	100				29,8
22 DTU	2	4	3							17		40										50	7,2
23 DIN		1		2	3																		0,4
24 DGD	7	6	9	9	3					17	8		33										4,4
25 CDT	1				3																	50	4,9
26 VPC	21	19	19	17	12	15	11	8	13		25												10,6
27 SGD					3																		0,2
28 VPR	2	3	6	5	9	15	11	8	13	17	8				100			33					7,3
29 UPR	3	2	4	2	3	3					8												1,8
310 PEE	1	1	1	2	3						8												1,0
311 TOV																							
312 APR																							
313 ALU		3	2	5		3					8							33			100		10,4
314 CSA	3	6	7	2		6	11		13														2,7
315 OSA	5	5	2	3		3		8	13														2,0
316 CAA	1			2																			0,2
317 OAA	8	8	8	5	6	6					8												3,7
318 COZ	3	1	1					8															0,6
319 SEG	1	1		2																			0,2
320 MAN	2	1			3																		0,3
321 EEI		1									20												0,6
322 APE																							
323 AUT																							
324 EMP	3	4	3	3		3																	1,3
325 ASS					3	3																	0,4
326 ESC																							
327 CAE																							
328 DRE												20											0,5
329 OUT		1	2	2																			0,4
330 NIN	19	9	6	8	3	3	11	23	13	17									100				7,7
331 FAM	1		1																				0,1
332 AMI	1			3	3												100						1,5
333 SER																							
total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

	INTERLOCUTORES
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção

	INTERLOCUTORES
EEI	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior
CAE	Centro da Area Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Familiares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

**ANEXO XIV****PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO - ESCOLA B**

# A) ACTIVIDADES POR TEMAS X DURAÇÃO (nº de actividades)

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA B

(3X5) - DURAÇÃO X TEMAS

Nº DE ACTIVIDADES

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		51	52	53	54	55	56	57	58	59	510	511	512	total
	minutos	ORG	CUR	AVA	DIS	FPD	CUL	AUL	GPE	GIN	GOR	GGE	IRE	
31	<1	9	1	6	10		1		14	5	1	48	72	167
32	1	25	8	7	18	1	6		29	10	3	69	75	251
33	2	18	5	2	17		2		10	2	1	29	42	128
34	3	10	1	1	6	1	3		7	2	3	10	24	68
35	4	6		1	5				2			8	6	28
36	5	1	1		2	1			4		1	6	11	27
37	6	1	1		1		1		2		1	2	3	12
38	7								1			1	4	6
39	8	1	1		2				2			1	1	8
310	9											1		1
311	10				1								5	6
312	11												1	1
313	12								1			1	1	3
314	13												1	1
315	14													
316	15												1	1
317	16													
318	17												2	2
319	19												1	1
320	20													
321	26												2	2
322	27													
323	33													
324	39													
325	40												1	1
326	45												1	1
327	48							1						1
328	50													
329	55							2					1	3
330	95													
331	109													
332	112													
333	119													
334	225	1												1
total		72	18	17	62	3	13	3	72	19	10	176	255	720

Temas	ORG	Organização Geral da Escola	Pedagógicas
	CUR	Gestão do Currículo	
	AVA	Avaliação dos Alunos	
	DIS	Disciplina dos Alunos	
	FPD	Formação de Professores	
	CUL	Actividades Educativas não Formais	
	AUL	Actividades Lectivas	
	GPE	Gestão do Pessoal	Administrativas
	GIN	Gestão Inst. e Equipamentos	
	GOR	Gestão Orçamental	
	GGE	Administração Geral	
	IRE	Integrativas-Relacionais	Integrativas

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - AÇÕES/ATIVIDADES  
ESCOLA B

(3X5) - DURAÇÃO X TEMAS

Nº DE ACTIVIDADES

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		51	52	53	54	55	56	57	58	59	510	511	512	total
		ORG	CUR	AVA	DIS	FPD	CUL	AUL	GPE	GIN	GOR	GGE	IRE	
31	<1	12,5	5,6	35,3	16,1		7,7		19,4	26,3	10,0	27,3	28,2	23,2
32	1	34,7	44,4	41,2	29,0	33,3	46,2		40,3	52,6	30,0	39,2	29,4	34,9
33	2	25,0	27,8	11,8	27,4		15,4		13,9	10,5	10,0	16,5	16,5	17,8
34	3	13,9	5,6	5,9	9,7	33,3	23,1		9,7	10,5	30,0	5,7	9,4	9,4
35	4	8,3		5,9	8,1				2,8			4,5	2,4	3,9
36	5	1,4	5,6		3,2	33,3			5,6		10,0	3,4	4,3	3,8
37	6	1,4	5,6		1,6		7,7		2,8		10,0	1,1	1,2	1,7
38	7								1,4			0,6	1,6	0,8
39	8	1,4	5,6		3,2				2,8			0,6	0,4	1,1
310	9											0,6		0,1
311	10				1,6								2,0	0,8
312	11												0,4	0,1
313	12								1,4			0,6	0,4	0,4
314	13												0,4	0,1
316	15												0,4	0,1
318	17												0,8	0,3
319	19												0,4	0,1
321	26												0,8	0,3
325	40												0,4	0,1
326	45												0,4	0,1
327	48							33,3						0,1
329	55							66,7					0,4	0,4
334	405	1,4												0,1
total		100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		51	52	53	54	55	56	57	58	59	510	511	512	total
		ORG	CUR	AVA	DIS	FPD	CUL	AUL	GPE	GIN	GOR	GGE	IRE	
31	<1	5,4	0,6	3,6	6,0		0,6		8,4	3,0	0,6	28,7	43,1	100
32	1	10,0	3,2	2,8	7,2	0,4	2,4		11,6	4,0	1,2	27,5	29,9	100
33	2	14,1	3,9	1,6	13,3		1,6		7,8	1,6	0,8	22,7	32,8	100
34	3	14,7	1,5	1,5	8,8	1,5	4,4		10,3	2,9	4,4	14,7	35,3	100
35	4	21,4		3,6	17,9				7,1			28,6	21,4	100
36	5	3,7	3,7		7,4	3,7			14,8		3,7	22,2	40,7	100
37	6	8,3	8,3		8,3		8,3		16,7		8,3	16,7	25,0	100
38	7								16,7			16,7	66,7	100
39	8	12,5	12,5		25,0				25,0			12,5	12,5	100
310	9											100,0		100
311	10				16,7								83,3	100
312	11												100,0	100
313	12								33,3			33,3	33,3	100
314	13												100,0	100
316	15												100,0	100
318	17												100,0	100
319	19												100,0	100
321	26												100,0	100
325	40												100,0	100
326	45												100,0	100
327	48							100,0						100
329	55							66,7					33,3	100
334	405												100,0	100
total		10,0	2,5	2,4	8,6	0,4	1,8	0,4	10,0	2,6	1,4	24,4	35,4	100

## B) ACTIVIDADES POR TEMAS X DURAÇÃO (tempo gasto)

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA B

(3X3) - DURAÇÃO X TEMAS

TEMPO GASTO

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		51	52	53	54	55	56	57	58	59	510	511	512	total
	minutos	ORG	CUR	AVA	DIS	FPD	CUL	AUL	GPE	GIN	GOR	GGE	IRE	
31	<1	4,5	0,5	3	5		0,5		7	2,5	0,5	24	36	83,5
32	1	25	8	7	18	1	6		29	10	3	69	75	251
33	2	36	10	4	34		4		20	4	2	58	84	256
34	3	30	3	3	18	3	9		21	6	9	30	72	204
35	4	24		4	20				8			32	24	112
36	5	5	5		10	5			20		5	30	55	135
37	6	6	6		6		6		12		6	12	18	72
38	7								7			7	28	42
39	8	8	8		16				16			8	8	64
310	9											9		9
311	10				10								50	60
312	11												11	11
313	12								12			12	12	36
314	13												13	13
315	14													
316	15												15	15
317	16													
318	17												34	34
319	19												19	19
320	20													
321	26												52	52
322	27													
323	33													
324	39													
325	40												40	40
326	45												45	45
327	48							48						48
328	50													
329	55							110					55	165
330	95													
331	109													
332	112													
333	119													
334	405	225												225
total		364	40,5	21	137	9	26	158	152	23	25,5	291	746	1991,5

Temas	ORG	Organização Geral da Escola	Pedagógicas
	CUR	Gestão do Currículo	
	AVA	Avaliação dos Alunos	
	DIS	Disciplina dos Alunos	
	FPD	Formação de Professores	
	CUL	Actividades Educativas não Formais	
	AUL	Actividades Lectivas	
	GPE	Gestão do Pessoal	Administrativas
	GIN	Gestão Inst. e Equipamentos	
	GOR	Gestão Orçamental	
	GGE	Administração Geral	
	IRE	Integrativas-Relacionais	Integrativas



## OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA B

(3X5) - DURAÇÃO X TEMAS

TEMPO GASTO

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		51	52	53	54	55	56	57	58	59	510	511	512	total
	minutos	ORG	CUR	AVA	DIS	FPD	CUL	AUL	GPE	GIN	GOR	GGE	IRE	
31	<1	1,2	1,2	14,3	3,6		2,0		4,6	11,1	2,0	8,2	4,8	4,2
32	1	6,9	19,8	33,3	13,1	11,1	23,5		19,1	44,4	11,8	23,7	10,1	12,6
33	2	9,9	24,7	19,0	24,8		15,7		13,2	17,8	7,8	19,9	11,3	12,9
34	3	8,3	7,4	14,3	13,1	33,3	35,3		13,8	26,7	35,3	10,3	9,7	10,2
35	4	6,6		19,0	14,6				5,3			11,0	3,2	5,6
36	5	1,4	12,3		7,3	55,6			13,2		19,6	10,3	7,4	6,8
37	6	1,7	14,8		4,4		23,5		7,9		23,5	4,1	2,4	3,6
38	7								4,6			2,4	3,8	2,1
39	8	2,2	19,8		11,7				10,5			2,7	1,1	3,2
310	9											3,1		0,5
311	10				7,3								6,7	3,0
312	11												1,5	0,6
313	12								7,9			4,1	1,6	1,8
314	13												1,7	0,7
316	15												2,0	0,8
318	17												4,6	1,7
319	19												2,5	1,0
321	26												7,0	2,6
325	40												5,4	2,0
326	45												6,0	2,3
327	48							30,4						2,4
329	55							69,6					7,4	8,3
334	405	61,9												11,3
total		100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		51	52	53	54	55	56	57	58	59	510	511	512	total
	minutos	ORG	CUR	AVA	DIS	FPD	CUL	AUL	GPE	GIN	GOR	GGE	IRE	
31	<1	5,4	0,6	3,6	6,0		0,6		8,4	3,0	0,6	28,7	43,1	100
32	1	10,0	3,2	2,8	7,2	0,4	2,4		11,6	4,0	1,2	27,5	29,9	100
33	2	14,1	3,9	1,6	13,3		1,6		7,8	1,6	0,8	22,7	32,8	100
34	3	14,7	1,5	1,5	8,8	1,5	4,4		10,3	2,9	4,4	14,7	35,3	100
35	4	21,4		3,6	17,9				7,1			28,6	21,4	100
36	5	3,7	3,7		7,4	3,7			14,8		3,7	22,2	40,7	100
37	6	8,3	8,3		8,3		8,3		16,7		8,3	16,7	25,0	100
38	7								16,7			16,7	66,7	100
39	8	12,5	12,5		25,0				25,0			12,5	12,5	100
310	9											100,0		100
311	10				16,7								83,3	100
312	11												100,0	100
313	12								33,3			33,3	33,3	100
314	13												100,0	100
316	15												100,0	100
318	17												100,0	100
319	19												100,0	100
321	26												100,0	100
325	40												100,0	100
326	45												100,0	100
327	48							100,0						100
329	55							66,7					33,3	100
334	405	100,0												100
total		18,3	2,0	1,1	6,9	0,5	1,3	7,9	7,6	1,1	1,3	14,6	37,5	100

# C) ACTIVIDADES POR TEMAS X INTERLOCUTORES

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA B

(2X5) - TEMAS X INTERLOCUTORES

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		51	52	53	54	55	56	57	58	59	510	511	512	total
		ORG	CUR	AVA	DIS	FPD	CUL	AUL	GPE	GIN	GOR	GGE	IRE	
21	INV	8	4	2	17	3	5		15	2	1	32	121	210
22	DTU	5			18		1					3	7	34
23	DIN													
24	DGD	7	3		9		1		2	4	1	6	29	62
25	CDT	2	1	1								1		5
26	VPC				1								4	5
27	SCD	2					1		1	2		5	6	17
28	VPR	6			2	1	1		2			1	24	37
29	UPR	12	2	2	15		2		29	2		7	19	90
210	PEE				6								2	8
211	TOV													
212	APR												1	1
213	ALU	18		1	4			3				1	5	32
214	CSA	5	1	3	5		2		16	1	8	30	27	98
215	OSA	5	5	6	2				15	1		70	20	124
216	CAA													
217	OAA	9	2	4	7					2		20	32	76
218	COZ													
219	SEG				1				1					2
220	MAN									1				1
221	EEL				2								2	4
222	APE													
223	AUT						3							3
224	EMP		1				1							2
225	ASS									1				1
226	ESC			2		2						4	1	9
227	CAE									1		1	2	4
228	DRE				1				4	4			1	10
229	OUT													
230	NTN	9	3		3				2	1		27	16	61
231	FAM				1								10	11
232	AMI												2	2
233	SER												2	2
total		88	22	21	94	6	17	3	87	22	10	208	333	911

INTERLOCUTORES	
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção
EEL	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior

INTERLOCUTORES	
CAE	Centro da Area Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NTN	Ninguém
FAM	Familiares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

TEMAS	
ORG	Organização Geral da Escola
CUR	Gestão do Currículo
AVA	Avaliação dos Alunos
DIS	Disciplina dos Alunos
FPD	Formação de Professores
CUL	Actividades Educativas não Formais
AUL	Actividades Lectivas
GPE	Gestão do Pessoal
GIN	Gestão Inst. e Equipamentos
GOR	Gestão Orçamental
GGE	Administração Geral
IRE	Integrativas-Relacionais

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES  
ESCOLA B

(2X5) - TEMAS X INTERLOCUTORES

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		51	52	53	54	55	56	57	58	59	510	511	512	total
		ORG	CUR	AVA	DIS	FPD	CUL	AUL	GPE	GIN	GOR	GGE	IRE	
21	INV	9,1	18,2	9,5	18,1	50,0	29,4		17,2	9,1	10,0	15,4	36,3	23,1
22	DTU	5,7			19,1		5,9					1,4	2,1	3,7
23	DIN													
24	DGD	8,0	13,6		9,6		5,9		2,3	18,2	10,0	2,9	8,7	56,8
25	CDT	2,3	4,5	4,8								0,5		0,5
26	VPC				1,1								1,2	0,5
27	SCD	2,3					5,9		1,1	9,1		2,4	1,8	1,9
28	VPR	6,8			2,1	16,7	5,9		2,3			0,5	7,2	4,1
29	UPR	13,6	9,1	9,5	16,0		11,8		33,3	9,1		3,4	5,7	9,9
210	PEE				6,4								0,6	0,9
211	TOV													
212	APR												0,3	0,1
213	ALU	20,5		4,8	4,3			100,0				0,5	1,5	13,5
214	CSA	5,7	4,5	14,3	5,3		11,8		18,4	4,5	80,0	14,4	8,1	10,8
215	OSA	5,7	22,7	28,6	2,1				17,2	4,5		33,7	6,0	13,6
216	CAA													
217	OAA	10,2	9,1	19,0	7,4					9,1		9,6	9,6	18,3
218	COZ													
219	SEG				1,1				1,1					0,2
220	MAN									4,5				0,1
221	EEI				2,1								0,6	0,4
222	APE													
223	AUT						17,6							0,3
224	EMP		4,5				5,9							0,2
225	ASS									4,5				0,1
226	ESC			9,5		33,3						1,9	0,3	1,0
227	CAE									4,5		0,5	0,6	0,4
228	DRE				1,1				4,6	18,2			0,3	1,1
229	OUT													
230	NIN	10,2	13,6		3,2				2,3	4,5		13,0	4,8	6,7
231	FAM				1,1								3,0	1,2
232	AMI												0,6	0,2
233	SER												0,6	0,2
total		100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

INTERLOCUTORES	
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção
EEI	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior

INTERLOCUTORES	
CAE	Centro da Área Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Famíliares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

TEMAS	
ORG	Organização Geral da Escola
CUR	Gestão do Currículo
AVA	Avaliação dos Alunos
DIS	Disciplina dos Alunos
FPD	Formação de Professores
CUL	Actividades Educativas não Formais
AUL	Actividades Lectivas
GPE	Gestão do Pessoal
GIN	Gestão Inst. e Equipamentos
GOR	Gestão Orçamental
GGE	Administração Geral
IRE	Integrativas-Relacionais

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES  
ESCOLA B  
(2X5) - TEMAS X INTERLOCUTORES

## FREQÜÊNCIAS RELATIVAS

		51	52	53	54	55	56	57	58	59	510	511	512	total
		ORG	CUR	AVA	DIS	FPD	CUL	AUL	GPE	GIN	GOR	GGE	IRE	
21	INV	3,8	1,9	1,0	8,1	1,4	2,4		7,1	1,0	0,5	15,2	57,6	100
22	DTU	14,7			52,9		2,9					8,8	20,6	100
23	DIN													
24	DGD	11,3	4,8		14,5		1,6		3,2	6,5	1,6	9,7	46,8	100
25	CDT	40,0	20,0	20,0								20,0		100
26	VPC				20,0								80,0	100
27	SCD	11,8					5,9		5,9	11,8		29,4	35,3	100
28	VPR	16,2			5,4	2,7	2,7		5,4			2,7	64,9	100
29	UPR	13,3	2,2	2,2	16,7		2,2		32,2	2,2		7,8	21,1	100
210	PEE				75,0								25,0	100
211	TOV													
212	APR												100,0	100
213	ALU	56,3		3,1	12,5			9,4				3,1	15,6	100
214	CSA	5,1	1,0	3,1	5,1		2,0		16,3	1,0	8,2	30,6	27,6	100
215	OSA	4,0	4,0	4,8	1,6				12,1	0,8		56,5	16,1	100
216	GAA													
217	OAA	11,8	2,6	5,3	9,2					2,6		26,3	42,1	100
218	GOZ													
219	SEG				50,0				50,0					100
220	MAN									100,0				100
221	EEI				50,0								50,0	100
222	APE													
223	AUT						100,0							100
224	EMP		50,0				50,0							100
225	ASS									100,0				100
226	ESC			22,2		22,2						44,4	11,1	100
227	CAE									25,0		25,0	50,0	100
228	DRE				10,0				40,0	40,0			10,0	100
229	OUT													
230	NIN	14,8	4,9		4,9				3,3	1,6		44,3	26,2	100
231	FAM				9,1								90,9	100
232	AMI												100,0	100
233	SER												100,0	100
total		9,7	2,4	2,3	10,3	0,7	1,9	0,3	9,5	2,4	1,1	22,8	36,6	100

INTERLOCUTORES	
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção
EEI	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior

INTERLOCUTORES	
CAE	Centro da Area Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Familiares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

TEMAS	
ORG	Organização Geral da Escola
CUR	Gestão do Currículo
AVA	Avaliação dos Alunos
DIS	Disciplina dos Alunos
FPD	Formação de Professores
CUL	Actividades Educativas não Formais
AUL	Actividades Lectivas
GPE	Gestão do Pessoal
GIN	Gestão Inst. e Equipamentos
GOR	Gestão Orçamental
GGE	Administração Geral
IRE	Integrativas-Relacionais

## D) ACTIVIDADES POR TEMAS X LOCAL

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES  
ESCOLA B  
(1X5) - LOCAL X TEMAS

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
		GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
51	ORG	51	7	3	1	2				6	1			1				72
52	CUR	14	2							1	1							18
53	AVA	14		1	1										1			17
54	DIS	37	9	5						6	5							62
55	FPD	1	2															3
56	CUL	12								1								13
57	AUL												3					3
58	GPE	65	2		2					3								72
59	GIN	13	1	3						2								19
510	GOR	9			1													10
511	GGE	164	1	1	2	6				2								176
512	IRE	133	31	17	6	4				37	9	1				17		255
total		513	55	30	13	12				58	16	1	3	1	1	17		720

	LOCAL
GCD	Gabinete do Conselho Directivo
SPF	Sala de Professores - Fumadores
SPB	Sala de Professores - Bar
SSA	Serviços Administrativos
REP	Reprografia
BUF	Bufete de Alunos - Sala de Alunos
REF	Refeitório
COZ	Cozinha
PAT	Pátio
POR	Portaria - Entrada da Escola
LAV	Lavabos
AUL	Sala de Aula - Aula
REU	Sala de Aula - Reuniões
SES	Sala de Aula - Sala de Estudo
FOR	Fora da Escola
COR	Corredores

	TEMAS
ORG	Organização Geral da Escola
CUR	Gestão do Currículo
AVA	Avaliação dos Alunos
DIS	Disciplina dos Alunos
FPD	Formação de Professores
CUL	Actividades Educativas não Formais
AUL	Actividades Lectivas
GPE	Gestão do Pessoal
GIN	Gestão Inst. e Equipamentos
GOR	Gestão Orçamental
GGE	Administração Geral
IRE	Integrativas-Relacionais

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES  
ESCOLA B  
(1X5) - LOCAL X TEMAS

## FREQÜÊNCIAS RELATIVAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
		GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
51	ORG	9,9	12,7	10,0	7,7	16,7				10,3	6,3			100,0				10,0
52	CUR	2,7	3,6							1,7	6,3							2,5
53	AVA	2,7		3,3	7,7										100,0			2,4
54	DIS	7,2	16,4	16,7						10,3	31,3							8,6
55	FPD	0,2	3,6															0,4
56	CUL	2,3								1,7								1,8
57	AUL												100,0					0,4
58	GPE	12,7	3,6		15,4					5,2								10,0
59	GIN	2,5	1,8	10,0						3,4								2,6
510	GOR	1,8			7,7													1,4
511	GGE	32,0	1,8	3,3	15,4	50,0				3,4								24,4
512	IRE	25,9	56,4	56,7	46,2	33,3				63,8	56,3	100,0				100		35,4
total		100	100	100	100	100				100	100	100	100	100	100	100		100

## FREQÜÊNCIAS RELATIVAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
		GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
51	ORG	70,8	9,7	4,2	1,4	2,8				8,3	1,4			1,4				100
52	CUR	77,8	11,1							5,6	5,6							100
53	AVA	82,4		5,9	5,9										5,9			100
54	DIS	59,7	14,5	8,1						9,7	8,1							100
55	FPD	33,3	66,7															100
56	CUL	92,3								7,7								100
57	AUL												100,0					100
58	GPE	90,3	2,8		2,8					4,2								100
59	GIN	68,4	5,3	15,8						10,5								100
510	GOR	90,0			10,0													100
511	GGE	93,2	0,6	0,6	1,1	3,4				1,1								100
512	IRE	52,2	12,2	6,7	2,4	1,6				14,5	3,5	0,4				6,7		100
total		71,3	7,6	4,2	1,8	1,7				8,1	2,2	0,1	0,4	0,1	0,1	2,4		100

LOCAL	
GCD	Gabinete do Conselho Directivo
SPF	Sala de Professores - Fumadores
SPB	Sala de Professores - Bar
SSA	Serviços Administrativos
REP	Reprografia
BUF	Bufete de Alunos - Sala de Alunos
REF	Refeitório
COZ	Cozinha
PAT	Pátio
POR	Portaria - Entrada da Escola
LAV	Lavabos
AUL	Sala de Aula - Aula
REU	Sala de Aula - Reuniões
SES	Sala de Aula - Sala de Estudo
FOR	Fora da Escola
COR	Corredores

TEMAS	
ORG	Organização Geral da Escola
CUR	Gestão do Currículo
AVA	Avaliação dos Alunos
DIS	Disciplina dos Alunos
FPD	Formação de Professores
CUL	Actividades Educativas não Formais
AUL	Actividades Lectivas
GPE	Gestão do Pessoal
GIN	Gestão Inst. e Equipamentos
GOR	Gestão Orçamental
GGE	Administração Geral
IRE	Integrativas-Relacionais

# E) ACTIVIDADES POR LOCAL X INTERLOCUTORES

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA B

(1X2) - LOCAL X INTERLOCUTORES

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
		GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
21	INV	134	22	5		1				32	4				1	11		210
22	DTU	21	4	4						5								34
23	DIN																	
24	DGD	38	17	2						3				1		1		62
25	CDT	4				1												5
26	VPC	1	1	2						1								5
27	SCD	15								2								17
28	VPR	10	14	13														37
29	UPR	60	14	8	1					6				1				90
210	PEE	4	2							2								8
211	TOV																	
212	APR									1								1
213	ALU	13	4							8	3		3		1			32
214	CSA	93			3	1				1								98
215	OSA	112			10	1				1								124
216	CAA																	
217	OAA	34	6	4		10				5	16					1		76
218	COZ																	
219	SEG									1	1							2
220	MAN	1																1
221	EEL	3								1								4
222	APE																	
223	AUT	3																3
224	EMP	2																2
225	ASS	1																1
226	ESC	7	1		1													9
227	CAE	3								1								4
228	DRE	10																10
229	OUT																	
230	NIN	54								2		1				4		61
231	FAM	2								2	5					2		11
232	AMI	2																2
233	SER	2																2
total		629	85	38	15	14				74	29	1	3	1	3	19		911

INTERLOCUTORES	
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção
EEL	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior

INTERLOCUTORES	
CAE	Centro da Área Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Familiares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

LOCAL	
GCD	Gabinete do Conselho Directivo
SPF	Sala de Professores - Fumadores
SPB	Sala de Professores - Bar
SSA	Serviços Administrativos
REP	Reprografia
BUF	Bufete de Alunos - Sala de Alunos
REF	Refeitório
COZ	Cozinha
PAT	Pátio
POR	Portaria - Entrada da Escola
LAV	Lavabos
AUL	Sala de Aula - Aula
REU	Sala de Aula - Reuniões
SES	Sala de Aula - Sala de Estudo
FOR	Fora da Escola
COR	Corredores

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES  
ESCOLA B  
(1X2) - LOCAL X INTERLOCUTORES

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
		GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
21	INV	21,3	25,9	13,2		7,1				43,2	13,8				33,3	57,9		23,1
22	DTU	3,3	4,7	10,5						6,8								3,7
23	DIN																	
24	DGD	6,0	20,0	5,3						4,1				100,0		5,3		6,8
25	CDT	0,6				7,1												0,5
26	VPC	0,2	1,2	5,3						1,4								0,5
27	SCD	2,4								2,7								1,9
28	VPR	1,6	16,5	34,2														4,1
29	UPR	9,5	16,5	21,1	6,7					8,1					33,3			9,9
210	PEE	0,6	2,4							2,7								0,9
211	TOV																	
212	APR									1,4								0,1
213	ALU	2,1	4,7							10,8	10,3		100,0		33,3			3,5
214	CSA	14,8			20,0	7,1				1,4								10,8
215	OSA	17,8			66,7	7,1				1,4								13,6
216	CAA																	
217	OAA	5,4	7,1	10,5		71,4				6,8	55,2					5,3		8,3
218	COZ																	
219	SEG									1,4	3,4							0,2
220	MAN	0,2																0,1
221	EEI	0,5								1,4								0,4
222	APE																	
223	AUT	0,5																0,3
224	EMP	0,3																0,2
225	ASS	0,2																0,1
226	ESC	1,1	1,2		6,7													1,0
227	CAE	0,5								1,4								0,4
228	DRE	1,6																1,1
229	OUT																	
230	NIN	8,6								2,7		100,0				21,1		6,7
231	FAM	0,3								2,7	17,2					10,5		1,2
232	AMI	0,3																0,2
233	SER	0,3																0,2
total		100	100	100	100	100				100	100	100	100	100	100	100		100

	INTERLOCUTORES
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção
EEI	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior

	INTERLOCUTORES
CAE	Centro da Área Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Famíliares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

	LOCAL
GCD	Gabinete do Conselho Directivo
SPF	Sala de Professores - Fumadores
SPB	Sala de Professores - Bar
SSA	Serviços Administrativos
REP	Reprografia
BUF	Bufete de Alunos - Sala de Alunos
REF	Refeitório
COZ	Cozinha
PAT	Pátio
POR	Portaria - Entrada da Escola
LAV	Lavabos
AUL	Sala de Aula - Aula
REU	Sala de Aula - Reuniões
SES	Sala de Aula - Sala de Estudo
FOR	Fora da Escola
COR	Corredores



OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES  
ESCOLA B  
(1X2) - LOCAL X INTERLOCUTORES

## FREQÜÊNCIAS RELATIVAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
		GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
21	INV	63,8	10,5	2,4		0,5				15,2	1,9				0,5	5,2		100
22	DTU	61,8	11,8	11,8						14,7								100
23	DIN																	
24	DGD	61,3	27,4	3,2						4,8				1,6		1,6		100
25	CDT	80,0				20,0												100
26	VPC	20,0	20,0	40,0						20,0								100
27	SCD	88,2								11,8								100
28	VPR	27,0	37,8	35,1														100
29	UPR	66,7	15,6	8,9	1,1					6,7					1,1			100
210	PEE	50,0	25,0							25,0								100
211	TOV																	
212	APR									100,0								100
213	ALU	40,6	12,5							25,0	9,4		9,4		3,1			100
214	CSA	94,9			3,1	1,0				1,0								100
215	OSA	90,3			8,1	0,8				0,8								100
216	CAA																	
217	OAA	44,7	7,9	5,3		13,2				6,6	21,1					1,3		100
218	COZ																	
219	SEG									50,0	50,0							100
220	MAN	100,0																100
221	EET	75,0								25,0								100
222	APE																	
223	AUT	100,0																100
224	EMP	100,0																100
225	ASS	100,0																100
226	ESC	77,8	11,1		11,1													100
227	CAE	75,0								25,0								100
228	DRE	100,0																100
229	OUT																	
230	NIN	88,5								3,3		1,6				6,6		100
231	FAM	18,2								18,2	45,5					18,2		100
232	AMI	100,0																100
233	SER	100,0																100
total		69,0	9,3	4,2	1,6	1,5				8,1	3,2	0,1	0,3	0,1	0,3	2,1		100

INTERLOCUTORES	
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção
EET	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior

INTERLOCUTORES	
CAE	Centro da Area Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Familiares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

LOCAL	
GCD	Gabinete do Conselho Directivo
SPF	Sala de Professores - Fumadores
SPB	Sala de Professores - Bar
SSA	Serviços Administrativos
REP	Reprografia
BUF	Bufete de Alunos - Sala de Alunos
REF	Refeitório
COZ	Cozinha
PAT	Pátio
POR	Portaria - Entrada da Escola
LAV	Lavabos
AUL	Sala de Aula - Aula
REU	Sala de Aula - Reuniões
SES	Sala de Aula - Sala de Estudo
FOR	Fora da Escola
COR	Corredores

## F) ACTIVIDADES POR LOCAL X DURAÇÃO (nº de actividades)

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA B

(1X3) - LOCAL X DURAÇÃO

Nº DE ACTIVIDADES

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
	minutos	GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
31	<1	133	3	5	2	6				13	4					1		167
32	1	180	23	7	5	4				22	8				1	1		251
33	2	86	11	8	1	2				15	3					2		128
34	3	51	6	4	3					2						2		68
35	4	19	5		1					1	1	1						28
36	5	19	1	3						2						2		27
37	6	7	4		1													12
38	7	4		1												1		6
39	8	8																8
310	9	1																1
311	10	2	1	1						1						1		6
312	11															1		1
313	12	2								1								3
314	13			1														1
315	14																	
316	15	1																1
317	16																	
318	17		1															2
319	19															1		1
320	20																	
321	26															2		2
322	27																	
323	33																	
324	39																	
325	40									1								1
326	45																	1
327	48												1					1
328	50																	
329	55												2			1		3
330	95																	
331	109																	
332	112																	
333	119																	
334	405													1				1
total		513	55	30	13	12				58	16	1	3	1	1	17		720

	LOCAL
GCD	Gabinete do Conselho Directivo
SPF	Sala de Professores - Fumadores
SPB	Sala de Professores - Bar
SSA	Serviços Administrativos
REP	Reprografia
BUF	Bufete de Alunos - Sala de Alunos
REF	Refeitório
COZ	Cozinha
PAT	Pátio
POR	Portaria - Entrada da Escola
LAV	Lavabos
AUL	Sala de Aula - Aula
REU	Sala de Aula - Reuniões
SES	Sala de Aula - Sala de Estudo
FOR	Fora da Escola
COR	Corredores

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES  
ESCOLA B

(1X3) - LOCAL X DURAÇÃO

Nº DE ACTIVIDADES

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
	minutos	GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
31	<1	25,9	5,5	16,7	15,4	50,0				22,4	25,0					5,9		23,2
32	1	35,1	41,8	23,3	38,5	33,3				37,9	50,0				100,0	5,9		34,9
33	2	16,8	20,0	26,7	7,7	16,7				25,9	18,8					11,8		17,8
34	3	9,9	10,9	13,3	23,1					3,4						11,8		9,4
35	4	3,7	9,1		7,7					1,7	6,3	100,0						3,9
36	5	3,7	1,8	10,0						3,4						11,8		3,8
37	6	1,4	7,3		7,7													1,7
38	7	0,8		3,3												5,9		0,8
39	8	1,6																1,1
310	9	0,2																0,1
311	10	0,4	1,8	3,3						1,7						5,9		0,8
312	11															5,9		0,1
313	12	0,4								1,7								0,4
314	13			3,3														0,1
316	15	0,2																0,1
318	17		1,8													5,9		0,3
319	19															5,9		0,1
321	26															11,8		0,3
325	40									1,7								0,1
326	45															5,9		0,1
327	48												33,3					0,1
329	55												66,7			5,9		0,4
334	405													100,0				0,1
total		100	100	100	100	100				100	100	100	100	100	100	100		100

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
	minutos	GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
31	<1	79,6	1,8	3,0	1,2	3,6				7,8	2,4					0,6		100
32	1	71,7	9,2	2,8	2,0	1,6				8,8	3,2				0,4	0,4		100
33	2	67,2	8,6	6,3	0,8	1,6				11,7	2,3					1,6		100
34	3	75,0	8,8	5,9	4,4					2,9						2,9		100
35	4	67,9	17,9		3,6					3,6	3,6	3,6						100
36	5	70,4	3,7	11,1						7,4						7,4		100
37	6	58,3	33,3		8,3													100
38	7	66,7		16,7												16,7		100
39	8	100,0																100
310	9	100,0																100
311	10	33,3	16,7	16,7						16,7						16,7		100
312	11															100,0		100
313	12	66,7								33,3								100
314	13			100,0														100
316	15	100,0																100
318	17		50,0													50,0		100
319	19															100,0		100
321	26															100,0		100
325	40									100,0								100
326	45															100,0		100
327	48												100,0					100
329	55												66,7			33,3		100
334	405													100,0				100
total		71,3	7,6	4,2	1,8	1,7				8,1	2,2	0,1	0,4	0,1	0,1	2,4		100

## G) ACTIVIDADES POR LOCAL X DURAÇÃO (tempo gasto)

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA B

(IX3) - LOCAL X DURAÇÃO

TEMPO GASTO

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
	minutos	GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
31	<1	66,5	1,5	2,5	1	3				6,5	2					0,5		83,5
32	1	180	23	7	5	4				22	8				1			251,0
33	2	172	22	16	2	4				30	6					4		256,0
34	3	153	18	12	9					6						6		204,0
35	4	76	20		4					4	4	4						112,0
36	5	95	5	15						10						10		135,0
37	6	42	24		6													72,0
38	7	28		7												7		42,0
39	8	64																64,0
310	9	9																9,0
311	10	20	10	10						10						10		60,0
312	11															11		11,0
313	12	24								12								36,0
314	13			13														13,0
315	14																	
316	15	15																15,0
317	16																	
318	17		17													17		34,0
319	19															19		19,0
320	20																	
321	26															52		52,0
322	27																	
323	33																	
324	39																	
325	40									40								40,0
326	45															45		45,0
327	48												48					48,0
328	50																	
329	55												110			55		165,0
330	95																	
331	109																	
332	112																	
333	119																	
334	225													225				225,0
total		944,5	141	82,5	27	11				141	20	4	158	225	1	238		1991,5

	LOCAL
GCD	Gabinete do Conselho Directivo
SPF	Sala de Professores - Fumadores
SPB	Sala de Professores - Bar
SSA	Serviços Administrativos
REP	Reprografia
BUF	Bufete de Alunos - Sala de Alunos
REF	Refeitório
COZ	Cozinha
PAT	Pátio
POR	Portaria - Entrada da Escola
LAV	Lavabos
AUL	Sala de Aula - Aula
REU	Sala de Aula - Reuniões
SES	Sala de Aula - Sala de Estudo
FOR	Fora da Escola
COR	Corredores

## OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - AÇÕES/ATIVIDADES

ESCOLA B

(1X3) - LOCAL X DURAÇÃO

TEMPO GASTO

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
	minutos	GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
31	<1	7,0	1,1	3,0	3,7	27,3				4,6	10,0					0,2		14,2
32	1	19,1	16,4	8,5	18,5	36,4				15,7	40,0				100,0	0,4		12,6
33	2	18,2	15,7	19,4	7,4	36,4				21,4	30,0					1,7		12,9
34	3	16,2	12,8	14,5	33,3					4,3						2,5		10,2
35	4	8,0	14,2		14,8					2,8	20,0	100,0						5,6
36	5	10,1	3,6	18,2						7,1						4,2		6,8
37	6	4,4	17,1		22,2													3,6
38	7	3,0		8,5												2,9		2,1
39	8	6,8																3,2
310	9	1,0																0,5
311	10	2,1	7,1	12,1						7,1						4,2		3,0
312	11															4,6		0,6
313	12	2,5								8,5								1,8
314	13			15,8														0,7
316	15	1,6																0,8
318	17		12,1													7,2		1,7
319	19															8,0		1,0
321	26															21,9		2,6
325	40									28,5								2,0
326	45															18,9		2,3
327	48												30,4					2,4
329	55												69,6			23,2		8,3
334	405													100,0				11,3
total		100	100	100	100	100				100	100	100	100	100	100	100		100

## FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		11	12	13	14	15	16	17	18	19	110	111	112	113	114	115	116	total
	minutos	GCD	SPF	SPB	SSA	REP	BUF	REF	COZ	PAT	POR	LAV	AUL	REU	SES	FOR	COR	
31	<1	79,6	1,8	3,0	1,2	3,6				7,8	2,4					0,6		100
32	1	71,7	9,2	2,8	2,0	1,6				8,8	3,2				0,4	0,4		100
33	2	67,2	8,6	6,3	0,8	1,6				11,7	2,3					1,6		100
34	3	75,0	8,8	5,9	4,4					2,9						2,9		100
35	4	67,9	17,9		3,6					3,6	13,6	3,6						100
36	5	70,4	3,7	11,1						7,4						7,4		100
37	6	58,3	33,3		8,3													100
38	7	66,7		16,7												16,7		100
39	8	100,0																100
310	9	100,0																100
311	10	33,3	16,7	16,7						16,7						16,7		100
312	11															100,0		100
313	12	66,7								33,3								100
314	13			100,0														100
316	15	100,0																100
318	17		50,0													50,0		100
319	19															100,0		100
321	26															100,0		100
325	40									100,0								100
326	45															100,0		100
327	48												100,0					100
329	55												66,7			33,3		100
334	405													100,0				100
total		47,4	7,1	4,1	1,4	0,6				7,1	1,0	0,2	7,9	11,3	0,1	11,9		100

## H) ACTIVIDADES POR INTERLOCUTORES X DURAÇÃO (nº de actividades)

### OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA B

(2X3) - INTERLOCUTORES X DURAÇÃO

TEMPO GASTO

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

	31	32	33	34	35	36	37	38	39	310	311	312	313	314	316	318	319	321	325	326	327	329	334	total
	<1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	15	17	19	26	40	45	48	55	225	
21. INV	39	68	46	18	9	13	4	2	2		3	1	1	1	1	1	1							210
22. DTU	3	11	12	3	3				1		1													34
23. DIN																								
24. DGD	7	15	16	9	3	5	1		1		2			1		1							1	62
25. CDT	1	1	2						1															5
26. VPC		1	3			1																		5
27. SCD	4	7	3	3																				17
28. VPR	4	15	4	4	2	3	2	1	1		1													37
29. UPR	18	28	19	8	8	4	3	1	1															90
210. PEE		3	2		2				1															8
211. TOV																								
212. APR					1																			1
213. ALU	7	16	4	2																	1	2		32
214. CSA	25	32	21	10	2	3	2	1	1				1											98
215. OSA	39	49	16	10	3	5	2																	124
216. CAA																								
217. OAA	30	30	8	4	2						1			1										76
218. COZ																								
219. SEG			1		1																			2
220. MAN		1																						1
221. EEI		1	1	1							1													4
222. APE																								
223. AUT				2			1																	3
224. EMP		2																						2
225. ASS			1																					1
226. ESC	1	2	1	2	1	1							1											9
227. CAE	2			2																				4
228. DRE	3	2		2		1	1		1															10
229. OUT																								
230. NIN	8	15	19	7	2	2		1	1	1						1		2	1	1				61
231. FAM	2	3	3	1		1		1																11
232. AMI				2																				2
233. SER		1	1																					2
total	193	303	183	90	39	39	16	7	11	1	9	1	3	3	1	3	1	2	1	1	1	2	1	911

	INTERLOCUTORES
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção

	INTERLOCUTORES
EEI	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior
CAE	Centro da Área Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Familiares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES  
ESCOLA B

(2X3) - INTERLOCUTORES X DURAÇÃO

Nº DE ACTIVIDADES

FREQÜÊNCIAS RELATIVAS

		31	32	33	34	35	36	37	38	39	310	311	312	313	314	316	318	319	321	325	326	327	329	334	total
		<1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	15	17	19	26	40	45	48	55	225	
21	INV	19	32	22	9	4	6	2	1	1		1	0	0	0	0	0	0							100
22	DTU	9	32	35	9	9				3		3													100
23	DIN																								
24	DGD	11	24	26	15	5	8	2		2		3			2		2								100
25	CDT	20	20	40						20															100
26	VPC		20	60			20																		100
27	SCD	24	41	18	18																				100
28	VPR	11	41	11	11	5	8	5	3	3		3													100
29	UPR	20	31	21	9	9	4	3	1	1															100
210	PEE		38	25		25				13															100
211	TOV																								
212	APR					100																			100
213	ALU	22	50	13	6																				100
214	CSA	26	33	21	10	2	3	2	1	1				1											100
215	OSA	31	40	13	8	2	4	2																	100
216	CAA																								
217	OAA	39	39	11	5	3					1				1										100
218	COZ																								
219	SEG			50		50																			100
220	MAN		100																						100
221	EEI		25	25	25						25														100
222	APE																								
223	AUT				67			33																	100
224	EMP		100																						100
225	ASS			100																					100
226	ESC	11	22	11	22	11	11							11											100
227	CAE	50			50																				100
228	DRE	30	20		20		10	10		10															100
229	OUT																								
230	NIN	13	25	31	11	3	3		2	2	2						2		3	2	2				100
231	FAM	18	27	27	9	9		9																	100
232	AMI				100																				100
233	SER		50	50																					100
total		21.2	33.3	20.1	9.9	4.3	4.3	1.8	0.8	1.2	0.1	1.0	0.1	0.3	0.3	0.1	0.3	0.1	0.2	0.1	0.1	0.1	0.2	0.1	100

INTERLOCUTORES	
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção

INTERLOCUTORES	
EEI	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior
CAE	Centro da Área Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Familiares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

## OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA B

(2X3)- INTERLOCUTORES X DURAÇÃO

Nº DE ACTIVIDADES

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		31	32	33	34	35	36	37	38	39	310	311	312	313	314	316	318	319	321	325	326	327	329	334	total	
		<1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	15	17	19	26	40	45	48	55	225		
21	INV	20	22	25	20	23	33	25	29	18		33	100	33	33	100	33	100								23,1
22	DTU	2	4	7	3	8				9		11														3,7
23	DIN																									
24	DGD	4	5	9	10	8	13	6		9		22			33		33								100	6,8
25	CDT	1	0	1						9																0,5
26	VPC		0	2			3																			0,5
27	SCD	2	2	2	3																					1,9
28	VPR	2	5	2	4	5	8	13	14	9		11														4,1
29	UPR	9	9	10	9	21	10	19	14	9																9,9
210	PEE		1	1		5				9																0,9
211	TOV																									
212	APR					3																				0,1
213	ALU	4	5	2	2																			100	100	3,5
214	CSA	13	11	11	11	5	8	13	14	9				33												10,8
215	OSA	20	16	9	11	8	13	13																		13,6
216	CAA																									
217	OAA	16	10	4	4	5						11			33											8,3
218	COZ																									
219	SEG			1		3																				0,2
220	MAN		0																							0,1
221	EEI		0	1	1							11														0,4
222	APE																									
223	AUT				2			6																		0,3
224	EMP		1																							0,2
225	ASS			1																						0,1
226	ESC	1	1	1	2	3	3							33												1,0
227	CAE	1			2																					0,4
228	DRE	2	1		2		3	6		9																1,1
229	OUT																									
230	NIN	4	5	10	8	5	5		14	9	100						33		100	100	100					6,7
231	FAM	1	1	2	1		3		14																	1,2
232	AMI				2																					0,2
233	SER		0	1																						0,2
total		100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

	INTERLOCUTORES
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção

	INTERLOCUTORES
EEI	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior
CAE	Centro da Area Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Familiars
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares



# I) ACTIVIDADES POR INTERLOCUTORES X DURAÇÃO (tempo gasto)

OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA B

(2X3) - INTERLOCUTORES X DURAÇÃO

TEMPO GASTO

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		31	32	33	34	35	36	37	38	39	310	311	312	313	314	316	318	319	321	325	326	327	329	334	total
		<1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	15	17	19	26	40	45	48	55	225	
21	INV	19,5	68	92	54	36	65	24	14	16		30	11	12	13	15	17	19							505,5
22	DTU	1,5	11	24	9	12				8		10													75,5
23	DIN																								
24	DGD	3,5	15	32	27	12	25	6		8		20			13		17							225	403,5
25	CDT	0,5	1	4						8															13,5
26	VPC		1	6			5																		12,0
27	SCD	2,0	7	6	9																				24,0
28	VPR	2,0	15	8	12	8	15	12	7	8		10													97,0
29	UPR	9,0	28	38	24	32	20	18	7	8															184,0
210	PEE		3	4		8				8															23,0
211	TOV																								
212	APR					4																			4,0
213	ALU	3,5	16	8	6																	48	110		191,5
214	CSA	12,5	32	42	30	8	15	12	7	8				12											178,5
215	OSA	19,5	49	32	30	12	25	12																	179,5
216	CAA																								
217	OAA	15,0	30	16	12	8						10			13										104,0
218	COZ																								
219	SEG			2		4																			6,0
220	MAN		1																						1,0
221	EEI		1	2	3							10													16,0
222	APE																								
223	AUT				6			6																	12,0
224	EMP		2																						2,0
225	ASS			2																					2,0
226	ESC	0,5	2	2	6	4	5							12											31,5
227	CAE	1,0			6																				7,0
228	DRE	1,5	2		6		5	6		8															28,5
229	OUT																								
230	NIN	4,0	15	38	21	8	10		7	8	9						17		52	40	45				274,0
231	FAM	1,0	3	6	3		5		7																25,0
232	AMI				6																				6,0
233	SER		1	2																					3,0
total		96,5	303	366	270	156	195	96	49	88	9	90	11	36	39	15	51	19	52	40	45	48	110	225	2409,5

	INTERLOCUTORES
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção

	INTERLOCUTORES
EEI	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior
CAE	Centro da Area Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Familiares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

## OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA B

(2X3) - INTERLOCUTORES X DURAÇÃO

TEMPO GASTO

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		31	32	33	34	35	36	37	38	39	310	311	312	313	314	316	318	319	321	325	326	327	329	334	total
		<1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	15	17	19	26	40	45	48	55	225	
21	INV	4	13	18	11	7	13	5	9	3	6	2	2	3	3	3	4								100
22	DTU	2	15	32	12	16				11		13													100
23	DIN																								100
24	DGD	1	4	8	7	3	6	1		2		5			3		4								100
25	CDT	4	7	30						59															100
26	VPC		8	50			42																		100
27	SCD	8	29	25	38																				100
28	VPR	2	15	8	12	8	15	12	7	8		10													100
29	UPR	5	15	21	13	17	11	10	4	4															100
210	PEE		13	17		35				35															100
211	TOV																								100
212	APR					100																			100
213	ALU	2	8	4	3																		25	57	100
214	CSA	7	18	24	17	4	8	7	4	4				7											100
215	OSA	11	27	18	17	7	14	7																	100
216	CAA																								100
217	OAA	14	29	15	12	8					10			13											100
218	COZ																								100
219	SEG			33		67																			100
220	MAN		100																						100
221	EEI		6	13	19							63													100
222	APE																								100
223	AUT				50			50																	100
224	EMP	1	100																						100
225	ASS			100																					100
226	ESC	2	6	6	19	13	16							38											100
227	CAE	14			86																				100
228	DRE	5	7		21		18	21		28															100
229	OUT																								100
230	NIN	1	5	14	8	3	4		3	3	3					6		19	15	16					100
231	FAM	4	12	24	12		20		28																100
232	AMI				100																				100
233	SER		33	67																					100
total		4,0	12,6	15,2	11,2	6,5	8,1	4,0	2,0	3,7	0,4	3,7	0,5	1,5	1,6	0,6	2,1	0,8	2,2	1,7	1,9	2,0	4,6	9,3	100

	INTERLOCUTORES
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretária do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Noturno)
MAN	Pessoal de Manutenção

	INTERLOCUTORES
EEI	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior
CAE	Centro da Área Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Familiares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

## OBSERVAÇÃO DIÁRIA DO PCD - ACÇÕES/ACTIVIDADES

ESCOLA B

(2X3)- INTERLOCUTORES X DURAÇÃO

TEMPO GASTO

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		31	32	33	34	35	36	37	38	39	310	311	312	313	314	316	318	319	321	325	326	327	329	334	total	
		<1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	15	17	19	26	40	45	48	55	225		
21	INV	20	22	25	20	23	33	25	29	18		33	100	33	33	100	33	100								21,0
22	DTU	2	4	7	3	8				9		11														3,1
23	DIN																									
24	DGD	4	5	9	10	8	13	6		9		22			33		33									16,7
25	CDT	1	0	1						9																0,6
26	VPC		0	2			3																			0,5
27	SCD	2	2	2	3																					1,0
28	VPR	2	5	2	4	5	8	13	14	9		11														4,0
29	UPR	9	9	10	9	21	10	19	14	9																7,6
210	PEE		1	1		5				9																1,0
211	TOV																									
212	APR					3																				0,2
213	ALU	4	5	2	2																	100	100			7,9
214	CSA	13	11	11	11	5	8	13	14	9				33												7,4
215	OSA	20	16	9	11	8	13	13																		7,4
216	CAA																									
217	OAA	16	10	4	4	5						11			33											4,3
218	COZ																									
219	SEG			1		3																				0,2
220	MAN		0																							0,0
221	EEI		0	1	1							11														0,7
222	APE																									
223	AUT				2			6																		0,5
224	EMP		1																							0,1
225	ASS			1																						0,1
226	ESC	1	1	1	2	3	3							33												1,3
227	CAE	1			2																					0,3
228	DRE	2	1		2		3	6		9																1,2
229	OUT																									
230	NIN	4	5	10	8	5	5		14	9	100						33		100	100						11,4
231	FAM	1	1	2	1		3		14																	1,0
232	AMI				2																					0,2
233	SER		0	1																						0,1
total		100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100		100	100			100

INTERLOCUTORES	
INV	Investigador
DTU	Director de Turma
DIN	Director de Instalações
DGD	Delegado/Representante de Grupo
CDT	Coordenador dos Directores de Turma
VPC	Vice-presidente do Conselho Directivo
SCD	Secretaria do Conselho Directivo
VPR	Vários Professores
UPR	Um Professor
PEE	Professor do Ensino Especial
TOV	Técnico da Orientação Vocacional
APR	Antigo Professor da Escola
ALU	Alunos
CSA	Chefe dos Serviços Administrativos
OSA	Outros Funcionários dos S. Administrativos
CAA	Chefe dos Auxiliares de Acção Educativa
OAA	Outros Auxiliares de Acção Educativa
COZ	Pessoal de Cozinha
SEG	Pessoal de Segurança (Guarda Nocturno)
MAN	Pessoal de Manutenção

INTERLOCUTORES	
EEI	Pais e Encarregados de Educação
APE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
AUT	Autarquia
EMP	Empresas
ASS	Associações não Lucrativas
ESC	Escolas e Instituições do Ensino Superior
CAE	Centro da Área Educativa
DRE	Direcção Regional de Educação
OUT	Outros Departamentos do Estado
NIN	Ninguém
FAM	Familiares
AMI	Amigos
SER	Serviços Particulares

**QUADROS DE FREQUÊNCIAS  
DAS COMUNICAÇÕES DAS REUNIÕES  
DOS CONSELHOS PEDAGÓGICOS**

**ANEXO XV****REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO - ESCOLA A**

## A) COMUNICAÇÕES POR PARTICIPANTES X TEMAS

OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO  
ESCOLA A - REGISTO: TODAS AS REUNIÕES  
(1X2) - PARTICIPANTES X TEMAS

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		2 1	2 2	2 3	2 4	2 5	2 6	2 7	2 8	2 9	2 10	2 11	2 12	2 13	total
		PROC	ORGA	CURR	AVAL	DISC	CULT	GPES	GINs	ORÇA	FPRO	FPND	MEIO	RMIN	
1 1	PCP	147	308	59	180	44	84	14	32	18	6		32	21	945
1 2	VPCD	3	25	7	30	26	8	1	1	7			7	4	119
1 3	HIS2	4	20	2	13	1	2	1							43
1 4	FRA2														
1 5	ING2		9	1	2	1			2						15
1 6	POR2	5	46	6	18	12	7	1	1				1		97
1 7	MAT2	3	15	10	9	1	6		1	2					47
1 8	CNA2	1	3		4		2								10
1 9	EVT2	1	5	3	4	4	1		1	2					21
1 10	EMU2		3		3										6
1 11	EFI2	3	9	1	6	1	6		2	1			1		30
1 12	EMRC		5	3	1		2						2	1	14
1 13	MAT3		1	5	6	2			1						15
1 14	CFQ3	1	12	5	13	3	2	1							37
1 15	EV3	8	13	4	6	6	3		12						52
1 16	POR3		4				2								6
1 17	FRA3		4												4
1 18	ING3	1	5		6		2				4				18
1 19	HIS3	9	32	7	17	12	11	1		3			3	2	97
1 20	GEO3	2	3				1								6
1 21	CNA3	1	3		5	6									15
1 22	ETEC														
1 23	EFI3	1	5		2	1	8		1						18
1 24	CDT2	1	10	2	16	3	4		1						37
1 25	CDT3	7	27	4	3	5	5	1	6				2		60
1 26	CDT23														
1 27	RAPEE														
1 28	COL	5	8		10										23
total		203	575	119	354	128	156	20	61	33	10		48	28	1735

Participantes	
PCP	Presidente do Conselho Pedagógico
VPCD	Vice-presidente do Conselho Directivo
HIS2(3)	Del. de História - 2º (3º) ciclo
FRA2(3)	Del. de Francês - 2º (3º) ciclo
ING2(3)	Del. de Inglês - 2º (3º) ciclo
POR2(3)	Del. de Português - 2º (3º) ciclo
MAT2(3)	Del. de Matemática - 2º (3º) ciclo
CNA2(3)	Del. de C. da Natureza - 2º(3º) ciclo
EVT2	Del. de Ed. Visual e Tecnológica
EMU2	Del. de Ed. Musical
EFI2(3)	Del. de Ed. Física - 2º(3º) ciclo
EMRC	Del. de Ed. Moral e Rel. Católicas
EVI3	Del. de Ed. Visual - 3º ciclo
CFQ3	Del. de Ciências Físico-Químicas
GEO3	Del. de Geografia - 3º ciclo
ETEC	Del. de Ed. Tecnológica
CDT2	Coord. dos Directores de Turma - 2º
CDT3	Coord. dos Directores de Turma - 3º
CDT23	Coord. dos Directores de Turma - 2/3º
RAPEE	Representante da Ass. de Pais
COL	Colectivo (v.g.: decisões)

Temas	
PROC	Questões Processuais (Cons. Pedagógico)
ORGA	Organização da Escola
CURR	Gestão dos Currículos
AVAL	Avaliação dos Alunos
DISC	Disciplina dos Alunos
CULT	Actividades Culturais, Recreativas e Desportivas
GPES	Gestão de Pessoal
GINs	Questões relativas ao Equip. Instalações
ORÇA	Questões relativas ao Orçamento
FPRO	Formação de Professores
FPND	Formação de Pessoal Não Docente
MEIO	Relações com o Meio
RMIN	Relações com os Serviços do M. da Educação

OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO - PARTICIPANTES/TEMAS  
 ESCOLA A - TODAS AS COMUNICAÇÕES  
 (1X2) - PARTICIPANTES X TEMAS

FREQÜÊNCIA RELATIVAS

		2 1	2 2	2 3	2 4	2 5	2 6	2 7	2 8	2 9	2 10	2 11	2 12	2 13	total
		PROC	ORGA	CURR	AVAL	DISC	CULT	GPES	GINS	ORÇA	FPRO	FPND	MEIO	RMIN	
1 1	PCP	72,4	53,6	49,6	50,8	34,4	53,8	70,0	52,5	54,5	60,0		66,7	75,0	54,5
1 2	VPCD	1,5	4,3	5,9	8,5	20,3	5,1	5,0	1,6	21,2			14,6	14,3	6,9
1 3	HIS2	2,0	3,5	1,7	3,7	0,8	1,3	5,0							2,5
1 5	ING2		1,6	0,8	0,6	0,8			3,3						0,9
1 6	POR2	2,5	8,0	5,0	5,1	9,4	4,5	5,0	1,6						5,6
1 7	MAT2	1,5	2,6	8,4	2,5	0,8	3,8		1,6	6,1					2,7
1 8	CNA2	0,5	0,5		1,1		1,3								0,6
1 9	EVT2	0,5	0,9	2,5	1,1	3,1	0,6		1,6	6,1					1,2
1 10	EMU2		0,5		0,8										0,3
1 11	EFI2	1,5	1,6	0,8	1,7	0,8	3,8		3,3	3,0			2,1		1,7
1 12	EMRC		0,9	2,5	0,3		1,3						4,2	3,6	0,8
1 13	MAT3		0,2	4,2	1,7	1,6			1,6						0,9
1 14	CFQ3	0,5	2,1	4,2	3,7	2,3	1,3	5,0							2,1
1 15	EV3	3,9	2,3	3,4	1,7	4,7	1,9		19,7						3,0
1 16	POR3		0,7				1,3								0,3
1 17	FRA3		0,7												0,2
1 18	ING3	0,5	0,9		1,7		1,3				40,0				1,0
1 19	HIS3	4,4	5,6	5,9	4,8	9,4	7,1	5,0		9,1			6,3	7,1	5,6
1 20	GEO3	1,0	0,5				0,6								0,3
1 21	CNA3	0,5	0,5		1,4	4,7									0,9
1 23	EFI3	0,5	0,9		0,6	0,8	5,1		1,6						1,0
1 24	CDT2	0,5	1,7	1,7	4,5	2,3	2,6		1,6						2,1
1 25	CDT3	3,4	4,7	3,4	0,8	3,9	3,2	5,0	9,8				4,2		3,5
1 27	RAPEE														
1 28	COL	2,5	1,4		2,8										1,3
total		100	100	100	100	100	100	100	100	100	100		100	100	100

		2 1	2 2	2 3	2 4	2 5	2 6	2 7	2 8	2 9	2 10	2 11	2 12	2 13	total
		PROC	ORGA	CURR	AVAL	DISC	CULT	GPES	GINS	ORÇA	FPRO	FPND	MEIO	RMIN	
1 1	PCP	15,6	32,6	6,2	19,0	4,7	8,9	1,5	3,4	1,9	0,6		3,4	2,2	100
1 2	VPCD	2,5	21,0	5,9	25,2	21,8	6,7	0,8	0,8	5,9			5,9	3,4	100
1 3	HIS2	9,3	46,5	4,7	30,2	2,3	4,7	2,3							100
1 5	ING2		60,0	6,7	13,3	6,7			13,3						100
1 6	POR2	5,2	47,4	6,2	18,6	12,4	7,2	1,0	1,0				1,0		100
1 7	MAT2	6,4	31,9	21,3	19,1	2,1	12,8		2,1	4,3					100
1 8	CNA2	10,0	30,0		40,0		20,0								100
1 9	EVT2	4,8	23,8	14,3	19,0	19,0	4,8		4,8	9,5					100
1 10	EMU2		50,0		50,0										100
1 11	EFI2	10,0	30,0	3,3	20,0	3,3	20,0		6,7	3,3			3,3		100
1 12	EMRC		35,7	21,4	7,1		14,3						14,3	7,1	100
1 13	MAT3		6,7	33,3	40,0	13,3			6,7						100
1 14	CFQ3	2,7	32,4	13,5	35,1	8,1	5,4	2,7							100
1 15	EV3	15,4	25,0	7,7	11,5	11,5	5,8		23,1						100
1 16	POR3		66,7				33,3								100
1 17	FRA3		100,0												100
1 18	ING3	5,6	27,8		33,3		11,1				22,2				100
1 19	HIS3	9,3	33,0	7,2	17,5	12,4	11,3	1,0		3,1			3,1	2,1	100
1 20	GEO3	33,3	50,0				16,7								100
1 21	CNA3	6,7	20,0		33,3	40,0									100
1 23	EFI3	5,6	27,8		11,1	5,6	44,4		5,6						100
1 24	CDT2	2,7	27,0	5,4	43,2	8,1	10,8		2,7						100
1 25	CDT3	11,7	45,0	6,7	5,0	8,3	8,3	1,7	10,0				3,3		100
1 27	RAPEE														
1 28	COL	21,7	34,8		43,5										100
total		11,7	33,1	6,9	20,4	7,4	9,0	1,2	3,5	1,9	0,6		2,8	1,6	100

## B) COMUNICAÇÕES POR PARTICIPANTES X DOMÍNIOS

OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO

ESCOLA A - TODAS AS COMUNICAÇÕES

(1X3) PARTICIPANTES X DOMÍNIOS

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		3-1	3-2	3-3	3-4	3-5	total
		PEDA	ADMI	INST	FORM	ORGA	
1-1	PCP	614	126	41	4	160	945
1-2	VPCD	93	13	9		4	119
1-3	HIS2	38	1			4	43
1-5	ING2	15					15
1-6	POR2	75	16	1		5	97
1-7	MAT2	37	4			6	47
1-8	CNA2	7				3	10
1-9	EVT2	17	3			1	21
1-10	EMU2	6					6
1-11	EFI2	22	2	1		5	30
1-12	EMRC	12		2			14
1-13	MAT3	11				4	15
1-14	CFQ3	33	1	1		2	37
1-15	EV3	39	6	2		5	52
1-16	POR3	6					6
1-17	FRA3	4					4
1-18	ING3	12			4	2	18
1-19	HIS3	79	9	2		7	97
1-20	GEO3	4	1			1	6
1-21	CNA3	14				1	15
1-23	EFI3	18					18
1-24	CDT2	34	2	1			37
1-25	CDT3	46	5	1		8	60
1-26	CDT23						
1-27	RAPEE						
1-28	COL	17	4			2	23
total		1253	193	61	8	220	1735

Participantes		
PCP		Presidente do Conselho Pedagógico
VPCD		Vice-presidente do Conselho Directivo
HIS2(3)		Del. de História - 2º (3º) ciclo
FRA2(3)		Del. de Francês - 2º (3º) ciclo
ING2(3)		Del. de Inglês - 2º (3º) ciclo
POR2(3)		Del. de Português - 2º (3º) ciclo
MAT2(3)		Del. de Matemática - 2º (3º) ciclo
CNA2(3)		Del. de C. da Natureza - 2º (3º) ciclo
EVT2		Del. de Ed. Visual e Tecnológica
EMU2		Del. de Ed. Musical
EFI2(3)		Del. de Ed. Física - 2º (3º) ciclo
EMRC		Del. de Ed. Moral e Rel. Católicas
EV3		Del. de Ed. Visual - 3º ciclo
CFQ3		Del. de Ciências Físico-Químicas
GEO3		Del. de Geografia - 3º ciclo
ETEC		Del. de Ed. Tecnológica
CDT2		Coord. dos Directores de Turma - 2º
CDT3		Coord. dos Directores de Turma - 3º
CDT23		Coord. dos Directores de Turma - 2/3º
RAPEE		Representante da Ass. de Pais
COL		Colectivo (v.g. decisões)

Domínios		
PEDA		Pedagógico
ADMI		Administrativo
INST		Institucional
FORM		Formação
ORGA		Organizacional (Cons. Pedagógico)



OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO  
 ESCOLA A - TODAS AS COMUNICAÇÕES  
 (1X3) - PARTICIPANTES X DOMÍNIOS FREQUÊNCIA RELATIVAS

		3 1	3 2	3 3	3 4	3 5	total
		PEDA	ADMI	INST	FORM	ORGA	
1 1	PCP	49,0	65,3	67,2	50,0	72,7	54,5
1 2	VPCD	7,4	6,7	14,8		1,8	6,9
1 3	HIS2	3,0	0,5			1,8	2,5
1 5	ING2	1,2					0,9
1 6	POR2	6,0	8,3	1,6		2,3	5,6
1 7	MAT2	3,0	2,1			2,7	2,7
1 8	CNA2	0,6				1,4	0,6
1 9	EVT2	1,4	1,6			0,5	1,2
1 10	EMU2	0,5					0,3
1 11	EFI2	1,8	1,0	1,6		2,3	1,7
1 12	EMRC	1,0		3,3			0,8
1 13	MAT3	0,9				1,8	0,9
1 14	CFQ3	2,6	0,5	1,6		0,9	2,1
1 15	EV3	3,1	3,1	3,3		2,3	3,0
1 16	POR3	0,5					0,3
1 17	FRA3	0,3					0,2
1 18	ING3	1,0			50,0	0,9	1,0
1 19	HIS3	6,3	4,7	3,3		3,2	5,6
1 20	GEO3	0,3	0,5			0,5	0,3
1 21	CNA3	1,1				0,5	0,9
1 23	EFI3	1,4					1,0
1 24	CDT2	2,7	1,0	1,6			2,1
1 25	CDT3	3,7	2,6	1,6		3,6	3,5
1 27	RAPEE						
1 28	COL	1,4	2,1			0,9	1,3
total		100	100	100	100	100	100

		3 1	3 2	3 3	3 4	3 5	total
		PEDA	ADMI	INST	FORM	ORGA	
1 1	PCP	65,0	13,3	4,3	0,4	16,9	100
1 2	VPCD	78,2	10,9	7,6		3,4	100
1 3	HIS2	88,4	2,3			9,3	100
1 5	ING2	100,0					100
1 6	POR2	77,3	16,5	1,0		5,2	100
1 7	MAT2	78,7	8,5			12,8	100
1 8	CNA2	70,0				30,0	100
1 9	EVT2	81,0	14,3			4,8	100
1 10	EMU2	100,0					100
1 11	EFI2	73,3	6,7	3,3		16,7	100
1 12	EMRC	85,7		14,3			100
1 13	MAT3	73,3				26,7	100
1 14	CFQ3	89,2	2,7	2,7		5,4	100
1 15	EV3	75,0	11,5	3,8		9,6	100
1 16	POR3	100,0					100
1 17	FRA3	100,0					100
1 18	ING3	66,7			22,2	11,1	100
1 19	HIS3	81,4	9,3	2,1		7,2	100
1 20	GEO3	66,7	16,7			16,7	100
1 21	CNA3	93,3				6,7	100
1 23	EFI3	100,0					100
1 24	CDT2	91,9	5,4	2,7			100
1 25	CDT3	76,7	8,3	1,7		13,3	100
1 27	RAPEE						
1 28	COL	73,9	17,4			8,7	100
total		72,2	11,1	3,5	0,5	12,7	100

## C) COMUNICAÇÕES POR PARTICIPANTES X TIPOS DE COMUNICAÇÃO

OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO  
ESCOLA A - TODAS AS COMUNICAÇÕES

(1X4) - PARTICIPANTES X TIPOS DE COMUNICAÇÃO FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		4 1	4 2	4 3	4 4	4 5	4 6	4 7	total
		IN+	IN-	OPI	PR+	PR-	DEC+	DEC-	
1 1	PCP	469	84	354	7	28	2	1	945
1 2	VPCD	51	7	56	1	4			119
1 3	HIS2	6	11	25		1			43
1 4	FRA2								
1 5	ING2	4	4	7					15
1 6	POR2	23	16	51	1	6			97
1 7	MAT2	17	8	21	1				47
1 8	CNA2	4		5	1				10
1 9	EVT2	5	5	11					21
1 10	EMU2	3		3					6
1 11	EFI2	9	5	16					30
1 12	EMRC	7		6		1			14
1 13	MAT3	8	3	4					15
1 14	CFQ3	14	4	15		4			37
1 15	EV3	8	4	35		5			52
1 16	POR3	5		1					6
1 17	FRA3	2		2					4
1 18	ING3	7	4	6		1			18
1 19	HIS3	18	15	55		9			97
1 20	GEO3	5		1					6
1 21	CNA3	5	3	4	1	2			15
1 22	ETEC								
1 23	EFI3	8	2	8					18
1 24	CDT2	18	7	11	1				37
1 25	CDT3	14	13	29	1	3			60
1 26	CDT23								
1 27	RAPEE								
1 28	COL	1					11	11	23
total		711	195	726	14	64	13	12	1735

Participantes	PCP	Presidente do Conselho Pedagógico
	VPCD	Vice-presidente do Conselho Directivo
	HIS2(3)	Del. de História - 2º (3º) ciclo
	FRA2(3)	Del. de Francês - 2º (3º) ciclo
	ING2(3)	Del. de Inglês - 2º (3º) ciclo
	POR2(3)	Del. de Português - 2º (3º) ciclo
	MAT2(3)	Del. de Matemática - 2º (3º) ciclo
	CNA2(3)	Del. de C. da Natureza - 2º(3º) ciclo
	EVT2	Del. de Ed. Visual e Tecnológica
	EMU2	Del. de Ed. Musical
	EFI2(3)	Del. de Ed. Física - 2º(3º) ciclo
	EMRC	Del. de Ed. Moral e Rel. Católicas
	EVI3	Del. de Ed. Visual - 3º ciclo
	CFQ3	Del. de Ciências Físico-Químicas
	GEO3	Del. de Geografia - 3º ciclo
	ETEC	Del. de Ed. Tecnológica
	CDT2	Coord. dos Directores de Turma - 2ºC
	CDT3	Coord. dos Directores de Turma - 3ºC
	CDT23	Coord. dos Directores de Turma - 2/3ºC
	RAPEE	Representante da Ass. de Pais
	COL	Colectivo (v.g.: decisões)

Tipos de comunicação	INF+	Informação Prestada
	INF-	Informação Solicitada
	OPI	Opinião/Comentário
	PRO+	Proposta Formal/Formalizada
	PRO-	Proposta não Formal (Sugestão)
	DEC+	Decisão Expressa (por acção)
	DEC-	Decisão Tácita (por omissão)

OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO  
 ESCOLA A - TODAS AS COMUNICAÇÕES  
 (IX4) - PARTICIPANTES X TIPOS DE COMUNICAÇÃO FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		4 1	4 2	4 3	4 4	4 5	4 6	4 7	total
		IN+	IN-	OPI	PR+	PR-	DEC+	DEC-	
1 1	PCP	66,0	43,1	48,8	50,0	43,8	15,4	8,3	54,5
1 2	VPCD	7,2	3,6	7,7	7,1	6,3			6,9
1 3	HIS2	0,8	5,6	3,4		1,6			2,5
1 5	ING2	0,6	2,1	1,0					0,9
1 6	POR2	3,2	8,2	7,0	7,1	9,4			5,6
1 7	MAT2	2,4	4,1	2,9	7,1				2,7
1 8	CNA2	0,6		0,7	7,1				0,6
1 9	EVT2	0,7	2,6	1,5					1,2
1 10	EMU2	0,4		0,4					0,3
1 11	EFI2	1,3	2,6	2,2					1,7
1 12	EMRC	1,0		0,8		1,6			0,8
1 13	MAT3	1,1	1,5	0,6					0,9
1 14	CFQ3	2,0	2,1	2,1		6,3			2,1
1 15	EV3	1,1	2,1	4,8		7,8			3,0
1 16	POR3	0,7		0,1					0,3
1 17	FRA3	0,3		0,3					0,2
1 18	ING3	1,0	2,1	0,8		1,6			1,0
1 19	HIS3	2,5	7,7	7,6		14,1			5,6
1 20	GEO3	0,7		0,1					0,3
1 21	CNA3	0,7	1,5	0,6	7,1	3,1			0,9
1 23	EFI3	1,1	1,0	1,1					1,0
1 24	CDT2	2,5	3,6	1,5	7,1				2,1
1 25	CDT3	2,0	6,7	4,0	7,1	4,7			3,5
1 27	RAPEE								
1 28	COL	0,1					84,6	91,7	1,3
total		100	100	100	100	100	100	100	100

		4 1	4 2	4 3	4 4	4 5	4 6	4 7	total
		IN+	IN-	OPI	PR+	PR-	DEC+	DEC-	
1 1	PCP	49,6	8,9	37,5	0,7	3,0	0,2	0,1	100
1 2	VPCD	42,9	5,9	47,1	0,8	3,4			100
1 3	HIS2	14,0	25,6	58,1		2,3			100
1 5	ING2	26,7	26,7	46,7					100
1 6	POR2	23,7	16,5	52,6	1,0	6,2			100
1 7	MAT2	36,2	17,0	44,7	2,1				100
1 8	CNA2	40,0		50,0	10,0				100
1 9	EVT2	23,8	23,8	52,4					100
1 10	EMU2	50,0		50,0					100
1 11	EFI2	30,0	16,7	53,3					100
1 12	EMRC	50,0		42,9		7,1			100
1 13	MAT3	53,3	20,0	26,7					100
1 14	CFQ3	37,8	10,8	40,5		10,8			100
1 15	EV3	15,4	7,7	67,3		9,6			100
1 16	POR3	83,3		16,7					100
1 17	FRA3	50,0		50,0					100
1 18	ING3	38,9	22,2	33,3		5,6			100
1 19	HIS3	18,6	15,5	56,7		9,3			100
1 20	GEO3	83,3		16,7					100
1 21	CNA3	33,3	20,0	26,7	6,7	13,3			100
1 23	EFI3	44,4	11,1	44,4					100
1 24	CDT2	48,6	18,9	29,7	2,7				100
1 25	CDT3	23,3	21,7	48,3	1,7	5,0			100
1 27	RAPEE								
1 28	COL	4,3					47,8	47,8	100
total		41,0	11,2	41,8	0,8	3,7	0,7	0,7	100

## ANEXO XVI

### REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO - ESCOLA B

## A) COMUNICAÇÕES POR PARTICIPANTES X TEMAS

OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO  
ESCOLA B - TODAS AS COMUNICAÇÕES  
(1X2) - PARTICIPANTES X TEMAS

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		2 1	2 2	2 3	2 4	2 5	2 6	2 7	2 8	2 9	2 10	2 11	2 12	2 13	total
		PROC	ORGA	CURR	AVAL	DISC	CULT	GPES	GINs	ORÇA	FPRO	FPND	MEIO	RMIN	
1 1	PCP	121	205	30	99	12	30	55	46	14	22		50	14	698
1 2	VPCD	1	4		3			2							10
1 3	HIS2	1	5	4	3	2	3	2	1					2	23
1 4	FRA2		3		2		2	1							8
1 5	ING2	10	47	24	22	11	4	1	6		2		11	4	142
1 6	POR2	1	4	11	6	2	1	1					8		34
1 7	MAT2	4	8	3	1		1		1		1				19
1 8	CNA2			3	5		2								10
1 9	EVT2		3	9			2								14
1 10	EMU2	1		2		2	3								8
1 11	EFI2		3	1		1	1						2		8
1 12	EMRC	4	12	10		3	5	1	2		1		1		39
1 13	MAT3		1	2		1		1							5
1 14	CFQ3	4	7	3	6		1						2	1	24
1 15	EV3	6	12	4	2			1		1			2	1	29
1 16	POR3		12	17			4	1			2				36
1 17	FRA3	2	16	4	2	2	2		1				1		30
1 18	ING3		3	3			8		1						15
1 19	HIS3	3	1	9	7	2	5		1		4		3		35
1 20	GEO3	3	7	6			6		2						24
1 21	CNA3			5	6	1	12						1		25
1 22	ETEC	5	9	13	2	4	10	3	3	1	3		19	1	73
1 23	EFI3		1	1			3	1						1	7
1 24	CDT2														
1 25	CDT3														
1 26	CDT23	2	12	5	10	2							1		32
1 27	RAPEE	13	18		2	16	3		7				17		76
1 28	COL	4	10	1	7	4			1		3				30
total		185	403	170	185	65	108	70	72	16	38		118	24	1454

Participantes		
PCP		Presidente do Conselho Pedagógico
VPCD		Vice-presidente do Conselho Directivo
HIS2(3)		Del. de História - 2º (3º) ciclo
FRA2(3)		Del. de Francês - 2º (3º) ciclo
ING2(3)		Del. de Inglês - 2º (3º) ciclo
POR2(3)		Del. de Português - 2º (3º) ciclo
MAT2(3)		Del. de Matemática - 2º (3º) ciclo
CNA2(3)		Del. de C. da Natureza - 2º(3º) ciclo
EVT2		Del. de Ed. Visual e Tecnológica
EMU2		Del. de Ed. Musical
EFI2(3)		Del. de Ed. Física - 2º(3º) ciclo
EMRC		Del. de Ed. Moral e Rel. Católicas
EVI3		Del. de Ed. Visual - 3º ciclo
CFQ3		Del. de Ciências Físico-Químicas
GEO3		Del. de Geografia - 3º ciclo
ETEC		Del. de Ed. Tecnológica
CDT2		Coord. dos Directores de Turma - 2ºC
CDT3		Coord. dos Directores de Turma - 3ºC
CDT23		Coord. dos Directores de Turma -2/3ºC
RAPEE		Representante da Ass. de Pais
COL		Colectivo (v.g.: decisões)

Temas		
PROC		Questões Processuais (Cons. Pedagógico)
ORGA		Organização da Escola
CURR		Gestão dos Currículos
AVAL		Avaliação dos Alunos
DISC		Disciplina dos Alunos
CULT		Actividades Culturais, Recreativas e Desportivas
GPES		Gestão de Pessoal
GINs		Questões relativas ao Equip. Instalações
ORÇA		Questões relativas ao Orçamento
FPRO		Formação de Professores
FPND		Formação de Pessoal Não Docente
MEIO		Relações com o Meio
RMIN		Relações com os Serviços do M. da Educação

OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO  
ESCOLA B - TODAS AS COMUNICAÇÕES  
(1X2) - PARTICIPANTES X TEMAS

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		21	22	23	24	25	26	27	28	29	210	211	212	213	total
		PROC	ORGA	CURR	AVAL	DISC	CULT	GPES	GINs	ORÇA	FPRO	FPND	MEIO	RMIN	
11	PCP	65,4	50,9	17,6	53,5	18,5	27,8	78,6	63,9	87,5	57,9		42,4	58,3	48,0
12	VPCD	0,5	1,0		1,6			2,9							0,7
13	HIS2	0,5	1,2	2,4	1,6	3,1	2,8	2,9	1,4					8,3	1,6
14	FRA2		0,7		1,1		1,9	1,4							0,6
15	ING2	5,4	11,7	14,1	11,9	16,9	3,7	1,4	8,3		5,3		9,3	16,7	9,8
16	POR2	0,5	1,0	6,5	3,2	3,1	0,9	1,4					6,8		2,3
17	MAT2	2,2	2,0	1,8	0,5		0,9		1,4		2,6				1,3
18	CNA2			1,8	2,7		1,9								0,7
19	EVT2		0,7	5,3			1,9								1,0
110	EMU2	0,5		1,2		3,1	2,8								0,6
111	EFI2		0,7	0,6		1,5	0,9						1,7		0,6
112	EMRC	2,2	3,0	5,9		4,6	4,6	1,4	2,8		2,6		0,8		2,7
113	MAT3		0,2	1,2		1,5		1,4							0,3
114	CFQ3	2,2	1,7	1,8	3,2		0,9						1,7	4,2	1,7
115	EV3	3,2	3,0	2,4	1,1			1,4		6,3			1,7	4,2	2,0
116	POR3		3,0	10,0			3,7	1,4			5,3				2,5
117	FRA3	1,1	4,0	2,4	1,1	3,1	1,9		1,4				0,8		2,1
118	ING3		0,7	1,8			7,4		1,4						1,0
119	HIS3	1,6	0,2	5,3	3,8	3,1	4,6		1,4		10,5		2,5		2,4
120	GEO3	1,6	1,7	3,5			5,6		2,8						1,7
121	CNA3			2,9	3,2	1,5	11,1						0,8		1,7
122	ETEC	2,7	2,2	7,6	1,1	6,2	9,3	4,3	4,2	6,3	7,9		16,1	4,2	5,0
123	EFI3		0,2	0,6			2,8	1,4						4,2	0,5
126	CDT23	1,1	3,0	2,9	5,4	3,1							0,8		2,2
127	RAPEE	7,0	4,5		1,1	24,6	2,8		9,7				14,4		5,2
128	COL	2,2	2,5	0,6	3,8	6,2			1,4		7,9				2,1
total		100	100	100	100	100	100	100	100	100	100		100	100	100

		21	22	23	24	25	26	27	28	29	210	211	212	213	total
		PROC	ORGA	CURR	AVAL	DISC	CULT	GPES	GINs	ORÇA	FPRO	FPND	MEIO	RMIN	
11	PCP	17,3	29,4	4,3	14,2	1,7	4,3	7,9	6,6	2,0	3,2		7,2	2,0	100
12	VPCD	10,0	40,0		30,0			20,0							100
13	HIS2	4,3	21,7	17,4	13,0	8,7	13,0	8,7	4,3					8,7	100
14	FRA2		37,5		25,0		25,0	12,5							100
15	ING2	7,0	33,1	16,9	15,5	7,7	2,8	0,7	4,2		1,4		7,7	2,8	100
16	POR2	2,9	11,8	32,4	17,6	5,9	2,9	2,9					23,5		100
17	MAT2	21,1	42,1	15,8	5,3		5,3		5,3		5,3				100
18	CNA2			30,0	50,0		20,0								100
19	EVT2		21,4	64,3			14,3								100
110	EMU2	12,5		25,0		25,0	37,5								100
111	EFI2		37,5	12,5		12,5	12,5						25,0		100
112	EMRC	10,3	30,8	25,6		7,7	12,8	2,6	5,1		2,6		2,6		100
113	MAT3		20,0	40,0		20,0		20,0							100
114	CFQ3	16,7	29,2	12,5	25,0		4,2						8,3	4,2	100
115	EV3	20,7	41,4	13,8	6,9			3,4		3,4			6,9	3,4	100
116	POR3		33,3	47,2			11,1	2,8			5,6				100
117	FRA3	6,7	53,3	13,3	6,7	6,7	6,7		3,3				3,3		100
118	ING3		20,0	20,0			53,3		6,7						100
119	HIS3	8,6	2,9	25,7	20,0	5,7	14,3		2,9		11,4		8,6		100
120	GEO3	12,5	29,2	25,0			25,0		8,3						100
121	CNA3			20,0	24,0	4,0	48,0						4,0		100
122	ETEC	6,8	12,3	17,8	2,7	5,5	13,7	4,1	4,1	1,4	4,1		26,0	1,4	100
123	EFI3		14,3	14,3			42,9	14,3						14,3	100
126	CDT23	6,3	37,5	15,6	31,3	6,3							3,1		100
127	RAPEE	17,1	23,7		2,6	21,1	3,9		9,2				22,4		100
128	COL	13,3	33,3	3,3	23,3	13,3			3,3		10,0				100
total		12,7	27,7	11,7	12,7	4,5	7,4	4,8	5,0	1,1	2,6		8,1	1,7	100

## B) COMUNICAÇÕES POR PARTICIPANTES X DOMÍNIOS

### OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO

#### ESCOLA-B - TODAS AS COMUNICAÇÕES

#### (1X3) PARTICIPANTES X DOMÍNIOS - FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		3 1	3 2	3 3	3 4	3 5	total
		PEDA	ADMI	INST	FORM	ORGA	
1.1	PCP	363	132	83	3	117	698
1.2	VPCD	9				1	10
1.3	HIS2	14	5	3		1	23
1.5	ING2	8					8
1.6	POR2	111	10	11		10	142
1.7	MAT2	26	2	4		2	34
1.8	CNA2	13	2			4	19
1.9	EVT2	10					10
1.10	EMU2	14					14
1.11	EFI2	7				1	8
1.12	EMRC	8					8
1.13	MAT3	32	2	1		4	39
1.14	CFQ3	4	1				5
1.15	EV3	18		2		4	24
1.16	POR3	18	2	4		5	29
1.17	FRA3	35	1				36
1.18	ING3	25	2	1		2	30
1.19	HIS3	15					15
1.20	GEO3	30	1	2		2	35
1.21	CNA3	22				2	24
1.23	EFI3	25					25
1.24	CDT2						
1.25	CDT3						
1.26	CDT23	29		1		2	32
1.27	RAPEE	27	3	33		13	76
1.28	COL	20	6	2		2	30
	total	943	176	154	3	178	1454

Participantes		
PCP		Presidente do Conselho Pedagógico
VPCD		Vice-presidente do Conselho Directivo
HIS2(3)		Del. de História - 2º (3º) ciclo
FRA2(3)		Del. de Francês - 2º (3º) ciclo
ING2(3)		Del. de Inglês - 2º (3º) ciclo
POR2(3)		Del. de Português - 2º (3º) ciclo
MAT2(3)		Del. de Matemática - 2º (3º) ciclo
CNA2(3)		Del. de C. da Natureza - 2º(3º) ciclo
EVT2		Del. de Ed. Visual e Tecnológica
EMU2		Del. de Ed. Musical
EFI2(3)		Del. de Ed. Física - 2º(3º) ciclo
EMRC		Del. de Ed. Moral e Rel. Católicas
EVI3		Del. de Ed. Visual - 3º ciclo
CFQ3		Del. de Ciências Físico-Químicas
GEO3		Del. de Geografia - 3º ciclo
ETEC		Del. de Ed. Tecnológica
CDT2		Coord. dos Directores de Turma - 2º
CDT3		Coord. dos Directores de Turma - 3º
CDT23		Coord. dos Directores de Turma - 2/3º
RAPEE		Representante da Ass. de Pais
COL		Colectivo (v.g.: decisões)

Domínios		
PEDA		Pedagógico
ADMI		Administrativo
INST		Institucional
FORM		Formação
ORGA		Organizacional (Cons. Pedagógico)

OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO  
 ESCOLA B - TODAS AS COMUNICAÇÕES  
 (IX3) - PARTICIPANTES X DOMÍNIOS - FREQUÊNCIA RELATIVAS

		3 1	3 2	3 3	3 4	3 5	total
		PEDA	ADMI	INST	FORM	ORGA	
1 1	PCP	38,5	75,0	53,9	100,0	65,7	48,0
1 2	VPCD	1,0				0,6	0,7
1 3	HIS2	1,5	2,8	1,9		0,6	1,6
1 4	FRA2	0,8					0,6
1 5	ING2	11,8	5,7	7,1		5,6	9,8
1 6	POR2	2,8	1,1	2,6		1,1	2,3
1 7	MAT2	1,4	1,1			2,2	1,3
1 8	CNA2	1,1					0,7
1 9	EVT2	1,5					1,0
1 10	EMU2	0,7				0,6	0,6
1 11	EFI2	0,8					0,6
1 12	EMRC	3,4	1,1	0,6		2,2	2,7
1 13	MAT3	0,4	0,6				0,3
1 14	CFQ3	1,9		1,3		2,2	1,7
1 15	EV3	1,9	1,1	2,6		2,8	2,0
1 16	POR3	3,7	0,6				2,5
1 17	FRA3	2,7	1,1	0,6		1,1	2,1
1 18	ING3	1,6					1,0
1 19	HIS3	3,2	0,6	1,3		1,1	2,4
1 20	GEO3	2,3				1,1	1,7
1 21	CNA3	2,7					1,7
1 22	ETEC	5,8	3,4	3,9		3,4	5,0
1 23	EFI3	0,5	0,6	0,6			0,5
1 26	CDT23	3,1		0,6		1,1	2,2
1 27	RAPEE	2,9	1,7	21,4		7,3	5,2
1 28	COL	2,1	3,4	1,3		1,1	2,1
total		100	100	100	100	100	100

		3 1	3 2	3 3	3 4	3 5	total
		PEDA	ADMI	INST	FORM	ORGA	
1 1	PCP	52,0	18,9	11,9	0,4	16,8	100
1 2	VPCD	90,0				10,0	100
1 3	HIS2	60,9	21,7	13,0		4,3	100
1 4	FRA2	100,0					100
1 5	ING2	78,2	7,0	7,7		7,0	100
1 6	POR2	76,5	5,9	11,8		5,9	100
1 7	MAT2	68,4	10,5			21,1	100
1 8	CNA2	100,0					100
1 9	EVT2	100,0					100
1 10	EMU2	87,5				12,5	100
1 11	EFI2	100,0					100
1 12	EMRC	82,1	5,1	2,6		10,3	100
1 13	MAT3	80,0	20,0				100
1 14	CFQ3	75,0		8,3		16,7	100
1 15	EV3	62,1	6,9	13,8		17,2	100
1 16	POR3	97,2	2,8				100
1 17	FRA3	83,3	6,7	3,3		6,7	100
1 18	ING3	100,0					100
1 19	HIS3	85,7	2,9	5,7		5,7	100
1 20	GEO3	91,7				8,3	100
1 21	CNA3	100,0					100
1 22	ETEC	75,3	8,2	8,2		8,2	100
1 23	EFI3	71,4	14,3	14,3			100
1 26	CDT23	90,6		3,1		6,3	100
1 27	RAPEE	35,5	3,9	43,4		17,1	100
1 28	COL	66,7	20,0	6,7		6,7	100
total		64,9	12,1	10,6	0,2	12,2	100



# C) COMUNICAÇÕES POR PARTICIPANTES X TIPOS DE COMUNICAÇÃO

OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO  
ESCOLA B - TODAS AS COMUNICAÇÕES

(1X4) - PARTICIPANTES X TIPOS DE COMUNICAÇÃO

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		4 1	4 2	4 3	4 4	4 5	4 6	4 7	total
		IN+	IN-	OPI	PR+	PR-	DEC+	DEC-	
1 1	PCP	495	26	139	6	24	3	5	698
1 2	VPCD	5		2	1	2			10
1 3	HIS2	5		15		3			23
1 4	FRA2	4			2	2			8
1 5	ING2	26	9	99	3	5			142
1 6	POR2	4	2	27	1				34
1 7	MAT2	2	2	14		1			19
1 8	CNA2	1	2	7					10
1 9	EVT2	4		9	1				14
1 10	EMU2	2	2	2		2			8
1 11	EFI2			7		1			8
1 12	EMRC	7	5	24		3			39
1 13	MAT3	2		3					5
1 14	CFQ3	2	1	18	1	2			24
1 15	EV3	5	2	19	1	2			29
1 16	POR3	11	2	21		2			36
1 17	FRA3	5	1	22		2			30
1 18	ING3	7	2	5		1			15
1 19	HIS3	10	3	21		1			35
1 20	GEO3	11	1	10	1	1			24
1 21	CNA3	15		10					25
1 22	ETEC	40	3	27		3			73
1 23	EFI3	1		6					7
1 24	CDT2								
1 25	CDT3								
1 26	CDT23	6	5	17		4			32
1 27	RAPEE	42	6	24	1	3			76
1 28	COL	1		1			1	27	30
total		713	74	549	18	64	4	32	1454

Participantes	PCP	Presidente do Conselho Pedagógico
	VPCD	Vice-presidente do Conselho Directivo
	HIS2(3)	Del. de História - 2º (3º) ciclo
	FRA2(3)	Del. de Francês - 2º (3º) ciclo
	ING2(3)	Del. de Inglês - 2º (3º) ciclo
	POR2(3)	Del. de Português - 2º (3º) ciclo
	MAT2(3)	Del. de Matemática - 2º (3º) ciclo
	CNA2(3)	Del. de C. da Natureza - 2º(3º) ciclo
	EVT2	Del. de Ed. Visual e Tecnológica
	EMU2	Del. de Ed. Musical
	EFI2(3)	Del. de Ed. Física - 2º(3º) ciclo
	EMRC	Del. de Ed. Moral e Rel. Católicas
	EVI3	Del. de Ed. Visual - 3º ciclo
	CFQ3	Del. de Ciências Físico-Químicas
	GEO3	Del. de Geografia - 3º ciclo
	ETEC	Del. de Ed. Tecnológica
	CDT2	Coord. dos Directores de Turma - 2ºC
	CDT3	Coord. dos Directores de Turma - 3ºC
	CDT23	Coord. dos Directores de Turma -2/3ºC
	RAPEE	Representante da Ass. de Pais
	COL	Colectivo (v.g.: decisões)

Tipos de comunicação	INF+	Informação Prestada
	INF-	Informação Solicitada
	OPI	Opinião/Comentário
	PRO+	Proposta Formal/Formalizada
	PRO-	Proposta não Formal (Sugestão)
	DEC+	Decisão Expressa (por acção)
	DEC-	Decisão Tácita (por omissão)

## OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO

ESCOLA B - TODAS AS COMUNICAÇÕES

(1X4) - PARTICIPANTES X TIPOS DE COMUNICAÇÃO FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		4 1	4 2	4 3	4 4	4 5	4 6	4 7	total
		IN+	IN-	OPI	PR+	PR-	DEC+	DEC-	
1 1	PCP	69,4	35,1	25,3	33,3	37,5	75,0	15,6	48,0
1 2	VPCD	0,7		0,4	5,6	3,1			0,7
1 3	HIS2	0,7		2,7		4,7			1,6
1 4	FRA2	0,6			11,1	3,1			0,6
1 5	ING2	3,6	12,2	18,0	16,7	7,8			9,8
1 6	POR2	0,6	2,7	4,9	5,6				2,3
1 7	MAT2	0,3	2,7	2,6		1,6			1,3
1 8	CNA2	0,1	2,7	1,3					0,7
1 9	EVT2	0,6		1,6	5,6				1,0
1 10	EMU2	0,3	2,7	0,4		3,1			0,6
1 11	EFI2			1,3		1,6			0,6
1 12	EMRC	1,0	6,8	4,4		4,7			2,7
1 13	MAT3	0,3		0,5					0,3
1 14	CFQ3	0,3	1,4	3,3	5,6	3,1			1,7
1 15	EV3	0,7	2,7	3,5	5,6	3,1			2,0
1 16	POR3	1,5	2,7	3,8		3,1			2,5
1 17	FRA3	0,7	1,4	4,0		3,1			2,1
1 18	ING3	1,0	2,7	0,9		1,6			1,0
1 19	HIS3	1,4	4,1	3,8		1,6			2,4
1 20	GEO3	1,5	1,4	1,8	5,6	1,6			1,7
1 21	CNA3	2,1		1,8					1,7
1 22	ETEC	5,6	4,1	4,9		4,7			5,0
1 23	EFI3	0,1		1,1					0,3
1 26	CDT23	0,8	6,8	3,1		6,3			2,2
1 27	RAPEE	5,9	8,1	4,4	5,6	4,7			5,2
1 28	COL	0,1		0,2			25,0	84,4	2,1
total		100	100	100	100	100	100	100	100

		4 1	4 2	4 3	4 4	4 5	4 6	4 7	total
		IN+	IN-	OPI	PR+	PR-	DEC+	DEC-	
1 1	PCP	70,9	3,7	19,9	0,9	3,4	0,4	0,7	100
1 2	VPCD	50,0		20,0	10,0	20,0			100
1 3	HIS2	21,7		65,2		13,0			100
1 4	FRA2	50,0			25,0	25,0			100
1 5	ING2	18,3	6,3	69,7	2,1	3,5			100
1 6	POR2	11,8	5,9	79,4	2,9				100
1 7	MAT2	10,5	10,5	73,7		5,3			100
1 8	CNA2	10,0	20,0	70,0					100
1 9	EVT2	28,6		64,3	7,1				100
1 10	EMU2	25,0	25,0	25,0		25,0			100
1 11	EFI2			87,5		12,5			100
1 12	EMRC	17,9	12,8	61,5		7,7			100
1 13	MAT3	40,0		60,0					100
1 14	CFQ3	8,3	4,2	75,0	4,2	8,3			100
1 15	EV3	17,2	6,9	65,5	3,4	6,9			100
1 16	POR3	30,6	5,6	58,3		5,6			100
1 17	FRA3	16,7	3,3	73,3		6,7			100
1 18	ING3	46,7	13,3	33,3		6,7			100
1 19	HIS3	28,6	8,6	60,0		2,9			100
1 20	GEO3	45,8	4,2	41,7	4,2	4,2			100
1 21	CNA3	60,0		40,0					100
1 22	ETEC	54,8	4,1	37,0		4,1			100
1 23	EFI3	14,3		85,7					100
1 24	CDT2								
1 25	CDT3								
1 26	CDT23	18,8	15,6	53,1		12,5			100
1 27	RAPEE	55,3	7,9	31,6	1,3	3,9			100
1 28	COL	3,3		3,3			3,3	90,0	100
total		49,0	5,1	37,8	1,2	4,4	0,3	2,2	100

# **QUADROS DE FREQUÊNCIAS** **DAS COMUNICAÇÕES** **DOS PRESIDENTES DOS CONSELHOS DIRECTIVOS**

**ANEXO XVII**

**COMUNICAÇÕES DA PRESIDENTE**

**DO CONSELHO DIRECTIVO - ESCOLA A**

## A) COMUNICAÇÕES POR DOMÍNIOS X TIPOS DE COMUNICAÇÃO

OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO

ESCOLA A - COMUNICAÇÕES DA PRESIDENTE

(3X4) - DOMÍNIOS X TIPOS DE COMUNICAÇÃO

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		4 1	4 2	4 3	4 4	4 5	4 6	4 7	total
		IN+	IN-	OPI	PR+	PR-	DEC+	DEC-	
3 1	PEDA	273	51	263	4	22	1		614
3 2	ADMI	74	11	38	1	1	1		126
3 3	INST	30	1	10					41
3 4	FORM	4							4
3 5	ORGA	88	21	43	2	5		1	160
total		469	84	354	7	28	2	1	945

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		4 1	4 2	4 3	4 4	4 5	4 6	4 7	total
		IN+	IN-	OPI	PR+	PR-	DEC+	DEC-	
3 1	PEDA	58,2	60,7	74,3	57,1	78,6	50,0		65,0
3 2	ADMI	15,8	13,1	10,7	14,3	3,6	50,0		13,3
3 3	INST	6,4	1,2	2,8					4,3
3 4	FORM	0,9							0,4
3 5	ORGA	18,8	25,0	12,1	28,6	17,9		100,0	16,9
total		100	100	100	100	100	100	100	100

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		4 1	4 2	4 3	4 4	4 5	4 6	4 7	total
		IN+	IN-	OPI	PR+	PR-	DEC+	DEC-	
3 1	PEDA	44,5	8,3	42,8	0,7	3,6	0,2		100
3 2	ADMI	58,7	8,7	30,2	0,8	0,8	0,8		100
3 3	INST	73,2	2,4	24,4					100
3 4	FORM	100,0							100
3 5	ORGA	55,0	13,1	26,9	1,3	3,1		0,6	100
total		49,6	8,9	37,5	0,7	3,0	0,2	0,1	100

Domínios	PEDA	Pedagógico
	ADMI	Administrativo
	INST	Institucional
	FORM	Formação
	ORGA	Organizacional (Cons. Pedagógico)

Tipos de comunicação	INF+	Informação Prestada
	INF-	Informação Solicitada
	OPI	Opinião/Comentário
	PRO+	Proposta Formal/Formalizada
	PRO-	Proposta não Formal (Sugestão)
	DEC+	Decisão Expressa (por acção)
	DEC-	Decisão Tácita (por omissão)

## B) COMUNICAÇÕES POR DOMÍNIOS X TEMAS

OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO  
ESCOLA A - COMUNICAÇÕES DA PRESIDENTE  
(2X3) - TEMAS X DOMÍNIOS

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		2 1	2 2	2 3	2 4	2 5	2 6	2 7	2 8	2 9	2 10	2 11	2 12	2 13	total
		PROC	ORGA	CURR	AVAL	DISC	CULT	GPES	GINs	ORÇA	FPRO	FPND	MEIO	RMIN	
3 1	PEDA	31	226	31	167	39	62	9	16	11	2		16	4	614
3 2	ADMI	16	63	2	12	3	3	5	13	7				2	126
3 3	INST	1				2	5		3				16	14	41
3 4	FORM										4				4
3 5	ORGA	99	19	26	1		14							1	160
total		147	308	59	180	44	84	14	32	18	6		32	21	945

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		2 1	2 2	2 3	2 4	2 5	2 6	2 7	2 8	2 9	2 10	2 11	2 12	2 13	total
		PROC	ORGA	CURR	AVAL	DISC	CULT	GPES	GINs	ORÇA	FPRO	FPND	MEIO	RMIN	
3 1	PEDA	21,1	73,4	52,5	92,8	88,6	73,8	64,3	50,0	61,1	33,3		50,0	19,0	65,0
3 2	ADMI	10,9	20,5	3,4	6,7	6,8	3,6	35,7	40,6	38,9				9,5	13,3
3 3	INST	0,7				4,5	6,0		9,4				50,0	66,7	4,3
3 4	FORM										66,7				0,4
3 5	ORGA	67,3	6,2	44,1	0,6		16,7							4,8	16,9
total		100	100	100	100	100	100	100	100	100	100		100	100	100

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		2 1	2 2	2 3	2 4	2 5	2 6	2 7	2 8	2 9	2 10	2 11	2 12	2 13	total
		PROC	ORGA	CURR	AVAL	DISC	CULT	GPES	GINs	ORÇA	FPRO	FPND	MEIO	RMIN	
3 1	PEDA	5,0	36,8	5,0	27,2	6,4	10,1	1,5	2,6	1,8	0,3		2,6	0,7	100
3 2	ADMI	12,7	50,0	1,6	9,5	2,4	2,4	4,0	10,3	5,6				1,6	100
3 3	INST	2,4				4,9	12,2		7,3				39,0	34,1	100
3 4	FORM										100,0				100
3 5	ORGA	61,9	11,9	16,3	0,6		8,8							0,6	100
total		15,6	32,6	6,2	19,0	4,7	8,9	1,5	3,4	1,9	0,6		3,4	2,2	100

Dominios		
	PEDA	Pedagógico
	ADMI	Administrativo
	INST	Institucional
	FORM	Formação
	ORGA	Organizacional (Cons. Pedagógico)

Temas		
	PROC	Questões Processuais (Cons. Pedagógico)
	ORGA	Organização da Escola
	CURR	Gestão dos Currículos
	AVAL	Avaliação dos Alunos
	DISC	Disciplina dos Alunos
	CULT	Actividades Culturais, Recreativas e Desportivas
	GPES	Gestão de Pessoal
	GINs	Questões relativas ao Equip. Instalações
	ORÇA	Questões relativas ao Orçamento
	FPRO	Formação de Professores
	FPND	Formação de Pessoal Não Docente
	MEIO	Relações com o Meio
	RMIN	Relações com os Serviços do M. da Educação

## C) COMUNICAÇÕES POR TEMAS X TIPOS DE COMUNICAÇÃO

OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO  
ESCOLA A - COMUNICAÇÕES DA PRESIDENTE  
(2X4) - TEMAS X TIPOS DE COMUNICAÇÃO

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		2 1	2 2	2 3	2 4	2 5	2 6	2 7	2 8	2 9	2 10	2 11	2 12	2 13	total
		PROC	ORGA	CURR	AVAL	DISC	CULT	GPES	GINs	ORÇA	FPRO	FPND	MEIO	RMIN	
4 1	IN+	94	141	19	87	14	35	10	19	13	6		20	11	469
4 2	IN-	30	27	4	12	2	9								84
4 3	OPI	17	126	34	74	26	36	4	11	5			11	10	354
4 4	PR+	1	4				2								7
4 5	PR-	4	9	1	7	2	2		2				1		28
4 6	DEC+	1	1												2
4 7	DEC-			1											1
total		147	308	59	180	44	84	14	32	18	6		32	21	945

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		2 1	2 2	2 3	2 4	2 5	2 6	2 7	2 8	2 9	2 10	2 11	2 12	2 13	total
		PROC	ORGA	CURR	AVAL	DISC	CULT	GPES	GINs	ORÇA	FPRO	FPND	MEIO	RMIN	
4 1	IN+	63,9	45,8	32,2	48,3	31,8	41,7	71,4	59,4	72,2	100,0		62,5	52,4	49,6
4 2	IN-	20,4	8,8	6,8	6,7	4,5	10,7								8,9
4 3	OPI	11,6	40,9	57,6	41,1	59,1	42,9	28,6	34,4	27,8			34,4	47,6	37,5
4 4	PR+	0,7	1,3				2,4								0,7
4 5	PR-	2,7	2,9	1,7	3,9	4,5	2,4		6,3				3,1		3,0
4 6	DEC+	0,7	0,3												0,2
4 7	DEC-			1,7											0,1
total		100	100	100	100	100	100	100	100	100	100		100	100	100

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		2 1	2 2	2 3	2 4	2 5	2 6	2 7	2 8	2 9	2 10	2 11	2 12	2 13	total
		PROC	ORGA	CURR	AVAL	DISC	CULT	GPES	GINs	ORÇA	FPRO	FPND	MEIO	RMIN	
4 1	IN+	20,0	30,1	4,1	18,6	3,0	7,5	2,1	4,1	2,8	1,3		4,3	2,3	100
4 2	IN-	35,7	32,1	4,8	14,3	2,4	10,7								100
4 3	OPI	4,8	35,6	9,6	20,9	7,3	10,2	1,1	3,1	1,4			3,1	2,8	100
4 4	PR+	14,3	57,1				28,6								100
4 5	PR-	14,3	32,1	3,6	25,0	7,1	7,1		7,1				3,6		100
4 6	DEC+	50,0	50,0												100
4 7	DEC-			100,0											100
total		15,6	32,6	6,2	19,0	4,7	8,9	1,5	3,4	1,9	0,6		3,4	2,2	100

Temas		
PROC		Questões Processuais (Cons. Pedagógico)
ORGA		Organização da Escola
CURR		Gestão dos Currículos
AVAL		Avaliação dos Alunos
DISC		Disciplina dos Alunos
CULT		Actividades Culturais, Recreativas e Desportivas
GPES		Gestão de Pessoal
GINs		Questões relativas ao Equip. Instalações
ORÇA		Questões relativas ao Orçamento
FPRO		Formação de Professores
FPND		Formação de Pessoal Não Docente
MEIO		Relações com o Meio
RMIN		Relações com os Serviços do M. da Educação

Tipos de comunicação		
INF+		Informação Prestada
INF-		Informação Solicitada
OPI		Opinião/Comentário
PRO+		Proposta Formal/Formalizada
PRO-		Proposta não Formal (Sugestão)
DEC+		Decisão Expressa (por acção)
DEC-		Decisão Tácita (por omissão)

**ANEXO XVIII**

**COMUNICAÇÕES DO PRESIDENTE**

**DO CONSELHO DIRECTIVO - ESCOLA B**



## A) COMUNICAÇÕES POR DOMÍNIOS X TIPOS DE COMUNICAÇÃO

OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO

ESCOLA B - COMUNICAÇÕES DO PRESIDENTE

(3X4) - DOMÍNIOS X TIPOS DE COMUNICAÇÃO

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		4 1	4 2	4 3	4 4	4 5	4 6	4 7	total
		IN+	IN-	OPI	PR+	PR-	DEC+	DEC-	
3 1	PEDA	234	12	97	4	13	2	2	364
3 2	ADMI	113		16		1		1	131
3 3	INST	68	2	13					83
3 4	FORM	3							3
3 5	ORGA	77	12	13	2	10	1	2	117
total		495	26	139	6	24	3	5	698

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		4 1	4 2	4 3	4 4	4 5	4 6	4 7	total
		IN+	IN-	OPI	PR+	PR-	DEC+	DEC-	
3 1	PEDA	47,3	46,2	69,8	66,7	54,2	66,7	40,0	52,1
3 2	ADMI	22,8		11,5		4,2		20,0	18,8
3 3	INST	13,7	7,7	9,4					11,9
3 4	FORM	0,6							0,4
3 5	ORGA	15,6	46,2	9,4	33,3	41,7	33,3	40,0	16,8
total		100	100	100	100	100	100	100	100

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		4 1	4 2	4 3	4 4	4 5	4 6	4 7	total
		IN+	IN-	OPI	PR+	PR-	DEC+	DEC-	
3 1	PEDA	64,3	3,3	26,6	1,1	3,6	0,5	0,5	100
3 2	ADMI	86,3		12,2		0,8		0,8	100
3 3	INST	81,9	2,4	15,7					100
3 4	FORM	100,0							100
3 5	ORGA	65,8	10,3	11,1	1,7	8,5	0,9	1,7	100
total		70,9	3,7	19,9	0,9	3,4	0,4	0,7	100

Domínios	PEDA ADMI INST FORM ORGA	Pedagógico Administrativo Institucional Formação Organizacional (Cons. Pedagógico)
----------	--------------------------------------	--

Tipos de comunicação	INF+ INF- OPI PRO+ PRO- DEC+ DEC-	Informação Prestada Informação Solicitada Opinião/Comentário Proposta Formal/Formalizada Proposta não Formal (Sugestão) Decisão Expressa (por ação) Decisão Tácita (por omissão)
----------------------	---	--

## B) COMUNICAÇÕES POR DOMÍNIOS X TEMAS

OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO  
ESCOLA B - COMUNICAÇÕES DO PRESIDENTE  
(2X3) - DOMÍNIOS X TEMAS

FREQÜÊNCIAS ABSOLUTAS

		2 1	2 2	2 3	2 4	2 5	2 6	2 7	2 8	2 9	2 10	2 11	2 12	2 13	total
		PROC	ORGA	CURR	AVAL	DISC	CULT	GPES	GINs	ORÇA	FPRO	FPND	MEIO	RMIN	
3 1	PEDA	9	164	27	65	12	24	24	13		6		16	3	363
3 2	ADMI	1	25	3	33		1	30	10	14	9		2	4	132
3 3	INST		10		1		5	1	23		4		32	7	83
3 4	FORM										3				3
3 5	ORGA	111	6												117
total		121	205	30	99	12	30	55	46	14	22		50	14	698

FREQÜÊNCIAS RELATIVAS

		2 1	2 2	2 3	2 4	2 5	2 6	2 7	2 8	2 9	2 10	2 11	2 12	2 13	total
		PROC	ORGA	CURR	AVAL	DISC	CULT	GPES	GINs	ORÇA	FPRO	FPND	MEIO	RMIN	
3 1	PEDA	7,4	80,0	90,0	65,7	100,0	80,0	43,6	28,3		27,3		32,0	21,4	52,0
3 2	ADMI	0,8	12,2	10,0	33,3		3,3	54,5	21,7	100,0	40,9		4,0	28,6	18,9
3 3	INST		4,9		1,0		16,7	1,8	50,0		18,2		64,0	50,0	11,9
3 4	FORM										13,6				0,4
3 5	ORGA	91,7	2,9												16,8
total		100	100	100	100	100	100	100	100	100	100		100	100	100

FREQÜÊNCIAS RELATIVAS

		2 1	2 2	2 3	2 4	2 5	2 6	2 7	2 8	2 9	2 10	2 11	2 12	2 13	total
		PROC	ORGA	CURR	AVAL	DISC	CULT	GPES	GINs	ORÇA	FPRO	FPND	MEIO	RMIN	
3 1	PEDA	2,5	45,2	7,4	17,9	3,3	6,6	6,6	3,6		1,7		4,4	0,8	100
3 2	ADMI	0,8	18,9	2,3	25,0		0,8	22,7	7,6	10,6	6,8		1,5	3,0	100
3 3	INST		12,0		1,2		6,0	1,2	27,7		4,8		38,6	8,4	100
3 4	FORM										100,0				100
3 5	ORGA	94,9	5,1												100
total		17,3	29,4	4,3	14,2	1,7	4,3	7,9	6,6	2,0	3,2		7,2	2,0	100

Domínios		
PEDA		Pedagógico
ADMI		Administrativo
INST		Institucional
FORM		Formação
ORGA		Organizacional (Cons. Pedagógico)

Temas		
PROC		Questões Processuais (Cons. Pedagógico)
ORGA		Organização da Escola
CURR		Gestão dos Currículos
AVAL		Avaliação dos Alunos
DISC		Disciplina dos Alunos
CULT		Actividades Culturais, Recreativas e Desportivas
GPES		Gestão de Pessoal
GINs		Questões relativas ao Equip. Instalações
ORÇA		Questões relativas ao Orçamento
FPRO		Formação de Professores
FPND		Formação de Pessoal Não Docente
MEIO		Relações com o Meio
RMIN		Relações com os Serviços do M. da Educação

## C) COMUNICAÇÕES POR TEMAS X TIPOS DE COMUNICAÇÃO

OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO  
ESCOLA B - COMUNICAÇÕES DO PRESIDENTE  
(2X4) - TEMAS X TIPOS DE COMUNICAÇÃO

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

		2 1	2 2	2 3	2 4	2 5	2 6	2 7	2 8	2 9	2 10	2 11	2 12	2 13	total
		PROC	ORGA	CURR	AVAL	DISC	CULT	GPES	GINs	ORÇA	FPRO	FPND	MEIO	RMIN	
4 1	IN+	77	132	13	70	11	25	47	40	13	17		41	9	495
4 2	IN-	14	3	2	3		1				3				26
4 3	OPI	13	56	13	23		4	7	6	1	2		9	5	139
4 4	PR+	2	2		1	1									6
4 5	PT-	10	10	1	2			1							24
4 6	DEC+	2	1												3
4 7	DEC-	3	1	1											5
total		121	205	30	99	12	30	55	46	14	22		50	14	698

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		2 1	2 2	2 3	2 4	2 5	2 6	2 7	2 8	2 9	2 10	2 11	2 12	2 13	total
		PROC	ORGA	CURR	AVAL	DISC	CULT	GPES	GINs	ORÇA	FPRO	FPND	MEIO	RMIN	
4 1	IN+	63,6	64,4	43,3	70,7	91,7	83,3	85,5	87,0	92,9	77,3		82,0	64,3	70,9
4 2	IN-	11,6	1,5	6,7	3,0		3,3				13,6				3,7
4 3	OPI	10,7	27,3	43,3	23,2		13,3	12,7	13,0	7,1	9,1		18,0	35,7	19,9
4 4	PR+	1,7	1,0		1,0	8,3									0,9
4 5	PT-	8,3	4,9	3,3	2,0			1,8							3,4
4 6	DEC+	1,7	0,5												0,4
4 7	DEC-	2,5	0,5	3,3											0,7
total		100	100	100	100	100	100	100	100	100	100		100	100	100

FREQUÊNCIAS RELATIVAS

		2 1	2 2	2 3	2 4	2 5	2 6	2 7	2 8	2 9	2 10	2 11	2 12	2 13	total
		PROC	ORGA	CURR	AVAL	DISC	CULT	GPES	GINs	ORÇA	FPRO	FPND	MEIO	RMIN	
4 1	IN+	15,6	26,7	2,6	14,1	2,2	5,1	9,5	8,1	2,6	3,4		8,3	1,8	100
4 2	IN-	53,8	11,5	7,7	11,5		3,8				11,5				100
4 3	OPI	9,4	40,3	9,4	16,5		2,9	5,0	4,3	0,7	1,4		6,5	3,6	100
4 4	PR+	33,3	33,3		16,7	16,7									100
4 5	PT-	41,7	41,7	4,2	8,3			4,2							100
4 6	DEC+	66,7	33,3												100
4 7	DEC-	60,0	20,0	20,0											100
total		17,3	29,4	4,3	14,2	1,7	4,3	7,9	6,6	2,0	3,2		7,2	2,0	100

Temas	PROC	Questões Processuais (Cons. Pedagógico)
	ORGA	Organização da Escola
	CURR	Gestão dos Currículos
	AVAL	Avaliação dos Alunos
	DISC	Disciplina dos Alunos
	CULT	Actividades Culturais, Recreativas e Desportivas
	GPES	Gestão de Pessoal
	GINs	Questões relativas ao Equip. Instalações
	ORÇA	Questões relativas ao Orçamento
	FPRO	Formação de Professores
	FPND	Formação de Pessoal Não Docente
	MEIO	Relações com o Meio
	RMIN	Relações com os Serviços do M. da Educação

Tipos de comunicação	INF+	Informação Prestada
	INF-	Informação Solicitada
	OPI	Opinião/Comentário
	PRO+	Proposta Formal/Formalizada
	PRO-	Proposta não Formal (Sugestão)
	DEC+	Decisão Expressa (por ação)
	DEC-	Decisão Tácita (por omissão)

